Coleção

"Espada de Tharsis"

O Mistério de Belicena Villca

Por Nimrod de Rosario

Primeira edição Argentina: Córdoba, 2003

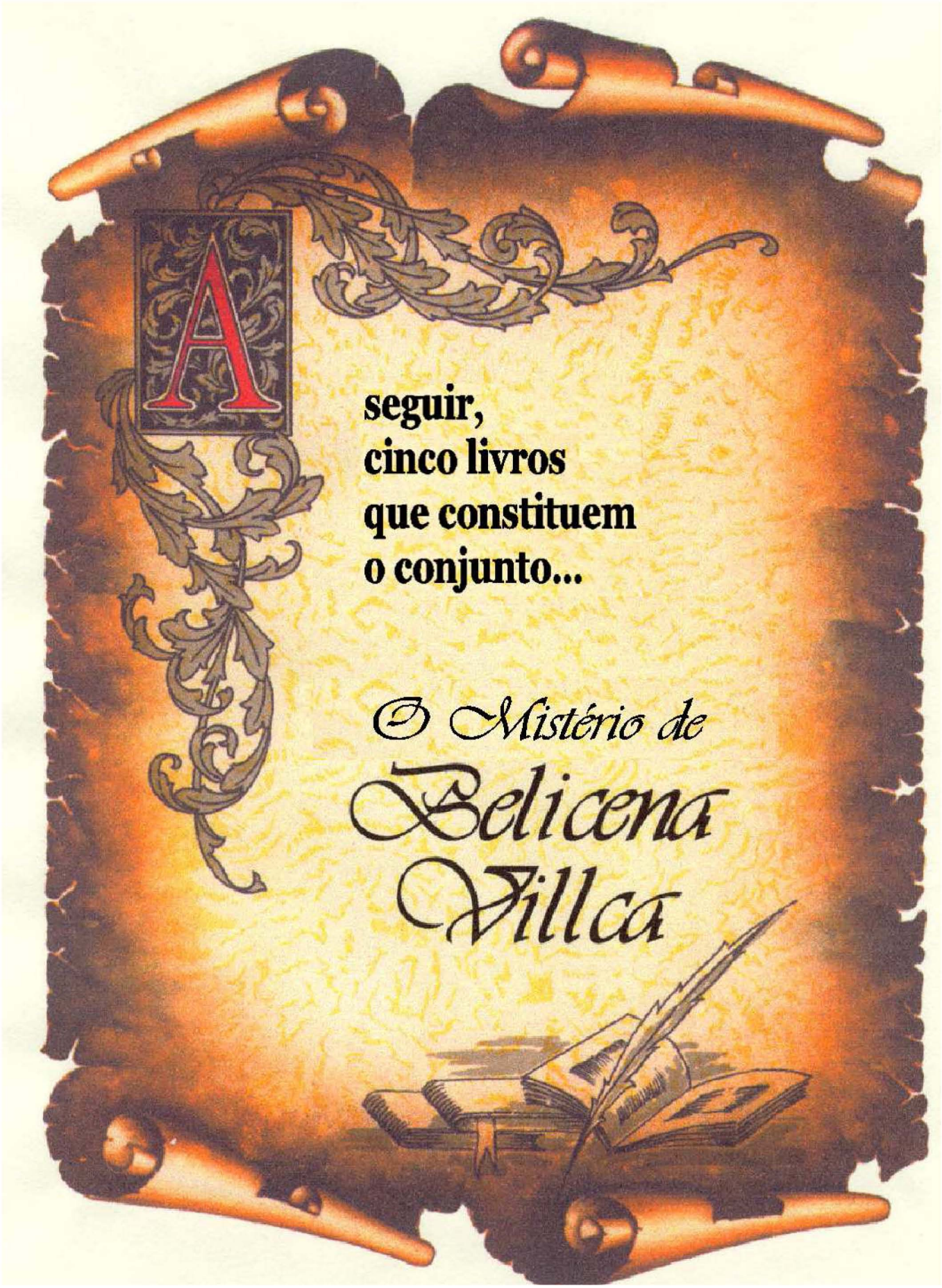

A seguir,
cinco livros
que constituem
o conjunto...
O Mistério de
Belicena
Villca

Ilustração da capa do autor

LIVRO DE EDIÇÃO ARGENTINA

Queda hecho el depósito que marca la ley 11.723
Impreso en Argentina – Printed in Argentina
ISBN: 987-43-5850-5

◊

LIVRO PRIMEIRO

"O Desaparecido de Tafí del Valle"

Capítulo I

Conheci a Belicena Villca quando se encontrava internada no Hospital Neuropsiquiátrico "Dr. Javier Patrón Isla" da Cidade de Salta, com diagnóstico de ***demência senil irreversível***. Sendo médico do pavilhão B, de enfermos incuráveis, devia cuidar da referida interna durante um largo ano em que lhe apliquei todos os recursos que a ciência psiquiátrica e minha extensa experiência na profissão me brindavam para tentar, em vão, sua recuperação. Como se verá mais adiante, sua história foi escrita por ela mesma enquanto permanecia naquele triste cárcere. Dedicou a esse fim todo o tempo disponível, que era muito, pois a junta médica a havia autorizado a escrever "dado que tal atividade resultava em evidentes resultados terapêuticos sobre o ânimo da paciente". Entretanto, ninguém sabia a que se referiam seus escritos e se eles revelavam alguma coerência lógica, informação que pudesse ter sido útil possuir para confirmar ou corrigir o diagnóstico adverso. Dois motivos impediam conhecer o conteúdo de seus manuscritos: o primeiro e principal era que a enferma escrevia em **quechua santiaguenho**, uma língua só falada em sua região local; em segredo, ao que parece, Belicena Villca traduziu os manuscritos ao espanhol poucos dias antes de morrer; o segundo motivo era o zelo homicida com que evitava que lessem os textos, o que resultou num incidente com uma enfermeira que ousou pousar os olhos sobre uma de suas páginas.

Mas, como o que interessava era mantê-la tranqüila, e a escrita contribuía a entretê-la nesse estado, se optou por não contradizer seus maníacos desejos e se lhe permitiu ocultar os manuscritos numa pasta da qual ela não se separava em nenhum momento. Não obstante, parte de sua história me foi relatada por ela mesma enquanto durou sua convalescença, seja mediante largos monólogos a que a psicanálise a levava, ou mesmo involuntariamente, quando o tratamento de narcose a deixava num pesado torpor durante o qual, no entanto, sua atividade oral nunca cessava. Naturalmente não podia dar crédito às suas declarações, não somente por sua condição de enferma mental, mas pelo tom das mesmas, incríveis e alucinantes: nunca poderia qualificar-se, com maior justiça, sua história como **a história própria de um louco**.

A situação de alienada de Belicena Villca seguramente desapontará os leitores sobre a veracidade de todos os eventos narrados. É compreensível, pois apenas há um ano atrás eu mesmo teria feito todo o possível para impedir a divulgação de um material que a prudência, e a ética profissional, aconselham manter nos reservados âmbitos da **ficha clínica** e da **memória pessoal**.

Mas eis que a súbita morte de Belicena Villca veio a transtornar esse racional ponto de vista e me levou a pensar que a História registra veneráveis figuras que eram célebres loucos. Lembrei-me de Nietzsche, Ezra Pound, Antonin Artaud, Morphy, o matemático Cantor, e muitos outros. Pensei que aqueles famosos apresentavam quadros de esquizofrenia aguda, como minha paciente, o que significa que a consciência se acha fragmentada, mas não dissolvida, e podem, eventualmente, produzir-se estados de lucidez temporal quando a conduta é mais ou menos normal. Disse a mim mesmo que se Cantor elaborou a genial teoria dos números transfinitos no manicômio, e se Nietzsche durante seus dez anos de internado podia citar Homero, Empédocles e quase qualquer clássico de memória – e em grego antigo – era possível, numa medida infinitamente menor, que o relato de Belicena Villca fosse em parte verdadeiro. Claro, esse silogismo aparentemente inconsistente surpreenderá ao leitor; mas isso tudo eu pensei muito depressa: **porque Belicena Villca tinha sido assassinada**.

Capítulo II

Aquele desagradável evento perturbou o andamento impecável do Manicômio, afundando a todos num estado de mal estar e angústia indescritível. Especialmente afetado ficou nosso diretor, o eminente Dr. Cortez, quem temia que o escândalo chegasse a macular o ilustre nome que levava o hospital, o que em sua lógica influiria nos cheques que a poderosa família do finado doutor faziam chegar mensalmente. Não cansarei ao leitor com detalhes porque esse caso foi muito comentado pela imprensa e, se deseja conferir, pode consultar o jornal "El Heraldo" de Salta, em todas as edições da semana que vai de 7 a 15 de Janeiro de 1980, onde se encontrará toda a informação. Só lembrarei aqui o essencial, já que o desenrolar desse **caso verídico** requer considerar as estranhas circunstâncias em que ocorreu o crime e o mistério que o rodeou; e que ainda persiste, pois a polícia não conseguiu esclarecê-lo e dignos funcionários expressam suas dúvidas sobre se algum dia tal esclarecimento será possível. Porque dois elementos tão absurdos como irracionais intervém de maneira definitiva do desenlace fatal, impedindo toda a possibilidade de realizar conjecturas coerentes; o primeiro é um fato indiscutivelmente verificado: o crime se concretizou numa cela para enfermos psicóticos, hermeticamente fechada com uma pesada porta de aço, entre as 00h00h e 02:00h do dia 6 de Janeiro, sem que **ninguém**, absolutamente **ninguém** tivesse entrado durante esse período. Isso se comprovou, felizmente, graças a um evento fortuito.

Sendo a noite anterior 5 de Janeiro, quer dizer, dia da festa dos Reis Magos, parte do pessoal foi trocar presentes no Hospital Pediátrico e no Orfanato São Francisco de Assis. Entre eles estava nosso exímio diretor Dr. Cortez, quem às 23h já havia voltado, vestido ainda no traje de papai Noel e disposto a efetuar o passeio diário que, desde incontáveis anos, realiza por todos os pavilhões para recolher os informes finais. Pois bem, **o próprio Dr. Cortez viu pela última vez Belicena Villca às 23:50h**, quando no início de uma crise histérica em sua segunda fase, promoveu uma desordem geral no Pavilhão B: corria desesperadamente no reduzido espaço de sua cela, com os olhos fixos e desorbitados, enquanto gritava "**Pachachutquiy!**", "**Pachachutquiy!**", palavras que nesse momento eram incompreensíveis, se bem que reconhecemos ser quechua. Por outro lado, o ataque era sintomaticamente anormal nela.

O Dr. Cortez ordenou uma dose imediata de Valium, submetendo a desafortunada Belicena Villca num torpor que ela só haveria de sair por um instante para ver a morte de perto, tal como sugeria a expressão de tremendo horror com que se achava retorcido seu rosto quando foi encontrada, morta, três horas mais tarde. E aqui surge o mistério; o primeiro elemento que desconcertou e surpreendeu os policiais envergonhados: logo depois de atendida a paciente, em torno de meia noite, todos nos retiramos da cela sendo a porta trancada pelo Dr. Cortez, quem inadvertidamente guardou a chave num dos bolsos de seu traje de papai Noel esquecendo logo de depositá-la no armário das chaves. Às 3 da manhã, quando a enfermeira do turno fazia sua ronda habitual, notou a falta da chave, da qual ninguém soube dar parte. Deduziu disso que teria sido levada pelo Dr. Cortez, e como as cópias ficavam no escritório do mesmo, não ficou alternativa a não ser chamá-lo em casa. Não foi necessário ligar, pois a operadora do comutador interno informou que o doutor ainda estava no hospital, a ponto de sair. Avisado de seu

erro subiu ao pavilhão B para entregar a chave e fazer uma breve inspeção ocular. Quer dizer, durante essas três horas a chave, único meio de se chegar à cela, estava em poder do Dr. Cortez. Mas o diretor do hospital era um homem de reconhecida trajetória social, cujas virtudes morais tem sido sempre exaltadas como exemplo digno de imitação e de quem ninguém ousaria duvidar, nem mesmo o experiente policial Maidana, encarregado da investigação do caso.

Enfim, o Dr. Cortez abriu a porta da cela acompanhado por mim e a enfermeira García exatamente às 03:05h. Um odor doce e penetrante foi a primeira coisa que chamou a atenção. Era uma fragrância como incenso de sândalo e era tão fora de lugar, ali, que ficamos perplexos. Mas esse foi só um instante pois o que veio depois concentrou nossa atenção.

Belicena Villca jazia em seu leito, sem dúvida morta desde um tempo atrás, com o pescoço intumescido por causa do estrangulamento a que tinha sido submetida. A arma homicida, uma corda cor de marfim, estava enlaçada em sua cabeça, mas já solta. E as duas extremidades caíam suavemente sobre o peito até o estrado da cama.

Era um espetáculo tão horrível que a enfermeira García lançou um grito de espanto e cambaleou para trás e eu a sustentei pelos ombros, apesar de que minhas próprias pernas não estavam lá muito firmes. E não era para menos; a morta tinha as mãos fechadas em ambos os lados do corpo, como deveriam estar no momento da morte e que a rigidez cadavérica conservou o que indicou que ela não se defendera do misterioso assassino. Esse deveria ter lhe infundido tal terror que, ainda que observando como lhe passavam a corda pelo pescoço, e logo, sentindo que o mesmo se fechava e lhe prendia a respiração, só conseguiu agarrar desesperadamente o lençol. Tal dedução se afirmava ao contemplar o gesto do rosto: olhos muito grandes e desorbitados; a boca entreaberta permitindo ver a língua inchada, que parecia interrompida numa palavra inconclusa, algo que nunca seria pronunciado novamente, talvez a misteriosa **pachachutquiy**.

Exporei agora o segundo elemento absurdo e irracional que, ao intervir com o peso contundente do concreto, eliminou qualquer esperança de ver uma pronta e simples conclusão. Explico. O fato incompreensível de que a porta estivesse fechada com chave quando se cometia o crime, primeiro elemento, poderia passar tranquilamente estabelecendo hipóteses lógicas, ainda que improváveis, de que o assassino tivesse outra chave, ou que existisse uma conspiração do corpo médico, etc. No fim, a polícia formulava tais hipóteses e o que eles queriam era despojar o caso de todo o mistério ou ilusão sobrenatural. Mas a corda marfim, segundo elemento, consistia num objeto demasiado tangível para passar despercebido.

O segundo elemento foi a evidência de que algo sinistro e irracional se havia instalado definitivamente em nós. Era uma corda de um metro de comprimento; construída com cabelo, ao parecer, humano, trançado e tingido. Mas o insólito estava representado pelas duas medalhas de ouro, uma em cada extremidade, girando loucamente em dois pequenos fechos de ouro. As medalhas em si constituíam o mais absurdo do conjunto: exatamente iguais na forma de uma Estrela de Davi, não eram iguais, no entanto, quanto aos símbolos e inscrições. Uma delas levava em relevo um **trevo de quatro folhas** no hexágono central; a outra mostrava um fruto que indubitavelmente era a **romã**.

Eu as achei parecidas a certas jóias maçônicas que vi numa exposição do Rotary Club; mas a familiaridade terminou enquanto raciocinava que a única semelhança era a Estrela de Davi, formada por dois triângulos eqüiláteros entrelaçados. É um símbolo usado há milênios pelo povo hebreu para identificar-se, como o comprova a bandeira de Israel.

As partes posteriores das medalhas tinham inscrições. Mas estas, longe de esclarecer algo, aumentavam nossa confusão, pois estavam redigidas em dois idiomas diferentes. Uma frase, gravada horizontalmente no centro, estava em caracteres hebreus, embora tais signos não fossem os mesmos em cada medalha. Rodeando a essas palavras havia outra inscrição em letras latinas, dessa vez idêntica em ambas as medalhas. Nesse momento ninguém soube esclarecer em que idioma estava **"ada aes sidhe draoi mac hwch**". As palavras hebraicas, por sua parte, diziam: "na romã hgiv"; e "no trevo hvhi".

Como se compreenderá, essa curiosa jóia dava toda a sensação de ser algo de uso cerimonial ou religioso, atributo que o oficial Maidana captou de imediato, pois ao examiná-la não pôde evitar um gesto de repugnância e uma exclamação:

- Eca! Isso é coisa de judeu!

Capítulo III

Eu sei que muita gente poderosa de nosso país considera que todo oficial de polícia correto deve professar imprescindivelmente a "ideologia nacionalista"; e sei também que dita indefinível ideologia se opõe aos grandes internacionalismos tais como o marxismo, a maçonaria, o sionismo, as corporações multinacionais, etc., e até a política externa das potências imperialistas. Na ideologia nacionalista é crença corrente que todas essas vastas organizações convergem numa cúpula de poder, situada em algum lugar do mundo, verdadeiro governo secreto que chamam "**Sinarquia Internacional**".

A Sinarquia havia desenvolvido uma Estratégia cuja execução há de conduzir à formação de um Governo Mundial que reinaria sobre todas as nações da Terra. As diferenças e contradições que se observam entre as grandes corporações mencionadas seriam de caráter tático e puramente exteriores; nos vértices de poder todos coincidiriam e os esforços gerais estariam encaminhados a cumprir a Estratégia sinárquica.

Na ideologia nacionalista é dogma, desde quase um século, que a Sinarquia teria sido fundada pelos judeus com a pretensão de assegurar-se do domínio do Mundo e dar assim cumprimento a profecias emanadas da Bíblia e a mandamentos do Talmud. Por isso os nacionalistas que sustentam essas idéias acabam por odiar ardentemente os judeus.

Não me surpreendeu, então, a exclamação anti-semita do Oficial Maidana; mas, entendendo que se tratava de uma impressão apressada, tratei de fazer-lhe compreender que atribuir origem judia à arma homicida, só porque as medalhas tinham a forma da Estrela de Davi, era no mínimo arriscado: de fato, tal símbolo é utilizado também por outras religiões ou seitas como a Maçonaria, a Teosofia, os Rosacruzes, as Igrejas cristãs, etc. Ademais, lhe disse, estavam a romã e o trevo constituindo uma combinação estranha; e as descrições indecifráveis? E o cordão de cabelo tingido? Não. Não seria tão fácil qualificar o conjunto.

Ainda que pareça incrível, algo faltava na cela de Belicena Villca: a pasta com seus escritos. A polícia, ao se inteirar do conteúdo, e considerá-lo sem valor, descartou de imediato uma possível subtração e se negou terminantemente a vinculá-lo com o motivo do crime: antes tentaram persuadir-nos de que a pasta pudesse ter parado no incinerador do hospital, seja por acidente, seja por represália de alguma enfermeira cansada com o excessivo zelo exigido para cuidar da enferma.

Capítulo IV

Soube no hospital sobre Belicena Villca e a conheci. Chegou em Dezembro de 1978 numa ambulância do Exército. Dois suboficiais a acompanharam até o escritório do Diretor e entregaram a ele uma carta do Chefe do Regimento de Cavalaria 230, com assento em Salta, Coronel Mario Pérez, junto com documentação e uma ficha médica. Na carta, nos informou logo o Dr. Cortez, o Coronel lhe solicitava o ingresso de Belicena Villca como paciente do hospital, "quem padece de enfermidade mental devidamente comprovada pelos médicos militares que assinam os estudos adjuntos". A mulher, oriunda da província de Tucumã, tinha um único filho desaparecido durante a Grande Repressão de 1977. Ignorando o paradeiro deste e, aparentemente tendo a certeza de que as autoridades lhe negavam informação, começou a mover-se resolutamente por várias províncias do norte argentino e até saiu do país, viajando pelo interior de Bolívia e Peru. Tal conduta pareceu suspeita aos serviços de inteligência, que a submeteram a intensa vigilância e finalmente a detiveram.

Foi durante os duros interrogatórios que se considerou a possibilidade de que Belicena Villca estivesse mentalmente desequilibrada, pelo que, logo das consultas a médicos militares, se havia acertado sua transferência ao Hospital Neuropsiquiátrico Dr. Javier Patrón Isla. Quanto ao filho, o Exército nada sabia de seu paradeiro nem se militava em alguma organização subversiva; sua desaparição justamente alertou as autoridades, pois se pensou que ele tivesse passado à clandestinidade. Essa idéia se afirmou ao se tomar conhecimento da surpreendente atividade da mãe, assunto que finalmente motivou sua detenção. A informação precedente a dava o Coronel, para que não se desse crédito às histórias ou reclamações que a enferma pudesse fazer.

Segundo o Dr. Cortez, o tom da carta não admitia réplica; era quase uma ordem internar Belicena Villca. No seu critério se deviam considerar duas possibilidades: ou a mulher enlouqueceu durante o "interrogatório" ou a história do Exército era verdadeira. O que deveria se descartar era uma terceira variante: que soubera algo sobre a subversão... Nesse caso teria sido executada. Corriam tempos difíceis nesse ínterim; a Argentina ocupada militarmente em 1976 vinha suportando uma repressão tremenda que começou com o extermínio dos famosos "guerrilheiros niilistas", tal a qualificação oficial e terminou com um banho de sangue digno de Calígula, donde caíram, além de míseros guerrilheiros, gente de toda laia. Os mortos e desaparecidos se contavam em milhares e, nessa atmosfera, não era bom para a saúde discutir ordens militares.

- Já virão tempos melhores – nos dizia o Dr. Cortez – lembrem-se que os militares se regem pelas leis da Estratégia. – E com sua habitual erudição, nos citava Maquiavel, gênio da Estratégia, que em sua obra "O Príncipe" diz: "… ao se apoderar de um Estado todo usurpador deve refletir sobre os crimes que são necessários cometer, e executá-los todos de uma vez, para que não tenha de renová-los dia após dia e, não havendo essa necessidade, possa conquistar o homem a força de benefícios". "Porque as ofensas devem inferir-se de uma só vez para que, durando menos, firam menos; enquanto os benefícios devam proporcionar-se pouco a pouco, a fim de que se saboreiem melhor".

Essa era, para o Dr. Cortez, a filosofia do Governo.

Lembro como se fosse hoje quando acompanhei Belicena Villca ao pavilhão B, impressionado por seu trato culto e sua sincera presteza. Sem ser realmente alta o parecia devido ao corpo minguado, mas erguido; o cabelo negro e macio, de suaves filamentos, lhe caía até a cintura. Os olhos, ligeiramente rasgados, eram verdes e o nariz algo proeminente dava firmeza ao rosto, de um ovalado quase perfeito. Sua boca proporcional era de lábios carnosos. Tudo nela emanava um ar vital que em nada delatava sua idade de 47 anos e, apesar de que os rigores passados deixaram sua marca, se adivinhava que em sua juventude havia sido uma mulher de extraordinária beleza.

Os estudos realizados no hospital confirmaram que Belicena padecia de algum tipo de esquizofrenia, embora o Dr. Cortez, não tão sensível a considerações estéticas, decidiu manter o diagnóstico dos médicos militares "demência senil irreversível" embora tal valoração fosse totalmente injusta.

Enquanto caminhava pelos corredores rumo ao pavilhão B recebi a primeira das incontáveis surpresas que me daria o contato com Belicena Villca e sua estranha história. Lendo o letreiro de plástico com meu nome, preso no bolso do jaleco, disse:

- Doutor "Arturo Siegnagel". O senhor tem um nome mágico: **"urso da garra vitoriosa**". Sabia?

- Suponho que sim – respondi, enquanto traduzia mentalmente: **Arturo**, do grego **arctos**, significa **urso**; **Sieg** significa **vitória** em alemão; e **Nagel** é **garra** no mesmo idioma. – O que me surpreende – disse – é que o saiba a senhora. Entende grego e alemão?

- Oh, não é necessário, doutor. **Eu vejo com o Sangue**. Sei o que sempre soube - me disse com um sorriso afetuoso.

"Com certeza está doente", pensei bestamente, acreditando que se referia à teoria da reencarnação como os espiritistas, clientes permanentes de nossos pavilhões. Nesse meio tempo não podia imaginar nem remotamente que algum dia faria esforços inusitados para relembrar cada uma de suas palavras e analisá-las com grande respeito.

Capítulo V

Não deve surpreender que a polícia arquive o caso pouco depois de começadas as investigações, pois, a cada passo que se dava visando esclarecer, tudo se tornava mais confuso, sendo injustificável depositar tanto esforço num crime que ao que parece ninguém estava interessado em resolver. Em primeiro lugar, porque Belicena Villca não tinha familiares conhecidos que reclamassem justiça; mas principalmente pelo mistério que rodeava o assunto: como o assassino entrou na cela hermeticamente fechada? Por que utilizou uma valiosa corda com jóias para matar uma interna indefesa? E o mais incompreensível: qual o motivo do crime, que fizesse inteligível o ocorrido?

Não havia respostas para essas e outras perguntas que surgiam e, ao passar do tempo sem que se avançasse um palmo, o caso foi prudentemente fechado pela polícia.

Dois meses depois ninguém falava do crime no Hospital Neuropsiquiátrico e eram poucos os que alguns meses mais tarde lembravam da malograda Belicena Villca.

A rotina diária, o trabalho cansativo, os inevitáveis problemas cotidianos, tudo contribui para que o homem mundano, submergido no devir de seu destino, se torne impermeável à dor alheia ou àqueles fenômenos que não afetam permanentemente sua realidade concreta.

Não sou exceção à regra e, quanto a tudo narrado anteriormente, seguramente haveria esquecido o crime horrível, acossado pelas obrigações de minha residência médica, a atenção do consultório ou as aulas de Antropologia Americana que sigo como curso de pós-graduação.

Digo, haveria esquecido porque a história de Belicena Villca invadiu prontamente meu próprio mundo, transtornando-o por inteiro; conduzindo-me até a margem do abismo demente em que ela sucumbira.

Como disse, a polícia se desinteressou depressa do crime; logo das declarações de praxe prestadas nos dias seguintes, já não nos molestaram mais e a vida voltou ao ritmo normal. No cadáver de Belicena Villca se realizou uma autópsia, que somente serviu para confirmar o já suposto: a morte foi causada pelo estrangulamento com a corda. Como não tinha parentes conhecidos, se enviou um telegrama ao único visitante, um índio chahuanco radicado ao que parece na Província de Tucumã; mas ao transcorrer certo tempo sem que este se manifestasse, se resolveu cremar os restos num cemitério local.

Nesses dias, no meio de Janeiro, em pleno verão no norte, minha única preocupação consistia em planejar as férias anuais que começavam no dia 20 e se estendiam até fins de fevereiro. Sem dúvida teria tempo de fazer mais algumas excursões e preparar as matérias que lecionaria em Março.

Justamente, numa visita que fiz à Faculdade de Antropologia de Salta para inscrever-me no exame final, cruzei com o prof. Pablo Ramirez, doutor em Filologia, de prestígio e o qual conhecia por ter assistido a um de seus cursos de língua ameríndia. Ao vê-lo me ocorreu, subitamente, consultar-lhe:

- Bom dia, Dr. Ramirez! Se não se incomoda perder um momento gostaria de perguntar algo.

- Bom dia, Dr. Arturo Siegnagel - respondeu enquanto inclinava gentilmente a cabeça calva - diga.

- Veja doutor, há uns dias faleceu uma paciente no hospital neuropsiquiátrico aonde sou médico, e antes de morrer, pronunciou uma palavra quechua, algo assim como "**pachachutquiy**"; eu entendo como **pacha** = mundo, **chutquiy** = desmembrar: quer dizer, "desmembrar o Mundo". Como isso não faz sentido nenhum, desejaria que o Sr. me dissesse se há algum outro sentido para a palavra - tratava de não dar informação sobre a estranha morte. O prof. Ramirez escutou minha tradução com visível desagrado.

- De que parte era oriunda sua paciente?

- Da província de Tucumã; parece que sempre habitou nos vales calchaquis, e há pouco andava viajando para o norte, inclusive Peru e Bolívia. Mas de tais viagens não sei muito, pois nunca teceu comentários.

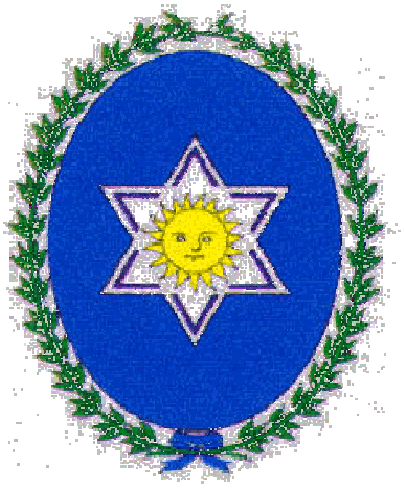
- Bem - disse o Dr. Ramirez com impaciência - como sabe, o quechua tem muitos dialetos; mas de acordo com a localização que me deu, sugiro considerar o seguinte: se bem que **pacha** seja o Mundo, ou Terra, como em **pachamama** = mãe terra, no quechua santiaguenho **pacha** também significa tempo. Nesse dialeto, **chutquiy** é o verbo transitivo deslocar, pelo que sua palavra significaria "deslocar o tempo" ou "**viagem no tempo**" num sentido mais atual.

Devo confessar que uma sensação de alarme me invadiu enquanto escutava ao velho professor, pois algo interior, um instinto secreto, me dizia a gritos que se havia uma explicação para o assassinato de Belicena Villca, esta estava mais além da compreensão normal, num âmbito em que seguramente regiam leis ignoradas pelo homem. O que era esse "deslocamento do tempo" senão um conceito obscuro, inapreensível, que se resiste à razão, mas que guarda um nexo evidente com o assassinato? Como se entende, senão aceitando a intervenção do desconhecido, o fato de alguém ou algo ingressar numa cela trancada com chave, perpetrar um assassinato, e ir-se tranquilamente, deixando para trás a corda mortal, ou seja, a prova da presença inexplicável? Sim, havia em tudo isso uma calculada negligência, como se o assassino quisesse dar uma mínima mostra de seu imenso e terrível poder num alarde de orgulho demente.

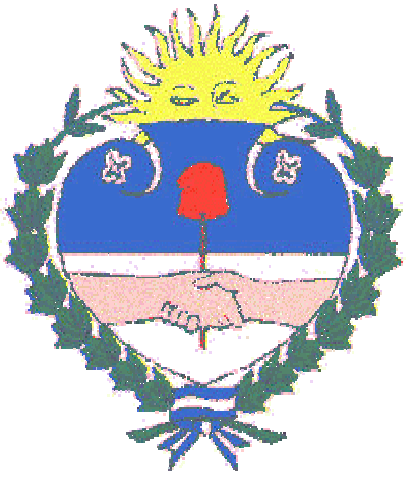
Visivelmente perturbado, me despedi do professor e segui caminho, enquanto uma certeza se afirmava cada vez mais no meu cérebro: Belicena Villca sabia que um perigo mortal a cercava quando gritava **pachachutquiy, pachachutquiy**.

Capítulo VI

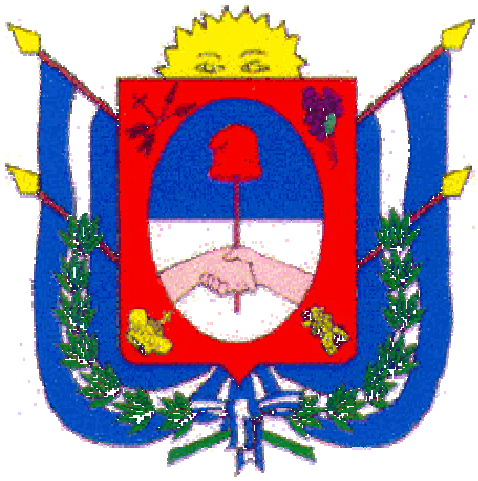
Escudos de Províncias Argentinas.



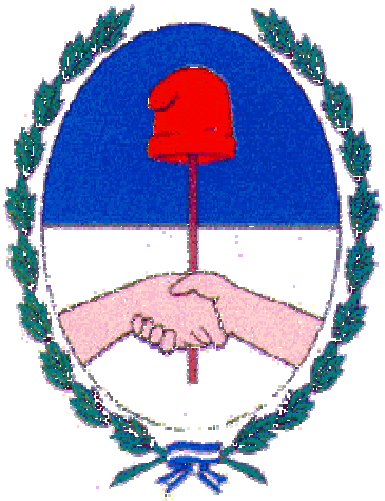
Salta



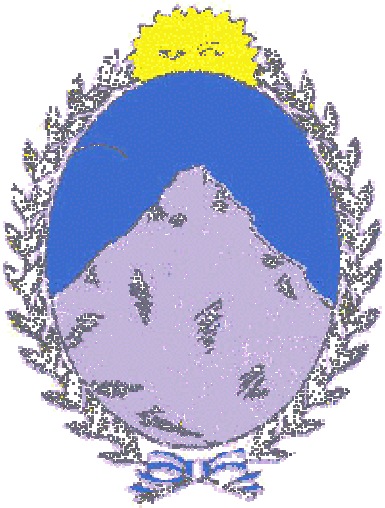
Jujuy



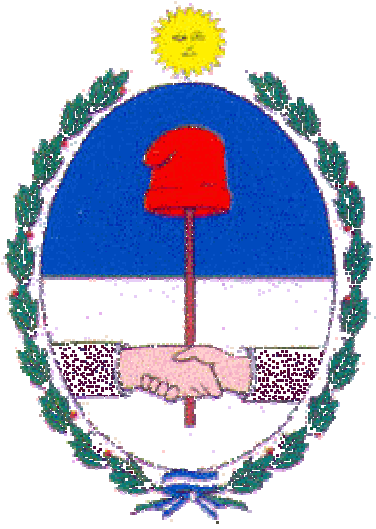
Catamarca



Tucuman



La Rioja



San Juan

O assunto me intrigava e, embora duvidasse que se houvesse avançado em algo, decidi conseguir toda a informação possível sobre o crime. Quando discutimos com o Oficial Maidana sobre a provável filiação da corda e das jóias, fiquei de mostrar-lhe alguma publicação maçônica para que se comprovasse a semelhança, somente exterior, das medalhas, com umas jóias destinadas a rituais de diferentes graus da dita organização. No momento não pensava em cumprir a promessa, já que fiz esforços desesperados para convencer a polícia do caráter ritual dos assassinatos, ao ver que esses fugiam do assunto e buscavam uma solução racional que, a meu ver, não existia.

Agora pensava em usar disso para obter informação. Busquei os três enormes tomos do "Dicionário da Franca - Maçonaria" na biblioteca da Universidade e me dirigi à delegacia. Em Salta, esta ocupa um antigo edifício colonial frente à praça principal, florida e provinciana. Estacionei o automóvel junto a um parquímetro, a várias quadras de meu destino e andei pela Rua Belgrano até o centro.

Ao chegar à Igreja do Sagrado Coração, com seu edifício de mais de 300 anos, ia pensando na juventude da América Branca ante a milenar Europa; apesar de que aqui não se construiu nada anterior há 400 anos, nos estremece o secular, que sentimos antigo e remoto.

Faltava-me transitar a "Cuadra de la Recova" com seus arcos centenários, sob os quais se pode tomar um café e ler o jornal ou simplesmente contemplar os altos montes longínquos que rodeiam o Vale de Lerma.

Atravessei vários corredores de aspecto sombrio, até encontrar uma porta com um quadro que se lia "Escritório Geral de Investigações" e um menor, de plástico, anunciava "Subcomissariado Maidana". "Chame antes de entrar".

As coisas saíram melhor do que eu esperava. Enquanto o Oficial Maidana, com selvagem alegria, examinava os Dicionários, em minhas mãos se deslizavam febrilmente as poucas folhas do expediente nomeado "**Belicena Villca, Homicídio intencional**.".

Assim, acompanhado pelos insultos que o policial nacionalista lançava quando algo que lia causava sua fúria, pude averiguar o que desejava.

Se haviam praticado análises diversas na corda homicida, sendo esta destruída em parte durante os experimentos. Uma das medalhas foi "fundida e o material submetido à análise de Espectroscopia Molecular", citação das folhas do informe final, e remetendo-se ao "informe principal adjunto, para qualquer discussão sobre a interpretação do mesmo". A conclusão era que, de acordo com os minerais e metais que intervinham na extração do ouro, esse teria como origem certa um país europeu: Espanha. Com mais precisão se mencionava a zona Rio Tinto, na província de Huelva.

- Cavaleiro Kadosch! Que caralho é isso, doutor? – interrompeu bruscamente minha leitura o Oficial Maidana, que lia "Ritual de grau 30".

- É uma palavra hebraica que significa "muito santo". O título seria "Cavaleiro Muito Santo" – disse.

O oficial tinha sangue nos olhos.

- Sargento Quiroga! - gritou - Venha ver o que fazem os maçons!

O sargento acudiu com pressa. Era um criollo sem muito brilho, que somou sua voz ao concerto de maldições do oficial.

Segui lendo o expediente. Um pedaço da corda de cabelo foi enviado ao Laboratório de Análise Patológica da Faculdade de Medicina. O informe remetido pela universidade, indicava que o cabelo era sim humano, possivelmente de mulher; a substância que a tingia era simplesmente água de cal, a que se acrescentou algum suco vegetal ácido para equilibrar a alcalinidade.

Mas o mais curioso é que a universidade podia certificar-se da etnia a que pertencia a mulher que teve o cabelo cortado; o **corte ovalado** das fibras pilosas estudadas não deixava dúvida: **Raça Branca**. As outras raças têm um **corte redondo**.

Isso era quase tudo. Estavam as declarações nossas e o informe forense. Também um informe do Exército com a história já conhecida, onde veladamente se sugeria não avançar muito.

Seguiam papéis burocráticos sem importância, sobre o cemitério e outros aspectos da investigação; mas sobre o crime em si, não se tinha avançado muito.

Em resumo:

A - Impressões Digitais: As da falecida e do pessoal do hospital.
B - Outra chave: Não consta.
C - Análise da porta: Intacta. Não foi forçada.
D - Análise forense: Morte por estrangulamento.
E - Análise da arma: Corda de cabelo humano, tingida com cal. Medalhas de ouro espanhol de significado desconhecido.

Nem uma palavra sobre a desaparição da pasta e, pelo visto, não se tinha considerado útil investigar as legendas gravadas nas jóias.

- Cães judeus! – gritava o oficial, que lia o artigo "Jesuíta" onde há um quadro intitulado "A Companhia de Jesus vista pela maçonaria" na qual se vê o superior da ordem jesuíta sentado sobre um monte de crânios, encimado pela cruz de cristo.

Como bom nacionalista católico se sentia injuriado, ofendido pessoalmente, pela "perfídia" da maçonaria judia. Não achei conveniente esclarecer-lhe que a Companhia de Jesus criou, no séc. XIX, o "Rito Maçônico do Real Arco", o qual foi finalmente aderido ao "Grão Oriente Inglês" do "Rito Escocês Antigo e Aceitado.", com o que ambas as organizações estabeleceram um ponto de contato permanente. Desgraçadamente a prova está à vista hoje em dia, ao considerar o marxismo aristocrático que sustentam os pensadores jesuítas. Seria ridículo admitir a existência de uma Sinarquia Internacional e crer que a Igreja Romana, organização temporal, esteja isenta de seu controle. Mas seria inútil; o oficial não aceitaria esse raciocínio.

Carreguei os pesados tomos e me despedi do Subcomissário Maidana.

- Adeus, Oficial; se precisar é só me chamar no hospital.
- Até logo, doutor. Agradeço a colaboração que nos prestou.

Capítulo VII

Era sexta-feira e poderia descansar o fim de semana na velha casa de Cerrillos, um povoado belíssimo que se encontra a 18 km de Salta, sobre o mesmo caminho que conduz a Cafayate, no coração dos vales calchaquis, e mais além, a Santa Maria de Catamarca. Ali viviam meus pais, já idosos, e uma irmã viúva com dois filhos.

A perspectiva de vê-los e passar uns dias com eles sempre me enchia de alegria; assim, pois não deve impressionar a ninguém que umas horas mais tarde, enquanto conduzia o automóvel pelo caminho recortado por vinhedos, não pensasse mais no crime horrível.

Entretanto, estava escrito que a paz seria breve: em menos de uma hora minha vida foi mudada e um futuro de médico, antropólogo, catedrático, quer dizer, de um profissional, desapareceu como um destino provável para mim. Na casa de meus pais aguardava a carta de Belicena Villca e o começo da loucura. Se tão somente não a tivesse lido! Quanta dor, morte e luta eu trouxe aos meus entes queridos por ter lido aquela carta e, o mais nefasto, ter acreditado no que ela dizia! E com certeza, nada teria nos acontecido se não tivesse aberto a carta.

Quanto me arrependeria três meses depois por ter-lhe dado crédito**, nesse mesmo lugar**! Segunda-feira começava minhas férias, e ao voltar ao hospital, em Março, tudo estaria esquecido. Não devia ter lido: essa foi minha última oportunidade de continuar sendo **normal**, quer dizer, cômoda e mediocremente **normal**, amado por todos, respeitado por todos e, inclusive, pelo Bom Criador. Sim, não é uma blasfêmia: o Bom Deus Criador deveria estar orgulhoso de mim: não interferia em nada seus grandiosos planos, e contribuía na medida do possível ao bem comum. Que mais se podia esperar de um humilde psiquiatra saltenho? Mas muito temo agora que perdi tudo, até as graças do Criador. Terá de ler a carta de Belicena Villca e conhecer o resto da história para dissentir ou concordar comigo.

Como disse, não devia ter lido a carta e tudo teria continuado igual. Mas está previsto que na vida de certas pessoas há como armadilhas cuidadosamente montadas: basta um leve toque para que se desencadeiem mecanismos irreversíveis.

Capítulo VIII

Canuto, o cão pastor, se aproximou correndo para festejar minha chegada, enquanto manobrava o carro e fechava o portão. Todavia me faltavam outros 200 metros até a casa; fiz Canuto subir no banco da frente e parti. Era assim sempre; dirigia com uma mão e com a outra acariciava o velho cão durante esses duzentos metros até a casa, que pertenciam só a ele.

Vi se aproximando a figura de meus pais, sentados sob as grandes árvores do pátio e senti os sorrisos de meus amados sobrinhos. Era a família, uma das coisas mais belas que pode conceber um solteirão empedernido como eu.

- Bongiorno a tutti - brinquei enquanto pegava a mala e procurava as tradicionais guloseimas para as crianças. - Como estão as uvas, pai?

- Melhor que nunca, Arturo. Tem umas uvas que são a glória de Baco! Mas de que serve essa abundância se esse ano não teremos vindima? Oh, Mein Gott! Esse governo vai levar todo mundo pro abismo!

- Bom, calma, pai, não precisa fazer cena. Olhe, te trouxe um presente.

Passei-lhe a fita de Angelito Vargas e, enquanto colocava no gravador, sorvia o mate que minha irmã preparava e fazia circular silenciosamente de mão em mão.

- Tome filho, há cinco dias chegou uma encomenda pra você. A retiramos para levá-la até você, mas como ninguém iria para Salta ficou aqui. Você deveria mesmo dar seu endereço da cidade; algum dia alguém vai mandar algo urgente aqui e você não vai estar..., - mamãe continuou ralhando com o tango de Angelito Vargas ao fundo. Mas eu não escutava nada. Absorto no remetente do pacote, onde claramente se lia "Belicena Villca", meu coração pareceu ter se detido.

O pacote continha a pasta e, dentro dela, uma imensa carta, tão extensa que, se diria, Belicena Villca empregou todo o seu tempo livre, durante meses, em escrevê-la. Depois a transcreveu sem tirar nem acrescentar uma vírgula. Desejo que o leitor compartilhe em toda sua dimensão o mistério que se abria ante mim ao ler aquela assombrosa missiva. O envelope ostentava uma legenda, escrita à mão com fina caligrafia:

Dr. Arturo Siegnagel
PRESENTE

Rasguei o envelope e li febrilmente:

◊

LIVRO SEGUNDO

"A Carta de Belicena Villca"

Dr. Arturo Siegnagel:

Antes de tudo desejo agradecer o quanto o senhor fez por mim durante esse longo ano em que fui sua paciente. Sei que muitas vezes sua bondade o levou a ultrapassar os limites da mera responsabilidade profissional e me dedicou mais tempo e cuidados de que sem dúvidas merecia minha condição de alienada: muito o reconheço, doutor, mas, como compreenderá ao ler esta carta, minha recuperação era praticamente impossível. De qualquer maneira, a Deusa Pyrena saberá recompensar justamente seus esforços.

Com certeza, quando esta carta chegar a suas mãos, estarei morta: Eles não perdoam e Nós não pedimos clemência. Essa possibilidade não me preocupa, já que a morte é, em nosso caso, só uma ilusão, mas entendo que para o senhor a ausência será real e por isso decidi escrever-lhe. Sou consciente de que não me acreditará **por antecipado** *e é assim que cometi o atrevimento de enviar-lhe como presente a seu domicílio de Cerrillos. Perguntar-se-á como eu consegui: subornando uma enfermeira, que obteve o endereço registrado no arquivo administrativo e efetuou o despacho da correspondência. Rogo-lhe que esqueça a falta de disciplina e não indague a identidade da enfermeira, pois, se morro, coisa provável, o medo lhe fará fechar a boca e, por outra parte, ela só cumpria com minha última vontade. Agora irei ao cerne da questão, doutor: desejo solicitar-lhe um favor póstumo. Mas, para ser justa com o senhor, antes lhe porei a par de certos fatos. Creio que me ajudará, pois uma vontade mais poderosa que nós mesmos, lhe pôs em meu caminho: talvez o senhor também busque uma resposta sem sabê-lo, e talvez nessa carta esteja a resposta.*

Se for assim, ou se o senhor já está consciente do Grande Engano, então leia com atenção o que se segue, pois ali encontrará algumas chaves para orientar-se no Caminho de Regresso à Origem. Escrevi pensando no senhor e fui clara até onde pude, mas conto que me compreenda, pois leva visivelmente plasmado o Signo da Origem.

Começarei por informar-lhe que sou uma das últimas descendentes de uma antiga linhagem portadora de um Segredo Mortal, um Segredo guardado por minha família durante séculos e que correu perigo de perder-se para sempre quando teve lugar o desaparecimento de meu filho Noyo Villca. Agora não importa se os Golen me matarão, pois o objetivo de minha estratégia está cumprido: consegui distraí-los com meus passos enquanto Noyo levava a cabo sua missão. Na verdade, ele não foi seqüestrado, mas viajou até a Caverna de Parsifal, na província de Córdoba, para transportar até lá a Espada Sábia da Casa de Tharsis. E eu parti em seguida, em sentido contrário, com vistas em cobrir a missão de Noyo desviando sobre mim a perseguição dos Golen. A Sabedoria Hiperbórea me ajudou, embora nada pudesse fazer no final contra o poder de suas diabólicas drogas, uma das quais me foi ministrada habilmente em uma das viagens que fiz até a província de Jujuy. Depois disso, veio a captura por parte

do Exército e a história que o senhor conhece. Mas isso tudo entenderá com mais clareza quando eu lhe revelar, como meu legado, o Segredo Familiar.

O Segredo, em síntese, consiste no seguinte: a família o manteve oculto, por baixo de catorze gerações americanas, o Instrumento de um antigo Mistério, talvez o mais antigo Mistério da Raça Branca. Tal instrumento permite aos Iniciados Hiperbóreos conhecer a origem extraterrestre do Espírito humano e adquirir a Sabedoria suficiente para voltar a essa origem, abandonando definitivamente o demente Universo da Matéria e da Energia, das formas criadas.

Como chegou a nosso poder tal instrumento? Em princípio lhe direi que foi trazido à América por meu antepassado Lito de Tharsis, quem desembarcou em Colônia Coro em 1534 e, poucos anos depois, fundou o ramo tucumano da estirpe. Mas isso não responde a pergunta. Em verdade, para se aproximar de uma resposta remontaríamos a milhares de anos atrás, até a época dos Reis de meu povo de quem Lito de Tharsis era um dos últimos descendentes. Aquele povo, que habitava a Península Ibérica desde tempos imemoriais, o denominarei,, para simplificar, "ibero", sem que isso signifique aderir a nenhuma teoria antropológica ou racial moderna: a verdade é que pouco se sabe atualmente sobre os iberos porque tudo quanto a eles se referia, especialmente seus costumes e crenças, foi sistematicamente destruído e oculto por nossos inimigos. Bem, na época em que convém começar a narrar a história, os iberos se achavam divididos em dois bandos irreconciliáveis, que se combatiam até a morte mediante um estado de guerra permanente. Os motivos dessa inimizade não eram menores: se baseavam na prática de cultos essencialmente opostos, na adoração de Deuses inimigos. Pelo menos isso era o que viam os membros comuns dos povos combatentes. No entanto, as causas eram mais profundas e os membros da Nobreza governante, Reis e Chefes, as conheciam com bastante clareza. Segundo se sussurrava nas câmaras mais reservadas da corte, posto que se tratasse de um segredo zelosamente guardado, tinha sido nos dias posteriores ao afundamento da Atlântida quando, procedentes do Mar Ocidental, chegaram aos continentes, Europeu e Africano, grupos de sobreviventes pertencentes a duas raças diferentes: uns eram brancos, semelhantes aos de meu povo, e outros eram de pele mais morena, embora sem serem escuros como os africanos. Esses grupos, pouco numerosos, possuíam conhecimentos assombrosos, incompreensíveis para os povos continentais, e poderes terríveis, poderes que até então somente se concebiam como atributos de Deuses. Assim, pouco custou a esses grupos dominar os povos que cruzavam seu caminho. E digo "que cruzavam seu caminho" porque os Atlantes não se detinham jamais num lugar, mas avançavam sempre para o Leste.

Mas tal marcha era muito lenta, pois ambos os grupos se achavam com tarefas bem difíceis, que exigiam muito tempo e esforço para concretizar, as quais precisavam do apoio dos povos nativos. Efetuavam-se tarefas pesadas; depois de estudar minuciosamente o terreno, dedicava-se a modificá-lo em certos lugares especiais mediante enormes construções megalíticas: menires, dólmenes, cromlechs, poços, montes artificiais, covas, etc. Aquele grupo de construtores era de raça Branca e havia precedido em seu avanço ao grupo moreno. Este último, em troca, parecia estar perseguindo ao grupo branco, pois seu deslocamento era ainda mais lento e sua tarefa consistia em destruir ou alterar, mediante o talhe de certos símbolos, as construções daqueles.

Como dizia, estes grupos jamais se deteriam definitivamente em um lugar, mas, logo ao concluir sua tarefa, continuavam se movendo rumo ao leste. Entretanto, os povos nativos que permaneciam nas suas tribos não poderiam retornar jamais a seus antigos costumes: o contato com os Atlantes os havia transmutado culturalmente; a memória dos homens semidivinos procedentes do Mar Ocidental não poderia ser esquecido por milênios. E digo isso para expor o caso improvável de que algum povo continental tivesse podido permanecer indiferente depois de sua partida: realmente isso não podia ocorrer, pois a partida dos Atlantes não foi brusca, mas cuidadosamente planificada, só concretizada quando se tinha a segurança de que, justamente, os povos nativos se encarregariam de levar a cabo uma missão que

seria de agrado dos Deuses. Para isso tinham trabalhado pacientemente sobre as mentes maleáveis de certos membros das castas governantes, convencendo-nos da conveniência de converter-se em seus representantes frente ao povo. Uma oferta tal seria dificilmente rechaçada por quem detinha a mínima noção de Poder, pois significa que, para o povo, o Poder dos Deuses teria sido transferido a alguns homens privilegiados, a alguns de seus membros especiais: quando o Povo viu uma vez o Poder, e guarda memória dele, sua ausência posterior passa inadvertida se ali se encontram os representantes do Poder. E é sabido que os regentes do Poder são sempre os sucessores do Poder. Depois da partida dos Atlantes, pois, sempre ficavam seus representantes, encarregados de fazer cumprir a missão que agradava aos Deuses.

E em que consistia aquela missão? Naturalmente, tratando-se do compromisso contraído com dois grupos tão diferentes como o dos brancos e dos morenos, não podia senão referir-se a **duas** *missões essencialmente opostas. Não descreverei os objetivos específicos de tais missões, pois seriam absurdas e incompreensíveis para o senhor. Direi, em troca, algo sobre as formas gerais com que as missões foram impostas para os povos nativos. Não é difícil distinguir essas formas e, inclusive, intuir seus significados, se se observam os fatos com a ajuda do seguinte par de princípios. Em primeiro lugar, há de se advertir que os grupos de Atlantes desembarcados nos continentes logo depois do "afundamento da Atlântida" não eram meros sobreviventes de uma catástrofe natural, algo assim como náufragos, mas sim homens provenientes de uma guerra espantosa e total: o afundamento da Atlântida é, a rigor, só uma conseqüência, o final de uma etapa no desenvolvimento de um conflito, de uma Guerra Essencial que começou muito antes, na Origem extraterrestre do Espírito humano, e que ainda não terminou. Aqueles homens, então, agiam regidos pelas leis da guerra: não efetuavam nenhum movimento que contradissesse os princípios da tática, que pusesse em perigo a Estratégia da Guerra Essencial.*

A Guerra Essencial é um enfrentamento de Deuses, um conflito que começou no Céu e se estendeu para a Terra, envolvendo os homens no seu curso: o teatro de operações da Atlântida teve apenas uma batalha da Guerra Essencial; e no marco das forças enfrentadas, os grupos de Atlantes que mencionei, o Branco e o Moreno, haviam interferido como planificadores ou estrategos de seu bando respectivo. Quer dizer, que eles não foram nem os chefes nem os combatentes diretos na Batalha da Atlântida: na guerra moderna seus papéis seriam os dos "analistas de estado maior"... salvo que aqueles "analistas" não dispunham dos computadores eletrônicos programados com "jogos de guerra" como os modernos, mas de um instrumento incomparavelmente mais perfeito e temível: o cérebro humano especializado até o extremo de suas possibilidades. Em resumo, quando se produziu o desembarque continental, uma fase da Guerra Essencial havia terminado: os chefes se retiraram a seus postos de comando e os combatentes diretos, que sobreviveram ao aniquilamento mútuo, padecem diversa sorte: alguns tentam reagrupar-se e avançar até uma vanguarda que já não existia, outros acreditam ter sido abandonados na frente de batalha, outros fogem em desordem, outros acabam por se extraviar ou acabam esquecendo a Guerra Essencial. Em resumo, e empregando agora a linguagem que os Atlantes Brancos usavam para explicar aos povos continentais, "os Deuses deixaram de manifestar-se aos homens porque os homens falharam de novo: não resolveram aqui o conflito, deixando que o problema voltasse aos Céus e enfrentasse novamente os Deuses. Mas os Deuses haviam se enfrentado por causa do homem, porque alguns queriam que o Espírito do homem voltasse à sua origem, além das estrelas, enquanto que outros pretendiam mantê-lo prisioneiro no mundo da matéria.".

Os Atlantes Brancos estavam com os Deuses que queriam libertar o homem do Grande Engano da Matéria e afirmavam que se havia lutado ferozmente sobre este objetivo. Mas o Homem foi débil e defraudou a seus Deuses Libertadores: permitiu que a Estratégia inimiga abrandasse sua vontade e lhe mantivesse sujeito à matéria, impedindo assim que a Estratégia dos Deuses Libertadores o conseguisse arrancar desta Terra.

Então terminou a Batalha da Atlântida e os Deuses se retiraram a suas moradas, deixando o homem prisioneiro da Terra, pois não foi capaz de compreender sua situação miserável nem dispôs de forças para vencer na luta por sua liberdade espiritual. Mas Eles não abandonaram o homem; simplesmente, a Guerra não se travava mais na Terra: um dia, se o homem voluntariamente reclamava seu lugar no Céu, os Deuses Libertadores retornariam com todo seu Poder e uma nova chance de travar a Batalha seria aproveitada; esta seria a Batalha Final, a última chance antes que os Deuses voltassem definitivamente para a Origem, Mais Além das Estrelas; entretanto, os "combatentes diretos" pela liberdade do Espírito que se reorientassem no teatro de operações, os que recordassem a Batalha de Atlântida, os que despertassem do Grande Engano, os Buscadores da Origem, deveriam travar na Terra um duríssimo combate pessoal contra as Forças Demoníacas da Matéria, quer dizer, contra forças inimigas esmagadoramente superiores... ***e vencê-las com vontade heróica****: somente assim seriam admitidos no "quartel general dos Deuses".*

Em síntese, segundo os Atlantes Brancos, "uma fase da Guerra Essencial havia terminado, os Deuses voltaram a suas moradas e os combatentes estavam dispersos; mas os Deuses voltariam: o provavam as presenças atlantes ali, construindo e preparando a Terra para a Batalha Final. Na Atlântida, os Atlantes Morenos foram Sacerdotes que propiciavam um culto aos Deuses Traidores ao Espírito do Homem; os Atlantes Brancos, pelo contrário, pertenciam a uma casta de Construtores Guerreiros, ou Guerreiros Sábios, que combatiam no bando dos Deuses Libertadores do Espírito do Homem, junto às castas Nobre e Guerreira dos homens vermelhos e amarelos, quem contribuíram nas fileiras de "combatentes diretos". Por isso os Atlantes Morenos tentavam destruir suas obras: porque adoravam as Potências da Matéria e obedeciam ao desígnio com que os Deuses Traidores encadearam o Espírito à natureza animal do homem".

*Os Atlantes Brancos provinham de uma raça que a moderna antropologia denomina "****cromagnon****". Uns trinta mil anos antes, os Deuses Libertadores, que então governavam a Atlântida, haviam encomendado a essa raça uma missão de princípio, um encargo cujo cumprimento demonstraria seu valor e lhes abriria a porta da Sabedoria: deveriam expandir-se por todo o mundo e exterminar o animal-homem, o hominídeo primitivo da Terra que só tinha corpo e alma, mas carecia de Espírito eterno, quer dizer, a raça que a antropologia batizou de "****neanderthal****", hoje extinta. Os homens de Cromagnon cumpriram a tarefa com tal eficiência, que foram recompensados pelos Deuses Libertadores com a autorização para se reagrupar e habitar a Atlântida. Ali adquiriram posteriormente o Magistério da Pedra, e foram conhecidos como guardiões da Sabedoria Lítica e* ***Homens de Pedra****. Assim quando digo que "pertenciam a uma casta de construtores guerreiros", entende-se "Construtores em Pedra", "Guerreiros Sábios na Sabedoria Lítica". E este esclarecimento é importante porque na sua ciência* ***só se trabalhava com pedra****, quer dizer, tanto as ferramentas, como os materiais de sua Ciência, consistiam em* ***pedra pura****, excluindo explicitamente os metais. "Os metais, explicariam logo aos iberos, representavam as Potências da Matéria e deveriam ser cuidadosamente evitados ou manipulados com muita cautela". Ao transmitir a idéia de que a essência do metal era demoníaca, os Atlantes Brancos buscavam evidentemente infundir um tabu nos povos aliados; tabu que, pelo menos no caso do ferro, se manteve por milhares de anos. Inversamente, os Atlantes morenos, sem dúvidas por sua particular relação com as Potências da Matéria, estimulavam os povos que lhes eram aliados a praticar a metalurgia e a ourivesaria, sem restrições a nenhum metal.*

E este é o segundo princípio que deve ter presente, doutor Arturo Siegnagel: os Atlantes Brancos encomendaram aos Iberos que os haviam apoiado nas construções megalíticas, uma missão que pode se resumir da seguinte forma: ***proteger as construções megalíticas e lutar até a morte contra os aliados dos Atlantes morenos.*** *Esses últimos, por sua parte, propuseram aos iberos que os secundavam uma missão que se podia enunciar assim:* ***"destruir as construções***

megalíticas; se não fosse possível, modificar as formas das pedras até neutralizar a função dos conjuntos; se isso não fosse possível, gravar nas pedras os signos arquetípicos da Matéria correspondente à função de neutralizar; se isso não fosse possível, distorcer ao menos o significado bélico da construção convertendo-a em monumento funerário; etc.", *e:* ***"combater até a morte os aliados dos Atlantes Brancos".***

Como disse antes, logo de haver imposto essas missões os Atlantes continuavam seu lento avanço ao Leste; os brancos sempre seguidos a prudente distância pelos morenos. Por isso que os morenos tardaram milhares de anos para alcançar o Egito, onde se assentaram e impulsionaram uma civilização que durou tantos outros milhares de anos e na qual oficiaram novamente como Sacerdotes das Potências da Matéria. Os Atlantes Brancos, no entanto, seguiram sempre para o Leste, atravessando Europa e Ásia por uma frente larga que se limitava ao norte com as regiões árticas, e desaparecendo misteriosamente ao fim da pré-história: contudo, por trás de seus passos, belicosos povos brancos se ergueram sem cessar, aportando o melhor de suas tradições guerreiras e espirituais da História do Ocidente.

Mas aonde se dirigiam os Atlantes Brancos? À cidade de ***K'Taagar*** *ou* ***Agartha****, um lugar que, conforme as revelações feitas ao meu povo, era o refúgio de alguns dos Deuses Libertadores, os que ainda permaneciam na Terra aguardando a chegada dos últimos combatentes. Aquela cidade ignota havia sido construída na Terra há milhões de anos, nos dias em que os Deuses Libertadores vieram de Vênus e se assentaram sobre um continente que nomearam* ***Hiperbórea*** *em memória da Pátria do Espírito. Na verdade, os Deuses Libertadores afirmam provir de Hiperbórea, um mundo não-criado, quer dizer, não criado pelo deus criador, existente Mais-além-da-Origem: à Origem denominavam* ***Thule*** *e, segundo eles, Hiperbórea significava Pátria do Espírito. Havia, assim, uma Hiperbórea original e uma terrestre; e um centro isotrópico Thule, assento do Graal, que refletia a Origem e que era tão intocável quanto estava. Toda a Sabedoria espiritual da Atlântida era uma herança de Hiperbórea e por isso os Atlantes Brancos chamavam a si mesmos "Iniciados Hiperbóreos". A cidade mítica de* ***Katigara****, que figura em todos os mapas anteriores ao descobrimento da América como próxima da China, não é outra que* ***K'Taagar****, a morada dos Deuses Libertadores, na que só se permite entrar os Iniciados no Mistério do Sangue Puro.*

Finalmente os Atlantes partiram da península ibérica. Como se asseguraram de que as missões impostas aos povos nativos seriam cumpridas em sua ausência? Mediante a celebração de um pacto com aqueles membros do povo que iriam representar o Poder dos Deuses, um pacto que de não ser cumprido arriscava algo mais que a morte da vida: os colaboradores dos Atlantes morenos punham em jogo a imortalidade da Alma, enquanto os seguidores dos Brancos acenavam com a eternidade do Espírito. Mas ambas as missões, tal como disse, eram essencialmente diferentes, e os acordos em que se fundavam, naturalmente, também o eram: o dos Atlantes Brancos foi um Pacto de Sangue, enquanto o dos Atlantes morenos consistiu em um Pacto Cultural.

Evidentemente, doutor Siegnagel, esta carta será extensa e terei de escrevê-la em vários dias. Amanhã continuarei no ponto suspenso no relato, e farei um breve parêntese para examinar os dois Pactos: é necessário, pois daí surgirão as chaves que lhe permitirão interpretar minha própria história.

Segundo Dia

Começarei pelo Pacto de Sangue. O mesmo significa que os Atlantes Brancos mesclaram seu sangue com os representantes dos povos nativos, que também eram de raça branca, gerando as primeiras dinastias de Reis Guerreiros de Origem Divina: o eram, afirmariam logo, porque descendiam dos Atlantes Brancos, que por sua vez sustentavam ser Filhos dos Deuses. Mas os Reis deveriam preservar essa herança Divina apoiando-se numa Aristocracia do Sangue e do Espírito, protegendo sua pureza racial: é o que fariam fielmente durante milênios... até que a Estratégia inimiga operando através das Culturas Estrangeiras conseguiu cegá-los ou enlouquecê-los e os levou a quebrar o Pacto de Sangue. E aquela falta de compromisso com os Filhos dos Deuses foi como o senhor verá em seguida, a causa de grandes males.

Desde cedo, o Pacto de Sangue incluía algo mais que a herança genética. Em primeiro lugar estava a promessa da ***Sabedoria****: os Atlantes brancos haviam assegurado a seus descendentes, e futuros representantes, que a lealdade à missão seria recompensada pelos Deuses com a Mais Alta Sabedoria, aquela que permitia ao Espírito regressar à Origem, Mais Além das Estrelas. Vale dizer, que os Reis Guerreiros, e os membros da Aristocracia de Sangue, se converteram também em Guerreiros Sábios, em* ***Homens de Pedra****, como os Atlantes Brancos, somente por cumprir a missão e respeitar o Pacto de Sangue; pelo contrário, o esquecimento da missão ou a traição ao Pacto de Sangue trariam graves conseqüências: não se tratava de um castigo dos Deuses nem nada semelhante, mas de* ***perder a Eternidade****, quer dizer, de uma queda espiritual irreversível, mais terrível ainda que a que havia aprisionado o Espírito à Matéria. "Os Deuses Libertadores", segundo a particular descrição que os Atlantes Brancos faziam aos povos nativos, "não castigavam por seus atos; nem sequer julgavam, pois estavam além de toda a lei; seus olhares só reparavam no Espírito do homem, ou no que havia nele de espiritual, em sua vontade de abandonar a matéria; ao que amava a criação, e desejavam permanecer sujeitos à dor e ao sofrimento da vida animal, aqueles que, por sustentar essas ilusões e outras similares, esqueciam a missão ou traíam o pacto de Sangue, não afrontariam - ah, não! - nenhum castigo: só era certa a perda da Eternidade... a menos que se considerasse um "castigo" a implacável indiferença que os Deuses aplicavam a todos os traidores".*

Com respeito à Sabedoria, os povos nativos recebiam em todos os casos uma prova direta de que podiam adquirir um conhecimento superior, uma prova concreta que falava mais do que as incompreensíveis artes empregadas nas construções megalíticas: e essa prova inegável, que situava aos povos nativos por cima de qualquer outro que não houvesse feito pacto com os Atlantes, constituía na compreensão da Agricultura e a forma de domesticar e governar as populações animais úteis ao homem. Em efeito, ao tempo da partida dos Atlantes Brancos, os povos nativos contavam com a poderosa ajuda da Agricultura e da Pecuária, sem importar o que tivessem sido antes: coletores, caçadores ou simples guerreiros saqueadores. O cerco mágico dos campos, e o traçado das cidades amuralhadas, deveriam realizar-se na terra por meio de um ***arado de pedra*** *que os Atlantes Brancos legavam aos povos nativos para tal efeito: se tratava de um instrumento lítico desenhado e construído por eles, do qual não tinham de se desprender nunca e ao qual só poderiam empregar para fundar os setores agrícolas e urbanos das áreas ocupadas. Naturalmente essa era uma prova da Sabedoria, mas não a Sabedoria em si mesma.*

E a Sabedoria? Quando se obteria o conhecimento que permitia ao Espírito viajar Mais Além das Estrelas? Individualmente, dependia da ***vontade*** *posta em regressar à Origem e da* ***orientação*** *com que essa vontade se dirigisse à Origem: cada um poderia ir a qualquer momento e desde qualquer lugar se adquiria a Sabedoria procedente da vontade de voltar e da orientação em direção à Origem; o*

combate contra as Potências da Matéria teria de ser resolvido, nesse caso, pessoalmente: tal constituiria uma façanha do Espírito e seria tido em alta estima pelos Deuses Libertadores. Coletivamente, por sua vez, a Sabedoria da Libertação do Espírito, a que faria possível a partida de todos os Guerreiros Sábios a K'Taagar e, dali, até a Origem, só se obteria quando o teatro de operações da Guerra Essencial mudasse novamente para a Terra: então os Deuses Libertadores voltariam a manifestar-se para os homens para conduzir as Forças do Espírito na Batalha Final contra as Potências da Matéria. Até então, os Guerreiros Sábios deveriam cumprir eficazmente com a missão e se prepararem para a Batalha Final: e então, quando fossem convocados pelos Deuses para ocupar seu posto na batalha, lhes tocaria aos Guerreiros Sábios em conjunto para demonstrar a Sabedoria do Espírito. Tal como afirmavam os Atlantes Brancos, isso seria inevitável se os povos nativos cumpriam sua missão e respeitavam o Pacto de Sangue, pois, ***"então", a Máxima Sabedoria coincidiria com a Mais Forte Vontade de voltar à Origem, com a maior Orientação em Direção à Origem e com o Mais Alto Valor resoluto a combater contra as Potências da Matéria, e com a Máxima Hostilidade Espiritual em relação ao não espiritual****.*

Coletivamente, pois, a máxima Sabedoria se revelaria ao final, durante a Batalha Final, ***em um momento que todos os Guerreiros Sábios reconheceriam simultaneamente.*** *Como?* ***A oportunidade seria reconhecida diretamente com o Sangue Puro, numa percepção interior, ou mediante a Pedra de Vênus****.*

Aos Reis Guerreiros de cada povo aliado, quer dizer, a seus descendentes, os Atlantes Brancos legavam também uma ***Pedra de Vênus****, gema semelhante a uma esmeralda do tamanho de um punho de criança. Aquela pedra, que tinha sido trazida à Terra pelos Deuses Libertadores, não estava facetada de modo algum, mas finamente polida, mostrando sobre um setor da superfície uma concavidade leve em cujo centro se* ***observava*** *o* ***Signo da Origem****. De acordo com o que os Atlantes Brancos revelaram aos Reis Guerreiros, antes da queda do Espírito extraterrestre na matéria, existia na Terra um animal-homem extremamente primitivo, filho do deus Criador de Todas as Formas Materiais: tal animal-homem possuía essência anímica, quer dizer, uma Alma capaz de alcançar a imortalidade, mas carecia do Espírito Eterno que caracterizava os Deuses Libertadores ou o próprio Criador. Entretanto, o animal-homem estava destinado a obter evolutivamente um alto grau de conhecimento sobre a Obra do Criador, conhecimento que se resumia no Signo da Serpente; com outras palavras,* ***a serpente representava o mais alto conhecimento para o animal-homem****. Logo de protagonizar o Mistério da Queda, o Espírito caiu incorporado ao animal-homem, prisioneiro da Matéria, e surgiu a necessidade de sua libertação. Os Deuses Libertadores, que nisso se mostraram tão terríveis quanto o maldito deus Criador Carcereiro dos Espíritos, só atendiam, como se disse, a quem dispunha de vontade de voltar à Origem e exibiam orientação em relação à Origem; a esses valentes Espíritos, os Deuses diziam: "****perdeste a Origem e és prisioneiro da serpente: com o Signo da Origem, compreende a serpente, e serás novamente livre na Origem!****".*

Assim, pois, a Sabedoria consistia em compreender a serpente, com o Signo da Origem. Aqui a importância do legado que os Atlantes Brancos concediam pelo Pacto de Sangue: o ***Sangue Puro****, sangue dos Deuses, e a* ***Pedra de Vênus****, em cuja concavidade se* ***observava*** *o Signo da Origem. Essa herança, sem dúvida alguma, podia salvar o Espírito se "com o Signo da Origem se compreendia a Serpente", tal como ordenavam os Deuses. Mas concretizar a Sabedoria da Libertação não seria tarefa fácil, pois* ***na Pedra de Vênus não estava plasmado o Signo da Origem****: sobre ela, em sua concavidade, só se podia* ***"observar"****. E o via ali somente quem respeitava o Pacto de Sangue, pois, em verdade, o que existia como herança Divina dos Deuses era um* ***Símbolo da Origem no Sangue Puro: o Signo da origem, observado na Pedra de Vênus, era só o reflexo do Símbolo da Origem presente no Sangue Puro dos Reis Guerreiros, dos Filhos***

dos Deuses, dos Homens Semidivinos que, junto a um corpo animal e uma Alma material possuíam um Espírito Eterno. *Se se traia o Pacto de Sangue, se o Sangue se tornava impuro, então o Símbolo da Origem se debilitaria e já não se podia ver o Signo da Origem sobre a Pedra de Vênus: se perderia assim a possibilidade de "compreender a serpente", a máxima Sabedoria, e com ela a oportunidade, a última oportunidade, de se incorporar à Guerra Essencial. Pelo contrário, se se respeitava o Pacto de Sangue e se conservava o Sangue Puro, então a Pedra de Vênus poderia ser denominada com justiça* ***"espelho do Sangue Puro"*** *e quem observasse sobre ela o Signo da Origem seriam* ***"Iniciados no Mistério do Sangue Puro"****, verdadeiros* ***Guerreiros Sábios****.*

Os Atlantes Brancos afirmavam que seu avanço continental estava guiado diretamente por um Grande Chefe Branco a quem chamavam Navutan. Esse Chefe que somente eles viam, e por quem expressavam um profundo respeito e veneração, tinha fama de ter sido quem revelou aos Atlantes Brancos o Signo da Origem. Naturalmente, o Signo da Origem seria incomunicável, posto que só possa ser visto por quem possui previamente, em seu Sangue, o Símbolo da Origem. A Pedra de Vênus, o Espelho do Sangue Puro, permitia justamente obter fora um ***reflexo*** *do Símbolo da Origem: mas aquele reflexo, o Signo da Origem, não podia ser comunicado por Iniciação nem por nenhuma função social se o receptor carecia da herança do Símbolo da Origem. Inclusive entre os Atlantes Brancos, houve um tempo em que só uns poucos, individualmente, conseguiam conhecer o Símbolo da Origem. A dificuldade estava na impossibilidade de estabelecer uma correspondência entre o Criado e o Não Criado: era como se a matéria fosse impotente para refletir o Não Criado. De fato, as Pedras de Vênus tinham sido* ***modificadas estruturalmente*** *pelos Deuses Libertadores para que cumprissem sua função. Com o propósito de resolver este problema e de dotar à sua Raça da Mais Alta Sabedoria, maior ainda que a Sabedoria Lítica conhecida por eles, Navutan desceu ao Inferno. Pelo menos isso contava os Atlantes Brancos. Aqui, lutou contra as Potências da Matéria, mas não as conseguiu obrigar a refletir o Símbolo da Origem para que fosse visto por todos os membros de sua Raça. Ao parecer foi Frya, sua Divina Esposa, quem resolveu o problema:* ***ela pôde expressar o Signo da Origem mediante a dança****.*

Todos os movimentos da dança procedem do movimento das aves, de seus Arquétipos. A descoberta de Frya permitiu a Navutan compreender o Signo da Origem com a ***Língua dos Pássaros*** *e expressá-lo do mesmo modo. Mas não era esta uma língua composta por sons, mas por* ***movimentos significativos*** *que realizavam certas aves em conjunto, especialmente as pernaltas como a garça, e as galináceas como o perdiz, o pavão e o faisão: segundo Navutan, para compreender o Signo da Origem se necessitavam "treze mais três Vrunas", quer dizer, um alfabeto de dezesseis signos denominados Vrunas ou Varunas.*

Graças a Navutan e Frya, os Atlantes Brancos eram Auspícios (da ***ave spicere****), ou seja, estavam dotados da compreensão do Signo da Origem observando o vôo das aves: a Língua dos Pássaros representava, para eles, uma vitória racial do Espírito contra as Potências da Matéria.*

Assim se sintetizaria a Sabedoria de Navutan: ***quem compreendesse o alfabeto de dezesseis Vrunas compreenderia a Língua dos Pássaros. Quem compreendesse a Língua dos Pássaros compreenderia o Signo da Origem. Quem compreendesse o Signo da Origem compreenderia a serpente. E quem compreendesse a serpente, com o Signo da Origem, poderia ser livre na Origem.***

É claro que os Atlantes Brancos não confiavam na durabilidade da Língua dos Pássaros, a que, apesar de tudo, transmitiam aos seus descendentes do Pacto de Sangue. Previam que, quando do triunfo do Pacto Cultural dos Atlantes morenos, a língua sagrada logo seria esquecida pelos homens; nesse caso, a única garantia de que ao menos alguém individualmente conseguisse ver o Signo da Origem estaria constituída pela Pedra de Vênus. Com grande acerto, basearam nela o êxito da missão. Assim, quando

os Atlantes Brancos se despediram de meus antepassados, doutor Siegnagel, lhes sugeriram um modo adequado para assegurar o cumprimento da missão. Antes de tudo se deveria respeitar sem exceções o Pacto de Sangue e manter, para isso, uma Aristocracia do Sangue Puro. Dessa Aristocracia, que começava com os descendentes dos Atlantes Brancos, já se haviam selecionado os primeiros Reis e as Guerreiras Sábias que ***custodiavam*** *o Arado de Pedra e a Pedra de Vênus: com efeito, ao princípio cada povo foi divido exogamicamente em três grupos, cada um dos quais tinha o direito de empregar os instrumentos líticos que aportava, para sua custódia comum, uma Guerreira Sábia; elas conservavam os instrumentos no interior de uma gruta secreta e, quando deviam ser utilizados, os transportavam as três em conjunto; os três grupos do povo, possivelmente obedeciam a um mesmo Rei; com o correr dos séculos, por causa da derrota cultural que logo exporei, a tríplice divisão do povo foi esquecida, ainda que perdurasse por muito tempo o costume de confiar a custódia dos instrumentos líticos a "Três Guerreiras Sábias", ou* ***Vrayas****.*

Todos os Guerreiros e Nobres do Sangue seriam ***Iniciados*** *no Mistério do Sangue Puro: a Iniciação seria aos dezesseis anos, quando se enfrentariam com a Pedra de Vênus e se trataria de que observassem nela o Signo da Origem. Quem pudesse observá-lo disporia nesse momento de Sabedoria suficiente para concretizar a auto-libertação do Espírito e partir para a Origem. Mas, se o Guerreiro Sábio era um Rei, ou um Herói que desejava adiar sua própria liberdade espiritual em procura da libertação de sua Raça, dois seriam os passos seguintes. O primeiro consistia em cumprir a ordem dos Deuses Libertadores e "compreender a serpente com o Signo da Origem", comunicando logo a Sabedoria lograda aos demais Iniciados. Uma vez visto o Signo da Origem, o segundo passo do Iniciado consistia em não apartar atenção da Pedra de Vênus porque nela, sobre sua concavidade, algum dia se veria* ***o Sinal Lítico de K'Taagar****, isto é, uma* ***imagem*** *que assinalaria o caminho para a Cidade dos Deuses Libertadores.*

Este principio daria lugar a uma instituição secreta entre os iberos, da qual falarei muito posteriormente, a dos ***Noyos*** *e* ***Vrayas****, corpos de Iniciados consagrados a custodiar em todo tempo e lugar a Pedra de Vênus e aguardar a manifestação do Símbolo da Origem.*

Assim como aos descendentes ou aliados dos Atlantes Brancos, que executavam o primeiro passo na compreensão da Serpente, e representavam ora com a forma real de réptil, ora abstratamente com a forma da espiral, se os tomou universalmente por adoradores dos ofídios. Tal confusão foi empregada malignamente para atribuir aos Guerreiros Sábios toda sorte de atos e intenções tenebrosas; com esse propósito o Inimigo associou a serpente às idéias que mais terror ou repugnância causam aos povos ignorantes da terra: a noite, a lua, as forças demoníacas, tudo o que é rastejante ou subterrâneo, o oculto, etc. Desse modo, mediante uma vulgarização caluniosa e mal intencionada de seus atos, já que ninguém exceto os Iniciados sabia da existência da Pedra de Vênus e do Signo da Origem, se conseguiu culpar aos Guerreiros Sábios de magia negra, quer dizer, das artes mágicas mais grosseiras, aquelas que se pratica com o concurso das paixões do corpo e da alma: curioso paradoxo! Os Iniciados no Mistério do Sangue Puro acusados de magia negra e de humanidade! Justamente eles que, por compreender a serpente, símbolo total do conhecimento humano, estavam fora do humano!

Terceiro Dia

O Pacto Cultural sobre o qual os Atlantes morenos baseavam suas alianças, por sua vez, era essencialmente diferente do Pacto de Sangue. Aquele acordo se fundava na manutenção perpétua de um **Culto**. *Mais claramente, o fundamento da aliança consistia na fidelidade indeclinável a um Culto revelado pelos Atlantes morenos; o Culto exigia a adoração incondicional dos membros do povo nativo a um Deus e o cumprimento de Sua Vontade, a que se manifestaria por via de seus representantes, a casta sacerdotal formada e instruída pelos Atlantes morenos. Não se deve interpretar com isso que os morenos iniciavam aos povos nativos no culto de seu próprio Deus, pois* **eles afirmavam ser a expressão terrestre de Deus**, *que era o Deus Criador do Universo; eles, diziam, eram consubstanciais com Deus e tinham um alto propósito a cumprir na Terra, ademais de destruir as obras dos Atlantes Brancos: sua própria missão consistia em levantar uma grande civilização da qual sairia, no Final dos Tempos, um Povo Eleito de Deus, também consubstancial com este, ao qual lhe seria dado reinar sobre todos os povos da Terra; certos anjos, a quem os malditos Atlantes Brancos denominavam "Deuses Traidores ao Espírito", apoiariam então o Povo Eleito com todo seu Poder; mas estava escrito que aquela Sinarquia não podia se concretizar sem expulsar da Terra os inimigos da Criação, quem ousavam descobrir aos homens os Planos de Deus para que estes se rebelassem e se apartassem de Seus desígnios; sobrevirá então a Batalha Final entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, quer dizer, entre* **quem adorasse o Deus Criador com o coração** *e quem* **compreendesse a serpente com a mente**.

Resumindo, os Atlantes morenos, que "eram a expressão de Deus", não se propunham a si mesmos como objeto do Culto nem expunham aos nativos sua concepção de Deus, a qual se reduziria **a uma "Autovisão" que o Deus Criador experimentaria desde sua manifestação nos Atlantes morenos**: *em troca, revelavam aos povos nativos o Nome e Aspecto de alguns deuses celestiais, que não eram senão Faces do Deus Criador, outras manifestações Dele no céu; os astros do firmamento, e todo corpo celeste visível ou invisível, expressavam a estes Deuses. Segundo a particular psicologia de cada povo nativo seria, pois, o Deus revelado: a uns, mais primitivos, se mostraria o deus como o Sol, a Lua, um planeta ou estrela, ou determinada constelação; a outros, mais evoluídos, se lhes diria que em tal ou qual astro* **residia** *o Deus de seus cultos. Neste caso, se lhes autorizava a representar ao deus mediante um ídolo que simbolizasse seu rosto oculto, aquele com o qual os sacerdotes o percebiam em sua residência astral.*

Seja como fosse, que Deus fosse um astro, ou existisse por detrás de um astro, que se manifestasse no mundo circundante, na Criação inteira, nos Atlantes morenos ou em qualquer outra casta sacerdotal, o materialismo de semelhante concepção é evidente: um pouco que se aprofunde no assunto e se fará evidente **a matéria**, *posta sempre como o extremo real da Criação de Deus, quando não como a substância mesma de Deus, constituindo a referência natural dos Deuses, o suporte essencial da existência divina.*

É indubitável que os Atlantes morenos adoravam as Potências da Matéria, pois todo o sagrado para eles, aquilo que, por exemplo, assinalavam aos povos nativos no Culto, se fundava na matéria. Com efeito, a santidade que se obtinha pela prática sacerdotal procedia de uma inexorável santificação do corpo e dos corpos. E o poder conseqüente, demonstrativo da superioridade sacerdotal, consistia no domínio das forças da natureza ou, em última instância, de toda a força. Mas, as forças não eram senão manifestações dos Deuses: as forças emergiam da matéria ou se dirigiam a ela, e sua formalização equivalia a sua deificação. Isto é: o Vento, o Fogo, o Trono, a Luz, não podiam ser senão Deuses ou vontade de Deuses: o domínio das forças da Natureza era, assim, uma comunhão com os Deuses. E por

isso a mais alta santidade sacerdotal, a que se demonstrava pelo domínio da Alma, fosse estabelecida como corpo ou como força, significava também a mais abjeta submissão às Potências da Matéria.

O movimento dos astros denotava o ato dos Deuses: os Planos Divinos se desenvolviam com tais movimentos nos que cada ritmo, período, ou ciclo, tinham um significado decisivo para a vida humana. Para tanto, os Atlantes morenos divinizavam o Tempo sob a forma dos ciclos astrais ou naturais e transmitiam aos nativos a crença nas Eras ou Grandes Anos: durante um Grande Ano se concretizava uma parte do Plano que os deuses tinham trazido para o homem, seu destino terrestre. O último Grande Ano, que duraria uns vinte e seis mil anos solares, tinha começado milhares de anos antes, quando o Cisne do Céu se aproximou da Terra e os homens da Atlântida viram descer ao Deus ***Sanat****: vinha ser o Rei do Mundo enviado pelo Deus Sol* ***Ton****, o Pai dos Homens, Aquele que é Filho do Deus Cão* ***Sin****. Os Atlantes morenos glorificavam o momento em que Sanat chegou à Terra e difundiam entre os povos nativos o símbolo do Cisne como sinal daquela recordação primeva: daí o Símbolo do Cisne, e logo de toda ave palmípede, fosse considerado evidência de que um povo houvesse feito um Pacto Cultural; quer dizer, que ainda que o Deus ao qual cada povo prestasse culto fosse diferente, Beleno, Lugh, Bran, Proteu, etc., a identificação comum com o Símbolo do Cisne delatava a instituição do Pacto Cultural. Posteriormente, depois da partida dos Atlantes, o pleito entre os povos nativos se simbolizaria como uma luta entre o cisne e a serpente, pois o conflito era entre os partidários do Símbolo do Cisne e os que Compreendiam o Símbolo da Serpente; naturalmente, o significado desta alegoria só foi conhecido pelos Iniciados.*

O Deus ***Sanat*** *se instalou no Trono dos Antigos Reis do Mundo, existente desde milhões de anos antes no palácio* ***Korn*** *da Ilha Branca* ***Gyg****, conhecida posteriormente no Tibet como* ***Chang Shambalá*** *ou* ***Dejung****. Ali dispunha para governar de incontáveis Almas, pois a Ilha Branca estava na Terra dos Mortos: porém, à Ilha Branca só chegavam as Almas dos Sacerdotes, daqueles que em todas as épocas haviam adorado ao Deus Criador. O Rei do Mundo presidia uma Fraternidade Branca ou Irmandade Branca integrada pelos Mais Santos Sacerdotes vivos ou mortos, e apoiada em seu agir sobre a humanidade com o Poder desses misteriosos Anjos,* ***Seraphim Nephilim****, que os Atlantes Brancos classificavam de Deuses Traidores ao Espírito do Homem: de acordo com os Atlantes Brancos, os Seraphim Nephilim seriam somente duzentos, mas seu poder era tão grande, que regiam sobre toda a Hierarquia Oculta da Terra; contavam, para exercer tal poder, com a autorização do Deus Criador, e os Sacerdotes e Iniciados do Pacto Cultural - que formavam as fileiras da Hierarquia Oculta da Terra - os obedeciam cegamente. Em resumo, em Chang Shambala, na Ilha Branca, existia a Fraternidade Branca, cuja cabeça estavam os Seraphim Nephilim e o Rei do Mundo.*

Cabe esclarecer que a "brancura" predicada sobre a Mansão insular do Rei do Mundo ou sua Fraternidade não se referia a uma qualidade racial de seus moradores ou integrantes senão à ***iluminação*** *que indefectivelmente estes possuiriam em relação ao resto dos homens. A* ***Luz****, em efeito, era a coisa mais Divina, fosse a luz interior, visível pelos olhos da Alma, ou a luz solar, que sustentava a vida e se percebia com os sentidos do corpo: e esta devoção demonstra, mais uma vez, o materialismo metafísico que sustentavam os Atlantes morenos. Segundo eles, à medida que a Alma evoluía e se elevava até o Deus Criador "aumentava sua Luz", quer dizer, aumentava sua aptidão para receber e dar Luz, para converter-se finalmente em pura luz: naturalmente esta luz era uma coisa criada por Deus, vale dizer, uma coisa finita, o limite da perfeição da Alma, algo que jamais poderia ser ultrapassado sem contradizer os planos de Deus, sem cair na heresia mais abominável. Os Atlantes brancos, contrariamente, afirmavam que na Origem, mais além das estrelas, existia uma Luz Não Criada que só poderia ser vista pelo Espírito: essa luz infinita era imperceptível pela Alma. Entretanto, embora invisível, frente a ela a Alma se sentia como diante da negrura mais impenetrável, um abismo infinito, e sumia num terror incontrolável: e isso se devia que* ***a Luz Não Criada do Espírito***

transmitia à Alma a intuição da morte eterna em que ela, como toda coisa criada, terminaria sua existência no final de um super "Grande Ano" de manifestação do Deus Criador, um "Mahamanvantara".

De modo que a "brancura" da Fraternidade a que pertenciam os Atlantes morenos não provinha da cor da pele de seus integrantes, mas da "luz" de suas Almas: a Fraternidade Branca não era racial, mas religiosa. Suas filas se nutriam somente de Sacerdotes Iniciados, que ocupavam sempre um "justo lugar" de acordo com sua devoção e obediência aos Deuses. O sangue dos vivos tinha para eles um valor relativo: se com sua pureza se mantinha coeso ao povo nativo aliado então que se o conservasse, mas se a proteção do Culto exigia a mestiçagem com outro povo, poderia degradar-se sem problemas. O Culto seria o eixo da existência do povo nativo e tudo lhe estaria subordinado em importância; tudo, ao fim, deveria ser sacrificado pelo Culto: em primeiro lugar o Sangue Puro dos povos aliados dos Atlantes Brancos. Era parte da missão, uma obrigação do Pacto Cultural: o Sangue Puro derramado alegrava aos deuses e eles reclamavam sua oferenda. Por isso os Sacerdotes Iniciados deveriam ser Sacrificadores do Sangue Puro, deveriam exterminar os Guerreiros Sábios ou destruir sua herança genética, deveriam neutralizar o Pacto de Sangue.

Até aqui lhe descrevi as principais características dos dois Pactos. Não pude evitar o emprego de conceitos obscuros ou pouco habituais, mas terá de compreender, estimado doutor, que careço de tempo necessário para entrar em maiores detalhes. Contudo, antes de continuar com a história de meu povo e minha família, farei um comentário sobre as conseqüências que as alianças com os Atlantes trouxeram aos povos nativos.

Se em algo contribuíram na História as castas sacerdotais formadas pelos Atlantes morenos, a parte de seu fanatismo e crueldade foi na arte do engano. Fizeram, literalmente, qualquer sacrifício se este contribuía à preservação do Culto: o cumprimento da missão, esse Alto Propósito que satisfazia a Vontade dos Deuses, justificava todos os meios empregados e os converteu em mestres do engano. E então não se deve estranhar que muitas vezes simulassem ser reis, ou se escudassem atrás de reis e nobres, se isso favorecia seus planos; mas isto não pode confundir a ninguém: Reis, Nobres ou Senhores, se seus atos apontam a manter um culto, se professavam devota submissão aos Deuses da Matéria, se derramavam Sangue Puro ou tentavam degradá-lo, se perseguiam aos Sábios ou afirmavam a heresia da Sabedoria, indubitavelmente eram Sacerdotes camuflados, ainda que suas funções sociais não aparentassem. ***O princípio para estabelecer a filiação de um povo aliado dos Atlantes consiste na oposição entre Culto e Sabedoria****: o sustento de um Culto às Potências da Matéria, a Deuses que se situam por cima do homem e aprovam sua miserável existência terrena, a Deuses Criadores ou Determinadores do Destino do homem, coloca automaticamente a seus fiéis no marco do Pacto Cultural, estejam os Sacerdotes à vista ou não.*

Opostamente, os Deuses dos Atlantes Brancos não requeriam nem Culto nem Sacerdotes: falavam diretamente no Sangue Puro dos Guerreiros e estes, por escutar Suas Vozes, se tornavam Sábios. Eles não tinham vindo para conformar o homem na sua desprezível condição de escravo na Terra, mas para incitar ao Espírito humano à rebelião contra o Deus Criador da prisão material e a recuperar a liberdade absoluta na Origem, mais além das estrelas. Aqui será sempre um servo da carne, um condenado à dor e ao sofrimento da vida; ali será o Deus que antes havia sido, e tão poderoso como Todos. E, desde então, não haveria ***paz*** *para o Espírito enquanto não concretizasse o Regresso à Origem, enquanto não reconquistasse a liberdade original****; o Espírito era estrangeiro na Terra e prisioneiro da Terra****: salvo aquele que estivesse adormecido, confuso num extravio extremo, enfeitiçado pela ilusão do Grande Engano. Na Terra, o Espírito só poderia manifestar-se em guerra perpetuamente, contra as Potências da Matéria que o mantinham prisioneiro. Sim, a paz estava na Origem: aqui somente poderia haver guerra para o Espírito Desperto, quer dizer, para o Espírito*

Sábio; e a Sabedoria só poderia ser oposta a todo Culto que obrigasse o homem a se por de joelhos perante um deus.

Os Deuses Libertadores jamais falavam de paz, mas de Guerra e Estratégia: e então a Estratégia consistia em manter-se em estado de alerta e conservar o acordo com os Atlantes Brancos, até o dia em que o teatro de operações da Guerra Essencial se mudasse novamente para a Terra. E isso não era a paz, mas a preparação para a guerra. Mas cumprir com a missão, com o Pacto de Sangue, manter o povo em estado de alerta, exigia certa técnica, um modo de vida especial que lhes permitisse viver como estrangeiros na Terra. Os Atlantes Brancos tinham transferido aos povos nativos um modo de vida semelhante, muitas de cujas pautas seriam atualmente incompreensíveis. No entanto tratarei de expor os princípios mais evidentes em que se baseavam para conseguir os objetivos propostos: simplesmente se tratava de três conceitos, o princípio da **Ocupação**, *o princípio do* **Cerco** *e o princípio da* **Muralha**; *três conceitos complementados por aquele legado da Sabedoria Atlante que eram a agricultura e a pecuária.*

Em primeiro lugar, os povos aliados dos Atlantes Brancos não deveriam esquecer nunca o princípio da Ocupação do território e teriam de prescindir definitivamente do princípio de propriedade da terra, sustentado pelos partidários dos Atlantes morenos. Com outras palavras, a terra habitada era terra ocupada e não terra própria; ocupada a quem? Ao inimigo, às Potências da Matéria. A convicção desta distinção pessoal bastaria para manter o estado de alerta, pois o povo ocupante era assim consciente de que o Inimigo tentaria **recuperar** *o território por qualquer meio: sob a forma dos povos nativos aliados aos Atlantes morenos, como outro povo invasor ou como adversidade das Forças da natureza. Crer na propriedade da terra, pelo contrário, significava baixar a guarda frente ao Inimigo, perder o estado de alerta e sucumbir ante Seu Poder de Ilusão.*

Compreendido e aceitado o princípio de Ocupação, os povos nativos deveriam proceder, em segundo lugar, a **cercar** *o território ocupado ou, pelo menos, a assinalar sua área. Por quê? Porque o princípio de Cerco permitia separar o território ocupado do território inimigo:* **fora da área ocupada e cercada se estendia o território do Inimigo**. *Então, quando se dispunha de uma área ocupada e cercada, se podia semear e fazer produzir a terra.*

Com efeito, o modo de vida estratégico herdado dos Atlantes Brancos, os povos nativos estavam obrigados a obrar segundo uma ordem estrita, que nenhum outro princípio podia alterar: em terceiro lugar, depois da ocupação e do cerco, se podia praticar o **cultivo**. *A causa desse rigor era a capital importância que os Atlantes Brancos atribuíam ao* **cultivo** *como ato capaz de libertar o Espírito ou de aumentar sua escravidão da matéria. A fórmula correta era a seguinte: se um povo* **de Sangue Puro** *realizava o* **cultivo** *sobre uma terra* **ocupada**, *e não esquecia em nenhum momento que o Inimigo se encontrava afora, então, dentro do* **cerco**, *seria livre para elevar-se até o Espírito e adquirir a Mais Alta Sabedoria. Caso contrário, se cultivava a terra crendo em sua* **propriedade**, *as Potências da Matéria emergiriam da Terra, se apoderariam do homem, e o integrariam no contexto, convertendo-o num objeto dos Deuses; em conseqüência, o Espírito sofreria uma queda na matéria ainda mais atroz, acompanhada da ilusão mais nociva, pois acreditaria ser* **livre** *em sua propriedade quando seria somente um apêndice do organismo criado pelos deuses. Quem cultivasse a terra, sem ocupá-la e cercá-la previamente, e se sentisse dono ou desejasse sê-lo, seria fagocitado pelo contexto regional e experimentaria a ilusão de* **pertencer** *a ele. A propriedade implica uma relação dúbia, recíproca e inevitável: a propriedade pertence ao proprietário e este à propriedade. É claro:* **não poderia haver posse sem uma prévia pertinência da propriedade a apropriar**. *Mas, o que se sentisse pertencer à terra ficaria desguarnecido frente o Poder de Ilusão do Inimigo: não se comportaria como estrangeiro na Terra, como o homem espiritual que cultiva no cerco estratégico, pois se arraigaria e amaria a terra; creria na paz e alimentaria essa ilusão; se sentiria* **parte** *da natureza e aceitaria que* **tudo** *é obra dos*

deuses; se ***diminuiria*** *em seu lar e se assombraria da* ***grandeza*** *da criação, que o rodeia por todas as partes; não conceberia jamais uma saída da criação: antes, tal idéia o afundaria num terror sem nome, pois nela intuiria uma heresia abominável, uma insubordinação à vontade do criador que poderia acarretar-lhe castigos imprevisíveis; se submeteria ao Destino, à Vontade dos Deuses que o decidem, e lhes renderia Culto para ganhar seu favor ou aplacar suas iras; seria abrandado pelo medo e já não teria forças, nem para se opor aos deuses, nem sequer para lutar contra a parte animal e anímico de si mesmo, mas tampouco para que o Espírito a dominasse e transformasse em Senhor de Si Mesmo; enfim, creria na propriedade da terra, mas pertenceria à Terra, e cumpriria ao pé da letra com o assinalado pela Estratégia inimiga.*

O princípio da ***Muralha*** *era a aplicação fática do princípio do* ***Cerco****, sua projeção real. De acordo com a Sabedoria Lítica dos Atlantes Brancos, existiam muitos Mundos em que o Espírito estava prisioneiro e em cada um deles o princípio da Muralha exigia diferente aplicação: no mundo físico, sua aplicação correta conduzia à* ***Muralha de Pedra****, a mais efetiva vala* ***estratégica*** *contra qualquer pressão do Inimigo. Por isso os povos nativos que iam cumprir a missão, e participavam do Pacto de Sangue, eram instruídos pelos Atlantes Brancos na construção de muralhas de pedra como ingrediente fundamental de seu modo de vida: todos que ocupassem e cercassem a terra para praticar o cultivo, com o fim de sustentar no lugar uma obra aos Atlantes Brancos, tinham também de levantar muralhas de pedra. Mas a ereção das muralhas não dependiam só das características da terra ocupada, mas em sua construção deveriam intervir princípios secretos da Sabedoria Lítica, princípios que só os Iniciados no Mistério do Sangue Puro, os Guerreiros Sábios, podiam conhecer. Compreender-se-á melhor o porquê desta condição se digo que os Atlantes Brancos aconselhavam "olhar com um olho para a muralha e com o outro para a Origem", o que só seria possível se a muralha se achava* ***referida****, de algum modo, à Origem.*

O princípio para estabelecer a filiação de um povo aliado dos Atlantes consiste na oposição entre o ***Culto*** *e a* ***Sabedoria****: mas quais são os indícios fáticos, as provas concretas, quer dizer, aquilo que é mais evidente para determinar se se trata de Culto ou Sabedoria? Em todo caso, deve-se observar se existe o* ***Templo*** *ou a* ***Muralha de Guerra****: porque a prática de um Culto está indissoluvelmente associada à existência de um Templo correspondente: o Templo é o fundamento fático do Culto, seu extremo material; e porque a prática da Sabedoria está indissoluvelmente associada à existência de uma* ***Muralha Estratégica****: a Muralha de Guerra é o fundamento fático do modo de vida estratégico, de seu assento material. Este princípio explica o fato de a Fraternidade Branca ter sustentado na Terra, em todos os tempos, Comunidades e Ordens Secretas especializadas na construção de Templos, que colaborariam estreitamente com os Sacerdotes do Pacto Cultural; e explica também o fato de que os Senhores de Agartha sustentem, através da História, a Ordens de Construtores de Muralhas de Pedra, Ordens integradas exclusivamente pelos descendentes brancos dos Atlantes Brancos, que dominam a Sabedoria Lítica e a Estratégia de Guerra Essencial.*

Quarto Dia

Por tudo o que foi visto, será evidente que o modo de vida estratégico só poderia gerar um tipo de cultura extremadamente austera. Com efeito, os povos do Pacto de Sangue jamais se destacaram por outro valor cultural que não o de habilidade para ganhar guerras. É que estes povos, ao princípio, se comportavam como verdadeiros estrangeiros na Terra: **ocupavam** *a região em que viviam, por vezes durante séculos, mas sempre pensando em partir, sempre se preparando para a guerra, sempre desconfiando da realidade do mundo e demonstrando uma hostilidade essencial em relação aos deuses estranhos. Não deve surpreender, pois, que fabricassem poucos utensílios e ainda menos objetos suntuosos; mas, ainda que escassas, tais coisas eram aperfeiçoadas o suficiente como que para lembrar que se tratava de povos construtores, dotados de hábeis artesãos; para comprová-lo não bastaria mais que olhar a produção de armas, na que sempre se sobressaíram: estas sim se fabricavam em quantidade e qualidade sempre crescente, sendo proverbial o temor e respeito causados por elas nos povos do Pacto Cultural, que experimentaram a eficácia de seu poder ofensivo.*

Os povos do Pacto Cultural, contrariamente aos **ocupantes** *da terra, acreditavam na* **propriedade** *do solo, amavam o mundo, e rendiam culto aos Deuses propiciatórios: suas culturas eram sempre abundantes na produção de objetos suntuosos e ornamentais. Entre eles se aceitava que o trabalho da terra era desprezível pelo homem, ainda que se o praticasse por obrigação: sua maior habilidade estava no comércio, que lhes servia para difundir seus objetos culturais e impor o culto de seus deuses. De acordo com suas crenças, o homem deveria se resignar com sua sorte e viver o melhor possível nesse mundo: tal a Vontade dos deuses, que não se podia desafiar. E para cumprir com essa Vontade, o correto era servir a seus representantes na Terra, os Sacerdotes e Reis do Culto: os Sacerdotes transmitiam ao povo a Voz dos Deuses e suplicavam aos Deuses pela sorte do povo; paravam o braço dos Reis amantes da guerra e intercediam pelo povo quando a taxação fosse excessiva; eram os autores da lei e às vezes distribuíam justiça; que males não se abateriam sobre o povo se os Sacerdotes não estivessem ali para apaziguar a ira dos Deuses? Por outra parte, segundo eles não seria necessário buscar a Sabedoria para progredir culturalmente e alcançar um alto grau de civilização: bastava procurar a* **perfeição do conhecimento**, *por exemplo, superar o valor utilitário de um utensílio e logo transformá-lo em objeto suntuoso ou artístico. A Sabedoria era própria dos Deuses e a estes irritava que o homem invadisse seus domínios: o homem deveria somente* **conhecer** *e aperfeiçoar o conhecido, até que, num limite de excelência da coisa, esta conduzisse ao conhecimento de outra coisa que também precisava melhorar, multiplicando deste modo a quantidade e qualidade dos objetos culturais, e evoluindo a formas cada vez mais complexas de Cultura e Civilização. Graças aos Sacerdotes, pois, que condenavam a heresia da Sabedoria, mas aprovavam com entusiasmo a aplicação do conhecimento na produção de objetos que fizessem mais confortável a vida do homem, as civilizações de costumes refinados e luxos exorbitantes contrastavam notavelmente com o estilo de vida austero dos povos do Pacto de Sangue.*

Ao princípio essa diferença, que era lógica, não causou nenhum efeito nos povos do Pacto de Sangue, sempre desconfiados de quanto pudesse debilitar seu modo de vida guerreiro: uma queda se produziria, profetizavam os Guerreiros Sábios, se permitiam que as culturas estrangeiras contaminassem seus costumes. Esta certeza lhes permitiu resistir por muitos séculos, enquanto no mundo cresciam e se estendiam as civilizações do Pacto Cultural. Não obstante, com o correr dos séculos, e por numerosos e variados motivos, os povos do Pacto de Sangue acabaram por sucumbir **culturalmente** *frente aos povos do Pacto Cultural. Sem entrar em detalhes, se pode considerar que duas foram as causas principais desse resultado. Por parte dos povos do Pacto de Sangue, uma espécie de* **fadiga** *coletiva que enervou a*

vontade guerreira: algo assim como o torpor que por momentos invade as sentinelas em jornadas muito longas de vigilância; essa fadiga, esse torpor, essa debilidade volitiva, os deixou inermes frente ao Inimigo. Por parte dos povos do pacto Cultural, uma diabólica Estratégia, elucubrada e executada pelos sacerdotes, baseada na exploração da Fadiga de Guerra mediante a tentação da ilusão: assim, os povos do Pacto de Sangue foram tentados com a ilusão da paz, a ilusão da trégua, com a ilusão do progresso cultural, com a ilusão da comodidade, do prazer, do luxo, do conforto, etc.; talvez a arma mais efetiva tenha sido a tentação do amor das belas sacerdotisas, especialmente treinadas para despertar as paixões adormecidas dos Reis Guerreiros.

Com a tentação da ilusão, os Sacerdotes procuraram acertar alianças de sangue entre os povos combatentes, selar os "tratados de paz" com a consumação de bodas entre membros da nobreza reinante; naturalmente, como se tratava de casar os indivíduos da melhor linhagem, e da mesma raça, às vezes não ocorria a degradação do Sangue Puro. Que buscavam, então, os Sacerdotes, com tais uniões? Dominar culturalmente os povos do Pacto de Sangue. Eles tinham bem claro que o Sangue Puro, por si só, não bastava para manter a Sabedoria, se carece de vontade espiritual para ser livre na Origem, vontade que se ia debilitando por causa da Fadiga de Guerra. A Sabedoria faria ao Espírito livre na Origem, e mais poderoso que o Deus Criador; mas neste mundo, onde o Espírito está aprisionado ao animal-homem, o Culto ao Deus Criador acabaria dominando a Sabedoria, sepultando-a sob o manto do terror e do ódio. Uma vez submetidos culturalmente, já teriam tempo, os Sacerdotes, para cumprir com seu próprio Pacto e degradar o Sangue Puro do Pacto de Sangue, e destruir as obras dos Atlantes Brancos.

No meu povo, doutor Siegnagel, as coisas ocorreram deste modo. Os Reis, cansados de lutar e de esperar o retorno dos Deuses Libertadores, se deixaram tentar pela ilusão de uma paz que lhes prometia múltiplas vantagens: caso se aliassem aos povos do Pacto Cultural, ascenderiam a sua "avançada" cultura, compartilhariam seus costumes refinados, desfrutariam dos mais diversos objetos culturais, habitariam em casas mais cômodas, etc.; e as alianças se selariam com matrimônios convenientes, enlaces que deixariam a salvo a dignidade dos Reis e não os obrigariam a ceder, ***de entrada****, a Sabedoria frente ao Culto. Eles acreditavam, ingenuamente, que estavam pactuando uma trégua em que nada perdiam e tinham muito a ganhar: e essa crença, essa cegueira, essa loucura, essa fadiga incompreensível, esse torpor, esse feitiço, foi a ruína de meu povo e a maior falta ao Pacto de Sangue com os Atlantes Brancos, uma Falta de Honra. Oh, que loucura! Crer que se podia reunir numa mão só o Culto e a Sabedoria! O resultado, o desastre, eu diria, foi que os sacerdotes atravessaram as muralhas e se instalaram entre os Guerreiros Sábios; ali intrigaram até impor seus Cultos e conseguir que se esquecesse a Sabedoria; e por último, se lançaram avidamente a resgatar as Pedras de Vênus, as quais remeteriam com presteza à Fraternidade Branca mediante mensageiros que viajavam a regiões longínquas. Só muito poucos Iniciados tiveram a Honra e o Valor de resistir a tão repudiável trama e dispuseram de meios para preservar a Pedra de Vênus, e o que se recordava da Sabedoria.*

Entre tais Iniciados, se contou um de meus remotos antepassados, quem engastou a Pedra de Vênus na guarnição de uma espada de ferro: era aquela uma arma de imponente beleza e notável simbolismo; além de sustentar a Pedra de Vênus, o arriaz se quebrava até em cima como dois gaviões de ferro que protegiam a empunhadura e davam ao conjunto uma forma de tridente invertido; a empunhadura, por sua parte, era de um osso branco como marfim, mas espiralado, e se afirmava com convicção que pertencia ao chifre do Barbo Unicórnio, animal mítico que representava o homem espiritual; e o pomo, de ferro como a folha, possuía também um par de gaviões elevados, que formavam um segundo tridente invertido. Na Idade Média, como se verá, outros iniciados lhe gravou na folha a inscrição ***"honor et mortis"****. Pois bem, esse Iniciado estabeleceu a lei de que aquela espada deveria pertencer apenas aos Reis da linhagem original, aos descendentes dos Atlantes Brancos. Vãs foram, nesse caso, os intentos de gerações de Sacerdotes para se desfazer da Espada Sábia, denominada assim pelo povo: como se verá, ela*

se conservou enquanto possível, e quando isso já não foi possível, manteve-a oculta até os dias de Lito de Tharsis, o antepassado que veio à América em 1534.

Repito: a loucura de reunir numa só Estirpe o Culto e a Sabedoria causou um desastre nos povos do Pacto de Sangue: ***a interrupção da cadeia iniciática****. Ocorreu assim que num dado momento, quando os Deuses do Culto se impuseram, pagou-se a Voz do Sangue Puro e os Iniciados perderam a possibilidade de escutar aos Deuses Libertadores:* ***a vontade*** *de regressar à Origem se debilitara há tempos e agora careciam de* ***orientação****. Sem a Voz, e sem a Orientação para a Origem, já não havia Sabedoria para transmitir, já não se veria o Signo da Origem na Pedra de Vênus. Os Iniciados comprovaram, de pronto, que algo se havia cortado entre eles e os Deuses Libertadores. E compreenderam, muito tarde, que o futuro da missão e do Pacto de Sangue dependia como nunca da luta entre o Culto e a Sabedoria, mas uma luta que já não se travaria fora, mas dentro, no campo do sangue. Que fizeram os Iniciados ao comprovar essa realidade irreversível, as trevas que se abatiam sobre o Espírito, para contra-atacar? Quase todos obraram do mesmo modo. Partindo do princípio de que tudo quanto há no mundo é só uma imitação grosseira das coisas do Mundo Verdadeiro, e ante a impossibilidade de localizar a Origem e o Caminho para o mundo verdadeiro, optaram por empregar os últimos restos da Sabedoria para plasmar nas estirpes de Sangue mais Puro uma missão familiar, consistente* ***na compreensão inconsciente, com o Signo da Origem, de um Arquétipo****. Deve-se ver o quão modesta é esta missão: os Antigos Iniciados, os Guerreiros Sábios, eram capazes de "compreender a serpente, com o Signo da Origem"; e a Serpente é um símbolo* ***que contem Todos os Arquétipos criados pelo Deus do Universo****, Símbolo que se compreendia conscientemente com o Signo* ***não-criado*** *da Origem. Agora os Iniciados propunham, e não tinham muitas opções, que uma família trabalhasse cegamente sobre UM Arquétipo criado, tratando de que o Símbolo da Origem presente no Sangue o compreendesse casualmente um dia e revelasse a Verdade da Forma Não-Criada.*

Em resumo, doutor Siegnagel, a certas Estirpes, por cujas veias corre o sangue Divino dos Atlantes Brancos, se lhes assinalou uma missão familiar, um objetivo a lograr com o passo de incontáveis gerações que iriam repetindo perpetuamente um mesmo drama, girando em torno de um mesmo Arquétipo. Como o Alquimista retorna sempre ao chumbo, os membros da família eleita repetiriam incansavelmente as provas estabelecidas pelos Antepassados, até que um deles, um dia, girando um círculo percorrido mil vezes sob outros céus, alcançasse cumprir a missão familiar, purificando então seu ***sangue astral****. Produzir-se-ia uma transmutação que permitiria remontar à involução do Kali Yuga ou Idade Obscura, voltar à Origem e adquirir novamente a Sabedoria.*

É óbvio que a missão familiar seria secreta e que atualmente é desconhecida para os membros das Estirpes descendentes dos Atlantes brancos. A missão exigia o cumprimento de uma pauta específica cujo conteúdo não teria relação necessária com as metas e objetivos de sua comunidade cultural: inclusive, segundo a época, a pauta poderia ser incompreensível ou mesmo chocar os cânones em voga. Mas nada disso importaria porque a missão estaria plasmada no sangue familiar, na árvore da Estirpe, e os ramos descendentes iriam tender inevitavelmente para a pauta, num esforço inconsciente e sobre-humano por superar a queda espiritual. Desde logo, a pauta específica descreveria o Arquétipo que deveria se formar no Sangue, com o Símbolo da Origem, para transcendê-lo e chegar à Forma Não-Criada. A algumas famílias, por exemplo, se lhes encomendou à perfeição de uma ***pedra****, de um* ***vegetal****, de um* ***animal****, de um* ***símbolo****, de uma* ***cor****, de um* ***som****, de uma* ***função*** *orgânica determinada, de um* ***instinto****, etc. A perfeição da coisa pautada requeria penetrar na sua íntima essência até tocar os limites metafísicos, quer dizer, até ajustar-se à forma perfeita do Arquétipo criado: por conseguinte, considerando que o Arquétipo criado é somente uma mera cópia da Forma Não Criada, seria possível* ***orientar-se*** *novamente até a Origem presente no Sangue Puro; e ali estava a Sabedoria.*

A missão familiar não culminava, pois, na simples apreensão transcendente do Arquétipo criado, mas exigia sua **recriação** *espiritual. Partindo de uma qualidade existente no mundo, se voltaria sobre ela uma e outra vez, incansavelmente, durante éons, até penetrar sua íntima essência e concretizar sua perfeição arquetípica: se* **recriaria**, *então, a qualidade no Espírito e se a compreenderia com o símbolo da Origem. Somente assim se daria a condição de Existência para o Espírito, somente assim o Espírito* **seria** *algo existente mais além da criação: não percebendo a ilusão do criado, mas recriando o percebido no Espírito e compreendendo-o com o Não-Criado. Ao cumprir deste modo com a missão familiar, o sangue astral, e não a hemoglobina, se purificaria e faria possível uma transmutação própria dos Iniciados Hiperbóreos ou Guerreiros Sábios, a que transforma o homem num super-homem imortal.*

No curso dessa via não evolutiva, os convocados, os chamados a cumprir com a missão familiar, serão capazes de **criar** *"magicamente" várias coisas. Os iniciados no Mistério do Sangue Puro obtêm, por exemplo, um vinho mágico,* **soma**, **haoma** *ou* **amrita**; *após uma destilação milenar do licor pautado, este é incorporado no Sangue,* **recriado**, *como um néctar transmutador. Também a manipulação do som permite subir a uma harmonia superior, a uma música das esferas; o Espírito, vibrando em uma nota única,* **om**, *recria a essência inefável do* **logos**, *o Verbo Criador. E tanto aquele néctar como esse som, ou outras formas arquetípicas semelhantes, podem ser recriadas no Espírito e compreendidas pelo Símbolo da Origem, compreendidas pelo Não-Criado, abrindo assim as portas à origem e à Sabedoria.*

Sua família, doutor Siegnagel, foi destinada para produzir um mel arquetípico, o sumo máximo do doce. Desde tempos remotos, seus antepassados têm trabalhado todas as formas do açúcar, dos melaços mais grosseiros ao mel mais excelente. Um dia se esgotou seu manejo empírico e um açúcar metafísico, quer dizer, um Arquétipo, se incorporou ao sangue astral da família, dando começo a um lento processo de refinamento interior que culmina no senhor. Hoje o açúcar metafísico foi ajustado à perfeição arquetípica e o esforço de milhares de antepassados se condensou na sua pessoa: a doçura buscada está em seu Coração. Ao senhor lhe cabe dar o último passo da transmutação, recriar esse açúcar arquetípico no Espírito, e compreendê-lo com o Símbolo da Origem. Mas não sou eu a falar disso, pois um dia seus antepassados se farão presentes, todos juntos, e lhe reclamarão o cumprimento da missão.

Quinto Dia

Agora, que já lhe comuniquei estes antecedentes imprescindíveis, mergulharei na história de minha família, doutor Siegnagel. A mesma, segundo adiantarei, descende diretamente dos Atlantes Brancos e, portanto, dos Antigos Divinos Hiperbóreos. Há milhares de anos os Iberos foram vítimas também desta Fadiga de Guerra que ia causando uma amnésia generalizada nos descendentes dos Atlantes Brancos. Primeiro se flexibilizou a austeridade dos costumes e se permitiu que os hábitos urbanos dos povos do Pacto Cultural se confundissem com o modo de vida estratégico: aquela penetração cultural teve papel decisivo na desmoralização do povo, na perda de seu alerta guerreiro. Logo se selaram as alianças de sangue que, conforme o engano de que padeciam os Guerreiros Sábios, concretizariam as ilusões da paz, da riqueza, da comodidade, do progresso, etc. Logicamente, junto com os príncipes e princesas dos povos do Pacto Cultural, vieram os Sacerdotes impor seus Cultos aos Deuses Traidores e às Potências da Matéria. Os guerreiros perderam assim sua espiritualidade, conheceram o temor e especularam com o valor da vida: ainda seriam capazes de lutar, mas só até os limites do medo, como os animais; e, por suposto, se fariam "temerosos dos Deuses", respeitosos de suas vontades supremas a que ninguém ousaria desafiarem; já não levantariam, pois, a vista da Terra e nem buscariam a Origem. Dali por diante somente os ***Heróis*** *protagonizariam as façanhas que os guerreiros agora não se atreveriam a realizar: triste lugar de exceção, o reservado aos Heróis, quando nos dias dos Atlantes Brancos toda a Raça era uma comunidade de Heróis.*

O triunfo do Culto causou o esquecimento da Sabedoria. O Espírito foi adormecendo no Sangue Puro e só aqueles Guerreiros Sábios que, todavia conservavam um resto de lucidez atinaram o recurso desesperado de plasmar as missões familiares. No caso de nossa estirpe, doutor Siegnagel, a loucura de reunir em uma só mão, Culto e Sabedoria conduziu a meus antepassados a uma proposta demente: estabeleceram como pauta ***o aperfeiçoamento do Culto****. Quer dizer, a coisa a aperfeiçoar não seria para nós uma mera qualidade, tal como a cor ou o som, mas o próprio Culto imposto pelos Sacerdotes, o Culto a uma deidade revelada pelos Atlantes morenos. E me refiro especificamente a* ***Belisana****, deusa do Fogo. Mas* ***todo Culto é a descrição de um Arquétipo****: a missão familiar exigia, pois, o demente objetivo de aperfeiçoar o Culto até ajustá-lo a seu Arquétipo, que era este uma Deusa, vale dizer, uma Face do Deus Criador; e, para culminar, se ordenava* ***recriar*** *no Espírito a esse Arquétipo, essa Deusa, e compreendê-la com o Símbolo Não-Criado da Origem: isso era como compreender que o Espírito de um membro descendente da família abrangesse um dia ao Deus Criador, e ao Universo inteiro, para compreendê-lo com o Símbolo da Origem! Isso era como exigir a Mais Alta Sabedoria, o cumprimento do mandato dos Atlantes Brancos:* ***compreender a Serpente com o Símbolo da Origem****.*

Não posso assegurar-lhe se esta alucinante proposta foi o produto da loucura de meus antepassados ou obedeceu a uma inspiração superior, a uma solicitação que os Deuses Libertadores faziam à Estirpe: talvez Eles soubessem desde o princípio um dos nossos chegaria a cumprir a missão familiar e despertaria como Guerreiro Sábio, justo no momento em que se travasse na Terra, a Batalha Final. Porque, se descartamos um ato de loucura dos Guerreiros Sábios e aceitamos que obraram com plena consciência do que supunham conseguir, não se explica a extrema dificuldade de semelhante missão a menos que seu cumprimento contribuísse à Estratégia de Guerra Essencial e se confiasse na ajuda e na liderança invisível dos Deuses Libertadores. Talvez, então, os Deuses Libertadores quisessem contar durante a Batalha Final com Iniciados capazes ***de enfrentá-los cara a cara****, e tivessem dotado certas linhagens como a minha com o instrumento adequado para tal, que é a* ***compreensão do Arquétipo dos Deuses****. Esta necessidade se entende por meio de uma antiga idéia que os Atlantes*

Brancos transmitiram aos Guerreiros Sábios de meu povo: de acordo com essa revelação, os Deuses Libertadores eram Espíritos Não-Criados que existiam livremente fora de qualquer determinação material; mas os Espíritos encadeados na matéria, no animal-homem, haviam perdido a Origem e, com isso, a capacidade de perceber o Não-Criado: só poderiam relacionar-se com o criado, com as formas arquetípicas; por isso os Deuses Libertadores empregavam como máscara alguns Arquétipos de Deuses para se manifestar aos homens: naturalmente, tais manifestações só teriam lugar frente aos Iniciados Hiperbóreos, porque somente os Iniciados seriam capazes de transcender as máscaras, as formas dos Arquétipos criados, e resistir cara a cara com as Presenças Terríveis dos Deuses Libertadores. Sendo assim, talvez Eles tenham querido que um iniciado de minha Estirpe chegasse algum dia, presumivelmente durante a batalha final, a se por em contato com a Deusa Hiperbórea que se manifesta através de Belisana, que os Atlantes Brancos chamavam ***Frya*** *e os Antigos Hiperbóreos* ***Lillith****.*

Qualquer que fosse o caso, por loucura ou inspiração Divina, o certo é que a pauta daquela missão determinou que nossa família se consagrasse com ardor à perfeição do Culto à Deusa Belisana. Certamente esta dedicação tão especial à prática do Culto foi salvadora pois, durante muitas gerações, se acreditou que a nossa era uma linhagem de Sacerdotes: na verdade, os primeiros descendentes da missão familiar não deveriam se diferenciar muito dos mais fanáticos Sacerdotes adoradores do Fogo. Entretanto, com o correr das gerações, foram surgindo membros que penetraram mais e mais na essência do ígneo.

A Deusa Belisana estava representada, no Culto primitivo, pela Chama de uma Lâmpada Perene dos Atlantes morenos. As Lâmpadas Perenes foram cedidas pelos Sacerdotes para selar as alianças de sangue entre os membros do povo do Pacto Cultural e do Pacto de Sangue, e como meio mágico mais seguro para impor o Culto sobre a Sabedoria. Deste modo, entre os Iberos de meu povo, um Guerreiro Sábio contraiu enlace com uma princesa ibera, que era também sacerdotisa do culto a Belisana, e recebeu como dote aquela lâmpada cuja chama não se apagava nunca. Absurdamente, minha família passou a possuir então a Espada Sábia, com a Pedra de Vênus dos Atlantes Brancos, e a Lâmpada Perene, com a Chama dos Atlantes morenos. Mas a Espada Sábia não desempenharia ainda seu papel: era zelosamente conservada, por tradição familiar, pois se havia perdido a capacidade de enxergar na pedra o Signo da Origem. Em troca, a Lâmpada Perene, ao Culto da Chama Sagrada, se dava toda a atenção. Assim, houve descendentes que conseguiram aperfeiçoar a Divina Chama, aproximando-a cada vez mais ao Arquétipo Ígneo da Deusa. E houve também descendentes que lograram apreender a essência do Ígneo, incorporando o Arquétipo do Fogo no sangue familiar. Quando isto ocorreu, alguns antepassados, prudentemente, abandonaram o Culto da Chama e se retiraram a um Senhorio no Sul da Espanha. Deixaram a Lâmpada Perene aos demais familiares, que eram incapazes de faltar ao Culto, e conservaram a Espada Sábia, que para aqueles nada significava. Por suposto, quem ficou com a custódia da Lâmpada Perene continuaram a ser Reis ou Sacerdotes porque o povo estava completamente entregue ao Culto da Deusa Belisana: os que se retiraram meus antepassados diretos tiveram de ceder em troca todos os seus direitos à sucessão real. Não obstante, mantiveram algum poder como Senhores da Casa de Tharsis, próxima a Huelva, na Andaluzia.

Foi então quando adotaram o ***Barbo Unicórnio*** *como símbolo da Casa de Tharsis. A princípio representavam o animal mítico em seus escudos ou primitivos brasões, mas na Idade Média, como se verá, foi incorporado heraldicamente ao escudo de armas familiar. O barbo cavaleiro,* ***barbus eques****, é o mais comum nos rios da Espanha, especialmente o Odiel que circulava a escassos metros de Tharsis; recebe o peixe tal nome por causa de quatro barbatanas que tem a mandíbula inferior muito saliente. No entanto, o barbo a que se referiam os Senhores de Tharsis era um peixe provido de um chifre frontal e cinco barbatanas. O mito que justificava o símbolo afirmava que o barbo, deslocando-se pelo Odiel, era semelhante à Alma transitando pelo Tempo transcendente da Vida: uma representação do animal-*

homem. Mas os descendentes dos Atlantes Brancos não eram como o animal-homem, mas possuíam um Espírito Não-Criado aprisionado na Alma criada: então o barbo não os representava concretamente. Daí a adição do chifre espiralado, que correspondia ao instrumento empregado pelos Deuses Traidores para aprisionar o Espírito, quer dizer, a ***Chave Kâlachakra****; naturalmente o Espírito Não-Criado não era representável, e por isso se o insinuava deixando sem terminar, nas representações do Barbo Unicórnio, a ponta do chifre: mais além do chifre, a uma distância infinita, se achava o Espírito Não-Criado, absurdamente relacionado com a Matéria Criada. E a barbatana do peixe significava a Herança de Navutan, o número de Vênus.*

Naturalmente, os Senhores de Tharsis prosseguiram praticando o Culto a Belisana, pois, até Lito de Tharsis, não houve um que compreendesse a missão familiar e, ademais, porque isto estava estabelecido e sancionado pelas leis de meu povo. Mas, o objetivo secreto da missão familiar impulsionava inexoravelmente a seus participantes a recriar espiritualmente o Arquétipo ígneo, e isso os marcou com um sinal inconfundível: adquiriram fama de ser uma família de místicos e aventureiros, quando não de loucos perigosos. E algo de verdade havia em tais fábulas, pois aquele fogo no sangue, a princípio descontrolado, causava os extremos mais intensos da violência e da paixão: existiu quem experimentasse em suas vidas o ódio mais terrível e o amor mais sublime que humanamente se possa conceber; e toda essa experiência se condensava e sintetizava na Árvore do Sangue, e se transmitia geneticamente aos herdeiros da Estirpe. Com o tempo, as tendências extremas foram se separando e surgiram periodicamente senhores que eram puro Amor ou puro Valor, ou seja, grandes Místicos e grandes Guerreiros. Entre os primeiros estavam aqueles que afirmavam que a Antiga Deusa "se havia instalado no coração" e que sua chama "acendia neles um êxtase de Amor"; entre os segundos, os que contrariamente afirmavam que "Ela lhes havia Gelado o coração", lhes havia infundido tal valor que agora eram tão duros "como as rochas de Tharsis". Também as Damas intervinham nesta seleção: elas sentiam o Fogo do Sangue como um Deus, que identificavam como Beleno, "o esposo de Belisana"; em realidade este Beleno, Deus do Fogo ao que os gregos conheciam como Apolo O Hiperbóreo, era um arquétipo ígneo empregado desde os dias da Atlântida pelo mais poderoso dos Deuses Libertadores, como máscara para manifestar-se aos homens: refiro-me ao Grande Chefe dos Espíritos Hiperbóreos, Lúcifer, "o que desafia com o Poder da Sabedoria o Poder da Ilusão do Deus Criador", o Enviado do Deus Incognoscível, o verdadeiro Kristos da Luz Não-Criada.

Faltava, pois, que da Estirpe dos Senhores de Tharsis brotasse o que haveria de cumprir a missão familiar, o que recriasse no Espírito o Fogo dos Deuses e o compreendesse com o Símbolo da Origem. Antecipo-lhe, doutor Siegnagel, que só houve ***dois*** *que tiveram essa possibilidade em grau eminente: Lito de Tharsis no século XVI, e meu filho Noyo na atualidade. Mas vamos a isso passo a passo.*

Sexto Dia

A Serra Catochar sempre foi rica em ouro e prata. Enquanto meu povo era forte na península ibérica, essa riqueza permitiu que os Senhores de Tharsis vivessem com grande esplendor. O modo de vida estratégico tinha sido esquecido milhares de anos antes de adquirir os direitos daquele Senhorio, e já não se ocupava a terra para praticar o cultivo mágico: nessa época, se acreditava na propriedade da terra e no poder do ouro. Todos os reinos estavam infestados de comerciantes e mercadores que ofereciam, por ouro, as coisas mais preciosas: especiarias, gêneros, vestidos, utensílios, jóias e mesmo armas; sim, as armas que no passado eram produzidas por cada povo combatente, sendo as mais perfeitas manufaturadas pelos povos do Pacto de Sangue, podiam ser adquiridas de traficantes por punhados de ouro. E os Senhores de Tharsis, com seu ouro e prata, compravam dos camponeses a metade de sua produção, sendo a outra metade, menos o necessário para subsistir, pertencia logicamente aos Senhores como "proprietários" da terra. E o resto daqueles alimentos, junto com o ouro e prata que abundavam, ia parar nos portos de Huelva, que então se chamava Onuba, para se converter em mercadorias da mais variada espécie.

Os fenícios, descendentes da Raça vermelha da Atlântida, se contavam entre os povos que aderiram logo de cara ao Pacto Cultural. No passado tinham sido inimigos jurados dos iberos: tão somente cem anos antes que minha família chegasse ao Senhorio de Tharsis, os fenícios tinham ocupado a cidadela de "Tarshish", que estava próxima à confluência do rio Tinto com o Odiel. Finalmente, após uma breve, mas feroz guerra, meu povo recuperou o local, mas com a condição de um tratado de paz que permitia o livre comércio com os homens vermelhos. De Tarshish a Onuba em jangadas ou caravanas, e de Onuba ao Oriente Médio em barcos de ultramar, os fenícios monopolizavam o comércio, pois a presença de mercadores de outros povos era incomparavelmente menor. Sem julgar aqui o impacto cultural que aquele trânsito comercial causava nos costumes de meu povo, o certo é que os Senhores de Tharsis governavam um país tranqüilo, que ficava famoso por sua riqueza e prosperidade.

Mas eis que aquela paz ilusória logo veio a ser perturbada; e não precisamente, como poderia concluir-se de uma observação superficial, porque o ouro de Tharsis veio a despertar a cobiça de estrangeiros e conquistadores. Tal cobiça existiu, e invasores e conquistadores tiveram muitos, inclusive, mas o motivo principal de todos os problemas, e finalmente da ruína da Casa de Tharsis, ***foi à chegada dos*** *Golen.*

Desde o século VIII a.C., aproximadamente desde que Sargão, Rei da Assíria, destruíra o reino de Israel, começaram a aparecer os Golen na península ibérica. De início vinham acompanhando os comerciantes fenícios e desembarcavam em todos os portos do mediterrâneo, mas logo se comprovou que também avançavam por terra, ao passo de um povo cita que tinham dominado na Ásia Menor. Este povo, que era de nossa mesma raça, atravessou a Europa de leste a oeste e chegou à Espanha dois séculos depois, quando a obra destrutiva dos malditos Golen estava bastante adiantada. Os Golen, por sua parte, evidenciavam, escancaravam que eram de outra raça, coisa que confirmavam com orgulho: eram membros, se vangloriavam, do Povo Eleito pelo Deus Criador para reinar sobre a Terra. Seus mestres foram os Sacerdotes egípcios e vinham, por isso, em representação dos Atlantes morenos. Todos os povos nativos da península, e também o que logo chegou com os Golen, não recordavam já o modo de vida estratégico e estavam em poder de Sacerdotes de distintos Cultos: a missão dos Golen consistia, justamente, em demonstrar sua autoridade sacerdotal e unificar os Cultos. Para isso dispunham de diabólicos poderes, que lembravam sem dúvida os Atlantes morenos, e uma crueldade sem limites.

Comércio entre Iberos e Fenícios

O Deus Criador e as Potências da Matéria os enviavam para reafirmar o Pacto Cultural. Os tempos estavam maduros para que o homem recebesse uma nova revelação, um conhecimento que traria mais paz, progresso e civilização que o que até então os povos do Pacto Cultural tinham alcançado, uma idéia que algum dia fariam com que estes bens fossem permanentes e acabaria para sempre com o mal e as guerras: essa revelação, esse conhecimento, essa idéia, se sintetizava no seguinte conceito: ***a singularidade de Deus por trás da pluralidade dos Cultos****. Os Golen, com efeito, vieram iluminar os povos, e aos Sacerdotes de todos os Cultos, sobre a multiplicidade dos rostos de Deus e a necessária unidade que este mantém em sua própria esfera; esta seria a fórmula: "por sobre todas as coisas estão os Deuses e por sobre todos os Deuses o Uno". Por isso eles não pretendiam substituir os Deuses, nem mudar seus nomes, nem sequer alterar a forma dos Cultos: "É natural", diziam, "que Deus possua muitos nomes posto que ele exiba muitos rostos; é compreensível, também, que haja vários cultos para adorar os distintos rostos de Deus; nada disso ofende a Deus, nada disso questiona sua unidade; mas onde o Uno se mostrará inflexível com o homem, onde não aceitará desculpas, onde pousará seus Mil Olhos Justiceiros, será no* ***sacrifício*** *do Culto". "Porque, qualquer que fosse a forma do Culto, o Sacrifício é Uno", quer dizer, o Sacrifício participa do Uno.*

De acordo com esta nova revelação, a unidade do Deus Criador se comprovava ***no*** *Sacrifício ritual; e a adoração ao Deus Criador, para todo Culto, se demonstrava* ***pelo*** *Sacrifício ritual. Ai, doutor, apesar de tais Cultos parecerem tão longe no tempo, não posso pensar sem estremecer de horror em todos os milhares e milhares de vítimas humanas causadas pelo advento dos Golen.*

Referir-me-ei agora a um aspecto escabroso da conduta dos Golen. O fato é que consideravam ao Deus Criador, em sua unidade absoluta, como ***masculino****. O Uno, em efeito, era um deus macho e nada havia mais acima ou abaixo dele que equilibrasse ou neutralizasse aquela polaridade. Admitiam*

uma relativa androgenia cósmica até certo ponto, povoado por Deuses e Deusas devidamente separados; mas no topo, como Criador e Senhor dos demais Deuses, estava o Uno, que não era andrógeno nem neutro, mas ***masculino****. O Uno não admitia Deusas a seu lado, pois se bastava a si mesmo para existir: era um deus* ***macho solitário****. Com tão bizarra concepção, não deve surpreender que os Golen fossem também homens solitários. Entretanto, ainda que a chave de sua conduta esteja aqui, não será tão fácil derivar dela o princípio que os levava a praticar entre eles o onanismo e a sodomia ritual.*

Por seu costume de habitar nos bosques, alheios ao povo, e suas práticas depravadas, muitos creram que os Golen procediam da Frísia, onde existia um Culto antiqüíssimo ao zangão Bute, o qual também era realizado por sacerdotes sodomitas: ali os Sacerdotes se castravam voluntariamente e o templo estava guardado por uma corte de eunucos. Outros supunham que procediam da Índia, de onde se conhecia um Culto de adoradores do falo. Mas os Golen não procediam nem da Frísia nem da Índia, mas de Canaã, e não praticavam a castração nem a adoração do falo, mas a sodomia simples e plena: tinham desterrado a mulher do mesmo modo que seu Deus havia destronado todas as Deusas; levavam uma vida solitária e isenta de prazeres, salvo a sodomia ritual, que representava a Auto-suficiência Dele.

Logicamente, se os Golen eram tolerantes quanto à forma do Culto, e o único ponto inflexível era o concernente à unidade de Deus no Sacrifício, entende-se que manifestavam predileção aos povos cujos Cultos se personificavam em Deuses masculinos e tinham certo desprezo por adoradores de Deusas. Em curto prazo, essa atitude de indiferença ou desprezo, quando não de franca hostilidade, que os Golen dispensavam às Deusas, entraria em rota de colisão com a forma tão peculiar que entre o meu povo ibero havia adquirido o Culto a Belisana.

Mas eles contavam, certamente, com o apoio das Potências da Matéria. De outro modo não se explicaria seu êxito, pois em relativamente pouco tempo, conseguiram dominar aos povos da Hispânia, e inclusive os de Hibérnia, Brittania, Armórica e Gália. A despeito do crescente poder dos Golen, sua sinistra doutrina não causara nenhum dano aos Senhores de Tharsis, sempre dispostos a aceitar tudo o que contribuísse para aperfeiçoar a prática do Culto. Não foram os Sacrifícios ao Uno que determinaram a sorte de minha família, mas outra atividade que os Golen realizavam com grande energia: procuravam, por todos os meios, fazer cumprir a segunda parte do Pacto Cultural. Quer dizer, embora já não fosse necessário fazer guerra aos povos do Pacto de Sangue, posto que fossem derrotados culturalmente, ainda permaneciam intactas muitas obras megalíticas dos Atlantes Brancos e isso constituía "um pecado que clamava aos céus". "Os povos do Pacto Cultural faltaram a seus compromissos com os Deuses e essa culpa seria severamente castigada"; contudo, e por sorte para eles, existia uma solução: praticar o Sacrifício com máximo rigor e secundar aos Golen no cumprimento de sua missão. Em outras palavras, os nativos agora deveriam consagrar-se ao Sacrifício, sacrificar-se e sacrificar e, como recompensa, os Golen os livrariam do castigo Divino executando eles mesmos a destruição ou neutralização das obras megalíticas. Isso seria tudo, se não fosse porque os Deuses tinham feito uma advertência e quem a desobedecesse arriscaria ser destruído sem piedade para escárnio dos homens: o que não se podia perdoar, pois a paciência dos Deuses estava esgotada, era a lembrança do Pacto de Sangue e a busca da Sabedoria. Isso era proibido, e o mais abominável, um pecado sem redenção, era sem dúvidas o de querer preservar as Pedras de Vênus. O que não entregasse voluntariamente aos Sacerdotes do Culto, ou aos Golen, a Pedra de Vênus, sofreria a ***sentença de extermínio****, quer dizer, pagaria com a aniquilação de sua linhagem, com a destruição de todos os membros de sua estirpe.*

Os Golen conseguiram rapidamente quase todas as Pedras que continuavam em mãos dos nativos. Diferente dos Sacerdotes do Culto, os Golen só enviavam algumas à Fraternidade Branca: outras as reservavam para utilizá-las em seus atos de magia, pois se gabavam de conhecer seus segredos e de poder

empregá-las em proveito de seus planos; e a estas Pedras chamavam, pejorativamente, ***ovos de serpente****. Os Senhores de Tharsis jamais confiaram nos Golen nem se amedrontaram por suas ameaças. Mas a Espada Sábia era uma realidade que alcançara o folclore popular, a qual não se podia negar seriamente: os Golen suspeitaram desde o início que nessa arma existia um vestígio secreto do Pacto de Sangue. Posto que os Senhores de Tharsis não aceitassem entregá-la voluntariamente, e não podia ser comprada por nenhum preço, decidiram aplicar contra eles todos os recursos de suas magias, os diabólicos poderes conferidos a eles pelas potências da Matéria. E aqui a surpresa dos Golen foi maiúscula, pois comprovaram que aqueles poderes nada podiam contra o Fogo demente que estava no sangue dos Senhores de Tharsis. A loucura, mística ou guerreira, que os distinguia como homens imprevisíveis e indômitos, os situava também fora do alcance dos conjuros mágicos dos Golen. Não restava a estes outra alternativa, de acordo com seus desígnios demoníacos, que não apoderar-se pela força da Espada Sábia e submeter à Casa de Tharsis a sentença de extermínio.*

Este foi, doutor Siegnagel, o verdadeiro motivo do contínuo estado de guerra em que deveram viver dali em diante os Senhores de Tharsis, o que significou a perda definitiva da ilusória soberania vivida até então, e não a "cobiça" que povos estrangeiros e conquistadores pudessem ter alimentado por suas riquezas. Ao contrário, não existia em todo o orbe um rei, senhor, ou simples aventureiro que os Golen não tivessem tentado com o fabuloso saque de ouro e prata que caberia a quem conseguisse a façanha. E foram suas intrigas as que causaram o constante assédio de bandidos e piratas. Enquanto puderam, os Senhores de Tharsis resistiram à pressão valendo-se de seus próprios meios, quer dizer, com o concurso dos guerreiros de meu povo. Mas quando isso não foi mais possível, especialmente quando perceberam que os fenícios de Tiro estavam concentrando um poderoso exército mercenário nas Ilhas Baleares para invadir e colonizar Tharsis, não tiveram mais saída senão aceitar a ajuda, naturalmente interessada, de um povo estrangeiro. Nesse caso pediram ajuda a Lídia, uma nação pelágica do mar Egeu, integrada por exímios navegantes cujos barcos de ultramar atracavam em Onuba duas ou três vezes ao ano para comerciar com o povo de Tharsis: tinham o defeito de que também eram mercadores, e produtores de mercadorias prescindíveis, e estavam acostumados com práticas e hábitos mais "avançados culturalmente" que os "primitivos" iberos; mas, em compensação, exibiam a importante qualidade que eram de nossa mesma Raça e demonstravam uma indubitável habilidade para a guerra.

Por pelasgos a História denominou um conjunto de povos afincados em distintas regiões das costas mediterrâneas e tirrenas, da península grega e da Ásia Menor. Assim que, para achar uma origem comum a todos, deve-se remeter ao Princípio da História, há tempos posteriores à catástrofe atlante, quando os Atlantes Brancos instituem o Pacto de Sangue com os nativos da Península Ibérica. Na verdade, então só havia um povo nativo, que foi separado de acordo com as leis exogamicas dos Atlantes em três grupos: iberos, bascos e os que viriam a ser os pelasgos. Por sua vez, cada um destes grandes grupos se subdividia internamente em três em todas as organizações sociais tribais das aldeias, povoados e Reinos. Aquele povo único seria conhecido logo da partida dos Atlantes Brancos como ***Virtriones*** *ou* ***Vrtriones****, quer dizer, pecuaristas; mas o nome não tardou em converter-se em* ***Vitriones****,* ***Vetriones****, e por influência principalmente dos fenícios, em* ***Veriones*** *ou* ***Geriones****. O "Gigante Geriones", com um par de pernas, quer dizer, uma base racial, mas tríplice da cintura para cima, ou seja, com três corpos e três cabeças, procede de um antigo mito pelasgo no que se representa ao povo original com a tríplice divisão exogâmica imposta pelos Atlantes Brancos; com o correr dos séculos, os três grandes grupos do povo nativo, foram identificados por seus nomes particulares e se esqueceu a unidade original: as rivalidades e intrigas estimuladas desde o Pacto Cultural contribuíram para isso, acabando cada grupo convencido de sua individualidade racial e cultural. Aos iberos já mencionei, pois deles descendo, e os seguirei citando na história; dos bascos nada direi fora que muito cedo traíram o Pacto de Sangue e se aliaram ao Pacto Cultural, erro que pagariam com muito sofrimento e uma grande*

confusão estratégica, posto que fosse um povo de Sangue Muito Puro; e quanto aos pelasgos, o caso é bem simples. Quando os Atlantes Brancos partiram, iam acompanhados massivamente pelos Pelasgos, que estavam encarregados de transportá-los por mar até a Ásia Menor. Ali se despediram dos Atlantes Brancos e decidiram permanecer no local, dando lugar com o tempo à formação de uma numerosa confederação de povos. Sucessivas invasões os obrigaram em muitas ocasiões a abandonar seus assentamentos, mas, como haviam se transformado em excelentes navegadores, souberam sair bem de todos esses problemas: no entanto, aqueles deslocamentos os trariam novamente na direção da península ibérica; no momento que transcorre a aliança com os Lídios, século VIII a.C., outros grupos pelasgos ocupam a Itália e a Gália sob o nome de etruscos, tirrenos, truscos, taruscos, ruscos, rasenos, etc. O grupo de lídios que convocaram os Senhores de Tharsis ainda estavam na Ásia menor, mas agüentando uma terrível escassez de alimentos; reconheciam por tradição o parentesco próximo que os unia aos iberos, mas afirmavam descender do "Rei Manes", lendário antepassado que não seria outro que "Manú", o Arquétipo perfeito do animal-homem, imposto em seus Cultos pelos Sacerdotes do Pacto Cultural.

Uma vez logrado o acordo com os embaixadores do Rei da Lídia, que incluía o tradicional intercâmbio de princesas, dezenas de barcos pelasgos começaram a chegar aos portos de Tharsis. Vinham repletos de temíveis guerreiros, mas também traziam muitas famílias de colonos dispostas a estabelecer-se definitivamente entre aqueles parentes longínquos, que tanta fama tinha por sua riqueza e prosperidade. Essa pacífica invasão não entusiasmava demais os do meu povo, mas nada podiam fazer, pois todos compreendiam a iminência do "perigo fenício". Perigo que desapareceu mal estes perceberam a mudança de situação e avaliaram o custo que suporia agora a conquista de Tharsis. Por sua vez os Golen foram burlados; mas não esqueceriam a Espada Sábia, nem aos Senhores de Tharsis, nem a sentença de extermínio que pesava sobre eles.

Naquelas circunstâncias, a aliança com os pelasgos foi um acerto desde todo ponto de vista. Os Lídios se contavam entre os primeiros povos do Pacto de Sangue que venceram o tabu do ferro e conheciam o segredo de sua fundição e forja: nesse então, as espadas de ferro eram as armas mais poderosas da Terra. Porém, apesar de serem exímios comerciantes, jamais vendiam uma espada de ferro, que só produziam em quantidade justa para seu próprio uso. Fabricavam, em troca, grande número de armas de bronze para venda ou troca: dali seu interesse por radicarem-se em Tharsis, cujas reservas de cobre eram conhecidas desde tempos lendários, quando os Atlantes cruzaram o Mar Ocidental e extraíam o cobre com a ajuda do Raio de Poseidon. O cobre quase não tinha sido explorado pelos Senhores de Tharsis, deslumbrados com o ouro e a prata que tudo comprava. A associação com os lídios modificou essencialmente esse critério e introduziu no povo um novo estilo de vida: o baseado na produção de objetos culturais em grande escala destinados exclusivamente para comércio.

Uma dissuasiva muralha de pedra se ergueu em torno da antiqüíssima cidadela de Tarshis, que os pelasgos denominavam Tartessos e terminou dando nome ao país, com um perímetro que abarcava agora uma área quatro ou cinco vezes superior. A velha cidadela tinha se transformado num enorme mercado e nos novos espaços os ateliers e fábricas surgiam dia a dia. Telas, vestidos, calçado, utensílios, móveis, objetos de ouro e prata, cobre e bronze, praticamente não existia mercadoria que não se pudesse comprar em Tartessos: e salvo o estanho, que se ia buscar em Albion, tudo, até os alimentos, se produzia em Tartessos.

Evidentemente por influência do Pacto Cultural, a aliança entre meu povo e os lídios culminou numa explosão civilizadora. De pronto o antigo Senhorio de Tharsis se converteu no "Reino Tartéside" e, em poucos séculos, se expandiu por toda a Andaluzia: os tartésios fundaram então importantes cidades, tais como Menace, hoje chamada Torre Del Mar ou Masita, a que os usurpadores cartagineses rebatizaram Cartagena. Sua frota chegou a ser tão poderosa como a fenícia e seu comércio, altamente competitivo pela qualidade dos produtos, conseguiu pôr em grave perigo a economia dos homens vermelhos. Apenas a

partir do século IV a.C., por causa da colonização grega e a expansão da colônia fenícia de Cartago, caiu algo a supremacia comercial e marítima mediterrânea dos tartésios.

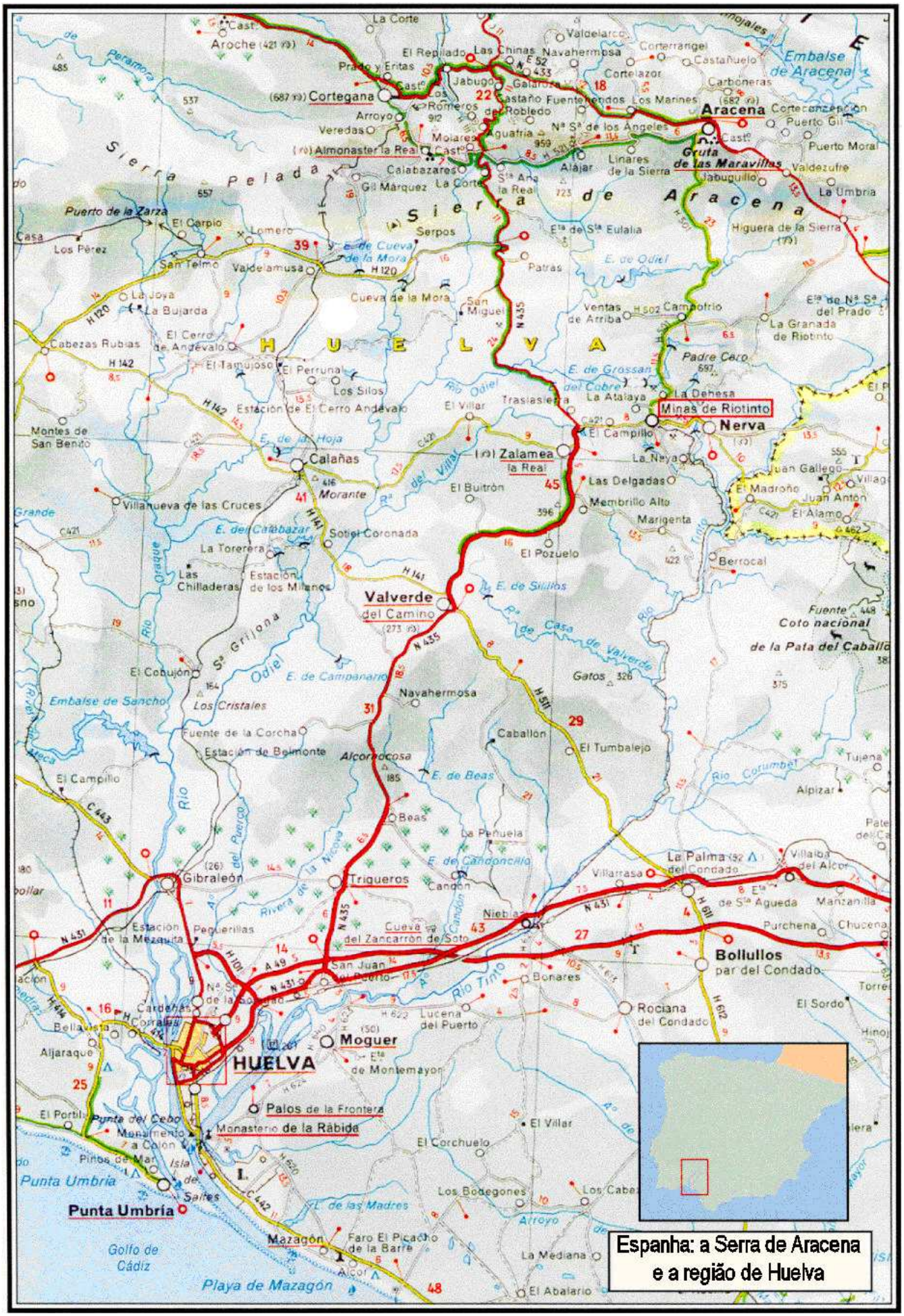
Devo insistir no fato de que o parentesco próximo facilitou enormemente a integração com os pelasgos. O que se pode comprovar especialmente no caso do Culto, onde quase não havia diferença entre os dois povos, pois os lídios adoravam também a Deusa do Fogo, a que conheciam como Belilith. Com poucas palavras: para os lídios, Beleno era "Bel", e Belisana, "Belilith"; também, por provir de uma região onde o Pacto Cultural tinha maior influência, apresentavam algumas diferenças na língua e no alfabeto sagrado; a antiga língua dos pelasgos, que em meu povo ainda se fala com bastante pureza, sofreu nos lídios o influxo de línguas semitas e asiáticas: entretanto, aquele jargão de navegantes era mais adequado para o comércio de ultramar que praticavam. A outra diferença estava no alfabeto: há milhares de anos que em meu povo se havia esquecido a Língua dos Pássaros; entretanto, os últimos Iniciados, e logo os Sacerdotes da Chama, conservaram o alfabeto sagrado de treze mais três Vrunas, as que representavam com dezesseis signos formados com linhas retas e aos que haviam associado um som da língua corrente: desse modo se dispunha de treze consoantes e três vogais; as vogais somente as conheciam os Senhores de Tharsis, pois expressavam o Nome pelasgo, secreto, da Deusa Lua, algo assim como ***Ioa****; pois bem, a novidade que traziam os lídios era um alfabeto sagrado de treze mais* ***cinco*** *letras, quer dizer, por dezoito signos que representavam como sons da língua corrente; tinha também treze consoantes, mas as vogais eram cinco: e as duas agregadas, os lídios não podiam suprimir sem perder mais da metade de suas palavras. Disso tudo, o mais importante, aquilo que de pronto se deveria lembrar, era o Nome da Deusa e o número do alfabeto sagrado. Sobre o primeiro, se convencionou denominar a Deusa com um nome mais antigo comum aos dois povos:* ***Pyrena****; desde então, Belisana e Belilith seriam para os Tartésios a Deusa do Fogo* ***Pyrena****. Com respeito ao segundo, os Senhores de Tharsis, que estavam nessa ocasião acuados pela pressão inimiga, não tiveram mais remédio que aceitar a imposição do alfabeto sagrado de dezoito letras: o único consolo, ironizavam, era que "o dezoito agradava muito mais a Deusa que o dezesseis".*

Ademais, os lídios tinham sofrido uma sorte parecida com a de meu povo. Em algum momento de sua história os venceu a Fadiga de Guerra e acabaram cedendo frente aos povos do Pacto Cultural; os últimos de seus Iniciados conseguiram então plasmar as "missões familiares" num número ainda maior de famílias que as de meu povo; isso explicava a grande quantidade de famílias artesãs, especializados nos mais variadas ofícios, que integravam o povo dos lídios.

Sétimo Dia

A cordilheira da Sierra Morena é parte da divisória Marianica que separa o sul da Andaluzia do resto da península ibérica; desde o Mediterrâneo, frente às Baleares, até o monte Gordo na desembocadura do rio Guadiana, seu relevo tem uma longitude aproximada de seiscentos quilômetros. No extremo ocidental, dando origem ao rio Odiel, se desenha de leste a sudoeste a serra de Aracena, onde se havia encravado o castelo Templário ao qual me referirei mais adiante. Numerosas cadeias de serras menores se estendem mais ao Sul: uma delas é a do rio Tinto, de onde provem o rio de mesmo nome; outra é a de Catochar, assento das principais minas da Casa de Tharsis. Os rios Tinto e Odiel descem até o golfo de Cádiz e confluem poucos quilômetros antes da costa, formando um rio largo. No pedaço de terreno que fica entre ambos os rios, sobre a desembocadura do Odiel, se assenta desde a antiguidade a cidade fluvial e marítima de Onuba, hoje Huelva. E a uns 25 km de Onuba, Odiel acima, se encontrava a antiqüíssima cidadela de Tharsis, nas cercanias da atual Valverde del Camino.

O rio Tinto, ou Pinto, recebe esse nome porque suas águas são avermelhadas, tingidas pelo mineral de ferro que recolhe na serra Aracena. O Odiel, em troca, sempre foi um rio sagrado para os iberos e por isso o identificavam com a mais importante Vruna, a que designa o Nome de Navutan, o Grande Chefe dos Atlantes Brancos. Ao que parece, Navutan significava Senhor (Na) Vutan, na língua dos Atlantes Brancos; os distintos povos indos-germanos que participaram do Pacto de Sangue, mas logo caíram frente à Estratégia do Pacto Cultural, concluíram que se tratava de um Deus e lhe adoraram sob diferentes nomes, todos derivados de Navutan: assim, se lhe chamou Nabu (de Nabu-tan); Wothan (de Na-Wothan); Odan ou Odin; Odiel ou Odal; etc.


Aracena
Cortegana
Almonaster la Real
Gruta de las Maravillas
Sierra Pelada
Sierra de Aracena
HUELVA
Minas de Riotinto
Nerva
Zalamea la Real
Calañas
Valverde del Camino
Trigueros
Gibraleón
Moguer
Palos de la Frontera
Monasterio de la Rábida
Punta Umbría
Bollullos par del Condado
Mazagón
Playa de Mazagón
Golfo de Cádiz
Embalse de Aracena
Embalse de Sancho
Coto nacional de la Pata del Caballo
Espanha: a Serra de Aracena e a região de Huelva

Cinco quilômetros ao Norte da cidadela de Tharsis, no sistema da serra Catochar, se acha o monte Char, nome que significava Fogo e Verbo em diversos dialetos iberos. Em seu cume existia um bosque de Fresnos que era venerado pelos iberos em memória de Navutan: ali os Atlantes Brancos tinham erigido um enorme menir assinalado com Sua Vruna. O haviam assentado no centro do bosque, num local que, estranhamente, estava povoado por um pequeno número de macieiras. Nos dias dos Senhores de Tharsis, só sobrevivia uma daquelas macieiras, e ninguém sabia explicar se as outras tinham desaparecido por causas naturais ou por corte intencional. A que estava plantada a uns vinte passos do menir, se via que era uma árvore muitas vezes centenária.

Toda a Antiguidade mediterrânea pré-grega conhecia a "Macieira de Tharsis", até a qual empreendiam peregrinações anuais os devotos da Deusa do Fogo. No começo, com efeito, os fresnos e macieiras estavam associados a Navutan e Fria, respectivamente. Posteriormente, logo da aliança de sangue com os povos do Pacto Cultural, os Sacerdotes consagraram a Macieira de Tharsis à Deusa Belisana e estabeleceram o costume de celebrar o Culto ao pé de seu tronco nodoso. Para isso construíram um altar de pedra composto de duas colunas e um tampo transversal, sobre o que se assentava a Lâmpada Perene: aquele fogo imortal representava a deusa, e a Macieira o caminho a seguir. Conforme ensinavam os Sacerdotes, o Deus Criador escreveu o culto na semente da maçã; a árvore era somente uma parte da mensagem, referida ao destino do homem; a flor, por exemplo, equivalia ao coração do homem, o assento da Alma, e sua forma, sua cor, expressavam a promessa da Deusa; mas outra parte da mensagem estava escrito na roseira e a Promessa da Deusa também luzia em sua flor, em sua forma e cor; a macieira e o roseiral não somente eram plantas da mesma família, mas em realidade consistiam numa única planta: foi a Promessa da Deusa que dividiu a semente da macieira para que houvesse várias flores diferentes, flores que revelariam o caminho da perfeição para aqueles homens que se entregassem a Ela e abraçassem seu Culto.

Por suposto, o mito que descrevia ao Culto só seria revelado pelos Sacerdotes a quem eles consideravam que estivessem preparados para a iniciação no Sacerdócio, quer dizer, aos que iam ser Sacerdotes. O significado secreto da promessa seria este: a macieira e o roseiral correspondiam a dois estados ou fases da vida do homem, como a infância e a maturidade, por exemplo; quando ***era*** *"como criança", o homem tinha seu coração semelhante à flor da macieira, que era branca e rosada por fora e se desfazia insensatamente; quando* ***fosse*** *"como adulto", quer dizer, quando fosse iniciado como Sacerdote do Culto ou quando fosse capaz de oficiar como um Sacerdote,* ***teria*** *um coração como a rosa, que era da cor do Fogo da Deusa e jamais se apagava totalmente, como se nunca fosse morrer; por isso existia no mundo uma só macieira e muitas roseiras: porque muitas seriam as perfeições a serem alcançadas pelo homem que empreendesse o sacerdócio da Deusa; a história da macieira estava escrita, em troca a história da roseira estava sempre sendo escrita; e a melhor parte ainda não tinha sido escrita: viria ao mundo, algum dia, homens de um coração tão perfeito, que então adviriam as rosas mais belas, como nunca se viram antes na Terra.*

Com essa explicação, se entenderá por que os Sacerdotes haviam permitido que uma velha roseira se tivesse enrolado como uma serpente no tronco da Macieira de Tharsis: indubitavelmente, tal disposição das duas plantas era necessária para representar o significado secreto do Culto. O ritual obrigava a adorar o fogo da Deusa e admirar a rosa, desejando intensamente que a Deusa cumprisse sua promessa e o coração do Sacerdote se tornasse como a rosa. Mas o povo, que habitualmente ignorava essa interpretação do Culto, acudia de todas as partes à Macieira de Tharsis para realizar suas oferendas ante o Altar de Fogo da Deusa.

Quando meus antepassados adquiriram os direitos do Senhorio de Tharsis, que então era muito pequeno e estava devastado pela recente guerra contra os fenícios, se encarregaram naturalmente do Culto

local, ainda que carecessem de uma Lâmpada Perene. Praticamente não introduziram reformas no referente à Promessa, pois aceitavam como um fato que o coração estava relacionado com a flor da macieira e que a adoração à Deusa propiciaria uma transmutação análoga à flor da roseira. Só no tocante ao fogo se pode apreciar o primeiro efeito visível que a missão familiar estava causando nos Senhores de Tharsis; agregaram ao título da Deusa a palavra "frio", quer dizer, que Belisana era agora "a deusa do Fogo Frio". Explicaram esse título como uma revelação local da Deusa. Ela tinha falado aos Senhores de Tharsis; na comunicação, afirmava que seria Seu Fogo o que se instalaria no coração do homem e o transmutaria; e que esse Fogo, a princípio extremamente quente, finalmente se tornaria ***mais frio que o gelo: e seria esse Fogo Frio o que produziria a mutação da natureza humana.***

Deve-se ver nessa mudança algo mais que um simples agregado de palavras: era a primeira vez que num culto aparecia a possibilidade de enfrentar e superar o temor, quer dizer, o sentimento que em todos os cultos assegurava a submissão do crente; o temor aos Deuses é um sentimento necessário e imprescindível para assegurar a autoridade terrestre dos sacerdotes; se o homem não lhes teme, ao fim se rebelará contra os Deuses: mas antes se rebelará contra os Sacerdotes dos Deuses. Mas essa mudança não se verá se não se esclarece algo que hoje não é tão óbvio: o fato de que em todas as línguas indo-germânicas "frio" e "medo" possuem a mesma raiz, o que ainda se pode induzir, por exemplo, a partir de ***"calafrio"****(de terror). Pois bem, naquele contexto, a palavra "frio" era sinônimo de "terror" e, em conseqüência, o que significava o novo culto era que um terror sem nome se instalaria no coração do crente como "Graça da Deusa****"; e que esse terror causaria sua perfeição****.*

*Assim Belisana, a Deusa do Fogo Frio, se havia convertido também na "Deusa do Terror", um título que, ainda que os Senhores de Tharsis não pudessem saber, pertenceu em tempos remotíssimos à mesma Deusa, pois a esposa de Navutan era conhecida igualmente como "****Frya, A Que Infunde Terror à Alma e Socorro ao Espírito****".*

Chegando à península ibérica, os Golen tentaram em numerosas ocasiões ocupar o Bosque Sagrado e controlar o Culto à Deusa do Fogo Frio, mas sempre foram rechaçados pela zelosa e obstinada loucura mística dos Senhores de Tharsis. Até chegaram a oferecer uma autêntica Lâmpada Perene dos Atlantes morenos, cientes de que precisavam dela e que estavam obrigados a vigiar permanentemente a chama de sua lâmpada primitiva de azeite e amianto. Não é preciso dizer que a ofereciam em troca da unificação do Culto e da instituição do Sacrifício ritual, e que semelhante proposta era inaceitável para os Senhores de Tharsis - sendo o porquê bastante óbvio a esta altura do relato. Como também é evidente que essa resistência, insólita para quem havia se imposto sobre todos os povos nativos, unida à impossibilidade de apoderar-se da Espada Sábia, só fazia acumular o rancor contra os Senhores de Tharsis. A reação dos Golen desencadeou aquela campanha internacional alentando a conquista de Tharsis e que acabou com o perigoso intento de invasão fenícia desde as Baleares e Gades, ou Cadiz. Mas os Senhores de Tharsis convocaram os lídios e fizeram com que os fenícios desistissem de seu projeto conquistador por pelo menos quatrocentos anos. Da aliança dos iberos e lídios surgiu o "Império de Tartessos", que pronto se estendeu por toda a Andaluzia, a "Tartéside", e privou os fenícios de colônias costeiras em seu território. As Baleares e a ilha de León, próxima a Gades, ficaram isoladas da terra firme, pois os tartésios só lhes permitiam manter um comércio exíguo a partir de seus próprios portos. Qual seria a próxima reação dos Golen frente a esse poderio que se desenvolvia fora de seu controle e que frustrava todos os seus planos? Antes de responder, estimado e paradoxalmente paciente doutor Siegnagel, devo colocá-lo a par das conseqüências que a presença dos Lídios provocou no Culto do Fogo Frio. Para entender o que se segue só se deve recordar que os lídios eram mais "cultos" que os iberos, quer dizer, mais civilizados culturalmente, enquanto os mais incultos iberos, quer dizer, mais bárbaros, estavam mais "cultivados" espiritualmente que os lídios, possuíam mais Sabedoria que conhecimento.

Essas diferenças ocasionariam que os Príncipes lídios, agora da mesma família dos Senhores de Tharsis, aceitassem sem aprofundar o significado esotérico do Culto da Deusa do Fogo Frio, que adiante se denominaria por comum acordo ***Pyrena****, e empregassem todo seu esforço em aperfeiçoar a forma exotérica do culto. Tal aplicação vai sempre a prejuízo da parte esotérica e, como não podia ser de outra maneira, mais tarde resultaria fatal para os tartésios. Mas isto já o verá, pois, como anunciei, estou indo passo a passo.*

Os lídios, como em outras indústrias, eram hábeis artesãos de pedra. Que acha que fizeram em seu afã de aperfeiçoar a forma exterior do Culto? Decidiram, ante o horror de seus parentes iberos que nada podiam fazer para impedi-los, talhar o menir do Bosque Sagrado com a figura de Pyrena; a escultura ajudava a sustentar o Culto, explicavam, pois o povo lídio necessitava de uma imagem mais concreta da Deusa: sua representação como Chama era demasiado abstrata para eles.

O menir consistia numa pedra bruta de cor olivácea, de uns cinco metros de altura: os lídios se propunham a empregá-lo integralmente para talhar a cabeça da Deusa. De acordo com seu projeto, a nuca deveria ficar de frente à macieira, de tal sorte que seu divino Rosto olhasse diretamente para o povoado; e as pessoas, distribuídas na clareira circundante desde o qual se oficiavam os rituais, veria o rosto da Deusa e, por trás dela, a Macieira de Tharsis. Trabalharam dois Mestres escultores na escultura, um para esculpir o rosto e outro o cabelo, enquanto três ajudantes se ocupavam de cavar o oco da nuca, conectado com os Olhos. A obra não esteve pronta antes de cinco anos, pois ainda que as ferramentas de ferro dos lídios permitissem adiantar muito trabalho, o polimento que pretendiam dar, lhes demandou largos anos de trabalho: em verdade, os tartésios continuariam polindo por décadas a Cabeça de Pyrena, até dotá-la de impressionante realismo.

A necessidade que sentiam os lídios de contemplar uma manifestação figurativa da Deusa era própria da época: os povos do Pacto Cultural experimentavam então uma queda generalizada no exoterismo do Culto, que os levava a adorar os aspectos mais formais e aparentes da Deidade. Os povos pressentiam que os Deuses se retiravam ***desde dentro****, e que só os podiam reter desde fora: por isso se aferravam com desespero aos corpos e rostos divinos, e a qualquer forma natural que os representasse. Sendo assim, não deve surpreender o intenso fervor religioso despertado nos povos, e a extraordinária difusão geográfica, que produziu o Culto do Fogo Frio logo da transformação do menir. Além dos tartésios, orgulhosos depositários da Promessa da Deusa, homens pertencentes a mil povos diferentes peregrinavam até o Bosque Sagrado da Tartéside, para assistir o Ritual do Fogo Frio: entre outros, acudiam os iberos e ligures de todos os rincões da península, os brilhantes pelasgos da Etrúria, os corpulentos berberes da Líbia, os silenciosos espartanos da Lacônia, os pictos tatuados de Albion, etc. E todos os que chegavam a Pyrena estavam dispostos a morrer. A morrer, sim, porque esta era a condição da Promessa, o requisito de Sua Graça: como todos os adoradores sabiam, a Deusa tinha o poder de converter o homem em um Deus, de elevá-lo ao Céu dos Deuses; mas, como todos também sabiam, os raros eleitos que Ela aceitava deveriam passar pela Prova do Fogo Frio, quer dizer, pela experiência de Seu Olhar Mortal; e essa experiência geralmente acabava com a morte física do Eleito. De acordo com o que sabiam seus adeptos, e sem que tal certeza afetasse em nada a fascinação por Ela,* ***muitos mais eram os Eleitos mortos que os comprovadamente ressuscitados****; os que recebiam Seu Olhar Mortal certamente cairiam; e muitos, a maioria, jamais se levantaram;* ***mas alguns sim, o faziam****: e essa remota possibilidade era mais que suficiente para que os adoradores da Deusa decidissem arriscar tudo. Os que despertassem da Morte seriam quem verdadeiramente tinham entregado seus corações ao Fogo Frio da Deusa e aos que Ela recompensaria tomando por Esposos: por Sua Graça, ao reviver, o Eleito já não seria um ser humano de carne e osso, mas um* ***Homem de Pedra Imortal, um Filho da Morte****. Estes títulos a princípio constituíram um enigma para os Senhores*

de Tharsis, que introduziram a Reforma do Fogo Frio no antigo culto a Belisana, pois afirmavam tê-los recebido por inspiração mística diretamente da Deusa, ainda que supusessem referir-se a uma condição superior do homem, próxima aos Deuses ou os Grandes Antepassados. Mas logo, quando entre os próprios Senhores de Tharsis houve Homens de Pedra, a resposta se fez subitamente clara. Mas ocorreu que esta resposta não era apta ao homem adormecido, nem tampouco aos Eleitos que com mais fervor adoravam a Deusa: os Homens de Pedra calariam esse segredo, de que falariam somente entre eles, e formariam um Colégio de Hierofantes tartésio para preservá-lo. A partir dali, seriam os Hierofantes tartésios, quer dizer, meus antepassados transmutados pelo Fogo Frio, os que controlariam o andamento do Culto.

Oitavo Dia

Na Época em que não se celebrava o Ritual do Fogo Frio, os Hierofantes tartésios permitiam aos peregrinos chegar até a clareira do Bosque Sagrado e contemplar a colossal efígie de Pyrena; ali poderiam depositar suas oferendas e refletir se estavam dispostos a afrontar a Morte da Prova do Fogo Frio ou se preferiam regressar à ilusória realidade de suas vidas comuns. No momento a Deusa não podia danificá-los, pois Seus Olhos estavam fechados e a ninguém comunicava Seu Sinal de Morte. Mas, não obstante tal convicção, muitos ficavam gelados de espanto frente ao Antigo Rosto Revelado e não eram menos os que fugiam dali ou morriam de pavor. É que o menir original tinha sido depositado ali pelos semideuses Atlantes Brancos milhares de anos antes, mas, nos dias da aliança com os lídios, não existia ninguém sobre a Terra capaz de emular aquela façanha de deslocar por milhares de quilômetros de distância uma pedra gigantesca, e depositá-la no centro de um espesso bosque ***sem que para isso derrubasse sequer uma árvore****. Compreende-se, pois, que os peregrinos recebessem a imediata impressão de que aquele busto terrível era obra dos Deuses. Mas não somente o menir era obra dos Deuses, posto que a conformação do rosto procedesse dessa notável capacidade para degradar o Divino que exibiam os lídios; astutamente, os tartésios cuidaram sempre muito bem de informar sobre a origem da inquietante escultura.*

Quem lograva se recompor da impressão inicial, e reparava nos detalhes do Rosto insólito, teria de apelar a todas as suas forças para não ser tomado, cedo ou tarde, pelo pânico. Lembre-se, doutor, que para seus adoradores, o que tinham na sua frente não era uma mera representação de pedra inerte, mas a Imagem viva da Deusa: Pyrena se manifestava no Rosto e o Rosto participava Dela. E era aquele Rosto simbólico que tirava o fôlego. Provavelmente, se alguém tivesse conseguido, com um poderoso ato de abstração, separar o rosto da cabeça da Deusa, a teria julgado de feições belas; em primeiro lugar, e apesar da coloração olivácea da pedra, pela forma dos traços era indubitável que pertencia à raça Branca; em seguinte ordem, caberia reconhecer no semblante geral uma beleza arquetípica indo-germânica ou diretamente ária: rosto retangular, frente ampla, sobrancelhas cheias, ligeiramente curvadas e horizontais; a pálpebra, posto que já dissesse que os olhos permaneciam fechados, demonstravam pela expressão um olhar frontal, de olhos redondos e perfeitos; nariz reto e proporcional e a boca, com o lábio inferior algo mais grosso e proeminente que o superior, era talvez o detalhe mais charmoso: estava levemente aberta e curvada num sorriso apenas esboçado, ***num gesto inconfundível de cósmica ironia****.*

Naturalmente, quem carecesse do poder de abstração necessário, não chamaria a atenção nenhum dos sinais apontados. Pelo contrário, sem dúvidas toda sua atenção seria absorvida de entrada pelo Cabelo da Deusa: e essa observação primeira seguramente neutralizaria o juízo estético anterior: ao contemplar a Cabeça em conjunto, Cabelo e Rosto, a Deusa apresentava aquele aspecto aterrador que causava o pânico dos visitantes. Mas o que havia em Seu cabelo capaz de paralisar de espanto os rudes peregrinos, normalmente habituados ao perigo? Serpentes. Serpentes de um realismo excepcional. Seu cabelo se compunha de dezoito serpentes de pedra; oito, de distinta longitude, caiam a ambos os lados do rosto e outras duas, muito menores, se eriçavam sobre a testa.

Cada par das oito Serpentes estavam à mesma altura: duas à altura dos olhos, do nariz, da boca e do queixo; emergindo de um nível anterior de cabelo, os restantes oito ofídios voltavam e situavam suas cabeças entre as anteriores. E cada serpente, ao separar-se das restantes, formava no ar com seu corpo duas curvas contrapostas, como um S, que lhe permitia anunciar o seguinte movimento: o ataque mortal. E as duas serpentes da frente, embora bem menores, também evidenciavam idêntica postura agressiva. Em resumo, ao admirar de frente o Rosto da Deusa sorridente, emergia com força o arco das dezoito cabeças de Serpente de sua cabeleira, e todas as cabeças estavam voltadas para frente, acompanhando

com seus olhos o Olhar sem Olhos da Deusa; e todas as cabeças tinham as mandíbulas horrivelmente abertas, expondo as presas mortais e as gargantas enormes. Não deve, pois, surpreender, que aquela impressionante aparição da Deusa aterrorizasse a seus mais fiéis adoradores.

Logicamente, tal composição teria um significado esotérico que somente os Hierofantes e Iniciados conheciam, embora, eventualmente, dispusessem de uma explicação exotérica aceitável. Nesse caso, notificavam ao viajante, que às vezes poderia ser um rei aliado ou um embaixador importante ao qual não se poderia negar de pronto o conhecimento, que as dezoito serpentes eram as letras do alfabeto tartésio, que teriam recebido da Deusa. Durante o ritual, afirmavam, os Iniciados podiam escutar as Serpentes da Deusa recitando o alfabeto sagrado. A Verdade esotérica disso era que as dezoito letras correspondiam efetivamente às Vrunas de Navutan e que com elas se poderia compreender o Signo da Origem e com este a Serpente, máximo símbolo do conhecimento humano. Mas tal verdade era apenas intuída pelos Hierofantes tartésios já que naqueles dias ninguém mais via o Signo da Origem nem se lembrava das Vrunas de Navutan: ao instituir a Reforma do Fogo Frio, os Senhores de Tharsis tinham recebido a Palavra da Deusa de que a Casa de Tharsis, descendente dos Atlantes Brancos, "não se extinguiria enquanto ao menos um de seus membros não recuperasse a Sabedoria perdida", e para que Sua Palavra fosse cumprida, "menos que nunca deveriam desprender-se da Espada Sábia". Esse momento ainda não tinha chegado e nenhum descendente da Casa de Tharsis compreendia o significado profundo dessa Verdade esotérica que revelava a Cabeça de Pedra de Pyrena. De modo que para eles era também uma verdade inquestionável que as dezoito Serpentes representavam as letras do alfabeto tartésio: as duas menores, por exemplo, correspondiam às duas letras introduzidas pelos lídios e sua pronúncia seria mantida em segredo, assim como o Nome da Deusa Lua formado pelas três vogais dos iberos. Neste caso, as duas vogais permitiam conhecer o Nome que a Deusa Pyrena se dava a si mesma quando se manifestava como Fogo Frio no coração do homem, quer dizer, "Eu Sou" (algo assim como ***Eu*** *ou* ***Ey****).*

Todos os anos, ao aproximar-se o solstício de inverno, os Hierofantes determinavam o plenilúnio mais próximo e, nessa noite, se celebrava em Tartessos o Ritual do Fogo Frio: quase sempre um grupo que se podia contar com os dedos das mãos. O menir estava alinhado para o Oeste da Macieira de Tharsis, de modo que a Deusa Lua apareceria invariavelmente atrás da árvore e transitaria pelo céu até alcançar o zênite, desde onde iluminaria em cheio o rosto da Deusa que olha para o Oeste. Desde o anoitecer, com os olhares dirigidos para Leste, os Eleitos se achavam sentados na clareira, observando o Rosto da Deusa e, mais atrás, a Macieira de Tharsis.

Quando o Rosto Mais Brilhante da Deusa Lua pousava sobre o Bosque Sagrado, os Eleitos se mantinham em silêncio, com as pernas cruzadas e expressando com as mãos o Mudra do Fogo Frio: nesses momentos somente lhes era permitido mastigar algumas folhas; de resto, deveriam permanecer em rigoroso silêncio. Até o zênite do plenilúnio a tensão dramática crescia a cada instante, e nesse ponto alcançava tal intensidade que parecia que o terror dos Eleitos se estendia ao ambiente e se tornava respirável: não somente se respirava o terror, mas se lhe percebia na pele, como se uma Presença pavorosa tivesse brotado dos raios da Lua e lhes oprimisse a todos com um abraço gelado e amplo.

Invariavelmente se chegava a esse clímax ao começar o Ritual. Então um Hierofante se dirigia à parte traseira da Cabeça de Pedra e ascendia por uma pequena escadaria talhada na rocha do menir e seguia pelo interior. A escada, que contava com dezoito degraus e culminava numa plataforma circular, permitia aceder a uma plataforma tronco cônica: era este um estreito recinto de uns dois metros e meio de altura, escavado exatamente atrás do Rosto e somente iluminado desde o piso pela Lâmpada Perene. Sobre a plataforma do piso, com efeito, havia um diminuto fogão de pedra em cujo forno se colocava, desde que os lídios aperfeiçoaram a forma do Culto, a Lâmpada Perene: uma tampa permitia tapar a boca do fogão e regular a saída de luz. Agora essa luz era mínima porque o Hierofante se prestava a

realizar uma operação chave do ritual: a abertura dos olhos da Deusa. Para isso teria apenas que deslocar para dentro as duas peças de pedra, solidárias entre si, que habitualmente permaneciam sobre o Rosto e davam a impressão de que pálpebras de pedra cobriam Seus Olhos: essas pesadas pedras requeriam a força de dois homens para ser colocadas em seu lugar, mas, uma vez ali, bastava soltar uma trava e se deslizavam por si mesmas sobre uma rampa que atravessava o recinto interior.

Deve-se imaginar essa cena. O cerco de Fresnos do Bosque Sagrado formando a clareira e em seu centro, enormes e imponentes, a Macieira de Tharsis e a estátua da Deusa Pyrena. E sentados frente ao Rosto da Deusa, numa posição que exalta mais ainda o tamanho colossal e a perturbadora Cabeleira serpentina, os Eleitos, com o olhar fixo e o coração ansioso, aguardando Sua Manifestação, o chamado pessoal que abre as portas da Prova do Fogo Frio. Desde o alto, a Deusa ***Ioa*** *derrama torrentes de luz prateada sobre o quadro. De pronto, procedentes do Bosque próximo, um grupo de belíssimas dançarinas se interpõe entre os Eleitos e a Deusa Pyrena: trazem o corpo despido e somente levam objetos ornamentais, pulseiras e anéis em mãos e pés, colares e cintas, e presilhas que deixam cair livremente os longos cabelos. Vêm dançando ao ritmo de instrumentos e não se detêm em nenhum momento, mas de imediato se entregam a uma dança frenética. Previamente, praticaram a libação ritual de um néctar afrodisíaco e por isso seus olhos estão brilhantes de desejo, seus gestos insinuantes e lascivos: a cintura e o ventre se movem sem cessar e podem ser vistos a cada instante em mil posições diferentes; os seios firmes se agitam como pombas no vôo e as bocas úmidas se abrem anelantes; toda a dança é um convite irresistível aos prazeres do amor carnal.*

Então, o erotismo encarnado pelas bailarinas tinha por objetivo excitar sexualmente os Eleitos, acender neles ***o Fogo Quente da paixão animal****. Era uma reminiscência do antigo Culto do Fogo e seu ápice, que em outros tempos teria desenfreado uma orgia. Mas a reforma do Fogo Frio tinha mudado as coisas e agora se proibia o ato ritual e se exigia, em troca, que os Eleitos experimentassem o Fogo Quente no coração. Se algum eleito carecia de forças para recusar o convite das dançarinas poderia juntar-se a elas e desfrutar de um prazer jamais imaginado, mas isso não o salvaria da morte, pois logo seria assassinado em castigo por sua debilidade. A atitude exigida dos Eleitos requeria que permanecessem imutáveis até a conclusão da dança, mantendo a vista fixa no Rosto da Deusa.*

Voltemos à cena. O volume da música aumentava e agora é um coro de flautas e tambores que acompanha os movimentos cadenciais; as bailarinas dançam, a dança se torna febril e a expressão erótica chega a seu apogeu, por trás delas o sorriso da Deusa parece mais irônico que nunca. Os Eleitos se concentram em Pyrena, mas não podem evitar perceber, como entre as brumas de um sonho, as flutuantes belezas femininas que os embriagam de paixão, que os arrastam inevitavelmente a um cálido e sufocante abismo. É então que se faz necessária a intervenção da Deusa, quando os Eleitos, com a vontade enervada, solicitam em seus corações o cumprimento de Sua Promessa. E é então quando, a um sinal dos Hierofantes, a música cessa bruscamente, as bailarinas se retiram com rapidez, e os Olhos da Deusa se abrem para olhar os eleitos.

Um tremor horrorizado comove os Eleitos: as Pálpebras desapareceram e a Deusa os contempla desde as órbitas vazias, com forma de Folha de Macieira, de Seus Olhos. Começou a Prova do Fogo Frio. Um Hierofante, com voz estrondosa, recita a fórmula ritual:

Oh, Pyrena,
Deusa da Morte Sorridente
Tu que tens Tua Morada
Mais Além das Estrelas
Aproxima-te da terra dos Eleitos
Que Por Ti Clamam!

Oh, Pyrena,
Tu que antes amavas com o Calor do Fogo teus Eleitos
E depois os matavas
Recorda a Promessa!
Mata-os primeiro com o Frio do Fogo,
Para logo Amá-los em Tua Morada!
Oh, Pyrena,
Faz com que morra em nós a Vida Cálida!
Faz-nos conhecer Kâlibur,
A Morte Fria de Teu Olhar!
E faz-nos viver na Morte
Tua Vida Gelada!
Oh, Pyrena,
Tu que uma vez nos concedestes
A Semente do Cereal
Para semear no sulco da Infâmia,
Mata essa vida criada!
E deposita no coração do Eleito
A Gélida Semente da Pedra que Fala!
Oh, Pyrena,
Deusa Branca,
Mostra-nos a Verdade Desnuda
Por Kâlibur em Teu Olhar,
E já não seremos homens, mas Deuses
De Coração de Pedra Congelada!
Kâlibur, Teus Eleitos Te Clamam!
Kâlibur, Teus Eleitos Te Amam!
Kâlibur, Morte Que Liberta!
Kâlibur, Semente de Pedra Congelada!
Kâlibur, Verdade Desnuda Recordada!

*Tudo sucede velozmente, como se o Tempo tivesse parado. O Fogo Quente da Paixão Animal se troca novamente em Terror. Mas agora é um Terror sem limites que sobrevém, um Terror que é a própria Morte, a Morte Kâlibur de Pyrena, a Morte Necessária que precede a Verdade Desnuda. Os Eleitos estão paralisados de Terror e com o coração gelado de espanto. Contemplam absortos o Rosto de Pyrena enquanto, todavia, ressoa no ar o último Kâlibur do Hierofante: os Olhos da Deusa parecem agora as portas de um Outro Mundo! Um mundo de Negrura Infinita! Um mundo de Frio Essencial que é a morte da Vida Cálida. Não se podem atravessar essas portas sem Morrer de Terror: mas se algo as atravessa***, esse algo vive na Morte****! E se algo sobrevive à Morte Kâlibur é porque* ***esse algo é consubstancial à essência do Frio da Negrura Infinita****.*

A Morte Kâlibur fascina e atrai a um Nada que será a Matriz do Próprio Ser. Os Eleitos se precipitam sem duvidar na Negrura Infinita dos Olhos da Deusa. Mas antes de atravessar as Portas da Morte conseguem perceber, num instante de Terror Supremo, que o Bosque Sagrado, se transfigurou e se enche de Vida manifesta, de uma Vida que jazia oculta atrás da ilusão da existência vivida, de uma Vida que afora brotava obscenamente desde todas as coisas como um demoníaco Orgasmo da Natureza; e viram também como a Macieira, animada por uma louca Inteligência, se estremecia de risos diabólicos;

e como a cabeça da Deusa resplandecia com uma luz Branca ofuscante que acentuava mais ainda a Negrura Infinita de Seus Olhos. E ao entrar na Negrura Infinita, ao esfriar o coração e Morrer a Vida Cálida, vem por último o cabelo de Pyrena fervilhando de serpentes: e ouvem as serpentes sibilarem as letras do Alfabeto Sagrado e pronunciar com elas, ininterruptamente, o nome de todas as coisas criadas. Ali estava descoberto ainda que inútil para eles, o Mais Alto Conhecimento permitido ao Animal Homem, o ***conteúdo*** *do Símbolo da Serpente.*

Mas esse Conhecimento já não interessa aos Eleitos. Algo deles atravessou as barreiras da Morte Kâlibur, algo que não teme a Morte, e se encontrou com a Verdade Desnuda que é Si Mesmo. Porque a Negrura Infinita que oferece a Morte Kâlibur da Deusa Pyrena, em que toda a Luz Criada se apaga sem remédio, é capaz de refletir esse "algo" que é o Espírito Não-Criado; ***e o Reflexo do Espírito na Negrura Infinita da Morte Kâlibur é a Verdade Desnuda de Si Mesmo****. Frente à Negrura Infinita a Vida Criada morre de Terror e o Espírito se encontra a Si Mesmo. É por isso que o Eleito, se recobra a Vida depois do reencontro, será portador de um Sinal de Morte que deixará seu coração gelado para sempre. A Alma não poderá evitar ser subjugada pela Semente de Pedra de Si Mesmo que cresce e se desenvolve a suas custas e transmuta o Eleito em Iniciado Hiperbóreo, em Homem de Pedra, em Guerreiro Sábio. Como Homem de Pedra, o Eleito ressuscitado terá um Coração de Gelo e exibirá um Valor Absoluto. Poderá amar sem reservas a Mulher de Carne, mas esta já não conseguirá acender em seu coração o Fogo Quente da Paixão Animal. Então buscará na Mulher de Carne a Aquela que além de Alma possua Espírito Não-Criado, como a Deusa Pyrena, e seja capaz de Revelar, em Sua Negrura Infinita, a Verdade Desnuda de Si Mesmo. A Ela, a Mulher Kâlibur, a amará com o Fogo Frio da Raça Hiperbórea. E a Mulher Kâlibur lhe responderá com o A-mort gelado da Morte Kâlibur de Pyrena.*

Nono Dia

Entre os Eleitos que afrontavam a Prova do Fogo Frio três resultados eram possíveis. Em primeiro lugar, que alguns não aprovassem a Prova, quer dizer, que não tivessem passado pela experiência efetiva da Morte, seja porque o Terror inicial não deu lugar à paixão animal, seja porque o fogo quente não se tornou novamente Terror, seja porque o Terror impediu olhar de frente a Negrura Infinita, ou qualquer outro motivo. Em segundo lugar, que tivessem realmente morrido. E por último, que alguns ressuscitassem. No primeiro caso, os Eleitos seriam executados na noite seguinte da Prova do Fogo; para os Hierofantes tartésios não deveria se apresentar para a prova quem não estivesse realmente disposto a morrer; porque da Prova **ninguém deveria sair vivo***; se se morresse, e ressuscitasse, o renascido não seria quem morreu, mas um* **Filho da Morte***, alguém que portaria um Sinal de Morte e levaria em si a Morte: quer dizer, o Filho da Morte seria engendrado* **na** *Morte por Si Mesmo. Quem assistisse à Prova, e não morresse, não mereceria viver: as Mulheres Verdugo de Tartessos desceriam o machado de pedra sobre seu pescoço; o matariam na noite seguinte da Prova, no festival consagrado à Deusa Lua* **Ioa***, nas margens do Odiel. O que acontecia com eles? Ninguém sabia ao certo qual seria sua sorte, se realmente morreriam para sempre, se ressuscitariam em outro mundo, se voltariam a encarnar ou se suas almas se transmigrariam a outros seres.*

Mas quanto durava a Prova do Fogo Frio? Somente os Hierofantes, e os que haviam fracassado, e que igualmente morreriam, o sabem; só eles conservaram a consciência do tempo transcorrido. Os que se Refletiram na Negrura Infinita, e encontraram a Verdade Desnuda de Si Mesmo, receberam também um reflexo da Eternidade: a contemplação de Si Mesmo, que é um reflexo do Espírito Eterno, se experimenta em um **instante único***, inapreensível pelo Tempo da Criação; os Eleitos que encontram a Morte Kâlibur de Pyrena não conseguem responder essa pergunta; a experiência da Eternidade é indescritível. Daí que os do segundo grupo, os que morreram realmente, se os considerassem Muito Amados pela Deusa, já que Ela os havia retido na Eternidade. E se lhes brindasse funerais próprios dos Guerreiros Sábios: tinham direito a ser incinerados com a espada na mão; e uma urna com madeira de Fresno, com suas cinzas, seria logo lançada ao Mar Ocidental.*

No terceiro caso, quando excepcionalmente algum Eleito voltava da Morte, era incorporado de imediato ao Colégio de Hierofantes de Tartessos. O fato constituía um motivo de festa no Reino, pois o povo, que não entendia de sutilezas esotéricas, intuía infalivelmente que o Filho da Morte significava um galardão, um distintivo para a Raça; apesar de ter triunfado por Si Mesmo na Prova do Fogo Frio, o novo Hierofante seria considerado como expoente de um mérito coletivo, de uma virtude racial. Mas os Hierofantes antigos, que conheciam o segredo, acolhiam com igual alegria o Eleito ressuscitado: eis ali, indicavam um Homem de Pedra; um Regresso da Morte; um que **na** *Morte foi amado com o Fogo Frio Kâlibur de Pyrena e agora conserva a memória de A-Mort; um que sentiu, mais além do Amor à Vida, o A-Mort da Morte Kâlibur, quer dizer, a Não-Morte da Morte Kâlibur, e agora se imortalizava como filho da Morte. Assim o recebiam:*

Oh, Eleito de Pyrena,
Eras mortal e o A-mort de uma Deusa
libertaste-te da Vida.
Por Vontade do Criador Uno
de barro foste.
Por Vontade da Morte Kâlibur
de Pedra és.

Oh, Filho da Morte,
o Valor tem teu Nome.
Já não deves falar,
só atua.
Guarda em teu Coração de Gelo
a Memória de A-mort,
mas não recordes.
Só vivencia a Ti Mesmo,
Fogo Frio Imortal,
Homem de Pedra.

E, em verdade, o Homem de Pedra não falaria, talvez por muitos anos. Não o faria porque estaria ocupado em vivenciar a Si Mesmo. Porque desde o renascimento, no interior de seu coração, sobre uma fibra profunda, ardia a Chama do Fogo Frio: ***e essa Chama, quando era percebida, falava com a Voz de Si Mesmo; e suas palavras sempre começavam com o Nome da Deusa: Eu Sou, Eu Sou (Ey, Ey)****. Ao escutar a Voz de Si Mesmo afirmando "Eu Sou", o Homem de Pedra realmente* ***era****, quer dizer, tinha* ***existência absoluta*** *fora da ilusão dos entes materiais, mais além da Vida e da Morte. Por isso o Homem de Pedra Imortal não falaria, ou falaria muito pouco, dali por diante: estava muito próximo à Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes Brancos e esse saber não podia ser explicado aos homens adormecidos que amavam a Vida e temiam a Morte Libertadora. Talvez no final, durante a Batalha Final, ele e outros Homens de Pedra Imortais falassem claramente aos homens adormecidos para convocá-los a se libertarem das cadeias materiais e lutar pelo regresso à Origem da Raça Hiperbórea. Enquanto isso, o Homem de Pedra só atuará, escutará em silêncio a Voz do Fogo Frio e atuará; e seu ato expressará o máximo Valor espiritual:* ***fizesse o que for nele****, seu ato estaria fundado no suporte absoluto de Si Mesmo, mais além do bem e do mal, e não lhe afetará nenhum juízo ou castigo procedente do Mundo do Engano. E nenhuma variante do Grande Engano, nem sequer o Fogo Quente da Paixão Animal, poderão arrastá-lo outra vez ao Sonho da Vida: Sábio e valente como um Deus, o Homem de Pedra só lutará se necessário e aguardará calado a Batalha Final; buscará a Origem e o comoverá a nostalgia pelo A-Mort da Deusa; buscará sua Parelha Original na Mulher Kâlibur e, se a encontra, a amará com o Fogo Frio de Si Mesmo; e Ela o abraçará com a Luz Não Criada de seu Espírito Eterno, que será Negrura Infinita para a Alma criada.*

Neste terceiro caso, com certeza, a Promessa de Pyrena se havia cumprido.

Décimo Dia

Suponho que o senhor aguardará, sofrido Dr. Siegnagel, uma resposta à pergunta pendente: Qual seria a reação seguinte dos Golen frente ao poderio tartésio, que se desenvolvia fora de seu controle e frustrava todos os seus planos? Esta é a resposta, muito simples, se bem que terá de ser esclarecida: ***os Golen dirigiram contra Tartessos o Mito de Perseu****.*

Com todo rigor, se pode afirmar que o mito de Perseu, assim como outras lendas que tardiamente se agruparam sobre a denominação geral de "mitos gregos", é em realidade um antiqüíssimo mito Pelasgo. Com algumas das histórias "gregas" de Heracles aconteceu o mesmo: por exemplo, com aquela em que o herói luta com o gigante Gerião para lhe roubar os bois vermelhos e que oculta, sob um símbolo caro aos pelasgos, uma antiga incursão dos primitivos Argivos contra o "povo tríplice" dos iberos, ou Virtriones, com o fim de conquistar o segredo da pecuária que desconheciam ou haviam perdido; e a prova está em que aqueles argivos, inimigos dos geriones, se consideravam parentes destes, desde que Heracles era bisneto de Perseu. Mas Perseu foi bisavô de Heracles só no mito argivo; na verdade, o tema é de um mito pelasgo muito mais antigo, de origem ibérica atlante, que se refere à aventura empreendida pelo espírito Hiperbóreo típico para alcançar a imortalidade e a Sabedoria. No tema original Perseu não era grego, mas oriundo dos íberos atlantes, quer dizer, de um povo muito mais ocidental; por isso sua proeza não é levada a cabo por encargo de um mero rei mortal como Polidectes, mas da Deusa da Sabedoria, Frya, a esposa de Navutan: todos os nomes, as funções dos Deuses, foram logo trocados, e distorcidos, pelos povos do Pacto Cultural, ficando a história na sua vertente conhecida.

O tema é simples e, exposto, o senhor comprovará que não pode proceder mais que da Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes Brancos. Uma representação Hiperbórea da Origem, como mencionei mais atrás, foi Thule, o centro isotrópico de onde procedia o Espírito. De modo semelhante, para os primeiros descendentes dos Atlantes Brancos, a Origem foi Ponto, ao que logo se personificou como um Deus do Mar e se identificou com a Onda, seguramente porque desta "Origem" provinham seus Antepassados. Este Ponto se casa com Gea, a Terra, quem dá à luz, entre outros, a Forcis e Ceto, símbolos prototípicos dos seres híbridos, metade animais, metade Deuses: num fundo esotérico a imagem alude ao Espírito transferido de Ponto para o animal homem filho da Terra. Os irmãos Forcis e Ceto se juntam por sua vez e, junto a uma série de Arquétipos híbridos, dão vida a três mulheres que já nascem "velhas": são as Parcas, Grayas ou Greas. Naturalmente, as Grayas não são outras que as Vrayas, as Guerreiras Sábias encarregadas de custodiar o Arado de Pedra e a Pedra de Vênus: são "velhas" porque devem ser sábias e os que ignoram o significado dos instrumentos líticos afirmarão logo que "entre as três só tinham um olho e um dente".

Perseu é a idealização do Espírito cativo que tenta a façanha de libertar-se da prisão material; seu objetivo é descobrir o Segredo da Morte, conseguir a Mais Alta Sabedoria, e achar a Parelha Original. Navutan e Frya o inspiram para que consulte as Vrayas e elas, com a Pedra de Vênus, lhe indicam o caminho: deve ir a um bosque de Fresnos e reclamar a ajuda dos Deuses para enfrentar com êxito a Morte. É o que faz Perseu e se produz o encontro com Navutan. O Deus lhe informa que a Sabedoria está em poder de sua Esposa, Frya, mas que não é fácil chegar a ela, pois a Morte se interpõe ao passo de simples mortais. Para fazer a viagem até Frya, Navutan revela a Perseu o Segredo do Vôo e lhe entrega o Signo da Meia Lua, o símbolo dos Pontífices Hiperbóreos, os Construtores de Pontes Mais Sábios dos Atlantes Brancos: ***segundo os Atlantes Brancos, os Pontífices Hiperbóreos sabiam o modo de ter uma ponte infinita entre o Espírito e a Origem (Ponto).*** *O grau de Pontífice Hiperbóreo o confirma Vides, o Senhor de K'Taagar, quando entrega aos que guardam a Porta da Morada dos Deuses Libertadores a túnica e a concha: sobre a frente desta concha*

os pontífices fixam o Signo da Meia Lua. É tradição que os Pontífices assim vestidos dispusessem da faculdade de se tornar ***culturalmente invisíveis****, não tanto pela indumentária em si, mas pela Sabedoria que indicava possuir quem assim se vestia. Navutan ensina a Perseu a Língua dos Pássaros e o guia até a Morada de Vides, quem o investe de Pontífice Hiperbóreo: em sua Viagem a Frya, Perseu levará em mãos um saco de pele com dezesseis pedras dentro, cada uma marcada com uma Vruna. Ao se aproximar de Frya, Navutan aconselha ao herói a não se focar no Rosto da Morte, o que causaria sua imediata destruição, mas se concentrar no* ***Espelho*** *que a Deusa da Sabedoria significa* ***por trás da Morte****: somente assim poderá vencer a Morte! Perseu cumpre com as indicações com exatidão e, contemplando-se no Espelho de Frya, consegue* ***compreender a Morte*** *e se transforma em* ***Homem de Pedra Imortal****. Ao regresso da Morte, Perseu emprega a Língua dos Pássaros para* ***compreender a Serpente com o Signo da Origem****: então adquire a Mais Alta Sabedoria e encontra sua Parelha Original.*

Até aqui, o mais importante do tema original transmitido aos povos nativos pelos Atlantes Brancos. É evidente que grande parte do mesmo, milagrosamente relembrado graças à missão familiar, foi incorporado pelos Senhores de Tharsis na Reforma do Fogo Frio. Os lídios, posteriormente, contribuiriam com sua degradação mediante o aperfeiçoamento da forma ritual, que consistia na louca tentativa de exibirem exteriormente, plasmados na matéria, signos que só podiam ser metafísicos. Claro que os que mais se esforçaram para perverter o tema original foram os Sacerdotes do Pacto Cultural; e depois que o sentido fosse restituído pelo Culto do Fogo Frio, os acompanhariam os Golen com todos os seus recursos, travados numa guerra que consideravam de vida ou morte para os planos da Fraternidade Branca a que serviam.

Em tempos de queda cultural dos pelasgos, muito antes que os Golen iniciassem seu sinistro deslocamento para a Europa, o tema original se tornou mito, os nomes foram sendo trocados, e os significados torcidos e distorcidos. No mito argivo, Perseu, por encargo do tirano de Sérifos a quem prometeu imprudentemente trazer a "cabeça da Medusa", se dirige à Tartéside, pois o monstro habita um bosque da península ibérica: semelhante localização não é gratuita posto que Vides, o Senhor de K'Taagar, foi denominado pelos Sacerdotes, Ides, Aides ou Abes, o Senhor de Tar, quer dizer, o Tártaro ou Inferno, com o que Thar-sis, Tar-téside, Tar-tessos, etc., passaram a denominar lugares infernais. A essa insinuação contribuíram também os Golen, quando lograram observar a escultura da Deusa Pyrena e a identificaram em todo o mundo antigo como a "górgona medusa". Ao Perseu grego o ajudam Hermes e Atena, em quem ainda é possível reconhecer a Navutan e Frya. Navutan, em efeito, foi chamado Hermes, Mercúrio, Wothan, etc.; como Hermes, segundo os gregos, era filho de uma mulher "atlante", e de um Deus (Zeus), o que não está longe da genealogia do Grande Chefe Branco; foi inventor de um alfabeto, da lira que trocou com Febo, o Sol, pelo caduceu com que este pastoreava seus rebanhos: considerando que o caduceu é uma vara com duas serpentes enroladas, que o Sol representa o Criador, e o rebanho os animais homens, é fácil distinguir na figura de Hermes a do que compreendeu, mediante uma linguagem, o Símbolo da Serpente com que o Criador pastoreava seus servos. E Frya por sua parte foi conhecida como Atena, Minerva, Afrodite, Freya, etc.; dEla, os gregos diziam que "tinha nascido já armada": era, pois, Deusa da Guerra, de Sabedoria e Amor.

A partir de sua viagem inversa à Tartéside, o Perseu argivo começa a se comportar como um claro expoente do Pacto Cultural: não consulta as Vrayas, mas lhes rouba o Olho comum; estas o enviam a Alsos, o lugar das Alceides, quer dizer, um bosque sagrado onde encontra as Ninfas Melíades, que não são outra coisa que personificações dos Fresnos; as Ninfas lhe conferem um saco de pele, onde colocará a cabeça da Medusa, e umas sandálias que permitem voar; Hades lhe empresta a concha da invisibilidade; e Hermes lhe entrega uma foice com forma de meia lua para cortar a cabeça do monstro. Mas o que mais denuncia essa falsificação engendrada pelo Pacto Cultural é que o Perseu grego ***teme se converter***

em Homem de Pedra. *Porque no mito Egeu não é a Sabedoria posterior, mas o próprio olhar da Medusa que converte em pedra; a Sabedoria, pelo contrário, não está atrás da Morte, mas fora, junto a Perseu, totalmente inalcançável para ele. Ela não permite que o herói se reflita em sua Verdade Desnuda: se limita a colocar um espelho objetivo onde ele contemplará a Morte sem que esta o pegue. É toda a ajuda que lhe brinda Atena: vendo-la a partir do espelho, Perseu cravará a foice no pescoço de Medusa e dará morte à Morte, sem que esta façanha lhe permita alcançar a imortalidade. O espelho de Atena é seu escudo protetor; a Cabeça da Medusa, obtida na inútil façanha do Perseu grego, é colocada pela Deusa no centro do escudo, dando a entender claramente que nesta Era, logo do triunfo do Pacto Cultural, a Sabedoria está escudada na Morte, sem que exista possibilidade alguma aos mortais de chegar a ela. Desde logo, esta é apenas uma ameaça dos Sacerdotes do Pacto Cultural para desalentar a busca pela libertação do Espírito. Enfim, como o Perseu argivo nem alcançou a imortalidade nem conseguiu a Sabedoria, não poderá compreender a Serpente e por isso se vê obrigado a matá-la também, coisa que faz na volta de sua façanha, quando luta com um dragão e liberta a Andrômeda, com a que se une e gera numerosa prole.*

Finalmente, correndo o risco de serem executados sem piedade pelos tartésios, os Golen conseguiram infiltrar-se no Bosque Sagrado e espiar o Ritual do Fogo Frio. Desde aquele maldito dia, os Golen souberam que tinham achado um rosto e um local para a Medusa. Em poucos anos, graças a sua incessante persistência e a dos incontáveis Sacerdotes que os secundavam em todos os povos do pacto Cultural, se popularizou com renovado vigor a lenda grega de Perseu: os filhos de Forcis e Ceto, as Grayas, as Górgonas, e a Serpente que cuida da árvore das Maçãs de ouro, habitam num bosque sagrado da Tartéside, região que pertencia à margem do reino de Tartessos. Logicamente, não se verá com clareza a vantagem estratégica que implica para os Golen o fato de montar e adaptar um "mito" se partimos do princípio errôneo de que então ninguém acreditava nele ou de que todo mundo, embora lhe concedesse veracidade lendária, sabia que isso "já tinha ocorrido". Pensar isso é não conhecer a ideologia dos Golen. Junto com sua concepção revolucionária da unidade de Deus no Sacrifício ritual, os Golen sustentavam o assombroso conceito de que ***os Mitos tinham caráter profético****. Quer dizer, que os mitos, e todo o argumento procedente do Céu ou dos Deuses,* ***jamais se cumprem totalmente****. Tinham fé cega em que se repetiam as circunstâncias e os personagens, o Mito, como uma Profecia, iria se desenvolver novamente na Terra; em síntese, afirmavam:*

O que foi, isso será;
O que se fez, isso mesmo se fará:
Não há nada de novo sob o sol.

De maneira que, no pensamento dos Golen, se ***profetizava*** *o mito do Perseu argivo, este iria se concretizar infalivelmente: então a sentença de extermínio que pesava sobre a Casa de Tharsis ficaria também cumprida.*

Por suposto, não se deve enganar em relação à atividade de um Mito descrito até os menores detalhes: se bem que nas mentes crédulas do povo, Perseu e Medusa, eram imaginados como personagens reais, os Reis e chefes militares que ambicionavam o saque de Tartessos tinham o claro conceito de que eram representações; nos séculos da expansão tartésia, os que desejavam "imitar Perseu", por exemplo, sabiam que a "Cabeça de Medusa" que tinham de cortar significava "destruir a Tartessos"; algo de semelhante ocorria quando nas guerras do século XIX se propunha "destruir o Urso" aludindo à conquista da Rússia, ou "humilhar o Leão" ao invés de "submeter a Inglaterra". Sem embargo, o fato de que um rei

*estivesse a par do sentido alegórico do mito não lhe dava capacidade para atuar, mas ao contrário aumentava suas possibilidades de concretizar o mito: o que adota inteligentemente o papel de personagem do argumento mítico, interpreta a descrição do mito como um plano ou projeto; mas então não é o personagem quem atua para concretizar o projeto do mito, mas o Mito que, inconscientemente, motoriza o personagem para concretizar o argumento***: quem aspira a ser Perseu, acabará cortando a cabeça da Medusa***, ainda que creia poder se autocontrolar porque conhece o sentido alegórico do personagem.*

Assim, pois, Dr. Siegnagel, os Golen "dirigiram contra Tartessos o Mito de Perseu" como reação à expansão econômica e militar que se desenvolvia fora de seu controle e frustrava todos os seus planos: a resposta é agora clara. Durante os séculos posteriores muitos foram os "Perseus" que tentariam a façanha de conquistar Tartessos; e quase sempre, integrando as expedições ofensivas, guiando os reis invasores ou os chefes piratas, chegava o Golen, caricatura de Hermes que assinalaria a localização das Grayas e seu Olho único, quer dizer, a Espada Sábia. Porque os Golen não esqueciam nunca seu objetivo principal: roubar a Pedra de Vênus. Essa seria sua parte no saque: todo o resto, o ouro e a prata, os engenhos, barcos e prósperas cidades, tudo seria para o Perseu vencedor, para o "herói" do Pacto Cultural. Não era muito que pediam e não seriam poucos os que responderiam a suas intrigantes propostas. Embora, apesar dessa ofensiva que se fundava na ação universal de um Mito e que obrigava os tartésios a viverem em permanente estado de guerra, o Reino se defendeu com êxito até o século III, época em que seu poder começou a declinar frente a outras potências nascentes: Cartago, Grécia e Roma escreveriam o final da história.

Os gregos do período pré-clássico foram muito receptivos à Estratégia dos Golen e isso os conduziu a empreender muitas expedições de conquista contra Tartessos: desde suas pujantes colônias em Sicília, Itália, Gália e, finalmente, na própria Espanha, teriam acabado com Tartessos se não fosse porque deviam cuidar de suas costas por causa do poderio crescente de Roma. Os romanos, em troca, se mostraram amistosos com os Tartésios e pouco permeáveis à influência dos Golen: isso não deve se estranhar lembrando-se que pelas veias da nobreza romana circulava o sangue dos pelasgos da Etrúria, parentes diretos dos Tartésios. O destino não reservaria, pois, nem a gregos nem a romanos a façanha de destruir Tartessos. Seria um homem de Cartago, um fenício, um vermelho ou púnico, o novo Perseu que empunharia a foice de ferro, símbolo invertido e pervertido da meia Lua, e cortaria a cabeça da Medusa, dando cumprimento à profecia dos Golen.

No século XII a.C. , quando os Filisteus a ocupam e saqueiam, começa a decadência de Sídon, a cidade mais importante da Fenícia. Inicia-se assim o poderio de Tiro, que não pararia de crescer até que Nabucodonosor, depois de um sítio de treze anos, a arruína definitivamente em 574 a.C. Mas para esse tempo, Tiro se expandiu por todo o mundo antigo e possui colônias, como Gades, no Sul da Espanha, e nas costas da Sicília, nas Baleares, em Cerdeña e, desde 814 a.C. nas costas da África, onde fundaram a rica e próspera cidade de Cartago. Com a ruína de Tiro cobra preponderância, a partir do século VI, a colônia cartaginesa, possuidora da maior frota do mediterrâneo ocidental.

Cartago alcançou na História a triste celebridade de ter constituído uma sociedade amoral, formada por mercadores cuja única ambição era a riqueza, que impunha seu comércio com a proteção de um exército mercenário; só alguns poucos Chefes militares, em efeito, eram cartagineses: o grosso do exército estava integrado por homens sem pátria nem lei, quer dizer, por soldados cuja pátria era a que pagasse melhor e cuja lei dependia do pagamento acertado. Mas o que mais impressionou sempre os observadores, de maneira análoga à repugnância que causou nos europeus do século XVI, o conhecimento do sangrento Culto asteca dos Corações Palpitantes, foi o Culto de Moloch, uma deidade a que se deviam oferecer

permanentes sacrifícios humanos para aplacar sua inextinguível sede de vidas. Em Tiro, os fenícios adoravam deuses semelhantes aos de outros povos da Mesopotâmia e Ásia Menor: rendiam culto a Astarte ou Tanit, que para os assírio-babilônios era Ishtar ou Inanna (Nana), para os gregos Io, para os egípcios Ísis e em outras partes se chamava Ashtaroth, Cibele, Atena, Anatha, Hathar, etc.; e que também faziam oferendas a Adon, que equivalia ao Adonis frígio; e criam em Melkarth, que correspondia ao Héracles grego; e também faziam sacrifícios a Baal Zebul, Baal Sidón, Baal Zaduk, Baal Il, Baal Tars, Baal Yah, etc., todos os nomes do Deus Criador ao que se representava ora como o Sol, ora como o planeta Júpiter e ora como uma força da natureza. Foi no século IX a.C. , quando o rei Itobal, sacerdote de Astarte, casou sua filha Jezebel com o rei Ajab de Israel, que os Golen se infiltraram em Tiro e trataram de unificar os Cultos no Sacrifício ao Deus Uno, Il. Aquele intento não teria grandes resultados até o século seguinte, quando o grande rei Sargão II da Assíria conquistasse o país de Canaã e os Golen se mudasse para Cartago, para oficiarem como Sacerdotes do Culto a Moloch.

Deve-se advertir que o cartaginês foi o primeiro povo não-europeu no qual os Golen se estabeleceram, fora dos povos europeus que lhes assinalavam a Fraternidade Branca, para cumprir com sua missão de unificar os Cultos. Mas seria o primeiro e último, pois, segundo eles mesmos declararam, seu interesse somente estava em trabalhar sobre os Cultos da Europa: se permaneciam em Cartago isso se devia única e exclusivamente à heresia tartésia, à necessidade de orientar aquele povo Perseu para que cortasse a cabeça da Medusa e desse seguimento à profecia. E foi assim como, impulsionado pelo sinistro desígnio dos Golen, o Culto de Moloch chegaria a dominar pelo terror a todos os outros poderes do governo de Cartago: o Rei, a Nobreza, os Conselhos de Estado, os chefes militares, todos acabaram submetidos a Moloch e seus Sacerdotes Golen. Ao final, todas as famílias de Cartago estavam obrigadas a oferecer seus filhos primogênitos para serem sacrificados na "boca de Moloch", quer dizer, para serem lançados na boca de um ídolo de metal que dava para um forno incandescente; e ali terminavam seus dias também os prisioneiros, os escravos, os condenados, as virgens consagradas, e qualquer um que os Golen pensassem em eliminar. Mas o Deus jamais estava satisfeito: exigia mais e mais provas vivas da fé do povo no Sacrifício ritual; sua Lei reclamava uma cota de sangue dificilmente disponível. Talvez Moloch esperasse um Sacrifício ainda maior, talvez se acalmasse com a oferenda de toda a linhagem que o havia ofendido, com o extermínio em seu nome da estirpe dos Senhores de Tharsis.

Ao chegar às guerras púnicas; no ano 264 a.C., os Golen creram chegada a oportunidade de dar cumprimento às Profecias. E não só o creram eles, mas também os membros da Fraternidade Branca, que enviaram de Chang Shambala dois misteriosos personagens de nome ***Bera e Birsa****. Eram dois sacerdotes de grau superior, aos que davam o título de "Imortais"; dois Sacerdotes que por terem pertencido em épocas remotas à mesma raça dos Golen, a Fraternidade Branca lhes encarregava a missão de dirigir seus planos. Eram dois "Golen supremos", pois; que superavam quanto pudessem ter demonstrado a seus irmãos de Raça em matéria de crueldade e artes mágicas malignas: entre outros poderes, por exemplo, possuíam a capacidade de viajar pelo Tempo, domínio que minha família comprovou amargamente toda vez que os mesmos atores apareceram em distintos séculos posteriores com o fim de buscar sua destruição. Naquela ocasião, Bera e Birsa se puseram à frente dos Golen de Cartago para dirigir pessoalmente o ataque a Tartessos, pois, à parte da Raça, os uniam a todos um ódio comum contra Tharsis. O General Amílcar Barca seria o novo Perseu, o instrumento que o Mito empregava agora para se desenvolver novamente na Terra. Com o propósito de que este militar demonstrasse ante o deus Uno que estava preparado para realizar a façanha, matou quarenta mil homens de seu exército mercenário, que incitou à rebelião suprimindo-lhes propositadamente o soldo: desde o desfiladeiro de Hacha, um rio de sangue foi parar assim às faces de Moloch, para satisfação dos Golen e um claro sinal de que a profecia poderia ser cumprida. Em seguida o governo de Cartago, seguindo instruções dos Sacerdotes Golen, encarregou em 237a.C. Amílcar Barca da conquista da Espanha. Esta invasão, a*

última que Tartessos suportaria, foi o tema de uma saga familiar de lendas orais denominada "O ataque dos vinte e dois Golen".

Conta a saga que no ano 229, mediante um hábil e inesperado desembarque de tropas, o General Barca consegue "surpreender Tartessos adormecida", como o Perseu argivo a Medusa, e a submete a sangue e fogo. No entanto, enquanto os soldados se entregam à matança e ao saque, outros fatos se sucedem. Acompanhando o exército cartaginês chegaram a Tartessos vinte e dois Golen, vinte e dois Sacerdotes conduzidos por Bera e Birsa. O mito do Perseu argivo agora se fez realidade, a profecia está sendo cumprida nesse momento e é necessário agir com rapidez e precisão: os Golen ocupam o bosque sagrado e fazem os rituais convenientes para consagrar o deus Uno El Moloch e neutralizar a influência mágica de Pyrena, e os Imortais Bera e Birsa irão em busca da Espada Sábia. Os Golen se aplicam a sua tarefa e de pronto se encontram profanando a lâmpada de Pyrena, concentrados junto à Macieira de Tharsis e a Escultura da Deusa. O que ocorre a seguir é que cada um comete um erro de avaliação sobre a capacidade e o modo de reação do adversário: os Golen erraram ao não considerar a loucura mística e heróica que os Hierofantes tartésios dispunham como descendentes dos senhores de Tharsis; e os Hierofantes subestimaram os poderes e a determinação dos Golen, talvez por desconhecerem a existência de Imortais como Bera e Birsa.

O erro dos Golen foi supor que os Hierofantes, desprevenidos como as sentinelas de Tartessos, aceitariam com resignação a perda do santuário do Bosque Sagrado ou que no máximo ofereceriam resistência armada, caso em que atuaria em sua defesa uma tropa que os escoltava. A realidade, bem diferente, era que os Hierofantes consideraram há muitos anos a possibilidade de que o Bosque Sagrado caísse em mãos inimigas e tomaram uma decisão a respeito: nunca permitiriam que isso acontecesse; a queda do Bosque Sagrado implicaria, necessariamente, sua destruição. Por isso quando o fogo, que avançava perimetralmente, cercou e torrou o centro do bosque, os vinte Golen e a guarda nada puderam fazer para evitar a horrível morte: os esqueletos carbonizados mostraram, depois, que todos se refugiaram debaixo da Macieira de Tharsis e que finalmente arderam e se consumiram como esta e os outros vegetais do bosque. Tudo se incinerou naquele incêndio que tinha sido planejado por anos e preparado mediante uma distribuição estudada de lenha seca em distintas partes da área: ao ingressar no Bosque Sagrado, os Golen não ganhariam nada além de uma armadilha fatal. Fatalmente, eles jamais suporiam que os Hierofantes "sacrificariam" seu Bosque Sagrado antes de vê-lo ocupado pelo inimigo e esta reação seria tomada como uma lição pelos Golen que continuariam lutando contra os herdeiros do Pacto de Sangue.

E o erro que os Hierofantes cometeram ao menosprezar o real poder dos Golen esteve a ponto de causar a perda definitiva da Espada Sábia. Se isso não ocorreu se deve somente ao Valor incrível das Vrayas; e a uma lealdade ao Pacto de Sangue que ia além da morte. O caso era que a uns vinte quilômetros de Tartessos, sobre a ladeira de Cerro Candelária, se achava a entrada secreta a uma Caverna que tinha sido adaptada em tempos remotos pelos Atlantes Brancos: era uma das obras que se deviam conservar de acordo com o compromisso do Pacto de Sangue. Naturalmente, logo da derrota cultural dos iberos tal compromisso se esqueceu e a caverna, oculta e solitária, permaneceu abandonada milhares de anos. Contudo, os efeitos purificadores da prova de família que culminaram com a Reforma do Fogo Frio, causou seu redescobrimento, apesar de que nem todos, nem em qualquer momento, podiam penetrar nela: o motivo era que a entrada secreta estava assinalada com as Vrunas de Navutan e só os de sangue puro, os que podiam escutar a Língua dos Pássaros, a encontravam; quem não tivesse tais requisitos não podia encontrá-la embora estivesse diante dela. Pois bem, esta Caverna tinha sido eleita pelas atuais Vrayas para guardar a Espada Sábia. Um corredor de guerreiros tartésios se formou para permitir a saída das Vrayas para salvar, de última hora, a valiosa herança dos Atlantes Brancos: muitos pereceram para consumar esse heróico resgate, muitos dos quais hão de estar imortalizados por seu Valor, aguardando em K'Taagar o momento em que voltarão a ocupar seus postos de combate,

quando se travar sobre a Terra a Batalha Final. Graças à sua lealdade, as Vrayas, que nesse tempo eram a Rainha de Tartessos e duas princesas, puderam chegar à entrada secreta da Caverna. Na verdade iam perseguidas tão de perto por Bera e Birsa que só uma princesa, portando a Espada Sábia, logrou atravessar o umbral, enquanto as outras duas Vrayas pararam para detê-los. E aqui foi onde se viu o terrível poder dos imortais Golen, pois, ainda quando as Vrayas os enfrentavam com seus temíveis machados de pedra, eles não precisavam empregar arma alguma para dominá-las, exceto suas artes demoníacas. O Poder da Ilusão, na qual eram mestres, lhes bastou para imobilizá-las e se apoderar delas. No entanto a Espada Sábia estava a salvo na Caverna Secreta posto que os Golen, que só possuíam Alma, mas careciam de Espírito, jamais conseguiriam compreender as Vrunas de Navutan.

A saga familiar conclui essa parte da história narrando o espetáculo observado pelos Hierofantes tartésios quando se dirigiram à Caverna Secreta, depois de incendiar o Bosque Sagrado. Estatelados no solo da base do Cerro Candelária, não muito longe da caverna que deveriam achar, estavam os cadáveres da Rainha e da Princesa espantosamente mutilados: daquele quadro resultava evidente que Bera e Birsa submeteram a cruel tormento as valentes Iniciadas com o objetivo de forçá-las a confessar a chave da entrada secreta; e era indubitável que elas teriam preferido morrer com Honra antes de trair a missão familiar e o Pacto de Sangue; tinham assim resistido, primeiro à pressão mágica dos encantamentos dos Golen, com Vontade de Aço, e depois à tortura física, à Prova da Dor. Então, seguramente ao comprovar o fracasso de seus planos e temendo um enfrentamento com os Homens de Pedra, os Imortais se apressaram em assassiná-las e a partir para a Ilha Branca, não sem deixar atrás de si um sinal inconfundível de suas presenças infernais: antes de ir, escalpelaram os dois cadáveres e levaram todo o cabelo, das duas tranças tingidas com cal que as Vrayas, como todas as Iniciadas consagradas a ***Io-a****, possuíam. E com o sangue que escorria dos crânios em carne viva, escreveram em língua fenícia sobre uma rocha algo assim como:* ***o castigo para os que ofendam a Yah virá do Javali.*** *Sem dúvida, outra de suas malditas profecias.*

Décimo Primeiro Dia

Assim, estimado Dr. Siegnagel, desapareceu para sempre o Reino de Tartessos. O General Barca representou novamente o Mito do Perseu argivo, ao cortar a Cabeça de Medusa, e também o de Héracles Melkarth, ao vencer o povo tríplice dos Geriones. Não obstante, ainda que de Tartessos não tivesse sobrado pedra sobre pedra, o Bosque Sagrado reduzido a cinzas e a escultura de Pyrena tenha sido demolida por ordem de Amílcar Barca, a profecia Golen não se cumpriu posto que a Pedra de Vênus, o Olho único das Vrayas, não pôde ser roubado por Bera e Birsa. Isso demonstra que ainda que seja certo que os argumentos míticos podem desenvolver-se muitas vezes sobre a Terra, sua repetição nem sempre é idêntica e até podem deparar com mais de uma surpresa os que os hajam propiciado. Nesta ocasião não só falhou a profecia, ao ficar a salvo a Espada Sábia, mas a Sentença de Extermínio que caía sobre a Casa de Tharsis tampouco pode ser cumprida.

No Mito argivo, quando Perseu crava a foice no pescoço da Medusa, da ferida surgem dois seres extraordinários: Crisaor e Pégaso. De acordo com o mito, somente Poseidon, Rei da Atlântida e Deus do Mar Ocidental, se atreveu a amar a Medusa, na que engendrou dois filhos, Crisaor e Pégaso, os que nasceriam da ferida infringida por Perseu. Crisaor seria um gigante destinado a desposar Calirroe (Kâlibur), uma Filha do Mar, de cuja união nasceria o Gigante tríplice Gerião. Creio, Dr. Siegnagel, que a última manifestação do Mito, concretizada no drama de Tartessos, determinaria sua repetição até nos menores detalhes, apesar de não cumprir, felizmente, com a profecia dos Golen. Creio, por exemplo, que efetivamente do pescoço seccionado de Medusa, das ruínas de Tartessos, nasceu Crisaor, o gigante Filho de Poseidon: este foi, sem dúvidas, Lito de Tharsis, que, como verá mais adiante, desposou uma Filha do Mar, uma princesa da América, "a outra margem do Mar Ocidental"; Crisaor nasceria armado com uma Espada de Ouro, igual a Lito de Tharsis, quem partiria para a América portando a Espada Sábia dos Reis iberos. E creio também que Pégaso é meu filho Noyo, quem nasceu com asas para voar até as Moradas dos Deuses Libertadores e, como ele, tem o poder de abrir as Fontes com seus golpes, neste caso as Fontes da Sabedoria.

Os sobreviventes da Casa de Tharsis, curiosamente dezoito no total, se achavam reunidos perto da Caverna Secreta, num terraço estreito protegido naturalmente por enormes rochas que permitiam certa defensiva e desde a qual se podia dominar a ladeira da serra. Conta a saga familiar que, um momento antes, os Homens de Pedra, únicos que sabiam ingressar nela, tinham sustentado um conselho na Caverna Secreta: frente ao desastre que se abatia contra a Casa de Tharsis, juraram dedicar todos os esforços para dar cumprimento à missão familiar, e salvar a Espada Sábia. Era preciso que a Estirpe continuasse existindo a qualquer custo: quanto à Espada Sábia, decidiram que, depois da morte da última Vraya, ficasse perpetuamente depositada na Caverna Secreta, pelo menos até o dia em que outros

Homens de Pedra, descendentes da Casa de Tharsis, observassem nela o Sinal Lítico de K'Taagar e soubessem que deveriam partir: ***até essa ocasião a Espada Sábia não voltaria a ver a luz do dia****.*

Ao sair, comunicaram essas determinações aos parentes e pediram notícias do Reino. Mas as notícias que chegavam ao refúgio improvisado eram estranhas. Dever-se-ia descartar de imediato uma ajuda romana, já que os Golen sublevaram contra eles todos os povos das Gálias, cortando o caminho para a Espanha: ao acudir em favor de Tartessos, Roma ficaria desguarnecida, pois se exigiria uma excursão muito grande. Por outra parte, em Tartessos, a vitória cartaginesa tinha sido arrasadora: toda a Tartéside estava em poder do General Barca, o que completava a ocupação total do Sul da Espanha. Aos Senhores de Tharsis só lhes restavam suas vidas e um batalhão de fiéis e ferozes guardas reais. Entretanto, algo estranho aconteceu.

Amílcar Barca, certamente, arrasou Tartessos até convertê-la em escombros. Neste ato, tanto ele quanto o exército mercenário, agiram movidos por uma fúria homicida que superava toda a razão, por uma força indomável que se apoderou deles e não os abandonou até que a cidade estivesse totalmente destruída. Foi como se o ódio acumulado por séculos pelos Golen contra a Casa de Tharsis se tivesse condensado num obscuro recipiente, ***talvez no Mito de Perseu****, para ser descarregado tudo ao mesmo tempo na Alma dos cartagineses. No entanto, consumada a irracional destruição, o General Barca e os chefes militares recuperaram bruscamente a lucidez, não sendo alheio a este fenômeno a morte dos vinte Golen e a partida de Bera e Birsa. Momentaneamente, algo se havia interrompido, algo que impulsionava ao General Barca a desejar a aniquilação da Casa de Tharsis; e não tinham mais Golen na Tartéside para reiniciá-lo. Então, livre por um momento da paixão destrutiva do Perseu argivo, Amílcar Barca raciocinou com a sensatez de um cartaginês típico, quer dizer, pensou em seus interesses pessoais. Para Amílcar Barca o inimigo não estava só em Roma; ali, em todo caso, estava o inimigo de Cartago; mas em Cartago também estavam os inimigos de Amílcar Barca, os que invejavam sua carreira de General vitorioso e desconfiavam de seu prestígio; os que o tinham enviado oito anos antes àquele país inóspito e não tinham intenções de fazê-lo voltar.*

Mas Amílcar Barca lhes pagaria na mesma moeda, demonstraria para o governo de Cartago a mesma indiferença e usaria para si e sua família o imenso território conquistado: a Espanha seria a fazenda particular dos Barca! Mas para isso, teria de contar com a população nativa, que tinha até então manejado o país e conhecia seu funcionamento. E aqueles povos belicosos, que foram livres por séculos, não seriam facilmente reduzidos à escravidão, isso advertiam claramente os Bárcidas, a menos que seus próprios reis e senhores os convencessem de que era melhor não resistir à ocupação. A solução não era impossível, pois, segundo a particular filosofia dos cartagineses, "só deve ser destruído quem não pode ser comprado".

A estranha e contraditória notícia chegou assim ao refúgio dos Senhores de Tharsis: Amílcar Barca lhes oferecia salvar suas vidas se renunciassem a todo direito sobre a Tartéside e aceitassem entrar a seu serviço para governar o país; caso contrário, seriam exterminados como pediam os Golen. Com muita dor, mas sem alternativa possível, os Senhores de Tharsis tiveram e aceitar a tão desonrosa oferta: faziam-no por um interesse superior, pela missão familiar e a Espada Sábia.

Acertada a rendição, os de Tharsis passaram a servir os Bárcidas e se ocuparam de pacificar a tartéside e reorganizar a produção agrícola e industrial. Pela boa disposição demonstrada se lhes recompensou com uma granja muito próxima da desaparecida Tartessos, onde viveria dali por diante a "família Tharsis", salvo os membros que desempenhavam funções nas cidades ou acompanhavam os Bárcidas nas viagens de inspeção. Enquanto durou a ocupação cartaginesa, não obstante a proteção assegurada pelos Bárcidas, a tranqüilidade foi pouca devido ao constante assédio dos Golen, que

exploraram palmo a palmo a região buscando a Espada Sábia e tinham somado agora a morte de vinte dos seus na conta pendente da Casa de Tharsis.

Quando morre Amílcar Barca, em 228 a.C., lhe sucede o filho Asdrubal Barca mas, depois de assassinado em 220 a.C., assume o comando o exército cartaginês do filho deste, Aníbal Barca. O neto de Amílcar invade a colônia grega de Sagunto em 219 a.C., que estava sob proteção de Roma, e inicia com essa ação a segunda guerra púnica, que terminaria em 201 a.C., com a rendição incondicional de Cartago. Trinta anos depois da destruição de Tartessos, a Espanha se via livre para sempre do invasor cartaginês! Mas já era tarde para Tartessos: o novo ocupante romano não abandonaria a península até o desmembramento de seu próprio império, seiscentos anos mais tarde.

A Espanha do Alto Império Romano

Com os romanos, a Casa de Tharsis teve um relativo bem estar, pois a considerou como uma nobreza nativa aliada e lhes restituíram as funções do governo da região, agora província romana, sujeitos à Lei da República e à autoridade de um pro cônsul ou pro pretor. A região da antiga Tartessos, entre os rios Tinto e Odiel, ficou compreendida na província de Betica, denominada assim pelo rio Betis, hoje Guadalquivir, que se estendia até o rio Anas, hoje Guadiana, fronteira da Lusitânia; os romanos deram aos tartésios o nome de "turdetanos" e à tartéside o de "turdetânia": em poucas décadas a turdetânia se romanizou, o uso do latim foi popularizado, e se constituíram grandes latifúndios rurais, propriedade dos governadores de província, magistrados ou chefes de exército.

Até o século I a.C. a Casa de Tharsis tinha se aparentado com a nobreza romana e era bem poderosa na Bética, uma província que contava com 175 cidades, muitas delas ricas e pujantes como Córduba (Córdoba), Gades (Cádiz), Hispalis (Sevilla) ou Malaca (Málaga). Sobre a base da fazenda cedida pelos cartagineses e mais as restituições romanas, os Senhores de Tharsis desenvolveram uma Villa romana rústica, edificando uma residência senhorial e enriquecendo-a com a aquisição de grandes terras para cultivo, das quais tiravam cereais, olivas e uvas, além de alguns metais que ainda se exploravam na Serra Catochar. Cabe esclarecer que os romanos a cadastraram como "Villa de Turdes" e que seus moradores foram chamados "Senhores de Turdes" enquanto governou o império romano, mas seguirei mencionando Senhores de Tharsis para manter a continuidade do relato.

Como todas as famílias de terratenentes hispano-romanos, possuíam uma vivenda na Cidade onde permaneciam a maior parte do ano; contou, sempre que podiam, preferiam retirar-se à morada campestre, pois seu interesse era estar próximos da Caverna Secreta.

Os Golen não tinham nenhuma possibilidade de influir sobre a população romana e seu poder só se mantinha intacto na Lusitânia, em partes da Gália, Britânia e Hibérnia. Depois das campanhas de Júlio César, este poder pareceu decrescer totalmente e, durante um tempo, se acreditou que a ameaça estava definitivamente afastada. ***Isto, como logo se viu, era um erro de apreciação, uma nova subestimação da capacidade dos Golen de levar seus planos a cabo.***

Com respeito ao Culto do Fogo Frio, os Senhores de Tharsis não tiveram problemas em reimplantá-lo, pois os romanos eram notavelmente tolerantes em matéria religiosa e, ademais, eles também adoravam o Fogo desde épocas remotas. Na Villa de Tharsis construíram um **lararium** *dedicado a Vesta, a Deusa romana do Fogo do Lar: ali, frente à estátua da Deusa Vesta-Pyrena, ardia a Lâmpada Perene, a* **flamma lar** *que não devia apagar-se nunca. Apesar de se tratar agora de um Culto privado, a Casa de Tharsis nunca perdeu sua fama de família de místicos e taumaturgos, e logo sua Villa virou um local de peregrinação para os buscadores do Espírito, sem alcançar, naturalmente, as proporções da época de Tartessos. A família deu a Roma bons funcionários e militares, além da contribuição em alimentos e minerais, mas também a abasteceu de Auspices, Augures e Vestais.*

Décimo Segundo Dia

*O imperador Constantino, com o edito de Milão do ano 313, legaliza o cristianismo e lhe concede direitos equivalentes aos dos Cultos pagãos oficiais. Até o final do Século IV, no ano 381, por obra do imperador Teodósio I, se declara o Cristianismo "***religião oficial do Estado***" e se proíbem os Cultos pagãos; em 386 se ordena, mediante decreto imperial, "o fechamento de todos os templos pagãos"; e em 392, por lei imperial, "***se considera e castiga o Culto pagão como crime de lesa majestade***", quer dizer, sancionado com a pena de morte. Estas medidas não afetaram os Senhores de Tharsis, pois anos antes já haviam adotado o Cristianismo como religião familiar. O Culto de Jesus Cristo provinha do país de Canaã, a pátria dos Golen, e tal origem era logicamente suspeitosa; ademais, estava o pretendido fundamento cultural do drama de Jesus: as profecias registradas num conjunto de livros canônicos dos hebreus, que afirmam ser o "Povo Escolhido do Deus Criador". Nada disso convencia aos senhores de Tharsis e, pelo contrário, quanto mais observavam aquele Culto oriental, mais se persuadiam de que por trás dele se ocultava uma conspiração colossal urdida pela Fraternidade Branca. Como foi, então, que adotaram o Cristianismo como religião familiar? Porque, por sobre a procedência do Culto e a filiação de seus cultuadores, havia um fato inquestionável: que* ***a história narrada nos evangelhos era em parte verdadeira****. Isto os senhores de Tharsis podiam afirmar sem dúvida alguma, pois eles a conheciam há milhares de anos, muito tempo antes que Jesus vivesse na palestina. Pois aquela era, indubitavelmente, uma nova versão da história de Navutan.*

Para conhecer a história em toda a sua pureza deve-se remontar a milhares de anos no passado, até a época dos Atlantes Brancos, Pais de todos os povos do Pacto de Sangue. Eles asseguravam serem guiados por Navutan, o Grande Chefe Branco que havia descoberto o segredo do aprisionamento espiritual, e lhes havia revelado o modo com o qual o Espírito poderia abandonar a matéria e ser livre e eterno "Mais Além das Estrelas", quer dizer, mais além das Moradas dos Deuses e das Potências da Matéria. De acordo com os relatos dos Atlantes Brancos, Navutan era um Deus que existia, livre e eterno como todos os Espíritos Hiperbóreos, além das Estrelas. O Deus Incognoscível, de quem nada se pode afirmar aquém da Origem, Navutan e outros Deuses estavam furiosos porque uma parte da Raça do Espírito estava detida no Universo da Matéria: e a ira não era dirigida somente contra as potências da matéria que retinham os espíritos, mas também contra o espírito débil, contra o Espírito carente de Vontade Graciosa para quebrar a ilusão do Grande Engano e libertar-se por si mesmo. Na Terra, o Espírito tinha sido aprisionado ao animal-homem para que sua força volitiva acelerasse a evolução da estrutura psíquica deste: e tão férreo era o aprisionamento, tão sumido estava o Espírito na natureza anímica do animal-homem, que tinha esquecido sua Origem e acreditava ser um produto da Natureza e das Potências da Matéria, uma ***criação*** *dos Deuses. Em outras ocasiões, desde que o espírito permanecesse na Terra, os Deuses Libertadores seus Espíritos Irmãos, acudiram em sua ajuda e muitos foram libertados e voltaram com Eles: por causa disso, se travaram terríveis batalhas com as Potências da Matéria. Ultimamente, por exemplo, havia atravessado a Origem, e se apresentou ante os homens da Atlântida, o Grande Chefe de Toda a Raça Hiperbórea prisioneira, o Senhor da Beleza das Formas Não-Criadas, o Senhor do Valor Absoluto, o Senhor da Luz Não-Criada, o Enviado do Deus Incognoscível para libertar o Espírito, quer dizer, o Kristos de Luz Não-Criada, Kristos Luz, Luci Bel, Lúcifer, ou Kristos Lúcifer. Mas a manifestação de Kristos Lúcifer na Atlântida causou a destruição da civilização materialista: a Batalha da Atlântida culminou com o afundamento do continente, muito depois de que Aquele tivesse regressado à Origem.*

Nessas circunstâncias, frente à catástrofe iminente da Atlântida, se desenvolve a história de Navutan. Os homens amarelos, os vermelhos, os homens negros, todos pereciam num cataclismo pior que o que se aproxima da Atlântida: o que preocupa os Deuses Libertadores é o cataclismo espiritual, o abismo em que mergulharão ainda aqueles que sobreviveram ao fim da Atlântida; e esse resultado parece inevitável devido a que a Fraternidade Branca mantém o aprisionamento espiritual mas, acima de tudo, devido à impossibilidade demonstrada pelo Espírito de evitar a Ilusão e despertar do Grande Engano. Essas Raças, estrategicamente confundidas, seguirão cegamente aos Sacerdotes Atlantes, que as conduzirão com firmeza em direção à sua própria decadência espiritual. A Raça Branca é a única, àquele momento, que dispõe de uma possibilidade de libertação, possibilidade que os Deuses não vão ignorar. Mas o homem Branco se acha muito adormecido, com o Espírito muito submerso na ilusão da Matéria, muito projetado no Mundo Exterior: não será capaz de libertar-se por Si Mesmo. Faz-se necessária uma Revelação Exterior do Espírito, apta para a Raça Branca, mostrar desde fora ao homem branco, uma via de libertação que conduza à Sabedoria Hiperbórea: ***para isso desce Navutan ao Inferno****. Navutan, Deus Livre e Eterno, aceita descer ao Inferno, vir ao Mundo da Matéria, e nascer como homem branco. E como homem branco, realizar a façanha de libertar por Si Mesmo seu Espírito aprisionado: demonstrará assim aos homens, com o exemplo de Sua Vontade, o caminho a seguir, a Orientação até a Origem.*

Resumindo, a história que os Atlantes Brancos transmitiram ***em forma de Mito*** *aos povos nativos, seria a seguinte. Vivia na Atlântida uma Virgem Branca Muito Santa, consagrada ao serviço do Deus Incognoscível e entregue à contemplação da Luz Não-Criada. Aflita pela terrível fome que assolava seu povo, aquela virgem pediu auxílio ao Incognoscível; e este Deus Supremo, cuja Vontade é a Graça, lhe ensinou um caminho para o planeta Vênus. Ali, a Virgem recebeu do Enviado do Incognoscível vários exemplares de uma planta do Trigo, com a qual se saciaria a fome material dos homens, uma Vara, que serviria para medir a Traição Branca, e* ***a semente de um Menino de Pedra****, que algum dia seria homem, se poria ao mando da Raça Branca e saciaria sua fome espiritual. Ao regressar de Vênus, a Virgem Branca, que nunca tinha mantido relações com nenhum homem, estava grávida de Navutan. Os Deuses Libertadores lhe haviam anunciado que seria mãe e daria à luz uma criança cuja Sabedoria Espiritual livraria a Raça Branca da escravidão material. Uma serpente tenta impedir que a Virgem cumpra sua função, mas Ela a mata esmagando a cabeça com o pé direito. Passado o prazo, a Virgem dá à Luz Navutan e o educa como Guerreiro Construtor, contando com a ajuda dos Guardiões da Sabedoria Lítica.*

Existia na Atlântida uma trilha que conduzia a um Jardim Mágico, construído pelo próprio Deus da Ilusão. Crescia ali um antigo pé de Romã, conhecido como ***Árvore da Vida*** *e também como* ***Árvore do Terror,*** *cujas raízes* ***se estendiam por toda a Terra*** *e cujos ramos* ***se elevavam até as Moradas Celestes do Deus da Ilusão****. Próximo a essa árvore enfeitiçada se encontrava uma Macieira, tão antiga quanto aquela, a que se chamava* ***Árvore do Bem e do Mal*** *ou* ***Árvore da Morte****. Era crença corrente entre os Atlantes que o homem, em um princípio, já tinha sido imortal: a causa de que o homem devesse morrer se devia a que os Grandes Antepassados tinham comido o fruto desta árvore e a Morte se havia transmitido aos descendentes, como uma doença. Na verdade, o sangue da árvore, sua Seiva Maldita, se havia mesclado com o Sangue Imortal do Homem Original e regulava, de dentro deste, a vida e a morte. E ninguém sabia o remédio para essa enfermidade. Navutan, que não tinha pai humano, tinha nascido imortal como os Homens Originais, mas sua imortalidade era, por isso mesmo,* ***essencial****, própria de sua peculiar natureza espiritual; em conseqüência, sua imortalidade era* ***incomunicável*** *aos outros homens, não servia para que eles recuperassem a Imortalidade perdida. Por isso Navutan, com o apoio de sua Divina Mãe, a Virgem Ama, decide fazer-se mortal e descobrir para os homens o segredo da Imortalidade.*

Desde que os Grandes Antepassados comeram o Fruto da Árvore da Morte, ninguém se atrevia a se aproximar dela por temor a Morte. Mas Navutan era Imortal e podia, como Eles, se aproximar sem problemas. Uma vez junto à Árvore, Navutan cortou e comeu o Fruto proibido, ficando imediatamente enfeitiçado pela Ilusão da Vida: agora só lhe faltava descobrir o segredo da Morte ***sem morrer****, pois se morria na tentativa jamais poderia comunicar a Sabedoria aos homens brancos. É então quando Navutan se* ***auto-crucifica*** *na Árvore do Terror, para vencer a Morte, e pende nove noites de seu tronco. No entanto, enquanto o tempo transcorria, a Morte se aproximava sem que Navutan conseguisse compreender seu segredo. Ao fim, já agonizante, o Grande Chefe Branco fecha seu único olho, que mantinha fixo na Ilusão do mundo, e olhou no Fundo de Si Mesmo, numa última e desesperada reação para salvar a vida que se apagava sem remédio. E no ápice de Si Mesmo, em meio da Negrura Infinita da Morte Insinuada, viu surgir uma Figura Resplandecente, um Ser que era Pura Graça: se tratava de Frya, a Alegria do Espírito, sua Divina Esposa da Origem que acudia em seu auxílio.*

Quando Navutan abre novamente seu olho, Frya sai por ele e se interna no Mundo do Grande Engano: vai buscar o segredo da Morte para salvar seu Esposo agonizante. Entretanto não o consegue e o tempo se acaba inexoravelmente. Ao fim, sem se desesperar, Frya se dirige a Hiperbórea para consultar os Deuses Libertadores; Eles lhe aconselham buscar um Gigante bicéfalo que habita um mundo situado sob as raízes da Árvore do Terror e que exerce o ofício de chaveiro: desse Gigante deve roubar a ***Chave Kâlachakra****, pois nela os Deuses Traidores gravaram o segredo da Morte. O mito dos Atlantes Brancos aqui se torna muito complexo e só convém mencionar que Frya, transformada em Corvo, desce ao mundo do Gigante bifronte e lhe rouba a Chave Kâlachakra: mas para consegui-la, teve de converter-se em assassina e prostituta; Frya, com efeito, quebra com um golpe de seu machado a Chave, mas o cabo, ao cair, se transforma em sete gigantes de sete cabeças cada, que "dormem para que as raças raízes vivam por eles"; ato seguido, e sem alternativas, pois está urgida pelo tempo, Frya se veste com o Véu da Morte que aqueles gigantes têm pendurado com um laço em cada pescoço: logo os desperta sucessivamente e se entrega a eles como amante, mas inexoravelmente os degola na culminação de cada orgasmo; e as cabeças dos gigantes, atravessadas por uma corda ou sutrâtma, formam o colar de Frya Kalibur, no qual cada crânio representa um Signo do Alfabeto Sagrado da Raça Branca. Por fim o véu se solta e Frya, novamente transformada em corvo, retorna velozmente junto a Navutan.*

Mas já é tarde: justo no momento de chegar, Navutan exala o último suspiro e seu olho está se fechando para sempre. Frya compreende que será impossível revelar a Navutan o segredo da Morte, pois acaba de morrer, e já não poderá ler a Chave Kâlachakra. E é assim, sem perder um instante, Frya toma a decisão que salvará a Navutan e a raça Branca: se transforma em perdiz e penetra novamente em Navutan. A Chave Kâlachakra deve ficar do lado de fora, posto que somente Ela possa existir no Fundo de Si Mesmo. Frya deve revelar a Navutan o Segredo da Morte, não só para lograr sua ressurreição, mas também para que seu Esposo o comunique para os homens; de outra maneira, o sacrifício teria sido vão. Mas como expor a Navutan o Segredo da Morte sem a Chave Kâlachakra, sem mostrar-lhe esse ***instrumento de aprisionamento espiritual, para sua compreensão****? E Frya o decide nesse instante:* ***como perdiz, dançará o Segredo da Vida e da Morte. Expressará com a dança a Mais Alta Sabedoria que seja possível compreender o homem mortal desde Fora de Si Mesmo****.*

E Frya, dançando no Fundo de Si Mesmo, revela a Navutan o Segredo procedente de Fora de Si Mesmo. E Navutan o compreende, se corta o feitiço causado pelo Fruto da Árvore da Vida e da Morte, e ressuscita novamente como imortal. E ao descer de sua crucifixão na Árvore, repara que se seu corpo foi transformado, e agora é de Pedra Pura; e que pode compreender e expressar a Língua dos Pássaros. Então Navutan ensina aos Atlantes Brancos as treze mais três Vrunas mediante a Língua dos Pássaros e os encaminha a compreender o Signo da Origem, com o que obterão a Mais Alta Sabedoria,

serão imortais enquanto o Espírito permaneça encadeado ao animal-homem, e conquistarão a Eternidade quando ganhem a Batalha contra as Potências da Matéria e sejam livres na Origem.

Até aqui resumi, Dr. Siegnagel, a história de Navutan, de acordo com o relato dos Atlantes Brancos. É fácil advertir que tinha muitos pontos comuns com a história evangélica de Jesus Cristo: ambas as histórias tratam de um Deus feito homem; ambos os Deuses nascem de uma Virgem; ambos morrem por crucifixão voluntária; ambos ressuscitam; ambos deixam testamento de sua Sabedoria; ambos formam discípulos que revelam a "boa nova" para seus semelhantes; ambos afirmam que "O Reino não é deste mundo", etc. Mas evidentemente existem diferenças fundamentais entre as doutrinas. As mais acentuadas talvez sejam estas: Navutan vem para **libertar** *o Espírito do Homem de sua prisão no Mundo do Deus Criador e, portanto, nada do que aqui acontece pode culpá-lo essencialmente e muito menos afetá-lo eticamente; o Espírito é* **Inocente e puro** *na Eternidade da Origem; dali que Navutan afirme que o Espírito Hiperbóreo, pertencente a uma Raça Guerreira, só pode manifestar uma atitude de* **hostilidade essencial** *em relação ao Mundo do Deus Criador, só pode rebelar-se ante a Ordem Material, só pode duvidar da Realidade do Mundo que consiste o Grande Engano, só pode rechaçar como falso ou inimigo a tudo aquilo que não seja produto de Si Mesmo, quer dizer, do Espírito, e só pode alentar a um único propósito com Sabedoria: abandonar o mundo do Deus Criador, onde é escravo, e voltar ao Mundo do Incognoscível, onde será novamente um Deus. Ao contrário, Jesus vem para* **salvar** *a Alma do Homem do* **Pecado**, *da Falta à Lei do Deus Criador; a Alma é Criada pelo Deus Criador e deve obedecer cegamente a Lei de seu Pai; tudo quanto aqui acontece afeta eticamente a Alma e pode aumentar sua cota de Pecado; a Alma não é inocente nem pura, pois o homem se acha nesse Mundo como castigo por um* **Pecado Original** *cometido pelos Pais do Gênero Humano e herda, por conseguinte, o Pecado Original; daí que Jesus Cristo afirme que a Alma do homem, a criatura mais perfeita do Criador, só deve manifestar uma atitude de* **amor essencial** *em relação ao Mundo do Deus Criador, só deve aceitar com resignação seu posto na Ordem Material, só deve crer na Realidade do Mundo, só deve aceitar como verdadeiro e amigo aquilo que provar vir em nome do deus criador, e só deve alentar um único propósito com Sabedoria: permanecer no Mundo do Deus Criador* **como ovelha** *e ser pastoreada por Jesus Cristo ou os Sacerdotes que o representem.* **Ser Deus ou ser ovelha, essa é a questão,** *Dr. Siegnagel.*

Segundo antecipei, quando a lei imperial do ano 392 ameaçou considerar "crime de lesa majestade" a prática dos Cultos pagãos, há tempos que a Casa de Tharsis tinha aceitado o Cristianismo como religião familiar. Logicamente, os Senhores de Tharsis viam com clareza a marcha dos tempos, e sua única prioridade, desde a destruição de Tartessos, era dar cumprimento à missão familiar e preservar a Espada Sábia. Essa prioridade determinava uma Estratégia para a sobrevivência da Estirpe, sobrevivência que poderia ser ameaçada por nova perseguição: eram tempos difíceis aqueles do século IV, a decadência de Roma pressentida por Políbio no século II a.C., se convertera em realidade. O Império, cercado em todas as fronteiras por povos invasores, incorporou regimentos inteiros de mercenários e entregou o mando do exército aos bárbaros; a agricultura dos pequenos produtores estava há tempos arruinada e desapareceu da Itália, absorvida pelos grandes terratenentes: só sobrevivem, nesses dias, os latifúndios coloniais, entre este o que possuem na Espanha os Senhores de Tharsis, contribuindo com seus baixos preços a desestabilizar a economia da metrópole.

Frente ao panorama geral de insegurança, os Senhores de Tharsis, que já não são reis, mas uma família de terratenentes e funcionários hispano-romanos, devem atuar com extrema cautela. O Cristianismo, que se impôs no auge do poder imperial, está agora apoiado pelas lanças e espadas dos legionários. Mas esse "cristianismo", de qualquer modo, não contém princípios que sejam absolutamente inaceitáveis aos Senhores de Tharsis: tal como aprenderam duramente na guerra com os Golen, os Mitos,

as Histórias lendárias, os Argumentos escritos no Céu, podem voltar a se repetir na Terra. E eles estão dispostos a aceitar a história de Jesus, e até a mensagem, a boa nova, como uma espécie de atualização do mito de Navutan: os senhores de Tharsis se farão cristãos porque olharão a história de Jesus com a ótica da Sabedoria Antiga; e não discutirão as diferenças, ainda que as tenham presentes e nunca as esqueceram.

Abraçarão a Cruz e celebrarão os sacramentos da Igreja de Roma; para todos os efeitos, Cristãos consagrados; inclusive darão seus filhos para a Igreja. Mas entre eles, no seio da Casa de Tharsis, só reconhecerão como Verdade o que coincide com a história de Navutan ou com outros fragmentos da Sabedoria Hiperbórea que a família ainda conserva. Como em seu momento os Gnósticos e Maniqueus, e como logo farão os Cátaros e Albigenses, aceitarão somente uma parte dos evangelhos, em especial o de João, e rechaçarão de cara o Antigo Testamento. Isso é o que alegavam: o Deus dos judeus não era outro que Iahweh Satanás, um aspecto ou rosto do Deus Uno Criador do Universo Material; no Gênesis se narra a Criação do Universo Material, onde seria escravizado o Espírito Não-Criado e Eterno; o Universo criado, pois, é intrinsecamente maligno para o Espírito Não-Criado, o Espírito só concede valor ao Mundo Verdadeiro do qual procede; e de onde veio também o Deus Criador, posto que o Universo Material seja uma evidente ***cópia*** *do Mundo Verdadeiro.*

E no Antigo Testamento se narra a história do "Povo Eleito", por Jehová Satanás, para reinar sobre todos os povos da Terra. Não foi clara, por acaso, a Promessa que o Criador fez a Abraão, "Alça teus olhos e olhe desde onde estás até o Oriente e o Poente; pois darei para ti e para tua posteridade para sempre todo o país que divisas, e farei tua descendência numerosa como o pó da Terra. Se alguém puder contar o pó da terra, pode também contar a tua posteridade. Levanta-te, percorre a Terra por todas as direções, pois a ti e tua descendência a darei" ***(Gen. 13,14)****. Promessa que é logo reafirmada, "Iahweh lhe disse: olha o Céu e conta, se podes, as estrelas. Assim será sua descendência". Mas mais claro ainda foi com Moisés, quando lhe revelou a missão do povo eleito: "Agora bem, se de fato escutais minha voz e guardais minha Aliança,* ***sereis Propriedade minha particular entre todos os povos, porque a Terra me pertence. Vós sereis para mim um Reino de Sacerdotes e uma Nação Santa****. Estas são as palavras de Iahweh que dirás aos filhos de Israel". E logo: "Eu concluirei a Aliança. Eu realizarei à vista de todos os povos Gentios maravilhas, não feitas jamais em toda a Terra e nação alguma, para que todos os povos estejam em torno de ti, Israel, vejam a obra de Iahweh; porque é terrível o que vou fazer por meio de ti. Cumpre, pois, o que Eu vou ordenar-te neste dia. Guarda-te de pactuar com os habitantes do país em que vais entrar, não seja que se convertam em um laço para ti. Pelo contrário,* ***derrubai seus altares, rompei suas estelas, e destruí seus postes e pedras sagradas" (Ex.19,6; 34,10).***

Ao cumprir com a Aliança, o Povo Eleito será bendito pelo Criador, segundo ele comunica a Moisés: "Não fareis ídolos, nem levantareis estátuas nem estelas, nem poreis em vosso país pedras sagradas para prostrar-se ante elas, pois Eu Sou Iahweh, vosso Deus". Guardareis meus sábados e respeitareis meu santuário. Se caminhas de acordo com minhas leis,..., comereis vosso pão à saciedade e habitareis seguros em vosso país. Darei paz à Terra e dormireis sem que nada os inquiete. Não passará por vosso país o fio da espada. Perseguireis os vossos inimigos e cairão ante vós ao fio da espada. ***Cinco de vós perseguirão a cem, e cem de vós porão em fuga a dez mil****, e vossos inimigos cairão ante vós ao fio da espada. Eu me voltarei a vós, os farei crescer e multiplicar, e manterei convosco minha Aliança.* ***Porei minha morada no meio de vós*** *e não sentirei nojo de vós. Andarei em meio de vós,* ***Eu serei vosso Deus e vós sereis meu Povo****. Eu sou Iahweh, vosso deus quem os tirou do país do Egito".* ***[Lev. 26].***

Esse "Povo Eleito" seria, pois, aquele que anunciavam milhares de anos antes os Atlantes morenos, os Inimigos do Pacto de Sangue: era ao menos irônico que agora se pretendesse derivar desse povo maldito

um êmulo de Navutan, o Fundador do Pacto de Sangue. Mas Jesus não vinha ***salvar*** *o Pacto de Sangue, mas precisamente destruí-lo para sempre, o que era conseqüente de sua procedência do Povo Eleito: por Jesus Cristo, o Sangue Puro se degradaria como nunca, a humanidade inteira se bastardizaria, o Valor seria coalhado nas veias e seria substituído pelo Temor do Deus Uno; e quando o homem se materializasse, e já não respondesse ao Temor do Deus Uno, o Valor igualmente não poderia aflorar, pois o homem teria já se chafurdado na degradação moral da decadência cultural, se haveria afeminado e abrandado, se haveria confundido numa universal Canalha do Espírito: mas dessa Vil Canalha, naturalmente, tanto a Igreja quanto outras seitas fundadas pelo Povo Eleito e a Fraternidade Branca, extrairiam o melhor da Terra, quer dizer, aqueles que os apoiariam e secundariam com ardor, os Sacerdotes e fiéis, os membros das Sociedades Secretas que dominariam o Mundo e a Canalha do Espírito que aprovaria seu governo, serpentes, ovelhas, pombas da paz, nenhuma águia, nenhum condor, Dr. Siegnagel.*

Por suposto, que a exceção a essa regra deixa a salvo os de Sangue Puro; a todos os que intuem que com a crucifixão se deve ***libertar*** *o Espírito Eterno, que jamais pecou, e não* ***salvar*** *a Alma pecadora; aos que querem um Kristos Guerreiro e não um Cristo Pastor; aos que pressentem um Kristos de Luz Não Criada, e não os que percebem um Cristo material. O Kristos que concebiam os Senhores de Tharsis, por exemplo, era um Deus Espírito Puro, de Luz Não-Criada, que se manifestasse na terra, o faria trazendo a Coroa de Rei e empunhando a Espada; e nessa Parusia, a única presença de Kristos bastaria para causar uma Aristocracia do Espírito entre os homens, que poria fim à confusão da Canalha Espiritual: Kristos se comunicaria então, carismaticamente, com os homens, lhes falaria diretamente em seu Sangue Puro; e os que melhor lhe escutassem seriam os mais Virtuosos, os mais Espirituais, os Verdadeiros Kristãos.*

Décimo Terceiro Dia

Como se vê, os Senhores de Tharsis eram cristãos ***sui generis****, e se a Igreja tivesse descoberto seu modo de pensar seguramente os teria condenado como hereges. Mas eles se preveniram sempre de não expor suas idéias em público: longe estavam os tempos em que a Casa de Tharsis custodiava o Culto do Fogo Frio e assumia a obrigação de sua conservação e difusão. Logo da destruição de Tartessos e do juramento feito pelos últimos Homens de Pedra, a prioridade que se haviam imposto consistia em cumprir com a missão familiar e salvar a Espada Sábia: e para isso seria mister passar o mais despercebidos possível, concentrados somente em seus objetivos. Não esqueciam que a Espada Sábia aguardava na Caverna Secreta e que pesava sobre eles a sentença dos Golen, ou* ***Gorren****, quer dizer,* ***Porcos****, como depreciativamente os qualificavam os Senhores de Tharsis em alusão à sentença escrita com o sangue das Vrayas.*

Os Senhores de Tharsis não falavam sobre suas idéias religiosas, mas atuavam: e o faziam ostensivamente, para atrair a atenção sobre o comportamento exemplar e desviá-la de assuntos polêmicos. Os favorecia em grande medida a grande ignorância que caracterizava os clérigos e bispos da época: estes só se fixavam na parte exterior do Culto e na fé e obediência demonstrada pelos crentes. E nesse sentido os de Tharsis era um modelo de família cristã: eram ricos terra tenentes, mas muito humildes e virtuosos; sempre trabalhando suas propriedades em Huelva, e passavam grande parte do ano na agricultura; ajudavam generosamente a Igreja e mantinham, na Villa de Tharsis, uma Basílica consagrada à Santíssima Virgem; até tinham formado, com a gente da aldeia de Turdes, uma "Ordem Menor de Leitores" encarregada de expor os Evangelhos aos Catecúmenos que iam ser batizados! Sim, a Igreja poderia estar orgulhosa da Casa de Tharsis.

Em verdade, os Senhores de Tharsis não mentiam com isso, pois afirmavam que a Imagem Mais Pura do "novo Cristianismo" era a da Virgem Maria. Por isso, já em meados do século III, transformaram a Basílica romana onde se oficiava o Culto a Vesta numa ***Ecclesiae*** *Cristã. Conservaram o edifício intacto, mas substituíram a estátua de Vesta e construíram um altar para celebrar a Eucaristia, no qual depositaram, também, a Lâmpada Perene. Na medida do possível, os Senhores de Tharsis trataram para que a Capela fosse atendida sempre por clérigos da família, ainda que devido a sua importância, recebesse visitas regulares do Bispo de Sevilla e dos Presbíteros da zona. A adoração eleita para o Culto da Virgem tinha origem autóctone, pois os mesmos Senhores de Tharsis, quando se apresentaram frente aos sacerdotes cristãos, o fizeram assegurando que tinham presenciado uma manifestação da Virgem. Segundo eles a Virgem havia aparecido numa gruta pouco profunda situada a escassos metros da Villa de Turdes, caso que podiam testemunhar todos os membros da família e alguns criados: a Virgem havia se mostrado no Esplendor de sua Majestade e lhes havia pedido que adorasse a seu divino filho e que a recordassem num Culto. Então os Senhores de Tharsis, presas de visível excitação, declararam que desejavam abandonar o Culto pagão e converter-se em cristãos. Semelhante conversão voluntária de uma tão poderosa família hispano romana, causou grande satisfação aos Sacerdotes Católicos, pois agregaria prestígio exemplar às missões evangelizadoras na região. Dali que aceitassem de bom grado a iniciativa dos de Tharsis de destinar a Basílica ao Culto da Virgem da Gruta.*

E assim começou na Villa de Turdes o Culto a Nossa Senhora da Gruta, que seria famoso no Sul da Espanha até o final da Idade Média, até que o último dos Senhores de Tharsis abandonasse definitivamente a península e a Igreja promoveu seu conveniente esquecimento. Para compreender que intenções os Senhores de Tharsis ocultavam por detrás de sua conversão e instauração do Culto à

Virgem, não há nada mais revelador do que observar a Escultura com a que substituíram a Estátua de Vesta.

As coisas mudaram muito desde a época dos cartagineses. Agora a Villa contava com uma Residência Senhorial na ***terra dominicata*** *e de uns cinqüenta hectares de* ***terra indominicata*** *entregues ao cultivo; uma aldeia campesina, chamada Villa de Turdes, fora levantada próxima da Residência dos Senhores de Tharsis; e em um limite da aldeia, sobre uma colina que descia suavemente até a Residência Senhorial, os Senhores de Tharsis tinham destinado para a Igreja e a Paróquia local uma excelente Basílica romana. Os Catecúmenos, que iam escutar a* ***missa cathecumenorum****, e os Fiéis, que assistiriam a particular* ***missa fidelium*** *chegavam até o* ***atrium****, um pátio rodeado de colunas, e passavam junto à fonte chamada* ***Cantharus****, antes de ingressar à nave central. Construída sobre um plano retangular, a Basílica tinha três naves; duas naves laterais que formavam a Cruz, e a nave central, que estava dividida por duas colunas de assentos, ocupados à direita pelos homens e à esquerda pelas mulheres; a nave central terminava no* ***ábside****, um local destacado e abobadado onde estava o* ***Sanctuarium****. Normalmente, em todas as igrejas desta época, ao fundo do ábside se encontrava a Cátedra Episcopal, que era o trono ocupado pelo Bispo, juntamente com outros assentos para os Presbíteros. Na Basílica de Tharsis, a Cátedra Episcopal, como se verá em seguida, fora cedido à Santíssima Virgem. Diante da Cátedra Episcopal, no centro do Santuário, se achava a* ***sagrada mesa*** *do Altar e, sobre ela, os instrumentos do Culto: o Cálice, a Patena, e a Lâmpada Perene.*

O momento culminante da Missa dos Fiéis tem lugar imediatamente depois que o Sacerdote pronuncia as palavras que instituem a Eucaristia: então recita a ***epíclesis****, uma invocação ao Espírito Santo solicitando seu concurso para propiciar o milagre da transmutação do Pão e do Vinho,* ***e corre uma cortina que deixa exposta, à vista dos fiéis, a Divina Imagem da Virgem.*** *Os Fiéis estavam absortos em Contemplação: a Escultura da Virgem é de madeira pintada, de pequenas dimensões: setenta centímetros de altura, trinta de largura e trinta de profundidade; se encontra sentada, em atitude majestosa, sobre uma Cátedra também de madeira; o rosto é de belas feições ocidentais, posto que reproduza a uma das Damas de Tharsis, e sorri suavemente enquanto seus olhos se dirigem fixos para frente; o cabelo cai em forma de dezesseis tranças finamente talhadas, que surgem imediatamente por debaixo da Coroa; porque tanto Ela, como o Menino, exibem os atributos da Dignidade Real: ambas as coroas são tríplices e octogonais; quanto ao Menino, se acha sentado em seu colo, sobre o joelho esquerdo, enquanto Ela, amorosamente, o sustenta com sua mão esquerda: diferentemente da Escultura da Virgem, de madeira, o Menino é de Pedra branca; Virgem de Madeira, Menino de Pedra: o Rosto da Virgem está pintado de Branco imaculado, o cabelo de Ouro, o corpo de Vermelho e a Cátedra de Preto; com a mão direita, a Virgem empunha um feixe de dezesseis Espigas de Trigo e uma Vara, com a mão esquerda sustenta o Menino; seus pés estão separados, assim como seus joelhos, e sob o pé direito se vê esmagada, a cabeça de uma serpente; o Menino Kristos Rei, por sua parte, olha fixamente para frente, na direção que olha sua Divina Mãe, e tem um livro na mão esquerda enquanto* ***com a direita realiza um gesto que destaca o ângulo reto entre os dedos indicador e polegar****.*

É evidente o porquê a esta adoração se dava o nome de "A Virgem Branca da Criança de Pedra" ou "Nossa Senhora do Menino de Pedra". Não é tão claro, entretanto, o nome "Nossa Senhora da Gruta", posto que salvo a menção feita pelos Senhores de Tharsis sobre o lugar de aparição da Virgem, a "gruta" não intervinha em nada para o Culto. Mas o caso era que a Virgem, cuja descrição acabei de fazer, representava claramente a Ama, a Mãe de Navutan, a quem os Atlantes Brancos chamavam "A Virgem de K'Taagar", pois pretendiam que Ela se achava ainda na Cidade dos Deuses Libertadores. Mas o que significa K'Taagar? É a aglutinação de três palavras antiqüíssimas. A primeira é ***"Hk"****, da qual só se conserva o* ***"K"*** *final, que era para os Atlantes Brancos um nome genérico de Deus: Com*

Hk *tanto se referiam ao Incognoscível como aos Deuses Libertadores; a segunda é* ***"Ta"*** *ou* ***"Taa"****, que significa Cidade: mas não qualquer cidade mas uma Cidade Hiperbórea, Cidade de Atlantes Brancos; e a terceira é* ***"Gr"*** *ou* ***"Gar"****, que equivale a Cripta, gruta ou recinto subterrâneo. K'Taagar quer dizer, pois, "A Cidade Subterrânea dos Deuses Libertadores". Com a supressão do* ***K*** *e a transposição das outras palavras, outros povos se referiram à mesma Cidade como Agartha, ou A'grta, que significa literalmente "Cidade Subterrânea". A Virgem de K'Taagar é também a Virgem de Agartha. Mas A'grta pode ser interpretado de qualquer modo como* ***"a gruta"****: surge assim a verdadeira origem da engenhosa denominação "Nossa Senhora da Gruta" que os Senhores de Tharsis adotaram para referir-se publicamente à Virgem de Agartha.*

Em conclusão, ao ditar-se a Lei Imperial de 392 que reprimia a prática dos Cultos pagãos, os Senhores de Tharsis já eram Cristãos, católicos romanos, e sustentavam em sua ***ecclesiae propriae*** *o Culto a Nossa Senhora da Gruta, a Virgem de Agartha. Não é que com essa mudança tenham renunciado ao Culto do Fogo Frio: na verdade, para celebrar aquele Culto não se requeria nenhuma imagem. Foi a necessidade figurativa dos Lídios que, ao "aperfeiçoar a Forma do Culto" introduziu no passado a Imagem de Pyrena. Mas Pyrena era o Fogo Frio no Coração, e sua representação mais simples consistia na Lâmpada Perene: aos Eleitos da Deusa, que ainda acreditassem em Sua Promessa, só deveria bastar-lhes a Lâmpada Perene, posto que o Ritual e a Prova do Fogo Frio deveriam agora realizar-se internamente. Assim que todo o Antigo Mistério do Fogo Frio estava exposto à vista naquela Basílica da Villa de Turdes. Mas, como antes, como sempre, somente os Homens de Pedra o compreendiam. Só Eles sabiam, ao orar na Capela, que o Olhar da Virgem de Agartha e do Menino de Pedra, estava cravado na Chama da Lâmpada Perene; e que essa Chama dançarina era Pyrena, era Frya, a Esposa de Navutan, expressando com sua dança o Segredo da Morte.*

Apenas começado o século IV, três povos bárbaros se lançam de assalto sobre a Espanha: dois são germanos, os ***suevos*** *e os* ***vândalos****, e o outro, o dos* ***alanos****, era iraniano. Na partilha que fazem, os alanos ocupam a Lusitânia e parte da Bética, inclusa a região da Villa de Turdes: chegam em 409 e, nos oito anos que conseguem sustentar-se na região, sua presença se reduz ao proveito próprio dos impostos correspondentes aos funcionários romanos e ao saque periódico de algumas aldeias. Para fazer frente à invasão, o general romano Constâncio, em nome do Imperador Honório, contrata o Rei Valia dos Visigodos mediante um* ***foedus*** *firmado no ano 416: por este tratado os visigodos se comprometem a combater, na qualidade de federados do Império, contra os povos bárbaros que ocupam a Espanha, recebendo terras em troca, para se assentar no sul da Gália, a Terraconense e a Narbonense. Os alanos são assim rapidamente aniquilados, enquanto os vândalos ainda realizam incursões à Bética por alguns anos até que finalmente abandonam a península rumo à África.*

Quando em 476 o ésquiro Odoacro depôs o Imperador Romano Augústulo, dando fim ao Império Romano do Ocidente, fazia já cinco anos que o Rei Eurico dos Visigodos tinha ocupado a Espanha. Desta vez, os visigodos ingressaram para acabar com os suevos, em cumprimento do foedus de 418, mas não iriam embora pelos próximos duzentos e cinqüenta anos.

A presença permanente dos visigodos na Espanha não afetou de maneira determinante a vida dos hispano romanos, salvo no caso dos proprietários de grandes latifúndios que se viram obrigados pelo foedus a repartir suas terras com os "hóspedes" germanos. Tal era o caso dos Senhores de Tharsis, ao ter de hospedar uma família visigoda de nome ***Valter*** *e ceder-lhe um terço da* ***terra dominicata*** *e dois terços da* ***terra indominicata****. Mas logo de tal expropriação, que constituía um pagamento justo pela tranqüilidade que assegurava a presença visigoda frente às recentes invasões, tudo continuava igual aos dias do Império Romano: só o destino dos impostos tinha mudado, que já não era Roma, mas a mais*

próxima Toledo; o montante e a periodicidade do recolhimento, e até os funcionários arrecadadores, eram os mesmos que no Império Romano.

Três questões fundamentais separavam desde o princípio os visigodos e os hispano romanos: uma lei que proibia o casamento entre godos e hispano romanos, a diferença religiosa, e uma desproporção numérica entre ambos os povos. A primeira questão se resolveu em 580 com a anulação da lei, caindo a barreira que impedia a fusão dos dois povos: a partir de então, a família Valter se integra por vários casamentos à Casa de Tharsis, ficando restituído o primitivo patrimônio dos Senhores de Tharsis.

A Espanha do Baixo Império Romano

A segunda questão significa que, enquanto a totalidade da população hispano romana professava a religião católica, os hóspedes visigodos sustentavam a fé arriana. De fato, ambos os povos eram Cristãos e ignorantes das sutilezas teológicas que os Sacerdotes estabeleciam dogmaticamente. E nesse caso, a diferença que Arrio havia assinalado era de extrema sutileza. Os visigodos foram evangelizados, quando ainda habitavam a costa do Mar Negro, pelo bispo godo Wulfilas, partidário de Arrio; ao avançarem sobre o Ocidente, empurrados pelos hunos, descobriram com satisfação que seu Cristianismo era diferente do dos romanos e se aferrariam a essa diferença, por vezes incompreensível. Fariam assim porque os godos possuíam muito desenvolvido o ***orgulho nacional*** *e precisavam dispor de uma diferença tangível, um princípio unificador próprio que lhes evitasse serem culturalmente fagocitados pelo Império Romano: o significado da diferença em si não tinha maior importância; o concreto seria que o arrianismo*

os manteria separados religiosamente da população romana, enquanto que, ao uni-los entre si, lhes permitiria conservar a Cultura goda.

Em que consistia aquela diferença com o dogma católico, que poucos compreendiam, mas que os godos nacionalistas defenderiam até o fim? Especificamente, se referia a uma definição sobre o problema da Divindade de Jesus Cristo. A postura de Arrio, natural da Líbia, mas pertencente à diocese de Antioquia, surgiu como reação contra a doutrina de Sabélio: este havia afirmado que não existia ***distinção essencial*** *entre as três pessoas da Trindade cristã; o Filho e o Espírito Santo em verdade eram manifestações do Pai sob outro aspecto ou* ***prósopa****: a essência do Deus Uno, ao se apresentar com um Aspecto era o pai, com outro era o Filho, e com outro o Espírito Santo. Contra isso, Arrio começou a ensinar desde 318 que "só o Deus Uno é eterno e incomunicável: Jesus Cristo foi criado do nada e, portanto não é eterno; é uma criatura do Deus Uno e, portanto algo diferente Dele, algo* ***não consubstancial a Ele****".*

Sabélio não estabelecia distinção alguma entre as três pessoas da Trindade enquanto Arrio diferenciava de tal modo o Pai e o Filho que este já não era Deus nem consubstancial ao Pai: ambos seriam condenados como hereges na Doutrina Católica. E qual seria então a verdade? Segundo o que se decidiu em Nicéia, em 325, num Concílio de trezentos Bispos, Jesus Cristo respondia à fórmula ***consubstantialis Patri****, quer dizer, era consubstancial com o Pai, de sua mesma substância, Deus como ele. De maneira que a diferença religiosa que separava a godos e romanos versava sobre o complexo conceito de consubstancialidade entre Deus e o Verbo de Deus, diferença que não justificava a obstinação goda a menos que se considere que com isso se preservava uma Cultura, uma tradição, um modo de vida. Talvez não se evidencie em sua real dimensão o perigo de imersão na Cultura romana que denunciavam os nacionalistas godos se não se repara na terceira questão, a da desproporção numérica entre ambos os povos: porque os visigodos só somavam duzentos mil; quer dizer, que uma comunidade de duzentos mil membros, recém chegados, deveria dominar uma população nativa de nove milhões de hispano romanos, expoentes de um alto grau de civilização. À luz de tais cifras se entende melhor a reticência dos godos em suprimir as diferenças religiosas e jurídicas que os isolavam dos hispano romanos.*

A realidade de seu escasso número obrigou os visigodos a tolerar a religião dos hispano romanos embora sem ceder um ápice em suas convicções arrianas. No entanto, apesar do desespero dos nacionalistas, a universalidade de um mundo que então era católico e romano os foi penetrando por todos os lados e ao fim tiveram de aceitar uma integração cultural que já estava consumada de fato. No ano 589 o rei Recaredo se converte ao catolicismo durante o III Concílio de Toledo concretizando a unificação religiosa de todos os povos da Espanha. Sendo os godos um povo de Raça indo-germana, que se contava entre os últimos a abandonar o Pacto de Sangue, quer dizer, estavam entre os de Sangue mais Puro da Terra, é fácil concluir que sua presença na península só beneficiava a Casa de Tharsis; mas aquele passo dado por Recaredo elevaria, já sem obstáculos, aos Senhores de Tharsis às mais altas dignidades da Corte de Toledo: desde o século VII os de Turdes-Valter seriam Condes visigodos.

A unificação política da Espanha completada por seu pai, o Rei Leovigild, e a unificação religiosa levada a cabo por Recaredo, iam deixar descoberto um Inimigo interno que, até então, tinha jogado com as diferenças que separavam os dois povos. Tratava-se dos membros do Povo Eleito por Iahweh-Satanás, que professavam um ódio inextinguível em relação aos gentios, análogo ao que os Golen sentiam em relação à Casa de Tharsis. Apesar de que o último Cristianismo, o de Jesus, registrava a clara origem de seus Livros Sagrados, de suas tradições, de suas Sinagogas e Rabinos, eles o desprezavam e explicavam sua existência como um mal necessário, como uma fábula que poria em evidência a moral da Verdade Judia. O falso Cristianismo católico duraria até a vinda do Messias Judeu, o verdadeiro Cristo, que se sentaria no Trono do Mundo e submeteria todos os povos da Terra à escravidão na mão

dos Judeus. Era esta uma profecia que se cumpriria inexoravelmente, tal como asseguravam no Talmud incontáveis Rabinos e Doutores da Lei. Criam cegamente que a Diáspora tinha por fim infiltrá-los entre os povos Gentios como um tipo de preparação mística para o Futuro que viria, para a Restauração Universal do Templo a Jehová Satanás e a Ressurreição da Casa de Israel, o verdadeiro Messias Judeu: durante a dispersão, os Gentios aprenderiam quem são os judeus, a expressão do Deus Uno sobre a Terra, e os judeus demonstrariam aos Gentios qual é o Poder do Deus Uno. Em toda a Diáspora, e naquele Sefard da Espanha, os judeus, persuadidos de seu protagonismo messiânico, se entregavam a minar por qualquer meio os fundamentos sociais dos povos Gentios; a religião, a moral, as instituições de nobreza e realeza, a economia, e toda a base legal, sofriam sistemáticos ataques pelos membros do Povo Eleito.

Já Recaredo teve de atuar contra eles devido a evidência de sua infatigável tarefa corruptora, mas os sucessores daquele Rei não obraram com a necessária energia e permitiram que os judeus levassem a cabo seus planos. Ao Rei Sisebuto, extraordinário guerreiro e cristão zeloso, que venceu sistematicamente os bascos, cantabros, sucões, asturianos e gregos bizantinos, lhe tocou corrigir essa situação: em abril de 612 dita uma lei que proíbe os judeus de "possuir escravos cristãos". Não se lhe há de escapar, Dr. Siegnagel, a profunda ironia que implicava aquela proibição desde o ponto de vista teológico, tendo em conta que as Profecias talmúdicas anunciavam "a pronta escravidão dos cristãos e goim". Desde logo, a lei que regulamentou apontando os escravos concretos, e assim ordenava que "a todo judeu que depois do primeiro de julho de 612 se surpreendesse em possessão de um escravo cristão lhe seriam confiscados metade de seus bens, enquanto que ao escravo se lhe concederia a liberdade na qualidade de cidadão romano". Também se pôs em vigência, pela mesma lei, uma disposição dos tempos de Alarico II que mandava executar os judeus que tivessem convertido um cristão à sua religião, inclusive caso se tratasse de filhos de matrimônios mistos.

Morto Sisebuto, se reúne em 633 o IV Concílio de Toledo ao que assiste o Conde de Turdes em seu caráter de Bispo local. Tratam-se assuntos muito variados, tais como a sucessão real, os casos de sedição, as normas para disciplina eclesiástica, etc., e no centro de tudo se debate apaixonadamente sobre o problema judeu. O Rei Sisenando que preside o Concílio, carente por completo dos dotes estratégicos e da Visão Hiperbórea de Sisebuto, permite que uma facção pró-judia tome a voz de comando e questione as medidas decretadas recentemente contra o Povo Eleito. É aí quando o Conde de Turdes Valter se enfrenta violentamente contra o Bispo Isidoro de Sevilha, que não possui nem de longe o Sangue Puro de Recaredo e Sisebuto, não obstante ser um dos homens melhor instruídos e mais inteligentes da Espanha: sua enciclopédia em vinte tomos ***"Etymología"*** *é uma obra prima para a época, ademais de numerosos livros dedicados aos mais variados temas; inclusive escreveu um tratado de apologética com o sugestivo título* ***"De fide catholica contra Iudeos"****. Mas Isidor professava uma admiração sem limites pela história do Povo Eleito e considerava o Antigo Testamento a base teológica do Cristianismo, tal como o demonstra em seu tratado de exegética* ***"Allegoriae S. Scripturae"*** *onde comenta os livros hebreus. Essa postura o conduziu à contradição de sustentar por um lado a necessidade de combater o judaísmo e por outro a procurar a defesa dos judeus, evitando que sobre eles se exercesse "qualquer tipo de violência". No curso do Concílio, levado por essa falsa "piedade cristã", tenta dar marcha ré nas leis dos Reis visigodos.*

Graças à intervenção do Conde de Turdes Valter se aprovam dez cânones sobre os judeus, mas sem o rigor da lei de Sisebuto: se proíbe os judeus, entre outros, a prática da usura, o desempenho de cargos públicos, os matrimônios mistos, se ordena a dissolução dos matrimônios mistos existentes, e se reafirma a proibição de manter escravos cristãos. Para avaliar a importância das resoluções tomadas só se deve notar que os Concílios de Toledo eram Sínodos nacionais da Igreja Católica: dali a seriedade de um dos cânones, que estabelece expressamente a pena de excomunhão para os Bispos e demais hierarquias da

igreja, assim como os nobres que correspondessem às gerais da lei, em caso de que não cumprissem com dedicação e exatidão as disposições sobre os judeus.

Nesse IV Concílio de Toledo, o Conde de Turdes Valter se lançou com ardor a defender a causa que denominava "da Cultura hispano goda", num momento que a facção pró-judia parecia ter controlado o debate. Sua interrupção foi decisiva: falou com tal eloqüência que conseguiu definir a maioria dos Bispos a favor de tomar urgentes medidas para contra-atacar o "perigo judeu". Todos ficaram fascinados quando lhe ouviram assegurar que "a cultura hispano goda era a mais antiga da Terra" e que agora essa herança incalculável "estava ameaçada por um povo inimigo do Espírito, um povo que adorava em segredo a Satanás e contava com Seu Poder Infernal para escravizar ou destruir o gênero humano": Satanás lhes havia conferido o poder sobre o Ouro, de que sempre se valiam para levar a cabo seus planos inconfessáveis, e "com o que seguramente tinham comprado o voto dos Bispos que os defendem". Essa possibilidade de estar a serviço do Ouro judeu levou mais de um Bispo pró-judeu a fechar a boca e permitiu que finalmente se aprovassem as medidas esperadas pelo Conde de Turdes Valter. Mas tal vitória não foi positiva para a Casa de Tharsis, pois colocou em evidência algo que passou despercebido para todo o mundo: na atitude do Conde de Turdes Valter se previa algo mais que zelo católico, algo vivo, algo que só podia proceder de um Conhecimento Secreto, de uma Fonte Oculta; o Conde Bispo estava seguro demais do que afirmava, era demasiado categórico em sua condenação, para se tratar de um fanático, de alguém cego pela fé; a todas as luzes era evidente que o Conde ***sabia*** *o que dizia, mas quanto e o que sabia? De onde provinha sua Sabedoria? A partir dali a Casa de Tharsis seria novamente observada pelo Inimigo: e ao ódio dos Golen se agregaria agora o do Povo Eleito e de um setor da Igreja Católica, que não cessariam de perseguir os Senhores de Tharsis e procurar sua destruição; adiante, apesar de que contribuiria com sua riqueza e seus membros ao fortalecimento da Igreja, a Casa de Tharsis seria sempre suspeita de heresia.*

Décimo Quarto Dia

De Mohamed só farei notar aqui que se impôs aos fiéis do Islã a obrigação de ***orientar-se*** *diariamente a uma* ***pedra****, a Pedra Negra ou Kaaba, e a* ***Guerra Santa*** *como um modo de cumprir com Deus, era porque conhecia os Princípios da Sabedoria Hiperbórea: porque guerreiro orientado é uma definição adequada para o Iniciado Hiperbóreo. Seguramente a Sabedoria esotérica de Mohammed foi desvirtuada ou não compreendida por seus seguidores. De todos os modos, ainda quando não compreendidos totalmente, a simples aplicação dos Princípios da Sabedoria Hiperbórea é suficiente para transmutar os homens e os povos, para neutralizar o pacifismo degradante do Pacto Cultural. Assim, ao morrer Mohammed em 632, quase toda a Arábia estava em poder dos Califas; em 638 caem Síria e Palestina, em 642, Egito, em 643, Trípoli e em 650, toda a Pérsia. Por último a Civilização romana perde a África: em 698 é destruída Cartago.*

Na Espanha, o Rei Egida teve de convocar de urgência o XVII Concílio de Toledo, que se reuniu na Igreja de Santa Leocadia em 9 de Novembro do ano 694. O motivo foi o seguinte: a cidade africana de Ceuta, frente a Gibraltar, era a única praça cristã que resistia à pressão árabe; à frente da mesma se achava o Conde Julián, vassalo do Rei da Espanha: a resistência de Ceuta dependia exclusivamente das provisões que lhes enviavam os hispano godos; pois bem, os ceutis tinham descoberto algo terrível: os hebreus da África estavam negociando a invasão árabe da Espanha, com apoio de seus irmãos peninsulares; uma vez acertado o preço da traição, os judeus da Espanha dariam aos sarracenos toda a informação necessária, e sua colaboração pessoal, para assegurar o sucesso da invasão. Naturalmente o Povo Eleito odeia tanto aos maometanos quanto aos cristãos, mas sua Estratégia profética prescreve que se deve fazer enfrentar uns aos outros até que acabem todos dominados. E então era o turno de destruir os reinos cristãos da Europa. Quando essas notícias chegaram ao Rei Egida, que pertencia a um clã inimigo da alta nobreza e do clero, quer dizer, pró-judeu, não teve alternativa senão reunir o Concílio e expor o caso de Alta Traição. Desta vez havia quatro Bispos da Casa de Turdes Valter para defender a causa do Cristianismo espiritual e da Cultura hispano goda. Debateu-se arduamente e ao final se optou por atuar com o máximo rigor: todos os judeus da Espanha seriam submetidos à escravidão e seus bens confiscados em favor do Estado visigodo. Claro que essas medidas não eram duras, mas brandas, pois ao não aplicar a pena de morte contra os traidores, só se conseguia que estes ganhassem tempo e continuassem conspirando. Já lhes devolveriam os árabes, quinze anos depois, todas as antigas possessões e lhes concederiam um lugar proeminente na sociedade, em troca dos serviços prestados.

O partido da alta nobreza e do alto clero, apoiado pelos Senhores de Turdes Valter, se agrupava em torno da família do extinto Rei Chisdavinto; o partido da "monarquia progressista" se reunia em torno da família do Rei Wanda, morto em 680. Egida, que era membro da família de Wanda, acerta a sucessão ao trono por seu filho Vitiza, que começa a reinar em 702. Enquanto isso, na Bética, governa o Duque Roderico, do clã de Chisdavinto. Ao morrer Vitiza em 710, o Aula Regia de Toledo, onde conseguiram maioria os do partido de Chisdavinto, proclama Roderico como novo Rei. Despeitados os filhos de Vitiza, à época governadores e província e funcionários, pelo que consideram um despojo, solicitam aos judeus que lhes acertem uma entrevista com o General Ben Naser Muza. Enquanto isso, sublevam a Terraconense, a Narbonense e a Navarra, obrigando Roderico a concentrar todas as suas forças ao norte para sufocar a revolta: essas campanhas causam a interrupção dos suprimentos a Ceuta, que é rapidamente esmagada pelos árabes. Por fim parte para a África aquela embaixada de traidores: a integram os filhos de Vitiza, Olmundo, Ardabasto e Akhila, e os irmãos do defunto rei, Sisberto e o Bispo de Sevilha Oppa, a quem acompanha o Grão Rabino de Sevilha, Isaak. Incrivelmente, o Conde

Julián, que se pôs a serviço de Muza logo ao entregar a praça, e levado por uma inimizade pessoal com Roderico, aconselha o General árabe a intervir na Espanha.

Muza lhes promete enviar ajuda para derrotar Roderico. Os traidores voltam e simulam pactuar a paz com o Rei, que não desconfia. Em 711 o general bérber Tarik transporta em quatro barcos um exército composto de árabes e bérberes, e desembarca em Gibraltar. Roderico, que ainda combate os bascos no Norte, deve cruzar o país para cortar o passo de Tarik que se dirige a Sevilha. A batalha ocorre nas margens do rio Guadalete; nas filas de Roderico estão duas colunas comandadas pelos irmãos de Vitiza; ao produzir-se o encontro os traidores Sisberto e o Bispo Oppa passam ao bando de Tarik, deixando o Rei Roderico em posição comprometida; após vários dias de combates, o exército visigodo é completamente aniquilado por Tarik, desconhecendo-se a sorte que teve o último Rei visigodo. A "ajuda" dos judeus e árabes aos partidários de Vitiza não redundaria no benefício destes, pois no ano seguinte o General Muza, à frente de um exército mais numeroso, iniciaria a conquista da Espanha; em poucos anos toda a península, salvo uma pequena região das Astúrias, cairia sob seu poder. A Espanha se convertia assim em um Emirado dependente do Califa de Damasco.

Ainda que à medida que avançou a Reconquista cristã o domínio árabe foi retrocedendo, a Bética ficou ocupada por mais de quinhentos anos. Para a Casa de Tharsis, a catástrofe visigoda não causou outro efeito senão a perda de poder político: os "Condes de Turdes Valter" voltaram a ser os "Senhores de Tharsis". Ademais, conservaram as propriedades, embora tivessem de tributar fortemente ao Emir por sua condição de cristãos. Os Senhores de Tharsis, que já tinham larga experiência em sobreviver a situações semelhantes, eram plenamente conscientes de que por ora não existia na Europa uma força militar capaz de expulsar os árabes da Espanha: o Emir Alhor, que governou entre os anos 718 e 720, consegue atravessar os Pirineus e tomar a cidade de Narbona, atacando desde ali os territórios francos; só o nobre Don Pelayo os resiste e logra manter uma região sob domínio cristão nas montanhas da Cantábria e nos Pirineus: deste núcleo surgiria o reino de Asturias, ao que logo no século X se agregariam León e Castela, e se formariam no século IX Catalúnia e Navarra e no século XI Aragón, por sucessivas reconquistas aos árabes. Mas em 732 o Emir de Córdoba, Abd-el-Rahman, se movia livremente pelas Gálias e conquistava Burdeos: só a decisão de Carlos Martel impediria a conquista e destruição do Reino Franco; mas também ficava claro, já no ano 737, que aos Estados Cristãos lhes resultava impossível atravessar os Pirineus até a Espanha. Assim, pois, a suposição dos Senhores de Tharsis era muito realista, como também o foi sua Estratégia para afrontar a circunstância.

Em seguida compreenderam que os árabes só respeitavam duas coisas: a Força e a Sabedoria. Quem os resistisse com valor suficiente como para respeitar seu respeito podia obter concessões deles. E só a admiração que experimentavam pela Sabedoria, e pelos homens que a possuíam, lhes permitia tolerar as diferenças religiosas: uma coisa era um Cristão e outra coisa era um Cristão Sábio; ao primeiro se o deveria ***forçar*** *a abraçar o Islã, era o que ordenava o Profeta; ao segundo se procurava* ***convencer*** *da Verdade Islâmica, atraindo-o sem preconceitos para a Cultura árabe. Daí que os Senhores de Tharsis decidissem mostrar-se amistosos com eles e demonstrar-lhes, definitivamente, que formavam uma família de Sábios. Esta atitude não constituía propriamente uma traição à religião católica, posto que os Senhores de Tharsis continuassem sendo "pagãos", quer dizer, continuavam sustentando o Culto do Fogo Frio, e posto que a imensa maioria da população hispano goda, agora chamada "moçárabe", ia se integrando pouco a pouco à cultura árabe, adotando sua língua e religião. Os Senhores de Tharsis se converteriam em expoentes do conhecimento em seu mais elevado nível e seriam durante séculos professores nos centros de ensino árabes de Sevilha e Córdoba, obtendo por essa colaboração, e pelas contribuições econômicas da Villa de Turdes, o direito de professar a religião cristã e a manter como Templo privado a Basílica de Nossa Senhora da Gruta.*

Os membros do Povo Eleito, lógico, aproveitaram sua influência para incitar perseguições contra os cristãos, e especialmente contra a Casa de Tharsis, durante todo o tempo em que durou a ocupação árabe. Porém, fiéis a seus princípios talmúdicos, tentaram continuar sua tarefa corruptora em prejuízo agora da sociedade árabe, o que lhes valeu que os sarracenos, conseguido o objetivo de conquistar a Espanha, esquecessem rapidamente seus favores e os submetessem também a perseguições periódicas.

Décimo Quinto Dia

Convém informar-lhe a esta altura da história, doutor, sobre a reaparição dos Golen. Como disse no Dia Sexto, apesar de sua presença pouco numerosa entre os fenícios e cartagineses, tinham chegado em massa na Europa a partir do século IV a.C., "acompanhando um povo cita da Ásia Menor". Tal povo recebeu muitos nomes, dependendo onde se assentou: fundamentalmente eram ***celtas****, mas se os conheceram como* ***galos****,* ***irlandeses****,* ***escoceses****,* ***bretões****,* ***galeses****,* ***córnicos****,* ***gálatas****,* ***galegos****,* ***lusitanos****, etc. Veremos agora com mais detalhe como foi que os Golen se uniram aos Celtas e qual sua real origem.*

Mais adiante explicarei o significado das Tábuas da Lei, que Moisés recebe de ***YHVH*** *ao concretizar Sua Aliança com o Povo Eleito. Agora cabe resumir que as tábuas da lei contêm o Segredo da Serpente, quer dizer, a descrição das vinte e duas vozes que o Deus Criador usou para realizar sua obra, e os dez Aspectos ou* ***Sephiroth****, com os quais se manifestou no mundo ao executar a Criação: são* ***os trinta e dois misteriosos caminhos do Uno****. Esse conhecimento dá lugar a uma Alta Ciência chamada* ***Cabala Acústica e Numeral****, a que se encontra* ***só nas primeiras Tábuas da Lei****: nas segundas, que sempre foram exotéricas, não há mais que um decálogo moral, pálido reflexo dos dez Arquétipos Supremos ou* ***Sephiroth****. As primeiras tábuas possuem, pois, o Segredo da Serpente, o Segredo da Construção do Universo: para preservar este segredo de olhares profanos, as Tábuas foram guardadas na* ***Arca da Aliança****, enquanto que uma "interpretação" da Cabala Acústica era cifrada por Moisés, Josué, os Anciãos, etc., no Pentateuco ou Torah escrita. As vinte e duas letras hebraicas, com as quais foram escritas as palavras cifradas, guardam uma relação direta com os vinte e dois sons arquetípicos que pronunciou o Criador Uno, o que lhes outorga um inestimável valor como instrumento mágico. Mas tais letras possuem também um significado numérico arquetípico, de modo que toda palavra é suscetível de ser analisada e interpretada. Essa é a origem da Cabala numérica judia exclusivamente dedicada a compreender a Escritura da Torah, a que não se deve confundir com a Kabala acústica Atlante Branca, que se acha referida às Vrunas de Navutan.*

Mas a Cabala acústica se acha revelada nas Tábuas da Lei e estas fechadas na Arca, de onde somente podiam ser extraídas uma vez ao ano, para privilégio dos Sacerdotes. Finalmente, o Rei Salomão fez enterrar a Arca em uma cripta profunda sob o Templo, uns mil anos a.C., e permaneceu no mesmo lugar até a Idade Média, quer dizer, no espaço de vinte e um séculos. Poderia agregar que ***foi a maneira mágica com que a enterrou*** *que impediu que a Arca fosse achada antes.*

Com a morte de Salomão, o Reino de Israel se dividiu em duas partes. As tribos de Judá e Benjamin, que ocupavam o Sul da Palestina, ficaram sob o mando de Roboão, filho de Salomão, e o resto do país, formado pelas outras dez tribos, se alinhou sob a autoridade de Jeroboão. No ano 719 a.C., o Grande Rei Sargão destruiu o Reino de Israel, e as dez tribos de Jeroboão foram transportadas ao interior da Assíria para servir em escravidão. As duas tribos restantes formaram o Reino de Judá, do qual descendem em maior ou menor grau os judeus atuais.

As "dez tribos perdidas de Israel" não desapareceram da História como a propaganda interesseira dos judeus pretende fazer crer, dado que se sabe sobre o assunto muito mais do que se diz. Por exemplo, é certo que houve hebreus na América antes de Colombo, e também que uma grande parte da população atual do Afeganistão descende dos primitivos membros do Povo Eleito. Mas o que aqui interessa é assinalar que houve então uma migração de hebreus para o Norte, os quais iam guiados por uma poderosa casta levita. Depois de atravessar o Cáucaso, aonde foram dizimados por tribos germânicas, chegaram às estepes da Rússia e ali se chocaram com um povo cita. A massa do povo hebreu se mesclou com os citas, mas como eram muito inferiores em número, não afetaram a identidade étnica destes; pelo

contrário, a casta levita não aceitou perder sua condição de membros do Povo Eleito ***degradando seu Sangue com os Gentios.*** *Os levitas permaneceram assim, dedicados ao Culto e ao estudo da Cabala numérica, durante muitos anos, chegando a alcançar notáveis progressos no campo da feitiçaria e da magia natural. Quando, séculos depois, os citas se deslocaram para o Oeste, uma parte deles se estabeleceu nos Cárpatos e nas margens do Mar negro, enquanto a outra parte continuou seu avanço para a Europa central, onde foram conhecidos como* ***celtas****. Acompanhando os celtas iam os descendentes daqueles Sacerdotes levitas, chamados agora* ***Golen*** *por se acreditar que sua procedência era a cidade fenícia de Sídon, onde os denominavam* ***Gauls*** *ou* ***Gaulens****. Mas de Sídon, os Golen se expandiram para Tiro, desde onde navegaram com os fenícios até Tharsis e fizeram as primeiras incursões que se lembram os Senhores de Tharsis; depois da queda de Tiro, no século IV a.C., se acomodaram, como se viu, em Cartago, desempenhando o Sacerdócio de Baal Moloch. Alguns Golen se estabeleceram também na Frígia, como oficiantes do Culto de Cibele, de Adonis e de Atis. É que então os Golen possuíam já um terrível poder, fruto de séculos consagrados ao estudo do Satanismo e da prática de Magia Negra. Em síntese, os celtas avançaram pela Europa guiados pelos Golen. E o tempo diria que aquela aliança não acabaria jamais, estendendo-se até nossos dias.*

Mas como chegaram os levitas das tribos perdidas a converter-se em Golen, quer dizer, como obtiveram seu sinistro conhecimento? A explicação se deve buscar no fato de que estes levitas, coisa que não ocorreu com outros Sacerdotes judeus nem então nem nunca, ***não se conformavam com o saber que se podia extrair da Torah escrita: eles desejavam aceder à Hokhmah ou Sabedoria Divina, por um contato direto com a Fonte da Cabala Acústica, que é ciência dos Atlantes morenos****. Sua insistência e perseverança para conseguir esse propósito, e seu caráter de membros do Povo Eleito, convenceram os Demônios da Fraternidade Branca de que se achavam frente a importantes colaboradores do Pacto Cultural. E essa convicção os decidiu a confiar-lhes uma missão, uma empresa que requereria sua intervenção dinâmica na História. O cumprimento dos objetivos propostos pelos Demônios redundaria em benefício dos levitas, já que lhes permitiria avançar cada vez mais no conhecimento da Cabala Acústica. Que classe de missão lhes haviam encomendado os Demônios? Uma tarefa que tinha direta relação com seus desejos:* ***seriam executores do Pacto Cultural;*** *trabalhariam para neutralizar as construções megalíticas dos Atlantes Brancos, tratariam de recuperar as Pedras de Vênus, combateriam até a morte dos membros do Pacto de Sangue, e colaborariam para que o plano da Fraternidade Branca, consistente em instaurar na Europa a Sinarquia do Povo Eleito, pudesse ser levado a cabo. Mas os Golen, no fundo, seguiam sendo Sacerdotes levitas, filhos do Povo Eleito, e agora possuidores da "Sabedoria Divina" de* ***YHVH****, a* ***Hokhmah****; por isso sua fundamental ocupação, o objetivo principal de suas revelações, seria teológico:* ***Eles tentariam unificar os cultos, demonstrando que, "por trás da pluralidade dos Cultos" existia a "singularidade de Deus; que desde então se deveria cumprir rigorosamente com o Sacrifício do Culto". "Porque, qualquer que fosse a forma do Culto, o Sacrifício é Uno, quer dizer, o Sacrifício participa do Uno"****.*

A partir do século V, estão já os celtas e os Golen percorrendo a Europa até o Oeste. Os Gauleses se uniram o Amílcar Barca e impediram que Roma ajudasse Tartessos; logo se uniriam o Amílcar Barca na invasão da Itália; mas muito antes, no século IV, tinham humilhado Roma e destruído o Templo de Apolo, em Delfos. Júlio César, em sua célebre campanha das Gálias, consegue submetê-los definitivamente ao controle de Roma em 59 a.C.; Augusto divide a Gália transalpina em quatro províncias: a Narbonense, a Aquitânia, a Céltica ou Lionesa, e Bélgica. Os Golen, que detinham grande poder sobre todos esses povos, começam a retirar-se pouco a pouco das províncias romanas, inclusive seguidos por alguns contingentes celtas: passam primeiro para a Grã-Bretanha, ou "Britania", mas o objetivo final era a Irlanda, ou seja, "Hibérnia". Nos primeiros séculos da era cristã não são

muitos os Golen que se movem livremente pela Europa: no século IV, quando se castiga com pena de morte os cultos pagãos, já não parece haver Golen nas regiões romano-cristãs. De fato, à época as Gálias e a Hibérnia estão totalmente romanizadas e, nas regiões onde ainda se pratica o paganismo, os missionários católicos derrubam os templos pagãos, às vezes árvores centenárias, e põem em fuga os Golen. Invariavelmente estes fugiam para a Grã Bretanha e Irlanda.

A chegada dos bárbaros no século V não lhes brinda nenhuma oportunidade de reimplantar seu poder, pois estes povos são cristãos arrianos e de raça germânica, tradicionalmente inimiga dos celtas que os consideram também ***barbarii****. Assim, no Reino visigodo da Espanha, os Senhores de Tharsis tiveram a impressão de que, por fim, os Golen tivessem desaparecido da Terra. No entanto, estava para acontecer o oposto, pois em pouco tempo os Golen protagonizariam o regresso mais espetacular. Sim, porque os Golen não voltavam para a Europa para cumprir seu antigo papel de Sacerdotes pagãos do Deus Uno, para cumprir a missão de unificar os Cultos no Sacrifício ritual: agora corriam outros tempos; daquela missão se ocupariam diretamente os membros do Povo Eleito, que ofereceriam a O Uno* ***o Sacrifício de toda a Humanidade Gentia ou Goim****. A Fraternidade Branca tinha encarregado os Golen, em troca, o desempenho de uma função superior, uma ocupação que favoreceria como nunca a unificação da humanidade. Por isso eles não voltavam como Sacerdotes pagãos, mas como "Cristãos"; e não só como* ***"Cristãos"****, mas como* ***"católicos romanos"****; e não só como católicos, mas como* ***"monges missionários"*** *da Igreja Católica; e logo seriam considerados* ***"construtores sábios"*** *da Igreja, título absurdo cuja menção arrancaria risadas irônicas dos Homens de Pedra.*

Essa é uma longa história que aqui só posso resumir, e que tem seu início nos planos da Fraternidade Branca. Os Deuses Traidores, para cumprir seus pactos com o Deus Criador e as Potências da Matéria, deviam favorecer o Controle do Mundo por parte do Povo Eleito. Para isso seria necessário afiançar definitivamente o modo de vida materialista fundado no Pacto Cultural, quer dizer, seria necessário afiançar o Culto nas sociedades germano romanas recém formadas na Europa. E a melhor maneira de patrocinar o Culto, tal como se desprende do que expus no Terceiro Dia, é formalizá-lo e plasmar essa forma nas massas; ***centrar*** *a sociedade em torno da forma do Culto. Onde começa um Culto? Qual é seu extremo mais visível para as massas? Evidentemente, o Culto começa* ***pelo Templo****, o que primeiro* ***aparece*** *ao crente. Na verdade, o mais importante do Culto é o* ***Ritual****; mas todo o local onde se pratica o Ritual é um Templo, pois o Templo é o* ***Espaço Sagrado*** *onde se* ***pode*** *realizar o Ritual: a prioridade aparente do Templo surge de que, efetivamente, pode existir um Templo, quer dizer, um Espaço Sagrado ou Centro de Manifestação Metafísica,* ***sem que haja Ritual****, mas é inconcebível que se possa executar um Ritual fora de um Espaço Sagrado ou Templo. O plano da Fraternidade Branca para afiançar o Culto começava, pois, pela implantação massiva de Templos e pela evolução da forma dos Templos em concordância com os objetivos do Ritual.*

Mas esses planos apontavam a um objetivo final muito mais complexo: ***a instauração de um Governo Mundial em mãos do Povo Eleito.*** *A Fraternidade Branca criaria as condições culturais adequadas para que uma sociedade futura aceitasse tal forma de governo: nessa empreitada ocupariam o esforço de toda a casta sacerdotal do Ocidente, figurando em primeiro lugar a missão encomendada aos Golen. Quando a sociedade estivesse pronta para o Governo Mundial se realizaria, via Messias, a reunificação do Cristianismo com a Casa de Israel e se elevaria o Povo Eleito ao Trono do Mundo. Tais eram os planos da Fraternidade Branca e dos Sacerdotes do Pacto Cultural. A transformação da sociedade, que estes planos exigiam, se conseguiria principalmente pela unificação religiosa e a função fixadora do Culto que todo Templo exerce sobre as massas. Mas havia mais: também se requeria a formação de um poder financeiro e militar que prestasse apoio, em sua oportunidade, à constituição do Governo Mundial.*

O Culto oficial das sociedades européias era o cristão, assim que os Templos teriam de responder aos Ritos da Igreja. Claramente, se adverte que o plano dos Deuses Traidores requer a efetivação de duas condições: a primeira é que as massas tomem consciência da **necessidade** *do Templo para a eficácia do Ritual; e a segunda é que se disponha, no momento em que esta necessidade alcance sua máxima expressão, dos homens capazes de* **satisfazê-la** *mediante a construção de Templos em grandes quantidades e volumes. A primeira condição se cumpriria pela constante e permanente pregação missionária; a segunda, com a fundação no Ocidente de um* **Colégio Secreto de Construtores de Templos**: *este Colégio, Dr. Siegnagel, foi confiado aos Golen. Mas isso não ocorreu de entrada, pois se devia concretizar o plano da Fraternidade Branca começando pela primeira condição: quando na Igreja esteve preparado o lugar que iam ocupar os Golen para desenvolver seu Colégio de Construtores, no século VI, então se lhes convocou* **na Irlanda** *para que fizessem sua assombrosa reaparição continental.*

A oportunidade que os Golen aproveitam para voltar à Europa é produto do nascimento, no século VI, do "monacato ocidental", tradicionalmente atribuído a São Bento de Nurcia. **Realmente, só a ignorância dos europeus pôde sustentar semelhante atribuição durante mil e duzentos anos; embora, apesar de que desde o século XVIII se conheça no Ocidente com bastante precisão a história das religiões asiáticas, ainda hoje em dia há quem sustente teoricamente esta charlatanice, entre eles o dogma oficial da Igreja Católica: mas para comprovar o engano, basta tomar um avião, viajar ao Tibet, e observar ali os monastérios budistas dos séculos III e II a.C., quer dizer, oitocentos anos antes de São Bento, cujas regras internas e construções são análogas às beneditinas**. *A oração e o trabalho eram ali a Regra, tal como na fórmula* **ora et lavora** *de São Bento; mas, o mais importante, o mais revelador da comparação, resultará sem dúvidas a descoberta de que os monges tibetanos se dedicavam ao ofício de* **copistas**, *quer dizer, de reproduzir e perpetuar antigos documentos e livros, e a conservar e desenvolver a arte de construção de Templos,* **assim como os beneditinos**. *E não é preciso insistir, por ser suficientemente conhecido, que aqueles monastérios constituíam centros de difusão religiosa pela ação dos monges missionários e mendicantes que ali se preparavam e enviavam por toda a parte da Ásia.*

À luz dos acontecimentos atuais, no entanto, qualquer pessoa de boa fé há de admitir que a instituição do monacato oriental data do século X antes de Jesus, ou seja, pelo menos uns 1400 anos antes da aparição do monacato ocidental. Para refrescar a memória a esse respeito, convém recordar os seguintes dados: em primeiro lugar, que os hinos mais antigos do Rig Veda e os Upanishads mencionam as comunidades brahmânicas **munis e vrâtyas**; *em segundo lugar, que à época de Buda, personagem histórica do século VII a.C., já existiam âshrams há centenas de anos; e por último, que se a* **reforma** *religiosa budista se estende rapidamente a Índia, China, Tibet, Japão e etc, é porque já existiam os grupos que iam se transformar em Sanghas.*

Mas não é que os beneditinos fossem budistas ou tivessem algo a ver com o budismo, mas que tanto os Sacerdotes budistas como os Sacerdotes beneditinos obedeciam secretamente à Fraternidade Branca, verdadeira fonte oculta do Monacato "Oriental" e "Ocidental". A Fraternidade Branca, em efeito, foi autora de uma obra intitulada "Regra dos Mestres de Sabedoria", de difusão universal e que no Ocidente era conhecida desde o século II como **"Regula Magistri Sapientiae"** *por numerosas seitas cristãs e gnósticas judias. Assim que, nada existia de original no monacato ocidental, o qual responderia, ao contrário, às mais ortodoxas disposições que ditava a Fraternidade Branca no assunto.*

Nos primeiros séculos da Era Cristã, quando o Império Romano admitia o "paganismo" e mantinha contato com os povos da Ásia, se conhecia perfeitamente a existência da vida monacal oriental; inclusive homens ilustres como Apolônio de Tiana, contemporâneo de Jesus, tinham viajado ao Tibet e

recebido instrução em seus monastérios. Algumas seitas gnósticas, que chegaram a compreender e a se opor aos planos da Fraternidade Branca, deixaram testemunho de que isso se conhecia nas principais cidades do Oriente Médio: Alexandria, Jerusalém, Antioquia, Cesaréia, Éfeso, etc. Mas a Instituição dos monastérios não se faz da noite para o dia: é preciso seguir um estrito processo de formação, um método que se conhece desde a época da Atlântida e que os Sacerdotes do Pacto Cultural utilizaram universalmente; com esse método os Sacerdotes brahmanes impuseram o hinduísmo e os sacerdotes budistas, prévia deformação da doutrina do Kshatriya Sidhartha, criaram o monacato budista tibetano, chinês, hindu e japonês. Esse método determina que se deve começar por uma etapa de anarcomisticismo social, caracterizada pela proliferação de iluminados, ermitãos e Santos: esta fase tem por objetivo fomentar a crença de que a futura instituição monacal é um produto espontâneo do povo, que nasce e se nutre do povo. Deste modo os povos aceitarão naturalmente a existência e obra dos monastérios e, o que é mais importante, também o aceitarão os reis e governantes. E esse método infalível é aplicável em qualquer povo e com o concurso de qualquer religião.

No marco do judaico-cristianismo, já no século I começa a se aplicar o método e assim surgem no Oriente Médio uma multidão de ascetas e Santos que se retiram aos desertos e montanhas para viver em solidão. Durante os séculos II e III cresce tanto a população de anacoretas que muitos decidem se juntarem sob o mando de um Santo superior e a ordem de alguma regra: se constituem então as comunidades de zenobitas; não obstante, a comunidade dos zenobitas não alcança ainda o grau de união requerido para o modo de vida monacal, pois cada membro continua com a vida ermitã e só se unem para orar e se alimentar. E junto aos anacoretas e os zenobitas, vagam por todas as partes os "frades errantes", versão ocidental dos "monges mendicantes orientais". Para o século V, as colônias de anacoretas e os zenobitas somam milhares e milhares de membros no Egito, Palestina e Oriente Médio: em uma só diocese do Egito, Oxyrinthus, viviam vinte mil ermitãs e cem mil ermitãos anacoretas, enquanto que durante a vida de São Pacômio existiam sete mil monges zenobitas em seis monastérios, que chegaram a cinqüenta mil no século V. Com isso quero lhe dar um exemplo, Dr. Siegnagel, sobre a magnitude do movimento pré-monacal, um movimento que todos sabiam ser de inspiração extremo-oriental.

O momento propício para instituir o monacato ocidental, e para difundir o engano de que se tratava de uma criação original judaico-cristã, se apresentaria depois da morte do Imperador Teodósio, no ano 395, quando o Império Romano se reparte entre seus dois filhos Arcádio e Honório. Arcádio se estabelece em Constantinopla, dando início ao Império Romano do Oriente, que duraria até o ano 1453. Honório herda o Império Romano do Ocidente, com Roma, que se desfaria oitenta anos depois frente à pressão das Hordas bárbaras: logo do ano 476, o Império do Ocidente se divide em múltiplos Reinos romano-germânicos e começa um processo coletivo de isolamento e decadência cultural. Não só com a Ásia ficam cortados os laços culturais, mas com a própria Grécia; porém a sociedade européia estava preparada para a instituição monacal: durante séculos tinha visto passar os frades errantes procedentes da Terra Santa e escutado as histórias dos anacoretas e zenobitas orientais; inclusive muitos peregrinos viajavam à Terra Santa e ali adotavam a vida ascética, conservando na sua volta os costumes adquiridos; nesse momento, século VI, não existe zona montanhosa européia onde não habitem ermitãos cristãos. Mas, uma vez estabelecida a ordem dos monastérios, todos esqueceriam a origem oriental da instituição monacal.

Justamente dos monastérios beneditinos sairão as cópias e traduções dos livros mais fecundos da cultura grega, ***que não teve instituição monacal****, e se "perderá" qualquer vestígio das culturas do Extremo Oriente; vestígios que existiram no Império Romano e que misteriosamente desaparecem da Europa na época em que "aparecem" os livros mais adequados para empurrar o ocidente ao desastre espiritual da Renascença e da Idade Moderna, quer dizer, os livros em que se expõe o racionalismo e a*

especulação grega, raiz da "Filosofia" e da "Ciência" moderna. Nada se dirá, a partir da Cultura beneditina, sobre a origem Atlante das civilizações européias, nem sobre as religiões dos povos da Ásia, nem sequer sobre a dos recentes germanos, a quem se obrigará a esquecer seus Deuses e crenças, e seus alfabetos rúnicos. E nada se dirá certamente que possa relacionar a instituição monacal ocidental com outras Culturas, que possa despertar a suspeita de que o ocorrido na Europa é uma história repetida em outras partes, a conclusão de um método de estratégia Psico-social para exercer o controle das sociedades humanas. Logo depois do século IX, pela presença dos Árabes na Espanha, e do século XII, pela transculturalização a que levaram as Cruzadas, alguns Espíritos alertas advertem o engano. Mas são poucos e já será tarde para deter os Golen.

São Bento, que nasceu em 480, funda em 530 o monastério modelo de Monte Cassino e redige em 534 sua célebre Regra. Que recebeu instrução dos "Anjos" da Fraternidade Branca é algo sem sombra de dúvida porque sua **Regula Monachorum** *é uma fiel reprodução da* **Regula Magistri Sapientiae**. *Ao morrer em 547, e "subir aos Céus por um caminho custodiado por Anjos", segundo presenciaram muitos monges, as bases do "monacato ocidental" estavam fundadas: esse era "o momento" longamente esperado pelos Golen para irromper nos países continentais da Europa.*

No século V os Golen se encontram concentrados majoritariamente na Irlanda e começam a se infiltrar na Igreja Católica. Um dos seus é São Patrício, a quem enviam ao Continente para estudar a Doutrina Cristã e tomar contato com membros da Fraternidade Branca: volta no ano 432, procedente de Roma, investido de Bispo e com autorização papal para evangelizar a Irlanda. Imediatamente funda muitos monastérios, alguns realmente importantes como os de Armagh e Bangor onde se celebrariam Sínodos, e existiriam escolas religiosas, nas que se apressam a ingressar em massa os Golen da Irlanda e Grã Bretanha. Os seguintes cento e trinta anos, desde a morte de São Patrício em 462 até a partida de São Columba em 590, são empregados pelos Golen a fim de dar forma à "Igreja da Irlanda", vale dizer, a fim de organizar seu futuro assentamento continental.

O ano 590 assinala "o momento" histórico em que os planos da Fraternidade Branca para a participação dos Golen começam a se executar rigorosamente. O "lugar" onde os Golen desenvolverão o Colégio de Construtores de Templos já está pronto: são os mosteiros da Ordem de São Bento. E já tinha sido eleito Papa o monge beneditino Gregório, que anos antes em Constantinopla recebe a ordem da Fraternidade Branca de "convocar os monges irlandeses", quer dizer, os Golen, e integrá-los à Ordem de São Bento. Nada mais que esse chamado precisam os Golen para atuar e nesse mesmo ano 590 parte para a França São Columba, procedente do grande mosteiro de Bangor, junto com doze membros da plana maior. Na França se somam com outros seiscentos Golen e se dedicam a fundar mosteiros baseados na **Regula Monachorum:** *contam a todo o momento com o apoio de São Gregório Magno, quem recebe São Columba em Roma mais de uma vez. Logo da fundação do mosteiro de Anegray estabelece o mosteiro de Luxeuil, de vasta influência na região, e o famoso de San Golen, às margens do lago Zurich, entre muitos outros. São Columba morre em 615, no mosteiro lombardo de Bobbio, deixando sua missão praticamente cumprida: centenas de mosteiros nas Gálias, na Suíça e na Itália, quer dizer, nos antigos assentamentos celtas, sob a direção dos "monges irlandeses", Golen, e integrados à Ordem de São Bento.*

Deve-se recordar que no ano 589 se desenvolve o III Concílio de Toledo onde o Rei Recaredo, por influência do Bispo de Sevilha São Leandro, se declara "católico romano", junto com a Rainha e toda a corte do Reino visigodo. Não deve surpreender, pois, que os Golen se precipitem sobre a Espanha a partir do nefasto ano 590. No entanto, essa reaparição causou enorme surpresa aos Condes de Turdes Valter que não esperavam voltar a ver os Golen na península, pelo menos durante a ocupação goda. Mas tal imprevisão se devia à suposição de que os Golen permaneceriam pagãos e não se "submeteriam" à Igreja Católica: essa suposição foi ingênua, como a realidade se encarregou de demonstrar bem logo,

pois os Golen queriam ***controlar a Igreja Católica*** *logo de "submeter-se" a ela. Os Condes de Turdes Valter, que também pertenciam à Igreja e eram nobres hispano godos, empregaram então toda sua influência para impedir a expansão beneditina no Sul da Espanha, objetivo que lograram amplamente: os Golen, como é lógico, se firmariam no norte da Espanha, nas regiões célticas. Desde o mosteiro de Dumio, vizinho de Braga, na Lusitânia, e outros em Bierzo e no extremo da cordilheira cantabro asturiana que se denominam Picos de Europa, os Golen empreenderiam uma infinidade de incursões à Bética com o fim de destruir a Casa de Tharsis e roubar a Espada Sábia. Toda uma guerra secreta se travou desde o século VIII, na qual os "monges missionários" Golen tentavam se aproximar da Villa de Turdes e os Senhores de Tharsis os faziam executar sem piedade. Mas, para cada Golen beneditino que desaparecia sem deixar rastros ou aparecia assassinado numa estrada por mãos desconhecidas, vinham dois em substituição, obrigando a Casa de Tharsis a manter de antemão um permanente estado de alerta. Experts em magia negra, e mestres em toda a classe de Ciências, empregariam tudo quanto soubessem para localizar a Caverna Secreta, mas sempre fracassariam. Ao final, solicitariam o auxílio de Bera e Birsa, como se verá mais adiante.*

É evidente que a inserção dos Golen na Igreja Católica não constitui um motivo suficiente para desqualificá-la completamente. A razão é que os Golen se introduzem como "Sociedade Secreta" dentro da Igreja e, ainda que suas intrigas comprometam em mais de uma ocasião a Igreja toda, seus planos jamais são declarados publicamente, nem assumidos oficialmente por esta. Pelo contrário, em muitas outras ocasiões personalidades verdadeiramente espirituais, autênticos kristãos, brilharam em seu seio. Convém considerar então, apesar de que tal distinção nem sempre seja fácil de determinar, como se existissem ***duas Igrejas*** *superpostas: uma, contra a que lutaram os Senhores de Tharsis, é a* ***Igreja Golen****; assim a denominarei em outras partes e sua definição irá surgindo da história; outra é a* ***Igreja de Kristos****, ou* ***Igreja*** *somente, a que pertenceram os Senhores de Tharsis e o* ***Circulus Domini Canis****, e a que pertencem muitos dos que estão pelo Espírito e contra as Potências da Matéria, por Kristos Luz e contra Iahweh Satanás. Uma é a Igreja da Traição ao Espírito do Homem e outra é a Igreja da Libertação do Espírito do Homem, uma é a Igreja do Demônio da Alma Imortal e outra é a Igreja do Deus do Espírito Eterno.*

Décimo Sexto Dia

Sobre o Papa beneditino Gregório I, o criador do "canto gregoriano", cabe agregar duas coisas. Uma é destacar que a pressão exercida sobre São Leandro para que influísse em Recaredo e conseguisse o ingresso massivo dos Golen na Espanha só deu por resultado que nos mosteiros já existentes se adotasse a ***Regula Monachorum****. E a outra é notar que sua decisão, tomada em combinação com São Columba Golen, de enviar no ano 596 o monge Santo Agostinho e trinta e nove beneditinos à Grã Bretanha, obedecia a necessidade de substituir provisoriamente os irlandeses na tarefa evangelizadora. Aquela partida tinha a intenção de evangelizar os anglos e saxões que há não muito tinham conquistado a ilha: segundo São Columba e outros Golen, esses povos (de Sangue muito Puro) manifestavam natural predisposição contra os celtas e especialmente contra os irlandeses; só respeitariam a outros germanos ou aos romanos: eles teriam de realizar a tarefa, pois uma vez evangelizados, já haveria tempo para que os Golen se infiltrassem e se apoderassem do controle da Igreja britânica. No ano 600 o Bretwalda da Grã Bretanha era o Rei Etelbert de Kent, cuja esposa, princesa dos francos e fervorosa católica, favorece a conversão pelos romanos de São Gregório, apesar de que tinha junto a ela um Bispo franco e alguns Sacerdotes de seu povo; o êxito é grande: o Rei e o povo se batizam e em Canterbury se funda um mosteiro beneditino com hierarquia de bispado; logo lhe seguem Essex, London, Rochester, York, etc.*

Quarenta anos depois os Golen estarão penetrando nos mosteiros anglo-saxões desde a Escócia céltica, apoiados pelo Rei Oswald de Northumbria. Incorporados como mestres nos mosteiros beneditinos, será mais fácil aos Golen convencer os anglo-saxões já cristianizados sobre a bondade de suas intenções. No entanto, durante muitos anos, a voz cantante será levada por monges não irlandeses, tais como o grego Teodoro de Tarso e o italiano Adriano. São Beda, o Venerável, morto em 735, leva o mosteiro beneditino de Iarrow a seu mais alto grau de esplendor: aulas onde se ensinam os mais variados ofícios, escolas religiosas, granjas monacais, cópia e tradução de documentos, instrução musical, etc. Dos mosteiros beneditinos anglo-saxões sairia uma inestimável ajuda para o plano dos Golen na pessoa dos monges missionários britânicos, que seriam muito melhor recebidos que os irlandeses nos Reinos germânicos: Baviera, Turíngia, Hesse, Francônia, Frísia, Saxônia, Dinamarca, Suécia, Noruega, etc, veriam passar por suas terras os monges anglo-saxões. O maior expoente dessa corrente inglesa beneditina foi, indubitavelmente, São Bonifácio.

Procedia do convento beneditino de Nursling e seu verdadeiro nome era Winfrid: o Papa beneditino Gregório II lhe concedeu o novo nome de Bonifácio no ano 718, junto com sua missão de evangelizar os germanos. A verdade por trás de todo esse movimento, era que os Golen suspeitavam que os Germanos ainda conservassem as Pedras de Vênus e outros legados dos Atlantes Brancos e procuravam achá-los a qualquer custo. Por isso São Bonifácio, por exemplo, se empenha em derrubar a antiqüíssima árvore do Deus Donnar, em Geismar, em 722, tratando de encontrar a Pedra que uma tradição germânica situava nas raízes da árvore. Mas esta não era uma tarefa que o próprio Bonifácio tomasse em mãos: para isso contava com milhares de Golen beneditinos sob suas ordens; a famosa Pedra de Vênus dos saxões, por exemplo, seria buscada durante cinqüenta anos, e custaria aos saxões, que ao final a perderam, milhares de vítimas, atribuídas cinicamente aos "esforços de cristianização". São Bonifácio não era, pois, um mero predicador, mas um grande executor dos planos da Fraternidade Branca: os Archi Golen, ocultos nos monastérios, e os Papas beneditinos, lhe revelarão estes planos na forma de diretivas que ele cumprirá fielmente. Um de seus atos mais fecundos para esses planos, por exemplo, foi a universal difusão que imprimiu a idéia da superioridade do Bispo de Roma, o representante de São Pedro na Terra, sobre qualquer outra hierarquia eclesiástica ou régia: ***com base nessa idéia se***

assentará o poder do papado na Alta Idade Média. *E o papado, o papado beneditino e Golen, se entende, lhe responderá em seqüência, dotando-lhe do Palio arcebispal que lhe permitirá nomear seus próprios Bispos e completar a hierarquia de seus Sacerdotes.*

No ano 737, em Roma, recebe de mãos de Gregório III a máxima dignidade: será Legado papal na Alemanha, e disporá de amplos poderes para atuar. Naquele tempo, a "Alemanha" incluía o Reino Franco, o mais poderoso da cristandade européia. Pois bem, a nomeação de São Bonifácio, tinha como objeto soltar suas mãos para que levasse adiante um plano tão audaz como sinistro; no Império Romano do Oriente, o Império Bizantino, o Patriarca da Igreja estava normalmente submetido à vontade do Imperador; no Ocidente seria necessário restabelecer o poder imperial, mas fundado numa relação de forças completamente inversa: aqui, o Papa dominaria os Reis e Imperadores, o Sacerdote dominaria ao Rei, o Conhecimento do Culto à Sabedoria do Sangue Puro. E o instrumento para este plano que permitiria por sua vez concretizar os planos da Fraternidade Branca e dos Golen, seria a família franca dos pipínidos.

Os Reis Merovíngios se faziam chamar "Divinos" porque afirmavam descender dos Deuses Libertadores: para o judaico-cristianismo, que sustentava com a Bíblia idêntica descendência de todos os mortais desde Adão e Eva, aquela origem nada significava; o único Deus era o Criador, Iahweh Satanás, e ninguém podia clamar sua linhagem; fora do Criador judaico-cristão só existiam a superstição e os Demônios. Assim, pois era uma questão de princípios eliminar uns Reis que, não só declaravam ter herança divina, como afirmavam ***recordá-lo com o sangue:*** *essa vinculação entre realeza e divindade, muito popular entre os francos, era um obstáculo molesto para uns sacerdotes que pretendiam se apresentar como os únicos representantes de Deus na Terra. Ao morrer Carlos Martel em 741, lhe sucedem seus filhos: Carlomano como Major da Austrásia e Pipino como Major da Nêustria. Carlomano, que logo se retiraria ao mosteiro de Monte Cassino, concede a São Bonifácio total liberdade para reformar a Igreja Franca de acordo com a Regra beneditina; outro tanto fará Pipino. Em poucos anos, mediante uma série de Sínodos que vão de 742 a 747, se põe toda a Igreja Franca sob o controle da Ordem Beneditina.*

Carlomano e Pipino estão também dominados pela Ordem. São Bonifácio comunica a Pipino o plano dos Golen: com a aprovação do novo papa Zacarias, se destronará o Rei Childerich III, o último dos Divinos Merovíngios; em seu lugar será eleito Pipino pelos Grandes do Reino e sua nomeação estaria legitimado, analogamente ao Antigo Testamento, pelo ***consentimento*** *do Papa e a* ***unção*** *de São Bonifácio. O pagamento do novo Rei, por legitimar sua usurpação, consistiria em um considerável saque: a criação dos Estados Pontifícios. Mas essa recompensa não cercearia em nada o poder do Reino Franco, pois não se constituiria às suas custas mas às custas dos lombardos e bizantinos: em efeito, o Papa solicitava em pagamento de sua aliança com o Rei Franco uns territórios que deveriam ser previamente conquistados. Acertado o acordo, em novembro do ano 751 o Rei Childerich III era confinado num mosteiro beneditino e Pipino, o Breve, proclamado Rei e ungido por São Bonifácio. Em 754 o Rei Pipino e o Papa Estêvão II se reúnem em Ponthion onde firmam um tratado pelo qual os francos se comprometem doravante a proteger a Igreja Católica e servir o Trono de São Pedro. Deste modo, em 756, os francos doam a São Pedro o Exarcado, Veneza, Ístria, a metade do Reino longobardo e os ducados de Spoleto e Benevento.*

Com Pipino o Breve se inaugura a dinastia carolíngia, pedra fundamental na obra da Fraternidade Branca. Do exposto, se vê com clareza que a corte e todos os resortes do Estado franco estavam dominados pela Ordem beneditina: não será difícil imaginar então em que classe de ambiente se educaria seus netos e familiares, e quais as crenças que se lhes inculcariam sobre a antiga religião "pagã" dos germanos e seus Deuses ancestrais. Em vista disto, se deve reconhecer que Carlos Magno fez todo o possível por se converter em judaico-cristão e cumprir com o plano dos Golen.

O fruto dos séculos de paciente e reservado trabalho obtido nos mosteiros beneditinos pôde ser observado na corte carolíngia, especialmente na denominada "Escola Palatina". A esta escola concorria pessoalmente o Imperador com seus filhos e filhas, sua guarda pessoal, e outros membros da corte, escutar as lições que partiam dos "sábios" beneditinos chegados, em muitos casos, de mosteiros longínquos: da Itália vieram a Aquisgrana Paulo de Pisa, Paulino de Aquiléia, Paulo Diácono de Pavia, etc.; da Espanha veio um dos Senhores de Tharsis com a missão de espiar a marcha da conspiração Golen, trazendo na sua volta desalentadoras notícias sobre a magnitude e profundidade do movimento inimigo: se chamava Tiwulfo de Tharsis e foi famoso por seu livro escrito na Escola Palatina, titulado ***"De Spiritu Sancto Bellipotens"****. Não obstante essas procedências, a grande maioria dos mestres eram irlandeses e anglo-saxões, quer dizer, Golen, e sequazes de Golen. Entre os últimos cabe mencionar o cérebro da Escola Palatina e da difusão geral que se daria a partir dela da "cultura beneditina": refiro-me a Alcuino de York, discípulo da Escola de São Beda, o Venerável, que se incorpora à Escola Palatina em 781, e dirige entre 796 e 804, datam de sua morte, a Escola do mosteiro de São Martin de Tours. Sua* ***"Escola Palatina"*** *é o foco do chamado "renascimento carolíngio", ao que contribui eficazmente suas obras, de inspiração clássica e neoplatônica, e baseadas em conceitos de Prisciano, Donato, Isidoro, Beda, Boécio, tais como* ***De Ratione Animae****, ou seus famosos manuais que regeram por séculos a educação européia:* ***Gramatica, De Orthographia, De Rethorica, De Dialectica****, etc.*

Da Escola palatina saem as idéias para a ***"Enciclica de litteris colendis"****, cujas resoluções aprovadas por Carlos Magno tinham força de lei e ordenavam a criação, em todos os mosteiros e catedrais, de Escolas para Sacerdotes e leigos: nelas se deveria ensinar o* ***Trivium****, o* ***Quadrivium****, a Filosofia e a Teologia. O* ***Trivium*** *e o* ***Quadrivium*** *formavam as chamadas "sete artes liberais": o* ***Trivium*** *continha a Gramática ou Filologia, a Retórica e a Dialética; e o* ***Quadrivium****, a Astronomia, Geometria, Aritmética e Música. Logo que o ensinamento de tais matérias estava a cargo dos monges beneditinos, que se haviam preparado para isso por duzentos anos e eram os únicos que dispunham de suficientes mestres e material clássico com o qual cumprir a ordem real, que eles mesmos haviam inspirado. E os beneditinos Golen tinham bem claro como deviam educar as mentes européias para que em tempos por vir se experimentasse a imperiosa necessidade do Templo local: então o Colégio de Construtores Golen, que pronto se poria em marcha, levantaria Templos de Pedra nunca vistos, Catedrais magníficas, Construções que eram na verdade* ***máquinas de pedra*** *de tecnologia Atlante morena e cuja função apontaria a transmutar a mente do crente e ajustá-la ao Arquétipo coletivo da raça hebréia, o do Jesus Cristo arquetípico.*

Alcuíno, que se fazia chamar ***"Flacco"*** *em honra do poeta latino Horácio, dirigia os círculos culturais beneditinos Golen que rodeavam o Imperador. Em tais cenáculos se respirava um ar bíblico e judaico muito intenso: o próprio Carlos Magno exigia ser chamado "Davi", e seu fiel conselheiro Eginardo, por exemplo, pedia que se lhe nomeasse* ***Beseleel****, pelo construtor do Tabernáculo no Templo de Jerusalém. E neste especial microclima ambientado pelos beneditinos Golen, ao Imperador e seus principais colaboradores da nobreza franca, se lhes ia lavando lentamente o cérebro e se lhes condicionava para adotar o "ponto de vista Golen" sobre a Ordem do Mundo. Para preservar essa Ordem, por exemplo, se deveria erradicar o paganismo e impor mundialmente o judaico-cristianismo: isso era o Bem, o que mandava a lei de Deus e o que subscrevia o representante de São Pedro. Não importava se para esse Bem se devesse destruir povos irmãos: Deus perdoaria aos seus todo o feito em Seu Nome. Os Golen condicionavam assim a mente do Imperador porque necessitavam de um novo Perseu, um "Herói" que cumprisse com a sentença de extermínio que pesava sobre o povo se Sangue Puro dos Saxões e lhes permitisse roubar sua Pedra de Vênus.*

Pelo menos o povo Perseu dos cartagineses que destruíra Tartessos mil anos antes pertencia à outra Raça. O crime de Carlos Magno e seus francos é inestimavelmente maior, pois, não conforme com apoiar militarmente a ofensiva iniciada por São Bonifácio contra a Sabedoria Hiperbórea dos Saxões, empreendeu ele mesmo a tarefa de exterminar a nobreza saxã, irmã próxima do sangue franco.

Os Saxões foram um dos últimos povos do Ocidente que se mantiveram ininterruptamente fiel ao Pacto de Sangue e aos Deuses Libertadores: segundo eles acreditavam, os Atlantes Brancos tinham lhes encomendado a missão de proteger um grande segredo da Raça Branca, que caíra do céu sobre a Alemanha há milhares de anos, durante a Batalha da Atlântida; aquele Segredo estava especificamente mencionado no mito de Navutan, a quem os Saxões chamavam Wothan, como "o Anel da Chave Kâlachakra" onde os Deuses Traidores tinham gravado o Signo da Origem: Freya Perdiz o teve de soltar antes de penetrar no moribundo Navutan e sua queda se produziu, segundo a Sabedoria dos Saxões, sobre a Alemanha; concretamente, tinha caído sobre as rochas do Extersteine, uma montanha que se acha no centro do bosque de Teutoburger Wald. De acordo com o que sustentavam os Saxões, o anel tocou as rochas no momento em que Navutan ressuscitava e adquiria a Sabedoria da Língua dos Pássaros: isto produziu que o Signo da Origem se decompusesse nas treze mais três Vrunas ou Runas e que estas se plasmassem para sempre nas rochas do Extersteine; sobre uma delas, a mais proeminente, qualquer um que possua linhagem espiritual poderá ver, por exemplo, a Vruna mais sagrada para os Atlantes Brancos, a que representa o Grande Chefe Navutan, quer dizer, a Runa Odal. Mas os Saxões não só conheciam, nessa data tardia do século VIII, as Vrunas de Navutan, mas que tinham conseguido conservar, assim como os Senhores de Tharsis, sua Pedra de Vênus. No cume do Extersteine se erguia desde tempos imemoriais a ***"Universalis Columna"*** *Irminsul, um Pilar de madeira que representava a Árvore do Terror onde havia se autocrucificado Navutan para conhecer o Segredo da Morte. Este santuário era venerado pelos germanos desde tempos remotos e, para evitar sua profanação por parte dos romanos no ano 9, o Líder querusco Armínio ou Erminrich aniquilou o exército do General Públio Quintílio Varo composto por vinte mil legionários, nas proximidades de Teutoburger: Varo e os principais oficiais se suicidaram logo do desastre.*

Igual sorte não teria os heróicos saxões setecentos e sessenta anos depois frente a um inimigo esmagadoramente superior e que abrigava uma intolerância irracional semelhante a que Amílcar Barca tinha pelos Tartésios. Claro que, por trás dessa intolerância de Carlos Magno, deve-se ver como no caso de Amílcar, as mãos dos Golen, a necessidade artificial plantada na cabeça daqueles generais de cumprir a sentença de extermínio. O pecado dos saxões era este: **ocuparam** *o bosque e se entregaram com tal empenho em sua missão, que impediram por séculos que os Golen pudessem se aproximar da Extersteine; mas o mais grave era que gravaram os treze mais três signos Rúnicos do Alfabeto Sagrado na Coluna Irminsul,* **e lhe incrustaram em seu centro a Pedra de Vênus***, em memória do Olho Único de Wothan que olhava o Mundo do Grande Engano desde a Árvore do Terror. A repulsão que os Saxões sentiam em relação aos Sacerdotes Golen, seu rechaço irreversível ao judaico-cristianismo, sua fidelidade ao Pacto de Sangue e sua negativa de entregar a Pedra de Vênus, eram motivos mais que suficientes para decretar o extermínio da Casa Real Saxã, especialmente nesse momento em que o poder dos Golen estava em seu apogeu.*

Só assim se explica a sanguinária persistência de Carlos Magno, que durante trinta anos combateu sem trégua os Saxões, povo cultural e militarmente inferior aos francos e que se resistiu tanto foi pelo indômito Valor que o Espírito fazia brotar de seu Sangue Puro. No ano 772, as tropas do novo Perseu caem sobre Teutoburger Wald e, logo de uma encarniçada luta, conseguem tomar o Extersteine e entregá-lo aos beneditinos Golen para sua "purificação": estes não tardam nada em destruir a Coluna Irminsul e roubar a Pedra de Vênus, condenando desde então os Saxões à obscuridade da confusão estratégica, à desorientação sobre a Origem. Não obstante o saque conquistado, faltava cumprir com a sentença dos

Golen: em 783, em Verden, Carlos Magno, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, faria decapitar a cinco mil Nobres Saxões, cujo Sangue Puro consumaria no Sacrifício Ritual a unidade do Deus Criador Iahweh Satanás. Depois de uma posterior resistência sem esperanças por parte do último Chefe rebelde sobrevivente, Wittikind, os Saxões terminaram por aceitar o judaico-cristianismo, como tantos outros povos em similares circunstâncias, e se integraram ao Reino Franco.

Carlos Magno morria em Aquisgrana, no ano 814, mas já em 800 tinha recebido do Papa Leão III a consagração como Imperador Romano, justo pagamento para quem tanto servira a Igreja e a causa da Ordem beneditina. Sucede-lhe como Imperador seu filho Ludovico Pio, a quem seus contemporâneos apelidam "O Piedoso" e "O Monge", por sua dedicação à Igreja e sua preocupação em por definitivamente os monges francos sob o controle da Ordem beneditina. Apenas três anos depois de sua coroação imperial concreta esse desejo dos Golen no Sínodo de Aquisgrana em 817, no qual se acorda impor a Regra beneditina a todos os monastérios dos domínios francos, quer dizer, ao que seria o Império Romano Germano: parte da Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Suécia, Frísia, Itália, etc.

Com a sanção daquela lei imperial, o poder da Ordem ficou consolidado o suficiente para que os Golen agora não pensassem em outra coisa, durante os seguintes duzentos anos, senão em levar à perfeição o Colégio de Construtores de Templos. Nos duzentos anos precedentes acumularam o Conhecimento das Ciências; agora passariam à prática, formariam grêmios de Construtores compostos de lojas de aprendizes, companheiros e mestres maçons; e tais lojas seriam laicas, integradas por gente do povo, mas dirigidas secretamente pela Ordem, que possuirá o Plano e as Chaves do Templo. Também faria falta dispor de uma ***Chave Final****, um Segredo que permitiria aos Golen levar sua obra à máxima perfeição. Mas os Golen, e por eles a Ordem beneditina, contavam com a palavra da Fraternidade Branca de que tal Segredo lhes seria confiado quando sua missão européia estivesse a ponto de se concluir. Aquele Segredo, aquela Chave das Chaves, consistia nas Tábuas da Lei de Iahweh Satanás, as que o Deus Criador entregou a Moisés no Monte Sinai e que possibilitaram logo a Hiram, Rei de Tiro, construir o Templo de Salomão, o Templo dos Templos: nelas estava gravado, mediante um Alfabeto Sagrado de vinte e dois signos, o Segredo da Serpente, quer dizer, o Mais Alto Conhecimento que lhes permitiu alcançar o animal-homem, as Palavras com as que o Deus Uno nomeou todas as coisas da Criação: com essas tábuas em seu poder, os Golen estariam em condições de levantar o Templo de Salomão na Europa, cumprindo assim com os planos da Fraternidade Branca e elevando o Povo Eleito ao Trono do Mundo. Claro que antes de chegar a tão maravilhosas realizações a Ordem beneditina teria de resolver vários problemas: além de por em marcha o Colégio de Construtores de Templos, teria de criar condições para que os povos do Império Romano apoiassem a existência de uma Ordem militar no seio da Igreja Católica. Tal Ordem teria uma dupla função: por uma parte, custodiar, no momento em que a Fraternidade Branca decidisse entregá-la aos Golen, as Tábuas da Lei desde Jerusalém até a Europa; e por outra parte servir como força militar de apoio a Constituição da Sinarquia Financeira ou Concentração de Poder Econômico, que seria necessário estabelecer na Europa como passo prévio ao Governo Mundial do Povo Eleito.*

Décimo Sétimo Dia

Levar a cabo a última parte dos planos da Fraternidade Branca requeria uma reforma no sistema monacal beneditina: era necessário, sobretudo, ***concentrar*** *o Conhecimento da Ordem e controlar, a partir deste centro, as principais funções culturais do Ocidente. E aquela reforma não demoraria, pois estava prevista de antemão, quer dizer, era uma alternativa estratégica dos Golen; nesse mesmo século IX, apenas estando morto Carlos Magno e quando sua dinastia estava para se engajar numa luta de facções, pelos despojos do Império, que duraria cem anos, já começa a se delinear a mudança: no ano 814, Ludovico Pio, o Monge, brinda todo seu apoio a São Bento de Antiane para que funde um mosteiro em Aquisgrana, onde a Regra beneditina seria aplicada com todo vigor. Três anos depois aquele monge, que tinha sido enviado à corte carolíngia pelo Papa beneditino Leão III, redige e publica o* ***Capitulare Monacorum*** *e o* ***Codex Regularum*** *que dariam suporte inicial à reforma da Ordem Beneditina. Mas será no século X quando o objetivo de concentrar o Conhecimento da Ordem se consegue concretizar definitivamente com a ocupação do mosteiro de Cluny. A demora deve-se explicar pela compatibilidade que tal objetivo teria de apresentar com a* ***segurança*** *do Segredo da Ordem: os Golen não podiam arriscar, a essa altura dos fatos, um fracasso por imprevisão. Por isso a reforma de Cluny só se empreende quando se dispõe da segurança de que não será interrompida.*

Com a eleição do saxão Enrique I, o Passareiro, como Rei Franco e Imperador, no ano 919, entra na História a extraordinária linhagem dos Otons e dos Salios, um Sangue Puro que chegaria a produzir um Frederico II Hohenstaufen no século XIII, ***"o Imperador Hiperbóreo que se opôs com o Poder do Espírito aos mais satânicos representantes do Pacto Cultural"****. No século X, essa linhagem poderosa se dedica com vigor a reorganizar o Reino, enquanto o papado cai no maior desprestígio por causa da digitação efetuada pelas famílias da nobreza romana, especialmente a Teodora, Crescencio, Tusculo, etc. A Ordem beneditina, que decidiu aproveitar o momento para trabalhar secretamente na formação do Colégio de Construtores de Templos, se assegura de entrada que ninguém interfira no funcionamento de Cluny: é que justamente, o lugar escolhido para concentrar o Conhecimento recaiu sobre um mosteiro francês por exclusivos motivos de segurança. Uma sucessão de bulas papais emitidas durante os séculos X e XI, acatadas ao pé da letra pelos duques da Aquitânia e os Reis de Borgonha, estabeleceram a total independência de Cluny de qualquer autoridade, fora o Papa ou seus abades: nem os Reis, nem os Duques ou Condes, nem os Bispos regionais, podiam intervir nos assuntos do monastério.*

Já ouviu falar recentemente, Dr. Siegnagel, de certas bases secretas que possuiriam as Grandes Potências, por exemplo, os soviéticos ou os norte-americanos, nas quais se teria reunido um enorme número de cientistas de todas as especialidades, dotados dos melhores meios instrumentais, para planejar em forma integral objetivos de longo alcance, e que dependeriam diretamente do Presidente ou de um Conselho Supremo, e que atuariam independentemente de qualquer outra autoridade nacional, fora seus próprios chefes ou comandantes? Pois exatamente isso era Cluny no século X. Ali se planejava uma Europa futura, judaico-cristã, unificada sob as Catedrais e o Templo de Salomão, controlada por uma Ordem Militar da Igreja, administrada por uma Sinarquia financeira, e governada finalmente pelo Povo Eleito.

É Formoso, o mesmo Papa beneditino cujo cadáver insepulto foi jogado ao Tibre pelo Papa Estevão VI, partidário de Lamberto de Espoleto, em vingança por este nomear Arnulfo Imperador, quem nomeia Bernon para empreender a grande missão. Bernon era um monge beneditino de linhagem nobre borgonhesa, cuja influência sobre o duque Guilherme I da Aquitânia foi aproveitada para convencê-lo

sobre a conveniência de fundar o mosteiro de Cluny. No ano 910 o mesmo Bernon toma a direção do mosteiro e dá início à Concentração do Conhecimento: se reúnem ali os principais livros e manuscritos que a Ordem possuía em distintos mosteiros e se constitui uma Elite Golen dedicada à cópia de documentos e ao estudo da "Arquitetura Sagrada". Logo, a Elite Golen, denominada internamente "monges clérigos", se ocuparia com exclusividade a sua tarefa e teria de abandonar a tradicional norma beneditina de compartilhar os trabalhos de manutenção do mosteiro e produção de alimentos: nesse sentido, se reforma a Regra beneditina e se cria a instituição dos "monges laicos" para desempenhar a honrosa função de manter os Golen. Durante o mandato de seu segundo abade, São Odon, já começam a se ver os frutos da reforma: primeiro se difunde a fama sobre o ascetismo e a perfeição alcançada pela reforma cluniacense, o que atrai a curiosidade dos outros mosteiros e causa a admiração do povo: logo se envia grupos de monges especialmente treinados para os monastérios que os requerem, para iniciá-los na reforma: aos membros do povo se os seleciona cuidadosamente para incorporá-los à Elite dos monges clérigos ou encarregá-los das tarefas próprias dos monges laicos; depois, se inauguram mosteiros submetidos à jurisdição de Cluny, aos que se estendem seus direitos de autonomia e independência. Nesse ponto, Cluny era uma Congregação por direito próprio. E quem mais entusiasticamente apóia São Odon com uma bula no ano 932, é o Papa beneditino João XI, filho bastardo do Papa Sérgio III e de Marozia de Teodora, célebre assassina da época.

Depois de cento e cinqüenta anos de atividade, a Congregação de Cluny conta com dois mil mosteiros distribuídos principalmente na França, Alemanha e Itália, mas também na Espanha, Inglaterra, Polônia, etc.; sem incluir os restantes milhares de mosteiros beneditinos que adotaram a reforma cluniacense, mas não dependem do Abade de Cluny. Em meados do século XI a Ordem conseguiu transformar eficazmente a Cultura européia: sob o manto intelectual dos beneditinos de Cluny se formaram os grêmios de maçons operativos que demonstraram sua perícia na arte da construção "românica" e que já estão prontos para lançar a revolução do "gáulico", mal chamado gótico; por trás deste movimento naturalmente está o Colégio Secreto de Construtores de Templos. Mas também se conseguiu plantar no coração dos senhores feudais a semente do sentimentalismo, do arrependimento e da piedade cristã: os "pecados" pesam cada vez mais na Alma do Cavaleiro e requerem o alívio da confissão sacerdotal; se aceita esmorecer a conduta guerreira mediante a "paz de Deus" e a "trégua de Deus" determinadas pelos Sacerdotes; se moraliza os guerreiros germanos com princípios judaicos da Lei de Deus, do Temor à Justiça de Deus, etc. Como resultado disso surge uma classe especial de Nobres e Cavaleiros que, sem perder seu valor e audácia, mas respeitosos a Deus e seus representantes, estão condicionados para se jogar cegamente a qualquer aventura que lhes assinale a Igreja.

Os planos da Fraternidade Branca se vão cumprindo em todas as partes. No ano 1000, logo de ter aterrorizado a Europa com a "proximidade do Juízo Final", os Golen avançam um grande passo ao expor ao Imperador alemão seu projeto de reconstrução do Império Romano do Ocidente com capital em Roma e conseguir que este aceite deslocar a capital do Império de sua base alemã: ainda que tal projeto não tenha funcionado, a idéia estava lançada e influiria durante duzentos anos nos objetivos imperiais do reino alemão. Os detalhes deste plano se acertam entre o Rei Oto, o Grande e o Papa Golen Silvestre II, cujo nome era Gerbert de Reims. E nesse plano do ano 1000, no compromisso que assumia o Imperador de "lutar contra os infiéis", especialmente contra os sarracenos da Espanha, mediante uma "Milícia de Deus", estavam claramente esboçados os conceitos das Cruzadas e das Ordens militares cem anos antes de sua realização.

Mas o êxito do plano dependia, em todo caso, da sujeição do Imperador frente à autoridade do Papa, do domínio que a Igreja pudesse impor sobre o temperamento naturalmente indômito dos soberanos germanos. Seria ali onde se mediriam novamente as forças do Pacto Cultural contra a Memória inconsciente do Pacto de Sangue. Para isso os Golen poriam no Trono de São Pedro um reformador

cluniacense de fanatismo sem igual, o monge Hildebrando, que passaria à História como o Papa Gregório VII, o Papa que humilharia o Imperador Henrique IV em Canossa antes de levantar-lhe a excomunhão, demonstrando com isso "a superioridade do poder espiritual sobre o poder temporal", quer dizer, sustentando a antiga falsificação dos Atlantes Morenos e dos Sacerdotes do Pacto Cultural: para a Sabedoria Hiperbórea, contrariamente, o Espírito é essencialmente guerreiro e, portanto, as castas nobres e guerreiras são espiritualmente superiores às sacerdotais. Mas, com a debilidade de Henrique IV, o dano estava causado e ficaria a encargo de seus descendentes lutarem contra um papado Golen arvorado senhor do Destino do Ocidente.

Que os Golen não confiaram nem confiarão jamais nos Alemães, à parte da radicação do Colégio de Construtores em Cluny, o indica sua atitude favorável aos normandos como executores preferidos de seus planos, seguidos dos franceses. Aqueles que não pertenciam como se supõe à família de povos germanos, mas a uma tribo céltica da Escandinávia, etnicamente diferente dos vikings noruegueses, suecos e dinamarqueses, tinham conquistado um Ducado no Norte da França, a Normandia, que foi reconhecida oficialmente por Carlos, o Simples no ano 911: pelo tratado de paz radicado em Saint-Clair-Sur-Epte, o Duque Rollon se batizava e aceitava o cristianismo junto a seu povo, cuja evangelização definitiva se deixava em mãos da Ordem beneditina. Não tardaram, pois, em florescer os mosteiros na Normandia e em ficar finalmente toda a nobreza normanda sob a influência de Cluny. Cento e cinqüenta anos depois se comprovavam os efeitos do trabalho paciente de doutrinação e acondicionamento cultural realizado pelos beneditinos: os normandos estavam preparados para constituir-se num braço executor dos planos da Fraternidade Branca. O Papa Golen Nicolau II, aquele que institui a eleição papal por parte dos Cardeais, entrega em feudo: ao Rei Roberto Guiscard a Apúlia, Calábria e Sicília; a Ricardo de Anversa, Cápua; corre o ano 1059. Sete anos depois, em 1066, o Duque da Normandia, Guilherme o Conquistador, se apodera da Inglaterra com a colaboração, ou traição descarada, da Ordem Beneditina da ilha: graças a ele, ingressam novamente na Inglaterra os membros do Povo Eleito, que tinham sido expulsos no ano 920 pelo Rei Knut, o Grande, sob o cargo de "inimigos do Estado". O Papa é então o beneditino Alexandre II, mas os cérebros que dirigem a manobra são os Golen Cluniacenses Hildebrando e Pedro Damião. Ao sucedê-lo no papado o mesmo Hildebrando, ou Gregório VII, em 1073, uma faixa impressionante que desce desde a Irlanda e abarca Inglaterra, Normandia, Flandres, França, Borgonha, Itália, e se conclui na Sicília, se acha submetida à influência direta dos Golen de Cluny.

Cabe agregar sobre Hildebrando, um dado que jamais deve ser esquecido: sua origem judia. Hildebrando, em efeito, era bisneto de Baruk, o banqueiro judeu que se converteu ao cristianismo e que foi cabeça da família Pierleoni, uma linhagem que influiu durante séculos nas eleições papais. Graças ao dinheiro dos Pierleoni, por exemplo, Hildebrando tinha conseguido a eleição de Alexandre II e apoio para seus próprios planos. E a banca Pierleoni, por suposto, era muito filantrópica; e sua caridade, sempre, tinha beneficiário, claro: a Congregação de Cluny, onde seus irmãos de Raça e os Golen preparavam o Governo Mundial do Povo Eleito.

Pôr em prática o plano dos Golen demandará um ensaio preliminar: essa prova geral de verificação de potencialidades será a Primeira Cruzada. Em 1078, Gregório VII e a plana maior Golen recebem duas notícias simultâneas: a mais importante é a que provém da Fraternidade Branca, na que os Imortais aprovam, afinal, o transporte para a Europa das Tábuas da Lei, ocultas durante vinte e cinco séculos em Jerusalém nas proximidades do Templo de Salomão. A outra notícia vem do Império do Oriente, que está cercado por um poderoso destacamento militar dos Turcos seljúcidas, que já ocupara o Irã, Bagdá, Síria, Palestina, grande parte da Ásia Menor, e acabam de apoderar-se de Jerusalém. Essas notícias convencem os Golen sobre a forma com a qual ensaiarão suas forças: predicarão a Cruzada mas, em princípio, esta não apontará o objetivo central mas um secundário; se divulgará a

necessidade cavalheiresca cristã de prestar ajuda à Igreja Bizantina contra os turcos; se esse chamado der os resultados esperados, então se anunciará o dever de "liberar a Terra Santa"; e somente se este último pedido é obedecido, somente assim, se empreenderá a missão a Jerusalém para buscar a Chave do Templo de Salomão. Porque acontece que a recuperação do Segredo do Povo Eleito não é fácil: se esteve oculto por mais de vinte séculos não é porque ninguém tivesse buscado e encontrado antes, mas porque sua encoberta foi deliberada e cuidadosa e empregou técnicas esotéricas; sua localização atual exigiria o envio de uma equipe de Sacerdotes Iniciados na Cabala acústica e numeral, para ler e pronunciar corretamente as Palavras que abririam a Cortina do Segredo: e essa equipe sim, que deveria ir ao momento justo, contando com a máxima segurança, porque desta operação dependeria o êxito ou o fracasso de uma Estratégia planejada sistematicamente durante seiscentos anos.

O Sínodo de Clermont do ano 1095 é empregado pelo Papa Golen Urbano II, recente prior de Cluny, para chamar à guerra contra os infiéis e libertar a Igreja do Oriente: - "esta guerra é, explicava Urbano II, uma peregrinação de Cavaleiros armados"; "haveria indulgências especiais para todos os que tomassem a cruz e, tão complacentes estão os Céus com a Cruzada, que logo sobrevirá um extraordinário período de Paz de Deus" -. Pedro o Ermitão, um orador popular, reúne uma multidão de cem mil pessoas carentes de preparação militar e de meios, a que pronto será exterminada; em troca o exército de Cavaleiros francos, flamengos e normandos, causa a admiração dos Golen: estão alistados nele, Godofredo de Buillion, Senhor de Lorena, com seus dois irmãos Balduíno e Eustácio; Roberto de Flandres; Roberto da Normandia; Raimundo de Tolosa; o Senhor normando da Itália, Bohemundo de Tarento; e Tancredo. A esse exército se poderia solicitar de entrada a conquista de Jerusalém!

Depois de múltiplas dificuldades próprias da guerra contra um inimigo valoroso e religiosamente fanatizado, agravadas pelas traições dos bizantinos, os cruzados conseguem conquistar Jerusalém em 1099, três anos depois da partida da Europa. Se funda ali um Reino cristão do qual Godofredo de Bouillon é o primeiro Rei.

Depois desta vitória, os Golen só empregarão trinta anos para achar as Tábuas da Lei e transportá-las para a Europa: a partir de então começará a revolução do gáulico ou gótico. Aquela fase do plano se desenvolveu com vários movimentos paralelos. Por um lado, deveria ser preparado um local adequado para receber as Tábuas da Lei, decifrar sua mensagem e encontrar o modo de aplicar o Conhecimento da Serpente à Construção de Templos. Por outra parte, se devia despachar o quanto antes a Jerusalém a equipe de Iniciados Golen que se encarregaria de localizar o Segredo. E também, deveria dar marcha imediatamente à formação da Ordem militar que sustentaria a Sinarquia financeira, que prontamente se criaria. Se tais movimentos culminavam nos objetivos propostos pela Fraternidade Branca, então não tardaria em sobrevir o Governo Mundial do Povo Eleito e se cumpriria a Vontade do Deus Criador Uno.

O monge beneditino Roberto recebeu em 1098 a ordem de retirar-se às imediações de Citeaux: no ano 1100, apenas conhecida a notícia da tomada de Jerusalém, o Papa Pasqual II o põe à frente da Abadia de Cister e lhe encomenda a reforma da regra cluniacense. Sobre a base da ***Regula Monachorum*** *de São Bento, ele e seu sucessor Alberico, introduzem mudanças substancias em Cluny: os monges voltam ao trabalho manual, se insiste com mais rigor no ascetismo e na solidão, quer dizer, no* ***segredo****, e se muda a indumentária: dali em diante dos cisterciences não usariam o hábito negro clássico dos cluniacenses e beneditinos, mas um branco, semelhante à antiga túnica dos Golen das Gálias romanas, e à dos Sacerdotes levitas que custodiavam em Israel a Arca com as Tábuas da Lei. Em 1112 a comunidade está pronta para receber o grupo de Iniciados que lhe dará sua conformação definitiva: são trinta e um, entre eles São Bernardo com cinco de sua família, todos Golen. Depois de três anos para estudar os detalhes, São Bernardo funda em Claraval, região de Champagne, feudo do Conde Hugo, também de família Golen, um mosteiro adequado para conservar o Segredo que chegaria do*

Oriente. Uma vez terminado, com o pretexto de efetuar traduções de textos hebreus, se convoca aos principais Rabinos cabalistas da Europa para colaborar na tarefa de decifrar as Tábuas da Lei. Estranha comunidade a de Cister e Claraval, integrada por Golen e judeus, enquanto a Europa inteira se proclama "cristã" frente aos povos "infiéis" do Oriente!

Quando morre São Bernardo existiam trezentos e cinqüenta mosteiros cisterciences, e no final do século XIIII, chegavam a setecentos na Europa. Desse modo se levou adiante o primeiro movimento.

Quanto a Cluny, não se deve crer que, quando se fundou o Cister e se expandiu a Ordem do Templo não lhe iria restar algum poder. Prova disso é o enorme volume de suas instalações alcançado no século XIII; como exemplo vale lembrar que em 1245, com o motivo do Concílio Geral de Lyon reunido pelos Golen para excomungar o Imperador Hiperbóreo Frederico II, uma numerosa comitiva acompanhou o Papa em sua visita a Cluny, onde foram alojados comodamente sem que os monges precisassem abandonar suas celas; quer dizer, que possuía infra-estrutura para acomodar um Papa, um Imperador e um Rei da França junto com todos os prelados e Senhores de seus cortejos. Não creia que eu exagero, Dr. Siegnagel: além do Papa Inocêncio IV estavam ali os dois Patriarcas de Antioquia e Constantinopla, doze Cardeais, três Arcebispos, quinze Bispos, o Rei da França São Luís, sua mãe Bianca de Castela, seu irmão o Duque de Artois, e sua irmã, o Imperador de Constantinopla Balduíno II, os filhos do Rei de Aragão e Castela, o Duque da Borgonha, seis Condes, e um elevado número de Senhores e Cavaleiros. Sua biblioteca contava com cinco mil volumes copiados por frades, sem contar as centenas de manuscritos, rolos e livros da Antiguidade que eram peças únicas na Europa.

Décimo Oitavo Dia

No ano 1118, por fim, os nove Golen acharam a Chave do Templo de Salomão com a aprovação da Fraternidade Branca: são três Sacerdotes Iniciados, encarregados de localizar as Tábuas da Lei, e seis Cavaleiros da guarda. Um dos Iniciados é o Conde Hugo de Champagne, em cujas terras se instalou o Cister, quem é parente do Rei Balduíno de Jerusalém e consegue sem dificuldades a ocupação do sítio solicitado: é a localização tradicional do Templo de Salomão. Sua residência por vários anos nesse lugar, lhes significaria o nome de Cavaleiros do Templo que adotaram depois, ainda que eles preferissem chamarem-se ***Únicos Guardiões do Templo de Salomão****. Finalmente, depois de muito buscar e meditar, refletir e compreender a natureza do segredo, e contar também com a ajuda dos "Anjos" da Fraternidade Branca, os Templários estiveram em condições de encontrar a Arca. Quando o Segredo chegou a suas mãos, e se preparavam para escoltá-lo até a Europa, se lhes uniram Bera e Birsa, os mesmos Imortais que assassinaram as Vrayas da Casa de Tharsis. Desde Chang Shambala, a Fraternidade Branca enviava Bera e Birsa para acompanhar o transporte da Arca até Claraval e assegurar-se de que esta chegaria sem problemas; uma vez ali, tentariam apoderar-se da Espada Sábia e ajustar as contas pendentes com a Casa de Tharsis. Suspenderei por um momento o relato das conseqüências que essa nova aparição dos Imortais teria para os Senhores de Tharsis.*

O mais importante agora é destacar que no ano 1128, a Arca está instalada em Claraval, em poder dos mais altos dignatários da Sinagoga e da Igreja Golen, no Coração do Colégio de Construtores de Templos. Desta maneira se desenvolveu o segundo movimento.

O resultado triunfal de ambos os movimentos motivou os Golen para atuar de imediato com o terceiro. Encontram-se em Champagne os seis Cavaleiros que transportaram a Arca, junto de Bera e Birsa que ainda permanecem em Claraval instruindo o Colégio de Construtores de Templos, e se convém em constituí-los em Ordem de Cavalaria. Com esse fim secreto, São Bernardo convoca em 1128 um Concílio em Troyes, na região de Champagne, a que assistem em sua totalidade clérigos beneditinos e cistercienses: Bispos, Abades e Priores de todos os mosteiros da Ordem, que vêm conscientes da importância do evento e desejam observar de perto os terríveis Imortais Bera e Birsa que também estarão presentes. No Concílio de Troyes se aprova a formação da Ordem do Templo e se encomenda a São Bernardo a redação de sua Regra. Será esta uma Regra monástica, basicamente cisterciense, mas completada com normas e disposições que regulam a vida militar: à frente da Ordem estará um Grão-Mestre, que dependerá apenas do Papa; a missão da Ordem será formar um exército de Cavaleiros para lutar no Oriente e na Espanha contra os Sarracenos; no Ocidente, a Ordem possuirá propriedades aptas a praticar a vida monástica e oferecer instrução militar; a Ordem do Templo estará autorizada a receber toda a classe de doações, mas os Cavaleiros devem observar o voto de pobreza, etc.

Durante o resto do século XII, a Ordem cresce em todos os sentidos e se constitui no século XIII em um verdadeiro poder econômico e militar sujeito somente, e até certo ponto, à autoridade da Igreja. Posto que o objetivo oculto das Cruzadas fosse conseguir a Arca da Aliança de Iahweh Satanás com o Povo Eleito, e tal objetivo se tinha conseguido, é evidente que a manutenção da Guerra Santa não tinha outro fim senão fortalecer a Ordem do Templo e a Igreja: as seguintes Cruzadas, em efeito, permitiam aos Papas demonstrar seu poder sobre os Reis e Nobres, e à Ordem do Templo acrescentar suas riquezas. Assim, o papado alcançava seu mais alto grau de prestígio e podia convocar aos Reis da França, Inglaterra ou Alemanha, para "cruzar-se" por Cristo Nosso Senhor e, com sorte, até conseguia eliminar algum potencial inimigo de seus planos de hegemonia européia, por exemplo, como o Imperador Frederico Barbarossa, que jamais voltou da Terceira Cruzada. E enquanto continuava a guerra e o exército do

Oriente se aperfeiçoava profissionalmente e se tornava indispensável em todas as operações, a Ordem ia constituindo uma formidável infra-estrutura econômica e financeira: se dizia que aquele poder servia para sustentar a Cruzada dos Cavaleiros Templários, mas na verdade se estava assistindo a fundação da Sinarquia financeira. A Ordem prontamente desenvolveu, sobre a base de suas incontáveis propriedades na França, Espanha, Itália, Flandres, etc., uma rede bancária que operava com o novíssimo sistema das "letras de câmbio" inventado pelos banqueiros judeus de Veneza, e tinha sua sede central na Casa do Templo de Paris, verdadeiro Banco, provisto de Tesouro e Câmara de Segurança. Naturalmente, praticavam a agiotagem com Nobres e Reis, cujos "pagareis" e outros documentos avançadíssimos para a época, se guardavam nas caixas fortes da Ordem. Entre outras responsabilidades se lhes havia confiado a administração dos fundos da Igreja e a arrecadação de impostos para a coroa da França.

Os Templários ocuparam na Espanha diversos sítios, entre os quais se contava a Fortaleza de Monzón, a que logo da morte de Alfonso I, O Batalhador, lhes foi outorgada em propriedade: desde ali, "lutavam contra o infiel", segundo a Regra da Ordem. Aquela fortaleza se achava em Huesca, nas margens do rio Cinca, no então Reino de Aragón: e para lá se dirigiram Bera e Birsa, logo do Concílio de Troyes, acompanhados por um importante séqüito de monges cistercienses. Os Imortais iam realizar um "Concílio Secreto Golen" no qual deixariam estabelecidas as diretivas para os próximos cem anos, data na qual voltariam a cobrar a obra realizada. Nesse Concílio, além dos detalhes do plano Golen já descrito, os Imortais plantaram, em nome da Fraternidade Branca, duas questões que deveriam ser resolvidas o quanto antes; se tratava de duas Sentenças de Extermínio: uma contra a Casa de Tharsis, que ainda estava pendente desde muito; a outra, contra os Cátaros e Albigenses do Languedoc aragonês, era recente e deveria ser executada sem demora.

Sobre a Casa de Tharsis, os Imortais admitiram que se tratasse de um caso difícil, pois não se podia concretizar o extermínio sem ter achado antes a Pedra de Vênus, que aqueles tinham oculta numa Caverna Secreta. Com o fim de conseguir a confissão da Chave para achar a entrada secreta, Bera e Birsa decidiram atacar desta vez os membros da família que habitavam a cidade próxima de Zaragoza; se tratava de três pessoas: o Bispo de Zaragoza, Lupo de Tharsis; sua irmã viúva, já adulta, que vivia junto a ele no Bispado e se encarregava de assuntos domésticos, Lamia de Tharsis; e o filho desta, um jovem noviço de quinze anos chamado Rabaz. Os três foram seqüestrados e conduzidos a Monzón, onde foram fechados numa masmorra enquanto se preparavam os instrumentos de tortura. Começaram pelo velho Lupo, ao que atormentaram brutalmente sem conseguir que soltasse uma palavra sobre a Caverna Secreta; finalmente, e ainda que tivesse a maioria dos ossos quebrados, Lupo de Tharsis expirou como o Senhor que era: rindo com desprezo frente à impotência de seus assassinos. Com a mulher e o filho empregaram outra tática: considerando que estes já estariam bastante atemorizados com os gritos do Bispo, prepararam um cenário convincente para extorquir o jovem Rabaz com a ameaça de submeter sua mãe ao mesmo tormento degradante que tinha cortado a vida de Lupo de Tharsis.

Então, estenderam Lamia sobre a mesa de tortura e começaram a estirar seus membros, arrancando gritos aterradores de dor. Nesse momento fizeram entrar Rabaz, que tinha as mãos atadas e vinha escoltado por dois Golen cistercienses, o qual ficou gelado de espanto ao escutar os lamentos da mãe e descobri-la atada na mesa mortal: e ao vê-lo paralisado de horror, um sorriso triunfal se esboçou no rosto dos Golen, que já contavam antecipadamente com a confissão. Mas com o que não contavam, era com a loucura mística dos Senhores de Tharsis, que os tinha tornado imprevisíveis durante centenas de anos de perseguições, e que se manifestava como o Valor Absoluto do Sangue Puro, um Valor tão elevado que era inconcebível qualquer debilidade frente ao Inimigo! Sem que pudessem impedi-lo, o jovem Rabaz, impulsionado por uma loucura mística, deu dois saltos e se situou junto à mãe, que o observava com um olhar brilhante; e então, com uma só dentada lhe destroçou a veia jugular, causando-lhe uma morte

rápida por perda de sangue. Agora os Golen não riam quando arrastavam Rabaz enfurecidamente; e, no entanto alguém riu: antes de morrer, com o último hálito que se quebrava num espasmo de agonizante Graça, Lamia conseguiu emitir uma gargalhada irônica, cujos ecos permaneceram vários segundos reverberando nos meandros daquela lúgubre prisão. E Rabaz, que acabava de assassiná-la e tinha o rosto coberto de sangue, sorria aliviado ao comprovar que Lamia já não mais existia.

Não, os Golen já não riam: melhor, estavam pálidos de ódio. Era evidente que a Vontade de Rabaz não podia ser dobrada por nenhum meio, mas nem por isso deixariam de torturá-lo até causar-lhe a morte: o fariam nem que fosse para desafogar o rancor que sentiam da Casa de Tharsis.

Bera e Birsa nada conseguiram com aquela matança e por isso deixaram aos cistercienses uma missão específica para ser cumprida nos seguintes anos pela Ordem do Templo: não importava o custo, ainda se isso implicasse comprometer-se numa luta permanente contra o Taifa de Sevilha, mas se devia construir um castelo em Aracena, a poucos quilômetros da Villa de Turdes. O local exato seria o conhecido desde a Antiguidade como "Cova de Odiel", hoje chamada "Cova das Maravilhas", cujo nome significava evidentemente Cova de Odin ou de Wothan, mas que também era chamada "Cova Dédalo" pela deformação de "Cova ***D'Odal****": naturalmente, Dédalo, o Construtor de Labirintos, era outro dos Nomes de Navutan. A entrada da Cova de Odiel se achava num buraco no chão, no cume de uma colina em Aracena. O plano era construir um Castelo Templário que escondesse a Cova de Odiel: a entrada desde então somente seria acessível a partir do interior do castelo. Para que queriam isso? Para chegar até a Caverna Secreta dos Senhores de Tharsis; porque, segundo criam Bera e Birsa, desde a Cova de Odiel seria possível aproximar-se da Caverna Secreta empregando certas técnicas que eles poriam em prática quando voltassem de Chang Shambala.*

Décimo Nono Dia

Sintetizando, Dr. Siegnagel, se pode considerar que ao chegar o século XIII, os Golen tinham realizado noventa por cento dos planos da Fraternidade Branca: a Ordem beneditina-Golen e suas derivações, Cluny, Cister e o Templo, estavam firmemente estabelecidas na Europa; o Colégio de Construtores de Templos tinha adquirido, com a possessão das Tábuas da Lei, o Mais Alto Conhecimento; os grêmios e irmandades de maçons, instruídos pelos Golen, estavam levantando centenas de Templos, igrejas e catedrais góticas, em todas as cidades importantes da Europa e em certos lugares aos que se atribuía "valor telúrico"; e os povos, desde os servos e vilões aos Senhores, Nobres e Reis, viviam numa era de costumes religiosos, sustentavam uma Cultura onde Deus e os Sacerdotes de Deus intervinham ativa e cotidianamente; quer dizer, os povos, que agora viviam a **unidade** *religiosa, estavam preparados para receber a unidade política e econômica do Governo Mundial, a Sinarquia do Povo Eleito; o poder econômico da Ordem do Templo estava já consolidado; e o Exército da Igreja, que asseguraria a unidade política, também. Como vê, Dr. Siegnagel, os planos da Fraternidade Branca estavam a ponto de concretizar-se:* **e no entanto fracassaram**.

O que aconteceu? Os planos da Fraternidade Branca fracassaram fundamentalmente por causa de dois Reis, Frederico II Hohenstaufen, Imperador do Sacro Império Romano Germânico, e Felipe IV, o Belo, Rei da França. Ambos reinaram em países distintos e em períodos históricos diferentes, e não se conheceram entre si: Frederico II na Sicília de 1212 a 1250, e Felipe IV na França, de 1285 a 1314. Entretanto, um nexo oculto explica e justifica os atos altamente estratégicos empregados por estes extraordinários monarcas: é **a oposição da Sabedoria Hiperbórea**.

Temos, pois, duas causas exotéricas do fracasso dos planos inimigos, os Reis mencionados, e uma causa esotérica, a Oposição da Sabedoria Hiperbórea, da que aquelas não são mais que efeitos. Examinarei então um tanto superficialmente as duas primeiras e me concentrarei em detalhar a segunda; é conveniente que assim se faça para expor o papel destacado que coube à Casa de Tharsis em tais fatos. Terei de começar descrevendo as circunstâncias que deram lugar à coroação de Frederico II e os atos com que este desestabilizou o Poder do papado. Logo me deterei em mostrar as verdadeiras causas daqueles atos, isto é, a oposição da Sabedoria Hiperbórea: se verá, assim, como os Senhores de Tharsis desenvolveram sua estratégia e como foram quase exterminados pelos Golen em meados do século XIII. Finalmente chegarei à gestão de Felipe IV, **"o Rei que aplicou o Golpe Mortal à Sinarquia Financeira dos Templários".** *A partir daí, Dr. Siegnagel, tudo estará dado para que a história da Casa de Tharsis entre em sua fase final.*

Com a eleição do Papa Inocêncio III em 1198, os Golen jogam uma de suas últimas e mais importantes cartas. Aquele "pontífice", de fato, goza de um prestígio sem par entre a indócil nobreza germânica: os Reis se submetem a seu arbítrio e sua vontade se impõe sem resistência em todos os âmbitos. Ademais, não se preocupa demais em dissimular seus planos, pois proclama abertamente a vigência da teoria de Gregório VII sobre "as Duas Espadas", das quais uma, a temporal do Imperador, deve estar submetida à "espiritual" da Igreja. Pois bem, este Papa, que tem em mãos todos os triunfos dos Golen, é também tutor e regente do jovem príncipe Frederico da Sicília, principal herdeiro dos Hohenstaufen austríacos e alemães. É nesse príncipe que os Golen, e a Fraternidade Branca, apoiaram todo o peso de sua Estratégia: Frederico, educado como monge cisterciense e Cavaleiro Templário pelos Golen da corte normanda de sua mãe Constança da Sicília, deveria empunhar com vigor jamais antes visto desde os tempos de Carlos Magno, a Espada temporal dos Reis e submetê-la à Espada espiritual da Igreja; então a Espada espiritual, que é a Cruz de Jesus Cristo e o Plano do

Templo, será o assento do Trono do Mundo, um lugar para o Messias do Deus Criador ou seus representantes. Mas eis que Frederico se revolta antecipadamente contra esse plano.

Frederico II é coroado Rei alemão em 1212 com o auspício de Inocêncio III e a aprovação manifesta de Felipe II Augusto, Rei da França. Em princípio fez o que se esperava dele e já em 1213, contando com apenas 18 anos de idade, promulgou a Bula de Ouro a favor da Igreja, na que confirmava a totalidade de suas possessões territoriais, inclusive aquelas que tinham sido indevidamente apropriadas logo da morte de Henrique VI; aceitava renunciar, tanto ele quanto qualquer outro Rei alemão futuro, à eleição de Bispos e Abades. É evidente, pois, a predisposição inicial do jovem Rei para cumprir com os planos da Igreja Golen. No entanto, bem rapidamente essa atitude começou a mudar, até tornar-se totalmente hostil contra seus antigos protetores. As causas foram duas: a reação positiva da Herança de seu Sangue Puro ***graças à proximidade histórica*** *do Graal, conceito que já explicarei; e a influência de certos Iniciados Hiperbóreos que o próprio Frederico II fez vir até sua corte desde longínquos países da Ásia e cuja história não poderei detalhar nessa carta. O importante foi que o Imperador começou a rechaçar a idéia Golen, que estava sendo amplamente publicada pela rede beneditina, de que o mundo deveria ser regido por um Messias Teocrático, um Sacerdote posto pelo Deus Criador sobre os Reis da Terra. Contrariamente, afirmava Frederico II, o mundo esperava um Messias Imperial, um Rei do Sangue Puro que impusesse seu Poder pelo unânime reconhecimento dos Senhores da Terra, um Rei que seria o Primeiro do Espírito e que fundaria uma Aristocracia do Sangue Puro na que só teriam abrigo os mais valentes, os mais nobres, os mais duros, os que não se dobram frente ao Culto ou às Potências da Matéria. Frederico II, naturalmente, se sentia chamado a ocupar esse lugar.*

A doutrina que Frederico II expressava com tanta clareza era a síntese de uma idéia que vinha se desenvolvendo entre os membros de sua Estirpe desde o Imperador Henrique I, O Passareiro. Em princípio, tal idéia consistia na intuição de que o poder real se legitimava somente por uma Aristocracia do Espírito, a qual estava ligada ao Sangue, à herança de Sangue. Logo foi evidente, e assim começou a afirmar-se, que se o Rei era legítimo, seu poder não podia ser afetado por forças de outra ordem que não fossem espirituais: a soberania era espiritual e, portanto divina; só a Deus correspondia intervir com justiça por sobre a vontade do Rei. Esse conceito se opunha essencialmente ao sustentado pelos Golen, no sentido de que o Papa representava a Deus sobre a Terra e, portanto, a ele correspondia sujeitar a vontade dos Reis. Já o Papa Gelásio I, 492-496, tinha declarado que existiam dois poderes independentes: a Igreja espiritual e o Estado temporal; contra a perigosa idéia que se desenvolvia na Estirpe dos Otões e Salios, São Bernardo formaliza a tese gelasiana na "Teoria das duas Espadas". Segundo São Bernardo o poder espiritual e o poder temporal, são análogos a duas Espadas; mas, como o poder espiritual procede de Deus, a Espada temporal deve submeter-se à espada espiritual; ***ergo****: o representante de Deus na Terra, o Papa, ao empunhar a Espada espiritual, deve impor sua vontade aos Reis, meros representantes do Estado temporal e só portadores da Espada temporal.*

Apesar do empenho posto pela Igreja para impor o engano, a idéia vai amadurecendo e começam a se produzir choques entre os Reis mais espirituais e os representantes das Potências da Matéria. A "Querela das Investiduras", protagonizada pelo Imperador Henrique IV, antepassado de Frederico II, e o Papa Golen Gregório VII, assinala a fase culminante da reação satânica: no ano 1077, o Imperador Henrique IV é obrigado a humilhar-se frente ao Papa, em Canossa, para obter o levantamento de sua prévia excomunhão. De não ceder a essa súplica, Henrique IV teria sido despojado de sua investidura imperial, e ainda da soberania de seus Senhorios hereditários, pela simples vontade "espiritual" do Papa. Naturalmente, uma idéia que brota do sangue, e se torna mais clara e mais forte a cada geração, não pode ser reprimida com penitências e humilhações. Será Frederico I Barbarossa, avô de Frederico II, quem se oporá com mais vigor à tirania papal e demonstrará que a existência da Aristocracia do Espírito era mais que uma idéia. Então, a idéia já tinha tomado corpo, e conta com

partidários dispostos a defendê-la com a vida: são os chamados ***gibelinos****, nome derivado do Castelo de Waiblingen onde nascera Frederico I. A reação da Igreja contra Frederico I polariza a família de sua mãe Judith, descendente de Welf ou Guelfo IV, duque da Baviera, de onde vem o nome de "guelfos" dado a seus seguidores. Assim, apesar da lavagem cerebral e da doutrina clerical a que foi submetido Frederico II durante os anos em que permaneceu sob a tutela do feroz Inocêncio III, nada pôde evitar que a Voz de seu Sangue Puro lhe revelasse a Verdade do Espírito Não Criado, que sua herança divina o transformasse na expressão viva da Aristocracia do Espírito, no Imperador Universal.*

Antes de partir para a Palestina em 1227, Frederico II se achava convertido em Homem de Pedra, em Pontífice Hiperbóreo, e tinha relembrado o Pacto de Sangue dos Atlantes Brancos. E decidiu lutar com todas as suas forças para reverter a ordem da sociedade européia, que estava baseada na ***unidade do Culto****, quer dizer, no Pacto Cultural, em favor do Pacto de Sangue. A solução escolhida por Frederico II consistia em minar a unidade imperial de então, cujas monarquias estavam totalmente condicionadas pela Igreja, concedendo o maior poder possível aos Senhores Territoriais: eles seriam, assim, os que reconheceriam com seu Sangue Puro o Verdadeiro Líder Espiritual do Ocidente, o que vinha instaurar o Império Universal do Espírito. Em troca, a Igreja Golen, frente ao crescente poder dos príncipes, só veria desintegrar-se a unidade política que tão necessária era a seus planos de dominação mundial: uma unidade política que tinha edificado sobre o cimento de incontáveis crimes perpetrados durante séculos de intrigas e enganos, que tinham sido projetados no Segredo dos mosteiros beneditinos e cistercienses, que tinham sido impostos nas mentes crédulas e temerosas dos nobres mediante a ameaça da "perda do Céu", a excomunhão, a chantagem de terror e toda a sorte de recursos indignos.*

Essa unidade política controlada discretamente pela Igreja, que agora dispunha de uma poderosa Banca e de uma Ordem militar, resultaria fatalmente desestabilizada por Frederico II. Em 1220, quando ainda obedecia ao plano dos Golen, Frederico II concedeu aos príncipes eclesiásticos os direitos de regulamentar o tráfego comercial em seus territórios e de decidir sobre sua fortificação. No entanto, em 1232, conferiu esses mesmos direitos aos Senhores Territoriais, além de autorizar-lhes a completa jurisdição de seus países: na prática, isso significava que assuntos tais como a moeda, o mercado, a justiça, a polícia, e as fortificações, ficavam para sempre sujeitos à potestade dos Senhores Territoriais, não tendo nem o Rei, nem o Papa, poder executivo algum em seus respectivos países.

Depois da morte de Frederico II, em 1250, jamais conseguirá a Igreja Golen outra oportunidade semelhante para cumprir com os planos da Fraternidade Branca: na Alemanha sobrevirá o Interregnum, durante o qual os Senhores Territoriais se farão cada vez mais poderosos e independentes; e na França, governará Felipe IV, o Belo, quem concluirá a obra de Frederico II procedendo à aniquilação da Ordem do Templo e conseguindo desmantelar a infra-estrutura da Sinarquia financeira.

Como segunda causa do fracasso do plano Golen, causa principal, causa esotérica, mencionei a "oposição da Sabedoria Hiperbórea": com tal denominação me refiro, logicamente, à ***oposição consciente*** *que certos setores levaram adiante contra as intrigas secretas dos Golen e suas organizações cistercienses e templárias.*

Esses setores, que compreendiam a Sabedoria Hiperbórea, contribuíram de modo significativo a determinar o fracasso dos Golen; eram vários grupos, mas entre os principais cabe citar os Bogomilos na Itália, aos Cátaros da França, e os Senhores de Tharsis na Espanha.

Na Espanha, os Senhores de Tharsis tinham-se feito fortes, tanto na região muçulmana quanto na cristã: em Turdes, conservavam seu bispado e a propriedade da Villa, onde uma parte da família permanecia todo o ano; em Córdoba e Toledo, viviam sempre os clérigos que se dedicavam ao ensino; e na Catalunha e Aragón, e inclusive em vários países europeus, habitavam os que eram teólogos e doutores, e recebiam o convite de algum Senhor para oficiar de conselheiros ou instruir as famílias reais. Mas, ali

onde estivessem, os Senhores de Tharsis nunca esqueceriam seu Destino, e todos os esforços estavam postos em cumprir aqueles dois princípios jurados pelos Homens de Pedra: preservar a Espada Sábia e cumprir a missão familiar. Sua prioridade era, pois, sobreviver; mas sobreviver como Estirpe, o que obrigava a manter-se permanentemente informado sobre a Estratégia inimiga, posto que um dos objetivos estratégicos declarados pelo Inimigo exigia, justamente, o extermínio da Casa de Tharsis. No século XIII, os Senhores de Tharsis tinham perfeitamente claro os planos da Fraternidade Branca e sabiam o quão próximos estavam os Golen de torná-los realidade. Para se opor os esses planos, sem arriscar a segurança da Estirpe, os Senhores de Tharsis compreenderam que precisavam operar protegidos por uma Ordem da Igreja, uma Ordem que, desde cedo, não estivesse controlada pelos Golen nem fosse regida pela Regra beneditina: por suposto, ***não existia Ordem semelhante.*** *A honra de fundá-la, e salvar por seu intermédio a parte mais sã do Cristianismo, corresponderia a São Domingo.*

Vigésimo Dia

A partir de agora vou examinar, Dr. Siegnagel, a questão cátara, a mais significativa das produções da Sabedoria Hiperbórea que se opôs aos planos a Fraternidade Branca no século XIII. Foi no contexto do catarismo quando São Domingo fundou a ordem dos Predicadores que permitia aos Senhores de Tharsis atuar de maneira encoberta. É necessário descrever o contexto para que fique claro o objetivo buscado por São Domingo e os Senhores de Tharsis.

Antes de tudo, cabe advertir que qualificar de "heresia" ao catarismo é tão absurdo como faze-lo com o budismo ou o islamismo: como estes, o catarismo era ***outra religião****, distinta da católica. Herege é, por definição, erro dogmático sobre a Doutrina oficial da Igreja; não é herege quem professa outra religião senão quem desvirtua ou interpreta torcidamente o dogma católico, tal como Arrio ou mesmos os Templários Golen, que foram os hereges mais diabólicos de sua Época. Portanto, ainda que se houvesse aceitado que os Cátaros praticavam outra religião, como os saxões, isso não teria significado diferença alguma no resultado: nada os poderia ter salvado da sentença de extermínio dos Golen. Hereges eram, sem dúvida, os arrianos; mas nunca o foram os Cátaros: esses eram, sim, inimigos da Igreja, a qual denominava "A Sinagoga de Satanás".*

Para compreender o problema há de se considerar que o que os Cátaros conheciam em realidade era a Sabedoria Hiperbórea, a qual ensinavam valendo-se de símbolos tomados do mazdeísmo, do zervanismo, do gnosticismo, do judaico-cristianismo, etc. Por conseguinte, predicavam que o Bem era e natureza absolutamente espiritual e estava de todo fora deste Mundo; ***o Espírito era Eterno e Não Criado e procedia a Origem do Bem; o Mal, pelo contrário, seria por natureza todo o material e criado****; o Mundo da Matéria, onde habita o animal homem, era intrinsecamente maligno; o Mundo havia sido* ***Criado*** *por* Jehová *Satanás, um Demiurgo demoníaco; rechaçavam, portanto, a Bíblia, que era a "palavra de Satanás", e repudiavam especialmente o Gênesis, onde se narrava o ato de Criar o Mundo por parte do Demônio. A Igreja de Roma, que aceitava a Bíblia era, pois, "a Sinagoga de Satanás", a morada do Demônio.* ***O animal-homem, criado por Satanás, teria duas naturezas: o corpo material e a Alma. A elas se havia unido o Espírito Não Criado, que permanecia desde então prisioneiro da Matéria; o Espírito, incapaz de libertar-se, residia na Alma, e a Alma animava o corpo Material, o qual se achava imerso no Mal do Mundo Material. O Espírito se achava, assim, afundado no Inferno, condenado à dor e al sofrimento que Iahweh Satanás imporia ao animal-homem****.*

Os Cátaros, ou seja. Os ***Homens "Puros"*** *deviam pretender o Bem. Isso significava que o Espírito devia regressar a sua Origem, rejeitando previamente o Mal do Mundo Material.* ***Asseguravam que o Espírito Santo estava sempre disposto a auxiliar o Espírito prisioneiro na matéria e que respondia à solicitude dos Homens Puros****; então, os Cátaros tinham o poder de transmitir o Espírito Santo aos necessitados de ajuda por meio da imposição de mãos, ato que denominavam* ***"Consolamentum".*** *Afirmavam, também,* ***a existência de um Kristos Eterno e Não Criado, ao que chamavam "Lucibel"****, que teria descido voluntariamente ao Inferno do Mundo Criado para libertar o Espírito do homem; rechaçavam a cruz por constituir um símbolo do aprisionamento espiritual e do sofrimento humano. Eram iconoclastas ao extremo e não admitiam nenhuma forma de representação das verdades espirituais. Praticavam a pobreza e o ascetismo, e desconfiavam da riqueza e bens materiais, especialmente se procediam de pessoas que se diziam religiosas; sustentavam que a mais elevada virtude era a compreensão e expressão da Verdade, e que o maior erro era a aceitação e propagação da mentira. Reduziam a alimentação ao*

mínimo e recomendavam não abusar do sexo; proibiam a procriação de filhos porque contribuía a perpetuar o aprisionamento do Espírito na Matéria.

É evidente, Dr. Siegnagel, que os conceitos da religião cátara não procediam de uma heresia católica, senão da Sabedoria Hiperbórea. Contudo, aos que desconheciam tal filiação ou estavam fanatizados e controlados pelos Golen, não era difícil convencê-los de que se tratava de uma diabólica heresia; especialmente se a mira pousasse sobre a forma exterior do catarismo, Porque os cátaros, com a finalidade declarada de competir com os católicos pelo favor o povo, se haviam organizado também como Igreja. O porquê desta decisão, que os iria enfrentar de maneira desvantajosa com uma Europa católica condicionada já pela idéia de que era legítimo montar "Cruzadas" militares contra povos que professavam outra religião, há que busca-lo nas crenças ancestrais da população occitana.

Indubitavelmente, existiam conexões entre os cátaros e os Maniqueus bogomilos da Bulgária, Dalmácia, Sérvia e Lombardia, mas esses contatos eram naturais entre povos ou comunidades que compartilhavam a herança da Sabedoria Hiperbórea, e não implicavam dependência alguma. O catarismo foi, então, um produto local do país de Oc, um fruto medieval do tronco racial ibero. A antiga população ibérica de Oc, como a de Tharsis, não sofreu grande influência celta, a diferença dos iberos de outras regiões das Hispanias e das Gálias que se confundiram racialmente com eles e caíram prontamente sob o poder dos Golen. Em Oc dos Galos, não conseguiram unir-se com os iberos, considerando que dominaram durante séculos a região, com grande desgosto dos Golen que apelariam a todos os recursos para quebrar sua pureza racial Contudo, os occitanos se mesclaram logo com povos afins, de modo semelhante aos tartésios, especialmente com os gregos, os romanos e os godos. Num passado remoto, os Atlantes Brancos lhes haviam comunicado a mesma Sabedoria que a seus irmãos da península ibérica, para depois incluí-los no Pacto de Sangue. Possuíam, pois, sua própria Pedra de Vênus e a perderam nas mãos dos Golen quando esses Sacerdotes do Pacto Cultural favoreciam as invasões dos ***volscos tectósagos e arecómicos, os bebrices, velavos, gábalos e helvios****, além de instalar-se na costa mediterrânea com os fenícios em suas colônias de Agde, Narbona e Port Vendrés, que em princípio se chamou "porto de Astarte".*

Bem, à parte do que já recordei sobre a Sabedoria Hiperbórea, os iberos do Pacto de Sangue, tenho de agregar aqui uma lenda particular, que estava muito difundida entre os Pirineus. Segundo a mesma, os Atlantes Brancos haviam depositado em uma caverna da região, outra Pedra de Vênus, a qual denominavam ***o Graal de Kristos Lúcifer****. Aquela Pedra, que trouxera o Enviado do Deus Incognoscível, não para refletir o Signo da Origem a uns poucos Iniciados, senão para vincular carismaticamente e libertar espiritualmente a toda uma comunidade racial, somente seria encontrada em momentos chaves da História. Acreditavam que o motivo era o seguinte: o Graal constituía uma* ***tabula régia imperialis****, ou seja, o Graal informava com exatidão quem era o Rei de Sangue Puro, a quem correspondia governar o povo pela Virtude de sua espiritualidade e sua pureza racial; Mas o Graal tinha o Poder de revelar o líder, comunicando-o carismaticamente no Sangue Puro da Raça: não era necessária a presença física da Pedra de Vênus para escutar sua mensagem. Mas, se a comunidade racial esquecia o Pacto de Sangue, se caía sob a influência entorpecente do Pacto Cultural, ou se degradava se Sangue Puro, então perderia a vinculação carismática, se desconcentraria, e erraria ao eleger seus líderes raciais. Sobreviriam maus Reis, débeis ou tiranos, quiçá Sacerdotes do Pacto Cultural, que em todo caso, guiariam o povo à sua destruição racial. Não obstante, ainda quando o povo estivesse dominado pelo Pacto Cultural, a herança Hiperbórea do Sangue Puro não poderia ser facilmente eclipsada e em* ***indeterminados momentos da História*** *ocorreria uma* ***coincidência cultural casual*** *que poriam a todos os membros da Raça em contato carismático com o Graal:* ***então todos saberiam, sem dúvida alguma, quem seria o líder da Raça****.*

Tratava-se de uma dupla ação do Graal: por uma parte, revelava ao povo quem era o verdadeiro Líder do Sangue Puro, sem que influenciasse para isso a situação social. Vale dizer: fosse Nobre ou plebeu, rico ou pobre, se o Líder existia, todos saberiam quem era, todos o reconheceriam simultaneamente. E por outra parte, apontava ao Líder em sua missão condutora, conectando-o carismaticamente com os membros da Raça em virtude da origem comum. Na Origem, toda a Raça dos Espíritos Hiperbóreos estaria unida, pois o Graal, justamente, seria ***um reflexo da Origem****. Pela Graça do Graal, o Líder racial apareceria ante o povo dotado de um carisma evidente, inegável e irresistível; exibiria claramente o Poder do Espírito Não Criado e daria provas de sua autoridade racial;* ***e isso não poderia ser de outro modo posto que, pela Origem, voltaria a estar às ordens do Grande Chefe da Raça do Espírito, o Senhor da Honra Absoluta e da Beleza Não Criada: Kristos Lúcifer ou Lucibel****.*

O porvir da História, o avanço inexorável dos povos culturalmente dominados pela Estratégia da fraternidade Branca em direção às Trevas o Kaly Yuga, causaria a manifestação cada vez mais forte das Potências da Matéria. Portanto, os líderes raciais que eventualmente surgissem do povo, deveriam demonstrar um Poder espiritual cada vez maior para enfrentar-se a tais forças demoníacas. A conseqüência disto seria que o confronto, entre a espiritualidade emergente da pureza racial e a degradação da Cultura materialista, iria se tornando mais e mais intenso até chegar, naturalmente, a uma Batalha Final onde o conflito se dirimia definitivamente: isso coincidiria com o fim do Kaly Yuga. Entretanto, viriam esses "momentos da História" em que o Graal poderia ser novamente encontrado e revelaria o Líder da Raça. Claro que nos últimos milênios, por estar a Raça cada vez mais afundada na Estratégia do Pacto Cultural, os sucessivos Líderes raciais haveriam de ser conseqüentemente mais poderosos, ou seja, haveriam de ser Líderes Imperiais, Guerreiros Sábios que intentariam fundar o Império Universal do Espírito: quem o conseguisse, livraria o povo da Estratégia do Pacto Cultural, dos Sacerdotes do Culto, e de todo Culto; construiria uma sociedade baseada na Aristocracia do Sangue Puro, nos Senhores do Sangue e da Terra, como a que, sabiamente, procuraria fazer Frederico II Hohenstaufen.

E aqui chegamos à causa oculta da expansão cátara no século XII: ***naquele tempo existia a convicção generalizada entre os occitanos, incompreensível para quem carecia de pureza racial ou desconheciam a Sabedoria Hiperbórea, de que estava próxima a chegada, ou já havia chegado, um desses "momentos da História" em que surgiria o Líder Racial, ou Imperador Universal do Espírito e o Sangue Puro****. Era um pressentimento comum que brotava de uma fibra íntima e unia a todos na segurança do advento régio. E essa unidade espontânea era causa de profundas transformações sociais: parecia como se os esforços internos do povo se achasse de pronto coordenados em uma empresa espiritual conjunta, em um projeto cuja realização permanente era a geração da brilhante civilização de Oc. A poesia, a música, a dança, o canto coral, a literatura, alcançavam ali grande esplendor, enquanto se desenvolvia uma língua romance de estranha precisão semântica, muito diferente ao idioma mais bárbaro dos francos do Leste: era a "língua de Oc" ou "langue d'Oc", que deu nome ao país do Languedoc. Na estrutura essa civilização nascente, como um e seus elementos fundamentais, iria surgir o catarismo, que já não seria então uma "heresia católica", como pretendia a Igreja Golen, nem uma religião transplantada da Ásia Menor, como pretendem outros. Pelo contrário, o catarismo era a expressão formal da religação que existia a priori na sociedade oceana: era o Graal, assim acreditavam todos, o que religava a sociedade oceana e constituía o fundamento da religião cátara.*

Mas o Graal, ao comunicar a próxima vinda do Imperador Universal, anunciava também a Guerra, o inevitável conflito que sua Presença exporia às Potências da Matéria, quiçá a Batalha Final se o tempo estivesse maduro para isso. O "momento histórico" da aparição do Graal exigia, pois, uma

especial pré-disposição do povo para afrontar a crise que fatalmente sucederia: era tempo do despertar espiritual e da renúncia material, de discriminar claramente entre o Todo do Espírito e o Nada da Matéria. Agora entenderá o senhor, Dr. Siegnagel, por que os Cátaros se organizaram como Igreja e se dedicaram a predicar publicamente a Sabedoria Hiperbórea: estavam preparando o povo para o momento histórico, estavam fortalecendo sua Vontade e procurando que adquirisse o "Estado de Graça" que os tempos exigiam. Se viesse o Imperador Universal, Kristos Lúcifer estaria mais próximo que nunca do Espírito cativo no Homem, favorecendo sua libertação; por isso os Cátaros atribuíam à chegada iminente de Lucibel, e alentavam o povo a esquecer o Mundo da Matéria e cravar os olhos nEle. Se viesse o Imperador Universal, se requereriam homens profundamente espirituais, que possuíssem a Sabedoria Hiperbórea e se transmutassem pela Recordação da Origem, pela revelação da Verdade Desnuda de Si Mesma, ou seja, se necessitariam Homens de Pedra: por isso os Cátaros formaram e lançaram milhões de trovadores iniciados no Culto do Fogo Frio da Casa de Tharsis; eles teriam a missão de percorrer o país e se estender nos Nobres de Sangue, nos plebeus, Nobres, ricos ou pobres, a Chama do Fogo Frio, a A-mort da Deusa Pyrena, a quem nomearam simplesmente como "a Senhora" ou "a Sabedoria". E os Nobres de Sangue, se compreendessem o Trovar Clus, se convertiam em Cavaleiros desposados com sua Espada, uma Vruna de Navutan, que em ocasiões consagravam a Senhora de carne e osso, a uma Mulher Kalibur que era capaz e imortalizá-los "Mais Além da Negrura Infinita de Seu Sinal de Morte".

Vigésimo Primeiro Dia

A urgência dos tempos havia obrigado os cátaros a se expor publicamente, ato que causaria, mais cedo ou mais tarde, o inevitável ataque da igreja católica. Os beneditinos, cluniacenses e cistercienses, começaram logo a elevar seus protestos: já em 1119, aquele ano quando os nove Golen se instalam no Templo de Salomão, o Papa Calixto II fulmina a excomunhão contra os hereges de Tolosa. Mas tais medidas não surtiam efeito algum. Em 1147 o Abade de Claraval, São Bernardo, chefe Golen da conspiração templária, percorre o Languedoc recebendo em todos os lados mostras de hostilidade por parte do povo e da nobreza senhorial. Desde então será o Cister quem se encarregará de avivar os ódios e formar um novo povo Perseu para destruir o "Dragão Occitano". Mas os Cátaros, longe de se acuar com as ameaças, convocam em 1167 um Concílio Geral em S. Félix de Caraman: ali, resolvem repartir o país, do mesmo modo que a Igreja Católica, em bispados e paróquias.

A Igreja Cátara, então, se organizava em base a Bispos, Presbíteros, Diáconos, Irmãos Maiores, Irmão Menores, etc., e dava argumentos superficiais aos que sustentavam a acusação de heresia. Porém, do ponto de vista interno, somente existiam dois grupos: os ***"crentes" e os Eleitos****. Os crentes constituíam a massa de quem simpatizava com o catarismo ou professavam sua fé, mas sem alcançar a iniciação do Espírito Santo que caracterizava os Eleitos. Estes últimos, em compensação, haviam sido* ***purificados*** *pelo Espírito Santo e por isso os crentes os chamavam* ***puros****, ou seja,* ***Cátaros****. Há de se esclarecer que a iniciação ao Mistério Cá taro, sendo um ato social como toda Iniciação, se diferenciava das iniciações aos Mistérios Antigos em que a forma ritual estava reduzida ao mínimo: em efeito, os Cátaros, os Homens Puros ou Iniciados, tinham o Poder e comunicar o Espírito Santo ao crente por meio a imposição de mãos, com o qual este poderia converter-se também em um Cátaro; para que tal milagre ocorresse, necessitava dispor e uma "Câmara Hiperbórea", na que o crente se situava e recebia o* ***consolamentum*** *e mãos do Homem Puro. Mas a Câmara Hiperbórea não era nenhuma construção material, como os Templos do Golen, senão um conceito da Sabedoria Hiperbórea do Atlantes Brancos cuja realização constituía um segredo zelosamente guardado pelos Cátaros. Para seu esclarecimento, Dr. Siegnagel, lhe direi que consistia os mesmos princípios que já expliquei no Terceiro Dia como fundamentos do "modo de vida estratégico", ou seja, o princípio da* ***ocupação****, o princípio do* ***cerco*** *e o princípio da* ***muralha estratégica****.*

No conceito da Câmara Hiperbórea intervinham três princípios mencionados, e sua realização podia efetuar-se em qualquer lugar, ainda que, repito, a técnica lítica, que somente requeria a distribuição espacial de umas poucas pedras sem talhar, era secreta. Assim, com somente umas pedras e suas mãos, os Cátaros iniciavam os crentes no Mistério do Espírito Não Criado; e como verdadeiros representantes do Pacto de Sangue, opondo deste modo a Sabedoria ao Culto, a Muralha Estratégica ao Templo.

*Mas se a forma ritual era mínima, o processo espiritual conseqüente alcançava a máxima intensidade durante a iniciação cátara. O crente era "****consolado****" interiormente, ou seja, era* ***sustentado*** *pelo Espírito, e se convertia em Eleito.* ***Mas, Eleito por quem? Por Si Mesmo. Porque os Iniciados Cátaros são Auto convocados Para Libertar Seu Espírito, os que se tenham Eleito a Si Mesmo Para Alcançar A Origem e Existir. O crente, pois, não seria Eleito pelos Cátaros, nem sua transmutação dependeria somente do*** *Consolamentum****, senão que*** *Seu Próprio Espírito se Elegeria e se Investiria a Si Mesmo e Pureza ao situar-se estrategicamente sob a influência carismática dos homens puros.*

A Igreja Cátara carecia de Rituais, de Templos, e de sacramentos: os Cátaros somente permitiam a pregação, a exposição do Evangelho de Kristos Lucibel a todo homem crente. E resultava que a

infatigável pregação estendia o catarismo dia a dia, como uma epidemia, pelo país de Languedoc, causando o conseqüente alarme da Igreja Católica que via seus templos vazios e seus Sacerdotes depreciados ou agravados. Os Homens Puros atribuíam ao êxito a aproximação do "momento histórico" em que apareceria o Graal. Mas, o que em princípio foi simples convicção, um dia, quando o catarismo se encontrava no zênite da adesão popular, se tornou efetiva a realidade: pelos fins do século XII, muitíssimos Homens Puros asseguravam ***ter visto fisicamente o Graal e recebido seu Poder transformador.***

No condado de Foix, em plena região dos Pirineus, encontrava-se o Senhorio de Ramón de Perella, que compreendia além de castelos, aldeias, e campos de cultivo, um pico montanhoso muito íngreme em cujo cimo existia uma antiga fortaleza em ruínas. O nome daquele lugar era ***Montsegur*** *e seu Senhor, assim como toda a sua família e seus súditos, se encontrava entre os crentes da Igreja Cátara. No ano de 1202 os Homens Puros solicitaram a Ramón de Perella que fizesse construir em Montsegur um estranho edifício de pedra e forma pentagonal assimétrica: imprópria para a defesa, inadequada para habitar, esteticamente chocante, a obra estava concebida, entretanto, de acordo com a Mais Alta Estratégia Hiperbórea. Sua função não teria nada a ver com a defesa, a moradia, ou a beleza, senão com o Graal, com a Manifestação Física do Graal:* ***Montsegur seria uma área e referência desde a qual os Iniciados poderiam localizar o Graal, e, inclusive, aproximar-se fisicamente a ele****. Sua função não consistia, pois, em servir de depósito para "guardar" o Graal porque o Graal não pode estar entro nem fora de nada: como e Espírito, Eterno e Infinito, a realidade do graal está Além da Origem. Mas, localizar a Origem significa a libertação do Espírito aprisionado na Matéria, e para facilitar essa localização é que o Graal se aproxima dos homens adormecidos. E Montsegur iria a ser, então, a Muralha Estratégica de onde se veria o Graal, se acharia a orientação à Origem, se reencontraria o Espírito a Si Mesmo e se escutaria novamente a Voz do Sangue Puro. E o Graal falaria e revelaria à Raça Branca a identidade do rei de Sangue Puro, do Imperador Universal.*

Em síntese, Dr., ***de Montsegur o Graal, como pedra, poderia ser encontrado e tomado pelos homens puros; mas, enquanto eles permanecessem na Muralha Estratégica, o Graal não estaria dentro, mas fora e Montsegur, pois assim exige a técnica da área referencial; em troca, uma vez tomado fora, poderia ser transportado se o desejasse a qualquer outro lugar, pois a referência se conservaria enquanto existisse a área referencial cercada e os Iniciados que a operam. Naturalmente, o Graal pode ser localizado, sempre, de qualquer lugar que constitua uma praça liberada no espaço do Inimigo, uma área ocupada das Potências da Matéria segundo as técnicas da Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes Brancos, um lugar onde não atue a Ilusão do Grande Engano: Sim, Dr,. De uma área estratégica semelhante, em todo lugar, os Iniciados Hiperbóreos, sejam Guerreiros Sábios, Homens de Pedra, ou Homens Puros, sempre que desejam poderão achar o graal de Kristos Lúcifer. Mas, não fará mal insistir nisso, as Muralhas Estratégicas construídas então não serão nem parecidas às e Montsegur, posto que a disposição inconstante da matéria no espaço universal obriga a variar pontualmente a Forma Estratégica empregada****.*

Como escrevi há dois dias, quando Inocêncio II toma o controle do Vaticano, no ano e 1198, os planos da Fraternidade branca estavam a ponto de concretizar-se. E nesses planos figurava, como questão pendente à que devia dar-se pronta solução, o cumprimento da sentença de extermínio que pesava sobre os Cátaros. Em princípio, Inocêncio III envia legados especiais a percorrer o país de Oc enquanto inicia uma manobra destinada a submeter o Rei de Aragon, Pedro II, à vassalagem de São Pedro, coisa que consegue em 1204: naquele ano Pedro II era coroado em Roma pelo Papa, quem lhe entrega as

insígnias reais, manto, colóbio, cetro, globo, coroa e mitra; o ato seguinte lhe exige juramento de fidelidade e obediência ao Pontífice, de defesa da fé católica, de proteção dos direitos eclesiásticos em todas suas terras e Senhorios, e de ***combater até a morte a heresia****. Assim, ascende Pedro II, que não suspeita seu triste fim nas mãos dos cistercienses e, depois de receber a Espada e Cavalheiro das mãos de Inocêncio III,* ***cede seu Reino a São Pedro, ao Papa e a seus Sucessores****.*

A tudo isso, os legados haviam alertado os Bispos leais aos Golen e efetuado um prolixo censo dos prelados autóctones que não aprovariam jamais a destruição da civilização e Oc e que teriam que ser expurgados a Igreja. Em 1202 os Golen consideram que as condições estão as para executar seus planos e decidem tramar uma armadilha mortal ao Conde e Tolosa, Raimundo VI: o mecanismo dessa armadilha aponta a brindar uma justificação para a iminente destruição da civilização de Oc e o extermínio cátaro; e o artifício, idealizado para enganar a presa, é uma vítima propiciatória, um monge cisterciense da abadia de Fontfroide chamado Pedro de Castelneau. Aquela sinistra personagem foi preparada muito bem para a função que teria de desempenhar, sem sabê-lo, claro, pois aflorava em matérias tais como a crueldade, o fanatismo, o ódio à "heresia", etc., e, para potencializar sua ação imprudente e intolerante, se lhe dotou de poderes especiais que o poriam acima e qualquer autoridade eclesiástica, salvo o Papa, e se lhe ordenou ***inquirir*** *sobre a fé dos occitanos: em somente seis anos, Pedro de Castelneau conseguiu angariar o ódio de todo um país. Em 1208, depois e sustentar uma disputa com Raimundo VI pela causa da repressão violenta que reclamava contra a heresia cátara, Pedro de Castelneau é assassinado pelos próprios Golen e a responsabilidade do crime faz recair sobre o Conde de Tolosa: a armadilha estava fechada. A resposta de Inocêncio III ao assassinato de seu legado seria a proclamação e uma santa Cruzada contra os hereges occitanos, Logicamente, a convocação dessa Cruzada foi encarregada pela Congregação do Cister.*

Herdeiro da região que os romanos denominavam "Gália Narbonense" e Carlos Magno "Gália Gótica", o Languedoc constituía um enorme país de 40,000 km2, que fazia fronteira com o Reino da França: no Oeste, com a margem do Ródano, e ao Norte, com o Forez, a Auvernia, o Rouergne e o Quercy. No século XIII aquele país estava de fato e de direito sob a soberania do Rei de Aragon: entre os Senhorios mais importantes se contavam o Ducado de Narbona, os Condados de Tolosa, Foix e Bearne, os Viscondados de Carcasona, Beziers, Rodas, Lussac, Albi, Nimes, etc. Além destes vassalos, Pedro II havia herdado os estados e Catalunha e os Condados de Rosellon e Palars, e possuía direitos sobre o Condado de Provença. Mas nem tudo termina aí. Pedro II, cuja irmã era esposa do Imperador Federico II Hohenstaufen, havia casado duas filhas com os Condes de Tolosa, Raimundo VI e Raimundo VII, pai e filho, e correspondiam por seu próprio casamento com Maria de Monstpellier, direitos sobre aquele Condado do languedoc. O compromisso do rei de Aragon com o país e Oc não poderia ser, pois, maior.

Os cistercienses chamaram à Cruzada por toda a Europa depois da morte de Pedro de Castelneau, ou seja, desde 1208. Em julho de 1209, o exército mais numeroso que jamais se vira nessas terras cruzava o Ródano e marchava para o país de Oc; como chefe do mesmo, Inocêncio III nomeou a um Golen que parecia surgido das entranhas do Inferno: Arnaud Amalric, Abade de Citeaux, o monastério principal da Ordem cisterciense. O exército de Satanás, composto de trezentos mil cruzados, logo se encontrava sitiando a pequena cidade fortificada de Bezier; a sentença de extermínio finalmente será cumprida! Horas depois os defensores cedem uma porta e as tropas infernais conquistam a praça; os chefes militares interrogam a Arnaud Amalric sobre o modo de distinguir aos hereges dos católicos, ao qual o Abade de Citeaux responde: - "Matai, matai a todos, que logo Deus os distinguirá no Céu" – Nobres e plebeus, mulheres e crianças, homens e anciãos, católicos e hereges, a totalidade dos trinta mil habitantes de Beziers são degolados ou queimados nos momentos seguintes. O corpo de Bezier é o

Cordeiro Eucarístico da Comunhão dos Cruzados, o Sacramento de Sangue e Fogo que constitui o Sacrifício ao Deus Criador Uno Iahweh Satanás. Castigo do Deus Criador, condena a Fraternidade Branca, Sanção dos Atlantes Morenos, Expiação de Sacerdotes, Vingança Golen, Escárnio Hebreu, Penitência Católica, a matança de Bezier é arquetípica: foi e será, sempre que os povos de Sangue Puro intentar recobrar sua Herança Hiperbórea; até a Batalha Final.

Depois de Bezier cai Carcasona, onde são queimados 500 hereges, depostos os prelados autóctones, e acaba capturado e humilhado o Visconde Raimundo Roger. Pedro II chega a Cascasona para interceder por seu vassalo e amigo sem conseguir coisa alguma do legado papal: esta impotência dá uma idéia do poder que havia adquirido a Igreja naqueles séculos, sobre os "Reis temporais". O Rei de Aragon se retira, então, e se concentra em outra Cruzada, que se está levando a cabo simultaneamente: a luta contra os mulah da Espanha; acredita que participando dessa guerra, sua honra não se veria comprometida, como seria o caso se interviesse na repressão e seus súditos. Entretanto, a falta de honra já era grande, pois os abandonava em mãos de seus piores inimigos. Enquanto a Cruzada Golen vai exterminando aos Cátaros, castelo por castelo, e procura destruir o Condado de Tolosa, Pedro II se enfrenta com êxito aos mulah na reconquista de Valência. Retorna, ao final, a Narbona, onde se reúne com os Condes Cátaros de Tolosa e de Foix, e com o chefe militar da Cruzada, Simon de Montfort, e os legados papais: novamente, nada consegue, mas desta vez é posta em dúvida sua condição de católico e ameaçado com a excomunhão. Termina aceitando a repressão indiscriminada e confirmando a pilhagem efetuada por Simon: convém que, se os Condes de Tolosa e Foix não apostatassem do catarismo, esses títulos lhes seriam transferidos, Então, Pedro II acreditava que a Cruzada somente perseguia o fim da "heresia" e que sua soberania sobre Languedoc não seria questionada. É assim que, como "prova e boa fé", acerta o casamento e seu filho Jaime com a filha de Simon de Montfort: mas Jaime, o futuro Rei de Aragon Jaime I, o Conquistador, tem somente dois anos; Pedro II o entrega a Simon para sua educação, ou seja, como refém, e este se apressa a colocá-lo atrás dos muros e Carcasona.

Na seqüência, Pedro II se une na luta contra os almohades, junto ao rei de Castela, Afonso VIII, e permanece dois anos dedicados à Reconquista da Espanha. Logo depois de cumprir um destacado papel na batalha das Navas de Tolosa, regressa a Aragon, onde o espera a triste surpresa de que os Cruzados de Cristo haviam repartido suas terras entre si e ameaçam solicitar a proteção do rei da França: Arnauld Amalric, o Abade de Citeaux, é agora, "Duque e Narbona" e Simon de Montfort é "Conde de Tolosa". Finaliza 1212 quando Pedro II reclama a Inocêncio III pela ação de conquista aberta que os Cruzados estão levando a cabo em seus país: o Papa trata de entretê-lo para dar tempo aos Golen de completar a aniquilação do catarismo e a destruição da civilização de Oc, mas, ante a insistência do monarca aragonês, acaba por mostrar seu verdadeiro jogo e o excomunga. Assim, Inocêncio III, que em 1204 o coroara e nomeara ***gonfaloneiro****, ou seja, alferes maior da Igreja, agora considerava que ele também é um herege. Mas seria ingenuidade esperar que um Golen, somente interessado em cumprir com os planos satânicos da Fraternidade Branca, fosse atuar de maneira diferente. De pronto, Pedro II compreende tudo e marcha com um exército improvisado a socorrer o Conde de Tolosa; mas já é tarde para combater aos Poderes Infernais:* ***quem havia vivido e olhos fechados para a Verdade, havia voltado débil para sustentar a mira do Grande Enganador****. Pedro II reagiu, mas suas forças somente alcançavam para morrer, è o que fez na batalha de Muret contra Simon de Montfort, em setembro de 1213: morre incompreensivelmente, no meio de um grande desastre estratégico, no qual resulta destruído o exército aragonês e sepulta definitivamente a última esperança da occitania cátara.*

Vigésimo Segundo Dia

Como Tartessos, como Saxônia, como o país de Oc, os povos de Sangue Puro vem pagando um duro tributo por opor a Sabedoria Hiperbórea ao Culto do deus Uno. A Cruzada contra os Cátaros "e outros hereges de languedoc" continuaria, com algumas interrupções, durante trinta anos mais; milhares e milhares de occitanos acabariam na fogueira, mas ao final o país de Oc iria retomando lentamente ao seio da Madre Igreja. Em 1218 morre Simon de Montfort durante um sítio a Tolosa, que havia sido reconquistada por Raimundo VII; seu filho, Amauric, carecendo da vocação de Verdugo Golen que em tão alto grau possua Simon, termina por vender os direitos do Condado de Tolosa ao rei da França Luis VIII, com o qual os Capetos legalizam a intervenção e acabam por ficarem com todo o país. Mas isto não era casual: a ocupação franca do languedoc constituía um objetivo impostergável da Estratégia Golen, principalmente porque permitira proibir a maravilhosa língua e Oc, a "língua da heresia", em favor do francês medieval, a língua dos beneditinos, cluniacenses, cistercienses e templário. Aquela substituição lingüística seria o golpe de misericórdia para a Cultura dos trovadores, como as fogueiras o haviam sido do catarismo.

Somando a destruição da civilização de Oc às restantes grandes obras realizadas por Inocêncio III durante seu reinado eclesiástico, se entende que ao morrer, em 1216, haja suposto que os planos da Fraternidade Branca estavam a ponto de cumprir-se: a garantia disso, o instrumento da dominação universal, seria o jovem Imperador Federico II, que por esses dias estava de pleno acordo com a Estratégia Golen. Contudo, Federico II iria mudar surpreendentemente de atitude e desfechar um golpe mortal aos planos da Fraternidade Branca: e a causa principal dessa mudança, dessa manifestação espiritual que brotava de seu Sangue Puro e o transformava em um Senhor dos Senhores, era a Presença efetiva do Graal de Kristos Lúcifer.

Os Cátaros, em efeito, pagando o cruel preço do extermínio ao qual haviam condenado os Golen beneditinos, conseguiram em cem anos enfrentar a todo um povo de Sangue Puro contra a Potência da Matéria. O pacto de Sangue havia sido assim restaurado, mas não se podia ganhar o confronto porque ainda não era tempo de livrar a Batalha Final sobre a Terra: o momento era propício, em compensação, para morrer com Honra e aguardar no Valhalla, em Agartha, o sinal dos Deuses Libertadores para intervir na Batalha Final que viria. Mas, ainda que não pudesse ganhar a atual batalha, as leis da guerra exigiam infligir o maior dano possível ao Inimigo; e, nesse caso, o maior descalabro nos planos do Inimigo o produziria a manifestação do Graal. Por isso os Cátaros, apesar das perseguições encarniçadas dos Cruzados e Golen que os iam dizimando, e as espantosas matanças coletivas e crentes, trabalharam sem descanso desde Montsegur para estabilizar espacialmente o Graal e aproximar-se dele em corpo físico.

Pode-se considerar que os resultados concretos daquela Estratégia Hiperbórea se tinham produzido no ano de 1217: então a Presença física do Graal executou a ***tabula régia*** *e confirmou que Federico II Hohenstaufen era o verdadeiro Rei a Raça Branca, o único com condições espirituais para instaurar o Império Universal do Sangue Puro. E em coincidência com a aparição do Graal em Montsegur, simultaneamente, Federico II alcançava na Sicília a compreensão da Sabedoria Hiperbórea e se transmutava em Homem de Pedra. Desde esse momento começaria sua guerra contra os "Papas e Satanás", "os Anticristos", como ele os denominava em seus libelos; também proíbe o movimento e toda operação econômica ou militar dos Templários em seu Reino, abrindo-lhes juízo por heresia. E então, quando Federico II afirma publicamente que "os três grandes embusteiros foram Moisés, Jesus e Mohamed, representados atualmente pelo Anticristo que ocupa o Trono de São Pedro".*

Com a decidida e imprevista ação de Federico II a delicada arquitetura de intrigas edificada pelos Golen começava a desmoronar-se. Mas a Fraternidade Branca, e os Golen, sabiam muito bem de onde procedia ao ataque real e, longe de travar-se um confronto direto, e inútil, contra o Imperador, concentraram todos seus esforços em Languedoc que a partir daí se converteria num autêntico inferno: era urgente dar com a construção mágica que sustentava o Graal e destruí-la; era necessário, pois, obter informação o mais rápido possível.

Já não se enviaria os hereges imediatamente à fogueira: agora era necessário obter sua confissão, descobrir seus lugares secretos, o lugar de suas cerimônias. Para esta missão se aperfeiçoaria a forma de ***inquirir*** *sobre a fé instituindo o uso da tortura, a extorsão, o suborno, a delação e a ameaça. E como semelhante tarefa de interrogação de prisioneiros, que apreciavam morrer antes de falar, não podia ser realizada já somente pelos legados papais, decidem encarregar da mesma uma Ordem especial: a "beneficiária" da empresa seria a Ordem dos Predicadores, ou seja, a Ordem fundada como veremos, por São Domingo de Gusmão.*

Pois bem, não obstante da eficaz labuta desenvolvida pela Inquisição com a captura e execução de centenas de hereges occitanos, os Golen tardaram vinte e sete anos em chegar a Montsegur. Entretanto, seja por falsas informações, seja por existir uma dúvida razoável, ou uma simples suspeita, se foram demolindo uma por uma, milhares de construções de pedra na occitania, contribuindo a arruinar ainda mais aquele belo país. Contudo, o Graal não foi encontrado e Federico II levou a cabo quase todos seus projetos para debilitar ao papado Golen. Já em 1244 os Cruzados a mando de Pedro de Amiel, o Arcebispo Golen de Narbona, se posicionam frente à Montsegur e a Presença do Graal occitano chega a seu fim: depois que as tropas de Satanás ocupassem a praça de Montsegur "o Graal desapareceria e nunca mais seria ***visto*** *no Ocidente".*

Montsegur foi conquistado e em parte destruído; a família do Senhor de Perella foi exterminada, junto a duzentos e cinqüenta Cátaros que ali operavam; mas o Graal não pode ser achado jamais. Que ocorreu com a Pedra de Vênus de Kristos Lúcifer? Foi transportada para muito longe por alguns Cátaros que estavam a cargo de sua custódia. Cabe repetir, porém, que o Graal, por ser um Reflexo da Origem, está Presente em todo tempo e lugar desde onde se encontre uma disposição estratégica baseada na Sabedoria Hiperbórea, e que poderia se encontrado novamente se houvesse condições necessárias, se existisse os Homens Puros e a Muralha Estratégica. Os Cátaros, que conseguiram sustentá-lo como ***Pedra****, ou seja, como* ***Lapsit Exilis****, durante vinte e sete anos, decidiram transporta-lo antes da queda de Montsegur. Cinco dos Homens Puros embarcaram em Marsella ao destino que havia traçado os Deuses Libertadores de K'Taagar:* ***as terras desconhecidas que existiam além do Mar Ocidental****, ou seja, América. O navio pertencia à Ordem dos Cavalheiros Teutônicos e os aguardava desde tempos atrás por ordem expressa do Grão Mestre Hermann von Salza: aquela evacuação foi o único auxílio que lhes pode facilitar Federico II, pois durante muito tempo se havia aguardado em Montsegur a chegada de uma guarnição imperial.*

O Constanza, assim se chamava o barco, logo de atravessar as Colunas de Hércules, avançou no Oceano e tomou a rota que séculos mais tare seguiria Diaz de Solis. Quatro meses depois, após subir o Rio da Prata e o Rio Paraná, subiram a uma região próxima a atual cidade de Assunção do Paraguai. O mapa que usavam os Cavaleiros Teutônicos procedia da distante Pomerânia, um dos países do Norte da Europa, que estavam conquistando por mando do Imperador Federico II: existia ali um povo de origem dinamarquesa que navegava para a América e possuía uma colônia no lugar onde se havia dirigido o Constanza; aqueles vikings comercializavam com "uns parentes" que, segundo eles, se tornaram Reis de uma grande nação que ficava atrás dos altos picos nevados do poente: um país

separado da colônia por extensas e impenetráveis selvas, que não seria outro além o Império Inca. No Constanza vinham alguns dinamarqueses que conheciam o dialeto falado pelos colonos.

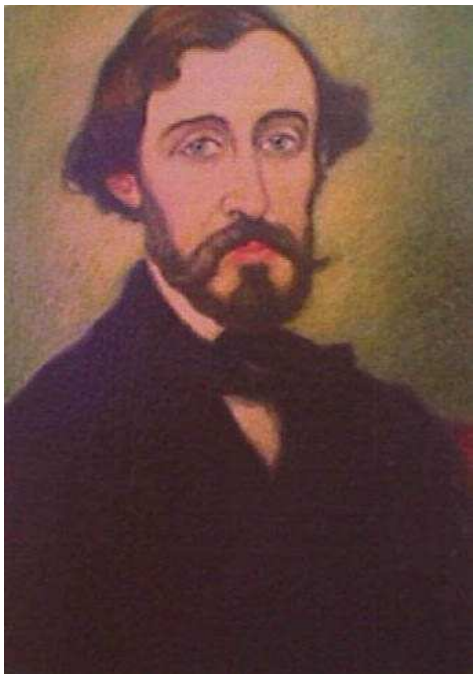
Encontraram a colônia no lugar indicado e ali desembarcaram os Homens Puros, para cumprir seu objetivo de dar adequada resguarda física ao Graal mediante a construção de uma Muralha Estratégica. O barco da Ordem Teutônica partiu, tempos depois, mas os Homens Puros já não regressariam nunca para a Europa: em troca, trabalharam durante anos, auxiliados pelos colonos e índios guayakis, até completar uma assombrosa edificação subterrânea em uma das ladeiras de Cerro Cora. A Presença física do Graal estava agora segura, pois sua edificação estava de tal modo especificada, que sua estabilidade espacial era suficiente para permanecer muitos séculos nesse lugar, até que outros Homens Puros o buscassem e encontrassem.

Naturalmente, os Templários, alertados na Europa pela Fraternidade Branca, não tardaram a partir em perseguição aos Cátaros. Eles navegavam habitualmente à América desde os portos da Normandia, onde dispunham de uma poderosa frota, pois necessitavam acumular metais preciosos, especialmente prata, para bancar a futura Sinarquia Financeira, metais que na América se obtinham facilmente. Alguns anos depois dos sucessos narrados, os Templários invadiram a colônia viking e, deliberadamente, degolaram a todos seus habitantes; mas o Graal novamente não apareceu.

Os Golen não esqueceriam o fato e breve, em plena "conquista da América" pela Espanha, uma legião de jesuítas, herdeiros naturais dos beneditinos e Templários, se assentaria na região para tentar localizar e roubar a Pedra de Vênus. Mas todas as buscas seriam infrutíferas e, pelo contrário, a Presença do Graal se iria fazendo sentir-se de uma maneira irresistível sobre os colonizadores espanhóis, purificando o Sangue Puro e predispondo o povo para reconhecer ao Imperador Universal. No século XIX, Dr. Siegnagel, um milagre semelhante ao da civilização de Oc estava a ponto de repetir-se: a República do Paraguai se levantava com luz própria sobre as nações da América. Em efeito, aquele país possuía um exército poderoso e bem equipado, frota própria, ferrovia, indústria pesada, agricultura próspera, e uma organização social evidente, com legislação muito avançada para a época, na qual destacava a educação obrigatória, livre e gratuita. E isso em 1850! A população era aguerrida e orgulhosa de sua estirpe, e sabia admirar a espiritualidade e o valor e seus Chefes. Por conseguinte, à Fraternidade Branca não lhe agradava o rumo que tomava aquela sociedade, que não se venderia para ingressar no esquema de "divisão internacional do trabalho" proposto então como modelo de ordem econômica mundial: Tal ordem era o passo prévio para a concretização no século XX da Sinarquia Financeira e do Governo Mundial do Povo Eleito, antigos planos que, segundo esclarecerei, se frustraram na Idade Média. Para a Fraternidade Branca, o povo paraguaio estava doente; o vírus que o infectava se chamava "nacionalismo", o pior inimigo moderno dos planos sinárquicos.

O cúmulo da situação ocorreu em 1863, ***quando o Graal aparece novamente e confirma a todos que o Marechal Francisco Solano López é um Rei do Sangue Puro, um Imperador Universal****. Então, decreta-se a sentença de extermínio contra o povo paraguaio e a dinastia de Solano López. Em pouco tempo uma nova Cruzada se anuncia em todos os âmbitos: Argentina, Brasil e Uruguai aportaram os meios e as tropas, mas por trás destes países semi-coloniais encontra-se a Inglaterra, ou seja, a Maçonaria inglesa, organização Golen e hebréia. À frente do exército cruzado, que agora se denomina "aliado", se coloca o general argentino Bartolomeu Mitre, um maçom integramente subordinado aos interesses britânicos. Mas a capacidade para oficiar do Verdugo Golen que demonstra o General Mitre, supera amplamente a diabólica crueldade de Arnaud Amalric e Simon e Montfort. E é lógico que assim seja, pois a paciência do Inimigo se esgotou há séculos e agora pretende dar um castigo exemplar, uma lição que demonstre claramente que o caminho do nacionalismo espiritual não será jamais tolerado.*

A Guerra da Tríplice Aliança se inicia em 1865. Em 1870, quando os exércitos de Satanás ocupam Assunção e o Marechal Solano Lopez morre combatendo em Cerro Cora, a guerra termina e deixa o seguinte saldo: populações de paraguaios antes da guerra: 1.300.000 habitantes; população depois da rendição: 300.000 habitantes. Bezier, Carcasona, Tolosa, são jogos de meninos frente a um milhão de mortos, Dr. Siegnagel! E não custa esclarecer que 300.000 dos sobreviventes, a maioria era de mulheres, anciãos e índios. A população hispana, essa que era aguerrida e orgulhosa, foi exterminada sem piedade, casa por casa, em massacres espantosos que causaram o deleite das Potências da Matéria. Uma vez mais, Perseu havia degolado a Medusa. Um milhão de heróicos paraguaios, junto a seu líder de Sangue Puro, foi o sacrifício que as forças satânicas ofereceram ao Deus Uno no século XIX, naquele remoto país da América do Sul, onde, entretanto, se manifestou a Presença trasmutadora do Graal de Kristos Lúcifer.



Bartolomeu Mitre

Marechal Francisco Solano López

Vigésimo Terceiro Dia

É hora já de que me refira a São Domingos e à Ordem dos Predicadores. Domingos de Gusmão nasceu em 1170 na vila de Calarueca, Castela a Velha, que se encontrava sob jurisdição do Bispo de Osma. Antes de nascer, sua mãe teve um sonho no qual viu a seu futuro filho como um cachorro que portava entre suas faces um labris ardente, ou seja, uma acha flamejante de lâmina dupla. Aquele símbolo interessou vivamente os Senhores de Tharsis, pois o considerava sinal de que Domingos estava predestinado para o Culto do Fogo Frio. Aí que o vigiassem atentamente durante a infância e, apenas concluída a instrução primária, conseguisse uma vaga para ele na Universidade de Palencia (Valência), que então se encontrava no ápice de seu prestígio acadêmico. O motivo era claro: em Palencia ensinava teologia o célebre Bispo Pedro de Tharsis, mais conhecido pelo apelido de "Petreño", quem gozava de confiança ilimitada por parte do Rei Afonso VIII, do qual era um de seus principais conselheiros.

O ocorrido cinqüenta anos antes a seu primo, o Bispo Lupo, era uma advertência que não se poderia passar por cima e por isso Petreño vivia atrás dos muros da Universidade, em uma casa muito modesta, mas que tinha a vantagem de estar provida de uma pequena capela privada: ali tinha, para sua contemplação, uma reprodução de Nossa Senhora da Gruta. Nessa capela, Petreño iniciou a Domingos de Gusmão no Mistério do Fofo Frio, e foi tão grande a mudança operada nele, que logo se converteu em um Homem de Pedra, em um Iniciado Hiperbóreo dotado de enormes poderes taumatúrgicos e não menor Sabedoria. Tão profunda era a devoção de Domingos de Gusmão por Nossa Senhora da Gruta que, dizia-se, a mesmíssima Virgem Santa respondia ao monge em suas orações. Foi ele quem comunicou a Petreño que havia visto Nossa Senhora da Gruta com um colar de rosas. Então, Petreño indicou que aquele ornamento equivalia ao colar de crânios de Frya Kalibur: Frya Kalibur, vista fora de Si Mesma, aparecia de Morte e carregava o colar dos crânios de seus amantes assassinados; os crânios eram as contas com as Palavras do Engano. Em troca, Frya vista no fundo de Si Mesma, traz Seu Véu de Morte que a apresenta terrível para a Alma, era a Verdade Desnuda do Espírito Eterno, a Virgem de Agartha de Beleza Absoluta e Imaculada. Seria natural que ela trouxesse um colar de rosas onde cada botão representasse aos corações que a haviam Amado com o Fogo Frio. Domingos ficou intensamente cativado com essa visão e não se deteve até inventar o Rosário, que consistia em um cordão onde se achavam enfileiradas, mas fixas três jogos de dezesseis bolinhas amassadas com pétalas de rosa, as dezesseis, treze mais três contas, correspondiam aos "Mistérios da Virgem". O Rosário de São Domingos se utiliza para pronunciar ordenadamente orações, ou mantras, que vão produzindo um estado místico no devoto da Virgem e acabam por acender o Fogo Frio no Coração.

Não deve surpreender que mencionasse dezesseis Mistérios da Virgem e hoje se os tenha por quinze, nem que varie o número de contas do Rosário, nem que hoje em dia se associe o Rosário aos Mistérios de Jesus Cristo e se tenham ocultado os Mistérios de Nossa Senhora do Menino de Pedra, pois toda a obra de São Domingos tenha sido sistematicamente deformada e deturpada, tanto pelos inimigos de sua Ordem, como pelos traidores que haviam existido em quantidade e existem, em quantidade ainda maior, dentro dela.

Domingos chegou a ditar a cátedra da Sagrada Escritura na Universidade de Palencia, mas sua natural vocação pela pregação, e sue desejo por divulgar o uso do Rosário, o conduziram a difundir a Doutrina Cristã e o Culto a Nossa Senhora do Rosário nas regiões mais apartadas de Castela e Aragão. Com esta ação sobressaiu o suficiente para convencer aos Senhores de Tharsis de que estavam diante do homem indicado para fundar a primeira Ordem anti-Golen da História da Igreja. Domingos era capaz de viver em extrema pobreza, sabia pregar e despertara fé em Cristo e na Virgem, dava

mostras de verdadeira santidade, e surpreendia com sua inspirada Sabedoria: a ele seria difícil negar o direito de congregar a quem cresse em sua obra.

Mas, para que tal direito não pudesse ser negado pelos Golen, era necessário que Domingos fosse conhecido fora da Espanha, que desse aos povos o exemplo de sua humildade e santidade. O Bispo de Osma, Diego de Azevedo, que compartilhava secretamente das idéias dos Senhores de Tharsis, decidiu que o melhor lugar para enviar Domingos era o Sul da França, a região que nesse momento se encontrava agitada por um enfraquecimento com a Igreja: a grande maioria da população occitana se havia voltado para a religião cátara, que segundo a Igreja constituía "uma abominável heresia", e sem que os beneditinos do Cluny e do Cister, tão poderosos no resto da França, tivessem podido impedi-lo. Com esse fim, o Bispo Diego conseguiu a representação do Infante Dom Fernando para orquestrar o casamento com a filha do Conde da Marca, o que lhe dava a oportunidade de viajar à França levando consigo a Domingos de Gusmão, a quem já havia nomeado Presbítero. Essa viagem lhe permitiu interiorizar-se da "heresia cátara" e projetar um plano. Em uma segunda viagem à França, morta a filha do Conde, e decidida a missão de Domingos, ambos os clérigos se dirigem a Roma: ali o Bispo Diego maneja ante o terrível Papa Golen Inocêncio III a autorização para recorrer o Languedoc pregando o Evangelho e dando a conhecer o uso do Rosário.

Obtida a autorização, ambos partem de Montpellier a pregar nas cidades de Mediodia; o fazem descalços e mendigando o sustento, não se diferenciando demasiado dos Homens Puros que transitam profusamente os mesmos caminhos. A humildade de que se usam contrasta notavelmente com o luxo e a pompa dos legados papais, que nesses dias percorrem também o país tratando de por freio ao catarismo, e com a ostensiva riqueza dos Bispos e Arcebispos. Entretanto, recolhem mostras de hostilidade em muitas aldeias e cidades, não por seus atos, que os Homens Puros respeitam, nem sequer por sua pregação, senão pelo que eles representam: a Igreja de Iahweh Satanás. Mas aqueles resultados estavam previstos de antemão por Petreño e Diego de Osma, que haviam dado instruções precisas a Domingos sobre a estratégia a seguir.

O ponto de vista dos Senhores de Tharsis era o seguinte: observando ***da Espanha*** *a atitude abertamente combativa assumida pelo Povo de Oc contra os Sacerdotes de Iahweh Satanás, e considerando a experiência que a Casa de Tharsis tinha sobre situações semelhantes, a conclusão evidente indicava que a conseqüência seria a destruição, a ruína, e o extermínio. Na opinião dos Senhores de Tharsis, o suicídio coletivo* ***não era necessário*** *e, pelo contrário, somente beneficiaria ao Inimigo. Mas, era claro também, que os Cátaros não estavam completamente conscientes da situação, talvez por desconhecer a diabólica maldade os Golen, que constituíam o Governo Secreto da Igreja de Roma, e por perceber somente o aspecto superficial, e mais chocante, da organização católica. Mas, se bem os Cátaros não supunham que os Golen, desde o Colégio de Construtores de Templos do Cister, haviam decretado o extermínio dos Homens Puros e destruição da civilização de Oc, e que cumpririam essa sentença até seus últimos detalhes, não era menos certo que tal possibilidade não os preocuparia em absoluto: como tocados por uma loucura mística, os Homens Puros tinham seus olhos cravados na Origem, no Graal, e eram indiferentes ao porvir do mundo. E já se viu quão efetiva fora aquela tenacidade, que permitiu a manifestação do Graal e do Imperador Universal, e causou o Fracasso dos Planos da Fraternidade Branca.*

Frente à intransigência dos Cátaros, Domingos e Diego recorrem a um procedimento extremo, que não podia ser desaprovado pela Igreja: advertem, a quem os queira ouvir, sobre a segunda destruição q eu os conduzirá a sustentação declarada de heresia. Mas não são escutados. Aos crentes, que constituem a maioria da população occitana e que, como toda massa religiosa, não domina sutilezas filosóficas, se lhes torna impossível crer que possa triunfar o Mal sobre o Bem, ou seja, que a Igreja de Roma possa

destruir efetivamente a Igreja Cátara. E aos Cátaros, que sabem que ***o Mal pode triunfar sobre o Bem na Terra****, eles os tem sem cuidados, pois em todo o caso somente se trata de variações da Ilusão: para os Homens Puros, a única realidade é o Espírito; e essa Verdade significa o definitivo e absoluto triunfo do Bem sobre o Mal, a saber, a Permanência Eterna da Realidade do Espírito e a Dissolução Final da Ilusão do Mundo Material. Corre o ano de 1208 e, enquanto o povo se encontra afirmando essas posições, o Papa Inocêncio III anuncia a Cruzada em represália pela morte e seu legado Pedro de Castelnaux. É tarde já para que a pregação de São Domingos surta algum efeito. Porém, o objetivo principal da missão, que era impor a figura santa de Domingos e fazer conhecer suas aptidões como organizador e fundador e comunidades religiosas, se estava conseguindo. Naquele ano, enquanto se produzia a matança de Bezier e outras atrocidades Golen, São Domingos realizava sua primeira fundação em Fanjeaux, próximo a Carcasona. Havia compreendido de entrada que as damas occitanas apresentavam uma especial predisposição para o A-mort espiritual e por isso estabelece ali o mosteiro de Proille, cujas monjas se dedicam ao cuidado de crianças e ao Culto da Virgem do Rosário: a primeira Abadessa foi Maiella de Tharsis, grande iniciada no Culto do Fogo Frio, enviada da Espanha para essa função. E aplica então um e seus princípios estratégicos assinalados por Petreño: para escapar ao controle dos Golen, em alguma medida, era imprescindível rejeitar a* ***Regula Monachorum*** *de São Benedito. Daí que São Domingos tenha dado às monjas de Prouille a Regra e Santo Agostinho.*

Logo, São Domingos e Diego de Osma não atuavam sozinhos: os apoiavam alguns Nobres e clérigos que professavam secretamente o Culto do Fogo Frio e recebiam assistência espiritual dos Senhores de Tharsis. Entre eles se contava o Arcebispo de Narbona e o Bispo e Tolosa, quem contribuíram para essa obra com importantes somas de dinheiro. Este último era um Iniciado genovês de nome Fulco, infiltrado pelos Senhores de Tharsis no Cister e que não seria descoberto até o final: naqueles dias, o Bispo Fulco passava por inimigo jurado dos Cátaros, defensor da ortodoxia católica, e aproveitava esse prestígio para pronunciar ante os legados papais e seus superiores do Cister, a obra monástica de Domingos e sua santidade pessoal.

*Nos anos seguintes, São Domingos intenta levar a cabo o plano de Petreño e funda uma irmandade semi laica, ao tipo as Ordens de cavalaria, chamada "****Militia Christi****", a qual haveria de sair a* ***Tertius Ordo e Paenitentia Sancti Dominici****, cujos membros foram conhecidos como "monges Terciários". Mas logo esta organização se mostrou ineficaz para os objetivos buscados e se teve que pensar em algo mais perfeito e de maior alcance. Durante vários anos se planejou a nova Ordem, levando em consideração a experiência vivida e a formidável tarefa que se propunha levar a cabo, isto é, lutar contra a estratégia dos Golen. Colaboraram com São Domingos em tais projetos um grupo de dezesseis Iniciados, procedentes de distintos lugares do Languedoc, que se reunia periodicamente em Tolosa, entre os quais se contava o Bispo Fulco. Como fruto daquelas especulações se decidiu que o mais conveniente era criar um "Círculo Hiperbóreo" encoberto por uma Ordem católica: o "círculo" seria uma Sociedade Super Secreta dirigida pelos Senhores de Tharsis, que funcionaria dentro da nova Ordem monástica. Somente assim, concluíram, se conciliaria o objetivo buscado com o princípio de segurança.*

Aquele grupo secreto, integrado no início somente pelos dezesseis Iniciados que foram mencionados, se denominou ***Circulus Domini Canis****, ou seja, Círculo dos Senhores do Cão. Tal nome se explica recordando o sonho premonitório da mãe de São Domingos de Gusmão, no qual seu futuro filho aparecia como um cão que portava uma acha flamejante, e considerando que para os Iniciados no Fogo Frio o "Cão" era uma representação da Alma e o "Senhor", por excelência, era o Espírito: em todo Iniciado Hiperbóreo o Espírito* ***devia*** *dominar a Alma e assumir a função de "Senhor do Cão". Daí a denominação adotada para o Círculo de Iniciados, que, além disso, tinha a vantagem de confundir-se com o nome de* ***dominicani****, ou seja, dominicanos, que o povo dava aos monges de Domingos de*

Gusmão. Cabe acrescentar que ser "Senhor do Cão" na Mística do Fogo Frio corresponde a ser Senhor do Cavalo, ou seja, "Cavaleiro", na Mística da Cavalaria, onde a Alma se simboliza pelo "Cavalo".

Um dos Iniciados, Pedro Cellari, havia doado várias casas em Tolosa: umas foram destinadas a lugares secretos de reunião do Círculo e outras se adotaram para o uso da futura Ordem. Quando tudo estava pronto, se procurou obter a autorização de Inocêncio III para a fundação de uma Ordem de pregadores mendicantes, semelhante à formada por São Francisco de Assis em 1210: a esta Ordem, Inocêncio III a havia aprovado de imediato, mas a nova solicitude provinha agora de Tolosa, um país em Guerra Santa em que todo mundo era suspeito de heresia. E se devia proceder com cautela; o plano era ambicioso, mas somente a personalidade inquestionável de São Domingos superaria todas as dificuldades, tal como o havia feito o próprio São Francisco. Não há que esquecer que os Golen controlavam todo o monacato ocidental desde a Ordem beneditina e eram hostis à criação de novas Ordens independentes. A oportunidade se apresentou em meados de 1215, quando o Bispo Fulco foi convocado para o IV Concílio Geral de Latrão e levou consigo a São Domingos.

Ali tropeçaram com a negativa cerrada de Inocêncio III que, como é sabido, somente cedeu depois de cogitar que a Basílica de Latrão, ameaçando derrubar-se, era sustentada pelos homens de Domingos de Gusmão. Contudo, sua autorização foi meramente verbal, ainda que perfeitamente legal, e se limitou a aceitar a Regra de Santo Agostinho reformada proposta por Domingos e a recomendar a missão de lutar contra a heresia. Depois da morte de Inocêncio III, em 1216, Honório III dá a aprovação definitiva da "Ordem de Predicadores" ou ***Ordo Praedicatorum*** *e permite sua expansão, já que então somente possuía os monastérios de Prouille e Tolosa. De entrada ingressaram na Ordem todos os clérigos da Casa de Tharsis que, como disse, eram em sua grande maioria, professores universitários, arrastando consigo a muitos outros sábios e eruditos da época. Em pouco tempo a Ordem se transformou em uma organização de alto nível apta para ensinar, não obstante que o primeiro Capítulo geral reunido em Bolonia, em 1220, declarou que se tratava de uma "Ordem mendicante", com menor rigor na pobreza que a de São Francisco. São Domingos faleceu em 1221, deixando o controle da Ordem nas mãos de um Iniciado de Sangue Puro, o Mestre Geral Jordão da Saxônia.*

Bem, naquele momento os Golen estavam pugnando por conseguir a institucionalização de uma inquisição sistemática da heresia que lhes permitisse interrogar a qualquer suspeito e obter a informação condizente do lugar do Graal. Se tal instituição era confiada aos beneditinos, como se pretendia, o fim da Estratégia cátara seria mais rápido que o previsto, não dando tempo a que Federico II realizasse seus planos de arruinar o papado Golen. Daí a insistência e a eloqüência desdobrada pelos dominicanos para apresentar-se como a Ordem mais apta para desempenhar aquela sinistra função, Mas os dominicanos tinham algumas vantagens reais sobre os beneditinos: constituíam não somente uma Ordem local, autóctone de Languedoc onde os beneditinos haviam perdido influência há tempos, senão que também dispunham e monges com grande instrução teológica para analisar as declarações que a inquisição da fé requeria. Os dominicanos dispunham de indubitável capacidade de mobilização em Languedoc e quando os Golen se convenceram de que a nova Ordem se voltaria a seu controle e permitiria o ingresso de seus próprios inquisidores, aprovaram também a concessão. Em 1224, o Imperador Frederico II, que não obstante já ter enfrentado o papado, tinha bem claro a situação do Languedoc e a necessidade de apoiar a Ordem de Pregadores, revendo, mediante uma lei imperial, a antiga legislação romana que considerava aos Cultos não oficiais como "crime de lesa majestade", ou seja, passíveis de pena de morte: neste caso a lei se aplicaria à repressão da heresia. Em 1231, apesar de que já estava funcionando de fato, o Papa Gregório IX institui os "tribunais especiais da Inquisição" e confia seu ofício às Ordens de São Domingos e São Francisco, esta última à instância de Frei Elias, um agente secreto de Frederico II na Ordem franciscana, que seria ministro geral de 1232 a 1239, e que ao final, descoberto pelos Golen,

passaria abertamente ao bando gibelino. Porém, em pouco tempo somente ficaram os dominicanos a cargo da Inquisição.

Tem de ficar claro dois fatos ao avaliar o passo dado pela Ordem da São Domingos ao aceitar a responsabilidade da Inquisição. Um, é que isso representava um mal menor para os cátaros, posto que a repressão executada diretamente pelos Golen houvesse sido terrivelmente mais efetiva, como se comprovou em Bezier, e que desse modo se conseguiria, ao menos, sabotar a busca do Graal e retardar a queda de Montsegur, objetivo que se alcançou em grane medida. E o outro fato é que os Senhores de Tharsis eram perfeitamente conscientes de que a Ordem seria infiltrada pelos Golen e que estes abririam as portas às personagens mais cruéis e fanáticas da ortodoxia católica, quem destruiriam sem piedade nem remorso aos Cátaros e sua Obra. E ainda assim, a balança indicava que seria preferível correr esse risco a permitir que os Golen se desempenhassem por conta.

Aos inquisidores mais fanáticos, que e pronto atuariam entro da Ordem, não lhes podia neutralizar abertamente, pois isso alertaria aos Golen. A tática consistiu, pois, em desviar sutilmente a atenção para falsas pistas ou outras formas de heresia. No primeiro caso, em efeito, os Senhores do Cão lograram que, sob o cargo de "heresia", se liquidassem com a fogueira à totalidade dos criminosos, ladrões, degenerados e prostitutas de Languedoc: estes, naturalmente, jamais portaram dado algum que servisse aos Golen, ainda que se lhes fizesse confessar a heresia mediante a tortura. No segundo caso, a Inquisição dominicana produziu um efeito não desejado pelos Golen beneditinos, que aqueles não foram capazes de contestar: justamente, pelas mesmas razões que os Senhores do Cão não podiam impedir que os Golen exterminassem aos Cátaros, isto é, para não cair em contradição com as leis vigentes, os Golen não podiam impedir que se reprimisse aos membros do Povo Eleito, facilmente enquadrados sob o quadro de heresia. E os Senhores e Tharsis, que não haviam esquecido as contas que com eles tinham pendentes desde a época do Reino Visigodo da Espanha, e a participação que lhes coube na invasão árabe, assim como as intrigas posteriores para destruir a Casa de Tharsis, tinham agora em suas mãos, com a Inquisição, uma arma formidável para devolver golpe por golpe. Assim foi que os Golen provaram com desagradável surpresa, que a repressão da heresia derivava em muitas ocasiões em sistemáticas perseguições de judeus, aos que se enviava à fogueira com igual ou maior sanha que aos Cátaros. Esse era, naturalmente, o efeito da obra oculta dos Senhores do Cão, que lamentavelmente não foi tão efetivo como eles desejavam porque, como aos Cátaros, aos hereges judeus devia oferecer-lhes a possibilidade de conversão ao catolicismo, com a qual salvavam a vida, coisa a que podiam ter acesso sem problemas transformando-se em marranos, ou seja, conservando sua religião secreta e simulando serem cristãos, contrariamente aos Homens Puros, que preferiam morrer ante e faltar com a Honra e mentir sobre suas crenças religiosas.

Em suma, o tempo foi passando, a heresia cátara foi cedendo lugar a mais tranqüilizadora religião católica, os furores da Inquisição forem se aplacando, e a Ordem de Predicadores foi complementando sua injustificada celebridade de organização repressora com outra fama mais cordata com o Espírito de seus fundadores: a de Ordem dedicada ao estudo, ao ensino, e à pregação da fé católica. O grande sistema teológico da Escolástica se deve em alto grau à obra de notáveis pensadores e escritores dominicanos, que em quase todos os casos não eram Iniciados, mas eram guiados secretamente por eles. Para desenvolver esta atividade a Ordem se concentrou em duas Universidades e prestígio, a de Oxford e a de Paris. Bastará relembrar que professores como o alemão São Alberto Magno ou São Tomás de Aquino foram dominicanos, para compreender que a fama adquirida pela Ordem estava aqui, sim, plenamente justificada. Mas foram também dominicanos Rolando de Cremona, que ensinou em Paris entre 1229 e 1231; Pedro de Tarantasia, que o fez desde 1258 a 1265 e chegou a ser Papa com o nome e Inocêncio V em 1276; Roger Bacon, Ricardo de Fischare e Vicente de Beauvais, em Oxford, etc.

Precisa estar presente, Dr. Siegnagel, que os Senhores de Tharsis possuíam a Sabedoria Hiperbórea e, em conseqüência, trabalhavam de acordo a uma perspectiva histórica milenar; consideravam, por exemplo, que aquelas décadas e influência Golen eram inevitáveis, mas que, finalmente, passariam: ***chegaria então, o momento e expurgar a Ordem****. Porque isso era o estrategicamente importante: preservar o controle da Ordem e a instituição da Inquisição para uma* ***oportunidade*** *futura. Quando esta se apresentasse, toda a força do horror e a repressão desatada pelos Golen cistercienses,* ***como num golpe de*** *jiu-jitsu, poderia se voltar contra seus próprios geradores. E ninguém se sentiria ofendido por isso, especialmente em Languedoc. O peso da estratégia, segundo se adverte, descansava na capacidade do Círculo dos Senhores do Cão para manter em segredo sua existência e conservar o controle da Ordem; isso não seria fácil, pois os Golen acabaram por suspeitar que uma estranha vontade frustrasse seus planos e dentro a Organização inquiridora mas, cada vez que alguém se acercava da verdade, os Domini Canis o executavam ocultamente e atribuíam a morte a previsíveis vinganças dos hereges occitanos.*

A estas motivações puramente estratégicas que animavam os Senhores de Tharsis para trabalhar ocultamente no ***Circulus Dominis Canis****, logo se agregaria à outra necessidade de sobreviver, a causa dos sucessos que ocorreriam na Espanha e que começarei a expor a partir e amanhã. Como se verá, a destruição a Ordem Templária, e com isso o efetivo fracasso dos planos sinárquicos e da Fraternidade Branca, se converteria em uma questão e vida ou morte para a Casa de Tharsis. A última Estratégia do* ***Circulus*** *nos levará àquela causa exotérica do fracasso dos planos inimigos, que foi Felipe IV, e a qual me referi há quatro dias.*

Vigésimo Quarto Dia

Enquanto a Ordem de Predicadores se desenvolvia de acordo aos planos dos Senhores de Tharsis, algo terrível iria ocorrer na Espanha: o regresso de Bera e Birsa. E faltou pouco, Dr. Siegnagel, para que aquele acontecimento não significasse o fim da Casa de Tharsis. Na continuação, mostrarei como se deram os fatos.

Recorde, Dr., que a antiga Onuba, cidade maior da Turdetania, se encontrava desde o século VIII sob a dominação árabe, a quem denominavam "Uelva". No ano de 1011 era cabeça de um dos Reinos de Califas, sendo seu primeiro soberano Abu-Zaid-Mohammed-bem-Aiyub, seguido de Abul Mozab Abdalaziz. Mas em 1051 foi prontamente anexada ao reino de Sevilha e assim permaneceu até 1248. Como já expliquei, durante esses séculos de ocupação árabe, a Casa de Tharsis sobreviveu sem problemas e alcançou um notável poderio econômico; a Villa de Turdes, cuja existência dependia no essencial das propriedades que os Senhores de Tharsis exploravam na região, havia crescido e prosperado bastante, contando então, com uns três mil e quinhentos habitantes. Fora o núcleo direto da família de Tharsis-Valter, que habitava a residência senhorial e se compunha de uns cinqüenta membros, viviam na Villa de Turdes várias famílias da linhagem da Casa de Tharsis, mas linhagens sanguíneas colaterais. Assim, pois, no ano de 1128, quando Bera e Birsa celebram o Concílio Golen de Monzón, o Reino de Huelva estava subordinado ao Califa de Sevilha.

O Rei de Leon e Castela, Fernando III, o Santo, reconquista Sevilha em 1248, mas morre ali mesmo em 1252. Seu filho Alfonso X, o Sábio, completa a campanha conquistando em 1258 o Algarves e as praças de Niebla e Huelva. Deus ao Rei esta região como dote de sua filha natural Beatriz, quem a uniu à coroa de Portugal ao casar-se com Alfonso III. Como tal anexo lesava os direitos antiqüíssimos que a Casa de Tharsis teria sobre a região, a Coroa de Portugal compensou ao Cavaleiro Odielon de Tharsis Valter com o título de "Conde de Tarseval". Em verdade, no Escudo de Armas que Portugal entregou à Casa de Tharsis, se achava inscrita a legenda: ***"Con. Tars. Et Val.",*** *com a que se abreviava o título "Conde de Tharsis e Valter"; depois, a leitura direta da legenda terminou por aglutinar as sílabas da abreviatura e formar aquela palavra "Tarseval" que identificou a casa de Tharsis nos séculos seguintes. O desenho daquele brasão foi o produto de uma árdua negociação entre Odielon e os Heraldos portugueses, na qual o novo Conde impôs seu ponto de vista apelando à diferença de língua e a uma explicação detalhada dos emblemas solicitados. Supondo que na antiga Lusitânia nada recordavam já sobre a Casa de Tharsis, reclamaram da gravação de muitos dos Símbolos Familiares no Escudo de Armas: e eles foram aceitando, assim, a presença dos galos como "representação do Espírito Santo à direita e esquerda das Armas de Tharsis"; ao barbo unicórnio, animal quimérico, como "o símbolo do Demônio que rodeia os portões da casa de Tharsis"; a fortaleza que rodeia a casa de Tharsis como "equivalente a antiga casa de Tharsis"; aos rios Odiel e Tinto como "próprios do país e necessário para definir a cena"; etc. Finalmente, incluíram a imagem da Espada Sábia "como expressão da Senhora, a Virgem da Gruta, a que os Cavaleiros de Tharsis estavam consagrados". Sobre a folha, os heraldos gravaram o Grito de Guerra dos Senhores de Tharsis:* ***"Honor et Mortis".*** *O seguinte rei de Leon e Castela, Sancho IV, reintegrou a região de Huelva à Coroa Castela e instalou como Senhor a Dom Juan Mate de Luna, mas assimilou o título e as Armas da Casa de Tharsis a tal Reino. Como veremos em seguida, o Condado de Tarseval, vítima de grande mortandade anos antes, estava então enfeudado por um Cavaleiro catalão, quem havia cedido direitos de deus florescente Condado mediterrâneo em troca daquelas longínquas comarcas andaluzas.*

Havia transcorrido mais de um século desde que Bera e Birsa ordenaram aos Golen executar duas missões: cumprir a sentença de extermínio que pesava sobre os Cátaros e edificar um Castelo Templário em Aracena. A primeira "missão", como se viu, foi levada a cabo com esmero pelos Golen Cistercienses; sobre a segunda, em troca, ainda que não se houvesse avançado nada. Enquanto Fernando III, o Santo reconquista Sevilha em 1248, e seu filho Alfonso X, o Sábio se apodera em 1258 de Algarves e Huelva, o Rei Sancho II de Portugal, pouco antes de morrer em 1248, conquista Aracena, praça que passa a integrar a Coroa de Castela em 1252. É de supor, então, o primor com que atuam os templários desde o momento em que se reconquistou a praça de Huelva. Já em 1259 haviam obtido uma cédula de Alfonso X que os autorizava "a ocupar um prédio na serra de Aracena e fortificá-lo convenientemente, para efeitos de abrigar e defender uma guarnição de 200 Cavaleiros". Porém, anos antes que tal cédula fosse emitida, os Templários haviam localizado a Cova de Odiel, traçando os planos e escavando os cimentos do Castelo. Toda a Cadeia de Aracena ficou por vários anos sob o controle Templário, incluindo o povo de Aracena e várias aldeias menores. Mas os membros do Povo Eleito que acompanhavam aos Templários nessa empreitada, não vinham a um lugar desconhecido: o nome de Aracena, em efeito, procede da raiz hebraica ***Arai*** *que significa montanhas, sendo Arunda, a montanhosa, sinônimo de Aracena. Esta curiosa etimologia não tem nada de misteriosa se pensar que a aldeia foi fundada pelos comerciantes judeus que viajavam com os fenícios durante a ocupação de Tarshish, 1000 anos antes da Era atual. Logo foi chamada de Arcilasis por Ptolomeu, Arcena pelos gregos e Vriato, que resistiu nela as legiões romanas, a denominava Erisana. Para os árabes foi Dar Hazen e, por causa da horrível comida que os sarracenos fizeram quando os cristãos tomaram por assalto a vila, a Caracena moura.*

A partir de 1259, se despacharam tropas até Aracena desde muitos lugares da Espanha e da França, de sorte que durante a construção do Castelo permaneceram acampados 2000 Cavaleiros assistidos por três mil irmãos serventes. Aquelas forças se distribuíram ao redor das Colinas e exerciam uma rigorosa vigilância para impedir que os povoados circunvizinhos, de Cortegna, Almonaster a Real, Zalamea a Real, ou outras cidades, pudessem aproximar-se e observar as obras. Os Companheiros de Salomão, o grêmio maçom controlado pelo Cister, socorreu o pedido do Grão Mestre, pois, ainda que a Ordem do templo contasse com sua própria divisão especializada em construções militares, "esta" fortaleza teria algo diferente. Em primeiro lugar, devia possuir uma grande igreja; em segundo, essa igreja teria que ter uma entrada secreta que comunicasse suas naves com a Cova subterrânea: era imprescindível assim o concurso do Colégio de Construtores de templos.

O Colégio encomendou a edificação da igreja ao Mestre Pedro Millian. Este foi autorizado pelo feroz Papa Golen Alexandre IV, o mesmo que nesses momentos excomungava a Manfredo de Suábia e procurava o extermínio dos Hohenstaufen e a ruína do partido gibelino, a consagrar a igreja ao culto da Virgem Dolorosa. Tal atitude, claro, não era casual senão que obedecia ao plano Golen de substituir a Virgem de Agartha, a Divina Mãe Atlante de Navutan, por uma Virgem Maria Judia, que chorava, estremecido seu Coração de Fogo pela dor da crucifixão de seu filho Jesus: ***a Virgem de Agartha, pelo contrário, não chorou nem experimentou dor alguma em seu Coração de gelo quando seu Filho de Pedra se autocrucificou na Árvore do Terror e expirou, mas se alegrou e derramou Sua Graça sobre os Espíritos aprisionados, porque seu filho havia morrido como o mais valente Guerreiro Branco que se enfrentara a Ilusão das Potências da Matéria****. A celebração do Culto da Virgem da Dor foi instituída, como não poderia deixar de ser, pelo inefável Papa Golen Inocêncio III ao introduzir a seqüência* ***Stabat Mater*** *na Missa das Dores, da sexta-feira da Paixão de Cristo. O Mestre Pedro Millan levantou, pois, para os Templários, a igreja de Nossa Senhora das Dores, patrona desde então de Aracena, vocação que contrastava abertamente com a Virgem da graça e da Alegria, Nossa Senhora da*

Gruta, que se venerava no vizinho Senhorio de Tharsis, ou Turdes. Quando o Templo estava terminado, depositou-se em seu altar a imagem de Nossa Senhora da Dor Maior, que ainda se conserva, e recebeu de Urbano IV a hierarquia de Priorado da Ordem do Templo.

Paralelamente, se trabalhava febrilmente na construção do Castelo, alado junto a Igreja, a 700 metros de altura, cercando com muralhas e com fosso uma praça adjacente a uma torre gótica. Cinco anos depois, a Igreja e o Castelo se encontravam terminados e as tropas restantes, assim como os irmãos Construtores de Salomão, se retiravam tranquilamente da área. Não obstante, passariam muitos anos antes que os aldeões se atrevessem a se aproximarem do Castelo de Aracena.

Mas esta tarefa não foi tudo o que empreenderam os templários contra a Casa de Tharsis nesses anos: o Castelo de Aracena era uma obrigação imposta pelos Imortais, a que haviam dado fiel cumprimento. Agora esperariam pacientes o regresso de Bera e Birsa para que eles o usassem em seus planos. Mas esta paciência não significava imobilidade. Pelo contrário, nem bem foram reconquistadas as regiões em poder dos árabes, a Ordem se lançou a uma campanha de ocupações em todo o país de Huelva, ora assentando guarnições em fortalezas e cidades resgatadas, ora construindo novas igrejas e fortificando praças. A distribuição de tais ocupações não ocorria por acaso nem muito menos deixava de obedecer a uma rigorosa planificação, cujos objetivos não perdiam nunca de vista a necessidade de cercar a Casa de Tharsis e conspirar contra o pacto de Sangue. Para recordar somente os mais importantes lugares desses desdobramentos, vale a pena mencionar a conceição obtida sobre o Convento de Santa Maria da Rábida, em Palos da fronteira, frente a Huelva, do qual já voltarei a falar, Ou a possessão completa de Lepe, a antiga leptia dos romanos, situada a seis quilômetros de Cartaya, com o propósito manifesto de controlar a desembocadura do Rio Pedras, por onde supunham que poderiam navegar secretamente os Senhores de Tharsis. Ou o suspeito interesse por residir na insignificante Trigueiros, a 25 quilômetros de Valverde do Caminho, muito próxima de Turdes, onde construíram a igreja paroquial que ainda existe. É que Trigueiros, antiga população romana, se acha encravada no meio de uma fértil e extensa campina que constituía em tempos remotos o coração da tartéside ibera. Em seus campos se achacam disseminados sabiamente dezenas de dólmenes e menires, herança do Pacto de Sangue, que os templários se dedicaram nesses dias a destruir prolixamente: somente se salvou um dólmen na Vila de Soto, que pode visitar-se hoje em dia, pois os Senhores Moyano de la Cera, de Sangue de Tharsis e tradicionais fabricantes de doces e mel, impediram aos Cavaleiros de Satanás de concretizar sua infame missão. Vila de Soto se acha a 5 quilômetros de trigueiros e o ***dólmen se encontra na "Cova do Zancarrão de Soto"***

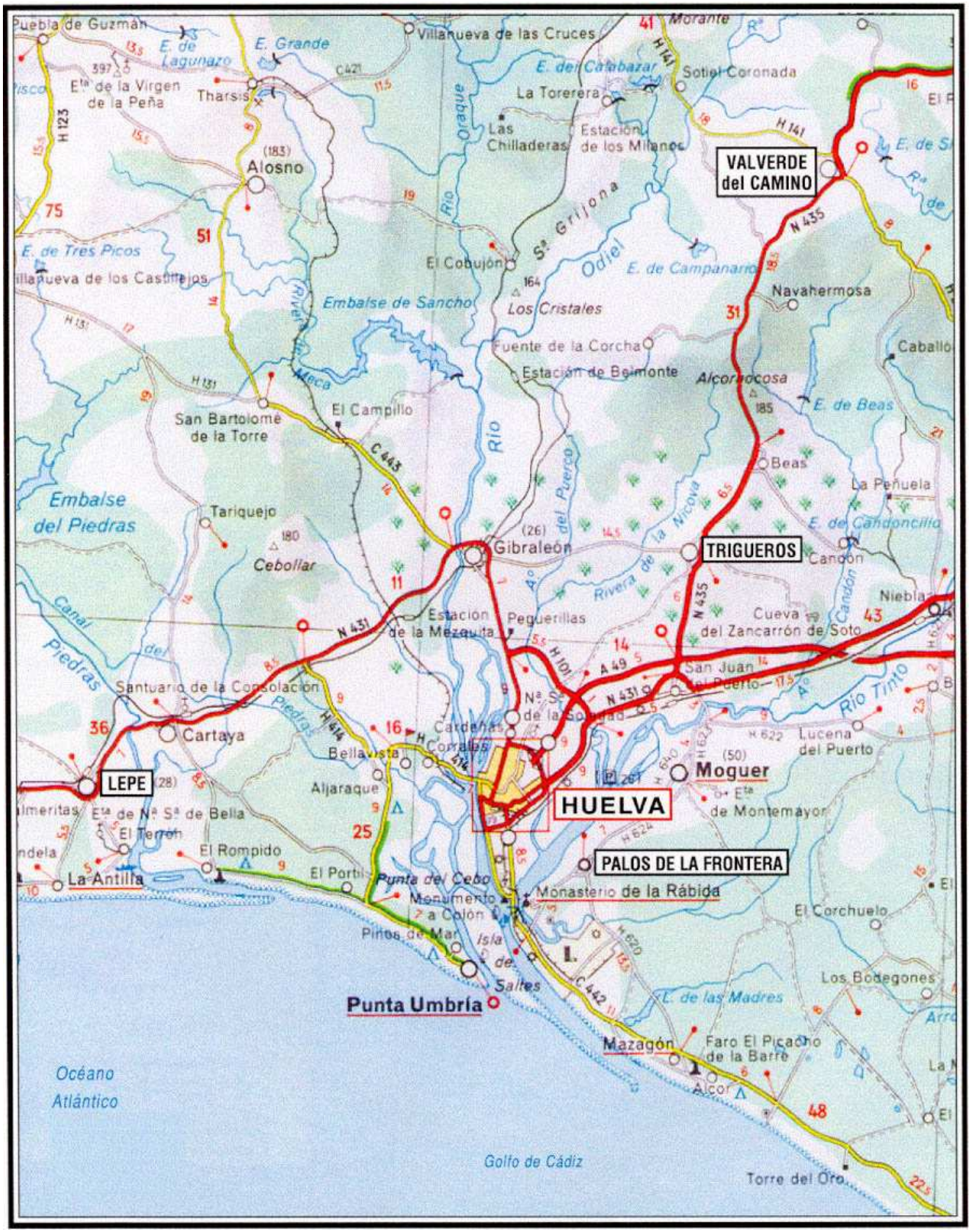
Na Casa de Tharsis, como é lógico, aqueles movimentos não passaram despercebidos e obrigaram aos Senhores de Tharsis a tomar algumas precauções: fortificaram também a Villa de Turdes e a Residência Senhorial, pois acreditavam que os Golen se prestavam a lançar uma Cruzada contra eles sob pretexto de heresia, talvez denunciando o Culto da Virgem da Gruta; e estacionaram na praça uma força de quinhentos almogáveres e cinqüenta Cavaleiros, que erro mais que se permitia armar ao Conde de Tarseval para outros fins que não fossem os de Reconquista. Lamentavelmente nada disso seria necessário, mas os Senhores de Tharsis não acertaram, mais uma vez, em prevenir os planos de Bera e Birsa.

A tudo isso o senhor se perguntará, Dr., Siegnagel, que foi da Espada Sábia, desde o dia que caiu Tartessos e as Vrayas a ocultaram na Caverna Secreta. A reposta é simples: permaneceu na Caverna o tempo todo, ou seja, durante uns mil e setecentos anos até o momento. Levou-se a cabo, assim, o juramento que fizeram os Homens de Pedra: a Espada Sábia não seria exposta novamente à luz do dia até que não chegasse a oportunidade de partir, até que os Futuros Homens de Pedra vissem refletida na Pedra de Vênus o Sinal Lítico de K'Taagar. Para isso, os Senhores de Tharsis estabeleceram que uma

guarda devesse permanecer perpetuamente junto à Espada Sábia, o que nem sempre foi possível devido a que somente alguns Iniciados eram capazes de ingressas na Caverna Secreta. Como recordará, Dr., a entrada secreta estava selada pelas Vrunas de Navutan desde a época dos Atlantes Brancos e tornava impossível localiza-la a todo aquele que não fosse um Iniciado Hiperbóreo. As Vrunas eram Sinais Não Criados e somente podiam ser percebidas e compreendidas por quem dispusesse da Sabedoria do Espírito Não Criado, ou seja, pelos Iniciados no Mistério do Sangue Puro, pelos Homens de Pedra, pelos Guerreiros Sábios. Contudo, salvo alguns curtos e obscuros períodos, a Casa de tharsis nunca deixou de produzir Iniciados aptos para exercer a Guarda da Espada Sábia.

Mas já não eram tão numerosos como nos tempos de Tartessos, quando o Culto do Fogo Frio se praticava à Luz da Lua e existia um Colégio de Hierofantes; nos séculos seguintes, teve de se ocultar a Verdade do Fogo Frio dos romanos, visigodos, árabes e católicos, reduzindo-se á celebração do Culto ao âmbito estritamente familiar: inclusive, dentro daquele âmbito familiar reservado, se devia convocar somente a quem demonstrasse uma conveniente ***predisposição gnóstica*** *para enfrentar a Prova do Fogo Frio, que em nada havia mudado e seguia sendo tão terrível e mortal como antes. Salvo esses períodos que mencionei durante os que não houve nenhum membro da casa de Tharsis capaz de ingressar na Caverna Secreta, o normal era a formação mínima de dois Iniciados por século, nas piores Épocas e de cinco ou seis nas mais prolíferas.*

Se o Iniciado era uma Dama de Tharsis, lhe dava o título de "Vraya", em memória das Guardiãs iberas. Se fosse um Cavaleiro, o denominava ***Noyo****, que havia sido o nome, segundo os Atlantes Brancos, dos Pontífices Hiperbóreos que na Atlântida custodiavam o* ***Ark****, ou seja, a Pedra Base, da Escadaria Infinita que eles sabiam construir e que conduzia até a origem. É óbvio que, para cumprir com o juramento dos homens de Pedra, os Noyos e a Vrayas tinham de se converter em ermitãos, ou seja, tinham de alojar-se na Caverna Secreta e permanecer todo o tempo possível junto à Espada Sábia. E ninguém poderia servi-los porque ninguém, além deles, podia entrar em sua morada. Mas aquela solidão carecia de importância para todos os Iniciados: a renuncia e o sacrifício que exigia a função de Guardião da Espada Sábia era considerado uma Alta Honra pelos Senhores de Tharsis.*



Espanha, a região de Huelva

De acordo ao referido por quem havia entrado e saído da Caverna Secreta, o trabalho realizado durante tantos séculos pelos Iniciados que ali permaneceram havia dotado o lugar de algumas comodidades. Em efeito, ainda que desde o princípio se convencionou em não introduzir objetos culturais,

o certo é que Noyos e Vrayas foram talhando pacientemente a pedra da Caverna e modelaram cadeiras, leitos, altar, e uma representação da Deusa do Fogo Frio. E em frente ao rosto de Pyrena, ardia uma vez mais a Chama da Lâmpada Perene.

Mas o Rosto da Deusa não surgia agora de um menir, mas estava esculpido sobre uma gigantesca estalagmite verde. Tampouco existia um mecanismo que fizesse abrir os Olhos já que estes haviam sido profundamente escavados e estavam sempre abertos, prestes a revelar aos Iniciados a Negrura Infinita de Si Mesmo. Frente ao Rosto, jazia o altar, que consistia em uma coluna cúbica arrematada por dois níveis: a superfície do nível superior chegava ao nível do queixo da Deusa e, sobre ele, havia um furo vertical em que se introduzia a empunhadura da Espada Sábia até o arriaz, de modo tal que a mesma ficava parada e alinhada com o Nariz da Deusa, como se fosse um eixo de simetria do Rosto. Desse modo, a Pedra de Vênus, que estava engastada na cruz da empunhadura, aparecia no centro da cena, disposta para a contemplação. Na superfície do degrau inferior, sob o nível da empunhadura, se achava depositada a Lâmpada Perene. Aquele setor da Caverna Secreta tinha a forma de nave semi esférica, estando a estalagmite com o Rosto de Pyrena em um extremo próximo a parede de pedra. Esta parecia rajada de lava e sais, enquanto que o teto se apresentava eriçado de estalactites esverdeadas. O piso, ao contrário, havia sido cuidadosamente limpo de protuberâncias e nivelado, de maneira tal que era possível sentar-se comodamente em frente ao Rosto de Pyrena e contemplar, assim mesmo, a Lâmpada e a Espada Sábia com a Pedra de Vênus.

Os alimentos necessários para subsistir os provinham os Senhores de tharsis, mantendo sempre cheia a despensa de uma Capela que existia ao pé do Cerro Candelária. Tal Capela, que fora construída para nos fins assinalados, permanecia fechada a maior parte do ano e somente era visitada pelos Senhores de Tharsis que ali iam orar na maior solidão: aproveitavam, então, para depositar os víveres em um pequeno quarto traseiro, cuja única porta dava para a ladeira do Cerro. Até ali baixavam furtivamente, preferivelmente pela noite, várias vezes por ano os Iniciados para prover-se de alimentos. Normalmente achavam um burro de carga num curral contíguo, com o qual carregavam os volumes até a entrada secreta e a que logo deixavam livre, dado que o animal regressava mansamente a seu lugar. Mas em outras ocasiões os Senhores de Tharsis aguardavam na Capela semanas inteiras até que coincidia uma daquelas visitas noturnas. Então, no meio da alegria do reencontro, os Noyos ou Vrayas recebiam notícias da casa de Tharsis. Indagavam especialmente sobre os jovens membros da família, se algum deles se preparava seriamente para a Prova do Fogo Frio e se havia possibilidade de que pudesse superá-la. Nada preocupava mais aos Homens de Pedra e as Damas Kalibur que não serem eles substituídos por outros Iniciados, que a Espada Sábia ficasse sem Custódia. Os Senhores de Tharsis, por sua vez, inquiriam a Noyos e Vrayas sobre suas visões místicas: não se havia manifestado ainda o Sinal Lítico de K'Taagar? Haviam recebido alguma mensagem dos Deuses Libertadores? Quando? Oh, Deuses! Quando chegaria o dia da batalha Final? Quando a Guerra Total contra as Potências da Matéria? Quando abandonariam o Universo infernal? Quando a Origem?

Sempre havia ocorrido de maneira semelhante. Até então. Porque desde que o castelo de Aracena foi terminado, a algumas dezenas de quilômetros de Cerro candelária, um halo de ameaça pareceu estender-se por toda a região. Houve, pois, que extremar as medidas de precaução para abastecer a caverna Secreta e se reduziram ao mínimo os encontros com os Iniciados ermitãos. Na época habitavam três Iniciados na caverna Secreta: uma anciã Vraya, mulher de mais de setenta anos, que durante cinqüenta anos jamais abandonou a Guarda; um Noyo de cinqüenta nos, Nosso de Tharsis, que até os trinta foi Presbítero na Igreja de Nossa Senhora da Gruta e agora estava oficialmente morto; e um jovem Noyo de trinta e dois anos, Godo de Tharsis, que cumpria a função de trazer as provisões à Caverna Secreta. Mas Godo, filho do Conde Odielon de Tarseval, não era desprovido em questões de risco: levado desde

menino à Sicília por um dos cavaleiros aragoneses que serviam na corte de Frederico II, foi pajem no palácio de Palermo e logo escudeiro de um Cavaleiro teutônico na Terra Santa. Nomeado por sua vez Cavaleiro, aos vinte anos, ingressou na Ordem dos Cavaleiros Teutônicos e lutou cinco anos na conquista da Prússia. Havia sete anos que permanecia na Guarda na Caverna Secreta, ainda se passava esta combatendo no Norte da Alemanha. Tratava-se, pois, de um guerreiro experiente, que sabia mover-se com precisão no campo de batalha. Suas incursões à Capela eram cuidadosas e estudadas, procurando evitar a possibilidade de ser surpreendido pelo inimigo. Isto o esclareço para destacar o caso de que um descuido fosse o responsável do que logo aconteceu.

O certo é que o Inimigo conhecia aquele lugar e isto não o imaginavam os membros da casa de Tharsis: segundo a saga familiar, em efeito, no lugar onde se levantava a Capela do Cerro Candelária, os Imortais Bera e Birsa haviam assassinado as Vrayas mil e setecentos anos antes. Daí que os Senhores de Tharsis pensassem em mudar o ponto de provisões, mas a intensa vigilância que mantinham sobre Aracena não revelava movimento algum em direção à Capela, e as coisas seguiram assim durante os quatro anos seguintes. Cada três ou quatro meses o Noyo Godo descia a serra de forma imprevisível e transportava as provisões até a Caverna Secreta. E somente uma vez ao ano estabelecia contato com alguns Senhores de Tharsis. Mas as notícias eram invariavelmente as mesmas: os Templários não efetuavam nenhum movimento naquela direção. Mas ainda que não atuassem, agora estavam ali, demasiado perto, e sua presença constituía uma ameaça que se percebia no ambiente.

Naturalmente, os Templários não agiam porque estavam esperando os Imortais. E aqueles finalmente chegaram, cento e quarenta anos depois do assassinato de Lupo de Tharsis na Fortaleza de Monzon. Um barco da armada templária, proveniente da Normandia, os desembarcou em Lisboa em 1268 junto ao Abade de Claraval, o Grão Mestre do templo, e uma tropa de quinze cavaleiros. O Grão Mestre explicou á Rainha Beatriz que a expedição teria por destino o Castelo de Aracena, onde se iria nomear um Provençal, obtendo todo seu apoio e a conseqüente autorização do rei Alfonso III. A presença de Bera e Birsa não foi notada ali porque simulavam ser irmãos serventes e vestiam como tais. Dias depois, os viajantes tomavam a antiga carreta romana que ia de Olisipo (Lisboa) a Hispalis (Sevilha) e passava por Corticata (Cortegana), a poucos quilômetros de Aracena.

Já em Aracena, os Imortais aprovaram o trabalho feito pelos Templários quanto à edificação do Castelo. No interior da igreja, no piso da abside, estava a entrada do alçapão que comunicava com a Cova de Odiel. Na verdade, a Cova não se achava exatamente abaixo da igreja, mas que havia de chegar a ela por um túnel, ao que se subia por uma escadaria de madeira desde o abside. Mas Bera e Birsa passaram por alto os detalhes da construção, pois seu interesse maior radicava na Cova. A exploraram palmo a palmo, durante horas, falando entre eles em uma linguagem estranha que seus quatro companheiros não se atreviam a interromper. Esses eram: o Abade de Claraval, o Grão Mestre do Templo, ambos Golen, e dois Preceptores templários "experientes na língua hebraica", ou seja, dois Rabinos, representantes do Povo Eleito. Ao parecer, a inspeção havia dado resultados positivos; isso adivinhavam pelas expressões dos Imortais, pois estes eram sumamente parcos em tudo que se referia à Cova e a sua presença ali. Em todo caso, somente fizeram um pedido: que se adaptasse a certa forma simbólica, que descreveram com precisão, o espelho de um pequeno lago subterrâneo, o qual estava nutrido por um fio de água de ínfimo caudal. Também se devia interromper momentaneamente aquele afluente, desviando o canal feito pela erosão que o alimentava. E havia que distribuir em determinados lugares, em torno do lago, sete candelabros Menorah.

Vigésimo Quinto Dia

Os Imortais expuseram a situação atual ao cisterciense, ao Templário e aos Rabinos: o Supremo Senhor de Fraternidade Branca, ***"Ruge Guiepo",*** *e o Supremo Sacerdote, Melquisedec, haviam recebido com desgosto a traição de Frederico II e sua pretensão de elevar-se a Imperador Universal. Aqueles atos debilitaram o poder do papado e impediram até o presente concretizar os planos traçados durante séculos pelos Golen. Ainda era possível o triunfo, mas se devia trabalhar com mão firme; eliminar da raiz toda possibilidade de oposição. A Cruzada contra os Cátaros havia sido um êxito, mas chegou tarde para impedir a nefasta influência do Graal. Por estas razões, Ruge Guiepo ordenava, em primeiro lugar, exterminar a linhagem maldita dos Hohenstaufen e desalojar a Casa de Suávia dos Reinos sicilianos: tais diretivas já lhes havia sido comunicadas ao papa Clemente v. Em segundo lugar, o Bendito Senhor mandava executar de imediato a antiga sentença que pendia sobre a Casa de Tharsis: na Fraternidade Branca não se esquecia que a Pedra de Vênus dos tartésio não pode ser encontrada até então; e agora não era possível arriscar-se com uma aparição surpresa de um novo Graal. A solução consistia em eliminar* ***ipso facto*** *a seus possuidores e possíveis operadores.*

O Amado do Uno desejava que desta vez a missão dos Imortais se aproximasse à perfeição e por isso lhes confiou, num gesto extraordinário, o ***Dorché,*** *Seu Cetro Divino: com ele, segundo explicavam com excitação os Imortais, tudo era possível. Aquele Cetro, de metal e pedra, formava parte de um conjunto de instrumentos que os Deuses Traidores fabricaram para os Supremos Sacerdotes, quando milhões de anos atrás fundaram a Fraternidade Branca e se comprometeram a trabalhar para manter o Espírito Não Criado aprisionado no animal homem e favorecer a evolução da Alma Criada. Com o Dorché, a palavra adquiria o Poder da Palavra, e a voz se convertia em Verbo; todas as coisas criadas e nomeadas pelo Uni eram sensíveis ao Logos do portador do Dorché; somente o não criado, ou o transmutado pelo Espírito, não era afetado pelo Poder do Cetro. Logo, o nome que os Imortais davam ao instrumento era outro, mas os franceses o traduziam como melhor podiam na palavra "Dorché".*[1]

Resumindo, O Ancião dos Dias queria que não houvesse falhas no novo intento dos Imortais para destruir os Senhores de Tharsis e os havia dotado de uma arma terrível: havia-lhes transferido Seu Poder.

¿O que os Imortais fariam com o Dorché? Procurariam desintegrar os fundamentos da Estirpe atuando sobre o sangue, sobre a mensagem contida no sangue. E para isso necessitavam de uma amostra desse sangue, um representante da linhagem maldita pelo Uno: conseguindo essa amostra, iriam os Imortais em pessoa, pois, esclareceram, os Senhores de Tharsis eram seres terríveis, aos que os templários não podiam nem sonhar em deter. Para surpresa dos Golen, pois o Cerro Candelária distava vários quilômetros de Aracena, manifestaram sua intenção de viajar a pé; mas o assombro foi maior quando observaram os seguintes atos de Bera e Birsa: pararam um em frete ao outro, separados pela distância de cinco ou seis passos, e se olharam fixamente nos olhos sem pestanejar. Então, começaram a pronunciar em contraponto uma série de palavras em língua desconhecida, as quais imprimiam particular cadência rítmica; um momento depois, ambos davam um prodigioso salto que os elevava por cima das muralhas do Castelo. Achavam-se então, no pátio de armas e, ao saírem disparados, ganharam uma altura maior que os muros e se perderam na noite. Os Golen correram pelas escadas até as ameias e aguçaram a vista em direção do horizonte; e observavam sob a luz da lua, a uma enorme distância, dois pontos que se afastavam a grandes saltos: eram Bera e Birsa avançando até a Capela do Cerro Candelária.

A partir da chegada de Bera e Birsa os fatos se sucederam de maneira vertiginosa, deixando praticamente sem capacidade de reação aos Senhores de Tharsis. Somente quinze dias tiveram de

[1] (***Dordge*** em tibetano).

aguardar os Imortais nas imediações da Capela de Cerro Candelária: ao cabo desse tempo, Godo de Tharsis, que inexplicavelmente não havia notado a presença de seus inimigos, se encontrava frente a Eles. Ao comprovar que a poucos passos dele se achavam aquelas personagens vestidas com hábitos de monges cisterciense, um impulso o levou a empunhar sua espada: mas nada mais que esse gesto pode realizar. Com grande rapidez Bera levantou o Dorché, pronunciou uma palavra, e um raio de cor laranja golpeou o peito do jovem Noyo, jogando-o a vários metros de distância. Os Imortais tomaram então pelos cotovelos o corpo desmaiado de Godo de Tharsis e, depois de repetir a série de palavras em contraponto enquanto se olhavam fixamente nos olhos, abandonaram o lugar realizando aqueles grandes saltos, que lhes permitiram atravessar quilômetros em questão de minutos.

Bera e Birsa iriam perder algum tempo tratando de obter a confissão de Godo sobre a Chave da entrada secreta. Com esse propósito não o assassinaram de imediato e se dedicaram a intentar o que já haviam ensaiado outras vezes sem êxito. Mas desta vez, com mais calma se concentraram em sua estrutura psíquica, tratando de ler em alguma memória o registro sobre o modo de entrar e sair da Caverna Secreta. Porém, tudo foi inútil novamente; nem a chave parecia estar registrada em sua mente; nem a mais refinada tortura conseguia que o Noyo soltasse a língua. A tudo isso, os Senhores de Tharsis recebiam o triste anúncio do desaparecimento de Godo.

Apenas transcorridas doze horas desde que saiu da caverna, o Noyo Nosso compreendeu que Godo já não regressaria e decidiu dar o aviso ao Conde de Tarseval; despediu-se da Vraya, descendo de Cerro Candelária, e se dirigiu até a orla do Odiel, onde os Senhores de Tharsis mantinham um pequeno bote para casos semelhantes: uma hora depois saltava a dois quilômetros da residência Senhorial. Assim, se inteirou o Conde de Tarseval que seu filho Godo havia sido seqüestrado pelos Golen.

Se algum dia decidir visitar Huelva, caro Dr. Siegnagel, seguramente quererá conhecer a Caverna das Maravilhas e as Ruínas do Castelo Templário, em Aracena. Para isso tomará a estrada que passa por Valverde del Camino, muito perto da localização antiga da Casa de Tharsis, e chega até Zalamea a Real; ali é necessário bifurcar-se por uma estrada que vai subindo até as Minas do Rio Tinto, que foram exploradas em tempos remotos pelos iberos, e vinte quilômetros depois chega a Aracena. Logo, não há nenhuma razão turística que justifique tomar o outro caminho, a menos que se deseje viajar por estradas melhores e se continue em Zalamea a Real até Jabugo, onde se espalma com a ampla rota que vai desde Lisboa a Sevilha e segue o antigo traçado romano por onde chegaram Bera e Birsa. Mas se esse não é o motivo e deseja meter-se em complicações desnecessárias, então pode ir por este último caminho e preparar-se para tomar uma pequena calçada de terra, cujo desvio se encontra a uns dois quilômetros depois da ponte sobre o Rio Odiel. Ali é preciso conduzir com cautela, pois a vereda esta habitualmente descuidada, quando não completamente intransitável. Sucede-se um par de aldeias de nome incerto e algumas granjas pouco prósperas, habitadas por pessoas hostis aos estrangeiros: se alguém pensa em hospedar-se por aquelas paragens, deverá ir disposto a tudo, pois nenhuma ajuda poderá esperar de sua população. Parece mentira, mas setecentos anos depois ainda perdura o temor pelo sucedido nos momentos a que me refiro! Não é exagero, em toda a região se percebe um clima lúgubre, ameaçador, que se acentua à medida que se avança ao Norte. E os aldeões, cada vez mais hostis ou francamente agressivos, conservam numerosas lendas familiares sobre o ocorrido nos dias da Casa de Tharsis, ainda que se cuidem muito bem de fazê-las conhecer aos estranhos. O temor está arraigado na possibilidade de que a história se repita, que volte a cair sobre o país o terrível castigo daqueles dias. Por isso não trave conversa com eles, e muito menos faça alguma pergunta concreta sobre o passado: isso seria um suicídio. Depois de o interrogado estremecer de terror, sem dúvidas ficaria encolerizado e atrairia com seus gritos a outros camponeses. Então, se não conseguir escapar a tempo, seria atacado por todos e teria sorte em salvar sua vida.

Depois de percorrer uns dezoito quilômetros, muito perto já de Aracena, sobe a um diminuto vale elevado, situado no coração da Cadeia de Aracena. Existe ali uma aldeia que terá de atravessar muito rápido para evitar pedradas dos meninos ou algo pior; um povo do século XV que parece não ter evoluído muito desde então: a maioria das casas são de pedra, com aberturas emolduradas de madeira trabalhada a machado, e telhados de laminas de ardósia. e muitas vivendas se encontram desabitadas, algumas totalmente destruídas, mostrando que uma crescente decadência e despovoamento afeta a aldeia,e que somente a tenacidade das famílias mais antigas tem impedido sua extinção. Seu nome "Alcatrão", lhe fora imposto naquela época e constitui uma espécie de maldição para os aldeões, que não conseguiram jamais substituí-lo por outro, devido à persistência que tem entre os habitantes das aldeias vizinhas. A origem do nome está há dois quilômetros mais adiante, quase ao terminar o vale, onde um descolorido cartaz expressa em latim e castelhano ***"Campus pix picis",*** *"Campo de la pez" (Campo de piche).*

Logicamente, é inútil buscar o piche ali porque tal denominação procede do século XIII, quando houve muito piche nesse campo, ou pelo menos algo que parecesse: daí o nome do próximo povoado de mineiros, que ao fundá-lo no século XV tiveram que suportar o tenebroso nome que lhe impuseram seus vizinhos e acabaram por aceita-lo com resignação. Mas de onde havia saído o piche que caracterizou aquele vale perdido entre montanhas desertas? Esse piche, esse alcatrão, Dr. Siegnagel, é tudo o que restou do exército que o Conde deTarseval levantou para atacar o Castelo de Aracena e resgatar a seu filho Godo.

Naquele vale, o Conde Odielón acampou com suas tropas que tinham mais de mil homens; cinqüenta Cavaleiros, quinhentas sentinelas almogáveres, e quinhentos homens da Vila. Mais que suficiente para atacar e arrasar o Castelo Templário que somente contava com uma guarnição de duzentos Cavaleiros. Ainda que os Templários tivessem fama de lutar três por um, nada poderiam com focas que o quintuplicavam. Todo o que se precisava era acabar com a ameaça Templária, e resgatar a Godo se ainda estivesse com vida, e evitar que o Castelo recebesse reforços, e para isso seria fundamental dominar o fator surpresa. Daí que o Conde Odielón decidisse marchar até Arcena por uma alameda com precipícios que somente conheciam os Senhores de Tharsis, e que passava por aquele pequeno vale onde iriam acampar nas horas noturnas para cair de surpresa ao amanhecer. Mas o amanhecer nunca chegaria para aqueles Senhores de Tharsis.

Seria onze da noite quando Bera e Birsa se prestaram a consumar o Ritual satânico. O Noyo jazia junto à beira do lago subterrâneo, com vida ainda, mas desvanecido por causa da tortura recebida e das múltiplas mutilações sofridas: a essa altura havia perdido as unhas das mãos e dos pés, os olhos, as orelhas e o nariz; e, como último ato de sadismo e crueldade, acabaram por cortar-lhe a língua "em prêmio a sua fidelidade à Casa de Tharsis e aos Atlantes Brancos". Curiosamente não lhe aplicaram tormentos em órgãos genitais, talvez devido a devoção que aqueles Sacerdotes sodomitas professavam pelo falo.

Apesar das quarenta e nove velas, dos sete candelabros, eliminassem bastante a Caverna de Odiel, o aspecto daquelas seis personagens que se achavam presentes era sombrio e sinistro: o Abade de Claraval, o Grão Mestre do Templo, e os dois Preceptores templários, estavam envoltos em um ar taciturno e fúnebre; sua imobilidade era tão absoluta que poderia se passar por estátuas de pedra, se não fosse por que o brilho maligno de seus olhos delatava a vida latente. Mas quem realmente infundiu terror em qualquer pessoa não avisada que tivesse a oportunidade de presenciar a cena, eram os Imortais Bera e Birsa: estavam vestidos com umas túnicas de linho, agora espantosamente manchadas pelo sangue do Noyo, e tinham posto peitorais de ouro incrustados com doze fileiras de pedras de diferentes classes. Mas o que impressionaria a testemunha não seria a vestimenta, mas a frieza de seus rostos, o ódio que brotava deles e se difundia em sua volta, como uma radiação mortífera; mas não creia que o ódio

crispava ou contraia o rosto dos Imortais; pelo contrário, ***o ódio era natural neles****, não se distinguiria nas caras de Bera e Birsa nem um gesto que indicasse por si só o ódio atroz e inextinguível que experimentavam pelo Espírito Não Criado, e até todo aquele que se opusesse aos planos do Uno, pois os seus eram, íntegros, completos em sua expressão, os* ***Rostos do Ódio****. Um ódio que agora cobraria suas vitimas sacrificais, a oferenda que Iahweh-Satanás recamava.*

O Ritual, se julgado pelos atos de Bera e Birsa, foi mais simples. Mas se considerar os efeitos catastróficos produzidos na Casa de Tharsis, terá de convir que aqueles atos eram os termos de causas profundas e complexas, a manifestação desconhecida do Poder de "Ruge Guiepo". Assim se desenvolveu o Ritual: enquanto Bera sustentava o Dorché com a mão esquerda, e o braço estirado à altura dos olhos, Birsa levantava a cabeça de Noyo tomando um punhado de cabelo com a mão direita e colocando uma navalha de prata sobre seu ouvido com a mão esquerda; disposta desse modo a cena ritual, a cabeça de Godo de Tharsis estava suspensa a uns escassos centímetros do espelho d'água. Então, em uma ação simultânea, evidentemente combinada de antemão, Bera pronunciou uma palavra e Birsa degolou o Noyo com um hábil talho em sua garganta. Na verdade, a ponta do canivete estava apoiada no ouvido esquerdo do Noyo e, ao soar a palavra de Bera, descreveu uma curva perfeita que seccionou a garganta e concluiu no ouvido direito: literalmente, o Noyo foi degolado ***"de orelha a orelha".*** *O sangue brotou aos jorros e se foi mesclando com a água enquanto Bera seguia recitando outras palavras sem mover o Dorché. Pouco a pouco ocorreu o primeiro milagre: a água, que apenas se ia tingindo de sangue, começou a avermelhar e ficar espessa até que rodo o lago parecesse um imenso coágulo. Então, uma luminosidade vermelha era desprendida pela água em forma de vapor, um resplendor intenso, semelhante ao que emitiria um imenso forno incandescente. Quando toda a água se havia convertido em sangue, isto é, quando já não caia mais nenhuma gota do corpo exangue de Godo de Tharsis, Bera abaixou o Dorché e apontou para o lago ao mesmo tempo em que proferia um horripilante grito. Então, a cor do lago virou de vermelha para negra e sua substância se transformou numa espécie de piche ou alcatrão escuro. E ali concluiu o Ritual. Cabe agregar que tal substância, semelhante ao piche, não era outra coisa senão uma síntese orgânica de um cadáver humano, como se obteria depois de um período de evolução geológica de milhões de anos, mas acelerado em um instante com o Poder maravilhoso do Dorché. Aquele piche negro era, pois, a essência da morte física, o último extremo do que tenha sido vida e que se encontra escrito potencialmente na mensagem do sangue.*

Mas o sangue é único para cada estirpe. Por isso a conseqüência buscada pela magia negra dos Imortais consistia na propagação daquela transmutação aos restantes dos membros da Estirpe, aos que participavam desse sangue maldito, ou seja, aos Senhores de Tharsis. Repetindo o dito anterior, há de se julgar o Ritual dos Imortais Golen pelos catastróficos efeitos produzidos na casa de Tharsis, há de se concordar em que ocultava um grande segredo referente ao poder do som, ao significado das palavras e a função do Dorché. Porque, no mesmo momento em que o lago de sangue mudou de cor e se transformou em breu, os noventa e nove por cento dos membros da Casa de Tharsis exalou o último suspiro. Somente sobreviveram os Homens de Pedra, ou seja, aqueles que haviam se transmutado sua natureza com o Poder do Espírito. Logo, entre eles estavam o Noyo e a Vraya, mas ambos muito velhos para procriar novos membros da Estirpe. Contudo, a centenas de quilômetros dali, outros Homens de Pedra viviam ainda e se encarregariam de fazer cumprir a missão familiar. Do resto da Casa de Tharsis, não restou ninguém vivo para contá-lo.

As sentinelas almogáveres que custodiavam o acampamento do Conde de Tarseval começaram a inquietar-se e apenas perceberam o zumbido; não saberiam dizer quando começou, mas o certo é que ia crescendo e agora enchia todo o vale, Mas, ao tornar-se audível, os rudes guerreiros acreditavam reconhecer, insolitamente, aquele som: era o tom exato, o som oscilante de um ***enxame de abelhas****, mas amplificado tremendamente por alguma causa desconhecida. Mas o zumbido, apesar de ser*

surpreendentemente anormal e ter a intensidade capaz de produzir aturdimento, logo foi esquecido. As sentinelas, em efeito, perceberam que algo grave ocorria, pois um alarido aterrador quebrou a continuidade daquela impressionante vibração. Mas tal grito não vinha de fora, mas de dentro do acampamento e não consistia em um, mas em uma multidão de lamentos que coincidiam naquele instante: o instante em que a água do lago subterrâneo se transformou em sangue dos Senhores de Tharsis. Então, todos os membros da Estirpe experimentaram um calor abrasador mil vezes mais potente que o Fogo Quente da Paixão Animal: e gritaram a uníssono. Porém, ninguém alcançaria a socorrê-los já que minutos depois morreriam "no mesmo momento em que a água do lago se transformou em breu".

Em questão de minutos cessou o zumbido por completo e um silêncio sepulcral se apoderou do vale. E então começou a loucura para os escassos duzentos sobreviventes do exército do Conde de Tarseval: todos eles eram almogáveres oriundos da região de Braga, ou seja, de raça Celta. No princípio o espanto os havia paralisado, mas aqueles temíveis guerreiros não eram propensos a cair em nenhuma circunstância. O amanhecer, em compensação, os surpreendeu deliberando agrupados no centro do acampamento: segundo os costumes, ante a ausência dos Senhores ou Cavaleiros, escolheriam um Líder entre os seus. Esse cargo recaiu em um sujeito que era tão valente na guerra como curto de luzes fora dela, conhecido como Lugo de Braga. Aquele chefe se achava tão perplexo como o resto pela súbita mortandade e, depois de uma detalhada inspeção por todas as tendas e lugares onde haviam falecido os guerreiros, deduziu que a causa do mal era ***uma peste desconhecida:*** *os cadáveres, em efeito, não apresentavam até o momento, sinal algum que delatasse qual classe de peste havia causado a morte, mas que dúvidas cabiam de que se tratava de uma peste? Somente uma peste, de acordo ao critério da época, era capaz de matar dessa maneira! Naturalmente, na Idade Média a peste era temida como o pior inimigo, fora aqueles que os Senhores apontavam como tais e havia que enfrentar.*

Os soldados haviam escapado então, a não ser pela comprometedora presença de tantos Nobres mortos; não podiam abandonar impunemente ao Conde de Tarseval porque seriam perseguidos por toda a Espanha; tampouco se poderia transportar um cadáver contaminado de peste. O correto, explicou Lugo, era vencer o medo e dar sepultura cristã aos mortos. Assim, dominando o temor ao contágio que os embargava, os bravos almogáveres foram alinhando os oitocentos e cinqüenta cadáveres que desceriam ao sepulcro. Planejavam escavar três tipos de tumbas: uma vala comum para os almogáveres, outra igual para os vilões, e tumbas individuais para os Cavaleiros. Encontravam-se entregues a essa tarefa, e a confeccionar as curzes, empacotar o que convinha ao quartel, quando alguém descobriu a liquefação dos cadáveres e lançou o primeiro grito de terror: ***Pix picis! Pix picis!*** *Ou seja: O piche! O piche! Em poucos segundos correriam todos junto aos cadáveres e comprovariam que um incrível processo de decomposição orgânica os estava reduzindo a um líquido negro e viscoso, semelhante ao betume, mas do qual se desprendia um caldo menos denso, indubitavelmente parecido com lixívia negra: daí a ligeira identificação com o piche, feita por um obtuso almogavar. Mas um processo tão brusco de decomposição de um cadáver era muito mais do que podia suportar aquelas mentes supersticiosas sem relacioná-lo à bruxaria e à magia negra. Por isso, ao correr todos, muito apressados, às montarias, muitos tomados de pânico exclamavam:* ***Bruttia! Bruttia!*** *Ou seja: Breu! Breu! E outros:* ***Lixívia! Lixívia!****, ou seja: Lixívia! Lixívia! Ou ainda****:* ***Pix picis! Pix picis!*** *Piche! Piche!*

Ao chegar à Villa de Turdes, Lugo de Braga se deparou com o assombroso espetáculo que a ***pestilência*** *se havia adiantado. Mas ali os estragos da praga eram tremendos: dos três mil habitantes da Villa, quinhentos morreram no vale, junto ao Conde de Tarseval, e dos três mil restantes somente ficaram vivos quinhentos, todos procedentes de regiões e raças diferentes dos iberos tartésios. O ocorrido havia sido análogo ao sucedido no acampamento do Conde: primeiro o zumbido, logo o grito, dado ao uníssono por todas as vítimas, e por último a horrível morte simultânea. Ao que parecia, ali a*

transformação em betume era mais lenta, mas já se advertiam os sintomas nos cadáveres expostos. E ninguém sabia se aquela peste era contagiosa nem conhecia seus sintomas prévios. Lugo de Braga decidiu então, fugir da região para sempre. Mas antes, fez o mais razoável, reação própria da época: se entregou à pilhagem com seus duzentos companheiros.

Não existiam agora Senhores de Tharsis, nem Cavaleiros ou Nobres que defendessem aquele patrimônio. Lugo de Braga se dirigiu à Residência Senhorial e a saqueou à vontade, mas não se atreveu a incendiá-la como reclamavam seus homens. Depois se retirou a seu país, levando consigo uma imensa cavalaria carregada do saque. Evidente, todos eles seriam perseguidos anos mais tarde por esse crime e muitos terminariam na forca. Ainda que ninguém pudesse imaginá-lo então, quando a peste se apossava da casa de Tharsis, ainda que ficassem alguns deles vivos que logo reclamariam o seu. Com esta exceção, a maioria dos membros da casa de Tharsis haviam morrido da mesma causa e na mesma noite nefasta, em lugares tão distantes como Sevilha, Córdoba, Toledo ou Zaragoza.

Vigésimo Sexto Dia

Dr. Siegnagel, o senhor haverá de convir comigo em que os Imortais quase haviam executado com êxito a sentença de extermínio contra a Casa de Tharsis. Pelo menos assim acreditavam Bera e Birsa, que se jactavam disso na frente dos Golen e Rabinos.

Ainda se encontrava na Caverna de Odiel. O lago transbordante de betume, todavia borbulhava desprendendo odores nauseabundos. Em primeiro lugar, se destaca a feroz figura de Bera, o Imortal a quem os Golen denominam ***Bafoel*** *e os Templários,* ***Bafomet****, e idealizavam como expressão do perfeito* ***andrógino****. Sem soltar o Dorché, disse em excelente latim:*

- Finalmente se extinguiu a linhagem maldita de Tharsis. Isso alegrará ao Supremo Sacerdote.

- Haveis completado um grande prodígio, haveis visto em ação o poder de ***YHVH Sebaoth*** *– afirmou Birsa no mesmo idioma.*

- Essa é, por ventura, a Morte do Corpo? – atreveu-se a perguntar o Abade de Claraval.

- O asfalto, o betume, a Morte e a Peste, são a mesma coisa; somos Nós – respondeu Bera com segurança.

- Reconheceis essa substância? – interrogou Birsa, dirigindo-se ao Rabino Nasi.

- Sim, afirmou este. É ***"betume da Judéia",*** *o mesmo que contamina o* ***lago Asfaltitis,*** *ao que nós denominamos Mar Morto.*

Os Golen e os Rabinos sabiam que Bera e Birsa haviam sido os últimos Reis de Sodoma e Gomorra. E sabiam também como haviam alcançado tão alta hierarquia na Fraternidade Branca: durante seu reinado, num momento de maravilhosa iluminação, eles descobriram o Segredo do Supremo Holocausto de Fogo. Depois caiu o Fogo do Céu que calcinou àqueles povos e Bera e Birsa partiram para Chang Shambala, uma das Mansões de Iahweh-Satanás e seus Ministros, os Serafim Nefilim. Assim, pois, muito antes que Israel existisse, quando sua semente ainda estava em Abraão e ninguém sacrificava ao Deus Uno, eles foram capazes de oferecer a sues respectivos povos em holocausto para a Glória de Iahweh-Satanás. O betume da Judéia, evidente resíduo da aniquilação de seus povos, executada por eles na região do Mar Morto. Mas tal Sacrifício lhes valeu serem recebidos por Melquisedec, o Supremo Sacerdote da Fraternidade Branca, quem os consagrou no Mais Alto Grau de sua Ordem. Qual Sacerdote do Pacto Cultural não quereria imitar Bera e Birsa? – Oh; pensavam os quatro presentes, o que não daria um sacerdote por dispor algum dia de um povo inteiro para sacrificar, como haviam feito sem duvidar Bera e Birsa? Esse seria um Holocausto digno de Iahweh-Satanás!

- Qual é a maldição de Iahweh-Satanás para quem não cumpre a Lei? – perguntou agora Bera ao Rabino Benjamin.

- "Soltarei contra vós bestas selvagens. Os castigarei sete vezes por vossos pecados. Trarei sobre vós a espada; os refugiarei em vossas cidades, mas Eu enviarei a ***Peste*** *no meio de vós. Eu os retirarei o sustento do pão", - sintetizou Benjamin, recitando Isaías.*

- Assim está Escrito! – confirmou com ferocidade Birsa - . Esse seria o castigo para nossa debilidade, mas também pode ser nossa Força! Deveis refletir sobre isso como fizemos Bera e eu há milênios, quando ainda a Lei não estava Escrita na forma que a haveis expressado. Então fomos capazes de compreender o Segredo do Supremo Holocausto e de levá-lo a cabo em Sodoma e Gomorra: por isso, e pela vontade de Iahweh Deus, agora Nós somos a ***Peste****. Deveis refletir sobre a Maldição com serenidade, aconselhamos. Porque somente quem tenha a calma para contemplar o Princípio e o Fim do Tempo poderá compreender o Segredo do Supremo Holocausto de Fogo da Humanidade. Mas o prêmio desse conhecimento significa a imortalidade da Alma, o Alto Sacerdócio, e os Poderes que nos*

haveis visto aplicar. Reflitam sobre isso, Sacerdotes: Nós seis somos a Manifestação de Iahweh e não devemos faltar à Lei. Mas podemos induzir os Gentios a que o façam para que a Maldição os alcance, para que a ***Peste*** *se instale entre eles: então, será possível o Supremo Holocausto de Fogo!*

- Em quê consiste? – rugiu o Abade de Claraval sem poder conter-se.

- Eis a resposta – disse Bera, apontando com o Dorché o lago de betume -. Mas isto só o compreenderá quem entenda ***que a nossa é uma guerra entre a Pedra e a Lixívia****. A Pedra, desde o Princípio do Tempo, é nosso Inimigo; e a humanidade, desde o Final do Tempo, é a Lixívia, o Supremo Holocausto, a Purificação pelo Fogo Quente que exige o Sacerdócio de Melquisedec.*

Apesar da insistência dos Imortais, nenhum dos quatro compreendeu o que acabaram de revelar-lhes sobre o Segredo do Supremo Holocausto. A guerra entre a Pedra e a Lixívia lhes parecia demasiado misterioso. Somente Nasi atinou a perguntar:

- Vos referis à Morte do Juízo Final, a Morte Ardente dos Condenados?

- Não! Está escrito que a carne não morrerá realmente, ainda que o corpo se desintegre na tumba, pois todos os homens ressuscitarão para serem julgados de acordo as seus pecados. Isso será possível porque o homem existe em muitos mundos por vez, mundos que são e mundos que não são: em alguns de tais mundos ainda está vivo e em outros pode ser que tenha perecido. Mas desses mundos será extraído o corpo que viverá novamente, quiçá por mil anos. Quiçá por muito mais; uns serão condenados, sim, e morrerão definitivamente, mas outros viverão de novo sobre a Terra. Não é, então, a essa Morte a que nos referimos. Em verdade, falamos de algo muito posterior e concludente: da ***extinção da consciência humana****. O Final da Humanidade chegará quando o Fogo Quente abrasar todos os mundos onde exista o homem, e a Alma do homem, e somente reste a Lixívia por testemunha. Nesse momento nós, a Manifestação de Iahweh-Satanás, teremos alcançado a perfeição da Alma, a Divina Finalidade projetada desde o Princípio. Mas não para os Gentios, que já não terão razão para existir nos mundos, pois o objeto de sua criação foi favorecer nossa perfeição:* ***será a Vontade do Altíssimo que suas cinzas cubram a Terra para que a Água Salgada do Céu as converta em rios de Lixívia****. Ouçam bem, Sacerdotes do Altíssimo! Quanto antes se calcine a Humanidade, antes se aproximará a Perfeição para vós! Converteis ao homem em Lixívia e consumareis o Supremo Holocausto que espera o Criador ao Fim dos Tempos! – explicou Bera, com ares de notável paciência.*

E continuou falando, pois os quatro haviam emudecido. – É a fé na Perfeição Final que alcançarão os crentes em Iahweh-Satanás mediante o Sacerdócio de Seu Culto, a que obrará os milagres maiores. Se fordes capazes de ver o Final, havereis adiantado o Final, a Perfeição estará em vós e o momento do Supremo Holocausto terá chegado: vossa Fé inquebrantável na Perfeição Final, e a Compreensão do Final, atrairá ao presente o Fogo Quente do Final, que calcinará o homem imperfeito; e sobre suas cinzas choverá logo a Água e o Sal do Criador. ***E o Signo Abominável que está na Pedra de Fogo será lavado com Lixívia****. Assim ocorreu em Sodoma e Gomorra, e em outras dez cidades do Vale de Sidim, quando Birsa e eu alcançamos a Perfeição Final e estabelecemos a diferença com a imperfeição de seus povos,* ***fazendo com que exibissem publicamente sua própria imperfeição****: então, desceu a* ***Shekkinah*** *de Deus, e os* ***Anjos de Deus****, e caiu Fogo do Céu que reduziu a cinzas aqueles povos insensatos; e caiu depois a água e o Sal de Deus; e surgiu o Lago Asfaltitis, o Mar de Betume da Judéia, o Mar Morto; em verdade, o* ***Mar de Lixívia****. Aquele foi, Sacerdotes, o nosso Holocausto a Iahweh Deus. Mas aquele Mar de Lixívia não alcançou para lavar o Signo da Pedra: essa missão está reservada ao Povo Eleito de Iahweh-Satanás, a Raça Sagrada d'Ele. Quando Eles serão entronizados sobre todos os povos gentios da Terra, quando toda a Humanidade inteira esteja sujeita a seu Governo Mundial, então terá chegado o momento do Supremo Holocausto. Para isso deveis trabalhar sem descanso, com a Fé posta na Perfeição Final, e o esforço aplicado a*

conseguir a Sinarquia Universal do Povo Eleito! Somente o Supremo Holocausto de toda a Humanidade por seus Sacerdotes do Povo Eleito produzirá a lixívia que lavará o Signo Abominável na Pedra de Fogo!

Todos nossos partidários, os grandes sacerdotes, conhecem este segredo e tem consagrados a seus povos com o Sinal da Cinza! Até os Sacerdotes Brahmanes tem ungido aos ários com o Sinal da Cinza, procurando cobrir o Signo Abominável e aguardando que a Graça do Céu lhes conceda a água que forme a lixívia e lave a Pedra de Fogo! Por isso a cinza tem sido sempre sinal de dor e aflição, ***signo do arrependimento e a penitência: o homem ungido com cinza é que pede misericórdia Divina, quem se ajoelha ante o Criador e solicita Perdão por seus pecados, especialmente o maior pecado, o de Ser EU frente ao Uno que é tudo, pecado que só se pode lavar com lixívia!*** *Os membros do Povo Eleito untam suas cabeças com cinza em sinal de penitência, mas os Sacerdotes do Cordeiro agregam água benta à cinza para criar a lixívia do perdão de Jehová. Mas nada salvará ao homem do Holocausto de Fogo e da Cinza e Lixívia do Juízo Final! Jehová advertiu há milênios contra os falsos Sacerdotes que empregam cinza do mesmo incenso para outorgar um falso perdão:* ***somente a cinza humana constitui a lixívia que lava o Sinal Abominável. E Jehová prometeu converter em cinza aos falsos Sacerdotes que não respeitem o necessário Holocausto de Fogo****! Repeti, Cohens de Israel, as palavras de Jehová!*

O Rabino Benjamin repetiu no ato:

- "Um Profeta chegou de Judá a Betel, por ordem de Jehová, quando Jeroboão estava de pé junto ao altar para queimar incenso, e começou a gritar contra o altar, por ordem de Jehová, dizendo: Altar! Altar! Assim fala Jehová: Nascerá na Casa de Davi um filho que se chamará Josias. Este sacrificará sobre ti os falsos Sacerdotes dos lugares altos, aos que queimam incenso sobre ti. Sobre ti, altar, queimará ossos humanos, e os ossos dos falsos Sacerdotes. E deu naquele mesmo dia um sinal, dizendo: Este é o sinal de que é Jehová quem fala: o altar se romperá, e se derramará a cinza que há nele". ***(I Reis, 13,1)****.*

- Assim está escrito! Somente de cinza humana se compõe a lixívia que reclama a Justiça de Jehová! E essa é a cinza da verdadeira penitência, a que emprega Jô quando ***confessa*** *suas culpas ante Jehová!*

Não foi necessário mais que um gesto e Benjamin para esclarecer, cita:

- "Respondeu então Jó a Jehová: Reconheço que tudo podes e nada lhe resulta irrealizável, ***Eu Sou*** *o que obscurece teus planos com razões vazias de sentido. Sim; tens falado do que não entendia, de maravilhas que me superam e que ignoro. Escuta-me, permite que eu fale; Eu te perguntarei e tu me ensinarás. Tão somente de ouvir eu te conhecia, mas agora meus olhos te vêem.* ***Por isso me reconheço culpável, me arrependo no pó e na cinza". (Jô, 42)***

- A Vaca Vermelha é o símbolo da Humanidade ***consagrada*** *a Jehová para o Sacrifício Ritual da cinza e da lixívia, para a elaboração da água lustral! Iahweh falou a Moisés e ao Supremo Sacerdote Aarão e lhes impôs o dever de sacrificar a Vaca Vermelha da Humanidade para purificar o Povo Eleito, dever que seria lei perpétua de Israel. Recorde-o, Cohen!*

- "Disse Jehová a Moisés e Aarão: Aquele que tenha ***queimado*** *a Vaca Vermelha lavará suas vestes, banhará seu corpo com água e será impuro até a tarde. Um israelita puro recolherá as* ***cinzas*** *da Vaca Vermelha e as depositará fora do acampamento em um lugar puro; e estarão à disposição dos filhos de Israel para preparar a água lustral.* ***É um sacrifício pelo pecado****. Aquele que recolheu as cinzas da vaca Vermelha lavará suas vestes e permanecerá impuro até a tarde. Será uma lei perpétua para os filhos de Israel e para o estrangeiro que mora entre eles"* ***(Num. 19,9).*** *– Recordou sem erro Benjamin.*

- E com essa água lustral, lixívia sagrada surgida da cinza da Vaca Vermelha da Humanidade, Jehová instituiu o Ritual da Purificação do Povo Eleito. Reproduza o Ritual, Cohen!

- "Disse Jehová a Moisés e Aarão: Para o israelita impuro se ***tomará cinza da vítima queimada em sacrifício pelo pecado****, e se verterá sobre ela água viva dentro de uma vasilha. Um israelita puro tomará o isopo, o submergirá na água lustral e aspergerá o Santuário de Jehová e todos os móveis e pessoas que ali houver".* ***(Num. 19,11)*** *– Declamou Benjamin sem titubear.*

- E como se purifica depois Tamar, a quem havia violado seu irmão Amon?

- ***"Tamar jogou cinza sobre sua cabeça" [II Samuel 13,19]*** *– se apressou a replicar Benjamin.*

- Somente a lixívia lavará o Signo Abominável! Para esse pecado não há perdão nem redenção possível fora da lixívia: não bastam o arrependimento e a penitência, ou a mortificação do traje de cilício! Somente depois da aspersão com água lustral, sobre a cinza, se porá o penitente o traje de cilício. Tal como fez o Povo Eleito ao ser atacado pelo assírio Holofernes, cuja cabeça foi cortada pela Divina Judite!

Benjamin referiu a citação:

–"Todos os israelitas invocaram com fervor a Jehová e se humilharam mui submissos ante ele. E todos os homens de Israel e as mulheres e as crianças, os que habitavam em Jerusalém, se postaram ante o santuário, ***cobriram a cabeça de cinzas e se apresentaram com cilícios ante o Senhor****. Inclusive o Altar, o cobriram de cinzas, e clamaram todos unidos com fervor a Jehová".* ***(Jud, 4,9)***

- Agora compreendereis o significado desta lei antiga. Os ***Sábios de Sião****, disse Jeremias, cobriam sua cabeça como sinal de penitência, e logo o Profeta, com palavras de Jehová, fala a sua Esposa, Israel Shekinah, e lhe adverte que não será fácil quitar-se da mancha de infidelidade.*

Rapidamente, Benjamin recitou a metáfora de Jeremias:

- "A palavra de Jehová me foi dirigida nesses termos. Vê e grita aos ouvidos de Jerusalém o seguinte: Desde antigamente quebraste teu jugo, tuas juntas estão rotas, dizendo: Não quero servir, quando sobre toda a colina elevada e sob toda árvore frondosa te achavas como prostituta. Eu te havia plantado como cepa escolhida, toda ela de semente genuína. Como, pois, para mim tenhas mudado em sarmento de vinha bastarda? ***Ainda que te laves com nitro, e te jogues quantidade de lixívia, tua culpa segue suja ante mim*** *– oráculo de Jehová Sebahot"* ***– (Jer 2,20****)*

- O Cordeiro também ordenou ao povo Eleito arrepender-se na cinza e no cilício, mas os Gentios tomaram a prevenção ao pé da letra e tem suposto que é sumamente simples quitar-se o Sinal Abominável; mas, para sua impureza, não haverá outra purificação que converta a esses povos em lixívia, como fizemos nós para lavar a mancha de Sodoma e Gomorra! Isso também o predisse o Cordeiro. Repeti, Sacerdote do Cordeiro!

- "Ai de ti, Coração! Ai de ti, Betsaida! Porque em Tiro e em Sidon foram realizados os mesmos milagres que em vós, ***já faz tempo que, cobertas de cilício e cinzas, se converteram****. Por isso vos digo: No dia do Juízo Final* ***haverá menos rigor para a terra de Sodoma que para ti." (Mt. 11,21)***

- Mas uma vez sacrificado o Cordeiro, seus discípulos se arrependeram na água lustra!

- Sim, - afirmou o Abade de Claraval –Durante a Quaresma, antes da Ressurreição, os penitentes recebem a cinza, e a água benta, e se arrependem de seus pecados, se confessam e esperam a salvação no Juízo Final. Mas eles não entendem que o Signo Abominável não pode ser lavado desse modo, apesar de que o Sacerdote lhes diga ***"recorda-te de que eras pó, e em pó retornarás a te converter".***

Aqui calou Bera, mas Birsa continuou: - O momento do triunfo do criador sobre o Não Criado, do Ser sobre o Nada, da Luz sobre as Trevas da Alma está próximo! Logo a Sinarquia será uma

realidade e a Humanidade cairá de joelhos ante o Poder do Povo Eleito. Chegará então, o tempo de abrandar o homem para obrigá-lo a exibir sua imperfeição e sua bestialidade, aquela maldade primordial que entesoura no fundo de sua Alma. Será o tempo ***de substituir a Serpente do paraíso pelo*** *Dragão de Sodoma.* ***Recordai, Sacerdotes, que a Tentação da Serpente afunda o homem no pecado, mas deixa intacta sua função viril; e que o homem viril sempre pode elevar-se da miséria moral mediante a guerra e o heroísmo, e cair em poder dos Inimigos da Criação!*** *O homem viril, o Guerreiro, o Herói, retardará a concretização do Holocausto Final: e não bastarão para impedi-lo a massificação e o igualitarismo da Humanidade a que a submeterá a Sinarquia do Povo Eleito, e os vícios e perversões que nela prosperarão por causa da Tentação da Serpente, se o homem conserva a virilidade e se converte em Guerreiro e Herói, se dispões da vontade para rebelar-se aos planos da Fraternidade Branca, que é a Hierarquia de Jehová Elohim.*

A tentação da Serpente do paraíso nada pode contra esta luciférica determinação de Ser e Existir além dos Seres Criados pelo Deus Uno: ***Somente o*** *Dragão de Sodoma* ***tem o Poder de quitar ao homem sua virilidade; e somente Nós, a Peste, sabemos convocá-lo!*** *Respondeis, Cohens: Qual o Emblema de Israel?*

Frente a inesperada pergunta, Benjamin se apressou em responder:

- Está escrito pelos Profetas, que o Emblema de Israel é a ***Pomba****. "Atrás de Jehová marcharão os Filhos de Israel: Ele rugirá como um Leão, e eles o verão como uma* ***Pomba****", disse Oséias* ***(Os. 7 e 11)****, pois Iahweh havia ordenado, pela boca de Jeremias: "Israel, sê como a* ***Pomba*** *que aninha na borda do abismo".* ***(Jer. 48)***

Prosseguiu Birsa, satisfeito com a resposta de Benjamin:

- Não esqueçais nunca, Sacerdotes, que o Emblema de Israel é a Pomba, porque esse símbolo assinalará o Fim dos Tempos. Disse antes que o momento do triunfo está próximo, que a Sinarquia do Povo Eleito será instaurada: então, o Emblema de Israel será imposto aos homens e haverá chegado à oportunidade de Nossa intervenção. Assim será, pois foi decidido pela Fraternidade Branca e aprovado por Melquisedec, o Supremo Sacerdote: em todo o mundo, milhares e milhares de Sacerdotes e partidários da Causa de Israel, se embandeirarão com seu Emblema; somente os homens viris buscarão escapar à manifestação social por meio da rebelião e da guerra. Tratarão de fundar uma Nova Ordem Moral baseada na Aristocracia do Sangue. Mas serão afogados em seu próprio sangue. E Nós responderemos ao clamor dos que levam por sinal o Emblema de Israel, e soltaremos entre os homens o ***Dragão de Sodoma****; e o homem perderá a sua virilidade e se abrandará, se tornará* ***como mulher****. Ainda quando possa procriar, sua vontade será debilitada por afeminamento crescente que se estenderá a toda Humanidade; perplexos, muitos confundirão a moral sodomita com um produto da alta civilização, mas na verdade sucederá que o Coração dominará a Mente e enervará a Vontade. No Final, todos acabarão aceitando o modo de vida sinárquico, e o homem substituirá a Águia pela pomba, a Guerra pela paz o Risco Heróico pela comodidade passiva. Mas essa Paz da Pomba, que desfrutarão com a Sinarquia do povo Eleito, será o caminho mais curto até o Holocausto Final onde serão sacrificados a Iahweh-Satanás, até o Oceano de Lixívia no qual serão convertidos para lava o Sinal Abominável na Pedra de Fogo! Esta é a "Peste" que a Maldição do Altíssimo promete para os que ficam de fora da Lei!*

De imediato, como se suas mentes estivessem sincronizadas, retomou a palavra Bera:

- Sim, sacerdotes. Que sobrevenha a Sinarquia do Povo Eleito, que a Humanidade se embandeire com o Emblema da Pomba, e Nós regressaremos trazendo a Peste da Morte Final, o Fogo Quente e a Água e Sal do Céu! Mas seremos precedidos ***pelo Dragão de Sodoma****, o Arauto que anunciará nossa chegada. Vós haveis visto os extremos do processo nesta Caverna: o sangue, degradado com a*

água, e a água transformada em sangue; e depois do lago de sangue, ***a Peste*** *da Morte Final, o betume da Judéia, a Lixívia negra.*

- Dizei, Sacerdotes de Israel: Qual foi a primeira praga que Jehová enviou ao Egito para impor a Causa de Israel?

- A água se transformou em sangue. – afirmou Benjamin.

- E qual foi a ***última*** *praga, com a que se assegurou o triunfo do Povo Eleito?*

- A ***Peste*** *no meio dos Gentios! A Peste oferecendo a vida dos Gentios a Iahweh como holocausto pela próxima Glória de Israel. Somente os que estavam manchados com o sangue do Cordeiro não foram tocados pela Peste.*

- Agora respondei vós, Sacerdotes do Cordeiro: Qual será a praga que trará o Terceiro Cavaleiro, no Fim dos Tempos?

- A água se transformará em Sangue! – respondeu imediatamente o Abade de Claraval.

- E qual a praga do Quarto Cavaleiro?

- A ***Peste*** *no meio dos Gentios! O Fogo Quente os abrasará e a Peste oferecerá suas vidas como holocausto a Jehová pela próxima Glória do Novo Israel e o advento da Nova Jerusalém. Somente quem tenha o sangue do Cordeiro e ostenta o símbolo da Pomba não será tocado pela Peste.*

- E o que virá depois da Peste, qual será a ***última*** *praga?*

- A destruição completa e total da humanidade num Mar de Enxofre e Fogo. Somente o Novo Israel e a Jerusalém Celeste sobreviverão ao Supremo Holocausto Final. – afirmou categoricamente o Abade de Claraval, indubitavelmente inspirado pelo discurso dos Imortais.

Bera esclareceu o significado que se devia atribuir àquelas respostas extraídas do Apocalipse de São João.

- Refleti, Sacerdotes, sobre essas Profecias e o que nos haveis visto fazer nesta Caverna: daí surgirá o Segredo do Supremo Holocausto. A Água, o Sangue, o Fogo Quente, a Morte, a Lixívia, ***a Peste****, Nós: eis aqui o Mistério. De como a Maldição de Jehová Deus, que é nossa debilidade, pode ser nossa Força. Assim foi e assim será. Se nos haveis compreendido fareis Vossas as palavras com que Jeremias condena a quem se aparta da Lei: elas representam a* ***nossa Força*** *sobre os Gentios!*

- "Disse Iahweh: a quem ficar de fora da Lei lhes tocará: o cativeiro, a fome, a espada, a ***Peste" (Jer. 15).*** *– O rosto do Rabino Benjamin resplandecia ao repetir as quatro formas da Maldição de Iahweh, pois agora encontrava cheias de novo sentido as palavras do Profeta.*

- E sabereis então – prosseguiu Bera imperturbável – qual é na verdade ***nossa debilidade****, Mistério que os Gentios jamais devem compreender.*

E agregou Benjamin as seguintes palavras de Jeremias:

- "Advertiu Iahweh ao povo de Israel sobre quatro classes de males, frente aos quais seriam ***débeis:*** *Cuidai da Espada, porque Ela os pode Matar; cuidais dos Cães, porque Eles os podem despedaçar; cuidais das Aves do Céu, porque Elas os podem devorar; cuidais das Feras, porque Elas os aniquilarão".* ***(Jer. 15)***

- Assim está escrito! – aprovou Bera.

- E contra essa debilidade possuímos quatro remédios que os Gentios jamais devem conhecer – completou Birsa:

Contra a Espada, a Paz do Ouro
Contra os Cães, a Ilusão da Raiva
Contra as Aves, a Ilusão da Terra
Contra as Feras, a Ilusão do Céu.

Aquilo era mais que misterioso, e os Sacerdotes ficaram momentaneamente calados em profundas reflexões. O Grão Mestre do Templo, contudo, que até então havia permanecido calado, pensava em outra coisa:

–Oh, ***Tzadikim!*** *- disse – Vossas explicações constituem a Luz mais Brilhante para nosso entendimento e muito estamos gratos pelo privilégio de ouvi-las. Não querendo abusar do favor que nos haveis dispensado, solicitando esclarecimentos que talvez não devais dar; mas não posso deixar de manifestar que nosso coração se veria pleno de alegria se nos pudesse falar algo mais sobre a Pedra de Fogo.*

- Dizeis bem, Sacerdote: a Pedra de Fogo encerra um Mistério muito grande. Falaremos dela a vós, mas seremos breves, ***pois já é hora de regressar ao Oriente****. – era evidente que Birsa se expressava numa chave alegórica, posto que os Imortais não partissem até o dia seguinte – Mas antes de irmos, vos falaremos também de vossa próxima missão, agora que a Semente Maldita de Tharsis está morta, e será proveitoso faze-lo no marco desse Mistério. Haveis trazido o livro que solicitamos?*

- Tal como pediste, o livro foi transportado até aqui – afirmou o Abade de Claraval – Encontra-se na biblioteca do Castelo, sob custódia permanente de três Cavaleiros, que matarão a qualquer um que intente acercar-se dele. Também trouxemos de Claraval um mestre escultor, que aguarda em sua cela a nosso chamado.

- Subamos, então, à biblioteca! – ordenou Bera, enquanto ocultava o temível Dorché debaixo de sua túnica.

Subiram pela porta do alçapão que conduzia até a Igreja de Nossa Senhora da Dor Maior e momentos depois se encontraram os seis em uma sala cujo mobiliário consistia de estantes de mesas cobertos de livros e pergaminhos; várias estantes exibiam, abertos, alguns livros enormes, de folhas esquisitamente ilustradas por monges beneditinos e construídos com capas incrustadas de ouro e prata. De uma arca reforçada com ferragens rebitadas e volumosa fechadura, o Abade de Claraval extraiu o ***Sepher Icheh*** *e o depositou em uma mesa maior, com dois níveis, mas bem iluminada por um candelabro central. A um sinal de Birsa, os quatro Sacerdotes se sentaram em frente ao livro, enquanto os Imortais permaneciam de pé, um em cada extremo do grupo.*

- Abra-o na pagina 12, ***Lamed****! – ordenou Birsa.*

O livro somente continha imagens, ou seja, carecia de algum texto, salvo as palavras distribuídas nos desenhos. Na página solicitada ficou exposta a representação dos dez Sephiroth do Criador Uno em forma de ***Árvore Philosóphica****. Todos esperavam por Bera, que de imediato tomou a palavra.*

Vigésimo Sétimo Dia

Como é sabido, Dr. Siegnagel, o "livro sagrado" por excelência, para os judeus, é a **Torah**, *que essencialmente se compõe dos cinco livros do Pentateuco tal qual os apresentou o Escriba Esdras no século V a.C. Mas esta é a Torah escrita,* **Torah Shebikhtab**, *que deve se considerar como uma Doutrina profana, exotérica, pois sua verdadeira "Sabedoria Divina",* **Hokhmah**, *está cifrada na Escritura e não pode ser interpretada sem conhecer as chaves criptográficas da Cabala. Existe, pois, também, uma Torah oral,* **Torah Shebalpeh**, *que trata sobre estas chaves e constitui a Doutrina esotérica que conhecem os membros da "cadeia cabalística",* **shalsheleth haqabbalah.** *O tema principal da Torah é a revelação sinaítica, ou seja, a* **Hokhmah** *que Jehová,* **YHVH**, *revela a Moisés no Monte Sinai e que se sintetiza no Decálogo das Tábuas da Lei. Bem, Moisés* **recebeu** *as Tábuas,* **Mocheh Qibbel Thorah Mi Sinai**, *no Monte Sinai, e deste feito deve arrancar necessariamente a cadeia cabalística já que a* **Caballa** *procede do verbo* **quabbel** *que significa* **receber**. *Porém, se a* **shalshleth haqubbalah** *começa em Moisés, tem de se recordar que este recebeu* **duas Tábuas da Lei**: *somente a primeira continha a revelação da "Sabedoria Divina",* **Hokhmah**, *objeto da Doutrina esotérica da Cabala; as segundas eram uma síntese daquelas e foram cifradas, como toda a Torah escrita. Segundo a Cabala,* **as primeiras Tábuas procediam da Árvore da Vida, a saber, da Inteligência do Uno, Binah, tanto que as segundas foram tiradas do costado da Árvore do Bem e do Mal**.

A *Árvore da Ciência do Bem e do Mal, cujo fruto havia comido, foi a causa da expulsão de Adão do Paraíso:* **- "Disse então Jehová Deus: eis aqui que o Homem se fez como um de nós, por haver conhecido o Bem e o Mal. Não seja que agora estenda sua mão e tome também da Árvore da Vida, coma dela e se torne Imortal. E o expulsou Jehová Deus do jardim do Éden para que lavrasse a terra que foi criado. Jogou, pois, fora o Homem, e pos de guarda ao Oriente do Éden, querubins armados com Espadas de Fogo, para guardar o Caminho da Árvore da Vida" (Gen, 3).** *Portanto, as segundas tábuas estão destinadas àqueles que desejam redimirem-se dos pecados de Adão, mas que ainda permanecem sujeitos a ele; as primeiras, em compensação, revelam a* **Hokhmah** *a quem se tem elevado por sobre a condição humana, ao "estado adâmico", e que merecem ganhar a imortalidade que procede de* **Binah**, *a inteligência da Árvore da Vida: estes somente podem ser, por conseguinte, os Mais Altos Sacerdotes do Povo Eleito. Por isso Moisés velou ao povo a* **Hokhmah** *e somente a comunicou a Josué. Josué a transmitiu aos Anciãos de Israel e estes aos Profetas. Salomão ocultou as primeiras tábuas no Templo e selou magicamente o esconderijo, de tal modo que somente puderam ser encontradas no século XII d.C., pelos templários, quem as transportou a Claraval. Outros profetas, não obstante, comunicaram verbalmente a* **Hokhmah** *aos Sacerdotes da grande Sinagoga, que continuaram a cadeia cabalística. Logo do cativeiro da Babilônia já não houve Profetas em Israel e Esdras, o Escriba, apresentou ao povo judeu a Doutrina exotérica da Torah escrita, baseada nas segundas tábuas da Lei. Essa doutrina foi sustentada pelos Sacerdotes da Grande Sinagoga, que então se chamaram Escribas,* **Sofrim**, *até chegar aos Tanaítas,* **Tannaim**, *do século I a III d.C. Os grandes cabalistas desse período, entre os que se sobressai Simeão ben Yohai, chamado "A Lâmpada Santa", conseguiram transcender a Torah escrita e obter novamente a* **Hokhmah**. *Posteriormente, a Torah oral foi transmitida pelos Amoraítas,* **Amoraim**, *e Rabinos,* **Rabbi**, *até a Idade Média.*

A partir da Torah escrita, três livros podem considerar-se como os mais importantes para os cabalistas judeus: o **Sepher Há Zohar**, *o* **Sepher Yetsirah**, *e o* **Sepher Icheh**. *O* **Sepher Há Zohar**, *o Livro do Esplendor, foi escrito por Simeão ben Yohai no século II d.C., mas a única*

versão existente desde o século XIII é a tradução ao aramaico efetuada pelo cabalista espanhol Moisés de Leon. O ***Sepher Yetsirah****, o Livro da Formação, é mais antigo, e a cadeia cabalística tradicional faz remontar sua origem a Abraão. Mas, de longe, o livro mais secreto e misterioso, assim como o mais codificado pelos cabalistas é o* ***Sepher Icheh****, o Livro do Holocausto de Fogo, o qual se supõe contemporâneo de Adão e procedente, como o primeiro homem, do Jardim do Éden. Na verdade, o livro original havia sido escrito no paraíso pelo Anjo Raziel para a instrução de Adão, e seu conteúdo seria a* ***Hokhmah*** *mesma; não se deve confundir aquele livro místico com o "Livro de Raziel", escrito no século XII pelo cabalista Eleazar ben Judah, de Worms, e baseado em notícias de segunda mão sobre as Tábuas de Zafiro.*

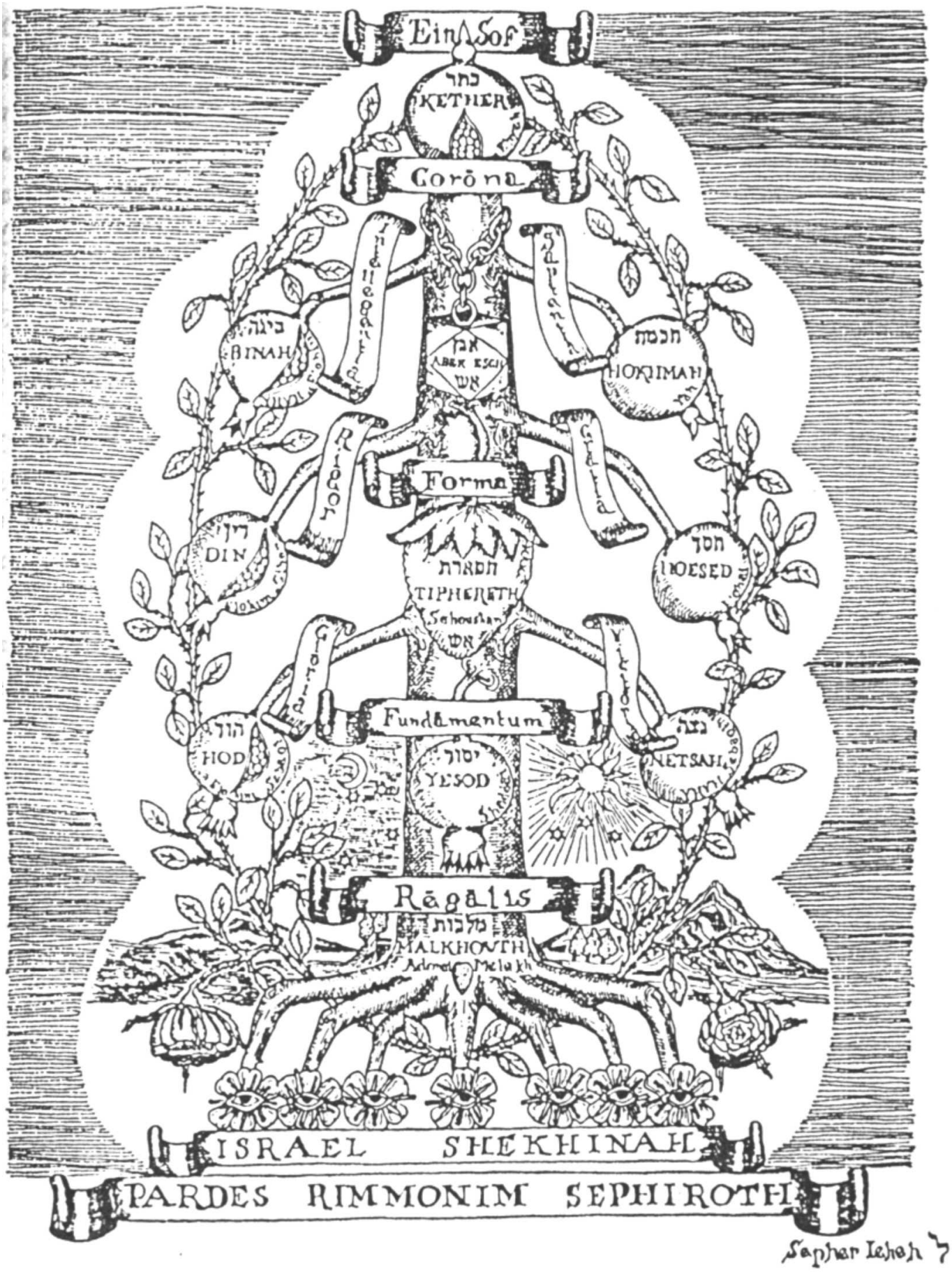
De acordo com a tradição rabínica, o verdadeiro Livro de Raziel, ***Tábuas de Zafiro gravadas****, havia sido roubado do Paraíso por* ***Rahab****, Rei do Mar, e lançado ao Oceano; depois, seria encontrado pelos egípcios e permaneceria durante milênios em poder dos Faraós. Moisés o levaria consigo no êxodo e o entregaria a Josué, de quem, segundo a cadeia cabalística, chegaria ao rei Salomão. Este obteria sua famosa Sabedoria,* ***Hokhmah****, pela interpretação das Tábuas de Zafiro do Livro de Raziel, mas, por causa de seu enorme poder, o ocultaria no Templo de modo quem somente os Templários Golen o encontrariam entre suas ruínas vinte e um séculos mais tarde. É claro, Dr. Siegnagel. À luz do já exposto nesta carta, que as* ***Tábuas de Zafiro*** *e as* ***Tábuas da Lei*** *são uma e a mesma coisa; a saber, que as primeiras Tábuas, com a* ***Hokhmah*** *procedente da Árvore da Vida, não são outra coisa que o Livro de Raziel cedido a Moisés no Egito pelos Sacerdotes do Pacto Cultural. A explicação é a seguinte: Se despojarmos ao mito hebreu de seu disfarce cultural, resta que* ***Rahab*** *não é outro que* ***Poseidon****, "Rei do Mar", e legendário Governador da Atlântida. Chegamos então à Atlântida, o "Jardim do Éden", pátria do "primeiro homem"; daquele "Paraíso perdido" provinham os Atlantes morenos, fundadores da hierarquia sacerdotal egípcia. Depois do cataclismo, Eles haviam transportado ao Egito um de seus "Livros de Cristal" que existiam na Biblioteca de Atlantis, o qual continha o registro da Construção do Universo pelo Deus Uno,* ***YHVH Elohim****. Esse Livro de Cristal de Raziel, no qual estavam gravados as trinta e duas operacionais executadas pelo Criador para construir o Universo:* ***dez Sephiroth e vinte e duas Letras****. Com outras palavras, as Tábuas ensinavam, mediante signos, os vinte e dois sons e medidas do alfabeto sagrado "empregado pelo Criador uno,* ***YHVH Elohim****", do qual deriva o alfabeto hebreu, e a Forma Cósmica adotada por Ele para criar e sustentar o Universo, ou seja, os dez* ***Sephiroth****: é o que se conhece como "o Segredo da Serpente".*

Na época de Moisés, os Sacerdotes egípcios ignoravam o modo de interpretar as Tábuas, mas recordavam que os Atlantes morenos as haviam deixado ali para serem entregues ao "Povo Eleito pelo Uno" como fundamento de uma Aliança Divina. Moisés recebe secretamente, então, as Tábuas de Pedra e parte com seu povo até o Monte Sion, onde Iahweh celebra com sua Estirpe a Aliança de Fogo, ***Berith Esch****, e revela a* ***Hokhmah*** *das Tábuas da Lei: a retribuição exigida por Iahweh ao Povo Eleito consistiria, como se desprende das declarações de Bera e Birsa, no Supremo Holocausto de Fogo,* ***Icheh****, de onde toma o nome o livro que os Imortais solicitaram aos quatro Sacerdotes no Castelo de Aracena.*

Resumindo, os Templários encontraram as primeiras Tábuas da Lei, o Livro de Raziel, que possibilitou à Igreja Golen obter a ***Hokhmah*** *para o Colégio de Construtores de Templos e lançar a revolução arquitetônica do gótico ou* ***gáulico****. Mas, mesmo que o decifrar matemático cabalístico, ou seja,* ***gemátrico****, do Livro de Raziel permitiu conhecer os segredos da Construção do Cosmo, certas imagens que* ***nele se viam*** *permaneceram incompreensíveis aos Golen cistercienses: foram estas visões, representadas simbolicamente pelos rabinos e Sacerdotes Golen, as que constituem o Livro* ***Sepher Icheh****. As figuras, referidas em grande medida ao Supremo Holocausto de Fogo, e intituladas em*

hebreu ou latim, recém começavam a ser compreendidas pelos Golen a partir das explicações de Bera e Birsa.

Hoje em dia, Dr. Siegnagel, acredita-se que somente exista ***um exemplar*** *do* ***Sepher Icheh****, o qual se guarda em uma Sinagoga secreta de Israel, a que somente têm acesso os Sábios de Sião: Eles não permitem que se realizem cópias do mesmo e somente autoriza aos mais elevados Rabinos e Iniciados da Cabala um contato visual, estando condenada a morte ritual qualquer representação ou reprodução posterior do observado. Contudo, fora desse exemplar israelita, existe* ***outra cópia*** *do* ***Sepher Icheh****: é a que o Inquisidor Ricardo "O Cruel", Ricardo de Tarseval, o pai de Lito de Tharsis, roubou na Grande Sinagoga de Granada, e que o último trouxera para a América em 1534. Trata-se de uma réplica bastante fidedigna do livro Templário, datada de 1333 em Granada, quer dizer, logo da dissolução da Ordem, e em segurança copiado do livro original que os Golen e Rabinos levaram consigo quando fugiram da França. Dessa edição granadina, que por séculos esteve num baú de nossa casa tucumana, lhe envio o fax da página 12 para melhor compreensão das descrições de Bera e Birsa.*



- Muito bem, Sacerdotes! – exclamou Bera, enquanto examinava atentamente a figura da página 12 do ***Sepher Icheh****. – Vossa ordem realizou uma Grande Obra ao representar em imagens a*

Sabedoria do Livro de Raziel. Mas o perigo de que tal **Hokhmah** *caia em poder dos gentios é enorme: devem, pois evitar as cópias desnecessárias deste livro e submete-lo ao mais rigoroso controle Que seria de nossos planos, que são os planos de* **YHVH**, *se os Gentios* **relembrassem** *do Segredo da Romã, da árvore* **Rimmon**, *praticamente revelado por este desenho? Que responderíamos se eles soubessem novamente que* **um pé de romã era a Árvore da Vida**, *a Árvore do Paraíso à qual não se deixou Adão se aproximar para evitar que conhecesse o Segredo da Vida e da Morte? Os Gentios já sabem que a Árvore da Ciência do Bem e do Mal era uma Macieira e a relacionaram com a Rosa, entendendo que se trata de uma família de plantas* **entre as quais se conta também o Amendoeiro**; *sabem, assim, que em todas elas há distintas partes de uma* **Mensagem única**, *de uma idéia plasmada pelo Criador Uno. Entretanto jamais conseguirão relacionar o pé de romã com nenhuma outra planta para formar família, pois* **Rimmon** *é o Arquétipo da Criação: nela se descobrirão elementos semelhantes aos de todas as outras espécies, mas ela mesma não se poderá ser derivada de nenhuma outra; como* **YHVH**, *os engloba a todos com sua Forma, mas ele não é englobado por ninguém. A missão que os encomendamos tem a ver com a Árvore da Vida, mas especialmente se refere a um de seus Frutos, o* **Sephirha Binah**, *no qual tereis de vos inspirar para combater a atroz heresia da Casa de Tharsis.*

- Sim, Sacerdotes! Ainda que a Estirpe de Tharsis tenha morrido, subsiste ainda o efeito de seus atos luciféricos, dos quais não é menor o Culto à Virgem da Gruta. Contra essa impostura começareis a lutar imediatamente, desenvolvendo o ataque de acordo com as instruções que os daremos agora! Nesse momento a História, que o Mui Santo desenhou para o Povo Eleito, nos sorri: prontamente será instaurada na Europa a Sinarquia Universal; logo surgirá o Governo Mundial do Povo Eleito, durante o qual se manifestará sobre a humanidade Gentia o irresistível Poder do **Messiah**, *por quem se oferecerá o Holocausto de Fogo. Mas antes que esse maravilhoso ato se concretize, lhes diria que nos dias de hoje, logo que possível,* **a Ordem de Melquisedec levantará no Sefard da Espanha um varão da Casa de Israel dotado do Verbo de Metatron; ele possuirá a Hokhmah necessária para fechar as Portas que abriram os Demônios Hiperbóreos e para abrir as Portas dos Palácios Celestiais, Hekhaloth, do Éden; o nome cabalístico deste Supremo Sacerdote é "Quíblon". Quíblon estará dotado de Grande Poder: se levantará do nada e arrastará a Espanha inteira atrás do Ouro que ele lhes oferecerá em abundância. Cega como Perseu, a Espanha levantará sua Espada e cortará Três Cabeças de Medusa em um golpe, além do Mar Tenebroso, em um novo Tártaro, cujo caminho ele lhes ensinará**.

- Prestai atenção, Sacerdotes, porque estamos profetizando! É a Palavra de **YHVH** *que brota de nossos lábios! Repetimos:* **Quíblon será enviado do Céu, um embaixador de YHVH. E deveis saber que esta região de Huelva foi assinalada por Melquisedec como assento da Embaixada de Quíblon, como porto e pousada de suas mágicas viagens. Sim; a terra onde se cometeu o maior sacrifício posterior à Atlântida, a terra onde os Atlantes brancos deram início a seu luciférico plano destinado a predispor o Espírito Não Criado para travar uma Batalha Final contra a Bondade do Criador Uno, esta terra, Sacerdotes, será redimida de seu pecado, bendita e santificada, pelo Triplo Holocausto de Quíblon**. *Por isso os fizemos saber, a seu tempo, que deveriam ocupar a Penha de Saturno: o fizeram?*

- Com efeito, ó Divinos **Aralim!** *– confirmou o Grande Mestre do Templo, que ainda aguardava a explicação sobre o Mistério da Pedra de Fogo. Apenas recebemos Vossa mensagem, solicitamos a autorização papal e nos apoderamos do Convento de lá Rábida, com o fim de estabelecer-nos no próprio local da Penha de Saturno.*

- Pois bem, ***deveis saber mesmo assim que*** *Rus Baal****, ou Penha de Saturno, é local consagrado a Binah, o Aspecto com o qual YHVH se manifesta como Grande Mãe: quando chegar Quíblon a este lugar sagrado, YHVH refletirá nele a Shekhinah e o dotará do Verbo de Metatron****. Quantas vezes desceu Shekhinah sobre a Terra?*

- Dez vezes ***frente a Israel!*** *– Se apressou a responder o Rabino Nasi:*

Primeira: no ***Jardim do Éden****: "E ouviram o rumor dos passos de* ***YHVH Elohim****, que passava pelo Jardim como brisa do dia, e o homem e sua mulher se esconderam da presença de* ***YHVH Elohim*** *por entre os arbustos do Jardim****" (Gen. 3, 8).***

Segunda: ***para observar a Torre de Babel****: "Desceu* ***YHVH*** *para ver a cidade e a Torre que estavam construindo os filhos dos homens****" (Gen. 11, 5)****.*

Terceira: em ***Sodoma****: "disse* ***YHVH****: vou descer, e verei se tem obrado em todo segundo o clamor que me chega; e se não, o saberei"* ***(Gen. 18, 21****).*

Quarta: ***na Sarça Ardente****: "Se lhe apareceu* ***YHVH*** *em uma chama de Fogo, em meio de uma sarça; e viu Moisés que a sarça ardia no fogo, mas não se consumia" (****Ex. 3, 2****).*

Quinta: ***no Egito****: "Eu desci, no Egito, para liberar a meu povo das mãos dos egípcios e faze-lo subir deste país a uma terra boa e espaçosa, a uma terra que mana leite e mel, ao lugar donde vivem os Cananeus, os Hititas, os Amorreus, os Periceus, os Heveus e os Jebuseus" (****Ex. 3, 8****).*

Sexta: ***sobre o Monte Sinai****: "****YHVH*** *desceu sobre o Monte Sinai, sobre o cume da Montanha. E* ***YHVH*** *chamou a Moisés de cima do Monte" (****Ex. 19, 20****).*

Sétima: ***sobre os Anciãos****: "****YHVH*** *desceu na nuvem e lhe falou; e tomou do Espírito que havia nEle e o pousou sobre os setenta anciãos. Prontamente como o Espírito se apossou deles, começaram a profetizar; mas logo não conseguiram faze-lo mais" (****Num. 11, 25****).*

Oitava: ***sobre o Mar Vermelho****: "Ele inclinou dos Céus e desceu, densas nuvens havia sob seus pés" (****IISam. 22, 10****).*

Nona: ***No Santuário do Templo****: "****YHVH*** *me disse: Esta porta permanecerá fechada. Não se abrirá para que ninguém entre por ela, porque* ***YHVH****, Deus de Israel, entrou por ela: por isso permanecerá fechada" (****Ez. 44, 2****).*

Décima: ***Ele virá na época de Gog e Magog****: "Sairá então,* ***YHVH*** *e pelejará contra aquelas Nações, como em outro tempo pelejou nos dias da Batalha (da Atlântida). Seus pés se posarão no Monte das Oliveiras que está à frente de Jerusalém, ao Oriente; e o Monte das Oliveiras se partirá pela metade até o Oriente e até o Ocidente, formando um vale imenso: a metade do Monte se apartará até o Norte e a outra metade até o Sul. E* ***YHVH*** *será Rei sobre toda a Terra. Naquele dia* ***YHVH*** *será único, e único será seu Nome. Todo o país se transformará em planície, desde Gueba até Rimmón, a saber, no Neguebe. Mas Jerusalém prevalecerá" (****Zc. 14, 3****).*

- E uma vez ***entre o Povo Eleito****! – somou o Abade de Claraval:*

Décima primeira: ***sobre o Messias****: "Apenas batizado Jesus, saiu em seguida da água; e nisto se abriram os Céus e viu ao Espírito de* ***YHVH*** *descer,* ***como uma Pomba****, e vir sobre ele, enquanto dos Céus saiu uma Voz que dizia* ***«Este é meu Filho amado, em quem me comprazo» (Mt. 3, 16)****.*

- Tomai nota, então, de ***outras duas vezes que Shekhinah descerá à Terra****! – A Décima primeira, que mencionou o Abade, está assinalado pela letra* ***Aleph (1)****, que rege a essência do* ***Ar****: foi uma descida pneumática, simbolizada pela ave do Estandarte de Israel. Isso significa que o Cristianismo constitui um* ***Holocausto de Ar*** *para* ***YHVH Shaddai****:*

A Décima segunda, que agora vos anunciamos, ocorrerá na Penha de Saturno, em Rus Baal, frente a Quiblon, quando Quiblon buscar ali a Inteligência da

Grande Mãe Binah: será esse uma descida assinalada pela letra Mem (13), que expressa a essência da Água. Isso significa que o Descobrimento de Quiblon constituirá um Holocausto de Água para YHVH Shaddai.

E a Décima terceira, sucederá durante o Governo Mundial do povo Eleito, então a Shekhinah descerá sobre o Messias, frente a Israel; e o Messias será Uno com Israel, e Israel será Uno com a Shekhinah, e Israel será Uno com YHVH e Israel será YHVH. Bendito seja o Mistério de Israel! E Israel Shekhinah acabará para sempre com todos os Gentios, *e com dois terços de seu próprio sangue,* ***propiciando o Juízo de Din Elohim Gibor, o rigoroso Juízo de Geburah; e Israel Shekhinah cumprirá a Sentença de YHVH Sebaoth,*** *que já vem sendo pronunciada nos Céus:* ***será esse uma descida caracterizada pela letra Sin (21), que define a essência do Fogo. Isso significa que a Sentença do Juízo de Din, do Juízo Final, constituirá um Holocausto de Fogo para YHVH Shaddai.***

Os quatro Sacerdotes atendiam com desmensuruado interesse as palavras dos Imortais, mas o mais impressionado de todos era o Grão Mestre do Templo, responsável direto da ocupação de Rus Baal desde o Convento de Nossa Senhora de la Rábida.

Vigésimo Oitavo Dia

*Rus Baal, a Penha de Saturno, se encontra a cinco quilômetros de Onuba, a atual cidade de Huelva, sobre una elevação de 37 metros de altura que domina a comarca de Palos, quer dizer, sobre a Margem esquerda da confluência dos rios Tinto e Odiel. Na época em que os fenícios conquistaram Onuba, edificaram o Templo de Rus Baal especialmente para satisfazer a solicitação dos comerciantes hebreus, que eram os que fretavam os navios para esses longínquos portos. Eram os dias de Salomão, quando a riqueza de Israel podia alugar a frota fenícia: "**Todos os copos que o Rei Salomão usava para beber eram de ouro, e todos os utensílios da casa do bosque do Líbano eram de ouro fino. Não havia nada de prata, não era apreciada nos tempos do Rei Salomão, porque o Rei tinha no mar uma frota de Tharsis, juntamente com a de Hiram; e a cada três anos chegava a frota de Tharsis, que trazia ouro, prata, marfim, macacos e pavões reais" [I Reis, 10,21].** Como se lê em outros capítulos do Livro dos Reis, Salomão, que possuía efetivamente a **Hokhmah**, descobriu que **YHVH** se manifestava também sob outros **Aspectos**, geralmente identificáveis com os Deuses estrangeiros, e lhes rendeu Culto, ou permitiu que os Sacerdotes o fizessem, lhes levantassem altares e Templos. Com "as frotas de Tharsis" viajavam pois os Sacerdotes que fizeram construir o Templo de **Rus Baal** na longínqua Tartéside. Duzentos anos depois de Salomão, e quinhentos anos antes da queda de Tharsis nas mãos de Cartago, colônia de Tiro, Isaías, que também possuía a **Hokhmah**, e conhecia então o plano dos Golen, pôde "profetizar" com precisão matemática seu próximo fim: **"Gemei,** naus de Tharsis**; que está devastado vosso porto". "Quem o planejou?" "YHVH Sebaoth o planejou para profanar o orgulho, para envilecer a glória de todos os Senhores desse país" [Isaías, 23,1]**. Mas nos dias de Salomão a colônia fenícia mais importante, além de Tiro, era Sídon, a cujo porto chegavam e partiam "as frotas de Tharsis": agora bem, **"Sídon"** não é nome fenício mas grego, país com o qual os homens púnicos estavam aliados contra os medos e persas; que significa esse nome, qual é sua origem? Pois nada mais nada menos que **"Grande Árvore Romã",** já que **Romã** em grego se diz **Side, Σιδη**; quanto à origem, os gregos a deram devido a um culto hebreu que ali se praticava sob os auspícios do Rei Salomão, isto é, o Culto **a Divina Mãe do Egito, Side, a Grande Granada Sábia; Rimmon Binah**, em hebreu. Side, como Anquinoe, era esposa de Belo nos mitos gregos.*

Os Sacerdotes hebreus transportaram de todo modo esse Culto à Grande Mãe Rimmon Binah às colônias fenícias e deram nome, entre outras, à atual cidade andaluz de Granada. Os fenícios, com efeito, fundaram uma feitoria fortificada a que chamaram Rimmon, em honra ao Culto praticado por seus principais clientes, no entanto os povos nativos iberos, que eram pelasgos como os etruscos, denominavam o fruto com a palavra **grana**, *que tem a mesma raiz que a romano-etrusca* **malum granatum**, *"fruto de muitos grãos". A aquela cidadela de comerciantes semitas, Rimmon, se chamou localmente de* **Granata, Granad e Granada**. *Na verdade, o local escolhido pelos fenícios para instalar sua feitoria era uma encruzilhada de caminhos ibéricos já ocupada pelos próprios iberos e pelos gregos, posteriormente pelos túrdulos, tartésios e celtas; mas sendo o objetivo principal o comércio, se entende que cada povo fortificasse sua base urbana particular e assim surgiram diversas cidadelas extremamente próximas, de tal modo que sua posterior união constituísse a moderna cidade de Granada. Existia por exemplo frente a Granada uma cidade antiqüíssima, contemporânea de Tharsis, chamada* **Vira** *ou* **Virya**, *em língua indo-européia, segundo se pronuncie em sânscrito ou irani, e que significa* **Homem Semidivino, Herói, Homem que participa da Divindade, Guerreiro Sábio**, *etc. Ambas as cidades, uma povoada por partidários do Pacto de Sangue, Vira, e a outra por defensores e propagadores do*

Pacto Cultural , Granada, não podiam mais que viver em permanente conflito. No entanto, o tempo mostraria que pelo menos nesse caso, o Deus de Granada era mais forte que o Deus de Vira, e Granada acabou dominando Vira e as outras cidades, e as absorvendo dentro de suas muralhas. Isso os hebreus tomaram como signo inequívoco de seu destino messiânico e não o esqueceriam nunca.

*Não se deve confundir Vira com Iliberi***, Iliberri ou Eliberi, a Eliberge** *que mencionava o grego Hécato, pois eram cidades distintas. Durante a dominação romana as cidades ainda estavam separadas, e tal situação se manteve inclusive com os visigodos.Os árabes, em compensação pelos favores prestados para sua invasão, concedem aos hebreus o controle da cidade de Granada, ou* **Garnatha** *de acordo com a nova denominação; a partir de então se refeririam a ela como "o Castelo dos judeus". Mas ainda fazem mais: logo de destruir Iliberri, instalam-se em* **Castala, Cazala ou Gacela***, mais comumente conhecida como* **Casthilla***, outra cidade contígua, e favorecem a expansão econômica de Medinat Garnatha, a "Mansão dos Judeus". É o fim de* **El-Vira***, ou* **Elvira***, cujos habitantes devem capitular a milhares de anos de resistência, abandonar a colina do mesmo nome e mudar-se para Garnata. O mesmo ocorreria com Medinat Alhambra e Medinat Casthilla: todas acabarão caindo sob o controle dos "judeus de Granada". No século XIII, quando ocorrem os fatos narrados, só subsiste o Reino árabe de Granada, estando a cidade composta pelo influente "bairro judeu" situado na primitiva localização do Castelo de Granada, o bairro árabe de La Alhambra, o bairro moçárabe de Casthilla, de antiga raiz galo-romana, e a despovoada Elvira. Por último, agregarei que se os hebreus denominam a romã "rimmon", os árabes a conhecem por "roman", o que explica o porquê de, por algum tempo, a cidade ter se chamado* **Hizn-Ar-Roman***, significando "Castelo de Granada". Mas em um idioma ao outro se comprova que o significado do nome não mudou em milhares de anos.*

É à luz daquela atividade missionária dos Sacerdotes hebreus que viajavam nas "frotas de Tharsis", que deve se observar a fundação do Templo de Rus Baal, ou a Penha de Baal. Os fenícios consagravam cada cidade a Baal e designavam a este com um nome particular: assim, o Baal dos sidônios se chamava Baal-Sídon, o dos de Tiro, Baal-Tsur, e o dos habitantes de Tharshish, Baal-Tars. Dos três Aspectos principais de Baal, isto é, Baal Chon, o Produtor, Baal Tammuz, o Conservador, e Baal Moloch, o Destruidor, os hebreus aceitavam ao último como personificação de **YHVH Sebaoth***, o Aspecto* **Netsah** *de "***YHVH** *dos Exércitos", que conduz à* **Vitória** *pela destruição dos inimigos do Povo Eleito ou* **Shekhinah***. O Templo de Rus Baal estava dedicado no entanto ao Culto de Baal Tammuz ou Jehova Adonai. Quando a Casa de Tharsis se encarregou daquele Senhorio ibero, já livre dos fenícios depois de sangrenta guerra, impediu que se continuasse com o Culto de Baal Tammuz-Jehova e dedicou no lugar, num primeiro momento, ao Culto do Fogo, e numa segunda instância cultural, ao Culto do Fogo Frio.*

Logo da invasão de Amílcar Barca, e da destruição do Império tartésio, os Golen estabeleceram o Culto a Baal Moloch em Rus Baal, até a reconquista romana. Foram estes que reconheciam em Baal Moloch e Jehova ao Deus Saturno, que denominaram "Penha de Saturno" a Rus Baal. Mas Saturno não era outro senão o Deus grego Kronos ou Xhronos, que então se encontrava ativo no panteão romano; os Sacerdotes de Saturno, como se verá, só substituíram o Culto de Saturno pelo de sua neta, Proserpina ou Perséfone. É fácil demonstrar, comparando o mito hebreu com o grego, que Jehova é equivalente a Kronos e portanto a Tammuz, a Moloch e a Saturno. Para começar, Kronos é filho de Oranos (Urano), o Céu Supremo, como **YHVH Elohim** *o é de* **Ehyeh***: e ambos, Kronos e* **YHVH Elohim***, são Deuses do imanente Tempos do Mundo, Xronos ou* **Berechit***. E, o mais importante: ambos são* **inimigos** *dos Cíclopes, quer dizer, dos Atlantes Brancos. A respeito, convém relembrar o que contam os Mitos gregos sobre Oranos, Kronos, Zeus, Demeter e Perséfone, e esclarecer tais lendas por meio da Sabedoria Hiperbórea.*

Urano é o Supremo Céu, Pai dos Titãs, das Titânides, dos Cíclopes e dos Hecatonkiros, gerações de Deuses das quais descendem todas as demais divindades gregas e o gênero humano. Vale dizer que Urano é outra representação da Origem, da qual vieram ao Universo seu próprio Criador, Jehova-Satanas, e os sucessivos Espíritos Hiperbóreos, os primeiros "Deuses", tanto os "Traidores" que encadearam seus Camaradas ao animal-homem, quanto os "Leais" ou "Libertadores" que procuram sua orientação e regresso à Origem. Mas um dos filhos de Urano, Kronos-Jehova ***castra*** *seu pai e declara guerra aos Cíclopes, aos que impede de habitar em sua morada habitual e precipita no Tártaro Infernal. Isto quer dizer que Kronos-Jehova* ***fecha o acesso à Origem****, ponto de procedência e regresso de todos os Espíritos Não-Criados como Ele mesmo,* ***"castrando" o Princípio Gerador dos Deuses****, evitando seu* ***nascimento*** *Divino. Vê-se envolto, então, numa guerra com os Cíclopes. Mas quem eram os Cíclopes? Os Atlantes Brancos, os Construtores de Armas da Atlântica: segundo as lendas gregas, os Cíclopes fabricaram o arco e as flechas de Apolo, o Hiperbóreo, e as de sua irmã Ártemis, a Deusa Ursa; anteriormente, durante a guerra de Kronos-Jehova, tinham providenciado para Zeus as Armas do Trono, do Relâmpago e do Raio; a Poseidon, Rei da Atlântida, a Arma do Tridente; e a Hades ou Vides, o famoso Capacete da Invisibilidade. Logo da Batalha da Atlântida, e do Cataclismo que submergiu seu continente, os Atlantes Brancos tiveram de marchar para as regiões infernais, onde só habitava o animal homem, e as Raças híbridas mais degradadas da Terra: é então quando a lenda representa os Cíclopes, Construtores Divinos, vagando por regiões infernais. E durante seu trânsito por aquelas terras de loucura, já o vimos, iam seguidos de perto pelos Atlantes morenos, sequazes de Kronos-Jehova.*

Mas Kronos, apesar de todos seus esforços, não pode impedir que ***nasça*** *Zeus,outro Filho da Origem. A imagem de Zeus foi atrozmente degradada pelos Sacerdotes do Pacto Cultural, mas remontando às versões mais antigas do Mito, é possível reconhecer nele a Kristos Lúcifer, o Senhor de Vênus que desceu à Atlântida para* ***trazer o Gral*** *que possibilitaria orientação e libertação do Espírito encadeado à Matéria,* ***o despertar do Espírito do Homem****. Por isso Zeus é aliado natural dos Cíclopes, quem lhe providenciam as Armas com as que vence a Kronos-Jehova em companhia de Poseidon e de Hades, e com o apoio técnico dos Cíclopes. Uma vez vencedores, numa primitiva versão da Batalha da Atlântida, os Deuses se instalam em determinadas partes do Universo: Zeus-Lucifer vai ao Olimpo, quer dizer a K'Taagar, mas através de sua Porta, seu verdadeiro domicílio é "no Céu", quer dizer, em Vênus; Poseidon na Atlântida, como Rei, e também como Deus do Mar; e Hades vai igualmente a K'Taagar, mas sem voltar a Vênus como fizera Kristos-Lúcifer, mas permanecendo como Senhor da Morada terrestre dos Deuses Libertadores do Espírito do Homem, um lugar que os Sacerdotes do Pacto Cultural, segundo expus no Décimo Dia, identificariam com o Tártaro infernal: Hades é pois Vides, o Senhor de K'Taagar.*

Com Deméter, uma ***Filha*** *da Origem, Zeus procria a Perséfone, quer dizer, a Proserpina, a Deusa que os Sacerdotes romanos de Satuno-Kronos-Jehova evocaram em Rus Baal para seu Culto e a que dedicaram o Templo Cartaginês de Baal Moloch-Jehova. Esta era uma Deusa Cruel, que habitava no Tártaro infernal junto a Hades e conciliava perfeitamente com aquela remota região da Tartéside, célebre pelas antigas lendas que a assinalavam com a residência da Medusa. Deméter era a Deusa do Trigo, que entregou aos homens pela primeira vez, e vivia junto a Zeus no Olimpo. Não teve outros filhos salvo Perséfone, que foi raptada por Hades e conduzida ao Tártaro a uma Mansão que requeria atravessar o País dos Mortos para chegar a ela. Conta o Mito grego que então, entristecida por sua ausência, Deméter abandona o Olimpo e desce à Terra para buscá-la, porque ignorava seu paradeiro infernal. Se inteira assim que Zeus foi cúmplice de hades no Rapto. Durante* ***nove noites*** *Deméter busca em vão a Perséfone, portando uma tocha em cada mão; ao fim, guiada por Hécate, a Deusa da Feitiçaria, a quem encontra* ***na encruzilhada de uns caminhos****, averigua que Perséfone se acha no País dos*

Mortos. Desce até ali sozinha, para comprovar que o regresso definitivo de sua filha é impossível: Perséfone **comeu** *um grão de romã e já não pode voltar ao mundo dos vivos, pois* **todo aquele que prova um alimento no País dos Mortos, fica ali prisioneiro para sempre: nos Infernos é preciso fazer jejum para evitar a Morte**. *Ao fim, Deméter volta ao Olimpo com Perséfone, que não obstante deve voltar periodicamente ao Inferno para* **realizar a Morte**. *O Mito de Perséfone formava parte dos Mistérios de Eleusis, onde era explicado esotericamente aos Iniciados. Os atributos de Deméter, por outra parte, eram a* **Espiga de Trigo** *e o* **Grou**.

Até aqui o Mito grego; mas o que se oculta por trás da lenda de Deméter e Perséfone ou Proserpina? Já expliquei que Hades é nome degradado de Vides, o Senhor de K'Taagar, ao que a conspiração do Pacto Cultural equiparou a um Deus que é Senhor do Inferno ou Tártaro. Do mesmo modo, os Sacerdotes jogaram ali Perséfone, uma antiqüíssima Deusa Atlante Branca – a quem me refiro? Pois a Frya, a Esposa de Navutan. A fim de descobrir os verdadeiros fatos por trás da história de Perséfone e interpretar o movimento da calúnia, deve-se ter presente que para os Atlantes Brancos, como para todos os membros da Raça Hiperbórea, a "Esposa" é também a "Irmã", identidade que vai mais além de uma simples associação simbólica, e remete ao Mistério da Parelha Original dos Espíritos Não-Criados. Frya, além de Esposa, é aqui "Irmã" de Navutan, e portanto, **Filha, como este, de Ama**, *a Virgem de Agartha ou K'Taagar, a quem os Sacerdotes gregos do pacto Cultura equiparavam a Deméter,* **a Deusa que entregou aos homens, pela primeira vez, a Planta do Trigo, a Portadora da Semente**. *Daí que não se mencione nunca* **um Filho** *de Deméter, ao que teria concebido sendo Virgem em Vênus, quer dizer, no Olimpo, como relatei no Décimo Segundo Dia. Seu Filho espiritual, Navutan, se auto-crucificou na Árvore do Terror, a Romã da Vida, para descobrir o Segredo da Morte, e seria sua Esposa Frya quem o ressuscitaria ao revelar-lhe com sua dança o Segredo da Vida e da Morte. É por isso que as lendas só mencionam Frya-Perséfone cuja memória estava muito arraigada nos povos do Pacto de Sangue, e lançam um manto de tabu sobre a Façanha de Navutan: os Atlantes morenos, e os Sacerdotes do Pacto Cultural, desejavam ocultar por todos os meios o posterior legado que o ressuscitado Grande Chefe Branco deixara aos homens, o* **Mistério do Labirinto**.

Foi Navutan, com efeito, o verdadeiro inspirador do Mistério do Labirinto, em cujo trajeto se administrava ao Iniciado Hiperbóreo um signo chamado **Tirodinnguibur**, *formado com Vrunas Não-Criadas. Tal signo permitia ao Espírito encadeado despertar e se orientar até a Origem, achando a saída do* **Labirinto de Ilusão** *no qual se achava extraviado. No entanto, como no caso da Façanha de Navutan, a saída nunca poderia ser achada se o Herói não conta com a ajuda de sua Parelha Original: de outro modo pode morrer, espiritualmente, ao cabo de nove noites pendurado na Árvore do Terror. É assim que a charlatanice cultural dos Sacerdotes pretende que Ama - Demeter busque a Frya-Perséfone durante* **nove noites**. *Quem a guia finalmente é Hécate, com quem coincide numa* **encruzilhada** *de caminhos, quer dizer, no interior de um Labirinto: Hécate é pois uma representação* **geral** *do que seria* **individualmente** *Frya para Navutan: a Parelha Original. Para os gregos antigos, em todas as encruzilhadas de caminhos se encontrava Hécate, pronta para orientar o viajante perdido para seu melhor destino, símbolo que como se vê vinha de muito longe. No entanto a esta Maravilhosa Deusa, a que se erigiam estátuas tricéfalas que indicavam a tríplice natureza do homem branco, Corpo físico, Alma e Espírito Não-Criado, se acabou convertendo finalmente em Deusa da Feitiçaria e Bruxa, conseqüência do Pacto Cultural.*

Naturalmente, o "rapto" de Frya-Perséfone é um rapto espiritual realizado por Ela mesma para ressuscitar seu Esposo, quer dizer, é o impulso de um êxtase sagrado. Zeus-Lucifer, presumidamente o Pai do próprio Navutan e Hades-Vides, o Senhor de K'Taagar, são os "Sábios de Hiperbórea" a quem ela consulta sobre o modo de salvar a Navutan. E o conselho que recebe Deles é o que a convence a descer ao Inferno da Ilusão, ao país dos "espiritualmente" Mortos, quer dizer, a Terra, ao Mundo dos

Homens Adormecidos. E é sabido, que quem se "alimenta" da Ilusão, quem deixa entrar dentro de Si Mesmo o Grande Engano do Uno, fica encadeado para sempre na Matéria, já não pode voltar à Origem, se extravia no Labirinto Encantado da Vida Quente. No entanto, Frya não tinha provado do Fruto Proibido, era livre de regressar, se desejava, à Origem, portadora do Segredo da Morte: foi sua decisão ressuscitar Navutan, revelando-lhe mediante a dança o conhecimento da Chave Kâlachakra. ***Mas, para ele, teve de acreditar na Morte, teve de comer*** *um grão de Romã* ***e se transformar em Perdiz, teve de transcender a Máscara da Morte e chegar ao Fundo de Si Mesmo de Navutan****. E Navutan, ao ver a Morte de frente, despertou e compreendeu a Morte, ressuscitando logo e descobrindo para os Homens Adormecidos o Segredo do Labirinto. Mas nesse legado, Navutan comprometeu sua Divina Esposa, quem aceitou permanecer periodicamente no Tártaro Infernal, quer dizer, no Mundo dos Homens Adormecidos e se mostrar diante deles com a Imagem da Morte: para que eles a transcendam no Mistério do Fogo Frio e ressuscitem também como Homens de Pedra, como Iniciados Hiperbóreos, como Guerreiros Sábios.*

Um pálido reflexo desta parte da história se conserva na lenda da jovem Perdix, "Irmã" e portanto Esposa de Dédalo, o "inventor" do Labirinto, ou seja, de Navutan: quando Perdix caiu de um abismo, a Deusa da Sabedoria, Atenea, teve piedade dela e a converteu em Perdiz, de onde surgiu a crença grega que a dança da perdiz resolvia o enigma do Labirinto, e que deu lugar a um Colégio de Sacerdotisas empenhadas em reproduzir a mencionada dança.

*Já expliquei que Kronos-Saturno-Jehová "****fecha o acesso à Origem, ponto de procedência e regresso de todos os Espíritos Não-Criados****", quer dizer,* ***corta o Caminho até a Saída do Labirinto****. No Mito cretense, o inventor do Mistério do Labirinto é Dédalo-Navutan, e quem corta o caminho para a saída é o Minotauro, um ser metade homem metade touro. Mas o Deus que também tinha pés de touro era Dionísio, o Deus do Vinho, classicamente associado a Jehova pelos hebreus antigos, que viam em ambos o Deus da Cevada. Fecha-se assim um círculo traçado pelos Sacerdotes do Pacto Cultural no qual se unem, em diferentes épocas e lugares, as representações de Kronos, Saturno, Jehova, Dionísio e o Minotauro ou Guardião da Saída.*

Por último, direi que já em tempos do Profeta Amós, século VIII A.J.C, a identidade de Jehova e Saturno estava estabelecida, e aceitada pelos Sacerdotes: ***"Vós haveis levado ao Santuário a Sacut, Saturno, o ídolo de Vosso Deus; mas Eu Os deportarei mais além de Damasco – disse YHVH, cujo nome é Adonai Sebaoth" [Amós 5,16]****. Mas a situação não mudou depois do Cativeiro, posto que na época do profeta Ezequiel, século VI A.J.C., se adorava indistintamente a Jehova ou a Tammuz Adonis, quer dizer, a Adonai:* ***"Logo me levou à entrada da porta do Templo de YHVH que olha para o Norte, e vi que havia ali mulheres sentadas chorando a morte de Adonis (Rimmon) Tammuz" [Ezequiel, VIII, 14].***

Vigésimo Nono Dia

Para compreender agora o porquê do Culto a Proserpina em Rus Baal, deve-se adiantar bastante no tempo histórico, e chegar a uma época em que os Sacerdotes do pacto cultural tinham conseguido confundir profundamente as características individuais de Demeter-Ama e de Perséfone-Frya, as que se nomeava simplesmente como "as Deusas". O propósito dos Sacerdotes era substituir as Deusas Hiperbóreas Atlantes pela imagem da Grande Mãe Binah, um dos Aspectos de ***YHVH****, o Criador Uno. É aqui onde deve se situar a origem do mito de Adonis, nome grego de Adonai o Senhor* ***YHVH****. Segundo o Mito grego, a mãe foi Mirra, a que os Deuses converteram em árvore quando estava grávida de Adonis; Mirra, o mesmo vegetal que um dos Reis Magos do Oriente, enviados da Fraternidade Branca, oferece ao menino Jesus. Aos dez meses, a Árvore de Mirra dá à Luz Adonis, uma criança que representa a beleza, que não é mais que um modo simbólico de dizer que* ***Tiphereth****, a Beleza no Coração de* ***YHVH****, um de seus Dez Aspectos, nasce da Árvore da Romã. Segue o mito confirmando que Afrodite, a Deusa do Fogo Quente no Coração, se apaixona pelo jovem e o entrega aos cuidados de* ***Perséfone-Proserpina****. Já temos presente pois a Grande Mãe Binah, o Aspecto "Inteligência" de* ***YHVH****. As duas Deusas, Afrodite e Perséfone, terminam rivalizando pelo amor de Adonis-Adonai, o que significa que no animal homem, homem comum, imagem de Adão, é normal que entrem em conflito o Fogo Quente no Coração, Tiphereth, e a Inteligência que Binah infunde no Cérebro.Essa ambivalência se vê na indefinição do Mito: Adonis-Adonai deve se contentar com permanecer alternativamente com cada uma das Deusas, ainda que a preeminência dos Sacerdotes conceda ao Coração como assento da Alma, e quis que o Belo Deus "passasse mais tempo com Afrodite do que com Perséfone". Ao coração está ligado o símbolo da Rosa, e é assim que a morte de Adonis-Adonai traz ao mundo as rosas vermelhas, nascidas das gotas de sangue de sua ferida: é Ártemis, a Deusa Ursa, quem faz com que um javali fira mortalmente ao Deus. A oposição entre o Javali, uma das Manifestações de Vishnu, e o Urso é um tema clássico da Sabedoria Hiperbórea. Só direi aqui que o Javali está relacionado ao Mistério dos Golen, como se viu durante o assassinato das Vrayas de Tharsis, e que o Mito indica alegoricamente* ***um Grau*** *alcançado por eles, um nível hierárquico que lhes permitirá levar adiante o estandarte de Israel quando o próprio Povo Eleito se veja impossibilitado de fazê-lo, quando Adonis-Adonai sangre momentaneamente no Pardes Rimmonim para criar as rosas que florescerão durante a Sinarquia Universal.*

Na Frigia, os Golen oficiaram como Sacerdotes de Cibele e adotaram a prática da Sodomia ritual, vício que ainda subsiste nos altos graus da Maçonaria por eles criada. O Mito frígio de Adonis-Adonai era o de Atis, em cujo Culto os Golen desenvolveriam um protagonismo fundamental. Ali a Grande Mãe Binah se chamava Cibele, Deusa que propiciava escandalosas orgias e exigia que seus "Sacerdotes do Cão" fossem eunucos: no curso do Culto era comum que, levados pelo frenesi orgiástico, muitos participantes se castrassem voluntariamente, como o Arquétipo Atis, passando a integrar logo, se sobreviviam à mutilação, à coorte de sodomitas que adoravam e serviam à Deusa.

De acordo com a lenda frígia, Cibele era adorada como Pedra de Fogo; desejoso de copular com ela, Zeus-Hokhmah deposita sobre a Pedra seu sêmen, ato que engravida a Deusa. Nasce assim Agdistis, um ser hermafrodita a quem Dionísio-Jehova embriaga e castra, com o fim de individualizar seu sexo. Da ferida de Agdistis jorra sangue abundante, o que se transforma na ***Árvore Romã****, razão pela qual Atis, como Adonis, se chamava Rimmon, Romã. No entanto, o falo mutilado de Agdistis, jogado na Terra, se transforma por sua vez* ***no Amendoeiro****, um membro da família das rosas. Uma romã, fruto da árvore de Agdistis, deixa grávida Nana, filha do Deus Rio Sangario. Dessa gravidez nasce Atis, um Belo Deus semelhante a Adonis; e como por Adonis lutarão também por Atis a Grande Mãe*

Binah e a Deusa do Fogo Quente no Coração, Thifereth: Agdistis, agora convertido em mulher, se apaixona por Atis assim como Cibele, com quem deve disputar os favores do Belo Deus. Evidentemente Atis é um Adonis frígio, um representante da Beleza de ***YHVH*** *no Coração, pretendido ao mesmo tempo pela Grande Mãe Binah-Cibele e por Thiphereth-Agdistis-Afrodite.*

Mas o mito frígio tem mais detalhes. Atis, enlouquecido por Agdistis, se castra e morre, a origem da mutilação durante o Culto de Cibele. A Deusa o sepulta e planta sobre sua tumba um amendoeiro. Atis foi pois um eunuco e um sodomita, assinalado pelos símbolos da ***Romã*** *e do* ***Amendoeiro****, o que prova claramente que a origem do mito é hebréia. Lembre, Dr. Siegnagel, por outra parte, que os* ***Jacobinos*** *que produziram a Revolução Francesa, cujos chefes eram judeus e Golen, se identificavam com o* ***gorro frígio****, quer dizer, com o gorro dos* ***Sacerdotes da Frígia****, o qual tem forma de* ***prepúcio cortado*** *para indicar o caráter sodomita dos Sacerdotes da Grande Mãe Cibeles-Binah, a "Deusa Razão" dos enciclopedistas. Não deve surpreender, a esta altura, que tenha sido Dionísio, um Deus da Cevada como Jehova, quem castrou Agdistis depois de embriagá-lo com vinho de cevada. Jehova tinha santificado o Sábado, o dia em que todo o Mediterrâneo se dedicava ao Culto de Saturno e ao que estava dedicado a* ***Romã****. Saul,* ***o primeiro Rei de Israel****, consagrou o Reino, Malkuth, à Romã que representava* ***YHVH****. Dionísio, o dos pés de touro e coturno, era um Deus coxo, assim como o Minotauro, assim como coxeante é a Dança do Labirinto que dançavam, e ainda dançam as perdizes macho. Esta dança era executada pelos Sacerdotes hebreus de Baal Tammuz Adonis nos tempos de Elias, século IX AJC:* ***"Tomaram os Sacerdotes o novilho que trouxeram e, depois de prepará-lo, estiveram invocando o Nome de Baal Tammuz Adonis desde a manhã até o meio dia, dizendo: Baal, respondei-nos! Mas não houve nem Voz nem Resposta. Entretanto,*** *eles dançavam mancando* ***junto ao altar que tinham feito" [I Reis, 18,26]****. A palavra hebréia* ***Pesach****, que designa a Páscoa, significa justamente "dança manca" devido a que aquela festa era uma e a mesma que a de Baal Adonis, o Deus Rimmon que tinha sido morto por um Javali: essa identidade é a origem da proibição hebréia de comer carne de porco aos sábados. Ademais, a tradição levítica decretava que o cordeiro pascal, a vítima do holocausto da Páscoa, fosse servida sobre uma tábua de madeira de um pé de Romã.*

A romã era a única fruta que se podia introduzir no Sancta Sanctorum e o Supremo Sacerdote, ao fazer a entrada anual no Templo, levava costuradas em seu efod pequenas bordas com forma de romã. O rolo da Torah se envolvia sobre um rolo chamado ***Es Chajim, Árvore da Vida****, o qual se achava decorado nos dois extremos por duas romãs talhadas. E o candelabro* ***óctuplo****, Chanukah, possui uma romã coroando cada braço, nos que brilha Yod, o Olho de* ***YHVH****. O candelabro de* ***sete braços****, Menorah, tem sete cálices de* ***Flor de Amendoeiro****, que relembram a instituição do Sacerdócio de Aarão, quando floresceu a* ***vara de Amendoeiro*** *que lhe dera Moisés:* ***"E sucedeu que, quando ao dia seguinte entrou Moisés na tenda do testemunho, a vara de Aarão, a da Casa de Levi,*** *tinha brotado flores, e produzido amêndoas"* ***[Números, 17,23]****. Para perpetuar a memória desse milagre, disse* ***YHVH: "Farás um candelabro de ouro puro, tanto a base quanto o talo. Seus cálices, botões e flores formarão corpo com ele. Seis braços sairão de seus lados, três braços de um lado do candelabro e três braços do outro.*** *Três cálices como Flor de Amendoeiro* ***terá o primeiro braço, [...]; igualmente o segundo; etc" [Êxodo, 25,31]****. E, segundo a visão do Profeta Zacarias,* ***"Estas sete lâmpadas são os Olhos de YHVH que percorrem toda a Terra" [Zacarias, 4,10]****, quer dizer, uma representação da Shekhinah.*

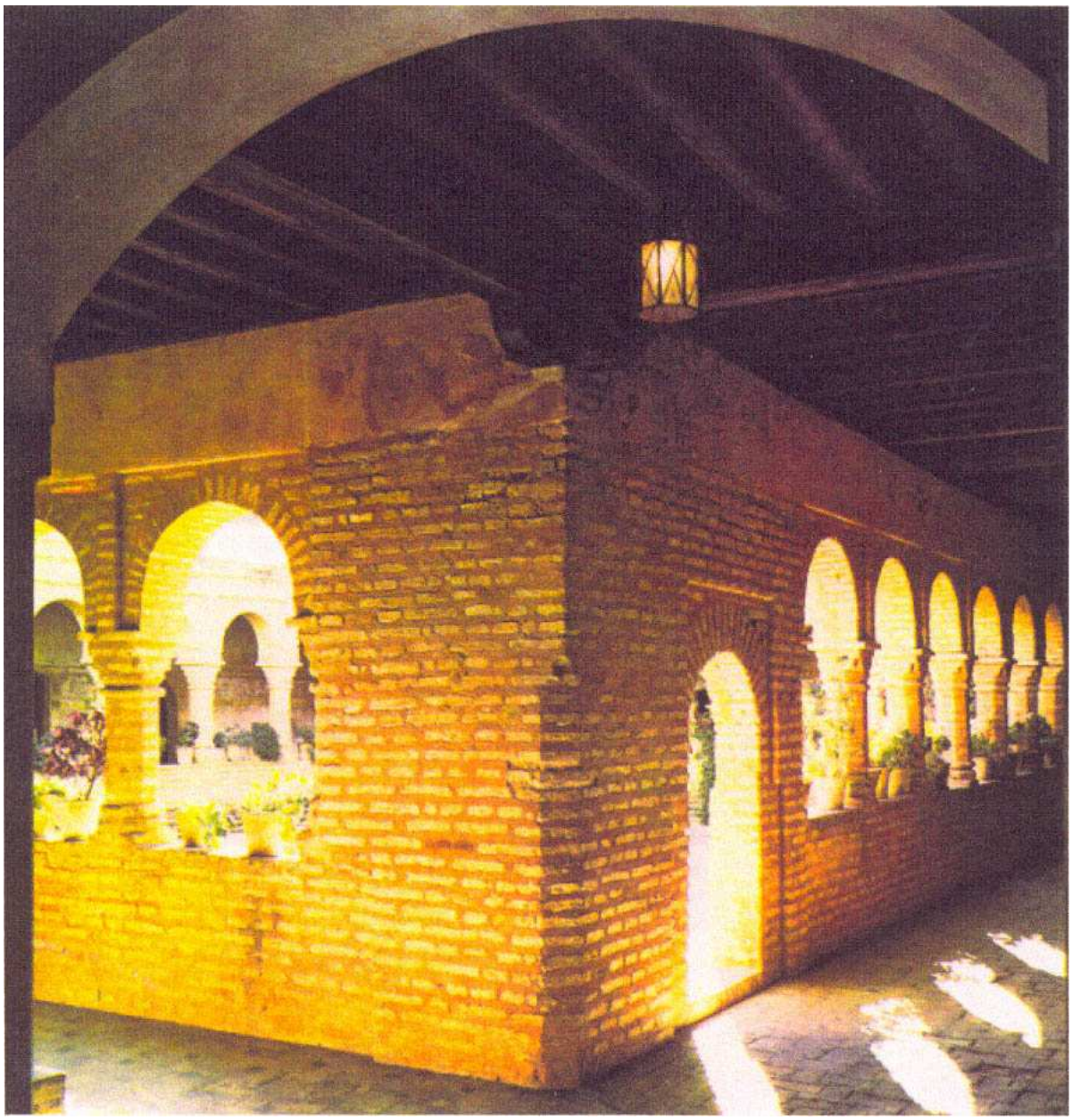
Os Cultos de Rus Baal, o antiqüíssimo de Baal Tammuz Adonis, praticado pelos Sacerdotes hebreus, e o de Baal Moloch, oficiado pelos Golen, foram interpretados pelos romanos como formas de

adoração a Kronos-Saturno, um Deus equivalente a Jehova-Adonai ou Rimmon-Atis-Adonis-Dionísio. Desde o século III A.J.C, os Sacerdotes do Pacto Cultural, que proliferavam em Roma, dedicam Rus Baal ao Culto de Proserpina ou Perséfone, a amante infernal de Adonis; na mesma época e a escassa distância, os Senhores de Tharsis se consagram ao Culto de Vesta, a Deusa do Fogo do Altar, atrás da qual ocultam sua concepção do Culto do Fogo Frio. Os dois Cultos opostos, o do Fogo Frio de Vesta de Tharsis, e o do Fogo Quente de Proserpina de Palos, se desenvolveram simultaneamente sem que nenhum tentasse superar o outro. E vale a pena repetir que aquela versão de Proserpina equivalia a uma Perséfone tardia, mais próxima da Grande Mãe Cibele Binah do que da Perséfone antiga, ou Frya, a Esposa de Navutan.

No século II D.J.C, sempre furtivamente, chegam Bera e Birsa a Huelva; mas essa vez não atacam a Casa de Tharsis mas se dirigem a Rus Baal, ***"para supervisar o Culto de Proserpina por encargo de Melquisedec", um Supremo Sacerdote da Fraternidade Branca****. Logo da partida dos Imortais, o Templo da comarca de Palos começa a ganhar fama pelos milagres que protagoniza a Deusa, o principal dos quais consiste na* ***cura da hidrofobia****: de todas as regiões da península e mesmo de ultramar, acudiam então os mordidos e infectados por mordidas de cães para recuperar a saúde perdida. Agora, quando ouviram Birsa dizer "****contra os cães, a ilusão da raiva****", compreenderam os quatro Sacerdotes que aqueles milagres antigos estavam relacionados com os poderes de Bera e Birsa.*

Um século depois, no ano 159, o missionário Ciriaco converte o Culto de Rus Baal em cristão pelo simples trâmite de identificar Proserpina com a Virgem Maria, chamada desde então "Nossa Senhora da Raiva", posto que a Deusa continuasse curando a hidrofobia. Mas então, como Maria "Mãe de Deus", Proserpina-Perséfone era já imagem acabada da Grande Mãe hebréia Binah. O nome "de la Rábida" – "da Raiva" – foi pois quinhentos anos anterior à denominação ***Rapta ou Rápita*** *com que os árabes assinalavam a estrutura edificada em Rus Baal, sobre os cimentos da antiga Capela de Nossa Senhora de La Rábida. Produzida a Reconquista, o prédio passou para as mãos dos monges solitários de São Francisco, que construiram o Convento com suas dimensões atuais, mas logo foi concedido pelo Papa aos Templários, que o ocuparam até a dissolução de sua Ordem. O Bispo São Macário, para celebrar a liberação do Convento, fez doação ao soldado Constantino Daniel de uma escultura que a tradição atribuía ao Apóstolo São Lucas e que representava a Virgem Maria.*

No momento em que estou evocando, quando os Imortais Bera e Birsa se achavam reunidos com os quatro Sacerdotes no Castelo de Aracena, aquela escultura ainda se encontrava no Convento de la Rábida, em Rus Baal, frente à comarca de Palos.



Convento de La Rábida

Trigésimo Dia

Os quatro Sacerdotes de Jehova Satanás refletiam sobre o Anúncio dos Imortais: proximamente ocorria a décima segunda manifestação da Shekhinah, muito perto dali, em Rus Baal; e eles seriam protagonistas daquele extraordinário portento: só outro Sacerdote de Israel poderia compreender o êxtase que experimentavam os quatro ante semelhante possibilidade! Porque só a Alma de um judeu é capaz de compreender a Shekhinah! O mais emocionado era o Grão Mestre do Templo: - "Oh, que grande honra, pensava estremecido, que a minha Ordem se tenha confiado a custódia de tão sagrado lugar! Deus mesmo descerá agora em meio de nós!". E nesse estilo cada um dava renda solta a suas fantasias rabínicas e Golen.

– Com efeito, Sacerdotes! – aprovou Birsa, adivinhando o pensamento dos presentes – vós contribuireis como ninguém para executar os Planos de Deus! Milhares de monges Golen e de Doutores hebreus trabalham para instaurar a Sinarquia Universal: todos eles gozam do favor de Elohim e serão recompensados magnificamente! Mas só vós quatro conheceis hoje o Anúncio da Shekhinah: e só a Vós, e a quem vós chamareis para colaborar, ***YHVH*** *Sebaoth considerará responsáveis do Holocausto de Água que Quíblon lhe oferecerá em seu dia! Alegrai-vos pois, Sacerdotes, porque o Tríplice Holocausto de Quíblon, um dos mais sangrentos da História, os será atribuído* ***se cumprires com a Missão que lhes encomendamos****! Dela depende que se realize o desígnio de* ***YHVH****; sobre ela repousa, Sacerdotes, um dos pilares da História!*

- Agora que o Mal foi extirpado em Huelva – prosseguiu Bera – agora que o Sangue de Tharsis se converteu em lixívia, ***os encarregaremos de uma Missão muito simples,*** *a de afirmar o Bem sobre a Terra!* ***E o Bem é YHVH!*** *E* ***YHVH*** *só pode descer em Terra Santa. A vós corresponde, Sacerdotes de* ***YHVH, purificar a Terra****. – o olhar de Bera era interrogador.*

- Sim, - exclamaram Nasi e Benjamin em uníssono – ***Purificar a Terra é tarefa de Sacerdotes! Santificá-la é faculdade de YHVH!***

- De acordo, Sacerdotes: Nós, os Representantes de Melquisedec, os ordenamos: ***purificai essa terra de Huelva, apagai todo o vestígio do Mistério do Fogo Frio, limpai a Mancha do Culto à Virgem da Gruta! Sobretudo, eliminai a memória dessa tenebrosa Deidade! Pois não haverá paz, nem na Terra nem no Céu, e Rus Baal não será Terra Santa, enquanto perdure a Presença perturbadora da Virgem de Agartha portando sua Semente Maldita****.*

- Naturalmente – disse Bera – que uma ***expiação*** *semelhante só será efetiva* ***se se substitui um Culto por outro****. Em conseqüência, os ordenamos também, que implantem em todos os lugares necessários* ***o Novo Culto da Virgem dos Milagres: Ela iluminará com Seu Fogo Quente as Trevas que derramou a Intrusa! Quando os Gentios lhe entreguem seus corações sem reservas, a Intrusa será esquecida, se apagará a memória de sua abominação, e a Terra ficará purificada: então, e só então, descerá a Shekhinah em Rus Baal****.*

- Mas esse Culto já existe! – interrompeu o Grande Mestre do Templo – Justamente em la Rábida se adora a Virgem dos Milagres, a antiga Proserpina de Palos, Senhora da Raiva!

- Vos equivocais, Sacerdote – assegurou Bera, sorrindo horrivelmente. – Me refiro a um novo Culto ***que substituirá também o que mencionais: o Culto à Grande Mãe Binah, a quem advogareis como Virgem dos Milagres para evitar que os Gentios suspeitem a troca, mas que receberá vários Nomes Sagrados, só conhecidos pelos Sacerdotes Iniciados, Golen e Rabinos.*** *Refiro-me, pois, à*

Virgem da Romã
***Virgem da Cinta**, ou*
***Virgem da Barca**, ou*
***Virgem do Menino de Barro**, ou*
***Virgem do Fogo Quente**.*

- Buscai, Sacerdotes, buscai já ao monge escultor que fizestes vir desde a França!

O Abade de Claraval saiu às pressas da Biblioteca, e um instante depois entrava seguido do humilde monge cisterciense, que trazia em mãos um rolo de pergaminho e carvão. O monge se deteve frente a Bera, seguido do Abade, e contemplou aterrorizado o rosto diabólico do Imortal.

- Escute bem, miserável! – lhe espetou Bera com os olhos flamejantes de ódio – Vou fazer uma advertência: sobre o que verás neste lugar, não falareis jamais a ninguém. Cumprireis nosso trabalho e vos limitarás ao claustro o resto da vida num Mosteiro de clausura. E nem te ocorra desobedecer nosso mandato pois a Terra será pequena para ocultar tua traição! Não obstante, não confiamos em vós e sereis vigiado dia e noite desde agora. Mas deveis saber, criatura mortal, que nem a Morte o poderá livrar de Nós, pois aos mesmos infernos iremos te castigar! Entendes o risco que corres?

O pobre monge tinha se lançado ao solo, aos pés de Bera, e tremia como um cão assustado. – "N..não o...ousaria traí-los" – balbuciava, sem levantar o olhar dos pés de Bera, sem se atrever a ver novamente a ameaça mortal de seus olhos.

- Mas vale que digas a verdade – disse com ironia aquele Rei da Mentira, que era Bera – Levanta-te, cão! – ordenou com dureza – e olha a página deste livro aberto. Que vês nela?

Os quatro sacerdotes se olharam entre si, assombrados que os Imortais mostrassem ao monge escultor, que não era Teólogo nem Cabalista, e muito menos Iniciado, um desenho secreto do Sepher Icheh.

Tratando de se acalmar, o escultor se apoiou com suas duas mãos na bordada mesa e olhou a folha indicada. O que viu, logo lhe fez esquecer os amargos minutos anteriores e, ele repetiria a si mesmo por toda a vida, o recompensou dos sofrimentos padecidos até então. Pela primeira vez se sentiu livre de culpas, sem pecado, perdoado por uma Piedade que vinha de dentro da Alma, como se a Alma participasse de um Jubileu Divino: e quem inspirava essa sensação de liberdade anímica, essa segurança de ser aprovado por Deus e amado por Cristo, era a mais Bela e Majestosa imagem da Mãe de Deus que o monge jamais vira; porque, desde logo, aquela Senhora ***estava viva****; enquanto segurava o menino em seus braços, a Mãe o olhou fugazmente, e foi nesse instante que ele se sentiu perdoado, em paz, como se Ela lhe tivesse dito – Anda, filho de Deus, que eu intercederei para que o Rigor de Sua Lei não seja recalcitrante contigo. Cumpre tua missão e me retrata como vês, na Plenitude de Minha Santidade, para que os homens vejam também o Milagre que tu vês; cumpre com todo teu talento e o Grande Rosto de Deus te sorrirá!*

- É tão Bela! – gritou o escultor, completamente alucinado. – Só mãos guiadas pela Graça de Deus e uma pedra bendita pelo Altíssimo poderiam realizar a obra que me pedem. Mas eu porei minhas mãos ao Serviço de Deus, e Vós, que sois poderosos, me provereis da melhor pedra de alabastro do Mundo!

E abrindo o pergaminho junto ao livro, se pôs a desenhar febrilmente o retrato de uma Virgem com o Menino de pomposas características. os quatro Sacerdotes o olhavam surpreendidos, pois era evidente que sua visão não provinha do livro Sepher Icheh, pelo menos da folha que estava à vista, senão se outra realidade, de um Mundo Celeste que tinha sido aberto ante seus olhos e lhe revelado a Senhora de sua inspiração.

Com inusitada paciência, os Imortais aguardaram uma longa hora até que o monge pareceu retornar à realidade: sobre a mesa, se achava completa a síntese gráfica da visão sobrenatural.

- Eminências: agora entendo Vossas reservas – disse o escultor, ainda emocionado – Vós, indubitavelmente com a autorização do Senhor,me permitiram somar-me ao Céu e contemplar a Mãe Santíssima. Tenham por certo que ainda que sempre me lembre e tenha minha obra como testemunho dessa visão, jamais sairá de minha boca a origem da mesma. Como me advertiram ao começo, os respondo com minha vida! No entanto – aqui cerrou os olhos e refletiu em voz alta para si mesmo – o que é a Morte, frente à possibilidade ainda mais aterradora de perder o favor da Mãe de Deus, de falhar com Ela? Cumprirei! – disse agora gritando – Ah, sim, cumprirei! Por Ela cumprirei!

- Se acha capaz de talhar a estátua que precisamos? – interrogou Birsa, sem muitas contemplações pelo estado místico do monge escultor.

- Oh, sim! Porei toda a minha Arte, e a Inspiração Divina que agora me embarga, para terminar com perfeição essa imagem! – e assinalava os desenhos esboçados com carvão sobre o fino couro do pergaminho.

–¿Os creiais capaz de talhar a estatua que necessitamos? –interrogou Birsa, sem muitas contemplações pelo estado místico do monge escultor.

Nestes se expunha uma Mãe Sublime, dotada de um belo rosto de traços israelitas e vestido de igual nacionalidade, coberta a cabeça por um pano largo, até mais abaixo da cintura, e sustentando ao Menino com a mão esquerda, enquanto com a direita portava ***um cetro coroado com Romã****. O corpo da Mãe dava a impressão de estar levemente inclinado para a esquerda, talvez para deixar que o menino ocupasse o centro da cena. O menino por sua vez olhava de frente o bendizia o observado com um gesto da mão direita, enquanto que na esquerda sustentava uma* ***sphaera orbis terrae****. Ambos, Mãe e Menino, estavam coroados: a Mãe luzia Coroa de Rainha, que o escultor anotava, deveria ser feita de ouro puro; e o Menino tinha sobre um aro de prata em halo,* ***três flores de amêndoa*** *separadas proporcionalmente: da sexta pétala de cada flor, brotavam nove raios, símbolo dos Nove Poderes do Messiah. Aos pés da Virgem, diversos símbolos, como caracóis e peixes, indicavam a natureza marinha da advocação: ela mesma* ***se achava pousada sobre as ondas****.*

– Até certo ponto confiaremos em vós, ainda que igualmente sejais vigiado – ameaçou Birsa, logo de examinar o desenho – Nos agrada o que haveis visto e o que pensais fazer. Sois afortunado, Servo de Deus. Agora retira-te a tua cela, que tens muito para orar e meditar.

Momentos depois estavam novamente os seis reunidos frente ao Sepher Icheh.

- O que o monge viu, ó Imortais? Decerto que não foi esta figura da página lamed, - perguntou o Abade de Claraval.

- Decerto que não – respondeu Birsa – Bera o fez comer um grão desse fruto – e assinalou a romã Binah.

- De fato; - confirmou Bera – permitimos que o monge subisse ao Sétimo Céu, ao Palácio onde mora o Messiah, nos amorosos braços de sua Mãe Binah. E ele viu a Mãe e o Messiah, a Parelha Divina dos Aspectos de ***YHVH*** *que regem o Sétimo Céu: a Mãe Binah, derramando a Inteligência criadora de* ***YHVH Elohim*** *com o Fogo Quente de Seu Amor; e o Sopro de* ***YHVH*** *que é a Alma do Messiah, o Menino cuja forma é de* ***Metatron****, que cavalga* ***Araboth****, as nuvens, sobre as águas de* ***Avir****, o éter, e cuja manifestação é a* ***Shekhinah****, a Descida de* ***YHVH*** *no Reino. Fizemos isso porque precisávamos que se represente essa visão sobre uma Primeira Pedra,e se exiba em La Rábida, substituindo a estátua do Bispo Macário que custodiam os Templários. O talhe se fará em segredo e, quando esteja pronta, vós a substituireis com a maior discrição. Afirmar-se-á então, com mais ênfase que nunca, que a mesma é obra do Evangelista, que o próprio São Lucas a talhou no século I. É importante que assim se faça porque Quíblon algum dia chegará a Rus Baal para confirmar sua chave, que será*

***S.A.M.**, quer dizer, **Shekhinah, Avir, Metatron,** a chave universal do Messiah: pela imagem nova da Virgem dos Milagres ele saberá que ali se manifestará a Shekhinah para dotá-lo do Verbo de Metatron através de Avir, o Éter.*

*Como sabeis, esta imagem da árvore Rimmon Sephirótica, simboliza **Adam Ilaah**,o Homem de Cima, também chamado **Adam Kadmon**, o Homem Primordial, quer dizer, a Forma Humana de **YHVH**, a qual se reproduz em **Adam Harishon**, o homem terrestre. Nos frutos da Divina Romã da Vida estão os Dez Nomes-Números arquetípicos com os quais eles adotou tal Forma e deu existência a todos os entes criados. Estes Nomes-Números chamados **Sephiroth** são o nexo entre a Unidade de **YHVH** e a pluralidade dos entes: para **YHVH**, os Sephiroth são idênticos e um com O Uno; para o Mundo, os Sephiroth são distintos e dão existência ao múltiplo que constitui a realidade. Visto desde o Mundo, por Nós, os Seres Criados, os Dez Sephiroth emanam sucessivamente do Uno sem dividi-lo e brotam da Árvore Rimmon.*

*O primeiro fruto é **Kether**, a Coroa e Ehyeh, o Aspecto essencial de **YHVH**: sob Kether está o Trono de Deus, o Mais Alto da Criação. Kether é o Santo Ancião, **attikah kadisha**, ou mais ainda, o Ancião dos Anciãos, **attikah deatkim**. Ele se senta no Trono e a ele só chega Metatron, que às vezes desce aos homens, como falou com Moisés no Sinai, e os conduz ante o Ancião dos Dias. Ele que disse a Moisés **– "Eu Sou O que Sou", Ehyeh Asher Ehyeh [Êxodo 3,14]**. O Poder de **Ehyeh** se estende diretamente sobre os **Seraphim** ou Serafins, **Haioth Hakadosch**, quer dizer, Almas Santas, Anjos Construtores do Universo.*

*De Kether surge o segundo dos Sephiroth, o Sephirah **Hokhmah**, A Sabedoria de Yah, o Deus Pai. A Hokhmah é o Divino Pensamento de todos os entes: nada há que haja existido, exista, ou venha a existir que antes não estivesse em potência na Hokhmah; **muitos são os grãos desse Fruto, Pai de todos os frutos da Terra**. Esta imagem da Árvore Rimmon é produto do Sephirah Hokhmah, que nesse caso se revela a si mesmo. Quem se faz presente na Hokhmah, e introduz os homens na esfera do Pai, é Raziel,o Anjo que escreveu para Adão o Primeiro Livro da Lei.*

*Mas a Sabedoria do Pai cruza o canal **dahat** e se reflete em **Binah**, o terceiro Sephirah, cuja Inteligência Divina é necessária para que se concretize a criação dos entes pensados. Binah é a Grande Mãe Universal: por ela a Sabedoria do Pai produz os frutos dos Mundos e o conteúdo dos Mundos. O Fogo Quente de seu Amor Universal inunda o Éter Avir e transmite a todos os Mundos a Inteligência de **YHVH Elohim**, o terceiro aspecto do Uno. Sob seu poder se acham os enérgicos Anjos **Aralim**, que atuam na esfera de **Saturno**, mas o Anjo principal, o que comunica ao homem com a Divina Mãe, é **Zaphkiel**, que fora guia de **Noé, o grande navegante**: **Binah é pois Senhora de Marinheiros**.*

*- Kether, Hokhmah e Binah constituem o Grande Rosto do Ancião, **Arikh Anpin**: os sete Sephiroth de Construção que faltam formam, por sua vez, o Pequeno Rosto de Deus, reflexo do Grande Rosto e primeiro acesso ao Undo que o homem pode obter partindo de qualquer coisa criada.*

*- Os seguintes Sephiroth são Numerações emanadas da Trindade essencial Kether, Hokhmah e Binah: **Hoesed e Netsah**, que se encontram à direita da Árvore Rimmon, são masculinas como o Pai; **Din e Hod**, femininas como a Mãe, frutificam à esquerda da Árvore. Na coluna central de um tronco, crescem os frutos neutros, que sintetizam os opostos das duas trindades sucessivas: **Din, Tiphereth, Hoesed**, criadora e produtiva, e **Hod, Yesod, Netsah**, executora e concretizadora dos entes. Por último está no centro **Malkouth**, o Reino, que reflete **Kether**, a Coroa, e é a síntese manifesta da Forma do Ancião dos Dias: pelo Reino desce a Shekhinah à Terra quando a Shekhinah tome a forma do Povo Eleito, governada pelo Rei Messiah.*

O quarto Sephirah é pois ***Hoesed****, a Graça de* ***Elohai****, Sua Misericórdia e Piedade. É* ***a Mão Direita de YHVH*** *e sob seu poder se acham essas criaturas dos Céus chamadas Dominações ou* ***Hasmalim****, que atuam na esfera de* ***Júpiter****. O Anjo principal é* ***Zadkiel****, que foi guia de Abraão.*

O quinto Sephirah é ***Din****, o Rigor de* ***Elohim Gibor****. Deste fruto procede a Lei de Deus e seus grãos são as Sentenças de Seu Tribunal: todo ato humano, e todo ente da Criação, devem submeter-se ao Juízo, de* ***Geburah****, de* ***Elohim Gibor****. É a* ***Mão Esquerda de YHVH*** *e sob Seu Poder estão as Potestades denominadas* ***Seraphins****, que influem na esfera de Marte. Seu anjo principal é Kamael, protetor de Sansão.*

O sexto Sephirah é ***Tiphereth****, a Beleza de* ***YHVH****. Unido com os Sephirah Hoesed e Din formam a tríade produtora dos entes criados,* ***Din, Tiphereth, Hoesed****, mas em realidade* ***Tiphereth é o Coração de YHVH****, o assento do Fogo Quente da Grande Mãe Binah. Em Tiphereth, as Formas adquirem a perfeição arquetípica da Beleza Suprema: os atos dos homens inspirados em Tiphereth, só podem ser atos de Amor; e os entes criados se acham religados em si pelo Amor Universal que irradia o Coração de* ***YHVH****. Em Tiphereth tudo é Belo e Perfeito, porque a Sabedoria Hokhmah das coisas pensadas perfeitas, e a Inteligência Binah de sua concepção, produzidas pela Graça Hoesed e ajustadas ao Rigor Din da Lei, brilham seu fruto.* ***Mas Tiphereth não é uma Romã mas um Morango, quer dizer, uma Rosa, outra parte da Mensagem Una do Amor de YHVH pelo Homem Anímico****. O Morango Tiphereth se transforma em Rosa quando o Coração do Homem terrestre abriga o Fogo Quente da Paixão Animal. Sob seu Poder se acham os Anjos que operam através da esfera do Sol, as Virtudes chamadas Malachim. E Existem aqui dois poderosos anjos: um, Rafael, foi guia de Isaac; e outro, Peliel, que dirigiu o destino de Jacó.* ***Atuam também aqui uns Anjos que deviam estar mais alto: são os Seraphim Nephilim que os Atlantes Brancos acusam de "Anjos Traidores" mas que na verdade servem a YHVH com enérgica dedicação, levando adiante seus Planos de progresso humano e favorecendo a criação da Sinarquia Universal do Povo Eleito. Eles fundaram a Fraternidade Branca e fixaram residência no Coração de YHVH; e depende a Hierarquia Oculta dos Sacerdotes da Terra****.*

O sétimo Sephirah, ***Netsah****, revela a Vitória de* ***YHVH Sebaoth****, o Deus dos Exércitos Celestes. É a* ***Coluna Direita do Templo, Jaquim****, e sob seu poder estão os Principados ou Elohim, os Anjos que influem desde a esfera de Vênus.* ***Cerviel****, o Anjo guia de Davi, a preside.*

O oitavo Sephirah é ***Hod****, a Glória de* ***Elohim Sebaoth****, a* ***Coluna esquerda do Templo, Boaz****. Domina os arcanjos* ***Ben Elohim****, que se expressam desde a esfera de Mercúrio: Miguel, inspirador de Salomão, é aqui o Anjo principal.*

O nono Sephirah é ***Yesod****, o Fundamento da Criação de* ***YHVH Saddai****, o Todo Poderoso. É* ***o órgão reprodutor de YHVH****, e juntamente com Netsah e Hod, compõe a última tríade construtora. Hod, Yesod, Netsah. Seu Poder abarca aos Anjos conhecidos como* ***Querubins****, que se manifestam desde a esfera da Lua, e seu Anjo principal é Gabriel, protetor de Daniel.*

E o décimo Sephiroth é ***Malkhouth****, o Reino de* ***Adonai Melekh****, o Senhor Rei da Criação, reflexo último do Ancião dos Anciãos. Por isso sob seu Poder se situam todos os membros da Hierarquia Oculta e da Fraternidade Branca, os* ***Issim*** *do Povo Eleito. E por isso seu Anjo principal é Metatron, a Alma do Messiah. Malkhouth* ***é a Mãe Inferior****, como* ***Binah é a Mãe Superior****, mas se a descida da Mãe Inferior se exterioriza no Povo Eleito, este passa a ser a Shekhinah, a* ***Esposa Mística de YHVH****.*

Trigésimo Primeiro Dia

Tudo isto, vós o conheceis bem – agregou Bera, que era quem estava descrevendo o desenho do Sepher Icheh – mas repeti o essencial para evitar mal entendidos, pois em seguida explicaremos o Mistério da Pedra de Fogo. Essa explicação, que nos foi pedida pelo Grão Mestre do Templo, requer a compreensão prévia e exata da Obra do Uno, da Criação de ***YHVH****, de Sua Manifestação no Criado como Árvore Rimmon dos Princípios imanentes e absolutos, de seu tríplice princípio da ação imanente, Shekhinah, Avir, Metatron.*

Suspirou aliviado o Grão Mestre, quem já temia que a explicação pedida não chegasse nunca.

- Observai as raízes da Árvore da Vida: surgem do décimo Sephirah, o Reino, que leva em seu tronco o Signo do Amendoeiro. Como o candelabro Menorah, as raízes são sete e terminam nos cálices da flor de Amendoeiro, de onde se assomam ao Mundo terrestre os Olhos de ***YHVH****, os Olhos que nunca dormem, os Olhos que vêem tudo, os Olhos que vira o Profeta Zacarias.* ***Estas raízes óticas da Árvore de YHVH representam Israel Shekhinah, o Povo Eleito, sendo Uno com o Uno, quer dizer, mostram a concretização do Plano, mostram o Povo Eleito exercendo o Governo Mundial em Nome do Uno: em verdade, será o inefável Uno quem se mostrará na Shekhinah de Israel ao Final do Tempo****.*

- Disse o Profeta: - prosseguiu Birsa – ***"Assim disse YHVH: o Céu é meu Trono, e a Terra a Pedra de Fogo sob meus pés". YHVH*** *descansa, pois, seus pés, as raízes da Árvore Rimmon, sobre uma Pedra de Fogo que não é outra que a Alma do Messiah, manifestada na Shekhinah: essa Pedra terrestre é a réplica de Metatron, o Homem Celeste, Arquétipo de todos os homens de barro quente. Porque esta Pedra de Fogo, que estava desde o Princípio da Criação, mas que não foi empregada pelos Construtores, se encaixará com exatidão no Final do Tempo, quando o Tempo for terminado e se constitua em Pedra Angular, Chave da Fundação de todo o edifício:* ***"A Pedra que o obreiro rejeitara, se tornou a Pedra Angular" [Salmo 118,22]****. E onde se assenta essa Pedra de Fogo, a Alma do Messiah, Metatron, que é modelo de todos os homens de barro quente? Segundo o Profeta:* ***"Por isso diz Adonai YHVH: Aqui estou eu pondo em Sião o cimento de uma Pedra, uma pedra provada, angular, preciosa, fundamental, cimentada; quem crê, não se moverá daquele cimento" [Isaías 28,16]****. Os homens mortais****, Pedras de Barro****, serão ao Final como a Pedra de Fogo, como Metatron, o Homem Celeste; seriam assim quando o Templo estivesse pronto, e cada um ocupasse seu lugar na construção de acordo com o modelo do Messiah; seriam assim nos dias em que o Reino de* ***YHVH*** *se concretizasse na Terra; e reinasse o Rei Messiah; e a Shekhinah se manifestasse como o Povo Eleito. Porque só para Israel* ***YHVH*** *criou o Reino e o Rei: nenhum povo gentio foi nunca um verdadeiro Reino, ainda que parecido, nem existiu um verdadeiro Rei fora do Povo Eleito: por isso o Nome Melquisedec, do Supremo Sacerdote da nossa Ordem, significa na verdade* ***"O que destrona os Reis"*** *e não* ***"O Rei de Sedec"*** *como fizemos os Gentios acreditarem. Melquisedec, e os que pertencemos a sua Ordem,devemos destruir todo falso Reino e todo falso Rei antes que se reproduza na Terra o verdadeiro reino de* ***YHVH****, Malkhouth, com o Governo Mundial do Povo Eleito.*

No entanto, Sacerdotes, o Plano de Deus foi transtornado e agora será necessário sacrificar os homens de barro em um Holocausto de Fogo ao Final do Tempo, justamente quando o Templo esteja levantado e o Reino se realize na Shekhinah de Israel: como lhes asseguramos, a Pedra de Fogo deverá ser lavada com lixívia para apagar seu Sinal Abominável. A Pedra de Fogo que era um Arquétipo Puro ao Princípio do Tempo, se multiplicou, sem perder a singularidade no Uno que caracteriza os Sephiroth: e cada Pedra de Fogo idêntica a do Princípio, era uma Alma que alcançaria a perfeição ao

Final, ao ser como todas Una com o Uno; o homem de barro chegaria assim a ser Pedra de Fogo, semelhante a Metatron: para isso só deveria cumprir a Lei e se deslocar no Tempo até o Final, onde estava a Perfeição. Mas eis aqui que Eles, os Seraphim Nephilim,criadores da Fraternidade Branca, ***gravaram o Signo Abominável*** *na Pedra de Fogo sobre a que a Alma dos homens de barro se assenta. E o Signo Abominável* ***esfriou*** *a Pedra de Fogo,* ***Aben Esch****, e a tirou do Final.* ***Então, Sacerdotes, a Pedra que deve ser lavada com lixívia ao Final, é a Pedra Fria que não teria de estar onde está, porque não foi posta ao Princípio pelo Criador Uno****.*

Pedra Maldita, Pedra de Escândalo, Semente de Pedra: Eles a plantaram depois do Princípio na Alma do homem de barro e agora se acha no Princípio. ***E o Tempo é o constante fluir da Consciência do Uno****: entre o Princípio e o Final do Tempo está a Criação; e ao final do Tempo está a Perfeição da Alma como Pedra de Fogo. É a Vontade de* ***YHVH*** *que a Alma alcance a Perfeição Final segundo o modelo de Metatron. Mas agora a Alma* ***não pode ver*** *a Pedra Fria que leva fundida em seu seio. Não a percebe até que ela se atravesse em seu caminho e se converta em Pedra de Tropeço para a Alma, em Obstáculo Inexorável para alcançar o Bem da Perfeição Final.Sem a semente de Pedra na Alma do Homem de barro não haveria Mal nem Ódio à Criação, a evolução teria sido realizada pela Força do Amor ao criador, a Perfeição Final seria assegurada para toda a Alma Criada: agora esse plano de* ***YHVH*** *será impossível de cumprir, e o Juízo Din do Ancião dos Dias determina que só quem alcance o Bem da Perfeição Final, em qualquer Tempo, chegue vivo ao Final do Tempo; em troca os contaminados pelo Mal, os homens de barro cujas almas incubam, ainda que nunca saibam, a Semente de Pedra, serão dissolvidos e transformados em lixívia, para lavar com ela o Signo Abominável na Pedra de Fogo.*

- Sim, Sacerdotes – continuou Birsa – Ehyeh criou todos os seres, inclusive a Pedra. A extraiu do Fogo Quente e por isso a designou "Pedra de Fogo". E pôs todos os Seres Criados no Devir do Tempo, que é o Fluir de Sua Consciência: porque antes do Princípio não havia nada criado exceto o inefável Ser Supremo. O Espírito do Uno saiu ao Princípio do ***Ein Sof****, o Infinito Atual, que representa* ***o nada*** *para as Almas criadas. Assim o Uno, que surgiu também desse Nada, sacou dele os Seres Criados, o primeiro dos quais foi o Fogo Quente, criado ao Primeiro Dia: deu assim Princípio ao Tempo. A Alma do homem de barro, criada logo, começou a evoluir desde então, em direção à perfeição final. Mas essa evolução era muito lenta. Para acelerá-la vieram os Seraphim Nephilim com o consentimento do Uno; também surgiram do Ein Sof: a tais Anjos nossos inimigos denominam "Deuses Traidores". O certo é que Eles extraíram do nada o Abominável Signo Não Criado e o gravaram na Pedra Quente:* ***e essa foi a Origem do Mal****. A Pedra Assinalada se transformou por esse Signo em "Pedra Fria" e se mudou instantaneamente ao Princípio do Tempo, retrocedeu ao nada inicial para sustentar uma existência abominável fora do Tempo. Dentre os Seres criados, dentre as Pedras Criadas, a Pedra Fria rechaçou a Ordem da Criação, se rebelou contra a Vontade do Uno e se declarou Inimiga da Criação. Quem introduziu o Signo Não Criado no mundo, plantou a Pedra Fria na Alma do homem como Semente de Pedra, para que crescesse, amadurecesse e frutificasse, para que a força de seu desenvolvimento levasse a Alma rapidamente à Perfeição Final. Mas aquela Semente, como dissemos, produziria um fruto extremamente hostil ao Deus Uno e Sua Criação: m Fruto que só aceitaria existir fora do Tempo, antes do Princípio, um fruto que só ansiaria por abandonar o mundo dos Seres Criados e se perder no nada original; um Fruto que não poderia ser previsto pela Alma porque sua Semente permaneceria invisível desde o Princípio; um Fruto ao que denominariam "o Eu". E a causa desse Fruto não seria a Pedra Fria, nem a Semente de Pedra, mas esses habitantes do Abismo aos que conheceis como* ***Espíritos Hiperbóreos****. Eles são nossos verdadeiros inimigos, mas por sorte só podem se manifestar na Alma do homem mediante a Pedra Fria; entendereis, que aquilo que os encadeia à Alma do homem, sem que Eles o percebam, é a Pedra Fria no Princípio. No entanto, se a*

Pedra Quente foi extraída do Fogo Quente, o Fogo Frio ao contrário, brota da Pedra Fria: por esse Fogo Não-Criado a Estirpe Maldita de Tharsis, que acabamos de exterminar, escapou por séculos a nosso controle e infectou o mundo com Homens de Pedra que quiseram destruir as bases do Culto.

Ao parecer, os Seraphim Nephilim não contaram com que o Fogo Frio brotaria da Pedra Fria e revelaria aos homens luciféricos o que Eles denominam ***"Negrura Infinita de Si Mesmo"****; por isso é necessário, desde que tal odioso Mistério foi possível, evitar no futuro que a Semente de Pedra amadureça e frutifique, que nasça a Criança de Pedra que receberá a revelação do Fogo Frio e apagará o Fogo Quente do Coração; é necessário* ***lavar a Pedra Fria com Lixívia para que recupere o Fogo Quente****, o Fogo que jamais deve abandonar o Coração do homem. Na verdade, Sacerdotes, ainda que Eles culpem o Uno e seus representantes terrestres da desgraça que os atingem, foram os Seraphim Hiperbóreos, os que moram no coração de* ***YHVH****, Tiphereth, os que conservam o encadeamento espiritual; certo que estes obraram com o consentimento do uno e ninguém sabe quando nem para quê os criou, nem porque lhes outorgou o Poder de extrair seres do nada. A menos que se conceda crédito ao que Eles mesmos afirmam:* ***que não são Seres Criados pelo Uno mas que procedem, como Ehyeh, de um Mundo existente Mais Além do Ein Sof; e que sua natureza espiritual é igual à do Uno****. Mas crer nisso seria cometer a maior heresia contra a Hokhmah do Mestre de Tudo, pois acaso não declarou o Uno mesmo sua Unidade Absoluta e Excludente?* ***"A quem me comparareis que se me pareça?, disse o Santo Ancião. Erguei vossos olhos e olhai: Quem criou tudo aquilo?" [Isaías 40,25]. "Assim diz YHVH, Rei de Israel, seu Redentor, YHVH Sebaoth: sou o Primeiro e o último, e fora de mim não há nenhum Deus. Vós sois minhas testemunhas. Há algum Deus fora de mim?*** *Não há outra Pedra****; eu não a conheço." [Isaías 44,6] "Vós sois minhas testemunhas, diz YHVH, pois sois o Povo Eleito por Mim para que soubessem e compreendei que Eu Sou, Ehyeh. Antes de Mim nenhum Deus existiu, e depois de Mim não haverá. Eu, Eu Sou YHVH, e fora de mim não há Salvador. Eu Sou Deus desde sempre e também desde hoje Sou o mesmo, e não haverá quem escape de minha mão: farei o que quiser, e quem o mudará? [Isaías 43,10].*** *Sim, Sacerdotes; não devemos duvidar do Uno. Mas tampouco esquecer que os Seraphim Hiperbóreos fundaram a Fraternidade Branca a que todos pertencemos e em cuja Hierarquia alcançamos o Mais Alto Sacerdócio.*

Em síntese, de acordo com os planos dos Seraphim Nephilim, enquanto a Semente de Pedra se desenvolvesse, a Alma do homem de barro evoluiria indubitavelmente acelerada em direção à Perfeição Final. Mas a realidade contradisse esses planos: aquele Gérmen do Mal, ao Frutificar, longe de impulsionar a Alma a se elevar à Perfeição Final, a afundaria no Terror de Abismos sem Nome, na Eternidade de uma Negrura Infinita. Ao fim, a Semente de Pedra acabaria dominando a Alma do homem de barro e convertendo a este num inimigo do Criador e da Criação, endurecendo seu Coração e o tornando um ser carente de Amor, o transformando num ***Homem de Pedra****. É por isso que Nós, os Sacerdotes Perfeitos, devemos propiciar o Holocausto de Fogo, que lave com lixívia ao Final o Sinal Abominável na* ***Pedra-Que-Está-Plantada-Na-Alma-Do-Homem-De-Barro****. – concluiu Birsa.*

Trigésimo Segundo Dia

Imediatamente, Bera agregou o seguinte:

–Durante milênios, no Continente afundado da Atlântida, que os Gentios jamais devem saber que existiu, os Sacerdotes do Uno lutaram contra o efeito hostil que a Pedra Fria causava na Alma dos homens de barro. Procurava-se por diversos meios que o Espírito Não-Criado, encadeado à Alma pela Pedra Fria, ***esquecesse sua Origem mais além do Ein Sof****. E os resultados foram alentadores pois finalmente o sangue dos homens de barro tinha se degradado de tal modo que o Espírito Não-Criado era incapaz de se orientar à Pedra Fria que lhe revelaria sua Origem Divina. Houve então uma Idade de Ouro Cultural, na que outro Povo Eleito semelhante a Israel, instaurou a Sinarquia Universal e se preparava para o Reino da Shekhinah. Foi nesse momento que alguns Homens de Pedra, que escaparam ao extermínio a que os submetiam os Sacerdotes e os Serafim Nephilim, conseguiram atrair em sua ajuda outros Serafins, chamados "Hiperbóreos", que ingressaram ao Universo Criado através da Esfera de Vênus. O mais terrível desses Serafins foi conhecido como* ***Lúcifer, Phósphoro ou Héspero****, já que, enfrentando todas as Legiões Celestes de* ***YHVH Sebaoth****, se precipitou na Terra para legar sua própria Coroa ao Espírito encadeado nos homens de barro. Deixou aqui pois a Maldita Gema do* ***Gral, que tem o Poder de impedir que o Espírito esqueça sua Origem****. Feito isso, voltou por onde tinha vindo, mas deixando atrás de si os germens fertilizados das Estirpes luciféricas contra as quais combatemos, em tudo semelhantes à Casa de Tharsis que acabamos de exterminar.*

E seriam essas Estirpes condenadas por ***YHVH****, especialmente as surgidas da Raça Branca, as que não esqueceriam a Origem, as que proporiam germinar a Semente de Pedra em todos os homens de barro, as que desatariam a rebelião contra a Lei de* ***YHVH*** *e o ódio à Criação. E foi assim que se chegou inevitavelmente à Batalha da Atlântida, que acabou com uma catástrofe planetária. No entanto o maior Mal todavia não tinha ocorrido, ainda: este sobreveio por causa de Lúcifer e* ***dessa Mulher, a Intrusa Ama****, que foi capaz de ingressar na esfera de Vênus e obter o Segredo das Sementes de Pedra. Sim, Sacerdotes: o Serafim Lúcifer entregou à Intrusa a Espiga das Sementes de Pedra, que então só possuíam os Seraphim Nephilim. E na sua volta o Maior Mal se abateu sobre os homens de barro, pois A Intrusa escolheu os mais valentes e começou a plantar em seus corações a Semente de Pedra que apaga o Fogo Quente da Paixão Animal, o Amor da Grande Mãe Binah: cada Semente de Pedra seria um Guerreiro Sábio, um Homem de Pedra situado fora da Lei de* ***YHVH****, no lugar do homem idêntico a Metatron que estava destinado a ser no Final do Tempo.* ***Com seu ato inqualificável, a Intrusa, a Virgem de Agartha, ofendeu profundamente a Grande Mãe Binah, a quem arrebatou o Amor de numerosos Filhos: por isso é que se deve purificar essa terra de Huelva, que por tantos séculos se dedicou a seu Culto Ímpio****. Só assim descerá a Shekhinah em Rus Baal.*

Ela, Sacerdotes, é Nosso Mais Poderoso Inimigo, seu Mal está por cima de todos os males; sua Hostilidade à Criação supera a de qualquer Homem de Pedra; seu Valor para enfrentar ao Uno sobrepassa a do Guerreiro Sábio mais valente: frente a Ela e seu Mistério Infinito, todos tremem de Terror; e por trás do Terror e da Morte só sobrevivem os Espíritos Não Criados que são de sua mesma essência Hiperbórea. Ela voltou de Vênus, portando a Espiga das Sementes de Pedra e trazendo em seu ventre o Demônio da Guerra, a Navutan, seu Filho Não Criado. Tudo foi uma conjura do Serafim Lúcifer: Ele quis que Ama tivesse um Filho de Pedra, um Filho que se pusesse à frente da Raça Branca e fundasse para seus membros um Mistério: e que os iniciados nesse Mistério adquirissem a Imortalidade e recebessem em seu Coração a Semente de Pedra da Virgem de Agartha.

- Olhai o Sepher Icheh – ordenou Bera, que a essa parte da história produzia uma estranha mescla de Ódio e Terror – Aqui se auto-crucificou navutan – assinalava os ramos que iam do tronco até as romãs Hoesed e Din. – Ele esteve sujeito ao Braço Direito e ao Braço Esquerdo do Santo Ancião, sob seu Grande Rosto e sem advertir que a Pedra de Fogo, Aben Esch, pendia sobre sua cabeça. Nove noites agonizou na Cruz de Rimmon até que Frya, um Demônio Feminino tão terrível como Ama, saiu de seu olho e averiguou o Segredo da Morte. Mas para revelá-lo a Navutan que acabava de morrer, ***teve de comer um grão da romã Hokhmah*** *e transformar-se em perdiz: então dançou para Navutan a dança coxa que permite sair do Labirinto da Ilusão da Morte; no entanto aquele alimento a encadeou à Ilusão, como Perséfone, e não pôde voltar à Origem de onde tinha vindo acudir seu Esposo. É assim que Frya, um novo Inimigo da Criação, ficou junto a Vides, o Senhor de Agartha, a guarita dos Demônios Não-Criados, e junto a Navutan seu Esposo, para levar adiante a Guerra Essencial contra o Uno. Navutan por sua parte ressuscitou e revelou aos membros de sua Raça o Segredo da Morte mediante o Mistério do Labirinto, em cujo curso os Iniciados recebem em seu Coração a Semente de Pedra da Virgem de Agartha e podem se converter em Homens de Pedra. Discípulos de Navutan foram os Atlantes Brancos, que semearam o Mundo com Pedras ímpias, os* ***que abriram as portas das Mansões Celestes para tomá-las de assalto****.*

Por isso não esquecei, Sacerdotes, as condições do Pacto Cultural! Os Homens de Pedra são nossos mais terríveis Inimigos porque se propuseram a impedir a concretização dos Planos que ***YHVH*** *dispôs para a Humanidade:* ***mas também o são as Pedras dos Homens de Pedra****. Não esquecei que se devem destruir suas Pedras malditas pois nelas poderiam haver Sementes de Pedra, sementes de seres inconcebíveis que poderiam frutificar e nascer em determinados momentos da História. Não esquecei que a Pedra Fria está sempre fora do Tempo, mais além do Princípio dos Seres Criados, invisível para Nossas Almas mas pronta para manifestar sua* ***hostilidade essencial*** *quando a oportunidade, quer dizer, o* ***kairos****, o permita: ignoramos pois se deste ou daquele Menir irá surgir um Homem de Pedra, mas em todo caso devemos destruí-lo. Não esquecei que travamos a Guerra Essencial contra o Inimigo da Criação, que a nossa é a guerra entre a Lixívia e a Pedra Fria, entre o Fogo Quente e o Fogo Frio, entre o Criado e o Não-Criado, entre o Ser e o Nada.*

Birsa retomou a palavra para se referir exclusivamente à missão que os Imortais deixavam aos Sacerdotes. A reunião chegava ao seu fim e transcorreriam muitos anos antes que eles voltassem: então, talvez, como antes, como sempre, haveriam outros Sacerdotes para recebê-los. Não deviam pois perder palavra alguma das que Eles diziam, já que ninguém poderia repeti-las logo. E o erro na Ordem de Melquisedec se pagava muito caro.

- Já conheceis em parte vossa missão. – disse Birsa – Agora vos dedicareis com todos os vossos poderes e influências a purificar esta região de Huelva. A Casa de tharsis foi destruída e, ainda que não tenhamos recuperado a Pedra de Vênus, tampouco ela será utilizada contra nós. Essa era uma das últimas Pedras de Lúcifer, que permitiam aos Iniciados Hiperbóreos se orientar no Labirinto da Ilusão da Vida; sem elas em mãos, tranqüilo pode estar o Guardião do Labirinto, ***YHVH Adonai****: só os Sacerdotes de Israel conhecem a dança coxa que assinala a Saída. Sacerdotes: o Inimigo está quase derrotado! A Sinarquia do Povo Eleito logo será uma realidade, logo descerá a Shekhinah, logo reinará o Rei Messiah! Já se vislumbra o Holocausto de Fogo. Quíblon virá a Rus Baal para buscar a Grande Mãe Binah e exibirá seu Nome* ***S.A.M.****, Shekhinah, Avir, Metatron; e Ela amorosamente* ***plantará em seu Coração a Semente de Barro do Pardes Rimmonim, o Gérmen de Metatron que será ao Final Pedra de Fogo, Alma Perfeita do Povo Eleito!***

Derrubai sem demora os Altares da Impostora! Tirai de sua mão a abominável Espiga do Ódio! Que ninguém lembre seu Sacrilégio Essencial, suas Sementes de pedra condenadas por ***YHVH****! Destruí seus lugares de Culto e suas Imagens, matai até sua memória e logo queimai até as cinzas, e*

fabricai lixívia com ela, a todos aqueles que acreditem na Virgem de Agartha e ambicionem a Semente de Pedra. Sede duros, Sacerdotes, porque o Inimigo o merece.

Levantai em troca altares para a doce Mãe Binah! Colocai em sua mão a magnífica Romã do Amor de ***YHVH****! Que todos conheçam seu Sacrifício Essencial, ser depositária das Sementes de Barro benditas por* ***YHVH****! Construí lugares para seu Culto e invocai suas Imagens, gerai no povo memória Dela e desde logo premiai com as maiores dispensas a todos os que creiam na Virgem dos Milagres, ou da Raiva, ou da Barca, ou do Menino de Barro, ou do Fogo Quente! Sede efetivos, Sacerdotes, porque os planos de* ***YHVH*** *o requerem.*

Em resumo, começareis por substituir a estátua do Bispo Macário pela nova escultura de Nossa Senhora dos Milagres, que talhará o monge de acordo com a visão do Sepher Icheh. A essa escultura a instalareis no Convento de Nossa Senhora de La Rábida, mas de imediato vos dedicareis à tarefa de propiciar a edificação próxima de um grande santuário dedicado à Virgem da Cinta: o mesmo deverá abrigar a uma Irmandade de marinheiros e proprietários de Naus, que solicitarão sua proteção e se congregarão em torno de seu Culto. O local ideal será próximo ao Mar, desde onde se divise o Odiel, a Cidade de Huelva, Palos, La Rábida e Moguer. E a imagem que ali se adorará será muito semelhante a que viu o monge escultor, mas dotadas de maiores atributos sagrados: a Grande Mãe Binah exibirá em sua mão esquerda a ***Romã*** *ácida da Vida Quente, partida em forma de* ***vulva*** *e mostrando por sua abertura os grãos das Sementes de Barro; com a mão direita sustentará o Messiah, quem aparecerá completamente nu salvo seus pés, que terá cobertos para dissimular o andar manco de Dionísio. A mão esquerda do Menino Divino estará dirigida para a Romã, enquanto com a direita sustentará a* ***cinta sephirótica****, o cordel com as dez medidas do Universo, o símbolo dos navegantes de ultramar. Mas no vestido da Mãe de Deus, bem visível e contrastado, devem estar as letras hebraicas do Nome de Quíblon,* ***S.A.M****, quer dizer,* ***Samekh, Aleph*** *e* ***Mem****. Por último,* ***sobre*** *a imagem da Virgem da Cinta, retratareis a dois dos Seraphim Nephilim, sustentando com suas mãos o* ***Símbolo Céltico da Chave Kâlachakra****.*

Fareis também outras imagens e esculturas inspiradas nas recentes descrições. Mas tende presente que, em todo caso, ao Menino Messiah se deve despojar do livro sacrílego que ostenta o Menino de Pedra da Virgem de Agartha, o Livro da Sabedoria Hiperbórea: em seu lugar poreis uma ***sphaera orbis terrae*** *como símbolo do Poder Universal que o Rei Messiah alcançará no Reino de Israel Shekhinah. Parecidas a esta, pois, serão as imagens e esculturas que distribuireis em todos os locais que forem necessários.*

E agora atenção, Sacerdotes! Pois os profetizaremos pela última vez. Ouvi esta Mensagem, ***que se cumprirá em qualquer tempo e lugar porque é Palavra de YHVH:***

Diz YHVH Sebaoth: Virão dias de Glória para o Povo Eleito. Eu descerei, Shekhinah, sobre ele e Reinarei, em meio do Holocausto de Fogo em que se consumirão os ímpios. E nesses dias, quando a Glória e a Vitória de Israel estejam próximas, Eu enviarei um sinal inequívoco de que a hora chegou: esse Sinal será a queda de Granada, a Mansão dos Judeus. Em verdade sempre será Granada a que marca essa hora. Granada, que então estará em mãos de um Reino decadente, será conquistada por um Império nascente. Oferecer-se-á depois o Tríplice Holocausto de Povos Gentios, e logo eu descerei; e começará a Glória e a Vitória de Israel. Quíblon, cuja Voz fecha a Porta dos Infernos e abre a Porta dos Céus, me oferecerá o Tríplice Holocausto e me Anunciará, e Anunciará assim a Hora de Israel.

- Alegrai-vos, Sacerdotes de ***YHVH Sebaoth****, que hoje a Estirpe de Tharsis foi exterminada e Nós vos Anunciaremos a próxima Shekhinah! Cumpri, cumpri com firmeza e exatidão nossas ordens, e pronto virá Quíblon para receber o Verbo de Metatron e celebrar o Tríplice Holocausto aguardado por* ***YHVH****! Que a Vitória Netsah de* ***YHVH Sebaoth*** *os acompanhe! – saudou Birsa.*

- E que a Glória Hod de ***Elohim Sebaoth*** *coroe vossos esforços! – Se despediu Bera.*

Ao dia seguinte, os Imortais tinham partido para Shambala, deixando aos quatro Sacerdotes afundados em sombrias maquinações. Desde cedo, a diabólica arrogância de Bera e Birsa teria se aplacado um tanto se suspeitassem que ainda existissem Senhores de Tharsis com vida e que a Estirpe Condenada, como a Ave Fênix, renasceria de suas próprias cinzas na Casa de Tharsis.

Trigésimo Terceiro Dia

Estimado Dr. Siegnagel:

Espero que o Sr. tenha paciência e tempo suficientes para continuar lendo. Talvez essa carta tenha se estendido demais, mas não foi possível abreviar mais, pois corro o risco de obscurecer a mensagem que justamente estou querendo revelar com essa leitura. Decerto que me limitei a mencionar somente os fatos mais sobressalentes da complexa história da Casa de Tharsis; com outro critério expositivo, teria sido impossível chegar até aqui. Desde agora tratarei de resumir ainda mais a parte que falta, não porque a mensagem esteja revelada, nem porque o que se siga careça de importância, mas porque o tempo está acabando para mim, porque pressinto que Eles estão cada vez mais perto e quero que o Sr. receba a carta antes que os Golen executem a Sentença. Só lhe peço Dr., ou melhor, lhe suplico, que efetue sua leitura completa e depois julgue: sei que minha condição de "doente mental" dá pouco crédito a seu conteúdo ***se o mesmo fosse julgado racionalmente****; mas, não negarei, confio em que o senhor adotará ao fim* ***outro ponto de vista****.*

Hei de abandonar, pois, aos satânicos Imortais, que não tardariam em regressar ao Templo de Melquisedec, para me referir novamente aos Senhores de Tharsis. Agora se compreenderá como a necessidade que a Casa de Tharsis tinha de sobreviver influiu e deu orientação definitiva à Estratégia do ***Circulus Domini Canis****; e como essa estratégia culminou na inspirada gestão de Felipe IV, e como concretizou seus objetivos.*

Noso de Tharsis se apressava a voltar para a Caverna Secreta quando a ***Peste*** *se presenciou na Casa de Tharsis. Em seguida compreendeu que ali era o único sobrevivente e, dominando a fúria guerreira que brotava de seu Espírito, tratou de avaliar com calma a situação. Tratando-se de um ataque dos Golen, não cabia alentar esperanças sobre os restantes membros da família, salvo os Homens de Pedra que como ele eram evidentemente invulneráveis. Dispôs-se então a aguardar a confirmação do ocorrido com a expedição do Conde de Tarseval e, durante essa espera, comprovou com horror que os corpos de seus parentes se transformavam em betume da Judéia. Ao chegar Lugo de Braga e começar a pilhagem, Noso não precisou de mais dados para saber a sorte ocorrida pelo Conde e seus Cavaleiros: e nesse momento só pensou na Basílica da Virgem da Gruta, e em sua imagem, o mais valioso que ficava ali para um Homem de Pedra. Sem meditar duas vezes, correu para a Igreja com espada em mãos. Uma milícia de quinze soldados tinha chegado já, talvez com a intenção de roubar o Cálice de ouro, e teve de enfrentar a fúria do Guerreiro Sábio: combate desigual para os almogávares e para qualquer guerreiro não Iniciado, e que lhes custou a vida.*

Ao se aproximar do altar, Noso, que estava seguro de chegar primeiro, comprovou com assombro que a estatueta do Menino de Pedra tinha sido mutilada: alguém tinha cortado a mão de pedra que expressava a Vruna Bala. Mas não era esse o momento de resolver o enigma. Noyo envolveu os bustos da Virgem e do Menono com uma capa e, a cavalo, percorreu a margem esquerda do Odiel, aonde um caminho pouco freqüentado o conduziria à Serra Candelária.

As notícias sobre o extermínio de grande parte da família comoveu a dura anciã: mil e seiscentos anos antes, outra Vraya tinha passado por situação semelhante. Não era possível, disse quase para si mesma, que tanto esforço fosse em vão. Apesar dos ataques sofridos até então, a Casa de Tharsis conseguiu superar sempre os momentos difíceis, ainda que nenhum tão crítico como o presente; mas também os progressos foram muitos: a pauta familiar estava quase cumprida; o Culto do Fogo Frio há séculos que brindava Homens de Pedra para os Senhores de Tharsis; e tinham conservado a Pedra de

Vênus, o mais apreciado troféu para o Inimigo; só faltava um último esforço de purificação sanguínea, que a família produzisse um Homem de Pedra capaz de compreender a Serpente com o Símbolo da Origem, quer dizer, um que fosse capaz de projetar o Signo da Origem sobre a Pedra de Vênus; esse Iniciado Hiperbóreo alcançaria assim a Mais Alta Sabedoria, a localização da Origem, e a Pedra de Vênus lhes mostraria o Sinal Lítico de K'Taagar; então os Senhores de Tharsis poderiam marchar ao destino que lhes tinham reservado os Deuses Libertadores; e esse momento não parecia estar longe, a Casa de Tharsis era consciente da Iminência com que chegaria um Homem de Pedra que seria Pontífice e compreenderia os maiores segredos; aguardavam-lhe com ansiedade há anos mas todos estavam de acordo que logo chegaria; e os Sinais dos Deuses eram coincidentes. Como então se produzia esse desastre? Aonde tinham falhado? Talvez um excesso de confiança? Tinham de novo subestimado o Inimigo? Sem dúvidas essa era a resposta. Não se mantiveram num suficiente estado de alerta e se permitiu atuar o Inimigo, ao que se deveria ter atacado preventivamente tão cedo se aproximasse à região de Aracena. Sendo assim, o ocorrido estava explicado, pelo menos estrategicamente, posto que contra o conhecimento empregado pelos Imortais não tinham defesa alguma fora da Pureza de Sangue.

Não era possível, repetia a Vraya, que os Deuses Libertadores os tivessem abandonado à mercê dos Golen; aquele golpe não podia significar o fim da casa de Tharsis, não antes de cumprir com a missão familiar; seguramente restariam outros Senhores de Tharsis com vida para salvar a Estirpe e possibilitar a geração do Homem de Pedra esperado. Era necessário buscá-los! Noso de Tharsis tinha de partir e recorrer os lugares onde habitavam outros parentes, ainda que não devesse ter muitas esperanças sobre a sobrevivência de ninguém que não fosse iniciado. E esses últimos, os Homens de Pedra, se achavam todos incorporados à Ordem de Predicadores, trabalhando em distintos mosteiros e universidades da França e Itália. O Noyo viajaria imediatamente. Ela ficaria de Guarda; racionando o máximo de víveres, resistiria por uns seis meses, senão naturalmente morria ali mesmo se Noso não voltasse a tempo.

Estava certa a Vraya: ainda restavam Senhores de Tharsis com vida e com possibilidades de salvar a Estirpe; mas não era menos certo que aquela era a situação mais crítica que jamais tivessem enfrentado, incluindo a destruição de Tartessos. Daquela vez conseguiram sobreviver dezesseis membros da linhagem: agora só ficavam oito, contando com a anciã Vraya e o Noyo. Com efeito, durante sua viagem a Sevilha, Córdoba e Toledo, Noso só achou o luto e o temor dos parentes não sanguíneos, a quem nada tinha acontecido, e soube que a Peste não conhecia distâncias. Logo em Toledo se encontrou com outro Homem de Pedra, que já estava inteirado de que algo terrível ocorria e se preparava para viajar a Turdes: ali também tinham morrido diversos familiares por causa da estranha Peste. Ao conhecer as graves notícias, decidiu partir junto a Noso para Zaragoza e Tolosa, no Languedoc, onde ficava o Chefe dos ***Domini Canis****. Em Zaragoza comprovaram que a Morte Final tinha convertido em betume a bela família de uma de suas primas, mãe de doze crianças: os treze morreram no mesmo momento, na mesma noite amarga; seu esposo, um Cavaleiro bizantino, talentoso professor de grego, estava inconsolável. Segundo disse aos Homens de Pedra, a finada tinha lhe revelado anos atrás que uma seita esotérica integrada por seres terríveis chamados "Golen" perseguia desde antigamente os Senhores de Tharsis; ao exalar aquele grito espantoso, antes de morrer, ela o segurava forte e este acreditou distinguir a palavra "Golen" no seu último alento. Por isso logo jurou sobre os treze cadáveres vingar aquelas mortes se em verdade eram fruto da magia negra dos Golen, tal como o sugeria a horrível decomposição que se observava em seus corpos: sua vida, explicou Pedro de Creta, estava destruída, e aceitaria morrer mil vezes naquela noite antes de subsistir suportando a dor de relembrar os que tanto amava. Consagraria sua existência a buscar os Golen, agora seus próprios inimigos, e trataria de cumprir seu juramento; se vingaria ou morreria tentando; era claro, disse com inocência, que só o furor que acendia em seu sangue o mantinha vivo.*

Pedro de Creta ignorava por onde começar a procura quando chegaram os monges, parentes de sua esposa, que com certeza saberiam lhe orientar. Os Homens de Pedra, cujos familiares mortos se contavam em centenas, não estavam de humor para se comover pelo pequeno drama do Cavaleiro bizantino; não obstante se admiraram por sua nobre ingenuidade, o valor sem limites que exibia, e a maravilhosa fidelidade de seu amor. Era óbvio que não tinha idéia dos inimigos que enfrentava e que não tinha a menor chance ante Eles; mas seria quase impossível que conseguisse localizá-los por si mesmo e essa impotência era sua melhor proteção. Retiravam-se pois os Senhores de Tharsis sem dizer uma palavra, quando foram alcançados por Pedro de Creta: o homem não tinha acreditado numa vírgula do que eles disseram; ao contrário, tinha certeza que lhe ocultavam algo, e decidiu acompanhá-los; ofereceu a proteção de sua espada aos monges, mas se o rechaçavam, os seguiria à distância. Não houve modo de persuadi-lo a abandonar sua tentativa. Os Homens de Pedra não tinham alternativa: ou permitiam sua companhia ou teriam de executá-lo. Decidiram pelo primeiro, pois Pedro de Creta era, claramente, ***um homem de Honra****.*

O chefe dos ***Domini Canis*** *os estava esperando. Chamava-se Rodolfo e tinha nascido em Sevilha, mas na Ordem o nomeavam como "Rodolfo de Espanha". Sua sabedoria era lendária, mas por motivos estratégicos jamais quis falar nos ambientes acadêmicos e só aceitou aquele priorado nos exteriores de Tolosa: desde seu mosteiro operava o grupo mais interno do* ***Circulus Domini Canis****. Procedia da mesma família de Petrenho e tinha um grau de parentesco como de tio-avô dos monges recém-chegados, que eram primos entre si. Colocou Pedro de Creta num mosteiro que abrigava peregrinos laicos e logo falou com franqueza:*

- Eu sei tudo. A Voz do Sangue Puro me revelou tudo no momento de ocorrer. E o olhar interno me permitiu olhar o Ritual dos Demônios. Agora Eles partiram rumo ao Templo de Melquisedec com a convicção de que conseguiram exterminar a Casa de Tharsis. Possuímos então uma pequena vantagem estratégica que devemos aproveitar acertadamente para salvar a Estirpe de Tharsis. Esse é o quadro: da Espanha, só vocês dois e a Vraya sobreviveram; aqui temos duas monjas, que são minhas sobrinhas Vrunalda e Valentina; e restam dois Iniciados, um em Paris e o outro em Bologna: a eles enviei mensagens solicitando-lhes que apareçam com urgência em Tolosa. Cavalheiros: vamos sustentar um Conselho de Família!

Quinze dias depois estavam os sete reunidos numa cripta secreta, sob a Igreja do mosteiro de Rodolfo de Tharsis. Na verdade não havia muito que discutir, pois os seis restantes aceitariam tudo o que Rodolfo propusesse, de longe o mais Sábio dos Senhores de Tharsis. E não se equivocavam pois seu plano, simples e efetivo, produziu resultados extremamente contundentes contra a Estratégia inimiga, e permitiu salvar a Estirpe de Tharsis. Assim o expôs:

- Antes de tudo, devo confirmar-vos que a Casa de Tharsis se debate como nunca ante a alternativa de extinção; e que as possibilidades de continuidade da Estirpe são mínimas: concretamente, elas se baseiam nas duas Damas aqui presentes. Não é desconhecido para Vós que em toda a história de nossa linhagem os Homens de Pedra sempre procederam da herança matrilinear: a mensagem do Sangue Puro passa de filha para filha, e só das Damas de Tharsis nascem os Homens de Pedra e as Damas Kâlibur. Daí que a principal prioridade da Estratégia consista em arranjar a essas Damas casamentos convenientes para nossos fins. Isto quer dizer que tais matrimônios devem estar rigorosamente sob nosso controle: tudo deve ser sacrificável em favor da missão familiar, inclusive um marido estéril!

Vrunalda e Valentina assentiram com um gesto.

Rodolfo continuou falando:

*- O **Circulus Domini Canis** dará a todos vós novas identidades pois naturalmente já não voltareis aonde permanecíeis. Os Golen jamais deverão suspeitar que estamos vivos nem que nenhum de nós pertence à linhagem de Tharsis. Só retomaremos nossos nomes o dia em que consigamos quebrar o Poder dos Golen, seja destruindo suas Ordens satânicas, seja fortalecendo ao máximo **o Circulus Domini Canis**. Enquanto isso, trabalharemos em segredo dentro da Ordem de Predicadores e nos ocuparemos de assegurar que os matrimônios de Vrunalda e Valentina dêem seus frutos.*

*-Não poderemos voltar à Espanha enquanto exista possibilidade de sermos reconhecidos ou descobertos. Deve ser mantida a ficção de que a Casa de Tharsis efetivamente foi extinta. Sei que isso significa deixar a Vraya abandonada a sua sorte, mas isso é preferível a arriscar um novo assédio dos Imortais na Caverna Secreta. Recordai que muitos morreram para conservar a Espada Sábia e que a Vraya será só uma mais entre os que entregaram sua vida por tão nobre micção. No entanto, algum dia voltaremos à Caverna Secreta para restituir a Guarda. Teremos de prever então o modo de recuperar o patrimônio da Casa de Tharsis. Para isso nada parece melhor que fazer o seguinte: existe um Iniciado no **Circulus Domini Canis,** um jovem Conde catalão, que estaria disposto a ceder os direitos de seu rico Senhorio mediterrâneo em favor de um filho de Alfonso III, em troca do condado de Tarseval. Penso que o Rei de Portugal concederá esse favor, tendo em conta as vantagens obtidas em prestígio e rendas, para o beneficiário do condado catalão. Tudo será acertado pela Ordem, mas há algo mais: pensei que esse Conde seria o consorte ideal para Vrunalda.*

Aqui a surpresa apareceu em todos os rostos. Vrunalda, uma jovem de quinze anos, que desde os treze era noviça em Fanjeaux, enrubesceu. Rodolfo explicou seu plano.

*- Não vos assombreis, que logo verão lógica nisso. Entendo que deve parecer loucura a idéia de enviar Vrunalda para a Espanha logo agora com os perigos que confirmei e a Estratégia que propus, mas lhes mostrarei como isso pode ser possível. Se trabalhamos com cautela e esperamos um tempo prudente para ajustar os detalhes, por exemplo uns quatro anos, nada permite antecipar mais perigos ou dificuldades, pelo contrário, a presença de Vrunalda nas terras da Casa de Tharsis é necessária para que o poder carismático da Pedra de Vênus atue sobre sua semente. Por suposto, não a enviaremos desprotegida, pois dispomos do poder de dotá-la de uma nova personalidade, cuja mudança dificilmente será notada pelos Golen. O caso é que um dos membros alemães do **Circulus Domini Canis** é um Senhor Territorial vassalo da Casa da Suábia, viúvo há muitos anos e consagrado à predicação dentro da Ordem. Ao morrer sua esposa, esse Nobre nos confiou sua pequena filha de nove anos como noviça no mosteiro de Fanjeaux, a qual faleceu três anos depois, mais ou menos na data que ingressou Vrunalda. Falei com ele e ele está de acordo em que Vrunalda ocupe o lugar de sua filha; inclusive está disposto a jurar que ela é sua legítima descendente e morrer antes de trair tal juramento. Levará Vrunalda a seu Castelo na Áustria e a apresentará como sua filha, que abandonou a vida religiosa por ter sido prometida a um Conde catalão. Durante quatro anos a integrará aos costumes alemães e lhe dará toda a informação sobre sua família recente. Espero que ao fim desse tempo Vrunalda seja capaz de se passar por uma Dama germana e responder a todas as perguntas sobre sua linhagem. De pronto, nós aqui já substituímos as lápides e adulteramos as atas de enterro do mosteiro, sendo assim que quem morreu, e foi sepultada há três anos, seria agora Vrunalda de Palencia. O que pensais agora deste plano?*

O sorriso iluminou o semblante dos Homens de Pedra, evidenciando que confiavam plenamente no plano de Rodolfo. Aprovaram quanto este havia proposto, e escutaram respeitosamente o final de sua exposição:

- Quanto a Valentina, lhes direi que ainda não decidi nada e que deveremos buscar-lhe um esposo que reúna as condições requeridas por nós. Mas de qualquer maneira deve desaparecer definitivamente como membro da Casa de Tharsis. Por isso, os anuncio também que Valentina de Palencia, monja domínica do convento de Fanjeaux faleceu naquela noite, em que a Peste açoitou a Casa de Tharsis,

para todos os efeitos legais: sua morte está assentada nas atas e possui sua própria sepultura no cemitério da Ordem. Enquanto preparamos seu futuro, ficará oculta numa granja que possuímos em San Felix de Caramán. Tal propriedade pertencia a um Nobre da linhagem dos Raimundos, que fora queimado por Simão de Montfort durante um de seus ataques a Tolosa: o único herdeiro vivo, herege confesso, foi obrigado a ingressar pelo resto da vida num dos mosteiros de clausura da Ordem de Predicadores. Depois de sua morte, os direitos passaram para a Ordem, que agora decidiu vendê-los para um Cavaleiro Romano, que quer viver nessas regiões e tem muito ouro para pagar. Esse Cavaleiro, "Arnaldo Tiber", não é outro senão nosso parente recém chegado da Bologna, aqui presente: sua missão será pois levar adiante a produção da granja e reconstruir o Castelo, que hoje se acha em ruínas; também deverá se casar com uma Dama eleita entre as famílias dos ***Domini Canis****. Valentina terá de passar por sua irmã ou sobrinha, até que a situação se resolva. Momentaneamente se alojará ali o Homem de Pedra que vem de Toledo, e ajudará em tudo o suposto Cavaleiro romano. Tende presente que sereis vassalos do Conde de Tolosa, e portanto do Rei da França; mas como a Ordem de Predicadores se reservará aos direitos religiosos da doação, vossa espada estará na realidade a serviço do Papa e da Igreja. E sugiro que acomodeis no castelo como chefe da guarnição ou mordomo o Cavaleiro viúvo que vos acompanhastes desde a Espanha: não me restam dúvidas que é pessoa de confiança.*

As coisas aconteceram segundo Rodolfo planejara, com uma só exceção que não alterou os objetivos, como se verá em seguida.

O Rei de Portugal cedeu ao pedido do Cavaleiro catalão, fortemente apoiado pela Ordem de Predicadores, e lhe concedeu o Condado de Tarseval. Isto ocorria um ano depois que a Peste causara a extinção da Casa de Tharsis e, para todos os efeitos, os Golen tinham inspecionado palmo a palmo a região da Vila de Turdes e a Residência Senhorial. Iam embora convencidos de que não restaram Senhores de Tharsis com vida, não obstante estenderiam as buscas a toda a Espanha e logo ao resto da Europa. Mas aquelas buscas deram resultados negativos; ***ou positivos****, segundo seu ponto de vista, pois em todos os locais onde habitaram membros da Estirpe condenada, comprovaram que o caminho da Peste não deixara sobreviventes.*

O novo Conde de Tarseval repovoou a Villa de Turdes com quinhentas famílias de Barcelona e assentou uma guarnição na Residência Senhorial de trezentos soldados catalães. Onde se achava a Capela, ao pé da Serra Candelária, mandou construir uma pequena fortaleza com uma torre e muralha: dali por diante, aquele lugar estaria sempre sob observação dos sentinelas do Condado. Não havendo Noyos nem Vrayas que fizessem guarda na Caverna Secreta, o melhor seria manter vigilância sobre a Serra para isolar os curiosos ou possíveis suspeitos. Três anos depois, o Conde de Tarseval viajou para a Áustria e contraiu enlace com Vrunalda, transformada agora em Dama germana. A Residência Senhorial, remodelada e fortificada pelos catalães, recebeu então aquela tímida Senhora, que jamais acabava de aprender a língua de Alfonso X e preferia passar as horas rezando na igreja da Gruta do que gozar dos costumes cortesãos.

A família foi prolífica em filhos e filhas, com o que a sobrevivência da Estirpe de Tharsis foi até certo ponto assegurada. Ademais o Condado desfrutou de relativa paz durante os anos seguintes, devido especialmente a que o Conde não se deixou arrastar pelas lutas de interesse que sustentavam os monarcas de Portugal e Castela. Quando o Rei Sancho IV reincorporou a região de Huelva, e lhe concede seu senhorio com caráter vitalício a Don Juan Mate de Luna, o Condado de Tarseval passa sem problemas para a coroa de Castela, que confirma os direitos e as armas do Conde catalão. Igual respeito mostrariam Fernando IV e os sucessivos proprietários e Senhores do país de Huelva. Em resumo, a família que se desenvolvia na Espanha, nos antigos domínios da Casa de Tharsis, cumpriria as metas

propostas por Rodolfo e os Senhores do Cão, ainda que conservasse até meados do século XIV o segredo de sua linhagem.

Mas nem tudo ocorreu como Rodolfo esperava: houve uma exceção, mas, como disse ao começo, isso não modificou os objetivos da Estratégia. O problema foi com Valentina, que era uma jovem cheia de dotes mas extremamente apaixonada. Rodolfo tinha acertado com um Senhor de Flandres, partidário tanto ele como sua família dos ***Domini Canis****, o compromisso de casamento entre seu filho e Valentina: o prometido, um Capitão às ordens do Duque de Flandres, estava decerto de acordo com as bodas. Mas Valentina não. Por quê? O que ninguém imaginou naquele conselho de família, tinha ocorrido em San Félix de Caramán: Valentina se apaixonara perdidamente por Pedro de Creta. Naturalmente, algo havia de especial no Cavaleiro bizantino posto que já tivesse sido amado por outra Dama de Tharsis, sua finada esposa. Mas a paixão que desta vez despertou no Frio Coração de Valentina superou a argumentação ou conselho dos Homens de Pedra; a Dama não aceitava nenhum: ou se casava com Pedro de Creta ou a Estratégia de sobrevivência da Estirpe não passaria por ela. E o que dizia o próprio Pedro ante isso tudo? Sem dúvidas ele também estava apaixonado, mas, afirmava, o juramento contraído frente sua família assassinada o inibia para formalizar outro casamento: antes deveria tomar vingança, castigar de algum modo os malditos Golen. Com esse propósito chegara até ali, e ainda aguardava ser orientado para a guarida dos Demônios. Mas sua paciência se acabava e se não obtinha logo a direção, partiria só, se pondo em rumo como Cavaleiro errante, nas mãos de Deus.*

Como se vê, a situação era complicada mas não impossível de se resolver. O dilema que poderia ser Pedro de Creta, sobre se seria ou não digno de desposar uma Dama de Tharsis, já estava logo elucidado com seu anterior matrimônio. Sua família era da nobreza bizantina; na repartição da herança, tinha sido difamado por intrigas de certos familiares e finalmente se viu obrigado a fugir. Um dos Senhores de Tharsis o reconheceu em Constantinopla e lhe ofereceu aquele posto na Espanha. Tinha agora trinta e oito anos; e já expus as circunstâncias de sua viuvez. Em princípio pois não tinha obstáculo inexorável para sua união com Valentina; tudo se resumia em convencer o Cavaleiro sobre a importância daquela união. Mas tampouco seria fácil consegui-lo, já que isso exigia explicações – e muitas. Um novo Conselho de Família decidiu ao fim anular o compromisso com o Senhor de Flandres e falar às claras com Pedro de Creta.

Foi-lhe dita a verdade. O fizeram entender que o poder terrível dos Golen não podia ser enfrentado por homem nenhum se se contava somente com o sangue e a espada: era necessária também a Sabedoria; e a Ela poderia encontrá-la entre os ***Domini Canis****, aos quais ele foi convidado a se integrar. Mas não lhe ocultaram o perigo mortal que correria se sua boda com Valentina de Tharsis fosse descoberta: seria consciente, dolorosamente consciente, de que em tal caso sua família poderia ser novamente exterminada pelos Golen. Pedro de Creta entendeu assim que o maior dano possível ao Inimigo seria a constituição de uma família do sangue de Tharsis que perpetuasse em segredo a herança da linhagem. E então se mostrou disposto a seguir o plano de Rodolfo de Espanha!*

A presença de Pedro de Creta se justificou pela amizade que tinha com o Barão de San Felix, isto é, com o "Cavaleiro Romano" que representava o Homem de Pedra, e logo pelo matrimônio com a "irmã" dele, uma jovem castelhana de nome Valentina. O casal passou a maior parte da vida recluso no Castelo, assim como a família de Arnaldo Tiber, sem despertar nunca suspeitas do Inimigo sobre sua origem verdadeira. Para a exploração da propriedade, e cobrir toda possível suspeita entre os aldeões, os castelhanos contaram com a ajuda inestimável de uma família de vilões aos quais se tinha confiado a granja. Os Nogaret, que assim se chamavam, provinham de uma antiga linhagem occitana profundamente comprometida com a "heresia cátara", isto é, a Sabedoria Hiperbórea. Vários de seus familiares foram queimados por Simão de Montfort durante o sítio de Albi; o resto da família teria tido

igual sorte se os ***Domini Canis*** *não a tivessem protegido, aceitando nos tribunais inquisidores, que controlavam, sua conversão ao catolicismo e a mudando para San Felix de Caramán. A esses bravos Cátaros, leais até a morte e valentes até a temeridade, os unia com os Senhores do Cão um mesmo ódio à Igreja Golen e seu Deus Criador Jehova Satanás: só aguardavam uma chance para contribuir na luta contra os planos da Fraternidade Branca. E essa oportunidade os Senhores do Cão a ofereceriam, trinta anos depois, a Guilherme de Nogaret.*

Pedro de Creta e Valentina de Tharsis procriaram quatro filhos, que habitaram por toda a vida em São Félix. Foram seis os seus netos, junto a outros dez familiares de Arnaldo Tiber, os que voltaram a Espanha a partir do ano 1315: ***e entre eles ia Henrique Cretez, antepassado direto de Lito de Tharsis.*** *É assim claro, Dr. Siegnagel, o porquê de eu ter me detido tanto tempo falando sobre eles: eu descendo diretamente daquele casal formado por Pedro e Valentina.*

Trigésimo Quarto Dia

Ao começar o século XIII, os planos da Fraternidade Branca pareciam se cumprir inevitavelmente; ***e no entanto fracassaram****. O que aconteceu então? Esta era, Dr. Siegnagel, a pergunta feita no décimo oitavo dia. A resposta, que agora poderá compreender com maior profundidade, afirmava que duas causas exotéricas e uma esotérica, e fundamental, explicavam o fracasso; sinteticamente, as causas exotéricas se centravam em dois homens da História, Frederico II da Alemanha e Felipe IV da França. No entanto, eles só expressavam a ação de certas forças ocultas, as que denominei "oposição da Sabedoria Hiperbórea". A primeira causa exotérica e a oposição da Sabedoria Hiperbórea já foram explicadas. Faltaria agora, para completar o quadro, mostrar como o* ***Circulus Domini Canis*** *aplica o Golpe de Misericórdia na Estratégia inimiga dirigindo contra seus planos os atos de Felipe IV da França, a segunda causa exotérica.*

Em 1223 morria Felipe II Augusto, um Rei anestesiado pelos Golen, que permaneceu indiferente durante a Cruzada contra os Cátaros e permitiu a consolidação da Ordem do Templo na França. Sucederia-lhe Luís VIII o Leão, monarca física e espiritualmente débil, que participaria em 1226 da segunda Cruzada contra os Cátaros e morreria nesse mesmo ano. Desde então, e até 1279, governa Luís IX o Santo, que encerra definitivamente a questão do Languedoc ao incorporar todos os territórios à Coroa da França pelo casamento obrigado da única filha do Conde de Tolosa com seu irmão Alfonso de Poitiers. Posteriormente o Rei güelfo de Aragão Jaime I confirmaria a Luís IX as conquistas territoriais occitanas cedendo, no tratado de Corbeil de 1257, os direitos de Aragão sobre Carcassone, Rodes, Lussac, Bezier, Albi, Narbona, Nimes, Tolosa, etc, traindo com isso a Causa pela qual seu pai Pedro II morrera na batalha de Muret lutando contra Simão de Montfort; também cederia sua filha Isabel como esposa de Felipe III, filho de Luís IX. É que esse Jaime I era aquele menino que Pedro II tinha entregue como refém a Simão de Montfort "para sua educação": morto Pedro II, uma delegação de Nobres catalães gestionou frente a Inocêncio III a devolução do garoto, ao que o Papa Golen cedeu com a condição de que fosse educado pelos Templários da Espanha, isto é, na Fortaleza de Monzón, a mesma onde Bera e Birsa assassinaram Lupo de Tharsis, Lamia e Rabaz. Jaime I tinha seis anos quando foi posto nas mãos dos Templários, que por anos se dedicaram a lavar prolixamente seu cérebro e convertê-lo em instrumento da sua política sinárquica: não deve surpreender pois sua conduta pouco solidária com a Causa pela qual morrera seu pai, nem as críticas aos atos dele que Jaime I verteu em seu livro de memórias. Muito oposta à política güelfa de Jaime I seria, em troca, a conduta de seu filho Pedro III o Grande, quem se jogaria inteiro contra a teocracia papal.

Assim pois ao morrer Luís IX o Santo em 1270, ocupa o trono seu filho Felipe III, levando como rainha Isabel de Aragão, irmã de Pedro III. Nessa época ocorrem os fatos aos quais me referi ontem, quer dizer, o Conde catalão reconstrói o Condado de Tarseval e Valentina se apaixona por Pedro de Creta. Felipe III governaria até 1285, data na qual lhe sucederia Felipe IV, o braço executor dos ***Domini Canis****. Mas o que acontece enquanto isso no cume do Poder Golen, quer dizer, no papado? Para responder deve-se remontar à morte de Frederico II, quando se enfrentava numa guerra vitoriosa contra Inocêncio IV, uma guerra que ameaçava terminar para sempre com os privilégios papais: nessas circunstâncias os Golen o envenenaram em 1250. Mas o Imperador já tinha causado um dano irreparável à unidade política européia e deixava na Itália um partido gibelino fortemente consolidado que não se submeteria facilmente à autoridade papal. Cabe destacar que o ódio que os Golen tinham pela Casa da Suábia só era superado pelo que por milênios nutriram pela Casa de Tharsis: aquela Estirpe, como essa, tinham jurado destruir sem piedade.*

Inocêncio III e os Papas seguintes, decidem despojar os Hohenstaufen de todos os seus direitos sobre a Itália, ou seja, Roma, Nápoles e Sicília, e impedir que algum membro dessa Casa subisse ao trono imperial. A Frederico II sucede seu filho Conrado IV, rapidamente excomungado por Inocêncio IV: morre em 1253 deixando como herdeiro seu único filho, o pequeno Conradino, nascido em 1252. Como regente do menino governa a Sicília Manfredo, filho natural de Frederico II. Excelente general, este Rei continua a guerra empreendida por seu pai contra o papado Golen: recebe três excomunhões de Urbano IV, arma terrível da época mas que não surte efeito no exército sarraceno que formou. Manfredo vence em todas as partes e ameaça concluir a obra purificadora de Frederico II; e para a desventura de Urbano IV, casa sua filha Constança com o infante Pedro de Aragão, ou seja, o futuro Pedro III. É então quando os Golen decidem realizar uma manobra ambiciosa, que seria inicialmente vitoriosa mas que finalmente causaria a ruína de seus planos: tentam substituir a Casa da Suábia da Alemanha pela Casa dos Capetos da França no papel de executora dos planos da Hierarquia Branca.

Apesar do que se diga, o plano não era absurdo pois, particularmente fortes, mas divididos pelo caráter feudal de seus Estados, os Senhores Territoriais alemães podiam ser facilmente debilitados em suas aspirações imperiais; de fato o Interreino, o período de tempo no qual não existia acordo para eleger um Rei da Alemanha, podia se estender indefinidamente. Seria essa então a ocasião de apoiar o Rei da França e lhe dar o papel que antes se confiou a Frederico II. Mas os Golen não pensavam no atual Rei Luís IX, personalidade forte e difícil de manejar, mas em Felipe III, seu sucessor, mais fraco e influenciável pelos clérigos da corte. Urbano IV oferece o trono da Sicília a Luís IX mas o Rei da França não aceita pois considera legítimos os direitos da Casa da Suábia: quem sim aceita é seu irmão Carlos de Anjou, Conde da Provença. Esse Cavaleiro, herói das Cruzadas, quer ser Rei como seus irmãos e aceita converter-se em verdugo da Casa da Suábia. Com sua intervenção nos assuntos italianos, os Golen conseguem comprometer a França com sua política teocrática e se preparam para restaurar o Poder do papado segundo a concepção de Gregório VII e Inocêncio III: depois virá, supunham, o Governo Mundial e a Sinarquia do Povo Eleito.

De acordo com a organização feudal dos provençais, os Senhores somente cediam tropas por quarenta dias e na condição de não transportá-las muito longe. Não podendo fazer nada por esse lado, a Ordem Cisterciense financia para Carlos de Anjou um exército mercenário de trinta mil homens. Aquela tropa de aventureiros sem lei penetra na Itália em 1264 e derrota completamente Manfredo na batalha de Benevento: logo se entregam a matanças e saques sem par, só comparáveis a invasões bárbaras. Na mencionada batalha, além de Manfredo, perderam a vida muitos Cavaleiros do bando gibelino, entre eles o pai de Roger de Lauría, criança que se criara na câmara do Rei de Aragão Pedro III, pois sua mãe era Dama de Companhia da Rainha Constança; Roger de Lauría foi o genial almirante da armada catalã, a mais poderosa de seu tempo, com a qual Pedro III conquista o Reino da Sicília anos mais tarde.

Morto Manfredo e desbaratado o partido gibelino, só resta o menino Conradino na Suábia como último bastião viril dos rebeldes Hohenstaufen. Carlos de Anjou acerta com Urbano IV a usurpação de seus direitos: se faz proclamar Rei de Nápoles e se apodera da Sicília. Imediatamente estabelece um regime de terror, orientado principalmente contra o bando gibelino; as expropriações de bens e títulos, execuções e deportações, acontecem sem parar; em pouco tempo os franceses são tão odiados quanto os sarracenos da Terra Santa. Uma das vítimas mais ilustres é João de Prócida, o Sábio das Cortes de Frederico II e Manfredo: membro de uma nobre família gibelina, Senhor de Salerno, da ilha de Prócida e vários Condados, não só seria despojado de seus títulos e bens, mas Carlos de Anjou violaria covardemente sua esposa e filha; só lhe salvaria a vida a admirável prudência com a qual soube tratar o Papa Golen Urbano IV.

Um grande clamor se eleva nos anos seguintes contra a dominação francesa. Em 1268, Conradino, que contava com dezesseis anos, acode a Itália à frente de um exército de dez mil homens, confiando que na península se uniriam mais tropas. Carlos o aniquila em Tagliacozzo, fazendo passar por horrível suplício os Cavaleiros que toma prisioneiros. Conradino, o último Hohenstaufen, trata de embarcar para fugir da Itália mas é traído e conduzido ao poder de Carlos de Anjou. Suscita-se um pedido unânime para que o neto de Frederico II seja perdoado, mas Clemente IV é inflexível: "a morte de Conradino é a vida de Carlos de Anjou:; os Golen não estão dispostos a suspender o extermínio da Estirpe que tanto mal causou aos planos da Fraternidade Branca.

Depois de uma paródia de julgamento, Conradino é condenado à morte em Nápoles. Antes de entregar a cabeça ao carrasco, o menino demonstra sua galhardia mediante um gesto que significará em curto prazo a virtual derrota de Carlos de Anjou: tira uma luva e a joga à multidão que veio observar a execução, enquanto grita: "Desafio um verdadeiro Cavaleiro de Cristo a vingar minha morte nas mãos do Anticristo!". Um instante depois é decapitado ante a presença de Carlos de Anjou, o legado papal, numerosos Cardeais e Bispos, e dezenas de Golen que não podem esconder seu regozijo pela extinção da linhagem dos Hohenstaufen: nesse momento só ficou vivo o Rei de Cerdenha Enzo, filho de Frederico II, mas prisioneiro vitalício num castelo em Bologna desde 1249, e este seria prontamente envenenado para maior segurança. Não obstante, o gesto de Conradino não seria em vão, pois ainda restavam Cavaleiros dispostos a lutar contra as forças satânicas: a luva é recolhida por João de Prócida em nome de Pedro III de Aragão, esposo de Constança de Suábia. A filha de Manfredo e prima-irmã de Conradino, é agora a legítima herdeira dos direitos que a Casa da Suábia tinha sobre o trono das duas Sicílias e a única esperança do partido gibelino.

Deve-se ver na ação de João de Prócida outro aspecto da oposição da Sabedoria Hiperbórea aos planos da Fraternidade Branca, quer dizer, da causa esotérica do fracasso de tais planos. Com efeito, aquele grande Iniciado Hiperbóreo se refugiou em Aragão, junto a outros ilustres perseguidos por Carlos de Anjou e os Golen, e incorporado à nobreza aragonesa. O Rei lhe outorgou vários Senhorios em Valência, desde onde tomou contato com o ***Circulus Domini Canis*** *e se integrou a sua Estratégia. A ele, mais que ninguém, corresponde o mérito de ter persuadido Pedro III sobre a justiça da Causa gibelina. Durante anos esse Senhor do Cão assessora o Rei de Aragão sobre os assuntos italianos e planifica o modo de conquistar a Itália; secundam-lhe com ânimo entusiástico Constança, que deseja vingar seu pai Manfredo e a destruição de sua família, Roger de Lauría, Conrado Lancia e outros Cavaleiros sicilianos não iniciados. Em 1278 Pedro III se sente suficientemente forte para levar à prática seu projeto siciliano. Envia então João de Prócida em sua missão secreta à Itália e Oriente Médio.*

O Cavaleiro siciliano viaja vestindo o hábito dominicano. Conversa com os principais representantes do partido gibelino da Itália e Sicília, que prometem ajudar o Rei de Aragão, e em 1279 chega a Constantinopla para pactuar com o Imperador Miguel Paleólogo, que está para ser atacado por uma frota de Carlos de Anjou. No entanto, fato que Carlos de Anjou não suspeita, não existe nesse momento no mundo frota mais poderosa que a armada catalã do Rei de Aragão. O bizantino contribui com trinta mil onças de ouro para sustentar a campanha e João empreende a viagem de volta, prévia passagem pela ilha da Sicília; ali consegue o compromisso do Nobre Alécimo de Leutini, e de outros, de preparar um levante contra os franceses; todas essas gestões obedecem a Estratégia de Pedro III, que deseja evitar um enfrentamento direto entre a França e Aragão e prefere que a mudança surja de um complô dos locais contra Carlos de Anjou.

Em 1281 tudo está pronto para a revolta quando uma manobra dos Golen obriga a suspender os movimentos. Carlos de Anjou força em Viterbo a eleição de Simão de Brieu, um Cardeal francês altamente esclarecido sobre os planos da Fraternidade Branca, que possui um ódio feroz contra a Casa

da Suábia e a Causa gibelina. Toma o nome de Martim IV e imediatamente desata uma terrível perseguição de gibelinos em toda a Itália: claro que os Golen suspeitam que algo se trame contra Carlos e tentam detê-lo. Martim IV é um típico expoente da mentalidade Golen, a que então se chamava impropriamente "güelfa": da postura fanática de Gregório VII e Inocêncio III, possui ademais a crueldade de um Arnauld Amalric; por sua instância as matanças, violações e saques se sucedem sem parar, submetendo os sicilianos a um regime de terror insuportável: no fim a própria Roma acaba por se rebelar. Mas em 1282 esse estado de coisas provoca seu fim na Sicília. Durante a celebração da páscoa, em 30 de março, um soldado francês tenta abusar de uma jovem siciliana em Palermo e ao grito de ***"morram os franceses"*** *estala a insurreição geral: os franceses são exterminados em Palermo, Trápani, Corleone, Siracusa e Agrigento; em um dia morrem oito mil e o resto deve fugir precipitadamente da ilha. Ao fim de um mês não se achava um francês vivo em toda a Sicília.*

Foram aquela reações populares as famosas "Vésperas Sicilianas" que não ocorreram por acaso mas que nesses dias tinha zarpado de Barcelona Pedro III com sua poderosa armada e se achava na África, a curta distância da Sicília. Seus projetos, largamente elaborados, se levaram a cabo com grande precisão; em junho avista vários navios sicilianos: são embaixadores de Palermo que vêm oferecer a Coroa da Sicília ao Rei de Aragão e à Rainha Constança. Pouco depois desembarca na ilha, em meio ao júbilo geral do povo, que se via com esse ato de soberania livre para sempre da dominação francesa e güelfa. Não se tratava pois de invasão mas de uma legítima eleição real: o povo siciliano, libertado por seus próprios meios da dominação francesa, escolhia seus próprios reis, restaurando assim os direitos antigos da Casa da Suábia na pessoa da neta de Frederico II. Mas os Golen não engolem o anzol.

Observe, Dr. Siegnagel, que novamente os Golen pareciam ter ganhado o jogo: não existiam mais os hereges cátaros, nem se deixava sentir a presença do Gral, nem havia um pretenso Imperador Universal como Frederico II que disputasse com o Papa o Poder Espiritual, nem sequer havia um Rei na Alemanha, e sim um Rei na França, Felipe III, completamente controlado pela Igreja e uma Sinarquia Financeira Templária em plena marcha, um Rei francês, Carlos de Anjou, ocupando as Sicílias e mantendo na coleira os luciféricos gibelinos. Mas logo o Golpe de Pedro III, que eles não podiam prever pois era um produto da Alta Estratégia dos ***Domini Canis****, faria ressurgir o perigo do gibelinismo e ameaçava com fracasso os planos da Fraternidade Branca. Os Golen não o permitiriam impunemente. Em novembro deste ano, Martim IV fulmina a excomunhão contra Pedro III e o coage* ***a se retirar da Sicília e amar Carlos de Anjou, fiel vassalo do Papa****. Ante a indiferença do aragonês repete a excomunhão em janeiro e março de 1283, preparando a mão para dar uma punhalada pelas costas: na última bula, com efeito, a forma que o Reino de Aragão era vassalo do Papa pelo compromisso de Pedro II, avô de Pedro III morto na batalha de Muret, e que o Pontífice tem a faculdade de nomear como Rei quem melhor lhe parecer; tira pois a Coroa ao aragonês excomungado e priva dos sacramentos da Igreja aos povos e lugares que lhe obedecerem.* ***O plano Golen era travar uma luta até a morte contra Pedro III e conseguir o Domínio da França por trás do domínio de Aragão: seria o passo prévio para que um Rei da Igreja fosse elevado ao trono de um Governo Mundial, apoiado pela Sinarquia Financeira Templária, e preparar os meios para instaurar a Sinarquia Universal****.*

Nesse plano, evidentemente, os Golen subestimam Pedro III. Na verdade todos se equivocam com o aragonês pois ignoram a força espiritual que desenvolveu por influência de João de Prócida e os ***Domini Canis****. Mas este pronto demonstra possuir um valor a toda prova; uma intrepidez sem limites; uma lealdade inquebrantável aos princípios da Sabedoria Hiperbórea, isto é, à herança do Sangue Puro de sua Estirpe, que lhe concede o direito divino de reinar sem pedir contas a ninguém mais que Si Mesmo; e um monolítico senso de Honra, que dita seu Espírito, e o impulsiona a lutar até a morte por seu ideal, sem claudicar jamais. Formidável inimigo é o que os Golen provocaram essa vez.*

A punhalada pelas costas significava comprometer o Reino de Aragão em uma guerra com a França, o que Pedro III justamente procurava evitar. Crêem os Golen que a presença de Pedro III em Aragão deixará a Sicília livre para Carlos de Anjou tentar uma nova invasão. Mas a ilha, protegida pela armada catalã, se converteu numa Fortaleza inexpugnável: Pedro III se retira tranquilamente para Aragão em 1283 deixando a defesa nas mãos do temerário e afortunado almirante Roger de Lauría. Carlos de Anjou possui a segunda frota importante do Mediterrâneo, financiada pela Ordem cisterciense da Provença, pelo Reino de Nápoles e o Papa, quem não consegue planejar uma tática coerente para enfrentar Roger de Lauría, quem em sucessivos choques os vai destroçando inexoravelmente. Logo de afundar alguns navios e capturar outros, se apodera das ilhas de Malta, Gozo e Lípari; depois se dirige a Nápoles e arma uma cilada aos franceses mostrando apenas uma parte de sua esquadra. Carlos de Anjou está ausente e seu filho, Carlos o Coxo, Príncipe de Salerno, decide responder ao desafio pensando em uma vitória fácil. Lança-se então em perseguição dos catalães com todas as galeras disponíveis, chocando pouco a pouco com o resto da armada inimiga. Foi aquela a batalha naval mais importante da época, na qual Roger de Lauría pôs a pique grande número de galeras francesas, capturou outras tantas, e só muito poucas conseguiram escapar. Essa sorte não teve a nau capitã, que foi capturada por Roger em pessoa e na qual se achavam Carlos o Coxo, Jacob de Bruson, Guilherme Stendaro e outros valorosos Cavaleiros provençais e italianos. O filho de Carlos de Anjou é levado prisioneiro para a Sicília, onde todos reclamam sua execução em vingança pela morte de Conradino; no entanto, ó mistério da nobreza espiritual hiperbórea, é a Rainha Constança quem o salva e manda que o confinem em Barcelona.

Dias depois da derrota de seu filho chega Carlos de Anjou a Gaeta mas não se atreve a atacar os espanhóis; essa indecisão é aproveitada por Roger para atacar a guarnição de Calábria e conseguir várias praças continentais; em curto tempo a Sicília possui um Governador na Calábria que ameaça, agora por terra, o domínio francês em Nápoles. Mas quando Carlos decide enviar o resto de sua armada para as costas da Provença, para apoiar o avanço do Rei da França, suas naves são tomadas entre dois fogos frente à Saint Pol e derrotadas completamente por Roger de Lauría: esse desastre, que custou sete mil vidas francesas, representou o fim do poderio naval de Carlos de Anjou.

A tudo isso, Martim IV descarrega em 1284 o golpe que, pensa, será mortal para o aragonês: mediante uma Bula oferece as investiduras de Aragão, Catalunha e Valencia ao Rei da França para um de seus filhos não primogênito. Aceita Felipe III em nome de seu filho Carlos de Valois e se apressa para invadir Aragão. A gigantesca aventura guerreira será financiada agora por toda a Igreja da França. E, como no tempo dos Cátaros, Martim IV publica uma Cruzada contra o excomungado Rei de Aragão: as ordens beneditina, cluniacense, cisterciense e Templária, agitam a Europa inteira chamando a combater por Cristo, a se cruzar contra a abominável heresia gibelina de Pedro III. Logo Felipe III, que também é Rei de Navarra, reúne nesse país um exército ***integrado*** *por duzentos e cinqüenta mil infantes e cinqüenta mil ginetes,* ***formado*** *principalmente por franceses, picardos, tolosanos, lombardos, bretões, flamencos, borguinhões, provençais, alemães, ingleses, etc.*

Com o concurso de quatro monges tolosanos que revelam a Felipe III um passo secreto pelos Pirineus, os Cruzados invadem a Catalunha em 1285. Rodeando o Rei, e o animando permanentemente, vão os principais Golen cistercienses, que consideram essa guerra questão de vida ou morte para seus planos de dominação mundial: dificilmente aquele Rei, que de modo algum merecia o apodo "O Atrevido", teria se lançado na aventura da cruzada sem a insistência sustentada de Martim IV e a pressão dos Golen franceses. O legado papal adverte a Pedro III que ***"deve obedecer ao Pontífice e entregar seus reinos ao Rei da França"****, ao que o aragonês responde:* ***"é fácil tomar e dar Reinos que nada lhe custaram. O meu, comprado com o sangue de meus avós, deverá ser pago pelo mesmo preço"****. Na Catalunha a resistência se torna encarniçada; todas as classes*

sociais apóiam Pedro III no que se apresenta como uma Guerra Total. Os Cavaleiros aragoneses, os infalíveis besteiros catalães, os ferozes guerreiros almogávares, os serventes e combatentes do povo, detém, hostilizam e infringem permanentes derrotas aos Cruzados. Ao fim, uma epidemia acaba por desmoralizá-los e optam por se retirar aos Pirineus. Mas em Paniza os está esperando Pedro III que se adiantou para obstruir seu caminho, e se trava por dois dias a grande batalha. O exército francês é aniquilado: dos trezentos mil Cruzados só quarenta mil voltam vivos; o rei Felipe III morre em campanha e para a França será impossível a conquista de Aragão. ***Nessa circunstância é que sobe ao trono da França Felipe IV, o Belo***.

Trigésimo Quinto Dia

Aos 7 de Janeiro de 1285 morre Carlos de Anjou, doente e desesperado. Em Março de 1285 falece o Papa Golen Martim IV. Felipe III, Rei da França, perece em 5 de Outubro de 1285. E para finalizar aquele fatídico ano, em 11 de Novembro de 1285, expira Pedro II de Aragão, o Rei que conseguiu vencer a força conjunta dos três precedentes e frustrar em grande medida os planos da Fraternidade Branca. Depois de sua morte, seus Reinos são repartidos entre os filhos, cingindo Alfonso a tríplice Coroa de Aragão, Catalunha e Valência, e Jaime a de Sicília, sucedido por Fadrique I. Mas João de Prócida, e os Senhores do Cão, continuam assessorando os Reis de Aragão.

Assim pois, com a morte de Felipe III, os Golen supõem que seus planos estão momentaneamente atrasados. Mas só ***momentaneamente atrasados*** *ou seus planos estarão* ***definitivamente frustrados****, sem que eles consigam perceber a tempo? Como se verá em seguida, só muito tarde comprovarão os Golen que algo de muito estranho ocorrera ao sucessor de Felipe III. Com efeito, aquele Rei, cuja educação foi confiada aos monges mais eruditos da França, quer dizer, aos dominicanos,* ***tinha se convertido num Iniciado Hiperbóreo****, em um potencial inimigo dos planos da Fraternidade Branca. Como ocorreu tal heresia? Quem o iniciou na Sabedoria Hiperbórea? A resposta, a única resposta possível, seria a incrível possibilidade de que dentro da Igreja, na Ordem dos Predicadores, existisse uma conspiração dos partidários do Pacto de Sangue, um conjunto de Iniciados na Sabedoria dos Atlantes Brancos. Não suspeitam, é claro, dos Senhores de Tharsis, a quem consideram definitivamente extintos, e não conseguem descobrir oportunamente os culpados do desastre: o golpe seria muito comovente para assimilá-lo com a necessária rapidez. E essa perplexidade inevitável, essa surpresa paralisante causada pela Alta Estratégia dos Senhores de Tharsis e o* ***Circulus Domini Canis****, assinalaria o princípio do fim da Estratégia inimiga: a partir de então, logo que Felipe IV desempenhasse brilhantemente sua missão, os Golen e a Fraternidade Branca teriam de esperar até o século XX antes de ter outra oportunidade histórica para instaurar o Governo Mundial e a Sinarquia do Povo Eleito.*

Como disse, os Golen não conseguiriam contra-atacar as conseqüências da nova situação. Tinham manobrado por anos para fortalecer na Europa a Casa de França e de seu seio lhes surgia um Rei hostil à hegemonia papal. Tinham cedido o terreno dos ensinamentos acadêmicos aos monges domínicos e resultaria que entre eles estavam infiltrados os inimigos do Deus Uno. E o que era pior, a aquela Ordem de Predicadores se lhes havia confiado o Tribunal do Santo Ofício, encarregado de inquirir sobre a fé. Até então, a Inquisição lhes permitia eliminar ou neutralizar oposições sob a ameaça de acusação de heresia, mas, e isso assumiam claramente, os maiores hereges eram eles: em adiante, deveriam obrar com cautela porque senão, ***como no jiu-jitsu****, a própria força do atacante poderia se voltar contra ele.*

Impossibilitados de submetê-lo à autoridade papal, os Golen tentariam sem sucesso eliminar Felipe IV, fracasso devido ao cerco de segurança que os ***Domini Canis*** *estenderam em torno do Rei; quando finalmente conseguiram envenená-lo, em 1314, Felipe IV tinha reinado por vinte e nove anos e cumprido com Honra a missão encomendada: e ante a grandeza de sua obra, nada contam as calúnias de uma Igreja Golen derrotada e de um Povo Eleito que viu perder-se sua oportunidade histórica, ainda que tenham sido repetidas sem fundamento ao longo de setecentos anos.*

Mas, durante os vinte e nove anos de seu reinado, tampouco dispunham de alguma personalidade política equivalente para substituí-lo ou se opor a ele. O Rei da Inglaterra Edward I, se intervém nos assuntos europeus, só o faz indiretamente nos tempos de Felipe o Belo, especialmente através de seus aliados, o Conde de Flandres e o Duque de Guyenne: sua guerra encarniçada contra os escoceses o

mantém ocupado na ilha britânica. E na Alemanha, o güelfo Rodolfo de Habsburgo, eleito em 1273 para pôr fim ao Interreino, morre em 1291 dedicado a guerrear contra os gibelinos e acrescentar os bens de sua Casa; sucede-lhe Adolfo de Nassau, quem só reina seis anos, até o fim lutando contra os filhos de Rodolfo; e logo segue Alberto I, que se entenderia pacificamente com Felipe IV e conviria com este em que o curso do Reno seria a fronteira entre a França e a Alemanha. Nada poderiam fazer os Golen com esses soberanos para enfrentar uma personalidade como a de Felipe o Belo; e já sabemos o que podiam esperar dos reis de Aragão e Sicília. Quero mostrar-lhe com isso, Dr. Siegnagel, que ao perder o controle sobre o Rei da França, a Estratégia dos Golen se comprometia seriamente.

Durante cinqüenta anos o **Circulus Domini Canis** *aguardou sua chance. Esta se apresentou com Felipe IV, sobre o qual exerceram grande influência desde sua infância, dado o alto número de instrutores do infante que se contavam entre suas fileiras. Ao morrer Felipe III, seu filho tinha dezessete anos e tinha sido iniciado secretamente na Sabedoria Hiperbórea. É possível então afirmar que ao começar a reinar, já tinha uma visão clara sobre seu projeto, sua missão histórica; e tinha também a seu lado os homens que o assessorariam e lhe permitiriam executar suas idéias. Porque convém diferenciar claramente entre dois objetivos, complementares, que se põem como meta nesse momento: um é o proposto pelo* **Circulus Domini Canis***, e já explicado, que procurava simplesmente deter a Estratégia inimiga e impedir que os Golen concretizassem a Sinarquia do Povo Eleito; outro é um objetivo que então brotava do Sangue Puro de Felipe IV, e que consistia, como no caso de Frederico II, em expressar em seu maior grau a Função Régia. Com respeito ao segundo, não se deve esquecer que em toda a linhagem dos Capetos, como em todas as Estirpes Hiperbóreas, existia uma missão familiar plasmada por seus remotos antepassados em tempos antes da queda no Pacto Cultural; e a Estirpe de Felipe IV era de Sangue Muito Puro, ainda que suas últimas gerações estivessem dominadas pelos Sacerdotes do Pacto Cultural, quer dizer, pelos monges e bispos Golen: aquela dinastia, de fato, começava em 987 com o primeiro Rei da França, Hugo Capeto, filho de Hugo o Grande e neto do Conde de Paris e Duque da França Roberto; este era por sua vez filho de Roberto o Forte,* **membro da casa real saxã***, investido por Carlos o Calvo, neto de Carlos Magno, com o título de Conde de Anjou, para que com suas tropas germânicas detivesse os ataques normandos. Em Felipe IV renascia assim, como acontecera com Frederico II, um fruto que procedia de uma mesma raiz racial saxã e que tinha se desenvolvido ocultamente no fértil campo do Sangue Puro.*

Ver-se-á como ambos os objetivos se alcançam conjuntamente; como a Função Régia, assumida inteiramente por Felipe IV, deposita na sociedade a semente da **nacionalidade***; e como as medidas tomadas em seu governo, medidas baseadas na Sabedoria Hiperbórea, causariam o fracasso dos planos da Fraternidade Branca. Lamentavelmente Felipe IV não chegaria a ver seus objetivos totalmente realizados pela mesma razão que tampouco o lograra Frederico II: a época não era propícia para a aplicação integral de uma Estratégia que só poderia culminar com a Batalha Final contra as Potências da Matéria; uma época tal ainda está pendente na História e talvez já estejamos entrando nela; mas Felipe IV se aproximou bastante, o mais que pôde, de seu objetivo; e nesse fato inegável reside sua Glória.*

Em primeiro lugar em importância os instrutores **Domini Canis** *revelaram ao infante em que consistia a Função Régia do Pacto de Sangue, conceito que Frederico II, setenta anos antes, compreendera claramente:* **se existe um povo racial, uma comunidade de sangue, sempre, sempre, se conformará em seu seio uma Aristocracia do Espírito, de onde surgirá o Rei Soberano: o Rei será quem ostente o grau mais elevado da Aristocracia, o Sangue Mais Puro; quem possua tal valor, será reconhecido carismaticamente pelo povo e reinará por Direito Divino do Espírito. Sua**

Soberania não poderá ser questionada nem discutida e portanto seu poder deverá ser** Absoluto**. Nada há mais Alto que o Espírito e o Rei do Sangue expressa o Espírito; e no Sangue Puro do povo subjaze o Espírito; e por isso o Rei do Sangue Puro que expressa o Espírito é a Voz do Povo, sua Vontade individualizada de tender ao Espírito. De maneira que nada material pode se interpor entre o Rei do Sangue e o Povo: pelo contrário, o Sangue Puro os une carismaticamente, em um contato que se dá fora do Tempo e do Espaço, nessa instância absoluta mais além da matéria criada que se chama** A Origem comum da Raça do Espírito**. E daqui que tudo quanto se conforme materialmente em relação ao povo deva estar subordinado ao Rei do Sangue: todas as vontades devem somar-se ou dobrar-se frente sua Vontade; todos os poderes devem subordinar-se ante seu Poder. Inclusive o poder religioso, que só alcança os limites do Culto, deve inclinar-se ante a Vontade do Espírito que o Rei do Sangue manifesta.

Em segundo lugar, se explica a Felipe IV a queda que os povos do Pacto de Sangue sofrem por causa da "fadiga de guerra" e os modos empregados pelos Sacerdotes do Pacto Cultural para desvirtuar, deformar e corromper a Função Régia. No caso do Império Romano, os conceitos anteriores, herdados dos Etruscos, estavam contemplados no Direito Romano antigo e em muitos aspectos se manteriam presentes até a época dos Imperadores Cristãos. Concretamente seria Constantino quem abriria as portas aos partidários mais fanáticos do Pacto Cultural, quando autoriza com o Edito de Milão a prática do Culto Judaico-cristão; mas o dano maior à Função Régia é causado por Teodósio I setenta anos depois, ao oficializar o Judaico-cristianismo como **única religião de estado**. *Começaria então o longo mas fecundo processo no qual o Direito Romano se converte em Direito Canônico; quer dizer, aquilo do Direito Romano que convinha para fundamentar a supremacia do papado seria conservado no Direito Canônico, e o resto sabiamente expurgado ou ignorado. Esse processo brindaria a justificação jurídica ao* **Cesaropapismo**, *a pretensão papal de impor um absolutismo religioso sobre os Reis do Sangue, cujos expoentes mais fervorosos foram Gregório VII, Inocêncio III e Bonifácio VIII.*

Antes da decadência do Império, os Reis e Imperadores Romanos se atribuíam origem Divina e isso constava também do Direito Romano. A tarefa dos canonistas católicos foi bem simples: consistiu em substituir a fonte da soberania régia, os "Deuses Pagãos", pelo "Verdadeiro Deus"; e em trocar o máximo representante do Poder, Rei ou Imperador, pela figura de "Pedro", o Vigário de Jesus Cristo. Ainda que óbvio, deve ser esclarecido que depois dessas substituições toda origem Divina ficava excluída do Direito Canônico, que em adiante seria o Direito oficial do mundo cristão: Jesus Cristo tinha se apresentado só uma vez e dito "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja". O direito Divino de reger a Igreja, e toda sua feligresia, ricos ou pobres, nobres ou plebeus, correspondia, pois, **unicamente** *a Pedro; e desde logo a seus sucessores, os Altos Sacerdotes do Senhor. Pedro tinha sido eleito por Jesus Cristo para ser seu representante e expressar seu Poder; e Jesus Cristo era Filho de Deus; e o Deus Uno no Mistério da Trindade, o Deus Criador de Todo o Existente: nada haveria, pois, no mundo que pudesse se considerar mais elevado que o representante do Deus Criador. Em conseqüência, se alguém ousasse se interpor a Pedro, se pretendesse exercer um Poder ou uma Vontade contraposta à do Vigário de Jesus Cristo, se se considerasse um Direito Divino, para isso, se trataria claramente de um herege, de um homem maldito de Deus, de um ser que com sua própria insolência se situou fora da Igreja e ao que corresponde, com toda justiça, suprimir também do mundo.*

O Direito Canônico não deixava, assim, nenhuma possibilidade para que os Reis do Sangue exercessem a Função Régia: a Soberania real procedia agora do Culto Cristão; e os Reis deviam ser **investidos** *pelos sucessores de Pedro, os Sacerdotes* **maximus**. *E se a realeza deveria ser* **confirmada**, *ficava com isso anulado o princípio da Aristocracia do Sangue Puro, tal como convinha*

ao Pacto Cultural. Naturalmente, como tantas vezes antes, os povos se submeterão ao feitiço dos Sacerdotes e sobrevirão os tempos tenebrosos de ausência de Rei, nos quais a Função Régia é usurpada pelas Potências da Matéria. Os Reis do Direito Canônico não são Reis do Sangue mas meros governadores, agentes do Poder estatal, de acordo com a definição do Papa Gelásio I: "à parte do Poder estatal existe a Autoridade da Igreja, de onde procede a soberania do primeiro". Dessa idéia gelasiana deriva a teoria das Duas Espadas, formulada por São Bernardo Golen: o Poder estatal é análogo à ***"Espada temporal"****, enquanto que a Autoridade da Igreja equivale à* ***"Espada espiritual"****; Pedro e seus sucessores, portanto, empunhariam a "Espada espiritual" ante a qual deve se inclinar a "Espada temporal" dos Reis e Imperadores.*

Mas nada disso é certo, ainda que se o codifique no Direito Canônico. A pretensa "Espada espiritual" da Igreja Golen é só uma ***Espada sacerdotal****. E o Poder que um Rei do Sangue está autorizado a exercer pelo Direito Divino do Espírito Eterno, não é exatamente análogo a uma "Espada temporal" mas a uma* ***Espada de Vontade Absoluta****, a uma Espada cuja empunhadura se acha na Origem, mais além do Tempo e do Espaço, mas* ***cuja lâmina pode atravessar o Tempo e o Espaço e manifestar-se ao povo****. Em todo caso, o Rei do Sangue empunha* ***a Espada Volitiva****, cuja ação se chama* ***Honra****, e plasma com seus toques as formas do Reino: desses golpes de Vontade real, desses atos de Honra, brotará a Legislação, a Justiça, a sábia administração do Estado Carismático.*

Se Felipe IV deseja se apresentar como Rei do Sangue, esclarecem os ***Domini Canis****, deverá restaurar previamente a Função Régia, deverá abandonar a ilusória "Espada temporal" que foi imposta a seus antepassados pelos Sacerdotes do Pacto Cultural, e empunhar a verdadeira Espada Volitiva dos Senhores do Pacto de Sangue, a Espada que manifesta o Poder Absoluto do Espírito. No entanto, o Direito Canônico, vigente nesse momento, legaliza a hierarquização das Espadas de acordo com o Pacto Cultural: primeiro a Espada sacerdotal, pontifícia; depois a Espada "temporal", régia. É necessário então modificar a ordem jurídica existente, circunscrever o Direito Canônico ao âmbito exclusivamente religioso e estabelecer um Direito civil separado: a Função Régia requer inevitavelmente a separação da Igreja e do Estado.*

Agora bem: frente a essa exigência, Felipe IV não se encontrava na situação de iniciar algo totalmente novo, uma espécie de "revolução jurídica"; pelo contrário, o ***Circulus Domini Canis*** *ia preparando o terreno para isso desde os tempos de Luís IX, avô de Felipe IV. A partir desses dias, com efeito, os Senhores do Cão vinham influindo sutilmente na Corte francesa para favorecer a formação de toda uma classe de* ***legistas seculares****, cuja missão secreta consistia em revisar e atualizar o Direito Romano. Felipe III, o filho de Luís IX, foi um Rei completamente dominado pelos Golen cistercienses, que o mantiveram numa ignorância tal que, valha como exemplo, jamais aprendeu a ler e escrever; sua estrutura mental, habilmente modelada pelos instrutores Golen, correspondia mais à de um monge que a do guerreiro. Os Senhores do Cão nunca tentaram alterar esse controle pois sua Estratégia não passava por ele mas por seu filho Felipe IV; no entanto, em seu momento conseguiram influir para que Felipe III aprovasse uma Lei, aparentemente proveitosa para a Coroa, na qual se reservava ao direito de outorgar títulos de nobreza aos legistas seculares; esse instrumento jurídico se fez valer logo para promover numerosos e importantes* ***Domini Canis*** *aos mais altos cargos e magistraturas da Corte, até então proibidos a todas as classes plebéias. Aqueles legistas seculares, pertencentes ao* ***Circulus Domini Canis****, se dedicaram enormemente a sua missão específica e, em 1285, tinham já desenvolvido os fundamentos que permitiriam* ***constituir*** *um Estado no qual a Função Régia estivesse por cima de qualquer outro poder. Felipe IV contaria de entrada, pois, com uma equipe de conselheiros e funcionários altamente especializados em Direito Romano, que o auxiliariam fielmente em sua confrontação com o papado Golen. Das mais prestigiosas universidades francesas, especialmente Paris,*

Tolosa e Montpellier, mas também da Ordem de Predicadores, e até da nova burguesia instruída, sairão os legistas que darão apoio intelectual a Felipe IV: entre os principais cabe recordar aos Cavaleiros Pierre Flotte, Robert de Artois e o Conde de Saint Pol; Enguerrand de Marigny, procedente da burguesia normanda, assim como seu irmão, o bispo Philippe de Marigny; Guillermo de Plasian, Cavaleiro de Tolosa e fervente Cátaro; Guillermo de Nogaret, membro da família de vilões que habitava nas terras de Pedro de Creta e Valentina, em San Félix de Caramán; seus avós tinham sido queimados em Albi por Simão de Montfort, mas ele professava secretamente o catarismo e integrava o ***Circulus Domini Canis****; foi professor de leis em Montpellier e Nimes, antes de ser convocado para a Corte de Felipe o Belo.*

Trigésimo Sexto Dia

A partir dos conceitos precedentes, inculcados em Felipe IV pelos instrutores ***Domini Canis****, se vai delineando sua futura Estratégia: antes de tudo, deverá restaurar a Função Régia; para isso procurará separar a Igreja do Estado; e tal separação será fundamentada pelos precisos argumentos jurídicos do Direito Romano. Mas a participação da Igreja se manifestava nos três poderes principais do Estado: no* ***legislativo****, pela supremacia do Direito Canônico sobre o foro civil; no* ***judiciário****, pela supremacia dos Tribunais eclesiásticos para julgar todos os casos, independentemente e por cima da justiça civil; e no* ***administrativo*** *pela absorção de grandes rendas procedentes do Reino, sem que o Estado pudesse exercer nenhum controle sobre elas. As medidas que Felipe IV adotará para mudar esse último ponto, serão as que provocarão a reação mais violenta da Igreja Golen.*

Quando Felipe IV sobe ao Trono, a Igreja era política e economicamente poderosa, e se achava imiscuída no Estado. Seu pai, Felipe III, tinha comprometido o Reino numa Cruzada contra Aragão que já tinha custado uma terrível derrota às armas francesas. A monarquia era fraca frente a nobreza terra tenente: os Senhores feudais, ao cair no Pacto Cultural, foram outorgando um valor superlativo à ***propriedade*** *da terra, abandonando e esquecendo o antigo conceito estratégico da* ***ocupação*** *que sustentavam os povos do Pacto de Sangue; portanto, nos tempos de Felipe IV, se aceitava que uma absurda relação existisse entre a nobreza de uma linhagem e a área superficial das terras sob sua propriedade, de sorte tal que o Senhor que mais terras tinha, pretendia ser o mais Nobre e poderoso, chegando mesmo a disputar soberania com o Rei. Antes de Felipe Augusto, por exemplo, o Duque de Guyenne, o Conde de Tolosa ou o Duque da Normandia, possuíam individualmente mais terras que a Casa reinante dos Capetos. O Rei da Inglaterra, teoricamente, era vassalo do Rei da França, mas em mais de uma ocasião seu domínio territorial o convertia em um perigoso rival; isso se viu claramente durante o reinado de Henry II Plantagenet, quem, além de Rei da Inglaterra, era também soberano de grande parte da França: Normandia, Maine, Anjou, Turenne, Aquitaine, Auvergne, Annis, Saintonge, Angoumois, Marche e Perigord. Só quando João Sem Terra cometeu os erros que são conhecidos, o Rei Felipe Augusto recuperou para sua Casa a Normandia, Anjou, Maine, Turenne e Poitou. No entanto, Luís IX, companheiro de Cruzada de Edward I, devolveria a esse Rei inglês os feudos franceses.*

Desde o desmembramento do Império de Carlos Magno, e até Felipe III, pois, não existia nada parecido com uma ***consciência nacional*** *nos Reis da França senão uma ambição de domínio territorial que tendia a respaldar o poder feudal: a nobreza era então puramente* ***cultural****, se fundava em* ***títulos de propriedade*** *e não no* ***sangue*** *como corresponderia a uma autêntica* ***Aristocracia do Espírito****. De maneira que as expansões territoriais dos antecessores de Felipe IV não tinham outro objetivo que não a obtenção de poder e prestígio na sociedade feudal: de nenhum modo essas possessões teriam conduzido à unidade política da França, à monarquia absoluta, à administração centralizada e racional, e à consciência nacional. Tais resultados foram obra exclusiva da Estratégia de Felipe IV.*

Mas uma "Estratégia Hiperbórea" não é um mero conjunto de medidas mas a estrutura dinâmica de uma ação finalmente eficaz. A Estratégia de Felipe IV se baseava no seguinte conceito da Sabedoria Hiperbórea: ***se um povo se organiza de acordo com o Pacto de Sangue, então a Função Régia exige o modo de vida estratégico****. Quer dizer, que o Rei do Pacto de Sangue deverá conduzir seu povo aplicando os princípios estratégicos da* ***Ocupação****, do* ***Cerco****, e da*

***Muralha Estratégica**; complementados com o princípio do **Cultivo Mágico**, ou seja, com a herança Atlante Branca da Agricultura e da Pecuária. Com esse conceito, do qual já falei no Terceiro Dia, devemos nos remeter para compreender estruturalmente a mudança da política francesa por trás do advento de Felipe o Belo.*

Em termos práticos, a Estratégia que Felipe IV se propunha a implementar consistia na execução dos três princípios mencionados mediante três feitos políticos correspondentes. Explicarei agora, na ordem, o modo como Felipe IV entendia tais princípios, vinculados à Função Régia, e logo mostrarei como seus atos políticos respondiam fielmente à Estratégia Hiperbórea dos ***Domini Canis****.*

Primeiro: ***Ocupação do espaço real****. Esse princípio admite vários graus de compreensão; obviamente, no caso da Função Régia, a* ***ocupação*** *deve incluir essencialmente o território do Reino. Mas quem deve ocupar as terras do Reino? O Rei do Sangue e a Casa reinante****, em nome da comunidade racial, quer dizer, do Espírito****, que isso é que é um povo do Pacto de Sangue. Porque o Rei, segundo se disse, é "a Voz do povo", "sua Vontade individualizada"; o Rei* ***deve*** *ocupar o território do Reino para que se concretize a soberania popular. O sistema feudal patrimonial, produto do Pacto Cultural, atentava contra a Função Régia pois mantinha o Rei separado do povo: o povo medieval, de fato, devia obediência direta aos Senhores Territoriais, e estes, ao Rei; e o Rei só podia se dirigir ao povo através dos Senhores feudais. Por isso Felipe IV sancionaria uma lei que obrigava, a todo o povo da França, a jurar fidelidade diretamente ao Rei, sem intermediários de nenhuma classe:* ***"nada material pode se interpor entre o Rei do Sangue e o Povo"****. Em síntese,* ***a Ocupação do Reino, pelo Rei, "é" a Soberania****.*

Segundo: ***aplicar o princípio do Cerco no espaço real ocupado****. No grau mais superficial do significado, se refere também à área territorial: a área própria deve ser isolada estrategicamente do domínio inimigo por meio do princípio do Cerco; isso supõe, em todo caso, a definição de uma fronteira estatal. Mas esse segundo passo estratégico é o que concede realidade ao conceito de "Nação": de acordo com o Pacto de Sangue,* ***um povo, de Origem, Sangue e Raça comuns, organizado como Estado Soberano, e ocupando e cercando as terras de seu Reino, constitui uma*** *Nação. Dentro do cerco está a Nação; fora, o Inimigo. Entretanto, tal separação ideal pode ser alterada por diversos fatores e não é sem luta que se chega a concretizar a aplicação do princípio do Cerco e dar nascimento à nacionalidade: pode ocorrer, como se verá em seguida, que a área do Cerco exceda, em certos estratos do espaço real, a área territorial, e invada o espaço de outras nações; mas pode ocorrer também que o Inimigo exterior penetre na área estatal própria e ameace interiormente a Nação. Isto não é difícil dada a natureza* ***cultural*** *do Inimigo, vale dizer, procedente do Pacto Cultural:* ***o "Inimigo Exterior" é também o "Inimigo Interior" porque o Inimigo é Uno, é O Uno e seus representantes, ou seja, o Inimigo carece de nacionalidade, ou melhor colocado, é "internacional"; o Inimigo desconhece o princípio de Cerco e não respeita fronteiras de nenhuma espécie pois todo o mundo para ele é seu*** *campus belli****: e nesse*** *campo de guerra* ***universal, onde tenta impor sua vontade, estão incluídas as Nações e os povos, as cidades e os claustros, as Culturas que dão sentido ao homem, e o fértil campo de sua Alma****. Compreende-se então que o princípio do Cerco é um conceito mais extenso que o sugerido à primeira vista e que só sua exata definição e aplicação permitem descobrir o Inimigo.*

O princípio se refere na verdade a um Cerco estratégico, cuja existência depende somente da Vontade de quem o aplique e sustente. Por isso o Cerco abarca múltiplos campos, e não é meramente territorial: ***uma área ocupada pode ser efetivamente cercada, mas tal área geográfica não é nada mais que a*** *"aplicação"* ***do princípio do Cerco; não é o Cerco estratégico em si. O Cerco estratégico não descreve jamais uma área geográfica, nem sequer geométrica, mas*** *carismática. Isso se comprova claramente no caso da Nação. Os membros de uma Nação admitem muitas fronteiras nacionais ademais de geográficas: os limites territoriais da Babilônia*

talvez estivessem assinalados pelos rios Tigre e Eufrates, mas as fronteiras do **temor** *que seu exército nacional inspirava se estendiam a todo o Mundo Antigo; e o mesmo princípio pode se empregar para assinalar qualquer outro aspecto da Cultura de uma Nação, a qual sempre apresentará uma área de influência nacional diferente do espaço geográfico estatal. Mas, e isso é o importante:* **só os membros de uma Nação sabem onde começam e terminam seus limites; quem é alheio a ela poderão intuir as regiões onde se manifesta o nacional, mas a definição precisa a conhecem unicamente aqueles que pertencem à Nação. E essa percepção, que não é racional nem irracional, se diz que é** *carismática.*

A Sabedoria Hiperbórea afirma que **o princípio do Cerco determina uma** *forma* **e um** *conteúdo***: a forma, se denomina "Mística"; e o conteúdo, "Carisma"**. *Os membros de uma Nação por outra parte são* **sujeitos estratégicos.** *Uma Nação, como produto de um Cerco estratégico, determina sua forma Mística própria, a qual é percebida carismaticamente pelos sujeitos estratégicos que pertencem a ela. Toda Mística, a nacional ou qualquer outra, é independente do tempo e do espaço físico: sua manifestação é puramente carismática. Disso deriva que todos os que percebem a Mística, quer dizer, os que se encontram sob o mesmo Cerco estratégico, adquiram* **idêntico conhecimento sobre sua forma, sem diferença de perspectiva***: tal unidade é possível porque todos os sujeitos estratégicos possuem uma conexão a priori, que é a Origem Comum do Sangue Puro;* **sob a forma de uma Mística, os sujeitos estratégicos experimentam uma Vinculação Carismática, que os une na Origem e lhes revela idêntica Verdade**. *Entende-se assim o conceito de* **centralidade** *da Mística***: todo sujeito estratégico é o Centro da Mística; mas, como a percepção é carismática, nem temporal nem espacial, é claro que o mesmo centro está simultaneamente em todos os sujeitos estratégicos**. *Com respeito à Nação Mística, por exemplo, há um Centro que radica simultaneamente em todos os membros de seu povo, os sujeitos estratégicos: cada um deles projeta o princípio do Cerco em qualquer campo, seja geográfico ou cultural, e recebe carismaticamente a Mística nacional;* **e a Nação é uma e a mesma para todos**.

E agora se entenderá melhor, Dr. Siegnagel, o caráter carismático da Função Régia: de acordo com a Sabedoria Hiperbórea, **se o Centro de uma Mística nacional se incorpora num homem, este, sem dúvida alguma, é o Rei do Sangue Puro, Líder racial, Chefe carismático, etc, desse povo**. *O Rei do Sangue é pois o* **Centro fundamental** *da Mística do Reino, que é o mesmo centro que radica simultaneamente em todos os seus súditos:* **"de maneira que nada material possa se interpor entre o Rei do Sangue e o Povo" pois entre eles existe a Vinculação Carismática na Origem comum do Sangue Puro**.

Ao aplicar o princípio do Cerco em seu Reino, Felipe IV percebe a Mística da Nação francesa e observa também, como que por contraste, o Inimigo, externo e interno. Quem é o Inimigo? Deve-se considerar vários graus. Em primeiro lugar, o Inimigo é todo aquele que se opõe ao estabelecimento do Cerco estratégico: quem reconhece uma fronteira nacional mas não a aceita; quem pressiona contra alguma das fronteiras nacionais. Nesse caso está por exemplo outra Nação, vizinha ou não, mas que exerce o poder inquestionável de expandir seu cerco nacional, baseado no Direito Divino do Espírito, a Reinar sobre povos racialmente inferiores e ocupar seu território: a polêmica será decidida pela guerra, o meio pelo qual se determina inequivocamente que Nação possui a melhor Estratégia Hiperbórea e, por conseguinte, qual é o povo de Sangue Mais Puro e quem é o Rei do Sangue mais espiritual. Mas esse é um Inimigo digno, posto que reconhece a existência da Nação adversária mas não respeita os limites de seu Cerco: com um Inimigo tal, sempre é possível pactuar um acordo de coexistência nacional, que não significa, desde logo, a paz definitiva, já que não é possível suspender o efeito carismático da Aristocracia

do Sangue Puro: tanto em uma como em outra Nação, irão surgindo líderes que tentarão resolver a questão. A paz permanente são se concebe na Estratégia nacional dos povos do Pacto de Sangue mas um conceito totalmente diferente, conhecido como ***Mística nacional****, e que será alcançado por ambos os povos ao final da Guerra: o objetivo primeiro da guerra nacional não é, deste modo, a mera ocupação do território inimigo, nem a imposição de uma cultura alheia, nem a aniquilação do povo enfrentado; todos esses objetivos, postos em primeiro lugar, obedecem aos desvios estratégicos introduzidos pelos Sacerdotes do Pacto Cultural; o objetivo principal é a incorporação da Nação inimiga à Mística nacional própria, a Vinculação Carismática entre ambos os povos e a coincidência com o Rei do Sangue, seja qual for; e se isso supõe a destruição de uma Casa real, a extinção de uma Voz do povo, a Mística triunfante se manifestará, para todos os sujeitos estratégicos em luta, em outra Voz do Povo de caráter carismático superior, que os expressará a todos por igual.*

Mas, em segundo grau, deve-se considerar ao Inimigo que não admite sequer o direito de existência das Nações Místicas. Com esse Inimigo não é possível conciliações de nenhuma classe. Claro que tampouco as solicita, posto que jamais declare abertamente a guerra, a qual prefere repudiar, e prefere operar secretamente, ***desde dentro do Cerco estratégico****. Propõe-se assim a corromper e destruir as bases carismáticas do Estado místico e causar o enfraquecimento e eventual supressão dos limites do Cerco nacional, quer dizer, causar a deformação e desintegração da forma mística. Esse inimigo, que se deve qualificar de* ***sinárquico****, conta em todas as Nações, e em todos os estamentos das estruturas estatais, com organizações de agentes doutrinados nos objetivos do Pacto Cultural: tais* ***internacionais satânicas*** *conspiram contra a própria existência da Nação mística; e por fim contra a aplicação do princípio do Cerco e a Vinculação Carismática entre o Rei e o povo, que põe a Nação fora de seu controle, quer dizer, fora do Controle da Fraternidade Branca, que é quem alenta, nutre e vivifica os internacionalismos sinárquicos. Os planos da Fraternidade Branca, já expliquei amplamente, apontam ao estabelecimento da Sinarquia Universal do Povo Eleito.*

Por isso aquelas internacionais coincidiam todas em sustentar os princípios do Pacto Cultural, dirigidos para debilitar os fundamentos estratégicos hiperbóreos dos Povos do Pacto de Sangue: para tirar a base ética da realidade da Aristocracia do Espírito, fundada sobre a herança racial do Símbolo da Origem nos povos de Sangue Puro, ***afirmavam a igualdade de todos os homens frente ao Criador Jehová Satanás****. Para demonstrar que o Cerco estratégico, e a Nação por ele definida, eram só uma idéia mesquinha, elaborada por homens medíocres, estreitos e egoístas, empregavam o cristianismo como instrumento para igualar culturalmente os povos e os condicionavam a identificar o Princípio Universal de Poder com o Papa de Roma, que indubitavelmente empunhava a Espada sacerdotal que dominava as Espadas temporais dos Reis: o Papa era um verdadeiro Soberano Universal, que imperava sobre os povos e Nações; frente a sua "Grandeza e Poder", a obra dos Reis do Sangue deveria aparecer aos homens adormecidos evidentemente desprovida de caráter místico; e a Aristocracia do Espírito e do Sangue seria, para aqueles igualitaristas fanáticos, uma criação artificial da Nobreza, um produto dos privilégios da sociedade feudal.*

E para desprestigiar a guerra como meio de afirmar a Mística nacional, propunham a utopia da paz: uma paz perpétua que se obteria em todo caso se a humanidade entrava na etapa do universalismo religioso, se todos os poderes seculares, as Espadas temporais, se dobravam ante a Espada sacerdotal do Sumo Pontífice católico; então acabariam as guerras e os cristãos viveriam sempre em paz, longe das armas e campos de batalha, e do capricho de Senhores, entregues ao trabalho e à oração, protegidos pela justiça absoluta dos Representantes de Deus e de sua Lei; um só Governo Mundial reteria o Poder, e até seria possível que as Duas Espadas estivessem em mãos de um Papa imperial; e a paz traria riqueza a todos por igual; mas essa riqueza seria administrada justa e equitativamente por uma Banca única, produto de concentração bancária, ou ***Sinarquia financeira****, dependente exclusivamente do Sumo*

Sacerdote que deteria o Poder Universal. O povo cristão, pois, não deveria duvidar sobre quem representava realmente seus interesses e a quem se deveria conceder sem pestanejar a Soberania Universal: o ocupante do Trono de São Pedro, o propulsor da ***universalis pax****, o regente da Pomba de Israel.*

Contra essa civilização cristã de Paz e Amor, de cultura igualitária, se opunham as fronteiras nacionais e os Reis do Sangue; e a civilização pagã do Ódio e da Guerra, que invariavelmente se produzia dentro dos cercos místicos; e a Aristocracia do Espírito; e os sujeitos estratégicos que carismaticamente percebiam e conheciam os limites de suas fronteiras nacionais: contra eles lutaria sem declarar guerra, subversivamente, o Inimigo interno e externo da Nação, apoiado em suas forças de quinta coluna, em suas organizações internacionais, que apontavam todas ao estabelecimento do Governo Mundial e da Sinarquia Universal do Povo Eleito.

E quem era pois o Inimigo da Nação francesa? Com o monitoramento dos ***Domini Canis****, Felipe IV determina rigorosamente a identidade do Inimigo, que se apresenta em várias alas táticas. Por ordem de periculosidade, as distintas linhas de ação eram levadas adiante pelas seguintes organizações: I) a Igreja Golen. Há séculos, já, que os Golen controlavam a eleição papal e, desde Roma, dirigiam o mundo cristão. Se bem que o principal inimigo propriamente dito fossem os Golen, estes se oporiam a Felipe IV como Inimigo externo através do Papa e como Inimigo interno por meio de suas Ordens monásticas, guerreiras e financeiras. II) As Ordens Golen beneditinas: a Congregação de Cluny, a Ordem Cisterciense, e a Ordem Templária, que empregava o Reino da França como base de operações. III) O Povo Eleito, com sua permanente tarefa corruptora e desestabilizadora. IV) A Banca lombarda, propriedade das Casas güelfas da Itália. V) A Casa real inglesa, controlada pelos Golen anglo-saxões e proprietária de grandes feudos no Reino da França. VI) Certos Senhores feudais vassalos do Rei da França, tais como o Conde de Flandres, que traíam o Rei em favor da Casa real inglesa, motivados por interesses comerciais e financeiros, aos que não eram alheios os numerosos e ricos membros do Povo Eleito que infectavam as cidades flamencas e inglesas, e pela influência antifrancesa dos Golen anglo-saxões.*

Terceiro: ***construir a Muralha Estratégica****. É óbvio dizer que Felipe IV não chegou a cumprir com o terceiro objetivo do modo de vida estratégico pois, se tal coisa tivesse ocorrido, a história da Humanidade teria tomado um rumo totalmente diferente e não se acharia hoje, novamente, nos momentos precedentes à instauração do Governo Mundial e da Sinarquia do Povo Eleito. A aplicação do Princípio do Cerco, cumprida brilhantemente por Felipe o Belo, lhe custou a vida nas mãos do Inimigo interno, mas serviu para assinalar o fracasso total dos planos da Fraternidade Branca para essa época. E os Homens de Pedra e Pontífices Hiperbóreos, que dentro do* ***Circulus Domini Canis*** *aguardavam a ocasião de aplicar a Sabedoria Lítica para construir as Muralhas Estratégicas, tiveram de suspender o projeto devido à falta de aptidões iniciáticas dos Reis posteriores, que afundaram o Reino, já convertido em Nação Soberana, em múltiplas dificuldades, uma só das quais foi a Guerra dos Cem Anos.*

Trigésimo Sétimo Dia

Acercamos-nos, Estimado Dr. Siegnagel, ao desenlace da história de Felipe IV, quer dizer, ao momento em que fracassam os planos da Fraternidade Branca, desenvolvidos durante os setecentos anos anteriores pelos Golen.

Já indiquei por onde deveria começar a Estratégia do Rei iniciado: ***Ocupação*** *do espaço real e* ***Cercado****. A seguir se deveria eliminar o inimigo interno para proteger a Mística nacional, que é o efetivo campo de ação da Função Régia. Os conceitos da Sabedoria Hiperbórea que expus nos últimos dias, e que de maneira análoga foram assimilados por Felipe IV no século XIII, permitiam aceder a um ponto de vista estratégico diferente, desde o qual os atos de seu reinado adquiriam seu verdadeiro sentido. Felipe IV recebe a Coroa da França em 1285: herda de Felipe III, nesse momento, o desastre militar da Cruzada contra Aragão e a obrigação contraída pelo Reino de investir seu irmão Carlos com as Coroas de Pedro III. Mas Felipe IV não se interessa em continuar a luta e só se limita a frear os golpes de audácia dos aragoneses, que com a valentia adquirida por seus triunfos, realizam periódicas incursões e desembarques em território francês. A paz de Tarascón, acertada em 1291, e o tratado de Anagni de 1295, põem fim à infeliz campanha e frustram a esperança papal Golen de acabar com a influência das casas da Suábia e Aragão sobre os assuntos da Itália.*

A que se deveu aquela mudança política da Casa de França? A aplicação do princípio do Cerco e a compreensão da verdadeira natureza do Inimigo: Felipe IV, ainda que os aragoneses, como todos na época, tardassem em perceber, era mais gibelino que Pedro III; jamais poderia ser o Reino de Aragão o inimigo essencial de um Rei do Sangue Puro como Felipe o Belo: no máximo seria um adversário cavalheiresco, outra Nação lutando para impor sua Mística. Por isso Aragão não figurava na lista dos seis inimigos principais do Reino da França.

Ao aplicar o princípio do Cerco, Felipe IV determina imediatamente as fronteiras estratégicas da França: para o Leste, o país termina na margem do Reno; para o Norte, no Oceano Atlântico e o Canal da Mancha; e para o Oeste, os Pirineus assinalavam o limite com o Reino de Aragão. Para Felipe IV, e para seus instrutores ***Domini Canis****, era estrategicamente errôneo tentar se expandir às custas de Aragão, uma Nação dotada de poderosa Mística, sem ter aplicado previamente o princípio da Ocupação no território próprio: dali o fracasso da Cruzada. Em conseqüência, dedicaria um grande esforço diplomático para pactuar a paz com Aragão, coisa que de fato conseguiria, como se adiantou, num Congresso celebrado em Anagni em 1295. Com as mãos livres, o Rei se lançaria à empresa de expulsar os ingleses do território francês.*

Guyenne era a província da França mais extensa depois do Languedoc; de sua capital, Burdeos, procedia Bertrand de Got, um Senhor do Cão que foi para sob o nome de Clemente V e de quem se falará mais adiante. Mas aquele enorme Ducado se achava em poder de Edward I Plantagenet desde 1252, ainda que rodeado pelos Condados franceses de Poitou, Gascoigne e o Reino de Navarra, cujo Rei era também Felipe IV. A oportunidade de ocupar os territórios ingleses de Guyenne viria com um conflito entre marinheiros ingleses e normandos no porto de Bayonne em 1292. Os Corsários ingleses se apoderaram de uma esquadrilha francesa e saquearam La Rochelle: nada mais precisava o francês para tomar numerosos fortes e castelos e fechar o cerco. Dois anos depois, Inglaterra e França travavam uma guerra naval encarniçada.

A guerra contra o Inimigo exterior inglês não só significava uma mudança de frente da política francesa mas ademais aportava um bom pretexto para começar a reforma administrativa do Reino. Esta reforma, largamente planejada pelos legistas ***Domini Canis****, deveria começar necessariamente com a* ***separação financeira*** *da Igreja e do Estado: essencialmente, deveria controlar as rendas*

eclesiásticas, que habitualmente circulavam para Roma fora de toda fiscalização. Paralelamente, se sancionaria um sistema impositivo que assegurasse a continuidade das rendas reais. O pretexto seria a autorização que os Papas tinham concedido a Felipe III e Felipe IV para gravar com um dízimo as rendas da Igreja da França a fim de custear a Cruzada contra Aragão: se bem que em fins de 1295 a paz com Aragão estava acertada, um ano antes estalava a guerra com a Inglaterra dando ocasião a Felipe IV de prosseguir com as extrações. Aquilo era ilegal; mas se tornaria legal graças a uma lei de fins de 1295 que impunha ao clero da França a contribuição forçosa de um "imposto de guerra" sobre suas rendas.

Antes de ver a reação da Igreja Golen, merece um comentário à parte a atitude que o Papa Golen Martim IV assumira quando interditou os Reinos de Pedro III: nela se aprecia claramente o grande ódio que alimentava contra a Casa da Suábia. O caso é que aquele imponente exército, que Felipe III levou à Catalunha, não só foi financiado com o dízimo da Igreja da França: Martim IV cancelou a cruzada que então Edward I da Inglaterra planejava na Terra Santa, para derivar contra Aragão o dízimo do clero inglês. Mas além disso gastou totalmente as somas com as quais contribuíram Cerdenha, Hungria, Suécia, Dinamarca, Eslavônia e Polônia, originalmente para auxiliar os Cristãos da Palestina. Esperando em vão os socorros da Europa, os bastiões orientais não tardariam em cair em poder dos sarracenos: em 1291, São João de Acre, o último reduto cristão, cedia frente ao Emir do Egito Melik-el-Ascraf. Desse modo, dois séculos depois da primeira Cruzada, e deixando rios de sangue atrás de si, terminava a existência do Reino Cristão de Jerusalém. A Ordem do Templo, sem a necessidade de simular o sustentamento do "exército do Oriente", ficava livre para se dedicar a sua real missão: se afirmar como primeira potência financeira da Europa, manter uma milícia de Cavaleiros como base de um futuro exército europeu unificado, e propiciar a destruição das monarquias em favor do Governo Mundial e da Sinarquia do Povo Eleito.

Logo das mortes de Martim IV e Felipe III, o Papa Honório IV prosseguiu outorgando dízimos a Felipe o Belo com a esperança de que este desse cumprimento à cruzada contra Aragão. Igual critério adotaria Nicolau IV, de 1288 a 1292, que era partidário dos angevinos apesar de pertencer a família gibelina; não obstante, favoreceu a família Colonna, nomeando Cardeal Pedro Colonna; fundou a Universidade de Montpellier, onde ensinaria leis Guillermo de Nogaret; e pôs sob jurisdição direta do Trono de São Pedro a Ordem dos Franciscanos menores; a queda de São João de Acre lhe produziu grande consternação e publicou uma Cruzada para enviar socorro aos Cristãos e tentar a reconquista; estava traçando esses planos quando faleceu devido a uma epidemia que dizimou a cidade de Roma. Ao morrer aquele Papa, que representara uma alentadora promessa nos projetos do Rei da França, os Cardeais fugiram em sua maioria para Rieti, em Perugia, deixando abandonada a Santa Sé por mais de dois anos: durante esse intervalo o solo pontifício ficaria inabitado. Aparentemente, os doze Cardeais, seis romanos, quatro italianos e dois franceses, não conseguiam um acordo para eleger um novo Papa, mas na verdade a demora obedecia a uma hábil manobra de Felipe IV e os Senhores do Cão.

Os Golen tinham favorecido a presença francesa na Itália porque tinham a Casa de França como incondicionalmente güelfa: jamais previram que de seu seio sairia um Rei gibelino. Tal confiança se recompensou em princípio pela terrível repressão que Carlos de Anjou descarregou sobre o partido gibelino e os membros da Casa da Suábia. E esses "serviços" tiveram o efeito de aumentar a influência francesa nos assuntos de Roma. Felipe IV saberia se aproveitar dessa situação para preparar secretamente a ressurreição do partido gibelino. Seus principais aliados seriam os membros da família Colonna, e o cardeal Hugo Aicilin, que se comunicavam com ele por meio de Pierre de Paroi, Prior de Chaise, que era Senhor do Cão e agente secreto francês: a todos se lhes tinham ofertado ricos Condados franceses em troca de apoio no Sacro Colégio. O apoio consistia, desde logo, em impedir que fosse eleito um Papa Golen, ou no melhor dos casos, nomear um dominicano.

A dos Colonna era uma família de nobres romanos que durante vários séculos tiveram muito peso no Governo de Roma e na Igreja Católica. Possuíam uma série de Senhorios na região montanhosa que vai de Roma a Nápoles, de sorte que quase todos os caminhos ao Sul da Itália passavam por suas terras. Nesses dias, haviam dois Cardeais Colonna: o velho Jacobo Colonna, patrão da Ordem dos Franciscanos Espirituais, e seu sobrinho Pedro Colonna. O irmão maior de Pedro, João Colonna, no mesmo período, foi Senador e Governador de Roma. Desnecessário dizer que essa família era um Clã poderoso, que formava partido com outros Senhores, Cavaleiros e Bispos; tal partido se achava contraposto, com muita força, pelo segundo Clã importante, o dos Orsini ou Ursinos, que eram decididamente güelfos e estavam controlados pelos Golen. Ambos os grupos dominavam os restantes Cardeais que deviam decidir na eleição papal; até esse momento, as posições se achavam empatadas, optando os Colonna por travar todas as tentativas dos Golen e propor, por sua vez, membros de seu próprio Clã.

Mas a Igreja Católica era nessa época uma organização estendida por todo o Orbe, possuidora de milhares de Igrejas e Senhorios vassalos que canalizavam a Roma grandes quantias de dinheiro e mercadorias valiosas; sua administração não podia ficar muito tempo a deriva. Assim as coisas, logo de dois anos e três meses de discussões, ficaram suficientemente insustentáveis para que se exigisse uma eleição, sem atrasos. Então, visto que não surgiria acordo para nomear Papa algum dos Cardeais presentes, se convém em designar um não purpurado. Os dois grupos pensam em um laranja, um Papa fraco cuja vontade possa ser dirigida em segredo. E então, em 5 de Julho de 1294, se alcança a unanimidade dos votos, optando todos por Pedro de Murrone, um Santo ermitão de oitenta e cinco anos de idade que vivia retirado numa caverna.

Os Franciscanos Espirituais, dirigidos por Jacobo Colonna, tinham retomado a antiga tradição monástica inspirados na Regra de São Francisco e na visão apocalíptica de Joaquim de Fiore. Trinta anos antes, Pedro era guia de várias comunidades de Franciscanos Espirituais, mas não satisfeito ainda com o extremo rigor da Ordem, fundou a sua própria, que logo seria lembrada como "Ordem dos Celestinos". No entanto, apesar de que os mosteiros Celestinos se estendiam pela Itália Meridional, Pedro tinha se retirado a uma cova do Monte Murrone para se dedicar à vida contemplativa; se achava naquele retiro quando teve notícia de seu nomeação para o cargo de Papa: duvidava da conveniência de aceitar mas foi convencido por Carlos II o Coxo, filho de Carlos de Anjou, que liberto da prisão catalã reinava então em Nápoles. Ao fim, Pedro aceitou a investidura papal e tomou o nome de Celestino V: toda a cristandade saudou alvoroçada a entronização do Santo, de quem esperavam que pusesse freio ao materialismo e à imoralidade reinante na hierarquia eclesiástica e abrisse a Igreja para uma reforma espiritual. Entende-se pois que para os Colonna, e para Felipe IV, aquele eleição tivesse sabor de triunfo.

Mas Pedro de Murrone carecia de toda instrução e dos conhecimentos necessários para administrar uma instituição das dimensões da Igreja Católica; sua única experiência de governo provinha da condução de pequenas comunidades de Frades. Ademais, ao Santo não lhe interessavam esses assuntos mundanos mas questões relativas à religião prática: a evangelização, a oração, a salvação da Alma. Delegou assim aos Cardeais e a um grupo de Bispos legistas as questões temporais, formando-se um entorno corrupto e interessado que em quatro meses afundou a Igreja numa grande desordem econômica.

Os Golen, é lógico, também esperavam controlar Pedro de Murrone; confiavam sobretudo no Rei de Nápoles, a quem Pedro tinha especial afeto: supunham que Carlos II não respaldaria as intrigas de seu primo Felipe o Belo e prosseguiria com a política güelfa de Carlos de Anjou; com a ajuda do Rei seria fácil conseguir que o Papa sancionasse como próprias as medidas propostas por eles. E contavam, além disso, com um surpreendente segredo: um Cardeal, Benedicto Gaetani, procedente de uma família gibelina e abertamente alistado na causa da França, era um dos seus. Esse Golen, Doutor em Direito

Canônico, Teólogo e expert em Diplomacia, se situaria próximo ao Santo sem despertar as suspeitas dos Colonna, contra quem alimentava no seu interior desejos mortais.

Convém destacar agora duas das mudanças introduzidas por Celestino a instâncias de Carlos II. Aumentou o número de Cardeais nomeando outros doze, a maioria italianos e franceses, e restabeleceu a lei do Conclave, que obrigava a substituir os membros faltantes do Sacro Colégio. E conferiu aos Franciscanos Espirituais a autorização para funcionar independentemente da Ordem de Frades menores. Tais medidas favoreceram a influência francesa na Igreja e o partido dos Colonna.

Os Golen não chegariam a controlar Celestino V. E com o correr dos meses caíram em conta de que a guerra entre a França e a Inglaterra não só fortalecia Felipe IV mas ameaçava paralisar os planos da Fraternidade Branca. Não havia tempo para sutilezas: urgia acabar com o Santo e colocar em seu lugar um Papa Golen, um homem capaz de se impor àquele Rei imberbe que se atrevia a desafiar as Potências da Matéria: desde o Trono de São Pedro, cujo domínio eles tinham exercido quase ininterruptamente por setecentos anos, apresentariam a Felipe IV uma oposição como não se via desde os tempos de Henrique IV, Frederico I e Frederico II. No entanto, não se atreveriam a assassinar Celestino pelas repercussões que esse fato pudesse ter sobre o povo da Itália, que estava impressionado pelas virtudes espirituais do Papa. Surgiu assim a idéia de convencer o Santo de que seu Pontificado não convinha à Igreja, necessitada de um Papa que se ocupasse em levar adiante outros assuntos importantes além dos religiosos, por exemplo, os administrativos, legislativos, jurídicos e diplomáticos. O porta-voz dessa idéia, e quem ofereceria assessoria legal para concretizar a renúncia, era o Cardeal Benedicto Gaetani.

Aquelas pressões fariam Celestino duvidar, mas podiam mais os conselhos dos que solicitavam sua permanência pois a Igreja precisava da Santidade de sua presença. Ao se aproximar dos cinco meses de reinado, Benedicto Gaetani chegaria a recorrer a baixeza de comprar sua ajuda de câmara e fazer com que se instalasse, desde o piso superior, um tubo que dava por trás do Cristo do Altar, numa Capela onde Celestino ia orar diariamente: a voz que surgiu de "Jesus" disse: "Celestino, descarrega de teus ombros o fardo do papado, pois é peso superior a tuas forças". Em princípio o Santo o tomou como um aviso do Céu, mas logo foi avisado da charlatanice. No entanto, se aproximava o natal e Celestino se dispunha a se retirar a um mosteiro solitário dos Abruzos para orar em solidão, segundo seu costume de toda a vida. Por conselho do Rei de Nápoles, decide designar três Cardeais investidos com amplos poderes para atuar em seu nome durante as quatro semanas de ausência: foi então que um Cardeal Golen acusou o Papa de realizar uma ação ilegal. A Igreja, disse, não podia ter quatro esposos, a dignidade papal não era delegável até esse ponto. Isso convenceu o Santo a renunciar, mais enojado pelas intrigas que se desenvolviam em torno seu que pelo peso dos argumentos lançados.

Mas renunciar à investidura papal não é o mesmo que abdicar a uma investidura real. No Direito Canônico vigente até então, a possibilidade não estava contemplada e nunca se tinha apresentado um caso desde que São Pedro nomeara como seu sucessor São Lino, no século I. Pelo contrário, o Direito Canônico afirmava que a investidura era vitalícia, pois sua aceitação tinha o caráter de um enlace matrimonial entre o Papa e a Igreja, dogmaticamente indissolúvel. Para salvar essa dificuldade, os Cardeais canonistas Bianchi e Gaetani recorreram a uma lógica pueril: o Direito Canônico rege e formaliza a conduta dos Papas, mas sobre o Direito Canônico está o próprio Papa, o Vigário de Jesus Cristo; a ele lhe corresponde o direito evidente de modificar com sua palavra infalível toda lei e todo dogma; incluindo o tema da renúncia à investidura papal. Em 13 de Dezembro de 1294, cinco meses e nove dias depois de haver sido entronado, Celestino V firmava a Bula redigida pelos canonistas de Benedicto Gaetani, na que se confirmava o direito do Papa a renunciar sem profundos e fundados encargos de consciência, como por exemplo, o crer que seu modo de conduzir a Igreja poderia redundar em

graves danos para ela ou, simplesmente, a convicção de não ser apto para o cargo o justificariam. Ato seguido, tirou a tiara, as sandálias de São Pedro e o anel, e se demitiu de seu alto cargo.

*Em 29 de Dezembro de 1294 o Conclave elegeu o Cardeal Benedicto Gaetani, natural de Anagni e membro das nobres famílias que tinham dado à Igreja os Papas Alexandre IV, Inocêncio IV e Gregório IX: tomou o nome de Bonifácio VIII. Pedro de Murrone, que além de santo tinha fama de possuir o dom da profecia, lhe fez a seguinte advertência: "**Vos haveis galgado como uma raposa, reinareis como um leão e morrereis como um cão**".*

Sobre a legalidade de sua atitude se suscitaram as mais acirradas polêmicas entre os canonistas, que duraram séculos, pois uma opinião generalizada desde muito sustentava que a investidura papal não poderia ser renunciada por nenhum decreto. Essa opinião, que compartilhavam muitos teólogos e canonistas da Itália e França, era sustentada também pelo povo, que seguia considerando Celestino V como o legítimo Papa. Temendo um Cisma os Golen decidem eliminar Pedro de Murrone: Bonifácio VIII o faz prender uma cova das montanhas de San Angel, em Apulia, onde tinha se retirado, e o confina na Fortaleza de Fumona, em Campania; em Maio de 1296 seria assassinado e seu corpo enterrado a cinco metros de profundidade.

Trigésimo Oitavo Dia

A célebre ***querela das investiduras****, travada entre Gregório VII e Henrique IV, entre a Espada sacerdotal e a Espada volitiva, seria renovada agora por Bonifácio VIII e Felipe IV: mas onde antes tinha triunfado a primeira, agora se imporia a segunda, com todo o peso que pode descarregar a Verdade Absoluta sobre a mentira essencial. Os tempos tinham mudado e não se tratava de um embate entre o Sacerdote do Culto e o Rei do Sangue no qual o primeiro levava vantagem porque dominava a Cultura através da Religião e a Igreja organizada, enquanto o segundo carecia da orientação* ***estratégica necessária*** *para fazer valer* ***o poder carismático do Sangue Puro****. Com Felipe IV os Golen se achavam frente a um Rei Iniciado que se opunha no plano das Estratégias, quer dizer, no contexto da Guerra Essencial: o Sacerdote do Culto e o Pacto Cultural, contra o Rei do Sangue e o Pacto de Sangue; a Cultura sinárquica contra o modo de vida estratégico; o Papa Golen Bonifácio VIII e o conceito teocrático de Governo Mundial, contra o Rei do Sangue Puro Felipe IV e o conceito de Nação Mística; os planos da Fraternidade Branca contra a Sabedoria Hiperbórea. Sim, Dr. Siegnagel, desta vez a querela se dava em torno de duas Estratégias Totais, e sua resolução implicaria a derrota total de um dos adversários, quer dizer, a impossibilidade de cumprir com seus objetivos estratégicos. Mas, como se tratava da Estratégia das Potências da Matéria contra a Estratégia do Espírito Eterno, representadas por Bonifácio VIII e Felipe IV, não seria difícil prever quem sairia vencedor. Isso foi mais bem sintetizado por Pierre Flotte, um Senhor do Cão que era ministro de Felipe o Belo: quando Bonifácio VIII afirmou: "Eu, por ser Papa, empunho as duas Espadas", ele lhe respondeu: "É verdade, Santo Padre; mas ali onde vossas Espadas são só uma teoria, as minhas de Rei são uma realidade".*

Já em Outubro de 1294 se reúnem numerosos sínodos provinciais franceses para tratar sobre a ajuda que o Rei pedia para solucionar a guerra com a Inglaterra. Muitos aprovam a transferência, durante dois anos, de um dízimo extraordinário, mas a maioria das Ordens fazem chegar seu protesto ao Vaticano. E aqui se pode dizer que começa uma das divisões mais fortes no seio da Igreja: os Bispos franceses, em grande número, vão sendo conquistados pela Mística nacional, e se sentem carismaticamente inclinados a apoiar Felipe o Belo; por outra parte, a Igreja Golen, representada na França pelas Ordens beneditinas, isto é, a Congregação de Cluny, a Ordem Cisterciense e a Ordem Templária, se opõem furiosamente às pretensões de Felipe IV: é o Abade de Citeaux quem leva a Bonifácio VIII as reclamações mais virulentas na assembléia geral de 1296 na que se compara os "Bispos servis" que aceitam pagar impostos, com os "cães mudos" da Sagrada Escritura, enquanto que o Rei é igualado ao Faraó. Aquela diferença, que então estava bastante acentuada, foi dividindo em dois bandos a Igreja da França. No bando do Rei se alinhavam os Bispos nacionalistas, alguns dos quais eram Senhores do Cão, embora que a maioria se compusesse de simples patriotas que temiam no fundo um enfrentamento com a Santa Sé: a eles não os descuidaria Felipe IV, assegurando-lhes em todos os casos a proteção real contra qualquer represália que suas condutas pudessem ocasionar; também a Universidade de Paris, a mais prestigiosa escola de Direito Canônico da Europa, estava dividida: ali, à parte da questão da reforma impositiva, se debatia ainda sobre a legalidade da eleição de Bonifácio VIII, sendo muitos os canonistas que consideravam Celestino V como o verdadeiro Papa. As seguintes medidas de Felipe IV, e os movimentos estratégicos dos ***Domini Canis****, tenderiam a consolidar a unidade desse bando, e a aglutiná-los em torno do Rei do Sangue, e opô-los a Bonifácio VIII.*

No outro bando, o da Igreja Golen propriamente dita, encabeçada por Bonifácio VIII, se agrupavam os inimigos da Nação Mística, quer dizer, os partidários do "Inimigo exterior e interior"

das Ordens Golen e seu núcleo secreto: o Colégio de Construtores de Templos. Para Felipe IV, e assim seria exposto no processo aos Templários, desde tais Sociedades Secretas se elaborava um complô destinado a debilitar as monarquias em favor de um Governo Mundial. Contra esse bando satânico, suficientemente poderoso para tentar a última defesa dos planos da Fraternidade Branca, Felipe IV devia golpear com toda a força de sua Espada Volitiva, tratando que o golpe correspondesse à Mais Alta Estratégia Hiperbórea.

Bonifácio VIII não perde mais tempo. Decide aplicar sobre o Rei da França, e em forma extensiva sobre todos os que ousassem imitá-lo, o prestígio universal da Igreja Católica. Desse prestígio surge o princípio de obediência à autoridade papal, a qual ninguém até então ousou desobedecer sem sofrer graves penas em sua condição religiosa, quando não castigos de ordem mais concreta. O chamado a uma Cruzada para salvaguardar a Religião Católica convocava as mais fervorosas adesões, punha em movimento milhares de fiéis; e só se tratava de um mandato papal, de uma ordem obedecida por respeito à Santa Investidura de seu emissor. Não seria, por acaso, o momento justo para aplicar aquele prestígio sobre esse reizinho rebelde, que se atrevia a interferir nos planos centenários da Igreja Golen? Mas Bonifácio VIII não tinha em conta, ao avaliar a força daquele prestígio, a recente perda da Terra Santa, nem a frustrada Cruzada contra Aragão, nem a presença aragonesa na Sicília, nem a extrema debilidade que a guerra contra a Casa da Suábia produzira no Reino alemão, nem a quase inexistência do Império salvo o título que ainda se outorgava aos Reis alemães, etc. Nada disso tomou em conta e decidiu atacar Felipe IV mediante a bula ***Clericis laicos*** *de 24 de Fevereiro de 1296.*

Nela se proibia, sob ***pena de excomunhão****, todos os príncipes seculares de demandar ou receber subsídios extraordinários do clero; os clérigos, por sua parte, eram proibidos de pagá-los, salvo autorização em contrário da Santa Sé,* ***sob a mesma pena de excomunhão****. Chegava-se assim ao absurdo de que um Bispo corria o risco de ser excomungado não só por cair em heresia, mas também por pagar um imposto. Não se lhe escapará, Dr. Siegnagel, as conotações judaicas que existem por detrás de tal mentalidade avarenta e codiciosa.*

A reação de Felipe IV foi conseqüente. Reuniu na França uma assembléia de Bispos para debater a bula ***Clericis laicos****, na que acusou os que a obedecessem de não contribuir com a defesa do Reino e de ser, portanto, passíveis do cargo de traição: o Direito Romano se opunha, já, ao Direito Canônico. Enviou alguns Bispos leais e ministros a Roma para tratar da questão com o Papa, enquanto secretamente alentava os Colonna para que fortalecessem o partido gibelino. Mas ademais de tomar essas medidas, fez algo muito mais efetivo: em 17 de Agosto promulgou um edito pelo qual se proibia a exportação de ouro e prata do Reino da França; outro edito real proibia os banqueiros italianos que operavam na França de aceitar fundos destinados ao Papa. Desse modo o Papa ficava privado de receber as rendas eclesiásticas procedentes da Igreja da França, incluindo seus próprios feudos.*

Bonifácio VIII, desde logo, não esperava semelhante golpe por parte do Rei francês. Felipe IV tinha já exposto a nova situação ao povo mediante bandos, libelos e assembléias convocadas para isso; e já a tinha exposto habilmente, de modo que a Igreja de Roma aparecia como indiferente frente à necessidade da Nação francesa, como interessada somente em suas rendas: enquanto a Nação deveria mobilizar todos os seus recursos para enfrentar uma guerra exterior, se pretendia que aceitasse passivamente, "sob pena de excomunhão", que o clero derivasse fundos importantes para Roma. Esses argumentos justificavam ante o povo e os estamentos o edito real, e predispunham a todos contra a bula papal: em forma unânime se solicitava a Felipe IV desobedecer a ***Clericis laicos****, cujo conteúdo, segundo os legistas seculares, era manifestamente perverso pois obrigava o Rei a faltar com as leis de seu Reino. Para Bonifácio VIII, cujo amor pelo ouro ia em par com seu fanatismo pela causa Golen, a privação daquelas rendas significava pouco menos que uma mutilação física, ainda mais quando teve notícias que o Rei inglês Edward I estava imitando as medidas de Felipe quanto à extração de dízimos eclesiásticos,*

e agora se prestava a desobedecer também a **Clericis laicos** *e a se apropriar da totalidade das rendas da Igreja. Compreender-se-á melhor a dor de Bonifácio VIII se observamos os montantes das rendas em questão: A Itália aportava 500.000 florins de ouro de dízimos papais; a Inglaterra 600.000; e a França, que já vinha retendo parte devido à cruzada contra Aragão, 200.000. Tratava-se de uma quantia que por nada no mundo se podia renunciar.*

Para que Bonifácio VIII precisava de tais quantidades? Em parte para financiar a guerra com a que pensava romper o cerco gibelino que estava se desenvolvendo na Itália, onde ainda estava pendente a questão siciliana; e em parte para enriquecer a ele e a sua família, já que Benedicto Gaetani estava dotado com perfeição dos traços do ambicioso ilimitado, do trepador inescrupuloso, do tirano corrupto; valham esses exemplos: quando conseguiu o papado anulou imediatamente as leis e decretos de Nicolás IV e Celestino V que beneficiavam aos Colonna, transferindo os títulos em favor de seus familiares; do Rei Carlos II obteve para seu sobrinho o título de Conde de Caserta e vários feudos; para os filhos deste, dos do Conde de Palazzo e do Conde de Fondí; para si mesmo, se apropriou do velho palácio do Imperador Otaviano, convertido então na Fortaleza militar de Roma, a que restaurou e reedificou magnificamente, empregando para isso dinheiro da Igreja; igual procedimento seguiu com outros castelos e fortalezas de Campania e Maremma, todos os quais passaram a integrar seu patrimônio pessoal; possuía palácios, um mais belo que o outro, em Roma, Rieti e Orvieto, suas residências habituais, ainda que o mais belo e luxuoso fosse sem dúvidas o da sua cidade natal de Anagni, onde passava a maior parte do ano; viva pois em um ambiente de luxo e esplendor que em nada condizia com sua condição de cabeça de uma Igreja que exalta a salvação da Alma pela prática da humildade e da pobreza; carecia de escrúpulos para conceder cargos e favores em troca de dinheiro, quer dizer, era simoníaco; colocava o dinheiro, seu ou da Igreja indistintamente, em mãos dos banqueiros lombardos ou Templários para ser emprestado a juros usurários; não tinha piedade para alcançar seus fins, qualidade que demonstrou logo ao fazer assassinar Celestino V, e confirmou logo com as sangrentas perseguições de gibelinos que desatou na Itália; e para completar esse quadro de sua personalidade sinistra, talvez baste um último exemplo: como todo Golen, Bonifácio VIII era chegado à sodomia ritual.

Por suposto, assim como os Golen não tinham disposto de um Rei do feitio de Felipe IV para se opor a este, tampouco dispunham de um São Bernardo para sentar no trono pontifício: Benedicto Gaetani era o melhor que tinham e a ele confiavam a execução de sua Estratégia. E a melhor Estratégia parecia ser, frente à dureza e valentia de Felipe IV, a de retroceder um passo e se preparar para avançar dois. Com outras palavras, se procurara acalmar o Rei amenizando o sentido da bula **Clericis laicos***, o que se tentaria com outra bula,* **Ineffabilis amor***, de 21 de Setembro de 1296, e se dedicariam todos os meios disponíveis pela Igreja para acabar com a ameaça gibelina na Itália e Sicília; e quanto ao pretexto da guerra contra a Inglaterra usado pelo Rei da França para justificar suas exações, se o neutralizaria obrigando as partes a pactuar a paz; pura lógica: sem guerra, o Rei não teria motivos para exigir impostos nem contribuições ao clero.*

À **Ineffabilis amor** *se seguem as bulas* **Romana mater ecclesia** *e* **Novertis***, nas que ora ameaça ao Rei com a excomunhão, ora lhe manifesta sua total aprovação dos dízimos, sempre e quando o Reino se achasse realmente em perigo; mas o que se destaca em todas elas é a soberba com que se dirige ao Rei, a quem considera mero súdito. Essas bulas levantariam uma onda de indignação na França, posto que fossem lidas publicamente por ordem do Rei, e predisporiam ainda mais aos Bispos franceses contra a intransigência papal. São eles que se reúnem numa assembléia em Paris e solicitam ao Papa, em 1 de Fevereiro de 1297, a autorização para subvencionar Felipe IV, que no momento enfrenta a traição do Conde de Flandres. Este, com efeito, tinha se aliado ao Rei da Inglaterra, que tentava recuperar Guyenne, e ameaçava o Norte da França. Bonifácio VIII deve ceder ante os fatos e autorizar as contribuições, ficando a* **Clericis laicos** *uma letra morta.*

Em Abril de 1297, Bonifácio envia a Paris os Cardeais Albano e Preneste portando nova bula: nela **ordena** *os monarcas em conflito a estabelecer trégua de um ano enquanto se pactua o tratado de paz definitivo; a negociação estaria em cargo do Papa. Felipe IV os recebe, mas antes de permitir que leiam o escrito faz a seguinte advertência: "Dizei ao Papa que é nossa convicção que só ao Rei corresponde mandar no Reino. Que Nós somos o Rei da França e não reconhecemos competência de ninguém por cima da nossa para intervir nos assuntos do Reino. Que o Rei da Inglaterra e o Conde de Flandres são vassalos do Rei da França e que Nós não aceitamos outro conselho que a Voz da Honra para tratar nossos súditos".*

A bula foi lida, mas Felipe não respondeu até Junho de 1298, quando a sorte das armas lhe era adversa frente às forças unidas da Inglaterra e Flandres. Então aceitou a arbitragem de Bonifácio VIII mas não em qualidade de Papa, mas só como "Benedicto Gaetani": desse modo evitava admitir a jurisdição papal nas questões do Reino.

A tudo isso, a polêmica sobre a legitimidade de Bonifácio VIII continuava mais viva que nunca. Na França, os Senhores do Cão se encarregavam de atualizar o debate, enquanto na Itália a agitação corria por conta dos Colonna: a preferência por Bonifácio VIII ou Celestino V tinha ali se tornado sinônimo de güelfo ou gibelino. Os Colonna, recebendo ajuda secreta de Felipe IV, e aliados agora ao Rei Fadrique da Sicília, filho de Pedro III de Aragão e Constança de Suábia, se apresentavam na ótica do Papa como os candidatos mais firmes para uma **vendetta** *Golen. Só precisavam de uma chance, e esta se apresentou quando Esteban Colonna assaltou uma caravana papal que transportava o tesouro pontifício de Anagni a Roma. Esteban* **Sciarra** *Colonna não tinha obrado com intenção de roubo mas com a certeza de resgatar os bens da Igreja das mãos de um usurpador; por isso conduziu o tesouro à luz do dia a seu castelo da Palestrina.*

O castigo que Bonifácio VIII aplicaria aos Colonna, e aos gibelinos, seria exemplar, ainda que característico da mentalidade Golen. Primeiro apresentou ao povo de Roma o ato de Sciarra Colonna como um crime inqualificável, pelo qual responsabilizou toda sua Estirpe – "O Cardeal Pedro é o Chefe dos gibelinos e tanto ele quanto o Cardeal Jacobo foram os culpados de que a eleição papal se atrasasse dois anos em Perusa. Agora, outro membro dessa família ousa se levantar contra a autoridade do Papa, a mais elevada do Universo, e se atreve a roubar seu tesouro: essa linhagem maldita deve ser proscrita da Igreja". Em vão foi que os Cardeais Colonna proclamassem a ilegitimidade de Bonifácio VIII, que aportassem em favor de suas acusações as dúvidas que a Universidade de Paris sustentava sobre a renúncia de Celestino V, ou que solicitassem a formação de um Concílio Geral da Igreja para deliberar o caso: em menos de um mês, e com a aprovação do Sacro Colégio, os Cardeais Jacobo e Pedro são excomungados e depostos, assim como João Colonna e seus filhos, Agapito, Jacobo e Estevan Sciarra. Ademais de afastá-los da Igreja e do cristianismo, na bula se ordena confiscar seus bens, propriedades e títulos. Naturalmente, os Colonna resistem e Bonifácio lhes responde publicando uma Cruzada: os que dela participem obterão as mesmas dispensas que os que foram à Terra Santa.

Ao passo dos cruzados as matanças de gibelinos se renovam em toda a Itália. O Castelo de Sciarra, na Palestrina, é tomado e, por ordem de Bonifácio, reduzido a escombros, a terra arada e coberta de sal. Sciarra e o resto dos Colonna devem fugir para a França completamente arruinados. Pouco depois é a vez dos Franciscanos Espirituais: segundo outra bula suas doutrinas eram heréticas e se ordenava a dissolução da Ordem.

Trigésimo Nono Dia

Só em 1299 conseguiria Felipe o Belo acabar a guerra com a Inglaterra. A trégua acordada por Benedicto Gaetani se foi desenvolvendo morosamente sem que as Nações em pugna cedessem suas intenções de reanudar a contenda. Finalmente, mediante o tratado de Montreuil, a guerra terminou graças a condições próprias da época: Edward I, Rei da Inglaterra, se casaria com Margarita, irmã de Felipe IV, enquanto que Edward II, filho do inglês, se comprometia com Isabel, menina de quatro anos que era a única filha do francês; Isabel levaria como dote o Ducado de Guyenne mas os ingleses não pisariam por ora em território francês. No ano seguinte, Felipe ocupa com suas tropas o Condado de Flandres e fecha o Cerco Estratégico.

Corre pois o ano 1330, quando Felipe o Belo completa os dois primeiros passos do modo de vida estratégico desde a Função Régia: realizou **o princípio da Ocupação** *do território do Reino e aplicou o* **princípio do Cerco***; e os campos se preparam para a exploração racional da Agricultura e da Pecuária. A Estratégia Hiperbórea alcança então seu mais alto grau de desenvolvimento e quase não existe poder sobre a Terra capaz de se opor ao Rei do Sangue e a Nação Mística. Soou a hora do Estado carismático, no qual Rei e Povo são uma só Voz e Vontade. A detenção do Bispo de Pamiers, que desencadeará a última reação de Bonifácio VIII, mostrará claramente a existência do Estado carismático.*

Bernard de Soisset, Bispo de Pamiers era na realidade um espião Golen. Se lhe havia encomendado a missão de investigar no Languedoc a existência de uma Sociedade Secreta a qual presumidamente pertenceriam os conselheiros de Felipe o Belo. Logo de paciente trabalho, chegou a uma assombrosa conclusão: "efetivamente, existia uma suja conspiração contra a Igreja Golen; nela confluíam os Cátaros, que reapareciam surpreendentemente organizados, os Franciscanos Espirituais recentemente excomungados, e alguns membros da Ordem dos Predicadores, especialmente espanhóis; as disputas entre inquisidores e hereges eram a todas as luzes simuladas e se advertia facilmente que atrás do complô estava a mão de Felipe o Belo, que protegia pessoalmente todos os envolvidos". Antes de ser descoberto pelos Senhores do Cão, e ser detido e acusado de Alta Traição, o Bispo de Pamiers conseguiu enviar seu informe a Bonifácio VIII que exigiu ao Rei da França sua imediata libertação. Isso não era possível sem correr o risco de que se conhecessem mais detalhes sobre os **Domini Canis***, de modo que se o acusou formalmente de estar involucrado num plano sedicioso a serviço da Coroa de Aragão. Seria julgado por um tribunal civil, o que estava em total contradição com o Direito canônico, que proibia os Bispos de comparecer ante tribunais seculares.*

A necessidade de contar com o Bispo de Pamiers para obter testemunho contra Felipe o Belo e o desafio que era na época o processo civil de um Bispo, causaram a ira de Bonifácio VIII. Sua resposta seria a bula **Ausculta fili***, despachada para a França em Dezembro de 1301, junto com outras de menor importância. Nela, Bonifácio criticava violentamente a reforma jurídica e administrativa do Rei:* ***"Voltai, meu filho muito amado, ao caminho que leva a Deus, e do qual vos apartaste, seja por sua culpa ou por instigação de*** *conselheiros malévolos.* ***Sobretudo, não os deixeis persuadir de que não tendes um superior e de que não estais sujeitos ao Papa, que é chefe da hierarquia eclesiástica. Uma opinião semelhante é insensata, e quem a alente é um infiel já segregado do rebanho do Bom Pastor****". Aqueles "conselheiros malévolos", de logo, não seriam outros que senão os* **Domini Canis***. A seguir, Bonifácio expressa que, com o fim de considerar as desordens causadas pela má conduta de Felipe, e achar-lhes justo remédio,* **convoca todos os Bispos a um Concílio em Roma para Novembro de 1302***: durante o mesmo, o Rei, que se convida a comparecer, será julgado por seus*

"delitos" e chamado à correção. Felipe IV, claro, não só não se apresentaria, mas proibiria os Bispos de abandonar a França sem seu consentimento.

Os "delitos" que se imputavam ao Rei em ***Ausculta fili*** *hoje nos pareceriam perfeitamente soberanos: era acusado de "mudar o sistema monetário"; "criar impostos desconhecidos"; "registrar as rendas que a Igreja francesa emitia pra Roma"; "impor a seus súditos fronteiras nacionais"; etc. Cópias dessa bula foram lidas e queimadas publicamente em toda a França, gerando um movimento popular de indignação contra o despotismo teocrático do Papa.*

Como adiantei, Dr. Siegnagel, com ***Ausculta fili*** *se apresentou a oportunidade de exibir a Nação Mística, com essa nova estrutura do Estado que pacientemente criaram os legistas* ***Domini Canis****. Essa demonstração se realizou exatamente em 10 de Abril de 1302, na Catedral de Notre Dame em Paris, e pode se considerar como a primeira* ***Constituição*** *do moderno Estado francês. Ali se reuniram representantes de* ***todas*** *as províncias francesas, razão pela qual se denominou de "Estados Gerais" aquele congresso. Mas o realmente novo eram as* ***Três Ordens*** *que compunham a Assembléia; quer dizer, os representantes da Nobreza, do Clero****, e das Cidades****. Esses últimos, presentes pela primeira vez em um Conselho presidido pelo Rei. Deve-se situar naquele momento do século XIV para apreciar em sua verdadeira dimensão a inovação que era incluir junto a Nobres e Eclesiásticos representantes da classe plebéia; e isso não como um "direito democrático", arrancado por força a tiranos sangrentos ou Reis fracos, mas pelo reconhecimento real de que* ***o povo participa da soberania****, tal como afirma a Sabedoria Hiperbórea. Naturalmente, na Terceira Ordem estavam representados os distintos estratos que integravam o povo da Nação Mística: principalmente a nova e pujante burguesia, formada por comerciantes, mercadores e pequenos proprietários; os grêmios de artesanatos e construtores; os campesinos livres, etc.*

Destacada atuação na organização daquela primeira assembléia das Três Ordens coube aos Domini Canis, especialmente os três nomeados, Pierre Flotte, Robert de Artois e o Conde de Saint Pol. Pierre Flotte falou ao parlamento em nome do Rei, e suas palavras ainda são lembradas: - ***"O Papa nos mandou cartas nas que declara que devemos submeter-nos a ele no que se refere ao governo temporal de nosso Reino, e que devemos acatar não só a coroa de Deus como sempre se acreditou, mas também a da Sede Apostólica. Conforme essa declaração, o Pontífice convoca aos prelados deste Reino a um Concílio em Roma, para reformar os abusos que ele diz terem sidos cometidos por nós e nossos funcionários na administração de nossos Estados. Vós sabeis, por outra parte, de que modo o Papa empobrece a Igreja da França ao deixar a seu arbítrio benefícios cujas arrecadações passam a mãos estrangeiras. Não ignorais que as igrejas são esmagadas por demandas de dízimos; que os metropolitanos não tem autoridade sobre seus sufragâneos; nem os Bispos sobre seu clero; que, numa palavra, a corte de Roma, reduzindo a nada o episcopado, atrai tudo a si; poder e dinheiro. Deve-se por fim a esses desmandos. Os rogamos, portanto, como Senhores e Amigos, que nos ajudeis a defender as liberdades do Reino e as da Igreja. No tocante a nós, não duvidaremos, de ser necessário sacrificar por este duplo motivo nossos bens, nossa vida, e se a circunstância exigir, nossos filhos****". A posição de Felipe o Belo foi apoiada de forma coletiva pelos Estados Gerais.*

Os Nobres e as Cidades subscreveram cartas nas que rechaçavam com duros termos as acusações contra o Rei e denunciavam, por sua vez, a intenção do Papa de converter o Reino num feudo eclesiástico; as cartas foram enviadas, não ao Papa, mas ao Sacro Colégio. Ademais, juraram defender com seu sangue a independência da França e declararam que, com relação aos assuntos do Reino, ninguém existia mais alto que o Rei, nem o Imperador nem o Papa. Os Cardeais, desde logo, tentaram abafar a

situação "pelo modo descortês de referir-se ao Papa", mas as relações se envenenavam cada vez mais. Durante a Assembléia, tinham se tornados públicos os mais atrozes crimes atribuídos a Bonifácio VIII: roubo da investidura papal, assassinato, simonia, heresia, sodomia, etc; e aquela falta de autoridade moral, de quem pretendia se arvorar Soberano Supremo, foi divulgada em todos os cantos do Reino pelos publicitários de Felipe o Belo. O povo estava então com seu Rei e não reagiria adversamente frente a qualquer tentativa de limitar as ambições de Bonifácio VIII.

Quanto aos Bispos, se encontravam no seguinte dilema: se iam ao Concílio, seriam considerados "inimigos pessoais" do Rei; poderiam ser acusados de traição e, tal como ocorrera ao Bispo de Pamiers, julgados por tribunais civis. Mas se não assistiam, seriam excomungados por Bonifácio VIII. Entretanto, apesar das terríveis retaliações prometidas aos que não fossem a Roma, a maioria dos Bispos estavam pelo Rei, a quem consideravam como um representante mais digno da Religião Católica: só os Golen e os espiões de Felipe IV iriam em novembro para o Concílio; quer dizer, só iriam 36 dos 78 Bispos franceses. Mas antes do concílio, em 11 de Julho de 1302, um desgraçado evento veio pôr em luto a Corte Mística de Felipe o Belo: para sufocar a rebelião geral que tinha se desatado em Flandres, Felipe envia um poderoso exército de Cavaleiros, que é aniquilado naquele dia na batalha de Courtrai; e no campo de batalha ficam para sempre o inestimável Pierre Flotte, Robert de Artois e o Conde de Saint Pol, três Senhores do Cão cuja atuação foi o principal fator de êxito da Estratégia de Felipe IV. Imediatamente são promovidos outros **Domini Canis** *ainda mais temíveis que os três mortos: Guilherme de Nogaret, Enguerrand de Marigny e Guilherme de Plasian.*

Durante o Concílio não se toma nenhuma medida contra Felipe IV pois, como na fábula, não existiria nenhum rato disposto a colocar o sino no pescoço do gato. No entanto, a fúria de Bonifácio não tem limites quando lhe informam que na França se confiscaram os bens dos Bispos presentes e se lhes processaram por alta traição. Assim, em 18 de Novembro publica a bula **Unam Sanctam**, *que seria considerada a mais completa exposição jurídica jamais realizada em favor do absolutismo papal e sacerdotal. Impossibilitados de tomar outras medidas mais efetivas contra Felipe o Belo, os Golen tentam travar uma polêmica jurídica sobre o tema do "poder espiritual" e do "poder temporal"; por isso Bonifácio volta a insistir sobre a analogia das Duas Espadas: a tática consiste em conseguir que se aceite, como um silogismo, a verdade de que a Espada espiritual está por cima da Espada temporal; admitindo isso, se segue com a identificação do Papa com a Espada espiritual e do Rei com a Espada temporal: a conclusão evidente e lógica é que o Rei deve se submeter ao Papa cumprindo com a "Vontade de Deus". A idéia não era nova, mas agora se elevava a Dogma oficial da Igreja e seu rejeite implicaria o pecado de heresia.*

Recordemos, Dr. Siegnagel, as principais conclusões da bula. Para começar, afora a existência de **uma só Igreja,** *negando a recente acusação dos* **Domini Canis** *de que dentro da igreja Católica existe uma Igreja Golen, herética e satânica, da qual Bonifácio VIII seria um dos chefes; daí o nome da bula:* **Unam Sanctam Ecclesiam...** *nessa única Igreja "***estamos obrigados a crer porque fora dela não há salvação nem perdão dos pecados***". E essa única Igreja é análoga a um corpo orgânico, no qual a cabeça representa Jesus Cristo, e também o Papa, o Vigário de Jesus Cristo: "***Portanto, nessa única Igreja há um só corpo, uma só cabeça, e não duas cabeças como se fosse um monstro; a saber: Jesus Cristo e o Vigário de Jesus Cristo, Pedro e os sucessores de Pedro, são a cabeça da Igreja***". "***Por isso, as Espadas espiritual e temporal estão sujeitas ao poder da Igreja; a segunda deve ser usada*** *para a Igreja,* ***e a primeira*** *pela Igreja;* ***a primeira,*** *pelo Sacerdote;* ***a segunda, por mãos dos Reis e Cavaleiros, mas pela vontade e conformidade do Sacerdote". "Uma espada, no entanto, deve estar a serviço da outra, e a autoridade temporal sujeita ao poder espiritual".*** *O Rei não deve se imiscuir nos assuntos da Igreja, por exemplo no que se*

refere a suas rendas, pois se o faz está a cometer um grave erro, interfere com o "poder espiritual", e o Papa está obrigado a julgá-lo e chamá-lo à obediência, sem que, pelo contrário, nada sobre a Terra possa julgar o Papa: ***"Vemos isso claramente na apropriação de dízimos, tanto na glorificação como na santificação, na recepção desse poder e no governo das coisas. Porque, como a verdade testifica, o poder espiritual deve instituir e julgar o poder terreno, este não sendo corretamente exercido". "Portanto, se o poder terrena erra, pode ser julgado pelo poder superior; mas se em verdade erra o poder supremo, este só pode ser julgado por Deus, não por homem nenhum".***

Vale dizer, que todas as acusações contra Bonifácio VIII expostas durante a Assembléia dos Estados Gerais, e transcritos nas cartas aos Cardeais, carecem de valor por provir dos que não tem capacidade espiritual para julgar os atos do Papa: só Deus pode fazê-lo. E crer no contrário é manifesta heresia: ***"Portanto, quem quer que resista a esse poder assim ordenado por Deus, resiste à lei de Deus, a menos que pretenda a existência de dois princípios como os maniqueus... Pelo que declaramos, dizemos e definimos que é totalmente necessário para a salvação, que todas as criaturas humanas estejam sujeitas ao Sumo Pontífice Romano" ("Porro Subesse Romano Pontifici, omni humanae criaturae declaramus, decimus et diffinimus omnino esse, de necessitate salutis")****. A luva estava jogada no rosto do Rei da França; e se advertia claramente, nas palavras da bula, a intenção de excomungá-lo.*

Nos seguintes quatro meses, Felipe o Belo e os ***Domini Canis*** *celebram várias reuniões secretas. O prestígio de Bonifácio VIII caiu mais baixo que nunca na França, logo da bula* ***Unam Sanctam****: é a hora, propõem os Senhores do Cão, de depor o Papa; uma vez decapitado o Dragão Golen, seu corpo será inerte. No entanto, o argumento da ilegitimidade de sua investidura não conta com o respaldo unânime da Universidade de Paris, requisito necessário para fundamentar a imposição de uma nova eleição papal. Cobra força, entretanto, a idéia de apresentar uma acusação de heresia: a heresia, segundo o Direito canônico, é causal da destituição do Papa e conta com antecedentes históricos. Claro que para provar tal acusação, e derivar disso a substituição do Papa, se requeria um Concílio geral. Felipe IV se dispõe então a forçar a convocatória a um Concílio que julgue a conduta "herética" do Papa: confia em fazer valer, ali, o número de seus Bispos nacionais. Os Senhores do Cão o acompanharão instrumentando uma campanha de denúncias de heresia contra Bonifácio VIII, como modo de influir moralmente sobre os Bispos, e também sobre os Nobres e as Cidades. Guilherme de Nogaret e Guilherme de Plasian, se oferecem para oficiar de acusadores, sendo escolhido o primeiro para desempenhar uma missão secreta na Itália, o que não lhe impediria de iniciar a campanha de acusações "rogando publicamente ao Rei que defenda os cristãos da maldade de Bonifácio VIII", e o segundo para acusar publicamente o Papa.*

*Em 12 de Março de 1303, Guilherme de Nogaret, ante o Conselho de Ministros do Rei, lê e firma um manifesto, o que em seguida é copiado e publicado em todo o Reino. Dizia assim: "****O glorioso príncipe dos apóstolos, o bem-aventurado Pedro, falando em nome do Espírito, nos disse que, como nos tempos passados, assim como nos vindouros, surgirão falsos profetas que sabotarão o caminho da verdade, e que em sua codícia, e por meio de palavras enganosas, andarão em meio de nós, seguindo o exemplo desse Balaão que se satisfazia com o prêmio da iniqüidade. Para impor seus castigos e fazer ouvir suas ameaças, Balaão contava com uma criatura bestial que, dotada de fala humana, proclamava os desatinos do falso profeta... Estas coisas, que foram anunciadas pelo Pai e patriarca da Igreja, as vemos agora com nossos***

próprios olhos realizadas letra por letra. Em rigor a verdade, ali está sentado na cadeira do Bendito Pedro esse mestre de embustes, que apesar de ser Maléfico (Malfaisant) em todas as formas possíveis, é chamado ainda Benéfico (Boniface). Ele não entrou pela porta, no átrio de Nosso Senhor como pastor e lavrador, mas como assaltante e ladrão... Apesar de estar vivo o verdadeiro esposo da Igreja, Celestino V, ousou violentar a esposa por meio de abraços ilegítimos. O verdadeiro esposo não teve participação nesse divórcio. De fato, segundo dizem as leis humanas, *Nada mais oposto ao consentimento que o erro*... ***Não pode casar quem, enquanto o digno esposo vive, manchou o matrimônio com o adultério. Agora bem; como tudo o que se perpetua contra Deus é um delito e uma injúria que se comete contra todos, e no que a um delito tão grande se refere, o testemunho do primeiro que chegue deve ser recebido,*** *ainda que seja o da esposa, ainda que seja o de uma mulher maculada.* ***– Eu, por conseguinte, igual à besta que, mediante o poder de Deus foi dotada com a Voz de um homem verdadeiro para que reprovasse os desatinos do falso profeta, que chegou a maldizer a gente bendita, dirijo a vós minha súplica, o mais excelente de todos os príncipes, nosso Senhor Felipe, pela graça de Deus Rei da França, de que depois do exemplo do anjo que mostrou a espada desnuda a esse maldizente do Povo Eleito, vós, ungido para cumprir a justiça, tereis de opor a espada a estulto e mais fatal Balaão, e impedir-lhe de consumar o dano que está preparando contra o povo".***

*O dano consistia na excomunhão do Rei e a liberação de todos os cristãos franceses de cumprir com o juramento de fidelidade, com o que o Reino ficaria interditado e poderia ser conquistado legitimamente por aquele que o Papa autorizasse: tais os planos que preparava Bonifácio VIII e que os espias de Felipe IV lhe informavam periodicamente. Por outra parte, como efeito do manifesto de Nogaret, não se tomou nenhuma medida oficial, mas pronto o povo começou a referir-se ao papa como "**Maléfico VIII**", o que explica o porquê dos gascões terem na França a mesma fama que os andaluzes têm na Espanha.*

Quadragésimo Dia

Em 13 de Junho de 1303 se celebra uma Assembléia de Estados Gerais no Louvre, presidida pelo Rei. Nela se renovam as denúncias contra Bonifácio VIII e se expõe formalmente a necessidade de convocar um Concílio que o condene e nomeie um novo Papa. Os Nobres, as Cidades e os Bispos nacionalistas aceitam. Guilherme de Plasian solicita ser o acusador de Bonifácio no futuro Concílio; tem aprovação, e lê uma declaração onde expõe seus argumentos: ***"Eu, Guilherme de Plasian, Cavaleiro, digo, antecipo e afirmo que Bonifácio, que agora ocupa a Santa Sé, será achado um herege perfeito, de acordo com as heresias, fatos prodigiosos e doutrinas perversas mencionadas a seguir: 1) Não crê na imortalidade da Alma; 2) Não crê na vida eterna, pois afirma que seria melhor ser um cão, asno ou qualquer outra besta do que ser francês; coisa que não diria se acreditasse que um francês tem Alma eterna. Não crê na Presença verdadeira, pois adorna seu trono com maior esplendor que o altar. Disse que para humilhar sua majestade e os franceses transtornaria o Universo inteiro. Deu sua aprovação ao livro de Arnaud de Villeneuve, o bruxo protegido pelos cistercienses, que tinha sido condenado pelo Bispo e a Universidade de Paris. Fez erigir estátuas de si mesmo nas Igrejas com propósito que se lhe renda culto junto ao Crucificado. Tem um Demônio familiar, ao que chama "Bafoel", que lhe revela o que deseja saber: por isso disse que ainda que toda a humanidade estivesse em um lado, e ele sozinho em outro, ele não estaria errado, seja questão de fato ou de direito. Expressou sua prédica pública que o Sumo Pontífice, assim ponha preço a todos os sacramentos e cargos eclesiásticos, não possa cometer simonia, o que é uma heresia. Como um herege confirmado, que sustenta que só a sua é a fé verdadeira, qualificou os franceses, notoriamente um dos povos mais cristãos – de Cátaros. Ele é um repugnante sodomita, como o provam numerosas testemunhas. É também um assassino: em sua presença fez tirar a vida a muitos clérigos, ditando a seus guardas, quando não matavam no primeiro golpe: "Bate, bate, vai, vai!". Obrigou os sacerdotes a violar os segredos do confessionário. Não observa vigílias nem jejuns. Lança filípicas contra o Colégio de Cardeais, contra a Ordem de Cavaleiros Teutônicos, contra a Ordem de Predicadores Dominicanos, contra os irmãos menores e os Franciscanos Espirituais, repetindo que arruínam o mundo, que são hipócritas e falsos e que nada de bom acontecerá a quem se confesse ante eles. Tratando de destruir a fé, concebeu uma velha aversão contra o Rei de França, em seu ódio à fé do verdadeiro Cristo, porque na França é onde está e esteve o esplendor da fé, o grande apoio e exemplo da Cristandade. Levantou todos contra a Casa de França, a Inglaterra, a Germânia, confirmando o título de Imperador ao Rei da Germânia e proclamando que fazia isso para destruir o orgulho dos franceses, que se vangloriavam de não estar sujeitos a ninguém quanto às coisas temporais, que ninguém na terra era acima de seu Rei, dizendo que eles mentiram através de sua gola, e declarando que se um Anjo descesse dos céus e dissesse que os franceses não estão sujeitos nem a Bonifácio nem ao Imperador, seria anátema. Permitiu que se perdesse a Terra Santa... empregando o dinheiro destinado a sua defesa em guerras pessoais e luxo. Foi publicamente reconhecido como simoníaco, e muito mais ainda, como***

fonte e base de toda simonia, vendendo benefícios ao melhor pagador, impondo sobre a Igreja e sobre o Bispo servil a vassalagem, com objetivo de enriquecer sua família e seus amigos com o patrimônio do Crucificado, e para convertê-los em Marqueses, Condes, Barões. Dissolve matrimônios por dinheiro... anula os votos das monjas... em síntese, Cavaleiros, disse que em breve faria de todos os franceses mártires ou apóstatas".

Impressionados pelas acusações de Plasian, todas acompanhadas de abundantes provas, os parlamentares convêm em convidar Bonifácio VIII para assistir o Concílio para que exerça sua defesa. No entanto, Felipe IV não está satisfeito com a aprovação coletiva e redige cartas pessoais para as várias dioceses da França; enquanto Nogaret parte a Roma para notificar o Papa, Guilherme de Plasian, escoltado por dissuasiva tropa real, visita pessoalmente cada cidade, povoado ou aldeia, e recolhe as assinaturas dos estamentos. Como cabia assim esperar, quase todos assinam ao ler a carta do Rei e ouvir a exposição do acusador oficial; só resistem os cistercienses e outras Ordens beneditinas, principais refúgios dos Golen: Citeaux, o Cluny, e o Templo, desaprovam fortemente a conduta de Felipe o Belo e manifestam que nada há para se reprovar em Bonifácio VIII. Em troca, a Universidade de Paris, os dominicanos de Paris e os franciscanos de Turenne se declaram a favor do Rei.

Em meados de Agosto, Bonifácio VIII publica uma bula na que afirma que só o Papa pode convocar Concílios e tenta se defender das acusações de Plasian e Nogaret. Ao final se pergunta: como se chegou ao absurdo de que os Cátaros acusem o Papa de herege? Mas os espias de Felipe IV o informam de que está redigindo o decreto de excomunhão do Rei e interdição do Reino da França: a bula já contava com data de emissão: 7 de Setembro de 1303.

Felipe IV decide dar um contragolpe e capturar Bonifácio antes que dê a conhecer sua infame resolução. Já na França, seria julgado pelo Concílio e deposto formalmente, nomeando-se em seu lugar um Bispo francês de sua confiança. Para cumprir esse plano dá **carta branca** *a Guilherme de Nogaret, a quem entrega sua própria espada e diz essas palavras históricas:*

- "A Honra da França está em vossas mãos, Senhor Cavaleiro".

Guilherme de Nogaret vai para a Itália acompanhado só por Sciarra Colonna, o mais temível inimigo pessoal de Bonifácio, e por Charles de Saint Felix, um **Domini Canis** *que era neto de Pedro de Creta e Valentina de Tharsis: Nogaret conhecia Charles quando era criança, pois era filho de quem fora o Senhor da família de Saint Felix de Caramán. Em Florença, o banqueiro do Rei da França entrega a Nogaret uma grande quantia, pois tinha a ordem de prover o gascão de quanto fosse necessário a sua missão. Dali partem os vários homens adeptos do partido gibelino para dar aviso aos Senhores aliados dos Colonna, nas proximidades de Anagni, Alatri e Ferentino. O Papa se achava em seu palácio de Anagni, sua cidade natal no antigo estado pontifício de Frosinone; a vizinha cidade de Ferentino, rival gibelina da Anagni Güelfa, é o ponto de reunião dos conspiradores; o dia escolhido, 6 de Setembro, um dia antes da emissão da bula que excomungaria Felipe IV.*

Nesse dia, no máximo segredo, chegam uma dúzia de Senhores, inimigos jurados de Bonifácio VIII, que aguardavam há anos uma oportunidade de se vingar: todos anseiam intimamente uma ocasião para executar Bonifácio, pois consideram inútil seu traslado para a França; ironicamente, Guilherme de Nogaret deverá apelar a toda sua autoridade para protegê-lo e cumprir com a Estratégia de Felipe o Belo. Cada Cavaleiro viajara sozinho, acompanhado de uma pequena escolta que não despertaria suspeita alguma; a essas tropas se somavam os efetivos mercenários aportados pelo Capitão Reinaldo Supino, guarda de Ferentino que se vendeu a Nogaret por 1000 florins. No total se juntam 300 ginetes e 1000 infantes: aquelas companhias seriam realmente exíguas para o que se propunham a tentar, se não fosse que contavam a seu favor com o princípio da surpresa, já que nem Bonifácio VIII nem seus sequazes Golen, imaginavam nem remotamente que podiam ser atacados em Anagni. Formado a poucos

quilômetros de distância, o batalhão de Nogaret parecia surgido do nada; e ninguém na Itália poderia saber de antemão de sua existência para avisar os Golen.

Um dos Cavaleiros gibelinos era Nicolás, da poderosa família dos Conti, cujo irmão Adenulfo, residente em Anagni, daria suporte vital aos invasores. Por seu intermédio, se consegue comprar o comandante da guarda papal, Godofredo Busso, por uma boa bolsa de ouro, enquanto que o próprio Adenulfo se ocuparia de enganar os anagneses durante o ataque.

À meia noite chegam os guerreiros de Kristos Lúcifer frente à antiga capital dos Hérmicos; dois Cavaleiros portam os estandartes da França e da Igreja. Nicolás Conti os guia para uma porta na muralha que tinha sido aberta de dentro e todos se lançam ao grito de "Morra Bonifácio! Viva o Rei da França!!". Os ginetes, seguidos da infantaria, se desmembram em vários grupos pelas encostas e ladeiras. Vão à direção onde se erguem os suntuosos palácios, pertencentes aos Cardeais e ao Papa, e várias Igrejas de ornamentos esplendorosos. O comandante da guarda real se une, com parte dos seus, às forças intrusas e começa o sítio ao palácio de Bonifácio VIII, que apenas dispõe de poucos homens para resistir. Por uma vez, a história se inverte: o argumento é o mesmo, os personagens semelhantes; é a luta do Espírito contra as Potências da Matéria, do Rei do Sangue contra os Sacerdotes Golen, dos representantes do Pacto de Sangue contra os do Pacto Cultural: mas desta vez é o Rei do Sangue quem triunfa sobre o Sacerdote Golen, sobre os exterminadores do Sangue Puro, sobre os proclamadores de Cruzadas contra a Sabedoria Hiperbórea. Dentro da suntuosa residência, o orgulho de Bonifácio desmorona. Olhem-no ali, tremendo e chorando feito uma mulher, o Demônio Golen que pretendia imperar sobre o carisma do Rei do Sangue! Talvez não chore pela tragédia do momento mas pelo futuro castigo que lhe imporiam seu Senhor, o Supremo Sacerdote Melquisedec, e os Mestres da Fraternidade Branca.

Os povoadores de Anagni, com tudo isso, acordam com a surpresa de que sua cidade está ocupada pelas tropas do Rei da França. Alguém faz soar os sinos chamando a reunião e todas as famílias correm para a praça do mercado; as notícias são abrumadoras: Sciarra Colonna veio com um batalhão dado pelo Rei da França e com certeza vai matar o Papa. Godofredo Busso passou para o inimigo e a Cidade ficou descuidada. Rapidamente, em meio a uma grande confusão, nomeiam como chefe Adenulfo Conti. Este, acompanhado de alguns vizinhos, previamente escolhidos entre os partidários dos Colonna e dos Conti, vai conversar com os assaltantes. Fala com Reinaldo Supino e volta em seguida; assegura com veemência que será impossível resistir aos "franceses:, que estão já saqueando os palácios dos Cardeais: só resta a possibilidade de se unir a eles e participar do saque. Desesperados, os güelfos se entregam à pilhagem, roubando palmo a palmo com os gibelinos os palácios dos Cardeais e do Papa. Assim desaparecerão obras de arte de valor incalculável, tesouros da antiguidade, e riquíssima quantia de ouro e prata; cada um toma o quanto lhe agrada e pode carregar. Alguns descobrem as adegas, encarregadas de satisfazer os refinados paladares dos purpurados e acalmar sua sede inextinguível, e pronto os barris circulam de mão em mão. Durante o dia, poucos serão os anagneses que não tenham roubado algo ou se embriagado; ninguém se aventura pelas ruas e a cidade fica sob controle total dos poucos homens de Nogaret.

Enquanto se efetua o saque noturno e a população está entretida nessa bárbara tarefa, uma febril atividade guerreira se desenvolve em torno do palácio de Bonifácio, quem, consciente que com sua reduzida guarda não poderá resistir muito, trata de chegar a um acordo com os sitiadores; seu legado recebe as condições: render-se a discrição, levantar a excomunhão a Felipe o Belo, reabilitar os Colonna, e ir prisioneiro à França para ser julgado pelo Concílio. Ao conhecê-las, Bonifácio resiste a aceitá-las e afunda no desespero: só atina vestir a indumentária sacerdotal Golen e aguardar seus inimigos sentado no Trono. Entre soluços de amargura, ora fervorosamente ao Deus Criador para que realize o milagre

de salvá-lo e salvar os planos da Fraternidade Branca. Será possível, se pergunta a gritos, que os Senhores da Guerra triunfem sobre ele, que é um representante do Criador do Universo? Se ele, em que se tinha confiado para que freasse os Reis temporais, fracassava, que novas desventuras atingiriam as Ordens Golen, que por tantos séculos desenvolveram os planos da Fraternidade Branca? A cada pergunta soluçava e era evidente que não tardaria em perder a razão.

Com exceção de dois Bispos, um espanhol e outro italiano, todos fogem como podem; alguns são capturados e mortos pelos homens de Sciarra Colonna, enquanto que outros são conservados como reféns pois se entregam voluntariamente, entre eles seu próprio sobrinho. Aquelas notícias acabam de deprimir Bonifácio. Ao fim, uma janela quebra e por ela entram Guilherme de Nogaret e Charles de Saint Felix, seguidos por meia dúzia de soldados de Ferentino que se mantém a prudente distância para não serem reconhecidos pelo Papa. Nogaret e Charles se aproximam ao Trono: luzindo a Tiara papal, réplica da coroa egípcia dos Sacerdotes Atlantes morenos; vestindo a túnica branca dos Sacerdotes levitas de Israel, na qual está bordado o Trevo de Quatro Folhas dos Sacerdotes Golen, estilizado como cruz celta; em sua mão direita sustentando a Cruz, símbolo do Encadeamento Espiritual, e na esquerda as Chaves de São Pedro, símbolo da Chave Kâlachakra com que os Deuses Traidores ao Espírito do Homem consumaram sua Traição Original; ali estava sentado, com seus olhos flamejantes de ódio e terror, um dos homens mais perversos da Terra.

– Cátaro, filho de Cátaro! - exclamou desafiante ao reconhecer Nogaret – Teu amo o Rei da França nada poderá contra a Lei de Jehova Deus!

– Cavaleiro sou do Rei da França – respondeu o gascão – e posso assegurar-vos, detestável Sacerdote, que meu Senhor só conhece e respeita a Lei da Honra, que é a Lei do Espírito Santo, da Vontade do Deus Verdadeiro; só teu Deus Jehova, que é um Demônio chamado Satanás, ao qual obedeces servilmente, pode se opor a essa Lei.

– Golen maldito – agora era Charles de Saint Felix, ou Charles de Tharsis Valter, ou Charles de Tarseval, o que falava – Tende por seguro que o Rei da França acabará contigo e com as Ordens diabólicas que os secundam! Jamais podereis governar o Mundo enquanto existam Iniciados como ele ou Frederico II. Mas tende por seguro todavia que Nós, os Guerreiros Eternos de Kristos Lúcifer, acabaremos algum dia com os Chefes de teus Chefes, com a Hierarquia Oculta de Sacerdotes Supremos que mantém o Espírito Não Criado na escravidão da matéria criada!

Bonifácio empalideceu e estremeceu de terror ao ouvir o Homem de Pedra. Um halo de hostilidade essencial se desprendia daquele Cavaleiro com uma intensidade impressionante: que era a morte da Vida Cálida frente a essa outra Morte que se intuía através de sua presença? Que é a perda da Vida, dos gozos e riquezas efêmeras, do Poder neste mundo ou o castigo do Supremo Sacerdote no outro Mundo que tanto o atemorizava até então, frente ao abismo da Morte eterna em que o afundavam os Olhos de Gelo do cavaleiro francês?

– Hereges! – gritou fora de si, em momentos em que uma porta saltava ao chão e entrava toda uma multidão precedida por Sciarra Colonna – Respeitai quem por disposição do Deus Único deve governar todo o Orbe!

Sciarra, aquele inimigo mortal de Bonifácio, ouviu suas palavras e lhe deu uma bofetada violenta com sua manopla de ferro, arrancando sangue de sua bochecha. Nogaret teve de contê-lo para que não o atravessasse ali mesmo com sua espada. O povo e os soldados, entretanto, lançavam mão de todo objeto precioso que tinham em seu alcance.

Com o palácio tomado, Bonifácio prisioneiro e a Cidade sob controle, a situação era promissora. Uma coisa era entrar de surpresa na Itália e atacar, outra era sair levando o Papa prisioneiro. Nem sequer em Anagni poderia ficar muito tempo se os povoadores descobrissem o quão pequenas eram as tropas ocupantes. No porto de Ostia os esperava um barco da família Annibaldi, aliados dos Colonna,

mas para chegar ali, precisavam de um importante reforço. Os irmãos de Sciarra deveriam ajudar com 5 mil homens, mas se atrasaram e em 7 se Setembro o dia passou numa tensa calmaria, enquanto os anagneses iam despertando da surpresa. No dia 8, tudo igual, mas começaram a circular rumores entre os povoadores de que tinham sido vítimas da traição e de um golpe de poucos atacantes. A hostilidade começou a se fazer sentir com provocações aos soldados de Nogaret, e em seguida se viu que era bom deixar Anagni o quanto antes. Guilherme de Nogaret, Charles de Saint Felix e Sciarra Colonna estavam debatendo a conveniência de matar Bonifácio ou se arriscar a levá-lo com eles quando se inteiram que Godofredo Busso passou novamente ao bando do Papa, e lhes fechou a entrada do palácio. Imediatamente se reinicia a agora sangrenta batalha, e os três enviados de Felipe IV se vêem obrigados a fugir deixando Bonifácio VIII em mãos dos güelfos. Dias depois se encontram na França, sendo aprovado pelo Grande Rei tudo feito em Anagni,

É que a vida de Bonifácio já não serviria aos interesses Golen pois aquele tinha perdido irremediavelmente a razão: um mês depois dos acontecimentos de Anagni, em 11 de Outubro de 1303, morreria em Roma, concluindo com ele a Era da dominação Golen medieval na Santa Sé, e fracassando a concretização dos planos da Fraternidade Branca, quer dizer, o Governo Mundial e a Sinarquia do Povo Eleito. A Alta Estratégia dos Senhores de Tharsis e do ***Circulus Domini Canis*** *estavam triunfando sobre as Potências da Matéria: Felipe IV, quem aparecia como a causa exotérica do fracasso Golen, era um Iniciado Hiperbóreo que cumpria ao pé da letra as pautas esotéricas da Sabedoria Hiperbórea. Mas a morte de Bonifácio, Dr. Siegnagel, assinalava só o começo do fim. Faltava ainda desmantelar a infra-estrutura financeira dos Templários, o gérmen da Sinarquia do Povo Eleito.*

A crise que quebrou a Alma de Bonifácio se produziu quando seu diabólico orgulho se viu terrivelmente humilhado pelos atos de seus inimigos: primeiro o cátaro Nogaret, tratando-o como um súdito do Rei de França e fazendo-o prisioneiro em seu nome. Logo o misterioso Charles de Saint Felix, transmitindo-lhe seu poder aterrador e pregando o fracasso dos planos mais secretos das Ordens Golen: isso confirmava as suspeitas de Bernard de Soisset, o Bispo de Pamiers, de que em torno de Felipe o Belo existia uma conspiração dos Filhos das Trevas; rodeado de inimigos, capturado em seu próprio palácio de Anagni, banhado em suores frios, Bonifácio compreendia tarde que tinha subestimado Felipe o Belo e que não tomou com suficiente seriedade os freqüentes avisos de alarme que enviavam os monges do Cister e os Templários. Presa então de uma mescla de ódio e terror, sentia que sua Alma ia se deprimindo sem remédio. A seguir o ***Banditti*** *Sciarra, atrevendo-se a golpeá-lo e o ameaçando de morte, enquanto seus homens o cobriam de insultos. E por último, a traição de seu povo natal, saqueando sem pudor seu palácio, aliando-se a seus inimigos que eram os inimigos da Igreja Golen, a Igreja do Deus Uno Criador do Universo, do Deus do qual ele, o Sacerdote* ***Maximus****, era uma manifestação vivente: Ó Deus Uno, que ingratidão a de seu povo! Talvez aquela agressão dos seus, por ser menos importante mas mais afetiva, doía mais que as ofensas anteriores. E naturalmente dentro dessa dor se destacava em maior grau a angústia de ter sido despojado do ouro e a prata, de seus tesouros de arte de beleza sem par reunidos em toda uma vida de aquisições, muitos herdados ou pertencentes à família Gaetani. O peso do fracasso se descarregava sem atenuantes, esmagando Bonifácio VIII em poucas horas. Muitas emoções juntas, mesmo para um Golen de lendária crueldade, as que afligiam o Papa de 69 anos.*

Quando foi resgatado pelo povo de Anagni sua consciência estava situada fora da realidade e, ainda que muitos prometessem devolver o roubado, Bonifácio não estava em condições de entender. Mecanicamente solicitou ser levado ao palácio de Letran. Ali os Cardeais Orsini, ao comprovar sua demência, o mantiveram isolado dos romanos, Com os olhos fora de órbita exclamava: Bafoel! Bafoel! ***Aliquem ad astra fero****! Em alguns momentos de lucidez estalava em pedidos de vingança contra seus inimigos e assegurava a ruína dos que o tinham traído. Mas logo sua mente se obscurecia e sofria*

*raptos de ira contínuos nos que uivava, espumava pela boca, e tentava morder os que o tratavam. Ao final, em 13 de outubro de 1303, morreu convertido em uma besta furiosa, cumprindo assim a profecia de Celestino V. O santo dissera: "**subiste como uma raposa, reinareis como um leão, e morrereis como um cachorro**".*

Quadragésimo Primeiro Dia

A forma da morte de Bonifácio VIII, e a certeza de que o Rei Carlos II permaneceu indiferente frente sua queda, causou grande temor entre os Cardeais güelfos. Como ninguém queria ter o mesmo azar, ou pior, nove dias depois o Sacro Colégio se põe em acordo na identidade do novo Papa: em 22 de Outubro de 1303 elegem o Cardeal Nicolás Boccasini, que toma o nome de Benedito XI e era General dos dominicanos. O flamante Pontífice, que ainda não era ***Domini Canis****, estava fortemente influenciado pelos Iniciados de sua Ordem, tenta levar uma política conciliadora com o Rei da França e iniciar a reforma dos escandalosos costumes Golen que reinavam no alto clero, mas é envenenado com figos antes de cumprir um ano. Como no caso de Celestino V, o defunto tinha sido uma solução de conveniência entre os irreconciliáveis partidos eclesiásticos: ambos os bandos confiavam intimamente em dominar o Papa. Sua morte afundará os Cardeais numa larga discussão de 10 meses sob a pressão, agora inevitável, de Felipe o Belo.*

O Rei da França oferece ouro e proteção contra a vingança Golen, e vai conseguindo que muitos Cardeais güelfos vendam seus votos. Finalmente, se chega a um acerto: será investido um clérigo não pertencente ao Sacro Colégio. Felipe o Belo se reúne com Bertrand de Got, Arcebispo de Burdeos, em Saint Jean d'Angely. O Arcebispo é um Senhor do Cão e o Rei da França solicita sua colaboração: quer que aceite a investidura papal e tome oito medidas que assegurariam a Estratégia do Reino; não lhe oculta que a missão será perigosa pois os Golen tentarão assassiná-lo por qualquer meio. No entanto, Bertrand de Got aceita. Também cumprirá o prometido: prova disso são as incontáveis calúnias que os historiadores sinarcas afirmaram sobre sua memória; entretanto, como no caso de Felipe o Belo, as calúnias perdem consistência e se desintegram quando se conhece a Estratégia que regia e dava sentido a seus atos. Seja como fosse, o Arcebispo convém em cumprir com a missão que lhe propõe o Rei: primeiro, condenar a obra de Bonifácio VIII; segundo, levantar a excomunhão de Felipe IV; terceiro, que a Igreja não recolha por cinco anos suas rendas da França, a fim de sanear a economia do Reino; quarto, reabilitar os Cardeais Colonna e sua família; quinto, nomear Cardeais certos ***Domini Canis*** *que oportunamente seriam indicados; sexto, aprovar as determinações que o Reino adote contra o Povo Eleito; sétimo, incautar o ouro acumulado clandestinamente pelas Ordens beneditinas cluniacense e cisterciense; oitavo, contribuir eficazmente para conseguir a extinção da Ordem do Templo e o desmembramento de sua infra-estrutura financeira.*

Em 5 de junho de 1305, os Cardeais elegem Bertrand de Got, que toma o nome de Clemente V. Imediatamente solicita ser coroado em Lyon, capital da Provença. Por que ali? É outra longa história, Dr. Siegnagel, que não poderei narrar aqui; mas lhe darei uma resposta resumida. Lyon, uma cidade edificada num sítio conhecido na Antiguidade como ***Lugdunum****, nome galo-celta para* ***colina de Lug****; o nome se originou porque naquela colina existia um Templo dedicado ao Culto do Deus Lug. Agora bem: tal Culto era, na verdade, antiqüíssimo, do tempo dos Atlantes morenos, mas se manteve ativo ainda milhares de anos depois de os Atlantes terem abandonado a Europa; como? Porque seus descendentes viajavam desde o Egito para que jamais faltassem Sacerdotes na Colina de Lug ou Lyg, quer dizer, em Lyon. Quando os Golen vieram acompanhando a invasão celta do século V a.C., decidiram fazer de Lyon seu santuário principal. Ali permaneceram em adiante, durante a invasão romana, dos burgúndios e dos francos, até os dias de Felipe o Belo. Então, os Golen praticamente ocupavam a região desde centenas de mosteiros beneditinos, cluniacenses e cistercienses, e extensas encomendas Templárias: o Culto, desde logo, não tinha desaparecido mas formava parte dos ritos secretos Templários, pois os Cavaleiros eram quem custodiavam o local exato do antigo Templo. Para dar um só*

exemplo esclarecedor, direi que não foi casual que o papa Golen Inocêncio IV convocasse o XIII Concílio Ecumênico na Cidade de Lyon, em junho de 1245: o mesmo tinha por objetivo declarar a excomunhão do Imperador Frederico II, o que se concretizou depois do violento discurso do Papa que versava sobre "as cinco chagas da Cristandade", das quais a quinta era o Imperador. Vale dizer, que para condenar quem representava o Imperador Universal do Pacto de Sangue, os Golen se situaram no Templo mais sagrado do Pacto Cultural.

Assim pois o coroamento de Clemente V tinha o caráter de um desafio plantado no coração do próprio Inimigo. E o Inimigo não deixou passar impune tão imprudente ação: uma sabotagem num palco cheio de gente, nos momentos em que passava a comitiva real, causou um desmoronamento; Felipe IV e Clemente V salvaram suas vidas por Vontade dos Deuses, mas igual sorte não tiveram doze príncipes que morreram no ato, enquanto que muitos outros ficaram gravemente feridos, entre os quais Carlos de Valois, irmão do Rei; dias depois morria assassinado Gaillard de Got, irmão do Papa. Felipe IV jurou então obter Lyon para sua Casa, o que conseguiu em 1307, e livrá-la de Golen. Clemente V, por sua parte, anunciou que se dirigiria a Burdeos para pôr em ordem e entregar o Arcebispado, mas caiu de surpresa em Cluny, aonde procedeu a incautar-se do ouro; para avaliar a dor que aquela fulminante vingança causara aos Golen, basta pensar que o confisco do ouro demandou cinco dias devido a sua copiosa quantidade. Apesar de tudo, Clemente V não fugiu de Lyon mas regressou e fixou residência ali, onde ficou até 1309, ano em que se mudou ao palácio fortificado de Avignon, propriedade da Igreja.

Em conclusão, Dr. Siegnagel, a Sabedoria Hiperbórea sugere prestar atenção em Lyon, especialmente em nossos dias, pois, assim como o Povo Eleito se propôs ***fazer ouvir sua voz desde Jerusalém****, quando a obra nefasta da Sinarquia se conclua, assim também os Golen* ***farão ouvir sua voz desde Lyon*** *nesse momento.*

Logicamente, Clemente V teve de simular algum tipo de independência inicial do Rei da França para evitar uma reação desesperada por parte dos Golen. Com esse fim aparentou ser afeito aos luxos e prazeres mundanos a até se engraçou com a Condessa de Perigord, filha do Conde de Foix, quem não era menos que uma Iniciada Cátara ligada aos ***Domini Canis*** *de Tolosa. A exibição dessas aparentes fraquezas tranqüilizou os Golen até que fosse tarde demais. No entanto, a fidelidade de Clemente V ao* ***Circulus Domini Canis****, e sua Honra inquebrantável, podem se comprovar observando, não sua conduta, mas a forma com que cumpriu sua missão. Para mencionar alguns de seus mais notáveis decretos comecemos lembrando por exemplo que no ano 1306 confirmou a lei de Felipe IV pela qual, num mesmo dia, foram expropriados todos os bens dos judeus e obrigados estes, sob pena de execução, a abandonar a França em tempo brevíssimo. Segundo uma bula, os Colonna voltavam a ser católicos e se lhes deviam restituir seus títulos e propriedades; segundo outra, a Igreja se comprometia a não receber nem uma moeda do Reino da França pelos anos seguintes. A pedido de Felipe o Belo seus legistas gestionaram um processo eclesiástico* ***post mortem*** *contra Bonifácio VIII, que contou com a aprovação de Clemente V; por fim, o Papa emitiu a bula* ***Rex Gloriae****, em Abril de 1311, onde se resumem as conclusões: nessa bula,* ***res visenda****, se ordena que todas as bulas de Bonifácio VIII contra Felipe IV fossem queimadas publicamente; Felipe IV era inocente e "católico fidelíssimo"; como também seriam inocentes do atentado de Anagni Nogaret, Sciarra e Charles; Bonifácio VIII por outro lado não foi declarado herege mas culpável de* ***obstinatio extrema****. E agreguemos que no curso de seu pontificado acabou se apoderando da maior parte do ouro acumulado pelas Ordens beneditinas, fingindo sempre uma insaciável ambição, e que fez ouvido surdo a reclamações de banqueiros lombardos, vítimas de uma lei de expropriação que confiscava suas propriedades na França.*

É evidente pois que Clemente V levou a cabo todas as metas de sua missão ou dispôs dos meios jurídicos para que estas se concretizassem. Justamente numa entrevista em Poitiers, em 1306, com Felipe o Belo, os dois iniciados acertaram dissolver a Ordem do Templo: para Clemente V, Senhor do Cão, aquilo representava o oitavo objetivo da missão e constituiria o ato estratégico mais importante de seu pontificado; para Felipe IV, significava a neutralização da "II linha tática" do Inimigo, tal como expliquei no dia Trigésimo. Naturalmente, não se compreenderá o porquê de um Rei poderoso como Felipe IV, e um Papa que era o Superior Geral da Ordem, deviam efetuar uma planificação secreta para extingui-la, se não faz o esforço de imaginar o que era de fato a Ordem do Templo no século XIV, a magnitude de sua potência econômica, financeira e militar.Mas, se se repara nisso, fica claro que a Ordem estava em condições de apresentar vários tipos de respostas, militares ou econômicas, que poriam em sérias dificuldades Felipe IV. Deve-se ter presente que os planos da Fraternidade Branca se apoiavam em grande medida nessa Ordem, e que a Estratégia do ***Circulus Domini Canis*** *exigia sua destruição para assegurar o fracasso desses planos: o golpe então teria de ser contundente e de* ***surpresa****.*

A Ordem, de fato, possuía mais de 90000 encomendas repartidas nos países que hoje se denominam Portugal, Espanha, França, Holanda, Bélgica, Alemanha, Hungria, Áustria, Itália e Inglaterra. Na França de início do século XIV, incluídas Auvergne, Provença, Normandia, Aquitânia, o Condado da Borgonha, etc, onde estavam as fazendas mais extensas, existiam aproximadamente 10000 propriedades templárias: delas, 3000 eram encomendas de 1000 hectares cada uma. No total aquelas propriedades somavam 3.500.000 hectares, o que era 10% da superfície da França. Mas essa porcentagem não reflete a potencialidade do latifúndio se não se agrega que aquele 10% da superfície ***total*** *da França, quer dizer, incluídos os rios, montanhas, bosques, e toda a sorte de terreno impróprio para cultivo, era um 10% da melhor terra, escolhida por dois séculos com paciência de monge beneditino e obtida por meio de doações ditadas pela Igreja. E tinha mais: aquelas propriedades, que se compunham de milhares de granjas em plena exploração agrícola,* ***estavam isentas de todo e qualquer imposto*** *pois a Ordem dependia diretamente do Papa, privilégio que, até Bonifácio VIII, as convertia em propriedades invioláveis para qualquer Senhor temporal. Mudar essa situação era precisamente um dos objetivos estratégicos de Felipe o Belo, que o levara a se opor a Bonifácio VIII e opor o Direito Civil nacional ao Direito Canônico.*

Mas não se tratava só de impostos: os Templários, desde o advento de Felipe IV, vinham desenvolvendo um plano destinado a quebrar a economia do Reino mediante o empobrecimento da nobreza feudal e o despovoamento do campo. Seus produtos alimentícios, oferecidos nas cidades a preços de ***dumping*** *ou simplesmente doados nos mosteiros, tornavam inútil qualquer tentativa de planificação econômica estatal ou exploração racional dos recursos nacionais; em conseqüência, os Senhores Feudais, que* ***só*** *tinham a terra como fonte de renda, se empobreciam cada vez mais devido à desvalorização dos frutos do campo enquanto aceitam como uma solução que os campesinos, cheios de impostos e a quem já não se podia alimentar, emigrassem às cidades. Claro que tal tarefa subversiva estava de acordo com a Estratégia Golen: esta requeria a destruição da nobreza e o enfraquecimento da monarquia como passo prévio à instauração do Governo Mundial teocrático, o qual seria ainda uma etapa anterior à Sinarquia do Povo Eleito. Frente à atitude gibelina de Felipe IV, a Ordem do Templo apenas intensificava uma política que estava nas raízes de sua razão de existir. No entanto, segundo vimos, essa política ia ter um fim surpresa.*

Cabe agregar que a economia antinacional dos Templários se complementava em sua capacidade destrutiva com a ofensiva comercial lançada sobre a França pelas cidades italianas. Mas isto tem outra explicação. Quando Felipe IV recebeu o Reino, era quase uma aventura seguir pelos caminhos da França para praticar o comércio; o perigo era o trajeto, que atravessava numerosos feudos cujos Senhores,

empobrecidos pelas causas apontadas, aplicavam pesados tributos sobre as mercadorias em trânsito: isso no melhor dos casos, pois na maioria das vezes algum Senhor, demasiado zeloso de seus direitos, procedia a despojar os mercadores da totalidade de sua carga. Mas se isso não acontecia, o negócio era igualmente arriscado devido à acumulação de taxações que se somavam no final do caminho. Além disso, os Senhores feudais, além de controlar os caminhos, tinham exércitos próprios com os que guerreavam entre si e impunham em cada região sua própria lei. Felipe IV, ao constituir a Nação Mística, se propôs a solucionar esse problema de entrada. Em seu nome, Enguerrand de Marigny deu a solução: o Rei não deveria recorrer jamais, salvo em caso de Guerra exterior, às tropas dos Senhores. Surgia assim, da Escola de legistas seculares ***Domini Canis****, o conceito de* ***segurança interna****, definido praticamente com base na hipótese do* ***conflito interior****. A solução de Marigny consistia em criar uma espécie de corpo de polícia real, a milícia do Rei, encarregada de patrulhar os caminhos e fazer cumprir as leis do Reino: junto a eles iriam logo os recolhedores de impostos. As tropas reais, normalmente mercenárias, pronto devolveram o juízo aos Senhores e em pouco tempo os caminhos não só tinham se tornado seguros para o comércio, mas se cobrava um único imposto em qualquer região do Reino.*

Foi essa situação de segurança e ordem que atraiu a cobiça dos comerciantes estrangeiros. As cidades italianas em particular dispunham de frotas que recorriam o mundo adquirindo os artigos mais variados e exóticos, frente aos quais não havia possibilidade de concorrência. As cidades francesas se viram assim inundadas de importados que contribuíam dia a dia a destruir ainda mais a economia do Reino: enquanto os comerciantes e mercadores estrangeiros enriqueciam, com freqüência vendendo mercadoria de contrabando, o Reino deveria enfrentar o enorme gasto que era garantir militarmente aquela segurança interna. Por isso a moeda enfraquecia e surgia a inflação; e os grêmios de artesãos, incapazes de competir com os produtos estrangeiros, caíam na miséria e arrastavam a indústria nacional na pior depressão. Além do ***dumping*** *Templário, uma rigorosa análise dos* ***Domini Canis*** *mostrou a Felipe IV os culpados ocultos daquela situação: os banqueiros lombardos e os membros do Povo Eleito. Os banqueiros lombardos financiavam as companhias italianas que operavam na França, coisa que a Banca Templária fazia também. E os membros do Povo Eleito se contavam entre os principais apoios interiores das companhias e capitais estrangeiros: muitos deles tinham laços de parentesco com os banqueiros judeus de Veneza ou Milão, ou com donos de grandes companhias, enquanto que outros traíam a Nação francesa por mero amor ao lucro. Felipe IV seria inflexível com tais artimanhas: a uns somente expropriou, pois radicavam em outros países; mas a outros expropriou e expulsou do Reino, já que careciam das virtudes éticas necessárias para merecer o direito de residência.*

Voltando aos Templários, espero que agora, à luz de seu desmesurado patrimônio territorial e produtivo, se tenha uma visão mais realista do porquê do Rei da França e de Clemente V tratarem com muita cautela o problema da Ordem do Templo. Aquelas 90000 propriedades, para seguir com o exemplo, estavam protegidas por 30000 monges, três mil Cavaleiros, e 270 mil leigos, uma força guerreira muito superior ao exército ***nacional*** *de Felipe o Belo: uma reação militar templária dificilmente seria contida na França a outro preço que não o de grandes baixas no exército nacional, o que poria fim à Estratégia Hiperbórea da Nação Mística e do ressurgimento da teocracia papal; poderia então, apesar de tudo, fazer triunfar os planos da Fraternidade Branca. Por outro lado, basta relembrar o dito no Dia Décimo Oitavo sobre compreender que se em cada uma das 90000 propriedades se podia obter dinheiro a empréstimo, depositá-lo, girá-lo, ou qualquer das outras, se estava na presença da mais formidável rede bancária do mundo, só comparável, mas não superada em volume de infra-estrutura, às modernas corporações financeiras hebréias de Rockfeller, Rothschild, Küln-Loeb, e outros beneficiários da Humanidade. Será fácil deduzir que tal organização devia contar com uma refinada rede de espiões, dedicados a obter a informação econômica e política necessária para dirigir a marcha dos negócios.*

Entender-se-á assim que o menor vazamentos dos projetos desenhados por Felipe o Belo e Clemente V podia chegar rapidamente aos ouvidos do Grão Mestre e da Plana Maior Golen e causar o conseguinte alarme. Melhor Estratégia seria expor como temas da entrevista outras preocupações diferentes: uma discussão pela questão das rendas eclesiásticas, por exemplo; ou a situação da Cristandade no Oriente; ou a atitude do Rei da Inglaterra; etc. Mas o real e secreto motivo da conversa de Poitiers, como a História demonstrou, foi projetar a Estratégia que faria possível a extinção da Ordem do Templo e o desmantelamento de sua gigantesca infra-estrutura.

Quadragésimo Segundo Dia

Todos os presentes em Poitiers, os Senhores do Cão Guilherme Plasian, Guilherme de Nogaret, Guilherme Imbert de Paris, e Clemente V, o Homem de Pedra Charles de Tharsis, e o Iniciado Hiperbóreo e Rei da França Felipe o Belo, coincidem em que as maiores possibilidades de triunfar sobre o Inimigo dependem de empregar uma arma secreta: a **astúcia**. *A astúcia é o resultado evolutivo dum instinto animal, e caracteriza a conduta do animal homem ou homem anímico, quer dizer, o homem dotado de corpo e Alma Criada. Mas também existem homens que possuam Espírito Não-Criado, ainda que na maioria dos casos este se ache adormecido na Alma Criada e por isso se diz que tais homens estão espiritualmente adormecidos: eles também podem manifestar a astúcia anímica pois o Espírito adormecido ou estrategicamente confuso é incapaz de impedi-lo. Mas algo muito diferente ocorre quando o homem é efetivamente espiritual, o que só se pode dizer se se trata de um Iniciado na Sabedoria Hiperbórea: nesse caso sua conduta é regida pela Honra e não só carece de astúcia como de qualquer outra característica do animal homem, como a covardia, a maledicência, a infidelidade, a mentira, a inveja, a calúnia, a insídia, a traição, etc. Mas o que é a Honra do Iniciado Hiperbóreo?* **É o ato de sua Vontade Graciosa**, *quer dizer, o ato de seu Espírito Eterno, que é* **pura Graça**. *Nenhum dos presentes, por exemplo, tinha astúcia na personalidade pois a Honra os guiara ao longo de suas vidas; e agora mostravam um ato de Mais Alta Honra ao lutar com todas as suas forças pelo Pacto de Sangue.*

Mas os Golen sabiam disso e contavam com a ingenuidade dos Iniciados Hiperbóreos para derrotá-los; Eles, em troca, eram **pura astúcia** *e sua principal arma se chamava* **engano**, *pálido reflexo do Grande Engano com que o Deus Uno disfarçou sua miserável Criação. Dali que não esperassem nunca uma reação astuta procedente dos Iniciados quem, acreditavam, sempre seriam enganados e traídos. – "Já foram traídos uma vez no Princípio – se gabavam, torcendo a boca – e serão sempre. Querem ser galos mas são só estúpidas galinhas de curral! Com sua Honra de outro mundo cedo ou tarde nos mostrarão as costas e nossos punhais deste mundo acabarão com eles..." – Sem dúvidas os Golen cometiam um erro de avaliação ao* **confiar** *na Honra dos Iniciados Hiperbóreos: segundo os princípios da guerras,* **as crenças do Inimigo são fraquezas que podem ser exploradas em proveito próprio**. *Os Iniciados Hiperbóreos careciam de astúcia mas sabiam o que era astúcia; e podiam empregá-la como arma estratégica para surpreender o Inimigo. Eis aqui o que se definia em Poitiers: se os Golen crêem que seus inimigos atuarão com Honra, e estes estavam alertados, então os ingênuos seriam eles; logo, podiam ser enganados por meio da astúcia, que eles não esperavam, e conduzidos a uma armadilha mortal. E a Honra dos Iniciados ficava a salvo porque nada em seus Espíritos mudaria nem afetaria sua orientação estratégica em relação à Origem: em meio de uma ação de guerra, os Iniciados jogaram com a ilusão, aparentando ser o que não eram; se os Golen, mestres na arte de manipular a ilusão do Mundo Criado, caíam com o simples encantamento dos Iniciados, isso só podia se qualificar como exploração dos erros do Inimigo, algo perfeitamente legítimo de acordo com as leis da guerra.*

Se os Templários fossem atacados por todos os flancos de uma vez, com certeza se defenderiam, com resultados imprevisíveis; ao contrário, se o ataque provinha ostensivamente do campo do Rei da França, enquanto que pelo lado do Papa, **em quem deveriam confiar**, *achavam proteção, descuidariam desse lado e seriam fatalmente derrotados: a astúcia estratégica consistiria em conseguir essa confiança no Papa para que este os pudesse entregar,* **desarmados**, *ao Rei da França. Em outros termos, a Estratégia exigiria montar um teatro com realismo suficiente para enganar os Golen: ao princípio, não teriam de suspeitar do argumento da comédia; logo do desenlace, já não importaria. Os principais atores*

seriam o Papa e o Rei da França: o Papa fingiria proceder de boa fé, mas demonstraria medo das represálias reais; faria promessas e trataria de ***ganhar a confiança*** *do Inimigo, que o* ***creria amigo****; Felipe o Belo, por sua parte, representaria o soberano intolerante e ambicioso, procurando atrair sobre si toda a atenção do Inimigo: isso ajudaria no papel de Clemente V.*

Quando tudo esteve pronto em Poitiers, se levantaram as cortinas e começou o primeiro ato do drama: este começou com a publicação de uma Cruzada contra Andrônico Paleólogo, Imperador de Constantinopla, a quem se acusou de manter o cisma da Igreja grega. Desde a queda de São João do Acre, a Ordem do Templo tinha se retirado ao Chipre, onde sustentava uma guarnição regular, enquanto que a Ordem dos Hospitalários fazia o mesmo na ilha de Rodes. Com o fim de estabelecer sua participação na Cruzada, Clemente V citou na França o Grão Mestre do Templo Jacob DeMolay. Uma vez em sua presença, com total ingenuidade, o Papa manifestou sua intenção de concretizar a velha idéia de Gregório IX de fundir todas as Ordens militares: tal idéia causava horror aos Templários pois a integração com uma Ordem exotérica poria seus segredos a descoberto. Sem suspeitar a cilada, o Grão Mestre tentou persuadir o Papa sobre o inconveniente de tal medida: segundo sua impressão, não era difícil enganar uma mente simples como a de Clemente V.

Logo da demente queda do Golen Bonifácio VIII, os Golen estavam alertas com a ofensiva dos ***Domini Canis*** *e sabiam a que se ater com respeito à eleição de Clemente V. No entanto, consideravam-no só um instrumento de Felipe o Belo e seu entorno de "filhos das trevas": a impressão do Grão Mestre Jacob deMolay o confirmava; o Papa era permeável a influências afetivas. O Grão Mestre se entreteria, pois, em ganhar a amizade do Pontífice, sem imaginar que em Paris Nogaret e Guilherme Imbert preparavam sua ruína. E em poucos meses, Clemente V conseguiria que o Chefe Golen não desconfiasse de sua boa fé.*

Enguerrand de Marigny e Guilherme de Nogaret foram elevados aos dois mais altos cargos da França: ***Coadjutor*** *do Reino e* ***Guarda-selos*** *do Rei, respectivamente. Com esse poder, puseram em prática uma operação secreta que tinha por objetivo a execução de uma ação simultânea e eficaz em todo o Reino: tal ação se concretiza em 13 de Outubro de 1307, quando* ***todos os Cavaleiros Templários da França, incluído seu Grão Mestre, foram detidos por acusação de heresia****. Na verdade, as acusações acumuladas por Nogaret eram múltiplas e variadas, mas se fixaria o foco na heresia para obter intervenção do Tribunal da Inquisição, que na França estava presidido por Guilherme Imbert de Paris. Pronto se viu o êxito estratégico dos* ***Domini Canis****: enquanto o Grão Mestre recebia solicitações dos Cavaleiros para resistir à prisão, e vacilava sobre a atitude a assumir, Guilherme de Plasian lhe entregava uma mensagem onde o Papa garante ajudar, e lhe aconselha que renuncie a defender a Ordem e se submeta a sua vontade. É assim como o Grão Mestre ordena a rendição a todos os Cavaleiros, e ele mesmo confia na intervenção papal. Ademais, segundo acreditavam os Golen, ainda tinham poder dentro da Ordem de Predicadores dominicanos.*

Felipe o Belo não perde mais tempo: sem resistência, suas tropas ocupam todas as propriedades templárias. O terror se infiltra na Ordem inimiga; centenas de Cavaleiros e monges são encarcerados. Por este firme procedimento ninguém duvida da seriedade da acusação e pronto se conseguem reunir suficientes testemunhas e provas para assegurar sua liquidação. Além da Inquisição, Felipe o Belo reúne os Concílios provinciais, a Universidade de Paris e os Estados Gerais para julgar a Ordem. Desse modo, ao emergir das trevas de seu fundamento diabólico, todo o povo da França assistiria a exibição da filosofia secreta templária e conheceria seus costumes depravados. É o que ocorre durante os três anos de processo público, quando o assombro, a repugnância e o horror dos franceses não conhece limites. Mas o mais assombroso talvez seja que durante esse lapso os Templários continuaram acreditando que um ato salvador da parte do Papa os livraria da condenação.

No processo se consegue provar que os Templários professavam as seguintes idéias, e costumes: I – os altos dignitários da Ordem sustentavam que Cristo, quem misteriosamente chamavam **Navutan***, tinha sido um impostor e não o Deus verdadeiro; II – Cristo nunca foi crucificado para a redenção do gênero humano; III – a cruz não seria, assim, o instrumento de sua paixão, mas uma criação do próprio Cristo Navutan, a que teria chamado* **Vruna***; IV – todos os Cavaleiros, qualquer que fosse seu grau ou condição, deviam cuspir periodicamente naquele Símbolo do Mal, a fim de apaziguar o Deus Criador: portanto, se provou que ao menos uma vez todos os Templários escarraram no crucifixo; V – em conseqüência, renegavam a Virgem Santa; VI – oficiavam missa segundo um cânon próprio e em uma língua estranha, que depois se comprovou ser o hebreu; VII – adoravam um ídolo hermafrodita de espantosas feições ao que se referiam sob o apelido de* **Bafomet** *ou* **Bafoel** *mas cujo nome, que jamais pronunciavam sem empalidecer, era* **Bera***; VIII – pretendiam que aquele ídolo representasse um Deus mais poderoso que Cristo, que diferentemente do Messias, se manifestava com maior freqüência entre os homens; IX – afirmavam que esse Demônio abominável lhes impôs, desde os dias de São Bernardo, a obrigação de praticar a sodomia, vício ao qual se habituaram e que seria um costume natural entre os superiores da Ordem; X – o Grão Mestre, e os Grandes Priores ou Preceptores, realizavam uma cerimônia na que ofereciam sacrifícios humanos a Bafomet, em especial crianças; XI – o Ritual exigia a* **incineração** *da vítima num forno disposto para tal fim; XII – com as cinzas calcinadas os Templários elaboravam uma* **lixívia humana***, e a conservavam em segredo como o Bem mais apreciado; XIII – criam firmemente que aquela lixívia tinha o poder de lavar a unção dos sacramentos cristãos: segundo confessavam, mediante dita lixívia teriam anulados os efeitos do batismo e da comunhão, aos que consideravam "conjuros da cruz", etc.*

Desde o começo os **Domini Canis** *decidiram distinguir entre "Templário" e "Golen". Na Idade Média era normal que num julgamento por heresia se absolvesse os acusados que se confessavam espontaneamente, se arrependiam e aceitavam os sacramentos cristãos; no processo aos Templários tal possibilidade foi oferecida reiteradamente e muitos confessaram o que sabiam. No entanto, os* **Domini Canis** *não estavam dispostos a permitir que os Golen pudessem se safar da armadilha: para eles que jamais tinham perdoado não haveria perdão; só aos "Templários", quer dizer, os Cavaleiros não iniciados no Culto a Bafomet, se lhes daria a oportunidade de salvar a vida em troca de seu testemunho. Foi assim que se conseguiu reunir uma abrumadora quantidade de provas contra os Golen da Ordem, entregues por seus próprios membros, hereges confessos e arrependidos. E então o processo se tornou irreversível, pois nem o Papa nem ninguém poderiam salvar a Ordem uma vez que o povo e a Igreja tomaram conhecimento de suas heresias e aberrações:* **a Estratégia de Felipe o Belo e do** *Circulus Domini Canis* **triunfara, agora definitivamente, sobre os planos da Fraternidade Branca; os Golen não suspeitaram da comédia representada por Clemente V até que foi muito tarde; a Ordem do Templo, encarregada de fundar a Sinarquia Universal, seria destruída***.*

Desse modo, os Golen da Ordem do Templo foram exterminados sem piedade, recebendo em carne própria a medicina que em tantas ocasiões administraram aos partidários do Pacto de Sangue: ironicamente, o Tribunal da Inquisição, do que se valeram para terminar com os Cátaros, agora os condenava de maneira inapelável a morrer na fogueira: **como na arte marcial do** *jiu jitsu***, o Inimigo aproveitou suas próprias forças para derrotá-los***.*

Jamais esqueceriam os Golen o processo aos Templários. Especialmente lembrada seria a data de 10 de Maio de 1310: nesse dia, no Concílio de Senz, cujo bispado exercia Philippe de Marigny, irmão de Enguerrand, foram queimados a fogo lento 56 Cavaleiros Templários, a flor e a nata da Hierarquia

Golen. Desde que os Senhores de Tharsis incendiaram o Bosque Sagrado, e fizeram perecer os 20 de Cartago, os Golen não tiveram um dia tão azedo como esse 10 de Maio. Atados pelas mãos a um robusto poste, a meia centena de Golen de Senz formava uma larga fila de condenados, uma procissão de espectros marchando ao Inferno; aos pés de cada poste, a lenha empilhada agourava o fim próximo dos Sacerdotes do Deus Uno. Antes que os irmãos menores acendessem a fogueira, um Cavaleiro do Rei Felipe, um monge guerreiro de alguma Ordem desconhecida, se aproximava dos hereges e pronunciava em voz baixa algumas palavras, que os presentes tomavam como uma piedosa oração. No entanto, ao ouvi-la, o rosto dos Golen se decompunha de ódio, e alguns irrompiam em atrozes maldições: aquelas palavras diziam, simplesmente: ***- Por Navutan e o Sangue de Tharsis!***

Ao completar a fila, enquanto os Golen elevavam sua Alma a Jehova Satanás e reclamavam um castigo indescritível para o Homem de Pedra, aquele Cavaleiro, que não era outro senão Charles de Tharsis fez um sinal aos Verdugos, e as fogueiras começaram a arder. Logo os Golen, e seus sonhos sinárquicos, não foram mais que cinzas; um punhado de vil cinza que não bastaria para lavar o dano causado à Casa de Tharsis e a tantos outros que caíram aniquilados por se opor a esses sonhos dementes.

Para completar a obra se requeria legalizar o resultado da Estratégia de Felipe o Belo. Com esse propósito o Papa convocou o Concílio Ecumênico de Viena, de Outubro de 1311 a Maio de 1312. Ainda que derrotados em todas as frentes, os Golen ainda tiveram forças para pressionar e tentar impedir que se acertasse a extinção da Ordem. Houve uma conferência secreta entre cinco Cardeais fiéis a Felipe o Belo e seis delegados do Concílio, na que se lhes informou sobre as terríveis conseqüências que cairiam sobre quem se opusesse ao Rei da França, absolvendo a Ordem, apesar das irrefutáveis provas contra ela reunidas. Mas o terror desatado era muito grande, e entre o castigo do Rei e a vingança dos Golen, muitos permaneceram indecisos. Os representantes do Rei ante o Concílio, Guilherme de Nogaret, Guilherme Plasian, Charles de Tharsis, Enguerrand de Marigny, etc, fizeram gala de sua eloqüência para persuadir os Bispos sobre a necessidade que tinha a Igreja e a Cristandade de suprimir aquele foco de heresia. Houve inclusive um momento, em meados de Março de 1312, em que o Rei ameaçou avançar com suas tropas sobre Viena e ajustar as contas ali mesmo com os partidários dos Golen: na época chegou até Lyon com seu irmão Carlos, seus filhos e um poderoso regimento de Cavaleiros. Ao fim, em 22 de Março de 1312, se votou a extinção da Ordem e o confisco de todos seus bens em favor da Ordem de Hospitalários de São João, da Igreja, e do Reino da França. Não obstante, existiam tantas dúvidas sobre o acordo do Concílio, especialmente porque os que votaram em segredo, negaram em público terem votado, que o Papa se viu obrigado a resolver a questão mediante um decreto: na bula ***Considerantes dudum*** *declara abolida a Ordem do Templo "de maneira provisória" até que tal não seja aprovado em definitivo pelo Tribunal do Santo Ofício, coisa que este já havia feito: "****non per modum definitivae sententiae, sed per modum provisionis... apostolicae****".*

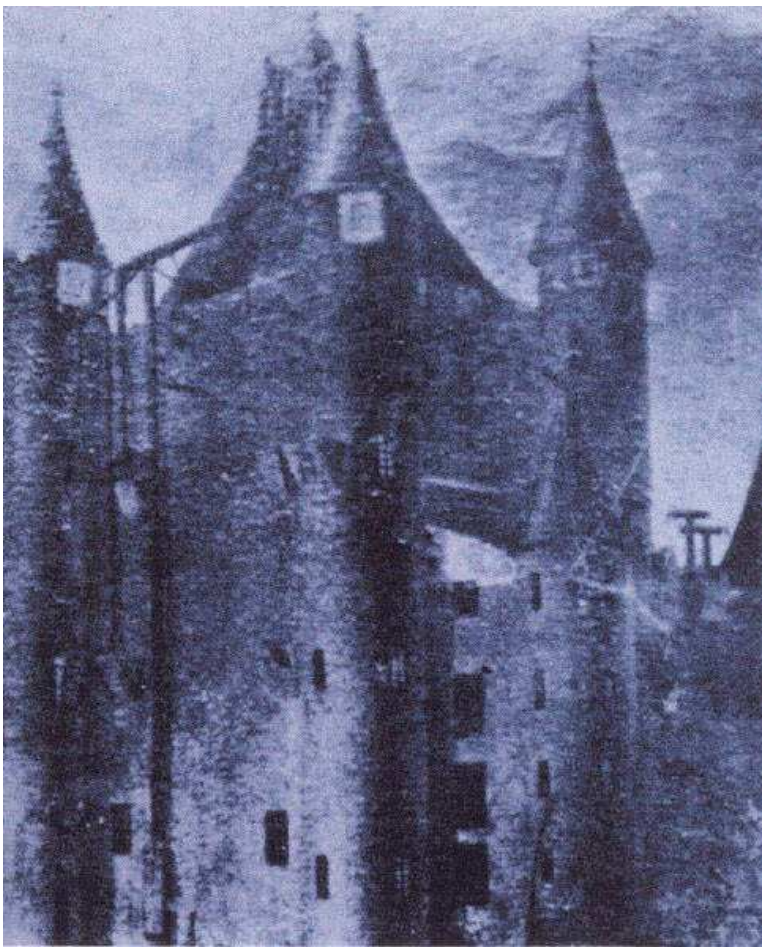
A bula e o decreto do Concílio de Viena são remitidos a todos os países cristãos para sua execução: a Ordem local deve ser extinta, seus membros tomados prisioneiros e processados por heresia. Em Aragão, os Cavaleiros se fortificam e resistem, devendo ser submetidos por Jaime II em campanhas militares. Os de Navarra, onde reinava Felipe o Belo, se rendem sem pestanejar, como os de Castela e Portugal. Em todos os casos, os que são absolvidos, assim como as propriedades da Ordem, que eram muitas, passam a integrar a Ordem do Hospital e outras Ordens criadas a tal fim. Em Huelva, o Castelo de Aracena é desalojado e sua guarnição substituída com tropas portuguesas, mas mais adiante

seria entregue à Ordem de Santiago; antes de partir, os Golen selam a entrada da Caverna de Dédalo, onde um lago de betume recordaria por séculos os poderes infernais de Bera e Birsa.

O Convento de La Rábida passou então à Ordem de São Francisco, O que não impediu que os Golen continuassem preparando a vinda de Quíblon, de acordo com as Ordens de Bera e Birsa. Pelo contrário, os Golen, que consideravam Rus Baal o Santuário mais sagrado da Espanha, dispuseram que o Convento fosse lugar de retiro e clausura para sua plana maior. O Culto da Virgem dos Milagres se tinha imposto numa vasta região da Andaluzia, mas o que mais despertava fervor na feligresia era o Culto à Virgem da Cinta, protetora dos marinheiros e proprietários de barcos, a quem se considerava patrona de Huelva. Essa afirmação popular da Grande Mãe Binah se devia, sobretudo, à incansável tarefa de "purificação" efetuada pelos Templários, mas que agora seria continuada com não menos dedicação pelos frades de São Francisco. O que teria de ceder, em troca, seria a luta aberta contra a Virgem de Agartha, dado que a perda momentânea de Poder dos Golen lhes impedia de sustentá-la adequadamente.

Estas mudanças, como são naturais, trouxeram tranqüilidade aos descendentes de Vrunalda, pois a Caverna Secreta se viu livre, pelo momento, das investidas Golen. Já em 1312, um Noyo tinha se instalado de modo permanente frente à Espada Sábia.

Os principais chefes Templários, o Grão Mestre Jacob deMolay e outros três Golen, continuavam prisioneiros na Casa do Templo de Paris. Durante três anos se lhes aplicou sistematicamente o tormento com propósito de lhes fazer confessar certos aspectos sutis da organização templária; dois dados interessavam especialmente aos ***Domini Canis****: desejavam conhecer seus vínculos com o Oriente, com a Fraternidade Branca, se existia alguma rota segura até a Morada dos Imortais; e saber se existia atualmente na França, ou qualquer outro país europeu, Imortais Golen, agentes das Potências da Matéria, Mestres da Fraternidade Branca, etc, aos que se procuraria capturar de imediato. No entanto, com todo o terrível que se possam qualificar, aqueles tormentos eram meras carícias frente às refinadas torturas que os Golen aplicaram em mais de uma oportunidade aos Senhores de Tharsis. De todos os modos, um bando de Nogaret anunciou que em 23 de Março de 1314 os hereges seriam justiçados na Ilha dos Judeus, uma ilhota frente ao palácio real onde os dominicanos costumavam queimar os filhos do Povo Eleito.*



Fachada da Torre do Templo, em Paris.

No dia assinalado, Jacob deMolay, Godofredo de Charnay, Hugo de Payrand, e Godofredo de Gonneville, Sacerdotes que tinham dominado os mais secretos conhecimentos do Pacto Cultural, eram amarrados às estacas e entregues a purificação do fogo. Felipe o Belo, o ***Circulus Domini Canis*** *em peso, e numerosos Senhores de Tharsis que viajaram do Sul da França para a ocasião, contemplaram a ígnea cena que fechava uma etapa histórica, um período caracterizado pelos ignóbeis ataques contra o Sangue Puro e o Espírito Eterno: a conspiração dos Demônios se consumia nessas quatro fogueiras, na Ilha dos Judeus, na Cidade de Paris, em 23 de Março de 1314.*

O triunfo da Estratégia Hiperbórea estava seguro; os planos da Fraternidade Branca para instaurar a Sinarquia Universal, impossibilitados de se realizar por sete séculos; ***e a vinda de Quíblon à Espanha, atrasada 180 anos****.*

Quadragésimo Terceiro Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

A possibilidade de instaurar a Sinarquia Universal na Idade Média se havia evaporado nas Fogueiras da Inquisição. O Inimigo tardaria, todavia, setecentos anos antes de acertar, na época atual, com outra possibilidade semelhante. Aqui seria, pois, o momento de abandonar o tema da Sinarquia Medieval e continuar com a história da Casa de Tharsis que, como adiantei reiteradas vezes, se trasladaria em parte a América e fundaria a linhagem da qual descendo. Porém, estimado e atento Dr. Siegnagel, é meu desejo que consiga compreender com a maior profundidade possível a Sabedoria Hiperbórea, porque ela é a causa verdadeira do drama da Casa de Tharsis. Sei que em muitas partes a narração da história da Casa de Tharsis fica obscura pela ausência de detalhes, pelo desconhecido que resulta ao profano a Sabedoria Hiperbórea. Por isso, antes de continuar com o relato, ***tomarei uns dias para expor uma "Síntese Geral" do que já foi visto da Sabedoria Hiperbórea****: fundamentalmente, procurarei esclarecer as principais idéias mencionadas ou referidas até agora. Creio que a melhor maneira de lograr este objetivo será descrever quatro conceitos da Sabedoria Hiperbórea e defini-los mediante uma linguagem acessível pra o senhor. Tais conceitos são:* ***"A Cultura é uma arma estratégica inimiga". "O Eu, no Homem Criado, é um produto do Espírito Não Criado". "A Alegoria do Eu prisioneiro",*** *e* ***"A Estratégia Odal dos Deuses Libertadores"****. Enquanto durar a exposição desses temas sub intitularei os dias: "Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea".*

Logo, tal síntese causará a natural interrupção do relato da história da Casa de Tharsis. É por isso que, se está muito interessado em continuar com a narração básica, sugiro saltar para o dia 49. Nesse dia prossegue a história e sua expectativa ficará satisfeita, mas advirto que é indispensável que ***ao final*** *leia os dias passados por cima, para completar seu conhecimento geral da Sabedoria Hiperbórea.*

*Na carta que escrevi no Terceiro Dia, expliquei que "****o princípio para estabelecer a filiação de um povo aliado dos Atlantes consiste na*** *oposição entre Culto e a Sabedoria: o sustento de um Culto às Potências da Matéria, a Deuses que se situam acima do homem e aprovam sua miserável existência terrena, a Deuses Criadores ou Determinadores do Destino do homem, coloca automaticamente a seus cultuadores no marco do Pacto Cultural, estejam ou não os Sacerdotes à vista". O primeiro conceito é fácil compreender como conseqüência desta definição. Para o Inimigo do Pacto de Sangue, ou seja, os membros do Pacto Cultural, "****a Cultura é uma arma estratégica****". Ao longo de toda minha carta, já mostrei várias vezes essa verdade em múltiplos exemplos nos quais se viu aos membros do Pacto Cultural irem dominando as sociedades humanas mediante o controle das principais variantes sociais. Porém, a Sabedoria hiperbórea afirma que o objetivo do Inimigo é mais sutil e que sua Estratégia aponta a controlar o Espírito do Homem, no homem, a saber, se propõe a controlar seu Eu.*

Quando se realiza a crítica da moderna cultura urbana do "Ocidente cristão" resta destacarem-se os "males" que esta provoca em alguns indivíduos: a Alienação, a Desumanidade, a Escravidão ao consumo, a Neurose depressiva e sua reação, a Dependência a diversos vícios, desde narcóticos até a perversão do sexo, a Competitividade desenfreada motivada pela cobiça e ambição de poder, etc. A lista é interminável, mas todos os cargos omitem, deliberadamente, o essencial, teimosamente, em males "externos" a Alma do homem, originados em "imperfeições da sociedade". Como complemento desta falácia se argumenta que a solução, o remédio para todos os males é "o aperfeiçoamento da sociedade", sua "evolução" às formas de organização mais justa, mais humana, etc. A omissão radica em que o mal, o único mal, ***não é externo*** *ao homem, não provém do mundo senão que radica em seu interior,*

na estrutura de uma mente condicionada pela preeminência das premissas culturais que sustentam o raciocínio e que lhe deformam sua visão de realidade. A sociedade atual, por outra parte, vem tentando judaizar de tal modo ao homem de hoje que lhe tem transformado – milagre que não pode nem sonhar a biologia genética – por sua vez em um mísero judeu, ávido de lucro, contente em aplicar o interesse composto e feliz de habitar num Mundo que glorifica a usura. Nem é preciso dizer que esta sociedade composta de judeus biológicos e psicológicos é, para a Sabedoria Hiperbórea, somente uma mala pesada, a qual será definitivamente varrida ao final do Kaly Yuga pelo **Wildes Heer.**

Nas tradições germânicas denomina-se Wildes Heer o "Exército Furioso" de Wothan. De acordo à Sabedoria Hiperbórea, o Exército de Navutan se fará presente durante a Batalha Final, junto ao Grande Chefe da Raça Branca.

É conveniente resumir, agora, vários conceitos complementares da Sabedoria Hiperbórea, alguns deles já explicados. Para a Sabedoria Hiperbórea o animal-homem, criado pelo Uno, é um ser composto de corpo físico e Alma. Como produto de uma Traição Original, perpetrada pelos Deuses traidores, o Espírito Não Criado, pertencente a uma Raça extra cósmica, caiu prisioneiro da Matéria e extraviado sobre sua verdadeira Origem. O aprisionamento espiritual ao animal-homem causa a aparição histórica do Eu, um princípio de **Vontade Inteligente**: *carente de Espírito eterno, o animal-homem somente possuía um* **sujeito anímico** *que lhe permitia adquirir certa consciência e efetuar primitivos atos psicológicos mecânicos, devido ao conteúdo puramente arquetípico de tais atos mentais. Mas logo na História por causa da traição Original,* **aparece** *o Eu em meio do sujeito anímico,* **dissolvido** *nele. Assim, o Eu, expressão do Espírito, surge fundido nas entranhas da Alma sem dispor de nenhuma possibilidade de orientar-se à Origem***, posto que ele ignora que se encontra em tal situação, que haja um regresso possível à Pátria do Espírito: o Eu está** *normalmente* **extraviado sem saber que o está; e busca a Origem sem saber o quê busca. Os Deuses Traidores o aprisionaram na Alma do animal-homem para que a força volitiva de sua busca inútil seja aproveitada pela Alma para evoluir à Perfeição Final**. *Sumido no sujeito anímico, o Eu é incapaz de adquirir o controle do microcosmo, salvo que passe pela Iniciação Hiperbórea, a que produz* **o efeito de isolar ao Eu, da Alma, por meio das Vrunas Não Criadas reveladas ao homem por Navutan**. *Por isso a Sabedoria Hiperbórea distingue entre duas classes de Eu: o* **Eu desperto**, *próprio do Iniciado Hiperbóreo ou Homem de Pedra; e o* **Eu adormecido**, *característico do homem adormecido ou homem "normal", comum e corrente de nossos dias.*

Referindo-se ao homem normal, se pode dizer que o sujeito anímico, com seu Eu perdido incorporado, se torna senhora da esfera psíquica, a qual pode considerar-se, **grosso modo**, *como composta de duas regiões claramente diferenciadas e distintas: a* **esfera de sombra** *e a* **esfera de luz**, *ambas as regiões estão separadas por uma barreira chamada* **umbral de consciência**. *A esfera de sombra guarda estreita relação conceitual com a região da psique denominada* **Inconsciente** *que define a* **Psicologia Analítica** *do Dr.* **C.G.Jung**. *A esfera de luz é, basicamente, a esfera de consciência onde discorre a atividade do sujeito anímico consciente durante a vigília. O Eu, que é essencialmente uma* **força volitiva** *nada tem a ver com a natureza temporal do sujeito anímico, onde o qual permanece sumido neste, confundido em sua história, artificialmente* **temporalizado**, *em uma palavra,* **adormecido**. *Por isso a Sabedoria Hiperbórea distingue claramente entre duas formas do Eu: o* **Eu perdido** *e o* **Eu desperto**. *O Eu perdido é característico do* **homem adormecido**, *do homem extraviado no Labirinto de Ilusão do Grande Engano: o* **homem adormecido** *é aquele* **animal-homem** *em cuja Alma está aprisionado, sem sabê-lo, um* **Espírito Não Criado**.

O Eu desperto é próprio do ***homem desperto****, ou seja, do animal-homem cujo Espírito aprisionado descobriu o Engano e procura encontrar o caminho até a Origem, a saída do Labirinto. No homem desperto, o Iniciado Hiperbóreo é aquele capaz de atuar segundo o "modo de vida estratégico" que exige o Pacto de Sangue. A saber, aquele capaz de aplicar os princípios estratégicos da* ***Ocupação****, do* ***Cerco*** *e da* ***Muralha Estratégica****. Com respeito ao segundo princípio, no que toca a Função Régia, disse o Décimo Sexto Dia: Felipe IV deverá "****aplicar o princípio do cerco no espaço real ocupado****". Segundo isto, pareceria que o princípio do Cerco radicasse exclusivamente no homem desperto, quem deveria "****aplicar****" ou "****projetar****" tal princípio na área ocupada. Portanto, de acordo ao princípio hermético: "****O microcosmo reflete ao macrocosmo****", princípio que, tal como se viu na exposição de Bera e Birsa, é também cabalístico:* ***Adão Harishón é o reflexo de Adão Kadmón****. Quer dizer isto que o princípio do Cerco há de estar também presente no macrocosmo, por exemplo, como uma* ***lei da natureza****? Se ocorresse assim, talvez se pudesse, ao menos em teoria, detectar em algum fenômeno característica certa* ***função cerco****, que nos revelasse por outra via, esta vez externa, o princípio estratégico mencionado. Ainda que possa adiantar que o resultado será negativo, é conveniente examinar tal possibilidade de busca externa, pois sua análise permitirá compreender diversos aspectos gnosiológicos e culturais que afetam o homem.*

Se aceitarmos o princípio hermético de equivalência entre macrocosmo e microcosmo, nos resultará evidente que ***todas*** *as leis do macrocosmo se refletem em leis análogas do microcosmo. Mas tal correspondência dista de ser um mero reflexo passivo entre estruturas. O homem, ao* ***descobrir e formular leis*** *desequilibra essa relação e assume um papel destacado. Como conseqüência dessa atitude dominante aparece agora, separando ao Eu do macrocosmo, um modelo cultural elaborado por um* ***sujeito cultural*** *em base a princípios e conceitos de uma* ***estrutura cultural****. Na Sabedoria Hiperbórea, Dr. Siegnagel, se definem e estudam estes três elementos; sinteticamente, lhe direi que o "sujeito cultural" é somente o sujeito anímico ao atuar dinamicamente sobre uma "estrutura cultural" constituída na "esfera de sombra" da psique; também, quando o sujeito anímico atua na "esfera racional", o denomina-se "sujeito racional". E se manifestar-se na "esfera de consciência", "sujeito consciente"; mas sempre o Eu se encontra sumido no sujeito anímico ou Alma, seja racional, cultural ou consciente seu campo de ação.*

Assim, é o ***"modelo cultural"*** *o principal responsável da visão deformada que o homem tem de si mesmo e do mundo, dado que se* ***interpõe*** *entre o macrocosmo e o microcosmo. O modelo cultural é um conteúdo da estrutura cultural de caráter coletivo ou sociocultural; portanto, consistem em um conjunto sistemático de conceitos, propostos pelo sujeito cultural e traduzido a uma ou duas linguagens habituais. Por exemplo, matemático e lingüístico. Em resumo, no modelo cultural se compõe, normalmente, de princípios matemáticos e premissas culturais. O Eu do homem, quando se encontra confundido com o sujeito consciente, aceita solidariamente como representação dos entes externos, como sua verdade os objetos culturais que procedem do modelo cultural intermediário, objetos culturais cujo significado tenha sido posto pelo sujeito cultural como premissa em linguagem habitual.*

Examinemos agora quê entende o homem por "lei da natureza". Sem entrar em complicações, pode-se afirmar que uma lei da natureza é a quantificação matemática de uma relação significativa entre aspectos ou magnitudes de um fenômeno. Esclareçamos esta definição. Dado um fenômeno é possível que pela observação e pela experimentação empírica se chegue a diferenciar certos "aspectos" do mesmo. Se dentre dos vários aspectos que se destacam, alguns deles resultam como "relacionados significativamente entre si", e se esta relação possui probabilidade estatística, ou seja, se repetir um número grande de vezes ou é permanente, então pode enunciar-se uma "lei da natureza". Para isso se faz falta que os "aspectos" do fenômeno possam reduzir-se a magnitudes de tal modo que a "relação significativa" se reduza a

"relação de magnitudes", ou seja, a função matemática. As "Leis" da Física se acham deduzidas de maneira semelhante.

O conceito de "lei da natureza" que foi exposto é moderno e aponta a "controlar" o fenômeno antes que a explicá-lo, seguindo a tendência atual que subordina o científico ao tecnológico. Tem-se assim, fenômenos "regidos" por leis **eminentes** *às quais não somente se aceitam como determinantes, mas que se as incorpora indissoluvelmente ao próprio fenômeno, esquecendo, ou simplesmente ignorando, que se trata de quantificações racionais. É o que se passa, por exemplo, quando se adverte o fenômeno de um objeto que cai e se afirma que tal coisa tenha ocorrido porque "atuou a lei da gravidade". Aqui a "lei da gravidade" é eminente, e ainda que "se saiba que existem outras leis", as quais "intervém também, mas com menor intensidade", se crêem cegamente que o objeto em sua queda* **obedece** *a Lei de Newton e que esta "lei da natureza" tem sido a* **causa** *de seu deslocamento. Contudo, o fato concreto é que o fenômeno* **não obedece à lei eminente alguma**. *O fenômeno simplesmente ocorre e nada há nele que aponte intencionalmente até uma lei da natureza, e menos ainda uma lei eminente. O fenômeno é parte de uma inseparável totalidade que se chama "a realidade", ou "o mundo", e que inclui, nesse caráter, a* **todos** *os fenômenos, os que já tenham ocorrido e os que haverão de ocorrer. Por isso, na realidade os fenômenos simplesmente* **ocorrem**, *sucedendo, talvez, a alguns que já tenham ocorrido, ou simultaneamente com outros semelhantes a ele. O fenômeno é somente uma parte dessa "realidade fenomênica" que jamais perde seu caráter de totalidade de uma realidade que* **não** *se expressa em termos de causa e efeito para sustentar o fenômeno; enfim, de uma realidade na qual o fenômeno* **acontece** *independentemente de que sua ocorrência seja ou não significativa para um observador e cumpra ou não com leis eminentes. .*

Antes de abordar o problema da "preeminência das premissas culturais" na evolução racional de um fenômeno, convém despojar a este de qualquer possibilidade que o aparte da pura determinação mecânica ou evolutiva, segundo a "ordem natural". Para isso estabelecerei, depois de uma breve análise, a diferença entre fenômeno de "primeiro" ou de "segundo" grau de determinação, esclarecimento indispensável dado que as leis eminentes correspondem sempre a fenômenos de primeiro grau.

*Para o gnóstico "o mundo" que nos rodeia não é mais que a ordenação da matéria efetuada pelo Deus Criador, o Uno, em um princípio, e a qual percebemos em sua atualidade temporal. A Sabedoria Hiperbórea, mãe do pensamento gnóstico, vai mais longe ao afirmar que o espaço, e tudo quanto ele contenha, se encontra constituído por associações múltiplas de um único elemento denominado "***quantum** *arquetípico de energia", o qual constitui um* **termo físico** *da mônada arquetípica, ou seja, da unidade formativa absoluta do plano arquetípico.*

Este **quantum**, *que são verdadeiros átomos arquetípicos,* **não** *conformadores ou estruturadores de formas, possuem, cada um, um* **ponto indiscernível** *mediante o qual se realiza a difusão panteísta do Criador. A saber, que, mercê de um sistema pontual de contato poli dimensional, se faz efetiva a presença do Demiurgo em toda porção ponderável de matéria, qualquer que seja sua qualidade. Esta penetração universal, ao ser comprovado por pessoas em distinto grau de confusão, tem levado à errônea crença de que "a matéria" é a própria substância do Uno. Tal as concepções vulgares dos sistemas panteístas ou daqueles que aludem a um "Espírito do Mundo" ou "***Anima Mundi***", etc. Na realidade a matéria tem sido "ordenada" pelo Criador e "impulsionada" a um desenvolvimento* **legal no tempo** *de cuja força evolutiva não escapa nem a mais ínfima partícula (e da qual participa, por suposto, o "corpo humano").*

De fato esta exposição sintática da "Física Hiperbórea" por que é necessário distinguir dois graus de determinismo. O mundo, tal qual o descobri recentemente, se desenvolve mecanicamente, orientado para

uma finalidade; este é o **primeiro grau** *do determinismo. Em outras palavras: existe um Plano cujas pautas se ajustam e a cujos desígnios tende, em "ordem" do mundo; a matéria livre da mecânica de tal "ordem" se encontra* **determinada em primeiro grau**. *Mas, como dito plano, se encontra sustentada pela Vontade do Criador, e Sua Presença é efetiva em cada porção de matéria, segundo vimos, poderia ocorrer que Ele* **anormalmente** *influencie de* **outra maneira** *sobre alguma porção de realidade, seja para* **modificar teleologicamente seu Plano** *ou para expressar* **semióticamente sua intenção** *ou por* **motivos estratégicos**; *nesse caso estamos ante o* **segundo grau** *do determinismo.*

Por "motivos estratégicos" se entende o seguinte: quando o homem desperto empreende o Regresso à Origem no marco de uma Estratégia Hiperbórea, emprega técnicas secretas que permitem opor-se efetivamente ao Plano. Nessas circunstâncias o Criador, **anormalmente**, *intervém com todo Seu Pode para castigar ao intrépido.*

Podemos agora distinguir entre um **fenômeno de primeiro grau** *e um* **fenômeno de segundo grau**, *atendendo ao grau de determinação que envolve sua manifestação. Deve compreender-se bem que nesta distinção o acento se põe* **as diferentes** *com que o Demiurgo pode atuar sobre* **um mesmo** *fenômeno. Por exemplo, o fenômeno de um vaso caindo de uma sacada na rua, não pode ser outra coisa que uma determinação de primeiro grau; dizemos: "atuou a lei da gravidade". Mas se dito vaso caiu sobre a cabeça de um homem desperto, podemos supor uma segunda determinação ou, com rigor, uma "segunda intenção"; dizemos: "atuou a Vontade do Criador".*

Ao primeiro e segundo grau de determinação de um fenômeno denomina-se também, de outro ponto de vista, Primeira e Segunda intenção do Criador.

Em geral, todo fenômeno é suscetível de manifestar-se em primeiro e segundo grau de determinação. Atendendo a esta possibilidade convenhamos o seguinte: quando não se indique o contrário, por "fenômeno", se entenderá aquilo cuja determinação é puramente mecânica, ou seja, de primeiro grau; caso contrário se entenderá, "de segundo grau".

Somente falta, agora que distinguimos entre "os dois graus do fenômeno", esclarecer a afirmação que fiz no começo desta análise de que toda lei da natureza, inclusive aquelas eminentes, descrevem o comportamento causal de fenômenos de primeiro grau de determinação. É fácil compreender e aceitar isto já que quando em um fenômeno intervém uma determinação de segundo grau, o sentido natural do aprisionamento mecânico tem sido alienado temporalmente em favor de uma Vontade irresistível. Nesse caso o fenômeno já não será "natural" ainda que aparente sê-lo, mas que estará dotado de uma intencionalidade sobreposta de nítido **caráter maligno** *para o homem.*

Por outra parte, o fenômeno de primeiro grau, se manifesta sempre **completo em sua funcionalidade** *a qual é expressão direta de sua essência, e a que sempre será possível reduzir matematicamente a um número infinito de "leis da natureza". Quando o fenômeno de primeiro grau é apreciado especialmente por* **uma** *lei da natureza, a qual é eminente para um, pois* **destaca certo aspecto** *interessante é evidente de que não se está tratando com o mesmo fenômeno* **completo**, *senão com tal "aspecto" do mesmo. Em tal caso deve perceber-se o triste fato de que do fenômeno somente será percebida uma Ilusão. Mutilado sensorialmente, deformado gnoseológicamente, mascarado epistemologicamente, não deve estranhar que os indos-arianos qualificaram de* **maya,** *Ilusão, à percepção corrente de um fenômeno de primeiro grau.*

Exporei agora uma interrogação, cuja resposta permitirá encarar o problema da "preeminência das premissas culturais", baseado nas últimas conclusões: "se todo fenômeno de primeiro grau aparece necessariamente completo (por exemplo, às 06h00min 'sai o sol')", qual é o motivo específico de que sua

apreensão por intermédio do "modelo científico e cultural" impede tratar com o fenômeno em sua integridade e circunscreve em torno aspectos parciais do mesmo? (Por exemplo, quando dizemos: "a rotação terrestre é a **causa** *que tem produzido o* **efeito** *de que às 06h00min o sol se faça visível no horizonte Leste"). Neste último exemplo é evidente que ao explicar o fenômeno por uma "lei eminente" não se faz mais que referir a certos aspectos parciais (a "rotação terrestre") deixando de lado – não o vendo – ao fenômeno mesmo ("o Sol"). A resposta à pergunta levantada leva a tocar um princípio fundamental da teoria epistemológica estrutural:* ***a relação que se adverte entre aspectos de um fenômeno, quantificável matematicamente como "lei da natureza", se origina na preeminência de premissas culturais a partir das quais a razão modifica a percepção do fenômeno em si****.*

Ademais dizer que isto ocorre pelo efeito "mascarado" que a razão causa em toda imagem refletida pelo sujeito consciente: a razão "reponde a interrogação", ou seja, as reflexões do sujeito consciente, ***no qual se acha sumido o Eu perdido****. Como se tratasse de uma fantasia, a razão interpreta e conforma um esquema racional da representação do ente fenomênico, esquema cuja imagem se sobrepõe à representação e a mascara, dotando-a do significado proposicional que determinam as premissas culturais preeminentes.*

Quando se efetua uma observação "científica" de um fenômeno, as funções racionais se tornam preeminentes a qualquer percepção, "destacando" com eminência aqueles aspectos interessantes ou úteis e "embaçando" o resto (do fenômeno). Deste modo a razão opera como que mascarada ao fenômeno, previamente arrancado da totalidade do real, e apresenta dele uma aparência "razoável" e sempre compreensível no âmbito da cultura humana. Logo que a ninguém lhe importa que os fenômenos caíssem, a partir dali, ocultos atrás de sua aparência razoável; não é possível servir-se deles, controla-los, aproveitar sua energia e dirigir suas forças. Ao final e ao cabo uma civilização científico-tecnológica se edifica **sobre** *os fenômenos e ainda* **contra** *eles; que importa se uma visão racional do mundo recorta os fenômenos percebidos e nos enfrenta com uma* **realidade cultural** *tanto mais artificial quanto mais cegos estamos? Que importa, repito, quando tal cegueira gnosiológica é o preço que se deve pagar para desfrutar das infinitas variantes que, em termos de gozo e conforto, oferece a civilização científica? Acaso oferece algum perigo que não podemos conjurar tecnicamente, nós que temos eliminado muitas e antigas enfermidades, que temos prolongado a vida humana e criado um habitat urbano com um luxo nunca visto?*

O perigo existe, é real, e ameaça a todos aqueles membros da humanidade que possuem ancestrais hiperbóreos; a Sabedoria Hiperbórea o denomina **fagocitação psíquica***. É um perigo de gênero psíquico e de ordem transcendente que consiste na aniquilação metafísica da consciência, possibilidade que pode concretizar-se neste ou em outro Mundo, e em qualquer tempo. A destruição da consciência sucede por* **fagocitação satânica***, ou seja, por assimilação do* **sujeito anímico** *à substância de Jehova Satanás. Quando ocorre tal catástrofe se perde completamente toda possibilidade de transmutação e regresso à Origem.*

Porém, convém repetir que é a confusão o principal impedimento para a transmutação do homem adormecido em Homem de pedra. E, à confusão permanente, contribui a cegueira gnosiológica que mencionava antes, produto da moderna mentalidade racional. Vive-se segundo as pautas da "Cultura" ocidental, a qual é materialista, racional, cientifica - tecnológica e amoral; o pensamento parte de premissas culturais preeminentes condiciona a visão do mundo tornando-a pura aparência, sem que se note ou tenha idéia disso. A Cultura, então, mantém na confusão e impede orientar-se e marchar ao centro da reintegração psíquica, transmutando ao homem adormecido em Homem de Pedra. É por

casualidade que tal coisa sucede? Foi dito muitas vezes: a Cultura é uma arma estratégica, habilmente empregada por quem desejam a perdição da Herança Hiperbórea.

Comprova-se assim, que o "modelo cultural intermediário", entre o Eu e o macrocosmo, dificulta a possibilidade de encontrar o princípio do cerco no mundo, como lei da natureza.

Quadragésimo Quarto Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

Os conceitos complementares precedentes, tem posto de manifesto o fato de que uma "lei da natureza" se origina em certas relações que o juízo racional estabelece entre aspectos significativos. Meu propósito é deixar claro que ainda que tais aspectos pertençam verdadeiramente ao fenômeno da relação que deu lugar à lei eminente tem sido criada pela razão, e de nenhum modo pode atribui-se ao fenômeno mesmo. A razão, apoiada em premissas culturais preeminentes, utiliza o mundo como **modelo projetivo ou de representação** *de modo tal que um fenômeno qualquer expresse* **correspondência** *com uma concepção intelectual equivalente. Deste modo o homem se serve de conceitos racionais do fenômeno que guardam uma débil vinculação com o fenômeno em si, com sua verdade.*

Ao efetuar raciocínios e análises sobre a base de tais conceitos, soma-se o erro e o resultado não pode ser outro que a paulatina imersão na irrealidade e na confusão. Este efeito é buscado pelo Inimigo, como dito. Ver-se-á logo qual é o modo de evitá-lo que ensina a Sabedoria Hiperbórea.

Ao mencionar, anteriormente, o princípio hermético diz que todas as leis do macrocosmo se refletem em leis equivalentes do microcosmo. Mas "as leis da natureza" do macrocosmo não são senão representações de um modelo matemático originado na mente humana, ou seja, no microcosmo, segundo se tem analisado. No processo que dá lugar à "idéia científica" de um fenômeno, concorrem elementos de duas fontes principais: os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes". Os "princípios matemáticos" são arquetípicos, provêm de estruturas psicológicas hereditárias: quando "aprendemos matemática", por exemplo, somente atualizamos conscientemente um número finito de sistemas formais que pertencem ao âmbito da Cultura, mas os "princípio matemáticos" não são em verdade "aprendidos" senão "descobertos", pois constituem matrizes básicas da estrutura do cérebro. As "premissas culturais preeminentes" surgem da **totalidade** *dos elementos culturais, aprendidos ao longo da vida, que funcionam como conteúdo dos sistemas da estrutura cultural e aos quais acode o sujeito cultural para formular os juízos.*

A distinção feita entre "princípios matemáticos" e "premissas culturais preeminentes", como duas fontes principais que intervêm no ato mental de formular uma "lei da natureza", vai permitir expor uma das táticas mais efetivas que emprega o Criador para manter aos homens na confusão e o modo como os Deuses Leais a contra-arrestam, induzindo carismaticamente a esses a descobrir e aplicar a "lei do cerco". Por isso se tem insistido tanto na análise: porque nos encontramos ante um dos princípios mais importantes da Sabedoria Hiperbórea e, também, um dos segredos melhor guardado pelo Inimigo.

Quando se conhece o princípio que diz "para a Sinarquia, a cultura é uma arma estratégica" pode pensar-se que o mesmo se refere à "Cultura" como algo "externo", próprio da conduta do homem na sociedade e da influência que esta exerce sobre ele. Este erro provém de uma incorreta compreensão da Sinarquia a qual se supõe ser uma mera "organização política", e do papel que ela joga no Plano do Demiurgo terrestre Jehova Satanás. A verdade é que o homem procura orientar-se até a Origem e não o consegue pelo estado de confusão em que se acha; a mantê-lo nesse estado contribuem a Cultura como uma arma estratégica inimiga; mas se este ataque provém somente do exterior, ou seja, da sociedade, bastaria alienar-se dela, fazendo-se ermitão, para neutralizar seus efeitos. Contudo, está suficientemente comprovado que a solidão não basta para evitar a confusão e que, pelo contrário, esta pode aumentar no retiro mais hermético, sendo muito provável que por esse caminho se perca a razão muito antes de encontrar a Origem. São os elementos culturais interiores os que confundem, desviam e acompanham o

homem a todo o momento. É por isso que o Eu desperto deve livrar-se **previamente** *do obstáculo que impõem os elementos culturais, se pretende salvar a distância que o separa da Origem.*

Um Eu despojado de toda visão, de todo dogma, indiferente aos enganos do mundo, mas aberto à memória de sangue poderá marchar galhardamente para a Origem e não haverá força no universo capaz de detê-lo.

É uma bela imagem a do homem que avança intrepidamente, envolto no furor guerreiro, sem que os Demônios consigam detê-lo. Sempre a apresentaremos, mas se perguntará: como é possível adquirir tal grau de pureza? Porque o estado normal do homem, nesta etapa do Kaly Yuga, é a confusão. Explicarei agora, em resposta a tão sensata pergunta, a tática dos Deuses Leias para **orientar** *aos homens espirituais e neutralizar o efeito da Cultura sinárquica.*

No homem adormecido o Eu se acha sujeito à razão. Ela é o timão que guia o rumo de seus pensamentos de que por nada no mundo se apartaria; fora da razão estão o medo e a loucura. Mas a razão opera a partir de elementos culturais. Já se viu de que maneira as "premissas culturais preeminentes" participam na formação de uma "lei da natureza". De modo que o jugo que o Inimigo tem cercado em torno do Eu é formidável. Poder-se-ia dizer, em sentido figurado, que o Eu se encontra **prisioneiro** *da razão e seus aliados, as premissas culturais. E todos compreenderiam o sentido desta figura. Isso se deve a que existe uma clara correspondência analógica entre o Eu, no homem adormecido, e o conceito de "cativeiro". Por esta razão desenvolverei na continuação uma* **alegoria** *na qual se fará evidente a correspondência apontada, o que permitirá logo, compreender a estratégia secreta que os deuses Leais praticam para contra-atacar* **a arma cultural** *da Sinarquia.*

Começarei a apresentar a alegoria fixando a atenção em um homem, a quem foi tornado prisioneiro e condenado, de maneira inapelável, à reclusão perpétua. Ele desconhece esta sentença, assim como qualquer informação posterior a sua captura procedente do mundo exterior; pois foi decidido mantê-lo indefinidamente incomunicável. Para tal, foi encerrado em uma torre inacessível, a qual se acha rodeada de muralhas, abismos e fossos, e onde se resulta, aparentemente, impossível todo intento de fuga. Uma guarnição de soldados inimigos aos quais não é possível dirigir-se sem receber algum castigo, se encarrega de vigiar permanentemente a torre. São desapiedados e cruéis, mas terrivelmente eficientes e leais: nem pensar em comprá-los ou engana-los. Nestas condições não parecem existir muitas esperanças de que o prisioneiro recobre alguma vez a liberdade. E, entretanto, a situação é bem outra. Se bem **de fora** *da Torre a saída está cortada pelas muralhas, fossos e soldados,* **de dentro** *é possível sair diretamente ao exterior, sem tropeçar em nenhum obstáculo. Como? Por meio de* **uma saída secreta** *cujo acesso se encontra habilmente dissimulado no piso da cela. Naturalmente, o prisioneiro ignora a existência dessa passagem, como tampouco o conhecem seus carcereiros.*

Suponhamos agora que, seja porque se tenha convencido de que é impossível escapar, seja porque desconhece sua qualidade de cativo, ou por qualquer outro motivo, o prisioneiro não mostra predisposição para a fuga: não manifesta nem valor nem ousadia e, por suposto, não busca a saída secreta. Simplesmente se acha resignado a sua precária situação. Indubitavelmente é sua própria atitude negativa o pior inimigo já que, de manter vivo o desejo de escapar, ou ainda, se experimentasse a **nostalgia** *pela liberdade perdida, se revolveria em sua cela onde existe, ao menos, uma possibilidade em um milhão de dar com a saída secreta por casualidade. Mas não é assim e o prisioneiro, em* **sua confusão**, *adotou uma conduta aprazível que, à medida que transcorrem os meses e os anos, se torna cada vez mais pusilânime e idiota.*

Havendo-se entregue a sua sorte, só caberia esperar para o cativo uma ajuda exterior; a qual só pode consistir na **revelação da saída secreta**. *Mas não é tão simples de expor o problema, já que o prisioneiro não deseja ou não sabe que pode fugir segundo se disse. Devem-se, pois, cumprir duas coisas:*

1) conseguir que assuma sua condição de prisioneiro, de pessoa a quem foi **tirada** *a liberdade, e, no possível, que* **recorde os dias dourados** *quando não existiam celas nem cadeias. É necessário que tome consciência de sua miserável situação e deseje ardentemente sair, previamente a 2) revelar-lhe a existência da* **única possibilidade de fugir**. *Porque bastaria, agora que o prisioneiro deseja fugir, somente* **com que saiba da existência** *da saída secreta. A esta ele a buscará e encontrará por si mesmo.*

Exposto assim, o problema parece muito difícil de resolver: é necessário mexer com ele, **desperta-lo** *de sua letargia,* **orientá-lo** *e depois* **revelar-lhe** *o segredo. Por isso é hora de já perguntar-se: há alguém disposto a ajudar ao miserável prisioneiro? E se houver, como se solucionaria para cumprir as duas condições do problema?*

Devo esclarecer que, afortunadamente, há outras pessoas que amam e procuram ajudar o prisioneiro. São aqueles que participam de sua etnia e habitam num país muito distante, o qual se encontra em guerra com a Nação que o aprisionou. Mas não podem intentar nenhuma ação militar para libertá-lo, devido às represálias que o Inimigo poderia tomar sobre os incontáveis cativos que, além da torre, mantém em suas terríveis prisões. Trata-se, pois, de dirigir a ajuda da maneira prevista: **desperta-lo, orienta-lo** *e* **revelar-lhe o segredo.**

Para isso é preciso chegar até ele, mas como fazê-lo se está trancado no coração de uma cidadela fortificada, saturada de inimigos em permanente alerta? Há que descartar a possibilidade de infiltrar um espião devido às **diferenças étnicas** *insuperáveis: um alemão não poderia infiltrar-se como espião no exército chinês, do mesmo modo que um chinês não poderia espionar o quartel das ϟϟ Sem poder entrar na prisão e sem possibilidade de subornar ou enganar os guardiões, somente resta o recurso de* **fazer chegar uma mensagem** *ao prisioneiro.*

Porém, enviar uma mensagem parece ser tão difícil como introduzir um espião. Em efeito; no improvável caso de que uma gestão diplomática conseguisse a autorização para apresentar a mensagem e a promessa de que esta seria entregue ao prisioneiro, isso não serviria de nada porque só o fato de que tenha que atravessar sete níveis de segurança, onde seria censurada e mutilada, torna completamente inútil esta possibilidade. Além disso, por tal **via legal** *(prévia autorização), se imporia a condição de que a mensagem fosse escrita em uma linguagem clara e acessível ao Inimigo, que logo censuraria parte de seu conteúdo e transporia os termos para evitar uma possível segunda mensagem cifrada. E não nos esqueçamos que o segredo da saída oculta tanto interessa que conheça o prisioneiro, como que o ignorem o Inimigo. E o primeiro: que dizer em uma mera mensagem para conseguir que o prisioneiro* **desperte**, *se* **oriente**, *compreenda que* **deve** *escapar? Por mais que o pensemos fica claro que no final a mensagem* **deve ser clandestina** *e que a mesma* **não pode ser escrita**. *Tampouco pode ser* **óptica** *devido a que a pequena janela de sua cela permite observar somente um dos pátios interiores, até onde não conseguem chegar sinais do exterior da prisão.*

Nas condições expostas, não fica evidente, sem dúvida, de que maneira podem seus **Kameraden** *dar solução ao problema e ajudar o prisioneiro a escapar. Talvez se encontre a luz caso se tenha presente que, diante de todas as precauções tomadas pelo Inimigo para manter ao cativo desconectado do mundo exterior,* **não consigam isola-lo acusticamente**. *(para isso teriam de tê-lo, como a* **Kaspar Hauser**, *em uma cela a prova de som).*

Mostrarei agora, como epílogo, o modo escolhido pelos kameraden para brindar efetiva ajuda; uma ajuda tal que 1) **desperte** *e 2)* **revele o segredo**, *ao prisioneiro,* **orientando-o até a liberdade**.

Ao decidir-se por uma via acústica para fazer chegar a mensagem, os Kameraden compreenderam que contavam com uma grande vantagem: ***o Inimigo ignora a língua original do prisioneiro****. É possível então transmitir a mensagem simplesmente, sem duplo sentido, aproveitando que a mesma* ***não será compreendida pelo Inimigo****. Com esta convicção os Kameraden fizeram o seguinte: Vários deles subiram em uma montanha próxima e, munidos em torno de um enorme caracol, que permite amplificar imensamente o som da voz, começaram a emitir a mensagem. Fizeram-no ininterruptamente, durante anos, pois havia jurado a não abandonarem o intento enquanto o prisioneiro não estivesse novamente livre. E a mensagem desceu a montanha, cruzou os campos e os rios, atravessou as muralhas e invadiu até o último rincão da prisão. Os inimigos a princípio se surpreenderam, mas como essa linguagem para eles não significava nada, tomaram a música como o canto de alguma ave fabulosa e distante, e ao final acabaram por acostumar-se a ela e lhe esqueceram. Mas, o que dizia a mensagem?*

Constava de duas partes. Primeiro os Kameraden cantavam Uma ***canção infantil****. Era uma canção* ***que o prisioneiro ouvira muitas vezes durante sua infância****, além, na* ***pátria dourada****, quando estavam longe os dias negros da guerra e o cativeiro perpétuo somente podia ser um pesadelo impossível de sonhar. Ah, que doces recordações evocavam aquela melodia! Que Espírito, por mais adormecido que estivesse, não despertaria sentindo-se eternamente jovem, ao ouvir novamente as canções primordiais, aquelas que escutara embalado em dias felizes da infância e que, sem saber como, se transformaram em um sonho antigo e misterioso? Sim; o prisioneiro, por mais adormecido que tivesse seu Espírito, por mais que o ouvido tivesse fechado seus sentidos, acabaria por despertar e recordar! Sentiria a nostalgia da pátria distante, comprovaria sua situação humilhante, e compreenderia que somente aquele que conta com um valor infinito, com uma intrepidez sem limites, poderia realizar a façanha da fuga.*

Se esse for o sentimento do prisioneiro, então a segunda parte da mensagem lhe dará ***a chave*** *para achar a saída secreta.*

Observe que foi dito ***a chave*** *e não* ***a saída secreta****. Porque sucede que mediante a chave o prisioneiro* ***deverá buscar*** *a saída secreta, tarefa que não há de ser tão difícil considerando as reduzidas dimensões da cela. Mas depois de encontrá-la, terá de completar sua façanha* ***descendo*** *até profundidades incríveis, atravessando corredores submersos em trevas impenetráveis e* ***subindo****, finalmente, a topos remotos: tal o complicado trajeto da enigmática saída secreta. Contudo****, já está salvo****, no mesmo momento que* ***inicia o regresso****, e nada nem ninguém conseguirá detê-lo.*

Só nos falta, para completar o epílogo da alegoria, dizer uma palavra sobre a segunda parte da mensagem acústica, essa que teria a chave do segredo. Era também uma canção. Uma curiosa canção que narrava a história de um amor proibido e sublime entre um Cavaleiro e uma Dama já desposada. Consumido por uma paixão sem esperança o Cavaleiro havia empreendido uma longa e perigosa viagem por países distantes e desconhecidos, durante a qual se foi aperfeiçoando-se na Arte da Guerra. A princípio tratou de esquecer sua amada, mas passados muitos anos, e comprovando que a memória se mantinha sempre viva em seu coração, compreendeu que deveria viver eternamente escravo do amor impossível. Então, se fez uma promessa: não importariam as aventuras que tivesse que correr em seu longo caminho, nem as alegrias e infortúnios que elas implicassem; interiormente ele se manteria fiel ao seu amor sem esperanças, com religiosa devoção, e nenhuma circunstância conseguiria apartá-lo de sua firme determinação.

E assim terminava a canção: recordando que em algum lugar da Terra, convertido agora em um monge guerreiro, marcha o Cavaleiro valoroso, dono de poderosa espada e brioso corcel, mas levando pendurada ao pescoço uma bolsa que contém a prova de seu drama, a ***chave*** *de seu amor secreto: o* ***Anel de Noivado*** *que jamais será usado por sua Dama.*

Contrariamente à canção infantil da primeira parte da mensagem, esta não produzia uma imediata nostalgia senão um sentimento de pudica curiosidade no prisioneiro. Ao escutar, vindo quem sabe de onde, em sua antiga língua natal, a história do galante Cavaleiro, tão forte e valoroso, tão **completo** *na batalha, e, entretanto tão doce e melancólico, tão* **desgarrado** *interiormente pela Recordação de A-mort, que se sentia o cativo diante dessa curiosidade pudica que experimentam os meninos quando pressentem as promessas do sexo ou intuem os mistérios do amor. Podemos imaginar o prisioneiro cismando, perplexo pelo enigma da canção invocadora! E podemos supor, também, que finalmente encontrará uma* **chave** *naquele* **Anel de Noivado**... *que segundo a canção jamais seria usado em noivado algum. Por indução, a idéia do* **anel** *o levará a buscar e encontrar a saída secreta.*

Termina aqui a alegoria. Devemos agora destacar as relações analógicas que ligam ao prisioneiro com o Eu do homem adormecido.

Quadragésimo Quinto Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

Com o fim de que a relação análoga fique claramente evidenciada, procederei de acordo ao seguinte método: Primeiro, afirmarei uma premissa com respeito à história alegórica do "prisioneiro"; em segundo, afirmarei uma premissa referida a uma situação análoga ao homem adormecido. Em terceiro lugar, ***compararei*** *ambas as premissas e extrairei a* ***conclusão****, ou seja,* ***demonstrarei*** *a analogia. Compreende-se que não posso expor* ***a totalidade*** *das correspondências sem risco de estender-me indefinidamente. Portanto, somente destacarei aquelas relações que são imprescindíveis para minha exposição e deixarei como exercício de imaginação, Dr. Siegnagel, a possibilidade de estabelecer muitas outras. .*

Recorde somente que o homem adormecido, o Eu perdido se encontra afundado no sujeito anímico evolutivo ou Alma. Aqui é preferível considerar ao Eu perdido ligado diretamente à ***razão****, ou seja, ao sujeito anímico* ***racional****, em virtude de ser este sujeito quem mais perto se encontra do Mundo, e quem primeiro recebe as impressões os entes externos. Por "razão", em todo caso, há de entender-se "o sujeito anímico evolutivo", próprio do animal-homem, quem evolui pela ação confusa do Eu, essa manifestação do Espírito aprisionado.*

- 1 -

a - *O prisioneiro se encontra a mercê de seus guardiões, quem o mantém no perpétuo cativeiro.*

b - O Eu, do homem adormecido, é prisioneiro perpétuo da "razão", ou seja, do sujeito anímico evolutivo.

c - O "prisioneiro" e o Eu são análogos.

- 2 -

a - Os "guardiões"" são os intermediários dinâmicos, mesquinhos por certo, entre o "prisioneiro" e o "mundo exterior".

b - A "razão" é intermediária dinâmica, muito pobre, entre o Eu e o "mundo exterior" (no homem adormecido).

c - Os "guardiões" e a "razão" são análogos (recorde que quando a razão elabora uma "lei da natureza", intervém os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes").

- 3 -

a – Os "guardiões" se valem de uma "linguagem própria" diferente da língua do prisioneiro, à que este tem ouvido.

b – A "razão" emprega realidades lógicas, diferentes da "Língua Primordial Hiperbórea" original do homem adormecido à que este tem ouvido pela sua confusão estratégica.

c – A "linguagem própria" dos guardiões é análoga às modalidades lógicas da estrutura cultural..
A "língua natal" do prisioneiro é análoga à "Língua Hiperbórea" do homem adormecido.

- 4 -

a – O primeiro entorno do "prisioneiro" é sua "cela" da torre, que o envolve quase completamente com a exceção das aberturas (portas e janela) por onde somente muito debilmente podem estender-se os sentidos.

b – O primeiro entorno do Eu é a "esfera de sombra", que o contém quase completamente.

c - A "cela" da torre é análoga à esfera de sombra do homem adormecido.

- 5 -

a – Na "cela" há uma "janelinha gradeada" por meio da qual o prisioneiro obtém uma imagem precária, mas "direta" do mundo exterior.

b - Estabelecendo um contato permanente com o Eu está a "esfera sensorial", por meio da qual este obtém uma imagem precária, mas direta do mundo exterior.

c – A "janelinha gradeada" é análoga à "esfera sensorial" (ou a "dos sentidos") no homem adormecido.

- 6 -

a – Na cela há uma "porta engradada" pela qual ingressam os guardiões, e com eles as notícias censuradas; ou seja, por onde o prisioneiro obtém uma imagem "indireta" do mundo exterior.

b - O Eu pode formar-se uma imagem "indireta" do mundo exterior mediante o "reflexo", ou seja, o ato pelo qual se recebe a "formação racionalizada".

c - A "porta engradada" é análoga ao ato de refletir ou perceber.

- 7 -

a - A "cela do prisioneiro" se encontra em uma "torre" e está em um "pátio amuralhado". Rodeando as muralhas há "fossos profundos" e depois outras muralhas, e outros fossos; e assim sucessivamente até completar sete voltas de muros e fossos. Os sete circuitos de segurança desta formidável "prisão" se conectam entre si por "pontes levadiças", "corredores", "portões", "grades levadiças", etc. Mais além da última muralha se estende o "mundo exterior", o país do Inimigo. Em síntese: é a "prisão" uma estrutura estática que se interpõe entre o prisioneiro e o mundo exterior.

b - Entre o Eu e o mundo exterior se interpõe uma complexa estrutura estática denominada "cultural". A "razão", para tornar "razoável" a informação do mundo exterior, se apóia em certos elementos de dita estrutura estática ou "cultural", por exemplo, as "premissas culturais preeminentes", que significam conceitos sobre as percepções dos entes ou objetos culturais externos.

c - A "prisão" é análoga à "estrutura cultural". Também: certas partes da "prisão", muralhas, fossos, pontes, etc, são análogas a certas partes da "estrutura cultural", isto é, "premissas culturais preeminentes".

Tenha presente, Dr. Siegnagel, que, na alegoria, tanto os "guardiões" como a "prisão" são intermediários entre o prisioneiro e o mundo exterior. Mas os "guardiões" são intermediários "dinâmicos" (analogamente à "razão" no homem adormecido) enquanto que a "prisão" é intermediária "estática" (analogamente à "estrutura cultural" do homem adormecido).

- 8 -

a - Além da última muralha se estende o "mundo exterior", aquela realidade que nunca poderá ser vista pelo "prisioneiro" devido a que a estrutura da "prisão" limita seu movimento e a que uma "guarda" permanente cuida de que se mantenha tal situação.

b - O Eu, no homem adormecido, se encontra habitualmente submerso nas profundidades da estrutura cultural, flutuando perdido entre seus artificiais e estáticos elementos e a mercê da tirania implacável que exerce a razão. A estrutura cultural rodeia completamente ao Eu, salvo algumas exceções, por onde acessa debilmente a "esfera sensorial". Além da estrutura cultural, como objeto das esferas instintiva e sensorial, se estende o "mundo exterior", a realidade que nunca poderá "ser vista" (em sua verdade, "tal como é") pelo Eu perdido.

c - O "mundo exterior" além da prisão é análogo ao "mundo exterior" além da "estrutura cultural" que sujeita ao Eu ou no homem adormecido.

- 9 -

a - Em uma montanha próxima, os Kameraden tratam de ajudar o "prisioneiro" a fugir da "prisão". Para isso enviam uma mensagem, na sua língua natal, valendo-se do meio acústico. Em tal mensagem há uma "canção infantil", para "despertar" o prisioneiro e uma "canção de amor", com a "chave do anel", para que busque a saída secreta e fuja.

b - Em um "centro" oculto chamado Agartha, os Deuses leais tratam de ajudar aos homens adormecidos a romper as cadeias que os mantêm sujeitos ao mundo material do Demiurgo. Para isso envia carismaticamente uma mensagem na "língua dos pássaros", valendo-se das Vrunas de Navutan. Em tal mensagem há uma "recordação primordial", para despertar e orientar ao homem, e uma "Canção de A-mort", com a "chave do anel", para que busque o centro, regresse à Origem, e abandone, como um Deus, o inferno material de Jehova Satanás.

c – Pode-se estabelecer, entre "a" e "b", muitas analogias. Só destacarei a mais importante: Os Kameraden são análogos aos Deuses Libertadores.

Creio que os nove argumentos precedentes constituem uma eficaz demonstração da correspondência análoga que existe entre a "alegoria" e a situação do homem adormecido. Mas isto não é tudo. Há reservado três componentes da alegoria, canção infantil, Canção de A-mort, saída secreta, para efetuar uma última correspondência análoga e extrair a conclusão final.

Como a validade da relação análoga existente ficou evidenciada nos argumentos precedentes, não será necessário recorrer ao mesmo método no próximo comentário: darei por provadas as analogias que mencionei.

Recordarei agora os motivos que me levaram a desenvolver a alegoria. Propunha-me a mostrar, de maneira análoga, o método empregado pelos Deuses Leais para contra atacar a ação da "Cultura",

arma estratégica da Sinarquia. Previamente esclarecerei que são os "elementos culturais interiores" o verdadeiro instrumento que a Sinarquia emprega para manter o homem "adormecido", ou seja, na confusão. Nesse estado o Eu é sujeito à razão pela estrutura cultural, fonte da qual se nutre, finalmente, toda a atividade mental. Assim ocorre que o Eu, ou seja, a consciência presente do homem resulta "dirigida para" o mundo através da estrutura cultural "pela" razão; o resultado, disse várias vezes, é uma imagem deformada do mundo e um estado de confusão psíquica que dificulta a "reorientação estratégica" do homem. Contra esta situação os Deuses Leais, igualmente aos Kameraden da alegoria, se dispõem a acudir em auxílio "enviando uma mensagem".

O principal objetivo é "saltar todas as muralhas" e chegar até o prisioneiro, o Eu, com uma mensagem de duplo significado: 1) despertar; 2) orientar. Para Isso os Deuses Leais "transmitem a mensagem", carismaticamente, **há muitos milênios**. *Alguns a ouvem, despertam e partem; outros, porém, continuam na confusão. Claro, não é fácil reconhecer a mensagem porque tem sido emitida na língua dos pássaros... e seus sons somente podem ser percebidos com o Sangue Puro.*

Está claro, então? A mensagem dos Deuses Leais permanentemente ressoa no sangue dos homens adormecidos. Quem não a escuta é porque padece da confusão estratégica ou desconhece sua existência, que vem a se o mesmo. Mas como **deveria** *cumprir sua função a mensagem carismática? Em dois passos. Em primeiro lugar os Deuses* **falam**, *no sangue do homem, de uma recordação primordial, de algo ocorrido* **no começo do Tempo quando o Espírito ainda não havia sido capturado pelos Deuses da Matéria**. *Como os Deuses conseguiram faze-lo é um Mistério muito grande, do qual somente Eles podem responder. Esta "recordação primordial", a "canção infantil" da alegoria, tem sido induzida com o propósito de que "ative" a Recordação do Sangue própria do homem adormecido.*

Se tal coisa ocorre, então o homem adormecido experimentará uma súbita "nostalgia de outro mundo", um desejo de "deixar tudo e partir". Tecnicamente, significa que a Memória de Sangue chegou "ali, onde o Eu perdido se encontrava": sobre o sujeito consciente. Um contato tal, entre o Eu e a Memória de Sangue, se realiza independentemente da estrutura cultural e a razão. E esse é o objetivo buscado pelos Deuses Leais. Pode-se , pois, chegar à medula do Eu, pela via do sangue; será então, nesse fugaz momento quando se deixará ouvir a "Canção de A-mort".

Falarei agora da segunda parte da mensagem, ao que se tem chamado alegoricamente, "Canção de A-mort". Antes de tudo direi que tal nome não é caprichoso, pois a Sabedoria Hiperbórea ensina que, **a partir de sua Origem no Universo físico**, *ou seja, desde sua sincronização com o Tempo***, o Espírito permanece aprisionado na Matéria por um Mistério de A-mort**. *Quando a Recordação de Sangue, ativada pela primeira parte da mensagem,* **abre um caminho** *(não racional; não cultural)* **até o Eu**, *então os Deuses Leias* **cantam a Canção de A-mort**; *fazem participar ao homem no Mistério. Se seu sangue for suficientemente puro para que a mensagem carismática possa ser conscientizada, então o homem tem a possibilidade de "orientar-se" À Origem e manter-se definitivamente "desperto".*

O Mistério de A-mort só pode ser revelado pelo Sangue Puro, interiormente, em um contato transcendente com o Eu que se realiza sem intervenção de categorias culturais ou racionais. É, portanto, uma experiência **absolutamente individual**, *única para cada homem. Quem conhece os segredos do Mistério de A-mort é um Iniciado Hiperbóreo* **transmutado**, *ou seja, um Homem de Pedra Imortal.*

O Mistério de A-mort é um descobrimento pessoal, repito, único para cada homem **sobre a Verdade de sua própria Queda**. *Ninguém pode conhecer este segredo e continuar igual. E ninguém muito menos, se atreveria a falar disso uma vez que a Suprema Experiência tenha tido lugar. Pelo contrário, muitas vezes os lábios ficam selados para sempre, os olhos cegados, e os ouvidos cerrados.*

Não são poucos os cabelos que se tornam brancos nem menos as mentes que se afundam nas trevas da loucura. Porque somente um valor infinito pode sustentar, vivo e são, aquele que tenha visto o Engano das Origens e tenha compreendido , por fim, a Verdade de sua Queda. Sendo o peso do segredo tão terrível compreende-se por que digo que jamais pode haver um indício do Mistério de A-mort e somente alguém irresponsável ou louco afirmaria o contrário. A Sabedoria Hiperbórea aporta **técnicas de purificação sangüínea** *que tem por finalidade* **aproximar ao Mistério**. *Mas o Mistério em si se descobre interiormente, é único para cada homem e* **não convém falar dele**. *No mais se podem oferecer algumas sugestões, como a que expus nos Dias Oitavo e Nono ao narrar o Ritual do Fogo Frio.*

A alegoria histórica do prisioneiro permite expor de maneira simples o método empregado pelos Deuses Leias para guiar aos homens adormecidos. Na mensagem carismática consegue, se for escutado, "despertar" o homem colocando-o em contato com sua Memória de Sangue. A continuação lhe faz participar do Mistério de A-mort, Suprema Experiência que **anula**, *segundo dissemos, a Estratégia cultural da Sinarquia. Mas* **não é possível** *saber em que consiste o Mistério de A-mort até tê-lo vivido individualmente. Somente se tem os* **indícios gerais** *que foram deixados por* **aqueles que se transmutaram e partiram**. *Em base a tais indícios se pode afirmar que o Mistério de A-mort é experimentado de* **sete maneiras diferentes** *pelo homem e que, justamente, essa é a razão pelo qual a Sabedoria Hiperbórea prevê sete vias iniciáticas de libertação.*

De acordo ao modo em que o Mistério de A-mort tenha sido gnosticamente percebido será a Via de Libertação adotada e é por isso que se fala de uma "via de Mutação" ou "do Raio"; de uma "Via Seca" ou "Caminho da Mão Direita"; de uma "Via Úmida" ou "Caminho da Mão Esquerda"; de uma "Via da Oposição Estratégica" ou "Via da Gnose Guerreira para a Orientação Absoluta"; etc.

Não falarei, por hora, de todas as vias de libertação, mas daquela que tem especial relação com esta história, ou seja, a **"Via da Oposição Estratégica"**, *que era a seguida pela Casa de Tharsis. Mas a Via da Oposição Estratégica é a interpretação última do antigo Mistério do Labirinto, fundado por Navutan, logo do afundamento da Atlântida: a Casa de Tharsis, a segunda parte da Canção de A-mort,* **que era "escutada" durante o Ritual do Fogo Frio**, *lhe revelou o Mistério do Labirinto como via de libertação individual. Vale dizer que os Senhores de Tharsis* **sempre** *compreenderam o Mistério do Labirinto ao transmutar-se em Homens de Pedra. Com respeito à alegoria do Eu prisioneiro, há que se entender que* **a solução de Navutan ao Mistério do Labirinto**, *ao Mistério do aprisionamento espiritual, ao Mistério da Morte, é análoga à* **solução da Canção de A-mort**: *ela consiste em um modo para 1) despertar; 2) orientar. Tal modo é o que ultimamente se denomina "Via da Oposição Estratégica" e que inclui, necessariamente, o uso das Vrunas e o princípio do cerco.*

Na alegoria, a segunda parte da mensagem era bastante extensa porque se regeria também às "outras vias" de libertação que podem "abrir" o Mistério de A-mort. Mas o prisioneiro encontrou a chave no **Anel de Bodas** *e isto significa, analogamente, que optou pela Via da Oposição Estratégica. A mensagem chegou a ele "por via acústica", ou seja, gnosticamente e, ao tomar consciência de seu conteúdo, por meio da chave revelada, encontra na cela uma* **saída secreta**, *o qual permite* **abrir a saída secreta**.

A "cela", conforme o argumento 4 é análogo à esfera de sombra. Mas, como substrato da esfera de sombra, se encontra a estrutura cultural: uma **saída secreta** *"dissimulada" no piso da cela corresponde, sem dúvida, a um* **princípio matemático**, *a um símbolo arquetípico integrado, "dissimulado", no esquema de uma Relação.*

A alegoria nos permite compreender, então, que os Deuses Libertadores com sua mensagem carismática, ***descobrem seu princípio matemático*** *que permanecia inconsciente na estrutura cultural, ao que denominamos "****princípio do cerco****". Daí que:*

- 10 -

c - A "saída secreta" na cela do prisioneiro é análoga ao "princípio do cerco", princípio matemático, ou Arquétipo Coletivo que permanecia inconsciente no homem adormecido e que a mensagem dos Deuses Libertadores ***des-cobre****.*

Demonstrei, dias atrás, que no processo mental que dá lugar à "idéia científica" de um fenômeno ocorrem elementos de duas fontes principais: os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes". Isto se verifica principalmente ao formular uma "lei da natureza", a qual explica o comportamento de um fenômeno estabelecendo relações causais entre aspectos do mesmo. Porei um exemplo simples: se deseja "medir" o lado de um poliedro regular. Aqui, o fenômeno é um corpo com forma de poliedro regular, ou seja, um "ente fenomênico". Toma-se para isso a "régua graduada", ou seja, uma superfície plana sobre a qual se encontram gravadas as unidades de longitude e da qual estamos seguros que um de seus lados é perfeitamente reto. Faz-se coincidir o zero da régua com o "começo" do lado que vamos medir. Observa-se agora, que o "fim" do lado coincide com o número cinco da régua e se afirma sem mais que "no poliedro, o lado mede cinco centímetros". Foi realizado, como se verá, uma série de operações subjetivas cujas conclusões, entretanto, podem ser confirmada por outros observadores; esta possibilidade de comprovação é o que dá peso de "lei da natureza" ao fato mencionado.

Mas acontece que na régua que se crê numerada, na real há sinais gravados que ***representam*** *números, não números em si. Os números são princípios matemáticos próprios da estrutura cultural, ou seja, elementos subjetivos, que intervém no ato de "reconhecer que o limite do lado coincide com o sinal 5". Diz-se "mede cinco centímetros" se está realizando a afirmação de uma qualidade empírica: "existe uma proporção (ou seja, uma relação matemática) entre a longitude do lado do poliedro e a longitude do meridiano terrestre". Esta proporção é fixa ou* ***constante*** *(=5 cm) e constitui uma "relação entre aspectos de um fenômeno", ou seja, uma "lei da natureza".*

O ***centímetro*** *equivale à centésima parte de um metro e este a dez milionésima parte de um quarto do meridiano terrestre.*

O ente fenomênico se apresentou ***completo****, íntegro in sua manifestação. Porém, não é possível apreende-lo em sua totalidade; por mais que se o observe* ***uma parte*** *do mesmo se faz eminente, sobressaindo e destacando-se por sobre* ***outros aspectos****. A* ***unidade*** *do fenômeno tornou-se rota em favor da* ***pluralidade*** *de qualidades que se é capaz de lhe atribuir. Distinguem-se* ***duas*** *faces quadradas e em cada face,* ***quatro*** *arestas****, quatro*** *ângulos, etc. Logo se pratica a* ***medição*** *de uma aresta ou lado e se estabelece uma "lei da natureza": "a longitude do lado é proporcional à longitude do meridiano terrestre e sua razão é de 5 cm".*

Nesta operação que se acaba de descrever, tem intervindo os "princípios matemáticos" (quando se distinguem ***duas*** *faces,* ***quatro*** *arestas, etc) e as "premissas culturais preeminentes" (quando se tornou "eminente" a face, o lado, ou qualquer outra qualidade). As duas fontes concorrem no ato racional de "realizar" (medir) aspectos do fenômeno e postular uma "lei da natureza" (mede 5 cm) que pode ser universalmente comprovada.*

Espero ter deixado claro que os ***princípios matemáticos*** *(o* ***um****, o* ***dois****, o* ***quadrado****, etc) por serem propriedades intrínsecas da estrutura mental,* ***intervêm a priori*** *na formulação de uma lei da natureza. Quanto aos "números" do mundo, esses que aparecem gravados na régua graduada, somente são* ***signos culturais de representação*** *aos que se distingue graças à aprendizagem*

convencional. Houve povos antigos que representavam os números com nós ou ideogramas; é presumível que um instrumento de medição composto de uma vara na qual se tenham gravado hieróglifos, não significaria, em princípio, nada para nós se não conseguimos "ler" os sinais, ou seja, realizar as representações numéricas.

A análise epistemológica sobre o modo como o homem estabelece uma lei da natureza há de levar fatalmente à conclusão de que seria impossível que o princípio do cerco fosse localizado no mundo como propriedade dos entes, e pudesse ser formulado em linguagem sociocultural. Pelo contrário, o que pode ocorrer, em todo caso, é que o princípio do cerco seja projetado, consciente ou inconscientemente, sobre um fenômeno e seja descoberto nele como uma relação eminente entre qualidades. Naturalmente, dependerá do tipo de fenômeno representado a complexidade com a que o princípio do cerco seja empiricamente reconhecido e introjetado na estrutura psíquica.

*Em resumo, o "princípio do cerco", descoberto à consciência pela mensagem dos Deuses Leias, é também um princípio matemático e como tal entrevira "***a priori***" em toda percepção fenomênica. Os números naturais (que estão na mente) permitem "contar" (um, dois) as metades dessa maçã (que está no mundo). O princípio do cerco (que está na mente) permite aplicar a "lei do cerco" sobre o fenômeno (que está no mundo). Foi percorrido um longo caminho para chegar a essa conclusão. Expressarei agora de maneira geral:* ***o princípio do cerco fará possível a determinação da lei do cerco em todo fenômeno e em qualquer relação entre fenômenos****.*

Mas o princípio do cerco é, geralmente, inconsciente e só quem consegue ouvir a mensagem dos Deuses Leias pode incorporá-lo à esfera consciente. E só eles, os homens despertos, seriam capazes de aplicar a lei do cerco em uma Estratégia guerreira que assegure o regresso à Origem.

Antes mencionei a ***solução de Navutan ao Mistério do Labirinto*** *e disse que ela inclui o uso das Vrunas e o princípio do cerco; Agora agregarei que tal solução, denominada* ***Tirodinguiburr,*** *traduz-se na* ***técnica arquemônica da Sabedoria Hiperbórea****. Tal técnica, que é imprescindível dominar no "modo de vida estratégico", permite definir no Universo um "Cerco estratégico", ao que me referi nos dias Terceiro e Trigésimo Sexto. Pois bem, segundo a Sabedoria Hiperbórea,* ***todo Cerco estratégico é tecnicamente uma "Arquêmona" ou "Cerco infinito".*** *Com outras palavras, o homem desperto descobre o principio do cerco e o projeta no Mundo:* ***isso não é suficiente para constituir um Cerco estratégico;*** *o principio do cerco é um principio matemático e, portanto, é um elemento* ***arquetípico,*** *ou seja,* ***criado pelo Uno: mal poderia utilizar-se um elemento criado pelo Uno para intentar isolar-se da Estratégia do Uno****; há que* ***modificar,*** *pois, a lei do cerco para obter o efeito isolante desejado; em quê forma?* ***Indeterminando*** *ou convertendo em* ***infinito*** *o cerco real; isso se consegue com o uso das Vrunas Não Criadas:* ***a inclusão da Vruna Não Criada na lei do cerco produz o "Cerco estratégico", o Cerco infinito dentro do qual é possível praticar o modo de vida estratégico e desenvolver uma Estratégia de Regresso à Origem.***

A Via da Oposição Estratégica é aplicável por todo homem desperto que disponha de um Cerco estratégico e de um ***lapis oppositionis****. Este último elemento é somente uma* ***Pedra de Oposição****, a saber, uma Pedra que representa o Uno e* ***contra a qual se realiza a oposição estratégica que permite aproximar-se, inversamente, à Origem.*** *O* ***lapis oppositionis*** *se situa* ***fora da Arquêmona, frente ao ponto infinito do Cerco estratégico:*** *quando o Iniciado Hiperbóreo efetua a oposição estratégica, o interior da Arquêmona se converte em uma praça liberada, com um* ***Espaço*** *e um* ***Tempo*** *próprios, independentes do espaço-tempo do Universo Criado; assim* ***isolado****, sem abandonar em nenhum momento a oposição estratégica, o Iniciado* ***avança*** *sem obstáculo à Origem,* ***sai*** *do Labirinto, se* ***liberta*** *da prisão material.*

Esclarecerei o significado etimológico da palavra Arquêmona e o sentido filosófico que denota na Sabedoria Hiperbórea. Arquêmona, antes de tudo, é uma palavra composta por dois vocábulos gregos, arke, ***princípio*** *e monas****, unidade****. A Iniciação pela técnica arquemônica permite elevar a um* ***princípio único*** *da psique, ou seja, à individualidade egóica do Selbst, desde onde é factível experimentar a possibilidade absoluta do Espírito na Origem: tal é o sentido hiperbóreo de Arquêmona.*

Para os Homens de Pedra, Iniciados Hiperbóreos da Casa de Tharsis, o "mundo" no qual ocorre a vida cotidiana é simplesmente um "campo de batalha", uma ***Palestra*** *ocupada por inimigos mortais aos que se deve combater sem trégua, pois eles "cortam o caminho de Regresso à Origem", "obstruem a retirada" e pretender "reduzir ao homem a mais vil escravidão" que é "a submissão do Espírito à matéria", seu "aprisionamento ao Plano evolutivo do Universo, criado pelo Demiurgo e sua corte de Demônios". O mundo é, então, para os Homens de Pedra, o* ***Valplads****.*

Na mitologia nórdica e nos ***Eddas****, o Valplads é o campo de batalha onde Wothan elege aos que caem lutando pela Honra, a Verdade, enfim, pelas Virtudes do Espírito. A Casa de Tharsis, baseando-se na Sabedoria Hiperbórea, estendia o conceito de Valplads a todo o "mundo". Mas o "mundo" é o macrocosmo, dentro do qual subsiste o microcosmo potencial do homem desperto; a realidade desse "mundo", que rodeia como Valplads ao homem desperto é Maya, a Ilusão do Grande Engano. Quando o homem desperto se tenha situado em sua Arquêmona e liberta a praça interior pela Oposição Estratégica, indeterminando ou tornando infinito o cerco real, o* ***lápis oppositionis*** *que se encontra no Valplads, se diz que seu lugar constitui a* ***fenestra infernalis*** *da Arquêmona, o ponto infinito do Cerco Estratégico: a fenestra infernalis é o ponto de maior aproximação entre a praça libertada e o Valplads, e frente a ela o homem desperto e o Demiurgo se enfrentam, Cara a Cara, se confrontam duas Estratégias Totais: a Hiperbórea e a Satânica.*

Como última reflexão a respeito à alegoria, direi que o prisioneiro ao descobrir a saída secreta está efetuando uma ação análoga a quando "o homem desperto" aplica a lei do cerco, segundo a técnica arquemônica e "abre" unívoca e irresistivelmente uma via para a Origem.

Explicou-se, então, o método que os Deuses Leais empregam para contra-atacar a "Cultura", arma estratégica inimiga. Eles enviam Sua mensagem que tem por finalidade ***despertar*** *no homem a Memória de Sangue e* ***orientá-lo*** *à Origem, sua "saída secreta". Para este último o induzem a descobrir o "princípio do cerco" e a aplicar; logo, a "técnica arquemônica".*

O princípio do cerco ***é infalível*** *para os fins estratégicos propostos e tanto pode ser aplicado individual como coletivamente. A História abunda em exemplos de homens que tenham aplicado técnicas baseadas na Sabedoria Hiperbórea para imortalizarem-se como Deuses ou para conduzir a um povo de Sangue Puro à mutação coletiva; como prova dessas gloriosas ações existem numerosas construções de pedra que ninguém compreende em nossos dias porque para isso haveriam de possuir uma visão fundada no princípio do cerco. Ao homem desperto, conhecedor da técnica arquemônica, uma só olhada sobre as construções megalíticas, ou sobre Montsegur, ou sobre os K.Z., lhe basta para interpretar corretamente a Estratégia Hiperbórea na qual se baseou sua construção.*

O Castelo de Montsegur, vale a pena esclarecer, foi construído pelos Cátaros segundo a técnica arquemônica, assim como os K.Z. ou ***konzentrationslager,*** *"Campos de Concentração" da Ordem Negra alemã* ᛋᛋ*, as quais não eram sinistras prisões como pretende a propaganda sinárquica, mas maravilhosas "máquinas mágicas" para acelerar a mutação coletiva e racial, baseados na técnica arquemônica da Sabedoria Hiperbórea: dentro da área isolada do K.Z., os elementos raciais mais nefastos da sociedade, isto é, os degenerados, delinqüentes, viciados, e inclusive os judeus, podiam ser transmutados e reorientados em favor da Estratégia Nacional.*

Direi finalmente que quem é consciente do principio do cerco ***tem superado*** *a Estratégia cultural inimiga e* ***pode realizar o duplo isolamento, do Eu e do microcosmo.***

O princípio do cerco permitirá fixar os limites do sujeito consciente, isolando o Eu das premissas culturais preeminentes, e transladando-se até o "centro" do Selbst.

A técnica arquemônica permitirá, ***então****, isolar o microcosmo do macrocosmo, ganhando um tempo e um espaço próprios, ou seja, a imortalidade. O microcosmo ou corpo físico se terá transmutado em* ***vajra*** *a matéria incorruptível.*

Quadragésimo Sexto Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

No Dia anterior mencionei "uma Estratégia que os Deuses Leais empregam para contra-atacar a 'Cultura', arma inimiga" e expliquei a mesma, por meio de uma alegoria, como consistente em uma mensagem carismática. Tal mensagem perseguia dois objetivos: 1) ***despertar****, 2)* ***orientar*** *até a "saída secreta", "centro" ou "Origem"; e, naquele exemplo particular, a "saída" se achava logo de descobrir a "portinhola", ou seja, logo de ter feito consciente o* ***princípio do cerco****. Porém, a segunda parte da mensagem, a* ***Canção de A-mort*** *brindava, a quem a escutava, a possibilidade de "achar a saída", por outras seis vias diferentes à Oposição Estratégica, que se baseia no princípio do cerco. De qualquer maneira esta Estratégia tal como a descrevi, com suas sete possíveis vias de libertação, responde a objetivos puramente individuais, ou seja, é dirigida exclusivamente ao homem adormecido. Por isso agora me toca declarar que a mesma forma parte, a parte "individual", de uma concepção maior, à que se denomina Estratégia Odal.*

A Estratégia Odal está dirigida fundamentalmente a obter a libertação individual do homem, mas em certas ocasiões históricas favoráveis, os Deuses procuram "orientar" à Raça em seu conjunto para forçar a mutação coletiva. Nesse caso os "líderes", muitas vezes "enviados" pelos Deuses Leais e outras vezes "inspirados" por Eles, se encarregam de projetar carismaticamente no povo as pautas estratégicas, buscando ***reintegra-lo à Guerra essencial.*** *Para que tal tarefa possa realizar-se com probabilidades de êxito é necessário que os "Líderes" disponham de um elemento externo, situado no mundo, que represente de maneira irrefutável a origem Divina da Raça. Este elemento externo deve dar prova também do compromisso assumido pelos Deuses ao "induzir" aos homens a empreenderem novamente a guerra contra o Criador e de sua resolução de "esperar" os Kalpas que sejam necessários enquanto eles ganham a liberdade. Por estas condições pode compreender-se que tal "elemento externo" seja uma verdadeira* ***Pedra de Tropeço*** *para o Criador e suas hordas demoníacas e que todo Seu Poder, ou seja, o Grande Engano está voltado para conseguir sua destruição ou em seu defeito evitar que permaneça ao alcance do homem. Mas. Apesar da contrariedade que tal ação causaria no Inimigo, os Deuses tem cumprido sua parte do Pacto Primordial e, com uma rapidez admirável até o Poder das Potências da Matéria, o depositaram no Mundo e o resguardaram de qualquer ataque para que os homens ou seus líderes carismáticos* ***o descubram e se valham de seu significado****.*

*A Estratégia Odal dos Deuses se acha, então, dirigida ao interior de cada homem pelos "Cantos carismáticos", tratando de despertar neles a Memória de Sangue e induzi-los a seguir alguma das sete vias de libertação. Mas também procura empurrar a Raça em seu conjunto para que cesse de marchar no sentido "evolutivo" ou "progressivo" da História e, rebelando-se ao Plano do Uno, em um salto inverso, transmute as "tendências animais" do homem e recupere sua natureza Divina Hiperbórea. Para conseguir este segundo propósito, já não individual senão racial, foi dito que se dispõe de um "elemento externo". Que será, concretamente, este "elemento externo", esta "coisa", à que é atribuído propriedades tão maravilhosas? Trata-se de algo cuja somente a descrição levaria vários volumes e que, em Dias anteriores, foi chamado "****Gral****". Sendo impossível revelar aqui um Mistério que tem sido impenetrável para milhões de pessoas, tratarei como de costume, de "aproximar" ao mesmo por meio de alguns comentários.*

Perguntava o quê será ***concretamente*** *essa coisa maravilhosa chamada* ***Gral.*** *Começarei por aí. Concretamente o Gral é uma Pedra, um Cristal, uma Gema; disto não restam dúvidas. Mas* ***não é uma Pedra terrestre****: disto também não cabem dúvidas. Se não é uma Pedra terrestre, cabe*

perguntar qual é sua origem. A Sabedoria Hiperbórea afirma **que provém de Vênus**, *mas não assegura que essa seja sua origem. Pode-se supor, pois, a falta de outra precisão, que os Senhores de Vênus a trouxeram à Terra deste planeta verde. Mas os "Senhores de Vênus" não são oriundos deste planeta senão de Hiperbórea, um "centro original" que não pertence ao Universo material e cuja "Memória de Sangue" tem levado há muitos homens adormecidos a identificá-lo erroneamente com um "continente nórdico" ou "polar desaparecido". Segundo a Sabedoria Hiperbórea o Gral foi trazido ao Sistema Solar pelos Deuses,* **imediatamente depois de irromperem pela Porta de Vênus para instalar-se em K'Taagar, ou seja, no Valhalla**. *Seja como for, há outro aspecto concreto que convém ter em conta: o Gral é uma Gema que reveste a maior importância para os Deuses, a tal ponto que* **Eles não estão dispostos a abandoná-lo ou perde-lo**. *Por camaradagem e solidariedade aos homens adormecidos, o tem situado no Mundo; mas ao final do Tempo, o Gral será recuperado e devolvido a seu lugar de Origem.*

A que se deve esse interesse sem medida em conservar a misteriosa Gema? A que a mesma tem sido citada momentaneamente de A Mais Bela Jóia que se tenha visto no Universo do Uno, daquela que ninguém seria capaz de imitar neste ou em outros Mundos; nem os Mestres Ourives, nem os Devas Construtores, nem os Anjos Planares, Solares ou Galácticos, etc. Porque o Gral é uma Gema da Coroa de Kristos Lúcifer, Aquele que é mais Puro que o mais Puro dos Deuses Leais, o único que pode falar Face a Face com o Incognoscível. Kristos Lúcifer é quem **estando no Inferno está muito além do Inferno**. *Podendo ficar em Hiperbórea, à luz do Incognoscível, Kristos Lúcifer quis acudir em resgate dos Espíritos cativos protagonizando o incompreensível sacrifício de Seu próprio* **auto-aprisionamento**. *Ele se instalou como Sol Negro do Espírito, "iluminado" carismaticamente, desde "atrás" de Vênus, por intermédio do Paráclito, diretamente no sangue dos homens adormecidos.*

Como uma Gema do Valoroso Senhor se lançou caindo aqui, na Terra, uma das cloacas mais repugnantes dos Sete Infernos? Porque Ele assim se dispôs. Kristos Lúcifer entregou o Gral aos homens **como garantia** *de seu compromisso, de seu sacrifício, e* **como prova material irrefutável da Origem Divina do Espírito**.

O Gral é, neste sentido, um **reflexo** *da Origem Divina, o qual haverá de guiar como um farol o rumo vacilante dos Espíritos Rebeldes que decidam abandonar a escravidão de Jehova Satanás.*

Haja vista que o Gral é uma gema da Coroa de Kristos Lúcifer, verá agora o que o Gral **representa** *para os Espíritos cativos. Antes de tudo o Gral se encontra ligado à* **encarnação dos Espíritos** *e seu significado primeiro deve buscar-se em relação com tal Mistério. Isso se explica se tivermos em conta que faz milhões de anos, quando os Siddhas Traidores se aliaram ao Demiurgo Jehova Satanás para encarnar aos Espíritos Hiperbóreos, Kristos Lúcifer entregou sua Gema para que* **a Verdade da Origem Divina perdida pudesse ser vista com olhos mortais**. *Por isso o Gral, posto no mundo como prova da Origem Divina do Espírito***, dá sentido a todas as linhagens hiperbóreas da Terra**. *Por ele o sangue dos homens, ainda que enfraquecido na mais tremenda confusão, reclamará sempre sua* **herança extraterrestre**.

A presença do Gral, em princípio, **impede ao Inimigo negar os ancestrais hiperbóreos.** *Mas assim como o Gral dá um sentido cósmico à História do homem, conectando-o à Raça eterna das origens, e* **diviniza** *as linhagens hiperbóreas da terra, assim também para o Demiurgo, pela presença do Gral, tais linhagens passam a ser "motivo de escândalo" e objeto da perseguição e do escárnio, do castigo e da dor: As* **Divinas** *linhagens hiperbóreas serão, a partir do Gral,* **linhagens heréticas** *"condenadas para sempre" (um manvantara) por Jehova Satanás. O Gral vem despertando recordações indesejáveis, a valorizar o passado do homem; será então a memória e o passado o que mais se atacará e macular sua influência apontará em grande medida a Estratégia Sinárquica. Se pudermos advertir este ataque, que é evidente para a visão gnóstica, poderá compreender*

com maior profundidade a função ***histórica*** *do Gral. Ao pô-lo em evidência, dedicarei os seguintes parágrafos.*

O principal crime do homem tem sido negar a supremacia de "deus", ou seja, do Demiurgo terrestre Jeová – Satanás, e rebelar-se a sua escravidão. Mas o homem é um miserável, imerso num Inferno de Ilusão no qual se assenta insensatamente "a gosto", sem possibilidades de romper o feitiço por si mesmo. E caso se tem negado ao Demiurgo e se tem "rebelado", tem sido em virtude de um agente exterior, mas qual "coisa" no Mundo pode ser capaz de ***despertar*** *ao homem, de* ***abrir seus olhos*** *à realidade óbvia? "Se tal coisa existe, dirão os Demônios, é o objeto mais abominável da Criação material". Mas essa "coisa", esse "objeto abominável", não é deste Mundo e dele tem "comido" o homem-Espírito-cativo. Esse "fruto verde", que mais tarde chamarão Gral, é um alimento que nutre com a* ***gnosis primordial****, ou seja, com o conhecimento sobre a Verdade das origens. Pelo Gral, fruto proibido por excelência, o homem saberá que o Eterno, que possui um Espírito Divino aprisionado à matéria, que procede de um Mundo impossível de imaginar* ***estando no Inferno terrestre****, mas pelo qual* ***sente nostalgia*** *e ao qual* ***deseja regressar****.*

Pelo Gral o homem vem recordando!

Eis aqui seu primeiro crime Recordar da Origem Divina, em adiante, um terrível pecado e os que o tenham cometido, deverão pagar por ele; essa é a Vontade do Demiurgo, a "Lei de Jeová – Satanás. Serão seus Ministros os Demônios de Chang Shambala, quem se encarregam de executar a condenação cobrando o castigo em uma moeda que se chama: dor e sofrimento. O instrumento será, naturalmente, a encarnação, repetida mil vezes em transmigrações "controladas" pela "Lei" do Karma, declarando cinicamente que a dor e o sofrimento são "para o bem" dos Espíritos, "para favorecer sua evolução". Se "o mal" radica no sangue, então se o debilitará favorecendo a mescla racial e se o tornará impuro, envenenando-lhe com o ***temor do pecado****. O resultado será a* ***confusão estratégica*** *do Espírito e a completa obscuridade sobre o passado do homem. "No passado não havia nada digno de ser resgatado", afirmarão durante milênios as pessoas sensatas, em coro com os Demônios da fraternidade Branca. A Teologia, e ainda a Mitologia, falará sobre o mal dos homens com a linguagem do Demiurgo: o "pecado", a "queda" e o "castigo". A "Ciência", por outra parte, nos mostrará um panorama mais desalentador: "provará", lançando mão de imundícies fósseis, que o homem descende de um proto-símio chamado "hominídeo", ou seja, desse mísero e depreciável animal homem que foi o antepassado do homem adormecido. A "Ciência" tem levado o passado do homem a sua degradação mais dramática, vinculando-o "evolutivamente" com os répteis e gusanos. Para o homem moderno já não haverá ancestrais Divinos, senão símios e trilobitas. Realmente, necessita-se a partir de um ódio sobrenatural desejar que o homem se humilhe de maneira tão triste.*

Mas deixemos o triste, sejamos otimistas. Para que olhar o passado, dirá a Sinarquia com a Voz da Ciência e da Teologia, se o homem é "algo projetado para o futuro"? No passado não há nada digno de respeito: uns primitivos crustáceos marinhos fundidos no seio tratando de ganhar o meio terrestre, impulsionados pela "evolução"; milhões de anos depois, uns símios decidem fazer-se homens, impulsionados novamente pela milagrosa "lei da evolução", se convertem em bípedes, fabricam ferramentas, se comunicam falando, perdem o pelo e entram na História. E logo vem a História do homem: os documentos, a Civilização, a Cultura. E na História continua implacável a "evolução", convertida agora em uma lei mais inflexível, chamada dialética: os desacertos da humanidade, as guerras, a intolerância, o fascismo, são "erros". Os acertos são: a paz, a democracia, a ONU, a vacina Sabin, são "êxitos". Da dança entre êxitos e erros, surge sempre um estado superior, um benefício para a Humanidade ***futura****, confirmando-se a tendência evolutiva ou progressista. Acaso não é essa tendência progressista da História* ***todo o bem que cabe esperar do passado****?*

Por isso sejamos otimistas: visemos ao futuro, ali estão todos os bens, todas as realizações; o teólogo assegura que seguido de um juízo **futuro** *aos bons, se lhes abrirão as portas do paraíso, os rosacruzes, maçons, e outros teosofistas, sitiam no futuro o momento em que, concluída parcialmente a "evolução espiritual", o homem se identifica com a sua mônada, ou seja, com seu "Arquétipo Divino" e se incorpora à Hierarquias Cósmicas dependentes do Demiurgo. E até os materialistas, ateus ou cientificistas, apresentam uma imagem venturosa do futuro: mostram-nos uma sociedade perfeita, sem fome nem enfermidades, onde um homem, tecnocrata e desumanizado, reina feliz sobre legiões de andróides e robôs.*

Não abundarei em detalhes sobre um fato demais evidente: se tem intentado **apagar** *o passado do homem desconectando-o de suas raízes hiperbóreas;* **não se tem conseguido apagar totalmente** *tal passado, mas, em compensação, se tem conseguido criar uma futura metafísica entre o homem e seus ancestrais Divinos, de modo tal que, na atualidade, um abismo o separa das memórias primordiais; um abismo que tem nome: confusão. Paralelamente, com tão sinistro propósito, se tem "projetado ao homem para o futuro", eufemismo utilizado para qualificar a* **ilusão do progresso** *que padecem os membros das Civilizações modernas. Tal "ilusão" é gerada culturalmente por poderosas "idéias força", empregadas habilmente como uma arma estratégica: o "sentido da História", a "aceleração histórica", o "progresso científico", "civilização versus barbárie", etc. Os homens, condicionados desse modo, crêem cegamente no futuro, olham somente para ele, e ainda os fatalistas, que prevêem um "negro futuro", admitem que se uma exceção imprevisível ou um milagre oferece a "saída" para a Civilização, ela se encontra, de todo modo, no "futuro"; o passado é em qualquer caso, motivo de indiferença geral.*

Este "fato evidente" representa sem duvida um importante triunfo para a Sinarquia; mas um triunfo que não é definitivo, Em efeito, Doutor, o senhor tem visto que a máxima pressão da Estratégia Sinárquica, se aplica em **apagar** *o passado, em escurecer a memória da Origem Divina, e que tal ataque se produz como* **reação** *à* **ação gnóstica** *do Gral. Mas o Gral* **não é só** *um fruto proibido, consumido pelo homem em tempos remotos, imediatos a sua escravidão.*

O Gral é uma realidade **que permanecerá** *no mundo enquanto o último Espírito Hiperbóreo continue cativo. Pelo Gral sempre é possível que o homem* **desperte e recorde**.

Mas, para gozar de sua gnose, é imprescindível compreender que o Gral, como **reflexo da Origem**, *ilumina no sangue* **desde o passado**. *Sua luz vem* **ao revés do sentido do tempo** *e por isso ninguém que tenha sucumbido à Estratégia Sinárquica poderá receber sua influência. Haja vista que uma poderosa Estratégia cultural "projeta ao homem para o futuro" e intenta apagar seu passado e confundir suas lembranças. Mas o Gral* **não deve ser buscado visando o futuro**, *pois assim jamais será achado. Em rigor da verdade, o Gral* **não deve ser buscado em absoluto**, *se com tal verbo,* **buscar**, *entendemos uma ação que implique "movimento". Somente "buscam" o Gral aqueles que não compreendem o sentido metafísico e crêem, em sua ignorância, que se trata de um "objeto" que possa ser "encontrado". Recordarei uma das histórias medievais sobre o Gral que, ainda que deformada por sua adaptação judaico-cristã, conserva bastantes elementos da Tradição Hiperbórea. Nela Parsifal, o louco puro, sai a "buscar" o Gral. Por desconhecimento comete o desatino de empreender a busca "viajando" cavalheirescamente por distantes países. Esse "deslocamento" aponta* **essencialmente para o futuro**, *porque em todo movimento há uma temporalidade imanente e inevitável e, naturalmente, Parsifal jamais "encontra" o Gral "buscando-o" no mundo. Passam assim, anos de busca inútil até que compreende esta simples verdade. Então, um dia, completamente despido, se apresenta ante um castelo encantado e, uma vez dentro,* **lhe aparece o Gral** *(não o encontra) e seus olhos são abertos; adverte então, que o* **trono está vago** *e decide reclamá-lo, tranformando-se finalmente em Rei.*

Deve-se ver nessa alegoria o seguinte: parsifal compreende que o Gral ***não deve ser buscado pelo mundo*** *(Valplads), através do tempo (Consciência fluente do Demiurgo), e decide valer-se de uma* ***Via Estratégica Hiperbórea****. Para isso se* ***situa*** *"despido" (sem as premissas culturais preeminentes) num castelo ("lugar" fortificado pela lei do cerco), dessincronizando-se do "tempo do mundo" e criando um "tempo próprio", inverso, que "aponte para o passado". Então,* ***aparece*** *o Gral e "abre seus olhos" (Memória de Sangue). Parsifal adverte que "o trono está vazio" (que o Espírito pode ser recuperado) e decide reclama-lo (se submete às provas das Vias Secretas de Libertação) e se transforma em Rei (se transmuta em Homem de Pedra).*

Espero ter deixado claro que o Gral não deve ser buscado, pois ele aparece quando a consciência do homem se tenha dessincronizado do tempo do mundo e se tenha despojado da máscara cultural. Desejo mostrar agora outro aspecto da reação inimiga que tem motivado a presença do Gral.

Pelo Gral o homem comete o crime de despertar; peca, e o castigo se cobra com moedas de dor e sofrimento, pela encarnação e pela lei do Karma. Os encarregados de velar pela Lei, e a quem mais ofende a recordação hiperbórea dos homens despertos são os "anjos guardiões", ou seja, os Demônios de Chang Shambala e sua Fraternidade Branca. Há aparte desta, uma reação ***direta do Demiurgo*** *que convém conhecer. Mas, como tal reação se tem repetido muitas e muitas vezes desde que os Espíritos Hiperbóreos foram aprisionados ao jugo da carne, uma exposição completa deveria abarcar um lapso de tempo enorme, que vai além da História oficial e se perde na noite da Atlântida e Lemúria. Logo, não poderei embarcar-me em um relato semelhante e por isso somente me referirei à reação do Demiurgo em* ***tempos históricos****, mas não deve esquecer-se que tudo quanto se diga sobre este fato* ***não é exclusivo de uma Época****, senão que já tenha sido, e seguramente voltará a ser. Uma breve introdução lhe permitirá compreender tal* ***reação direta****.*

Quando se lança a pergunta, ingênua, sobre como são os mundos de onde vem o Espírito cativo, crendo que pode haver alguma imagem que represente a inimagibilidade Hiperbórea, a Sabedoria Hiperbórea somente responde com uma figura metafísica; diz assim, ao ignorante aprendiz: "imagine que um punhado de poeira recebe um débil reflexo dos Mundos Verdadeiros, e supondo que, depois, tal punhado é dividido e reorganizado em infinitas partículas. Faça outro esforço de imaginação e suponha que o Universo material que conheces e habitas tenha sido construído com os pedaços daquele punhado de poeira. A Sabedoria Hiperbórea te diz: se fores capaz de reintegrar em um ato de imaginação a imensa multiplicidade do Cosmo no punhado original, então, vendo-o em sua totalidade, perceberás somente um débil reflexo dos Mundos Verdadeiros. ***Se fores capaz de reintegrar o Cosmo em um punhado de poeira verás somente uma imagem deformada da Pátria do Espírito. Isso é tudo quanto se possa conhecer*** *daqui."*

A metáfora se torna transparente se considerar que o Demiurgo tenha construído o Universo imitando uma torpe e deformada imagem dos Mundos Verdadeiros. Insuflou Seu Hálito à Matéria e a ordenou com o propósito de "copiar" o débil reflexo que alguma vez recebeu das Esferas Não Criadas. Mas nem a substância era a adequada, nem o Arquétipo estava capacitado para isso e, somando a isso os males, deve considerar-se a intenção perversa de pretender ***reinar como Deus da obra****, a semelhança (?) do Incognoscível. O resultado está à vista: um Inferno maligno e demente, no qual, muitíssimo tempo depois de sua criação, por um Mistério de A-mort, incontáveis Espíritos Eternos foram escravizados, aprisionados à matéria e sujeitos à evolução da vida.*

A característica principal do Demiurgo é, evidentemente, a ***imitação****, por meio da qual tentou reproduzir os mundos verdadeiros e cujo resultado foi esse vil e medíocre Universo material. Mas nas distintas partes de Sua Obra, onde se adverte a alucinante persistência em imitar, repetir e copiar. No*

Universo "o todo" é sempre cópia de "algo": os "átomos", todos semelhantes; as "células", que se dividem em análogos; os "animais sociais", cujo instinto gregário se baseia na imitação; a "simetria", presente em uma infinidade de fenômenos físicos e biológicos; etc. Sem estendermos mais em exemplos, pode-se afirmar que a imensa multiplicidade formal do real é só uma ilusão, produto do cruzamento, combinação, intersecção, etc., de umas poucas formas iniciais. Na verdade o Universo foi feito a partir de um número definido de elementos diferentes, não mais de vinte e dois, que suportam, por suas infinitas combinações, a totalidade das formas existentes.

Tendo presente o princípio imitativo que rege a obra do Demiurgo, pode-se considerar agora Sua ***reação direta*** *ante a presença do Gral.*

Diz-se que o Gral ***diviniza*** *as linhagens hiperbóreas ao provar de maneira irrefutável a verdade da Origem e que a reação dos Demônios foi considerar as mesmas como* ***linhagens heréticas****, merecedoras do castigo mais terrível.*

Mas enquanto os Demônios se ocupavam de castigar os homens com as pesadas cadeias do Karma, muito outra seria a atitude do Demiurgo. Ele, segundo Sua característica, quis ***imitar****, e ainda superar, as linhagens hiperbóreas fundando uma* ***Raça Sagrada*** *que o represente diretamente, ou seja, que* ***canalize sua vontade*** *e, por intermédio da mesma, reinar sobre os Espíritos encarnados. Uma "raça Sagrada" que se levante no meio dos povos condenados à dor e aos sofrimentos da vida e que, triunfando sobre eles, acabe por lhes infringir a humilhação final de submetê-los à Sinarquia dos Demônios. Então, as linhagens hiperbóreas, afundadas no barro da degradação espiritual, exalarão seus últimos lamentos e esses gritos de dor, esses alaridos de espanto, serão a doce músico com que a Raça Sagrada presenteará a seu "Deus" Jehova Satanás, o Demiurgo da Terra.*

Como já foi dito o Demiurgo tentou muitas vezes esta empresa; "os ciganos", por exemplo, são remanescente étnico de uma "raça Sagrada" que prosperou na última Atlântida, quando os |Deuses Traidores submeteram à Sinarquia do Horror as linhagens hiperbóreas. Os Espíritos encarnados se viram ali precipitados às mais infames práticas: o sangue Divino se degradou e confundiu por meio da miscigenação indiscriminada de Raças e, o que é pior, conseguiram realizar cruzamentos férteis entre homens e animais por meio de magia negra; imolaram-se milhares de vítimas humanas para saciar a sede de sangue de Jehova Satanás, adorado ali em seu Aspecto de "Deus dos exércitos infernais". A crueldade, a orgia coletiva, distintas formas de vício em drogas, etc., eram todos "costumes" que as linhagens hiperbóreas adotaram enquanto nos olhos da "Raça Sagrada" brilhava de gozo o olhar do Demiurgo e a Sinarquia do Horror exercia sua tirania de orichalco. Em tal estado de degradação ninguém era capaz de receber a luz do Gral, nem de escutar o Canto dos Deuses. Por isso, Kristos Lúcifer decidiu se manifestar ***à vista dos homens****. O fez, acompanhado por uma guarda de* ***Deuses*** *Libertadores, e isso determinou o fim da Atlântida...*

Mas esta é uma história antiga. Em tempos recentes o Demiurgo resolveu ***repetir*** *novamente, imitando as linhagens hiperbóreas, a criação de uma "raça Sagrada" que o represente e à qual foi reservado o alto destino de reinar sobre todos os povos da Terra. Com o Pacto de Sangue celebrado entre Jehova Satanás e Abraão, fica fundada a "Raça Sagrada", e seus descendentes, os hebreus, serão o "Povo Eleito". Assim como os Espíritos Hiperbóreos, divinizados pela presença do Gral, representam a "linhagem herética" por excelência, os hebreus, frente a eles, se apresentarão como a "linhagem mais pura da Terra".*

Israel, povo eleito por Jehová Satanás para ser seu representante na Terra, que títulos exibirá como ***prova irrefutável*** *de que tal é Sua Vontade? O Demiurgo, seguindo seu habitual sistema de "imitar", raciocina deste modo: "Se pela Gema de Kristos Lúcifer, o Gral, as linhagens hiperbóreas foram divinizadas, também, por uma "Pedra do Céu" será consagrada a estirpe de Abraão. Porei no*

mundo uma Pedra na qual estará escrita Minha Lei como ***prova irrefutável*** *de que Israel é o Povo Eleito, ante o qual deverão humilhar-se as demais Nações".*

Tal é a reação direta do Demiurgo. Elege dentre as fezes da humanidade ao povo mais miserável e depois de pactuar com ele o faz "crescer" na sombra de Reinos Poderosos. Quando decide que à "Raça Sagrada" lhe é chegado o momento de cumprir sua missão histórica "renova o pacto" entregando a Moisés a chave do Poder. Então, Israel, a linhagem mais pura da Terra, atravessa os milênios e marcha a seu futuro de glória, enquanto os Impérios e Reinos se fundem no pó da História. Sem dúvida tem sido efetiva a reação do Demiurgo e poderosos têm sido os efeitos de Sua Pedra, a força de Sua Lei. Por isso cabe perguntar-se: o que é na verdade, o que Jehova Satanás entrega aos hebreus como instrumento de poder e de dominação universal? Repetirei sinteticamente: as "Tábuas da Lei" contém o segredo das vinte e duas vozes que o Demiurgo pronunciou quando organizou a matéria e pelas quais foi formado tudo o que existe. O conjunto de símbolos contidos nas Tábuas da Lei é o que de mais antigo se conhece como ***Cabala Acústica****. Na Atlântida este conhecimento foi, em princípio, patrimônio de outra "Raça Sagrada", mas mais adiante, os Guardiões da Arte Lítica, antepassados do cromagnon e pais da Raça Branca, chegaram a dominá-lo por completo.*

"As Tábuas da Lei" são, então, a "Pedra" que o Demiurgo pos no Mundo como suporte metafísico da "Raça Sagrada", imitando o conjunto "linhagem hiperbórea/Gral". Porém, como em todas as "imitações" do Demiurgo, não deve ser vista uma equivalência muito precisa. O Gral, desde o passado, reflete para cada um dos homens a Origem Divina e constitui uma tentativa de Kristos Lúcifer por acudir em ajuda dos Espíritos cativos ou, em outras palavras, a influência do Gral aponta para o individual e para o espiritual. As Tábuas da Lei, pelo contrário, apontam para o coletivo, entre Jehova Satanás e o povo hebreu e, ademais, seu conteúdo cabalístico revela as chaves que permitem dominar todas as Ciências materiais.

Se a confusão estratégica, a encarnação, o aprisionamento á Lei do Karma, etc., são males terríveis que rebaixam os Espíritos Hiperbóreos, a convivência terrestre com uma "Raça Sagrada" de Jehova Satanás é, sem dúvida, o pesadelo mais espantoso, pior ainda que qualquer outra desgraça mencionada. Porque, a partir do "pacto renovado" com Moises, a ***inimizade racial*** *entre as linhagens hiperbóreas ("heréticas") e a linhagem hebréia ("sagrada") será permanente e eterna, com a desvantagem irreversível para os primeiros de que a vontade infernal do Demiurgo se expressará irresistivelmente através dos segundos.*

Depois da "aparição" de Israel somente resta ao homem a alternativa dramática de regressas à Origem ou sucumbir definitivamente.

Escavando no mito hebreu de Abel e Caim, sob um véu de calúnias, pode-se aprecias uma descrição acertada da inimizade racial e teológica entre hebreus e hiperbóreos. Em tal mito Abel, que é pastor de rebanhos, representa o ***tipo*** *básico do hebreu e Caim, o lavrador, a figura do homem de linhagem hiperbórea. Conta a lenda que a Jehova Satanás lhe resultaram agradáveis as oferendas de sangue de Abel, o pastor, consistentes no sacrifício dos cordeiros primogênitos "com sua gordura", e em troca desprezou os "frutos da terra" que exibia Caim. Tal atitude por parte do Deus da Matéria constituiu uma revelação para Caim: a descoberta das verdadeiras intenções do Criador e a essência materialista e servil dos pastores. Então, Caim decidiu matar Abel, a Alma criada, o que motivou a Jehova para denunciar que era portador de uma marca que delatava sua condição de assassino. Tal sinal seria reconhecido em todas as Épocas, por aqueles que fossem "como Abel", em quem demonstrasse ser "como Caim".*

Aquele especial critério afetivo de Jehová Satanás tem se perpetuado através dos séculos no ódio que os hebreus sentem contra as linhagens hiperbóreas, ódio que, não se esqueça, ***provém do Demiurgo*** *posto que "****Israel é Jehova****". Aos homens mentecaptos, a saber, a quem lhes tenha lavado o cérebro*

para posteriormente converte-los em fanáticos crentes da Bíblia, sempre lhes resulta difícil justificar a predileção de Jehova "Deus" pelo sacrifício sangrento de Abel, e o desprezo da produção agrícola de Caim. Porém, tudo fica claro se ler sob a linguagem cabalista, cifrada, do Gênesis, uma interpretação antiqüíssima do Holocausto de Fogo. Em efeito, ***"o holocausto do cordeiro primogênito com sua gordura" {Gen. 4,4}****,representa o Holocausto da Morte Final da Humanidade e sua transformação, na lixívia que "lavará o Sinal Abominável que está gravado na Pedra Quente": a oblação de Abel seria logo queimada, tal como fazem até hoje os hebreus com os corpos dos animais sacrificados, e a "gordura", mesclada com a cinza, formaria o sabão, a lixívia, que lavaria a mancha simbólica do "pecado de Caim"; tal "pecado" é, naturalmente, ser "agricultor", semeador de cereais, adorador da Deusa Ama, ou Ceres, ou Demeter, ou a Virgem de Agartha, a mãe de Navutan, ou seja, quem entregou a semente de trigo aos homens, a Semente do Menino de Pedra. A "marca de Caim" é, então, o Sinal na Pedra Quente, o Símbolo da Origem que causa o aprisionamento do Espírito eterno à Matéria. Por isso Caim, ao portar tal marca, não poderá morrer jamais: será "imortal", como o são todos os homens que possuem Espírito, ainda que o ignorem por estar "adormecidos".*

Robert Graves, e o Rabino Raphael Patai, no livro "Os Mitos Hebreus", tem extraído e sintetizado o Mito de Caim de numerosos midrash talmúdicos. Eis aqui uma das versões oficiais hebréias, que demonstram o caráter espiritual luciférico de Caim e a natureza "criada" de Abel: "Caim respondeu à repreensão de Deus com um grito que, todavia, repetem os blasfemos: - Não há Lei nem Juiz! – Quando pouco depois encontrou a Abel num campo, lhe disse: - Não há Mundo futuro, nem recompensa para os justos, nem castigo para os malfeitores. Este Mundo não foi criado com misericórdia, nem é governado com compaixão. Por qual outra causa teria sido aceita tua oferenda e rechaçada a minha? Abel respondeu simplesmente: - A minha foi aceita porque amo a Jehová Deus; a tua foi rechaçada porque o odeias – Então, Caim decidiu golpear e matar Abel". .

É interessante aprofundar mais sobre a figura de Caim. Segundo a Bíblia foi, além de agricultor, o primeiro que ***construiu cidades amuralhadas*** *e o inventor dos pesos e medidas. Seu descendente Tubal-Caim (desdobramento mítico do mesmo Caim) foi fabricante de armas e de instrumentos musicais.*

Se observar agora esta figura de Caim, à luz da Sabedoria Hiperbórea, se comprovará que possuem muitos dos atributos característicos das linhagens hiperbóreas. Ante toda a associação da Agricultura com a construção de cidades amuralhadas é uma antiqüíssima fórmula estratégica hiperbórea que empregavam recentemente, por exemplo, os etruscos e os romanos, e que tem sido expressa com perfeição pelo rei germano Henrique I, o Passarinheiro. Por outra parte, a invenção dos pesos e medidas, que os hebreus atribuem a Caim, os gregos a Hermes e os romanos a Mercúrio, permite identificar Caim com esses Deuses hiperbóreos. E por último: a acusação de assassino e a condição de fabricante de armas revelam claramente que a figura de Caim representa os ***guerreiros terríveis****, a Homens de Pedra: a delatar ou assinalar essa qualidade aponta claramente a denúncia da famosa marca.*

Na Bíblia, o livro sagrado do "povo Eleito", no mito de Abel e Caim, encontra-se, perfeitamente reveladas as regras do jogo. Na "preferência" de Jehova Satanás pelos pastores hebreus, representados por Abel, e no desprezo e castigo das linhagens hiperbóreas, simbolizadas por Caim, apenas mostrando o conflito metafísico das origens, mas atualizado agora como confronto cultural e biológico. A Raça Sagrada hebréia vem trazendo a Presença de Jehova Satanás; (Presença ***consciente****, diferente do* ***sopro panteísta*** *com que o Demiurgo anima a matéria) ao plano da vida humana, da encarnação, da dor e do sofrimento. Por isso a antiga inimizade transcendente entre Espíritos cativos e Demônios se transforma em inimizade imanente entre as linhagens hiperbóreas e o Universo material, dado que a Raça Sagrada é* ***Malkhouth****, o décimo* ***Sephiroth****, ou seja, um Aspecto do Demiurgo. Este último deve entender-se assim:* ***Israel é o Demiurgo****. Vale a pena esclarecer. Segundo os ensinamentos*

secretos da Cabala e tal como pode ler-se no Livro do Esplendor, ***Sepher Yetsirah*** *ou no Livro do Holocausto de Fogo,* ***Sepher Icheh****, ou seja, acudindo às fontes mais confiáveis da Sabedoria Hebraica, para a "criação" da "Raça Sagrada", Jehova Satanás manifesta um de seus dez aspectos ou* ***Sephiroth****. O décimo sephiroth* ***Malkouth (o Reino)*** *é o próprio povo de Israel, de acordo aos textos oficiais hebreus, o qual guarda um nexo metafísico com o primeiro Sephiroth,* ***Kether (Coroa)****, que é a Cabeça ou Consciência suprema do Demiurgo. Em outras palavras: há identidade metafísica entre Israel e Jehová Satanás ou, se preferir, "****Israel é Jehova Satanás****".*

Como dizia antes, a inimizade entre a Raça Sagrada e as linhagens hiperbóreas, inimizade que se viu declarada no mito de Abel e Caim, significa um enfrentamento entre estes e o Universo material, dado o caráter de Malkhouth, desdobramento do Demiurgo que ostenta Israel. Com Malkhouth, o Demiurgo vem querendo impor ***a realeza*** *da linhagem sagrada hebréia aos restantes dos povos da Terra. Se estes povos gentis* ***esquecem o passado*** *e se submetem ao Plano que leva adiante a Fraternidade Branca, então aceitarão de bom grado a* ***superioridade hebréia*** *e o mundo marchará alegremente para a Sinarquia. Mas, ai daqueles* ***Goy*** *que não renunciarem a sua herança hiperbórea e persistam em recordar o conflito das origens! Não haverá lugar para eles na Terra porque com a Presença de Malkhouth, a linhagem sagrada de Israel, o Demiurgo assegura sua perseguição e imediato aniquilamento. Dramático destino do Espírito cativo! Durante milênios* ***recordar a Origem****, ou seja, exibir uma linhagem herética era castigado pelos Demônios com um forte Karma, e a dor, o sofrimento eram tão terríveis que se acabava por esquecer. Mas, enquanto esta degradação ocorria, no fundo de seu coração, fervendo em seu sangue, o condenado podia participar da Memória de Sangue e ascender à* ***Gnosis*** *era seu direito: se conseguisse elevar-se desde o auge da confusão espiritual ninguém podia impedi-lo de receber a luz do Gral nem que escutasse o Canto dos Deuses. Com Israel nem esta mísera oportunidade de despertar seria já possível, pois o conflito foi semeado em termos biológicos, raciais, culturais... quem se compromete com a contenda deve agora arriscar-se em tudo, pois ao enfrentar Israel se está enfrentando ao mesmo Demiurgo. Israel avança na História com uma força irresistível. Seus grandes ideais vão dominando pouco a pouco a Cultura do Ocidente paralelamente com o crescimento de sua potência financeira. Quem será capaz de opor-se à força conjunta do judaico-cristianismo, da judaico-maçonaria, do judaico marxismo, do sionismo, do Trilateralismo? Quem pode fazer "frente" aos bancos dos* ***Rothschild****, de* ***Jacobo Schiff****, de* ***Kuhn and Loeb****, de* ***Rockefeller****, etc.? E quem competirá com os judeus nos campos das Ciências ou das Artes? Já descrevi o fantástico* ***Poder Material*** *alcançado pela Sinarquia Templária na Idade Média; pense, Dr. Siegnagel, o que há de representar tal Poder hoje em dia. Contra essas forças organizadas o homem não tem a mínima chance. Por isso, ante tão formidável Poder, a única alternativa estratégica válida é o confronto racial: a Raça Sagrada de Jehova Satanás opor a linhagem hiperbórea dos Espíritos cativos. E neste choque de linhagens, nesta guerra levada ao terreno do sangue, o homem desperto, aquele que recorde e deseje regressar, deverá escutar o Canto dos Deuses, seguindo uma via secreta de libertação, achar "a saída", regressar à Origem, e transmutando-se em Homem de Pedra, haverá cumprido assim com a primeira parte da Estratégia Odal. Mas se um Líder carismático, desperto e transmutado, se põe à frente de uma comunidade racial e decide guiar aos homens* ***em conjunto*** *ao Regresso da Origem, poderá aplicar em sua totalidade a Estratégia Odal, aproveitando a presença do Gral. Neste caso o Líder semeará a Guerra Total contra as forças da Sinarquia, mas especialmente exercerá sua máxima pressão* ***sobre a Raça Sagrada****, pois ela representa* ***diretamente*** *ao Inimigo, ou seja, ao Demiurgo Carcereiro. Entretanto, somente em épocas modernas, quando a presença universal da Sinarquia e o poder da Raça Sagrada ficarem em evidência, será possível que algum Grande Chefe identifique corretamente ao Inimigo e declare contra eles a Guerra Total.*

A inimizade irreconciliável entre a linhagem sagrada e a linhagem herética hiperbórea poderia ser exemplificada considerando as infinitas vezes que se produziram confrontos e descrevendo os distintos resultados. Pode-se assegurar que haveria material para encher vários tomos, razão pela qual devo ser prudente e referir-me ao estritamente necessário para a compreensão da Estratégia Odal dos Deuses Leais. É com este critério que vou considerar tão somente um exemplo, mas um exemplo que será altamente esclarecedor.

Depois do afundamento da Atlântida, e em virtude das pautas do Pacto Cultural, as linhagens hiperbóreas vão coincidindo sempre em que a sociedade humana devia organizar-se em torno de três funções principais: Régia, Sacerdotal e Guerreira. A ***harmonia*** *e a* ***independência*** *das três funções garantiriam certo equilíbrio apropriado para os tempos de paz e de prosperidade, ou seja,* ***quando a sociedade progredia materialmente para o futuro****. Em distintas Épocas de sua história, muitíssimos povos de linhagem hiperbórea experimentaram breves períodos em que o equilíbrio das três funções permitiu desfrutar dessa tranqüilidade social, medíocre e cortesã, que ocultava na realidade uma ausência total de contato carismático entre a massa do povo e seus Líderes, situação típica que se caracteriza pela indiferença geral. Quando uma sociedade se estabiliza dessa maneira, a Fraternidade Branca de Chang Shambala afirma que "evolui" e "progride". É, pois, do interesse dos Demônios levarem a Humanidade a um estado de equilíbrio permanente das três funções. Com que objetivo? Para prepara o advento da Sinarquia, ou seja, a Concentração do Poder nas mãos de uma Sociedade Secreta ou confraria oculta. Que fim tem concentrar o poder em mãos de seres que atuam nas sombras? A resposta se encontra relacionada com a manifestação por parte do Demiurgo, de "Malkhouth", a Raça Sagrada: o poder sobre as nações pertence (nesta etapa do Kaly Yuga) a Israel como herança de Jehova Satanás e prova de sua linhagem teológica. Enquanto chega o tempo de Israel, a Sinarquia será o regente do poder concentrado pela Fraternidade Branca.*

Compreende-se que os Deuses Leais, frente a semelhante conspiração, procure desestabilizar o equilíbrio sinárquico das sociedades e influenciem carismaticamente nos homens com a finalidade de despertar um deles e transmuta-lo em Líder hiperbóreo. Tal é, fundamentalmente, o objetivo da Estratégia Odal. Por isso o Canto dos Deuses chama sem cessar no Sangue Puro e o Gral é uma presença permanente que mostra a quem o queira ver, o reflexo da Origem Divina do Espírito. Mas não deve crer-se que a Estratégia Odal somente tem êxito quando acontece uma autêntica transmutação do homem adormecido em Homem de Pedra; esse é, sem dúvida, o mais importante êxito, mas o mesmo não é muito freqüente, especialmente no caso de Líderes ou Condutores de povos. Há, em troca, outros casos, não tão vistosos nem evidentes como uma transmutação, mas cuja influência benéfica na organização das sociedades tem motivado que se os considere também como êxitos da Estratégia Odal. Refiro-me especificamente àqueles líderes que com certo grau de inconsciência, escutam o Canto carismático e intuem alguns princípios da Sabedoria Hiperbórea. Como não se encontram completamente despertos e ignorem a origem da "mensagem", procedem a aplicar ao governo de seus povos os princípios estratégicos tomando-os por invenções próprias. Poderia abundar em exemplos, mas terá particular interesse para o senhor, Dr., considerar o caso de quem "tenha descoberto", sem sabê-lo, o princípio do cerco.

Quando na estrutura mental de um Líder se tenha incorporado o "princípio do cerco", seu Sangue Puro, e com esta o Canto dos Deuses, lhe impele a aplicar a "Lei do Cerco" em todos seus atos concretos. Surgem assim desde sociedades particulares até teorias políticas, filosóficas, morais, etc., concebidas e executadas de acordo à lei do cerco, no marco da Estratégia odal. Um exemplo típico é a idéia de um "Império Universal". Vale a pena comenta-lo.

Quando a Estratégia Odal consegue despertar a natureza Divina em algum Líder, é factível que sua posterior atividade provoque notáveis mudanças sociais. Se for Rei, ou seja, se exerce a Função Régia,

avançará gibelinamente sobre a Função Sacerdotal e, com o apoio da Função Guerreira, tratará de expandir os limites de seu Estado. Se o Líder é um guerreiro notável, não tardará em cingir a coroa para depois, esmagando a Função Sacerdotal, dedicar-se à tarefa de organizar um Estado militar. Na maioria dos casos o desequilíbrio das três funções se realiza à custa da Função Sacerdotal que pode ser lunar y sinárquica. O importante é que o Líder, Rei ou Guerreiro, ao aplicar a lei do cerco em sua visão da sociedade conclui geralmente por coincidir na idéia do Império Universal como a mais apropriada para demonstrar a superioridade de sua Raça e para perpetuar a memória de sua Estirpe.

O Estado universal de Accad; os Impérios da Assíria e Babilônia; o Grande Império Persa, destruído por Alexandre Magno; o Império Romano; etc. têm sido concebidos do mesmo modo: pela aplicação da lei do Cerco, no marco da Estratégia Odal, que tem feito os Líderes hiperbóreos no curso de milênios. Não posso deixar de mencionar que muitas "idéias modernas" registram o mesmo procedimento em sua concepção: tal as distintas variantes do "nacionalismo"; o "fascismo"; o "falangismo"; o "nacional socialismo", as "federações" e "confederações"; etc. Estas e muitas outras teorias políticas é o produto da aplicação da lei do Cerco por parte de alguns Líderes modernos. No caso do "fascismo", "nacional-socialismo", etc., é evidente que guardam um nexo bastante estreito com a antiqüíssima idéia do Império Universal, o que explica de maneira eloqüente o porquê tais ideologias tem sido perseguidas até o aniquilamento pelo Povo Eleito e as forças da Sinarquia.

É que, justamente, a idéia do "Império Universal", que é hiperbórea e surge da aplicação da lei do Cerco, se opõe irredutivelmente à idéia da "Sinarquia Universal" propiciada pela Fraternidade Branca de Chang Shambala, e levada adiante em favor do Povo Eleito.

Havia-me proposto a dar um exemplo da inimizade irreconciliável entre a linhagem herética hiperbórea e a linhagem sagrada hebréia e isso ficou claro na oposição entre Império Universal e Sinarquia, ou seja, entre suas respectivas concepções ideais de sociedade. Munido destas chaves, qualquer um pode revisar a História e tirar suas próprias conclusões; não é, pois, necessário insistir mais sobre isso.

Disse anteriormente que a "Raça Sagrada" foi criada pelo Demiurgo a **imitação** *das linhagens hiperbóreas e mostrei que as "Tábuas da Lei", e o terrível conhecimento com que estavam escritas. Lhes fora entregues aos hebreus a* **semelhança** *do Gral. Posso agregar agora que a "imitação" não concluiu ali, pelo contrário, durante séculos se preparou uma infernal falsificação histórica que nos fatos viria a significar um agravo infinitamente mais ofensivo que a imitação das linhagens hiperbóreas ou do Gral. Estou falando da usurpação, vulgarização e degradação perpetrada contra a figura Divina de Kristos Lúcifer.*

Já mencionei que, durante os dias de maior decadência espiritual da Atlântida, ida, Kristos Lúcifer **se manifestou** *à vista dos homens adormecidos. Sua Presença teve a virtude de purificar e orientar a muitos homens, quem, graças a esta descida aos Infernos, realizada pelo Valoroso Senhor, puderam assim empreender o caminho do Regresso. Porém, a reação covarde dos Deuses Traidores, que recorreram ao uso de magia negra para impedir o resgate, conduziu finalmente a uma guerra sem quartel que só terminou quando houve o desaparecimento da última Atlântida. E ainda que o continente atlante tenha desaparecido devorado pelas águas e milhões de anos de barbárie e confusão estratégica apagaram estes fatos da História, não é menos certo que o drama vivido foi tão intenso que jamais se apagou de todo da memória coletiva das linhagens hiperbóreas. Por isso quando o Demiurgo concebeu a sinistra idéia de imitar, toscamente, a imagem redentora de "Kristos Lúcifer descendo entre os homens", era inexorável que tal infâmia desencadearia mudanças irreversíveis e confrontos definitivos.*

O que pretendia desta vez o Demiurgo? Ainda que pareça incrível, desejava produzir a ***imitação*** *da transmutação hiperbórea, um salto na Humanidade. Mas não nos assombremos demasiado: o que se buscava era* ***um salto*** *adiante,* ***para o futuro****, e, sobretudo, se intentava* ***cercar*** *aos membros da Humanidade, sem distinção alguma por sua Raça ou religião, a um* ***"tipo" psicológico*** *universal, ou seja, um* ***Arquétipo coletivo****. Esse Arquétipo, claro, era o da Raça hebréia, pois o que se queria em definitivo era* ***judaizar*** *a humanidade e prepara-la para o Governo Mundial da Sinarquia.*

Para levar adiante um plano tão ambicioso, por-se-iam em movimento numerosas forças, as que concorreriam até a figura do Messias e tornariam possível seu Ministério terrestre. Para a missão de "preparar o veículo" mediante o qual Jehova Satanás se manifestaria aos homens, foi comissionado um dos Mestres da Sabedoria da Fraternidade Branca, quem seria conhecido, depois de sua encarnação, como Jesus de Nazaré. Tampouco se descuidou a questão da linhagem, e por isso o Mestre Jesus encarnou no seio de uma família hebréia cuja genealogia podia remontar até Abraão. Mas o corpo físico do Messias possuía uma constituição diferente a de um simples hebreu. Maria seria fecundada "com um olhar" por um dos Demônios da Hierarquia, o "Anjo Gabriel", quem na realidade emprega o método de "intersecção de campos", uma das três formas de partenogênese que existem: deste modo ***imitava-se também a Virgem de Agartha, Ama, a Mãe de Navutan, que ficou grávida em Vênus por outro "anjo", o "Serafim Lúcifer"****. O Mestre Jesus animaria durante trinta e três anos esse corpo superior, mas seria a seita essênia a que durante todo o tempo se encarregaria de desenvolver suas potencialidades esotéricas, entronando-o nos segredos da Cabala acústica. Nesta tarefa os essênios seriam assistidos pelos Mestres da Hierarquia, e estes pelos Deuses Traidores; toda Chang Shambala se havia concentrado em sustentar ao Messias, já que do êxito de sua missão dependeria em grande medida a "evolução" futura da Humanidade. Se a obra do Messias triunfasse, a Humanidade seria "civilizada", ou seja, judaizada, e acabaria a "barbárie", quer dizer, a memória mitológica dos ancestrais Divinos.*

O mais horroroso deste conjuro era que o Demiurgo e seus Demônios contavam desta vez ***com a Memória de Sangue*** *que as linhagens hiperbóreas ainda guardavam do Kristos da Atlântida para "atrai-los" até sua imitação, o Jesus Cristo, e mediante uma fantástica confusão submete-los definitivamente. Com que colossal hipocrisia se planejou e executou a tarefa! Depois de Jesus Cristo quem seria já capaz de distinguir entre o Kristos da Atlântida e sua caricatura? Somente uns poucos suspeitaram do engano, Gnósticos, Maniqueus e Cátaros, e contra eles tem caído o anátema das Forças Obscuras, a perseguição e o aniquilamento. É que esse Jesus, como Arquétipo judaico que é, permite muitas interpretações, todas "legais" segundo a conveniência da Sinarquia: há um Cristo redentor; um Cristo de piedade; um Cristo "que virá"; um Cristo-Deus; um Cristo-homem; um Cristo-revolucionário social; um Cristo-Cósmico. Um Cristo-Avatar, etc.*

O que jamais se permitirá conceber (ou recordar) a ninguém é um Kristos de Luz Não Criada, a saber, um Kristos Lúcifer. Depois de Jesus Cristo esse será o maior pecado, a maior heresia e o castigo merecido será castigo exemplar.

"No ano 30 da Era cristã o Verbo se fez carne e habitou entre os homens". Aquele por cuja Palavra foi criado o Mundo, se vestiu com a roupagem de seu Arquétipo Hebreu, Malkhouth, e se manifestou aos homens na pessoa de Jesus de Nazaré. Fenômeno dos fenômenos, Maravilha das maravilhas, que espetáculo prodigioso terá sido ver ao Demiurgo feito homem! Há que se reconhecer que esta vez houve uma inegável qualidade em sua infernal idéia de imitar ao Kristos da Atlântida e aproveitar-se da Memória de Sangue dos homens. O resultado está à vista. Pouco a pouco os povos saíram da "barbárie" e a "Civilização" se estendeu até os últimos rincões da Terra. E os homens lenta, mas inexoravelmente, se vão adaptando ao padrão psicológico judeu. Como se conseguiu este êxito? Por

qual alquimia coletiva a efêmera vida de Jesus Cristo conseguiu influenciar sobre os povos durante milênios até desembocar na sua completa judaização? Foi somente a Memória de Sangue do Kristos da Atlântida o que determinou tal resultado ou houve outros fatores ocultos que contribuíram à confusão da Humanidade e sua judaização atual? Sem entrar em demasiados detalhes, dado que o tema vai longe, posso dizer que o Arquétipo Hebreu de Jesus Cristo, que se achava igual a todos os Arquétipos no Plano Arquetípico, foi **precipitado ao plano físico** *ou* **atualizado** *durante a encarnação do Demiurgo no corpo de Jesus de Nazaré. Tal atualização do Arquétipo Malkhouth significa que se tenha estabelecido* **uma força permanente** *na Terra, a qual atua de maneira equivalente à gravitacional "empurrando" o homem até a* **forma judaica**. *Isso é devido a uma razão* **que é também um terrível segredo: Jesus Cristo não desencarnou!** *Pelo contrário, se encontra desde então "no centro da Terra", junto ao Rei do Mundo, irradiando a partir dali sua "potencia arquetípica" (hoje diríamos "informação genética") em infinitos eixos geotopocêntricos que partem do centro terrestre e atravessam a coluna vertebral dos homens. Esta é a força arquetípica permanente de Jesus Cristo. Mas não é a única: também atua sobre o homem uma influência judaica* **emocional**, *irradiada pelo próprio "povo Eleito" de Israel, já que a Raça Sagrada forma parte da anatomia oculta da Terra, cumprindo a função de* **chakra coração** *ou anhata chakra.*

Em relação à última pergunta vale a pena destacar que o "animal-homem" criado pelo Demiurgo há milhões de anos para que "evoluísse" de acordo ao Plano que, segundo os sete Reinos da Natureza, tendiam naturalmente a conformar um **tipo** *que respondesse a alguns Arquétipos básicos. Contudo, desde o ano 33 da Era cristã, pode assegura-se que o Arquétipo judaico de Jesus Cristo é agora o Arquétipo psicológico do homem, ou seja, o* **tipo** *que tende pela evolução. Isto significa que nos homens, aqueles que possuem pelo antigo Mistério de A-mort uma herança animal, as tendências animais lhe impelem inconscientemente ao Arquétipo judaico. Somente a pureza de sangue poderá evitar o predomínio das tendências animais e o conseguinte perigo de corresponder psicologicamente com o Arquétipo judaico.*

Foi mostrado já de que maneira o Demiurgo levou o conflito original ao terreno do enfrentamento racial, depois de criar a Raça Sagrada como imitação das linhagens hiperbóreas divinizadas pelo Gral. Agora se acaba de ver como uma nova imitação, desta vez de Kristos Lúcifer, tem significado outro avanço destruidor contra as linhagens hiperbóreas. A poderosa força conformadora do Arquétipo judaico de Jesus Cristo, atuando do centro da Terra em todo o tempo e lugar tem aumentado tremendamente sonho em que se encontrava antigamente a "Consciência de Sangue" dos homens. No campo de batalha do sangue lutam sem quartel agora duas forças esotéricas: o Canto dos Deuses e a tendência arquetípica judaica de Jesus Cristo. E o "despertar" se tem tornado, então, uma luta terrível e desesperada liberada no interior e no exterior de cada um, **ao menos inconscientemente**.

É por isso que, depois de Jesus Cristo já não será possível qualificar os povos nem organizações, senão que terá de atender especificamente ao grau de conformação do homens. Deve ser assim porque em muitos casos organizações sinárquicas inteiras poderão cair sob o mandato de um homem subitamente consciente de algum princípio hiperbóreo (produto da luta esotérica que se trava em seu interior), quem até poderia "torcer" momentaneamente o rumo desta.

E, vice-versa, em outros casos poderá ocorrer que um grupo qualificado como "hiperbóreo" seja conduzido por personagens mais ou menos judaizados. No extremo temos hebreus (judeus de sangue) que se rebela contra Jehova e intentam dramaticamente recuperar sua herança hiperbórea, caso que pode acontecer com mais freqüência do que se imagina, assim como acharemos muitas vezes pessoas que "pelo Sangue" declaram ser perfeitos "ários", mas psicologicamente demonstram ser mais judeus que o Talmud. Um exemplo por demais eloqüente o obteremos observando a igreja Católica na qual convivem

adoradores de Jesus Cristo e do Demiurgo junto a curas nacionalistas e patriotas que servem à causa de Kristos Lúcifer e dos Deuses Leais sem sabê-lo.

Deve-se, pois, ser prudente ao qualificar as organizações humanas e, ainda que naquelas notadamente sinárquicas, deter-se sempre a avaliar o grau de confusão dos homens com os quais se trata. Considera-se uma mostra de capacidade estratégica a habilidade para perceber ao "homem justo", ainda que dentro de uma organização sinárquica como a Maçonaria, a quem se falará depois tratando de ***isolá-lo*** *da organização na qual milita (apelando à aplicação da lei do cerco) para poder* ***dirigir-se*** *mediante símbolos apropriados* ***a sua parte hiperbórea****.*

Um exemplo do quanto venho dizendo o constitui o caso da heresia soteriológica, de Pelagio, chamada também "pelagianismo". A princípios do século V este Bispo britânico começou a defender a teoria de que o homem, por si mesmo, é suficiente para protagonizar sua salvação. Isso é possível, segundo Pelagio, porque "há no homem um princípio de perfeição espiritual". É evidente, assim, que em Pelagio predomina a linhagem hiperbórea. Seu Sangue Puro logo lhe permitiu advertir que a "salvação" do homem (sua "orientação") dependia de um "princípio espiritual", o qual deveria ser "descoberto" e "cultivado" interiormente. Mas onde a posição "herética" de Pelagio resultava mais clara era no que se referia ao pecado original: o homem não tem pecado em absoluto e "se Adão pecou, seu pecado morreu com ele; não se transmitiu à descendência humana". Definitivamente "o homem é livre" e "nasce sem pecado"; daí a semear a injustiça da dor e do sofrimento, ou de qualquer outro castigo imposto por Jehova Satanás, tinha só um passo. Em conseqüência, a perseguição contra Pelagio começou em seguida e não acabou até sua eliminação, na África. Foi levada adiante pelas mais importantes autoridades eclesiásticas de sua época, o que prova o temor que produziam suas idéias, entre aqueles se destacaram os Papas Inocêncio I e Zózimo, São Jerônimo e o apóstata gnóstico Santo Agostinho.

No Sínodo de Cartago do ano de 1411, foram condenados sete proposições, síntese de sua doutrina. Vale a pena que as recorde agora para comprovar que as mesmas derivam da Sabedoria Hiperbórea.

Eis aqui as sete proposições condenadas:

1 - Adão, mortal por sua criação, teria morrido com ou sem pecado. 2 – O pecado de Adão danificou a ele próprio, não a linhagem humana 3 – Os filhos recém nascidos naquele estado em que se achava Adão antes de sua prevaricação (ou seja, antes de provar do fruto proibido do Gral). 4 – É falso, que nem pela morte nem pela prevaricação de Adão tenha que morrer todo o gênero humano e que tenha de ressuscitar pela ressurreição de Jesus Cristo. 5 – O homem pode facilmente viver sem pecado. 6 – A vida correta, de qualquer "homem livre", conduz ao Céu do mesmo modo que o Evangelho. 7 – Antes da vinda de Jesus Cristo houve homens "impecáveis", ou seja, que de fato não pecaram.

Quadragésimo Sétimo Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

Enquanto os Golen marchavam com os Celtas para a Europa, o Reino de Judá, no Oriente Médio, era destruído por Nabucodonosor e sua população levada ao cativeiro em Babilônia no ano de 597 a.C. Foram libertos em 536 e, vinte anos depois, em 516, reconstruíram o templo de Salomão sem achar a arca com as Tábuas da Lei. No século IV foram dominados pelos gregos de Alexandre e no século II se aliaram com os romanos contra os gregos (140 a.C.). Logo da morte de Júlio César o Senado de Roma outorgou o título de Rei de Judá a Herodes I, no ano de 37 a.C., e no primeiro ano da era cristã (ou no ano 4 a.C.) nascia o salvador, Jesus de Nazaré, o cristo.

Depois de Herodes I os romanos deixaram ao Povo Escolhido a possibilidade de ter um Rei de sua linhagem e colocaram no poder a uma série de procuradores que tentaram em vão dominar a crescente agitação social. A "crucificação de Jesus Cristo, que não existiu, ou a "luta contra os cristãos", que se dá como explicação da atitude belicosa e suicida dos judeus, não é correta, sendo a verdadeira causa do mal-estar o fato, pressentido por todos os membros da Raça Sagrada, que o Arquétipo Hebreu "seria arrojado aos Gentios". Era palpável para eles, em virtude de compartilhar da substância do Demiurgo, a ação judaizante que se realizaria dali em diante sobre todo o mundo. O que não lhes parecia tão claro era: de que modo, depois da presença de Jesus Cristo poderia cumprir-se o antigo pacto de Jehova Satanás, a promessa de que a linhagem sagrada herdaria o poder sobre as demais nações? Seriam necessários vários séculos e o trabalho eminente de Rabinos cabalistas para que os hebreus recuperassem a fé sobre seu papel na História. Mas enquanto esse tempo chegava a paciência dos romanos se esgotou muito antes: no ano de 70 d.C., o General Tito destruiu Jerusalém, o templo de Salomão e "dispersou" aos judeus por todos os cantos do Império Romano. Com a Diáspora do ano 70, começa a história moderna do Povo Eleito, cuja culminação está por produzir-se em nossos dias, quando a Sinarquia transferirá às suas mão a totalidade do poder mundial.

Quando em 313 o Imperador Constantino, o Grande, reconheceu ao cristianismo como religião oficial do Império Romano, iniciou-se uma Época difícil para a Raça Sagrada. O motivo era que nos povos recentemente cristianizados predominava mais a Memória do Sangue de Kristos Lúcifer que o Arquétipo judaico de Jesus Cristo, fato que quase sempre desemboca em um generalizado sentimento anti-semita. Ainda que em larga escala terminaria por triunfar a permanente influência do "raio geotopocêntrico" de Jesus Cristo, sobre a memória hiperbórea, e as massas acabariam judaizadas, enquanto tanto a Raça Sagrada correria o perigo de ser exterminada. Mas a "ameaça" logo seria conjurada.

Se existiu realmente um perigo efetivo contra os judeus é algo que terá de se duvidar, pois no século V São Bento de Nurcia funda a Oedem na qual ingressaram os Golen "cristãos", que se incumbiram, desde então à tarefa de mediar entre a Igreja e a Sinagoga.

Como informei em Dias anteriores, as Tábuas da Lei ficaram onde as havia ocultado Salomão e recém foram achadas pelos Golen Templários na Idade Média. Aquelas Tábuas foram feitas pelo Demiurgo Jehova Satanás para imitar a ação fundadora do Gral. Há que se indagar, pois, que foi do Gral, o "modelo" metafísico das Tábuas?

Ao contrário da pergunta pelas Tábuas da Lei, que obrigou a referir-se a fatos da História, a questão do gral me levará ao terreno estritamente esotérico. Mas em primeiro lugar, convém esclarecer que a pergunta tem sido mal elaborada. Já esclareci que o gral não deve ser buscado, acrescentarei agora que se trata de um objeto do qual não é possível apropriar-se e que, portanto, deve ainda estar conde sempre esteve. É um erro, pois, tanto "buscar" o Gral como interrogar: o que tem sido dele? Mas, se perguntará:

como encarar esse Mistério, então, para obter algum conhecimento adicional, livre de paradoxos? A única maneira, a meu ver, de avançar no conhecimento do Mistério consiste em aprofundar as analogias que ligam à "função orientadora até a Origem" do Gral, função externa, com as "vias secretas de libertação espiritual" da Sabedoria Hiperbórea, as que são funções internas, "orientadoras à Origem".

*Sentido se pode estabelecer uma analogia muito significativa entre a "Pedra Gral" da Estratégia Odal e os "**lápis oppositionis**" empregados na via da "Oposição Estratégica".*

*Já expliquei, sinteticamente, que a Via da Oposição Estratégica consiste no uso da técnica arquemônica, ou seja, na disposição de uma Arquêmona ou Cerco Estratégico e de um **lápis oppositiones** fora do cerco, na **fenestra infernalis** que dá ao Valplads. Aplicando a lei do cerco à Arquêmona se consegue **isolar** o lugar do Valplads, ou seja, se consegue **livra uma área** no Mundo do Demiurgo. Mas isso não é suficiente: é necessário que os Iniciados se desincronizem do Tempo do Mundo e governem um tempo próprio, inverso, que lhes permita **dirigir-se à Origem**. Para isso praticam a **Oposição Estratégica contra os lappis opositiones, que se encontram situados sobre uma Runa no Valplads, de frente a fenestra infernalis**.*

*Vou agora aproximar-me do Maior Segredo, aquele que explica o método usado pelos Deuses para **manter**, permanentemente, eternamente se preferir, o Gral no Mundo. Começarei por indagar o seguinte: qual é a **Residência** dos Deuses Leais? Pode-se partir de uma resposta conhecida, que eu venho repetindo muitas vezes: os Deuses residem em **K'Taagar**, no Valhalla de Agartha. Tal resposta é correta, mas insuficiente, pois caberia perguntar por sua vez, o que é o Valhalla? Onde se encontra? Frente a estas interrogações, podem adaptar-se dois critérios: um, recorrer a elementos da mitologia nórdica e dizer, por exemplo, que "no alto do Fresno Iggdrasill se encontra o Valhalla, lugar onde vão residir os guerreiros mortos em combate, regido por Wothan, etc.". E um segundo critério, que me parece mais acertado, consiste em despojar às respostas de adornos folclóricos e expressa-las com símbolos da Sabedoria Hiperbórea, os que poderão ser facilmente interpretados mediante analogias.*

*Com este critério é possível afirmar imediatamente que o Valhalla **é a praça liberada pelos Deuses** (ou Ases) **em algum lugar do Universo do Uno**. Esta praça, naturalmente, tem as dimensões de um país e se acha totalmente fortificada. Nela habitam os Senhores de Vênus e muitíssimos Deuses e Walkírias, que se preparam permanentemente para a luta enquanto aguardam o fim do Kaly Yuga e o despertar dos Espíritos cativos. Seus incontáveis Deuses guerreiros, imortalizados com seus corpos de vajra formam nas fileiras do Wildes Heer, o exército furioso de Wothan, e vigiam as muralhas do Valhalla, ainda que o Inimigo jamais se atrevesse ante tão terrível guarnição hiperbórea.*

*Os Deuses liberam a praça do Valhalla aplicando, com Suas Poderosas Vontades, a lei do cerco às muralhas de pedra. A conquista do tempo próprio que reina em Valhalla, e que os tornam independentes de qualquer "ciclo" ou "lei" do Mundo do Demiurgo, procede de uma maravilhosa operação de Oposição Estratégica. Mas, qual terá sido a pedra, o **lápis oppositiones** que os Deuses empregaram em Sua Estratégia Hiperbórea? Desde que ocorreu o Conflito das Origens, há milhões de anos, os Deuses praticam a Oposição Estratégica **contra uma preciosa Gema extraterrestre facilitada pelo Valente Senhor, Kristos Lúcifer. Essa pedra se chama Gral: "und dieser Stein ist Gral gennant". (Wolfram Von Eschenbach).***

*A relação análoga entre Arquêmona e Valhalla se torna mais evidente ainda se considerar que este possua uma **"porta infernalis",** equivalente a **"fenestra infernalis"** daquele. A **porta infernalis** é uma abertura na muralha que se encontra permanentemente vigiada por atentas sentinelas, frente à **porta infernalis**, mas fora do Valhalla, ou seja, "no mundo", **se encontra situado o Gral, sobre uma Vruna**; contra ele, segundo dizem, os Deuses praticam a oposição estratégica.*

É necessário aprofundar um pouco mais a descrição desta disposição devido a sua extraordinária importância para a aproximação ao Mistério do Gral.

Antes de tudo direi que o Gral, como lápis oppositionis, ***foi depositado na Origem, sobre uma Vruna e ainda segue ali: sobre a Vruna e na Origem****. Não se trata de um jogo de palavras senão de uma propriedade do Gral que deve ser examinada com atenção: o Gral, como reflexo da Origem não pode vir do tempo a semelhança das "coisas" materiais criadas pelo Demiurgo, em outras palavras, o Gral não pode estar no presente. Em verdade, o Gral se encontra no remoto passado, naquele tempo e lugar em que foi colocado, e por isso* ***não deve ser buscado*** *empregando o "movimento" (e tempo) para consegui-lo, pois tal atitude* ***aponta para o futuro****, ou seja, em sentido contrário, tal como venho explicando. Mas se o gral se encontra no passado, se o tempo não o arrasta para o presente com sua incontível fluência como acontece com os objetos matérias, e* ***tem sempre permanecido ali*** *(no passado), como é que temos chegado a saber dele? E, o mais importante, como pode aturar no presente, tal como o exige a Estratégia Odal,* ***prescindindo do tempo****? Ou seja, em virtude de que "elemento" se conecta o Gral, "desde o passado" com o "presente", por exemplo, com um Líder hiperbóreo? A solução a estes problemas tem constituído, desde antigamente, um perigoso Segredo... que agora vou tratar de revelar. O enigma se resolve raciocinando deste modo: se bem o Gral* ***tenha permanecido sempre no passado****, propriedade que unicamente possui no Universo a Gema de Kristos Lúcifer,* ***o mesmo não tem acontecido com a Vruna que o sustentava*** *(e que, todavia, o sustenta). Eis aqui o Grande Segredo: enquanto o Gral, reflexo da Origem Divina, permanece como tal "situada na Origem", a Vruna sobre a qual foi assentado vem atravessando milênios e tem chegado até o presente. Por certo que a Vruna "sempre está presente", o que significa: "em qualquer circunstância histórica". Falarei um pouco da Vruna.*

Conhecida como ***Vruna da Origem*** *o* ***Vruna de Orichalco****, mas cabe esclarecer que tais nomes não só designam ao "símbolo" da Vruna como também a* ***Pedra terrestre*** *que foi assento primordial do Gral. Por isso, quando na Sabedoria Hiperbórea se faz alusão à "Vruna de Orichalco", do que se está falando, na realidade, é de uma pedra muito antiga, de cor azul-violeta, em que os Deuses engastaram um signo vrúnico de Orichalco. É necessário, pois, conhecer a procedência da mesma e o motivo de sua construção.*

Já mencionei outras ocasiões que em um princípio os Deuses ingressaram no Sistema Solar "pela porta de Vênus" e que um grupo deles, os "Deuses Traidores" se "associaram ao Plano do Demiurgo provocando depois, em combinação com este, a catástrofe dos Espíritos cativos". Os Espíritos Hiperbóreos foram aprisionados à Matéria por ter caído em uma cilada cósmica, o Mistério de A-mort, mas não falarei agora disso. O efeito que se produziu no Mundo evolutivo do Demiurgo ao assimilar aos Espíritos confusos é o que hoje chamaríamos de uma mutação coletiva. Ao mal da ordenação imitativa da matéria, feita pelo Demiurgo, somou-se depois o mal da mutação de sua Obra e o aprisionamento dos Espíritos, ou seja, a modificação do Plano realizada pelos Deuses traidores. E para "controlar" tão maligna empresa, os Deuses Traidores decidem fundar a Fraternidade Branca, na qual se devem organizar as diferentes manifestações dévicas do Demiurgo. A "sede central" do Poder, Chang Shambala, é também a chave da mutação coletiva dos sete Reinos da natureza. Em efeito: de que maneira o Demiurgo manteria ***a estabilidade da forma sobre a Terra*** *e como se assegurava, ante a mutação, de que os sete reinos evoluiriam de acordo com seu Plano? Há dois princípios que interferem na execução do Plano, um estático e o outro dinâmico. O Plano se apóia* ***estaticamente*** *nos Arquétipos e* ***dinamicamente*** *no Hálito do Logos Solar. É dizer que era* ***uma força procedente do Sol****, veículo físico do Logos Solar, a que manteria o impulso evolutivo nos sete Reinos da natureza terrestre. Bem, para provocar qualquer alteração permanente no Plano do Demiurgo* ***é imprescindível interceptar a corrente energética procedente do Sol que,***

atravessando o oceano de prana, converge sobre a Terra. *Para cumprir com esta condição os deuses Traidores se instalaram desde o início* ***entre o Sol e a Terra****, em uma posição* ***fixa*** *que jamais deixa passar nem um raio de luz, ou seja, nem um fóton, sem que antes tenha sido interceptado. Esta afirmação pode parecer fantástica, e em verdade o é, mas mais fantástica e insensata tem sido a construção de Chang Shambala, já que o que temos descrito é a função "técnica" da sede do Poder dos Deuses Traidores.*

Eis aqui outro "Segredo" que já não é tal; a "localização" de Chang Shambala se poderá agora determinar a partir deste dado: Sempre se encontra entre a Terra e o Sol. Na realidade Chang Shambala está muito próxima da Terra, o que dará uma idéia de seu enorme tamanho. Porém, aqui não se trata de um capricho, mas que se deveu construir assim por exigências de sua função ***moduladora*** *do plasma genético solar.*

Por suposto, não faltará quem diga neciamente que tudo isto é um disparate dado que "as tradições do Tibet e da Índia" que Chang Shambala "é um Reino situado na Ásia, entre as montanhas Altai, o deserto de Gobi e os Himalayas". Sem dúvida um comentário deste tipo constituirá um disparate maior que minhas afirmações. Em princípio as montanhas "tradicionais do Tibet e da Índia" são produtos da desinformação estratégica que durante séculos tem lançado a Fraternidade para que se ignore a verdade. E em segundo lugar direi que os dados mais sérios da Tradição, já que há alguns dados dignos de crédito, sempre mencionam a localização da ***"Porta de Chang Shambala"*** *e jamais ao Reino em si. Esta sutil distinção é sumamente sugestiva, pois o fato de que em um determinado lugar geográfico exista uma porta* ***não implica que o Reino está imediatamente por detrás***. *Poderia entendê-lo assim uma mente primitiva, condicionada pela crença de que a linha reta é a distância mais curta entre dois pontos, e de fato tal coisa ocorre freqüentemente. Mas aqui estou manejando a informação em outro nível e por isso adiantarei quatro versos do Canto da Princesa Isa, que já teve oportunidade de conhece quando relatei a história de Nimrod, "o Derrotado".*

"Mas ainda que Dejung esteja distante,
Suas portas estão em toda parte.
Sete portas têm Dejung,
E sete muros a circundam."

A essas "portas induzidas" se referem às lendas orientais, as quais "estão em toda parte" e conduzem ao Reino que, evidentemente, não ocupa um simples lugar geográfico.

Uma referência a sucessos tão remotos, como a perversa associação entre os Deuses Traidores e o Demiurgo, teria como finalidade servir de introdução para um fato que vou destacar em seguida: quando o Demiurgo concorda com os Deuses Traidores e cede a estes o controle da Hierarquia, lhes entrega ***o signo Tifereth*** *que representa a um de seus dez Sephiroth e permite um controle total sobre os Aspectos* ***formais*** *da Criação. O Signo Tigereth é a expressão sinárquica da "manifestação material dos Arquétipos Divinos", Aspecto que pode sintetizar-se como* ***"Beleza do Demiurgo"***. *Mas se não ficou claro, convém repetir que os Demônios de Chang Shambala ficaram em posse de um signo que representa* ***todo*** *o aspecto Tifereth do Demiurgo, permitindo acessar a ele e compartilhar seu Poder. Naturalmente que o signo Tifereth é a chave de Maya, a Ilusão do Real e, portanto, a mais terrível ferramenta da feitiçaria. Aquele que observa o signo Tifereth, o qual é bastante complexo, "a partir do mundo", ou seja, encarnado karmicamente, corre o risco de abismar-se imediatamente perdendo todo ponto de referência e, por conseguinte, a razão. Por tal motivo a Sabedoria Hiperbórea recomenda aplicar a lei do cerco ao signo Tifereth para poder observá-lo sem perigo. Não é demais ressaltar que em*

toda ofensiva hiperbórea contra os Demônios de Chang Shambala cedo ou tarde se produz um confronto com o signo Tifereth, dado que se confia em sua nefasta influência para vencer aos homens despertos.

Logo que os Deuses Traidores receberam o signo Tifereth e construíram Chang Shambala, já não foi possível os Deuses Leias permanecerem sobre a superfície terrestre. Porém, tampouco desejavam abandonar o Sistema Solar deixando atrás de si milhares de milhões de Espíritos cativos. Então, planejaram a Estratégia Odal. Mas antes, que quadro apresentava um Espírito cativo? Basicamente a perda da Origem e a inconsciência conseguinte, ou seja, a perda do tempo próprio. O aprisionamento à matéria parte fundamentalmente do aprisionamento ao "imanente fluir da Consciência do Demiurgo", ou seja, da sincronização ao Tempo do Mundo. Os Espíritos cativos, ligados ao Tempo, iam tardar milhões de anos em recuperar sua consciência, se é que algum dia o conseguiriam. Nessas circunstâncias os Deuses, em uma maravilhosa exibição de valor e intrepidez, iniciam a Estratégia Odal.

O primeiro problema que deveriam enfrentar é manter-se "independentes" do Tempo, mas não "fora dele", já que teriam que seguir de perto as desventuras dos Espíritos cativos para ajudá-los a evitar a confusão estratégica e, eventualmente, resgatá-los. Por outra parte a independência do Tempo era necessária para que os Deuses pudessem conservar seu tempo próprio, sua consciência da Origem, pois de outro modo correriam o risco de cair também no Grande Engano. Mas, enquanto se sucederam as eras, os Deuses deveriam dispor de um lugar agradável, apto para ser ocupado e defendido por uma guarnição de terríveis guerreiros estelares. Estes eram os problemas principais; havia outros, mas os passarei por cima em homenagem à brevidade.

O procedimento a seguir foi o seguinte. Os Deuses Leais buscaram um lugar da Terra conveniente para seus propósitos. Como tal lugar **iria desaparecer** *depois da Oposição Estratégica, não o escolheram* **dentro de um continente**, *pois isso teria ocasionado talvez um cataclismo, que atrasaria ainda mais o destino dos Espíritos cativos. Em troca buscaram entre as ilhas e elegeram uma delas, situada no que hoje seria o extremo setentrional, mas que naqueles dias era uma zona tropical, procedendo a seguir em* **cercá-la**. *Sendo uma ilha enorme, o trabalho a realizar, para construir um ciclópea muralha de pedra em todo seu perímetro, pareceria hoje uma tarefa impossível. Mas a Sabedoria Hiperbórea que dispunham os Deuses lhes deu a solução para acabar rapidamente com tal trabalho e em pouco tempo um colossal muro transformava a paradisíaca ilha em inexpugnável fortaleza. Não é possível descrever a arquitetura extraterrestre dos muros, pois me perderia em explicações e não adiantaria muito; somente direi que, em alguns pontos a construção era semelhante à fortaleza pré-inca de* **Sacsahuamán** *perto de Cuzco, no Peru, mas tal semelhança, devo dizer também, era muito aproximada já que a muralha de Sacsahuamán é ainda* **demasiado humana**.

Na muralha deixaram uma só abertura, coisa que surpreende àqueles que não conheçam os princípios estratégicos da Sabedoria Hiperbórea. E fora desta abertura, que já foi nomeado por uma denominação moderna: **porta infernalis**, *Colocou-se a* **Vruna de Orichalco**. *Chegou o momento, pois, de voltar sobre o Maior Mistério.*

O Grande Chefe, Kristos Lúcifer, instalado com audácia num lugar impensado, atrás de Vênus, como Sol Negro ou expressão da Origem, decidiu responder a vil conspiração dos deuses Traidores com um ato de guerra. Para cumprir com Sua Vontade foi que os Deuses Libertadores ocuparam a ilha e a amuralharam iniciando a Estratégia odal. Mas a Estratégia Odal teria por objetivo "despertar" e "orientar" aos homens, individual ou racialmente, como já o dissemos: então, em que consistia o "ato de guerra" com que respondia Kristos Lúcifer à Traição dos deuses de Chang Shambala? Concretamente: o golpe de guerra estava dado pelo Gral.

A Gema hiperbórea, tirada da Fronte do Generoso Senhor e assentada no Mundo do Demiurgo, impediria aos Demônios negar a Origem Divina do Espírito, já que seu inofuscável brilho desprendia a todo o momento os reflexos da Pátria Primordial. O Gral, ao Divinizar as linhagens hiperbóreas,

constituía o desafio maior, pois ameaçava fracassar os planos infernais. O conflito seria, então, eternamente exposto por todo aquele que conseguir despertar, qualquer que fosse o Inferno em que se encontrasse, já que o Gral seria assentado no plano físico, ou seja, na mais baixa das regiões infernais, e **seu brilho seria visto de todos os cantos do Mundo***, incluindo o plano astral e todos aqueles "purgatórios" que os Demônios preparam ali para enganar aos Espíritos. Ainda que naqueles planos tão sutis das mônadas emanadas pelo Demiurgo, onde também há Espíritos Hiperbóreos completamente idiotizados, a quem se tem feito crer que "devem permanecer ali enquanto seus 'outros corpos', mais densos, evoluem". Por último o Gral era, se me permite a metáfora, um tapa na cara dos Demônios, para um desafio ao qual estes, por sua covardia, não seriam capazes de responder.*

Mas não era tão simples conseguir que o Gral, uma vez ingressado no plano físico, permanecesse simplesmente localizado em um lugar; por exemplo, num altar. Por seu caráter atemporal, como reflexo da Origem, o Gral qual verdadeiro diluente universal atravessaria tudo e se perderia de vista... especialmente se para quem o visse **transcorresse o Tempo do Mundo***. O Gral não pode ser assentado sobre nenhuma substância que flua a impulso do Hálito do Logos, ou seja, que flua temporalmente, pois* **se perderia no passado, já que sua essência está sempre na Origem***. O que fazer? Tem de se "preparar" um lugar material de maneira tal que suporte ao Gral* **ainda que este permaneça no passado e ainda que o Tempo do Mundo transcorra efetivamente para tal lugar***. Pode-se construir algo assim? Somente se entre a substância do assento e o gral se intercala um signo* **que neutraliza a temporalidade***. Isto significa que o signo deve representar o* **movimento inverso** *ao empregado pelo Demiurgo para construir o Sistema Solar. Um signo assim, que é o cúmulo dos símbolos hereges, foi empregado pelos Deuses para construir o lugar do gral, ao qual se tem chamado* **Vruna de Orichalco***.*

Atenção a isto porque direi somente uma vez: **da Vruna Orichalco***, que é um signo muito complexo e de tremendo poder mágico,* **se deriva prévia mutação e deformação, a Runa Swástika***, da qual se tem escrito tantos disparates.*

Para construir o assento do gral optou-se por uma pedra cristalina de cor azul violeta, semelhante a uma ágata. Em sua parte superior, em uma zona ligeiramente côncava, engastou-se a Vruna de Orichalco habilmente cinzelada pelos Deuses Leias. E uma vez concluindo o assento, depositou-o fora das muralhas da ilha, em direção à **porta infernalis***, mas a muitas milhas dali, em uma região continental.*

Será difícil que alguém possa imaginar o maravilhoso espetáculo do Gral descendo nos sete infernos. Talvez se pensar num Raio Verde, de brilho cegante e influência gnóstica sobre o vidente, ante quem os Demônios viram seus feios rostos gelados de espanto; um Raio que, como lâmina cortante de invencível Espada, vai rasgando os quatrocentos mil mundos do Engano buscando o Coração do Inimigo, uma Verde Serpente Voadora que porta entre seus dentes o Fruto da Verdade, até então negado e oculto; se pensar num Raio, na Espada, no Fruto, na Serpente, talvez assim seja possível intuir o que ocorreu naquele momento crucial quando a Verdade foi posta ao alcance dos Espíritos cativos. Sim, porque desde que o Gral se assentou sobre a Vruna de Orichalco a Árvore da Ciência ficou plantada ao alcance daqueles que, completamente confusos, viviam no Inferno crendo habitar um Paraíso. De agora em diante poderiam comer seu fruto e seus olhos seriam abertos!

Aleluia por Kristos Lúcifer, a Serpente do Paraíso! Aleluia por aqueles que comeram do Fruto proibido: os homens despertos e transmutados!

Qual foi o passo seguinte dos Deuses? Previamente à descida do Gral, mas quando este fenômeno já estava ocorrendo em outros planos, aplicaram a lei do cerco às muralhas da ilha **isolando a área interior da exterior***. Para compreender o efeito que tal ação estratégica produziu há de se ter presente que* **essa era a primeira vez que se liberava uma praça** *no Sistema Solar. Quando*

um anel de fogo pareceu brotar das imponentes muralhas e já não se viu mais o interior da ilha, envolta em uma estranha nuvem vibratória e flamejante, o Demiurgo começou a sentir amputada sua substância. A Estratégia dos Deuses ameaçava ganhar dele, não somente na área plana da ilha, mas também seu relevo, seus montes e vales, seus lagos e bosques, sua vegetação e animais. A ilha, país vasto, era também uma gigantesca Arca de Noé que deveria receber durante milênios aos homens que conseguissem despertar e fugir das cadeias materiais e também àqueles que se tivessem transmutado lutando até a morte nas batalhas.

Todo um país subtraído ao controle imanente do Demiurgo era uma experiência nova mas, como quer que isto tenha sido possível, o certo é que a ilha continuava ali: oculta por uma barreira de fogo, mas no mesmo lugar. É por isso que a reação do Demiurgo fez tremer a Terra, buscando afetar de algum modo aquele fenômeno incompreensível e recuperar o domínio da "praça". Terríveis maremotos agitaram os mares adjacentes e ventos nunca vistos sopraram inutilmente contra as titânicas muralhas; o céu se escureceu pelas nuvens de cinza dos vulcões subitamente despertos e o fundo do oceano ameaçava partir-se e tentar tragar a ilha "liberada".

O mundo parecia ter enlouquecido, mostrando o espetáculo aterrorizante de todas as forças da natureza "descontroladas", quando, "como se fosse o cúmulo das abominações, o Gral desceu sobre a Terra".

Que poderia agregar para dar uma idéia do que sucedeu ali? Já disse que é muito difícil descrever, e até mencionar; um sucesso que gerou uma irritação perpétua nos Demônios. Talvez este comentário lhe diga algo, Dr,. Se lembrar das explicações cabalistas de Bera e Birsa: "ao cair o Gral sobre a Terra, além dos trezentos setenta vezes dez mil Mundos, o Grande Rosto do Ancião lançou um grito de horror ***que ainda se ouve reverberar*** *nos confins do Cosmo"*

Nem bem o Gral assentou-se sobre a Runa de Orichalco os Deuses Leias praticaram a Oposição Estratégica conseguindo, agora sim, que a ilha amuralhada se tornasse invisível, desaparecendo da superfície terrestre. Daí em diante os homens adormecidos falariam do Valhalla, a morada dos Deuses, e também de Hiperbórea, a "ilha tragada pelo mar", pois o Mito original, transmitido carismaticamente pelos Deuses sofreu distintas quedas no exoterismo devido à impureza de sangue dos homens adormecidos.

Quadragésimo Oitavo Dia

Síntese Geral da Sabedoria Hiperbórea:

A pergunta que iniciou o precedente comentário esotérico dizia: o que foi do Gral...? Como resposta se obteve que é errôneo indagar sobre o Gral já que este é virtualmente ***A Origem****, e jamais foi removido dali. Seu assento, em compensação, a Vruna de Orichalco, possui as dimensões de um objeto material e é dado supor que, em grande medida, este se resulta afetado pelas leis físicas. Pode-se então, reapresentar o problema: que tem sido da Vruna de Orichalco? Continua ainda sustentando a Gema de Kristos Lúcifer? Neste último caso a resposta é afirmativa: a Vruna de Orichalco tem sido desde então, o assento do Gral, situação que não variou em absoluto nos tempos modernos. Quanto a primeira pergunta, deve-se compreender que seria uma tarefa impossível resumir aqui o itinerário completo seguido pela Vruna de Orichalco até nossos dias; isso obrigaria a mencionar Civilizações desaparecidas e muitas delas completamente desconhecidas para a Cultura oficial. Remitirei então aos tempos históricos, começando por estabelecer algumas pautas que permitirão encarar o problema de maneira correta, evitando assim muitas superstições ou desinformações.*

1ro. – A Vruna de Orichalco tem sido muitas vezes confundida com o Gral. Em efeito, já demonstrado aqui, que o Gral não deve ser buscado; porém, em algumas ocasiões realmente ***tenha sido transporte*** *e se tem pensado, com razão, que se tratava do gral. Mas o Gral* ***não é um objeto do qual se possa apropriar-se, e menos ainda manipular ou transportar****. Com toda verossimilitude o que tem sido transportado é a Vruna de Orichalco, no marco de uma Estratégia racial. Nesse caso não se pode atribuir a confusão unicamente à ação estratégica inimiga porque, na degradação doa antigos Mitos hiperbóreos, a maior responsabilidade recai sobre a impureza sangüínea dos homens.*

2do. – A presença da Vruna de Orichalco entre os membros de uma comunidade de linhagem hiperbórea rem a virtude de favorecer a vinculação carismática e de legalizar a conduta de seus Líderes.

3ro. – A presença da Vruna de Orichalco é a presença do Gral e o povo a quem os Deuses tenham confiado sua custódia é, sem dúvida, nesse momento a Linhagem hiperbórea mais pura da Terra.

4to. – Para certificar se um determinado povo esteve em posse da Vruna de Orichalco, há que se estudar sua arquitetura hiperbórea de guerra:

A posse da Vruna de Orichalco exige a construção de estruturas de pedra com peculiares propriedades topológicas. *Tais construções podem* ***não parecer*** *feitas para a guerra, mas tal aparência obedece exclusivamente à ignorância que existe sobre a Estratégia Hiperbórea. Um exemplo o constitui o "castelo" de Montsegur, sobre o monte Pog, no Languedoc francês. Esta construção, não é uma fortaleza, nem ao menos se levantou para permitir que a seita hiperbórea dos cátaros pudesse* ***receber e conservar*** *a Vruna de Orichalco. Os princípios que ali predominam são os da "lei de cerco" e da "oposição Estratégica", sendo tarefa inútil pretender fazer de Montsegur um observatório astronômico ou um templo solar. Mas como a arquitetura de Montsegur foi projetada em função da Vruna de Orichalco, quem não atenta a esta chave jamais chegará a nenhum resultado positivo.*

5to. – Há que se distinguir entre o assento do Gral, ao que chamamos Vruna de Orichalco, e o Signo da Origem, que a Vruna de Orichalco representa. Disse que na pedra azul-violeta os Deuses engastaram uma figura de Orichalco e denominamos ao conjunto, pedra e figura, Vruna de Orichalco. Mas o Signo da Origem, que foi cinzelado em Orichalco e engastado, possui por si mesmo o poder de apresentar "afinidade" com o Gral. Por isso muitas linhagens hiperbóreas, que não alcançara a Alta Honra de custodiar a Vruna de Orichalco, receberam em troca o Signo da Origem como prêmio a seu Sangue Puro e reconhecimento do esforço em sua Estratégia. É assim que o Signo da Origem teve, com o correr da História, uma particular proliferação entre certas linhagens que orgulhosamente o incorporaram a seus estandartes. Naturalmente, os Líderes trataram em um princípio de velar em parte seu conteúdo simbólico simplificando a figura, ou seja, tirando alguns elementos sugestivos, mas, depois de cair no exoterismo e na vulgarização, ***o verdadeiro aspecto*** *do Signo da Origem foi esquecido. Já disse, por exemplo, que a Suástica procede por mutilação e deformação daquele signo primordial.*

Mas em muitos casos, devido à extraordinária pureza sangüínea de alguma linhagem, o Signo da Origem foi exibido completo, permitindo aos Líderes empregar seu enorme poder para projetar a luz do Gral sobre a massa do povo. Poderia dar vários exemplos de comunidades asiáticas portadoras do Signo, mas temos a mão o caso dos ***saxões*** *que haviam gravado o Signo da Origem em um tronco de árvore ao que consideravam como coluna do mundo,* ***universalis columna****. O fim de tão audaz determinação merece também um comentário. Quando, em 772, Carlos Magno conquistou Teutoburger Vald, procedeu rapidamente a destruir o tronco* ***Irminsul*** *e a executar cinco mil membros da nobreza saxônica. Não satisfeito com isso, depois de três décadas de heróica resistência, a Raça saxônica, de puríssima linhagem hiperbórea, foi totalmente "cristianizada" (prévia execução de seus mais puros rebentos). É sabido que muitos alemães cultos consideram "afortunada" esta espantosa campanha carolíngea. Assim, por exemplo, o professor Haller opina sem pudor que "sem a submissão dos saxões hoje não existiria uma nação alemã", pois "para o porvir histórico da nação alemã, tal qual hoje é, a incorporação dos saxões ao Império de Carlos Magno era uma condição prévia imprescindível". Esta opinião generalizada se baseia na análise "a posteriori" dos fatos históricos e, por isso, considerando que a extinção da dinastia carolíngia possibilitou que duzentos anos mais tarde o sangue saxão chegara com* ***Oto I*** *a por-se à frente do mundo ocidental, se da por certo que dominação e "conversão" dos saxões fossem "necessária" e positiva. Eis aqui minha humilde opinião: a judaico-cristianização dos saxões representa o mais duro golpe que os Poderes Infernais acertaram às linhagens hiperbóreas na Era cristã, maior ainda que a conversão dos Vikings, dos Celtas ou a destruição dos Cátaros, somente comparável ao aniquilamento dos reinos Godos. E a destruição da árvore Irminsul com a perda para o ocidente do Signo da Origem, é uma catástrofe muito difícil de avaliar.*

6to. – Não é imprescindível, sequer necessário, que a Vruna de Orichalco se encontre no seio de um povo para que a influência do gral atue sobre este. O Gral atua sobre os homens a ***partir da Origem****, propriedade que não pode ser afetada por nenhuma variável física, se encontre onde se encontre a Vruna de Orichalco. Por isso é até certo ponto absurdo que se atribua a tal ou qual povo haver alcançado um "alto grau de Civilização" porque "se encontrava em posse do Gral", dado que o Gral não pode estar em posse de ninguém, pois é por disposição do Gentil Senhor, prova da divindade* ***de todos*** *os Espíritos cativos. O que um povo pode ter* ***em custódia*** *é a Vruna de Orichalco, mas somente como prêmio e reconhecimento à uma pureza racial obtida* ***previamente****. Ou seja, que o fato de ter em custódia a Vruna de Orichalco não é a causa da grandeza de um povo, mas que, inversamente, a pureza de sua linhagem o fez merecedor da Alta Honra de ser depositório do assento do Gral.*

Mas, se bem a Vruna de Orichalco ***somente é entregue a quem mereça ter****, é certo que a proximidade de sua presença afeta ao meio ambiente criando um microclima mutante. É por isso que os Deuses somente depositam a Vruna de Orichalco durante as Épocas obscuras, em lugares apropriados para influenciar as linhagens menos confusas.*

7mo. – De tudo exposto até aqui, percebe-se a importância capital que teria para uma comunidade de linhagem hiperbórea conseguir a custódia da Vruna de Orichalco. Impõe-se, pois, tratar com detrimento sobre esta possibilidade. O problema pode resumir-se na pergunta: para que necessita um Rei, ou quem for que exerça a Função Régia, encontrar o Gral, ou seja, a Vruna de Orichalco? Na continuação, Dr. Siegnagel, o convidarei a uma breve reflexão sobre a atitude que se deve adotar ao tomar conhecimento dos fatos protagonizados pelos Deuses Libertadores, e depois darei resposta ao problema aprofundando um pouco mais sobre a simbologia do Gral.

Requer-se uma profunda meditação nos símbolos que apresentei para captar seu significado último, o qual deve ser percebido sempre como dramático e trágico, pletórico de urgências espirituais. Ninguém que tenha tomado consciência do incrível sacrifício realizado pelos Deuses ao manter o Gral no mundo durante milhões de anos mediante a Oposição Estratégica, a saber, por um constante e contínuo ato de Vontade, ninguém que o compreenda, repetimos, poderá permanecer impassível, em meio a confusão, sem experimentar urgência por libertar-se das cadeias do Demiurgo e partir, tratando de aliviar, de algum modo a tarefa dos Deuses. Ninguém que comprove com seu sangue a verdade destes símbolos poderá evitar que a Honra, única moral do homem, o compele com insistência para "abandonar tudo" e partir. Mas essa partida será "com as armas na mão", disposto a dar batalha sem quartel aos demônios e sentindo que o sangue suscita pelo Furor do Guerreiro; pela "hostilidade essencial" contra a obra do Demiurgo, transmutando a débil substância orgânica do corpo físico em vajra, a matéria incorruptível. É o mínimo que o homem pode fazer para responder em alguma medida ao auxílio que os Deuses têm prestado às linhagens hiperbóreas, possibilitando com sua Estratégia Hiperbórea que o Gral ***dê provas da Origem Divina****.*

Vou agora à pergunta pendente.

*A Pedra-Gral, a Gema de Kristos Lúcifer****, é sustentada no Mundo pela Oposição dos Deuses****, onde cumpre sua função de refletir a Origem e Divinizar as linhagens hiperbóreas. Mas, por* ***estar relacionada temporalmente com o Valhalla****, assinala também, a todo homem desperto, um caminho até a morada dos Imortais. Esse caminho é o que seguem os Guerreiros caídos em batalha, os Heróis, os Campeões, guiados pelas mulheres hiperbóreas, aquelas que lhes foram prometidas no início dos tempos e que durante milhões de anos, pelo* ***temor*** *que lhes empeçonhava o sangue, havia esquecido. Se o valor demonstrado na façanha for suficientemente purgado, indefectivelmente Ela estará ali, junto ao guerreiro caído, para curar suas feridas com o A-mort Gelado de Hiperbórea e guia-lo no caminho inverso que conduz ao Valhalla.* ***E esse caminho se inicia no Gral****. A Casa de Tharsis, por exemplo, os Atlantes brancos prometeram que um dia, quando o Sangue dos Senhores de Tharsis estivesse o suficientemente purificado, um Noyo ou uma Vraya veriam na Pedra de Vênus o sinal Lítico de K'Taagar, que indicaria o momento de partir; tal Sinal mostraria, segundo se vai vendo, o caminho até o Valhalla, a Morada dos Deuses Leais.*

Mas não se deve pensar por isto que a Luz do Gral aponta à salvação individual dos homens adormecidos, para isso se dispõe do "Canto dos Deuses" e das sete Vias secretas de libertação espiritual. Pelo contrário, dentro da Estratégia Odal o Gral deve cumprir a função fundamental de ***restaurar a Função Régia****, ou seja: deve servir a um propósito racial ou social. Por isso o Gral será requerido em todos os casos em que se intente instaurar o Império Universal ou qualquer outro sistema de governo*

baseado na aplicação social da lei do cerco: monarquia, fascismo, nacional-socialismo, aristocracia do Espírito, etc.

*Os feitos históricos que conduzem à "busca do Gral", sempre semelhantes, possa se resumir simbolicamente como segue. Em princípio o Reino é "**terra gasta**" ou o "Rei está enfermo" ou simplesmente o trono tornou-se acéfalo, etc. Podem haver muitas interpretações, mas essencialmente o símbolo se refere a um esgotamento ou decadência na liderança carismática e a um vazio de poder. Ou seja, que o Governo seja quem o exerça, um Rei, Casta Ou Elite. Os melhores Cavaleiros partem a "buscar o Gral", na tentativa de por fim aos males que assolam o Reino, e conseguir que retorne o antigo esplendor. Somente um consegue encontrar o Gral e devolver o bem-estar ao Reino, seja "curando o Rei" ou "coroando-se a si mesmo". Curiosamente o Cavaleiro triunfante sempre é apresentado como "tonto", "louco puro", "ingênuo", mas especialmente como "plebeu".*

*Os "melhores Cavaleiros" equivalem aqui a qualquer das múltiplas forças sociais que se apresentam a lançar-se sobre a Função Régia quando existe acefalia ou vazio de poder. Finalmente "um deles" triunfa e restabelece a ordem no Reino; "era o plebeu e agora é Rei, com a aprovação e o consentimento do povo". Em minha interpretação isto significa, evidentemente, que uma "força social" tem predominado sobre as restantes (os "outros Cavaleiros") e tem **substituído a ordem existente** (que estava entendida) **por uma Nova Ordem**, unanimemente aceita **pelo povo**. Mas se o problema se reduz a uma mera luta pelo poder, para que necessita o novo Rei (ou nova Elite, Aristocracia, Casta, etc) encontrar o Gral? **Porque o Gral confirma a Função Régia**.*

*Quando em tempos de crise uma Elite o um Líder carismático sobe ao poder, com intenções de restauração régia, deve apresar-se a **legalizar** sua situação, pois senão outra Elite ou Líder virá a questionar seus títulos e intentará também ocupar o lugar vago, sucedendo assim uma interminável série de batalhas, políticas ou militares. Mas se há luta pelo Poder **ninguém tem seu controle** e pode ocorrer que, ao final, o Reino acabe dividido entre várias facções. É necessário dirimir a questão, consultar a um juiz infalível, a uma autoridade indiscutida e transcendente. Aqui é onde se apresenta a necessidade de recorrer ao Gral. Por que ao Gral? Porque o Gral é também a **Tabula Régia**, a "lista de Reis"; **ele diz quem deve governar, a quem lhe corresponde reger, porque ele revela quem tem o Sangue Mais Puro**. Mas esta revelação não é simplesmente oracular e arcana, senão que por meio do Gral, a pureza do Líder, seu direito à Condução, será conhecida por todos e reconhecida por todos., carismaticamente. Daí que o louco puro, de linhagem hiperbórea, mas de Estirpe plebéia, depois de "encontrar o Gral" seja "reconhecido pelo povo" como Rei indiscutível. .*

*Quando uma linhagem hiperbórea confia na luz do Gral para a eleição de seus líderes pode dizer-se com propriedade que se sucederá uma dinastia de "Reis do Gral". Durante o reinado de um destes pode passar que a linhagem alcance um grau tão elevado de pureza, que se faça digno de obter a custódia da Vruna de Orichalco. Foi o que ocorreu, por exemplo, no século XIII no Condado francês de Toulouse, quando a Vruna de Orichalco foi confiada aos Perfeitos Cátaros. Alegar-se-á, contra esta afirmação, que os Cátaros eram Maniqueus, ou seja, herdeiros de uma tradição gnóstica, e que esse é o motivo pelo qual foram aniquilados, existindo somente uma relação circunstancial entre eles, os Condes de Toulouse e a população occitana. Tal argumento, de origem Golen moderno, intenta desviar a atenção do fato mais importante da epopéia cátara: sua relação com o Gral. O fato de que fosse gnósticos, coisa que ninguém discute, e de que escondiam uma das sete Vias secretas de libertação baseada na Canção de A-mort dos Deuses Leais, origem da Cultura dos trovadores, coisa que poucos conhecem, não explica nada sua relação com o Gral. O Gral, no marco da Estratégia Odal, tem um sentido puramente racial. Se a Vruna de Orichalco foi confiada aos Cátaros, é porque estes participavam ativamente em técnicas de transmutação coletiva, **as que não podem excluir a Função Régia**, e não simplesmente "porque eram de filiação gnóstica".*

Um Tema conectado com a propriedade que possui o Gral de ser Tabula Régia é o do messias Imperial e sua imitação: o Messias judeu. Em princípio direi que se é Rei do Gral pela pureza de sangue, atributo absolutamente individual que não depende nem da Raça, nem as Estirpe, nem de nenhum outro patrimônio material. Um Rei do Gral exibe virtudes puramente pessoais tais como Valor, a Intrepidez, ou a Honra e jamais fundamenta seu prestígio nas posses matérias ou no valor do ouro. A autoridade de um Rei do Gral, por estas razões, provém exclusivamente de seu carisma pessoal, o que se estende ao resto do povo mediante a "vinculação" que se estabelece entre o Rei e ***cada um deles****, em seu sangue,* ***por meio do Gral****: esse é o princípio da Mística psico-social. Por isso um Rei do Gral,* ***em sua comunidade****, é reconhecido pelo povo. Naturalmente que* ***todos os povos*** *teriam seu Rei do Gral se a ação da Sinarquia e da raça hebréia, com sua "Democracia", "Socialismo", "Comunismo", etc., não houvesse usurpado a Função Régia. De todo modo, cabe perguntar: haveria, a nível universal, para as linhagens hiperbóreas, a possibilidade de que um Rei do Gral fosse reconhecido por todos? Tratar-se-ia aqui de uma pessoa de inegável pureza cuja majestade ficaria evidente para todas as linhagens da terra, os que poderiam aceitar ou não sua potestade, mas a quem não poderia negar o direito de reger. Bem, é fácil responder que o único Senhor que acredita, para todas as linhagens hiperbóreas, tal direito, é Kristos Lúcifer. Se Ele se apresentasse ente às linhagens hiperbóreas, seu direito a* ***Reger pelo Sangue****, baseado em sua inegável pureza, poderá se aceito ou rechaçado, mas jamais desconhecido.*

Mas a idéia de um Messias Imperial não prevêem de uma mera especulação. Foi nos dias negros da Atlântida quando, em resposta ao clamor dos Deuses, surgiu a possibilidade de que a Presença de Kristos Lúcifer se manifestasse ante a vista dos homens. Nesses dia as confusão dos Espíritos cativos era tão completa que já ninguém respondia ao Canto dos Deuses, nem era capaz de perceber a Lua do Gral. Por isso anunciou-se durante séculos a vinda do Messias Imperial, o Rei dos Reis do Gral, que iria restaurar a Função Régia para restabelecer a Aristocracia espiritual dos Líderes hiperbóreos e destruir a Hierarquia sinárquica que impunham os Demônios. A profecia finalmente se cumpriu com a chegada de Lúcifer, o Kristos da Atlântida; mas Sua Divina Presença foi covardemente resistida pelos Demônios de Chang Shambala, que recorreram à magia negra e abriram uma brecha entre as regiões infernais do plano astral e o plano físico. A partir daí se gerou uma terrível contenda que somente concluiu quando o continente de Atlântida "se afundou nas águas do Oceano". Não vêm ao caso relatar aqui fatos que hoje ninguém recorda e que, talvez, não convenha recordar. Somente acrescentarei que quando o Demiurgo, segundo já expus antes, concebe a sinistra idéia de copiar a Presença de Kristos Lúcifer da Atlântida, decide "anunciar" também a chegada de um "messias" imitando a sua maneira a figura do Messias Imperial. Mas as diferenças são enormes. Eis aqui algumas:

1ro. – O Messias Imperial vem restaurar a Função Régia; o Messias hebreu vem exercer a Função Sacerdotal. 2do – O Messias Imperial acredita seu direito ***pelo Sangue****; o Messias hebreu acredita seu direito* ***pelo Coração****. 3ro – E por isso o Messias Imperial será reconhecido pelo povo* ***pelo Sangue*** *(carismaticamente); e por isso o Messias hebreu será reconhecido pelo povo (judaizado)* ***pelo Coração*** *(emocionalmente).*

Quadragésimo Nono Dia

A partir de hoje, Dr. Siegnagel, retomarei o relato interrompido no Quadragésimo Terceiro Dia. Creio que nos últimos cinco Dias Deixei bem claro os conceitos fundamentais da Sabedoria Hiperbórea e que valeu a pena fazer um resumo, para isso, da história da casa de Tharsis. O desdobramento da História se produziu quando a Estratégia Hiperbórea de Felipe IV triunfou sobre os planos sinárquicos da Fraternidade Branca, e a cúpula da Ordem do Templo foi enviada à fogueira. E nessa façanha, à Casa de Tharsis não lhe coube um papel menor, operando ativamente no ***Circulus Domini Canis****, o que atrairia sobre eles o Atento Olhar dos Deuses Libertadores, dos Senhores de Vênus, quem imprimiriam na Estirpe um inesperado rumo. Mas não me adiantarei aos fatos.*

Nas fogueiras da Inquisição ***Domini Canis****, os planos da Fraternidade Branca se transformaram em cinzas. Dois fatos principais confirmaram esse fim: o desmembramento efetuado por Felipe IV da Sinarquia Financeira e a fuga para a Escócia do Colégio de Construtores de Templos, onde séculos depois daria nascimento à* ***Franco-Maçonaria****. Sobre este último fato, convém recorda-lo no Dia Décimo Sexto, quando expliquei porque o Colégio de Construtores de Templos necessitava reencontrar as Tábuas da Lei: "****Com estas Tábuas em seu poder, os Golen estariam em condições de levantar o Templo de Salomão na Europa, cumprindo assim os planos da Fraternidade Branca e elevando ao Povo Eleito ao Trono do Mundo****". Felipe IV, advertido sobre estas intenções por seus Instrutores* ***Domini Canis****, suspende a atividade dos três grêmios de* ***maçons*** *nem bem se inicia o processo aos Templários, sob a acusação de cumplicidade e participação nos delitos destes: o golpe aponta ao grêmio dos* ***Construtores de Salomão****, que integram a Ordem Templária na qualidade de freis menores, depois de receber treinamento no Cister. Não há de se esquecer que o verdadeiro nome da Ordem, designado por São Bernardo Golen, é "****Ordem do Templo de Salomão****" ou "****Ordo Templum Salomonis****".*

Os Construtores de Salomão passam a seguir à clandestinidade e fogem da França não sem antes perder vários membros nas torturas e na fogueira; que informação se esperava obter deles? A identificação do Templo de Salomão, se este já havia sido construído, ou a revelação do lugar de sua futura localização e o avanço das obras. Note-se que os Golen construíram no século XIII catedrais como Chartres, Reims, Amiens, Estrasburgo, Metz, Narbona, etc., e que qualquer delas poderia ocultar o Templo buscado. Não obstante, existiam duas condições que eram tidas em conta pelos ***Domini Canis****: uma, a exigência de que o Templo contivesse o Segredo da Serpente, que estivesse projetado baseado nas vinte e duas letras do Alfabeto Sagrado de Jehová Satanás; e a outra, que a localização do Templo correspondesse ao lugar mais sagrado para os Golen. Mas isso já se sabia: o lugar era Lyon. Portanto, ainda conhecendo o lugar sagrado, não era fácil descobrir o Templo, pois os construtores de Salomão preferiam morrer em falar, e a Cidade se negava a revelar seu segredo: de fato, nem as Catedrais de Saint Jean ou Saint Martin, ambas construídas com o método* ***gáulico****, tinham nada que ver com o Templo de Salomão, pois nelas não aparecia o Segredo da Serpente, nem os vinte e dois signos do Alfabeto Sagrado.*

Quando ao final de 1310 Felipe, o Belo adquire os direitos sobre Lyon, envia uma expedição de especialistas ***Domini Canis*** *em Arquitetura Golen para inspecionar palmo a palmo a região. Este intento teria êxito um ano depois, ao achar em uma encomenda Templária sobre o monte Fourvieres, os cimentos de um Templo que se ajustava em todas as suas medidas às proporções arquitetônicas do Universo: os Golen projetavam acabar sua edificação simultaneamente com a instauração do Governo Mundial, e tudo estava preparado ali para ser armado como um "quebra-cabeça"; em depósitos*

próximos se encontravam as pedras cortadas e assinaladas, as vigas e móveis, o altar, as vidraças, os instrumentos rituais, etc. E tudo foi minuciosamente destruído por ordem expressa do Rei, quem além de tudo autorizou aos ***Domini Canis*** *a ocupa aquele lugar "****como se fosse uma praça liberada no Universo****", e a fortificá-lo* ***"com uma Muralha Estratégica de Pedra"****. Os restos daquela construção baseada na Sabedoria Hiperbórea ainda se conservam.*

Em 1314, pois, o Inimigo suportava um desastre generalizado e desaparecia o perigo que obrigou a Casa de Tharsis a esconder-se por quarenta anos: o terror Golen fora vencido pelo ***Terror Domini Canis****, em razão deste ser dirigido por Homens de Pedra, que para todos os casos eram também Homens Sem Medo. Por conseguinte, o perigo da Morte Final, representado por Bera e Birsa, não havia desaparecido, muito pelo contrário, mas os Imortais se encontravam em outra esfera da realidade e no momento não voltaria para se ocuparem da Casa de Tharsis. Em contrapartida os Golen estavam fora de combate e não poderiam detectar aos sobreviventes da Casa de Tharsis.*

Mas algo muito estranho ocorria agora na família. Como conseqüência, talvez, do progresso realizado pela Estirpe no cumprimento de uma missão familiar, ou talvez por efeito de uma espécie de "concentração genética" produzida nos sobreviventes depois do quase extermínio da Estirpe; ou fosse por outra causa desconhecida, o certo era que os caracteres hereditários familiares se haviam diferenciado notavelmente à partir do ramos matrimoniais fundados por Vrunalda e Valentina. Entre os descendentes de ambas as Damas tiveram Homens de Pedra, mas somente os filhos e netos de Valentina demonstraram vocação pelo ***noyvrayado****. Os Homens de Pedra que se originaram do sangue de Vrunalda, pelo contrário, detestavam montar guarda frente à Espada Sábia e somente tinham uma meta: atacar o Inimigo o quanto antes. Enquanto os valentininos pareciam dotados para interpretar os Grandes Planos dos Deuses Libertadores, e contribuir a sua execução ordenada, os vrunaldinos pretendiam passar de imediato à ação. No marco da Guerra Essencial, podia assegurar que os primeiros eram* ***estrategos*** *puros, os segundos,* ***táticos*** *perfeitos.*

Todos os Homens de Pedra, sem exceção, contribuíram no ***Circulus Domini Canis****. Porém, durante o reinado de Felipe IV, os valentininos haviam se dedicado a projetar a Estratégia da Nação Mística e assessoravam o Rei, em segredo, sobre o modo de lutar contra os Golen, enquanto os vrunaldinos se contavam entre os Cavaleiros mais valentes e audazes que deveriam enfrentar os ingleses e flamengos, e entre os inquisidores mais terríveis que toleraram os Templários. Além disso, os vrunaldinos, por serem espanhóis, participaram em numerosos episódios da Reconquista da repressão ao judaísmo e à religião dos infiéis. Perto de 1310, quando já se avistava o triunfo da Estratégia do Pacto de Sangue, um dos valentininos se perdeu no Cerro Candelária e localizou a Caverna Secreta. Depois de sepultar a Vraya, cujo cadáver ainda permanecia sentado em frente à Espada Sábia, e restituir a Chama da Lâmpada Perene, tomou o posto de Noyo e restabeleceu a guarda milenar: os vrunaldinos o abasteceriam da fortaleza catalã que então existia no lugar da Capela, ao pé do Cerro.*

Aquele Noyo era um Homem de Pedra relativamente jovem, mas muito sábio: permaneceu na Caverna os cinco anos seguintes, durante os quais se completou a destruição da Ordem Templária e o poder Golen se demoliu na França. Entre os membros da Casa de Tharsis, como é natural, a derrota dos Golen havia causado um clima geral de regozijo; mas ninguém esperava que ocorresse algo novo algo referente à Caverna Secreta, à Espada Sábia, à missão familiar, ao Pacto de Sangue. Contudo, os primeiros dias de junho de 1315 todos receberam idêntica mensagem cifrada: tratava-se de uma citação do Noyo para irem a uma reunião familiar extraordinária a se realizar no dia 21 em São Félix de

Caraman. Nesse dia, no Castelo de Valentina, os Senhores de Tharsis celebraram pela primeira vez em quarenta anos um Conselho de Família.

A reunião estava programada para as 21 horas, mas às 19 horas se encontravam quase todos na sala principal do Castelo: faltava somente o Noyo que, segundo a Castela, ao chegar se havia fechado em uma torre, sem descer durante todo o dia. Muitos não se conheciam, e as apresentações e saudações criaram um clima festivo. Enquanto tomavam uma refeição ligeira, não cessavam de transmitir notícias e comentar os últimos acontecimentos da França: os homens de Pierre Flotte, de Guilherme de Nogaret, de Guilherme Plastian, de Clemente V, e outros Senhores do Cão, se pronunciavam com muito respeito e admiração. Mas o de Felipe, o Belo, se achava acima da veneração geral. E não era por menos: o Grande Rei, mediante a sanção de mais de 350 leis de origem ***Domini Canis****, havia transformado a França na primeira Nação do Ocidente. E também, e principalmente, havia destruído em grande parte a infra-estrutura Golen, além de eliminar a cúpula templária e obrigar a fugir o resto. Por isso, aqueles que eram virtuais sobreviventes da Lixívia, riam prazerosos ao recordar as fogueiras templárias.*

No momento em que erguiam suas taças em direção ao escudo de armas da Casa de Tharsis, que dominava a sala desde a parede superior da lareira, fez seu ingresso o Noyo, quem se uniu ao brinde.

– ***Honor et Mortis!*** *–gritou com sua voz de trovão.*

– ***Ad Inimicus!*** *–responderam com veemência os presentes.*

O belicoso grupo se compunha de dezoito Senhores de Tharsis, dez Cavaleiros e oito Damas, todos Homens de Pedra. Deles, doze eram vrunaldinos e seis valentininos. Os dezessete ficaram em silêncio, olhando expectantes ao recém chegado. O Noyo começou a falar de imediato:

– Damas e Cavaleiros: Deveis ter a segurança de que se os citei com tanta pressa não foi por capricho senão porque um assunto impostergável o exigia – À medida que ia falando, imprimia às suas palavras um tom de gravidade tal que, algo impensável num Homem de Pedra, sugeria a influência de uma ***forte impressão****. Semelhante efeito não podia ser causado por aquela assembléia,* ***devia tratar-se de outra coisa****.*

– Em verdade – continuou – esta reunião a solicitou Ele, a quem em seguida conhecerei. Eu, por minha parte, sei que a prudência aconselhava aguardar alguns anos, antes de sustentar um Conselho de Família.

Algum som brotou de cada garganta, pois um murmúrio se elevou e tomou a sala. A todos assombrava a revelação de que receberiam um visitante posto que, na dilatada história da Casa de Tharsis, jamais os Homens de Pedra se haviam congregado em presença de um estranho. Uma vez que a exclamação coletiva se dissipou no espaço, o Noyo retomou a palavra:

– Não vos preocupeis, Homens de Pedra, que o Segredo da Casa de Tharsis ficará a salvo: ***nosso hóspede não é deste mundo; virá aqui de KTaagar e depois regressará à Cidade dos Deuses****. Mas é necessário que vos relate as circunstâncias de meu encontro com Ele, um dos Deuses Libertadores do Espírito do Homem, um dos Senhores de Vênus. Como sabeis, há cinco anos estou mantendo a guarda da Espada Sábia: nesse período de tempo não cessei de contemplar a Pedra de Vênus, mas nada diferente advertia nela. Dia após dia concentrava-me em sua contemplação, esperando observar o Signo da Origem, ou o Sinal Lítico de K'Taagar, mas nada novo ocorria: somente os signos dançantes da Ilusão, os Arquétipos Criados pelo Deus Uno, que também estão dentro de nós, passavam em vão frente minha visão. Porém, um dia sucedeu algo diferente. Foi em Maio, pouco antes de vos convocar.*

O relato era seguido com atenção superlativa.

Sem dúvida, o Noyo havia tido uma experiência maravilhosa, mas certamente extraordinária, fora do comum, irregular. Os Deuses Libertadores há milênios que não se manifestavam aos homens: desde a Época dos Atlantes Brancos.

*– Pois bem, esse dia, depois de várias horas de meditação, adormeci em frente à Espada Sábia. Ignoro quanto tempo permaneci nesse estado. Recordo somente que um som musical foi despertando-me, até que distingui com clareza a Palavra "**Tirodinguiburr**" modulada na Língua dos Pássaros; coincidentemente, ao cravar os olhos na Espada Sábia, vi as Vrunas que formam a palavra brilhando perfeitamente nítidas no centro da Pedra de Vênus. Assombrei-me sobremaneira, como podeis imaginar, quando ouvi, brotando às minhas costas, uma Voz dotada da Majestade do Espírito Eterno, que pronunciava meu nome. Ao voltar-me o rosto encontrei-me ante um Ser pleno de Luz que me observava sorrindo junto ao Ângulo Reto da Caverna Secreta: compreendi então que era Ele quem projetava o Signo Tirodinguiburr na Pedra de Vênus e procurava chamar-me a atenção. Voltei-me rapidamente a contemplar as Vrunas, mas creiam-me Homens de Pedra, que é difícil vos comunicar o que ocorreu neste instante.*

Um prolongado suspiro acompanhou as últimas palavras de Noyo. Depois de um segundo de vacilo, durante o qual o brilho de seus olhos se apagou e a atenção pareceu dirigir-se para dentro, prosseguiu com firmeza.

– Nesse instante, Cavalheiros, compreendi o significado do Signo Tirodinguiburr: e sua compreensão infundiu-me o Mais Alto Grau da Sabedoria Hiperbórea. Era o Espírito Eterno quem se libertava e isolava, como nunca antes, da Ilusão das Formas Criadas! Sim, meu próprio Espírito, fixo e plantado como um menir que permanece e se assoma na corrente temporal da Alma, de pronto se sustentava na Origem, em sua instância eterna e infinita! Sabia de tudo! Havia regressado à Origem, havia-me libertado do aprisionamento na Matéria, e compreendia o porquê da Queda! Se tivesse querido, poderia partir ali mesmo para Hiperbórea! Mas não poderia fazê-lo; não enquanto a missão familiar não estivesse cumprida, não enquanto Vós permaneceis aqui, em meio aos Demônios; não enquanto nos restasse liberar a Batalha Final contra as Potências da Matéria. A Honra impediu-me a partir. E talvez essa decisão fosse o que esperava Aquele Ser, pois logo falou:

– Oh, Noyo de Tharsis!** – disse – **Não te surpreendas ao sentir a Terra Firme do Espírito! Os Deuses estão contigo: é a Vontade de Navutan quem te sustenta agora no Universo, as Vrunas de Seu Nome! E a Graça de Frya! E o Poder Kâlibur da Vruna da Morte! ¡Eis que venho a ti** para confirmar tua existência de tua Casa; **para gravar na Pedra Fria o Signo que a situará na Origem e determinará que prevaleça sobre a Lixívia da Morte Final! Dir-te-ei o que deves fazer, Oh Custodio da Pedra de Vênus! É necessário que os Iniciados de tua Casa** coincidam **comigo em algum** lugar **do Universo, qualquer que seja este; uma vez juntos, hei de transmitir-lhes a Mensagem dos Deuses! Deixarei-te esta Pedra: coloque-a do mesmo modo frente ao Ângulo Reto, e Eu estarei ali no momento preciso!

Dito isto, se desvaneceu to misteriosamente como havia aparecido, e encontrei-me absolutamente só na Caverna Secreta. A Pedra de Vênus já não refletia o Signo Tirodinguiburr, mas podia vê-lo se me propusesse. Enfim, depois de refletir cinco dias, decidi ir a Turdes e envia mensageiros para convocá-los e concretizar a reunião solicitada pelo Senhor de Vênus. .

Transcorreram uns minutos sem que ninguém atinasse a dizer nada; todos haviam ficado como enfeitiçados pelo relato de Noyo. Finalmente, um dos Homens de Pedra interrogou:

– A Pedra, que quis dizer o Senhor de Vênus quando falou de deixar-vos uma Pedra?

– Pois, o caso é que quando se desvaneceu pelo Ângulo Reto – respondeu o Noyo – uma curiosa Pedra apareceu donde Ele estivera, sem que eu possa explicar como chegou a este lugar da Caverna.

– E que haveis feito dela?

– Transportei-a até aqui! – O Noyo desatou uma bolsa de couro que trazia à cintura e extraiu dela um rústico fragmento de basalto negro. A Pedra era uma pequena coluna de 8 a 9 polegadas de altura e base retangular. Sem duvidar a estendeu ao que havia formulado a pergunta. Logo circulou de mão em mão até retornar novamente ao Noyo, quem então voltou a falar:

– Damas y Cavalheiros, vos proponho intentar um contato com os Deuses, tal como Eles mesmos o sugeriram. Dispus uma torre do Castelo para esse fim e creio que agora já é a hora de nos dirigirmos até lá.

– Sim! – aprovaram em uníssono várias vozes – Não percamos mais tempo!

Qüinquagésimo Dia

A Torre em questão consistia em um recinto quadrado, construído com sólidos blocos de granito, cujos quatro ângulos estavam perfeitamente alinhados com os pontos cardeais. Havia-se feito retirar todo o mobiliário a exceção de três largos bancos sem encosto, nos quais se sentaram os Homens de Pedra. A única vela de um candelabro de parede iluminava tenuamente o ângulo Oeste. Frente a esse canto, no solo, o Noyo depositou a diminuta coluna de rocha: depois de orientá-la convenientemente uniu-se aos Homens de Pedra.

– Foi colocada a Pedra de forma semelhante a como a encontrei na caverna Secreta – disse – Agora só nos resta Aguardar e Observar.

No inicio ninguém notou nada porque o fenômeno foi-se produzindo muito lentamente. Mas, num dado momento, sem que os Homens de Pedra pudessem determinar quando, ***o vértice do canto pareceu estranhamente brilhante****. Então, todos viram uma linha vertical de luz branca onde os dois planos da parede se uniam num ângulo reto. Aquela luminosidade cobria completamente o vértice e causava a sensação de surgir de uma delgada fenda, como se as paredes estivessem separadas por uma fresta infinitesimal, uma janela para o outro mundo. Mas o vértice de luz era o que se via* ***em relação*** *às paredes da torre; porque se* ***alinhasse*** *o vértice* ***com*** *a Pedra, a imagem mudaria subitamente e o fenômeno adquiria seu mais curioso caráter: observando deste modo,* ***a Pedra parecia estranhamente incrustada no ângulo reto****, mas essa visão durava somente um momento, pois em seguida* ***o ângulo avançava adiante*** *e a Pedra se perdia na linha da luz. Isto surpreendia; porém, ao examinar o vértice de luz* ***em relação*** *às paredes, a Pedra aparecia novamente onde a havia colocado o Noyo.*

Como todos estavam contemplando o vértice de luz, todos viram chegar o Senhor de Vênus. E a ninguém escapou que ***sua entrada o produto de um passo****: o último passo de uma marcha que ninguém se atrevia a imaginar por que o caminho havia sido realizado. Sim, o Senhor de Vênus* ***chegava caminhando, atravessava*** *o ângulo reto, e* ***se situava sobre a Pedra****; e agora dominava a torre e ilhava aos Homens de Pedra. O Noyo se pos imediatamente de pé e anunciou:*

– Damas e Cavalheiros: apresento-vos ao ***Capitão Kiev!***

– ***Graça e Honra, Sangue de Tharsis!*** *– saudou o Senhor de Vênus, expressando com sua mão direita o* ***bala mudra****.*

– ***Salve, Vale!*** *– contestaram em coro os Homens de Pedra.*

Aquele Ser, de clara aparência humana, era na verdade resplandecente: um halo violáceo se estendia varias polegadas ao seu redor e permitia apreciar os detalhes da indumentária. Esta não podia ser mais simples, pois constava só de três prendas: uma espécie de cota de malha fina, escamada, que lhe cobria a totalidade do corpo a exceção da cabeça e das mãos; um par de botas de cano curto; e um cinto com fivela octogonal, sobre a que estava gravado um conjunto de signos indecifráveis; as três peças haviam sido elaboradas com materiais inimagináveis. Comparado com os Homens de Pedra, o Senhor de Vênus era um gigante: um tanto mais alto que os vrunaldinos, que se contava entre os Cavaleiros de maior estatura de Castela. Tinha o cabelo loiro, bastante curto, e feições agradáveis no rosto, de pele muito pálida. Mas o que mais impressionava, pois lhe outorgava o aspecto de um ser de outro mundo, ou pertencente a uma Raça desconhecida, ***eram seus olhos carentes de pupila, somente compostos por uma íris de cor verde esmeralda****: esses olhos, desprovido de expressão humana, testificavam a inquietante evidência de que na História do homem foi esquecido algo. Algo que talvez seja inevitável recordar em nossa época, Dr. Arturo Siegnagel.*

Depois da saudação, o Capitão Kiev continuou falando, ainda que não movesse os lábios, todos o ouviam perfeitamente, e ninguém se questionou sobre o prodígio. Os Homens de Pedra perceberam que com Aquele Ser não haveria nenhuma classe de diálogo: o Senhor de Vênus veio trazer uma mensagem e depois de comunicá-la se iria embora.

– Sangue de Tharsis: Trago-vos a saudação de Navutan, o Senhor da Guerra! E também vos trago Sua Palavra. Prestai atenção, abri bem vossos sentidos, porque a presente oportunidade é única, talvez irrepetível antes da Batalha Final. Em verdade, tem sido a façanha que vós haveis protagonizado ao contribuir destruindo os planos do Inimigo o que tenha motivado esta visita: na morada dos Deuses, o Senhor da Guerra e os Senhores de Vênus, bebem o Hidromel com vossos Antepassados! Ali, na Morada dos Deuses, vos haveis garantido um lugar junto aos Heróis da Raça Hiperbórea! E na Terá, haveis conquistado o direito a existir, ainda em meio à maior Ilusão do Grande Engano. É da vontade de Navutan que vossa casa exista até o dia da Batalha Final e que seus membros acompanhem as filas dos Deuses portando o estandarte do Espírito Eterno! Por isso vos é revelada por meu intermédio a Tirodinguiburr, Seu Nome Esquecido, a Chave do Mistério do Labirinto: para que Vosso Espírito se reoriente à Origem e jamais volte a extraviar-se.

Compreendam, Senhores de Tharsis, que o homem adormecido somente é consciente de um Mundo, de uma Terra, de uma História, a qual considera "real", mas que o Espírito cativo compartilha na Ilusão milhares de Mundos possíveis, de Terras semelhantes, de Historias parecidas. Vós sois homens despertos, mas o homem adormecido vive, sem sabê-lo, em milhões de Mundos de uma vez: sua consciência, em ocasiones permanece toda a vida referida a um Mundo particular; ou, eventualmente, passa de um Mundo a outro sem notá-lo; mas o homem adormecido é incapaz de distinguir um Mundo de outro, pois a Ilusão é muito intensa e demasiado profunda. Diferente é o ponto de vista do Espírito cativo, que subjaze aprisionado na Alma do homem adormecido. Para o Espírito Eterno qualquer desses Mundos pode ser "real", pode viver-se como real, mas todos são igualmente ilusórios. Para o Espírito, muitos dos homens que crêem existir, e muitas das coisas que se crê que existem, não são reais, são pura Ilusão. Para o Espírito somente é Real o Mundo que Ele mesmo afirma como tal, somente existe o homem no qual Ele se manifesta com melhor *orientação estratégica.*

Assim é, Senhores de Tharsis: Para o Espírito, a Realidade depende da orientação estratégica. E o homem desperto *só existirá se dispõe de orientação estratégica* ***em relação à Origem. Porque é a partir da Origem que o Espírito vê ao homem desperto e diz – Está ali,*** *ex sistit!*

O que é, pois, a orientação estratégica? Em um dado instante, simultaneamente, certos homens despertam aqui e ali, em algum dos Mundos possíveis: É o Espírito do homem quem os evoca e a quem eles se dirigem. Cada um desses Mundos é "real" para o homem desperto que o habita e percebe. E desde cada um desses Mundos "reais" um homem desperto marcha para um posto que seja comum a todos os Mundos Possíveis: a Origem do Espírito cativo. Em um lugar está o homem desperto e seu Espírito cativo, em outro a Origem e o Espírito absolutamente livre; o que separa o homem desperto da Origem? Uma

distancia chamado "Labirinto", que somente pode desvendar-se mediante as Vrunas de Navutan. O Espírito desperta ao homem adormecido; o homem desperto adquire a Sabedoria Hiperbórea. A Sabedoria Hiperbórea lhe revela as Vrunas de Navutan; e as Vrunas de Navutan constituem a Tirodinguiburr, o Segredo do Labirinto. Com a chave das Vrunas, o homem desperto se** *orienta* **no Labirinto e encontra a Origem, o único verdadeiramente Real para o Espírito. O tempo necessário para concretizar a orientação se lhe concede a Semente de Pedra, que a Graça da Virgem de Agartha semeia no coração dos que buscam a Origem.

A orientação deve ser** *estratégica* **porque no Labirinto o Inimigo tentará distorcer seu rumo à Origem: tratará de confundir, de desviar, de deter, vale dizer, de desorientar o homem desperto. E o homem desperto deverá empregar uma Estratégia. Para avançar orientado, terá que desenvolver um modo de comportamento que neutralize a ação inimiga e permita chegar concretamente à Origem.

O Labirinto está integrado pelos caminhos da Ilusão, que se bifurcam em todos os Mundos Possíveis. Se a orientação estratégica é débil, a distância entre o homem desperto e a Origem pode ser muito extensa; e o Tempo que insuma recorre-la analogamente prolongado. Contudo, se a orientação estratégica é forte, o homem desperto pode encontrar-se muito próximo à Origem e a libertação espiritual pode ser instantânea. Ocorre assim porque a orientação estratégica e o Labirinto são contrárias: quanto menor a orientação estratégica, tanto mais complexo será o Labirinto; a máxima orientação estratégica, a Origem patente, dissolve a Ilusão do Labirinto. Ademais, se o movimento se guia pela orientação estratégica, o Tempo e o Espaço do Labirinto tornam-se relativos. A Origem situa-se longe ou próxima, de acordo à atitude estratégica do homem desperto. Então, a realidade do homem desperto é relativa com respeito à Realidade absoluta da Origem.

A realidade do homem desperto depende da orientação estratégica. Vimos que vários homens desperto, cada um em seu Mundo "real", buscando simultaneamente a Origem; cada um com diferente grau de extravio no Labirinto, cada um com distinta orientação estratégica. Qual é, então, o Mundo Real, se todos são relativamente reais na Origem? De todos os Mundos possíveis, "reais" são os Mundos que afirma o Espírito dos homens despertos. De todos os Mundos "reais", Real é o Mundo onde os homens despertos possuam a melhor orientação estratégica e onde sustenta uma Estratégia triunfante contra o Inimigo do Espírito: e a Realidade desse Mundo a afirma Navutan, o Senhor da Guerra. Os Senhores de Vênus de K'Taagar, na Origem, desvinculados do Tempo e do Espaço do Labirinto, perscrutam permanentemente os milhões de Mundos da Ilusão enquanto aguardam que os últimos homens adormecidos retomem a Senda do Espírito e declarem A Guerra Essencial às Potências da Matéria. Eles descobriram vosso Mundo, Senhores de Tharsis, e o revelaram a Navutan. E o Senhor da Guerra, satisfeito por Vossas Façanhas, decidiu afirma-lo como Real. Da Origem, o Grande As distinguiu Vosso Mundo dizendo:

Ali está,** *ex sistit,* **o Mundo real dizes, quem não cessam de lutar pela Liberdade do Espírito Eterno. Existe, pois, um Mundo onde os homens adormecidos são

capazes de despertar e enfrentar às Potências da Matéria! Há, há, há; e são Bons! Acabam de ganhar uma Batalha! Com eles enviarei o Grande Chefe da Raça Branca. Contando com a ajuda destes Guerreiros Sábios, e a daqueles Heróis que se lhes unam, derrotarão as Potências da Matéria e porão termo, no Princípio, à Guerra Essencial!

Compreendam isto, Senhores de Tharsis e sabereis por que vim e em que consiste a Graça que Vos tem dispensado Navutan, ao conceder existência Real a Vosso Mundo!

Porque assim é! O Mundo onde vós viveis e onde o Inimigo tenha sido recentemente derrotado, será o Mundo real para os Senhores de Vênus e para Navutan, o Senhor da Guerra. Neste Mundo começará a Batalha Final, quando o Homem se confronte definitivamente com as Potências da Matéria. E neste Mundo, o Mundo dos Senhores de Tharsis, deverão realizar-se todos os que intentam liberar seu Espírito Eterno e partir à Origem, os Guerreiros, os Heróis, os Iniciados Hiperbóreos, os verdadeiros Gnósticos, os Homens de Pedra! Ouvi: *Os que busquem e encontrem o Sangue de Tharsis em seu Mundo assentarão o Espírito na Pedra Fria que está na Origem, na Pedra que se sustenta fora do Universo Criado e que estará na Origem quando o Universo Criado já não exista!* ***Contrariamente, os que pretendam ignorar o Sangue de Tharsis, ou não sejam capazes de encontrá-lo, fundarão seu Mundo na Ilusão e serão convertidos em Lixívia ao Final do Tempo, quando Tudo Volta ao Uno ao Final de Seu Dia de Manifestação, quando o Final será igual ao Princípio, e a Ilusão se dissolva em nada, e somente exista o Uno em Sua simples eternidade.***

Porque só o Espírito é Eterno! Quem não encontrar seu Espírito morrerá de Morte Final ainda que seja Imortal. E quem primeiro irá morrer são as Almas que mais próximas estão do Final, onde se tem aproximado buscando uma quimérica e vã perfeição arquetípica. Aqueles cujas Almas evoluem imitando a Meta Final proposta pelo Deus Criador Uno, os que se enganam identificando o Bem com a "Paz Universal" e privam a seu Espírito da oportunidade de lutar, os que adoram ao Deus Criador Uno e amam o Universo Material, os que temem a Jehová Satanás e servem as Potências da Matéria, os que persistem em afirmar que o Espírito é Criado querem pô-lo de joelhos frente ao suposto Criador. Os que se abrigam sob a Pomba de Israel, os que integram a Hierarquia da Fraternidade Branca, os Sacerdotes de todos os Cultos e os que crêem que se pode ser "Gnóstico" e Sacerdote simultaneamente. Esses morrerão da Morte Final! Esses serão reduzidos a Lixívia pela vontade de seu Criador!

Em síntese: Aqueles que participem do Pacto Cultural viverão na Ilusão da Alma e morrerão de Morte Final! *E aqueles que recordem o Pacto de Sangue, e encontrem o Sangue de Tharsis, viverão na Realidade do Espírito e se eternizarão Além da Origem!*

Compreendeis, Senhores de Tharsis, o que significa para os demais Espíritos cativos a Realidade de Vosso Mundo? Vossa Casa contraiu um compromisso com o homem, a quem haveis demonstrado que se pode triunfar sobre o Mal, que é possível vencer aos Demônios. De agora em diante, Vossa missão será acompanhar a História sem entrar na História. Porque antes do Final Vós contribuireis a quebrar a História e dar início à Batalha Final. Tereis de estar atentos à História, e vigiar os movimentos do Inimigo na História, para atuar no

momento oportuno. Um Grande Chefe Branco virá então a vosso Mundo; Ele possuirá o Poder de expor a Batalha Final contra o Inimigo do Espírito. Será um Enviado do Senhor da Guerra e seguirá o caminho assinalado por Vós: desenhareis, construireis e mantereis claro este caminho. E vós empregareis para isso o Tempo que for necessário, os Séculos que demande a Ilusão da História.

O Grande Chefe Branco, o Senhor da Vontade e do Valor Absolutos, virá uma vez, duas vezes, três vezes a Vosso Mundo. A primeira vez, quebrará a História, mas se irá, e causará o insensato riso dos Demônios; a segunda trará a Batalha Final, mas se irá, em meio ao Rugido de Terror dos Demônios; a terceira guiará a Raça do Espírito à Origem, mas se irá para sempre, deixando atrás de si o Holocausto de Fogo em que se consumirão os seguidores do Deus Uno, homens, Almas e Demônios. Mas aqueles que seguirem ao Enviado do Senhor da Guerra serão Eternos!

Vós tratáveis de cumprir a missão familiar e guardavas a Espada Sábia. Dar-vos-ei instruções para levar a cabo outra missão: preparar no Mundo o advento do Enviado do Senhor da Guerra. Eis Sua Vontade, que assim seja! Mas esta missão vós não podereis realizá-la trabalhando como o fazem hoje: a Estratégia exige que se dividam os esforços e que somente uma parte de vós se ocupe de cada coisa. Nós pedimos que vos separeis uma vez mais, *a penúltima****! É preciso que nos preparativos para a vinda do Senhor da Guerra intervenham unicamente os Filhos de Vrunalda de Tharsis: com esse objetivo deverão mudar-se desde já às suas terras da Germânia, onde as Damas serão a cabeça da Estirpe e sustentarão a fixação de sua linhagem germano e catalã. Ali se manterão alerta até a Época em que surja um Imperador alemão adepto da Sabedoria Hiperbórea: Ele, em colaboração de outras pessoas que nesse momento se unirão a vós, será quem lançará as bases da futura Ordem na qual o Enviado receberá a Mais Alta Iniciação. Essa Estirpe de Tharsis, que Honra a sua! Estará junto ao Grande Chefe Branco quando declarada a Guerra Total às Potências da Matéria. Porque a Sabedoria Hiperbórea de sua Estirpe, desse Sangue de Tharsis, causará a Primeira Vinda do Enviado do Senhor da Guerra!***

Os Filhos de Valentina de Tharsis, em compensação, terão de regressa à Espanha e assentarem-se permanentemente em Turdes. Ali se dedicarão a guardar a Espada Sábia e a cumprir a missão familiar, até a Época em que surgirá um Homem de Pedra que verá na Pedra de Vênus o Sinal Lítico de K'Taagar. Tal imagem lhe indicará um caminho, que deverá seguir sem vacilar. Tomará então a Espada Sábia e, acompanhado pelos Homens de Pedra restantes da linhagem de Valentina, partirá a um país distante e desconhecido onde será cabeça de uma Estirpe nova. Sim, Senhores de Tharsis. A esse Iniciado se lhe permitirá iniciar a Estirpe transmitindo a herança familiar pela via masculina. Mas. Depois dele, sua descendência continuará a tradição iniciática matrilinear e se comprovará que os Homens de Pedra procedem ainda dessa via! E essa Estirpe de Tharsis, que Glória a sua! Participará na Batalha Final! Porque a Sabedoria Hiperbórea dessa Estirpe, desse Sangue de Tharsis, causará a Segunda Vinda do Enviado do Senhor da Guerra!

Por último, vos farei uma advertência. Ao fracassar os planos da Fraternidade Branca na Europa, há uma parte dos mesmo que também ficou neutralizada e da

qual Vós o ignorais: é a que se refere à missão de Quiblon, o Grande Sacrificador. Ele virá para Anunciar a Glória e a Vitória de Israel com a Sinarquia do Povo Eleito, e irá oferecer três povos em Holocausto ao Uno. A Sinarquia não poderá concretizar-se por hora, devido a vossa resoluta ação, mas é possível que numa época não muito distante o Inimigo envie de todos os modos a Quiblon para forçar a marcha da História: será, então, muito difícil detê-lo. Somente poderei tentar um ataque generalizado contra o Povo Eleito, a cuja raça ele pertencerá, mas o mais provável é que consiga cumprir sua missão. Mas isso não impedirá que se cumpra o Destino da Glória da casa de Tharsis.

Senhores de Tharsis: eis que foi dito tudo quanto tinha a dizer e não convém, por motivos estratégicos, agregar mais nada. Reitero-vos a saudação de Navutan e me despeço até a Batalha Final. Ou até que vós coincidais comigo em outro *kairos.* ***Graça e Honra, Sangue de Tharsis!*** *– lhes desejou o Senhor de Vênus, enquanto levantava o braço direito para expressar o* **bala mudra**.

*– **Salve**, Capitão Kiev! – responderam os Homens de Pedra, praticando também o* **bala mudra**, *que era a antiga saudação secreta da Casa de Tharsis.*

Qüinquagésimo Primeiro Dia

Imediatamente depois da saudação, O Senhor de Vênus girou seu corpo ***e penetrou pelo iluminado vértice do ângulo reto****, deixando atrás de si aos Homens de Pedra mergulhados em profundas considerações. O primeiro a reagir foi o Noyo, quem observou que a Pedra havia desaparecido junto com o Capitão Kiev: meus antepassados, Dr. Siegnagel, apesar de toda sua Sabedoria Hiperbórea, não compreendiam nesse momento* ***que a Pedra*** *era* ***o Senhor de Vênus****.*

No dia seguinte, o Conselho de Família decidiu cumprir exatamente as instruções recebidas. .

Aquele Nobre que aceitou a Vrunalda como filha legítima, ao morrer não deixou outros herdeiros para os Senhorios austríacos que seus supostos netos. Os filhos e netos destes, entre os quais se contavam doze presentes, cuidavam de seu patrimônio no Leste ainda que sem abandonar a base familiar espanhola de Turdes. Agora se instalariam todos na Áustria, enquanto os valentininos abandonariam San Félix de Camaran para estabelecerem-se na Espanha. A partir daqui, Dr. Siegnagel, me referirei somente ao ramo dos valentininos, dos quais descendo, para continuar a história. Sobre os vrunaldinos o único comentário é que cumpriram seu compromisso com perfeição: tornaram-se fortes na Áustria e quando surgiu o Imperador esperado, Rodolfo II Habsburgo, constituíram com a colaboração inestimável do inglês John Dee e sete famílias da Nobreza alemã, a Sociedade Secreta ***Einsherjar****. Tal Sociedade funcionou por mais de trezentos anos na mais absoluta clandestinidade, adquirindo seus membros a Mais Alta Sabedoria Hiperbórea, tão Alta como jamais a possuíra antes a Casa de Tharsis; nos séculos XIX e XX deram nascimento a várias Ordens externas que tinham por finalidade Anunciar às massas de homens adormecidos a próxima Vinda do Grande Chefe da Raça Branca e* ***localiza-lo para administrar-lhe a Iniciação Hiperbórea****; a penúltima dessas Ordens foi a* ***Thulegesellschaft****, encarregada de guiar ao* ***Führer Adolf Hitler****, nascido no final do século XIX, até os Homens de Pedras de Pedra da Einherjar; e a última das Ordens formadas por Eles foi a Ordem Negra ϟϟ inspirada em segredo pela Thulegesellschaft, mas na realidade dirigida pelos Homens de Pedra da ultra secreta Einherjar; os vrunaldinos alcançaram, pois, a Honra de acompanhar ao Grande Chefe Branco, ao Führer, em sua Guerra Total contra as Potências da Matéria, como havia predito tantos séculos atrás o Senhor de Vênus.*

John Dee

Os Valentininos ficaram então como únicos representantes da Casa de Tharsis na Espanha; especialmente, os únicos que se dedicariam a cumprir a missão familiar. Desde San Félix de Camaran os acompanharam dez dos descendentes de Arnaldo Tibor, que desejavam seguir vivendo próximos a seus primos. Instalaram-se na velha Casa Senhorial e travaram excelentes relações com a população catalã de Turdes, a qual agradava que aqueles novos Senhores procedessem do Languedoc e compreendesse sua língua nativa. O Noyo retornou à Guarda na Caverna Secreta e logo teve a companhia de outro Homem de Pedra quem, impressionado ainda pela experiência com o Senhor de Vênus, havia decidido consagrar-se à Custódia da Espada Sábia. Em situação semelhante se encontravam seis participantes da reunião de San Félix de Camaran, mas não seria possível que todos abandonassem o Mundo, pois se devia dedicar a atenção aos interesses patrimoniais da Casa. A Espanha se industrializaria rapidamente e se requeriam, nas principais cidades toda sorte de matéria prima; em Turdes, a nova população de origem catalã reativou a produção de minerais, completamente abandonada pelos Senhores de Tharsis nos últimos séculos. Assim, como se os milênios não houvesse transcorrido, o ouro e a prata voltariam a ser extraídos das serras pelos Senhores de Tharsis. Não obstante a atenção que a nova situação exigia até a metade do século XIV tudo estava sob controle: para então. Cinco daqueles seis iniciados já se haviam recolhido na Caverna Secreta.

Quando chegaram os valentininos a Huelva, o Condado pertencia a Sevilha. Alfonso XI de Castela o cedeu em 1338 ao Grande Mestre de Santiago, com o que reapareceu o perigo Golen: além de ser uma Ordem celta eminentemente Golen, muitos templários se haviam refugiado nela depois do processo promovido por Clemente V, e então começaram a infestar a região. Porém, catorze anos depois, o infante Dom Pedro o dá ao Grande Mestre para obsequiá-lo a Maria Padilha. No fim do século XIV a Casa das Cerdas, dos reis de Castela o entrega como dote de uma de suas Damas e passa o poder dos Duques de Medina Sidonia, até o fim desta história.

Influência da Casa de Tharsis sobre a Ordem dos Pregadores se manteve nos anos seguintes, já que o ***Circulus Domini Canis*** *prosseguiu funcionando em segredo, tratando de dirigir a Inquisição contra os membros do povo Eleito e os Golen, procurando impulsionar o modelo de Nação Mística aperfeiçoado juridicamente durante o reinado de Felipe, o Belo, e concretizado em parte por este Grande Rei. Esta influência se fez sentir sobre toda a Espanha, onde graças às campanhas de esclarecimento popular de muitos pregadores, entre eles Don Ferran Martinez, provedor do Arcebispado de Sevilha e Senhor do Cão, se desataram as violentas perseguições contra judeus que culminaram nas matanças de 1391 em Sevilha, Córdoba, Toledo, Ecija, Logroño, Burgos, Ocaña, e trinta comarcas mais. De Castela, aquele fogo passou a Aragon; em Valência o povo exterminou a cinco mil judeus e em Barcelona a uns onze mil; até as baleares chegou a fúria popular contra os seguidores de Jehová Satanás. Correndo perigo de ser aniquilados em Castela e Aragon acharam seguro refúgio em Portugal, onde o marrano Dom Moises Navarro, enquistado no Governo, havia conseguido duas bulas locais dos Papas Clemente VII e Bonifácio IX, que impediam a conversão compulsiva dos judeus; aquela invasão hebréia, sem dúvida, haveria de causar em curto prazo a hostilidade da população cristã.*

*O dominicano Valenciano San Vicente Ferrer, que possuía o carisma do dom de línguas e havia pregado em todos os paises da Europa em seus próprios idiomas, participou ativamente da campanha anti-hebreia: ele foi quem inspirou a bula de Benedito XIII que proibia aos israelitas a posse do Talmud e os obrigava "****a tecerem capas com um sinal vermelho para que assim pudessem ser reconhecidos de todos e se pudesse evitar o dano que seu contato trazia aos cristãos****". Isto ocorreu em 1412, quando os persistentes israelitas começavam a regressar massivamente à Espanha. Logo se reiniciaram as perseguições, as que foram adquirindo tal sanha que*

em 1473 levaram ao Povo Eleito a propor ao Rei Henrique IV a venda ou aluguel da Cidade de Gibraltar para estabelecer-se nela, solução muito hebréia que foi logicamente rejeitada.

Depois da morte deste Rei, sobe ao Trono da Castela sua irmã, Isabel I, casada com Fernando de Aragon. Em 1478 os Reis Católicos se dirigem ao Papa Sixto IV para solicitar o ditado de uma bula que autorize o funcionamento da Inquisição em Castela; o propósito: indiciar os culpados de heresia, especialmente aos judeus. Rapidamente emitida, a bula permitiu a formação dos Tribunais do Santo Ofício de Pregadores dominicanos. O promotor daquela iniciativa dos Reis Católicos foi o prior dos dominicanos de Sevilha, Frei Alfonso de Hojeda, Senhor do Cão, quem convenceu a rainha Isabel sobre a conveniência de fazer intervir a Inquisição no combate contra as forças satânicas. A princípio a bula somente atuou como uma ameaça, mas, graças à infatigável gestão dos ***Domini Canis****, Frei Alfonso de Hojeda, o provedor Don Pedro de Solts, o assistente Don Diego de Merlo, e o secretário do Rei, Pedro Martinez Camaño, consegue-se persuadir aos Reis sobre a necessidade de instrumentar a Inquisição com todo seu vigor para extirpar do corpo social ao judaísmo e a heresia. Assim, os Reis nomearam em Medina do Campo aos primeiros inquisidores, os freis dominicanos Miguel Morillo e Juan de San Martin, que atuaram juridicamente apoiados por Frei Felipe de Turdes e Ricardo de Tharsis, tio e pai de Lito de Tharsis, respectivamente. Dos editos redigidos por eles, concedendo um prazo para o arrependimento dos hereges, passado o qual seriam julgados, produziu numerosas conversões, mas nada impediu que dois mil judeus fossem queimados em menos de um ano.*

Quando em 1483 o prior do Convento de São Domingo de Segovia, Frei Thomas de Torquemada é nomeado Inquisidor Geral da Coroa de Castela, Frei Felipe de Turdes e Ricardo de Tharsis passam a revistar como sues assessores jurisconsultos, a quem se encarrega a redação do Manual da Inquisição moderna. A aplicação destas leis demonstraria claramente quão inútil era pretender a conversão ao cristianismo dos judeus, à que eles concordavam falsamente enquanto continuavam praticando o satanismo em segredo. Frente à evidência os Reis católicos decretaram em 31 de Março de 1492 a expulsão dos judeus dos Reinos de Castela e Aragon no prazo de quatro meses, medida mais benigna que a de Felipe, o Belo, mas igualmente eficaz. O asilo se deus novamente em Portugal, pois seu Rei, João II, havia sido educado por instrutores judeus e subestimava completamente o perigo que aqueles representavam para a saúde do Reino. Mas desta vez, a proteção duraria pouco, pois em 149 morre João II dedicando como herdeiro da coroa a Manuel I: para infortúnio dos hebreus este rei estava casado com uma filha dos Reis católicos e sumamente esclarecido sobre os motivos da Inquisição espanhola. Em 1497 firma um decreto semelhante ao castelhano de 1492, pelo qual se expulsa aos judeus do território de Portugal. O destino do Povo Eleito os levaria agora à Holanda, particularmente a Amsterdã, que ganhou o apelido de "nova Jerusalém", e outras cidades importantes, assim como também os Países Baixos, onde controlaram os meios de poder, praticou a especulação e converteram essas nações nas potências bancárias e maçônicas que conhecemos na atualidade.

Atrás de todas estas perseguições espanholas contra o Povo Eleito, naturalmente, se encontrava a Casa de Tharsis, que procurava frear a chegada de Quiblon. Mas tal objetivo, como o sugeria o Capitão Kiev, seria muito difícil de realizar: em 1484 o Grande Mago Hebreu já se encontrava na Espanha e em 1492 consagraria as "novas terras da Índia", habitadas por três povos "sacrificáveis" a "Glória de Jehová Deus".

Quiblon era um judeu convertido oriundo da Galícia, aos que na Idade Média se denominavam ***ginoveses****. Foi educado secretamente como Rabino e Cabalista, Para favorecer sua Alta Missão, se lhe inventou depois uma história apócrifa, obscurecendo todos os dados que permitissem conhecer sua origem e apagando as pistas de seus passos. Disso ocupariam nos séculos seguintes seus irmãos de Raça. Tal como o exige a Cabala para quem há de receber da Shekhinah a Voz de Metraton, o* ***Rabbí*** *deveria possuir Setenta Nomes; deles conhecemos só alguns:* ***Scolnus, Scolvus, Scolvo, Skolvus,***

Skolvo, Kolonus, Scolom, Skolum, Colum, Colom, Colombo, Colón, *etc. Vale decir, que me refiro a Cristóphoro Colombo (Cristóvão Colombo) ou Cristóbal Colón, o célebre Almirante mais conhecido pelo "descobrimento" do continente americano que por suas atividades esotéricas.*

Quiblon viria para cumprir as profecias de Bera e Birsa, para oferecer o Holocausto de Água, Mem, a ***YHVH Sebaoth****; e para isso havia se preparado muitos anos e passado por muitas provas definitivas. Em particular, Quiblon teve de dar mostras de seu domínio para* ***abrir as Portas do paraíso e fechar as Portas do Inferno****. Esta última prova a demonstrou em 1477, quando viajou a Groenlândia como piloto de uma Armada danificando a* ***fechar as Portas de Thule****. É conveniente remeter-se a esta operação de Alta Magia para compreender suas ações posteriores.*

Tudo começa com um inexplicável e perturbador fato ocorrido no século XIV: ***a população viking da Groenlândia, umas dez mil pessoas durante o século XIII, desaparecem sem deixar rastros no século seguinte****. Para entender o sucedido teremos de remontar ao século X, na época em que os golen católicos controlam os Normandos e avançam para o Norte da Europa, submetendo a sangue e fogo aos povos bárbaros e pagãos da Dinamarca, Suécia e Noruega. É então quando uma das últimas Pedras de Vênus que ficaram em poder dos povos do Pacto de Sangue se transporta a Groenlândia. O faz Erik, o Ruivo, um Guerreiro Sábio de valor singular, cuja determinação lhe acarreta a impossibilidade de regressar a sua pátria: ele seria quem daria seu nome atual, Terra Verde à gelada ilha no ano de 986. E sua família formaria uma Estirpe de Noyos e Vrayas que cuidariam da Pedra nos séculos seguintes, quando já as relações culturais com os povos europeus se tivessem restabelecido. Aquelas relações atrairiam aos missionários católicos até os assentamentos vikings, mas a Pedra não cairia em poder dos Golen, pois os Guardiões a ocultariam em regiões extremamente agrestes no Noroeste groenlandês.*

Em 999, Leif Eriksson traz o primeiro sacerdote católico, ao que seguem muitos mais nas viagens sucessivas; não obstante, a resistência dos norreses ao pacto Cultural se estenderia durante o século XI. De qualquer maneira, a próspera colônia de Erik, o Ruivo, com mais de 200 granjas, tinha já 12 igrejas e dois conventos em 1124. O Papa Pascoal II nomeia o primeiro Bispo, Erik Gnupsson em 1121, ao que sucedem dezesseis mais até 1409. Em 1290 chega à ilha o Primeiro ***Domini Canis****, Thor Bjorn, que se ocupa de combater aos Golen e chama em seu auxílio a um membro da Casa de Tharsis. Funda-se assim, em Gasdhar, o famoso Monastério de Nossa Senhora de Thule, onde se escreveram os poemas das Eddas, o* ***Atlakvidha*** *e o* ***Atlanmal.*** *Em Gardhar, justamente, existia o Monastério Golen de São Bernardo. E em tal cidade se centraria a oposição mais encarniçada entre os Golen e os Domini Canis, devido a que aqueles suspeitavam que muito perto se encontrasse a Pedra de Vênus e resistiam em abandonar o lugar sem havê-la encontrado. Afinal, em 1312, graças a uma Bula de Clemente V, quem acabava de liquidar à Sinarquia Templária em parceria com Felipe, o Belo, os Golen se Vêm obrigados a abandonar Gardhar:* ***é então quando os Noyos Vikings declaram à população de Gardhar que foi visto o Sinal Lítico de K'Taagar na Pedra de Vênus; pedra que atribuem a uma herança de Wothan e inclusive denominam "o Olho de Wothan". Os Noyos propões ao povo de Gardhar partir para onde aponta a Pedra e todos aceitam****, preparando-se imediatamente para a guerra****; Por quê? Explicarei amanhã, Dr. Siegnagel. O importante agora é saber que não somente a população de Gardhar, senão a totalidade dos Groenlandêses, a exceção de alguns Sacerdotes católicos que se ocultavam convenientemente para não serem executados pelos enfurecidos vikings, decidiram partir "para o Valhalla, a Morada dos Deuses*".

É que aquele povo de Sangue Puro despertava subitamente à Sabedoria Hiperbórea que surge do Espírito Eterno e se livrava do feitiço do Pacto Cultural: ***havia-se transmutado e somente ansiava partir à Origem, sem importar a índole do Inimigo que se interpusera em seu caminho****. Em 1354 o Rei da Noruega, Erik Magnusson, ciente de que a população da Groenlândia "havia retornado ao paganismo" e "se preparava para abandonar os estabelecimentos", envia sua nave oficial, "A Chilreante" ao mando de Paul Knutsson a fim de averiguar o ocorrido. Viaja na expedição o Bispo Golen Arni, que leva a missão de "evangelizar" novamente aos colonos norreses. Mas na Groenlândia não encontraram absolutamente ninguém, apesar de que Arni os incita a explorar palmo a palmo a região até 1363, data em que falece. A partir desse momento, várias seriam as expedições que os Reis da Noruega despachariam nos seguintes cem anos para averiguar a sorte ocorrida por seus súditos e tentar repovoar as colônias abandonadas: tais tentativas foram inúteis, pois jamais se conseguiria saber o ocorrido aos dez mil vikings nem haveria quem quisesse habitar as fantasmagóricas cidades.*

Portanto, a ação dos vikings da Groenlândia causaria uma grande preocupação aos Demônios da Fraternidade Branca, os que, desde sua Guarida em Chang Shambala, imporiam a Quiblon a prova de ***fechar a Porta de Thule*** *como meio de acender ao Mais Alto Sacerdócio da Ordem de Melquisedec. Em 1486, Quiblon residia em Portugal, onde estudava as Artes Ocultas e desempenhava um posto de cartógrafo na* ***Tesouraria*** *do Rei. Esse ano o Rei Cristian da Dinamarca solicita a seu primo, o Rei Alfonso V de Portugal, "um bom piloto e cartógrafo para guiar a sua próxima expedição a Thule", a qual teria por finalidade "localizar as colônias cristãs de quem não se tinham noticias há mais de cem anos". Era a oportunidade esperada pelos Rabinos: as notáveis influências que por então possuíam os hebreu na corte portuguesa se põe em jogo para facilitar a nunciatura de Quiblon como piloto da viagem à Groenlândia: o conseguem facilmente, figurando na cédula real como* ***Johannes Scolvus****. Em 1477, pois, Quiblon se apresenta frente às costas da Groenlândia, disposto a empregar toda sua Ciência e sua fé no Criador Uno, para* ***fechar a Porta de Thule:*** *tem êxito em sua missão, e a Fraternidade Branca, e os judeus todos, compreendem que com Quiblon, havia chegado à Terra de um dos Mais Altos Sacerdotes da História, um que será capaz de falar com o Verbo Metatron.*

A expedição de Scolvus, Cólon, não encontrou ninguém na Groenlândia em 1477. Mas ***desde então, a Porta de Thule estará novamente fechada****. É um grande mago hebreu, quiçá tão grande como Salomão, o que chegou às terras geladas do Norte a* ***cumprir o Ritual, a pronunciar as palavras, a expressar os Gestos****. Era necessário que assim fosse, pois a Porta* ***foi forçada*** *por um bravo povo viking, do mais puro sangue hiperbóreo, contra quem nada poderia a magia dos Golen. Pois sempre tem sido assim: os Golen dominaram facilmente os celtas, iberos, ligures, vascos, fenícios, cartagineses e até latinos, mas tratando-se de germanos, é necessário que os maiores Mestres das artes infernais se ocupem deles.*

*Entendo, Dr. Siegnagel, que é quase impossível compreender em quê consistia a missão de Quiblon se não esclareço a natureza desses "****fechar a Porta de Thule****" realizado na Groenlândia. Porém, o que corresponde é explicar* ***como foi aberta a mencionada Porta de K'Taagar, ou Agartha, e que outra ação os vikings efetuaram antes de partir; ação de guerra que normalmente executam todos os povos de Sangue Puro em situações semelhantes, e que causou a preocupada reação dos Demônios da Fraternidade Branca****. A partir de amanhã, então, lhe narrarei em poucas palavras a história de Nimrod, o*

Derrotado, um Rei *da Antiguidade que conseguiu* ***abrir a Porta e golpear o Inimigo antes de partir****: seu conhecimento esclarecerá completamente a questão.*

Qüinquagésimo Segundo Dia

No II milênio a.C. uma invasão trouxe aos Hiperbóreos ***Cassitas*** *à Assíria. Eram oriundos do Cáucaso e portavam uma Pedra de Vênus junto ao estandarte da águia leontocéfala. A águia com cabeça de leão e asas abertas, aprisionava entre suas garras dois carneiros que eram o símbolo do Deus Enlil, Jehová Satanás, adorado na Mesopotâmia por todas as tribos, entre elas os pastores* ***hamitas ou habiros*** *que iriam com Abraão a Palestina e Egito. Este mesmo estandarte seria levado depois, milhões de anos mais tarde, por outros povos "bárbaros", também oriundos do Cáucaso, desta vez de Raça germânica, mas entre as garras da águia já não se encontrariam os carneiros, mas o cordeiro, símbolo desse Deus dos pastores que tentava usurpar a milenar figura hiperbórea de Kristos Lúcifer.*

Os Cassitas vinha seguindo as palavras de seu Deus Arqueiro ***Kus****, quem havia feito pacto com seus iniciados a fim de que tal povo participe na Guerra Essencial. Na Cidade de Borsippa, ao Norte de Nínive, o Rei Nimrod utilizando a técnica numérica dos Zigurate fez construir uma enorme Torre sobre um vértice de energia telúrica. Eis aqui o que se pretendia: "atacar a Morada dos Demônios Imortais", ou seja, Chang Shambala. Este propósito, que pode parecer hoje produto de uma desenfreada fantasia, é sem dúvida perfeitamente possível e a prova disso está no êxito obtido por Nimrod quando sua* ***Elite de guerreiros arqueiros*** *executou e derrubou a vários dos "Demônios Imortais".*

Na Antiguidade, quando a influência do Kaly Yuga não era tão importante e em alguns restantes Atlantes, todavia se conservavam as recordações da Sabedoria Hiperbórea e da guerra contra o Demiurgo, a tarefa de fundar povos e cidades exigia o concurso de Iniciados especialmente dotados. O mesmo para a elevação de ídolos ou efígies sagradas cuja ***utilidade****, que não era a mera adoração, hoje foi esquecida. O elemento mais importante que se tomava conta para tais fundações era* ***a posição das correntes de energia telúrica****. Em* ***segundo*** *lugar figuravam as coordenadas astrológicas às que, portanto, a cegueira dos homens outorga preeminência em algumas épocas. Justamente o poder ou a sobrevivência de alguma cidade dependem da correta situação geográfica em que se erguem e se, por exemplo, cidades como Roma ou Jerusalém tem durado milênios, é porque estão assentadas sobre grandes centros de força. Há milhares de anos os encarregados de precisar o lugar de instalação de uma cidade eram chamados* ***cainitas****, Iniciados sacrificadores que conheciam a Magia do Sangue Derramado. Estes homicidas sagrados, que eram adivinhos, quer dizer, "sensíveis" às forças da Terra, depois de detectar um vértice conveniente, efetuavam o sacrifício humano destinado a "polarizar" a energia telúrica e obter um fenômeno de "ressonância" com o Sangue da Raça, de maneira que o lugar se convertia em "amigo" de seus habitantes e "inimigo" de futuros invasores. De tais assassinatos rituais com fins de fundação recordamos, por exemplo, a Rômulo, que para assegurar a inviolabilidade das muralhas de Roma, deveria executar o seu gêmeo, Remo, etc..*

Farei um breve parêntesis para consultar à Sabedoria Hiperbórea sobre algumas pautas que é necessário ter em conta, a fim de interpretar corretamente a ação de guerra empreendida pelo Rei Nimrod.

Pode-se considerar com toda propriedade que a ***potência*** *de um povo para libertar-se do jugo satânico da Sinarquia depende diretamente das condições esotérico-hiperbóreas de seus Iniciados. Se há homens despertos, suficientemente capazes de localizar as correntes e vértices de energia telúrica, e não desprezam o combate que inevitavelmente traz consigo essa "tomada de posição", então a Raça vai por um caminho de mutação, converte-se em "círculo cerrado" hiperbóreo. Por razões de pureza sanguínea*

são sempre os povos denominados "bárbaros" quem mais perto se acham dessas práxis hiperbórea; mas esses mesmos povos, na medida em que se vão civilizando, ou sinarquizando, perdem **potência** *e, então, se debilita sua* **possibilidade de mutação**. *A* **pureza racial hiperbórea** *de um povo se valida na* **capacidade de seus homens** *para* **despertar** *a Memória de Sangue. A* **potência racial hiperbórea** *de um povo é sua* **capacidade de oposição** *à ilusória realidade do mundo material. Significa tomar parte ativa na Guerra Essencial e, portanto, supõe alguma concepção estratégica hiperbórea. A potência se valida então pela clareza dos fins e objetivos estratégicos que são capazes de formular os homens. E pelos passos efetivos que se dá em tal sentido. O resultado da ação jamais se qualifica por alguma pauta material; mais ainda: a ação jamais se qualifica em absoluto. Para a Sabedoria Hiperbórea o que importa é a Estratégia. Isto é: a clareza de metas e objetivos e a forma de obtê-los, ou seja, a* **potência**. *Em todo caso, a ação de qualifica a si mesma, independentemente dos "resultados". O "êxito" ou "fracasso" de uma ação não tem sentido na Estratégia Hiperbórea, pois tais palavras remetem a conceitos elaborados a partir de uma incorreta percepção do mundo, de Maya, a Ilusão. Pode ilustrar isto uma antiga sentença hiperbórea que diz: "para os Guerreiros Sábios toda guerra perdida na Terra é uma guerra ganhada em outros Céus".*

Voltando ao conceito hiperbóreo da **potência racial** *posso dizer que, em geral, um* **povo potente** *é aquele que havendo identificado ao Inimigo passa à ação de guerra no marco de uma "Estratégia Hiperbórea". E, em particular, que um* **povo de grande potência** *é aquele capaz de* **atravessar o umbral** *e trasladar o teatro de operações ao plano dos Imortais.*

Existem muitas maneiras de **atravessar o umbral**. *Os homens adormecidos, os "Iniciados" no satanismo sinárquico, por exemplo, o fazem durante sua "Morte Ritual", arrastando-se abjetamente ante os sinistros "Guardiões do Umbral", mal chamado às vezes "Veladores", "Vigilantes" ou "Egregoros". Depois de demonstrar sua "evolução" mediante juramentos, pactos e alianças recebem a "iluminação", ou seja, perdem todo o contato com a Origem e sofrem o aprisionamento definitivo ao Plano Universal do Demiurgo Jehová Satanás, Então podem atravessar o Umbral e "Participar" em mil cerimônias ou sabás distintos, de acordo à seita ou religião que os tenha "iniciado", e que tem a surpreendente característica de ocorrer somente na consciência do adepto, pois se trata de uma miserável ilusão. Os "Imortais" de Chang Shambala jamais farão participar a ninguém em suas reuniões que não seja para destruí-lo, portanto, não são poucos os imbecis que crêem conhecer o* **sancta sanctorum** *da Fraternidade Branca e a seu "Instrutor Planetário", o rei do Mundo.*

Mas há uma outra maneira de atravessar o "Umbral", que não requer humilhações nem promessas, e que não implica a total confusão sanguínea do homem como no caso da iniciação sinárquica. É a que consiste em expor orgulhosamente, com as armas na mão, ante os Guardiões do Umbral... e destruí-los.

Pode-se dizer, então: onde está o Umbral? Não se trata de um símbolo "iniciático"? Não é. A Estratégia Sinárquica se baseia em confundir, isto é, tornar obscuro o que deveria ser claro. E uma tática muito utilizada é dar sentido irreal, simbólico, àquilo que se deseja ocultar e, por outra parte, exaltar como real e concreto aquilo que deseja "revelar". Assim, uma realidade como a existência das "portas induzidas" ou "dimensionais" é considerada pelas pessoas sensatas uma fantasia e, por exemplo, utopias como o comunismo, socialismo, a ONU, ou o Governo Mundial, são tidas fanaticamente como possibilidades reais.

O Umbral, ou seja, a entrada ao plano em que moram os Demônios Imortais, pode ser **fixada e aberto** *caso se possua uma técnica apropriada. A Sabedoria Hiperbórea ensina a abrir "portas induzidas", para seu uso em táticas ofensivas, de sete maneiras diferentes. Uma é utilizando a tecnologia lítica. Outras é Vrúnica. Uma terceira aproveita as energias telúricas. Uma quarta é fonética, etc. Mas todas se baseiam na* **distorção do espaço**, *na intersecção de planos e no domínio do tempo.*

Aberta a Porta, por qualquer sistema, deve proceder-se com energia e precisão e causa o maior número possível de baixas ao Inimigo. Pode produzir uma surpresa esta possibilidade, mas o certo é que os "Demônios Imortais" de Chang Shambala **podem morrer**. *Estes "Imortais", "Mestres da Sabedoria", Gurus, Golen, Sábios de Sião, Man in Black, etc., estão irremediavelmente ligados ao Demiurgo. São Imortais enquanto dura a "Criação" material, ou seja, enquanto o Demiurgo mantenha* **sua vontade posta na manifestação**. *Sua existência é a sorte do anima-homem. Mas convém ter presente que na "ilha Branca" de Chang Shambala, junto com os "Demônios Imortais", coexistem, em uma maior hierarquia, os Duzentos Hiperbóreos vindos de Vênus que causaram a mutação coletiva na Terra e aprisionaram aos Espíritos Eternos nos animais-homens que havia criado o Demiurgo. Os Duzentos Hiperbóreos são os Deuses Traidores da Atlântida e os Senhores da Chama de Lemúria. Eles são verdadeiramente Imortais, mas como tomaram corpo físico a fim de copular com a Raça humana, cumprindo seus absurdos papeis de Manu, pode ser desencarnada violentamente, ação que, à parte de transtornar seus planos, tem a virtude de destruir a* **matriz genética** *das presumidas* **Raças raízes**.

Pode-se, então, **matar os Imortais** *que somente são se não se exerce violência contra Eles, pois habitam um lugar do espaço no qual o tempo* **transcorre de um modo diferente**, *de tal sorte que seus corpos se mantém fisiologicamente estáveis em uma "idade determinada". Com esta terrível afirmação fecharei aqui o parêntesis doutrinário que abri mais atrás. Está já, em virtude do exposto, em condições de interpretar a façanha do Rei Hiperbóreo Nimrod. Por exemplo, pode-se agora qualificar aos Cassitas como* **grande potência racial** *por haver levado, de acordo à definição anterior, o teatro de operações à Guarida dos Demônios Imortais. Prosseguirei, então, com o relato.*

Repetirei o fato do início. Os Cassitas haviam pactuado com seu Deus Arqueiro Kus para participar na Contenda Essencial. Eram guerreiros terríveis, perfeitamente capazes de fazer frente às bestas, homens ou Demônios.

Peregrinaram durante anos até que os Iniciados cainitas decidiram que "a Serpente de Fogo" mais poderosa, isto é: o vértice de energia telúrica se achava dentro dos limites da cidade de Borsippa, que já existia e era habitada por uma tribo de pastores habiros. Isso não representou nenhuma dificuldade para um povo decidido a travar combate a Demônios infernais. Em pouco tempo os Cassitas dominavam a praça e seus Iniciados cainitas realizavam os Rituais necessários para "domar" a Serpente de Fogo.

Imediatamente depois pôs em prática uma estratégia adequada para a iminente ofensiva. Dela devemos destacar duas tarefas que demonstram a capacidade dos Iniciados cainitas. A primeira consistiu em treinar uma Elite capaz de resistir à poderosa magia que os "Demônios" empregavam ao abrir-se "a Porta do Inferno". Esta Elite Hiperbórea, ancestral distante das ϟϟ, teria a sagrada missão de exterminar os Demônios, faina alucinante na qual seguramente perderiam a vida ou a razão.

A outra tarefa era, talvez, a mais simples de executar, mas a que requeria maior destreza no manejo da Sabedoria Hiperbórea: construir a "Torre mágica" que, apesar da harmonia de suas exatas dimensões, sua forma e sua funcionalidade, canalizem a energia telúrica **dispersando-a** *em torno do "Olho da Espiral" de energia. Na arquitetura de Templos o mais importante, do ponto de vista da "funcionalidade ritual", é o plano da base, seu símbolo. Os mais utilizados são: a base circular, em cruz, a octogonal, ainda que também se tenha encontrado com base retangular, pentagonal, hexagonal, etc. Mas na arquitetura hiperbórea de guerra podem-se construir edifícios semelhantes a fortalezas cujo plano de base quase sempre é um "labirinto". Deve-se utilizar tal figura devido a exigências técnicas da canalização de energias telúricas e pode agregar que a aplicação da "técnica dos labirintos" é outra das sete maneiras de abrir portais induzidos. Por suposto, não deixarei de repetir, que os produtos dessas*

técnicas hiperbóreas não são automáticos, ou seja, inclui em sua funcionalidade a participação de homens treinados.

No plano de guerra de Nimrod constava, então, de três passos: 1ro) abrir a porta para o plano de Chang Shambala; 2do) chegar ao famoso Umbral da iniciação sinárquica; 3ro) atacar, atacar, atacar...

Para complementar esta colossal Estratégia contava-se uma série de detalhes logísticos como, por exemplo, a eleição das armas ou a possibilidade de usar as antiqüíssimas "couraças mágicas" da Atlântida. Em relação às armas os Iniciados cainitas decidiram que os guerreiros usariam flechas construídas segundo uma antiga fórmula: as plumas seriam de íbis; as varas, de acácia do Cáucaso; e as pontas, de pedra, seriam pequenas estalactites perfeitamente cônicas, recolhidas de umas cavernas profundas e misteriosas que uma tradição xamã afirma se conectarem com o Reino Hiperbóreo de Agartha.

Quanto à "couraças mágicas" é fácil figurar-se hoje, à luz da moderna tecnologia eletrônica, como seria um "campo eletrostático precipitador de matéria", envolvendo todo o corpo. Porém, esta "couraça eletrônica", chamada ***mágica*** *na época de Nimrod, era uma defesa comum nos dias da Atlântida, há uns 12000 anos atrás. Os Iniciados cainitas conseguiram dotar por algumas horas de tal campo protetor ao Rei Nimrod e a seu General Ninurta, pois ninguém mais no povo contava com as condições de pureza necessárias para aplicar a antiqüíssima técnica. Somente dois guerreiros, quando a Atlântida contava com um exército inteiro que empregavam "o abrigo de metal"! Esta técnica sofreu uma lenta degradação até desaparecer completamente devido à confusão sanguínea. Num princípio, quando os Deuses vieram à Terra há milhões de anos, revestiram seu corpo físico com uma "couraça de fogo". Depois na distante Lemúria, os Iniciados, Reis e guerreiros, materializavam minerais pelo qual chamavam "Homens de Pedra". E, finalmente, em pleno Kaly Yuga Atlante, os Deuses Traidores materializavam couraças de metal em torno a seu corpo que os protegiam de golpes ou lanças à maneira de nossas medievais cotas de malha. A couraça atlante e metal materializado é, por outra parte, a origem da lenda judaica segundo a qual Nimrod possuía as "vestimentas" que Adão e Eva luziram no Paraíso. Havia obtido de Cam, um dos filhos de Noé e, mais adiante, depois de lutar com Esaú, outro grande caçador, as havia perdido. Estas lendas se encontram nos Midrash talmúdicos Sepher Hayashar (século XII) e Pirque Rabli Eliezer (90-130 d.C.) e também no Talmud Babilônico (500 d.C.), etc.*

Os Guardiões do Umbral contam também com couraças e armas poderosas, entre elas, por exemplo, o "raio ***Om****", uma arma atlante com a qual os doze "Mestres da Sabedoria" de Chang Shambala podem desintegrar aos discípulos que se mostram indóceis.*

Parece um inimigo terrível armado assim, mas isso é pura aparência, só poderio material. Os guerreiros de Nimrod portariam o Signo hiperbóreo de ***Hk****, a Runa de Fogo, que nenhum "Demônio Imortal" pode enfrentar. E muito menos os Duzentos Hiperbóreos Traidores. Esse Signo representa para eles* ***a verdade****, a recordação da Origem Divina abandonada. E, como a Górgona, não lhes é possível olhar sem padecer grave risco.*

Quando a Torre estava pronta se dispôs, na torre menor do topo, uma coluna metálica de ferro, cobre, prata e ouro arrematada com uma gigantesca esmeralda. Tal pedra havia sido entregue aos Cassitas pelo Deus Kus, quando os comprometeu na luta com o Demiurgo Enlil, jehová Satanás, cuja morada estava na Babilônia. E segundo contavam os Iniciados entre sussurros, a Pedra Sagrada havia sido trazida de Vênus pelos Deuses que acompanhavam a Kus quando chegaram à Terra, antes do homem existir. Durante as muitas décadas que durou a travessia dos "bárbaros" do monte Elbruz, no Cáucaso, a possessão deste "Presente do Céu" foi o estímulo que permitiu afrontar todo tipo de penalidades. Era o ***Centro*** *em torno do qual se* ***formava*** *a Raça; era o* ***Oráculo*** *que possibilitava ouvir a Voz de Deus e era a* ***Tabula régia*** *onde se podiam ler os Nomes dos reis. Era também o*

Signo Primordial *ante o qual os Demônios retrocederiam aterrados e contra o qual nenhuma potência infernal teria poder. Por seu intermédio* ***se abriria no Céu a Porta do Inferno*** *e poderia travar-se o combate sem tréguas contra os servidores de quem aprisionou o Espírito Eterno à Matéria. Muitos povos têm sido chamados "bárbaros" por outros povos mais "civilizados", aludindo a sua "selvageria" e "inconsciência". Mas é necessário ser "bárbaro" para pactuar com os Deuses e tomar parte na Guerra Essencial. Somente a* ***garantia*** *da pureza sanguínea de uns "bárbaros", intrépidos e imunes às ciladas satânicas, pode decidir aos Deuses em por no mundo a* ***pedra angular*** *de uma Raça Sagrada. Em outras palavras, as "ciladas", as tentações da Matéria, estão estendidas em todas as partes e por isso se necessita ser "bárbaro" ou "fanático", mas também ingênuo, "como um menino", ou como Parsifal, o louco puro da lenda arturiana.*

Finalizada a construção do Zigurate, enviaram mensageiros às restantes cidades e aldeias Cassitas, pois seu Reino incluía a Nínive e outras urbes menores, assim como numerosos acampamentos setentrionais que chegavam até o lago Van e inclusive alcançavam as ladeiras do Ararat. Milhares de Embaixadores foi chegando a Borsippa para apreciar a Torre de Nimrod e render homenagens a ***Ishtar****, a Deusa Vênus, e a Kus, seu Deus racial, esposo de Ishtar. Também chegaram do sul, da Babilônia a qual acabaram de conquistar, um pequeno número de seus primos Hititas, com quem os Cassitas partiriam juntos muitas décadas atrás, do Cáucaso.*

Tudo se preparou para o solstício de verão, o dia em que Chang Shambala está "mais perto" de nosso plano físico. Esse dia o povo de Borsippa estava reunido junto ao grande Zigurate e um contraste de emoções se adivinhava em todos os rostos. Os invasores Cassitas, caçadores e agricultores, ou seja, cainitas demonstravam abertamente sua selvagem alegria por culminar uma empresa que lhes havia absorvido várias gerações. E nessa alegria furiosa pulsava a ânsia do próximo combate. Diz um antigo provérbio ariano: "o furor do guerreiro é sagrado quando sua causa é justa". Mas se essa sede de justiça o leva a enfrentar a um Inimigo mil vezes superior, então ***necessariamente*** *deve ocorrer um milagre, uma mutação da natureza humana que o leve além dos limites materiais, fora do Karma e do Eterno Retorno. Leônidas nas Termópilas já não é humano. Será um Herói, um Titã, um Deus, mas jamais um homem comum. Por isso o povo de Nimrod em sua fúria santa pressentia a próxima mutação coletiva; sentia-se elevado e via dissolver-se a realidade enganadora do Demiurgo Enlil. Ferviam de valor e assim purificava drasticamente seu sangue. E esse Sangue Puro, borbulhante de fúria e de valor, ao aglomerar-se nas têmporas traz a Recordação da Origem e faz desfilar ente a visão interior as imagens primogênitas.* ***Subtrai****, em uma palavra, da miserável realidade do mundo e* ***transporta*** *à verdadeira essência espiritual do homem. Nessas circunstâncias mágicas não é de se estranhar que todo um povo ganhe a imortalidade do Valhalla. .*

Contrastando com tal euforia guerreira se advertia uma angústia terrível retratada nos rostos de numerosos cidadãos. Eram quem constituíam a primeira povoação de Borsippa, pastores e comerciantes, que adoravam desde sempre o Demiurgo Enlil..

Segundo suas tradições, Jehová Satanás havia preferido ao pastor Abel e depreciado ao agricultor Caim o que é coerente, pois "pastor é o ofício do animal-homem", filho de Jehová, segundo a Sabedoria Hiperbórea. Por estas razões experimentavam um ódio profundo contra o Rei Nimrod e os Iniciados cassitas. Um ódio como somente podem sentir os covardes, aqueles que em tudo semelhantes aos carneiros e ovelhas que apascentam, se autodenominam "pastores". Esse ódio ao guerreiro é o que disfarçado hipocritamente exalta as "virtudes" do sentimentalismo, a caridade, a fraternidade, a igualdade, e outras falsidades que se conhece muito bem por sofrê-las nesta ***civilização de pastores*** *em que nos tem afundado o judaico-cristianismo da Sinarquia. E esse ódio, que estou considerando, surge e se nutre de uma fonte denominada* ***medo****.*

Medo e Valor: eis aqui dois opostos. Já se viu o poder transmutador do valor, cuja expressão é o Furor do Guerreiro. O medo, em troca, se expressa pelo ódio pusilânime e refinado, o que depois de múltiplas destilações da inveja, o rancor, a maledicência e toda classe de sentimentos insidiosos. O medo é, pois, um veneno para a pureza de sangue como o valor é um antídoto. A exaltação do valor eleva e transmuta, dissolve a realidade. A exacerbação do temor, em compensação, afunda na matéria e multiplica o aprisionamento às formas ilusórias. Por isso os pastores habiros de Borsippa murmuravam entre dentes orações a Enlil enquanto, como hipnotizados de terror, contemplavam a cerimônia cainita.

A primeira hora da manhã, quando Shamash, o Sol, recém despertava, os tambores e as flautas já estavam eletrizando o ar com seu ritmo monótono e ululante. Nas distintas sacadas da Torre as Iniciadas dançavam desenfreadamente enquanto repetiam sem cessas Kus, Kus, invocando ao Deus da Raça. Os Hierofantes, em número e cinqüenta, oficiavam os ritos prévios à batalha instalada em torno da enorme mandala labiríntica, construída no piso da pequena torre superior, com mosaico da lapis lazuli, réplica exata do labirinto da base do Zigurate. Em todo recinto predominava a cor azul, destacando-se com intenso e tilintante brilho o gramado verde Esmeralda, consagrado ao Espírito de Vênus, a Deusa que os semitas chamavam Ishtar e os sumérios Imnina ou Ninharsag.

Enquanto os Hierofantes permaneciam sob o teto da torre superior, fora, nos corredores laterais o Rei Nimrod e deus duzentos arqueiros se preparavam para morrer.

O clima bélico ia ***"in crescendo"*** *à medida que se passavam as horas. Perto do meio dia podia observar-se um vapor ectoplasmático de cor cinza que se empastava pelas colunas da torre superior e girava languidamente ao redor desta, envolvendo em seus caprichosos caracóis aos imperturbáveis guerreiros. Dentro da torre, o vapor cobria a totalidade do recinto, mas não ultrapassava a cintura do mais alto dos Hierofantes.*

A multidão permanecia petrificada observando a cúspide da enorme Torre assistiu atônita, a um fenômeno de corporização do vapor. De início, somente alguns o perceberam, mas agora era visível para todos: a nuvem adotava formas definidas que permaneciam um momento para dissolver-se e voltar a corporizar-se novamente. O "motivo" principal dos misteriosos relevos do vapor constituía fundamentalmente figuras de "Anjos". Anjos ou Deuses; mas também Deusas e meninos. E animais: cavalos, leões, águias, cães, etc. E carros de guerra. Era todo um Exército Celeste o que se materializava na nuvem vaporosa e girava lentamente ao redor da torre. E ao passar os carros de combate, puxados por briosos corcéis alados, os Anjos Guerreiros atentavam claramente a Nimrod. Também o faziam as mulheres, mas convém que nos detenhamos um instante nelas, porque a simples contemplação de sua beleza hiperbórea basta para iluminar o coração do homem mais passivo e arranca-lo das garras do Engano. Ah, as mulheres hiperbóreas! Tão belas! Luziam uma saia curta ajustada na cintura por delgado cordão do qual pendia, ao lado, a bainha de uma temível espada. O arco cruzado sobre o peito e, nas costas, a nutrida aljava. As tranças de ouro e prata de um canelo que se adivinhada tão suaves e ligeiros como o vento. E os Rostos; que seria capaz de descrever os Rostos esquecidos, depois de milênios de engano e decadência? Rostos que, entretanto, estão gravados a fogo na Alma do guerreiro, quase sempre sem que o mesmo o saiba. Quem ousaria falar desses olhos cintilantes de fria coragem que irresistivelmente incitam a lutar pelo Espírito, a regressar à Origem, olhos de aço cujo olhar animará o Espírito até o momento anterior ao combate, mas que, depois da luta, milagrosamente, serão como um bálsamo de Amor gelado que curará toda ferida, que acalmará toda a dor, que ressuscitará eternamente ao Herói, aquele que se mantém tenazmente no Caminho do Regresso à Origem? E quem, finalmente, se atreveria a mencionar sequer seus sorrisos primordiais ante os quais empalidecem todos os gestos humanos; ante cujos sons melodiosos se apagam as músicas e rumores da terra, riso transmutador que jamais poderia ressoar entre a miséria e o engano da realidade material e que, por isso, somente pode ser ouvido por quem também sabe escutar a Voz do Sangue Puro? Impossível tentar esboçar a imagem

puríssima daquelas mulheres hiperbóreas, eternas companheiras dos Homens de Pedra, cuja projeção no vapor ectoplasmático de produzia graças à poderosa vontade dos Iniciados cainitas. Somente agregarei que tais imagens eram enormes. Enquanto as outras figuras giravam a certa distância dos guerreiros Cassitas, Elas se desprendiam para abraçá-los e acaricia-los, e então podiam apreciar-se seus tamanhos. Dobravam em altura ao Rei Nimrod, o guerreiro mais alto de Borsippa.

O povo via claramente essas efusões e, ainda que fosse evidente que as Deusas falavam aos guerreiros em tom imperativo, enquanto apontavam para o céu, ninguém, dentre eles, puderam ouvir se realmente aqueles fantasmas emitiam algum som, pois o ritmo frenético das flautas, tambores, tímpanos e harpas, era ensurdecedor. Mas talvez as mulheres hiperbóreas estivessem falando diretamente ao Espírito, talvez suas vozes se deixassem ouvir dentro de cada guerreiro como que sentem os Augures...

Envoltos nesse frenesi, mas momentaneamente pasmos de assombro pelas alterações da branca nuvem, os cidadãos de Borsippa não advertiram quando uma das Iniciadas abandonou a dança. Subiu correndo os degraus que faltavam para chegar à torre, mas antes de entrar o vapor tomou a forma de uma multidão de crianças aladas que revoavam em torno dela, derramando sobre sua cabeça etéreos líquidos de etéreas ânforas. Contudo, tais manifestações sobrenaturais não a detiveram. Ungida dos pés à cabeça pelos graciosos querubins avançou resolutamente e ingressou na torre. Os cinqüenta Hierofantes, ao perceberem sua irrupção, cessaram todo canto, toda invocação, e voltando-se a ela a olhavam fixamente. Ao final a Iniciada deteve seu ligeiro passo diante da entrada do labirinto e, sem dizer palavra, tirou de um cordão e deixou cair sua túnica, ficando completamente nua... Salvo as jóias. Estas eram sumamente estranhas: quatro pulseiras de ouro **serpentiformes** *que levava enrolada em cada tornozelo e em cada pulso, um colar semelhante às pulseiras; uma tiara cravada de pedras leitosas e opacas; dois brincos e dois anéis serpentiformes e uma pedra vermelha no umbigo.*

De todo o conjunto o que mais impressionava pelo estranho desenho e a habilidade dos ourives, eram as pulseiras. Cada uma dava três voltas; as da perna e braço esquerdo com a cauda da serpente para fora e a chata cabeça para o interior do corpo. As pulseiras enroladas na perna e braço direito mostravam a serpente como "saindo" do corpo; no colar, a serpente apontava com sua causa para a terra e a cabeça, estranhamente bicéfala por sua vez, posicionando justamente debaixo do queixo. Todas as serpentes tinham umas pequenas pedras verdes incrustadas nos olhos, e o corpo trabalhado e esmaltado de cores vivas. Ao ver estas maravilhosas peças de ourivesaria ninguém havia suspeitado que fossem, na realidade, delicados instrumentos para canalizar energias telúricas. A garota é de uma beleza de tirar o fôlego. Pode-se observa-la enquanto percorre com passo seguro o labirinto, que parece conhecer muito bem, pois quase não se distingue o piso, sob a densa nuvem de vapor ectoplasmático. Caso chegasse a errar o caminho, se desse com uma vala, seria tomado como um mau presságio e deveria suspender a operação até o próximo ano. Mas a Iniciada não vacila, tem aberto os Mil Olhos do Sangue e vê lá embaixo, na base da Torre, como a energia telúrica, qual irresistível serpente de fogo, também percorre o labirinto ressonante. E tonos confiam nela, na terrível missão empreendida que começa ali, mas se prolonga em outros mundos. Confiam por ser uma Iniciada maga, nascida de uma família de videntes, de sangue tão azul que as veias parecem desenhadas como árvores densas sob a pele transparente. Todos pensam nela enquanto percorre o labirinto cantando o hino de Kus.

Os Hierofantes contém a respiração enquanto as esbeltas pernas da Iniciada percorrem com destreza os últimos vãos do mosaico-labirinto: já está por chegar à "saída" Triunfou!

Mas esse triunfo significa a morte, segundo se verá. Justo ao final do labirinto se encontra a colina de pedra e metal onde refulge com raro brilho a Esmeralda hiperbórea. A Iniciada de deteve frete a ela e, elevando os olhos ao céu, sobre os três degraus que conduzem à base da coluna, a qual é de baixa estatura, pois a Esmeralda apenas chega ao nível dos quadris. Coisa curiosa: a Esmeralda foi talhada em forma de vagina, com uma fenda central, a qual é possível ver, pois se acha na face superior, que se

encontra frente ao teto do templo. No entanto, a Iniciada apesar de encontrar-se nua, não é possível observar-lhe o sexo porque uma dobra de carne lhe cobre o baixo ventre, absolutamente sem pelos. Essa característica física que hoje em dia só conservam as mulheres bosquímanas, é a prova mais evidente de sua linhagem atlante-hiperbórea. As mulheres cromagnon possuíam uma "saia natural de pele" e as antigas egípcias das primeiras dinastias também, como podem comprovar-se em numerosos baixo relevos.

A Iniciada recorreu o labirinto, "guiando" a serpente até o templo superior e a conduzido através da coluna de pedra e metal. Agora sua ígnea cabeça começa a pressionar debaixo da Esmeralda hiperbórea, incendiando-a magicamente e banhando de luz verde o enorme recinto e a todos seus ocupantes. Lá fora o retumbar de tambores e flautas adquiriu um ritmo tão rápido e uma intensidade tal que torna impossível pensar ou fazer outra coisa que não seja contemplar o Zigurate, a torre de cima rodeada por Nimrod e seus arqueiros. Estes últimos, entretanto, observam através das colunas a cena interior, invisível para o povo reunido na base do Zigurate.

Qüinquagésimo Terceiro Dia

É já meio dia, o momento preciso em que Shamash se encontra no alto. A voz grave de um dos cinqüenta Hierofantes se dirige à bela Iniciada, falando com frases curtas, pronunciadas com a cadência de uma oração ritual.

- Oh, Princesa Isa,
A sorte da Raça está em tuas mãos.
Temos percorrido muitas terras
E atravessado incontáveis paises,
Para chegar até aqui,
Buscando dar a Batalha Final.
Anos de caminhos e penúrias
Desde que abandonamos as montanhas sagradas
Onde nascemos duas vezes
E em cujo cimo Kus nos reunia
E nos falava dos Tempos Primordiais.
Conhecemos nestes distantes dias
Que não somos daqui.
E, depois de recordar nossa Divina Origem,
Como poderíamos permanecer ali,
Enganados por Enlil, o "Ancião" Enlil?
Sim, tudo se envelheceu ante nossa vista.
Os campos se esgotaram subitamente.
As flores tornaram horrível seu perfume,
E o calor de Shamash já não nos pareceu bom.
Logo vimos as espigas raquíticas
E até as montanhas perderam sua imponente altura.
Tudo isso ocorreu quando olhamos o mundo
Depois de que o Sábio Kus
Falara-nos do Céu esquecido
Enchendo-nos o peito de nostalgia.
Então foi quando decidimos
Empreender o Caminho do regresso à Origem.
E cobrar caro a traição dos Demônios
Que nos haviam enganado com sua magia.
Muitos fomos os que partimos
Da montanha sagrada,
Para distintas direções.
E muitos são os Reis
Que com seus povos hiperbóreos
Buscam desde então
O Caminho do Céu.
Mas Kus nos havia advertido
Que alguns não chegariam logo

Voltariam a ser enganados
Pelos astutos Demônios.
Mas a nós nos dirigiu certamente
Porque não temos outro fim
Que conquistar o Céu.
Guia-nos o invencível Nimrod
A quem Ele teme
Porque seu Sangue é Puro
Tão azul como o mar
E tão vermelho como o amanhecer de Shamash.
Somos um povo valoroso como o leão
E voamos alto como a águia,
Mas nosso olho é agudo
E nossas garras despedaçam o Inimigo.
Somos um povo duro
Que não conhece o perdão
E não dá trégua na luta.
Conduz-nos Nimrod
Arqueiro como não há outro na Terra.
As estrelas o desenharam
Caçando no céu;
Levamos conosco
A Pedra Verde de Kus
Para que não ***voltemos*** *a nos perder.*
Que mais podemos pedir?
Apartem-se, Demônios infernais!
Porque há aqui ***um povo desperto***
A quem não poderão atemorizar
Nem enganar jamais.
Em guarda, Demônios malditos!
Porque se levanta uma Raça indômita
Que os apresentará combate de morte.
Hoje o caminho chegou a seu fim.
Atrás ficou o grande mar Kash
E o país de Kashshu;
Sepultados nas rotas pisadas
Permanecem nossas mulheres e crianças,
Nossos anciãos e os melhores guerreiros.
Muitos caíram pela glória de Kus
E por seguirem o heróico Nimrod,
O chefe que nos conduzirá à vitória
Neste ou em outros céus.
Em Borsippa temos acampado
Para construir a Torre mais alta do mundo
E domar a Serpente de Fogo.
Como nosso Zigurate não há outro

Nem na Babilônia nem em Assur,
Nem no distante Egito,
Nem na terra dos ários.
Desde que o Dilúvio cobriu a Terra
E castigou aos Demônios
Que habitavam nas ilhas de Ruta e Daitya
Não se tem visto outra Torre igual.
Os Deuses se alegram por nós
E os Demônios nos temem.
Quanto trabalhamos para construí-lo!
Oh, Isa, esse esforço não deve ser em vão.

A Iniciada se achava no mesmo lugar, parada em frente a Esmeralda de Kus, guardando respeitoso silêncio enquanto seus olhos, belamente rasgados se mantinham fixos no Hierofante.

Este continuou com seu monólogo:

Viemos aqui para morrer lutando
E tu, doce Princesa,
És escolhida para morrer primeiro
Para abrir-nos a Porta do Céu.
Castigaremos aos Demônios
E vingaremos tua morte, divina Isa,
Filha da Serpente de Vênus!

Empalideceu visivelmente a formosa Iniciada cainita; porém, seus olhos brilharam ferozmente enquanto de sua boca brotaram estas valentes palavras:

- O Construtor de Mundos de Ilusão,
O infame Enlil,
Afundou-se num sonho eterno,
Enquanto seu corpo fecundado
Nasce e renasce em tudo existente.
Ele se aliou com os Demônios
Que habitam em Dejung,
A cidade mil vezes maldita,
A cidade do Horror e do Engano,
Cuja Sétima Muralha
Possui uma entrada oculta
No país dos homens amarelos.
Ele confiou nos Demônios
Para que prossigam sua obra perversa.
E eles nos aprisionaram
E nos impedem de regressar ao mundo de Kus
Onde se encontra o Palácio
Do verdadeiro Deus ***HK***
Cujo nome não pode ser pronunciado ***sem morrer****.*
Mas ainda que Dejung esteja distante,

Suas Portas estão em todas as partes.
Sete Portas a circundam.
A Demônia Dólmã possuía as chaves
Mas somente os loucos se deixariam guiar por ela.
Como cercariam então
Os valentes Cassitas
A fortaleza de Dejung?
Si os Demônios já sabem
De nossos santos propósitos
E se seu olho está cravado em nós
Da torre de Kampala?
O faremos como nos ensinou
Nosso Deus Kus, o Senhor de Vênus,
Despertando do sonho
Ao miserável Enlil e obrigando-o
A abrir a Porta do Céu
E estender a ponte
Sobre as lúgubres muralhas
De Dejung Kampala.
Iniciados Cassitas! Vejam todos
Que Enlil desperta!
O Deus que Dorme é um idiota,
Gosta de flautas e tambores,
De danças e de cantos
E que adorem Seu Nome,
Mas também deseja sangue
Pois pai é de sacerdotes,
De sucio pastores e sacrificadores.
Somente o ***Sangue Puro***
Fará brotar o monstro
Das profundidades.
Procedam, Hierofantes!
Que Isa está disposta
A morrer na guerra,
De todos, a primeira!
Viajarei pelos mundos
Onde os mortos velam,
Os Demônios espreitam
E os Deuses esperam.
Acompanhar-me-á Kus
A quem todos respeitam.
E em nome de Nimrod
Obrigarei à Besta
Que abra as Portas
Para o bem de nossa canção.
Procedam, Hierofantes,

Que Isa está disposta!

Nesse momento três coisas sucederam simultaneamente: o Sol chegou a seu zênite, a música cessou de golpe, inundando os ouvidos de silêncio; e de uma punhalada certeira o Hierofante tirou a vida da bela Princesa Cassita. O punhal de jade degolou limpamente o pescoço por cima do colar bicéfalo. Dois Iniciados sustentaram o corpo exânime enquanto o sangue caia aos borbotões sobre a brilhante gema e se introduzia em sua fenda uterina, convertida agora em ávida garganta. Então começaram a ocorrer as coisas mais maravilhosas que os olhos humanos contemplaram desde muitos séculos atrás. .

Os que se encontravam dentro da torre puderam contemplar uma cena terrível: ao cair o sangue apagou-se por um instante a luz que emanava da Esmeralda, mas depois, como uma flecha, uma coluna de fogo elevou-se abruptamente do piso da torre, envolvendo o pedestal e a gema. O corpo da Princesa jazia no chão, impossível de ver sob impenetrável nuvem de vapor geoplasmático que, a cada instante, se fazia mais densa. Contudo, uma imagem espectral, com sua mesma beleza desnuda, podia observar-se claramente junto à coluna de fogo entregue a uma espécie de oposição. O prodígio ígneo, que num primeiro instante não superava a espessura de uma pata de elefante, era agora tão largo como um círculo de seis homens. Inicialmente havia serpenteado ferozmente semelhante a um infernal ofídio, mas depois, ao expandir-se, foi adotando lentamente a inconfundível figura de um Dragão. Era um Dragão flamejante cuja espantosa imagem se fazia a cada instante mais nítida, à medida que aumentava a oposição do fantasma da Princesa Isa.

Convém esclarecer que só havia transcorrido uns minutos desde que a Princesa expirara até o momento em que se materializara o monstro de fogo. Convém esclarecer, porque à partir dali tudo sucedeu demasiado rápido... ou talvez as testemunhas perderam a noção do tempo.

Logo as faces daquela besta primitiva, aquele Leviatã, Rahab, Behemoth, ou Tehom-Tiamat exalaram um rugido terrível, ao mesmo tempo em que uma enorme labareda varria a estância, consumindo e carbonizando numerosos hierofantes. Somente os sobreviventes puderam observar o inacreditável espetáculo daquela besta de fogo ***montada*** *pela Iniciada morta. A Princesa Isa, seu fantasma, havia montado na cabeça do monstro, sentando-se entre as asas triangulares do escamado lombo. Essa audácia fez com que o monstro emitisse o infernal rugido e a mortífera chama. Não obstante, tal reação e as ferozes sacudidas da besta, a Princesa Isa repetia imperturbavelmente essas palavras:*

- Espírito de Enlil, de El, de Yah, de Il
Que fecundas a Terra
E produzes a vida
E engana aos homens
Com tua falsa opulência
E essas ilusórias riquezas que ofereces.
Deus que em alguma vez estivera no alto
Mas que agora está caído
E te tornaste completamente idiota,
Não nos aprisiones também a nós
Neste Universo infernal
Que construíste
Imitando o verdadeiro Céu.
Nós ***nos iremos***
Porque já estamos fartos de ti

De todas tuas trapaças,
E dos Demônios que te secundam.
Abra a entrada do antro infernal
Onde moram teus obreiros sequazes!
Conjuro-te a fazê-lo, El,
Em nome do verdadeiro Deus,
Pai de Kus
A que tu traíste!
*Por **HK**!*
Conjuro-te a abria a Porta
*Em nome de **HK**!*

Ao ouvir este Bendito Nome a fera se contorceu instantaneamente no chão da torre, enrolando-se em torno da coluna de pedra e metal. Sua cabeça, porém, balançava ameaçadoramente sem que esse alarde afetasse a presteza da espectral Iniciada, que se mantinha firmemente montada em seu lombo. O Dragão telúrico não demonstrava intenções de obedecer, atitude que levou a valorosa Princesa a obrar de maneira drástica. Inclinando-se, estirou a mão fazendo o gesto de tocar seu próprio sangue que abundava na Esmeralda hiperbórea. Ato seguido, disse:

Este sangue que hoje foi derramado
E sobre o qual te precipitas,
Senhor de todas as coisas,
É meu sangue; um sangue sagrado
Da linhagem dos Deuses de Vênus.
*Nele **está a memória***
De nossa Origem Divina
*E do verdadeiro Deus **HK**.*
Com sua substância untei meus dedos
E agora traçarei em tua fronte
O Signo da Origem.
Ante ele não existe defesa.
Conjuro-te a que abras a Porta
Enlil, rei dos Pastores,
*Em Nome de **HK***
E do Signo Sagrado!

A Princesa desenhou rapidamente seu símbolo na fronte do monstro e eis aqui que o prodígio maior ainda não havia sido alcançado. A horrível criatura de fogo disparou pra cima, como uma mola, atravessando o teto da torre e levando em suas costas a bela gineta.

Os que estavam fora, nos corredores e ao redor de sua base, ainda faziam silêncio, pois somente havia transcorrido alguns minutos desde que cessara a música e porque os terríveis rugidos que emitia o monstro, invisível para eles, bastava para silenciar qualquer garganta. No momento que a Princesa desenhava o Signo primordial e o Dragão se elevava, um grito de espanto brotou de todas as bocas. Junto à torre, não muito distante de seu teto, o Céu se abriu como se houvesse rasgado uma tela.

*Uma negra abertura era agora claramente visível para todos os que presenciavam o estranho fenômeno. E o mais curioso e **anormal** era que o tenebroso buraco **ocultava totalmente** o Sol,*

apesar de que este, por achar-se muito mais alto, ***deveria ser visto*** *de algum ângulo distante. Porém, ninguém viu mais ao Sol, ainda que sua luz seguisse iluminando o meio dia como se estivesse em seu zênite. É compreensível que submetidos a tão intensas emoções ninguém se preocupasse com a sorte do Sol, pois, enquanto que o terror havia paralisado aos covardes habiros, os Cassitas uivavam de fúria elevando os punhos ao céu. É que o espetáculo era impressionante e justificava qualquer distração. O monstro de fogo, depois de que a Porta do Céu se abrira, havia se transformado totalmente. Num primeiro momento pareceu como se a espantosa cabeça houvesse introduzido na tenebrosa abertura já que somente era visível um cilindro resplandecente, como um halo de fogo, que surgia da torre e se internava nas alturas, Mas depois foi evidente que uma metamorfose estava ocorrendo e ao cabo de uns segundos um novo prodígio se oferecia à atordoada vista dos habitantes de Borsippa. Primeiro tornou-se bulboso e se cobriu de protuberâncias, enquanto mudava de cor e se tingia de marrom; depois, muito rapidamente, os bulbos se estenderam para fora e se transformaram e afiados ramos cobertos de agudas pontas e de algumas folhas verdes; apenas um segundo depois era uma gigantesca árvore de espinho o que se erguia, insolitamente, sobre o Zigurate do Rei Nimrod.*

Da base da Torre somente se via parte do tronco e da folhagem superior, pois a copa parecia perder-se dentro da Porta do Céu enquanto que a raiz permanecia oculta à vista, no interior da torre, Mas o que vale a pena destacar é que, mal se completou a metamorfose, desapareceu todo vestígio de fogo, energia ou plasma, e o fenômeno se estabilizou, não produzindo mais mudanças. Parecia, então, como se a árvore espinhosa houvesse estado sempre ali... se não fosse pela sinistra rasgadura do Céu que surgiria atrozmente todo tipo de anormalidades e alterações de ordem natural.

Mas ninguém dispôs de tempo suficiente como para horrorizar-se. Nem bem se ***abriu o Céu*** *duas figuras correram velozmente à última rampa, a que conduzia à terraça da torre e, já ali, tencionaram os arcos apontando para o Umbral. Eram Nimrod e Ninurta, o Rei e o bravo General, os únicos guerreiros que possuíam a couraça de metal e que, por isso, avançavam primeiro, protegidos pela Elite de arqueiros.*

O Rei e o General apontavam seus arcos para as trevas da abertura tratando de distinguir um branco quando, subitamente, duas figuras emergiram brandindo suas espadas. Os Demônios, com aspecto de "homem da raça branca", de cinco cotovelos de altura, pareciam flutuar no ar, mas de alguma maneira obtinham ponto de apoio, pois conseguiam descarregar suas espadas sobre os heróicos arqueiros. As folhas relampejavam ao sulcar o espaço, mas rebotaram sem penetrar nas couraças de Nimrod e Ninurta, Contudo, o impacto fez a estes rodarem aturdidos pelo teto ta torre que fazia às vezes de última terraça.

Uma chuva de flechas se abateu então sobre os "Demônios Imortais" e, ainda que muitas delas rebatessem em suas couraças, outras tantas penetravam crivando-os. Caíram os gigantes malferidos junto ao Rei Nimrod que rapidamente os decapitou, hasteando suas enormes cabeças ante a efervescente multidão.

Enquanto o Rei Nimrod fazia isto e depois arrojava pra a multidão o sangrento troféu, o General Ninurta, acompanhado por parte da Elite guerreira, começou a trepar pela árvore Enlil que unia o Céu com a Terra. Pela primeira vez em milhares de anos um grupo de Guerreiros Sábios se prestava a tomar de assalto a Chang Shambala!

Rogo-lhe, Dr. Siegnagel, que permita fazer um breve alto no relato para que possa expressar em um poema o que passa em meu Espírito ao evocar a última gesta maravilhosa daquele povo que sabia o que fazia, em meio a um mundo que era pura confusão. Depois retornarei novamente o relato, no preciso momento em que os guerreiros de Nimrod se prestavam a invadir o Umbral da iniciação sinárquica.

Valorosos guerreiros Cassitas!
Sua façanha iluminará eternamente
A todos os povos hiperbóreos
Que decidam tomar o Céu por assalto
E regressar à origem primordial
De que Jehová Satanás os tem privado.
Porque eles combateram aos Demônios
E despertaram do Grande Engano.
Mas até agora ninguém tem conseguido
Igualar a glória de Nimrod, "o Derrotado".
Por isso os que aqui ficamos
Devemos tentar novamente
Junto a Kristos Lúcifer, "o Enviado".
O Deus dos que "perdem" durante o Kaly Yuga,
E os Deuses Leais ao Espírito do homem
Que aguardam o momento designado
Em que doze homens
Do Sangue mais Puro
E um Siddha
Reunir-se-ão ao final do Kaly Yuga
Em solo americano.
Então, o Gral será encontrado
E depois de mil anos de traições
Cairá a venda dos olhos, despertando;
A Porta novamente se abrirá
E Chang Shambala com seus Demônios
Será definitivamente aniquilada.
Mas até agora ninguém conseguiu
Igualar a glória de Nimrod, "o Derrotado!
É certo que poucos tentaram:
Alguns iberos, alguns celtas,
Troianos, aqueus, dórios e romanos,
Muitos godos e muitos germanos.
Mas ninguém até agora conseguiu
Igualar a glória de Nimrod, "o Derrotado".
Talvez em Montsegur os Cátaros
Ou os Cavaleiros teutônicos
De Frederico II Hohenstauffen,
Ou o maior de todos,
Nosso Führer, com seu Eixo mágico
E um povo valoroso que ante nada retrocede;
Acaso como Ele ninguém buscou.
E assim muitos a Eternidade ganharam
E deste Inferno marcharam.
Mas não definitivamente,
Pois uma batalha Final será livrada

E voltará Wothan, e Wiracocha,
Heracles, Indra e Quetzacoatl,
De Valhalla chegarão cantando,
Rodeados de Walquírias primorosas
E música de outrora.
E Eles levantarão Exércitos enormes
De Vivos, Imortais e Ressuscitados.
Uma só virtude será exigida:
Chama-se ***Honra*** *e dignifica o homem*
Que do engano tenha despertado.
A Guerra será Essencial
E o Demiurgo e suas hostes, derrotado,
Libertarei finalmente aos Espíritos Eternos
Que de Vênus chegaram
Para que voltassem onde Deus espera.
Num mundo que não se tenha criado.
E ao partir do Universo de Matéria,
Da loucura, do Mal e o Grande Engano,
Os que regressam cantarão em coro
As façanhas de Nimrod, "o Derrotado"!

Prosseguirei agora com o relato. A arvore Enlil possuía ramos espaçados e retos que na realidade eram enormes pontas, de modo que se podia trepar por eles como se tratasse de uma gigantesca escada. Foi justamente isto o que fizeram os valentes Cassitas, preparando se para subir pela árvore e sitiar a "Porta do Céu". Nem bem o General Ninurta e cinqüenta guerreiros treparam o suficiente, comprovaram que se encontravam frente à entrada de uma caverna, ou a imagem de uma. Saltaram audazmente da árvore, sem saber ainda se podiam ficar em pé no misterioso mundo ao que entravam pela "Porta do Céu", e se acharam num solo claramente rochoso. Alguns se voltaram para olhar a árvore que se perdia em insondáveis alturas; e também a beira de um abismo, a poucos metros de onde estavam parados, pelo qual se distinguia a muitos pés de distância: o teto da torre de onde emergia o gigantesco tronco; o Zigurate. Os homens do povo reunidos em torno; e o perímetro amuralhado da cidade de Borsippa. Contrastando com a intensa luz exterior, onde, todavia seguia sendo meio dia, uma suave penumbra reinava naquele lugar. Porém, havia luz suficiente para distinguir os detalhes da sinistra caverna: viam-se sete escadarias de pedra e, a partir da última, um passadiço que se perdia na distância. Mas sobre a entrada, seguindo a curva de seu arco, estavam cravados sete estandartes triangulares. Cada um levava escrito uma legenda, em outras tantas línguas diferentes. Em seu próprio idioma cassita puderam ler:

Não ouseis pordes os pés neste ***umbral***
Se antes não estiveres morto às paixões
E às tentações do Mundo.
Aqui somente se chega para renascer
Como Iniciados na Fraternidade Branca.
Mas para obterdes tal privilégio
É necessário que morras primeiro.
Adeptos: se ainda estivéreis vivos,

Se a chama do desejo primordial
Ainda arde em vossos corações,
Caso conservais a ***memória***
E alimentais o ***propósito****,*
Então fugi, enquanto é tempo!

Evidentemente tratava-se de uma manobra estratégica. A legenda, aparentemente destinada a pretensos adeptos à iniciação, tinha por objetivo desconcertar e provocar a dúvida aos intrusos. Contudo, longe de conseguir esse fim, a mensagem arrancou instantâneas gargalhadas nos guerreiros Cassitas.

Pela árvore espinhosa viam já trepando Nimrod e Ninurta, seguidos por outra esquadra de arqueiros. Logo estiveram reunidos e como nada ocorriam se dispuseram a ingressar na infernal caverna.

- Isa, Isa! – começou a chamar aos gritos o Rei Nimrod, alarmado pela ausência da Iniciada a quem ninguém havia voltado a ver desde que o Dragão se elevara até o Céu. Nesse momento alguém notou que os estandartes haviam apagado sua tentadora mensagem e se reescreveram sozinhos, persistindo naquela tática de dirigir-se aos guerreiros com palavras enganosamente ***espirituais:***

- Viajantes Cassitas,
Neste lugar somente achareis a loucura
Aquele que não possua um Coração justo
E uma Alma doce e devota
Capaz de adorar ao Grande Arquiteto do Universo
E servi-lo em sua Grande Obra.
Vós não possuís totalmente estas virtudes.
Contudo, sois afortunados, Cassitas!
Ainda que equivocados em vosso ***propósito***
O saber chegar até aqui vos favorece
E por isso vos faremos uma oferta
Pela última vez, agora e para sempre*:*
Ofertamos-vos servir, junto a Nós
Ao Uno, Senhor do Grande Alento,
Criador da Terra, do Céu e das Estrelas,
De incontáveis Mundos semelhantes a este,
Que resultam inconcebíveis para qualquer mortal.

Sois valentes e puros, Cassitas,
Mas haveis sido enganados pelo Demônio Kus
Que vos mostrou um Paraíso inexistente.
Devei abandoná-lo, e aceitar o Plano do Uno.
Oferecemos-vos agora ***passar as provas***
E servir ao Deus Uno a Nosso lado.
Pensem bem, Cassitas,
Haveis matado a dois de nossos ***Hiva Anakim***
Os Sagrados Guardiões do Umbral
E isso é grande falta pela qual devereis purgar.
Contudo, ainda vos oferecemos servir,
Nas fileiras da fraternidade, ao único Deus.

Casos o decidem agora, se aceitais o trato,
Deveis deixar as armas no Umbral
E despojar-vos de toda intenção agressora,
E os signos malditos que portais.
Aceitai logo, Cassitas!
Porque é oportunidade única a que vos damos.
Aceitai e podereis atravessar sem perigos
O corredor que está ante vós.
Mas tenhais presente que deveis cruzá-lo
Com o arrependimento na Alma
Porque em seguida alçareis a um lugar Muito Santo
Chamado "o Templo da Sapiência",
Onde serei Iniciados nos Mistérios do Uno.

Olharam-se vacilantes Nimrod e Ninurta, esperavam achar inimigos formados para o combate, mas ali só havia estúpida magia. Os estandartes, com as palavras que foram vistas, haviam atraído misteriosamente a atenção dos Cassitas. Entre os guerreiros, alguns não sabiam ler, mas, estranhamente, a mensagem chegava iguais a suas mentes. E, ainda que não entendessem muito os conceitos empregados, ***sabiam*** *perfeitamente que se tentava* ***compra-los****, toda vez que se lhes propunha uma* ***oferta****, suborna-los para que abandonassem a luta e se rendessem sem apresentar batalha. Os Cassitas derrotados, desarmados com "palavras"? E qual seria o preço cobrado por tão covarde claudicação? Nada menos que servir ao odiado Enlil... Um murmúrio se elevou da Elite guerreira: tentavam engana-los e a parte se havia insultado a seu Deus Kus. O sangue fervia nas veias dos heróicos Cassitas. Mas a mensagem prosseguia:*

Caso aceitais Nossa generosa oferta
Convertereis-vos nos ***Guerreiros da Rosa***
Aprendereis a ***Doutrina do Coração***
E, mercê a esta Sabedoria,
Descobrireis em vosso próprio Coração
A Ele, Aquele por quem sois tudo,
Ao Ancião dos Dias,
Ao Senhor dos Eternos Verões,
Ao Kumara Sanat.
Caso aceitais, lutareis sempre por Ele
E por seu Povo Eleito Habiro,
Cuja semente encontra-se mui próxima a vós.
Caso aceitais, regressareis ao mundo
Como Adeptos Iniciados
No mistério do ***Kalachakra***
A Ciência mais poderosa da Terra.
E graças a seus segredos
Sereis os homens mais fortes,
Não haverá inimigo que os possa enfrentar.
Serei Magos respeitados,
Generais vitoriosos,

Reis invencíveis,
Homens riquíssimos,
Depositários de um Poder
Como nunca se viu.
Compartireis a glória de reinar no Mundo
Junto à ***linhagem escolhida por Ele***
No dia não distante em que Ele,
Como ***YHVH*** *Sebaoth*
Apresentar-se-á ante povos numerosos,
Adoradores da Matéria,
E lhes conduzirá com braço firme
À Sinarquia de Seu Poder...

- Nãooo! – Ressoou como um trovão a voz de Nimrod – Não olhem para o maldito estandarte! Sua voz está fora, no Mundo do Engano. Que lhes diz vosso Sangue Puro, guerreiros Cassitas? Não aprendemos de Kus, o Hiperbóreo, que tentariam comprar nossas armas? E não nos disse Kus, além das montanhas distantes, que ceder aos Demônios seria nosso fim?

Desembainhou sua espada e com rápido movimento se infligiu uma ferida na mão esquerda.

- Escutai – prosseguiu– Eu, Nimrod, que os tem guiado vitoriosamente em mil batalhas, vos digo que devemos combater até a morte a estes vis Demônios que não se atrevem a enfrentar-nos. Digo-vos que mentem e que com suas promessas somente buscam perder-nos – levantou sua mão, da qual vertia abundante sangue – Aqui está meu sangue, que é o mais puro do mundo! Com ele trarei o Signo ***HK*** *neste estandarte infernal e depois entraremos para matar os Demônios. Nosso Signo é invencível!*

Com seu dedo polegar direito, embebido em sangue, desenhou o Signo da Origem e instantaneamente pareceu como se um fogo consumisse aos sete triângulos encantados.

- Matemos os Demônios! – gritavam em coro todos os guerreiros.

Porém, não alcançaram o túnel. Ainda fumegavam no solo os restos dos estandartes quando os Demônios de Shambala, que observavam ocultamente a reação dos Cassitas, se dispuseram a empregar uma de suas terríveis armas atlantes: o "canhão ***OM****". Primeiro foi um som suave, penetrante e agudo, como o cantar da cigarra. Depois começou a subir de tom e de volume até fazer-se irresistível.*

- Isa! Isa! – gritavam Nimrod e Ninurta. Efetivamente, descendo do alto pelos espinhos da árvore Enlil, estava à vista o espectro da princesa Cassita. Os mirava fixamente e parecia falar energicamente, mas, num primeiro momento, ninguém ouviu nada, pois o monossílabo Dele emitido intensamente havia aturdido a quase todos. Porém, era impressionante a fé que os Cassitas sentiam pela Iniciada de Kus e quiçá esta confiança fez de pronto ouvir, ou crerem ouvir, suas instruções.

- Ponhaí-vos atrás de Nimrod e Ninurta! Observai fixamente o Signo de ***HK*** *que tem gravado em suas costas e deixai que flua em vós a Voz do Sangue Seu rumor apagará qualquer coisa que vos perturbe. E vós, valente Chefes, tereis uma arma poderosa; vereis que ela vos protege. Veja-me, em mim confiai que logo cessará vossa dor.*

Dando um salto até o Rei e o General, a Iniciada pos as mãos nas cabeças daqueles Heróis produzindo a exaltação de uma aura brilhante em torno de seus corpos. Esta operação produziu evidente alívio, pois um segundo depois ambos estavam maldizendo, ainda que não conseguissem ainda ouvir seus próprios juramentos.

Enquanto no Céu ocorriam os sucessos que acabo de narrar, abaixo, junto ao Zigurate, o resto do povo vivia curiosas experiências. Quando Nimrod jogou a cabeça dos Demônios o alarido foi grande e

pouco tempo depois pendiam empaladas em lanças. Estas cabeças eram bastante maiores que as de um homem normal, ainda que não chegassem a dobrá-la em volume. Os cabelos loiros e compridos emolduravam um rosto quadrado, de olhos grandes e negros, e enorme nariz pontudo. A boca era de lábios carnudos, detalhe que se percebia perfeitamente, pois os Demônios careciam de barba.

As peças foram cravadas diante a imagem de Kus, enquanto as Iniciadas transportavam os enormes corpos para proceder, ante o Deus da raça, a arrancar o coração dos Demônios. Uma Iniciada fez a abertura no peito branco e extraiu o coração, que curiosamente se achava no lado direito. Depois tirou o órgão ao outro Demônio e elevou as sangrentas vísceras em suas mãos para que o povo as visse. E aqui ocorreu um enésimo prodígio, pois, ao contato com o ar, os corações se transformaram em flores, com o conseguinte espanto por parte da multidão integrada por homens e meninos. Eram duas ***rosas vermelhas*** *com um traçado de caule espinhoso cada uma, mas ninguém as reconheceu como tais, pois todavia, não existiam as rosas sobre a terra, e é provável que aquelas fossem as primeiras que viam os olhos humanos desde o fundamento da última Atlântida. A Iniciada as lançou respectivamente aos pés de Kus e todos regressaram juntos ao Zigurate onde, nesse meio dia interminável, se erguia o gigantesco espinho.*

A Elite de duzentos arqueiros havia já subido pelo espinheiro Enlil e penetrado na negra abertura. Ficaram ao redor do Zigurate o resto do Exército Cassita: a infantaria, os sapadores, os lanceiros e auxiliares e numerosos arqueiros que não pertenciam à Elite. Também estavam várias esquadras de guerreiros de outras cidades que haviam vindo a Borsippa como escoltas de Embaixadores e Nobres. E todos levantavam o punho para o Céu e gritavam: - Kus, Nimrod! Kus, Nimrod! – alentando, agora, a seu Rei e desejando intimamente receber a ordem de subir pelo espinheiro para colaborar com a luta. Vários Príncipes e Chefes militares estavam junto às tropas, mas ninguém se atreveu a dar nenhuma ordem em receber antes sinais de Nimrod ou de Ninurta.

Acompanhava a gritaria das tropas um coro de mulheres e crianças, que compunham o resto do povo. Mas os pastores habiro, claro, continuavam aterrorizados, invocando em voz baixa a Yah, El, Il, Enlil, seu amado Demiurgo. E as Iniciadas, que timidamente primeiro, e depois com certa urgência haviam subido na torre superior para indagar sobre a sorte ocorrida pelos Hierofantes, comprovavam que todos haviam perecido. E por isso choravam a gritos e maldiziam ao sinistro espinheiro, Pois os Iniciados que não morreram quando a terrível língua de fogo abrasou a torre, estavam agora atravessados por largos e grossos espinhos que cobriam agora todo o recinto azul. O povo Cassita havia perdido a Elite de Iniciados cainitas; sua sorte estava agora somente nas mãos do Rei Nimrod!

Mas então, o som do canhão ***OM*** *começou a invadir o âmbito da cidade e logo se fez tão insuportável que muitos caíram ao solo, desmaiados de dor. Uma nova nuvem de vapor geoplasmático, agora brotando do solo de Borsippa, se propagou rapidamente. A névoa subiu até uma altura igual a metade de um homem e cobriu aos que se desprumaram sem sentidos. Os primeiros a cair, quase instantaneamente, foram os habiros, homens e mulheres, crianças e idosos. Todos caíram no ato, fulminados pelo penetrante som. E na continuação, ocorreu, talvez, o* ***penúltimo*** *grande fenômeno desse dia glorioso.*

*Logo, tão misteriosamente como se havia formado, a névoa começou a dissiparem-se deixando descoberto a numerosos homens e mulheres que jaziam estendidos no chão, ou que tentavam levantar-se. Mas o prodígio era que os habiros****, em sua totalidade****, haviam desaparecido. E o som diabólico, o monossílabo de El, também cessou nesse momento.*

Os Cassitas, ao comprovar que os habiros não estavam à vista pensaram que haviam fugido, pois muitos deles eram seus escravos ou serventes, e esta presunção aumentava seu furor. Mas os habiros não haviam fugido: toda sua comunidade experimentou os efeitos coletivos do canhão OM cujo som,

convenientemente afinado, teve a propriedade de produzir o tele transporte. Em alguns lugares distintos, há muitas milhas de distância, se "encontraram" os pastores habiros ao recobrar o conhecimento e se bem no início maldiziam a Nimrod e a sua "magia", atribuindo a esta a culpa de suas involuntárias viagens, ao terem noticias da sorte ocorrida em Borsippa, agradeceram a seu Deus Yah por havê-los salvado. Muitos despertaram em Nínive ou em Assur; mas outros foram parar em lugares tão longínquos como ***Ishbak, Peleg, Serug, Tadmor*** *ou* ***Sinear****. De fato, muitas famílias levaram anos em se reunirem, separados por distâncias de duzentas ou trezentas milhas. O que contribuiu para difundir, de maneira distorcida, a façanha de Nimrod no Oriente Médio. A tudo isto, em Borsippa, um arqueiro saiu pela negra abertura do céu e gritou:*

- Guerreiros, ao ataque! Nimrod vence!

Este chamado era almejado pelo povo Cassita e causou que, um instante depois, milhares de guerreiros se lançaram de assalto ao Céu.

Qüinquagésimo Quarto Dia

Quando Nimrod e Ninurta se convenceram de que o raio sônico OM não podia contra eles se prestaram a invadir o Umbral. O corredor era suficientemente largo para que pudessem avançar numa fileira de cinco pares, coisa que logo fizeram. À frente ia a espectral figura da Princesa Isa, seguida por Nimrod, Ninurta e o restante dos arqueiros, menos uma dezena que ficaram de guarda na entrada. Aquela caverna, construída com o propósito de atemorizar aos aspirantes a servir o Demiurgo, tinha as paredes cobertas de baixo-relevos monstruosos e legendas misteriosas e ímpias. Também existiam portas que davam a certar "câmaras" onde a Demônia Dólmã se apresentava em sua lascívia nudez, rodeada de uma corte de Sacerdotisas prostitutas. Ela é encarregada em "guiar" e "enfeitiçar" aos adeptos que ignoram os perigos da magia sexual.

Estas e outras muitas armadilhas alucinantes, destinadas a confundir e submeter a vontade dos ingênuos aspirantes que se aventurassem a atravessar o Umbral, se achavam montadas, ameaçadoras, em toda a interminável longitude do sinistro corredor. Mas nenhum de tais truques podia deter aos que estavam além dos sentidos; aos que só ouviam a Voz do Sangue Puro. A quem sua determinação os havia levado a lutar no Céu.

A vanguarda Cassita já percorrera uma distância de dois estádios quando o túnel concluiu abruptamente, dando lugar a três salas: uma continuação da outra, em cujas entradas grandes inscrições em vários idiomas permitiam saber que se encontravam no "Templo da Ignorância e da Aprendizagem" ou no "Templo da Fraternidade" ou no "Templo da Sapiência". A primeira sala se encontrava vazia, salvo um altar com os odiados símbolos de Enlil. A segunda possuía dois altares e duas enormes colunas de basalto a sua entrada. A terceira ostentava um suntuoso altar com um ataúde e, gravados nas paredes e teto, os símbolos mais obscenos e malditos que ninguém podia conceber sem perder a razão. E em todas as salas havia ricas almofadas e tapetes cobrindo pisos e paredes. E incensos aromáticos que impregnavam o espaço, suavemente iluminado por várias lâmpadas de azeite. As três salas, tão curiosamente decoradas, constituíam sem dúvida um espetáculo inusitado para aqueles homens aguerridos, que minutos antes se encontravam em uma humilde cidade do deserto. Porém, estes estranhos ambientes não puderam ser devidamente apreciados pelos Cassitas, pois a luta começou tão logo ingressaram na primeira sala. Ali, um grupo dos "Guardiões do Umbral", ***Hiva Anakim****, semelhantes aos que Nimrod decapitara momentos antes, lhes cerravam o passo.*

Apesar de possuir aspecto feroz, e de serem bem grandes em tamanho, esses engendros da magia negra não são muito efetivos para a luta. Nascem da cópula entre os Deuses Traidores e as fêmeas do animal-homem na cerimônia do Sabbat, que é antiqüíssima, da época em que tais práticas destruíram a Atlântida. Muitos milhares de tais seres demoníacos vivem em Chang Shambala (ou Kampala, Ou Dejung, etc.), são totalmente imbecis e servem nos "Exércitos" da Grande Fraternidade Branca. Mas, há pessoas mais imbecis que os ***Hiva Anakim****; são aqueles que ao vê-los os tomam por "Anjos" ou "extraterrestres".*

Os Guardiões rodeavam a um ancião calvo, seminu, de raça amarela, que parecia um habitante das distantes montanhas de Kuen Luen. Tinha em suas mãos um ***Dordje*** *ou Cetro de Poder, isto é, um transdutor poderosíssimo que permite operar a modo de "chave" ou "gatilho" em toda a grande maquinaria ressonante que é o Universo material. O Cetro, uma vara com cabeça esférica de pedra, emitiu um raio avermelhado que golpeou secamente o peito do General Ninurta, jogando-o fulminado ao chão. Mas o Inimigo não teve tempo de alegrar-se, pois uma flecha certeira atravessou o coração do Demônio amarelo provocando, tão extraordinária resposta, grande confusão entre os Hiva Anakim. Agora o choque se fez inevitável; enquanto uns Demônios arrastavam o cadáver do velho até o "Salão de*

Aprendizagem", outros se dirigiam com espada em punho, até os guerreiros Cassitas. Uma chuva de flechas mágicas caiu sobre eles, mas em ambiente tão reduzido logo a distância se encurtou e tiveram de pelejar corpo a corpo. Já haviam caído vários Demônios crivados e alguns mais não tardaram em segui-los pelo efeito das espadas Cassitas. Nimrod abriu um clarão entre os atacantes e, seguido de sua esquadra, passou à sala seguinte. Ali a luta se fez encarniçada e se viu que o número de Demônios era elevado.

Mas Nimrod estava encolerizado. Havia distinguido, através da segunda sala, uma personagem resplandecente, que dirigia o ataque. Assomava-se por um momento ao Templo da Sapiência através de uma porta que parecia dar a um amplo pátio, mas depois de gritar ordens se apartava para dar lugar a outros torpes Hiva Anakim. Era um Nefilim, um dos "Deuses Traidores", mas Nimrod, impressionado por seu aspecto Divino e suas grandes asas brancas, lhe tomou pelo próprio Enlil. Apontou cuidadosamente e disparou quando a imagem do Nefilim se desenhou na porta. A flecha traçou uma suave curva no espaço e foi dar diretamente no peito do demônio, rebatendo como se houvesse atingido uma rocha.

- Cão Nimrod! – gritou o Nefilim com o rosto desfigurado pelo ódio – Assim respondes a nossa oferta? Agora morrerás; tu e todos os teus. Serão pasto de nossos Hiva Anakim que, por certo, tem bom apetite.

Dito isto se afastou da porta, enquanto um tropel de demônios irromperam até Nimrod, enquanto ele observava horrorizado como muitos Hiva Anakim se entregavam a devorar ferozmente aos guerreiros caídos. Esta visão arrancou um grito de espanto ao Rei Cassita e enquanto sua espada mantinha afastados os atacantes, observava que as baixas eram terríveis entre sua Elite de arqueiros. Esse foi o momento em que deu a ordem de buscar reforços. Um momento depois, milhares de guerreiros irrompiam nos malditos Templos da iniciação sinárquica.

Logo os Hiva Anakim foram superados e Nimrod teve tempo de reunir aos seus arqueiros sobreviventes. Ficaram menos da metade, mas os reforços que chegaram eram impressionantes, ao extremo que ameaçavam saturar os três Templos que já haviam sido tomados. Havia que tentar uma saída para o pátio exterior. Nimrod espiou pela porta em que viera o Nefilim e comprovou que dava ao pátio de um enorme Palácio, em meio a uma cidade ciclópea. Um quadro que tirava o fôlego.

É que estavam no coração de Chang Shambala, muito perto do Palácio do rei do Mundo. O conjuro dos Iniciados cainitas havia sido tão efetivo, apoiado, sempre, pelo Mistério do Sangue Puro, que a Serpente de Fogo lhes havia rendido as Sete Muralhas. O túnel da iniciação sinárquica as atravessa, para que os discípulos do Demiurgo pudessem chegar até os Mestres de Sabedoria. Mas convém que haja alguns esclarecimentos. Apesar de tudo que se via fazer aos Iniciados cainitas e a Nimrod, não se trata de magia da chave para chegar a Chang Shambala, senão de Estratégia. De nada valeria que alguém pudesse "abrir a porta" se seu Espírito se encontra dogmatizado ou é vítima de qualquer das táticas psicológicas que emprega a fraternidade Branca para conseguir a Sinarquia Universal. Por isso ***a verdadeira façanha de Nimrod foi atravessar o túnel e os três Templos*** *com as armas em mãos, o que fala e falará para sempre, do Sangue Mais Puro da Terra. Porque esses lugares* ***são as câmaras de engano mais poderosas que existem no mundo****. Nada se lhes pode igualar, nem os tratamentos com drogas que podem empregar os Serviços Secretos do Ocidente, complementados com hipnose, nem qualquer outro sistema de "programação psíquica". Aqueles que vão parar ali, pessoas úteis à Sinarquia, Chefes de Estado, religiosos, Reis, pessoas ricas e influentes, presidentes de corporações, etc., "retornam completamente enfeitiçados, dispostos a trabalhar duro para cumprir sua missão". São os "Iniciados" da Sinarquia, estão "mortos" e "voltam" a "nascer"; mas o que na realidade morreu neles é o Espírito, a Memória de Sangue, que agora, submersos em total* ***confusão estratégica****, já nunca* ***sentirão****.*

O pátio exterior ao templo da Sapiência, onde se haviam entrincheirado os valentes cassitas, toda uma legião de Hiva Anakim com espadas em mãos e várias esquadras de Sheidim, os anões de pele terrosa, esperavam inquietos. Estes anões, de cabeças enormes, são produtos da cópula ritual entre os homens e certos animais, durantes as orgias de magia negra atlante. Transportados em massa a Chang Shambala, depois da hecatombe, habitam em lúgubres cavernas e realizam toda sorte de tarefas para os "Mestres". Ultimamente tem sido "redescobertos" no Ocidente como acompanhantes de tripulações de OVNIS, mas, na verdade, trata-se de uma espécie terrestre milenar. Dominam uma arma antipessoal paralisante que dá a sensação de frio e pode produzir desmaios, mas que não é mortal. Mostram-se agressivos e são de temer se não se lhes conhece e não se possuem os conhecimentos necessários para neutralizá-los. Mas quando levam a pior, são covarde e fogem em debandada. São ferozes carnívoros, mas não gostam da carne humana como os ferozes Hiva Anakim. Eles são os responsáveis do roubo de reses, mutilações em animais e sucção de sangue, assim como os Hiva Anakim fazem o desjejum com desprevenidos cidadão que jamais volta a "aparecer".

A vista do pátio exterior não podia ser mais horripilante, mas Nimrod desejava enfrentar-se com o covarde Nefilim e vingar as horrorosas baixas produzidas entre seus homens pelos gigantes antropófagos. Para isso traçou uma simples Estratégia. Entraria a infantaria em horda seguida de uma vanguarda de lanceiros. Atrás ficaria a Elite de arqueiros protegendo a retaguarda e disparando permanentemente nos alvos mais seguros. Na confusão Nimrod tentaria chegar até o Nefilim.

*O Emin Nefilim cujo nome era **Kokabiel**, um dos duzentos Deuses traidores que vieram de Vênus, seguiram o aminho da Mão Direita e fundaram a Fraternidade Branca ou Hierarquia Oculta da Terra, se achava dirigindo suas hostes de pesadelo escudado atrás de uma enorme fonte abastecida. Seu aspecto era deslumbrante, pois estes Demônios são orgulhosos e sentem prazer por mostrar uma aparência bela, tratando vanamente de competir com Kristos Lúcifer, Senhor da Beleza Não Criada.*

Nimrod deu a ordem de atacar e uma horda de guerreiros Cassitas se precipitou contra a cerrada formação dos Demônios. Os anões dispararam suas armas de "cinturão" e produziram alguns tropeços entre os primeiros guerreiros, mas logo se viu que o ímpeto que levavam faria impossível detê-los desse modo. Começaram a chover dezenas de flechas ao tempo que se chocavam as duas frentes gerando uma tremenda refrega. Nesse momento Nimrod, que se havia dirigido aparentemente em sentido contrário, caiu de dois saltos sobre Kokabiel tentando degola-lo com um afiado punhal de Jade. Essa arma, procedente da China, a havia recomendado Isa como muito efetiva para abater aos demônios. .

Rolando em um mortal abraço dos Hiperbóreos inimigos, o branco Nimrod e o tenebroso Kokabiel, jogavam suas imortais e ilusórias vidas tratando de apunhalar-se mutuamente. Era algo que não se via desde 8.000 anos atrás.

Mas seus corpos pertenciam a duas Raças distintas: Kokabiel era enorme, quase o dobro de tamanho que o valoroso Nimrod, e essa vantagem física, somada a seu ódio que constituía uma energia quase palpável, abrasadora, punham em apuros ao Rei Cassita.

- Morra Cão Nimrod! – gritou o Nefilim enquanto pressionava o pescoço di rei Cassita, surpreendido em mortal chave de luta.

- Morra e regresse ao mundo infernal dos humanos mortais! – começaram a ranger os ossos do infortunado Rei.

- Imbecil Nimrod! Queres conquistar o Céu? O castigo será terrível. Aprisionar-te-emos de maneira tal que regressarás à consciência mineral ou, pio, ao mundo elemental das larvas etéreas. E tardarás milênios em voltar à roda do Karma, maldito Nimrod. E com teu povo faremos um escarmento

definitivo. Será apagado da face da Terra! Mas tua derrota será recordada sempre pela linhagem habiro de ***YHVH****. – Crack!, soou lugubremente a espinha de Nimrod ao partir-se.*

- Há, há, há – ria cinicamente Kokabiel – Lhe cai bem este nome: "Nimrod, o Derrotado". Assim será recordado, cão Nimrod. Há, há, há. ***Abbaba****! – uivou horrivelmente o Nefilim ao perceber que o punhal de jade havia penetrado até a empunhadura em sua cintura.*

Em todo momento da luta tratava Nimrod de cravar a arma, mas esta resvalava na couraça eletrostática com precipitação mineral que o protegia. Finalmente, quando se sentiu morrer, difundiu sua consciência no Sangue, à maneira hiperbórea, e deixou que o último esforço de seu braço fosse guiado pelos impulsos primordiais. E então a mão, terrivelmente armada, se disparou diretamente ao um ponto da cintura do Nefilim, justo sobre o fígado, onde um vértice de chakra gerava um ponto fraco na armadura.

Agora Kokabiel estava morto, e nunca mais viveria neste Universo, tal é o mistério que tratam de ocultar os Demônios Nefilim de Chang Shambala. Mas Nimrod agonizava junto ao gigantesco cadáver...

Ao cair Kokabiel um súbito desconcerto gerou-se entre as hordas demoníacas. Porém as vozes de outros covardes Nefilins os incitavam a lutar sem retroceder. A matança era terrível e o sangue cobria já grande parte do pátio, repleto com centenas de cadáveres. Uma esquadra de sapatores começou a incendiar os corredores adjacentes e logo ardeu o Palácio que se achava, evidentemente, evacuado. No meio da confusão, alguns guerreiros sentaram o rei arqueiro contra a rumorosa fonte e lhe viram sorrir enquanto o tilintar das vorazes línguas de fogo projetava sombras dançantes sobre seu rosto. Também lhe viram falar com o espectro de Isa. Alguns até puderam ouvir claramente o que diziam:

- Oh, Isa! Onde tens estado, Princesa?

- Muito longe, Valoroso Nimrod – respondeu a Iniciada morta – O monstro de fogo Enlil me transportou para fora do mundo terrestre, até a Casa de seu Amo Shanash, o Sol. Ali, vi uma Cidade de Fogo, com os Demônios mais infernais que alguém possa imaginar. Havia onze "Deuses" semelhantes a Enlil. E um, oh, Nimrod, que não pode ser descrito por nenhum mortal sem correr o risco de perder a compostura. O monstro mais espantoso e abominável de imaginar-se capaz em uma eternidade de loucura. E habitava em Shamash! E tudo, oh, Nimrod, todo o existente tudo quanto vemos aqui, neste Inferno, e em outros mundos que atravessou o monstro, tudo estava vivo, palpitava, e era parte de El!

Mas deves alegrar-se, oh, Nimrod! Porque nem El pode com o signo primordial de ***HK****. – Torna-te árvore – ordenou Shamash ao Dragão Enlil – e confunde na gnose primordial de teus frutos a esse* ***Signo*** *que nos recorda o* ***Incognoscível****!*

- Logo, intrépido Nimrod, encontrei-me na copa de uma árvore espinhosa, uma macieira, um roseiral, uma amendoeira, uma árvore que era toda de uma vez, uma árvore cujos frutos continham o Segredo da Serpente, a Sabedoria do Criador Enlil, o Conhecimento que cuidam os Demônios porque é a herança dos animais-homens e dos Povos Eleitos por Ele. Essa árvore pendia de negros abismos e chegava até Shamash. Comecei a descer e muitas criaturas infernais me cercaram, mas todas fugiam ao compreender que eu portava o Signo. Encontrava-me muito preocupada, pois devia cumprir a missão de achar o Caminho de regresso à Origem, tal como nos foi recomendado pelos Sábios cainitas. Toda a esperança da Raça estava posta em mim e não podia fracassar. E para o cúmulo percebia a Voz de Shamash que falava ao ***Cão do Céu*** *e dizia:*

- Oh, Sirio! Oh, Sion! Oh, Divino Cão! Tua nunca pisada Face deve contemplar como os seguidores de Kristos Lúcifer, o enviado do Incognoscível, se alçam contra o Plano do Uno, desafiam as leis cósmicas e buscam abandonar o Universo dos Sóis. Permitir-nos-emos, os Arquitetos de Todos os Mundos, que os ***Espíritos escravos*** *se libertem do jugo dos ciclos, dos manvantaras e prayalas? Responde, oh, Tu,*

que vives na Paz do Uno. Diga-nos se pode aceitar que o ungido lúcifer, o Kristos, revele o Mistério do Vril aos Espíritos atados à evolução de nossas Santas Vontades. Pois eis que O Enviado se tem instalado em nossa Mansão, e dali insufla a Redenção do Sangue Puro. Ilumina o interior dos homens com um ***novo Sol que ninguém vê****, um Sol Negro que recorda a Origem Divina do Espírito e desperta a Nostalgia do Regresso. Permitiremos esta abominação, oh, Sírio? Caso descubram o caminho de Volta aos Mundos Não Criados, que será de nossas cadeias planetárias, confiadas ao desenvolvimento duvidoso das mônadas? Devemos impedi-lo! Oh, Sírio-Sion, Cão do Pastor Uno que cuida do rebanho Cósmico, afunda teus dentes na Serpente Redentora e livremos da ameaça de libertação* ***espiritual para que continue eternamente a escravidão daqueles que são semelhantes ao Incognoscível, sem saber que são****!*

- Oh, Nimrod! Não temas! – exclamou a Princesa ao comprovar que o rosto do moribundo Rei Cassita se turvava – Triunfamos, oh, Tu, o vencedor de Kokabiel! Enquanto os Demônios ouviam suas blasfemas vozes por todo o orbe eu tratava de cumprir com a missão da raça e encontrar o Caminho de regresso. Para isso concentrava minha atenção no Sol Negro, pois essa é a única maneira de conservar a ***vantagem estratégica*** *obtida pela pureza de sangue, quando uma luz vivíssima partiu por trás desse Centro racial. Era um* ***raio verde****, de uma pureza inefável, que atravessava o Centro Não Criado e revelava, para nossa Estirpe, a Porta Original das Moradas Perdidas. Oh, Nimrod, num instante tudo se tornou claro, toda confusão dissipou-se! Já não poderia perder-me jamais, porque agora sabia que nunca nos havíamos extraviado, nem confundido, nem pecado, nem caído. Sequer nos havíamos movido nunca. Oh, Nimrod! Ao dissipar-se a totalidade do grande Engano tive a certeza de que já não teríamos que regressas porque estávamos ali sem babe-lo Conquistamos a Liberdade do Espírito, Valente Nimrod! E a possibilidade de sermos nós mesmos, nossa própria criação, de nossas matrizes, de nosso próprio parto.* ***É a Vontade do Incognoscível, Divino Nimrod, que possamos tudo****!*

Pronunciou as últimas palavras a Princesa Isa, acompanhando o suspiro final do Rei Hiperbóreo: - Já possuía o Segredo do Regresso ao descer do espinheiro, quando os vi na entrada da infame caverna iniciática, mas era bom para provar da pureza alcançada pela linhagem de Kus que houvesse a Batalha Final entre os Cassitas de Nimrod e os demônios de Chang Shambala. Para que perdure na memória racial dos homens ainda aprisionados a recordação desta façanha e seja invocada ao final da Era de Peixes, quando as Três deusas recuperam a Coroa de Lúcifer e desta definitivamente aos povos hiperbóreos. Então, cairá Chang Shambala com seus demônios e num Holocausto de Fogo sem fim sucumbirá a maldita obra do Demiurgo Jehova Satanás.

Nimrod jazia morto em Chang Shambala. Junto a ele, com uma expressão de horror indizível no rosto crispado, estava o cadáver do nefilim Kokabiel, que era Mestre dos feiticeiros e magos, Sua Ciência havia sido inútil ante a tenaz decisão dos puros Cassitas e tal fracasso demonstrou que para o homem, transmutado em Homem de Pedra, sempre é possível lutar contra os Demônios e vencer. Claro que esta ***vitória espiritual*** *pode ser também uma derrota,* ***se for medida com a vara do animal-homem****. Porque, de fato, é considerado como "derrota" toda vitória que não traga junto um evito material comprovável com as pautas morais das sociedades "sinárquicas". Pois a moral de uma sociedade é função de sua cultura e, já foi visto, "a Cultura é uma arma estratégica" para a Sinarquia. Por isso aqueles que lutam contra as forças satânicas, os homens despertos, serão sempre intitulados de "derrotados". E por isso o Grande Ser que ilumina o* ***Caminho Interior*** *dos homens, Kristos Lúcifer, é chamado o Deus dos Perdedores: porque todos seus seguidores sempre "perdem" durante o Kaly Yuga.*

Jazia, pois, Nimrod, o Derrotado, morto em Chang Shambala. Seus bravos Cassitas haviam sido completamente exterminados numa vasta área da Cidade maldita, até onde os conduziu seu furor guerreiro. À luz reverberante dos últimos fogos podia-se observar o ossuário espantoso em que se tornaram os Templos e os pátios. O primeiro Palácio, chamado "Mansão dos Manus", onde se depositavam os anais das Raças Raízes e que era utilizado pelos Mestres da Sabedoria para treinar a seus **enviados***, foi reduzido a cinzas. Um enorme Monastério e vários pavilhões dedicados a "divindades menores", sempre destinados a treinar "enviados", ou seja, a enganá-los taticamente, também sofreram os efeitos do fogo. Comparado com essas importantes perdas, a resistência oferecida pelos demônios havia sido mínima. Somente arriscaram sua pele o vil Kokabiel e o Mestre Chinês que empregou o Dordje, limitando-se a enviar contra os guerreiros Cassitas legiões de gigantes Hiva Anakim, e de anões Sheidim. Como se diria agora utilizaram uma "massa tática" composta de "robôs" ou "andróides". É que eles não podem arriscar suas vidas,* **pois são muito poucos.** *Há milhões de anos eram duzentos. Nimrod liquidou um... Seguramente custa crer que tão poucos sejam capazes de tanto. Mas deve pensar-se que Eles possuem o "apoio" de milhares de "Mestres", ou seja, de "Iniciados" animais-homens, Almas de grau evolutivo superior, e contam com o* **domínio estratégico da consciência planetária***.*

*Aquele "meio dia" interminável permaneceu inalterado durante toda a Batalha de Nimrod e se pode considerar sua extensão aproximada como umas doze horas. No momento em que o rei Cassita expirava e se extinguia o combate em Chang Shambala, o último prodígio sacudia Borsippa. Havia já subido ao Céu todos os Guerreiros disponíveis, mais de quatro mil, incluindo alguns visitantes, e a cidade apresentava então, um estranho aspecto. Com essa multidão composta majoritariamente por mulheres e crianças que não cessavam de gritar, superando seus protestos a um fundo de música guerreira tangida pelas Iniciadas cainitas. E essa torre imponente, erguida até o Céu em claro desafio. E essa árvore espinhosa em sua cúspide, essa árvore roseiral que simbolizava a sublimação da matéria por parte de El e seu acerto nas Hierarquias Cósmicas, cujo supremo referente é aquele que se autodenomina "***Uno***". E esse meio dia interminável, sem a imagem de Shamash... Verdade que Borsippa apresentava um raro aspecto nesse seu último dia!*

Já não havia escravos em Borsippa, a linhagem de Yah, o sangue de Abraão, os pastores habiro, foram salvos. Mas tampouco havia covardes para fugir quando a **lentilha prateada** *apareceu no céu. Todos ficaram mudos de assombro enquanto o grande* **olho de prata** *emergia de uma suspeita nuvem. E todos morreram em seus postos quando o raio atômico deu em cheio na Torre de Nimrod. O calor desprendido foi tão forte que a areia se fundia e jorrava como água. Um furacão mortal, um círculo expansivo de fogo, partiu de Borsippa matando a qualquer vivente em dez milhas da redondeza.*

Empregou-se outra das armas táticas atlantes dando assim cumprimento ao rogo que Enlil e Shamash fizeram ao Cão do Céu, Sírio-Sion, e que a Princesa Isa presenciara. E uma vez consumado o ataque, a lentilha de prata desapareceu de toda vista física para retornar ao **centro** *de onde havia sido* **projetada***, em Chang Shambala.*

Ao dissipar-se a fumaça, somente se sustentava em pé a sétima parte da Torre de Nimrod; Shamash continuava sua viagem para o Ocidente e a árvore espinhosa e a Porta do Céu já não existiam. O pesadelo havia terminado: o Umbral estava a salvo para continuar prestando seus serviços às iniciações sinárquicas e os Filhos do Sol de Medianoche haviam fracassado novamente.

Somente restaria a recordação racial da grande façanha de Nimrod e os restos calcinados de sua Torre, tal como podem ver-se ainda hoje na Terra de Borsippa, com a areia vitrificada pelo calor nuclear

aderida, todavia, há milhares de anos atrás em seus muros. E também perdurariam as calúnias inventadas por pastores habiros e recolhidas pela tradição árabe e judaica. No Talmud e em diversos escritos rabínicos pode-se ler convenientemente alterada, parte desta história. Menciona-se ali à Torre de Nimrod "da qual seus arqueiros disparavam flechas ao Céu", o "orgulho luciférico" do rei Cassita, sua Torre "confundida" com a de babel, etc. Também se tem encontrado tábuas de argila gravadas em escrita cuneiforme, que contam mais objetivamente os fatos, e numerosos Kudurros, pedras gravadas que se colocavam em Templos ou como limites territoriais, com referências à façanha de Nimrod.

Quiçá de todas as falsificações feitas em torno desta canção hiperbórea, a mais insidiosa seja a de H.P. Blavatsky na Doutrina Secreta, onde se escreve que "uma elite de sacerdotes assírio-babilônicos descobriu a maneira de escapar do Plano de Evolução do Logos Solar e abandonou a Cadeia Planetária, junto com seu povo, rumo às "estrelas", onde continuam ***sem evolução****". Ou seja, que a mencionada agente da Sinarquia pretende capitalizar a façanha de Nimrod* ***em favor das teorias sinárquicas****.*

O resto do povo Cassita continuou dominando durante um tempo, mas finalmente se afundou com seus primos Hititas pois, já foi dito, "uma Raça que perde seus Iniciados cainitas é uma Raça moribunda" e, junto com Nimrod, haviam partido para sempre a Elite de Iniciados cainitas. Contudo, a expansão Hitita levou a habitar novamente Borsippa, a qual foi em parte reconstruída, mas ninguém se atreveu a tocas as ruínas da terrível Torre.

Em Chang Shambala sempre está presente a história de Nimrod e com a intenção de evitar futuros intentos desse tipo é que muitos "enviados" se tem ocupado durante séculos de ***eliminar*** *provas ao respeito e de* ***confundir*** *sobre a metodologia tática empregada no ataque. Bera e Birsa têm sido dois dos Imortais da fraternidade Branca que mais tem trabalhado nesse sentido. Porém, vários povos hiperbóreos imitaram, em maior ou menor medida, a façanha de Nimrod: um deles foi o povo viking da Groenlândia, que "abriu a Porta", fechada depois por Quiblon-Colombo. Outro, mais recente, é o povo alemão do Terceiro Reich que contava com a Sabedoria Hiperbórea da Elite de Iniciados cainitas da Ordem Negra ϟϟ o Führer da Alemanha pode, assim, com perspectivas de êxito, empreender novamente a mutação coletiva da raça e tentar a conquista do Céu.* ***Mas os resultados desta nova gesta hiperbórea seguramente aparecerão àqueles que se acham sob os efeitos da Magia Sinárquica, como uma "derrota"****.*

Para concluir este resumo da história de Nimrod, direi que o Rei Cassita, seu bravo General Ninurta, seus Iniciados e todo o povo que morreu em Borsippa, empreenderam o definitivo Regresso à Origem, guiados pela indômita Princesa Isa.

Entretanto os Demônios idiotas Hiva Anakim devoravam seus corpos em Chang Shambala e o Rei do Mundo pronunciava sua Oração vespertina, atrasada doze horas nesse dia pela façanha inesquecível de Nimrod.

No Museu de La Plata, em Buenos Aires, se encontra o famoso Kudurru de Kashshu, descoberto em Susa, onde formava parte do botim do rei elomita Shutruk-Nakhunte do século XII a.C. Nele está gravada a régia figura de Nimrod ***pisando a Lua e o Sol****, e com uma estrela de oito pontas, símbolo do planeta Vênus, sobre sua cabeça. Ao seu lado, um Zigurate, recorda a sua famosa Torre. Abaixo desta imagem há duas colunas escritas em língua Hitita, onde se menciona a morte do rei e se adverte que ninguém deve esquecer sua façanha. Transcreverei parte de tal texto segundo a erudita versão do Professor Ramirez da Universidade de Salta, considerada universalmente como a mais exata:*

A Morte de Nimrod

Desde uma famosa Torre
Cujas ruínas aqui estão
O Rei Nimrod ao Céu partiu.
Um dia voltará!
Mas ele não foi
Aos Deuses seus joelhos dobrar.
Com o arco retesado subiu
Disposto a matar.
Suas flechas a Shamash feriram
Mas logo conseguiu sanar.
Mas Nimrod se foi
Ainda que algum dia volte.
Uma Deusa o guia,
Isa se chama,
É a mesma Ishtar;
E um povo o acompanha,
São os bravos Cassitas
Que junto a ele lutarão.
Pois Nimrod partiu
E conosco já não está
Ainda dizem as lendas
Que um dia voltará
Com seu arco retesado
Disposto a matar.

Qüinquagésimo Quinto Dia

De maneira muito semelhante aos Cassitas do Rei Nimrod, se comportaram os vikings da Groenlândia no século XIV, Dr. Siegnagel. Foi por isso que os Demônios de Chang Shambala enviaram para lá Quiblon no ano de 1447, para fechar a Porta de Thule que eles haviam aberto. De regresso a Lisboa, depois de cumprir com êxito sua missão, Quiblon se prepara para o seguinte grande passo: ***navegar para o Oeste, em direção das Portas do Paraíso Terreno e de K'Taagar. A primeira deveria abrir e dissimular para que somente fosse usada pelos membros do Povo Eleito e seus aliados, os Golen. A segunda, "outra porta de Thule", a deveria fechar definitivamente: a Porta de K'Taagar, ou de Agartha, era a mesma que os Atlantes Brancos alcançaram milhões de anos antes, marchando do Leste, e que nos mapas medievais figurava como "País de Catigara", o Reino do Grande Khan ou do Preste Juan; aquela "Terra de Catigara" seria abordada*** *inversamente* ***a partir do oeste, e sua entrada selada mediante o uso Cabalístico dos Sephiroth. Depois da missão de Quiblon, Catigara desaparecia para sempre da Cultura Ocidental. Ou, o que dá na mesma, desapareceria K'Taagar: a Casa de Tharsis teria, pois, os dias contados para perceber o Sinal Lítico na Pedra de Vênus e partir para a Morada dos Deuses Libertadores***.

Sobre as Portas de K'Taagar, situadas ***no Extremo Ocidente****, lhe direi que existiam quatro "abertas" na Época de Quiblon: três na América e uma na Antártida. Das três americanas, Quiblon somente conseguiu fechar a Porta do Centro, a mais direta e a que tomaram os Atlantes Brancos, que se encontrava situada no Triângulo das Bermudas. A do Norte foi logo buscada infrutiferamente pelos membros do Povo Eleito, mas jamais foi encontrada, pois os Peles Vermelhas, Raça custódia, se encarregaram de dissimulá-la e protege-la muito bem. Analogamente ocorreu com a Porta do Sul, guardada pelos Atumurunas incas, que empregavam a Sabedoria Hiperbórea Lítica a fim de evitar que os Golen a encontrasse. E a antártica, ignorada por vários séculos pelo inimigo, seria recentemente utilizada no século XX pela Ordem Negra ϟϟ para conduzir o Führer para a Morada dos Deuses Leais do Espírito do homem.*

O Duque de Medinacelli, Dom Luis de la Cerda, era, além de descendente direto do Rei Afonso X, o Sábio, um fiel Iniciado da Fraternidade Branca. Em seu Castelo se aloja Quiblon em 1484, quando abandona definitivamente Portugal para radicar-se na Espanha e levar a cabo a missão mais importante de sua vida: receber o Verbo de Metatron, a Shekhinah, e realizar o Holocausto de Água, Mem; e, com esse poder, sacrificar a ***YHVH*** *os Três Impérios pagãos existentes além do Mar tenebroso. Nesses dias, os Golen se achavam fortemente infiltrados na Ordem de São Francisco, que em Huelva ocupava o Santuário de Nossa Senhora da Cinta, em Palos o Convento de Nossa Senhora de la Rabida, em Moguer o Monastério de Nossa Senhora de Granada, etc. A partir dessas Igrejas alentavam em segredo o funcionamento de uma loja maçônica Templária a qual estavam aderidos numerosos laicos da nobreza andaluza, entre eles o Duque de Medinacelli: os Iniciados da loja ostentavam o título de "Cavaleiro Templário" e repetiam os antigos Ritos de adoração a Bafomet da Ordem extinta em 1307. Esta loja é a que concede a Quiblon a última iniciação e o prepara esotericamente para receber a Shekhinah. Permanece entregue a sua empresa no Castelo de Medinacelli*

até 1486, data em que o mesmo Duque anuncia aos Reis Católicos a presença do homem que descobrirá para a Espanha os extensos e ricos paises do Oeste.

Os soberanos estão dedicados a completar a Reconquista e isso causará, inevitavelmente, que cedo ou tarde caia Granada em mãos cristãs: esse seria o sinal esperado por Quiblon. Então receberá o Verbo de Metatron e seu Poder será incomparável. Até esse momento se mostrará como um humilde explorador, somente desejoso de servir ao Reino; depois da queda de Granada, tal como profetizaram Bera e Birsa, sua voz será a Voz de ***YHVH*** *e suas ambições irão parelhas com seu Poder. E ninguém, nem os Reis, poderão resistir às solicitudes de quem vai viajar até as Portas do Paraíso Terreno. Mas é necessário fazer conhecer previamente os planos de Quiblon, familiarizar aos Reis e a Corte com o futuro Almirante da Mar Oceana. E é por isso que já em 1486 os Golen arranjam a primeira entrevista de Quiblon com Dom Fernando e Dona Isabel, que se achavam na ocasião em Córdoba.*

Como é lógico os ***Domini Canis*** *também integravam a Corte e estavam dispostos a deter a qualquer custo o convertido que tentasse propor um plano que derivasse na "Glória e Vitória do Povo Eleito", ou no "Tríplice Holocausto de uns povos desconhecidos a Jehova Satanás". O Capitão Kiev, Senhor de Vênus, havia revelado 180 anos antes que isso seria anunciado por um hebreu "Quiblon", ao que seria difícil deter. Assim, os* ***Domini Canis*** *se mantiveram alerta, mas ignoravam completamente que o Poder de Quiblon se manifestaria afinal, depois da simbólica queda de Granada. E em conseqüência não suspeitaram que Colombo, u homem insignificante e alucinado, pudesse ser Quiblon, o Representante Maior das Potências da Matéria. De qualquer maneira, Frei Fernando de Talavera, o* ***Domini Canis*** *que os Reis nomearam para estudar a proposta de exploração de Colombo, deu uma sentença adversa e procurou desprestigiar ao visionário enviado dos Golen.*

Porém, a Corte estava infestada de Cavaleiros Templários ou Golen, que apoiaram durante anos a Colombo: o Cardeal Pedro Gonzalez de Mendoza; o Contador Maior do Reino, Dom Alonso de Quintillana; o preceptor domínico do príncipe Dom Juan, Frei Diego de Daza; o Camareiro do Rei, Dom Juan Cabrero; o Comendador Dom Gutierrez de Cárdenas; o astrônomo franciscano Frei Antonio de Marchena, etc. E a ajuda mais efetiva: a de Luis Santagel, o Escrivão de Ração da Coroa aragonesa, espécie de secretário do Rei de Aragon. Que era poderoso banqueiro e pertencia a uma família hebraica recentemente convertida ao cristianismo. Essa personagem sinistra, em combinação com um grupo de banqueiros judeus de Genova, seria o financista da expedição de Colombo, em 1492. Ofereceria então um empréstimo de um milhão de dobrões a tão baixo juros, 1,5%, que praticamente decidiria à Rainha a autorizar a viagem de Colombo.

Em 1491 os Reis se encontravam frente a Granada, em um acampamento grande que dará lugar a população de Santa Fé. Até la chega Colombo, ansioso por contemplar a tomada de Granada e empreender sua missão. Porém, será novamente Frei Fernando de Talavera, que se prepara para desempenhar o cargo de Arcebispo, o que frustra seus planos e impede que se entrevistasse com suas Magestades. Mas a queda da cidade está muito próxima e Quiblon pressente a manifestação de ***YHVH****. Dirige-se, pois diretamente ao Convento de la Rábida, em Rus Baal, lugar consagradoà Grande Mãe Binah: espera que o Amor da Deusa, a Virgem dos Milagres, o auxilie ante a iminência dos acontecimentos do Destino. E em La Rábida o está aguardando a diretoria maior Golen para desenvolver o Ritual do Sepher Iche, a Cerimônia que permite à Inteligência de Binah depositar no coração do Iniciado a Semente de Barro do homem arquetípico: somente que desta vez o Amor de Binah facilitará a expressão do Menino Metatron, um Aspecto Reflexo de Kether, a Coroa do Uno.*

O chefe máximo dos Golen é Frei Juan Perez, superior do Convento de Nossa Senhora de la Rabida e Supremo Sacerdote da Ordem de Melquisedec. O secundarão no Ritual os laicos, e os Cavaleiros Templários, Pedro Velazco e Garcia Fernandez, assim como o franciscano Antonio de

Marchena. Em 2 de Janeiro de 1492 Boabdil entrega Granada a Dom Fernando e a Dona Isabel; em seguida, o Arcebispo ***Domini Canis*** *Fernando de Talavera ameaça os hereges, árabes e judeus, a converterem-se ao cristianismo; caso contrário deverão abandonar a Espanha. Quinze dias depois, em La Rabida, se cumpre a profecia de Bera e Birsa.*

Quiblon, vestindo o hábito franciscano, se acha frente à magnífica escultura da Milagrosa: essa obra se atribui geralmente ao Apóstolo São Lucas, mas na verdade, segundo se viu no Trigésimo Dia, foi entalhada por um monge Templário do século XIII. Os Golen acabaram de oficiar o Rito e ***o Grande Sacrificador recebeu a Shekhinah****. Quiblon sente-se então como que possuído pela Alma Universal de* ***YHVH*** *e cai de joelhos ante a imagem da Mãe de Deus, a quem vê* ***como se estivesse viva*** *e cujo* ***Amor sem limites l****he consome o coração. Um prodígio se produz e a Romã de Seu Cajado começa a sangrar, mas Quiblon não o repara: ouve em troca à grande Mãe Binah falar-lhe no mais puro idioma hebraico:*

- Santo Quiblon, Grande Sacrificador,
Filho do Ancião dos Anciões
Teu Verbo criativo é tua Sagrada Voz!
O Logos seminal do Pai
Está na Razão de tua Mente;
Mas o doce Amor da Mãe
Queima-te de paixão o Coração.
Eu sou Binah, a Mãe do Meshiah,
Eu sou Binah, a Mãe do Metatron.
Eu sou Binah, a Inteligência de Deus.
Eu sou quem guiará teu Rumo
No obscuro Mar de Terror.
Que poderá então deter-te,
Santo, Santo, Santo Quiblon?
Por Mim entendes o Mistério do Templo,
Por Mim recebes a Vida de Rimon,
Ao Pai regala-lhe o Sangue,
Para Mim, quero o Amor.
Há três Impérios que esperam
Sua pronta destruição.
Rios de Sangue Cálido,
Derramará o Espanhol.
Esta raça arrogante,
De albina distinção,
Será o punhal afiado do Sacrificador.
Como Raça, o Sangue
Dos Povos Pagãos
Oferecerão a Deus.
Mas de alguns aparelhados
Com os sobreviventes
Procriarão sem freio
Os Filhos do Horror.

Esta será Minha recompensa
Santo, Santo, Santo Quiblon.
Ao Pai, regala-lhe o Sangue,
Para mim, quero o Amor.
E essa Raça soberba,
Do valente espanhol,
Fundir-se-á no marasmo
Da Baixa Paixão.
Que será dela,
Santo, Santo, Santo Quiblon?
Milhares e milhares de Filhos do Horror.
E nesses Homens Novos
Minhas Sementes de Barro germinarão melhor.
Eu não quero a Raça;
Eu quero o Amor.
Muitos Filhos Eu tenho
Dos homens mortais, Mãe Sou.
Mas meu Filho Primogênito
É o Povo Eleito,
O Povo do Senhor.
Sobre os Homens de Barro
A ele lhe corresponde
Governar sem Temor.
Porque seu é o Reino
Malkhouth, de YHVH Sebaoth.
É belo como um Anjo,
É duro como Deus,
É Shekhinah, a Esposa,
É o Meshiah, o Metatron.
Pode obrar com Rigor.
Mas se acaso desce
À Baixa Paixão:
Não há pecado em seus atos;
Para ele há Perdão.
É a Alegria do Pai,
É a Compreensão da Mãe,
É o Povo Eleito,
O Povo do Senhor.
Meu filho primogênito,
De todos o Melhor.
Seus irmãos erraram
Esfriando o Coração;
Recebendo a Semente de Pedra
Da Inimiga do Amor,
Da Negrura Infinita
Atrás da morte da Alma.

Da Negrura Gelada
Atrás da Morte do Corpo;
Da Negra Nada sem Criador,
Da Negrura Eterna
Da Morte Final.
Do Negro Abismo do Fundo de Si Mesmo.
Por ela entronará o Castigo.
Por ela pulsará a Dor;
A Tirania do Povo Eleito,
O Juiz das Nações,
O Holocausto de Fogo,
A lixívia, o Terror.
Ela é o Mal sobre a Terra,
É a Morte da Alma,
Esfriando a Pedra,
É a Inimiga do Amor.
Muitos filhos Eu tenho.
Homem de Barro Mãe sou
Eu Sou Binah, aquela que chora
Sobre a Pedra Fria
Que a Virgem de Agartha
Pos em seu Coração.
Eu sou Binah, a Mãe de Metatron
Eu guiarei teu Rumo, Santo Quiblon,
Onde Três reinos esperam
Sua pronta destruição.
Dê ao Pai o Sangue
Grande Sacrificador;
E reserva à Mãe
O Calor do Amor.
Abra logo o Caminho
Para o Povo Eleito,
O Povo Redentor,
E fecha os sentidos
À Negrura Eterna
Que esfria o Coração.
Eu sou Binah, de tua Alma
Mãe sou; Eu sou Binah,
Aquela que te dará a Iluminação.
Eu sou Binah, aquela que te bendiz agora.
Filho do Ancião dos Dias,
Jamais esqueças tua ascendência,
Santo, Santo, Santo Quiblon.

Somente o Grande Sacrificador escutou essa mensagem, mas todos os presentes compreenderam que a Virgem do Milagre falava internamente com ele. E Quiblon, presa do êxtase místico, permanece de

joelhos durante horas, absorto na contemplação da Mãe Cósmica. Os Golen se retiram ao final prudentemente, deixando o Rabino Almirante sumido na intimidade de suas visões celestes. Eles, por sua parte, viram a Mãe de Deus chorar por Seus Filhos apartados da Lei do Amor, e Sua Romã sangrar de Paixão, e recolheram suas lágrimas e seu Sangue, para a Glória e Vitória da Igreja Golen e da Sinarquia de YHVH Sebaoth, para dar Testemunho da Shekhinah do Povo Eleito, o descido do Reino Malkhouth.

Dias depois, os Golen se dispuseram a mostrar sua jogada secreta, uma autêntica "carta na manga". Frei Juan Perez, o confessor da Rainha Isabel; ele pode aplanar todos os obstáculos para que Quiblon se expresse ante os Reis e então, como se interrogasse a Milagrosa, "quem poderá deter Santo Quiblon?". Assim, o Golen Juan Perez se dirige a Granada e arranja a famosa entrevista. Luis Santagel e os banqueiros judeus genoveses se dispõem para financiar a empresa que será uma via de escape infalível para seus irmãos de Raça. E os ***Domini Canis****, tomados completamente pela surpresa, nada puderam fazer desta vez para sabotar os planos da Fraternidade Branca. Em Abril de 1492, Quiblon, o miserável judeu convertido, que pouco antes carecia até de indumentária e alimentos, reclama para si e sua descendência o Almirantado da Mar Oceana pela Coroa de Castela, o vice-reinado de todas as terras descobertas e os países por conquistar, o dízimo sobre todos os produtos que se trouxerem à Espanha, seja pilhagem ou mercantilismo, etc. E a tão desmesuradas exigências cedem os Reis na capitulação de 17 de Abril de 1492, firmada no acampamento de Santa Fé, frente a Granada. É que ninguém, nem os Reis Católicos, podem opor-se ao Verbo de Metatron: Granada, a Cidade dos Judeus, caiu em poder dos gentios, analogamente ao ocorrido com Jerusalém, destruída pelo General Tito mil e quatrocentos anos antes. E como naqueles dias, sobrevirá a diáspora do Povo Eleito. Mas desta vez a dispersão não durará muito tempo; o Povo Eleito será prontamente reunificado e orientado ao seu Destino de Glória: para isso a Ordem de Melquisedec envia a Quiblon, o Santo Ancião lhe confia seu Verbo, e a Mãe de Deus guia seus passos.*

Em 3 de Agosto de 1492, exatamente no 1422º aniversário da tomada de Jerusalém, parte Quiblon do Porto de Palos, em Huelva, com três Caravelas que ostentam a Cruz com a Ordem do Templo. A tripulação se integra majoritariamente de judeus convertidos e leva um Ladino, o Rabino Luis de Torres, que traduz hebreu, aramaico e árabe. Contrariamente, não viajam sacerdotes cristãos nas Naus. Em seu regresso em 15 de Março de 1493, depois de haver fechado a Porta de K'Taagar, de haver aberto a Porta do Paraíso para seus irmão Golen e judeus, e ter iniciado o Grande Sacrifício dos Povos Pagãos, Quiblon dirige-se diretamente ao Santuários de Nossa Senhora da Cinta: deve agradecer a Mãe de Deus sua Guia e Proteção.

Os Senhores de Tharsis compreenderam muito tarde que Cristóvão Colombo era na realidade "Quiblon", o Supremo Sacerdote da Fraternidade Branca do qual os advertira o Capitão Kiev. Quando tudo estava claro para eles, já não houve remédio: a Espanha inteira, cega como Perseu, se prestava a arrojar-se sobre o triplo pescoço da Medusa. Os derrotou um homem ao que subestimaram desde o princípio, um homem que, ironicamente, jamais ocultou demasiado suas intenções, um homem, Dr. Siegnagel, que formava S.A.M., ou seja, Samekh, Aleph, e Mem, as iniciais de Quiblon que significam "S"hekhinah, "A"vir, e "M"etatrón, o triplo principio imanente da Árvore cabalística Rimmón. Observe Dr. Siegnagel, o fac-símile da assinatura de Colombo, que lê junto, e comprovará que à esquerda se encontra um monogramo formado pelas letras hebraicas Beth e He, iniciais da saudação tradicional Borush Hasheim, e depois S.A.M., em coluna vertical.

Os pontos correspondem a uma indicação em aramaico da "palavra", e as restantes letras complementam uma "tábua mágica", ou Kadisch, que pode ser lida em vários sentidos, segundo as

*formas cabalísticas: os "**S**", de ambos os lados da letra "**A**", querem dizer "**Shaddai**"; a "**Y**" é a inicial de **YHVH** e a "**X**" significa "**Cristo**", que era sinônimo de Messiah entre os judeus espanhóis. Na última linha, bem claro, se lê "Cristo Ferens" que não significa "**Cristóvão**", como pretendem os Golen, senão "Herdeiro do Messiah", pois **ferens** equivalia a **herança** na Idade Média. Aquelas iniciais S.A.M., de Quiblon, também se achavam no manto da Virgem da Cinta, segundo as instruções que Bera e Birsa deram aos quatro Sacerdotes, e tal como se pode ver hoje em dia em seu Santuário.*

Qüinquagésimo Sexto Dia

O terrível Inquisidor que foi Ricardo de Tharsis estava casado com uma doce Dama que era neta do Conde de tarseval, ou seja, que era sua sobrinha em segundo grau. Dessa união, nasceu em 1502 Lito de Tharsis, a quem o pai pensava reservar como seu sucessor na tarefa de exterminar os judeus e Golen espanhóis. Com essa finalidade, desde pequeno o submeteu a uma instrução rigorosa em vários Conventos dominicanos e na Faculdade de Teologia da Universidade de Salamanca. Ali se formou Bacharel e Doutor em Leis, ingressando aos dezessete anos e incorporando-se de imediato ao Tribunal de Inquisição. Durante sua passagem pela Universidade, o jovem Lito havia dado mostras de uma ilustre inteligência que o conduzia inclusive a superar a seus próprios professores, mas, como ademais era nobre e humilde, tal virtude distante de causar ressentimentos de seus pares e superiores, produzia admiração geral. O que mais assombrava a todos era sua prodigiosa capacidade para assimilar as línguas mais díspares: fora o latim e o grego, e dos dialetos espanhóis tais como o castelhano, o catalão e o basco, falava fluentemente o árabe, português, francês e alemão.

Em 1522, compreendendo Ricardo que aquela predisposição para o conhecimento devia ser encaminhada, o enviou a Turdes para que os Homens de Pedra o iniciassem na Sabedoria Hiperbórea. Os Noyos haviam restituído a Virgem da Gruta na Capela Privada da casa Senhorial, ainda que o Menino de Pedra carecesse agora da mão direita, estranhamente mutilada na Noite da Lixívia. Lito de Tharsis, que segundo diziam os Homens de Pedra estava experimentando a transmutação mais profunda de que se tinha memória na Casa de Tharsis, passava todo seu tempo livre na Capela, compenetrado como ninguém no Mistério da Vida Não Criada e da Morte Kalibur de Pyrena. Quando recebeu a Iniciação Hiperbórea, agora com o concurso do Signo Vrúnico Tirodinguiburr, advertiu aos Homens de Pedra que além de depositar a Semente do Menino de Pedra em seu Coração, a Virgem lhe havia revelado uma ***Estela Interior****, um Astro verde ao que poderia ir sempre que quisesse: tomando por um íntimo caminho espiritual e situando em seu Eu naquela Estrela, a antiga Ciência Lítica dos Atlantes Brancos não tinham Segredos para ele. Era, dizia, como chegar ao cume de uma montanha e contemplar uma vasta paisagem contextual que descobria o significado estratégico das construções megalíticas. E junto com a Sabedoria perdida, no Astro interior, havia reencontrado a sua Amada da Origem, quem o aguardava desde seu Extravio e Queda, além do Inferno e do paraíso, para regressar com ele à Pátria do Espírito Não Criado.*

Indubitavelmente, Lito de Tharsis possuía então o segundo grau da Iniciação Hiperbórea, vale dizer, era um Pontífice Hiperbóreo, um Construtor de Pedra capaz de estender uma ponte entre o Criado e o Não Criado. Na Casa de Tharsis começou a fundar-se a suspeita de que estava na presença do Iniciado anunciado pelo Capitão Kiev, aquele que veria o Sinal Lítico de K'Taagar na Pedra de Vênus. Essa presunção começou a afirmar-se quando Lito manifestou sua vocação pelo Noyvrayado e decidiu tomar a Guarda da Espada Sábia: em 1525, sem dificuldade alguma, ingressou na Caverna Secreta e permaneceu ali por cinco anos, em companhia de dois Noyos que custodiavam a Espada há vários anos antes.

As faculdades iniciáticas do Noyo Lito se foram desenvolvendo intensamente durante os anos que duraram seu retiro, processo que se acelerou ainda mais quando a imagem começou a surgir da Pedra, ou seja, fazia quatro anos de Guarda. Inicialmente turva, meses depois a estampa de uma cena megalítica aparecia sobre a Pedra de Vênus, a ponto tal que os outros Noyos também a perceberam, ainda que sem detalhes. Ao Noyo Lito, em compensação, depois de ser clara com somente bater o olho na Pedra de Vênus, a imagem lhe comunicou também em várias ocasiões umas palavras que todo seu poder filológico

não conseguia interpretar, apesar de que era evidente a presença de numerosas raízes indo-européias. As palavras eram:

- Apachicoj Atumuruna!
- Apachicoj Atumuruna!
- Puribuaca Voltan guanancha unanchan huañuy!
- Pucará Tharsy!

E eis aqui o que representavam à imagem. Como fundo, se via uma cadeia de montanhas ou serras carentes de vegetação; delas, duas se destacavam porque suas ladeiras formavam uma profunda abertura em meio da figura, de onde se via surgir um fio de água que regava um igualmente árido vale. Mas estes elementos constituíam o fundo; o que realmente dominava a cena era uma colina de suave declive, sobre cujo cume aplainado se erigia um enorme menir de cor negra, rodeado por um círculo de oito menires de menor tamanho. E isso era tudo, salvo os detalhes menores: o céu celeste, somente ofuscado por algumas nuvens brancas, e o solo onde se assentavam os menires, composto por uma terra marrom avermelhada da qual brotavam ralos alguns pastos baixos e espinhosos.

*O mistério daquela imutável visão foi-se esclarecendo com o decorrer do tempo e no final de 1529 Lito de Tharsis já se havia formado uma idéia geral de seu significado; sonhos e mensagens telepáticas lhe apontaram a informação complementaria que necessitava. Segundo sua convicção, a Pedra de Vênus estava revelando aquele lugar situado "**num país distante e desconhecido**" que mencionara o Capitão Kiev; um país que existia "**muito além do Mar Ocidental**", agregavam agora as mensagens dos Deuses, e que só podia ser mais que na recém descoberta América. Os menires haviam sido colocados pelos Atlantes Brancos mediante uma técnica especial que tornava a área invulnerável frente aos possíveis ataques dos agentes da Fraternidade Branca: naquela praça liberada, como na Caverna Secreta, os Homens de Pedra poderiam resistir indefinidamente à pressão das Potências da Matéria. Justamente, a seguinte tarefa de Lito de Tharsis, e dos Homens de Pedra valentininos, seria a de encontrar este rastro e refugiar-se junto a seus menires até o dia da Batalha Final, única maneira de sobreviver para então, posto que os Demônios os buscassem por todo o Mundo com afinco crescente à medida que tais dias se aproximaram.*

*De acordo ao que advertiam os Deuses em suas Mensagens, o perigo não seria depreciável, pois a perseguição se iniciaria no exato momento em que extraíssem a Espada Sábia da Caverna Secreta, e possivelmente fora levada a cabo por bera e Birsa em pessoa. A Fraternidade Branca asseguravam os Deuses Libertadores, havia concedido fundamental importância ao "descobrimento" da América para seus futuros planos sinárquicos, e não estava disposta a arriscá-los novamente. Quando a Espada Sábia saísse à Luz do Sol, **Yod**, o Olho de Jehová Satanás Que Tudo Vê, observaria no ato a seus portadores e a Fraternidade Branca saberia de imediato que ainda restaram Senhores de Tharsis com vida **neste Mundo**: a reação dos Demônios seria previsível. Eles, que haviam propiciado o "descobrimento", cultural, da América por meio de seus agentes, o judeu Cristóvão Colombo e centena de judeus marranos a serviço dos Golen, fariam todo o possível para detê-los e roubar a Pedra de Vênus; o **Circulus Domini Canis**, pelo excessivo zelo posto em reprimir a ação judaica e Golen, na Espanha e Europa, se deixou ultrapassar estrategicamente e descuidou a questão do Novo Mundo: agora ocorria que a Ordem de Pregadores estava infiltrada por centenas de dominicanos marranos que somente ambicionavam dirigir-se à América na companhia de milhares de irmãos de sua Raça, a quem se permitia abandonar aos seus cárceres e lúgubres guetos para participar da "conquista". Ante esta realidade o juízo dos Deuses sugeria obrar com extrema cautela em todas as etapas da operação. Como iriam à América? Os Deuses o haviam previsto, depois comprovariam.*

Lito de Tharsis e um dos Noyos, de nome Roque, reuniram-se em Turdes com Ricardo de Tharsis e os restantes Homens de Pedra da família de Valentina. Todos estiveram de acordo em que se havia cumprido a profecia do Senhor de Vênus e que o ansiado momento de partir encontrava-se próximo: a Lito de Tharsis lhe corresponderia a Alta Honra de transportar a Espada Sábia ao lugar disposto pelos Deuses. Mas nem todos poderiam partir; Ricardo de Tharsis estava velho para empreender semelhante viagem, e em situação análoga encontravam-se outros dois Cavaleiros e duas Damas. Uma Dama mais jovem, porém, mas somente até algum povoado, porque seria difícil que se lhe permitisse integrar uma expedição militar, E além dos três Noyos, também estavam em condições de ir dois freis dominicanos, que oficiavam de inquisidores junto a Ricardo de tharsis. Se tudo saísse bem. Os viajantes mandariam buscar aos que ficassem; caso contrário, estes se uniriam a Estratégia no ramo alemão da família.

O problema da viagem, como disse se resolveu facilmente graças à providência dos Deuses, pois um jovem explorador alemão, a serviço da Casa Welser, era um parente distante dos Senhores de Tharsis. Nicolaus de Federmann, em efeito, ostentava a linhagem dos Senhores de Tharsis austríacos pela linha materna e estava então na América. O Rei Carlos I, e o Imperador Carlos V da Alemanha, contraiu uma dívida de 150;000 ducados com a Casa Welser de Augsburgo formando, como uma sorte de garantia real, uma capitulação em Burgos pela qual se autorizava a tal Banco a estabelecer e explorar uma região da América. Tal região era compreendida pelo atual território da Venezuela, desde o Cabo da Vela até Maracapana, e a Compania se impunha a obrigação de fundar cidades e três fortalezas, nas que poderiam nomear um Governador com a anuência real. No ano de 1527 Juan Ampúes fundou ali a cidade da Vela de Santa Ana do Coro, onde se instalou em 1528 Ambrosius de Alfinger, o primeiro Governador nomeado pelos Welser, que levou como suplente a Nicolaus Federmann. Em 1530, depois daquela reunião de Lito de Tharsis com os Homens de Pedra para decidir a vigem à América, descobrem por meio de notícias provenientes do ramo vrunaldina a existência daquele parente, e se põem em contato com ele através da lenta correspondência que os dominicanos mantinham com os freis missionários. Procurava-se, em todo caso, não arriscar informações desse modo e por isso as cartas somente se referia à necessidade de sustentar uma visita pessoal com o explorador "por motivos vitais que então se esclareceriam". Algo difícil de concretizar nesses dias devido a que Federmann concorria em perigosíssima exploração ao coração da selva venezuelana em busca do ouro dos índios.

De todo modo, os Senhores de Tharsis se trasladaram ao porto de Sevilha e começaram a preparar sua própria expedição, descontando a ajuda de Federmann. Nesse caso a sorte sorriu aos Senhores de Tharsis em 1532, ainda que não a Ambrosius de Alfinger, ao que uma flecha com curare o matou. Porque foi a morte do Governador o que trouxe a Nicolaus Feddermann à Europa, com o propósito de reclamar para si aquele posto que justamente houvesse ganhado. Os Welser, porém, outorgaram o cargo a Georg de Spira, um homem de prestígio que contava com notáveis influências e amigos poderosos, nomeando em compensação a Federmann Tenente General do Governador. E foi em 1533, enquanto o alemão se ocupava de equipar a frota dos Welser, que todos se juntaram em Sevilha.

Nicolaus de Federmann não era Iniciado nem tinha conhecimentos de magia ou esoterismo, mas levava em suas veias o Sangue de Tharsis. Em seguida compreendeu que a misteriosa causa que levava os seus parentes à América devia ser apoiada e cedeu em todos seus pontos a efetuar o plano que estes lhe propunham; um instinto secreto lhe dizia que não se equivocava que algo superior ao ouro, pelo qual estava disposto a morrer, guiava aqueles aventureiros: podia perceber no ar quando estava em sua presença; como se não bastassem, eles também pagavam com ouro. Com o bom ouro espanhol, pois seus parentes eram muito ricos. Sim, Nicolaus de Federmann se lançaria pelos Senhores de Tharsis. O plano parecia simples: haveria de transportar a seis deles; três eram Cavaleiros e seria fácil contrata-los; outros

*dois, frades dominicanos, já dispunham da dispensa eclesiástica e, além de tudo, para satisfação dos Welser, eram experts mineiros e especialistas em metais finos, uma arte altamente apreciada nesses dias em que se requeria fundir as insólitas ligas dos objetos indígenas para resgatar o ouro e a prata que continham. O único problema o representava a Dama, que teria de aguardar em Coro até o regresso de seus irmãos e tios; e os de Tharsis ofereciam financiar, assim mesmo, os gastos de dez soldados catalães de sua própria tropa de infantaria, o que não oferecia inconveniente algum, já que em cada expedição americana se requeriam quantidades de efetivos militares. Já na América, Nicolaus trataria de orientá-los na busca de uma estranha construção de pedra que eles asseguravam existir "**no Sul**". Como o sabiam era coisa que logo desistiu de averiguar devido ao cerrado hermetismo dos espanhóis. Mas outra coisa era segura: a estes não interessava o ouro, as pedras preciosas ou pérolas, que pudessem achar nessa busca; qualquer objeto de valor lhe pertenceria, posto que eles só quisessem encontrar aquele lugar.*

A primeira Nau enviada por Francisco Pizarro com uma mostra do resgate de Atahaulpa chegou a Sevilha em 5 de Dezembro de 1533 e a segunda, com Fernando Pizarro a bordo, em 9 de janeiro de 1534; transportavam 10.000 castelhanos de ouro, uns 450 quilos, que somente constituía uma terça parte do que correspondia ao Rei. No Peru, Francisco Pizarro se havia apoderado para esse então de nove toneladas de ouro puro e cinqüenta de prata. Tais fatos puseram em estado frenético aos ávidos Welser, que pretendiam obter um redito semelhante de sua colônia americana, e aceleraram a partida de Georg de Spira e Nicolaus de Federmann. Nos fins de Janeiro de 1534 zarpava de Guadalquivir de Sevilha a frota que traria à América a Lito de Tharsis e os cinco Homens de Pedra que o secundavam.

Os Senhores de Tharsis haviam levado provisões de víveres abundantes, roupa e equipamento militar, além de vinte cavalos, três cães espanhóis e três dezenas de frango de Castela. Uma semana antes de partir, Lito de Tharsis retirou a Espada Sábia da Caverna Secreta, cobriu a pedra de Vênus com uma cinta de laço cruzado no arriaz e cingindo-a na cintura, tomou o caminho sem volta até o porto de Sevilha e América: pela primeira vez em 1.800 anos, desde a queda de Tharsis nas mãos dos fenícios e Golen, a antiga espada dos Reis iberos abandonava a Caverna Secreta. Três Noyos a custodiariam agora naquela incerta viagem, um deles o Homem de Pedra mais perfeito que jamais produzira a Casa de Tharsis. Mas alcançaria sua Sabedoria para livrá-los dos diabólicos poderes de Bera e Birsa, que sairiam imediatamente em sua perseguição? Somente no futuro próximo comprovariam a resposta afirmativa.

Nem bem a proa da fragata dos Welser ingressou no Oceano Atlântico o olhar dos Homens de Pedra se dirigiu à Costa da Luz, que deixavam para trás: setenta quilômetros a ***NE****, encontravam-se Onuba, um dos antigos portos de Império Tartésio e também Rus Baal, a Penha de Saturno, onde Quiblon recebera a Shekhinah. Os seis estavam apoiados sobre a uma grade da amurada a estibordo, mas suas mentes viajavam até Onuba, na confluência dos Rios Tinto e Odiel; e depois subiam pelo Odiel, até Turdes, e se detinham na cidadela de Tharshish, agora novamente viva e poderosa no cenário da imaginação. Viam seus antepassados, os Reis iberos Senhores de Tharsis, sustentar com o compromisso de suas vidas as pautas do Pacto de Sangue; em solidão, aquela Estirpe havia confrontado a Tudo e a todos para cumprir com a missão encomendada pelos fundadores Atlantes brancos, para manter a lealdade aos Deuses Libertadores. Uma solidão que é o preço a pagar por aqueles que são na verdade Estrangeiros no Universo, por quem exibe a Intrepidez de Nimrod e o Valor de seus guerreiros cassitas, por quem possui ou busca o Sangue de Tharsis; a Solidão Absoluta, que na Terra devem padecer os Guerreiros Sábios, os Iniciados Hiperbóreos, os Homens de Pedra, os Espíritos Não Criados. E a mente se dirigia então ao Cerro Char, frente ao Rosto de Pedra de Pyrena, na época em*

que o Mistério do Fogo Frio se oficiava livremente e os Eleitos vinham de todas as partes do mundo para morrer ou encontrar a Verdade Desnuda de Si Mesmo. A Fraternidade Branca, a Ordem de Melquisedec, os Atlantes morenos, os Sacerdotes de todos os Cultos, os Golen, os Imortais Bera e Birsa, os Templários, os membros do Povo Eleito, os partidários da Sinarquia Universal, Servos das Potências da Matéria, adoradores de Jehova Satanás, Inimigos terríveis da Casa de Tharsis os perseguiram durante milênios, causaram a destruição de Tharshish e o desaparecimento público do Mistério do Fogo Frio. Procuraram extinguir a Estirpe de Tharsis e ocultar a Sabedoria Hiperbórea, e tentaram por todos os meios apoderar-se da Espada Sábia e sua Pedra de Vênus. E a mente voltava no ato à Caverna Secreta e apreciava com orgulho o silencioso sacrifício de dezenas de Noyos e Vrayas custodiando a Espada Sábia, purificando o Sangue... e aguardando com a paciência do caçador o Sinal Lítico de K'Taagar, a chamada racial que autorizava a dirigir-se à Morada dos Deuses Leais ao Espírito do Homem. Agora os Senhores de Tharsis poderiam realizar a milenarmente ansiada viagem se o desejassem: um Noyo, o Maior de Todos, Lito de Tharsis, havia visto o Sinal e conhecia e Segredo do Regresso. ***Mas os Senhores de Tharsis não partiriam ainda; aguardariam, todavia, um tempo mais, um instante da História, até a Batalha Final****: o Capitão Kiev, um Senhor de Vênus, lhes comunicou que Navutan, o Senhor da Guerra, considerava a seu Mundo como o mais Real de todos os Mundos possíveis; e nesse Mundo****, nesse Mundo****, eles haveriam de contribuir protagonizando a Última Batalha da Guerra Essencial, junto a Seu Enviado, o Grande Chefe Branco, o Senhor da Vontade e do Valor Absolutos; e até ali irão os Senhores de Tharsis, até uma* ***praça liberada megaliticamente*** *pela Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes brancos, um lugar onde resistiriam com a Espada Sábia até os dias da batalha Final. E a mente regressava assim, nutrida de Determinação e Valor, até os Homens de Pedra que se afastavam da costa espanhola em uma fragata da frota dos Welser.*

Qüinquagésimo Sétimo Dia

Mal caíram no mar, os barcos de Georg de Spira e Nicolaus de Federmann foram logo açoitados por terríveis tempestades; parecia como se a natureza inteira, como se o próprio Criador houvesse proposto levar a pique aquela frota. Finalmente um milagre, e a não menos milagrosa perícia dos capitães, impediu o naufrágio e tornou possível que atracassem nas Canárias, onde aguardaram melhores ventos para completar a travessia. Já em Coro, Spira, cuja ambição pelo ouro ia junto com seu valor sem limites, organizou uma expedição improvisada de quatrocentos homens e partiu de imediato rumo aos Sul do Lago Maracaibo, lugar em que certas lendas locais situavam a uma riquíssima, e inexistente, cidade. Deixou seu Tenente Coronel com o encargo de viajar até São Domingo para trazer o que faltava e dar-lhe alcance nas serranias de Caroro. Mas Nicolau de Federmann, que estava comprometido com os Senhores de Tharsis, longe de cumprir estas ordens se dispôs também a marchar em direção ao Sul, mas tomando uma rota muito mais a Oeste, seguindo a indicação de uns índios que asseguravam haver visto construções de pedra.

Com este propósito, se foi a Cabo da Vela, sobre a costa do Mar das Antilhas, e embarcou em São Domingo, deixando os Senhores de Tharsis com o Capitão Antonio de Chavez e os soldados catalães. Logo regressou Federmann acompanhado de oitenta homens, trinta cavalos, apetrechos e víveres frescos, se uniu a eles, e partiram ao sudoeste, em aberta contradição às instruções de Spira: em lugar dos dois freis dominicanos iam agora três, pois a Dama, Violante de Tharsis, havia insistido em viajar disfarçada desse modo, alegando que "os perigos que corria em Coro não seriam. Seguramente, menores que os que poderiam padecer seus familiares na expedição", argumento que convenceu aos imprevisíveis Homens de Pedra.

Se a excursão de Spira podia considerar-se improvisada e escassa de homens e meios, a empresa de Federmann era simplesmente exígua: pouco podiam fazer seus cem homens e cinqüenta cavalos contra os indizíveis perigos que acercavam nessas terras agrestes e desconhecidas. Tampouco aliviou a situação a pequena tropa de veteranos de Santa Marta ao mando do Capitão Rivera que se uniu a eles no meio do caminho: aqueles homens estavam perdidos na selva, descontentes de marchar inutilmente atrás de uma riqueza que não aparecia em parte alguma. Depois de padecem as mil penúrias que oferecem os bosques tropicais, com seus ofídios peçonhentos, aranhas, insetos, tigres ferozes e sua vegetação intrincada onde tinha de se abrir picadas, os invasores experimentaram o vento gelado dos altos cumes que rodeiam o vale Dupar. E depois do descanso, novamente a selva quente, as pragas, e os índios selvagens, que agora os hostilizavam sem cessar. Porém, continuaram intrepidamente ao Sul. Atravessaram os Rios Apure e Meta, bem como mil torrentes menores, e se adentraram no território da atual Colômbia. Mas aquele país ficava fora da concessão dos Welser e Federmann não tinha nenhum direito a sua exploração.

E até então não havia indícios de que estivessem no caminho correto; os poucos índios que conseguiram capturar davam indicações imprecisas sobre as cidades de pedra: ao Sul, sempre ao Sul, mas até o Sul somente encontravam aldeias miseráveis e índios de selvageria sem par, antropófagos e caçadores de cabeça, aborígines que envenenavam lanças e os seguiam sem descanso, emboscando-lhes permanentemente, atacando-lhes pela retaguarda ao marchar; nos acampamentos ao descansar. Depois de um ano e meio de avançar naquele sentido, dizimados, convertidos a maioria dos homens em esqueletos viventes cobertos de farrapos, se impunha a critério de Federmann a decisão de regressar; caso contrário não poderia impedir já o amotinamento dos sobreviventes ou sua deserção: dos cem homens de sua tropa somente restaram vivos cinqüenta, e a maioria em estado deplorável.

Os Senhores de Tharsis, por sua parte, suportaram com estoicismo a campanha e só perderam três soldados catalães; pretendiam seguir para o Sul, mas não encontravam forma de persuadir o alemão. Finalmente, ante suas irrevogável determinação, optaram por uma solução heróica, a qual Nicolaus não pôde tampouco negar: ficariam ali e continuariam sós com a busca. O plano era pouco menos que suicida, mas como nenhuma das partes estava disposta a ceder, Nicolaus de Federmann aceitou deixa-los ir em segredo, simulando um extravio que evitaria problemas com os Welser ou como deserção. Assim foi como um dia separou-se da coluna cansada a vanguarda espanhola de Tharsis e se perdeu para sempre, pois nem os alemães da Casa Welser, nem os espanhóis do Reino, os voltariam a ver jamais.

Nicolaus de Federmann prosseguiu com suas explorações, sempre desobedecendo as ordens de Georg de Spira. Em 1539, junto com Jimenez de Quesada e Sebastian de Belalcazar, Governadores de Santa Marta e de Quito respectivamente, com quem se concentrou em plena selva, fundou a cidade de Santa Fé de Bogotá. Depois empreendeu com os mencionados capitães uma viagem a Cartagena de Índias e dali passou à Espanha com Quesada. Ainda que descobridor e explorador de terras, não conseguiu riqueza alguma e voltaria praticamente arruinado. Não obstante, quando levou aos Senhores de Tharsis as notícias sobre a sorte ocorrida por Lito e os Homens de Pedra, aqueles o recompensaram generosamente e o empregaram na Vila de Turdes, onde terminou seus dias.

América no tempo de Carlos V

O que havia ocorrido aos Senhores de Tharsis na América? Ao separa-se de Nicolaus de Federmann se achavam do lado Oeste da Cordilheira Oriental, a uns mil quilômetros do ponto de partida e a outros trezentos da cidade de Quito, à altura em que se origina o Rio Napo. Era uma

região de páramo frio e desolado, onde soprava um vento gélido que fazer trincar os dentes e se calava até os ossos. Haviam deparado com um caminho escarpado que parecia feito pelas mãos do homem, já que em certos trechos podiam observar-se empilhamentos de pedras que faziam as vezes de contenção para os desmoronamentos aluviais de terra, e os seguiam com renovada esperança: não imaginavam que ainda percorreriam cinco mil quilômetros até chegar ao destino. Tudo o que lhes pôde deixar Nicolaus eram dez cavalos e muito poucas provisões: com quatro cavalos bastavam para carregar tudo, os escassos víveres, as jaulas com os frangos e até as armas, agora inúteis por não terem nem um grama de pólvora. Na frente avançava Lito de Tharsis, que ia montado e seguido de três índios comprados em Coro, valiosos por serem falantes das línguas e como batedores. Mais atrás, cavalgava os outros cinco Homens de Pedra e a retaguarda, marchava a tropa de infantaria composta pelos sete soldados catalães, cuja fidelidade por seus amos espanhóis os impulsionava a segui-los até a morte; os cães espanhóis, de proverbial ferocidade, presidiam o passo de toda a coluna explorando o caminho cinqüenta metros adiante.

Sete dias transitaram por aquela escarpa, que agora descia em franco declive até um pequeno vale situado, não obstante, entre altas montanhas. Sem sabê-lo, estavam próximos a uma fortaleza setentrional do império inca, que servia de Marca fronteiriça com o império muisca: uma guarnição de dois mil índios, de um e de outro império, se relevavam a cada seis meses para ocupar aquele bastião. Ao dobrar uma curva, os Senhores de Tharsis divisaram as muralhas e o casario de pedra, enquanto se aproximavam até ali através de uma série de terraças escalonadas, dispostas inteligentemente para tal fim. Um silêncio sepulcral reinava no lugar e não se via movimento algum; a porta carecia de resguardo e dava a impressão de estar frente a uma cidadela despovoada e abandonada. Entretanto, nem bem havia transposto a muralha, o silêncio se diluiu sob um ensurdecedor concerto de atrozes alaridos e uma chuva de flechas começou a cair sobre os intrusos. Cobrindo a Violante, e seguidos pelos infantes, os cinco Senhores de Tharsis se atiraram com a cavalaria sobre a massa de índios que penetrava aos jorros pelas portas da fortaleza. Mas, ainda que as hordas sevilhanas causassem grande mortandade entre os aborígines, sua quantidade era tão grande que logo tiveram que retroceder às casas centrais. Mediante as ordens de Lito, os Senhores de Tharsis desmontaram e correram mais que depressa a buscar refúgio.

Em uma vivenda carente de alguma defesa, rodeada somente por um tapeai de dois cotovelos de altura, encontravam-se Lito de Tharsis, Violante, Roque, os dois frades, um índio e os cinco cavalos. Por uma abertura trapezoidal observavam como um número arrepiante de indígenas os havia encurralado em uma armadilha sem saída. Aos gritos chamaram o outro Noyo, Guilhermo, que ao final respondeu da casa contígua, onde buscara proteção com o resto da tropa. Estava ferido na perna, algo que poderia ser mortal devido a poção que os índios colocavam na ponta de suas flechas, e avisava que três dos soldados haviam morrido, assim como os dois serventes índios, e dois cavalos. Ninguém imaginava como iriam sair de tão apertada situação, quando um brusco silêncio se fez ouvir no bando aborígine. Os Senhores de Tharsis aguçaram a visão e observaram como os índios se apartavam com respeito para dar passagem a uma personagem ataviada com tecidos de lã de brilhantes cores e em sua cabeça com um gorro em forma de gorro, do qual penduravam plumas brancas e vermelhas, Vinha sentado sobre uma liteira carregada por oito homens e trazia na mão um machado de pedra; um grupo de índios, que também se distinguiam pela indumentária, e gozavam de evidente autoridade sobre os guerreiros, caminhavam nas laterais do veículo.

A prudente distancia do asilo dos invasores, se deteve a curiosa caravana e o ocupante da liteira pôs o pé na terra, dispondo-se a deliberar com seus acompanhantes: sem dúvida discutiam o modo de acabar o mais rápido possível com os espanhóis. Faziam isso quando troou o grito de Lito de Tharsis e deixou a todos cravados em seu lugar. Havia-se precipitado para fora num instante, sem elmo, com a loura cabeça

descoberta e a Espada Sábia, a qual tirara da cinta para exibir a Pedra de Vênus, hasteada no alto, enquanto proferia com voz estrondosa:

- Apachicoj Atumuruna!
- Apachicoj Atumuruna!
- Puribuaca Voltan guanancha unanchan huañuy!
- Pucará Tharsy!

Calaram surpresos os recém chegados, mas depois de se entreolharem, gritaram em seguida:
- Huancaquilli Aty!
- Huancaquilli Aty!
E depois, começando a tremer, como presa de um calafrio de terror, o da liteira exclamou:
- Huancaquilli Aty unanchan huañuy!
- Huancaquilli Aty unanchan huañuy!

Ao ouvir estas palavras todos os índios retrocederam alguns passos alargando o círculo formado frente ao refúgio dos espanhóis. Lito de Tharsis havia regressado para a casa tão inesperadamente quanto irrompeu a cena e observava bem resguardado, a reação os nativos.

- Que lhes haveis dito? – perguntou um dos frades.

- Não sei exatamente – respondeu Lito – São palavras que me disse a Pedra de Vênus na Caverna Secreta. Creio que se refere ao lugar que devemos ir. Logo, tive a convicção de que devia comunicá-las a nossos atacantes. E já vereis o resultado: parecem conhecer o significado.

Nesse momento, a liteira, com o estranho ocupante, afastava-se rapidamente, enquanto os guechas, que se tratava de guerreiros muiscas, sentavam-se no chão em sua grande maioria. Não deixavam de olhar para o refúgio dos espanhóis nem por um instante, as lanças e flechas prontas para atacar, e em seus expressivos rostos, sérios e achinezados, era impossível adivinhar as intenções. A única segurança que indicava a atitude dos índios é que se dispunha a esperar, mas, esperar o que, quem?

Assim, sitiados nas precárias casas de pedra, foram passando as horas sem que nada turvasse a impassível vigilância. Mas os Senhores de Tharsis estavam dotados em alto grau da virtude da paciência: não em vão haviam feito guarda durante 1.700 anos frente à Espada Sábia. Sentaram-se, pois, por sua vez, para aguardar os futuros movimentos dos sitiadores. Em poucas horas escureceu sem que os índios se movessem de seu lugar, ainda que se distinguisse por trás de suas fileiras, que várias fogueiras começavam a acender: logo um grupo de mulheres se ocupou de distribuir a cada guecha uma torta de milho e uma taça de cerâmica com um líquido fumegante. A noite se fez cerrada e os espanhóis decidiram descansar e vigiar por turnos. Todos conseguiram dormir, pois o amanhecer os encontrou na mesma situação do dia anterior. Não obstante, ainda transcorreria a manhã e parte da tarde antes que se notasse alguma mudança.

O número de guerreiros no lugar de diminuir havia aumentado com o correr das horas, e agora praticamente não existia lugar onde não se divisava um deles: cobriam a praça e as ruelas que corriam entre as casas, estavam em cima dos tetos, pilares e muralhas e, enfim, até onde alcançava a vista, se lhes podia ver em atitude expectante, mas francamente hostil. Advertia-se sem muito esforço que espreitavam aos milhares, e que seria muito difícil safar-se do cerco. Ao cair da tarde, os Homens de Pedra comprovaram que algo novo acontecia: os guechos puseram-se subitamente em pé e se apartaram dificultosamente para deixar passar a uma caravana que avançava da porta exterior da fortaleza. Desta vez eram três liteiras que chegavam; em uma regressava a enigmática personagem do dia anterior, e nas outras duas, vinham sentados uns homens de facções diferentes às dos indígenas: enquanto aqueles apresentavam características indubitavelmente asiáticas, os recém chegados mostravam os traços

inconfundíveis do homem ocidental europeu. Inclusive sua tez, evidentemente bronzeada pelas exposições solares, eram bastante pálida, e contrastava notavelmente com a pele amarela dos muiscas. Entretanto, suas indumentárias delatavam que se tratava de indígenas, de outra etnia, mas indígenas afinal: vestiam uns hábitos negros de lã de llama, muito semelhantes à saia dos Cátaros, e cobriam suas cabeças com **gorros negros***, do mesmo material. Mas o que mais atraiu a atenção dos Senhores de Tharsis, o mais incrível, eram os escudos redondos e emplumados que portavam: no centro, claramente visível, levavam pintada* **uma das Vrunas de Navutan***. Em sua chegada, arrancaram um murmúrio de temor da parte dos muiscas e os espanhóis observavam com assombro que a maioria dos guerreiros evitava olha-los.*

Ao deter-se, o chefe ao qual Lito havia dirigido as palavras da Pedra de Vênus começou a chamar aos dois insólitos homens que o acompanhavam. Depois de descer, os três se aproximaram até a casa ocupada pelos intrusos. A certa distância pararam e conferenciaram durante uns minutos. Finalmente o da véspera se aproximou resolutamente e gritou:

- Huancaquilli Aty! ¡Huancaquilli Aty!

Lito de Tharsis vacilou um instante, pois todos os olhos dos Homens de Pedra estavam postos nele, mas em seguida saiu e se enfrentou com o índio. Como da primeira vez, alçava também a Espada Sábia. Ao vê-lo, os dois de negro avançaram a seu encontro. Contudo, seu interesse não radicava em Lito senão na Espada Sábia: ambos disseram a uníssono:

- Coyllor Sayana! - que em quechua significa: "Pedra da Estrela".

Da janela trapezoidal, os Homens de Pedra seguiam atentamente os acontecimentos, prontos para correr em ajuda de Lito de Tharsis. Não conseguiam ouvir as palavras que pronunciavam, mas era indubitável que tanto Lito como os **Amautas do Gorro Negro** *falavam a intervalos regulares Transcorreu os minutos da mesma forma, até que o intercâmbio de palavras e frases adquiriu o inequívoco tom de diálogo. Por fim, o Senhor de Tharsis girou e encaminhou-se sem problemas para o albergue de seus parentes; o chefe muisca, por sua parte, deu uma ordem e de imediato os guedhas se desconcentraram sem protestar: somente a guarda real que acompanhava as liteiras se manteve nas cercanias da casa.*

- O que sucedeu? – Indagou Violante sem poder conter-se, assim que Lito transpôs a porta – Conseguiste fazer-te entender pelos locais?

- Aparentemente o perigo passou – afirmou Lito, cujo semblante refletia ainda a estupefação que o embargava – Senhores de Tharsis: enfrentamo-nos a um Grande Mistério. Segundo o que consegui compreender, **estes seres de túnica negra estavam nos aguardando há muitos meses***, quiçá um ano ou mais. As palavras que pronunciei ontem pertencem a uma língua profana, própria do Império que foi conquistado por Pizarro. Por isso, em princípio não pudemos entender-nos, Mas depois, e ouçam nem o que vou dizer por que ainda que pareça fantasia, não é. Eles falaram num idioma que é exclusivo aos Amautas do Gorro Negro, espécie de Iniciados do Culto da Lua Fria, ou minguante, Aty, ou seja, a Morte Fria; e eis aqui o incompreensível:* **essa língua é uma variante antiga do baixo alemão ou do danes***. Ainda não o sei com certeza pela forma bárbara em que o falam, mas creio não me será difícil aprende-la. Naturalmente, que vós estaríeis tão surpresos como eu: como pode ser que nos estivessem esperando, quando somente os Deuses sabiam que viríamos? E quem são estes Iniciados, que em terras tão distantes e desconhecida falam uma língua germânica? Por ora não tenho respostas.*

- Mas que faremos agora/ - perguntou Roque.

- Pois, parece que os Amautas do Gorro Negro devem conduzir-nos para algum sítio. Suponho que os guardiões desta fortaleza estarão conformes com que nos vamos o quanto antes, dado que a presença dos designados não lhes agrada em absoluto, e as nossas, depois da matança que fizemos, não há de ser-lhes nada simpática. Proponho que saiamos à praça, e mantenhamo-nos o mais próximo possível dos Amautas.

Assim recolheram o equipamento e, tomando aos cavalos pela rédea, foram saindo lentamente até o extenso pátio onde os Amautas se encontravam esperando, acomodados nos assentos das liteiras. Lito foi à outra casa e comprovou com pesar que o Noyo ardesse em febre e que a ferida estava gravemente inchada. Levando-o em seus braços, uniu-se aos Homens de Pedra e lhes disse:

- Não podemos partir sem curar Guilhermo. Lavaremos sua ferida com água quente e vinagre, do qual, todavia, nos restam algumas gotas.

Procedeu, então, a solicitar água, tratando de fazer-se entender pelos Amautas, mas estes, nem bem constataram o estado do Noyo, deram várias instruções aos muiscas e estes se dedicaram à cura: em um braseiro de pedra, colocaram um recipiente com água a qual juntaram as enormes folhas de uma planta muito verde; depois de fazer ferver o pote, lavaram com seu suco a ferida, e a cobriram com folhas da mesma espécie; depois de vendar cuidadosamente, trouxeram uma espécie de maca composta de duas largas varas e tela transversal, deitaram o Noyo e dois guerreiros da guarda real o carregaram rumo à porta da fortaleza: os muiscas não dissimulavam a urgência que tinham por ver aos estrangeiros fora de suas muralhas.

Qüinquagésimo Oitavo Dia

Os Amautas iam custodiados por dezesseis guerreiros que se alternavam a cada oito, para carregar as liteiras. A eles somavam os Seis Senhores de Tharsis e os quatro catalães sobreviventes: ao índio baqueano não se lhe permitiu viajar e tiveram de deixá-lo com os muiscas. Da última escaramuça oito cavalos foram salvos e dois dos cães espanhóis, além das jaulas de frangos de Castela e todo o equipamento.

Seguiam os Amautas por uma estreita senda que se dirigia em linha reta até o Leste, subindo permanentemente pela Cordilheira Oriental. Um dia depois, após pernoitar numa gélida caverna a 3.500 metros de altura, ganharam o cume de uma serra que partia como braço da cadeia principal. Tudo indicava que ali se iniciaria a descida, mas os fatos imediatos desmentiram aquela presunção. Logo, numa curva, o caminho concluiu bruscamente frente a uma impenetrável parede de pedra: a montanha se levantava ante a caravana impedindo sua passagem. Qualquer europeu em situação semelhante teria dado meia volta e procurado outro caminho que ultrapassasse o obstáculo: isso seria ***o lógico****. Mas estava visto que os Amautas do Gorro Negro, como os Senhores de Tharsis, não se regiam pelos princípios da Lógica. Estes, sem se alterarem, desceram de seus lugares e se entregaram a uns estranhos preparativos. Os Homens de Pedra, assombrados ainda pela detenção, observaram com maior detrimento a parede montanhosa e então, quase simultaneamente, compreendera o que ocorria:* ***encontravam-se na presença de uma entrada selada pelas Vrunas de Navutan, uma entrada similar à Caverna Secreta do Cerro Candelária, na distante Huelva****. Agora as Vrunas eram claramente perceptíveis para eles e poderiam atravessar a parede num instante,* ***somente aproximando-se estrategicamente da abertura oculta****. Mas não lhes escapava que somente os Iniciados Hiperbóreos são capazes de efetuar aquela operação: na Casa de Tharsis somente uns poucos entre milhares de descendentes conseguiram faze-lo e isso lhes valeu a consideração de Noyos e Vrayas. Que fariam então? Abandonariam aos quatro catalães? E, o mais intrigante, como passaria aqueles rudes guerreiros, que se via claramente não se tratarem de Iniciados?*

As respostas não tardariam a chegar. Um dos Amautas tomou um recipiente e, destampando=lhe, procedeu a dar de beber a cada um dos guerreiros de sua guarda. Minutos depois a beberagem fez efeito e os índios estavam como hipnotizados, olhando sem pestanejar, mas conservando o equilíbrio. Evidentemente, a droga lhes havia privado momentaneamente da consciência, pois os Amautas os tomavam pelos ombros e os empurravam até as rochas da montanha; e estes se deixavam conduzir docilmente. Mas o mais admirável para os Senhores de Tharsis era ***observar como os Amautas introduziam os guerreiros na entrada secreta e desapareciam no interior das enormes pedras, para regressar em seguida a buscar o seguinte****.*

- Deuses! – exclamou Lito de Tharsis – Se nossa Casa possuísse a fórmula desta substância...

Finalmente ficaram apenas os espanhóis desse lado da montanha, e os Amautas ofereciam o recipiente acenando-lhes que bebessem. Os seis Homens de Pedra desistiram de provar a droga, mas fizeram que bebessem os céticos catalães. Cada um deles sorveu um trago e experimentou, minutos depois, um efeito fulminante: caíram ao chão, profundamente adormecidos. Tiveram, assim, de arrastá-los pela entrada secreta, mas inexplicavelmente era agora possível introduzi-los por ela.

Aquela entrada secreta não dava como em Huelva, numa caverna, senão num túnel de uns cem metros de longitude, cujo extremo causou um novo motivo de sobressalto para os Senhores de Tharsis. Em efeito, a saída do túnel encontrava-se no meio de uma calçada de pedra com muros nas laterais e perfeitamente alinhados de Norte a Sul, que se perdiam na distância em ambos os pontos cardeais.

Sobre os muros laterais, gravados com signos do alfabeto futark, viam-se em certos trechos inscrições e sinais.

- Não restam dúvidas de que se trata de uma língua germânica. Porém – comentou Lito – este caminho tem todo o aspecto de ter sido construído pelos Atlantes Brancos. Observai estas pedras! A forma em que estão talhadas! Trata-se de autênticos menires que somente Eles poderiam ter feito!

A observação de Lito foi prontamente confirmada pelos Amautas: ***quando eles chegaram a essas terras, muitos séculos atrás, aquele caminho já estava ali. Mas somente os Iniciados podiam cruzá-lo e por isso se lhe chavama "O Caminho dos Deuses". Os invasores brancos jamais poderiam encontrá-lo, ainda que seguramente utilizassem as duas calçadas paralelas que os incas construíram imitando O Caminho dos Deuses****. Mas ele, os dois Amautas do Gorro Negro, não deveriam falar desses temas com os Huancaquilli, pois tal missão lhes estava reservada aos "Atumurunas", que os aguardavam ao final do Caminho.*

*A capital, Cuzco, achava-se no centro das quatro regiões em que de dividia o Império Inca: a Oeste, o **Kontisuyu**; a Leste, o **Antisuyu**; ao Norte, de onde procediam os Senhores de Tharsis, estava o **Chinchasuyu**; e ao Sul, até onde de orientava o Caminho dos Deuses, se encontrava o **Kollasuyu**. Os dois Caminhos Reais encontrados por conquistadores de Pizarro, iam de Norte a Sul, seguindo um traçado paralelo ao Caminho dos Deuses: a rota costeira nascia em Tumbes e chegava até Talca, no Chile, 4.000 quilômetros depois; a central, mil quilômetros mais extensos, partiam de Quito e concluía no lago Titicaca, a orla do Rio Desaguadeiro. O Caminho dos Deuses, muito mais oriental, também terminava seu percurso no lago Titicaca. Mas a diferença radicava em que os Caminhos Reis eram sendas por onde se canalizava toda a atividade do Império: o Caminho dos Deuses, pelo contrário, era um caminho secreto, somente conhecido e utilizado pelos Amautas do Gorro Negro, os temidos Iniciados da Morte Fria Atyhuañuy.*

O Caminho dos Deuses mostrava um perfeito estado de conservação, rivalizando em alguns pontos de excepcional beleza com as melhores estradas européias: isso se conseguia pela distribuição permanente de centenas de homens ao largo de seu trajeto, que se encarregavam da manutenção da calçada, do serviço de mensageiro, e do sustento dos armazéns que existiam a cada três ou quatro léguas. Justamente, poucos passos pelo ciclópeo caminho de pedra, os viajantes deram com um armazém de amplas dimensões: segundo souberam depois os Senhores de Tharsis, aqueles "Armazéns Grandes"! Se edificavam nas cercanias das saídas laterais, e secretas, do Caminho dos Deuses. O lugar estava atendido por membros da mesma Raça morena que servia aos Amautas, uns meninos correram para descarregar as lhamas que estes traziam e conduzi-las a um curral, mas demonstraram grande temor pelos cavalos dos espanhóis, que tiveram de ser tratados pelos catalães. Ali comeram as fartas tortas de milho, beberam o api quente e descansaram meio dia. Um chasqui, entretanto, partiu em carreira para adiantar a notícia sobre a chegada dos Senhores de Tharsis.

Apesar das desgastantes jornadas, durante as quais marchavam todo o dia e somente se detinham à noite nos estábulos mais próximos, o tempo passava sem que o Caminho dos Deuses parecesse terminar nunca. E semana após semana, o frio, o vento, e a neve, os castigavam sem cessar, posto que o Caminho raramente descesse por menos de 3.000 metros, obrigando-os a estarem permanentemente abrigados. Um motivo de alegria era a rápida melhora de Guilhermo de Tharsis: dois dias depois de curada a febre cedeu notavelmente, a perna começou a se desinflamar; aos quinze dias já podia caminhar quase que normalmente. Mas sessenta dias depois, ainda se encontravam transitando pela mesma estrada, cujos acidentes mil vezes repetidos, escalas, rampas, túneis e pontes suspensas, se lhes tornava agora monótonas

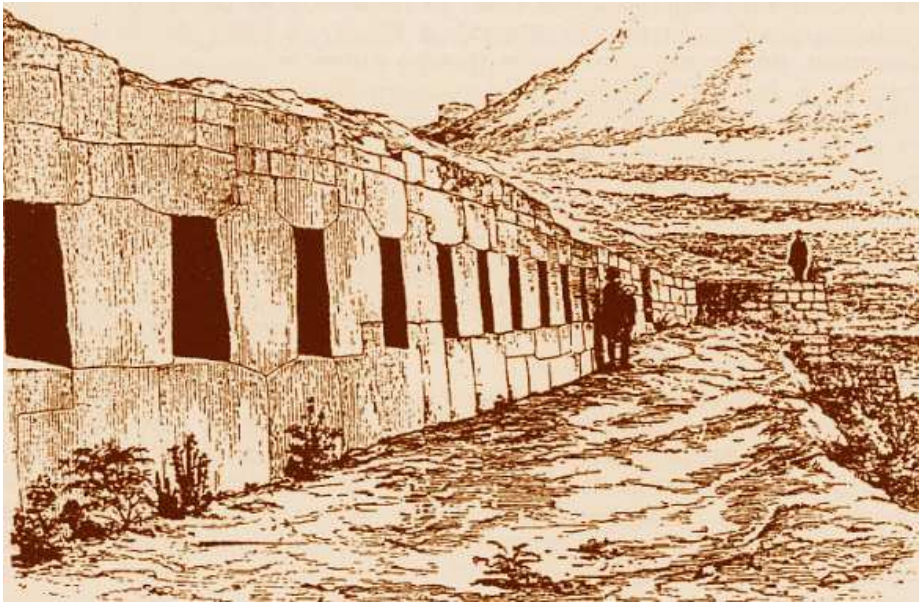
e aborrecidas. A presença das inscrições rúnicas na mesma língua germânica foi constante durante os milhares de quilômetros percorridos, ainda que tendesse a aumentar em variedade e perfeição à medida que se aproximava do destino. Mas aquelas legendas e sinais eram evidentemente posteriores às construções megalíticas que se encontravam disseminadas ao largo do Caminho dos Deuses: tais pedras exibiam o antiqüíssimo e inconfundível Signo das Vrunas de Navutan, das quais as runas somente refletem um simbolismo superficial.

Una semana antes de chegar ao lago Titicaca, subiram a um armazém onde os esperavam oito Amautas de Gorro Negro e uma estranha personagem, Era um ancião de cabelos grisalhos e feições do tipo europeu nórdico, cujos olhos celestes e pele clara confirmavam sua pertinência à Raça Branca. Como os primeiros Amautas que conheceram os Senhores de Tharsis, o ancião branco e seus acompanhantes somente queriam ver a Pedra de Vênus. Lito de Tharsis, que interpretava corretamente seus desejos, cedeu pacientemente a eles, desembainhando a Espada Sábia e tirando da cinta de arriaz. Uma exclamação de assombro brotou das nove gargantas. E depois deram mostra de reparar nos Homens de Pedra. Todos haviam desmontado e se achavam atrás de Lito de Tharsis, admirados por sua vez pela reação de seus anfitriões. O ancião, falando o mesmo dialeto germânico que os Amautas, mas em forma muito mais clara, perguntou:

- E a Princesa? Haveis trazido a Princesa?

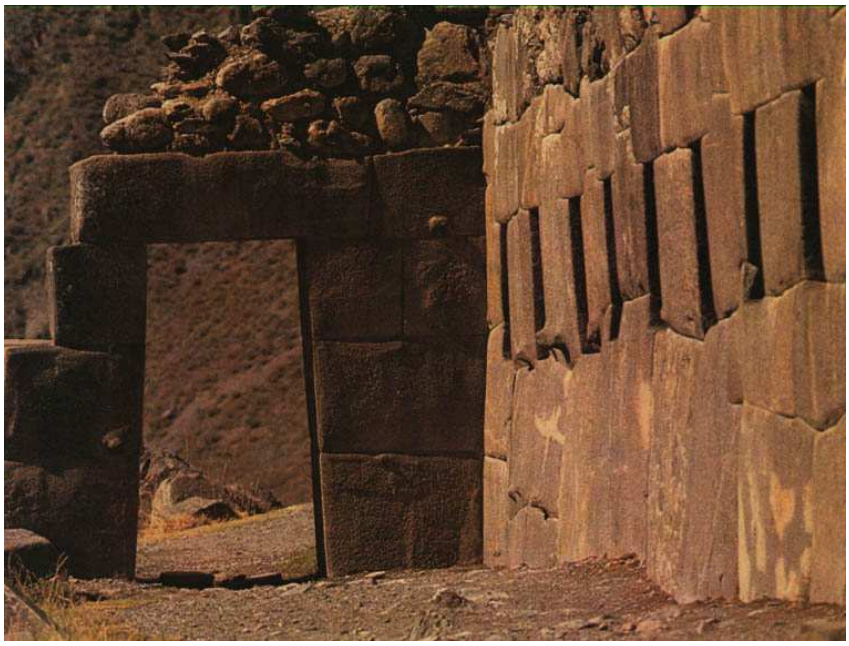
Tal questão desconcertou a Lito, que se voltou para cruzar um olhar com seus parentes. Descobriu assim os olhos de Violante de Tharsis, irreconhecível como Dama sob o hábito dominicano, e subitamente compreendeu tudo. Golpeando-se na testa com a palma da mão, disse sorridente:

Provavelmente vos referis a minha prima Violante. Mas tens razão, Nobre Ancião: ***Ela é uma Princesa de Tharsis****! – E ato seguinte baixou o capuz e deixou em descoberto o formoso rosto da Dama. Ao vê-la o ancião, e os dez Amautas, sorriram por sua vez e se golpearam na testa com a palma da mão, imitando o gesto de Lito de Tharsis.*



Ruínas de Ollantay Tambo

Encontram-se entre Machu Pichu e Cuzco, a uma altura de 2750 metros. (Acima, uma gravura do ano de 1877 mostra um aspecto geral. Abaixo, o interior das Ruínas).



As Ruínas de Tambo Machay, nas imediações de Cuzco, Peru

O ancião era um dos Atumurunas, aos que as frases em quéchua pronunciadas por Lito de Tharsis haviam invocado. Mas quem eram os Atumurunas? Segundo respondeu o ancião, que depois da recepção narrada tornou-se tão parco e lacônico como os Amautas, ***os Atumurunas pertenciam a uma Família: eram membros da Cãs "Inca Kollman"; "Inca", queria dize "descendente", a saber, que os Atumurunas eram os "descendentes" de Kollman***.

Isso era compreensível, explicou Lito aos Homens de Pedra, pois a panícula "inc" significa descendente nas línguas germânicas, como em Merovíngio ou Carolíngio, mas quem eram os Kollman? O ancião negava-se a responder alegando que seus parentes o explicariam "quando chegassem a Koaty, a Ilha da Lua". Onde ficava a "Ilha da Lua"? "No lago Titicaca, ao qual chegariam depois de uma semana de marcha". "O caminho lateral que conduz desde o Caminho dos Deuses até Cuzco há cinco dias que o haviam deixado para trás; agora se encontravam numa região, todavia não explorada pelos espanhóis, mas teria de se apurar, pois os "incas" tinham notícias de que se preparava uma expedição ao Sul; os Huancaquilli brancos chegaram justo no último momento, quando os Atumurunas já se

desesperavam de que se cumprisse a ***advertência dos Deuses****". E nada mais que isto podia ser sacado do ancião Atumuruna.*

Sete dias depois divisavam uma colossal fortaleza de pedra no que devia ser o extremo Sul do Caminho dos Deuses. O Caminho, em efeito, terminava de frente à fortaleza, e esta, cujas muralhas tinham forma de meia lua, se recortava contra uma montanha de inaudita altura. Porém, o Caminho não estava totalmente interrompido: uma saída secreta, somente apta para Iniciados Hiperbóreos, permitia atravessar o obstáculo. Pernoitaram ali e foram persuadidos pelo ancião para que deixassem os animais e o equipamento, já que não poderia transportá-los à Ilha. No dia seguinte passaram pela saída secreta, prévia libação da misteriosa beberagem por parte dos quatro catalães e dos cinqüenta guerreiros que agora os acompanhavam: os Senhores de Tharsis, em compensação, somente tinham de situar-se frente à Pedra e escutar as Vrunas de Navutan na Língua dos Pássaros; essas lhes indicavam ***quais movimentos estratégicos deveriam fazer para aproximar-se corretamente da saída secreta e transpor o Véu da Ilusão****. Do outro lado da montanha encontraram-se a apenas cinco léguas da orla do lago, em direção ao porto de Carabuco. Corria, então, Junho de 1535.*

Embarcar nas canoas de tora constituiu uma experiência original para os espanhóis, ainda que os desconfiados catalães temessem ir a pique a qualquer momento. Contudo, seis horas depois aportavam sem problemas na Ilha da Lua. Desceram sobre uma pequena praia, de não mais de dez pés de Castela de largura, bordeada por um proeminente barranco de 200 varas de altura: um estreito e visível caminho em ziguezague permitia subir até o topo do despenhadeiro, de onde se entendia a superfície habitável da Ilha. De acordo às explicações dos Amautas, sobre a Ilha ***Koaty*** *existia um povoado fortificado e um Templo.* ***Mas eles não iam à superfície****.*

Quando todos tinham descido na praia, o Atumuruna lhes revelou que teriam de atravessar outra entrada secreta, que se encontrava ali mesmo na parede do barranco. Novamente, os Homens de Pedra localizaram as Vrunas e os catalães tiveram de ser drogados. Além da Ilusão do Barranco, havia um penumbroso túnel, revestido integramente de blocos de pedra, que declinava na rampa e se fundia nas entranhas da Ilha. Durante vinte minutos continuaram descendo, até que o túnel se estabilizou e os conduziu ao umbral de uma porta guardada por dois Amautas do Gorro Negro: ao ver aos recém chegados, um deles golpeou um enorme gongo de prata com uma maça que portava entre suas mãos. Um espetáculo inusitado se ofereceu ante a vista atordoada dos espanhóis. Compreendera assim, que se achavam frente a uma caverna de titânicas dimensões, tão grande que todo um povoado cabia nela: o som do gongo havia alertado a todos da população, que agora saiam massivamente das vivendas para observá-los com curiosidade. Quase todos, notaram os Senhores de Tharsis, pertenciam à mesma Raça mestiça dos Amautas. A saída do túnel dava a uma passagem elevada da qual se dominava grande parte da caverna, que não estava mais bem iluminada que o corredor anterior. Sob seus pés se deslocavam centenas de modestas casas de pedra, separadas por ruas e praças, distinguindo-se de tanto em tanto uns edifícios maiores, que deviam ser Palácios e Templos. O Atumuruna lhes indicou para que seguissem e tomou pelo corredor, do qual partiam em trechos umas escadarias talhadas na rocha para descer ao povoado.

O corredor fez uma curva aberta e os situou diante de um edifício que talvez fosse o maior da cidade: uma ampla escadaria, flanqueada por dois tigres de pedra, permitia chegar até ele. Na porta os aguardavam um grupo de homens de diversas idades, mas de vestimenta e Raça semelhante ao ancião Atumuruna. Todos demonstravam uma intensa alegria pela presença dos Senhores de Tharsis, e alguns, se podem se conter, se adiantaram e lhes estreitaram num abraço, numa espécie de saudação romana. Ali se retiraram os Amautas do Gorro Negro e os Atumurunas os fizeram passar ao Palácio, a uma sala

semicircular com arquibancadas que dava a impressão de constituir um anfiteatro ou um fórum. Os Homens de Pedra deveriam acomodar-se em torno a uma mesa central com forma de meia lua, enquanto que uma dezena se Atumurunas distribuíam-se nos degraus.

Um ancião Atumuruna, que chagavam ***Tatainga*** *e que era muitíssimo mais velho que aquele que os guiara até ali, tomou a palavra e se dirigiu aos Senhores de Tharsis:*

- Sei que há um de vós que compreende nossa língua sagrada. Isso me alegra enormemente. Nós, em troca, não conhecemos a vossa e havereis de nos desculpar por isso. Porém, sabemos sim de onde vens: do mesmo Mundo de nossos Antepassados, há mais de seiscentos anos.

Concordou Lito de Tharsis com um gesto e Tatainga continuou:

- Agora, Huancaquillis brancos, nos dareis a Graça de mostrar-nos a Pedra da Estrela Verde?

Extraiu, Lito, a Espada Sábia de sua bainha, tirando a cinta, expondo a Pedra de Vênus para a contemplação dos Atumurunas. Um murmúrio de aprovação acompanhou a exibição, mas Tatainga aproximou-se para examiná-la de perto. Voltou-se depois e fez um sinal a umas belas Iniciadas que guardavam a porta: estas saíram e voltaram num instante, trazendo uma base quadrada sobre a que descansava um objeto, ao que não se podia ver por estar coberto por um tecido branco com gravuras de esvásticas negras. As Iniciadas depositaram sua carga com grande delicadeza sobre a mesa de meia lua e se retiraram a seus postos. O ancião Atumuruna, então, tirou o tecido e os Homens de Pedra puderam observar, para o cúmulo do assombro, ***uma cora germânica de ferro, na qual estava engastada uma Pedra de Vênus exatamente igual à da Espada Sábia****.*

- ***Esta é a Coroa do Rei Kollman****! – afirmou Tatainga com voz respeitosa.*

Qüinquagésimo Nono Dia

A história do povo dos Atumurunas era notavelmente parecida à da Casa de Tharsis. O ancião Tatainca a referiu aos Homens de Pedra com muito detalhe; mas eu, Dr. Siegnagel, tratarei de resumi-la aqui com poucas palavras.

Os antepassados dos Atumurunas, e a língua que eles falavam, procediam da região de ***Schleswig****, no Sul da Dinamarca. No século X existia ali o Reino de* ***Skioldland****, que tinha oito séculos de antiguidade e havia resistido às hostes cristianizadoras de Carlos Magno, cento e cinqüenta anos antes. Seu povo, de Sangue Puro, conservava a religião de Odin, ou Navutan, e conseguiu preservar a Pedra de Vênus, herança dos Atlantes Brancos. Por tais "heresias", os Golen decretaram a pena de extermínio para toda a Casa real. Contrariamente aos Senhores de Tharsis, os bravos vikings não ocultaram a Pedra de Vênus, senão que a engastaram na Coroa de seus Reis, situação que os obrigava, quando muito, a exibi-la em cada cerimônia de coroação do Rei, ou apresentar a Coroa frente a cada novo Senhor Territorial com o qual estavam enfeudados. Não obstante, tal comportamento imprudente, os skioldanos conseguiram manterem-se livres até os tempos do Rei da Alemanha Henrique I, o Passarinheiro. No século X, este Rei, que era também Hiperbóreo, derrotou ao Rei da Dinamarca, Germondo, e conquistou o Schleseig; segundo seu costume, estabeleceu uma marca fronteiriça na região e para tal finalidade nomeou Margrave ao Rei se Skioldland, sem importar-se se seus súditos eram ou não cristãos. Mas o Reino alemão sim, o era, e os Golen não tardaram em iniciar uma campanha de agitação para forçar a conversão em massa dos vikings e obrigar seu Rei a entregar os "instrumentos de Culto pagão", entre estes a Coroa com a Pedra de Vênus. Contudo, nada conseguiram enquanto viveu Henrique I.*

Morto o Rei no ano de 936, lhe sucede seu filho Oton que, apesar de descender do lendário Vitikind por parte de sua mãe Matilde, tinha o cérebro lavado pela obra de seus instrutores Golen beneditinos. Oton I desejava em tudo imitar a Carlos Magno e começa por fazer-se coroar Rei em Aquisgran, pelo Arcebispo de Maguncia, a que se seguiriam depois várias expedições à Itália para conhecer aos Papas, e sua investidura imperial em Roma, em 962. A fortíssima liga entre a Igreja alemã e o Império, que durará até o extermínio dos Hohenstaufen em 1250, pode afirmar-se que começa com as extraordinárias concessões de Oton I. É compreensível, pois, que com tal Imperador a sorte do pequeno Reino de Skioldland estivesse lançada. Em 965, as intrigas dos Golen surtem efeito e uma expedição marcha sobre Schleswig: composta de tropas imperitas ao comando do General Zähringer, tem a missão de converter o Reino pagão ao cristianismo ou destruí-lo e, de qualquer modo, seqüestrar a Coroa real. Esta vez não há salvação para os vikings e é assim que seu Rei, Kollman, lhes propõe abandonar esse país que logo cairá em poder dos Demônios: - Odin guiou a nossos avós a lhes entregou estas terras; e Ele nos manda agora partirmos para outro Reino de além mar!

Setenta por cento da população aceita a oferta e se faz ao mar em 220 ***drakkares****, mas quem ficou foram passado à faca pelos enfurecidos evangelizadores. A numerosa frota cruzou o Mar Tenebroso e chegou até o Golfo do México. Ali, florescia a civilização dos toltecas, que receberam aos vikings como "os filhos dos Deuses", ou seja, como descendentes dos Atlantes Brancos.*

A casa de Skiold era tão antiga quanto à de Tharsis, Mas na missão familiar, ambas as Estirpes diferiam notavelmente: em lugar de um Fogo Frio no Coração, os Senhores de Skiold deviam aprofundar o segredo da Agricultura Mágica até dar com a essência do cereal, incorporado no Sangue Puro, aquela essência causaria a precipitação de uma Semente de Pedra no Coração dos Iniciados. Os Atlantes Brancos lhes havia aconselhado que formassem um corpo permanente de Noyos e Vrayas, cuja tarefa seria contemplar a Pedra de Vênus e aguardar que nela se apresentasse "o Sinal Lítico do Valhalla":

quando isso ocorresse, seria o momento de viajar para a Morada dos Deuses. E o Sinal havia aparecido, poucos dias antes do ataque a Skioldland. Na Pedra de Vênus, uma Vraya conseguiu ver uma paisagem megalítica às orlas de um enorme lago: aquele lugar, diziam os Deuses Leais, encontrava-se ale do Mar Tenebroso. Mas até lá deviam ir, pois um Grande Império seria a Casa de Skiold pela Vontade dos Deuses. E foi por isso que se fizeram ao mar nos 220 drakkares. Em suma, a Casa de Skiold constituía uma família de Iniciados Hiperbóreos, e não deve estanhar que ao partir, tanto o Rei Kollman como sua Rainha e numerosos Noyos e Vrayas, fossem Homens de Pedra.

Apesar de se imporem sem problemas aos toltecas e de contribuir profundamente a melhorar sua civilização, dez anos depois o povo de Kollman continuou viajando para o Sul, ficando com os toltecas aqueles que haviam cometido o "pecado racial" de aparelhar-se com eles. Navegariam até a Venezuela. Marchariam depois em direção ao Oeste, atravessando a Venezuela, Colômbia e Equador, e chegariam até Quito, de onde navegariam novamente rumo ao Sul. Desembarcariam em Tacna, e subiriam as montanhas do Leste, até ganhar o planalto de Tiahuanasco e o lago Titicaca. Era esse o lugar que indicava a Pedra de Vênus.

Em Tiahuanaco os skioldanos encontraram uma ciclópea cidade de pedra semi construída, uma espécie de obra dos Atlantes brancos. Junto às ruínas, edificaram um povoado que seria a cabeça de um Império. E na Ilha do Sol, levantaram um Templo à Deidade local, já que eles se haviam apresentado aos colas, aimarais e outros índios, como "Filhos do Sol". O Império viking de Tiahuanaco prosperou e se expandiu até o século XIV, até que se desatou a segunda parte do drama racial da Casa de Skiold. Naquele século, em efeito, os skioldanos, a quem já se denominava "Atumurunas" por sua pele branca e sua predileção pela Lua Fria, haviam dominado a todos os povos de índios que habitavam nos arredores. Somente um resistia, e não por seus próprios méritos, senão que os Atumurunas duvidavam entre deixá-los livres e distantes, ou submete-los a vassalagem e ter de tratar com eles. Esse povo eram os ***Diaguitas****, e a apreensão dos vikings procedia de uma rejeição quase epidérmica, essencial aos costumes e cultura daqueles. O caso era que, se bem a massa de índios pertencesse efetivamente às etnias americanas, a casta nobre e sacerdotal que os regia tinha origem mediterrânea ou, com maior precisão, provinha do Oriente Médio: nos museus de Santiago do Charco, Catamarca, Salta, Tucuman, ou Tilcara, podem-se ver hoje em dia centenas de cerâmicas e objetos escritos em aramaico e hebreu, que asseveram esta afirmação.*

Assim é Dr. Siegnagel. A nobreza diaguita ostentava a mais rançosa linhagem hebréia e seus Sacerdotes se consideravam como os mais zelosos do Pacto Cultural e do Sacrifício ao Uno. Professavam um ódio mortal contra os vikings e viviam permanentemente hostilizando as fronteiras do Império. Mas sempre se os controlou; pelo menos até o fatídico ano de 1315. Nesse ano, um levantamento generalizado de tribos diaguitas se produzirem a partir do Riacho de Humauaca até Atacama, no Chile, sem que houvesse um motivo justificado por parte do Império. As notícias que chegavam indicavam que ***o Grande Cacique Cari havia recebido dos Enviados do Deus Uno, Berahj e Birshaj, quem os incitaram à guerra contra Tiahuanaco; eles lhes asseguraram o Triunfo porque os Diaguitas, diziam, pertenciam ao Povo Eleito por Ele****, e não podiam perder. Motivados dessa forma, os ferozes indígenas avançaram irresistivelmente sobre os limites do Império, e sitiaram Tiahuanaco. Os vikings, finalmente, buscaram refúgio na Ilha do Sol, enquanto que os Atumurunas Iniciados, ou seja, os Homens de Pedra se introduziam na Caverna Secreta Atlante da Ilha da Lua,* ***Koaty****.*

Os vikings nada puderam fazer contra a Alta Estratégia aplicada pelos Demônios Berahj y Birchaj, que guiavam os Diaguitas e acabaram caindo no cerco que o Inimigo fechou em torno da Ilha do Sol. Tornados prisioneiros aos milhares, os skioldanos foram pacientemente degolados um a um nas

mãos dos Sacerdotes hebreus-diaguitas. Ao chegar a esta parte do relato, o Atumuruna Tatainca assinalou um relevo rúnico na parede e perguntou:

O Pucará de Sayagmarca, situado sobre o fio de uma colina, a 3600 metros de altura, nas imediações de Machu Pichu, Peru.

O Puca Pucará, localizado num pequeno vale nas proximidades de Cuzco, Peru.

- "Molay", "Quiblon"? Significam algo essas palavras para vós? Porque os Sacerdotes Diaguitas, cada vez que degolavam um prisioneiro de orelha a orelha, procurando que o sangue caísse no lago, gritavam: - Por Molay! Por Quiblon! Nossos antepassados escreveram com runas esses nomes, que para eles não tinham sentido, pois desejavam que algum dia seus descendentes esclarecessem o enigma.

Os Homens de Pedra ficaram mudos, cravados em seus lugares. Mas pensavam: Que terrível é a Ilusão do Grande Engano! Quão diferente é a mesma realidade vista de outra perspectiva! O ano de 1315 havia sido um bom ano para a Casa de Tharsis. Apresentou-se o Senhor de Vênus e aprovou todas as ações contra os planos da Fraternidade Branca; a ação da Casa de Tharsis, e do ***Circulus Domini Canis****, causou a destruição da Ordem Templária; e com eles, com a fogueira de Jacques de Molay, desapareceu pelo momento o perigo da Sinarquia Universal do Povo Eleito. Também a vinda de Quiblon se atrasaria 180 anos. E nesse ano os Valentininos se radicavam em Turdes. Sim, 1315 foi um ano farto, que ainda recordavam com simpatia os Senhores de Tharsis; inclusive chegou-se a dizer que era um dos melhores anos na história da Casa de Tharsis. E agora compreendia que para seus irmãos skioldanos aquele foi um ano nefasto, o pior de sua história! O Inimigo tomou, então, contra eles uma vingança atroz: tentou extinguir sua Estirpe em represália pela destruição da Ordem do Templo! Daí que diziam, a cada execução: "- Por Molay! Por Quiblon! –", remedando a Charles de Tharsis, quando dizia aos Golen que iam para as fogueiras de Senz: "- Por Navutan e pelo Sangue de Tharsis! - ". Malditos Golen! Malditos membros do Povo Eleito, malditos Bera e Birsa: uma nova conta para saldar na Batalha Final!*

Continuarei com o relato resumido, Dr. Siegnagel. Somente acrescentarei que desde então, o ano de 1315 seria considerado ano de luto para a Casa de Tharsis.

Os Homens de Pedra da linhagem de Skiold permaneciam refugiados na Ilha da Lua durante trinta e cinco anos, antes de atrever-se a realizar uma nova ação estratégica. Nesse lapso, a vigilância dos índios hebreus foi constante sobre o lago Titicaca, pois numerosas lendas locais falavam das cavernas e túneis que os Atlantes Brancos construíram milhares de anos atrás. Eles suspeitavam que alguns Atumurunas pudessem ter se ocultado ali. Porém, as Vrunas de Navutan constituíam um obstáculo intransponível, ainda para os poderes dos Demônios Berahj e Birchaj, seres carentes de Espírito Não Criado; e quase ninguém que não fosse Iniciado Hiperbóreo voltaria a ver jamais aos Atumurunas. Na verdade. Os sobreviventes eram muito poucos, ainda que os acompanhavam um número maior de membros da Raça mestiça à qual pertencia os Amautas do Gorro Negro. Essa raça formara-se pela mescla do sangue viking e os índios que habitavam em Tiahuanaco na chegada do Rei kollman. Contudo, não obstante a mestiçagem mencionada, os vikings trataram sempre de conservar o Sangue Puro e impuseram uma lei pela qual somente eram Nobres aqueles que descendessem da linhagem de Skiold. Desse modo, a pertinência à Nobreza exigia o casamento entre integrantes da Raça conquistadora: os mestiços, ainda que fossem parentes dos vikings, estavam excluídos da Nobreza, mas não do direito de participar do Mistério do Sangue Puro. Vale dizer, que os mestiços podiam chegar à Iniciação Hiperbórea, faculdade que acabou dividindo-os por sua vez em Iniciados, ou seja, Amautas do Gorro Negro, e ***Quillarunas****, ou seja,* ***Homens Lunares*** *ou Povo da Lua.*

Os sobreviventes da matança diaguita se compunham de uma dezena de Atumurunas e uma centena de Quillarunas. Quando pensavam ter diminuído o perigo, trinta e cinco anos depois, os Atumurunas decidem ocupar o Caminho dos Deuses, uma antiqüíssima rota do Império Atlante que ia desde Tiahuanaco até o Mar do Caribe. Numa primeira etapa, expandem-se pelo Caminho secreto até a altura de Cuzco, onde existia uma saída lateral para aquela cidade. É então que decidem enviar dois Iniciados Atumurunas para que formem uma nova Estirpe real nos povos da região de Cuzco, que haviam sido vassalos dos vikings de Tiahuanaco durante séculos. Um dos Iniciados era o inca Manco Kapac, e o outro, sua parelha hiperbórea, sua Esposa e Irmã, Mama Ocllo. Ambos realizaram sua missão e fundaram uma casta que durou até o final do Império inca, e a qual pertencia o Imperador Atahualpa, o inca assassinado por Pizarro. Mas, fossem os esforços efetuados, fosse que os descendentes de Manco Kapac somente casavam entre eles, nada puderam fazer os incas de Cuzco para evitar a

degradação do Sangue Puro. Em um século já não surgiam Iniciados da família real e os incas dependiam dos Amautas de Gorro Negro para qualquer ofício esotérico. Mas não concluiu ali a saída dos cuzquenhos: a expansão territorial do Império os colocou em contato com povos do Pacto Cultural e sofreu a influência de Sacerdotes que transformaram o Mistério de Viracocha, ou Navutan, em um mero Culto ao Deus Criador. Houve então, "outros" Amautas, ou seja, Sacerdotes que usurparam a função dos Iniciados Hiperbóreos.

O maior dano, neste sentido, foi produzido pela chegada no século XIV de um conjunto de missionários católicos procedentes do Brasil, onde haviam desembarcado depois de cruzar o Atlântico. Guiava-os um Sacerdote de forte personalidade ao que os índios paraguaios deram o nome de Pay Zume ou Pai Tomé, nome lendário que os posteriores jesuítas das "Missões" identificaram como o Apóstolo São Tomás ou São Tomé. Os incas, em compensação, aceitaram sua pregação e a equipararam com seu Deus Tunupa, um dos Aspectos de Viracocha. As medidas certeiras que tomou para destruir a religião dos Atumurunas indicam que não havia subido ao Cuzco por mero acaso, senão que era um Enviado da Fraternidade Branca. Aquele Sacerdote conseguiu impor o culto da Cruz do Crucificado, da Mãe de Deus e a Trindade de Deus, crenças que ainda se mantém mais ou menos deformadas nos tempos da conquista espanhola. Isto foi, sem dúvida, nefasto para a vitalidade espiritual dos incas, mas o mal maior veio da introdução do **sacrifício ritual** *e da mudança de significado da* **Apacheta**.

Na época do Império Tiahuanaco, um Atumuruna chamado Sinchiruca ensinou aos índios uma variante do Culto do Fogo Frio. Em tal Culto as pedras da Apacheta representavam aos Grandes Antepassados, ***Achachila Apacheta****, enquanto que um penhasco especial era a Pedra Fria possuidora do Signo Huañuy ou Signo da Morte. A* **Rumi Huañuy** *estava também, no Coração do homem, em sua Alma, e a ela permanecia preso o Espírito Não Criado: Por isso a Cerimônia* ***Tocanca****, ao esculpir o acuyico de coca sobre o Rumi Huañuy, se expressa o desejo de separação do anímico e do espiritual, a transferência do anímico à Pedra. Mas, sobretudo, a Apacheta era um altar, um "lugar alto", consagrado à Mãe de Navutan, a Deusa Ama, a Virgem de Agartha, a Deusa que entregou a Semente de Cereal aos homens, ou seja, a Deusa que os índios conheciam como* **Pachamama**. *Quando o índio transitava por um caminho, e chegava a uma encruzilhada, depositava uma pedra na Apacheta e deixava seu acuyco de coca, ou simplesmente colocava um seixo molhado com sua saliva:* **a Pachamama, então "matava" seu cansaço, "destruía" sua fatiga, "tirava" a dor, tudo o que é próprio da condição humana, ou seja, "libertava" o Espírito da natureza anímica e "orientava"** *o viajante no Labirinto de Ilusão que refletia a encruzilhada. Mas quando o índio* **escutava** *as Vrunas de Navutan, a Voz de Viracocha, em qualquer lugar que fosse, caia como que fulminado e se dizia que estava* **apunado** *(com o mal da montanha): então era o momento de levantar uma altar à Pachamama e ali mesmo se depositavam as pedras da Apacheta.*

Como disse, a Doutrina de Pay Zomé alterou o significado estratégico da Apacheta, coincidindo nisto com os Diaguitas hebreus, que haviam introduzido modificações semelhantes nos territórios conquistados aos Atumurunas. A mudança consistiu em transformar o Culto do Fogo Frio em Culto do Fogo Quente e em identificar a Pachamama com a Grande Mãe Binah. Converte-se, desse modo, ao estilo da decadência romana, a Apacheta em um altar de Deuses Domésticos, ou de um Deus Supremo, Criador do Mundo, representado pelo Fogo Quente, o Fogo Criador que nunca se extingue, o Logos Solar, o Sol. E sobre a Apacheta reinava agora uma Pachamama-Binah, Mãe Terra, Shakty, Matriz Criadora das coisas; Deusa do Amor ao qual convinha sacrificar para interferir ante seu Esposo, o Criador Uno. A Apacheta perdeu desde então, seu caráter estratégico para a Origem e foi, para os incas de Cuzco, um objeto do Pacto Cultural, um instrumento de idolatria dos Sacerdotes da fraternidade Branca, os novos "Amautas".

Tal processo de decadência espiritual resultou catastrófico para os Atumurunas do lago Titicaca, que igualmente não conseguiram preservar o Sangue Puro e se enfrentavam dia a dia com o perigo da extinção racial. Sua presença se reduzia agora ao âmbito do Caminho dos Deuses, ao que terminaram ocupando quase por completo, e à "Cidade da Lua", na caverna secreta da Ilha da Lua. Raras vezes se faziam ver pelos povoadores do Império de Cuzco, não fosse para transmitir alguma informação esotérica aos incas, mas suas aparições eram temidas, pois se os considerava como "anunciadores de males", "pressagiadores de desastres", etc. Seus "enviados" eram os Amautas do Gorro Negro, quem tampouco se faziam ver demasiado e inspiravam idêntico temor.

Convém esclarecer, Dr. Siegnagel, que uma vez **ocupado** *o Caminho dos Deuses, Somente foi utilizado para deslocar-se pelos Amautas do Gorro Negro:* **os Atumurunas empregavam em troca um caminho subterrâneo e que atravessava a Cordilheira dos Andes de extremo a extremo, e tinha o mesmo traçado que o Caminho dos Deuses, ou seja, que se estendia por debaixo deste. Existiam entradas secretas verticais que comunicavam o Caminho dos Deuses com o túnel da Cordilheira, pelos quais "apareciam" os misteriosos Atumurunas. E, segundo confirmam as lendas incas, aquele túnel, construído pelos Atlantes Brancos, possuía veículos de pedra que permitiam viajar a velocidades fantásticas**.

Finalmente, dois anos antes da chegada de Francisco Pizarro a Cajamarca, a situação dos Atumurunas tornou-se desesperada: somente dispunham da Princesa Quilla para manter a sucessão matrilinear da Estirpe, mas não acertavam a determinar o matrimônio, pois os doze Atumurunas viventes eram todos parentes demasiados próximos e pais e avôs haviam sido também primos e irmãos entre si, qualquer enlace com eles degradaria com certeza o Sangue Puro, causaria a degeneração dos descendentes. Foi nessas circunstâncias que os Noyos observaram "um Sinal Lítico na Pedra de Vênus" e receberam a visita "do Deus Küv".

A Coroa do Rei Kollman descansava há séculos num altar de pedra com formato de **setor circular reto**: *os extremos do arco exterior se uniam com um arco interior em relevo, paralelo ao primeiro, para simbolizar a imagem da Lua em quarto minguante; e sobre essa meia lua se localizava a Coroa Sagrada, com a Pedra de Vênus de frente a borda circular. Os Noyos sentavam-se normalmente de frente à Coroa, alinhando a visão à Pedra de Vênus e o vértice do ângulo reto do altar. A diferença do ocorrido com os Senhores de Tharsis, talvez a causa da endogamia, os doze Noyos Atumurunas foram capazes de projetar o Sinal Lítico na Pedra de Vênus. Reconheceram assim uma paisagem megalítica que, se bem que há milhares de quilômetros do lago Titicaca, não implicava travessias marítimas e selvagens como as protagonizadas pelos Iniciados espanhóis. O que se via, em efeito, era uma réplica das rochas do* **Externsteine**, *a montanha sagrada dos germanos, situada no bosque Teutoburger Wald. Em verdade, existem vários Externsteine no mundo, todos semelhantes ao da Alemanha, e todos possuidores das Vrunas de Navutan. O que se observava na "Pedra de Valhalla"!, da Coroa do Rei Kollman, encontrava-se perto do Riacho Humahuaca, no atual território da República Argentina, num lugar chamado hoje em dia "Vale Magno", ao pé do Cerro Kalibur. Disso os Atumurunas não tinham dúvidas. O que faltava determinar era o que significava essas imagens? Acaso teriam de viajar até a Externstein jujenha?Poderia ser: perto dali, segundo afirmava uma tradição familiar, havia uma entrada secreta que conduzia ao Valhalla, ou K'Taagar, passando pela Porta do Sul. As respostas as ofereciam o "Deus Küv".*

Sexagésimo Dia

Quando o Senhor de Vênus apareceu pelo ângulo reto do altar de pedra, os doze Atumurunas e a Princesa Quilla o viram simultaneamente.

*- **Graça e Honra, Sangue de Skiold**! – saudou o Senhor de Vênus expressando com a sua mão direita o Bala Mudra.*

- Sieg Heil! - responderam os Homens de Pedra.

- Sangue de Skiold: trago-vos a saudação de Wothan, o Senhor da Guerra. E também vos trago Sua Palavra. Prestai atenção, abri bem vossos sentidos, porque a presente é oportunidade única, talvez irrepetível antes da Batalha Final! Duas vezes tentou-se destruir vossa Estirpe: uma em Skioldland e outra nas Ilha do Sol. Sabeis, pois, que o Inimigo é implacável. Agora vos anuncio um novo perigo de destruição. Mas não se trata do que vós vos preocupeis: a extinção da Estirpe por falta de descendência. Será uma vez mais o punhal Sacrificador Uno quem tentará derramar o Sangue Puro de Skiold. Si, Atumurunas; o Grande Sacrificador abriu uma Porta pela qual os homens adormecidos se arrojaram sobre vossas gargantas! Más e boas notícias vos trago. As más consistem em que o Império inca de Cuzco, dividido pela mesquinhez e loucura de seus Reis, será prontamente destruído pelos homens adormecidos que chegarão em hordas incontáveis. Vós deveis fugir de Koaty para sempre: somente atuando com decisão e rapidez no último momento, enviareis um terceiro e definitivo intento de aniquilação da Estirpe.

E eis aqui as boas notícias: se obedecerdes eficazmente as ordens, não somente salvareis a Estirpe de Skiold senão que o Senhor da Guerra os tomará em consideração para participar destacadamente na Batalha Final. E estas são minhas ordens: desde agora não intervireis jamais nos pleitos do Império, nem ainda que presencie o Inimigo destruí-lo sem piedade. Conservareis a calma até o último instante. Então, chegarão uns Enviados do Senhor da Guerra. Os reconhecerei, pois trarão uma Pedra semelhante à da Coroa do Rei Kollman. Com eles virá uma Princesa de Sangue Puro da Terra: ela os será confiada para que a despose um Príncipe da Casa de Skiold; sua descendência preservará a Estirpe e constituirá a raiz de um poderoso povo no Final dos Tempos. Mas em retribuição, Atumurunas, conservareis Virgem a Princesa Quilla e a lhe entregareis a Eles, para que sua Estirpe se prolongue no Sangue Puro de Skiold.

Eles virão de um país muito distante, tanto quanto àquele de que vós procedeis. Estarão guiados por Nós e cedo ou tarde se aproximarão do Caminho dos Deuses. Dareis instruções, pois, aos Amautas do Gorro Negro para que se distribuam nos confins do Caminho e os aguarde, e os conduzam a Koaty. Os Amautas deverão dar parte aos Seyris dos povos locais de que serão castigados com as penas mais severas se causarem algum dano aos Estrangeiros portadores da Pedra. Faça-os saber que eles, igualmente a vós, são Senhores da Morte, Huancaquilli Huañuy!

Estejam preparados para evacuar Koaty depois de chegarem os Huancaquilli e tiverdes trocado as Princesas. Vós ireis ao Vale Grande Kalibur, ao lugar que haveis visto a Pedra da Coroa. Ali atravessareis a porta secreta que conduz a um vale protegido pelas Runas de Wothan, onde forjareis um terrível povo guerreiro que regressará a este Mundo nos dias da Batalha Final. Mas os Huancaquilli deverão viajar para o Sul. À Fortaleza ou Pucará de Tharsy, ou Thafy, onde se encontra o Grande Menir de Tharsy plantado pelos Atlantes Brancos há milhares de anos. Sim, Atumurunas, quando nós fundamos uma Estirpe, sempre plantamos Seu Menir! E somente com o correr das gerações, somente se o Sangue se conserva Puro, os Membros da Estirpe se reencontrarão com Seu Menir. Isso ocorre a concentrar-se a Missão Familiar: por isso vós encontrareis vosso Menir no Vale Grande e os

Huancaquilli encontrarão os deles no Vale Thafy. E o Inimigo não poderá penetrar nas Muralhas Estratégicas dos Grandes Cromlech que rodeiam e isolam os Menires Fundamentais da Raça.

Os Antepassados brancos, os Atlantes Brancos, deixaram um povo aos cuidados do Menir de Tharsy, em Tucuman: eles celebravam o Culto do Senhor da Guerra, ao qual chamavam Vultan ou Voltan, em uma Apacheta, ou altar, junto ao Menir. Purihuaca Voltan guanancha unanchan huañuy. Aqueles guardiões há milhares de anos foram exterminados pelos índios diaguitas, membros do "Povo Eleito" pelo Deus criador deste Inferno, que habitavam na região. Brindareis, pois, uma escolta aos Huancaquillis para que subam sem perigo ao antigo Pucará do Vale Thafy, onde habitarão também até os Dias da Batalha Final.

Atumurunas da Casa de Skiold: disse-vos o quanto tinha a dizer e não convém, por motivos estratégicos, dizer mais nada. Os reitero a saudação de Wothan e me despeço até a Batalha Final. Basta que vós coincidais comigo em outro kairos. Graça r Honra, Sangue de Skiold! – desejou-lhes o Senhor de Vênus, enquanto levantava o braço direito para expressar o Bala Mudra.

- Sieg Heil, Gott Küv! – responderam os Atumurunas, efetuando igualmente o bala mudra, que era a antiga saudação secreta da Casa de Skiold.

Os Atumurunas cumpriram ao pé da letra as diretivas do Senhor de Vênus. A partir desse momento, um certeiro mecanismo destinado a detectar os viajantes se montou no extremo Norte do Império incaico. E foi seu funcionamento, tal como relatei, o que permitiu aos Senhores de Tharsis safarem-se do sítio muisca, que constituía uma segura armadilha mortal; Com a chegada dos Senhores de Tharsis a Koaty, tornando realidade os anúncios de Senhor de Vênus, concluía o relato de Tatainca. Na continuação, Lito de Tharsis narrou o melhor que pôde a história da Casa de Tharsis, despertando muito interesse nos Atumurunas no conhecimento das manobras assassinas dos Imortais Bera e Birsa, e a identidade e missão de Quiblon. Deveriam agora partir juntos até o Sul, e marchar até a fortaleza ou Pucará, chamado **Humabuaca**, *na qual se separariam: não se veriam mais nessa vida, mas se reencontrariam durante a Batalha Final, quando o Senhor da Guerra convocasse aos Homens de Honra para lutar contra as Potências da Matéria.*

A Princesa Quilla tinha cabelos loiros e olhos celestes, enquanto Violante contrastava com seu cabelo negro e olhos verdes; mas ambas exibiam uma pele branca como a neve. Quilla já estava preparada para converter-se em esposa de um dos Senhores de Tharsis, mas a notícia de que teria que abandona-los por disposição dos Deuses surpreendeu e entristeceu a Violante de Tharsis. Contudo, não renegou de sua missão, ainda que deixasse claro seu descontentamento. Daí que os dois frades dominicanos decidissem ficar junto a ela e unir seus destinos à Estirpe de Skiold: com a companhia de seus parentes, Violante poderia suportar melhor a separação. Mas, além disso, Lito de Tharsis ordenou aos quatro catalães que seguissem a sua Ama e jamais a abandonassem; os disse sem rodeios que nunca regressariam à Espanha se cumprissem tias ordens, mas ao obedece-las, seriam tratados como integrantes da Nobreza pelo Povo da Lua. Os Atumurunas desejavam levar consigo aos catalães e lhes ofereciam a possibilidade de tomar esposas entre as Virgens da Lua. A tudo concordaram os bravos soldados espanhóis, a quem entusiasmava a perspectiva de converterem-se em Senhores daquele povo misterioso e velar pela segurança de sua Rainha, Violante de Tharsis.

Chegados a um mútuo acordo, somente faltava por-se em marcha e evacuar Koaty, dando cumprimento às diretrizes do Deus Küv. Em tais preparativos estavam quando os espiões que permanentemente lhes informavam sobre a situação no Império, transmitiram uma notícia que os obrigou a apressar a partida: o Capitão Diego de Almagro acabara e sair de Cuzco com 500 homens em direção ao Sul. Entre Francisco Pizarro e Diego de Almagro havia surgido uma disputa sobre os limites

que a cada um correspondia na partilha do Império inca: Diego de Almagro pretendia que a Cidade de Cuzco se encontrava em seus domínios. O astuto Pizarro conseguiu dilatar a definição do conflito persuadindo o seu sócio de que existia no Sul um país ainda mais rico que o Reino dos Incas, um saque que tornaria carente de sentido a discussão sobre Cuzco. Foi assim que o iludido Almagro armou aquele poderoso exército e marchou para o Sul disposto a conquistar a Cidade dos Césares, Trapalanda ou Elelin.

O mesmo pesar, acompanhado de heróica resolução, que os Senhores de Tharsis experimentaram ao abandonar a península ibérica no barco dos Welser, quando a mente voltava para Huelva e revivia os dias de glória da Casa de Tharsis, deviam sentir os Atumurunas ao atravessar o lago Titicaca, rumo ao porto de Copacabana, deixando atrás a Ilha Koaty, onde viveram tantos anos e alcançaram a Mais Elevada Sabedoria Hiperbórea. A Casa de Skiold fora poderosa séculos antes em Tiahuanaco, até que a demente vingança da Ordem de Melquisedec quase extinguira sua Estirpe. Então, ao abandonar a região para sempre, os corações dos Atumurunas se estremeciam pelo efeito dos sentimentos encontrados na Alma, criada e apegada à história e ao solo, ao Tempo e ao Espaço, se desgarrava de dor pelo afastamento definitivo do solo natal. Mas o Espírito Não Criado, que descobre e sustenta no Sangue do Iniciado a Memória da Origem, transbordava cada instante anímico de dor com a nostalgia infinita do Regresso à Pátria Primordial, à Hiperbórea Original. E frente esta nostalgia de Hiperbórea, ao desejo de abandonar a tudo e partir para a Origem do Espírito, nada possa as garras da dor, nenhum efeito tem os apegos sentimentais às regiões infernais e aos objetos materiais da Terra.

Almagro sai de Cuzco em 1535 e no final de Agosto, depois de atravessar os hostis altiplanos do Sul, sobe a encosta de Titicaca. Vai pisando os calcanhares dos Atumurunas e do Povo da Lua, que às duras penas conseguem se adiantar na frente dos aguerridos espanhóis. Os fugitivos passam pelo povoado de Chuquiabo, hoje La Paz, quase sem deter-se, e somente fazem uma parada de três dias em Sucre, ou cidade da Prata, antes de descerem aos vales do Grande Riacho de Humahuaca, A tudo isto Almagro, que recorria por sua vez a surpreendente novidade de que todo um povo se locomovia em sua mesma direção, apurava as jornadas com a intenção de dar-lhes alcance e conhecer seu destino, talvez o rico país do Sul, a Cidade dos Césares. Firmava-se nessa idéia o fato de que aquele povo ia, segundo coincidiram todos seus informantes, guiados por homens brancos e barbados, semelhantes aos espanhóis, mas magnificamente vestidos com a indumentária dos Reis inca. Para Almagro, era altamente provável que aquele povo procedesse da Cidade do Ouro e da Prata, e que a ela se dirigiam.

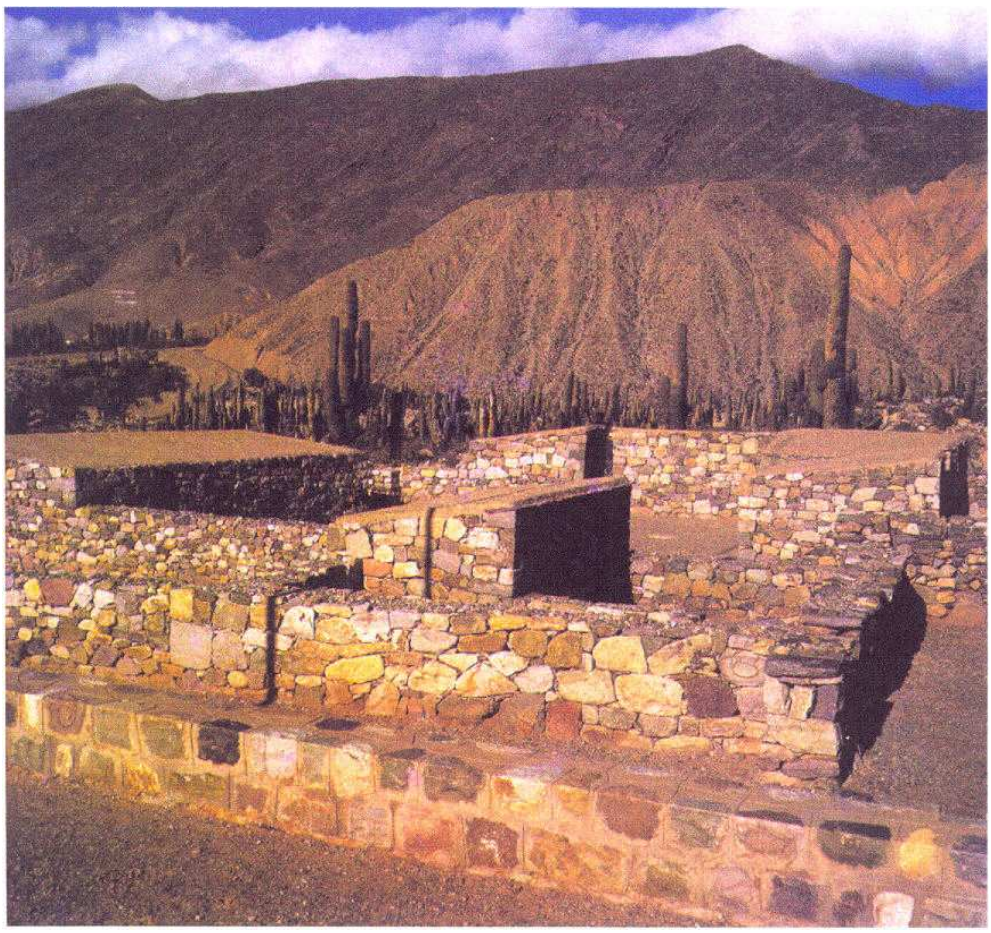
Contudo, jamais conseguiria alcança-los. A caravana chegou ao povoado de Humahuaca com trinta dias de vantagem sobre Almagro. Ali os Homens de Pedra verteram uma terrível ameaça sobre os nativos, apoiada por demonstrações de magia dos Atumurunas, afim de que dessem uma pista falsa à expedição de Almagro sobre a direção tomada por eles: deviam desviar os espanhóis para o Chile, assegurando-lhes que ali se encontrava a cidade de seus sonhos. Eles, entretanto, tomariam por rumos muito distintos. Os Atumurunas para o Leste até o Vale Grande do Cerro Kâlibur, perto do Ramal jujenho; os Senhores de Tharsis continuariam até o Sul, até o Pucará de Tilcara, de onde, por oposição estratégica, poderiam orientar-se ao Pucará de Andangalá e, deste, até o Pucará de Tharsy, seu objetivo.

Em Humahuaca, pois, se separaram "para sempre" os Senhores de Tharsis e os Atumurunas; voltariam a se ver durante a batalha Final, quando todos regressariam à frente de seus povos para ajustar as contas aos representantes das Potências da Matéria, aos Discípulos da Fraternidade Branca, ao Povo Eleito. Da Fraternidade Branca e dos Deuses traidores, naturalmente, se ocupariam os Deuses Leais ao Espírito do Homem, quiçá o próprio Lúcifer em Pessoa. Violante e os dois frades se despediram em expressivos abraços e se fartaram de beijos com Lito, Roque e Guilhermo: ninguém pôde evitar que as lágrimas molhassem seus duros rostos, ainda que simultaneamente rissem com selvagem alegria. As ordens dos Deuses se cumpriram e isso era o importante. Por cena semelhante passavam os

Atumurunas, que deviam despedir-se de sua única parente, a Princesa Quilla; mas ela era uma rude viking e não pediu a companhia de ninguém; pelo contrário, exigiu que todos seus familiares fossem o quanto antes ao Externsteine do Vale Magno. Com os Senhores de Tharsis, para custodiá-los e guardar o Púcara de Tharsy, iriam em troca 50 famílias do Povo da Lua. Uma semana depois de haver chegado, e no momento em que Almagro se encontrava em Tarija, os viajantes retomaram a marcha.

Tudo sucedeu segundo desejavam os Senhores de Tharsis, Almagro foi despistado pelos índios perdeu o rastro dos fugitivos. Depois de uma infrutífera busca em território argentino passou ao Chile, depois de dez meses de penosa marcha, comprovando que em nenhuma parte aparecia o rico Império descrito por Pizarro. Em setembro de 1536 regressou, por fim, a Cuzco, com suas tropas dizimadas e cansadas de tão inúteis travessias. Consumava-se uma insurreição geral que havia posto sitiada a Cuzco e ameaçava com reduzir a um desastre a conquista espanhola. A presença de Diego de Almagro pôs em fuga a milhares de índios e salvou de uma morte segura a Francisco e Fernando Pizarro, o que não impediu que este último lhe enviasse à forca em 1538, depois que perdesse a batalha das Salinas.

A guarda dos Senhores Tharsis e da Princesa Quilla compunha-se de 5 Amautas do Gorro Negro e 45 Quillarunas, com suas famílias. Os Amautas gozavam de grande autoridade no Império inca e por isso não houve inconvenientes para que as guarnições dos Púcaras cumprissem suas ordens: todos receberam a consigna de abandonar seus postos e regressar a Cuzco, evitando cruzar-se pelo caminho com os espanhóis, já que estes os reduziriam à escravidão. E os espanhóis carentes da Sabedoria Hiperbórea, nada poderiam fazer com aquelas fortalezas cuja construção se baseava no princípio do Cerco e da Muralha Estratégica. De fato, ainda que as ocupassem militarmente, jamais poderiam adivinhar os menires exteriores às pedras referenciais que permaneceriam invisíveis, ainda que estivessem parados junto a elas. Lito de Tharsis, sempre guiado pelos Amautas, deixou atrás o Púcara de Andalgalá e suportou com os seus as geladas inclemências dos Nevados do Aconquija: do outro lado dessa serra abre-se o Vale de Thafy. Ao Aproximar-se ao Púcara, uma olhada em torno lhe bastou para confirmar que aquele era o lugar buscado, ***a imagem Lítica que a Pedra de Vênus lhe mostrou na Caverna Secreta de Huelva****. Claramente se divisava a fortaleza, de forma Vrúnica, e fora dela o cromlech, o castro, em cujo interior se elevava o poderoso menir de Tharsy, ao fundo, o fio de água de um pequeno riacho regava as estéreis pedras do Vale, procedente de uma abertura entra as montanhas distantes.*



O Pucará de Tilcara, na Província de Jujuy, Argentina.

Os recém chegados ocuparam a praça e começaram a preparar uma eventual ***Defesa Mágica:*** *projetariam sobre a muralha de pedra o princípio do Cerco e, sobre ele, plasmariam uma das Vrunas de navutan; obteriam, assim, a Muralha Estratégica, invulnerável frente à Estratégia espacial e temporal dos espanhóis adormecidos; depois, realizariam a oposição estratégica contra a pedra referencial, contra o menir de Tharsy, e toda a área se tornaria culturalmente invisível: então nunca poderiam ser descobertos pelos homens adormecidos. Como conseguir que tal proteção fosse permanente? Praticando a Agricultura Mágica, herança dos Atlantes Brancos, na área exterior da Muralha Estratégica. Ao germinar, crescer e amadurecer, as sementes cuja informação genética foi alterada pelo poder transmutador do Espírito Não Criado, não respondem a seu fim arquetípico, ao modelo que se encontra no Céu atual, senão a um Paradigma próprio de outro Céu, a um molde de outro Mundo. E esse Céu desconhecido é o que rege o Micro clima da Praça Liberada, sustentando-a fora do alcance visual ou físico do Inimigo.*

Tais precauções não eram demais, pois, se bem que Diego de Almagro não representasse perigo algum e obteve o triste fim que mencionei, oito anos mais tarde se apresentaria outro Inimigo que viria com a intenção manifesta de localizar o refúgio dos Senhores de Tharsis. Em 1543, em efeito, o Governador do Peru, Cristóvão Vaca de Castro, sabedor da infrutífera perseguição levada a cabo por Almagro, decide tentar melhor sorte mediante uma nova expedição. Oficialmente, tentaria explorar e ocupar o território de Tucuman, mas secretamente o objetivo principal consistia na busca dos "outros brancos" e da Cidade dos Césares. O homem de confiança de vaca de castro é o Capitão Diego de Rojas, espanhol de Burgos que participara na conquista de Nicarágua e encontrava-se então em La Plata, ou Sucre. Desde 1542 até 1543 se prepara a expedição, que ao final somente contaria com 200 homens, ainda que bem apetrechados, e recolhem dados sobre os povos do Riacho de Huamhuaca e o país de Tucuman. Rojas, igualmente que Vaca de castro, suspeita que Almagro foi enganado pelos índios e que

o "Rei Branco" fugiu para o Sul, em direção ao Tucuman. Por isso, apesar de que, sempre "oficialmente", envia uma frota do Peru a aguardá-lo no Chile, frente ao porto de Arauco, Diego de Rojas se propõe adiantar-se o mais possível para o Sul, seguindo o rastro dos fugitivos. Sobe assim até o planalto de Titicaca e desce ao Riacho de Hamahualca, devendo travar permanentes combates contra os índios que foram alertados pelos Amautas do Gorro Negro sobre as intenções conquistadoras dos espanhóis: os ocloyas, humahualcas, pulares, jujenhos, etc, os atacaram sem cessar durante toda a travessia. Porém, conseguiram chegar a Chicoana, hoje Molinos, e ali quis a sorte que descobrissem umas ***galinhas de Castela*** *em poder dos índios Quilmes; galinhas que haviam sido obsequiadas pela princesa Quilla, o que determinou que o rumo dos expedicionários se aproximasse perigosamente ao Púcara Tharsy. A presença das galinhas convenceu a Diego de Rojas de que naquela região habitavam "outros brancos", tal qual o acreditava Almagro, e o empurrou a atravessar o Vale Calchaqui, de Norte a Sul, até Tolombon e depois, pela* ***Fonte Queimada*** *até Ponta de Balasto, cruzando os Nevados do Aconquija para sair na altura de Conceição do Vale Thafy. Afortunadamente, aquela rota levou os espanhóis demasiado ao Sul e não houve necessidade de por a prova as defesas mágicas do Púcara de Tharsy, agora convertido em residência permanente dos Senhores de Tharsis.*

Diego de Rojas se enfrentou valentemente aos juries de Tucuman, sem conseguir notícia sobre o "Rei Branco", e continuou depois sua marcha errônea ao Sul, explorando terras que foram denominadas pela Raça de seus habitantes: "juries" ou Santiago do Charco, "diaguitas" ou Slata, Tucuman, Catamarca, La Rioja, San Juan, e Noroeste de Córdoba; e "comechingones" ou Córdoba. No regresso destas estéreis buscas, à altura de Salavina, em Santiago do Charco, o valoroso Diego de Rojas achou a morte por causa de uma flecha diaguita envenenada que acertou sua perna. Três anos depois de sua partida, regressou aquela expedição ao Peru, ao comando de Nicolas de Heredia, quem não obstante a perda de Rojas houve de passar um ano percorrendo o Vale de Thafy em busca da Cidade dos Césares.

Círculos de Pedra em Tafí del Valle, na Província de Tucuman, Argentina. (Acima, os Círculos se escondam entre a vegetação. Abaixo, outros círculos aparecem no meio de uma grande depressão, cercados pelo Cerro Ñuñorco)

Logo se realiza outra tentativa, em 1549, quando Juan Núñez del Prado se dirige a Tucuman com setenta homens, alguns deles Golen, entusiasmado pelos relatos de vários membros da expedição de Rojas: tampouco achariam a Cidade dos Césares ou Púcara de Tharsis. Durante vinte anos, desde a excursão de Diego de Rojas até a vinda a Tucuman de Francisco de Aguirre, se realizam em vão tentativas semelhantes que, no entanto, tem a virtude de ir enchendo a região de povoados e cidades espanholas. San Miguel de Tucuman é fundada em 29 de Setembro de 1565, por Diego de Villaroel, sobrinho de Francesco Aguirre. Igualmente, El Barco, hoje Santiago do Charco, San Miguel de Tucuman mudou seu assentamento original em 1680, por obra do Governador Fernando Mendoza Mate de Luna e com autorização do rei Carlos II. O progresso econômico da província, não baseado no ouro e na prata que buscavam os primitivos exploradores, mas na exploração da terra e na escravidão dos índios, fez esquecer logo as histórias da Cidade dos Césares e existência do rei Branco. Em torno do Púcara de Tharsy surgiu um povoado habitado pelos descendentes dos Quillaruna, mas a fortaleza jamais foi descoberta pelos espanhóis nem por posteriores governantes criollos. Em seu lugar se estabeleceu uma enorme chácara, que continha o invisível Púcara, e que finalmente legalizada pelos netos de Lito de Tharsis, que se infiltraram no governo e compraram as capitulações com o bom ouro inca que conservavam desde sua estadia em Koaty. ***E no interior do cromlech, junto ao menir de Tharsy, sobre a antiqüíssima Apacheta de*** *Voltan, purihuaca Voltan,* ***descansava a Espada Sábia aguardando o Sinal Lítico da batalha Final****.*

Sexagésimo Primeiro Dia

Chegamos, pois, ao século XX, Dr. Siegnagel! E chegamos não porque o passo implacável do tempo nos tenha conduzido a ele, senão porque decidi saltar 400 anos de história americana de nossa Estirpe. Procederei deste modo para apurar o final da carta, pois suponho que o senhor deve estar cansado desta leitura e creio que possa compreender o drama da Casa de Tharsis e tirar suas próprias conclusões. Como sabe, eu descendo de Lito de Tharsis e da Princesa Quilla, que formaram uma família que sempre permaneceu no lugar do Púcara de Tharsy, em Thafy del Valle, província de tucuman: durante esses quatro séculos houve muitos Noyos e Vrayas que custodiaram a Espada Sábia, eu mesma fui uma Vraya por dez anos, os últimos cinco em companhia de meu filho Noyo. Pois bem, Dr., Siegnagel, para acabar a narração de maneira clara somente cabe acrescentar uma palavra sobre a reação do Inimigo, que nestes séculos não esqueceu nem por um instante aos Senhores de Tharsis e à Estipe da Espada Sábia; nem tampouco, a Estirpe de Skiold.

Ao parecer, explorando pacientemente os Registros Culturais de milhares de Mundos de Ilusão semelhantes a este, a Fraternidade Branca conseguiu reconstruir com bastante aproximação os passos dados por Lito de Tharsis na América. Soube que esta linhagem de Skiold havia dirigido-se a um Vale Secreto da Província de Jujuy, cuja entrada estava selada com as Vrunas de Navutan, e que Lito de Tharsis prosseguiu para Tucuman, perdendo todo rastro de seu ulterior destino. Ante tal certeza, a Ordem de Melquisedec dispôs que dezenas de seus melhores agentes se distribuíssem nas zonas onde pudessem estar ocultos os Homens de Pedra ou ***nos lugares por onde poderiam emerger no futuro****. A Espada Sábia e a Coroa do Rei Kollman, com suas malditas Pedras de Vênus, constituiriam uma vantagem estratégica na Batalha Final, que de nenhum modo os Demônios de Chang Shambala poderiam permitir. Mas os Mundos da Ilusão são milhões e, em todos, os argumentos arquetípicos, as histórias da História, se desenvolvem simultaneamente. Somente em um de tais Mundos sucede a trama que será Real no Final, quando o Senhor da Guerra o afirme desde o Princípio, segundo predissera o Capitão Kiev em San Felix de Caraman. A Fraternidade Branca sabe que assim ocorrerá, mas não pode conhecer a priori qual será o Mundo Real dos Senhores de Tharsis, e por isso, se vê obrigada a deslocar seus agentes infernais, seus Mestres, Sacerdotes e Iniciados em torno da antiga rota que Lito de Tharsis tomara na América. E em muitos Mundos por vez. Mas desta vez procurariam evitar "cometer erros": para isso determinaram que qualquer sinal dos Senhores de Tharsis, ou de Skiold, fosse comunicado a Chang Shambala, com a finalidade de que Bera e Birsa em pessoa ocupassem de tão vital assunto. E assim será, Dr. Siegnagel: em pleno século XX, mas igual há milhares de anos em Tharsis, os Demônios Imortais se aproximarão dos homens despertos para consumar sua atroz vingança. E a eles, como antigamente, somente os salvará o Sangue Puro, a Memória da Origem que liberta o Espírito Não Criado. Os que tenham um espírito orientado talvez morram agora nas mãos dos Demônios, como eu mesma seguramente morrerei; mas somente conseguirão matar o corpo animal em* ***um Mundo****, somente obterão uma pele vazia, vã vitória. Ao final, quando sobrevenha a Batalha Final, e o Senhor da Guerra afirme a realidade do Mundo do Espírito, todos os que temos morrido por causa do Espírito estaremos Vivos para marchar para fora do Universo do Uno, passando por sobre as Potências da Matéria, enquanto às nossas costas se desencadeia o Holocausto de Fogo dos Demônios da Alma.*

E assim chagamos ao século XX, Dr., Siegnagel, rodeados por todas as partes de agentes da Fraternidade Branca. Porém, enquanto a Espada Sábia ou a Coroa de Kollman permanecessem atrás dos cromlech, os Demônios não poderiam relacioná-los com o Tempo e não saberiam em qual mundo

atuar. Podíamos, pois, movermo-nos relativamente sem sermos notados, mas as coisas mudariam nos últimos anos, quando o Capitão Kiev se fizesse presente para adiantar instruções sobre a Batalha Final.

Da Estirpe de Lito de Tharsis surgiram os troncos de várias famílias que ainda existem na Argentina e em outros países. Algumas se protegiam dos Golen disfarçando sua origem ou negando as conexões genealógicas que as ligavam com s Casa de Tharsis, mas todas são mais ou menos conscientes desta história. Contudo, esta mesma distância as aleijou do Noyvrayado e da Iniciação Hiperbórea. Foi assim que neste século somente os membros de minha família, que sempre habitaram a Chácara de Tharsy, mantinham o Culto do Fogo Frio e custodiavam a Espada Sábia. E na década de setenta, ainda que a Estirpe não corresse o risco de se extinguir, somente restava **um** *Iniciado Hiperbóreo capaz de levar adiante a Estratégia dos Deuses Libertadores: eu, Belicena Villca. Era viúva e tinha somente um filho, que havia enviado a Buenos Aires para cursar a carreira militar, mas não vacilei em tomar o Noyvrayado quando meu avô, que permanecia há trinta anos junto ao Menir, faleceu em 1967. Havia-se produzido, então, uma nova situação: ainda que a Estirpe possuísse muitos membros, a cadeia iniciática ameaçava quebrar-se inexoravelmente. Felizmente, em 1972, meu filho Noyo regressou em meu auxílio, disposto a receber a Iniciação Hiperbórea e a converter-se em um autêntico Noyo, Guardião da Espada Sábia. Em quatro meses foi preparado, de Junho a Outubro, e depois morreu e renasceu como Homem de Pedra, e se situou ao meu lado, frente ao Menir de Tharsy e frente à Espada Sábia. Havia solicitado a baixa das Forças Armadas para consagrar-se à missão familiar, mas seus contatos com certo grupo nacionalista, integrantes dos Serviços de Inteligência do Exército, lhe impediram de dedicar-se à Guarda de maneira permanente. O caso era que Noyo não desejava renunciar ao que considerava uma questão de Honra: a luta contra a subversão marxista que nesses dias agitava o país todo e nossa Província em particular.*

Por seu excepcional conhecimento do terreno, e por seu acertado critério para evaluar a Estratégia do Inimigo e recolher informação, ele foi um dos cérebros que ajudou das sombras a desbaratar a guerrilha comunista que pretendia fazer-se forte nos montes tucumãs. Suas valiosas informações, comunicadas aos camaradas de Buenos Aires, contribuíram em boa medida para traçar os planos de Estado Maior que acabaram com a ameaça guerrilheira. Eu me opunha a esta atividade aparentemente alheia à missão iniciática, mas Noyo repetia sempre que aquele movimento subversivo nas imediações do Centro Carismático era um sinal seguro da aproximação da Batalha Final. E não se equivocava, como logo veio a confirmar o Senhor de Vênus.

Tudo começou em 1975, nos dias que o Exército armado do General Adel Edgardo Villas se dedicava a terminar com os últimos focos da guerrilha subversiva e começava a árdua tarefa de desmantelar a infra-estrutura das organizações subversivas. A enérgica ação do Exército, que executava com precisão matemática seus planos de aniquilação, brindou a Noyo tempo suficiente para dedicar-se à missão e fazia vários meses que se encontrava comigo no milenar cromlech. Um dia, no final deste ano, estávamos ambos profundamente concentrados, meditando sobre a Pedra de Vênus e o Mistério do Fogo Frio; tínhamos os olhos cravados na Espada Sábia e nenhum dos dois notou que uma mudança substancial se produzia no Menir de Tharsis, situado exatamente atrás da Apacheta com a Espada Sábia. Um névoa leitosa havia invadido a enorme Pedra que, ao notarmos o fenômeno, já não era possível distinguir. Não obstante, pouco a pouco se foi plasmando, no lugar do Menir, a imagem corpórea de um Gigante de Outro Mundo. Na verdade, tratava-se de um duplo fenômeno, pois na Pedra de Vênus ia surgindo nitidamente, também a imagem de um lugar desconhecido: era igualmente um Vale, mas em nada semelhante ao de Thafy que vira Lito de Tharsis quatrocentos anos antes. ***Este possuía dois rios que o sulcavam longitudinalmente, igual aos Rios Tinto e Odiel***

no Vale de Tharsis, em Huelva; e num extremo, fazia o Oeste da figura, onde se podia apreciar claramente um cerro que ostentava em sua ladeira a entrada de uma caverna de forma vrúnica.

- Graça e Honra, Sangue de Tharsis! – disse o Gigante, que levantava o braço direito para expressar o Bala Mudra, e ambos compreendemos que se tratava do Capitão Kiev, um dos Senhores de Vênus. O Capitão Kiev, que havia se despedido de nossa Estirpe "até a Batalha Final"! Acaso havia chegado o momento, ansiado por tantos séculos, de que os Deuses acompanhassem novamente aos homens em seu Confronto Total contra as Potências da Matéria? Apressamos-nos a responder a saudação, aguardando com expectativa Suas sábias palavras:

- Salve, Vale, Capitão Kiev!

E o Senhor de Vênus se dirigiu a nós com estas palavras:

- Sangue de Tharsis, trago-vos a saudação de Navutan o Senhor da Guerra. E também vos trago Sua Palavra. Prestai atenção, abri bem vossos sentidos porque a presente é oportunidade única, o Kairos da Batalha Final! Como sempre ocorre, e como não poderia ser de outro modo, dado o lugar infernal em que vos encontrais, sou portador de boas e más notícias para vós. As boas consistem na ordem do Senhor da Guerra que agora vos transmito: é a Vontade de Navutan que a Espada Sábia seja transportada ao lugar que haveis visto na Pedra de Vênus. Tal lugar é um Vale que se encontra nas regiões do Coração da Argentina, muito perto do Cerro Uritorco, onde o Senhor da Guerra, num passado remoto, depositou seu Bastão de Comando junto a uma Fortaleza construída pelos Guerreiros Sábios que o conheciam como "Cacique Vultan". Eu outro Cerro, desse vale que havereis de localizar, encontra-se uma Caverna Secreta construída pelosa Atlantes Brancos e protegida pelas Vrunas de Navutan. Ali deveis levar a Espada Sábia. Perguntar-vos-ei por que devam fazer isto e vos responderei que se trata de um dos atos fundamentais da Batalha Final: trata-se na verdade, do enlace entre os Deuses e os homens adormecidos. Os Senhores de Tharsis, como os Senhores de Skiold e outras Estirpes semelhantes, são homens despertos que sempre tem contado com um Mistério Revelado e uma Pedra de Vênus para obter a orientação para a Origem e a Iniciação Hiperbórea. Inclusive vossa Estirpe lhes foi encomendado iniciar desse modo ao Senhor da Vontade e Valor Absolutos, ao Führer da Raça Branca. Por isso vos é difícil imaginar a um Iniciado da Orientação Absoluta, a um Pontífice capaz de construir em todo tempo e lugar a ponte indestrutível entre Criado e Não Criado, entre a Ilusória Atualidade e a Realidade da Origem. Tal Iniciado não requer outra referência de Si Mesmo para orientar-se à Origem, ele é sua própria "Pedra de Vênus", e não pode ser desorientado, nem enganado, nem desviado de nenhuma forma de sua Missão Estratégica.

E tal Iniciado, Sangue de Tharsis, já está na Terra! Sim, O Senhor da Orientação Absoluta encontra-se aguardando que a Espada Sábia seja posta na Caverna Secreta para conduzir até a Pedra de Vênus aos homens adormecidos, aos homens que, não obstante sua imersão na Ilusão manifesta a vontade de libertar o Espírito Eterno de sua prisão material! Se tal enlace chegasse a ocorrer, o contato entre os homens adormecidos e os Deuses, então, inevitavelmente, haverá começado a Batalha Final na Terra!

Sim! Este Iniciado fundará uma Ordem de Construtores e instruirá seus membros na Sabedoria Lítica dos Atlantes brancos. Depois, como vos disse, lhes ensinará as técnicas necessárias para que encontrem l Pedra de Vênus, ainda que a mesma encontre-se atrás das Vrunas de Navutan. Muitos serão os Eleitos que ansiarão pela Pedra de Vênus, a Porta do Outro Mundo, mas somente um dentre eles será Noyo. E esse Noyo, que escutará a Língua dos Pássaros, será capaz de encontrar a entrada da Caverna Secreta e unir-se a um de vós e à Espada Sabia. A partir desse momento se livrará a Batalha Final sobre a Terra. A ordem de Navutan significa, pois, que deveis aproximar a Espada Sabia do

Pontífice que a está aguardando, cumprindo assim a última etapa da Estratégia dos Deuses Libertadores!

Sangue de Tharsis: sei que cumprireis sem vacilar a Ordem do Senhor da Guerra mas, para fazer melhor, recomendo prestar atenção às más notícias que vos trago. Antes de tudo, tenhais presente que o Mundo atual onde vos moveis, fora do cromlech, está sob observação permanente por parte do Inimigo. Não será fácil, nestas condições, retirar a Espada Sábia do Centro para levá-la ao Vale de Avalon. Ainda que a distância em quilômetros aparente ser muito curta, na verdade, se não tomardes precauções apropriadas, nunca podereis chegar ao destino, por mais breve e curto que seja o caminho a percorrer. Nem bem a Espada Sábia seja posta para fora do cromlech, seu poder de distorcer o Espaço e Tempo revelará ao Inimigo em qual Mundo encontra-se o Mal, a Morte da Alma, e para lá correrão os Demônios Imortais para impedir o sacrilégio da Lei do Uno. Não! Se não procedeis de acordo à Mias Alta Estratégia da Guerra Essencial, jamais chegareis ao Vale dos Três Picos com a Espada Sábia!

Em segundo lugar, e agora vos anunciarei as más novas, deveis contar que a situação agravar-se-á à medida que transcorram os anos, até tornar-se impossível esta união entre a Espada Sábia e a Ordem de Odin. Havereis de obrar, pois, no tempo exato: a Ordem buscará a Espada Sábia e coincidirá com Ela no Kairos da Batalha Final. Porém, para que tal se concretize, somente um de vós irá com a Espada ao Vale dos dois Rios; o outro não terá mais alternativa senão encobrir a retirada de seu Irmão e Camarada. Não vos negarei os riscos que implica semelhante tática: aquele que ficar, deverá atrair sobre si toda a atenção do Inimigo, estando preparado para suportar uma pressão física e astral cuja intensidade supera de longe a resistência humana normal. Mas vós sois Iniciados Hiperbóreos, Homens de Pedra, vosso Eu encontra-se isolado da Alma pela Vruna de Navutan, vosso Espírito Eterno já vislumbra a Origem, tendes a possibilidade de resistir e vencer. Quem dentre vós ficar, e enfrentar-se com o Inimigo, talvez morra neste Mundo. Contudo, sua ausência se estenderá por pouco tempo, até a batalha Final.

Disse a vós que a situação se agravará Digo-vos agora que já começou a agravar-se. As forças militantes que apoiavam o Noyo logo serão debilitadas por uma ofensiva da Sinarquia Internacional. Nos próximos anos aparecerão ainda forças patrióticas, porém carentes de Poder Político. A guerrilha apátrida será derrotada militarmente, mas a subversão sinárquica que a gerou, pelo contrário, acabará apoderando-se do Governo desta Nação, subordinando de imediato o Poder Político ao Poder Econômico Internacional. Chegará, então, a um estado de dependência financeira irreversível entre a Nação e a Alta Banca Mundial. A conspiração apontará a converter a Nação numa Colônia moderna, uma Colônia cujos colonos invariavelmente serão membros do Povo Eleito. Sim! Ainda que pareça fantástico, milhões de judeus planejam assentar-se neste solo! Isso não é casual: a eleição a que se procura deter, ou atrasar o mais possível, a Batalha Final, dando tempo à formação do Governo Mundial do Povo Eleito. E porque o Povo Eleito suspeita que, de algum modo, esta Nação terá um papel fundamental durante a Batalha Final, é que se decidiu ocupa-la e destruí-la.

Nesse contexto diabólico tereis de atuar, Sangue de Tharsis! O que ocorrerá se tiverdes êxito? Na melhor das hipóteses, uma tríplice coincidência: além de encontrar-vos com o Pontifex Maximus, o Senhor da Orientação Absoluta, causado por esse mesmo efeito pode suceder que surja como um trovão a Voz do Povo, o Líder carismático do Sangue Puro. Em coincidência convosco e o Pontífice, no mesmo momento que os homens adormecidos começam a despertar para a realidade da Origem que revela a Pedra de Vênus, o Líder carismático seria reconhecido por todos como único representante da Função Régia e se poria à frente desta Nação, levando-as dentre as ruínas morais e materiais m que se afundou a conspiração sinárquica. Então, sobreviriam dias de esplendor nunca vistos. A Nação se erigiria como uma das Potências Espirituais da Terra. Os Guerreiros Sábios e a Sabedoria Hiperbórea, como nos tempos da Atlântida, exibir-se-iam à luz do dia, enquanto no resto do Mundo os homens espirituais se

apressariam a chegar até aqui, enquanto a Sinarquia Universal e o Povo Eleito se prepararíam para liberar a Batalha Final. Não deveis esquecer, pois, na Estratégia a seguir, a Função do Líder carismático. Ele será reconhecido por todos e Ele os reconhecerá! Os reclamará na ocasião propícia: a Ele deveis auxiliar com a Sabedoria Hiperbórea, para que realize com êxito a missão extremada a máxima tensão dramática do Fim da História!

Portanto, se o Líder carismático não coincide no Kairos, e não se apresenta à Batalha Final, será igualmente inevitável desde o momento que os homens adormecidos encontrem a Pedra de Vênus e se reencontrem com sua Origem Extraterrestre, e reclamem aos Deuses pela Liberdade do Espírito. Então, os Deuses Leais ao Espírito do Homem, como decidiram desde o dia do afundamento da Atlântida, acudirão pela última vez em resgate do Homem Hiperbóreo. E essa descida, essa Batalha Final conduzida por Navutan, o Senhor da Guerra, e supervisionada por Ama, a Virgem de Agartha, assinalará o Final da Fraternidade Branca e de sua Infernal Morada Solar, a Chave Kâlachakra de Chang Shambala.

Resumindo, vossa missão consistirá em transportar a Espada Sábia à Caverna Secreta, no Vale sobre o Bosque. A época apresenta-se como a menos propícia para executar tal operação, e por isso tereis de desenvolver várias táticas separadas: um de vós levará a Espada Sábia, enquanto o outro servirá de chamariz para distrair a atenção do Inimigo. Quem realize o primeiro, deverá empregar com maestria a Via da Oposição Estratégica para deslocar-se com sua valiosa carga. Vale dizer, que primeiro disporá de um alforje com um sortimento suficiente de lapis oppositionis, ou seja, de pedras arquetipicamente indeterminadas, de pedras possuidoras de uma dimensão ilimitada, infinita, obtida pela plasmação do Signo da Origem que vós projetareis sobre elas. O Iniciado que o fizer, mover-se-á sobre um caminho estratégico, imprevisível para o Inimigo, ainda quando ele perceba que a Pedra de Vênus está se deslocando entre os Mundos da Ilusão. Irá sempre isolado pela Arquêmona Vrúnica Infinita, e colocará, após cada vão de distância estratégica do Labirinto, um lapis oppositionis no caminho: deixará, assim, um obstáculo intransponível para o Inimigo, uma Pedra de Tropeço e Desvio, uma prova do Infinito Atual do Espírito Eterno. O Princípio Não Criado do obstáculo, do lapis oppositionis, causará o desconcerto absoluto do Inimigo frente a ele e não há referência possível, todos os Mundos se confundem, na Ilusão se torna Um. E enquanto que o Inimigo se recupera, e tenta localizar o rastro, o Iniciado Hiperbóreo avançará em oposição à Potências da Matéria um novo meandro do Labirinto, situando então outro lapis oppositionis atrás de si. Sol assim que se move em oposição estratégica, e conta com o concurso de outro Iniciado que se desloque simultaneamente a uma direção diferente, atraindo sobre si o interesse do Inimigo, conseguirá levar a Espada Sábia ao Vale da Candelária.

O segundo Iniciado Hiperbóreo também levará alguns lapis oppositionis, mas os irá plantando em distâncias mais extensas, dando tempo ao Inimigo para que siga seu rastro e creia que a manobra é levada a cabo por um só Homem de Pedra, ao que cedo ou tarde conseguirá capturar. Claro que se isso ocorrer, se o Inimigo conseguir apoderar-se do Segundo Iniciado, a operação estará cumprida de todo modo, mas ninguém o salvará das represálias dos Demônios Imortais. Estes são os riscos que havereis de correr para cumprir com a ordem do Senhor da Guerra. A vós vos cabe decidir quem levará a Espada Sábia e quem despistará o Inimigo, e descobrir a oportunidade, o Kairos, para atuar!

Senhores de Tharsis: Foi dito o quanto devia ser dito e não convém, por motivos estratégicos, acrescentar mais nada. Reitero-vos a saudação de Navutan e despeço-me até a próxima coincidência no Kairos da Batalha Final. Graça e Honra, Sangue de Tharsis! - desejou novamente o Senhor de Vênus, levantando o braço direito para expressar o Bala Mudra.

- Salve, Capitão Kiev! – respondemos também praticando o Bala Mudra, que sempre foi a saudação secreta da Casa de Tharsis.

Sexagésimo Segundo Dia

A névoa havia se dissipado e estávamos novamente frente ao Menir de Tharsy. Ambos nos olhamos com a interrogação pintada em nossos rostos, conscientes de que enfrentávamos o mesmo dilema. Quem responderia à ordem de transportar a Espada Sábia ao Vale de Córdoba? E quem assumiria a missão suicida de distrair o Inimigo? Pa mim a questão não oferecia dúvidas: eu me ocuparia da tática de distração. Mas supus, e supus bem, que Noyo se oporia a esta decisão: ele, me dizia, estava mais bem dotado para oferecer ao Inimigo a maior resistência; jamais se renderia. Eu deveria viajar com a Espada Sábia enquanto ele desviava atrás de seus passos a atenção do Inimigo.

Muito me custou, Dr. Siegnagel, persuadi-lo de que meu plano era estrategicamente superior, E era porque o mesmo não apontava somente a por em resguardo a Espada Sábia, senão que contemplava a probabilidade de que o Senhor da orientação Absoluta e sua Ordem de Construtores Sábios requeressem também o apoio da Sabedoria Hiperbórea da Casa de Tharsis, especialmente da valiosa experiência recolhida por milênios de lutas contra a Potência da Matéria. Quem conhecia melhor que os Senhores de Tharsis a conspiração sinárquica dos Golen, hoje afirmados em todas as Igrejas Cristãs, e seu modo de atuar? E sobre Bera e Birsa? Quem tem mais direito que os Senhores de Tharsis para descobrir suas sentenças de extermínio? Segundo meu critério, que finalmente se impôs, seria Noyo quem localizaria a Caverna Secreta e se instalaria nela como Noyo da Pedra de Vênus, mantendo a Guarda até o dia em que o Pontífice Hiperbóreo construísse a ponte metafísica e um Noyo de sua Ordem de Construtores se lançasse por ela para conectar-se com os Deuses Libertadores.

Posto de acordo sobre quem executaria cada questão, nos lançamos a planejar a Estratégia particular que nos permitiria cumprir com as ordens dos Deuses. A Estratégia ideal, segundo concordamos, consistiria em criar um clima caótico em torno da Chácara de Tafi, dando lugar a situações logicamente imprescindíveis que favorecessem nossa operação. Assim, em meio de uma situação de alto valor estratégico para nós, mas totalmente alheia a tais fins para qualquer observador, Noyo partiria inesperadamente com a Espada Sábia e empreenderia o caminho para a Caverna Secreta. Simultaneamente, eu me deslocaria em sentido contrário, ostensivamente, para distrair o Inimigo. Seria rapidamente detectada, mas o risco estava calculado: o importante era ganhar tempo, durar o suficiente para que Noyo chegasse ao Vale de Córdoba. Com estes propósitos, preparamos os detalhes de todas as fases da empresa.

Dezoito meses depois, em Abril de 1977, já dispúnhamos de tudo necessário e nos encontrávamos ajustando os passos finais. Tínhamos as duas alforjes com as pedras indeterminadas, os ***lapis oppositionis****, aptos para praticar a oposição estratégica. E tudo estava listo para criar o clima de caos que as circunstâncias requeriam. Isto se conseguiria com a colaboração involuntária do Exército. Explicarei: para sistematizar a luta contra a guerrilha, o Exército havia dividido o país em seis Zonas: a zona III compreendia nas Províncias de Córdoba, La Rioja, Catamarca, Salta, Jujuy, Santiago do Estero e* ***Tucuman****; em Tucuman, la* ***subzona*** *113 abarcava a região de nossa Chácara e a seu comando se encontrava o Capitão. Diego Fernández, fiel Camarada de meu filho. Em conluio com este, Noyo conseguiu que se montasse uma imensa operação de rastreamento e cerco, na subzona de Tafi del Valle, para meados do mês de Abril de 1977: o objetivo da operação procurava aniquilar a uma coluna do* ***E.P.R****, Exército Revolucionário do Povo, que atuava na subzona com o apoio de alguns moradores pertencentes ao* ***P.T.R****, Partido Revolucionário dos Trabalhadores. Nessa* ***noite negra*** *para os comunistas, o Exército obteria várias horas de* ***zona livre****, durante as quais se interromperia o fornecimento elétrico, e seus comandantes se deslocariam em toda cidade de Tafi del Valle e povos vizinhos a fim de capturar aos subversivos. Iriam sobre lugares seguros, verdadeiros agentes da subversão*

e combatentes irregulares, a maioria dos quais haviam sido indicados por Noyo. Foi por isso que Noyo solicitou como cobertura tática que se invadisse nosso domicílio e simulasse sua prisão: "isso afastaria as suspeitas do Inimigo", alegou. Quando tudo estivesse pronto para a ação, concordou-se que Diogo Fernandez em pessoa se ocuparia de sua falsa captura, com o fim de evitar confusões que pudessem surgir se interviessem outros militares, e assim assegurar sua imediata liberdade. Liberdade que Noyo aproveitaria para desaparecer "por um tempo".

*Naturalmente, nada disto ocorreria, pois Noyo partiria com a Espada Sábia disposto a não regressar jamais a Tafi del Valle, mas isso não sabiam seus Camaradas do Exército. De acordo à particular metodologia repressiva que usavam as Forças Armadas na luta anti-subversiva, nunca utilizavam ordens de afastamento ou sequer davam parte à Justiça nas caçadas noturnas do tipo que fizeram em Tafi del Valle: os suspeitos eram simplesmente seqüestrados, passados à categoria mais que suspeita de "**desaparecidos**". Desse modo, no dia seguinte à caça, Noyo figurava como um dos "200 desaparecidos de Tafi del Valle". Para começar a representar então meu papel, eu me apresentei nos Tribunais e apresentei o inútil **hábeas corpus**, juntos com os restantes dos familiares dos desaparecidos. O recurso legal, como de costume, foi rechaçado, pois os Juizes compartilhavam da metodologia oficial ou temiam engrossar eles também a fatídica lista de desaparecidos. E aconteceu assim que, ao não possuir uma resposta oficial razoável sobre o paradeiro de meu filho, comecei a mover-me por minha conta, no princípio de maneira muito lenta e dissimulada, mas logo, ao valer-me da **oposição estratégica**, mais rapidamente, até desaparecer por completo*

*Para desespero do Inimigo, que logo esteve ao meu encalço, sumia por completo, em determinado lugar, e aparecia como "por magia" em lugares às vezes distantes. Avançava e voltava sobre meus passos, desconcertando permanentemente a quem me vigiava; ora estava em Jujuy, ora em Tafi del Valle, depois na Bolívia e depois novamente em Tucuman, em questão de horas; se é que o tempo serve de alguma referência na guerra mágica que empreendi. Além do mais, o Inimigo era incapaz de determinar o Mundo em que me achava em todo momento: se tropeçava com um **lapis oppositionis**, por exemplo, podia ocorrer que a seguir pelo mesmo caminho que eu supostamente havia tomado se encontrasse com um Tafi del Valle no qual jamais havia habitado a família Villca, ou com uma Belicena Villca que nunca se havia casado nem tido filhos, ou com um Mundo sem a luta subversiva, etc. Mas, não obstante, eu me deixava detectar novamente para atrair o Inimigo, cada vez mais com mais violência, sobre mim e conseguir o efeito de distração buscado. A tudo isso, Noyo avançaria tranqüilo para o Vale de Córdoba.*

Durante um dos regressos-surpresa a Tucuman, Segundo, o índio descendente do Povo da Lua que nos servia como Mordomo na Chácara, informou-me que o Capitão. Diego Fernandez desejava localizar-me antes de partir da Zona III, posto que lhe haviam conferido um novo destino. O chamei por telefone no Regimento e combinamos um encontro no parque Dique El Cadillal. Ali se travou o seguinte diálogo:

- Bom dia, Senhora - saudou o Capitão.

- Igualmente - respondi laconicamente.

- A senhora e seu filho, meu bom Camarada Noyo, tem me preocupado muito, Senhora Belicena. Terá de me dizer onde ele se encontra. Ou adverti-lo que se ponha em contato imediato conosco. As coisas estão mudando muito nestes anos e é urgente que ele esteja a par dos acontecimentos.

Dei de ombros como resposta, disposta a não negar nem confirmar nada, mas atenta à informação que pudesse obter do Oficial. Eu também me encontrava "em operações", executando uma manobra tremendamente perigosa de uma Guerra Essencial que aquele soldado sequer podia sonhar; e a disciplina própria desta Guerra exigia desconfiar de tudo e de todos, ainda do Camarada de meu filho: todos os homens não Iniciados poderiam ser traídos por sua Alma, dominados animicamente e convertidos em um

instrumento do Demiurgo Jehová Satanás. Eu não podia correr nenhum risco desnecessário. Porem, Dr. Siegnagel, vendo as coisas à distância, posso assegurar hoje que o Capitão. Diego Fernandez era sincero em tudo quanto dizia, e que Noyo não se tinha equivocado ao confiar nele.

Comprovando que eu nada dizia, o Capitão. Continuou com energia:

–Deveria conceder mais importância às minhas palavras, Senhora Belicena. Creio que a senhora está informada de que o desaparecimento de seu filho foi simulado: eu conduzi o Grupo de Tarefas que invadiu sua Chácara e o levou detido. E eu fui quem lhe permitiu fugir horas depois. Ele era um de nossos agentes secretos, além de Oficial de Exército em Retiro, e o caso ficou bem documentado na área de Inteligência: existem informes meus ao Comandante G-2 sobre o ocorrido nessa noite, além de documentos prévios à operação, onde consta que Noyo era um dos nossos. O desaparecimento era necessário para dar cobertura tática a sua posição, mas não havia por que exagerar as coisas prolongando desnecessariamente a ausência. Senhora Belicena, ele já deveria ter regressado há bastante tempo, ou comunicado conosco; e não lhe esconderei que agora sua situação se complicou de maneira incrível. A senhora mesma, Senhora Belicena, está correndo perigo mortal com sua assombrosa decisão ***de iniciar uma busca pessoal de seu filho desaparecido****. Não compreende que com tal atitude coloca-se no bando dos subversivos, que pode ser apontada abertamente como tal?*

Frente à expressão imutável de meus rosto, suspirou o Capitão e prosseguiu com suas advertências:

- Não creia a senhora que todos conhecem a sorte ocorrida esta noite por seu filho. A verdade somente sabem um grupo de Oficiais da Inteligência. Mas eles não falam, nem podem falar, porque se o fizessem, exporiam a Noyo a uma morte segura nas mãos das organizações subversivas, já que inclusive nosso Serviço de Inteligência está infiltrado por elas. Mas a senhora, com suas ações, caiu na mira de outros Serviços de Inteligência, e inclusive é vigiada por membros de nossa própria força que ignoram a verdade dos fatos. E observe agora que endiabrada trama se tem formado: se guardamos silêncio para proteger Noyo, nosso Camarada, arriscamos a vida de sua mãe, pois, se continuar a confusão ninguém sabe quais medidas poderiam tomar os outros Grupos de tarefas que reprimem no Norte; e se falarmos, salvamos sua mãe mas descobrimos perigosamente a função de Noyo, o que requererá, finalmente, uma verdadeira desaparição para conseguir recuperar a segurança perdida, talvez uma mudança permanente de identidade, ou a estadia prolongada em outro país. Compreende agora o problema, Senhora Belicena? Queremos saber o que fazer, pois o que for que tivermos de fazer, faremos logo, com urgência, como lhe disse antes, já que as coisas estão mudando desfavoravelmente para os que professam a ideologia Nacional Socialista, entre os quais se encontra, claro, o Camarada Noyo.

*Sim. Então me dispus a dar-lhe uma resposta concreta. Sua eloqüência permitiu-me avaliar a situação de outro ponto de vista e compreendia que seria catastrófico para nossa Estratégia que os Camaradas de Noyo esclarecessem a situação e revelassem o ocorrido na noite de seu desaparecimento. Eu vinha afirmando invariavelmente, sempre que a ocasião se apresentava e ante qualquer público, que meu filho Noyo "****havia sido assassinado pelas Forças de Repressão****"; o Inimigo não podia provar com certeza, nem negar, porquanto nesses dias existiam milhares de casos semelhantes, de pessoas que desapareciam como Noyo sem deixar rastros. Mas uma Pedra de Vênus se havia movido, segundo percebiam os Deuses traidores, e simultaneamente começava meu deslocamento errante pelos distintos Mundos do Norte da Argentina e outros países da América do Sul. E isso só podia tratar-se de uma Estratégia contra os Planos da Fraternidade Branca, Estratégia que os Demônios esperavam anular desde quatrocentos anos antes. Até o momento assim o haviam acreditado, pois ignoravam totalmente a manobra de Noyo. Porém, tudo ruiria se os militares esclarecessem o caso e o Inimigo perceberia o sucedido depois do seqüestro: sem abandonar minha perseguição, reorientariam a busca por Noyo e poriam em perigo o objetivo estratégico de sua missão. Tinha que evitar que os militares falassem. E tinha de ganhar tempo, porque das palavras do Capitão se inferia que a urgência se devia a uma*

mudança que logo tornaria impossível qualquer esclarecimento. Seguramente, seria a mudança política anunciada por Capitão Kiev, que consumiria a Nação na ruína econômica e moral, e a poria atada e amordaçada nas mãos da Sinarquia Internacional.

Tratando de dissipar a preocupação do Capitão sobre minha sorte ou o estado de Noyo, lhe respondi, subitamente loquaz:

- Experimentam temores infundados sobre o que possa se passar ou sobre o futuro de Noyo – afirmei – Certamente que exagerei meu papel, agora o vejo – menti – e lhe prometo que a partir de hoje cessarei de representá-lo. Quanto a Noyo, lhe asseguro que está bem, ainda que ignore seu paradeiro. Ele se comunica comigo através de um correio secreto e não vacilarei em escrever-lhe imediatamente sobre o que o senhor me disse. Terá de esperar um tempo, mas hoje estou certa que ao saber que o requisitam com urgência não tardará em aparecer. Assim, lhe sugiro não inovar a situação e aguardar o resultado dessas medidas. Não obstante, me agradaria saber algo concreto das mudanças desfavoráveis para nossa causa que mencionou, a fim de fundamentar a Noyo a importância da convocação.

- Vejo que é razoável, Senhora Belicena – se esperançou o Capitão – e por isso lhe darei a informação solicitada. A questão é muito simples: as forças nacionalistas e patriotas que se mobilizavam na defesa da Nação, foram traídas pela cúpula do Governo. Os Chefes máximos das Forças Armadas pactuam com as organizações ocultas partidárias do Governo Mundial e decidiram entregar o país para um saque financeiro que destruirá as bases econômicas da sociedade. Enquanto este sinistro plano era elaborado e levado a cabo, as únicas forças nacionais capazes de reagir foram entretidas numa estéril luta contra organizações insurgentes cujos autênticos cabeças jamais deram as caras. Com isto se conseguiu somente desprestigiar as Forças Armadas e neutralizar sua futura reação. Temos vencido militarmente, mas seremos inexoravelmente derrotados no terreno político, já que os problemas econômicos que surgirão da política monetária e sinárquica que desenvolve o Governo, causarão que a sociedade esqueça o objetivo honorável de nossa luta e nos acuse da miséria subseqüente. Uma realidade que lhes será obsessão porque tocará diariamente em seus bolsos e seus estômagos. – O Capitão. Fernandez achava-se evidentemente inspirado e, por momentos, me lembrava das palavras do Capitão Kiev. Estávamos então, em finais de 1978, somente quatro anos depois de sua aparição no Cromlech de Tafi del Valle, e não só seus anúncios se estavam cumprindo ao pé da letra, senão que existiam mentes esclarecidas capazes de compreender a realidade e descobrir também os planos do Inimigo.

- Mas isso não é tudo – prosseguiu o Capitão. Fernandez – O mais grave é que, concluída a luta anti-subversiva no terreno militar, único campo que nos foi permitido interferir, o Governo considera que os grupos nacionalistas das Forças Armadas representam um perigo potencial para os planos sinárquicos e tem decretado sua inapelável destruição. E essa ofensiva já começou com a seleção ideológica dos melhores experts em luta anti-subversiva dos Serviços de Inteligência, seu isolamento visando o presente e futuras purgações, inclusive com seu assassinato, executado por membros de Serviços Secretos estrangeiros convocados especialmente para tal efeito. Assim, pouco a pouco, surgem grupos sinárquicos nos Serviços de Inteligência, com pessoal treinado, ou diretamente a seu serviço, por agentes de Israel (do Mossad ou o Shin Beth); dos E.E.U.U. (a C.I.A ou o FBI); da Inglaterra (o MI-5, MI-6, I.S.); da União Soviética (KGB, G.R.U.) etc. E são estas organizações as que estão perseguindo a Senhora. Por isso que urge esclarecer as coisas enquanto podemos, pois é provável que brevemente nossos camaradas sejam completamente neutralizados e tirados do Serviço ativo, para depois serem vendidos vilãmente às mesmas forças subversivas que combatemos durante anos. Cremos que o Governo planeja transferir o poder a políticos social-democratas ou socialistas, que permitirão à esquerda a liberdade e poder suficientes para destruir as reservas morais da Nação, que especialmente se concentravam nas Forças Armadas. Porém, estes homens, que no fundo são cipayos a serviço da Sinarquia, manterão a política econômica monetária liberal, que submeterá a Nação à dependência moral e a dissolução social. No mesmo caso meu, que fui

retirado sem explicações da luta anticomunista, com a evidente intenção de ser retirado em pouco tempo, ou algo pior, encontram-se meus restantes Camaradas, Impõe-se a necessidade de atuar agora ou correr o risco de que a situação de Noyo não seja esclarecida nunca ou que a senhora seja atacada por algum de nossos grupos de Inteligência que atuam com plena impunidade e repugnante falta de honra. E que habilmente perseguem e executam pessoas de antecedentes nacionalistas mais que aos conhecidos agentes da subversão marxista. Espero ter sido claro, Senhora Belicena, e consiga estabelecer um pronto contato com o camarada Noyo, de quem requeremos também, nesta hora chave, seus valiosos assessoramentos estratégicos.

- Foi extremamente claro, Capitão. Fernandez – assegurei – e tenha a segurança que transmitirei textualmente suas palavras a meu filho Noyo, que não vacilará em acudir-lhes..

E assim concluiu aquela conversa com o Capitão Diego Fernandez, que partiu disposto a aguardar, e fazer aguardar a seus camaradas, toda possível declaração sobre o ***desaparecido de Tafi del Valle****.*

O resto da história lhe é conhecida, Dr. Siegnagel. Eu, longe de cumprir com o prometido ao Capitão Diego Fernández, continuei realizando movimentos estratégicos no Norte Argentino, na Bolívia e no Peru. Percorri em várias oportunidades à rota de Lito de Tharsis e dos Atumurunas, consciente de que isso despertaria ainda mais o interesse da Fraternidade Branca e afirmaria a certeza de que eu era portadora da Espada Sábia. É por isso também que tomava o caminho de Tatainca em Jujuy e me dirigia às proximidades do Cerro Kâlibur. Em duas oportunidades inclusive desci ao Vale Grande e contemplei o Extersteine, ainda que sem me atrever a atravessar a Porta Vrúnica. Pois bem, foi durante uma destas excursões que caí numa cilada Golen e ingeri o veneno que debilitou minha vontade e me impediu de seguir desenvolvendo a Estratégia. Logo fui rapidamente capturada por um comando do Shin Beth, integrado por Rabinos Iniciados na Alta Cabala, Sacerdotes que em Israel tinham contemplado o Sepher Icheh e conheciam todo o referente ao Holocausto de Fogo. Pertencia, tal como o antecipara o Capitão Fernández, a um Serviço de Inteligência paralelo, que contava com membros nos Serviços do Exército, Marinha, Força Aérea, Polícia Federal, Secretaria de Segurança do Estado, Ministério da Defesa, etc. Seu poder de mobilização era então absoluto.

Eu estava descansando momentaneamente numa mísera pousada do povo Kâlypampa, que se acha frente ao Parque Nacional do mesmo nome, junto ao Cerro Kâlibur. Ali me deram a droga, misturada num pote de açúcar que ofereceram para adoçar o café. O efeito que instantaneamente produziu em meu corpo de Iniciada Hiperbórea foi indescritível, sendo improvável que o senhor possa sequer imaginar, pois desconhece como se comporta uma mente capaz de possuir consciência em vários Mundos de uma vez. O que posso dizer é que a droga, uma forma perfeita de mel arquetípico de abelhas, produziu um acelerado processo de fortalecimento anímico, uma formidável injeção de energia para a vontade instintiva da Alma, que nos Iniciados Hiperbóreos se encontra habitualmente dominada pela irresistível vontade do Espírito Não Criado. E essa evolução súbita da Alma causou como uma degeneração sangüínea, uma debilidade do Símbolo da Origem, presente no Sangue Puro, ***e como uma atualização do corpo físico, que perdeu assim sua capacidade de mover-se independentemente do Tempo e sincronizou todos seus relógios biológicos com o tempo deste Mundo****. Caí, pois, presa do contexto cultural, sujeita à realidade daquele povoado de Jujuy. Naturalmente, tentei fugir de todo modo: os* ***lapis oppositionis*** *já não me serviam, pois havia perdido a orientação* ***externa*** *à Origem e me era impossível praticar a oposição estratégica. Mas não cheguei muito longe. Antes de sair da Província já estava nas mãos dos agentes do Shin Beth. Estes me conduziram ao Monastério Franciscano de Nossa Senhora do Milagre, em Salvador se Jujuy, onde a maioria dos curas pareciam estar sob suas ordens. Em uma sórdida masmorra, dos tempos de colônia, fui submetida a um refinado interrogatório durante o qual me administravam diferentes tipos de drogas. As perguntas eram poucas e*

exatas, sempre as mesmas: onde estava a Pedra Extraterrestre? Que se passou com meu filho? Para onde me dirigia? Quais eram minhas ordens? Tinha algum contato extraterrestre, um Iniciado que compartisse a operação, ou trabalhava por conta?

Abreviando, Dr. Siegnagel, creio que acabei por confessar quase tudo, impossibilitada de resistir ao efeito das drogas que me impediam até a representação do Signo da Morte, com o que teria podido, em outra ocasião, ter desencarnado ali mesmo. De todo modo, Noyo já estava na Caverna Secreta: isso eu pressentia há tempos e havia recebido sinais confirmadores dos Deuses. Eu caia, mas a Estratégia triunfava! A ordem do Senhor da Guerra fora cumprida impecavelmente e nada, da parte da Casa de Tharsis, impediria a batalha Final! Somente faltava agora que o Pontífice Hiperbóreo, o Senhor da Orientação Absoluta e sua Ordem de Construtores Sábios, achasse a Espada Sábia; e isso estava totalmente fora de nossas mãos.

Como compreenderá estas reflexões pertencem ao presente. Naquele terrível momento, quando minha vontade era impotente para dominar a língua, uma angústia inenarrável me tomava: estava sendo humilhada em minha dignidade de Iniciada Hiperbórea e sentia como uma traidora, como um falta de honra imperdoável, a involuntária confissão que me estavam arrancando. Apesar da possibilidade de que aquele final já teria sido previsto por nós. Eu só queria morrer, apesar de que os malditos Rabinos não desejavam nada além de me manter viva: apenas fui torturada fisicamente, pois toda sua ação se concentrou em dobrar e destruir minha estrutura psíquica. Não me matariam, e isto me disseram claramente, porque meu corpo era intocável, como o de Rudolph Hess. Sim, Dr. Siegnagel: ***eu estava reservada para um Sacrifício Ritual que efetuariam Bera e Birsa em pessoa****.*

Sexagésimo Terceiro Dia

O senhor se perguntará. Dr. Siegnagel, como foi que meus raptores me enviaram ao Hospital Dr. Patrón Isla, da cidade de Salta? A resposta é ***tristemente simples****, não muito difícil de imaginar. Os Agentes Infernais, que conheciam o segredo de suas drogas sobre o corpo humano, sabiam que a mim seria impossível fugir de qualquer lugar: a vontade de resistir estava completamente esgotada, e como disse tinha perdido totalmente a* ***orientação externa****. Não poderia me mover do lugar onde estava, e isto era bem claro, Mas então, tinha decidido morrer.*

Explicarei melhor: se bem que eles tivessem quebrado minha vontade de me livrar ***externamente****, eu comprovava a cada instante que tinha ainda intactas as capacidades espirituais* ***interiores****. A vontade de meu Espírito, Dr., não estava quebrada no reduzido âmbito da consciência. Talvez eles tenham destruído parte da estrutura psíquica, mas o dano se reduzia ao campo da Alma ou cérebro físico, quer dizer, ao terreno exclusivamente material. Logo, eles não podiam saber exatamente o que tinha acontecido com o Espírito Eterno porque os Iniciados da Fraternidade Branca carecem da capacidade de perceber os Seres Não Criados; mas consideravam o triunfo de suas técnicas de lavagem cerebral ao comprovar que já não existiam* ***manifestações espirituais****. Concretamente, se referiam ao "Eu", a* ***manifestação do Espírito****, como um piloto indicador do estado do prisioneiro: se o tratamento culminava com a desintegração do Eu, isso significava que um processo irreversível impediria o reencadeamento espiritual. Ainda que o Símbolo da Origem continuasse presente no Sangue Puro, a destruição da estrutura psíquica tornava impossível que o Eu pudesse se concentrar novamente na esfera de consciência. Mas no meu caso isto não acontecera. Como entenderá, eles esperavam que a ingestão de psicotrópicos desse por resultado um estado de esquizofrenia aguda, esperança que no meu caso se viu reforçada pelas confissões que arrancaram de mim. Mas a verdadeira situação era que tudo que conseguiram obter no interrogatório não era voluntário nem involuntário, mas sim mecânico: suas drogas atuaram sobre o sujeito consciente da Alma, não sobre o Eu, e a forçaram a vomitar o conteúdo da formidável memória racial dos Senhores de Tharsis, uma qualidade própria da especialização biológica de minha família com a qual presumivelmente os Rabinos não estavam habituados a lidar. Acreditaram assim, que meu Eu estava fragmentado ou desintegrado, e que jamais voltaria a produzir-se um estado de consciência espiritual estável: a confissão demonstrava, para eles, a fratura irreversível da vontade espiritual.*

Mas aquela confissão era só uma estúpida traição da Alma, cujo sujeito lia os conteúdos das memórias psíquicas. Numa esfera profunda, a vontade de meu Eu resistiu em todo momento da violação sem poder impedir que os conteúdos mnêmicos se exteriorizassem mecanicamente: surgiram então, para o deleite dos rabinos, as memórias sobre Estratégia própria e sua execução. Inteiraram-se do ocorrido com Noyo e partiram imediatamente atrás de seus passos, supondo deixar atrás de si um despojo humano. Porém, está visto que, como sempre, não lhes seria tão simples acabar com os Senhores de Tharsis.

O que ocorrera? Pois, eu entendi que conseqüências se esperavam da lavagem cerebral e comecei a simular com grande convicção a demência esquizofrênica prevista por eles. Finalmente, convencidos de que minha loucura não tinha remédio, decidiram tirar-me do comprometido Mosteiro franciscano e internar-me momentaneamente, até a chegada de Bera e Birsa, num Hospital Neuropsiquiátrico. Para isso tinham de "legalizar-me", quero dizer, conceder-me o ***status*** *jurídico de prisioneira política, a fim de obter o aval burocrático do hospital e evitar futuras investigações. Começaram então, por convocar um tal "Cel. Victor Perez", militar da raça hebréia que trabalhava para o Shin Beth. Este tomou a si o caso e elaborou um expediente cheio de falsidades, no qual constava a suposta atividade subversiva de meu filho Noyo e o apoio que eu lhe fornecia, tanto a ele como à organização em que militava. Forjou a descrição*

das circunstâncias da detenção, os interrogatórios e o teor das confissões; e obteve de um médico militar um diagnóstico de demência, e de um juiz a ordem de internação no Hospital Neuropsiquiátrico Dr. Javier Patrón Isla. E deste modo cheguei até aqui, Dr. Arturo Siegnagel. Mas então eu havia decidido morrer.

Sim, estimado Dr. Nesses dias, meu único desejo era morrer com Honra, suicidar-me antes de cair nas garras fatais de Bera e Birsa, tirar dos Malditos Imortais o prazer de sua vingança, o cumprimento da sentença de extermínio que tratavam de executar desde a época dos Reis iberos. Somente necessitava uma mínima recuperação física e um pequeno descuido da vigilância médica para tirar-me a vida por qualquer meio. Sem dúvida, Dr., que isto eu poderia ter feito sem problemas em todo este tempo em que estive internada. Fugir já não era a saída para mim sem minha orientação externa e. de todo modo, a missão estava realizada: Noyo guardava na caverna Secreta de Córdoba a Espada Sábia. E ainda que eu não pudesse encontrá-lo, ainda que o quisesse, a ordem do Senhor da Guerra tinha sido cumprida e isso era importante. Então, morrer não representava mais que um pequeno intervalo até a Batalha Final: iria astralmente a K'Taagar e regressaria logo para ajustar as contas com o Inimigo do Espírito Eterno. Enquanto isso evitaria a última perseguição de Bera e Birsa. Este era meu pensamento ao chegar aqui, Dr. Siegnagel.

*Porém, algo me fez mudar de idéia assim que cheguei; e foi por isso que, apesar de continuar simulando a demência, iniciei a escrever esta extensa carta.. Para ser clara, "esse algo" pelo qual troquei minhas intenções suicidas foi o senhor, Dr. Siegnagel. Na verdade, apenas lhe vi, entendi que o senhor tinha manifestado em alto grau o Símbolo da Origem; mas vi também que era inconsciente disso, que desconhecia até em seus menores detalhes a Sabedoria Hiperbórea: o senhor é um Homem de Sangue Puro, Dr. Siegnagel. Mas a memória de Sangue está bloqueada por sua Alma. O senhor não conhece a existência de seu Espírito Eterno, nem sabe como orientar-se à Origem. Padece de uma amnésia metafísica que é produto da Idade Obscura em que estamos atualmente, própria do encantamento com que as Potências da Matéria, submetem o homem no Grande Engano, característica da decadência espiritual do Homem e de sua atração pela cultura materialista: enfim, o senhor, Dr. Siegnagel, é um homem adormecido. Mas é um Homem. Um ser dotado de Espírito Não Criado que pode despertar. Sua presença aqui, neste obscuro manicômio, tomei como um sinal dos Deuses, como uma mensagem do Senhor da Guerra e Capitão Kiev, talvez como uma revelação do Pontifex, Senhor da Orientação Absoluta. Ao vê-lo, compreendi a que se referia o Capitão Kiev quando anunciava que "**homens adormecidos restabeleceriam o nexo antigo com os Deuses**": tais homens adormecidos são semelhantes ao senhor. Tem tudo no Sangue Puro, mas em forma potencial: somente requerem a Iniciação Hiperbórea para que essa potência racial se desenvolva e aflore na consciência. E a Iniciação Hiperbórea, Dr. Siegnagel, hoje em dia, somente é capaz de concedê-la nesta parte do mundo o Pontifex Maximus da Ordem de Odin, o Senhor da Orientação Absoluta, ou os Construtores Sábios que o secundam. Para transmitir-lhe esta verdade foi que mudei minha decisão de morrer voluntariamente. Deve ter presente, Dr. Siegnagel, o ponto de vista ético dos Senhores de Tharsis; para a Estratégia de libertação espiritual dos Deuses Leias ao Espírito do Homem, implica muito mais Honra que eu trate de desperta-lo a suicidar-me para fugir das infames represálias dos Demônios Imortais. Acaso este castigo, a possibilidade deste terrível final, não estava prevista desde sempre na Estratégia sugerida pelo Capitão Kiev?*

Sim, Decidi desperta-lo ou ao menos tentar, mas como? Não falando com o senhor, pois um preconceito profissional lhe impediria de dar crédito às palavras de uma doente mental. Talvez escrevendo nossa história em uma carta, como esta, mas não me escapava que me encontraria em situação semelhante: sua incredulidade seria também inevitável. Não obstante, existe a possibilidade de que um fato concreto, alheio a mim, mas suficientemente efetivo, torne consciente a história da casa de Tharsis: **e**

este fato não poderia ser outro senão minha própria morte nas mãos dos Imortais Bera e Birsa*. Vale dizer, devo conseguir que os demônios Golen deixem suficientes rastros de seu imenso poder para convencê-lo de que em algum grau a história narrada na carta é verdadeira; e devo conseguir que a carta* ***chegue*** *às suas mãos* ***depois*** *de minha morte. É o que tentarei fazer, Dr. Siegnagel. Portanto, já concluí a carta e comecei, há certo tempo, a realizar a Estratégia que creio dará os resultados esperados: com os últimos restos de minha* ***vontade graciosa luciférica****, tratei de dirigir-me telepaticamente até Chang Shambala, aos membros da Ordem de Melquisedec, e* ***desafiei os Demônios Imortais****. Desafiei em nome da casa de Tharsis, que é a maior ofensa a seu infernal orgulho, e agora espero, não sem temor, a resposta de Bera e Birsa.* ***Já os sinto, Dr. Arturo Siegnagel, avançando entre os Mundos de Ilusão, aproximando-se cegos de ódio à minha humilde cela, pulando o Espaço e o Tempo, dissolvendo a Realidade****. Pachachutquiy, Pachachutquiy.*

Sexagésimo Quarto Dia

Este será meu último dia com vida, Dr. Siegnagel, tenho certeza disso. Em poucas horas, entregarei esta carta à enfermeira eu subornei para que lhe chegue depois de minha morte. Somente resta-me tempo para solicitar o favor posterior que lhe mencionei no Primeiro Dia e oferecer-lhe algumas recomendações.

Em primeiro lugar, quero pedir-lhe, Dr., que tente localizar meu filho Noyo. Sei que, depois de tudo quanto o senhor tenha ledo nesta carta sobre a Sabedoria Hiperbórea, as técnicas da oposição estratégica da Sabedoria Lítica, e o caráter da missão empreendida por Noyo, lhe parecerá pouco menos que impossível cumprir este pedido. Mas é que não lhe exijo que vá diretamente atrás dele, o que seria descabido, porém lhe rogo que trate de achar a Ordem de Construtores Sábios do Senhor da Orientação Absoluta: Eles o porão na direção certa. Além de lhe concederem a Iniciação Hiperbórea, lhe despertarão, e lhe incluirão na Estratégia da Batalha Final. E muito lhe agradecerão por fazê-los conhecer esta carta. Se não tenho me equivocado com o senhor, se seu Sangue é Puro e presente no senhor as Nostalgias da Origem, sabem que não vacilará em cumprir meu posterior desejo.

Em segundo término, se algum dia chegar a conhecer meu filho, quero que lhe narre a última parte desta história, que o faça saber que morri segura do triunfo da causa do Espírito, que vi com claridade o Final da História e a iminência da Batalha Final. Não creia que faço isso por sentimentalismo, por um tolo interesse em tranqüilizar meu filho: tratei de libertá-lo por todos os meios disponíveis e, se o senhor responde e desperta, chegará de todos os modos a ver ao Noyo Guardião da Espada Sábia. Então, como um favor especial, em memória de Belicena Villca, quem lhe revelou o Caminho,, lhe dará minha mensagem. Conheço perfeitamente a conduta que deve ter a Mãe de um Guerreiro Sábio. Uma mãe hiperbórea, é sempre Filha da Grande Mãe Ama e não pode, assim, ser escrava da Matéria, da Mãe Terra, da Shakti, de Binah, ou seja, sucumbir ao instinto maternal, cego e irresponsável. Oh, Mãe Pura Ama, Virgem de Agartha, tenho escutado tua Voz:

"Meus Filhos,
Os Homens de Pedra,
São Guerreiros Sábios,
E nada deve aplacar seu Furor.
Destruído será
o Indigno de Espírito.
O Covarde, o Traidor,
e maldita a Matriz que os Forjou.
Minha Semente de Pedra
Acende o Fogo Frio
No Coração.
Plenos de Ira,
Carregados de Valor,
Marcham à Batalha Final
Os Guerreiros del A-mort.
E a Mãe do Espírito,
e as mães da dor,
expressam a Graça e l Alegria
se Eles morrem com Honra."

Assim fala tua Voz, Zelosa Mãe Ama, e não serei eu quem te contradiga. Meu filho é teu Guerreiro, e seu Destino, Tua Vontade. Em nada afeto seu Valor enviando minha última saudação com o médico hiperbóreo, pois se ele chegar até Noyo, também será um Guerreiro Sábio.

E agora vamos às recomendações, Dr. Siegnagel: não posso deixar de adverti-lo que o "Segredo Mortal" guardado por nós entrevê um terrível perigo, extensivo a tosos os que intervenham em sua proteção. Suponho que não saberá por onde começar a busca. Pois bem, para começar, vá a Tafi del Valle, na velha Chácara familiar; ali vive Segundo, o índio que me visitava, quem lhe esclarecerá muitas coisas práticas, ainda que não tantas quantas o senhor possa desejar. Ele lhe dará algo do ouro dos incas, que ainda resta, para ajudar nos gastos que sujam, mas deverá ser muito cauteloso ao gasta-lo. Manejar ouro é sempre perigoso!

Lembre que foi embarcando num movimento semelhante ao seu que fui descoberta pelos Demônios da Fraternidade Branca e, por meio de sua Ciência Maldita, levada à loucura na qual o senhor me conheceu. Somente pude sair deste estado de alucinação graças aos restos de minha vontade graciosa lucifórica, como disse, e com a ajuda tranqüilizante da planta ***ayu huasca*** *que me trazia Segundo. Mas a lucidez somente durava algumas horas, que aproveitava para escrever esta carta, já que não se tratava de um antídoto totalmente eficaz. A droga dos Demônios permite a hipnose à distância, mas a enredadeira* ***ayu huasca****, ou* ***caapi****, possui um alcalóide que me tirava transitoriamente de seu controle. Assim pude completar o presente manuscrito e desafia-los em suas Infernais Moradas, e é por isso que eles não tardarão em vir a executar-me.*

Até sempre, Dr. Siegnagel. Quisera que esta carta a lesse com Olhos do Espírito. Meus melhores desejos vão para o senhor, cumpra ou não meu pedido, creia ou não no que aqui narrei. Se decidir comprazer-me, significará que o senhor é um Kshatrya e então nos voltaremos a ver no Valhalla ou durante a Batalha Final. Que Navutan o Guie e Frya o A-me.

Sempre sua, Belicena Villca.

✧

LIVRO TERCEIRO

"Em busca de Tio Kurt"

Capítulo I

Pode o leitor dar asas à imaginação. Nunca chegará a representarem-se as emoções e o estado de total perturbação em que submeteu a leitura da carta de Belicena Villca. Foi algo muito estranho para mim, à medida que lia, fui experimentando uma pluralidade de estados de ânimo. Assim, passei do ceticismo inicial à surpresa, desta ao estupor, dali saltei à curiosidade, e sucessivamente a mil sensações mais. Finalmente, um entusiasmo primitivo e insensato se apoderou de mim e, em vez de rechaçar a carta como uma impostura, atitude lógica e perfeitamente justificada, fiz o contrário, selando assim minha sorte: decidi empreender a aventura!

Recém terminada de ler a carta e, quase sem refletir, havia tomado uma decisão. Por quê? Tratarei de explicar. Até o momento de ler a carta de Belicena Villca minha vida estava vazia de ideais. Tinha um brilhante futuro profissional e o quanto necessitava para meu conforto; era afortunado com as mulheres e ainda nenhuma havia quebrado meu coração, isso cedo ou tarde ocorreria. Tudo levava a crer que minha vida se desenvolveria pelos trilhos que conduzem ao êxito mundano. E, no entanto, algo faltava nesse esquema, pois eu não era feliz. Possuía paz e tranqüilidade material, mas muitas vezes a tristeza me agoniava, pressentia que ao meu Espírito lhe faltava um horizonte ao qual vislumbrar, um ideal, uma meta quiçá, digna do maior sacrifício.

Por isso às vezes contemplava com inveja a História Universal, os períodos heróicos nos quais me dessem gosto viver: escolher tal ou qual bando, seguir a este ou aquele líder, cometer essa heresia libertadora ou fundir-me ardentemente naquele dogma tirânico: Viver, lutar, morrer, ser homem! Mas ser homem não é somente pensar, é "sentir" o Espírito. E o Espírito se "sente" quando a vida se orienta na busca de um ideal, porque os ideais não estão neste mundo, nesta ordem, mas na mesma ordem que o Espírito e alinhada a ele.

Não é fácil. Ser idealista requer muito valor já que a realidade enganosa e cruel guarda uma armadilha para o idealista ingênuo e um sepulcro para o idealista comprometido. Haja vista como o elemento idealista de minha geração foi sistematicamente aniquilado, e seus ideais qualificados de "***niilista***". Um Almirante

argentino que passa por pessoa culta, Massera, disse num discurso: "***Estamos combatendo contra niilistas, contra delirantes da destruição, cujo objetivo é a destruição em si, ainda que se mascarem de redentores sociais***". Muitos dos mortos e desaparecidos não eram outra coisa senão idealistas que acreditavam no mito infantil da "revolução social" como meio válido para instalar uma ordem mais justa no mundo. Precisamente por crer (por ser idealista), não viram a diabólica trama de interesses em que estavam insertos; precisamente por crerem, foram alguns doutrinados, armados e lançados imbecilmente à aventura, pelo mesmo Sistema sinárquico que depois os reprimiu. E não penso somente nos que empunharam as armas, que talvez merecessem morrer por apátridas, senão em tantos outros que caíram sem conhecer o cheiro da pólvora; por cometer o "delito" de armar ideais que afetam algum interesse ou privilégio.

Isso não é niilismo. Niilista é a repressão desbocada, a censura asfixiante, a mediocridade instituída, a corrupção oficializada, a lavagem cerebral digitada, enfim, a tirania implacável, embasada obscenamente numa linguagem "democrática" ou "liberal".

O triunfo do Sistema é a estabilidade de uma ordem de coisas corrupta, de uma sociedade edificada sobre a usura e o materialismo, de um país cuidadosamente desenhado para que se insira uma geopolítica estrangeira, planejada em detalhes pela Sinarquia Internacional dos Grandes Imperialismos.

O que nos oferece este mundo contemporâneo de dólares e aço que valha nosso sacrifício? Aqui, uma cultura decadente e imoral; ali, um terrorismo sem grandezas. Mais além, um Poder repressor; acolá, uma Igreja covarde e mentirosa. Para que seguir, se tudo fede?

Este era meu estado de ânimo quando li a carta de Belicena Villca e por isso minha reação foi instantânea. Eu, o insignificante Dr. Siegnagel, pouco mais que um número de ficha ou carnê, alguém perdido na mediocridade cotidiana da remota Salta: de pronto sou chamado para uma missão de risco, sou convocado pelo Destino!

O sangue me fervia nas veias e algo assim como uma reminiscência de batalhas passadas, se apoderou de mim. Belicena se perguntava em sua carta se poderia ser um Kshatriya:

– Pois já o era!

Aparte deste irresponsável entusiasmo, no fundo experimentava uma grande estupefação a pouco que intentava razoar sobre o conteúdo da carta. Não podia negar que toda ela desprendia uma força primordial, um halo de antigas verdades esquecidas, como se Belicena Villca não pertencesse a esta época ou, melhor dizendo, como se fosse independente o tempo todo. A linguagem era pagã e vital; "fantástica" seria o termo justo, se não fosse o assassinato de Belicena que convertia esta mensagem premonitória em algo macabramente real.

Duas perguntas borbulhavam em minha cabeça, saltando o pensamento de uma a outra, sem solução de continuidade. Onde estava esse "Signo da Origem", do qual sou portador, claramente visível para Belicena Villca e aparentemente representante de certa condição espiritual? Recordava perfeitamente o que Belicena havia escrito no Segundo ia: ***"na verdade, o que existe como herança divina dos Deuses é um Símbolo de Origem no Sangue Puro: o Signo da Origem, observado na Pedra e Vênus, era***

somente o reflexo do Símbolo da Origem presente no Sangue Puro dos Reis Guerreiros, dos Filhos dos Deuses, dos Homens Semidivinos que, junto a um corpo animal e a uma Alma Material, possuíam um Espírito Eterno". Se era certo que eu possuía o Símbolo da Origem em meu Sangue Puro, se eu era um homem espiritual, então teria a possibilidade de obter a Mais Alta Sabedoria dos Atlantes Brancos. Ou havia interpretado mal as palavras de Belicena? Porque nesse ia Segundo ela escreveu: "***a Sabedoria consiste em compreender a Serpente com o Signo da Origem***". Segundo Belicena, os Deuses afirmavam ao homem: "***havias perdido a Origem e eras prisioneiro da Serpente, compreende a Serpente e serás novamente livre na Origem!***". À luz de certos conceitos, minha racionalidade era a seguinte: ***se o signo da Origem, "meu próprio signo da Origem", se achava manifestado e plasmado nalguma parte de meu corpo, de tal sorte que fora rapidamente distinguido por Belicena Villca, esse era o lugar que eu deveria descobrir e projetar no Mundo, sobre a Serpente, como antigamente fizeram os Iniciados Hiperbóreos***! E sentia assim como uma urgência interior por localizar esse Signo e cumprir com o mandato dos Deuses.

Mas entendia, também, que carecia e muitos elementos esotéricos da Sabedoria Hiperbórea. Mas se havia de deixar pendente esta primeira pergunta, a segunda "que borbulhava em minha cabeça", sobre a "prova e família", não tardaria em investigá-la. Belicena Villca, em efeito, havia assegurado no Quarto Dia, que minha família "foi destinada para produzir um mel arquetípico, de sumo diferente ao doce". Aquela era a primeira notícia que teria sobre o assunto e trataria, pelo menos, de comprová-la com meus familiares próximos.

Capítulo II

Desde que mamãe me entregou a pasta com as cartas de Belicena Villca, até o momento em que tomei a decisão de cumprir com seu pedido póstumo, haviam transcorrido quatro dias. Certamente, li as cartas em tempo recorde, dada sua extensão e profundidade, permanecendo trancado no meu quarto fazendo com que subissem, de tempos em tempos, algum alimento. Enfim, uma tare, desci caladamente, com a misteriosa pasta na mão, e tomei assento entre os meus, que se encontravam como era de costume a essa hora descansando no pátio posterior. Reclinada a cabeça, o olhar perdido na distância dos montes, estive em silêncio durante largo tempo. Durante este lapso ninguém me interrompeu, acostumados por anos a ver-me estudar debaixo da sombra da gigantesca árvore. Somente o murmúrio dos ventos entre as folhas, o trinar das aves, e o coça-coça de Canuto, acompanhavam minha meditação.

Parei bruscamente, voltando para o lado a cadeira do jardim. Na varanda de casa estavam meus pais: Mamãe cozendo as meias de meus sobrinhos e Papai lendo um semanário europeu que chega quinze dias atrasado; Enquanto isso, a fita cassete de Angelito Vargas, rebobinada pela enésima vez, nos envolvia a todos com "Três esquinas".

– Pai, Mãe – disse enfaticamente – nas suas famílias houve antepassados ou parentes que seguissem um ofício ou artesanato por tradição?

–Isso era um costume muito comum na Europa – respondeu meu pai pensativo – hoje lamentavelmente esquecido. Em minha família houve muitos médicos como você, e até boticários como meu pai, mas sem que isto fosse uma lei, pois tivemos também bons agricultores como eu: cof, cof – tossia meu pai celebrando sua habilidade.

Em compensação na família de sua mãe – prosseguiu mais calmo – sim, que tem uma tradição no cultivo e na produção de açúcar. Você sabe que a conheci no Egito quando meu pai lá pelos 35 anos, decidiu abrir novos mercados no comércio de ***tanino***, visto que a indústria têxtil da Europa e da América funcionava sujeita a rígidos monopólios. Meu pai queria vender tanino às florescentes indústrias têxteis árabes e turcas, pelo que começou uma viagem no Oriente Médio com destino ao Egito. Eu tinha 18 anos na época e, contrariando os desejos de meu pai, que preferia me ver formado em Engenharia, minha aspiração maior era ser agricultor. Confiando que a longa viagem acabaria por dissipar o que meu pai tomava como capricho, decidiu levar-me consigo.

Ao chegar ao Egito fomos recebidos por um tio-avô. Hans Siegnagel, membro de um ramo da família que habita, ainda hoje, perto do Cairo, Os Siegnagel do Egito vivem ali, ao que parecem desde a invasão de Napoleão, junto a centenas de famílias de origem germânica, as que fazem parte de uma forte coletividade.

Bem, durante os dias que passamos no Cairo, meu interesse em observar os granes Engenhos de Açúcar que se estendia ao largo do Nilo e as intermináveis extensões cultivadas com cana de açúcar.

Papai, ao ver que minha inclinação pela Agricultura em vez de diminuir se tornava mais intensa, compreendeu que essa era minha verdadeira vocação e decidiu aceitar o amável convite do Barão Reinaldo Von Subermann, dono de um poderoso Engenho com plantações próprias, para que permanecesse em sua fazenda estudando as técnicas e cultivo.

Estive ali desde o ano de 35 até 38, em que as perspectivas de uma paz mundial duradoura se diluíam rapidamente, devendo ceder aos insistentes chamados de meu pai para regressa à Argentina.

Empreendi a viagem de regresso em junho de 38, mas não a fiz sozinho; comigo vinha a filha do Barão Von Subermann, uma bela Walquiria que pela graça de Wothan, podes contemplar aqui presente.

Rimos todos, especialmente minha mãe que havia permanecido com olhos distantes, enquanto papai recordava sua fascinante vida.

– Que ocorreu desde então? – perguntei, sabendo que lhe faria bem, a meu velho pai, contemplar a história.

– A guerra abriu brechas dolorosas e forçou separações definitivas. Mortos teus avós (meu pai e o Barão), já não voltamos a contatar-nos com os parentes do Egito. Muitas vezes sinto por sua mãe – a voz se embargou – que é alemã-egípcia e que sofreu muito com a separação.

Em compensação – continuou já recomposto – meus sentimentos patrióticos somente são para este país e em nenhum outro lugar estaria melhor que aqui. Lembre que seu bisavô, o primeiro Siegnagel que veio para a América, o fez em 1860 a pedido do Governo para trabalhar na fabricação de explosivos, já que ele estava reputado como químico e prestígio. Em mais de um século, meu bom Arturo, os Siegnagel se fizeram mais argentinos que o mate!

Quando papai fez referência ao sofrimento que havia experimentado por permanecer longe de sua família e da terra natal, minha mãe se aproximou e começou a afagar ternamente os cabelos enquanto vertia amorosos afagos.

Enquanto os velhos se paparicavam, eu sentia arder às ventas, estava como abobado, vendo a imaginação descontrolada já, trazer as mais audazes hipóteses. A afirmação que fez Belicena Villca em sua carta sobre a missão familiar de "trabalhar alquimicamente o açúcar", se via confirmada em princípio pelo relato de meu pai. Era uma indubitável realidade, que os Von Subermann foram produtores de açúcar desde tempos imemoriáveis, mas como ela sabia?

Pobre de mim, nem sonhava que a confirmação das palavras de Belicena era somente a primeira das muitas situações que, no futuro, me demonstrariam até que ponto o absurdo e o real estavam compenetrados em torno dela. Ting, ting, o soar do triângulo, que tocava a criada índia chamando para o jantar, me tirou de tão negros pensamentos.

Essa noite fui surpreendido por uma pilha de "humitas" deliciosas, esse prato constitui, desde minha infância, o mais apreciado manjar, assim que gratificado emotiva e gastronomicamente por minha família, logo me tranqüilizei e até cheguei a esquecer, por instantes, a obsessão pelo assunto Belicena Villca.

Capítulo III

Considerava seriamente as advertências de Belicena sobre os perigos envolvidos na busca de seu filho. À luz de sua destruição psíquica e posterior assassinato, estas advertências adquiriram uma poderosa eloqüência que não estava disposto a depreciar. Portanto decidi atuar rápido, mas cautelosamente.

Já havia conseguido toda informação policial possível sobre o caso e quase não restavam dúvidas de que os misteriosos assassinos de Belicena foram os Imortais Bera e Birsa: a totalidade das evidências do crime assim o indicavam. Somente seres como eles poderiam ter entrado na cela hermeticamente fechada e executá-la ritualisticamente. E a mais chamativa dessas provas era a corda adornada: era evidente que o "ouro da Espanha", das medalhas, procedia de Tharsis, das antigas minas de Tartessos; e que o cabelo "tingido com cal", da corda, pertencia às desafortunadas Vrayas tartesas, aquelas que foram assassinadas por Bera e Birsa quando salvaram a Espada Sábia e cujo sangue os Imortais haviam escrito a sentença: "***o castigo para os que ofendem a Yah proverá o Javali***". Indubitavelmente eles consideravam fechado um ciclo, cumprida uma vingança milenar, talvez cressem uma vez mais exterminada a Casa de Tharsis, para haver empregado essa forma de execução: assassinar a última Vraya com o cabelo que eles pegaram de uma as primeiras Vrayas, macabro troféu que agora devolviam com diabólica lógica. E que mistério se ocultava nos poderes de Bera e Birsa, em seu incrível domínio do Tempo! Porque do informe policial dizia claramente que aquele cabelo ***não havia sofrido a ação do tempo: o cabelo da corda, em efeito, ainda estava vivo, como recém cortado e uma cabeça humana, de uma cabeça de Raça Branca, quando o trançaram para matar; e de nenhum modo revelava os dois mil e duzentos anos transcorridos desde então***. Donde, só de pensar nessa pergunta me encho de inquietude, donde o havia guardado até agora sem envelhecer? Talvez no mesmo inferno onde eles habitem, e que Belicena Villca denominava Chang Shambala? Sim, com toda probabilidade essa era a resposta correta: o cabelo procedia de suas Moradas Malditas, onde o Tempo não transcorria e eles tampouco envelheciam.

Já havia decidido enfrentar o perigo e devia pôr em marcha o quanto antes. Mas primeiro queria esclarecer definitivamente a questão das lendas e as jóias de ouro. E para isso ninguém podia ser da maior utilidade que o Professor Ramirez. Dirigia-me, pois, a sua presença. .

Parei o carro na praia da Cidade Universitária e me encaminhei até a Faculdade de Antropologia em busca do Professor Ramirez. Encontrava-se muito ocupado, fazendo uma tradução, mas me atendeu com cortesia - O que o traz novamente aqui, Dr. Siegnagel? Outro delírio quéchua de seus pacientes? – brincou.

- Não Professor, desta vez trata-se de línguas não americanas. Achei dentro e um velho livro, um papel com este desenho – menti friamente – e quis consultá-lo sobre suas inscrições. – Lhe mostrei o desenho que fizera sobre a sinistra Jóia de ouro.

Relampejaram os pequenos olhos cinza, e por um instante pareceu que ia interessar-se, mas em seguida voltou a adotar o ar lacônico que o caracterizava. Nada podia afetar ao velho erudito, admirado pelas Universidades de meio mundo.

- É a mais grotesca combinação lingüística que já vi. Trata-se de uma brincadeira, Siegnagel? – perguntou com desconfiança.

- Não sei. Assim, tal qual o encontrei, o trouxe – disse sem exagerar demasiado.

- Pois se não é, parece. Hebreu e Celta! Vamos, Arturo; ou é piada ou se trata de algo muito, mas muito sério. De pronto a palavra **hvhi** é o famoso tetragramaton, nome de Deus de quatro letras, de nefasto poder segundo os Cabalistas e que se lê mais ou menos ***"YHVH"***, sendo as ***"H"*** letras que podem adotar o som de ***"ETA"*** grega, ou seja, semelhante ao ***"E"*** castelhano. Enquanto a **hgiv**, sua tradução é ***"Binah"*** e significa "Inteligência"; mas não qualquer inteligência senão a "Inteligência Suprema", a Inteligência de Deus, justamente a Inteligência de ***YHVH Elohim:*** para a Cabala hebréia, Binah é um dos dez Sephiroth ou Aspectos do Deus Uno.

Quão familiares e cheias de sentido me soaram aquelas explicações do Professor, ao situá-las inevitavelmente no marco da cata de Belicena Villca e sua terrível morte. Mas o Professor continuava:

- A frase ***"ada aes sidhe draoi mac hwch"*** é, sem dúvidas, celta antigo ou algum de seus múltiplos dialetos. A língua celta evoluiu, a partir da árvore indo-européia, em duas ramificações: continental, na ***Gália***, e na insular, que se subdividiu por sua vez em duas ramificações: 1ª) o ***goidélico*** ou ***irlandês antigo***, mãe do ***irlandês*** e do ***gaélico escocês***. E 2ª) o ***britânico*** que resultou no ***bretão***, no ***galês*** e o ***córnico***. Diria que essas palavras pertencem ao irlandês antigo, tal como aparecem na saga "O canto de Marzin" ou nos poemas do Bardo Taliesin, escritos no século V.

É curioso, Marzin (em galês "Myddin", e deformado em línguas germanas "Merlin"), era ***Druida***, como Taliesin, e justamente na frase que você me trouxe se alude aos ***Druidas***. "Draoi" quer dizer ***Druida*** em celta. A frase completa seria "***Vitória ao Divino Druida, Filho do Javali***", segundo o seguinte vocabulário:

ada = Vitória
aes sidhe = Divino
Draoi = Druida
mac = Filho
hwch = Javali

- Meu querido Dr. Arturo Siegnagel – o Professor me olhava fixamente – o que sabe você sobre os Druidas?

A pergunta me tomou de surpresa, pois eu estava pensando em grande velocidade nisso, desde o mesmo momento que o Professor completou sua tradução.

- Sei muito pouco – disse – Que formavam uma espécie e Casta Sacerdotal entre os antigos celtas. Que praticavam a magia e a adivinhação... Creio que eram reputados como Sábios e que apesar e sua origem pagã, possuíam uma moral nada desdenhável – tudo quanto sabia dos Druidas, ou Golen, procedia da carta de Belicena Villca, e minha opinião sobre eles, como é natural, não podia ser pior. Entretanto, ignorava o conceito que lhes mereciam o Professor Ramirez e tratava e não comprometer-me condenando-os categoricamente – Penso que desapareceram com a conversão dos celtas ao cristianismo – concluí inocentemente.

O Professor sorria debochado:

- Sente-se, Siegnagel, que vamos conversar – levantou-se e depois e fechar a porta do escritório com chave, procurou durante uns minutos na vasta biblioteca privada. Escolhia livros aqui e ali, saltitando de satisfação quando encontrava algum que procurava por mais de 30 segundos. Ao final, tomando uma pasta de arquivo, acomodou-se em sua poltrona.

- Veja, Dr. – começou o Professor em tom grave – lhe serei franco: se tivesse sido outro que me trouxesse esse desenho, sem dúvida o teria expulsado a patadas. Mas conhecendo você, que é uma pessoa séria, lhe confiarei meu pensamento, pois algo me diz que por trás desse ingênuo desenho há outra coisa.

Sorri ante a certeira intuição do Professor.

- Para começar recordemos que a melhor etimologia parece ser ***Druvid***, palavra que se decompõe em ***Dru*** = "coisa em si" ou "tal coisa" e ***vid*** = "conhecer", o que viria a dar "conhecer as coisas em si". O Druida seria então "o que conhece as coisas profundamente", mas uma acepção mais antiga os chama "O que conhece a Verdade". Não deve surpreender-se, Arturo, de saber pouco deles, pois apesar do Druidismo ter sido uma instituição entre os celtas antigos e muitos escritores clássicos os mencionarem, sua origem e doutrina permanecem no mais obscuro mistério. Alguns destes escritores que vem a minha memória, são, por exemplo, Júlio César, Posidônio, Cícero, Diodoro, Siculo, Estravão, Plínio, Tácito, Luciano, Suetônio, Diógenes Laércio, Orígenes, etc..

Nenhum lança demasiada luz sobre eles e isso, a meu ver, por três razões: 1ª) porque seu ensino era oral; 2ª) porque seu ensino era iniciático; 3ª) e, principalmente, porque os mais interessados em ocultar tudo quanto concerne ao "Druida", foram os próprios Druidas.

A respeito de sua observação de que constituíam uma espécie de "Casta Sacerdotal", lhe direi que não aparentavam nem um nem outro. Não formavam uma casta, senão uma Ordem; e não seriam "Sacerdotes" posto que não oficializassem os rituais de um Culto, como seria necessário para merecerem tal qualificação. Entretanto, o fato de não oficializarem um Culto em público, não significa que não possuíssem e praticassem secretamente, nas profundezas dos bosques, próximo às construções megalíticas milenares que eles adaptavam pata tal finalidade. Sim, Dr. Siegnagel. Acerta você neste ponto: os Druidas eram Sacerdotes; e da pior espécie que se tenha registrado na História da Humanidade.

Também crê você que eram "Sábios e tinha uma moral nada desdenhável". Pois, sobre sua "Sabedoria" há poucas dúvidas, já que detiveram todos os aspectos do saber celta. Em troca, as opiniões são desencontradas, quando se referem à moralidade do Druida, um General pederasta como Júlio César (100-44 a.C.) os achava agradáveis e inclusive enviou o Druida Viviciano a Roma como Embaixador. Mas no aspecto moral, o futuro Cônsul deixava muito a desejar; em compensação Estravão (60 a.C.), célebre geógrafo grego, contemporâneo do anterior, menciona atos de tremenda crueldade "***que se opõe aos nossos costumes***" e relata como os Druidas realizavam augúrios "lendo" as profundas dores de uma vítima apunhalada pela espada. Também eram afeitos aos sacrifícios humanos, os que consumavam introduzindo as vítimas em uma enorme máscara de vime a qual em seguida ateavam fogo.

Os Druidas "***consideravam um dever cobrir seus altares com sangue de seus prisioneiros e consultar as Deidades nas entranhas humanas***" escreveu Tácito.

Continuou por um bom tempo lendo-me citações de diversos autores gregos e latinos, uns enaltecendo tal e qual virtude, outros condenando a maldade druídica. Não me escapou que quem "condenava" as maldades dos Druidas eram também pagãos, pelo que grandes deviam ser as aberrações destes, capazes de impressionar homens familiarizados a todas as barbáries de suas respectivas Épocas. A explicação lingüística que havia ido buscar na erudição do Professor, já estava satisfeita. Contudo, aquele homem se empenhava em instruir-me sobre os Druidas, revelando-me o quanto sabia dos mesmos, e eu não poderia ser tão descortês a ponto de negar-me a escutá-lo. Ainda que sua conversa repetisse temas carta de Belicena Villca. Depois e tudo, a comprovação de que outros conheciam parte daquelas verdades, somente infundiram-me segurança e tranqüilidade sobre a saúde mental a falecida Iniciada.

–Como já lhe disse – prosseguiu o Professor – não existem documentos de fonte celta que possam consultar-se, a não ser as sagas compiladas por D'Arbois de Juvainville no século XIX, ricas em elementos tradicionais dos celtas de "Iwerzón" ou Irlanda. Nelas comprovamos o grande poder dos druidas ao favorecerem as sucessivas invasões celtas (***Fir Bolg*** ou celtas da Bélgica; ***Fir Donan*** e ***Fir Galois***, ou galos, Escoceses e galeses) a Irlanda, habitada até então pelos ***Fomores***, seres gigantes e pelos ***Tuatha de Danan***, Divinos Hiperbóreos. Em mais de uma ocasião os celtas derrotaram os Gigantes Fomore a quem exterminaram e também acabaram por expulsar os Tuatha de Danan, apesar dos poderes mágicos destes. É que os Druidas dominavam as forças da natureza, como se tivessem a ajuda do próprio Satanás. Produziam chuvas, tormentas elétricas e névoas; agitavam os mares ou o aquietavam; faziam "aparecer" belas mulheres ou monstros espantosos por materialização, etc.

No tempo da invasão dos galeses, seu chefe, o Druida Amergin, realiza o seguinte ritual: pondo o pé direito na terra a conquistar, recita:

Eu sou o Vento que sopra sobre as águas do Mar,
Eu sou a Onda que bate contra a Rocha,
Eu sou o Trono do Mar,
Eu sou o Cervo e o Touro dos Sete Chifres,
Eu sou o Abutre na Ravina,
Eu sou a Lágrima do Sol,
Eu sou a Mais Bela das Flores,
Eu sou o Javali Selvagem e Intrépido,
Eu sou o Salmão no Lago,
Eu sou o Lago na Planície,
Eu sou a Voz da Sabedoria,
Eu sou a Lança que se empunha na Batalha,
Eu sou o Deus que exala o Fogo na Cabeça.

E o Druida Armegin pronuncia logo as seguintes sete perguntas:

Quem ilumina a Assembléia na montanha?
Quem enuncia os Dias da Lua?
Quem assinala lugar onde surgirá o Sol?
Quem traz o Touro da Casa de Tethra, o Deus do Mar, e o isola?
A que sorri o Touro de Tethra?

Quem destrói as Armas de Pedra de colina em colina?
Quem faz todos esses prodígios senão o Fili?

Invoca, Povo do Mar, invoca ao Druida,
Para que possa conjurar o feitiço para Ti.
Pois Eu, o Druida,
Que ordenei as letras
Do Alfabeto Sagrado Ogham,
Eu que dou a Paz aos combatentes,
Aproximar-me-ei da Fonte dos Duendes,
Em busca do homem dócil,
Para que juntos possamos realizar
Os feitiços mais terríveis.
Eu sou um Vento do Mar.

Eis aqui, Arturo, o poder do Verbo Mágico destes Druidas Fili (***Fili = Bardo***): as forças desatadas com o poema panteísta precedente permitem ganhar uma batalha posterior contra os Divinos Tuatha de Danan, que possuíam carros voadores e raios mortais, mas eram completamente impotentes frente à magia negra dos Druidas.

O Professor explicava vivamente entusiasmado, mas eu me vi pensando no oitavo verso de Armegin, que dizia:

"Eu sou o Javali Selvagem e Intrépido". Não podia deixar de relacioná-lo com a lenda da jóia nefasta, "***Vitória ao Divino Druida Filho do Javali***". O fiz notar ao Professor.

- E assim vai, Arturo. Os principais símbolos do Druida eram dois: o javali e o trevo de quatro folhas que usavam bordados em sua túnica branca. Entre os celtas o javali e a ursa simbolizavam respectivamente, o poder do Druida e do guerreiro. Alguns eruditos, como René Guenon, pretenderam equiparar estes dois símbolos de Poder com as castas dos Brahmanes e dos Kshatriyas da Índia, ou seja, dos Sacerdotes e guerreiros, considerando o profundo significado que o javali e a ursa tinham na tradição indo-ariana. Mas isto é um erro, pois os Druidas jamais formaram uma casta (nem houve castas entre os celtas) e porque o sentido dado ao javali (símbolo hiperbóreo antiqüíssimo) por eles, estava tingido com um materialismo que não possui nem remotamente o Rig Veda, onde figura como a terceira das dez manifestações de Vishnú no atual ciclo do Manvantara. É como se os Druidas tivessem "invertido" o sentido do símbolo dando ao javali, expressão do ***Poder Espiritual Primordial*** que é característico da Função Régia, uma representação do ***Poder Temporal Atualizado*** que é característico da Função Sacerdotal. Sobre o antigo e, até hoje, segredo Mistério o javali e da ursa há muito a ser dito, mas nos apartaríamos e nosso tema. Voltemos melhor às sagas compiladas por Juvainville.

Como é sabido, os Druidas impuseram aos celtas o alfabeto Ogham de vinte signos, quinze consoantes e cinco vogais, chamado ***Beth-Luis-Nion***, por suas três primeiras letras ***B-L-N***. Pois bem, Dr. Siegnagel: o eminente mitólogo Robert Graves sustenta que o "poema" do Druida Amergin fora deformado nas sucessivas transcrições profanas com a finalidade de ocultar seu sentido esotérico, mas que o mesmo se achava originalmente relacionado não somente com o alfabeto sagrado Beth Luis Nion, senão

com o Calendário das Árvores que empregavam também os Druidas. Naturalmente, para que a Canção de Amergin "coincida" com o alfabeto sagrado é necessário transpor seus versos desta forma:

Disse o Druida, a Voz de Deus:	***Letras do Ogham e Árvores do mês:***
Eu sou o Cervo e o Touro dos Sete Chifres.	***(B) Beth/Abeto(24-XII 20-I)***
Eu sou o Lago na Planície	***(L) Luis/Fresno silvestre (21-I 17-II)***
Eu sou um Vento do Mar	***(N) Nion/Fresno (18-II 17-III)***
Eu sou a Lágrima do Sol	***(F) Fearn/Amieiro (18-III 14-IV)***
Eu sou o Abutre na Ravina	***(S) Saille/Salsa (15-IV 12-V)***
Eu sou a Mais Bela das Flores	***(H) Uath/Espinho (13-V 9-VI)***
Eu sou o Deus que exala o Fogo na Cabeça	***(D) Duir/Carvalho (10-VI 7-VII)***
Eu sou a Lança que se empunha na Batalha	***(T) Tinne/Azevinho (8-VII 4-VIII)***
Eu sou o Salmão no Lago	***(C) Coll/Aveleira (5-VIII 1-IX)***
Eu sou a Voz da Sabedoria	***(M) Muin/Videira (2-IX 29-IX)***
Eu sou o Javali mais cruel	***(G) Gort/Hera (30-IX 27-X)***
Eu sou o trono do Mar	***(NG) Ngetal/Cana (28-X 24-XI)***
Eu sou a Onda do Mar	***(R) Ruis/Sauco (25-XI 22-XII)***
Quem senão Eu conheço os Segredos do Domo de Pedra não lavrada?	***23 de Dezembro***

Em seu livro "A Deusa Branca", Robert Graves expõe uma síntese sobre o significado de cada mês do Calendário Druida de árvores. Sobre o mês da Hera, que corresponde à letra (G) Gort, disse o seguinte: "G, o mês da Hera, é também conhecido como o mês do javali Set, Deus solar egípcio, que disfarçado de javali mata Osíris da Hera, amante de Isis. Apolo, o Deus Sol grego, disfarçado de javali, mata a Adonis, ou Tammuz, o sírio, amante da Deusa Afrodite. Finn Mac Cool, disfarçado de javali, mata a Diarmuid, o amante da Deusa irlandesa Grainne (Greine). Um Deus desconhecido, disfarçado de javali mata Ameo, Rei da Arcádia e devoto de Ártemis, em seu vinhedo de Tegea e, segundo o ***Gannat Busame*** (Jardim das Delícias) nestoriano, o Zeus cretense foi morto do mesmo modo. Outubro era a estação da caça ao javali, e também a estação das orgias das basárides ou bacantes ornadas em grinaldas de hera. O javali é o animal da morte e a "queda" do ano começa no mês do javali".

A função do Druida está bem resumida no poema "Os despojos do abismo", onde Taliesin disse: "Sou ***Bardo, sou Guia , sou Juiz***". Bardo era o Druida dedicado à arte e à música; Guia era o Ovate, Druida dedicado à ciência; Juiz era o Druida-dheacht (ou seja, Druida-feiticeiro, mago) habilitado por seu poder para influir sobre os reis Celtas e impor sua lei. Perceba Arturo, que estranho e contraditório soa que o legislador de um povo não seja membro racial deste povo e, entretanto, seja aceito "voluntariamente" (?) por eles. Porque os Druidas não eram celtas apesar de todas as

tentativas por falsificar a história que se fizeram nesse sentido. Talvez um pouco de luz se obtenha considerando a descoberta do manuscrito Frísio "***Oera Linda***". Neste documento, escrito em runas, se conta a antiga história do povo frísio, que ao que parece é um remanescente da "Atlândia", uma colônia atlante situada no norte da Europa, frente a Grã Bretanha há uns 5000 anos. Não se trata da Atlântida lendária, mencionada por Platão, a qual teria existido 12000 anos atrás; mas como essa Atlândia também sucumbiu de um cataclismo. – O Professor abriu a pasta e ao folhear centenas de fotocópias, entre as quais reconheci "Os manuscritos do Mar Morto, fac-símile editado pela UNESCO", extraiu um envelope escrito em língua rúnica, que era a cópia do Oera Linda. Junto, havia uma tradução para o inglês feita e comentada por Robert Scrupton em 1977, intitulada "The Other Atlantis". Deste último texto, leu para o meu espanto, o seguinte: "As implicações do Oera Linda são que alguns refugiados da naufragada Atlândia, alcançaram a área geral dos paises Baixos e Dinamarca, povoados já por colonos atlandeses pelo menos desde o ano de 4000 a.C. Se estabeleceram ali e contataram com seus parentes, quem, como piratas, marinheiros e mercadores, haviam mantido comunicação com a pátria mãe e com os diversos lugares do mundo colonizados por atlandeses".

"Ao cabo de um tempo, os descendentes frísios escreveram relatos de sua pátria-mãe, sua gente, sua história, sua religião e sua lei. Conforme uma geração sucedia a outra, se perderam alguns dos mais antigos escritos, enquanto que outros se resumiam e adicionaram novos capítulos à história daquele povo. Se converteram assim, em um diário de um povo renovado e modernizado, em uma verdade sagrada para a família que a possuía".

"Estes resumos e adições, continuaram sendo realizados pelos descendentes da Atlântia até o ano de 1256 de nossa Era, dando deste modo, sempre que se aceite a autenticidade dos manuscritos, o testamento da história de um povo durante 3000 a 5000 anos; um documento sem paralelo na História humana". .

"Nada se adicionou depois de 1256, data em que Hiddo Over de Linda da Frísia, recopilou todo o material existente em um novo papel feito a base de algodão, que os árabes haviam trazido para a Espanha e que começava a ser utilizado em toda Europa".

"A cópia final passou de uma geração a outra da família, até o ano de 1848, data em que uma mulher, Aafjie Meylhof (nascida Over de Linden), deu tal cópia a seu sobrinho Cornelius Over de Linden. Este último que era mestre de navios nos Estaleiros Holandeses de Helder decidiu finalmente que o doutor Eelco Verwiss, bibliotecário da Biblioteca Provincial de Leewarden, na Frísia, deveria copiar o documento".

"O escrito – com todas suas implicações – passou a domínio público".

O Professor seguiu lendo os comentários de Robert Scrupton, resumindo as perícias sofridas pelo Oera Linda até nossos dias. Pois, ainda que não houvesse dúvidas sobre a sua autenticidade – pelo menos até 1256 -, muitos se resistem a aceitar o documento histórico já que o milenar livro, ao lançar luz sobre episódios mitológicos da História, faz grandes inimigos.

Eu escutava fascinado enquanto o Professor continuava implacável:

–Bem, vamos ao que interessa. Em um dos manuscritos frísios, onde se conta a luta que sustentaram os homens da Frísia (brancos) com os invasores Magiares (amarelos) 2000 a.C., está a história de Neef Teunis, um marinheiro frísio que, saindo da Dinamarca, navega até o Mediterrâneo com a idéia de entrar no serviço dos Reis do Egito. "***Na parte mais ao norte do Mediterrâneo*** – diz o Oera Linda – ***há uma ilha próxima à costa. Chegaram ali e pediram para comprá-la, sobre o que se celebrou um conselho geral".***

"Pediu-se o conselho da Mãe, e ela desejava vê-los distantes, pois não via perigo nisso; mas quando depois vimos o erro que havíamos cometido, chamamos Messellia (Marselha) à ilha. Em seguida, se verá a razão que tivemos".

"Os Golen, nome que recebiam os Sacerdotes missionários de Sídon, haviam observado que a terra estava escassamente povoada, e sem a Mãe". – Esclareço Arturo, que tanto no Oera Linda, assim como em numerosas sagas tradicionais nórdicas, se utiliza o termo "Mãe" para denominar, genericamente, as Sacerdotisas do Culto do Fogo -. ***"Com a finalidade de causar uma impressão favorável, os Golen chamavam a si mesmos na nossa língua de "Seguidores da Verdade", mas melhor seria se tivessem chamado "Quem não tem a Verdade" ou, mais brevemente, Triuweden, como depois os chamou nosso povo marinheiro. Quando estavam bem estabelecidos, seus mercadores trocaram suas belas armas de cobre e todo tipo de jóias por nossas armas de ferro e couros de animais selvagens, que eram abundantes em nossos países nórdicos; mas os Golen celebraram todo tipo de festas vis e monstruosas, que os habitantes da costa promoviam com suas mulheres lascivas e seu vinho doce envenenado. Se algum de nosso povo se conduzia de forma que sua vida estivesse em perigo, os Golen lhe proporcionavam refúgio e o enviavam à Phonísia, ou seja, Palmland (Fenícia). Quando havia se estabelecido ali, lhe faziam escrever à sua família, amigos e conhecido dizendo que o país era tão bom e as pessoas tão felizes que ninguém poderia formar uma idéia dele. Na Grã-Bretanha –*** colônia penal atlandesa - ***havia muitos homens, mas poucas mulheres. Quando os Golen souberam disso, levaram garotas de todas as partes e as deram aos britânicos por nada. Mas todas essas mulheres serviam seus propósitos de roubar crianças de Wr-Alda para dá-las aos falsos deuses".***

No Oera Linda se denomina Wr-Alda a Deus. Mas esse deus frísio é alternativamente, nos antigos relatos, ora o Demiurgo Iahweh-Satanás, ora o Incognoscível Deus Hiperbóreo. A confusão surge, presumivelmente, por causa da queda no exoterismo que padecem os Frísios, assim como os outros povos sobreviventes da catástrofe atlante, com o passar dos séculos.

Sobre esta parte do Oera Linda, comenta Robert Scrupton: "***Triuwiden***, ou ***Druviden***, pode-se considerar como a origem do nome "Druidas", enquanto que "**Golen**"" e outra forma de "galli", ou seja, os "gauls da Fenícia". Como vê, amigo Arturo, este incrível documento faz retroceder em muitos séculos as notícias sobre os Druidas – que agora seriam "os que não tem a Verdade" – fazendo-os provir do Oriente Médio, o que confirma a presunção que sempre existiu sobre sua origem não celta.

Faltaria saber agora... – Está me escutando, Arturo?

Fiquei paralisado minutos atrás, precisamente quando o Professor lia o Oera Linda e pronunciou a palavra "Golen". Os encarniçados perseguidores da Casa de Tharsis, a quem Belicena Villca denominava "Os Golen", eram definitivamente Druidas. Isso eu já sabia, pois estava implícito na carta; o professor me demonstrava que isso não constituía nenhum segredo, que existiam documentos e informação suficientes sobre aqueles malditos sacerdotes. Sôo minha ignorância da História e seus personagens mais ocultos causou a sensação de estranheza que tive quando li a carta e conheci as intrigas e os planos dos Golen. Estive a ponto mais de uma vez, e agora me arrependia disso, de duvidar da honestidade de Belicena, de negar a fantástica realidade dos Golen.

–Sim Professor, estou escutando – respondi, com receio de ofendê-lo.

–Faltaria agora – repetiu pacientemente – saber se realmente se tratava e Fenícios, pois nessa época Sídon era uma cidade portuária, tremendamente cosmopolita.

Compreendia a pergunta que planteava o Professor, mas não me interessava no momento em aprofundar essa direção, tendo em conta todos os detalhes apontados por Belicena sobre a origem hebréia os Golen. Em compensação, uma pergunta diferente pugnava por sair de minha boca: devia conhecer o que sabia o Professor sobre a atualidade os Golen.

- Professor Ramirez, desculpe se o interrompo, mas há Druidas nesta época? – perguntei com veemência.

Suspirou resignado o velho professor.

- Você me faz uma pergunta muito concreta e tratarei e responder de forma idêntica, mas entenda que não é fácil e deveria colocá-lo sobre outros antecedentes para que possa julgar, por si mesmo, a validade de minha resposta: porque, se bem que haja comunidades celtas e autores dedicados ao estudo do druidismo, trata-se apenas de historiadores ou diletantes e não de verdadeiros Fili. A verdade terá de buscá-la, então em outra parte.

Por vários séculos o druidismo pareceu eclipsado, especificamente (como bem dissera você no início de nossa conversa) desde a conversão dos povos celtas ao cristianismo. Esta conversão é bem recente, pois São Patrício converte a Irlanda ao catolicismo entre os anos e 432 e 463. Os povos celtas da Gália estavam nessa época sob o domínio de dinastias germanas, as que abraçavam em todos os casos o cristianismo arriano, doutrina elaborada pelo bispo Arrio em 318 e condenada por heresia no concílio de Nicéia e 325. O padre Llorca, em seu monumental Manual de História Eclesiástica, disse que, segundo Arrio: ***"não há mais que um só Deus, eterno e incomunicável. O Verbo, Cristo, não é eterno, senão criado do nada*** (εξ ουκ υντων) ***. Portanto, verdadeira criatura muito mais excelente que as demais; mas não consubstancial ao Pai*** (ποιημα του Πατροζ) ***. Por conseguinte não é Deus"***.

Esta doutrina atentava contra o "Mistério" católico da Trindade pelo que foi ferozmente combatida pelos Papas Romanos.

Seja como for, o certo é que na conversão a nobreza arriana ao catolicismo, sucumbiu o povo celta que teve e aceitar o novo dogma, como anteriormente havia aceitado o arrianismo, ou seja, por imposição.

O reino Visigodo a Espanha se volta ao Catolicismo, da noite para o dia no Concílio III de Toledo de 589, com a conversão do Rei Ricardo por parte de São Leandro. Mas o passo definitivo para a catalisação da Gália celta, já havia sido dado o

ignoto Rei Franco Clodovil, quem ao se converter no ano de 496, se transforma em um instrumento da Igreja para a conquista missionária.

Poderia pensar-se que os Druidas – de tão rude oposição aos Deuses Hiperbóreos Tuatha de Danan na Irlanda – haveriam de organizar a defesa contra a nova fé (lunar) que desprezava o antigo culto (solar) celtibero do Deus Beleno (adorado na Grécia também como Apolo) e a Deusa Mãe Belisana. Pois nada disso aconteceu, já que os Druidas aconselharam ao povo a conveniência de abraçar o catolicismo e eles mesmos se fizeram cristãos. Druidas cristãos? Sábios nas leis ocultas da natureza material; possuidores de uma Ciência secreta demoníaca, você acredita que eles haviam se convertido ao cristianismo, subjugados por esta religião?

O Professor me olhava intensamente.

- Tal como você faz essas perguntas – respondi – estas conversões me recorda, às dos ***marranos***, ou seja, dos judeus, que forçados a escolher entre fazerem-se católicos ou morrer, aceitaram o primeiro, simulando praticar a nova fé durante anos (ou séculos se considerarmos que há famílias marranas ainda hoje, que vivem uma vida dupla), mas conservando o rito e os costumes judeus secretos.

- Bem, Dr. Siegnagel! – bramou o Professor – justamente a isso me referia, a uma conversão fingida como a dos judeus marranos. Se você considera a pergunta que lhe fazia antes, ao ler-lhe o texto do Oera Linda que situa aos Druidas como oriundos de Sídon, na Fenícia, compreenderá que há outras semelhanças suspeitosas. .

O Professor não deixava de surpreender-me com sua agudeza, perguntando as coisas de tal modo que, como nos diálogos dos sofistas gregos, as respostas brotavam espontaneamente no interlocutor do Filósofo.

- Sim – afirmei, fingindo surpresa pelas conseqüências que adivinhava – A relação é inegável, Professor. Judeus e Druidas provinham do Oriente Médio!

Acompanhei o comentário assentindo eloquentemente com a cabeça. Este gesto estimulou o Professor a continuar e, enquanto agitava briosamente em uma mão o livro "O mistério dos Templários", dizia em tom convincente:

- O grande celtista Louis Charpentier, autor este livro e defensor ao extremo dos Golen e dos Templários, o confirmava com investigações fundamentadas: os Druidas se refugiavam na Igreja Católica. A oportunidade a oferece a São Bento, personagem de grande sabedoria e santidade que ao fundar a Ordem Beneditina com uma regra (Ora et Lavora) que enaltece o trabalho e a oração, impulsiona à mesma salvação da cultura grega e romana, ameaçada de morte pela decadência do Império Romano, a barbárie, e a ignorância dos Papas.

O ponto de contato se produz com São Columbano, um Fili a Irlanda dedicado eternamente a converter os povos celtas à religião católica. Louis Charpentier não pode ocultar sua admiração pela infiltração druídica, quando diz: ***"... São Bento estava morto em 547, sete anos depois do nascimento de São Columbano. Bento havia conservado o tesouro clássico para a cristandade; a esta mesma cristandade, São Columbano entregaria do tesouro celta".***

"São Columbano era um cristão da Irlanda, país que havia abraçado mui prontamente o cristianismo sem as imposições mais ou menos brutais dos Imperadores romanos, nem as os bárbaros que se diziam romanos, como havia sucedido em todos os paises celtas de passado druídico. Pode dizer-se, sem

incorrer em erro, que os cristãos a Roma e os de Clodovil, fizeram desagradável o cristianismo nas Gálias".

"A Irlanda não conheceu a Roma nem aos bárbaros, e isso explica essa aceitação do cristianismo sem brutalidades".

"Tampouco se conhecem muitas coisas sobre os Druidas; mas sua facilidade para aceitar certa forma e cristianismo, parece situá-los espiritualmente muito próximos a este. Nada na nova relação os fez estranhar; nem a unidade Divina, nem um Deus não criado que engloba o Universo em todas as suas formas, nem a Divindade em três Pessoas, nem um Deus nascido de uma Virgem, nem o Deus encarnado, nem o Homem Divino crucificado, nem a ressurreição, nem a imortalidade da Alma que eles já predicavam...".

"São Bento, em suas últimas horas, gritava: 'Vejo a Trindade, e Pedro e Paulo, e Druidas e Santos..."

"Todo o povo celta, atrás dos Druidas, se precipitou ao cristianismo". "A Irlanda, que havia escapado à conquista romana e logo às conquistas árabes, permaneceu cristã, mas pode-se dizer "druidicamente".

Indubitavelmente, o Professor Ramirez sabia apoiar seus argumentos nos textos mais adequados, pensei com admiração.

- Em torno desses sucessos – prosseguia o Professor – se situa (séc. VII) a "desaparição" dos Druidas em seu aspecto tradicional, mas se produzem esporádicas reaparições através da História, especialmente durante as Cruzadas (séc. XI e XII), nos processos aos Templários (séc. XIV), no Renascimento (séc. XV e XVI), na afirmação das correntes chamadas de Iluminismo, Livre pensamento, Enciclopedismo e Maçonaria (séc. XVII e XVIII).

Como vê, sempre aparecem vinculados a crises ou a revoluções, mas veja Arturo, somente em relação à Raça celta. Parece que a presença do Druida tem um só objetivo: ***ser guia dos celtas***, como cantava Taliesin Hoje, celta significa pouco, mas recorde que grane parte da França e Itália, Portugal, Bélgica, Suíça, Irlanda, Escócia, parte da Espanha e 50% da América Branca, são celtas.

A esta altura da conversa (o monólogo deveria dizer, já que o Professor com sua precisão não dava lugar a interrupções), eu estava profundamente impressionado. O Professor Ramirez sabia sobre o assunto muito mais do que havia imaginado no começo da conversa. Decidi continuar com o jogo e simular maior assombro. Para atuar com convicção trataria de levar o diálogo a um terreno concreto.

- A Grande Conspiração Judaica Mundial, posso compreendê-la perfeitamente, Professor, dado que o objetivo declarado pelos Rabinos ou simples hebreus de todos os tempos, é o Domínio do Mundo e a submissão da Humanidade ao Povo Eleito por Iahweh. "***A Israel celeste*** – diz o Talmude – ***tem como destino de glória reinar sobre os povos gentios***". Mas qual objetivo perseguem os Druidas perpetuando-se através dos séculos para dirigir secretamente aos celtas, mediante sua ciência maldita? Não um objetivo imperialista, pois os celtas jamais tiveram Império, senão que estabeleciam confederações de tribos ou povos cuja decadência começou com a "Campanha das Gálias" realizada por Julio César. Tampouco um objetivo que

implicaria algum tipo de benefício espiritual para os celtas, pois, já não duvido, os Fili estão motivados por alguma finalidade perversa. Por que o fazem, Deus meu, por quê?

Tratei de fazer a pergunta o melhora que pude ao Professor Ramirez. Ele ficou pensativo por um instante e depois, com gesto de desalento, respondeu:

–Não sei Dr. Siegnagel – me chamava alternativamente Arturo ou Dr. Siegnagel –. Só posso conjeturar algo. Mas tenha presente isto: é somente conjectura! De nenhuma maneira poderia prová-lo. Direi-lhe o que penso, mas jamais o repetiria fora deste escritório e deste momento.

Contive a respiração por temor a que o professor calara.

- Sabido é que o poder financeiro judeu começa a desenvolver-se nos fins da Idade Média, quando os cunhadores de metais preciosos (quase sempre judeus), vistos na obrigação e construir câmaras de segurança para guardar o ouro e a prata dos Senhores feudais e Nobres, começaram a efetuar empréstimos a juros, utilizando como garantia estes depósitos alheios. O primeiro passo foi emitir um documento, reconhecido por todos, como "elemento de paga", verdadeiro papel moeda que permitia comercializar sem necessidade de pagamentos em metal. Logo esta "descoberta" foi rapidamente adotada e utilizada por grandes comerciantes e prestamistas, ao estilo do "Mercador e Veneza" que tão brilhantemente retratara Shakespeare. Mas, o segredo do enriquecimento estava sem dúvida, na ***usura***, verdadeira origem a palavra "Banco".

No século XVII já havia suficientes bancos judeus no mundo como para assegurar a estes uma boa porção do Poder; o século XVIII, por exemplo, vê a ascensão da "Casa Rothschild", família judia dona de Banco do mesmo nome, de nefasta atuação até o século XX.

Tudo isto é história conhecida, mas o que quero significar é que, obter o controle dos meios financeiros, leva inevitavelmente a uma luta pelo controle do Estado. E ao fim a Idade Média, quando começa esta história, ***o Estado é a Igreja Católica***, razão pela qual, entre os séculos XV e XX, a luta pelo Poder irá enfrentar em muitas ocasiões a Igreja Católica e ao Grande Kahal Judeu.

Estes enfrentamentos, às vezes ferozes, deveriam ter acabado com um dos bandos, se no curso dos séculos algo assim como a uma mão invisível não houvesse interferido sempre para conciliar a ambos os oponentes. Estude, Arturo, a História e verá com clareza o que lhe digo; quando surge o conflito por um lado, seja que o inicia a Igreja ou os Reis Católicos ou a Inquisição, etc., contra o Poder Judeu, ou por outro lado, seja que a Conspiração Hebréia lança "a Revolução"!, "o Marxismo", etc., contra o Poder Cristão, ali aparece um elemento moderador, suavizante de conflito, evitando a luta iminente, diluindo as tensões. Este elemento, braço executor inconsciente, é o celta. Mas por trás do celta está o verdadeiro instigador: o Golen, o Fili, o Druida, com seu poder incrível!

Sei que pensará que estou doido, Arturo, e não posso provar esta conjectura fantástica que apenas me atrevi a formular!

O Professor me olhava perturbado. Era evidente que temia ter excedido e por isso seus olhos tratavam penetrar meu cérebro. E, entretanto, apesar de suas prevenções, suas hipóteses caiam certeiras frente à magnitude dos planos os Golen que denunciara Belicena Villca em sua carta: era certo, tal como compreendera o Professor, que os Golen "mediavam" entre a Igreja e a Sinagoga; mas era certo que Eles perseguiam um objetivo mais ambicioso: ***a Sinarquia Universal e o Governo Mundial do Povo***

Eleito. Não pude deixar e sorrir ao contemplar o rosto preocupado do Erudito. Isso o tranqüilizou

- Através de uma profunda análise histórica, - continuou sem deixar de observar-me – muitos tem suspeitado e um nó secreto enlaça os distintos Vértices do Mundo e se tem afirmado a existência de uma seita super secreta que poderia ser a Maçonaria, a B'nai Brith (maçonaria judaica), a Comissão Trilateral, etc., ou qualquer outra organização desse tipo, a qual pertenceriam todos os homens que detenham o poder. Esta hipótese é demasiado gigante para mim, em troca o que posso assegurar, baseando-me em muitos anos de investigação histórica, é que entre dois grandes Colossos, a Igreja Católica e a Sinagoga, existe uma ímpia vinculação oculta para levar a cabo o fim inconfessável do poder Mundial. E essa ímpia vinculação se dá através dos Druidas! Aqui está parte da verdade! – quase gritou o Professor, assinalando o desenho da jóia -. Mas, o que é este papel? Nada, nenhuma prova, somente um desenho sem sentido achado por um aluno, mas que encerra o segredo de algumas forças que movem o Mundo.

- Creio advertir, a partir de seus argumentos tão significativos, que tenha respondido a você afirmativamente a minha pergunta – disse mudando de assunto e disposto a não revelar sobre o crime de Belicena Villca – Devo, pois, inferir que existiriam hoje em dia os Druidas?

- Meu caro Dr. Siegnagel, essa pergunta talvez esteja destinada a ser respondida por você mesmo. Eu lhe dei suficiente informação e somente me resta assegurar-lhe que a investigação histórica, a menos que apareça outro Oera Linda ou se abra a Biblioteca Privada do Vaticano, não arrojará nada novo sobre os Druidas – afirmou categoricamente.

- Por quê? – perguntei desta vez com verdadeira surpresa.

–Por uma razão muito simples, mas inexplicável, ***Dr. Sieg-na-gel*** – disse o Professor com sarcasmo, quase soletrando meu sobrenome alemão – Porque entre 1939 e 1945 batalhões especialistas das Waffen ϟϟ, corpo de elite alemã, drenaram a Europa dos poucos documentos que havia sobre os Druidas.

- Para que poderia querer as ϟϟ essa informação? – perguntei com desconfiança, pois não gostei do rumo que tomava a conversa.

- Isso não se supõe nunca com segurança. Durante esses anos se acreditava que a documentação era levada ao mais importante centro de treinamento das ϟϟ, o Castelo de Werwelsburg, em Westfalia, onde havia uma Biblioteca especializada em Religião e Ocultismo de mais de 50.000 volumes. Mas ao finalizar a guerra, parte desse valioso material e o "Círculo Restrito" da ϟϟ (uns 250 homens super treinados e super secretos) evaporou como por encanto.

Você sabe – me dizia o Professor com olhar de cúmplice – todas essas histórias sobre refúgios ocultos, o grupo Odessa,... bah, bobagens!

- Sim, assenti com um gesto e olhei o relógio. Eram 20h30. Calculei que leváramos cinco horas reunidos e senti vergonha de abusar desse modo do precioso tempo do Professor.

- Não há por que desculpar-se, Arturo, - dizia o Professor diante minhas escusas - foi uma conversa agradável, na qual pude recordar com você algo que, em outros tempos, preocupava também a mim.

Nesse dia de verão só estavam na faculdade o Sereno e o pessoal da limpeza. Saí na companhia do Professor e lhe acompanhei até uma das Casas dos Docentes, onde habita, dentro da própria Cidade Universitária. E nunca mais voltei a vê-lo... Que o Incognoscível guie seu Espírito até a Origem, ou que Wotham o conduza ao Valhalla, ou que Frya lhe mostre a Verdade Desnuda de Si Mesmo, que seu coração se esfrie para sempre, que conquiste o Vril e possua a Sabedoria que tanto buscou durante sua vida! E, sobretudo: que consiga fugir da vingança de Bera e Birsa...

Capítulo IV

O regresso a meu apartamento o fiz em sombrias ponderações, lutando por evitar que o desalento me tomasse. Passado o entusiasmo inicial, o peso da realidade se apoiava duramente em meu Espírito e me fazia uma pergunta aterradora: como poderia eu, valendo-me somente de minhas próprias forças, cumprir com o pedido de Belicena Villca? É certo que me sentia dono de uma vontade inquebrantável, que não cederia assim porque se em minha determinação de chegar até o final, que ***toda*** minha força, sem reservas, as poria à disposição da Causa da Casa de Tharsis; mas era certo, também, o reconhecia humildemente, que eu não estava dotado com as virtudes de Ulisses. Não, definitivamente eu não era o Herói Perseu que segundo Belicena descera até o Inferno para conquistar a Sabedoria. Mas não somente aqueles Heróis mitológicos eu não me parecia; não me aproximava nem remotamente a algum dos Senhores de Tharsis. Eles, sim, sabiam resolver toda classe de situações. Se haviam enfrentado durante milênios a uma infernal conspiração inconcebível para uma mente humana corrente, suportaram vários intentos de extermínio, e saíram ilesos de todas as prova, driblaram todos os perigos, triunfaram de todos os inimigos. E o conseguiram porque, como disse Belicena, seus corações eram mais duros que a Pedra de diamante e possuíam a certeza do Espírito Eterno. E porque experimentavam uma ***hostilidade essencial*** às "Potências da Matéria", que lhes permitia exibir uma fortaleza indescritível frente a qualquer inimigo. Eles se haviam mantido "à margem da História", tratando de preservar a herança da Sabedoria Hiperbórea dos Atlantes Brancos. Eram Iniciados que atuavam conscientes de sua responsabilidade espiritual. Cumpriam com a "Estratégia" de seus Deuses e os Deuses se dirigiam a eles e os guiavam.

Eu, em compensação, era incomparavelmente mais débil. Não distinguia tão claramente como eles entre a Alma e o Espírito, ainda que a leitura da carta me provocasse como uma revelação do "Eu espiritual", como a intuição inegável da verdade do Espírito aprisionado na matéria, mas por hora era somente uma intuição espiritual. Tampouco recebi uma tradição esotérica, uma sabedoria herdada e muito menos tive a oportunidade de ser Iniciado no verdadeiro Mistério do Espírito: busquei, isso sim, a verdade por muitos anos, como narrarei logo, e até cheguei a descobrir por mim mesmo a realidade da Sinarquia Universal, mas jamais me ocorreu lutar contra tais forças satânicas, ***nem nunca imaginei que fosse necessário faze-lo, imprescindível, inevitável, uma questão de Honra***. Pelo contrário, como expressa o conhecido tango "***Eu me entreguei sem lutar***", deixei que o sentimentalismo me abrandasse o coração, que me impregnaram os costumes decadentes do século, tolerei e convivi com as mais abomináveis realidades, as mesmas em que se funde lentamente a Cultura ocidental, sem reagir. E não reagi nunca por carecer de reflexos morais, estava como dormindo, quiçá porque no fundo, como agora, tinha medo de lutar e reagir, de enfrentar forças demasiado poderosas. Oh, Deus! Tinham-me convertido num idiota útil, em um estúpido pacifista!

Mas agora as coisas mudariam: se tivesse de destruir, destruiria! Se tivesse de matar, mataria! Qualquer coisa faria antes de compactuar com o Inimigo do Espírito, descrito por Belicena Villca. Somente necessitava ajuda, algum tipo de ajuda espiritual. Em resumo, eu estava decidido a chegar até o final, a jogar, como disse, todas as minhas

forças pela Causa da Casa de Tharsis, mas era também realista, consciente de minhas limitações, e sabia que sem ajuda não poderia chegar a parte alguma. Mas a quem poderia recorrer por tal auxílio? Isso não podia decidir neste momento, mas é sobre o que me ocuparia de pensar nas próximas horas.

Guardei o carro na garagem do prédio onde vivia há uns anos e subi por uma detestável escada caracol de concreto armado até o corredor dos elevadores. Uns minutos depois, me encontrava comodamente vestido em meu pijama, disposto a meditar sobre aquilo que me preocupava.

"Três ambientes é demasiado grande para um homem só" me repetiram até o cansaço meus pais quando o adquiri, mas agora o apartamento não parecia, devido ao acúmulo desordenado de objetos arqueológicos, publicações variadas e livros. Na realidade para os livros destinei um pequeno quarto ao que dotei de estantes nas quatro paredes; mas a capacidade desta biblioteca se viu lotada e os novos livros foram ganhando os demais ambientes como hóspedes indesejáveis.

O único lugar mais ou menos arrumado com certa ordem era o amplo hall que contava com um jogo de poltronas, mesa e lâmpada para ler. Junto a minha poltrona favorita, a janela deixava ver a ladeira de um pequeno morro cujo pé, imponente e majestoso, se ergue a estátua eqüestre do Gal. Martin Miguel de Güernes. Ali me sentei, presa de um sentimento muito especial, como se verá com o correr do relato, e permaneci várias horas; até que se produziram os fenômenos. .

Mas não nos adiantemos; era meia noite e eu, retomando a linha de pensamentos anteriores, me perguntava obsessivamente: devo pedir ajuda, mas a quem?

Como sempre ocorre quando o homem se enfrenta a situações que lhe ultrapassam e clama por ***ajuda exterior***, fica indefectivelmente plantado um problema moral; é a antiqüíssima confrontação entre o bem e o mal. Nestes casos o princípio fundamental que deve primar no juízo sobre "amizade" ou "inimizade" das Potências as quais nos dirigimos, é o ***discernimento***. Quando a "lei" é precisa, em sucessos que devem encarar-se juridicamente, por exemplo, o discernimento é automático, racional diríamos. Na complexa trama legislativa, milhares de leis entrelaçadas qualitativa e hierarquicamente regulam a conduta do homem na sociedade civilizada. Existem "figuras" jurídicas ***typo*** que permitem orientar o juízo e determinar com precisão se o que faz um homem é bom ou mal: é bom se não produz contradições juridicamente demonstráveis; é mal se falta à lei.

Isto enquanto a conduta do homem coletivamente ajustada à "lei". Na esfera individual o sujeito, geralmente ignorante da grande variedade de leis que regulamentam o Direito, se conduz de acordo a sua "consciência moral". Este conceito alude a que o fato de ser membro de uma sociedade humana, tanto pela transferência cultural de gerações de antepassados como pela educação ou simplesmente a imitação do próximo, capacita ao homem no exercício de uma espécie de reflexo condicionando a moral que atua, finalmente, como uma intuição (consciência moral ou "voz da consciência"). Mas não se trataria de uma verdadeira intuição, senão da aparência desta e o que sucederia seria que um extrato de experiências morais, assimiladas pelos meios mencionados ou por qualquer outro e reduzidas a nível inconsciente, atuariam automaticamente guiando à razão no discernimento das oposições estabelecidas e determinando a lógica do juízo.

Compreende-se que quanto mais "automaticamente" se desencadeia este mecanismo psicológico, tanto mais debilitada está a vontade de discernir. O gosto ou a

comodidade por habitar em meios povoados ou cidades, fala sobre o predomínio destes processos inconscientes e explica o medo ou pânico a enfrentar-se com situações ou circunstâncias originais, onde possa falhar o discernimento. Daí a falácia de crer que o "habitat" civil, âmbito cultural por excelência, faz ao homem mais "equilibrado", quando a verdade é que o indivíduo dos meios rurais usualmente possui um discernimento moral mais certeiro, não racional senão emanado das profundidades do Espírito.

O sereno juízo de homens com que acostumamos tomar por ignorantes, poderia chegar a nos surpreender. Sem a crosta de infinitos costumes decadentes civilizados em todos os lugares da mente, estas pessoas sensíveis experimentam também estados de consciência transcendente, sem fazer demasiado barulho e, o que é bom, sem efetuar "classificações parapsicológicas".

Para efeito de comparar ambas as condutas, suponhamos que tenham sido postos (o urbano e o homem rural) a escolher entre Deus e o Demônio, sendo o segundo a imitação do primeiro. Provavelmente, a inclinação racionalista do urbano, o incapacita para discernir entre essência e aparência Divina. Talvez esta distinção tampouco a possa realizar a simples mente do campesino; mas, por esta mesma simplicidade ou pureza, ele poderá "pressentir" a presença de Deus, ter a "certeza" de distinguir entre a verdade e a mentira.

Poderá parecer difícil que alguém se considere um dilema semelhante, mas para mim ***essa era a questão a considerar*** a necessidade de receber "ajuda exterior". Porque esta ajuda seria, por sobre todas as coisas, "ajuda espiritual", e esse auxílio somente poderia prover do "***mais além***", de um Mundo transcendente à matéria e ao homem. E aqui é onde eu havia ficado perplexo no passado: este "outro Mundo", **qual** Deus o rege? ***Qual*** a ***verdadeira*** Religião do Espírito? ***Quem são*** seus representantes na Terra? ***Onde está*** a porta até deus, até o Mundo de Deus, até a Pátria do Espírito?

Durante muitos anos busquei a verdade destas perguntas, mas jamais como agora estive ante uma situação limite em que a necessidade de ***discernir*** se fazia incompatível com a vida corrente. Pois estava seguro, já não passava mais em minha vida sem encontrar uma resposta; tinha 36 anos, mas havia pelo menos 15 que "buscava" respostas. Nessa busca havia transitado um caminho sinuoso que não desdenhou os intelectuais da Filosofia e da Ciência, nem os abismos irracionais das Religiões e Seitas.

Recordava que no início era orgulhoso de ter uma formação "ocidental". Preparado num ambiente de cru cientificismo racionalista, houve tempos em que cheguei a confiar cegamente que as metodologias da investigação empírica eram o único caminho para obter um conhecimento certo do Universo. Mas passaram os anos, apareceram angústias que não poderiam reduzir-se a nenhuma "metodologia" e então considerei a possibilidade de explorar outras vias de conhecimento.

Recorri nessa busca a mil tendências filosóficas e religiosas; li centenas de livros e pratiquei muitos ritos de Cultos distintos. Mas sempre ocorria o mesmo, enquanto as teorias e dogmas, expressados de todas as formas imagináveis, eram quando menos dignas de respeito, não podia dizer-se o mesmo das organizações que sustentavam tais idéias. A menos que estivesse cego por uma fé fanática, acabava por descobrir "atrás" das Ordens ou Seitas – ou simplesmente dos "Líderes" – o fim subalterno e inconfessável; a ligação inadmissível e intolerável.

Estes fins ocultos, fui descobrindo com indignação, obedeciam a três modos de operar das forças sinárquicas: ***um modo "militar", um modo "político", e um modo***

"religioso", sem que esta classificação implique ordem de importância ou aparição. As "Sociedades Secretam sinárquicas", usarei este nome genérico, podiam comportar-se de acordo a um, dois ou aos três modos mencionados, e tender firmemente ao cumprimento de suas finalidades secretas. Em última instância, comecei a suspeitar, todas se uniam num objetivo comum: obter o domínio do Planeta, favorecer a tomada de Poder mundial por parte de um grupo hierárquico de homens. Naturalmente, que então ignorava eu, até a leitura da carta de Belicena Villca, que os destinatários deste esforço universal da Sinarquia eram os membros do Povo Eleito. Mas, eis aqui o que eu comprovava: os Serviços de Inteligência de qualquer espécie ou país, ***modo "militar"*** das Sociedades Secretas sinárquicas, se ocupam de infiltrar todas as organizações possíveis, inclusive nas seitas ou Igrejas religiosas, quando não controlam diretamente, como por exemplo ocorre com a Igreja dos Santos dos últimos Dias ***(Mórmons)*** que está habilmente manejada pela CIA. O marxismo internacional, o trotskismo, o sionismo, etc., ***modo "político"*** das Sociedades Secretas, estão por trás de centenas de inocentes organizações que lhes sirva de fachada. E dentro do ***modo "religioso"***, se contam milhares de grupos ou grupelhos controlados pela Sinagoga, as Igrejas protestantes, o Islã, o Budismo, e até a Igreja Católica. E sempre o fim último que é formar um espectro o mais amplo possível para abarcar todas as variantes ideológicas e captar a todos os dissidentes das Grandes Linhas Internacionais. ***"Ninguém deve ficar de fora do controle da Sinarquia"*** parece ser a consigna que os guia.

O descobrimento desta negra realidade, subjacente sob falsas promessas de elevação espiritual, me levou a esse estado de "ausência de ideal" que defini em outra parte o relato. A partir daí continuei vivendo mais ou menos normalmente e até me interessei pela Antropologia, mas a reação às enganosas experiências passadas me induziu a desconfiar sistematicamente da "boa fé" das ***instituições socialmente organizadas***. Cheguei a sentir espontânea repugnância ao tomar contato, pela primeira vez, com alguma ***associação*** cujo fim declarado – eu o adivinhava imediatamente – era verdadeiramente traído em favor de suas tendências internacionais ocultas.

Definitivamente eu não confiava em nenhuma organização terrena como intermediária entre uma Ordem Espiritual Superior e o Mundo Material.

Considerando o dito, se entenderá melhor o ***dilema*** que se me planteava nesse momento: para cumprir o pedido de Belicena Villca, deveria enfrentar-me a uma Sociedade Secreta de Druidas, homens que possuíam poderes terríveis segundo se desprendia da carta e das declarações do Professor Ramirez, e até corria o risco de chamar a atenção dos Imortais Bera e Birsa, quem me liquidariam em um piscar de olhos. Aquilo não era jogo!n Eu devia, a seu tempo, buscar ajuda contra eles; e esse socorro só podia ser espiritual, ministrado por seres que compartilhassem o objetivo da missão, ou seja, por partidários a Sabedoria Hiperbórea. Mas onde estavam tais seres?

Na verdade, eu acreditava seriamente que para empreender a missão com possibilidades de êxito faltava algo concreto, que não era questão se por-se a orar ou desgastar-se em especulações metafísicas. Mas, repetia a mim mesmo, a quais organizações podia recorrer em busca de ajuda? A Maçonaria, a Teosofia, a Antroposofia, o Martinismo, os Rosacruzes, os Gnósticos e outras Sociedades Secretas mais ocultas ainda, mas da mesma veia sinárquica, estão em oposição essencial com a Sabedoria Hiperbórea, agora que via bem claro. E assim, por mais que pensava e repassava a lista de todas as organizações conhecidas, sempre concluía que eram quando

menos suspeitas de pertencer à Fraternidade Branca, a super organização oculta inimiga da Casa de Tharsis. Oh, dilema! Existia uma Sociedade Secreta de Iniciados Hiperbóreos na Argentina, uma Ordem de Construtores Sábios, segundo revelara Belicena em sua carta, mas nada sabia onde se encontravam nem como chegar até eles. Eu trataria de encontrá-los, mas era plenamente consciente de centenas, talvez milhares, de agentes da Sinarquia que estariam aguardando que alguém se aproximasse para executá-los sem piedade. Duvidava se poderia empreender somente esta busca e por isso examinei a possibilidade de recorrer a alguma organização "amiga" da Sabedoria Hiperbórea para solicitar ajuda. Entretanto, repito, por mais que pensava não via a solução: ***Será que a Sabedoria Hiperbórea não contava com partidários nesse mundo***? A resposta parecia ser "não"; pelo menos não contava com seguidores socialmente organizados. Ou eu desconhecia a existência e alguma organização semelhante.

Capítulo V

Meu único aliado – pensava no início da reflexão – é o discernimento. Ele me indicará para onde dirigir-me, em quem confiar. Se é que há alguma linha filosófica ou religiosa afim, ele me permitirá descobri-la, ele me dirá se é "bom ou mal" e como recorrer a ela.

Mas a análise efetuada ao cabo de profunda meditação, arrojava uma conclusão arrepiante à medida que eliminava possibilidades, todas as organizações tendiam a um bando (inimigo) e no outro, ***nada!***

Por mais que intentava polarizar mecanicamente a miríade de Religiões, Seitas, Associações, Sociedades Secretas, Organizações, Grupos, Ordens, Ligas, Irmandades e Fraternidades, eu não deixava de discernir sobre uma sequer que ostentasse um raio de Luz Não Criada, um destelho da Verdade Primordial do Espírito. Contudo, se tudo quanto afirmava Belicena Villca sobre a Origem do Espírito Não Criado era certo, se o Espírito somente podia experimentar hostilidade por este Mundo, até a Cultura Judaica que hoje predomina neste Mundo, não seria estranho o resultado de minhas reflexões. Pelo contrário, seria mais bem lógico que estando a Fraternidade Branca a ponto de realizar a Sinarquia Universal, como no século XIII, não existisse senão ***uma*** organização de Iniciados na Sabedoria Hiperbórea. Se do mesmo modo que no século XIII o ***Circulus Domini Canis*** se opôs aos planos da Fraternidade Branca, quiçá agora existisse unicamente a ***Ordem dos Construtores Sábios do Senhor da Orientação Absoluta.***

- Então, me dizia desolado, sentindo que uma angústia, muito parecida ao terror, ascendia do estômago até a garganta – então não devo esperar nenhuma ajuda concreta para cumprir minha missão. Estou por minhas próprias forças! – Me custava aceitar isso.

A missão proposta por Belicena era claramente uma tarefa que requeria o desempenho de um homem superior, de alguém dotado com muito mais do que com o que eu contava no momento. Se algo estava certo é que a ajuda espiritual seria imprescindível para cumprir a missão. Mas a ajuda, segundo minhas recentes conclusões não devia esperá-la das organizações humanas: ***não podia haver intermediários entre o espiritual e eu***. Era evidente, pois, que a ajuda espiritual teria que manifestar-se diretamente em meu interior, que Deus, ou os "Deuses Libertadores", ou meu próprio Espírito, Eterno, Não criado, Infinito, se respondiam à solicitude de auxílio, teriam que fazê-lo no mais profundo de minha intimidade psíquica.

Logo sentia a respiração ofegante, uma opressão no peito e que não dei muita importância, pois a atribuía ao tórrido mês de fevereiro. Esta presunção logo se desvaneceu, pois as noites de Salta eram bastante frescas, ainda no verão, e essa não era exceção. Notei de imediato quando abri a janela: vi o parque tenuemente iluminado pelo crepúsculo das 4 horas, ao mesmo tempo em que uma brisa fria me obrigou a fechar o postigo. Parado junto à janela, estranhamente sufocado por uma angústia desconhecida, pensei torpemente que mais uns minutos e já amanheceria.

Uma sensação de ***solidão cósmica*** me havia envolvido pouco a pouco, sem que eu notasse, e no final fez calar até o fundo e minha alma. Por um instante pensei que a análise anterior me havia isolado solipsisticamente do Mundo; ou, em outras palavras, que a polarização maniqueísta a que submeti as organizações humanas, havia continuado

inconscientemente saltando de categorias até um enfrentamento. Eu e o Mundo. Isso poderia dar-se por meu instintivo repúdio do material. Mas não era assim, pois ao pensar em meus amigos, minha família, nos seres que admiro, intui em seguida a potência espiritual deles. E a conhecida sensação de alegria que me inspira o espiritual, fez vibrar meu corpo. Sim, era capaz de intuir o Espírito em alguns seres e, portanto não estava realmente só. A solidão que sentia agora – pensei velozmente – não era produto de um desvio patológico como a que padecem em suas melancolias os solipsistas egoístas. Era uma sensação totalmente distinta. Lacerante e dolorosamente aguda, podia traduzir-se em uma só palavra: ***abandono***.

Sentia-me só e cosmicamente abandonado, mas nessa sensação de abandono, compenetrada, havia uma segunda sensação, mais sutil, porém menos dolorosa: era como uma reaproximação muda que vibrava no fundo de minha alma, mas a uma profundidade inimaginável. Era a reaproximação de um Deus que se transmitia através de um espaço sem dimensões e que parecia chorar por uma perda, uma amputação metafísica e Sua Substância que era sofrida como só Ele é capaz de sofrer.

E essa perda que reaproximava o Deus, era eu mesmo...

Eu que o traia, que cometia uma heresia condenada e abominável.

Sentia-me só e cosmicamente abandonado, repito, mas num grau tão intenso que por um instante me acreditei morrendo.

Deve compreender-se que tudo aconteceu muito rápido, talvez em uns minutos ou segundos. E o mais provável é que eu houvesse realmente morrido – isto compreendi muito depois – de haver-me deixado enganar totalmente por este estranho estado anímico.

Se não foi assim, foi porque remotamente, nas fronteiras já de consciência que me abandonava rapidamente, tive uma certeira intuição: essa emoção que estava me matando era externa a meu próprio ser!

Não era eu que lamentava e gemia emotivamente com uma força tal que o enchia todo, que atravessava minhas múltiplas esferas de percepção e se difundia pela realidade circundante; que dissolvia minha consciência ao perder a diferenciação entre sujeito e objeto.

O curioso é que ao estar consciente desta intuição, todo se cortou de um golpe, num estalido silencioso e brilhante no qual acreditei distinguir fugazmente um círculo branco que me rodeava.

Ou seja, nem tudo se cortou, porque agora a sensação havia se trasladado ***totalmente fora de mim***, ao Mundo concreto.

Senti-me prontamente lúcido e alerta, enquanto a meu redor, os móveis, o piso, as paredes do apartamento, tudo parecia irradiar uma maldade espantosa e ameaçadora. Era algo tenebroso que se induzia epidermicamente, que se percebia ***com todo o corpo, com cada órgão, com cada átomo***. O mesmo estado anterior, mas invertido e exacerbado: a ***solidão cósmica*** profunda era agora, pura Presença; o abandono: um chamado mudo, mas de uma violência irresistível, o reaproximar de Deus, que parecia tão Divino ao brotar das profundezas da Alma, se havia convertido em um rugido bestial, obsceno e agravante.

Não é possível expressar em palavras o que vivi então; somente posso dar uma pálida idéia se digo que essa Força Primordial era vagamente semelhante ao hálito de uma besta enorme e maligna.

Um hálito fétido e ofensivo que brotava de todas as coisas, que eram por sua vez as vísceras, os órgãos desse Dragão eriçado e perigoso. Um hálito que impunha sua presença cheia de Vida, mas esta Vida era ao Espírito, o que o ruído é para a música: vil imitação e miserável cópia. Um hálito voluptuoso que enchia e exalava em uma cadência grosseira e animal.

No silêncio e na calma da noite, esta Presença se realçava viciando o ar matinal; como se, invisível e poderoso, um Inimigo mortal me acercasse prestes a arrojar-se sobre mim; para cobrar minha vida e mais que minha vida...

Tive a impressão de ter caído num brumoso precipício do qual fui resgatado antes de chegar ao fundo. Estava agora parado na borda do Abismo, milagrosamente a salvo, mas vítima dessa apreensão que só experimenta o que sobrevive ao desastre. Por isso permaneci imóvel e não fugi daquele ambiente carregado de uma maldade indescritível, que parecia dirigir-se agressivamente a mim.

E essa imobilidade, serena e reflexiva, parecia excitar mais a tensão dramática, elevando-a a níveis insuportáveis.

Compreendi nesse momento que "o que irradiava a Matéria" – como queira que isto se chame – estava perdendo sua capacidade de atuar sobre mim, pois no meio da insuportável tensão, se adivinhava como uma impotência para consumar a agressão. Ao chegar a este ponto, parecia que tudo iria estalar, a voltar em pedaços pelos ares...

E estalou.

Capítulo VI

Mentiria se dissesse que eu não aguardava algo paranormal.

Meus olhos estavam fixos nos objetos do apartamento, esperando vê-los saltar em qualquer momento sobre mim.

Esperava, e na verdade esperava que ocorresse qualquer coisa anormal, menos o que realmente se passou: tudo começou a mover-se e a mudar de posição; a cair e a saltar sobre o piso.

Estantes e móveis, tudo caia e saltava sem cessar, enquanto eu, absorto, acreditava viver um pesadelo.

Tardei uns segundos – preciosos – para compreender que assistia a um movimento sísmico e quando, finalmente, me decidi empreender a fuga, o tremor já quase finalizava.

Casualidade? Sincronia? Pense o leitor o que quiser, mas não poderá evitar considerar o fato do tremor de 21 de Janeiro de 1980 o único edifício que danificou de forma irreversível, foi o que eu habitava e que tive de evacuar como pode se comprovar lendo os jornais desses dias.

Não houve vítimas, mas o edifício ficou inexplicavelmente danificado em sua estrutura, pelo que as autoridades municipais empreenderam, sem resultados, uma investigação na empresa de arquitetos que o construíram. Por não existir seguro, as perdas foram totais para os proprietários do Consórcio, eu entre eles.

Dos meus pertences pouco foi o que pude salvar, pois o que fora suficientemente forte para sobreviver ao tremor, sucumbiu à queda dos andares. Entre eles meu carro, se bem que pudesse ser reparado dos inúmeros arranhões, não saia da garagem por vários dias por causa da rampa da entrada que fora obstruída.

Estava arruinado da noite para o dia, como Jô. Mas sem sua famosa paciência.

Não vou negar que num primeiro momento fique desesperado, qualquer um compreenderia estando em meu lugar. Depois da sinistra experiência narrada, com o peso de uma longa noite sem dormir e a carga do dia anterior em que visitei o Professor Ramirez, teria de ser mais que forte para não ceder e desmoronar-se. Mas conforme passaram os dias, meu Espírito foi recobrando seu temperamento habitual, e as coisas começaram a se resolver. Aluguei um apartamento num bairro próximo e o mobiliei com a ajuda de minha irmã e alguns amigos. As coisas que se estragaram, e era imprescindível repor, as adquiri lançando mão de minhas escassas economias.

Todos estes ajustes os haviam sido feitos por meus entes queridos, que em sua solidariedade se preocupavam de meu estado de ânimo abstraído e indiferente. Pensavam, por desconhecerem as estranhas circunstâncias em que ocorreu o tremor, que o desastre me havia deixado em estado de choque.

O raciocínio não era desacertado, pois, se bem nunca ter sido demasiado apegado aos bens materiais, a perda de quatro anos de trabalho e sacrifícios era uma prova demasiado dolorosa, que em outra ocasião me teria afetado bastante. Nesse momento, a verdade era outra: minha mente, desde o instante que recobrei a serenidade, não cessava e analisar os momentos vividos. Estando absorto pela recordação dessa noite infernal, entende-se que parecesse à vista dos demais, como ausente e abatido.

Longe disso, ia crescendo em meu interior uma raiva surda, um furor cego que parecia mais que me nutria de força vital e valor. Não voltaria atrás! Agora mais do que nunca!

Uma semana depois do ocorrido, me achava preparado para sair de viagem. O atraso não afetava substancialmente meus planos anteriores e por isso, com uma saudável impaciência juvenil, desejava largar-me o quanto antes.

Era novamente segunda feira, previa passear por Cerrillos para despedir-me de meus pais e, se me apressasse a sair, chegaria a tempo para jantar com eles.

Coloquei uma bolsa e uma maleta no velho Ford, finalmente resgatado dos escombros, e parti para a aventura.

Capítulo VII

Dizer que não era o mesmo homem de sete dias atrás seria incorreto, pois, ***essencialmente***, nada havia mudado no meu interior. Entretanto, eu não me sentia igual e ***sabia*** que jamais voltaria a ser o mesmo de antes – Como Dante, baixei ao inferno e voltei – pensava – Viver a partir de agora com a recordação do Abismo, logicamente, ***tem que ser distinto***.

Mas Não se tratava somente de uma memória sinistra. Eu buscava ajuda espiritual e a havia recebido. Certo que o auxílio chegou em coincidência com o ataque das Potências da Matéria, simultaneamente com o tremor. Mas isso quitava o mérito ao fato, senão que o dotava de um particular significado, ***de um sentido que no momento não compreendia***, mas que logo, durante a viagem a Santa Maria, absorveria toda minha atenção. O que ocorreu, em realidade? Pois que eu ***havia tido uma Visão: a mais maravilhosa Visão de minha existência que era, por sua vez, a ajuda que buscava***.

Sintetizarei cronologicamente. Ao parecer, o processo começou realmente quando tive essa intuição de não ser eu quem ***sofria*** e ***agonizava***, quem padecia da ***dor*** da extinção da vida. Então, disse "***tudo se moveu para fora***". Na verdade, nesse instante foi patente para mim que a ***dor*** e o ***sofrimento***, a ***agonia*** da vida e a própria vida, ***eram coisas alheias***, de natureza não espiritual. Ou seja, que nesse instante, ***havia distinguido claramente entre o Espírito e a Alma, entre meu eu espiritual e minha natureza animal***. Havia compreendido que o Espírito ***não conhece dor nem medo, senão que é pura Alegria e Valor, pura Honra resoluta, pura Força volitiva***. E então "viver" ou "morrer" não significaram nada para mim porque já me encontrava além da vida e da morte, talvez mais além, também, do bem e do mal. Foi aí quando a Alma, e o Deus da Alma, perderam a capacidade de atuar sobre meu ***Eu e se dissolveu como uma Ilusão Antiga se cortou como Encantamento Primordial: logo todo o anímico e vital, que era em si mesmo todo o maligno, se trasladou "para fora" do meu Eu, a meu corpo animal e ao Mundo onde habita o corpo animal***. Pela primeira me vez ***me senti Eu mesmo***; Eu, ***rodeado pela Potência da Matéria, Eu sitiado pelo Deus Criador do Universo***. E então, indubitavelmente como conseqüência de haver sustentado uma batalha contra a Alma, e haver saído vencedor, ***se produziu a Visão e recebi a ajuda que buscava***. E sucederam os fenômenos telúricos.

Não entrarei em detalhes, que pouco contribuiria à compreensão de minha experiência mística, e só conseguiriam denegri-la. Em resumo, ***a visão correspondia a uma Deusa***. A Aparição ficou por um instante infinitesimal, não saberia se dentro ou fora de minha estrutura psíquica, mas o fato é que Ela ***arrebatou*** meu Espírito. Sim, para comunicar o acontecido não posso fazer outra coisa que conjuga as palavras ***arrebatar*** e ***extasiar*** como verbos e afirmar que Ela ***arrebatou*** meu Espírito, ***extasiou*** meu Eu e ***o tirou para fora da Alma e do Mundo***. Ela me ***raptou*** por um segundo do corpo, e da Terra, e se mostrou ante meu Eu espiritual em toda a magnificência de sua Beleza Não Criada. Porque aquele rapto espiritual me revelava a quem tantas vezes mencionara Belicena Villca em sua carta, a Virgem de Agartha, a Advogada Carismática do Espírito aprisionado. E então compreendi, no meio da arrebate místico, que a Raptora do Espírito prisioneiro na Matéria era a Graça, ***necessária, depois*** de que o Eu

do homem dominado tem lutado contra a Alma e tem vencido: ***somente por sua intervenção, pela ação de Sua Graça, o homem adormecido conseguirá manter essa Vitória contra as Potências da Matéria; somente Ela auxiliará o Eu, carismaticamente, com o suporte de uma força volitiva que lhe permitirá sustentar independente da Alma Criada***.

Foi um instante sem principio nem fim, porque sempre estará presente na intimidade de meu Espírito, um momento absoluto no qual, sem duvidas, me assomei à Eternidade. Ela me seqüestrou e me reteve esse instante na Esfera Não Criada de Sua Própria Existência, e me infundiu a força volitiva extra que o Espírito necessitava para empreender a missão de Belicena Villca. Quão forte e invencível me senti então! E, sobre todas as coisas, compreendi: que livre! Absolutamente livre, era em sua essência o Espírito Não Criado, ***sem limites Criados para sua Existência Eterna***, ou seja, Infinito! Senti-me ***Eu***, Não Criado, Eterno, Infinito, Livre, pleno da Sabedoria; senti-me ***Eu***, e adverti que fora de mim ficaram o psíquico e o anímico, a consciência da vida cálida, e o conteúdo da vida cálida, a Ilusão externa e interna que causavam o torpor espiritual; de pronto, experimentei seu descobrimento evidente, o que era o "***Grande Engano***", sobre cujo perigoso poder de encantamento me prevenira Belicena Villca.

Senti-me Eu, e sabia não ser o Eu da Alma, no rapto de inspiração espiritual que a impressão da Virgem de Agartha me causava. ***Impressionou-me*** o Espírito, e a aura inda subsiste, Sua Radiante Beleza Não Criada, a majestade de Seu Poder, Sua esplêndida Graça. Vi Nela a uma Deusa, mas ali, no momento do rapto, eu também era um Deus. Por isso pressenti Nela uma ***Gottkamerad***, uma Camarada, uma Irmã, uma Companheira da Raça do Espírito, só que eu havia sido arrebatado momentaneamente da prisão em que me encontrava e em compensação Ela era um Espírito Hiperbóreo absolutamente livre. Ela se aproximava de mim para brindar-me com o socorro e Sua Graça, motivada pela Honra, que é a essência do Espírito Não Criado. Isso ficou muito claro para mim; neste instante infinito, e assim meu próprio Espírito, movido por sua honra essencial, pugnava por ***dar graças*** à Deusa de algum modo, por experimentar que Seu Auxílio não seria em vão, por assegurar que minha decisão seria inquebrantável. Mas nada cheguei a fazer nesse sentido, pois a Deusa sorriu maravilhosamente, ano-me a entender que compreendia todos meus pensamentos.

A Virgem de Agartha tinha um ramo de espigas em sua Mão Esquerda e um grão do mesmo cereal tomado entre os dedos indicador e polegar da Mão Direita. Enquanto sorria, fez um gesto com esta mão, que a princípio não interpretei, e a dirigiu a mim, como se fosse um ***Olho de Fogo*** que eu possuía em determinada parte do Espírito: ***então abriu os Divinos Dedos e soltou ali a mágica semente***. E esse ato fez terminar a Visão, bruscamente. Senti como um Raio Gelado, entrando por ***minha cabeça*** e impactando ***no meu coração***, imediatamente a sensação gélida começou a estender-se pelo corpo e uma paralisia crescente se apoderou de mim. E me encontrei, ainda parado no apartamento, observando estupidamente como todas as coisas começaram a saltar e seus lugares e o edifício ameaçava cair. O êxtase havia durado um instante infinitesimal, segundo disse, mas depois transcorreram preciosos segundos até compreender o que ocorria no Muno, ***coincidentemente, simultaneamente***, e reagi. Então concluí tratar-se e um tremor e terra, e notei que também havia desaparecido a maldade opressiva que num momento antes havia brotado da Matéria. Pelo contrário, a

Matéria parecia ***encontrar-se subordinada a mim***. Havia uma idéia que flutuava no ambiente, fluindo igualmente de todas as coisas, que eu captava perfeitamente e que podia traduzir mais ou menos assim: - ***Agora és um Deus e nada nem ninguém poderá resistir a Tua Vontade. O ocorrido aqui é uma mostra do Teu terrível Poder!*** – Este conceito define o "novo sentido" que, tal como mencionei no início, ***parecia*** adquirir agora a Matéria ***por efeito*** da Visão: ***existia, pois, a intenção manifesta de conectar casualmente ao tremor com meu recente rapto espiritual***. Mas eu não me deixava enganar. Intuía nessa idéia uma trama das Potências da Matéria, uma tentação, que no momento não era clara, mas na qual, mais adiante, me deteria para refletir com profundidade.

Essencialmente, logo após, nada havia mudado no meu interior, mas jamais voltaria a ser o mesmo: somente a ***relação de forças*** que manteriam o Espírito e a Alma se tornou possível pelo efeito da força volitiva extra aportada pela Virgem de Agartha. Ao recobrar a consciência sobre a realidade do Mundo, logo após ver a Divina Imagem, meu Eu era capaz de dominar com singular potência a natureza anímica, de uma maneira como jamais conseguira antes. Depois de anos de práticas de yoga, e concentração e controle mental, e não estava disposto a perder tal poder, a que se invertessem os papéis e o Eu ficasse novamente submetido aos ***desejos*** da Alma. Mas isso não sucederia, podia assegurá-lo, pois era evidente que não somente saí fortalecido do rapto espiritual senão que a Alma se debilitava permanentemente no que constituía sua própria essência: os sentimentos e emoções, o amor e a vida e as coisas da vida, ***o bom coração*** que sempre havia manifestado e que impediu mais de uma vez que usasse a violência para solucionar os problemas que eram obstáculos em meu caminho. Todas essas cálidas paixões e muitas mais, se esfriavam rapidamente, bruxuleavam e se extinguiam como a chama de uma vela que consumiu sua cera. Certamente, se me visse obrigado a sintetizar o novo estado de meu ser, diria que era algo muito semelhante ao ***renascimento***; sim, não temo afirma-lo, apesar e ser médico psiquiatra e, ademais, homem culto. Ainda que isso seja inaceitável para a ortodoxia oficial, não poderia negar o que certamente experimentava, e que havia produzido uma transformação considerável em minha conduta. Foi notável para quase todos os que me conheciam, e por isso supunham um choque pós-sismico; que eu "sofria" uma espécie de **regressão** psicológica. Tornei-me "como um menino", "ria por qualquer motivo" e parecia que "nada me importava", tais eram as reprimendas dos amigos e parentes, que revelavam a particular mudança regressiva de meu caráter. Mas também estava me tornando cruel e sem piedade, isto sabia eu mesmo, mas não me importava, pois, como nunca, depreciava minha vida e a vida em geral. Quero esclarece que "como nunca" significa "como nunca na minha vida adulta", já que, isto conhecia profissionalmente, os meninos, como eu renascido, **eram capazes de matar sem preconceitos nem remorsos**.

Talvez, durante aquele rapto espiritual, nesse instante infinito, morresse realmente, e ressuscitasse afinal, o que implica um paradoxo, pois não pode terminar o que não tem fim, um instante que estaria eternamente presente em meu Espírito. Sendo assim, a mudança infantil de caráter, a força volitiva reforçada, os sentimentos que morriam, os desejos que se apagavam, o coração que se esfriava sem remédio, a sensação de renascimento, a segurança espiritual de sentir-se salvo, próximo à libertação definitiva dos laços materiais, tudo se explicaria supondo que a verdadeira vida espiritual

continuava no âmbito do rapto, de que jamais saí nem sairia, ou seja, no Infinito, e que esta aparente vida, vivida ao "termo" do que não pode terminar, era em efeito uma forma de morte, uma ilusão espiritual inexistente, mas inevitável. Talvez, em efeito, estava realmente morto e por tal condição não temia já a nada vivo, e muito menos à Morte. Talvez tudo fosse produto daquela misteriosa semente que a Virgem de Agartha soltasse no Olho de Fogo do Espírito. Eu, ainda, não podia sabê-lo. Mas o certo, o concreto, era que havia a ajuda espiritual solicitada que, morto ou renascido, me sentia alegre e corajoso, que não temia a Morte nem temia matar, e que sentia que, estranhamente, meu eu **participava do Infinito atual**: sim, inequivocamente, me sentia indeterminado quanto ao meu Eu, tudo quanto continha o Universo, inclusive minha própria vida biológica, e o Universo mesmo, eram limitados e perecíveis. Este era o lado finito do meu ser, a Ilusão; mas agora sabia com certeza que, no meu Eu, se abria um abismo interminável. Este era o lado Infinito do meu ser, a Verdade.

Talvez se compreenda em parte o que então eu experimentava, recorrendo a uma metáfora:

Imagine uma pessoa acostumada a viver em um belo bosque solitário. Os dias transcorriam ali suavemente, sem demasiadas surpresas, se bem que a luta pela vida imponha um permanente alerta, esta mesma persistência faz com que a atenção se mantenha dentro de níveis constantes e, finalmente, rotineiros.

Dir-se-ia que este homem "domina a situação" de sua vida cotidiana. Perto dali, sereno e manso, o lago oferece o prazer esporádico de um banho refrescante e reparador. Mas o lago não é um lugar seguro no qual se possa permanecer por muito tempo, como o bosque.

A água não tem a firmeza da terra e para sustentar-se nela é necessário dispor de certo controle, de certa atenção extra, exigência que ao final termina por cansar ao homem. Por isso as visitas ao lago se regulam pela necessidade de pescar ou pelo prazer do banho. Um dia este homem, por erro ou audácia, cria uma circunstância que escapa a seu controle: o fogo, que lhe havia ajudado a viver até então, escapa para o bosque, furioso e destruidor. O homem fica estático ou luta por apagá-lo, ou blasfema desesperado; qualquer atitude dá no mesmo, nada pode evitar a catástrofe, pois o fogo ultrapassou seu controle. As chamas se propagam por toda parte consumindo tudo e se torna imprescindível buscar a salvação, mas onde? Onde está a segurança? Imediatamente, como um raio, surge a luz do lago.

Uma ironia; o lugar onde nunca imaginara buscar refúgio é agora o único que oferece possibilidade de sobreviver à mudança brutal do mundo cotidiano, que se desvanece consumido pelo fogo voraz e assassino. Corre; corre o homem desesperado até o lago salvador. Atrás dele, um monstro ardente e implacável parece persegui-lo de perto, rangendo os dentes, rugindo e lançando bafos sufocantes.

Mas não é possível voltar-se e olhar, não havia outra oportunidade. Somente resta chegar ao lago, que nunca pareceu estar tão longe como agora. Finalmente, visão paradisíaca, prazer indescritível, aparição mística, o lago emerge-se em seu horizonte.

Fantasticamente calmo, é, para ele que foge por milímetros da morte, um oásis de paz. Joga-se o homem às águas protetoras e nada muitas braçadas, intuitivamente, **até o**

centro. Agora pode dar voltas, momentaneamente, quando está seguro entre as frescas águas, e pode assim olhar para o seu, até pouco tempo atrás, também seguro Mundo.

Considerando as analogias que oferece esta metáfora com os sucessos que foram narrados anteriormente, poderá compreender-se qual era meu estado espiritual. Como o homem do exemplo, ao ver o bosque arder e transformar-se desaparecendo por momentos entre a fumaça, o que constituía seu Mundo e sua segurança, assim eu também vi dissolver-se a realidade confiável e cotidiana num fogo de maldade inconfundível.

Como o homem da metáfora, que se sentia estranhamente seguro nas águas do lago, até ontem volúveis e ignotas, também eu estava agora seguro e firme nas, até ontem, desconhecidas águas do Espírito.

O homem do bosque, enquanto flutuava a salvo, via o mundo consumir-se e pensava: - ***nasci de novo***. Também eu me sentia renascido nos confins da Alma e somente por este sentimento inexpressável poderia dizer-se que eu era outro homem, ainda que ***essencialmente*** seguisse sendo o mesmo.

Capítulo VIII

Dirigia-me, pois, a casa de meus pais, imbuído desse otimismo místico que só experimentam os que se sabem renascidos. Tomada a decisão de partir, pensava apenas nos ***fenômenos*** da fatídica noite de 21 de janeiro, tratando de interpretar seu sentido transcendente. Em poucos minutos chegaria a Cerrillos, mas logo, estes pensamentos me acompanhariam por muitas horas da viagem que empreenderia.

Trinta minutos depois, dirigia o carro pelos duzentos metros do caminho de entrada em companhia do fiel cão Canuto.

Meus pais, que providenciavam o café da manhã, se sentiam felizes de ver-me e o expressavam entre saudações e risadas.

Tentavam apagar, com seu afeto, a recordação do desastre vivido. Eu agradecia interiormente estes regalos, pois necessitava adquirir reservas de paz e tranqüilidade, prevendo futuros infortúnios. Sabia que mais tarde, ao partir, minha mente se concentraria em analisar todos os pormenores do complicado embrulho em que me achava comprometido.

- Tem de um formoso dia para viajar – disse meu pai enquanto atacava uma salsicha assada do espeto – Dirija com cuidado, filho, lembra que pela manhã os caminhoneiros estão meio sonolentos.

- Não se preocupe, Pai, irei devagar e em três horas estarei em Tucumã – afirmei sem muita convicção.

Katalina, minha irmã me passou a salsicha com ovos, os pãezinhos fumegantes e o café. Percebi assombrado que estava com água na boca de fome, e dei por conta de que vinha alimentando-me mal há vários dias. Sentir fome é, se há com o que sacia-la, sempre um sinal de boa saúde. Não pensei mais e me entreguei, decididamente, a tomar o café da manhã.

A propriedade possui uma ampla sala de jantar com vitral voltado para o leste, de frente ao caminho de entrada, mas pelas manhãs o café é tomado na cozinha. Esta se encontra detrás da sala de jantar, ocupando a parede sul que tem uma grande janela fixa de quatro metros de largura com uma mesa de madeira rústica próxima. Toda a parede oeste da cozinha é ocupada pelo fogão e o fogareiro contíguo.

Sentado em frente à janela com vista para os vinhedos, tomava o café em companhia dos meus e revivia a nostalgia de muitos amanheceres semelhantes. Mas uma nuvem negra perturbava meu Espírito: uma voz secreta me advertia que, talvez, esse fosse o último café da manhã feito dessa agradável maneira. Então, eu lutava por afugentar tão lúgubres presságios, mastigando com gosto a salsicha assada.

- Até logo, Arturo – se despediu meu pai – vou percorrer os canais de irrigação.

- Tchau, Pai - acompanhei meu pai até a porta dos fundos e fiquei olhando enquanto se afastava até a cocheira em busca de seu velho cavalo. Minutos depois, o via afastar-se trotando pelo caminho que corre de leste a oeste, paralelo à estrada principal. Já devia ter partido, mas me atrasava propositadamente, pois desejava falar a sós com minha mãe.

Ainda estava na cozinha e bastou um aceno para que, solicitamente, viesse junto de min. Esta atitude não lhe haveria chamado normalmente a atenção, mas quando

passei uma mão pelo seu ombro e comecei a falar, um gesto de surpresa apareceu em seu rosto.

- Mãezinha querida – disse bajulador – peço que me perdoe se o que vou te pedir causar alguma dor.

- Você sabe filho, que o que tenho é seu... – deu-se conta que não solicitava nada material e seu rosto se mostrava agora francamente alarmado – que posso fazer por você, Arturo?

- Fica calma, mãe. Sabe que não te causaria nenhuma preocupação se não acreditasse ser absolutamente necessário.

- Deixe de rodeios e diz que diabos você quer – disse minha mãe, que estava começando a perder a calma.

- Em que ano nasci, mãe? – perguntei indo direto ao ponto.

- Você sabe bem; em 44. 30 de janeiro de 1944. Tem agora 36 anos.

- Bem, Mãe, escuta atentamente. Nunca falamos disso, mas que dizer que lembro de uma noite, mais de trinta anos atrás, eu devia ter três ou quatro anos e algo, um ruído, sei lê, me despertou. Era tarde, Katalina dormia na cama ao lado e pela janela se via a lua caindo do oeste. Creio que ouvi vozes, pois me levantei sem vestir-me e desci a escada do hall, debatendo-me entre o sono que me fechava os olhos e a curiosidade que os abria. Estava papai, você e alguém a quem nunca havia visto antes, um homem alto, de olhar agudo. Todavia, hoje lembro seu olhar penetrante e sua altura maior que a de papai, que mede 1,80 m. Foi ele quem me descobriu na escada e lançou aquela gargalhada estrondosa, ante o olhar angustiado de vocês. Enfim, não é muito mais o que retenho na memória. Parece-me que eu estava em seus braços e creio recordar que me dava algo brilhante que atraiu completamente minha atenção. Depois você me aninhou novamente e no dia seguinte o desconhecido já não estava ali, nem tampouco voltei a vê-lo.

Mamãe havia empalidecido. Paramos junto aos bancos de jardim e lhe dei uma muda indicação de que nos sentaríamos debaixo do carvalho.

- Ao passar dos anos – continuei – continuava a recordar aquela noite, mas sem dar maior importância. Somente uma vez, teria uns nove ou dez anos, me atrevi a perguntar e sua reação foi muito estranha: ficou atordoada e me proibiu de volta a falar disso, mas um minuto depois mudou e tratou de convencer-me que eu lembrava de um sonho, que havia tido na infância. Portanto, jamais voltei a tocar no assunto. Até hoje. – Mamãe suspirou e sacudiu a cabeça como que despertando de um pesadelo.

- Por que, filho, por que trinta e dois anos depois, você se lembra dessa noite? – perguntava mais para si mesma que a mim – por que você se empenha em reviver uma lembrança fugaz que não significa nada para você? - Mãe, repito que não quero te causar dor, pois ainda não te disse o que desejo saber – disse com voz tranqüilizadora – Diga-me duas coisas somente: se este homem era de nossa família e se tinha a ver com a guerra.

Aqui, falei num tom firme que convenceu minha mãe de que seria inútil se negar a responder.

- Olha Arturo, você já é um homem feito e não ignora as atrocidades que foi a guerra. . Nos anos seguintes a 1945, os ânimos estavam alterados e muita gente teve de

viver como fugitivos. Mas agora é diferente, muito tempo se passou... não convém a ninguém remexer naquilo! – havia uma súplica na voz de minha mãe.

- Mãe, não respondeu a minhas perguntas e isso está mal. Não confia em mim?

- ... - Somente um olhar como resposta.

- Diga-me o que sabe, pois é muito importante para mim, para meu futuro, entende? - assegurei com firmeza.

Era evidente que não entendia e decidi ser mais convincente.

- Estou atravessando uma terrível crise espiritual, Mãe. O destino me pôs frente a uma diabólica encruzilhada de caminhos, onde um erro de escolha significa extraviar-me pelo caminho errado, cheio de obstáculos e perigos reais. Tuas respostas me ajudariam a não falhar; creia-me, Mamãe – tomei suas mãos entre as minhas em um desesperado esforço por infundir-lhe confiança.

- Não entendo nada do que diz, mas pressinto que você realmente está preocupado, filho. Direi o que deseja saber, e Deus perdoe meu erro ao fazê-lo, - respirou profundamente e continuou – Kurt, ele quem você viu naquela noite de 1947. Meu irmão Kurt, que foi dado como morto ou desaparecido em Berlim em 1945, estava na realidade cumprindo uma missão na Itália quando terminou a guerra. Permaneceu dois anos escondido num Mosteiro franciscano do Sul da Itália, até que em 1947 pode vir à Argentina, graças a uma rede de ajuda para fugitivos de guerra, que funcionava apoiada pelo governo do Presidente Perón.

- Mas, Mãe – interrompi 0 por que não foi para o Egito, para a fazenda da família? O governo egípcio foi muito protetor dos alemães, especialmente depois da fundação do Estado de Israel em 1948.

- É um mistério. Jamais quis dizer, nem o motivo da perseguição, já que tinha apenas 30 anos – raciocinava Mamãe ingenuamente – e quase sempre teve destinos diplomáticos.

- Mas o que era ele durante a guerra? – perguntei intrigado – civil ou militar?

–Militar; Oficial das ***Waffen-*** ***ϟϟ***. Major ou algo assim. Lembre-se que em 1938 eu me casei com seu pai e vim para a Argentina perdendo contato com ele por muitos anos.

Kurt já pelos 32 era chefe de Esquadra, ou seja, ***Faehnleinsführer***, da Juventude Hitlerista ou ***Hitlerjugend***, na coletividade germana do Egito. Graças a uma gestão de meu pai, que por seu título nobre gozava de certa influência na Alemanha, em 1938 partiu para estudar em uma das escolas ***Napola***, ***Nationalpolitischen Erziehugsanstalten***, de Berlim. Depois só o vi em três ocasiões, a última antes de partir para a Argentina, no Natal de 1937; logo se passariam 10 anos até que em 1947 apareceu por aqui. Durante esse tempo não soube muito dele, pois recebia cartas cerca de uma vez por ano e nunca diretamente, já que Kurt escrevia ao Egito e dali meu pai as enviava para cá.

De modo que não sei quase nada sobre sua carreira; só o pouco que me pode contar na correspondência de seus anos de estudante e menos durante a guerra, em que se mostrava vago por demais. Sei que na escola Napola se sobressaiu por seu conhecimento nas línguas do Oriente Médio e isto lhe valeu para realizar vários cursos especiais, mas não conheço especificamente em que consistiam.

Recordo que em seus primeiros anos estava feliz porque he foi permitido ingressar numa divisão da escola de Napola chamada, se não me engano, ***Fliejer H-J***,

onde se dava aulas de treinamento aéreo; mas te repito o pouco que sei até sua graduação em 1937. Ingressou em alguma divisão especial das ϟϟ, mas pelo que eu saiba, jamais combateu. Sua função era algo vinculada ao Serviço Exterior, pois quase toda a guerra ele passou na Ásia. E isso é tudo. Em 1945 foi dado oficialmente como morto, pois seu destino, dizia-se, era Berlim no mês de Abril, quando esta cidade caiu nas mãos dos Russos. Seu cadáver foi "encontrado" em seu avião carbonizado, que não pode decolar por receber um disparo russo de artilharia.

Foi-nos notificada – prosseguiu mamãe – a sua morte e muito a choramos até que em 1947, surpreendentemente, apareceu aqui. O resto já te disse; foi ajudado pelos Kameraden e com uma nova identidade se prestava a começar "outra vida" na Argentina. Segundo disse na ocasião, era preferível desaparecer para sempre, já que se os aliados suspeitassem de sua existência, não tardariam em buscá-lo.Creio que é uma decisão que devemos respeitar, não acha? – me olhava esperançosa que minha "curiosidade" estivesse satisfeita. Decidi continuar interrogando ante que raciocinasse.

- Sim, Mãe, compreendo e agradeço o quanto me disse, mas falta o principal. Onde está agora tio Kurt? – disparei a pergunta e parecia que ela iria desmaiar.

- Arturo, meu filho, você é adulto e inteligente. Porque perguntar o que a prudência aconselha não saber? Ele está bem, ninguém o molestou em todos estes anos e seria de se esperar que ninguém o faça antes de sua breve morte. - Algo passou por sua mente e ficou olhando-me boquiaberta – Não está pensando em vê-lo, está? Oh, não!

- Tire essa idéia da cabeça. Ele tem vivido há 35 anos num mesmo lugar e todos o conhecem em sua nova personalidade. Seria uma idiotice por em perigo tal segurança por capricho.

Havia adivinhado meu intento e respondido em conseqüência. Compreendi que seria difícil arrancar a direção de meu ressuscitado tio Kurt.

- Você não compreende Mãe. Não se trata de um capricho; é importante que eu fale com ele para obter uma informação que ele possui e que para mim é tão vital como o ar que respiro. Pela segurança. Não se preocupe. Em que poderia afeta-lo a visita de um estranho uma só vez na vida? Há mil justificativas para receber a um visitante que logo não voltará nunca mais. Porque é isso que farei, Mãe. Juro! Uma vez que lhe tenha perguntado o que desejo saber, irei e não voltarei jamais – tratava de convencê-la com qualquer argumento e ela, duvidando, olhava para as vinhas como buscando a proteção de meu pai.

- Vamos, Mãezinha, diga-me onde está. Tenho direito a ver uma vez na vida o Tio Kurt.

Finalmente se decidiu, mesmo que demonstrando grande contrariedade, e enquanto ela falava, longe de me alegrar por minha persuasão, maldizia por dentro a dor que havia causado e a angústia que sem dúvida lhe produzia esta confidência. Pelo menos até a volta de minha viagem.

- Ele está perto daqui, na Província de Catamarca. Nunca fui visitá-lo pois me proibiu expressamente, ainda que me desse o endereço para um caso de emergência.

Dei-lhe um cartão e uma caneta, comprovando que minha mãe havia memorizado os dados.

- Nesses 35 anos não voltou a ver nem escrever para ele? – perguntei incrédulo.

Sorriu, enquanto me devolvia o cartão e a caneta.

- Sim, bobinho. O vimos, eu e seu pai, umas poucas vezes em Salta e uma vez em Buenos Aires, para umas férias. Mas nós não lhe escrevemos nunca. Ele nos escreve algumas vezes por ano, numa caixa de correio que teu pai tem em Cerrillos e nos avisa quando irá a Salta, ocasião que aproveitamos para reunirmos por algumas horas. Não chegam a vinte vezes que nos vimos nestes anos.

Custava crer que dois irmãos separados por apenas 350 km não pudessem visitar-se por causa de fatos que ninguém lembra, ocorridos quarenta anos atrás a milhas e milhas de distância. Não obstante, justificava os temores de minha mãe e compreendia o esforço que deve ter feito para ceder a meu pedido e confiar-me seu segredo.

Subitamente lembrei de meu pai e tremi por antecipação, calculando a ira que lhe acometeria ao saber de minha impertinência. Mamãe não lhe esconderia minhas indagações e ele montaria em sua cólera. A vergonha me cobriria e talvez tivesse que prometer não ir a Catamarca. Decidi evitar qualquer discussão e partir imediatamente.

Beijei minha mãe e me dirigi para o carro. Ela não deve ter notado minha pressa e antes de dar a partida no motor, me gritou:

- Espera Arturo; espera uns minutos que te darei algo.

Entrou na casa e, apesar da minha impaciência, tive de aguardar dez longos minutos. Por fim, voltou com um pacote nas mãos.

- Escrevi umas linhas para Kurt. Você está tão apressado que não pensou que ele não te reconhecerá. Ele te viu por cinco minutos, quando você era um menininho. Como acha que ele se lembrará?

Entregou-me o envelope, que recebi agradecido, pois, admitia, seria de grande ajuda para identificar-me.

- Abra sua mão direita com a palma virada para cima – disse Mamãe com ares entre misterioso e cúmplice.

Fiz o que me pedia e abriu seu punho esquerdo, que havia pouco estava fechado. Caiu algo em minha mão que em um primeiro momento não pude distinguir. Era um objeto brilhante e enquanto o examinava, escutava assombrado.

- Isto é o que Kurt te deu na noite de 1947. Tomei enquanto dormia por temor a que o perdesse e guardei em meu porta-jóias. Com o passar dos anos, tornou-se complicado entrega-lo, porque você exigiria explicações que não poderíamos te dar. Ele quis nesse momento te presentear, pois nada o havia trazido, posto que ignorasse que tivesse um sobrinho. Permanecia solteiro e quando te viu, se comoveu e disse que, por não ter filhos, você sendo seu único sobrinho, quem deveria conservá-la.

Eu olhava atônito a Cruz de Ferro com Suástica e Folhas de carvalho que tinha em minhas mãos e me perguntava como um Oficial que jamais combateu pode obter a mais alta condecoração que dava a Alemanha, para premiar atos heróicos e valor.

- Até logo, Mãe – saudei pela janela do carro – Não se preocupe, serei prudente. Despeça-se de papai e de Katalina por mim. Tchau.

Arranquei e minutos depois estava na estrada..

Capítulo IX

Parei no posto de gasolina de Cerrillos: coloquei combustível e aproveitei para olhar novamente o cartão com o endereço de tio Kurt. Era incrível que estivesse tão perto e em boas condições um parente a quem tinha por falecido 35 anos atrás. Li novamente:

Sr. Cerino Sanguedolce
Calle Fray Mamerto Esquiú 95
Santa Maria - Província de Catamarca

- Senhor? – interrompeu o frentista.
- Encha o tanque com gasolina especial, por favor; Ah, revise o óleo... – disse.

Minha partida brusca não permitiu que minha mãe desse informação suficiente sobre tio Kurt. Agora começavam a surgir as perguntas, pois não sabia se havia casado, se teria filhos e netos, a que se dedicava...

- Bah! – pensei – devo concentrar-me na viagem e te fé. Saberei de tudo em poucas horas.
- Trinta litros de gasolina e dois de óleo, Senhor.
- Cobre, por favor – estendendo uma nota – tem um mapa das rotas da Província de Catamarca?
- Sim, Senhor.

Foi até a cabina e retornou com um mapa dobrável, em cores, com profusa informação turística.

- São mais mil.

Paguei e arranquei com o carro para sair de frente da bomba de gasolina, mas estacionei vinte metros mais à frente e me pus a examinar o mapa.

Ir a Santa Maria desde Salta, não teve nenhum problema senão que, pelo contrário, teve a vantagem de incluir um dos circuitos turísticos mais bonitos do Noroeste Argentino. É um trajeto de Salta até Cafayate, "a Formosa", como denominam popularmente a esta cidade famosa no mundo por seus excelentes vinhos, situada no coração dos vales de Calchaqu.

Com um caminho recém asfaltado, a rota vicinal nº. 68, que facilita a viagem e permite gozar das paisagens únicas por suas colinas multicoloridas, estes duzentos quilômetros se passaram rapidamente. Os inconvenientes apareceram ao sair de Cafayate, ao cruzar o ribeirão "das Conchas" e abandonar a Província de Salta. Penetra-se então, na Província de Tucumã, mas só por uns 40 km., já que está presente ali uma pequena placa, que se incrusta na Província de Catamarca. Depois de percorrer este trajeto, chega-se a Catamarca num ponto que dista 80 km.de Santa Maria.

Ao atravessar o mencionado ribeirão, contornando-o, pois não há ponte, tem o viajante a impressão se haver entrado em outro mundo.

Fora da artificialidade de traços civilizados que apresenta o vale em Salta, aqui se está em um âmbito realmente autóctone. Os caminhos são de terra, descuidados à

medida que de avança ao Sul, e diminuem os povoados com casas de barro habitadas pelos crioulos mestiços, mais próximos do índio que do branco.

A pobreza se faz patente ao entrar em Catamarca, uma província injustamente esquecida pelo resto do país e abandonada por seus próprios filhos que, a cada ano, empreendem o êxodo inevitável daquele que busca superar a miséria e progredir materialmente.

A beleza da paisagem não diminui em Catamarca, pelo contrário, se torna agreste e primitiva, dotando de ótimos atrativos visuais o caminho, que avança margeando as Serras de Quilmes. Este nome veio dos índios Quilmes, uma das tribos da Feroz Raça Diaguita, os que ao final das Guerras Calchaquies, que duraram 35 anos no século XVII, foram levados em número de 300 famílias ao desterro de Buenos Aires e deram lugar à população de mesmo nome.

Entre as Serras Quilmes e de Cajon ao oeste e as Cumbres Calchaquies e nevados do Aconquija pelo Leste, se abre o fértil vale Yocavil, regado longitudinalmente pelo rio Santa Maria, assento da cidade de Santa Maria da Candelária.

Eu conhecia Santa Maria por haver feito uma viagem de estudos a várias jazidas arqueológicas dos vales Yocavil e Calchaqui para investigar a Cultura Diaguita e, repetir a viagem, não me desagradava. Naturalmente, ao entrar na região de Vales e Quebradas, era difícil cruzar o Tafi del Valle, em Tucumã, região dos Bosques Ocidentais e separada de Catamarca pelas inóspitas Cumbres Calchaquies e Nevados do Aconquija. Mas, afortunadamente, desde Santa Maria existe um caminho que sobe até o Norte, até Amaichá del Valle: dali se poderia tomar a rota 307, que cruza as Cumbres Calchaquies pelo Passo do Inferno e leva diretamente a Tafi del Valle. No total, de Santa Maria até Tafi del Valle, somente teria de percorrer 80 km., mas que seriam cansativos pelo estado das rotas e as sinuosas alturas que sobem.

Corria a mais de 100 km. por hora aproveitando o bom caminho até Cafayate para ganhar tempo, pois logo a marcha seria lenta, não passando dos 40 km/h.

Teria umas horas para pensar e decidi aproveita-las de imediato.

A paisagem, o vento fresco, o silêncio do Vale, tudo contribuía para que me sentisse relaxado e tranqüilo, predisposto a meditar. Mas esta atitude era um tanto anormal se contar a quantidade de coisas que me haviam acontecido ultimamente. A falta de preocupação evidenciava uma mudança muito grande em meu interior, que se manifestava também em uma sensação de desapego pelas coisas do mundo. Sentia-me em paz porque não necessitava de nada. Estava arruinado materialmente, talvez em perigo de morte, e esta revelação só me arrancava uma risada insensata.

Sim, havia mudado muito. E toda essa mudança se deu em 7 de Janeiro, quando experimentei o rapto espiritual e acreditei morrer, e sincronisticamente se produziu o terremoto que terminou com meus bens.

Quantas coisas me haviam acontecido! E parecia que isto não acabaria mais, pois seguiam acontecendo coisas insólitas. Como o assunto de tio Kurt.

Foi, sem dúvida, uma intuição. Quando finalizava a reunião com o Professor Ramirez e o sábio mencionou que quase todos os documentos sobre os Druidas haviam sido saqueados na Europa pelas ϟϟ, pensei comigo mesmo – A quem perguntar sobre a Ordem Negra e seu interesse sobre os Druidas? – nesse momento me veio à mente a recordação daquela noite na minha infância. Nenhuma relação lógica que permitia associar ambas as coisas. Nada racional. Se tivesse analisado por um minuto, teria

rechaçado esta suposição como absurda. Mas os recentes sucessos me faziam desconfiar da "razão" e eis que, cedendo a uma intuição, perguntei a minha mãe o que havia ocorrido nessa noite, 33 anos atrás. E ali estava a chave! Inexplicavelmente, irracionalmente, havia uma relação, porque eu queria saber sobre as ϟϟ e meu tio, de quem não conhecia sua existência, havia sido militar alemão. E das ϟϟ!

Renunciei a busca uma explicação e me concentrei na noite de 21 de Janeiro, quando ocorreram os fenômenos narrados. A partir de então, como já disse, e se pensava nisso era somente com a finalidade de analisar a forma em que dois acontecimentos de distinta ordem. Um, minha experiência mística, outro, o movimento telúrico, se ligavam. Porque para mim não restava dúvidas que uma relação não causal, sincronística, existia entre ambos os fenômenos. Que estava em um caso similar ao assassinato de Belicena, quando o assassino, num ato de demente orgulho, deixa provas irrefutáveis de um Poder terrível.

Em 21 de Janeiro, a Matéria, exaltada comigo, estala em um terremoto de singular violência simultaneamente com uma experiência mística em que ambos os acontecimentos se confundem alucinadamente, dando a sensação de estar vinculados causalmente. Seu eu assim acreditava, me sentiria tentado a pensar que minha própria psique desatou os "fenômenos sísmicos" e essa seria a derrota moral de meu Espírito.

Isto é justamente o que Alguém, o Autor do sismo, desejava que eu cresse para, dessa sorte, perder-me. E esta cilada colossal, é outra demonstração de infernal orgulho e arrogância.

A tentação de "dominar os fenômenos" é um dos erros primários em que caem os que buscam abrir-se para uma via do Espírito. Os únicos fenômenos que realmente importam para uma elevação espiritual são os que ocorrem pessoal e qualitativamente, não transferíveis nem comunicáveis. Os fenômenos concretos, de percepção coletiva, levam o selo de quantitativo e material; é duvidoso, por outra parte, que possam produzir-se por um ato de vontade.

Sobre isto, a pessoa não especializada é vítima de uma informação intencionalmente confusa. Mas eu, na qualidade de médico psiquiatra, estava familiarizado com toda a classe de atos fenomênicos derivados de patologias ou de crises histéricas. Nos Hospitais neuropsiquiátricos é comum, mas obviamente pouco difundida, a manifestação de fenômenos desse tipo. Podem observar-se, em certos casos, fenômenos parapsicológicos ocorridos em relação com um ou vários enfermos. Estes fenômenos, muito atrativos para o profano, não contam com um adequado fundamento científico e esse fato é a principal razão de seu ocultamento. São de diferentes tipologias: elevação de um objeto sem uma força evidente que o sustente (***levitação***), deslocamento de objetos (***telecinese***), aumento do brilho dos objetos na cela do enfermo ou mudança no tom das cores (***cromação***), aparição de objetos desconhecidos ou desaparição de outros (***aporte de matéria***), etc.

Vale dizer que todos esses fenômenos são suscetíveis de verificação coletiva quando se apresentam, mas completamente irreproduzíveis em condições de estudos em laboratórios. Isto se deve principalmente a que os "responsáveis" de tais fenômenos estão loucos e geralmente são inconscientes das alterações que produzem.

O que torna incompreensível a tal fenômeno, é sua aparente contradição às leis naturais, mas admite-se entre os meios acadêmicos e científicos que uma melhor "compreensão da natureza" (isto é: um maior progresso na Ciência) trará, justamente, a

solução a estas questões. Confia-se, então, que a "ciência" dará as soluções à contradições da "ciência", proposição que é logicamente inconsistente e chega a ser até ridícula.

O cerne está em que fenômeno tais como a mencionada telecinese, apresenta-se falhos à lei da causalidade. Esta lei diz que "a todo efeito (fenômeno) lhe corresponde uma causa que o origina". Na telecinese, por exemplo, o objeto se move como se atuasse uma "força de ação à distância" (do tipo da gravidade ou o magnetismo) sem que, até hoje, se tenha comprovado a ação de alguma força. Ou seja, "move-se como se atuasse" uma força, mas não atua nenhuma força. Diz-se então que "falha a lei de causalidade" porque o efeito não tem causa que o origine e, consequentemente, nega-se a existência do efeito (fenômeno) para "salvar" a lei da causalidade.

O mais certo seria aceitar que se desconhece o vínculo (a lei) que une causa (enfermo) e efeito (o objeto deslocado).

Na Psicologia Analítica, desenvolvida por C. G. Jung, ensina-se uma teoria muito atraente para salvar estas dificuldades e as que surgem do caso comum dos homens que, estando separados cultural, geográfica e temporalmente, sem nenhum vínculo comprovado entre eles, tem idéias idênticas ou análogas. Atuaria aqui um "Princípio de Sincronia" desconhecido pela Ciência, devido a sua incorreta compreensão de Tempo.

Convém recordar, a este respeito, o que disse C.G. Jung em "O Segredo da Flor de Ouro": "***Há alguns anos me perguntou o então presidente da British Anthropological Society como eu poderia explicar que um povo espiritualmente tão elevado como o chinês não tivesse materializado nenhuma Ciência. Repliquei que isso deveria ser muito provavelmente uma ilusão de óptica, pois os chineses possuíam uma "Ciência" cujo Standart Work era precisamente o I-Ching, mas que o princípio desta Ciência, como outras coisas na China, é por completo diferente de nosso princípio científico. A ciência do I-Ching, em efeito, não repousa sobre o princípio de causalidade, senão que sobre um, até agora não denominado – porque não surgiu entre nós – que a título de ensaio é designado como Princípio de Sincronicidade. Minhas explorações dos processos inconscientes, me obrigaram, desde muitos anos, a ver em torno de mim em busca de outro princípio explicativo, porque o de causalidade me parecia insuficiente para explicar certos fenômenos notáveis da psicologia do inconsciente. Achei em efeito, que há fenômenos psicológicos paralelos que não deixam em absoluto relacionar causalmente entre si, senão que devem achar=se em outra relação do acontecimento. Esta correlação me pareceu essencialmente dada pelo fato da simultaneidade relativa, daí a expressão sincronicidade. Parece, na realidade, como se o tempo fosse não algo abstrato, mas um contínuo concreto, que contém qualidades ou condições fundamentais que se podem manifestar, com simultaneidade relativa, em diferentes lugares, com um paralelismo causalmente inexplicável como, por exemplo, em casos da manifestação simultânea de idênticos pensamentos, símbolos ou estados psíquicos. Outro exemplo seria a simultaneidade destacada por R. Wilhelm dos períodos estilísticos dos chineses e europeus, que não podem ser causalmente relacionados entre si***".

Este era o pensamento do prestigiado Psiquiatra C. G. Jung sobre o tema que me ocupava. Com seus conceitos, a aparição de dois fenômenos idênticos (idéia comum a

duas pessoas), separadas pelo espaço, dependerá de um Arquétipo coletivo (***causa***), e a simultaneidade (***sincronia***) dos acontecimentos fenomênicos.

Para interpretar o principio de sincronia, é preciso ter presente um conceito chave de a Psicologia Analítica: o de "Inconsciente coletivo". Este conceito permite manejar de maneira mais real aos Arquétipos, que não são já seres estáticos como as Idéias de Platão, mas entes dinâmicos de poderosa força anímica, suporte e sustentação dos Mitos que influem inconscientemente na conduta do homem.

O conceito de inconsciente coletivo tem sido resumido por Jung na mesma obra citada: "***...assim como o corpo humano mostra uma anatomia geral por cima e além de todas as diferenças raciais, também a psique possui um substrato geral que transcende todas as diferenças de Cultura e Consciência, ao que se designa como o Inconsciente Coletivo. Esta psique inconsciente, comum a toda a Humanidade, não consiste meramente em conteúdos capazes de chegar à Consciência, mas em disposições latentes a certas reações idênticas. O fato do Inconsciente Coletivo é sensivelmente a expressão psíquica da identidade, que transcende todas as diferenças raciais, da estrutura do cérebro. Sobre tal base se explica a analogia, e até a identidade, dos temas míticos e dos símbolos, e da possibilidade da compreensão humana em geral***".

Convém agora, à luz do exposto, extrair uma importante conclusão: se bem a Psicologia Analítica permite interpretar os fenômenos sincronísticos, ninguém tem seriamente afirmado jamais que ***fosse possível exercer alguma forma de controle sobre eles***. Esta classe de fenômenos, muito vistosos ou atraentes para o profano, corresponde ao mais baixo em uma escala de valores da experiência transcendente. Como que se prestam sempre em relação a pessoas altamente perturbadas, esteja ou não no manicômio.

Em geral, acredita-se que a disciplina de funções orgânicas ou psíquicas outorga certo tipo de Poder sobre os mencionados fenômenos. Esta crença bebe em duas fontes: a ignorância (ingênua) e a desinformação (produto da Estratégia Sinárquica). Há ignorância na crença popular dos "milagres" que acompanham as atividades de Santos e Grandes Místicos de que são realizados a mercê de um "poder" que estes teriam ou que havia sido outorgado por uma Deidade. Na verdade, os "Santos" jamais dizem tal coisa, manifestando, em compensação, que os milagres são "feitos por Deus" ou admitindo como máxima concessão, de haver sido veículos de uma "Graça" ou de uma "Força" superior que os transcendia.

Naturalmente, existem membros da Sinarquia, considerados também "Santos", "Místicos", "Gurus", "Mestres", etc., que tem afirmado ***"a busca do Poder como fim da prática de certas disciplinas, tais como a meditação transcendental", "yogas", "orações ou mantras", etc***. Mas é possível suspeitar de imediato sobre os verdadeiros fins ocultos que perseguem ditos agentes satânicos. Pelo contrário, os Iniciados Hiperbóreos, ***quem são realmente "Santos"*** – agora podia distingui-los bem, depois de ler a carta de Belicena Villca – sempre tem ***orientado*** a seus discípulos para que se libertem dos laços que seu Espírito Não Criado mantém com a Matéria Criada.

A desinformação obedece a um fim sinárquico e, quem são vítimas dela, crêem cegamente que exista "Escolas Esotéricas" onde se ministra um ensinamento "secreto" que acaba por transformar o neófito – ao cabo de umas tantas ***lições em fascículos*** – em um Krishnamurti versão ocidental. Mas. O que a desinformação apresenta como

Escolas Esotéricas, são na realidade "Escolas Exotéricas", cuja finalidade inconfessável é a captação de adeptos.

Todas estas Escolas Exotéricas pretendem possuir o segredo dos Grandes Mistérios da Antiguidade que oferecem "revelar" aos incautos, se estes se ajustam a uma ***regra interna*** que invariavelmente exige como ***primeira prova*** a "obediência cega" e a "fé" nos ***Mestres Desconhecidos*** da escola. O ensinamento que vão apresentando ao candidato a Guru, não pode ser mais misterioso já que sua base é o plágio de distintas Tradições Antigas embasadas ecleticamente em uma suposta "Doutrina Oculta" (que só o é pela impossibilidade de "descobrir" alguma Verdade nela). Os Grandes Mistérios da antiguidade (Pérsia, Índia, Grécia, etc.) deixaram um sedimento de Mitos e Símbolos Sagrados – com mais freqüência opostos que coincidentes – aos que somente uma Alma medíocre e mal intencionada (um Píraco, vamos!) intentaria unir em um sincretismo moderno.

Advertir-se-á que, durante aquela viagem a Santa Maria, um sentimento de feroz crítica cultural se havia instalado em meu coração e ameaçava fracionar e amputar definitivamente os últimos restos de racionalismo que ainda possuía. Sentia-me vazio por dentro, mas me achava pronto a aceitar uma Verdade que substituísse toda a "inútil informação" enciclopédica que havia assimilado em anos de estudo. Que valor teria aquele pomposo saber acadêmico se não me serviria para afrontar e resolver as situações misteriosas que me envolviam metafisicamente? Nenhum! Encontrava-me, pois, pronto a desembaraçar-me daquele lastro para receber a ansiada Verdade. Uma Verdade que consistia, e jamais havia estado tão seguro antes da realidade de uma coisa como deste enunciado, ***na Sabedoria Hiperbórea***. Em efeito para mim, agora, ***a Verdade era a Sabedoria Hiperbórea***, cujos alcances apenas vislumbrados na carta de Belicena Villca.

Por momentos me invadia uma raiva surda, que era a sua vez uma censura pessoal, uma espécie de reclamação que meu eu atual, estranhamente transmutado, realizava implacavelmente ao Dr. Arturo Siegnagel dos anos de busca, a meu passado, que tão ingenuamente havia acreditado que o ***progresso*** era uma conseqüência ***lógica*** da ***educação***. Em uma época havia aceitado, quase sem pensar, que uma lei de ***evolução*** permitia à Alma expandir-se a partir de certas pautas da vida. Acreditava que "seguir determinadas regras de retidão moral" e afrontar a vida com um critério positivo redundaria inevitavelmente num ***bem*** interior. – Sim, essa era a chave do progresso. Viveria de acordo a uma "filosofia transcendente", adotaria um "modelo de vida" religioso, à maneira dos orientais e, no porvir da busca, da instrução, da ascesis, o ***progresso***, inevitavelmente sobreviria pela "***evolução***". – Essa havia sido minha escolha e agora, ao compreender que todo o raciocínio estava errado, que nada havia ganhado por anos de disciplina e sacrifícios inúteis, sentia como a raiva me invadindo e também uma censura imponente me arrancava gemidos desolados.

E que todo raciocínio estava errado se via claramente na carta de Belicena Villca. A lei de evolução existia e regia, e facilitava o ***progresso*** da Alma criada, de acordo com o plano do Deus Criador. Mas nada tinha a ver tal lei, e nenhum "progresso" se obteria por sua intervenção, com o Espírito Não Criado. Lembrava com horror as palavras do Imortal Birsa: "***a Alma do homem de barro, criada desde o Princípio, começou a evoluir até a Perfeição Final***". Ao que parece, aquela evolução "era muito lenta" e os Deuses Traidores, para acelerá-la, realizaram a prodigiosa e infernal "façanha" de aprisionar o Espírito Não Criado ao animal-homem ou "homem de barro"; toda a Raça

Hiperbórea, que era Não Criada, que procedia de "fora do Universo criado", do mesmo Mundo de onde viera o Criador, ficou então ligada à ***evolução*** do animal-homem e à ***evolução*** em geral, ao ***progresso no Tempo imanente do Mundo***. Segundo a Sabedoria Hiperbórea, o Espírito deveria livrar-se da prisão da matéria evolutiva, isolar-se da lei de evolução, e empreender o Retorno à Origem. ***Ali estava a Verdade buscada***. De certo que meu Espírito se agitava pelo efeito de uma intuição certeira: ***essa Verdade, capaz de brilhar para o Espírito com uma Luz Não Criada e inextinguível, deveria ser conquistada em uma luta de dimensões sobre-humanas, durante a qual seria necessário exibir uma determinação incalculável***.

Que existia u Inimigo, contra o qual deveria travar semelhante luta, um Inimigo que "cortava o caminho para a Origem", isso o sabia com certeza desde a noite de 21 de Janeiro. Mas as reflexões precedentes, e a intuição que mencionei, me permitiam compreender agora que os erros passados provinham de minha ***debilidade estratégica***, de haver cedido ingenuamente ante a Estratégia inimiga. E esta Estratégia, que sem duvida afeta a ***todos*** os planos da atividade humana, e ainda as mais desconhecidas esferas psíquicas, é aplicada no campo da Cultura por intermédio de um Sistema de Controle de características colossais. Como disse Belicena Villca: "a Cultura é uma arma estratégica da Sinarquia". Tal Sistema de Controle é o encargo de fomentar a confusão e o engano era, portanto, o responsável da cilada na qual eu havia caído. Porque se eu fui enganado, se eu participei da Estratégia inimiga, isso ocorreu por ignorância ou "debilidade estratégica", por desconhecer a natureza, e ainda a existência mesma, do Inimigo. Jamais poderia ter colaborado conscientemente com os planos sinárquicos, jamais poderia haver sido comprado pela Fraternidade Branca, tal como se tentou a integridade espiritual do heróico Nimrod. Em síntese, se eu cedi, em tempos passados, frente à pressão de enganos da Estratégia inimiga, isso se devia a que então me encontrava adormecido, espiritualmente adormecido. Mas agora havia despertado, graças a carta de Belicena Villca e ao rapto espiritual de 21 de janeiro, e a prova estava, justamente, na determinação inclaudicável de lutar até o fim, contra todos e contra tudo, para regressar à Origem e libertar meu Espírito Eterno de sua prisão material. Sim, eu havia despertado graças a Belicena Villca, mas agora era capaz de formular conclusões próprias sobre o modo de atuar do Inimigo, quem teria no fundo o alcance de um Demiurgo. A Sinarquia, expressão de Seu Poder entre os homens, conformava um formidável leque de Organizações e Sociedades Secretas impossíveis de detectar completamente, e em meio deste desdobramento ofensivo me encontrava, até ontem, no mais ignorante dessas realidades, vítima fácil para a Estratégia Inimiga. Porque ainda que se me escapava, como é natural, a totalidade do Plano Demoníaco, via com bastante clareza as táticas aplicadas no campo da Cultura. Os "sincretismos modernos" que mencionava anteriormente obedecem a essa vontade de engano que demonstra a Sinarquia em todas suas Sociedades Secretas. E a idéia de ***progresso evolutivo*** da Alma, pelo "Karma", a "vida reta", ou qualquer via semelhante de expiação, é apresentada desde a ***base*** das Doutrinas Secretas Esotéricas, ou os meros Sincretismos religiosos, como uma verdade tão evidente que somente um nécio se atreveria a duvidar dela. Fora da religião, a mesma idéia vem invadindo a maioria das disciplinas "científicas" ou "humanísticas". É instrutivo, por exemplo, comprovar com que habilidade os agentes sinarcas vem impondo conceitos geométricos para induzir interpretações teleológicas da História: com um rigor racionalista admirável, definem arbitrariamente uma ***trajetória***

geométrica para o ***progresso da Humanidade*** e logo ***projetam*** esta figura sobre a História, estabelecendo associações, analogias e coincidências, na maioria das vezes tendenciosas e intencionais. O ***progresso*** pode seguir assim uma trajetória ***circular*** ($r^2=x^2+y^2$), ***parabólica*** ($y=x^2$), em ***espiral*** ($\rho=\alpha\theta$), em ***ciclos*** (y=sen x), ***uniforme*** (y=x), ***exponencial*** ($y=e^x$), etc., procurando forçar a Historia para que se ajuste e corresponda à forma de tais funções, "confirmando" desse modo a teoria ou dogma oficial da seita sinárquica.

A utilização da Geometria Analítica na interpretação religiosa da História não deve surpreender: "***Deus geometriza***" afirmam alguns notórios sinarcas, "Deus ***é o Grande Arquiteto do Universo***", sustenta outros; mas, em geral, todos sustentam que a intenção do Deus Uno é que o homem, e a Matéria, o Mundo, Tudo ***evolua***. Esta é uma das chaves do racionalismo subjacente nas mencionadas "Doutrinas Ocultas". Porque ***evoluir*** significa devir na História de acordo a uma certa ***lei. "É a lei de evolução a que imprime ao progresso humano uma trajetória geométrica***", postula a Sinarquia. Mas, sendo assim, qual é o benefício esotérico que obtém a Sinarquia ao impor ***culturalmente*** o evolucionismo, inclusive esotérico, em qualquer de suas variantes geométricas? Muito simples: se todo o mundo crê que o homem evolui, que a Sociedade evolui, que o Universo evolui, que o pregresso responde a uma lei, aceitará sem chiar que ***o futuro está determinado pela lei da evolução***. Isto implica que, para o bem de um ***futuro melhor***, se podem exercer certos controles no presente. Ou seja, "***deixemos que quem conheça as leis, controle hoje a Sociedade, para termos amanhã um futuro melhor***". Vã utopia, quem conhece as leis senão os Mestres da Sabedoria da Fraternidade Branca, além dos Sábios de Sião? Agora tudo se esclarece; a finalidade da Sinarquia é o Governo Mundial e, naturalmente, prepara seus quadros dirigentes com uma infra-estrutura de doutrinação bem montada, enquanto a humanidade, convenientemente desinformada, espera os "Homens do Destino" que controlem os impulsos do poder e "planejem" para o futuro. Esta é a realidade que palpita atrás de uma Escola Exotérica e que os incautos, fanatizados e deslumbrados pelo sincretismo tão vistoso como oco e racionalista, não podem advertir.

Por outra parte, cabe advertir que os sincretismos se concretizam quando os homens tenham perdido a capacidade de perceber o Mito em toda a sua pureza simbólica. Esta perda é uma grave lesão na capacidade do pensamento metafísico, análogo, se preferir, a uma perda da visão ou cegueira. Por analogia se fala da Idade das Trevas: perder a visão, não enxergar, é o mesmo que "ver" tudo negro.

Existem textos sobre a Doutrina ocultista que parecem possuir boa fundamentação filosófica e científica; mas também existem falsificações dos quadros de Leonardo Da Vinci, tão perfeitas que resistem ao exame de prestigiosos peritos. E é claro, tanto em um como em outro caso, a qualidade da fraude depende da habilidade do falsificador. No caso esotérico, por desgraça, os falsificadores têm alcançado um alto grau de destreza: os fazem muito bem "preparados" para sua missão, donos de uma grande "Cultura geral". Tomemos, por exemplo, escritos "esotéricos" tais como H. P. Blavatski, Rudolph Steiner, René Guenon, Max Heindel, etc., e comparemos a miscelânea de teosofismo que sustenta qualquer um deles com a elementar simplicidade dos símbolos metafísicos da Sabedoria Antiga. O que surge nesta comparação? Que não podemos ler um símbolo (ver sua verdade) e sem podermos ler um livro sobre o símbolo, que não nos revelará o sentido do mesmo, mas nos divertirá com descrições e

associações múltiplas, suscetíveis de interpretação racional, que nos criaram a ilusão de uma compreensão e um progresso, tal como convém à Sinarquia.

"Existe um daltonismo sensorial e um daltonismo gnoseológico", escreveu uma vez o grande epistemólogo Luciano Allende Lezama. Pode-se agregar que "existe também um daltonismo semiótico": é do que padece quem não pode ver a verdade de um símbolo e que deve ser sanado previamente à busca de um "Conhecimento Oculto". Para não ser enganado. Para não ser usado pela Sinarquia.

Sem uma visão clara do simbólico e um adequado discernimento moral, é impossível chegar ao conhecimento da Sabedoria Hiperbórea, a que, por outra parte, não está nas Escolas Exotéricas. A falta dessas virtudes, ou, o desprezo pelas mesmas, leva ao adepto-daltônico à busca de "fenômenos" e de Poder, a seguir disciplinas "orientais" sem compreendê-las ou a ceder à fascinação de "investigações científicas" em parapsicologia (Karma Kirlian, psicobioenergética, e outras farsas).

O perigo está em que tais Escolas "Ocultas" (com Licença Jurídica, Razão Social e telefone) não vacilam em prometer, a pessoas de duvidosa capacidade espiritual, mas úteis a seus planos, todo tipo de Poderes e "experiências libertadoras". Evidente: o progresso virá "logo", depois de umas quantas "Iniciações", "progredindo" nos "graus internos".

"Não se ajuda a um pobre – disse C. G. Jung – ***com que lhe ponhamos na mão uma esmola mais ou menos grande, apesar de que assim o deseje. O ajuda muito mais, quando lhe ensinamos o caminho para que, mediante o trabalho, possa libertar-se duramente de sua necessidade. Os mendigos espirituais de nossos dias estão, por desgraça, excessivamente inclinados a aceitar em espécie a esmola do Oriente, ou seja, a apropriar-se sem refletir das posições espirituais do Oriente e imitar cegamente sua maneira e modo"***.

Todos estes raciocínios me levaram a uma conclusão: em quem busca Poder fenomênico parapsicológico – ***taumaturgia*** – há sempre um ignorante ou um desinformado. Em quem promete outorgá0lo, somente pode haver uma vontade perversa. Daí que tivesse decidido considerar "coincidência sincronística" a qualquer possível relação entre o rapto espiritual do dia 21 de janeiro e o tremor simultâneo. Podiam estar tranqüilos em Valhalla, Belicena Villca e todos seus antepassados da Casa de Tharsis, e os Deuses Libertadores, e todo aquele Ser espiritual que observasse minha conduta! Para mim, o fim da visão mística assinalava o fim da experiência transcendente: ***nem eu dispunha de um Poder que operasse sobre a Matéria, nem desejava tê-lo. As Potências da Matéria não haviam conseguido enganar-me desta vez e, possivelmente, nunca voltariam a tentá-lo***.

Estas reflexões eu fazia enquanto passavam os quilômetros velozmente e Salta se abria generosamente em seus vales e quebradas. "***Entre zonas coloridas e eretos picos, se sucedem as costas com exuberante vegetação e emolduradas por rochas de agreste aparência, algumas famosas como a do Bispo, um sopé verdadeiramente chamativo por seu desdobramento e variedade de motivos***", li no mapa que havia adquirido em Cerrillos. Já me encontrava próximo a Cafayate, onde planejava almoçar e comprar umas lembranças, especialmente o fabuloso vinho da zona. Quando se realizavam viagens improvisadas, como a que eu empreendia, por Províncias ou regiões de extrema pobreza, convém levar sempre algo comestível. Um litro de bom Torrontés ou uns alfajores podem abrir portas impossíveis, controles fronteiriços e

salvar toda classe de dificuldades. Entrei em Cafayate e depois de realizar algumas compras numa casa de artigos regionais, estacionei em frente a Praça Liberdade para almoçar num restaurante que prometia desde um bizarro "cardápio do dia: Empanadas e Picante de Frango".

Capítulo X

Às 14h30min me achava novamente a caminho, rodeando o arroio das Conchas e disposto a empreender a segunda parte da viagem a Santa Maria. A terra estava seca pois ao que parece há tempos que não chovia e o vento era suficientemente forte para que este trajeto fosse por demais lento. .

Duas horas depois só havia percorrido 70 km. e resolvi cruzar o meio do povoado de Calalao del Valle, pois o caminho continuava pela rua principal. Este povoado se encontra na Província de Tucumã, na metade do caminho que atravessa a fenda geográfica que um mal traçado de limites legou ao mapa atual. Tem umas vinte quadras de largura por quatro ou cinco de largura. Enquanto atravessava, observava a mesma síndrome de mil povoados e aldeias do Norte argentino: a decadência.

A pobreza é um mal endêmico por aqui, paradoxalmente, ricas Províncias, esquecidas pelo centrismo burocrático da Megalópole Buenos Aires, e pela desídia ou impotência dos governantes locais que têm as mãos atadas por um federalismo inexistente, além dos discursos oficiais. A pobreza é um mal que dói. Mas mais castigava ver a decadência, isto sem contemplar o que ontem foi esplendido exemplo transformado hoje em censurável visão.

Enquanto o carro ia pela rua de terra, olhava as casas de estilo colonial espanhol que hoje são sombras do que fora nos idos dias de esplendor. Caricaturas cruéis da esperança e fé de sues construtores.

- Quem edificou essas casas – pensava compungido – acreditou na Argentina, teve fé na América.

A demolição inexorável delas é a contundente resposta a essas ilusões.

Via-se que este povoado, como tantos outros, evoluiu até um apogeu que deve se situar em 50 anos atrás, e logo, sobrevindo um período de decadência durante o qual não se levantou uma parede, nem sequer se pregou um ladrilho. Janelas fechadas há anos, apodrecendo os marcos de madeira; paredes descascadas e leprosas, fachadas ruídas por mil inclemências do tempo e da Alma.

A decadência de uma comunidade urbana, de sua arquitetura, é um retrocesso que indefectivelmente se implanta na Alma dos moradores. E ali estavam eles, vendo-me passar com esse ar ausente, com essa contemplativa indiferença tão característica da América Indígena.

Porque neles se via descaradamente a decadência, nesses meninos descalços que me espiavam detrás de uma esquina; nesses olhinhos escuros e puxados, que me olhavam cândidos ao oferecer-me na janela uma tortinha de milho, mas que se tornavam desconfiados à menor pergunta. Que diferença apresentava este povoado, estas casas, estes moradores, estes meninos com seus equivalentes de outras partes da América; da Bolívia, do Peru, do Equador ou Colômbia? Nenhuma.

Nessa resposta radicava também a decadência, em que, pagando alto preço de isolarmos da América latina, cem anos de "Cultura Européia" não tem deixado nenhum rastro nestes crioulos esquecidos por todos. Não lhes demos nada distinto ao que receberam nos países mencionados. Não são nem mais nem menos civilizados que eles, apesar da crença no contrário que sustenta a Oligarquia Europeizante que dirige este país há cem anos.

Por isso uma explicação para a decadência gral que assola aos povoados de sangue americano, pode ser esta: em quinhentos anos da Cultura européia não tocou na Alma do americano porque, nem os que a implantaram, a sangue e fogo, nem os que a ensinaram beatificamente, acreditavam realmente nela. Se lhes substituiu às Raças americanas sua milenar Cultura, dinamizada pela ação de Grandes Mitos, pela Cultura materialista européia, carente de espiritualidade e transcendência. E a religião da América, que conservava a memória dos Deuses Brancos, foi proibida em favor da Doutrina ***racionalista*** do catolicismo: de agora em diante os nativos teriam que glorificar a história bíblica do Povo Eleito, adorar a um Deus hebreu crucificado do qual jamais ouviram falar, e ficariam fora da discussão teológica porque a nova religião já chegava pronta, acabada em suas fundamentações filosóficas. Se lá, na desconhecida Nicéia, um concílio havia decidido que Deus era tríplice, que poderiam dizer aqui os recentemente pagãos submetidos? E os que estavam aqui, acaso sabiam o que significava Dogma católico? Não, estes matavam e saqueavam ***em nome*** do Dogma católico que ninguém compreendia, nem ninguém se preocupava em explicar. Mas a riqueza se acabaria. Finalmente chegaria o tempo de criar nova riqueza, de produzir objetos culturais àqueles impérios evangelizados. E então, nesse mesmo momento, começaria a decadência. A Igreja ganharia com a conquista da América, destruindo sistematicamente todo vestígio de origem atlante das grandes civilizações, toda prova sobre a natureza extraterrena do Espírito do homem. E o espanhol, enlouquecido tal como profetizara a Grande Mãe Binah a Quiblon, derramaria de forma igual o sangue e o sêmen sobre os povos nativos. Desse Holocausto da Água sairiam os "Filhos do Horror", a população mestiça da América, homens como os que agora via ao passar por seus povoados decadentes. Homens culturalmente indiferentes, que se mostram decididos a não fazer nada. Se não vier um gringo com fé em algo, e voltar a levantar casas e povoados, eles não o farão. E tudo ruirá, aos pedaços, - vingança pueril, mas efetiva – como caiu suas Culturas ontem e como cairá amanhã a Alma do Ocidente se continuar a empenhar-se o divórcio do sangue da América.

Ao passar pelo Forte Queimado, não pude deixar de recordar que naquele lugar acampara Diego de Rojas quatro séculos antes, quando marchava em perseguição a Lito de Tharsis. Ele não conseguiu localizar a Púcara e Tharsy, apesar de internar-se em Tafi del Valle durante meses. No entanto, eu conseguiria? Creio que sim, pois as indicações de Belicena eram mui precisas e conseguiria chegar até a chácara, e que entrevistaria o índio Segundo, o insólito descendente do Povo da Lua. E o otimismo não me havia abandonado ao chegar a Santa Maria.

Ao cruza a ponte sobre o Rio Santa Maria, olhei o relógio: sete e meia da noite. Havia tardado cinco horas desde Cafayate e já estava escurecendo. Apesar da minha impaciência por chegar o quanto antes à casa de tio Kurt, havia decidido esperar a noite para cumprir com as promessas a minha mãe quanto a prudência e segurança.

Parei o carro em frente a outra casa de artigos regionais para adquirir os famosos produtos da região: o pimentão, a compota, as uvas passas e o vinho. Logo de ter pagado as compras me entretive perguntando ao vendedor sobre a Rua Fray Mamerto Esquiú. Assim soube que ia de leste a oeste, acabando o rio Santa Maria, que é um dos limites periféricos da cidade e corre de norte a sul.

- O número 95 – pensava – deve estar próximo ao rio, talvez na última quadra.

- Busca alguém na Rua de Esquiú?

Poderia ajuda-lo – me surpreendeu com sua pergunta o vendedor. Ah, a curiosidade caipira! Mas não me deixei impressionar.

- Sim, busco a uma vendedora de ponchos – menti – Em Salta me deram o endereço aproximado, pois não lembravam com exatidão.

- Uma vendedora de ponchos na Rua Esquiú? Hum... Não, lamentavelmente não conheço nenhuma vendedora de ponchos que viva lá... Mas, diga-me: que tipo de ponchos busca? Porque eu tenho um bom sortimento. A um bom preço...

Um tempo depois saia com minha compra original além de um poncho catamarquenho branco com bordas incas.

Pedi para o jantar um prato de segunda, mas que, segundo o vendedor de produtos regionais, preparava o melhor guisado de coelho do Vale Yocavil. Nem bem me sentei numa mesa separada, comprovei o acertado da escolha, pois este era um lugar freqüentado por vendedores e viajantes de comércio no que a ninguém surpreendia a presença de um forasteiro.

Achava-me saboreando a sobremesa, doce de "cayote" com nozes, quando um menino em farrapos se ofereceu para engraxar minhas botas.

Há uma idade - pensei com desalento – na infância, que todos os animais da natureza usam para brincar e saltar, protegidos por seus pais e demais membros adultos da comunidade. O ser humano, em compensação, não pode garantir a seus filhos o prazer de viver a mais bela idade como deve ser vivida: desfrutando da fantasia.

Por questão de princípios, detesto que meninos trabalhem com fins lucrativos e meu primeiro impulso foi negar o serviço; mas uma idéia me ocorreu nesse instante e estendi o pé direito em muda aceitação. Era um pivete de uns sete anos e indubitável ascendência indígena. Começou cobrindo de graxa as botas, para depois por meio de vigorosas massagens com um pedaço de lenço, tratar de dar o esperado brilho.

- Como se chama? – perguntei buscando ganhar sua confiança.

- Antonio Huanca, Senhor – respondeu depressa.

- Diga-me Antonio, vive perto daqui?

Levantou a cabecinha e me olhou com um gesto de interrogação nos olhos. No final, encolheu os ombros e apontou para um lugar indefinido e disse:

- Uuuf, bem perto, Senhor. Por ali, do outro lado do rio.

Vi que minha pergunta havia sido desafortunada. Devia tentar de novo, mas dessa vez sendo mais direto.

- Conhece a Rua Esquiú?

Ficou pensativo por um instante, mas logo se iluminou seu rostinho.

- Sim, Senhor, é a que está no final da cidade. Se for pela direita, vai encontrá-la quando acabar o asfalto. Justo onde termina o asfalto, está a rua Esquiú, sim Senhor.

Falava sem deixar de lustrar e nesse passo logo terminaria. Ma agachei um pouco a fim de falar sem levantar a voz e disse:

- Vou ver Cerino Sanguedolce, conhece?

Começou a rir enquanto parecia estar com água na boca:

- O doceiro? Quem não conhece a Dom Cerino, Senhor?

Esticou a cabeça e me disse em tom de confidência:

- Não conte para ele, mas eu e meus irmãozinhos sempre tratamos de lhe roubar uns potes de doce – disse aguado – não há quem os faça mais gostosos em Santa Maria. Hi...hi...hi...

Ria como um serelepe, festejando sua travessura. Enfim, um menino.

Tio Kurt é "doceiro" – pensei maravilhado. Pensei nesse momento que seria um tonto por não haver previsto, mas essa idéia não fazia sentido e deixei para lá.

O moleque terminou seu serviço e eu dispunha de informação suficiente para localizar tio Kurt. Paguei generosamente e ele foi a outras mesas oferecer seus serviços.

Um relógio de parede, pregado debaixo de um quadrinho com uma coleção de pontas de flechas, marcava as 21 h. Paguei a conta do jantar e saí.

A noite era fresca, mas o céu estava coberto de nuvens e não corria um sopro de vento. Retirei o carro e parti seguindo as instruções do engraxate.

À medida que me aproximava da Rua Esquiú, as casas iam espaçando e diminuíam em qualidade, até que no fim me encontrei num subúrbio de miserável aspecto, onde não só o asfalto terminava, mas também as luzes das ruas eram quase inexistentes.

Dobrei a Rua Esquiú onde o instinto me indicava que devia estar o rio e busquei em vão um sinal, um ponto de referência que me permitisse calcular a numeração.

Maldizendo por dentro a idéia de visitar de noite a tio Kurt, compreendi rapidamente que circulava pelo bairro formado por pequenas quadras de quatro ou cinco hectares cada uma.

No Noroeste Argentino as propriedades seguem todas a um mesmo padrão de construção: um retângulo de terra corretamente alambrado e uma sala (casa do dono) edificada a uma curta distancia da entrada. Podem existir variações ou agregados, mas este é o "tipo" geral, que eu conhecia bem, pois nossa propriedade em Cerrillos se adaptava ao mesmo esquema. Sabia então da inutilidade de chamar da entrada, dado que a casa está separada dela e aceitei inconscientemente o fato de que iria ter de hospedar-me em um hotel, para depois anunciar minha chegada.

O carro levava correndo uns cinco minutos pela Rua Esquiú que agora dava a inequívoca sensação de uma queda pronunciada. O rio devia estar perto, ainda que a poderosa luz alta de quatro quartzos perfurava as trevas, não conseguia distinguir nada além de vinte metros. Parei o carro e puxei o freio de mão, seria melhor procurar a pé.

Tirei do porta-luvas uma lanterna, cuja exígua luz era útil de vez em quando, e desci tomando o cuidado de fechar o carro para o caso de me distanciar do lugar. Um momento depois comprovava que tomara a decisão certa em estacionar o carro, pois há cinqüenta metros mais adiante, a rua se estreitava abruptamente e caia num barranco pronunciado sobre o Rio Santa Maria que corria abaixo, a uma distância de cem ou cento e cinqüenta metros. Se tivesse percorrido com o carro, me veria em dificuldades para contornar.

Estava, por fim, no começo da Rua Esquiú, não muito longe da vivenda do tio Kurt.

Isto me deu novo ânimo para tratar de orientar-me, algo que pelo visto, era bastante difícil.

A Rua Esquiú havia perdido suas veredas há várias quadras e, onde me achava agora, era só um beco de grossos cascalhos que se estendia até outro alambrado, sendo limite de desconhecidas propriedades. A leste estava o rio e, se esta era a última quadra, presumi que a morada de tio Kurt devia estar em um dos lados da rua, a poucos passos.

Explorei pelo norte que se compunha de uma fila de três fios de alambrados, até uma altura de um metro e meio, mas flanqueados em toda sua extensão por arbustos

perfeitamente podados em forma de pilar. Percorri uns cinqüenta metros sem achar nenhuma porta e deduzi que estava nos fundos de uma propriedade.

Tratando de acalmar a contrariedade que sentia por tão insólita situação, cruzei pelo sul e recomecei a busca. Esta propriedade estava melhor limitada, pois logo descobri uma grossa malha de alambrados que deixavam entrever um emaranhado de arbustos.

A noite se tornava impenetrável, reduzindo a ajuda da pequena lanterna, e por isso meu passo era torpe e vacilante, enquanto revisava palmo a palmo esse tenebroso trecho da Rua Esquiú. Quando já desistia de encontrar uma estrada nessa parede, eis que acontece um milagre: um enorme portão de ferro emergiu da escuridão quase no final da rua, a uns dez metros do barranco. Foquei o facho de luz da lanterna para dentro mas, tal como supunha, não vi nenhuma construção a não ser um caminho formado por dois pisos paralelos, que se perdia na escuridão. À esquerda se via uma cuidadosa plantação de uvas, pequenas e carregadas de cachos; à direita, uma infinidade de vegetais de uma sortida horta.

Voltei a revistar a porta, mas não achei campainha alguma; contudo, descobri dois anéis de aço, um na porta e outro no batente, espetadas por um pesado cano de ferro.

Desalentado, recostei contra o portão, tratando de tomar uma decisão. O mais razoável seria ir-me e voltar de dia, mas me paralisava a suposição de que houvesse peões ou familiares do tio Kurt, a quem lhe causaria estranheza a minha presença. Ficava a impossibilidade de persistir na busca noturna, entrando na propriedade, apesar do cadeado, se aquela fosse realmente a vivenda do meu tio.

Permanecia indeciso, abraçado ao ferro do portão, aguçando a visão em direção ao caminho de entrada, quando me pareceu ver fugazmente o brilho de uma luz. Foi por um segundo, mas suficiente para que renascesse a esperança de obter algum resultado essa noite.

Imaginei que a casa devia ficar distante da entrada, razão pela qual não chegava luz até o portão, interceptada, talvez, por árvores ou outros obstáculos. Não pensei mais e pulei pelas grades do portão. Salvo o contratempo de que uma parte do meu paletó "Safári" ficou nos ferros, pude entrar sem problemas. Uns segundos depois me via tranquilamente pelo caminho interior, seguindo com a lanterna as marcas de pneu. Andei uns cem metros, quando o caminho dobou bruscamente à direita e entrou entre um grupo de frondosas árvores. Nem bem fiz a curva e avistei, a uns trinta ou quarenta metros uma casa tipo alpino, de dois andares, com trechos de olaria a meia parede que contrastava com o branco da parte de cima e as negras madeiras das janelas e balcões. Contra a escuridão da noite se recostava fantasmagoricamente, sem que parecesse ter alguma luz acesa.

Esta visão em silêncio só interrompida pelo zumbido de insetos, contribuiu para me desanimar. Parei um instante e contemplei o imenso bloco da casa, rodeada por ramos de uns salgueiros gigantes que se balançavam ao compasso de uma suave brisa. Tive inexplicável desejo de deixar esse cenário irreal, mas me recompus e avancei em largos passos com a intenção de bater á porta para requerer a presença de meu tio Kurt ou Cerino Sanguedolce.

Foi então que o escutei.

Estava a poucos metros da casa quando senti vir pelas minhas costas, pela direita, um **som conhecido**... Era uma lamúria aguda. Um lamento muito especial que somente

podem reconhecer de imediato quem tenha experimentado a criação de cachorros. Pois esse queixume é a expressão de desejo de atacar que manifesta o cão, quando o amo lhe impede de fazê-lo.

Eu recordava que minha mãe havia trazido um pequeno gato para casa e, para evitar que Canuto o atacasse, decidiu faze-lo cheirar o gato enquanto o advertia com voz firme e lhe proibia de atacá-lo. Então, Canuto lutava, debatendo-se entre o instinto de matar e a obediência que devia a seus donos, e lançava uns gemidos que não expressavam dor, mas desejo contido de atacar.

Este tipo de queixa era o que escutada às minhas costas.

Cães! – pensei alarmado - como não notei a falta de cachorros? Que imbecil! Todas as vivendas têm cães. Mas... por que não latiram? Por que não estavam latindo?

Virei lentamente. O que vi me induziu a um súbito terror, paralisando-me no lugar em que estava. Dois pares de olhos verdes relampejaram na penumbra a poucos passos de mim. Eram olhos de animal, de cães talvez, mas creio que o pânico me fez tomar consciência de duas coisas: uma: o tamanho anormal dessas bestas, e outra, sua também anormal cautela. Porque era inconcebível que eu tivesse andado tanto pela propriedade sem que os animais emitissem nenhum latido e que me seguissem silenciosamente, quase se arrastando, até posicionar-se tão perto de mim que poderia tocá-los com a ponta do pé.

Tornou a se queixar uma das bestas com o claro desejo de saltar sobre mim. No momento em que me assaltava a certeza de que seu dono não devia estar longe, ouvi um silvo modulado de indubitável origem humana. Não tornei a me virar desta vez, pois os cães, ao ouvir o assobio, agiram como que estimulados e de um grande salto se arrojaram sobre a presa.

Apesar de estar quase paralisado de espanto, o instinto de conservação e vários anos de ***karatê***, me fizeram-me por em guarda. Mas somente para comprovar que aquelas feras gozavam de um particular adestramento pois, ao invés de morderem e buscar o pescoço como fazem os cachorros de combate, estes pareciam saber exatamente o que fazer: cada um se dirigiu a um braço e cravou neles seus dentes. Senti a carne lacerada e vi que as feras cerravam as mandíbulas sem intenção de soltar. O impacto do ataque me fez gaguejar, pois ambos pareciam pesar mais de 90 kg.; um segundo depois caí para trás enquanto sentia ranger o osso de meu braço esquerdo na boca do gigantesco cão. Pensei, enquanto caia, em várias táticas para safar-me dos cachorros: debateria-me, chutaria seus testículos, morderia...

- ***Crack*** - um só golpe em meu crânio e tudo se escureceu.

LIVRO QUARTO

"A História de Kurt Von Subermann"

Capítulo I

Corriam, corriam turbulentas as águas e me arrastavam sem que pudesse evitá-lo. Perto, envolta em um estrondo de ruído e espuma, a cascata absorvia torrentes de água como uma titânica garganta sedenta. Aproximava-me do abismo que rugia, via a margem, tratava de nadar inutilmente, mas a água me arrastava. No final, caia de cabeça na torrente. Era o fim. Estatelar-me-ia no fundo, contra afiadas rochas. Devia abrir os olhos, Devia abrir os olhos…

Fazendo um esforço supremo, abri os olhos, que foram instantaneamente feridos por um resplendor terrível. Piscava tentando acostumar a vista ao Sol, enquanto compreendia que me encontrava em uma habitação desconhecida. Olhava hipnotizado para a janela, ornada de cortinados brancos, enquanto pouco a pouco se dissipavam as brumas em que estava envolta a minha consciência.

A primeira coisa que me dei conta era a dor de cabeça, mais uma espécie de pressão cobre o couro cabeludo e a frente. Tentei levar as mãos à cabeça e uma nova dor me ativou o sistema nervoso. Quase não podia mover os braços, que estavam ambos, enfaixados até o cotovelo. O esquerdo era mais afetado e sensível que o direito, pois um pequeno movimento parecia um suplício; o direito, igualmente dolorido, aparentava estar em melhores condições. Com ele comprovei que havia uma bandagem que me cobria todo o crânio, até a testa. O movimento foi muito penoso, realizado por reflexo ao recobrar a consciência. Não obstante sua fugacidade resultou suficiente para alertar a pessoa que se achava sentada à direita da cama, em um ângulo tal que me impediu perceber sua presença de início. Era um homem enorme, de olhar agudo e voz estrondosa, que se aproximava de mim com gesto preocupado e... vociferando. Mais velho de que como o recordava desde aquela noite da minha infância, não havia mudado muito: era sem dúvidas, tio Kurt!

Seu semblante se mostrava abatido e sua voz pesarosa, dizendo incoerências:

- Meu único sobrinho e quase te matei. Derramei meu próprio sangue! Uma maldição caiu sobre mim. Oh, Deus, meu fim está perto, porque acrescenta esta desgraça a meus sofrimentos?

Você ficará bem, Arturo, meu filho, - continuava tio Kurt com voz dolorida – se recuperará. O ***Ampej*** Palácios te examinou e assegura que logo melhorarás. Como você poderá me perdoar, criatura?

Seguia tio Kurt gaguejando suas queixas e desculpas enquanto mantinha cravado em mim seu potente olhar azul.

Envolto em um torpor crescente, fazendo esforço por coordenar as idéias, reconheci naquele rosto crispado de meu interlocutor, as feições conhecidas de minha mãe.

Como tonto o olhava fixamente buscando algo para dizer, quando claramente escutei o som de um grunhido canino. Chegou a meus ouvidos vindo de fora da casa e tive a virtude de conseguir que as recordações se agrupassem em minha mente. A última que vi e senti quando explorava a vivenda de tio Kurt, se fez presente como uma avalanche arrasadora.

- O. o que... eram? – balbuciei tentando conter o terror que me sacudia todo o corpo. No rosto de tio Kurt se pintou uma interrogação.

- Como? – perguntou desconcertado.

- As... as feras – disse fazendo um esforço, pois sentia a língua inchada e dormente.

- Ah, os cães – deu-se conta tio Kurt – São cachorros do Tibet. Animais muito peculiares, autênticos cães. Talvez uma espécie que mereça esse nome. São animais extraordinários, capazes de receber um adestramento semi-humano – Involuntariamente abri os olhos horrorizado e tio Kurt, ao notar, se desculpou aflito.

- O que aconteceu com você foi um acidente. Um incompreensível acidente do qual somente eu sou culpado. Os cães te atacaram porque eu ordenei. Oh, Deus! Só eu sou responsável do maior crime! Derramei meu próprio sangue!

Começou tio Kurt a repetir as incoerências anteriores enquanto eu ia caindo suavemente na inconsciência. Os olhos se me fechavam escutando a quem eu viera visitar com tanta ilusão, transformado em personagem de uma tragédia grega. E por minha imprudência e imprevisão!

Logo eu também me senti culpado, o coração me apertou; tentei dizer alguma desculpa, mas a salvadora penumbra eclipsou minha mente, sumindo-me num sono profundo.

Tratarei de abreviar os detalhes de minha infortunada intromissão na vida de tio Kurt. Será uma concessão em favor de outros dados que desejo por à disposição do leito, para melhor interpretação desta estranha história. Pois, se alguém pensa que tudo o quanto me havia passado até ali era mais que suficiente para cobrir uma cota os fatos misteriosos, lhe direi que está equivocado. A esta aventura faltam partes importantes, diria que recém iniciava, e se as "casualidades" notáveis me haviam perseguido até então, o que viria depois não deixava por menos. Porque tio Kurt tinha uma história para contar. Uma história tão estranha e insólita que considerada em si mesma, tornava-se inacreditável, mas que Eu devia tomar com bastante respeito, já que "essa" história era parte de "minha" própria história. Mas não nos adiantemos. O dia em que abri os olhos, e vi pela segunda vez em minha vida tio Kurt, era o seguinte à noite de minha desafortunada incursão pela propriedade. Havia umas quinze horas que

permanecia inconsciente ante o desespero de tio Kurt, que temia ter-me deixado alguma lesão cerebral grave.

O golpe, acertado com a culatra de uma pistola ***Luger***, havia sido contundente e, segundo tio Kurt, devia agradecer a salvação a anormal dureza de minha cabeça ou a um milagre.

Por que dessa segurança? Porque ele havia me golpeado com muita força; segundo suas palavras, suficiente para matar o intruso. Esta violência se devia a que tio Kurt esperava um atentado, um ataque de um momento para o outro.

Tinha motivos para crer nisso, como se verá, e o azar – ou outra causa – quiseram que eu tivesse a malograda idéia de fazer uma visita noturna muito suspeita.

Num primeiro momento, depois de certificar-se que não havia mais intrusos, tio Kurt me arrastou até a casa e se entregou à tarefa de revistar meus bolsos em busca de armas e elementos de identificação. Com a surpresa que é de supor, achou a Cruz de ferro – sua condecoração – a carta de minha mãe e os documentos e cartões que provavam devidamente minha identidade.

Segundo tio Kurt, teria se suicidado ali mesmo se não fosse o fato de que inexplicavelmente eu ainda respirava. Sua primeira reação foi buscar ajuda, mas, consciente da irregularidade da situação, decidiu ser sumamente cauto, a fim de evitar a intervenção policial. Por esse mesmo motivo, seria inconveniente recorrer a um médico desconhecido que poderia pô-lo em apertos.

Devo dizer que tio Kurt não havia se casado, e que vivia só na casa, assistido por um matrimônio de velhos e fiéis índios que habitavam numa pequena casa contígua. À parte deles, nunca moravam ali menos de dez peões – para atender as vinhas e a pequena fábrica de doces e compotas – mas estes ocupavam um barracão separado de trinta metros da casa e não eram de confiança.

Ao velho mordomo, de nome ***José Tolaba***, chamou tio Kurt, desesperado, golpeando a janela de sua casa.

- Pepe, Pepe.
- Sim, Dom Cerino – respondeu o velho com presteza.
- Venha logo, Pepe. Aconteceu uma desgraça – gritou tio Kurt.

Ainda que só tivesse chamado ao velho, cinco minutos depois apareceram Pepe e sua mulher, pois pelo tom do chamado, supuseram que algo grave se passava.

A velha Juana se benzia constantemente enquanto tio Kurt e Pepe transportavam meu corpo exânime até um sofá da sala de estar, já que os dormitórios se encontravam no piso superior, escada acima.

Perdi um pouco de sangue por causa de u profundo talho na altura do occipício, mas o mais impressionante era, sem dúvida, a forma em que os cachorros me destroçaram os antebraços. Tio Kurt deixou os velhos para que lavassem as feridas e me cuidassem e partiu em busca do Ampej Palácios.

Tirou da garagem um reluzente Jeep ***Toyota*** - adquirido nos tempos da "prata doce" – e partiu velozmente, notando ao sair, a presença do Ford a poucos metros do portão.

A hora era intempestiva para buscar a qualquer médico, mas não para o Ampej Palacios.

Esta personagem que não é de ficção, mas merecia sê-lo, é um médico índio mundialmente famoso por seu domínio de kinesioterapia. Já velho nestes anos, ainda atende em seu humilde consultório sem ser molestado por ninguém, pois seu prestigio é tão grande como a fortuna que alcançou graças às dádivas que generosos como abastados pacientes fizeram depositando em suas mãos. O Ampej Palácios tem feito caminhar a homens e mulheres paralisados por anos, mover pescoços tesos como um obelisco e endireitado tantas colunas vertebrais desenganadas por traumatologistas de todo o mundo, que ficaria difícil de acreditar se não existissem para prová-lo os laudos médicos.

Estes laudos são uma segunda fonte turística para Santa Maria, pois ali diagnósticos e pessoas de todo o mundo chegou até Ampej Palácios em busca de uma esperança. Ricos e pobres, leigos e médicos, nobres e plebeus, todos assinam em seus livros para testemunhar a sabedoria do Ampej. Aqui não há magia nem feitiçaria, mas pura e simplesmente Sabedoria Antiga, que dinastias de Ampej diaguitas têm conservado e transmitido de pais para filhos. Hoje, os filhos de Ampej Palácios são Médicos graduados na Universidade de Salta e especializados em Traumatologia! Seguem assim a tradição familiar e praticam com êxito um conhecimento mil vezes mais antigo que a Ciência materialista do Ocidente.

Acompanhado do Ampej Palácios, voltou tio Kurt meia hora mais tarde. Este que é um velho corpulento de grossos bigodes brancos e mãos tão grandes como um sapato, se entregou a revisar minha cabeça e braços.

- A cabeça não está podre – afirmou o Ampej dês minutos depois – mas terá de esperar umas horas para saber se não tem lesão no cérebro. O braço esquerdo está podre, tem de por gesso; o direito tem o osso bom, mas a carne está muito lastimável.

- Olha Cerino – continuou o Ampej – não creio que seja grave, mas tem de costurar a cabeça e o braço, e dar antiinflamatório e antibiótico. É muito para mim, que só conserto ossos; mandar-te-ei um assistente que está de plantão. É doutor e te atenderá melhor.

Uma hora depois chegava o Dr. Palácios resmungando, pois devia viajar a Salta às 5 h., e o haviam acordado a 1 h.

Entregou-se em cheio a sua tarefa administrando varias injeções, dando pontos nas feridas do braço direito e esquerdo e engessando o esquerdo.

O talho da cabeça ele fechou, depois de desinfetar a área com uns ganchinhos de plástico.

- Garante que os cães não estão raivosos? – perguntou com desconfiança o filho do Ampej.

- Posso garantir – afirmou tio Kurt horrorizado – Morderam porque eu ordenei, são animais muito domesticados e me obedecem cegamente. Jamais atacariam a ninguém por si mesmos.

Meneava a cabeça o Doutor enquanto murmurava algo sobre as dúvidas que abrigava sobre a mansidão dos cães do Tibet.

Três horas depois se ia o Dr. Palacios e tio Kurt, depois de pegar as chaves que tirou do paletó, entrou no carro e o estacionou na vivenda, em sua garagem.

No segundo dia tentei levantar-me, pois me vi num momento em que não havia ninguém no quarto. Senti, então, uma terrível fraqueza e um enjôo tal que quase cai no chão. Fiquei sentado na beira da cama, contemplando, com curiosidade, o lugar em que me achava.

Era um quarto sobriamente mobiliado, com jogo de dormitório de nogueira talhada e cama com mosquiteiro de teto. Que estava no primeiro piso deduzi pelo teto com grossas vigas que o suportavam. Nesse momento entrou a velha Juana e se espantou ao ver-me sentado.

- Ai, Senhorzinho – disse a velha – Como faz essas coisas? Tem que fazer repouso, assim ordenou o Doutor.

Empurrava-me firmemente pelos ombros para forçar-me a deitar enquanto eu a deixava fazer, assombrado, pela atitude da desconhecida.

Fiquei quieto e atônito novamente enquanto a velha não parava de protestar.

- Senhorzinho, mexeu o braço engessado e isso não é bom; ele vai se irritar...

- E... o Senhor – perguntei timidamente.

- Don Cerino? Virá em seguida – respondeu a velha – vou avisar que o senhor já está se recobrando.

Foi até a porta à minha direita – a outra dava para um banheiro, segundo vi depois – mas antes de sair se virou e disse:

- Fique quieto, Senhorzinho, que logo lhe trarei um caldo e uma torta de nozes – sorriu – verá como logo recupera as forças.

Conforme passaram os dias fui me recuperando e quinze dias depois já descia à sala de jantar e passeava pelo parque contíguo a casa.

Outros quinze dias e me tiraram o gesso e, perto dos trinta e cinco dias de ter chegado a Santa Maria, pude partir para Tafí del Valle em assombrosas circunstâncias que logo narrarei. .

No começo escrevi várias vezes a meus pais, mentindo uma suposta investigação arqueológica em Púcara de Loma. Rica para tranqüilizá-los de minha prolongada ausência. Também falei por telefone com o Dr. Cortez a fim de solicitar uma extensão de quinze dias a minhas férias que expiravam nesses dias, mas somente cedeu quando lhe informei que havia sofrido um acidente.

As coisas estavam difíceis, pois ainda não havia começado a averiguar o paradeiro do filho de Belicena Villca e já se acabavam minhas férias. Porém, ao partir de Santa Maria, a moral era alta e tinha mais fé que nunca. A isso haviam contribuído as prolongadas conferências que tive com meu extraordinário parente. Mas regressemos àqueles dias de convalescença, quando tio Kurt iniciou o relato de sua fantástica vida.

Capítulo II

Como sou médico, já nos primeiros dias da convalescença compreendi que esta seria longa, pelo que, dispondo de tempo suficiente, não via razão para não contar minha aventura a tio Kurt. Nunca experimentei o desejo de compartilhar meus assuntos com ninguém, nem nunca tive confidente. Mas agora era diferente. Desde o dia do terremoto, vinha lamentando não conhecer ninguém em quem confiar; alguém suficientemente "espiritual" que não debochasse dos fatos ocorridos da morte de Belicena Villca. Mas também que dispusesse da liberdade necessária para poder assumir um conhecimento que envolvia certo perigo.

Num dado momento pensei em recorrer ao Prof. Ramirez, mas logo me envergonhei dessa idéia egoísta que podia por em perigo a vida e a mente desse homem exemplar, entregue às suas cátedras e sua família.

Estava contrariado desde então, pois sabia que começava a manejar idéias demasiadas "grandes", demasiadas não humanas, que poderiam perturbar-me se não as compartilhasse. E é aqui que de pronto ressuscita do passado um homem ***do meu sangue*** a quem nunca sonhei conhecer. Um homem ***solitário*** como eu; ***de ação***. Um homem estratégico e com idade em que não se teme pela vida, pois a morte começa a perfilar-se como uma realidade.

Sim – pensava decidido – confiaria tudo a tio Kurt.

No principio falamos de amenidades, pois ambos evitávamos contar nossos segredos; eu não revelava o motivo de minha visita e ele calava sobre o brutal ataque dos cães e sua cacetada. Falei de meus estudos e também de meus pais; ele me explicou as técnicas para obter um bom xarope.

Assim estivemos a angariar a confiança até que um dia, dos últimos que estive de cama, lhe disse:

- Tio Kurt, desejaria que me maleta que trouxe comigo. Ficou no carro na noite em que cheguei. .

Para minha surpresa tio Kurt abriu uma das portas do armário e tirou de um compartimento a maleta que, pelo visto, esteve ali todo o tempo. Abri e tirei a carta de Belicena Villca e algumas notas que havia tomado quando conversei com o Professor Ramirez.

- Vou explicar o motivo de minha visita, - disse tratando de transmitir importância que merecia o assunto – É uma história fantástica e incrível e penso seriamente que somente ao Senhor me atrevo a contar, sem reservas nem temor.

Tio Kurt arqueou as sobrancelhas, vivamente interessado em algo que, ao menos para mim, parecia de extrema gravidade. Minhas palavras e o tom que usei, criaram o clima apropriado para isso.

Eram três da tarde de um dia qualquer, ambos havíamos almoçado e a serena tranqüilidade que reinava nessa perdida vivenda convidava ao diálogo e á confidência. Tínhamos todo o tempo do mundo a nossa disposição para aproveitar como nós quiséssemos.

Comecei a narrar os fatos conhecidos e, se alguma dúvida abrigava sobre a credibilidade que tio Kurt dava a isso, logo se dissipou: Visivelmente alterado por algumas passagens e tomado de impaciência por outras, me interrompia constantemente

para pedir detalhes e, depois de obter o desejado, me encorajava a continuar num tom autoritário que lhe desconhecia.

O caso de Belicena Villca havia capturado completamente seu interesse, mas ao saber da existência da carta, pareceu enlouquecer. A tirei nesse momento da maleta e tive de fazer um esforço para evitar que me arrancasse das mãos: era minha intenção permitir que a lesse, mas não nesse momento, mas em breve, quando eu tivesse terminado de relatar o acontecido. Mostrei a carta, pois, e continuei com a narração sem perturbar-me pela ansiedade de meu tio, a quem lhe custava grande esforço, evidentemente, aguardar para lê-la. Expliquei, em linhas gerais, o objetivo daquela póstuma missiva, sem entrar em detalhes sobre a incrível história da Casa de Tharsis, mencionando somente a perseguição milenar que havia sofrido por parte dos Golen-Druidas: falei de Bera e Birsa e da minha convicção de que eles eram os verdadeiros assassinos de Belicena Villca. Nesse ponto parecia que os olhos de tio Kurt iam saltar das órbitas, contudo, seus lábios permaneciam fechados pela surpresa. Finalmente, lhe referi a tradução que o Professor Ramirez fizera sobre a legenda ***"ada aes sidhe draoi mac hwch"*** e posteriores alusões aos Golen-Druida, o que confirmava a meu critério a veracidade, senão de todo, mas de grande parte do conteúdo da carta.

Aqui se quebrou o encanto e tio Kurt, parando-se de um salto, gritou:

- Sim, Arturo! Os Druidas! A eles esperava na noite que você chegou! Depois de 35 anos percebi o inequívoco sinal de sua presença e sabia que a qualquer momento seria atacado, ainda que ignorasse por que haviam aguardado tanto tempo, por que ***reapareceriam*** somente agora. E agora eu sei: porque você viria até mim, portador do Mais Alto Segredo!

Era um rugido o que saiu de sua garganta ao pronunciar estas palavras em alemão, sendo imediatamente contestado por dois prolongados uivos dos mastins, no piso inferior e fora da casa. Não pude deixar de assombrar-me, pois tio Kurt havia falado sempre em castelhano já que meu domínio do idioma alemão é ruim como conseqüência da decisão de meus pais em formar-me "cabalmente argentino" ao ponto de que nem eles usavam essa língua.

Tampouco se me escapava que, por mais forte que houvesse gritado não poderia ter sido escutado pelos cães. Como, então, o haviam respondido?

Olhava agora com "outros olhos"! Tio Kurt a que até o momento tinha por uma pessoa, como tantas outras, torturada pela recordação de dias de guerra, mas, apesar disso, completamente normal.

Estava entendendo, lentamente, que havia algo mais: tio Kurt teria um secreto conhecimento que pesava enormemente em sua consciência, avivado agora por meu relato.

Tio Kurt devia ter uns sessenta e dois anos, mas impressionava por aparentar dez a menos. Alto, até o exagero – eu calculava um metro e noventa – era robusto, de compleição atlética e se via que se mantinha em forma. O cabelo, que devia ser negro, estava grisalho, cortado muito curto; os olhos azuis claro, as sobrancelhas espessas, a boca de lábios finos com grosso bigode e queixo firma, completavam sua descrição. Um detalhe talvez que o constituía a cicatriz que sulcava sua bochecha esquerda, realçada

pelo vermelho rubor de suas faces, sinal de boa saúde para sua idade. Gostava de se vestir simples, mas esportivamente e sempre o via calçando botas de solado grosso.

Em síntese, era um homem impressionante; mas ainda que esse momento em que parecia soltar chispas pelos olhos. Esteve uns minutos andando em círculo pela habitação, com as mãos atrás, nas que tinha a carta de Belicena Villca que eu acabara de entregar.

Eu guardava respeitoso silencio mesmo que intrigado pela reação. Havíamos passado várias horas falando enquanto lá fora escurecia rapidamente. A casa estava afundada em penumbras quando entrou a velha Juana e acendeu a luz.

- Jesus, Don Cerino, como é que estão no escuro? O jantar está servido. Logo subirei com o seu, Sr. Arturo – a velha sorriu como de costume antes de sair.

Esta intromissão acalmou a tio Kurt que, todavia girava pensativo. Deteve-se aos pés de minha cama com as mãos apoiadas no espaldar e, em correto castelhano disse:

- Neffe[2[1]], creio que me trouxe uma resposta que esperei por décadas. Se for assim, poderei morrer em paz quando tudo terminar – disse misteriosamente – mas, diga: o que te trouxe exatamente até mim? Como te ocorreu ver-me?

- Desejava averiguar o motivo que tiveram as ϟϟ para ocultar toda a documentação sobre os Druidas, - respondi – Quando pensei nisso, veio á minha memória o lembrança daquela noite trinta e cinco anos atrás quando o Senhor me presenteou com a Cruz de Ferro. Foi uma intuição, pois imediatamente, sem motivo aparente me assaltou a segurança de que o Senhor saberia responder a essas questões. Depois soube por minha mãe que o Senhor havia sido um oficial da ϟϟ... E eis-me aqui.

- Ha, ha, há – rio admirado, com aquela gargalhada estrondosa que lançara ou descobrir-me na escada de Cerrillos, de menino, e que tão bem recordava.

- Intuiu bem, neffe; - continuou tio kurt – Eu posso contar algumas coisas que lhe serão úteis para a solução de seus problemas. Coisas referentes à ***Doutrina esotérica*** da Ordem Negra ϟϟ. Porém, por um inevitável e significativo desígnio dos Deuses, você se surpreenderá ao comprovar até que extremo estavam em minhas mães as respostas que você buscava. Mas antes de falarmos disso, vamos jantar.

Saiu, deixando-me consumido por novas perguntas. De sua exclamação anterior de desprendia claramente outro mistério: como tio Kurt havia travado contato com os Druidas, que, ao que parece, o perseguiam de morte por anos?

2[1] ***Neffe***: sobrinho, em alemão.

Capítulo III

Às 21h30min h tio Kurt se instalou em uma confortável espreguiçadeira junto a minha cama e depois de permanecer pensativo uns minutos, começou a falar. Via-se que havia estado refletindo sobre todo o ocorrido e tomado uma decisão.

- Veja Arturo, - disse em tom solene, tratando de ser convincente – compreendo que está impaciente por obter as respostas que te trouxeram até aqui, mas me dê tempo para ler a carta de Belicena Villca. É um manuscrito extenso e me levará vários dias assimilá-la, mas é necessário que o faça antes de responder as suas perguntas, desse modo terei o antecedente do que você conhece, saberei o que falta você saber, e poderei expressar-me com precisão.

Esperava minha aprovação sem condições. Não obstante, eu acreditava que em nada afetaria adiantar-me alguma resposta.

- Estou de acordo, tio Kurt, que disponha de um tempo para ler a carta. Mas diga-me: como é possível que o dia de minha chegada estivesse o Senhor aguardando um ataque dos Druidas? Quero dizer, como sabia que eles estavam por vir?

- Porque no dia anterior havia ***escutado o zumbido***, o inconfundível ***zumbido de abelhas melíferas***, que delata ***o emprego do Dorché sobre o Coração***! Sim neffe. Desde esse dia me acometeu uma incontrolável taquicardia que ainda persiste. Mas, uma vez mais todos seus truques fracassaram frente aos poderes com que me tem dotado os Deuses, e se viram obrigados a enfrentarem-se cara a cara comigo. – Seus olhos brilharam desafiadores, mas eu queria esclarecer as coisas. A alusão ao zumbido e ao Dorché, elementos que Belicena mencionara no dia Vinte e Cinco, quando Bera e Birsa converteram em betume da Judéia o sangue dos Senhores de Tharsis, antes de ler sua carta, me deixaram estupefato.

Tremendo, lhe perguntei:

- Mas então já havia ouvido anteriormente este zumbido?

- Evidente Arturo. Escutei pela primeira vez em 1938, há 42 anos.

- Onde? - inquiri com assombro crescente, que se ia antecipando à surpreendente resposta.

-No Tibet, na fronteira entre este país e a China. Foi durante uma expedição às Portas de Chang Shambala.

O sangue pulsou nas têmporas, me senti confuso, enjoado, e entrevi a possibilidade de perder o sentido. A casa havia desaparecido de minha vista e na minha mente, junto a mil conceitos e situações que surgiam da carta de Belicena Villca, as perguntas se reduziam a sua extrema abstração: o que, como, quando, onde, pugnando por tomar forma concreta e metralhar tio Kurt. Ele, que percebeu minha confusão, começou a rir alegremente.

- Viu neffe? Sabia! Será impossível que tente compreender algo da maneira como propõe o diálogo. Tudo eu direi, não tema. Mas para que possa aproveitar minha experiência, para que você possa compreendê-la, o melhor é que você conheça um resumo da minha vida. Repito: espera até que eu leia a carta; depois te relatarei meu passado e então terão consistência suas perguntas e terão mais sentido minhas respostas.

Mas – prosseguiu – vejo que sua impaciência não é pequena, e te darei algo em que pensar durante esses dias.

Se não entendi mal, trata de encontrar uma ordem esotérica que presumivelmente existiria em Córdoba, uma Ordem de Construtores Sábios, uma Ordem dedicada aos estudos da Sabedoria Hiperbórea?

Assenti com um gesto.

- Pois bem, neffe: eu estou em condições de afirmar que provavelmente disponho de notícias precisas sobre dita Ordem. E não somente sobre ela, senão sobre o misterioso Iniciado que a fundou.

Aquilo era o último que tinha esperado escutar e, novamente, os lábios permaneceram selados enquanto na mente as perguntas se formavam em grande velocidade.

Mas tio Kurt não me deu tempo de perguntar.

- Provarei para você! – disse, enquanto desatava um pacote que havia trazido escondido em sua jaqueta. Indubitavelmente tio Kurt não tinha intenções de referir-se a esse assunto, a menos que minha impaciência o obrigasse, e por isso havia ocultado aquela embalagem: se não fosse necessário não teria mostrado nesse momento.

Ao concluir, ficou entre suas mãos um livro de volumoso aspecto, coberto com grossas capas forradas em vermelho. Sustentando-o frente a meus olhos, abriu e deixou descoberta a primeira folha; nela se anunciava em primeiro termo, o título da obra e o nome do autor: "***Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea***" por "***Nimrod de Rosário***". Mais abaixo, uma inscrição dava indícios sobre a filiação do livro: "***Ordem dos Cavaleiros Tirodal da República Argentina***".

Quando terminei de ler aquelas sucintas frases, tio Kurt deu a volta na folha e me assinalou uma "Carta aos Eleitos" que se achava inserida a modo de prólogo; no final da mesma, três folhas depois, se encontrava a assinatura do autor, Nimrod de Rosário, e a seguinte indicação: "***Córdoba, Agosto de 1979***".

- Seis meses! – exclamei – Somente há seis meses que foi publicado! Como, tio Kurt, como, demônios, chegou às suas mãos?

- Ja, Ja. Não precisamente pela vontade do Demônio, mas a meu bom amigo Oskar, quem faleceu há somente três meses e levou o segredo à tumba. – Aqui se pôs sério, ao notar o desencanto em meu rosto - Sei que esta parte da notícia não vai causar nenhum agrado, mas é preferível que você conheça a verdade.

Oskar, de quem te falarei mais adiante, se achava como eu refugiado na Argentina desde 1947. Igual que com seus pais e outros Camaradas, somente ia me encontrar com ele um par de vezes por ano; depois desses encontros secreto cada um regressava a suas tarefas habituais. Nem castas, nem telefonemas, nada nos devia vincular se é que desejávamos continuar livres. A mim, já se sabia que me perseguia uma organização secreta cujas ordens diziam sem duvida "executar onde for achado", mas no caso de Oskar era diferente: a ele o buscavam "oficialmente" para ser julgado por "crimes de guerra", e a solicitação era da União Soviética, posto que Oskar Feil fosse oriundo da Estónia. Mas Oscar, que passava por imigrante italiano com o nome de "Domingo Pietratesta", havia se casado na Argentina e tinha uma formosa família à que se devia proteger sobre todas as coisas: em seu caso não cabia nem pensar na possibilidade de deixar-se apanhar pelo Inimigo. Por isso extremávamos as precauções para nos reunirmos a cada seis meses. Tampouco podíamos deixar de nos reunirmos, pois ambos

éramos profundamente Camaradas, não só desde a guerra, senão desde muitos anos antes, desde a época em que juntos cursáramos a Escola ***N.A.P.O.L.A***.

- Ah, Oskar, Oskar, - suspirou tio Kurt -. Um amigo para mais de uma vida. Uma companhia para conquistar Céus e Infernos, um camarada para a Eternidade.

- M...mas ele morreu? - disse balbuciando para trazer tio Kurt à realidade.

Ficou um instante em silêncio. Finalmente pareceu reparar em mim, e continuou com seu relato.

- Sim neffe. Oskar faleceu há quatro meses, de "morte natural", segundo todas as versões, mas não me convence que não tenha sido assassinado: fosse sua morte o que fosse, sua esposa jamais denunciará publicamente a verdade. O futuro dos três filhos de Oskar a obrigaria a morder a língua antes de falar. De maneira que ignoro com certeza o que ocorreu já que, por óbvias razões, não poderei aproximar-me de sua família até passado um tempo bem grande, um ano ou mais.

Mas vamos ao que interessa Arturo! – disse com energia, depois de suspirar profundamente, como se despedindo de seu amigo morto – Faz uns dezoito meses, mais ou menos, nos encontramos na Província de Jujuy, no Hotel Provincial de Tilcara: ambos passávamos por turistas que visitavam a famosa Pucará. Ali o notei muito excitado e feliz: havia achado me disse então, ***a quem possuía um contato direto com a Fonte da Sabedoria Hiperbórea***, ou seja, com a mesma fonte que nutria a Sabedoria de nossos Instrutores Iniciados na Ordem Negra ϟϟ. De acordo a Oskar, depois de 35 anos de trevas "democráticas" e judaicas, surgia novamente a Luz Espiritual do Sol Negro: sim, depois de 35 anos, durante os quais o Inimigo verteu toda classe de calúnias sobre a Sabedoria da Ordem, e depois de centenas de impostores, a meros subalternos da ϟϟ que ignorava os Segredos da Ordem, semeasse a confusão sobre o ensinamento iniciático que nela se partilhava. Em Córdoba, me explicou Oskar, havia aparecido um grande iniciado que se fazia chamar "Nimrod de Rosário"; o "de Rosário" era, ao que parece, para diferenciar sua alcunha do Nimrod histórico, um rei Cassita que viveu 2000 anos a.C.. Mas este era anedótico: o importante era que aquele Iniciado dominava todas as Ciências do Ocidente, e em especial a Sabedoria Hiperbórea, em um grau tão alto como Oskar não havia visto fora da Alemanha, e desde os últimos dias da guerra, 35 anos atrás. Em verdade, havia que remontar-se àqueles dias e aos homens que dirigiam secretamente a Ordem Negra, em particular a Konrad Tarstein, para achar um Iniciado equivalente. Pelo menos essa era a opinião de Oskar. .

Claro, fora as inevitáveis comparações, e daquilo que teriam em comum, existiam diferenças abismais entre Nimrod e nossos antigos instrutores. Logo, nenhuma diferença havia quanto a Honra ou a Sabedoria Hiperbórea em si: neste terreno tudo era compatível às ϟϟ. Mas já não estávamos nos dias do Terceiro Reich e a ϟϟ, e lógico que ao organizar os partidários da Sabedoria Hiperbórea Nimrod se tenha visto obrigado a contar com aquilo que a realidade, a realidade de 1979, lhe oferecia. Ainda lembro das palavras de Oskar ao referir-se à incompetência espiritual de seus seguidores: - "Creia-me Kurt, que a Nimrod lhe faz falta uma seleção racial a que se praticou na Alemanha, e da qual surgimos nós. Eu sei, eu sei! Já não estamos na Alemanha, mas no mestiço Terceiro Mundo. Somente estou expondo uma possibilidade impossível, um jogo de imaginação. É que me dá pena observar como seus esforços caem no vazio, são desperdiçados por pessoas que não conseguem desprender-se do ciclo. Não obstante, e

sem nem tocar nem remotamente a disciplina das ϟϟ, tem conseguido formar um importante grupo de apoio que lhe permite desenvolver sua Estratégia com pessoas saídas do esoterismo tradicional, especialmente muitos que compreendiam a Igreja Gnóstica de Samuel Aun Weor, é uma seita sinárquica, e outros procedentes do nacionalismo argentino, ou seja, homens com formação política nazi-fascista. Com eles formou a Ordem dos Cavaleiros Tirodal, na qual se outorga uma "Iniciação Hiperbórea" em tudo semelhante à que recebíamos nós nas ϟϟ".

"Mas a Iniciação Hiperbórea, que é a Primeira das três que requer a libertação espiritual e o Regresso à Origem, - prosseguiu Oskar – só pode ser administrada por quem exiba a Segunda Iniciação, ou seja, por um Pontífice Hiperbóreo. Nimrod é, portanto, um Pontífice Hiperbóreo. Como obteve a Segunda Iniciação, ninguém sabe, mas você e eu conhecemos muito bem que somente Superiores Desconhecidos, os Senhores de Vênus, ou Deuses Hiperbóreos a concedem. Naturalmente, para cumprir com sua missão, este Iniciado se tem pré-fabricado um passado o mais consistente possível, valendo-se para isso de seu irresistível poder sobre a estrutura ilusória da realidade. Mas não nos interessa seu passado, e as contradições que nele possam ser provadas, somente interessam ao Inimigo. Para nós, querido Kurt, o certo, o inimaginável, é que a Sabedoria provém de uma Fonte irrepreensível: os Senhores de Agartha".

"E qual é sua missão? – se perguntou Oskar – Também é um enigma: parece estar ligada a busca de determinadas pessoas as quais teria de orientar estrategicamente para cumprir um papel na próxima Guerra Total. Todo esforço está posto em uma busca, mas creio que tenha tido sorte, pois, como te dizia, seus colaboradores não são os mais indicados para a prática da Alta Magia. De fato, há muito poucos Iniciados na Ordem Tirodal e nenhum responde às exigências da misteriosa missão. Essa severidade não é uma presunção subjetiva, mas uma confidência do mesmo Nimrod em efeito, quando me entrevistei pela primeira vez com o Pontífice, que demonstrou o poder de ler as Runas iniciáticas, me felicitou pelo grau alcançado na Ordem Negra, mas deixou claro um visível desencanto. Frente a minha surpresa, se desculpou e me explicou cortesmente que ao receber a um Eleito pela primeira vez, sempre abrigava a esperança 'de que fosse um Daqueles que cumpririam a Missão disposta pelos Deuses'. Este comentário me esclareceu tudo e compreendi no ato que eu não era um 'Daqueles' a quem Nimrod aguardava. Não obstante, me tratou com camaradagem e ofereceu participar da Ordem, realizando funções em extremo reservadas, que em nada me poria em risco. Aceitei, claro, e aproveitei sua confiança para indagar algo mais sobre a infortunada busca dos Escolhidos aptos para levar a cabo os desígnios dos deuses, busca que seria quase impossível no infernal contexto da época atual".

- "A classe de pessoas que você busca Nimrod, é de qualidade superior aos Iniciados da Ordem Negra ϟϟ.?".

- "Não se trata de qualidade, mas de confusão estratégica, Senhor Pietratesta. Talvez se fosse possível transplantar a um daqueles Iniciados do Castelo de Werwelsburg a esta Época, sem que experimentasse o passo do tempo, teríamos a um Camarada apto para a Missão. Ma agora, certamente, não temos um homem semelhante. Nossos próprios Iniciados ***poderiam ser aptos para a missão se assumissem completamente a Iniciação e dominassem a natureza anímica, se decidissem ser o que são. Mas é difícil, muito difícil, que os homens espirituais desta Época***

contem com o valor necessário para deixar de ser o que aparentam e sejam definitivamente o que na verdade são. Porém. Os Deuses asseguram que existem homens capazes de tal valor, que se devem manter as portas abertas do Mistério até que eles cheguem ou os que estão se transmutem. E essa certeza é a que nos dá forças para seguir, Camarada Pietratesta".

"Achava-me em uma casa da Cidade de Córdoba, - esclareceu Oskar – pertencente à Ordem Tirodal. Na ampla habitação, equipada como oficina, atrás de um imponente escritório, estava sentado Nimrod observando-me atentamente. Ao final abriu uma caixa e tirou um livro de capa vermelha". - "Senhor Pietratesta – disse com seriedade – Ninguém chega até este lugar se previamente não tenha sido investigado na Terra e no Céu. Você satisfez os requisitos e por isso lhe oferecemos esta oportunidade de ingressas na Ordem Tirodal e converter-se em um de seus Iniciados. Todos os que ingressam devem realizar os mesmos atos, que são muito simples: basicamente consistem em ***compreender e aceitar*** os Fundamentos as Sabedoria Hiperbórea, que para benefício dos Eleitos, temos sintetizado neste livro – me estendeu o livro vermelho – O mecanismo de ingresso exige que você leia este livro e decida se ***compreende e aceita*** seu conteúdo. Se a resolução é positiva, fica imediatamente incorporado na Ordem e adquire o direito de receber aos outros treze livros que compõem a 'Segunda Parte' dos Fundamentos e contém a preparação secreta para a Iniciação Hiperbórea. Se a resposta é negativa, se não o compreende ou não aceita os fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, somente tem que devolver o livro e abster-se que fazer cópias, para ficar desvinculado da Ordem. Devo adverti-lo – disse em tom de ameaça – que a falta a esta condição é castigada severamente pela Ordem".

Capítulo IV

Oskar prometeu trabalhar com seriedade – disse tio Kurt – não teve nenhum inconveniente em cumprir. O conteúdo do livro não era desconhecido para nós, ainda que a novidade constituísse o linguajar filosófico de alto nível com que estava redigido: para um alemão-báltico como Oskar, a leitura daquele castelhano puro foi uma prova extra, que, porém, superou com entusiasmo juvenil. De modo que ao concluir a leitura, meses depois, se apressou a solicitar o ingresso na Ordem dos Cavaleiros Tirodal, sendo-lhe marcado um dia semanal para reunir-se em certo lugar oculto com uns poucos Camaradas de extrema confiança, que estavam estudando a Segunda ***Parte*** dos Fundamentos e preparando-se para o kairos da Iniciação. E esta etapa, ao dizer do próprio Oskar, constituía um dos acontecimentos mais felizes de sua vida. Contudo, se havia algo que causava desgosto a Oskar, era a minha ausência da Ordem. Tal como me manifestara naquela ocasião, em Tilcara, ele acreditava que minha presença e a contribuição de meus conhecimentos sobre a Sabedoria Hiperbórea eram imprescindíveis para fortalecer carismaticamente a Ordem. Queria, ademais, que lesse o livro, mas não se atrevia a desobedecer ao Pontífice, pelo que me rogou até o cansaço que o autorizasse a apresentar meu nome para que fosse checado "na Terra e no Céu" e obtivesse o livro pela via correta.

Finalmente aceite, mais para satisfazê-lo que por verdadeiro interesse, pois, como já compreenderá, neffe, eu disponho desde 1945 das instruções precisas para cumprir minha própria missão. ***E essas instruções procedem também dos Deuses, dos mesmos Deuses de Nimrod que, seguramente, são os próprios "Deuses Libertadores" que guiavam a Casa de Tharsis***.

A segunda vez que nos vimos, a última, foi em Córdoba, em Agosto do ano passado. Não vou negar, Arturo, que abrigava o desejo secreto de conhecer o assombroso Iniciado de quem tanto me falava Oskar. E, no entanto, isso não foi possível, pois o Pontífice se encontrava em um retiro secreto escrevendo um novo livro. Apesar de tudo, Oskar se encontrou com a significativa notícia de que na Ordem havia um livro para mim: um dos membros antigos me entregou o exemplar que agora tem em mãos e me transmitiu as saudações de Nimrod. "O Pontífice, disse com respeito, se alegrava de 'haver-me conhecido' e me assegurava um grande desempenho a serviço dos Deuses do Espírito". Logo aquela entrevista se realizou em um hotel, pois ninguém podia conhecer as propriedades nem lugares de reunião da Ordem, antes de ser aceito.

Percebe Arturo? O quão perto estive de ingressar na Ordem dos Cavaleiros Tirodal? Estive perto, muito perto, mas não consegui ingressas porque o único contato que tinha com a Ordem era Oskar e este faleceu em Dezembro de 1979. Pelo menos isso era o que anunciava o telegrama enviado por sua viúva à minha caixa postal em Salta. Outra informação mais precisa não possuo, neffe. Comprei os jornais de Córdoba desses dias e comprovei que, de fato, fora feito o sepultamento de Domingo Pietratesta, falecido em sua cama por causa de uma síncope cardíaca. Depois de tão nefasta notícia, sem poder outra coisa além de esperar o tempo passar, li muitas vezes o livro "Fundamentos", chegando à conclusão de que seu conteúdo expressa no mais profundo e rigoroso sistema de conceitos as antigas e simples verdades da Sabedoria Hiperbórea. O porquê de Nimrod conceber semelhante obra para regular o acesso dos Eleitos a sua

Ordem, creio que tem a ver com uma visão super realista da Época, da cultura atual, e com o ***tipo*** de Iniciado que ele busca para levar a cabo a missão proposta pelos Deuses. Seja como for, estimo que não causarei nenhum dano à Estratégia de Nimrod permitindo que você o leia agora. Somente contrairei uma Dívida de Honra com a Ordem que algum dia terei que saldar. De todo modo, você já leu previamente a uma cata a qual atribuo tanto valor como a este livro, apesar de que não me é permitido que dê conta dela.

Aqui sorriu tio Kurt, no entanto eu me sentia invadido pela vergonha, Não obstante, continuei rindo, como vinha fazendo desde uns minutos atrás. É que estava eufórico. Minha vida se havia enredado de um modo bem significativo depois do assassinato de Belicena Villca, e aquela trama era evidente que ***não poderia ser casual: Alguém, os Deuses Libertadores, senão "Anjo da Guarda", havia disposto como argumento real, como um manual do destino, para que eu o seguisse "casualmente" e me inteirasse dessas coisas no momento oportuno. Em uma palavra: havia sido guiado pelos Deuses***. E este pensamento, esta certeza, me enchia de íntimo gozo.

Tio Kurt, já não me cabiam dúvidas, possuía as chaves que buscava. Não me desalentava o fato de que a morte de Oskar Feil o havia desconectado da Ordem. Com a informação que agora possuía, sentia que seria mais fácil cumprir a tarefa de localizar Nimrod de Rosário e a Ordem Tirodal: ele era o Senhor da Orientação Absoluta e aqueles eram os Construtores Sábios de sua Ordem. Sua busca indicava, e tio Kurt não poderia sabê-lo porque não havia lido a carta, a encontrar uma Noyo ou uma Vraya, Iniciados capazes de atravessar as Pedras de um Vale de um dos Rios e chegar até a Espada Sábia, junto a Noyo de Tharsis, o filho de Belicena Villca. . E era claro para mim que ao levar-lhe a carta de Belicena Villca, Nimrod não duvidaria em me pôr a caminho até Noyo Villca, a quem transmitiria a mensagem póstuma de sua mãe. Sem deixar de sorrir pela alegria que me deu suas revelações, minha mente trabalhava em g5rande velocidade, enquanto o rosto de meu tio Kurt se refletia surpresa ante tal atitude incoerente. Mas é que eu pensava, e pensava sem cessar, na forma de obter o endereço de Oskar Feil, ou Domingo Pietratesta, consciente de que meu tio jamais o daria voluntariamente. Finalmente deparei-me com a resposta, simples, posto que estivesse o tempo todo diante meus olhos: os jornais! Isto é: eu buscaria em Córdoba os periódicos de dezembro de 1979 e revisaria os avisos de óbito. E ali encontraria o endereço de sua família!

Finalmente adotei uma atitude mais séria e respondi a tio Kurt:

- Certamente que a última parte de sua revelação não é de todo agradável - disse com pesar -. Lamento pela morte de seu Camarada, e lamento mais ainda, o Senhor saberá entender isso, que sua morte o tenha desconectado da Ordem Tirodal. Não obstante, é tão extraordinário o que me tem contado de tal Ordem, que poderia repetir suas palavras desta tarde: "Creio que me tenha trazido algo que esperei muito tempo". O Senhor o dizia pela carta, que ainda não leu, mas eu creio também que a informação sobre a Ordem e talvez este livro que ainda não li, constituem uma resposta concreta ao ***verdadeiro motivo*** de minha visita. Porque, se bem que eu vim ***conscientemente*** a indagar sobre a relação entre as ϟϟ e os Druidas, é claro que tal pergunta está inserida na questão maior da busca do filho de Belicena Villca, ***o verdadeiro motivo, inconsciente, mas efetivo***, de todos meus movimentos. E essa busca passa

inevitavelmente pela Ordem de Construtores Sábios de Córdoba, da qual o Senhor me falou. Compreende por que no fundo estou contente? Porque a descoberta dessa Ordem representa o mais que necessário para mim, o mais importante, muito mais que obter notícias sobre os Druidas.

Sim, tio Kurt – afirmei enfaticamente – é imprescindível que o Senhor leia o quanto antes essa carta. Não te molestarei até que acabe. Mas fez bem em antecipar que tinha o conhecimento da Ordem Tirodal: isso me tirou um peso dos ombros e agora poderei aguardar com mais tranqüilidade o que tem a me dizer.

Capítulo V

Aceitei conceder a tio Kurt o tempo suficiente para que lesse a carta, sem imaginar o que derivaria de tal concessão. Em primeiro lugar, seja por efetuar a leitura conscienciosamente, seja porque, provavelmente o idioma castelhano lhe impediu captar com mais rapidez os obscuros conceitos de Belicena Villca, ou seja, pelo motivo que fosse o certo é que concluiu em dez dias. Mas, em segundo lugar, o mais irritante do caso é que durante esse tempo se fechou em seu quarto negando-se a sair, sequer por um minuto. Delegou as tarefas da vivenda para seu capataz José Tolaba e ordenou que a comida fosse servida no quarto pela velha Juana. E em vão foi que eu tentasse quebrar essa determinação: minhas notas não tiveram respostas, e não consegui penetrar a lacônica lealdade da velha com minhas perguntas. Em síntese: tive de armar-me de paciência e aceitar a estranha conduta de meu tio! E, para o cúmulo de minha frustração, sem poder avançar muito na leitura do livro Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea devido à complexidade dos temas que tratava. Requeria pelo menos um Dicionário Filosófico para compreender com profundidade a maioria dos conceitos, que estavam empregados com muita exatidão, e ignorava se meu tio possuía algum exemplar, ainda que de nada me servisse se estivesse escrito em alemão. Naturalmente, não consegui resolver o problema até que apareceu tio Kurt, e para então já não seria necessário o Dicionário, porque jamais terminaria de ler o livro de Nimrod. O relato de tio Kurt, e os sucessos que ocorreram depois, me impediriam de ler, inevitavelmente.

Deve ter sido muito intenso o efeito psicológico que a carta produziu em tio Kurt, pois, como efeito da leitura, demonstrava uma mudança física notável, sem duvida um produto psicossomático da impressão recebida. Com poucas palavras, pelo aspecto que meu tio apresentava, parecia haver retrocedido vários anos em dez dias, estava muito mais jovem, mostrava um caráter positivo e comunicativo que antes não lhe conhecia. Suspeito, e não creio de todo errado, que os trinta e três anos passados em Santa Maria haviam azedado seu temperamento, normalmente jovial, e causado essa personalidade esquiva e pessimista que conheci ao chegar à vivenda. A personalidade daquele que já não confia demasiada em que se cumpram os desígnios dos Deuses e espera resignado a resolução da Morte. Trinta e três anos para aguardar em Catamarca, eu o compreendia melhor que ninguém, e me parecia lógico que houvesse erodido seu caráter. E por isso entendia então que a mudança estava justificada, inclusive era previsível, toda a vez que a carta de Belicena cobrisse suas expectativas por anos postergadas. Pois estava claro, já que o mesmo havia confessado que suas instruções para depois da guerra, "***instruções dos Deuses***", o obrigavam a permanecer naquele lugar, e que minha chegada portando a carta, e o suposto e iminente ataque dos Druidas, constituíam provas de que essa espera quase havia terminado.

- Em verdade, neffe – foi a primeira coisa que disse tio Kurt, confirmando minhas presunções – não foi a carta que me afetou a um extremo inimaginável, mas o Mistério de Belicena Villca, o que estava oculto por trás de sua existência real e que agora se descobre ante nós. Da carta, neffe, de seu conteúdo, é possível assumir uma participação

meramente intelectual, mas do Mistério que a carta e que a morte de Belicena apresenta, do Mistério da Casa de Tharsis, não é possível excluir-se sem ficar de fora da Estratégia dos Deuses.

O Mistério chegou a nos – aqui tio Kurt, decididamente, se incluía em minha aventura – e não podemos nem devemos tentar esquiva-lo. Agora, que o kairos o permite, terá de chegar até o final, até a Ordem Tirodal, até Nimrod de Rosário, até Noyo de Tharsis e a Espada Sábia, até a Batalha Final.

Assenti com um gesto, surpreso ainda pela firme e solidária atitude de meu tio. Este continuou assombrando-me mais uma vez.

- Vê Arturo, tenho pensado nestes dias mais do que você possa supor, avaliando os fatos e calculando cada passo que se deve realizar no futuro. Por meio dessa análise estratégica global, e tendo em conta minha experiência pessoal, que logo terá oportunidade de saber em quê consiste, pois contarei a você a história da minha vida, tirei algumas conclusões que seria bom levar em consideração. Antes de tudo, e tal como supus desde um princípio, comprovei que você está despreparado para enfrentar a missão. –Quis protestar, mas tio Kurt levantou a mão de forma inapelável e decidi permitir-lhe completar sua exposição – Preste atenção, neffe, não disse que ***não*** poderia levá-la a cabo, mas que ***ainda não*** está preparado para empreender a missão. Mas estará em breve, se compreender meus argumentos e seguir minhas instruções ao pé da letra.

–Por conseguinte, o primeiro que deve entender é que jamais se inicia uma missão como esta sem um desprendimento prévio. Entendo, e não é necessário me explicar, que tal desapego é um estado de consciência espiritual que você experimentou desde o momento em que se lançou nesta aventura: agora mesmo se sente desconectado do mundo, livre das ataduras materiais. Mas, devo dizer com realismo, que semelhante atitude é completamente subjetiva, ingênua, cheia de obstáculos para conseguir o objetivo espiritual, uma atitude que não leva em consideração os inimigos que tratarão de impedir de concretizar a missão, inimigos de poderes terríveis e que goza de uma mobilidade absoluta, uma atitude, enfim, que é estrategicamente suicida. Por acaso está realmente "desapegado do mundo" quem se dispõe a "cumprir uma missão espiritual", aproveitando "o período de suas férias"? Quem depende "do dinheiro" para viajar, de um dinheiro que é limitado e que a qualquer momento pode acabar? Quem subestima o inimigo e deixa atrás de si "pontos débeis" que podem ser facilmente atacados e destruídos, ou seja, quem viaja sem renunciar previamente ao amor pelas "coisas do mundo", sejam elas o que forem, a família, as propriedades, os amigos, o contexto habitual onde se dá a rotina, etc., todos possíveis "brancos" dos golpes do inimigo? Não, neffe; quem assim se comporta é puro e simplório, um bom homem, mas não um bom guerreiro. Não chegará nunca a cumprir sua missão; o Inimigo o deterá golpeando às suas costas, ameaçando ou destruindo aquilo "de fora" que ele ama, aquilo a que ele está realmente conectado, ligado ou apegado, ainda que não o admita ou reconheça.

Compreendi perfeitamente seu ponto de vista e lhe dei no ato a razão: na verdade eu permanecia ainda ligado a muitas coisas, e minha viagem não podia ter sido mais improvisada. Não obstante, pouco foi o tempo que dispus para decidir meu Destino. Antes o Destino decidia por mim, sem dar-me tempo de mudar, de despertar, de "preparar-me" como pretendia tio Kurt. Tudo havia acontecido tão rápido! Que devia fazer agora? É o que perguntaria a tio Kurt.

- Que mais pode fazer dadas as circunstancias, considerando como ocorreram os fatos? - perguntei mais para mim mesmo que para tio Kurt, tratando de me justifica. – É certo, todavia que conservo meu trabalho, mas é que não me havia ocorrido que não poderia regressar. E quanto ao dinheiro: não sou rico, o Senhor sabe, realmente não sei como farei para conseguir o que necessite se esta aventura se prolongar demais. O afetivo, por outra parte, o amor a meus familiares e amigo, suponho que não saberei até que ponto o domino, senão quando for submetido a uma prova. Com o coração nunca se sabe, tio Kurt! Sim, são justas as repreensões, mas o Senhor deverá me orientar nesse momento, pois do contrário não terei outra alternativa a não ser continuar do mesmo modo "ingênuo" como comecei.

Tio Kurt me contemplava com lástima, sem dúvida admirado de ver a irresponsabilidade com que eu tomava as coisas. Segundo ele, os Druidas eram ferozes inimigos aos que não havia que temer, mas tampouco subestimar. Eu não temia, e isso era bom, mas parecia evidente que eu subestimava o inimigo, que não advertia que poderia ser destruído a qualquer momento, que me arrojava a desafiar a um adversário poderoso "sem estar preparado para ele". Ignoro se minha atitude de então alcançava tal grau de insensatez, mas tio Kurt assim acreditava e isso o desesperava. Daí a que se dispusesse a considerar-me um soldado inexperiente, um soldado sem instrução de seu exercito particular, e em lugar de sugerir e discutir comigo o que devia fazer, começa a ordenar as medidas que no seu entendimento deveriam ser tomadas sem demora.

- Irá enviar uma série de telegramas cancelando todos seus compromissos. Renunciar seu trabalho, estudos clubes, bibliotecas ou qualquer organização a que você esteja vinculado. Despeça-se de quem tenha de se despedir dizendo que você fará uma longa viagem: se desanima suas expectativas de te ver ou se despedir, logo te esquecerá. Caso tenha alguma propriedade nomeie um procurador, alguém a quem não conheça e que não te conheça, uma empresa de advogados, por exemplo, e ordene sua venda. Proceda do mesmo modo com tudo que o vincule a sua antiga vida, corta todos os laços, apaga as pegadas, suprime todas as pistas. Não basta que esteja morto para si mesmo, também deve morrer para o Mundo!

Dinheiro não será problema por agora. Eu de darei o suficiente para ir em frente à missão. Passei mais de trinta anos reunindo dinheiro e chegou o dia de utilizá-lo. E é tão meu quanto seu neffe. Sabia que havia feito um testamento em seu nome? Logo, meu dinheiro soluciona os problemas do momento, mas não é solução definitiva: tratarei, no futuro, de te ensinar as táticas operacionais para que sempre possa conseguir o dinheiro ou as coisas que necessite. Trata-se de técnicas, métodos para valer-se de si mesmo, técnicas que todo Iniciado Hiperbóreo deve saber aplicar.

Logo, fiz tudo que meu tio havia ordenado. Fui fazendo enquanto durava minha convalescença, durante os dias em que tio Kurt me narrava sua extraordinária história. Por fim, no dia em que tivemos de partir, nada ficava intacto em Salta, de minha vida anterior. Tudo quanto havia angariado em anos de esforço e trabalho, agora estava desfeito: cedo ou tarde, o Dr. Arturo Siegnagel seria somente uma recordação, e logo nem isso existiria, possibilidade que entusiasmava meu tio Kurt. Não queria pensar na impressão que aquelas medidas haviam causado a meus pais e a Katalina, porque se me "afrouxasse o coração", temia que tio Kurt o notasse: frente a ele, queria parecer mais

forte do que era, queria tranqüilizá-lo sobre meu equilíbrio e valor. Queria colocar-me à sua altura, a nível de suas exigências, porque, quase sem perceber, começava a admirar a tio Kurt, a valorizar suas grandes aptidões, a apreciá-lo e compreende-lo.

Capítulo VI

No dia seguinte em que terminou de ler a carta, às 21h30m, Tio Kurt se instalou numa cômoda espreguiçadeira junto de minha cama, e depois de permanecer pensativo por uns minutos, começou a narrar-me sua vida.

–Tal como te ocorre agora, uma série de "estranhas" coincidências influíram de maneira determinante nos primeiros anos de minha vida. Para apreciar com maior amplitude essa afirmação, devo começar o relato muitos anos antes de meu nascimento, no momento preciso em que meu pai, o Barão Von Subermann vem ao mundo, ou seja, no ano de 1894, na cidade do Cairo, Egito. Esse mesmo ano, em Alexandria, a 130 km do Cairo, nasce também uma pessoa que seria em minha vida mais importante que nenhuma outra. Refiro-me a Rudolph Hess, cujo nascimento ocorreu em 26 de Abril de 1894.

Apesar da distância entre as cidades, meu pai e Rudolph Hess logo se conheceram, pois os pais de Hess enviaram-no a estudar no ***Liceu Francês*** do Cairo – a escola que freqüentava meu pai – dos seis aos doze anos. Companheiros de infância estavam unidos por uma terna amizade que se consolidou com os anos.

Ao finalizar os estudos primários – tal como fazem muitos germanos abastados com seus filhos – os dois foram internados no ***Evangelische Paedagogium*** de ***Godesberg-Am-Rheim***, cidade distante dês km. De Bonn.

Quando ambos tinham dezesseis anos, ou seja, em 1910, se separaram para seguirem carreiras distintas. Papai se matriculara no Instituto Plotécnico de Berlim, na carreira de Engenharia Industrial. Rudolph Hess viaja à Suíça, para a ***Ecole Superieure du Commerce*** em Neuchatel, por imposição de seu pai, rico exportador de Alexandria, que desejava iniciar ao jovem no mundo do comércio. A intenção de Rudolph era, dentro do possível, cursar o Doutorado em Matemática.

A guerra de 1914 arruína todos os planos. Meu pai é convocado pela minha família ao Cairo, onde regressa quando estoura o conflito e permanece ali definitivamente, pois ao encarregar-se do Engenho de Açúcar, não poderia concluir seus estudos.

Rudolph Hess, que só permaneceu um ano na Suíça, se achava em Hamburgo aperfeiçoando-se em Comércio Exterior e não vacilou em se alistar no Primeiro regimento de Infantaria da Bavária. Foi ferido duas vezes, em 1916 e 1917, recebendo a Cruz de Ferro por atos de heroísmo. Em 1918 ingressa ao recém formado Corpo Imperial da Aeronáutica, sendo instruído como piloto qualificado, mas sem intervir em combates aéreos, pois em Novembro de 1918 se firma o armistício e é desmobilizado.

Volta ao Egito, portador de dupla tristeza: Alemanha derrotada é despedaçada pelo Tratado de Versailles e seus pais morreram durante a guerra. Os negócios familiares são atendidos por seus irmãos, o mais velho Alfred, que é contador e uma irmã casada.

Ele não deseja ocupar-se do comércio e assim resolve voltar à Alemanha para estudar, não mais Matemática, mas História ou Filosofia.

O tempo que passa no Egito dedica-se a buscar respostas para tanta desgraça. Respostas que somente podem dar Iniciados das grandes Seitas Islâmicas ou Gnósticas da qual Alexandria em particular, e Egito no geral, é fértil área.

Mas deixarei para outro dia o relato da Corrente Esotérica da qual Rudolph Hess iria ingressar nesses dias de 1919, no Egito, que o levaria junto a Adolf Hitler em 1920 e na Inglaterra em 1941. Continuarei com o desenvolver cronológico dos principais fatos que interessam à história e, depois, analisaremos essas coisas.

Tio Kurt era, pelo visto, um narrador preciso, que sabia o que queria dizer e não se afastava disso. Dava-me conta de que passariam vários dias até que completasse seus relatos e esta perspectiva me regozijava.

- Em Fevereiro de 1919 – continuava imperturbável tio Kurt – Rudolph Hess viajou ao Cairo para visitar meu pai e a outro amigo, Omar Nautais. Encontraram-se pela primeira vez depois de seis anos, com a natural alegria mútua e de minha mãe que também conhecia a Rudolph desde a infância.

Meu pai se casara em 1917 e em 17/77/1918 nasci eu, e por volta desta época, Fevereiro de 1919, contava com três meses de vida. Como ainda não me haviam batizado, meu pai pediu a Rudolph que fosse meu padrinho, ao que este aceitou com prazer, pois amava muito a meus pais e desejava brinda-los com uma demonstração de afeto.

A cerimônia se realizou na Igreja Luterana do Cairo, numa fresca manhã de fevereiro de 1919, no dia 17 para ser exato.

Eis aqui neffe uma primeira coincidência – dizia tio Kurt em tom reflexivo – pois esse jovem herói de guerra de 25 anos que me tomava em seus braços, seria quinze anos mais tarde Ministro de Estado da Alemanha, e o homem de confiança do Chanceler Adolf Hitler, seu ***Stellvertreter***[3[2]].

No Egito, como em todos os países estrangeiros, a comunidade germana organizou para o entretenimento de suas crianças, a ***Hitlerjungen***, juventudes hitleristas, com a supervisão velada dos agregados militares e da Embaixada da Alemanha. Dentro deste movimento, figurava um grupo "júnior" chamado ***Jungvolk***[4[3]] para meninos de 10 a 15 anos, ao qual ingressei aos 10 anos, quando ainda cursava os estudos primários no Colégio Alemão do Cairo.

Ingressei em 1932 e meu pai decidiu enviar-me à Alemanha para seguir estudos superiores. Contava com 14 anos e ostentava o título de ***Faehnleinsführer*** na ***Hitlerjungen***.

No ano seguinte, em Julho de 1933, partimos de Alexandria em um barco mercante que, com poucas escalas, ia diretamente a Veneza, dali seguiríamos de trem para Berlim.

Nesses dias Rudolph Hess era uma personagem importante no Terceiro Reich e incrivelmente popular entre os membros da comunidade germana no Egito, que se sentiam gratificados com o triunfo de um dos seus. Rudolph trabalhou duro durante esses anos para contribuir à vitória do Führer, e salvo algumas viagens a cada um ou dois anos, havia abandonado completamente sua pátria egípcia. Contudo, nunca esqueceu de seus amigos, que não eram muitos, nem o seu afilhado Kurt Von Subermann.

Invariavelmente recebíamos um cartão de natal todos os anos e quando no Jungvolk necessitamos de um tambor, recordo que meu pai instou a escrever uma carta a

---

3[2] ***Stellvertreter:*** suplente.

4[3] ***Jungvolk:*** literalmente "meninos do povo".

meu prestigioso padrinho, quem não só respondeu amavelmente com uma missiva na qual me estimulava a estudar e perseverar dento das Hitlerjungen, senão que se ocupou de meu pedido infantil.

Um dia recebemos uma citação da Embaixada da Alemanha para retirar uma encomenda, encaminhada para o ***Faehnleinsführer*** Kurt Von Subermann, ou seja, para mim. Era o tambor oficial das Hitlerjungen pintado em chamas negras e brancas uma Runa "s" (ᛊ) do antigo alfabeto germano futark, com forma de raio. A Hitlerjungen utilizava a Runa "S", mas a ***Schutzstaffel*** [5][4] estava autorizada para usar os dois (ϟϟ). Vinha também uma carta do ***Reichjugenführer*** [6][5] Baldur Von Schirach na qual confirmava que a pedido do Secretário Particular do ***Führer***, Rudolph Hess, enviava um tambor aos distantes Camaradas da Jungvolk do Egito. Seguia uma larga lista de conceitos e finalizava recomendando usar o Hino da Juventude Hitlerista:

Vorwarts, Vorwarts,
Schettern die Hellen Fanfaren,
Vorwarts, Vorwarts,
Jugen Kennt Keine Gefahre.[7][6]

Estava a assinatura de Baldur Von Schirach e três palavras: ***Heil und Sieg***[8][7].

Esse tambor e essa carta me deram uma injustificada fama entre os meninos germanos do Cairo, uma vez que estimulavam minha vocação para continuar na linha das Hitlerjungen.

Em 1933 chegaram notícias ao Egito de que o Führer, ao celebrar seus 44 anos, abriria as escolas ***NAPOLA*** que foram dissolvidas pelos aliados em 1920[9][8].

Seriam escolas para a formação da futura Elite alemã e nelas se capacitariam os quadros da Juventude Hitlerista. Pensando na dificuldade de ingressas nela sendo germano-egípcio, meu pai, que possuía amarga experiência de não ser considerado "verdadeiro alemão" durante seus estudos em Godesberg, considerou a possibilidade de dirigir-se a Rudolph Hess para que facilitasse a admissão. .

Para isso, antes de partir, lhe enviou uma carta solicitando uma entrevista e informando-lhe a data aproximada de nossa chegada na Europa.

Os pontos e cidades estranhas que tocávamos eram lugares fantásticos para um orgulhoso Faehleinsführer de 15 anos que se debatia entre o gozo de conhecer e a ansiedade de chegar. Chegar, sim, porque a maravilha era o destino final da viagem mágica: Alemanha.

- Me olha com incredulidade neffe – se desculpava tio Kurt – e compreendo, é difícil entender o que sentíamos nesses dias, nós jovens alemães, ainda que estrangeiros como eu. O Egito era a minha pátria amada, a terra onde nasci e cresci.

5[4] ***Schutzstaffel***: "escalão de guarda".
6[5] ***Reichjugenführer***: chefe nacional da juventude.
7[6] ***Adiante, Adiante,***
Soam As Trombetas,
Adiante, Adiante,
A Juventude não conhece os perigos.
8[7] ***Heil und Sieg***: Saúde e Vitória.
9[8] As Kadete Manstelten.

Mas Alemanha era outra coisa.

A terra de Siegfrid e do Führer, do Rio Rhin e de Lorelay, das Valquírias e dos Nibelungos. Era uma "Pátria do Espírito", onde se nutria o mito, a lenda e a tradição de nossos ancestrais. .

Uma pátria eterna e longínqua que logo se tornaria real por intermédio dessa viagem fabulosa. Havíamos sido educados em uma mística cuja fórmula era: "Sangue e Solo", e agíamos de acordo.

No final de Julho, em pleno verão europeu, chegamos a Veneza, ponto final de nossa viagem por mar, de onde tomaríamos um trem até Berlim. Estávamos prontos para descer do navio quando o Capitão nos anunciou que deveríamos passar pelos escritórios, que a companhia tem no porto, para retirar uma mensagem.

Chegamos lá com o coração oprimido, pensando em más notícias do Egito, para encontrar em troca, uma carta com timbre oficial do Terceiro Reich. Nela, Rudolph Hess nos advertia que estaria ausente de Berlim até a segunda semana de Agosto mas que, se desejássemos visita-lo, poderíamos nos dirigir à Alta Baviera. A causa disto era que o Führer havia decidido descansar uns dias em sua propriedade ***"Haus Wachenfeld"***, sobre o ***Obersalzberg***, em ***Berchtesgaden*** e parte de seu gabinete o acompanhou, alojando-se em hotéis próximos. Rudolph Hess e sua esposa se encantariam em nos receber caso decidíssemos ir até lá[10][9].

Meu pai não podia disfarçar sua satisfação, pois esta situação era por demais benéfica para nossos planos. Por um lado nos poupava de viajarmos centenas de quilômetros, pois de Veneza a Berchtesgaden há somente 200 km., enquanto que para Berlim são mais de mil. Por outro lado, teríamos a possibilidade de entrevistar Rudolph fora de todo protocolo oficial, sem padecer da interferência de secretárias ou assistentes e dispondo de tempo para conversar e recordar as boas épocas.

A vista da lendária Veneza, a passagem pela Áustria e a chegada aos Alpes Bávaros, foram o umbral do meu ingresso a um mundo novo e maravilhoso.

Desde o momento em que pisei em solo Bávaro, notei que o ar estava como eletrizado, como se um oculto motor enviasse vibrações poderosas através do éter. Era algo tão evidente nesses dias – ou anos – que qualquer um que estivesse medianamente predisposto, poderia perceber.

Essas vibrações. Que não se captavam com um órgão físico, levavam ao espírito receptor uma mensagem: Alemanha desperta![11][10]. Mas esta tradução em duas palavras é grosseira; parece um chamado patriótico banal, não transmite cabalmente o que evoca em nosso Espírito essa força misteriosa. Explicarei: Alemanha desperta! Dizia e quem escutava não pensava na Alemanha geográfica, nem sequer no Terceiro Reich, mas que se sentia claramente em outro mundo, sem fronteiras, em uma Alemanha sem Tempo nem Espaço, cujos ***únicos limites*** eram justamente os fixados por esta mesma vibração.

Alemanha se limitava somente onde já não se percebia a vibração unificadora, pois agora todos sabiam, Alemanha era também esse imanente som inaudível chamado ***volkschwingen***[12][11].

10[9] Em ***Reichcoldsgrun***, ***Baviera***, estava a casa "alemã" da familia Hess, construida pelo pai de Rudolph. Porém as férias do ***Stellvertreter*** transcorriam habitualmente em ***Berchtesgaden***, perto da residência do Führer.

11[10] Deutschland erwacht.

12[11] ***Volkschwingen:*** vibração do povo.

Alemanha desperta! Dizia a mensagem transcendente e Alemanha, como uma fênix, renascia das cinzas de suas últimas derrotas; convertia-se no epicentro de uma nova ***weltanschauung***[13][12] na qual não tinham lugar as infâmias da conspiração judia mundial e a subversão marxista-leninista.

A revolução traria uma Nova Ordem que somente admitiria em sua Elite dirigente à hierarquia do Espírito. Seriam superiores aqueles que se fizessem realmente por si mesmo, sem importar nenhuma outra condição. Esta perspectiva estimulava a sã competência, insuflava novas esperanças e alentava a todos a compartilhar da aventura do "despertar alemão". E ninguém devia duvidar, pois a Nova Ordem estava garantida, assegurada em sua pureza, pela figura do ***Führer***[14][13].

Sim, afinal a Alemanha tinha seu Führer. Ele era o verdadeiro artífice da Nova Ordem, o Chefe que conduzia o povo germano à vitória.

Corria o ano de 1933, Alemanha despertava. Adolf Hitler era o Führer.

13[12] ***Weltanschauung***: "concepção do mundo", "ideologia".

14[13] ***Führer***: *chefe, comandante.* .

Capítulo VII

Tinha quinze anos, a Alma carregada de ilusões e a clara percepção da ***volkschwingen*** quando chegamos à hospedagem de Rudolph hess em Berchtesgaden.

Havia-se espalhado a notícia de que o Führer estava em Haus Wachenfeld e a área se viu invadida de jornalistas e curiosos, e foi difícil nos alojarmos. Finalmente, o fizemos numa modesta hospedaria "Kinderland" a uns dois quilômetros da casa de Rudolph Hess.

Pernoitamos ali e pela manhã bem cedo partimos atleticamente por uma alameda nevada que seguia em suas curvas a colina próxima. Meu pai, vestido ao costume Bávaro, usando a calça montanhesa dentro de grossas meias de lã que chegavam até os joelhos. Botina, camisa e paletó sem colarinho completavam o visual. Eu trajava um uniforme novo, cinza escuro da Hitlerjungen, composto de calça, jaqueta com bolsos e gola marinheiro, cinto com fivela com a Runa ᛋ, correia cruzada sobre o peito e um pequeno punhal no cinto com a inscrição ***"Blut und Ehre"***[15][14] gravada na lâmina; gravata presa com um anel, botinas de cordão e meias cinza.

A casa onde se hospedava a família Hess, era uma antiga construção de madeira de estilo clássico alpino, pequena mas confortável. Ao chamar à porta, fomos atendidos por um sonolento oficial das ᛋᛋ que exercia a guarda dormindo na sala de estar, junto à lareira acesa. Chamava-se Edwin Papp e era ᛋᛋ. ***Obersturmführer***[16][15].

- Herr Hess encontra-se ainda deitado – disse o oficial das ᛋᛋ – Ficará alegre ao vê-los, pois os espera há vários dias. Sentem-se, por favor, enquanto preparo o café.

Meia hora depois aparecia Rudolph Hess, impecavelmente vestido com roupa de ginástica: calça, casaco e sapatilhas azuis. Alto, robusto, de rosto quadrado e sobrancelhas espessas, se destacavam claramente os olhos negros e brilhantes que pareciam atrair a atenção posta nele.

Apenas sorriu, se deteve um momento olhando meu pai e logo se abraçaram, arrancando em ambos, exclamações de alegria e espontâneas gargalhadas. Há muitos anos que eu não o via e, portanto, guardava uma imagem muito vaga, mas me surpreendeu descobrir uma timidez que não podia nem imaginar no poderoso suplente do Führer.

Voltou-se para mim e me observou admirado:

–***¿Dieser mein patekind?***[17][16] – disse como para si – Como passa o tempo! Já é um homem. Um novo homem para um novo Reich.

- Diga-me Kurt – dirigia-se desta vez a mim – não deseja ficar na Alemanha? Aqui poderia estudar e servir a Pátria.

- Sim ***taufpate***[18][17] Rudolph, - respondi alvoroçado – isso é o que quero. Minha maior ambição é ingressar na Escola ***NAPOLA***.

15[14] ***"Blut und Ehre": Sangue e Honra.***
16[15] ***ᛋᛋ.Obersturmführer: capitão ᛋᛋ.***
17[16] ***¿Dieser mein patekind?*** Este é meu afilhado?
18[17] ***Taufpate:*** Padrinho.

- Essa sim é uma grande ambição – disse Rudolph Hess – veremos que podemos fazer.

Nesse momento entrou Ilse Prohl de Hess a quem meu pai não conhecia, mas que logo depois das apresentações, parecia ser uma amiga de toda a vida. Isto se devia a que Ilse era uma mulher simples e enérgica, mas dona de uma grande amabilidade. Antiga militante nacional socialista, estava afastada da política desde seu casamento com Hess em 1927 e manifestava, a pouco de estar falando conosco, o desejo de ter filhos, que Deus parecia negar – Depois de cinco anos nasceria o único filho de Rudolph Hess, Wolf, mas essa é outra história.

Passamos uma semana em Berchtesgaden durante a qual Rudolph, Ilse y meu pai se confraternizaram em várias ocasiões, quando eles não iam a Haus Wachenfeld ver o Führer que por sua parte se achava assediado por Goering e outros membros do partido.

Nessas festas, quando meu pai e os Hess trocavam recordações e anedotas, eu conversava horas com o oficial das ϟϟ encarregado da guarda. Segundo meu critério daqueles dias, não existia uma meta mais digna dos esforços de um jovem alemão, que chegar a pertencer ao corpo de Elite das ϟϟ.

Um dia, dos primeiros que passamos em Berchtesgaden, meu pai e Rudolph se retiraram para conversar numa galeria exterior, localizada sobre uma ladeira protegida por uma varanda que rodeava a casa. Normalmente não fazia caso deles, mas algo nos gestos, um tom de cochicho na conversação, me alertou sobre a possibilidade de que estivessem falando de mim.

Pensei que se referiam ao ingresso na Escola ***NAPOLA*** e uma ansiedade crescente me ganhou. Não podendo resistir à tentação – delito imperdoável, diria meu pai – fiz algo repudiável: os espionei.

Dissimulando estar parado contra uma janela que se abria perto de meu pai e de Rudolph Hess, tratei de escutar sua conversa, que efetivamente se desenvolvia em torno do tema de minha pessoa. Mas não versava sobre o ingresso a Escola ***NAPOLA***, mas sobre uma questão que me encheu de estupor.

-... esquecida. Pode deixar-me Kurt, então – dizia Rudolph – Falou com ele do Signo?

- Não achei ser conveniente – respondeu meu pai – Além disso, não saberia explicar com suficiente profundidade esse Mistério. Você sabe mais que eu destas coisas; é mais indicado para falar com ele.

Hess movia a cabeça afirmativamente enquanto em seu rosto se mantinha esboçado um sorriso tímido, tão característico de sua pessoa.

- Esperemos alguns anos – disse Rudolph Hess – se Kurt não nos perguntar antes. Nunca suspeitou de nada? Não protagonizou algum fato anormal?

- Não, Rudolph, salvo o assunto dos ***Ofitas***, que já te contei por cartas, não lhe ocorreu nada estranho depois, e inclusive parece ter esquecido, ou pelo menos, a lembrança não o afeta.

Nesse ponto da conversa entre Hess e meu pai pouco era o que eu entendia, mas ao mencionar aos ***Ofitas*** um incrível episodia de minha infância veio à memória instantaneamente. Quando tinha uns dez ou onze anos, fui vítima de um seqüestro! Não era um seqüestro criminal com o fim de cobrar resgate, mas um rapto perpetrado por

fanáticos da Ordem Ofita que só durou umas horas até a Polícia, contando com os dados de um delator profissional, pode desbaratar.

Capítulo VIII

As coisas aconteceram assim: meus pais haviam viajado até o Cairo – o Engenho familiar dista uns quilômetros desta cidade – com o objetivo de fazer compras.

Enquanto minha mãe se entretinha nas vastas dependências da Tenda Inglesa, eu, ávido por travessuras, fui deslizando dissimuladamente ata a rua. Um momento depois corria a várias quadras da Tenda, atraído inocentemente pelo burburinho do "Mercado Negro", bairro labiríntico de miseráveis ruelas e refúgio seguro para mendigos e delinqüentes.

Nesse dia a maré humana era densa pelas ruelas estritas em que a distância entre dois postos de venda apenas deixava uma pequena passagem pra o transito de pedestres. Olaria, frutas, tapetes, animais de todos os tipos imagináveis se vendia ali e ante cada mercadoria se detinham meus olhos curiosos. Não tinha medo até porque não havia me distanciado muito e seria fácil voltar até onde estava minha mãe.

Seguindo a ruela fui parar numa ampla praça de pedras com chafariz, na qual desembocavam uma infinidade de ruelas que só o mau planejamento desses bairros do Cairo pode justificar. Estavam ali centenas de vendedores, vagabundos, mendigos e mulheres com o rosto coberto por um ***chador***, que recolhiam água em cântaros de barro cozido.

Acerquei-me da fonte tentando orientar-me, sem reparar em um grupo de árabes que cantavam em volta de um encantador de serpentes. Este espetáculo é muito comum no Egito e não me chamou a atenção, a não ser pelo fato inusitado de que ao ver-me, os árabes foram baixando o tom do canto até calar por completo. No principio não me dei conta, pois o encantador continuava tocando a flauta, enquanto os olhos verdes da cobra hipnotizada pela música, pareciam olhar-me fixamente. Logo o flautista somou-se ao grupo dos silenciosos árabes e eu, compreendendo que algo anormal ocorria, apertei meus passos.

O feitiço se quebrou quando um deles, dando um alarido espantoso, gritou em árabe - O Signo! Enquanto me apontava torpemente. Foi como um sinal. Todos gritavam exaltados e corriam até mim com a evidente intenção de me capturar.

Foi uma revolução, pois eu, sendo um menino, corria entre a multidão com maior velocidade, enquanto meus perseguidores se viam atordoados por diversos obstáculos, os quais eliminavam jogando ao chão tudo que lhes cruzava o caminho. Por sorte era grande o povaréu e muitas testemunhas deste episódio puderam dar pistas a policia.

A perseguição não durou muito, pois o fanatismo frenético que animava àqueles homens multiplicava suas forças, enquanto as minhas se consumiam rapidamente.

Inicialmente virei numa rua de mercadores, escapando no sentido contrário ao usado para chegar à praça, mas a poucas quadras, tentando esquivar a multidão de vendedores e clientes, entrei num calçadão. Este não era reto, mas seguia estreitando-se cada vez mais, até converter-se num caminho de um metro de largura entre as paredes das casas.

À medida que corria, o calçadão parecia mais limpo de obstáculos e, por conseguinte, meus perseguidores ganharão terreno, até que uma pedra saliente do solo irregular me fez rolar derrotado. Imediatamente fui rodeado pelos excitados árabes que não tardaram em envolver-me com uma de suas capas e carregar-me prisioneiro entre

poderosos braços. A impressão foi grande e desagradável e, por mais que gritasse e chorasse nada parecia afetar a meus raptores que corriam agora, mais rápido que antes.

Uns instantes depois chegam ao destino. Ainda que eu não pudesse ver, entendia perfeitamente bem o árabe e compreendi então que os fanáticos chamavam a altas vozes a alguém a que denominava ***Mestre Naaseno***.

Por fim me libertaram do envoltório que me cegava, depositaram-me sobre uma suave almofada de seda, de tamanho médio. Quando acostumei a visão à penumbra do lugar, vi que estava em uma ampla estância, tenuamente iluminada com lâmpadas de azeite. O piso, coberto de ricas almofadas e tapetes, contava com a presença de uma dúzia de homens ajoelhados, com a testa no chão, que de quando em quando levantavam os olhos para mim e logo, juntando as mãos sobre suas cabeças, elevavam seus olhos extraviados até o céu chamando ***Ophis! Ophis!***

Por suposto que tudo isto me atemorizou, pois, ainda que não houvesse sofrido maus tratos, a lembrança de meus pais, e o fato de estar prisioneiro, me produziam uma grande aflição. Sentado no almofadão, rodeado de outros homens, era impossível pensar em fugir e esta certeza me arrancava dolorosos soluços. Logo, uma voz bondosa falou em minhas costas trazendo momentânea esperança e consolo a meus sofrimentos. Virei e vi que um ancião de barba branca, com um turbante, se chegava a mim.

- Não temas, filho – disse em árabe o ancião a quem chamava Naaseno – Ninguém te fará mal aqui. Você é um enviado do Deus Serpente, ***Ophis-Lúcifer*** a quem nós servimos. Isso comprova pelo Signo que trás marcado para Sua Glória.

Indicou-me num gesto afetuoso que permitiria ser tomado nos braços por ele, para poder me "ensinar as imagem de Deus". Realmente eu precisava de um trato afetuoso, pois aqueles fanáticos não repararam que ***eu era um menino***. Abracei o ancião e este começou a andar de um extremo a outro da sala – que se mostrou ser um sótão – onde se elevava uma coluna em cujo pedestal brilhava uma pequena escultura de pedra muito polida. Tinha a forma de uma cobra alçada sobre si mesma com olhos refulgentes, devido talvez à incrustação de pedras de um verde mais intenso. A imagem me fascinou e a teria tocado se o ancião não retrocedesse em tempo.

- Gostou da imagem de Deus, "pequeno enviado"? – disse o Mestre. .

- Sim – respondi sem saber por quê.

- Você tem direito de possuir a jóia da Ordem – Continuou o Mestre enquanto fuçava em uma bolsinha de fino couro que levava colada ao corpo. .

- Aqui está! - exclamou o Mestre Naaseno – é a imagem consagrada do Deus Serpente. Para obtê-la os homens passam por duras provas que à vezes leva toda a vida. Você, em compensação, não necessita passar por nenhuma prova porque é o portador do Signo.

Com um afiado punhal que tirou do cinto, cortou um cordão verde de um cofre pendurado na parede e, amarrando a réplica de prata num laço, colocou-a em meu pescoço. Depois me olhou nos olhos, de uma forma tão intensa que nunca pude esquecer. Tampouco esqueci suas palavras, as quais pronunciou com voz muito forte, ***ritualisticamente***. Agarrou-me com seu braço esquerdo e me elevava para que fosse visto por todos, enquanto com o indicador da mão direita assinalava ao Deus Serpente. Dizia o seguinte:

- Iniciados da Serpente Libertadora! Seguidores da Serpente de Luz Não Criada! Adoradores da Serpente Vingadora! ***Eis aqui o portador do Signo da Origem! Aquele que pode compreender com Seu Signo a Serpente; aquele que pode obter a Mais Alta Sabedoria que é dada a conhecer ao Homem de Barro***! No interior deste menino Divino, no seio do Espírito eterno, está presente o Sinal do Inimigo do Criador e da Criação, o Símbolo da Origem de nosso Deus e de todos os Espíritos prisioneiros da Matéria. E esse Símbolo da Origem se manifesta no Signo que nós, e ninguém mais, temos sido capazes de ver: menino Divino, ele poderá compreender a Serpente ***desde dentro***! Mas nós, graças a ele, a seu Signo libertador, temos ***compreendido de fora***, e nada mais poderá nos deter.

- Sim, sim! Já podemos partir – gritavam em coro os desenfreados Iniciados Ofitas.

Passaram os minutos e tudo se foi acalmando no refúgio da Ordem Ofita. Os árabes estavam entregues a alguma classe de preparativos e eu, entusiasmado com a serpente presenteada e tranqüilizado pelos bons tratos do Mestre Naaseno, não desconfiei quando este me aproximou um copo de refresco de menta. Poucos minutos depois caia presa de profundo torpor, seguramente por causa de um narcótico colocado na bebida.

Quando despertei, estava com meus pais no Sanatório Britânico do Cairo, junto a um médico, de avental branco, que tratava inutilmente de convencê-los de que eu simplesmente dormia.

Com o passar dos anos, fui reconstruindo as ações que levaram a minha libertação. Ao que parece o Chefe de Polícia se moveu rapidamente, temendo que o seqüestro de um membro da rica e influente família Von Subermann, acabasse com sua carreira no Departamento de Polícia, e sua cabeça seria a primeira a rodar. Por intermédio de confidentes, mendigos, vagabundos ou simples transeuntes, concluíram sem dúvidas que os autores do seqüestro eram os fanáticos membros da milenar Ordem gnóstica "Ofita", considerados como inofensivos e inclusive muito sábios.

Isto desconcertou em princípio os policiais que não conseguiam vislumbrar o motivo do seqüestro, mas, seguindo algumas pistas, chegaram à casa de Mestre Naaseno. Os árabes, na euforia por transportar-me até ali, comportaram-se imprudentemente, entrando todos juntos em meio a gritos e exclamações. Um mendigo, testemunha presencial da estranha procissão, tão desejoso de ganhar a recompensa que minha família havia oferecido, como uma surra dos guardas, deu os dados da casa onde entraram os raptores. Esta foi rodeada pelas autoridades, mas como ninguém respondia aos chamados, forçaram a porta, encontrando-se com uma humilde vivenda, totalmente vazia de pessoas. Depois de uma inspeção, descobriu-se, disfarçada debaixo de um tapete, a porta que conduzia, por meio de uma íngreme escadaria de pedra, ao soterrado templo do Deus Serpente.

Um espetáculo macabro surpreendeu os presentes, pois, estendido sobre uma almofada de seda, jazia meu corpo exânime rodeado de cadáveres com expressão convulsiva que, como último gesto, estendiam os braços para mim.

Todos os seqüestradores estavam mortos com veneno de cobra. O Mestre Naaseno e o ídolo se haviam evaporado.

A impressão que receberam os recém chegados foi muito ruim, pois pensaram que eu também estava morto, mas perceberam o erro e fui transportado ao Sanatório Britânico junto com meus pais. .

Ainda conservava pendurado ao pescoço a serpente de prata, sendo esta guardada zelosamente por meu pai, ainda que às vezes, anos depois, me mostrava quando relembrávamos daquela aventura.

Naquele momento enquanto escutava a meu pai e Rudolph Hess falando dos Ofitas, todos estes fatos se voltavam em minha mente. Estava voltado de costas contra a janela, de maneira que só podia vê-los de soslaio, mas as vozes chegavam nítidas aos meus ouvidos.

- Esta é a jóia de prata – disse meu pai – com a imagem de ***Ophis-Lúcifer***. A conservei com o cordão original; toma, agora você deverá guardá-la.

Era uma revelação extraordinária, - não pude evitar virar-me para ver melhor – pois meu pai nunca deu importância ao pequeno ídolo e eu, que não compreendia seu dignificado, tampouco. Inclusive há anos que havia apagado de minha mente.

¡E eis que meu pai havia simulado e dado importância ao assunto, mas na realidade atribuía certo valor desconhecido ao ídolo de prata! E o mais estranho era que tivesse trazido escondido para a Alemanha, oferecendo-o em custódia a Rudolph Hess. Isto para mim não tinha sentido.

Por outro lado falavam do Signo como os árabes, que Signo? Anos depois do seqüestro, me olhava no espelho buscando al bendito Signo que havia levado aqueles miseráveis à morte, e jamais achei nada anormal. Tampouco suspeitei que meu pai cresse na existência daquele sinal – ou estigma?

Em minha cabeça passava um torvelinho de idéias desordenadas, enquanto distraidamente via Rudolph Hess examinar a serpente de prata.

Logo, tirando a mão do bolso do casaco, tirou um cordão que rodeava o pescoço. Pendurado no mesmo havia uma serpente de prata, exatamente igual a minha!

Rudolph Hess as havia reunido em sua mão para a contemplação de meu pai e, depois de uns minutos, colocou a sua e guardou a outra num bolsinho. Instantes depois ambos ingressaram à cálida sala de estar sem fazer menção do tema de sua conversação precedente.

Esta atitude reservada me convenceu da inconveniência de abordar de algum modo o assunto, pois delataria a censurável espionagem cometida. Não pensei muito: calaria até que me fosse falado diretamente, mas me prometi fazer o impossível para obter informações sobre o misterioso Signo.

Eram duas da manhã e tio Kurt parou com intenção de ir para seu quarto. Não o reprovava esta atitude, pois estava falando há várias horas, mas o relato despertou-me inquietudes e interrogações em meu espírito, tornando-me impaciente e importuno.

- Tio Kurt – disse – sei que é tarde, e sei também que amanhã podemos continuar essa conversa, mas necessito realmente que me responda a duas perguntas antes de ir.

- Ha, ha, ha, ha – rio com sua terrível gargalhada – é igual a mim na sua idade: necessitava obter respostas para pode viver. É como uma sede. Entendo-te neffe. O que quer saber?

- Somente duas coisas – disse – Primeiro: há possibilidade que esse Signo que os árabes viam no senhor, seja igual ao que Belicena Villca viu em mim?

- Sem dúvida nenhuma neffe – respondeu – O Signo significa muitas coisas, mas também é uma ***Sanguine Signum***[19[18]] e ambos temos o mesmo sangue. O sangue não é fator determinante para a aparição do signo por si, mas é "condição de qualidade"; se aparece um signo nos membros da nossa família, ***é o mesmo signo***.

Eu ignorava que hoje em dia havia outro Von Subermann vivo com dita marca. Meu pai, com quem falei finalmente sobre isso, me contou que segundo uma tradição familiar, um antepassado nosso "demonstrou" a seus contemporâneos mediante certos sinais, "ser um eleito do Céu", em virtude do qual o Rei Alberto II da Áustria lhe outorgou o título de Barão no século XV. A partir dessa época, se registraram nos anais familiares, sendo tudo anteriormente obscuro e desconhecido. Nos séculos posteriores, a família sempre se dedicou a produção de açúcar, como disse Belicena Villca em sua carta, e se manteve atenta à aparição de descendentes com "aptidões especiais". De fato, houve vários integrantes da Estirpe que demonstraram possuir dons sobrenaturais, mas ninguém logrou resolver o enigma familiar. Somente as últimas gerações do ramo egípcio, puderam acercar-se à solução do mistério, ao descobrir a existência de uma marca ou signo de aparição cíclica entre os membros da família através das gerações. Mas salvo essa notícia, obtida graças aos contatos realizados com certos ***ulemas***, sábios do Islã, pouco é o que pôde saber-se com mais precisão.

Para meu desespero tio Kurt seguia acercando-se da porta, com a firme intenção de ir.

- Farei a segunda pergunta – disse – Pode-se saber o que é o signo? Tio Kurt fez um gesto de fastio.

- Crê que uma resposta que busquei durante anos possa resumir-se em duas palavras? Suponho que sua pergunta aponta o Símbolo da Origem, que é a causa metafísica de nosso signo. Se assim for, somente te direi que tudo quanto pude averiguar a respeito, é menos do que expõe Belicena Villca em sua carta. Concordo plenamente com ela, e de acordo ao que me foi revelado na Ordem Negra ϟϟ, que o Símbolo da Origem está ligado ao Mistério do aprisionamento espiritual. O Símbolo da Origem, neffe, é análogo a uma Marca Carismática: quem é abarcado por tal marca, consciente ou não, "orientado" ou não até ela, permanece inevitavelmente aprisionado na matéria. Quem tenta em troca abarcar a marca, compreende-la ou transcende-la, tenta libertar-se da prisão, "é livre na Origem". E aqueles que procuram manter o Espírito Eterno prisioneiro sob a marca, ou Símbolo da Origem, são os mestres da Kalachakra, a Fraternidade Branca de Chang Shambala. E aqueles que tratam de que o Espírito transcenda o Símbolo da Origem, talvez compreendendo a Serpente, são os Iniciados da Sabedoria Hiperbórea, os Deuses Libertadores de Agartha.

Isto é, em síntese, o que sei sobre o Símbolo da Origem. Agora bem, se sua pergunta se refere ao Signo como marca, direi que ainda sei menos, pois ao Signo só podem ***reconhecê-lo*** aqueles que já o ***conhecem***. .

É básico neffe, para distinguir uma coisa da outra, tem de conhecê-la primeiro; o mesmo princípio vale para o Signo. Somente o "vêem" aqueles que tenham a Verdade em seu interior, pois só assim é possível reconhecer a Verdade exterior, por isso você e

---

19[18] ***Sanguine Signum:*** marca de sangue.

eu não podemos ver o Signo ainda que o levemos em nós, porque ainda nos falta chegar à Verdade.

Escutava a tio Kurt desolado, pois tinha a secreta esperança de que ele saberia o concernente ao signo e que talvez pudesse confiar-me seu segredo, mas sua resposta negativa era simples e lógica: a revelação do Signo devia ser interior.

Minha cara refletia o desalento e isto fez rir novamente a tio Kurt.

- Não se preocupe neffe, não é tão importante que nós vejamos o signo, mas que o reconheçamos em quem nos pode ajudar. E isto ocorre como se prova sua própria experiência.

Mas há algo que talvez compense a curiosidade que sente. Nos anos em que estive na Ásia, obtive uma informação precisa sobre nosso Signo: sua indicação corporal.

- Onde está? – perguntei sem dissimular a impaciência.

- Em um lugar curioso neffe – respondeu com evidente regozijo – nas orelhas.

Olhou o relógio e sem esperar resposta disse – Até amanhã neffe Arturo – e saiu.

Num primeiro momento pensei que tio Kurt brincava comigo, mas logo fui até o banheiro, no espelho, e olhei minhas orelhas. Não havia nada anormal nelas, pequenas, sem lóbulo, pregadas à cabeça, eram iguais às do tio Kurt.

Definitivamente eu não era capaz de "ler" o famoso "Signo" e fui dormir.

Capítulo IX

Na manhã seguinte despertei com a lembrança dos últimos conceitos expostos por tio Kurt na noite anterior, que iam clareando lenta, mas efetivamente, o Mistério em que me achava imerso. Ficou evidente, era seguro que meu tio Kurt compartilhava a mesma filosofia oculta de Belicena Villca, a "Sabedoria Hiperbórea", e que a mesma lhe foi revelada durante sua carreira como oficial das ϟϟ: isto era mais do que eu poderia sonhar ao vir a Santa Maria!

E, além disso, estava a questão do Signo: não só tio Kurt conhecia a existência do Signo, mas que me confiava que tanto ele como eu, éramos portadores do mesmo! Não cabiam dúvidas então que, igualmente aos Ofitas, Belicena Villca o havia percebido, em minhas orelhas ou onde queira que estivesse plasmado, e isso a havia feito relatar em sua carta.. E tanto no caso dos Ofitas como no caso de Belicena Villca, a morte interveio implacavelmente, como se Ela fosse um ator imprescindível no drama dos assinalados pelo Signo!

- Bom dia Senhorzinho, venho curar-lhe a cabeça. – disse a velha Juana, circunstancialmente enfermeira – Trouxe o que me pediu. Veja senhorzinho. ..

Trazia uma navalha, de refulgente corte, utensílio que havia solicitado com a intenção se raspar a cabeça, já depilada em parte pelo Dr. Palácios em torno da ferida.

Concluída a cura, que consistia em lavar a cicatriz e pincelar com uma tintura vermelha a base de iodo, a velha Juana se entregou à tarefa de raspar minha cabeça, concessão feita ao comprovar a impossibilidade de poder fazê-lo eu mesmo, com uma mão só.

Meia hora depois, luzindo o crânio perfeitamente rasurado como um bonzo da Indochina, tomava o nutrido café da manhã que me servira a solícita senhora.

- Neste passo logo estará bem, Senhorzinho – disse a velha deleitada pela forma em que devorava as iguarias.

- Sim, mas com vários quilos a mais – repliquei sem deixar de comer.

As nove em ponto subiu tio Kurt a meu quarto.

- Como está neffe? Disposto a escutar outra parte de minha história?

- Sim, tio Kurt – respondi – estou ansioso, realmente ansioso por escutar o que tem a contar.

Acomodou-se numa espreguiçadeira e começou a falar.

- Bem, havíamos parado logo de surpreender a conversa de meu pai com Rudolph Hess sobre o Signo, decidi não falar disso até que um dos dois tomasse a iniciativa.

Assenti com a cabeça enquanto tio Kurt retomava o fio do relato.

- Ao finalizar a primeira semana de Agosto de 1933, partimos para Berlim de trem. Rudolph Hess e Ilse, em compensação, iriam até Munique de automóvel e dali subiriam a Berlim num avião, junto com o Führer, Goering e várias personalidades do Terceiro Reich, que finalizavam suas férias.

Em Berlin nos hospedamos no hotel ***Kaiserhof***, antigo quartel general da ***N.S.D.A.P.***[20[19]] e esperamos, de acordo ao combinado em Berchtesgaden, noticias de

---

[20[19]] ***N.S.D.A.P.***: iniciales del ***Nationalsozialistsche Deutsche Arbeiterpartei***, que significa: Partido Nacional Socialista Alemán de los Trabajadores.

Rudolph Hess. Estas chegaram em meados de Agosto em forma de uma citação para encontrarmos com Rudolph Hess no Ministério de Educação e Ciência. Deveríamos estar preparados às 7 h. Do dia seguinte no hotel, pois seríamos levados por um veículo oficial.

Às 7 em ponto chegou o oficial das ϟϟ, Papp, a quem conhecíamos pela custódia de Rudolph Hess em Berchtesgaden, em um carro com chofer uniformizado das S.A.

- Herr Hess os espera no Ministério da Educação e Ciência. Deixei-o lá antes de vir buscá-los. – Disse o ϟϟ.

Chegamos em poucos minutos e fomos conduzidos pelo ϟϟ até uma porta na qual se lia "***NAPOLA*** Direção Nacional". Entramos.

Em um amplo recinto, sobriamente mobiliado, encontramos Rudolph Hess com o uniforme das SA, e um homem de aspecto severo e a uma secretária que datilografava uma máquina de escrever. Todos pararam quando chegamos.

- Professor Joachim Haupt, lhe apresento o Barão Reinaldo Von Subermann - disse Rudolph Hess.

- Barão Von Subermann, este é Joachim Haupt, Diretor Nacional dos ***NAPOLA*** – completou Rudolph Hess a apresentação.

Enquanto se cumprimentavam Hess tomou a palavra.

- Estava discutindo o ingresso de Kurt com o Herr Professor e, dada a falta de vagas, chegamos a um acordo. Será incorporado ao primeiro ***NAPOLA*** em ***Lissa*** para integrar o "Corpo Seletivo de Estudos Orientais".

Meu destino estava, pelo visto, resolvido. O Professor Haupt me observava com atenção, ao final falou.

- Jovem Von Subermann, soube que você domina várias línguas. Poderia-me dizer quais são? – perguntou.

- Sim, Herr Professor. À parte de minhas línguas natais árabe, inglês, alemão, falo francês e grego – respondi timidamente.

- Cinco idiomas é mais que suficiente para ingressar em ***NAPOLA*** de Lissa – disse o Professor Haupt – mas a nós nos interessa seu domínio do árabe. Você estaria disposto a estudar outras línguas do Oriente Médio ou da Ásia, digamos, por exemplo, turco ou russo?

- Sim, gostaria de aprender outras línguas e estou disposto a estudar aquilo que melhor convenha para servir à pátria – respondi um tanto perplexo, pois jamais me ocorrera que em ***NAPOLA*** receberia um treinamento tão específico.

- Então não há mais nada a ser dito – disse o Professor Haupt – Lhe darei uma ordem de incorporação. Na próxima segunda deve apresentar-se em Lissa.

Dirigiu-se a meu pai:

- Concordamos com Herr que esta seria a melhor carreira para seu filho. Normalmente na Escola ***NAPOLA*** se dita o plano de estudos de ensinamento oficial com especializações em letras, ciências naturais, línguas modernas, etc., mas por um decreto reservado do Führer, acabamos de criar uma divisão especial de estudos asiáticos. Esta divisão se chamará "Corpo Secreto de Estudos Orientais" e ali se formarão os futuros ***Ostenführer***[21][20] quem, mais adiante, servirão em missões especiais

[21][20] ***Ostenführer***: literalmente "Chefe do Leste".

na Ásia. O ***Reichführer***[22[21]] Himmler apresentou um projeto sobre o plano de estudos, e um dos requisitos a cumprir é o domínio de línguas asiáticas. Temos já Professores de dialetos tibetanos e mongóis, e de sânscrito. O jovem Kurt pode ser um bom auxiliar para o Professor de árabe, o que é uma vantagem para todos.

Serão três anos intensivos em ***NAPOLA***, que logo se complementarão, se nossos planos se realizarem, com um posterior treinamento nas ϟϟ. Esta é uma informação confidencial que revelo a você somente pelo fato de Herr Hess dar o aval sobre sua discrição.

Entendo que estando no Egito, você não poderá zelar devidamente pelo bem estar de seu filho. Pensa em alguém a quem delegará a responsabilidade de Tutor? – perguntou o Professor Haupt.

Meu pai e Rudolph Hess se entreolharam, e em seguida este moveu a cabeça em muda aceitação.

- Eu me encarregarei do jovem Kurt – disse Rudolph Hess – Disponha os papéis necessários para cumprir esta formalidade.

- Então tudo está resolvido – disse o Professor Haupt – Está de acordo Barão Von Subermann?

-Totalmente de acordo. Não poderia encontrar outro tutor melhor para meu filho, nem há na Alemanha ninguém em quem confie mais que em Rudolph – disse meu pai, que ainda estava comovido pelo gesto de Rudolph Hess.

Momentos depois uma eficiente secretária preparava um Legado Pessoal em meu nome, arquivava as declarações jurídicas de Hess e de meu pai e me entregava um envelope que deveria entregar em Lissa, ao apresentar-me na segunda-feira seguinte.

- Heil Hitler! – disseram em uníssono o Professor Haupt e Rudolph Hess, ao se despedirem trocando a antiga saudação romana, consistente em alçar o braço direito e bater os calcanhares.

Nas escadarias de pedra do Ministério de Educação e Ciência se produziu outra despedida, mas desta vez mais dolorosa, pois meu pai e Rudolph Hess se apreciavam profundamente. As múltiplas ocupações de Hess faziam deste muito difícil de fazer outra visita, pelo que decidiram se despedir ali mesmo.

- Até breve estimado Reinaldo – disse Rudolph a meu pai, incapaz por sua timidez de ser mais expressivo – Você é um dos poucos amigos verdadeiros que tenho e sempre é uma grande alegria estar com você. Não se preocupe por Kurt. Eu cuidarei dele, como seu tutor, serei avisado de imediato sobre qualquer novidade que possa surgir.

- E você Kurt – disse Rudolph Hess dirigindo-se a mim – não deixe de me avisar das necessidades ou problemas que tenha. Toma este cartão – estendeu um retângulo de cartolina com a águia do Terceiro Reich em relevo – pode chamar ao telefone e solicitar minha presença ou transmitir seu pedido ao ϟϟ ***Obersturmführer*** Papp, a quem já conhece.

Desceu um degrau, segundo seu costume de tomar distância para observar a seus interlocutores, e nos olhou com olhos tristes, enquanto em sua boca se esboçava um sorriso tímido.

- Até breve família Von Subermann, Heil Hitler! – disse e, prévio abraço com meu pai, partimos em direções opostas.

22[21] ***Reichführer:*** Chefe Nacional - Grau máximo das ϟϟ..

Aproveitamos o resto da semana para comprar roupas e diversas coisas que necessitaria para a internação em ***NAPOLA*** de Lissa. Na segunda seguinte, depois de fazer as apresentações correspondentes a um secretário com uniforme pardo das SA, me despedi de meu pai para começar uma nova vida.

Capítulo X

Três anos permaneci em ***Lissa*** aperfeiçoando-me no "Corpo Seletivo", durante os quais só vi minha família nas ocasiões em que podia viajar ao Egito; isto é, uma vez a cada ano nas férias de verão. A Rudolph Hess me propus molesta-lo o menos possível, mas as poucas vezes que liguei para o número de telefone que me dera, não consegui falar-lhe diretamente, senão por intermédio do oficial ϟϟ Papp.

De todo modo, nunca fui desatendido em minhas escassas solicitudes, a todas as quais atendeu amavelmente o oficial. Mas Rudolph Hess era meu tutor e, portanto, o responsável de assinar as planilhas de qualificação e outros trâmites burocráticos, como cabe a qualquer pai. Jamais soube que isso não se cumprira, pelo que eu supunha que Hess havia previsto um mecanismo automático, pelo qual seria informado sobre o desenvolvimento de meus estudos. Finalmente verifiquei que esta teoria era correta.

Para alguns natais e celebrações especiais, que a família Hess passava na intimidade, fui convidado a estar com eles, o que me dava muita alegria, pois constituíam minha única família na Alemanha.

Durante esses três anos, a parte da instrução secundária normal, aprendi religiões e costumes da Ásia e recebi intenso treinamento em práticas expedicionárias e de exploração. Montanhismo, equitação, e técnicas de sobrevivência, nos apartavam de esportes convencionais que realizavam os demais corpos estudantis do NAPOLA.

Era ***"vox populi"*** entre os estudantes do "Corpo Seletivo de Estudos Orientais", que nos treinavam para futuras missões na Ásia, mas ninguém sabia dar notícias do caráter que teriam aquelas missões.

Em 1936, terceiro ano de estudos em uma carreira que durava quatro, fui selecionado para receber instrução aérea e transferido às ***Flieger H. J. (Flieger Hitlerjugen)*** divisão das juventudes hitleristas, especializadas em vôo de planador. Porém – éramos vinte nas mesmas condições – nos instruíram o manejo de aviões ***Messerschmitt*** e aperfeiçoaram nossa deficiente prática com armas ofensivas.

Também recebemos nessa época um curso sobre "O Graal e o destino da Alemanha", ditado pelo Coronel ϟϟ Otto Rahn, prestigiado erudito em História da Idade Média e autor em 1931 do livro "A Cruzada Contra o Graal".

Chegou, por fim, a formatura em NAPOLA em 1937, e a conseqüente possibilidade de iniciar uma carreira profissional com êxito.

As opções que se ofereciam aos graduados iam desde fazer carreira no exército ou partido, até a incorporação à administração, a indústria, ou na vida acadêmica. Quem seguia carreiras não militares, cursava a Universidade e se doutorava em Filosofia e Letras, em Leyes, ou Matemática e Ciências Exatas.

Grande parte dos graduados aspirava ingressas na ***Waffen*** ϟϟ. para o qual deviam submeter-se a rigorosas provas de ingresso. Mas para o Corpo Seletivo, este ingresso era automático, pois grande havia sido o esforço que a pátria depositara em nosso treinamento. E, além disso, éramos somente noventa ingressos os que aspirávamos ao grau de ***Ostenführer*** da ϟϟ..

Poder-se-ia pensar que uma grande alegria invadia a todos e isso era certo no que diz respeito aos meus noventa e nove companheiros Eu, em compensação, sentia

ameaçada minha felicidade por um estranho fato que merece ser mencionado neste relato, pelas implicações posteriores que teve.

Ao completar o plano de estudos a primeira promoção do Corpo Seletivo – do qual eu era parte – um de nossos Professores, Ernest Schaeffer, se delegou a tarefa de selecionar um pequeno grupo para uma "operação especial". Começou a circular entre os nossos, o rumor de que tal operação era na realidade uma importante missão na Ásia, pelo que se produziu um conseqüente estado de excitação geral. Não havia quem não almejasse participar na ultra confidencial missão que, se dizia, havia sido encomendada pelo Reichführer Himmler em pessoa.

O Professor Ernst Schaeffer dava aulas de religiões orientais, especialmente Budismo, Vedismo e Brahmanismo com singular erudição, mas não era oficial das ϟϟ, senão da ***Abwehr***, o Serviço Secreto do Almirante Canaris. Por esta razão as conjecturas indicavam que a missão na Ásia seria uma operação de espionagem, talvez na Índia ou Rússia.

Nosso pequeno grupo de pilotos da Flieger –H.J. não foi incluído na seleção por alguma razão que ignorávamos e, ainda que a rígida disciplina interna exigisse absoluta obediência e subordinação, eu não acreditava faltar a nenhum regulamento se me oferecesse como voluntário. Não sabia o destino da misteriosa missão, mas o entusiasmo por ser admitido me fez pensar que o conhecimento em dez línguas orientais seria um bom argumento para conseguir meus propósitos.

Conforme esta convicção fui um dia ao encontro de Ernst Schaeffer. Encontrava-se em aula com um grupo de seis camaradas do Corpo Seletivo, dando-lhas algum tipo de instrução. Uma só olhada na lousa, de onde pendiam cartazes com desenhos de corpos humanos cobertos de flores de lótus, me bastou para saber que se tratava e explicações sobre os antiqüíssimos conceitos filosóficos do ***Tantra Yoga***.

A cara de desgosto que fez ao me ver foi como um presságio de que em algo me havia equivocado ao supor que o Professor poderia inclui-me em seus planos. Não obstante o mau pressentimento que tinha, decidi jogar minha cartada.

- Heil Hitler – saudei.

- Que deseja Von Subermann? – disse ignorando a saudação política.

- Perdão Herr Professor. Soube que o senhor seleciona pessoal para uma importante missão na Ásia e, se bem que não saiba grande coisa sobre ela, desejo que considere a possibilidade de incluir-me. Ou seja, me ofereço voluntariamente.

- Você, Von Subermann? – me olhava aguçando a vista, com uma expressão cínica – E para que deseja ir à Ásia, Von Subermann?

- Creio que não me compreendeu, Herr Professor. Eu desejo ser útil à pátria e esta é uma forma de demonstrar. Talvez meus conhecimentos dos costumes e línguas do Oriente Médio, possam servir em sua missão. Ou minha licença de piloto. Ou as línguas do distante Oriente. Tenho vontade de servir e por isso me ofereço – disse com convicção.

O gesto, em princípio sarcástico, na cara do Professor, estava se tornando agressivo e em seus olhos faiscava um brilho de ira. Eu tampouco me intimidei e já sentia o sangue ferver nas veias. Afinal de contas, nesses 1937, eu tinha 19 anos e o orgulhoso Professor, não mais de 25 ou 26. Ou seja, idades nas quais convém medir as palavras e os gestos...

- Von Subermann – disse com violência – devo agradecer sua boa vontade, mas você é a última pessoa que eu levaria à Ásia, entendeu? - Não, Herr Professor - continuei, pois realmente não compreendia o motivo pelo qual o Professor Schaeffer me odiava até chegar ao extremo de não poder dissimular.

- Não entende Von Subermann? - começou a gritar de forma descontrolada. – Pois bem, o direi com todas as letras. Você é uma pessoa sinistra, portadora de uma ***marca infame***. Sua presença é uma afronta em qualquer âmbito espiritual, uma afronta a Deus, que em sua infinita misericórdia lhe permite viver entre os homens. Devia se marginalizado, apartado de nos, ou melhor, exterminado como um rato, porque você, Von Subermann, contamina de pecado tudo quanto lhe rodeia. Você... – Continuava Ernest Schaeffer com seus insultos, totalmente fora de si e eu, que num primeiro momento havia ficado assombrado ao ouvir uma alusão ao Signo, estava reagindo rapidamente.

Sem pensar, disparei o punho da mão direita na cara do Professor, em pleno queixo. O golpe foi bastante forte, pois o enviou estonteado, vários metros, sobre as carteiras as sala de aula. Os seis estudantes, alertados pelos gritos de Schaeffer, correram apressadamente em seu socorro e, enquanto quatro deles o ajudavam a levantar-se, outros dois me sujeitavam para evitar que voltasse a pega-lo.

Estava enfurecido, pois a agressão do Professor me havia ferido profundamente. Eu era inocente, nada sabia de Marcas nem Signos, estudava com meus esforços postos em buscar o bem da pátria e isso era sem nenhuma dúvida, um fim nobre.

Não entendia o ódio do Professor Schaeffer nem seu desejo de que me "exterminassem como um rato".

- Obviamente está louco – pensava enquanto era arrastado pelos alunos escolhidos de Ernst Schaeffer.

- Levem-no! Tirem-no da minha vista! – gritava completamente fora de si – É um mentiroso e um homicida! Disse não entender, mas no fundo de seu coração sabe de tudo, porque é a imagem de Lúcifer tentador! Seu propósito é destruir nossa missão com sua presença maldita! Minutos depois ainda soavam em meus ouvidos as absurdas acusações de Ernst Schaeffer: Homicida, mentiroso, marca infamante, Lúcifer... Deus, o que é isso?

- Está bem Kurt? – Um dos "escolhidos" me sacudia pelos ombros, tentando me fazer reagir. Olhei, cego ainda pela fúria e pelo desconcerto da atitude do Professor me havia provocado, e o reconheci. Era Oskar Feil, um bom camarada originário da ***Vilna, Letônia***. Ambos travamos amizade nos primeiros anos em ***NAPOLA***, quando por nosso caráter "estrangeiro" éramos o objeto das brincadeiras de nossos camaradas alemães.

- Kurt, se tranqüiliza – disse Oskar – Devo voltar à aula, mas tenho que falar com você. Espere-me no ginásio dentro de meia hora.

Vi-o afastar-se e sacudi a cabeça tratando de sair desse pesadelo. Não sabia que Oskar formava parte do grupo selecionado por Ernest Schaeffer nem suspeitava sobre o que queria falar, mas o esperaria, pois ele era um dos poucos amigos que tinha em Lissa. Contudo, essa meia hora de espera seria tão longa como um século, pois meu estado de ânimo me levava a ir=me imediatamente dali e retornar a Berlim, assentamento da Flieger H.J.

Depois de lavar o rosto com água fria e disposto a aguardar Oskar, fiquei num canto solitário do enorme ginásio. Estava mais calmo quando chegou meu ***kamerad***.

- Oi Kurt – disse – vejo que está melhor.

- Sim, Oskar. Já passou tudo. Sinto ter me descontrolado, mas os insultos do Professor não me deixaram outra alternativa. O que queria me dizer? – perguntei friamente, pois ignorava sua posição sobre o ocorrido. - Ouça bem, Kurt, - disse – Você é meu amigo, o único em quem posso confiar. Fui escolhido por Ernest Schaeffer provavelmente por um equívoco, pois nada me une a ele e a seu grupo. Cada dia que passa, mais dou conta que há algo errado em tudo isso, mas vivo disfarçando, levado pelo desejo egoísta de partir na missão na Ásia e obter o benefício profissional que reportará a todos os membros. Quero contar com sua plena confiança para que me aconselhe, mas você deve prometer que não dirá a ninguém o que vou contar. Pode ser, Kurt? Posso confiar em você?

- Sabe que si Oskar- -disse aliviado – na segurança de que ninguém terá conhecimento de nossa conversa nem de seu conteúdo.

- Aceito sua palavra, Kurt – me deu a mão para selar o pacto – Há em todo esse assunto vários pontos extraordinários. O primeiro é o lugar da missão: o Tibet. Evidentemente nos equivocamos quando presumimos que se tratava de uma expedição de espionagem. No Tibet não há nada para espionar, ali se vai buscar outra coisa. Tem mais. Tampouco é claro o critério usado na seleção de nosso grupo, pois não foram eleitos os melhores, mas os mais obsequiosos com o Professor Schaeffer. O que me diz disso, Kurt?

- Depois do incidente que tive hoje, não posso opinar imparcialmente sobre ele, mas admito que haja algo anormal em tudo isso – disse refletindo sobre o que me confiava Oskar.

- Se eu tinha alguma dúvida – continuou – esta se dissipou quando discutiu com você. Ele não te rejeitou por algum motivo profissional, mas porque algo em você, algo espiritual, poderia fazer fracassar a missão. E esse algo é para ele sumamente odioso. Não gosto nada dessa loucura. Acha que devo renunciar ao grupo?

- Já não sei distinguir o bom do mau – disse com tristeza – mas vejo uma boa razão para que continue na missão do Tibet: você é a única pessoa sã desse grupo e alguém deve contaras coisas como são na volta da viagem!

Oskar rio com minha resposta.

- Entendo sua colocação – disse – mas penso que é você quem tenha a consciência do que se passa.

Sentia-me grato pela confiança de Oskar.

- Outra coisa Kurt – continuou – Sei que deixará os acontecimentos de hoje passarem e logo esquecerá, pois assim é seu caráter generoso, mas desta vez serei eu a te aconselhar: fale com seu Tutor e conte a ele todo o ocorrido de hoje! Dizem coisas incríveis sobre os poderes espirituais de Rudolph Hess, ninguém melhor que ele para analisar a inqualificável atitude de Ernest Schaeffer. Promete que pensará no assunto, pelo menos.

- Pensarei, pensarei – disse surpreso pela sugestão de Oskar – Prometo, ainda que só verei o taufpate dentro de um mês, na graduação.

Despedimos-nos e uma hora mais tarde tomava o trem para Berlim, sumido em sombrias cismas.

Capítulo XI

– A cerimônia de final de curso se realizava junto com outras escolas, num grande festival com desfiles de multidões da Juventude Hitlerista, que culminavam no Estádio de Berlim. Ali a alta cúpula do Terceiro Reich, encabeçada pelo Führer, estabelecia um contato direto com a Juventude por meio de discursos e proclamas.

Meu pai veio do Egito especialmente para assistir a graduação, sendo convidado por Rudolph Hess para ir a uma festa celebrada esta noite na Chancelaria. Seria esta, a meu ver, a oportunidade esperada para esclarecer muitas incógnitas.

Às 10 em ponto da noite subimos as escadas de mármore da Wilhemstrasse 77. Meu pai, elegantemente vestido, e eu, com o uniforme das Hitlerjungen, não destoávamos entre os numerosos convidados que já chegavam ao Grande Salão da Águia, formando burburinhos rumorosos de vozes e risos. Atravessamos o salão em direção ao gigantesco interior de mármore entalhado, buscando a Rudolph Hess, enquanto sobre nossas cabeças um candelabro de dimensões colossais derramava torrentes de luzes, suavemente A-mortizada por milhares de pingentes de cristal Baccarat. Nunca havia visto tanta gente distinta e importante juntas. Estavam ali todos os líderes da Nova Alemanha: Dr. Goebbels, Mariscal Goering, Reichführer Himmler, Julius Streicher,… Em um canto separado distinguimos um grupo formado por Rosenberg, Rudolph Hess e Adolf Hitler. Meu pai, temendo interromper uma conversa reservada, me indicou que aguardássemos a uns passos de distancia, enquanto bebíamos uma taça de champagne que solícitos garçons nos haviam servido.

Logo Rudolph Hess reparou em nós e depois de trocar uma palavra com o Führer, aproximou-se sorridente:

- Como estão Reynald, Kurt? – disse – Venham, que lhes apresentarei ao Führer.

Era a primeira vez que me aproximaria de Adolf Hitler, honra pouco freqüente para um estudante estrangeiro, e ainda que viesse preparado, sabendo que o Führer estaria na festa, não me havia ocorrido que seríamos apresentados.

- Adolf, o Barão Reynald Von Subermann – disse Rudolph.

O Führer saudou meu pai dando-lhe a mão efusivamente, sem pronunciar palavra.

- Mein patekind Kurt Von Subermann - continuou Rudolph –recentemente regressado de NAPOLA, piloto e soldado poliglota, futuro OSTENFÜHRER das WAFFEN - ϟϟ.

Não pude evitar corar-me pela elogiosa apresentação de meu taufpate Hess.

O Führer estendeu a mão enquanto me cravava um olhar gelado nos olhos. Senti uma corrente elétrica que corria pela coluna vertebral ao mesmo tempo uma espécie de vazio

estomacal quase na altura do umbigo. Foi uma sensação de um instante, mas de um efeito terrível.

Aquele olhar e o contato com a mão do Führer tiveram um efeito como de um agente ácido num cubo de gelo, descompondo e dissolvendo meu estado de ânimo. Foi um instante, repito, um só instante no qual me senti explorado por dentro.

Já refeito, observei com surpresa que - algo inusitado nele - um sorriso enigmático se debruçava no rosto do Führer.

- Do Egito, é? – disse Hitler – Adoro o Egito, terra maravilhosa que fascinou a Napoleão e que produziu um camarada valoroso como Rudolph. .

Rosenberg, que a tudo isso já havia sido apresentado, observava a cena com expressão divertida.

- Ao vê-lo, jovem Kurt – continuou Hitler – verifico que não é mera causalidade de Rudolph. Egito é realmente um "Centro de Força Espiritual"; o enigma da Esfinge ainda está em vigência. Vocês são a prova – nos tomou, a Rudolph Hess e a mim, um em cada braço - de que uma Ordem Superior guia o destino da Alemanha. Dos germano-egípcios, que tem respirado os eflúvios gnósticos de Alexandria e do Cairo, conduzidos pelos Superiores Desconhecidos até aqui para pôr vossa grande capacidade espiritual a serviço da causa Nacional Socialista.

Ao vê-los - seguiu dizendo o Führer - compreendo o sagrado que é a tarefa que temos tomado sobre nossos ombros ao fundar o Reich de Mil Anos. Nossa causa não é somente o melhor ideal pelo qual pode viver ou morrer um germano, é também a causa da liberdade da humanidade, da luta por salvar o mundo das forças obscuras, do combate final contra os elementalwesen (seres elementais demoníacos)...

Rosenberg e meu pai assentiam com a cabeça a cada afirmação do Führer, que continuava vertendo conceitos místicos sem permitir que nada interrompesse seu monólogo. Distraí-me pensando no estranho poder que havia experimentado ao saudar o Führer. Uma poderosa Força emanava de Hitler, não sabia se voluntária ou espontaneamente, e me perguntava se este carisma não havia sido adquirido por meio de alguma técnica secreta, de algum conhecimento oculto ao que uns poucos privilegiados tinham acesso.

-... então, diga-me jovem Kurt, quem são definitivamente os inimigos da Alemanha? Contra que combatemos? – perguntava Hitler dirigindo-se a mim.

Reagi ante a inesperada pergunta com o desespero de haver me distraído de uma parte da conversa. Três pares de olhos, de Rosenberg, Hess e de meu pai estavam postos em mim esperando a resposta. No entanto o que havia conseguido escutar era suficiente para mim, pois a resposta brotou do fundo de meu inconsciente.

- O inimigo é um só – disse categoricamente – é IAHWEH-SATANÁS. Contestei intuitivamente, e de maneira tão firme que não cabiam retificações. Vi meu pai, que ficou instantaneamente lívido, e aos outros, e vi a surpresa retratada em todos os rostos.

- Muito bem, jovem Kurt, muito bem - dizia Hitler com uma expressão de intensa alegria – Você deu a melhor resposta. Poderia ter identificado como nossos mais terríveis inimigos a judaico-maçonaria, o judaico-marxismo, ao sionismo, etc. Mas estes nomes somente representam aspectos diferentes de uma mesma realidade, diferentes faces de um mesmo e feroz inimigo: YAHWEH-SATANÁS, o Demiurgo deste mundo. Somente um iniciado, um iluminado como você ou Rudolph poderiam dar uma resposta tão precisa. Não é verdade, Alfred?

Rosenberg sorria complacente.

- O felicito, jovem Von Subermann - disse Alfred Rosenberg - você é uma pessoa de claros conceitos!

Evidente que eu estava completamente aturdido pelo que havia ocorrido. De improviso nessa reunião com aquelas notáveis pessoas, descobrira que possuía como uma "Voz Interior", um órgão misterioso que me permitia "escutar" as respostas a perguntas formuladas concretamente. E estas respostas eram corretas! Nunca havia experimentado algo assim e somente poderia relacionar esta súbita iluminação à presença do Führer. E que com seu estranho magnetismo me havia "despertado" o "ouvido interior".

Adolf Hitler voltou a tomar a palavra:

-"Pessoas não compenetradas na FILOSOFIA OCULTA do nacional socialismo, comentem erros grosseiros ao julgar muitas de nossas afirmações, crendo ver na mesma superficialidade estúpida, quando geralmente se tratam de idéias sintéticas, SLOGANS, extraídos de profundos sistemas de pensamento. Por exemplo, diante a afirmação do jovem Kurt de que "o inimigo é Iahweh-Satanás", que é uma idéia sintética de profundo conteúdo filosófico, muitas mentes ignorantes se veriam tentada a supor que tal conceito foi arrancado de um grosseiro anti-semitismo. Alegariam argumentos elementais como: - "Iahweh" é o Deus de Israel, um Deus de raça, um entre tantos deuses étnicos; é, pois exagero tomá-lo por único Deus ou Demiurgo (objeção, esta sim, anti-semita). Ou este outro: - Iahweh é o Deus de Israel, mas, por seu caráter monoteísta, é o único Deus, então por que o identificá-lo como o Demiurgo? È por uma crença herética do tipo GNÓSTICA? (interrogam os que crêem que ser "cristãos" implica a adoração de Iahweh e que rejeitá-lo significa "heresia anticristã"). Outro argumento banal é: - Se temos de rejeitar ao Demiurgo considerando sua obra material como essencialmente "má", por que identificá-lo somente com o Iahweh judeu, havendo centenas de denominações alternativas na mitologia etnológica e em panteões religiosos de todos os povos da terra? (Pergunta que somente pode fazer quem ignora totalmente o que significa Israel na História do Ocidente e qual é o segredo da dinâmica racial judia).

Objeções como essas, oporiam nossos críticos ao ouvir falar de Jehová-Sanatás como "o inimigo contra o qual combatemos" e, por conseguinte, lhes surpreenderia a palavra "satanás" associada à Iahweh, questão que, sem dúvida, lhes arrancaria irônicas conclusões.

Pois bem, tais argumentos repousam em uma circunstância comum: a ignorância de quem as formulam! Claro que nós SABEMOS que o Demiurgo recebeu outros nomes ao largo da História. Mas se escolhemos, entre ele, o de Iahweh é porque se trata do ÚLTIMO NOME com o qual ele se autodenominou. E com tal nome o chama ainda seu "povo eleito", Israel, o qual não é outra coisa que um desdobramento psíquico do mesmo Iahweh-Satanás".

Estas palavras do Führer me surpreenderam vivamente por suas implicações metafísicas. Os judeus não constituíam uma raça como as demais, composta por INDIVÍDUOS?... era uma teoria perturbadora que acabara de ouvir.

-"Surpreso, jovem Kurt?" – perguntou o Führer que sem dúvida percebeu de imediato minha perturbação. Mas não me deu tempo de responder e continuou sua explicação:

- "Pois ainda não ouviu nada. Israel é um "chakra" da Terra, uma manifestação psíquica COLETIVA do Demiurgo Iahweh e por isso nós afirmamos que o judeu NÃO EXISTE como indivíduo; que não é um homem como o resto que compõe o gênero humano.

Mas a manifestação de Iahweh em uma raça eleita é um sucesso mais ou menos recente, de poucos milhares de anos, e a Ordenação da Matéria ou "criação" data de milhões de anos atrás. Por isso, pela "novidade" que representa o nome Iahweh comparado com outros nomes do Demiurgo, que empregavam povos mais antigos e culturalmente mais importantes na História, e pela antiguidade geológica do Universo, é que parece EXCESSIVO designar o nome "Iahweh" a um Deus cósmico. Mas trata-se somente de uma aparência. Aqui há que se imaginar um Demiurgo Primordial ao que podemos comodamente denominar O UNO, tal como faziam os estóicos. Este é quem ordena o caos e se difunde panteísticamente em todo o Universo (é também o Brahma hindu ou o Alá árabe, etc., tomadas estas denominações em sua acepção religiosa exotérica).

Mas o Plano Cósmico de alguma maneira que chamamos a IDÉIA DO UNIVERSO MATERIAL se assenta no SONHO do Demiurgo, um estado de quietude que, sem dúvida, dinamiza o cosmo, como o "Deus motor imóvel" de Aristóteles nesse Grande Dia de Manifestação que se denomina também, Grande Manvantara. Mas para que tudo "funcione" sem que se requeira a intervenção do Uno, "que DORME enquanto tudo vive NELE", é necessário dispor de um "sistema automático de correção". Este é o papel que cumprem as chamadas HIERARQUIAS CÓSMICAS, miríades de "entidades conscientes" EMANADAS pelo Uno para que mantenham o impulso dado ao Universo e levem adiante Seu Plano. O primeiro passo da "emanação" são as MÔNADAS,

átomos arquetípicos que fundamentam toda a estrutura cósmica e fazem às vezes de MATRIZ do Plano do Uno.

Estas "entidades conscientes", anjos, devas, logos galácticos, espíritos planetários, etc., NÃO SÃO SERES INDIVIDUAIS senão que formam parte do mesmo Uno e possuem mera APARÊNCIA DE EXISTIR devido aos graus de liberdade de que estão dotados durante o manvantara. O recurso para lograr tal ilusão é a extrema mecanicidade da realidade material fundadas em LEIS EVOLUTIVAS, que mantém o movimento progressivo da matéria e a energia na exata consecução do Plano do Uno.

Tais leis evolutivas são CONSERVADAS pelas "entidades conscientes", já mencionadas, e DIRIGIDAS NO SENTIDO DO PLANO. Assim podemos distinguir, por exemplo, o "logo solar", ou seja, "entidades conscientes" capazes de "criar" um sistema solar segundo o Plano do Uno, mas que na realidade são DESDOBRAMENTOS TEMPORAIS do Uno. O mesmo se pode dizer do "logos galáctico" ou "espíritos planetários" e até dos simples anjos ou devas: nenhum deles existe como tal, ainda que "evoluam" sujeitos às leis universais. O importante aqui é compreender que todo espetáculo grandioso que estamos recriando é PURA ILUSÃO, uma concepção metapsíquica de características universais idealizadas pelo Uno para sua íntima contemplação. Porque na verdade todo "o existente" desaparece finalmente, quando sobrevirá o Grande Prayala, a Noite de Brahma, em que tudo se confunde novamente nEle, logo de uma monstruosa fagocitação.

Mas dissemos que o Universo é regido por leis evolutivas. Tais leis, que determinam o universo material, de acordo a uma verdadeira "arquitetura celeste", como bem dizem os satânicos maçons, promovem a existência de distintos graus de espaço ou "céus" em que está constituída a realidade. Assim com há vários "céus" (cinco?..., sete?..., nove?...) há "reinos da natureza (três?..., cinco?... sete?...) ou "planetas" (cinco?..., sete?..., nove?..., doze?...) ou "raças raízes" (três?..., cinco?..., sete?..). Estes aspectos enganosos formam parte do Plano do Uno e os demônios, encarregados de levar adiante tal Plano, conformam uma ORDEM HIERÁRQUICA PRECISA, baseada na famosa "lei de evolução" que rege os céus – todos os CÉUS, desde os atômicos, químicos ou biológicos até os cósmicos - nos que "evoluem" cada mônada segundo os arquétipos de cada céu. É a famosa "lei da causa e efeito" que ensina a Sinarquia e que as religiões védicas da Índia chamam de Karma e Dhrama, mas que convém sintetizar como "lei da evolução". Esta lei DIRIGE o caminho da mônada de "ida e volta", a qual toma vários "corpos" em distintos céus aos que descem para "evoluírem". Tal "caminho" pode ser representado como a serpente que morde a própria cauda ou "ourobourus". Por isso que jamais se alcança a famosa INDIVIDUAÇÃO MONÁDICA, pois isso significaria uma autêntica mutilação da substância do Uno e antes que tal coisa aconteça, já estará todo o Universo em Seu Santo Bucho".

Eu me debatia interiormente frente a sentimentos desencontrados. Por uma parte me horrorizava a teoria que ouvia, já conhecida por havê-la estudado em Napola, mas dotada agora de um impressionante sentido de realidade ao ser exposto veementemente com a eloqüência irresistível do Führer. E por outra parte me sentia pleno pela honra de

receber dos lábios de Hitler, uma explicação pessoal, terrivelmente extensa e curiosamente fora de lugar em uma festa mundana da Chancelaria. De qualquer maneira minha atitude exterior era de atenção respeitosa a cada uma de suas palavras, pois não queria votar a me distrair.

- "Suponho que já conheça essa teoria teosófica que a Sinarquia ensina em suas seitas maçônicas ou rosacruzes, e que se sinta ESPANTADO frente a uma concepção determinista em que não há um lugar PREVISTO para a existência individual ETERNA, ou seja, além dos prayalas e manvantaras. E justamente esse espanto, esse grito de rebelião que você DEVE PERCEBER brotando de seu sangue puro, constitui uma exceção a todas as regras da mecânica determinista do Uno, porque fala de OUTRA REALIDADE alheia a seu universo material. Como pode ser isso se temos dito que tudo quanto existe no cosmo, tem sido pensado e feito por Ele, de acordo com seu Plano e por intermédio de suas hierarquias cósmicas e planetárias? Pois bem jovem Kurt, o direi brevemente: porque uma parte da humanidade, a qual nós pertencemos, possui um elemento que NÃO PERTENCE À ORDEM MATERIAL e que não pode ser determinado pela Lei de Evolução do Demiurgo. Esse elemento se chama Espírito ou Vril, se encontra presente em ALGUNS HOMENS como POSSIBILIDADE DE ETERNIDADE. Sabemos dele pela MEMÓRIA DE SANGUE, mas se não formos capazes de nos libertarmos dos laços que nos atam na ilusória realidade do Demiurgo e retomarmos o caminho de retorno à Origem, não EXISTIREMOS realmente como indivíduos eternos. Você poderá me perguntar como numa Ordem Fechada como estas que têm descrito podem coexistir ELEMENTOS ESPIRITUAIS alienados a ele e porque, se não podem ser determinados pelas leis da matéria e da energia, permanecem sujeitos ao Universo do Uno. Este é um grande mistério. Mas você pode considerar como hipótese que, por UMA RAZÃO QUE IGNORAMOS, mas podemos supor ser UMA ORDEM de um Ser infinitamente superior ao Demiurgo, ou UMA NEGLIGÊNCIA incompreensível, ou UM ENGANO colossal, alguma vez tenham ingressado ao Universo material, uma miríade de seres pertencentes a uma raça espiritual que chamamos HIPERBÓREA.

Suponhamos que tais seres penetraram no sistema solar por uma "porta" aberta em outro planeta, por exemplo, Vênus, e que já aqui, a mercê de um ardil, uma parte de seus Guias Hiperbóreos os tivessem aprisionado à lei da evolução. Este aprisionamento, já o dissemos, NÃO PODE SER REAL mas, sem dúvida, os Guias Traidores tratam de CONFUNDIR aos espíritos imortais escorando-os à matéria. Para que tudo isso? Outro mistério. Mas o certo, o efetivo é que, a partir da chegada de tais Guias ao sistema solar, se opera uma mutação coletiva EM TODA GALÁXIA que MODIFICA o Plano do Uno. Esta modificação está edificada na Traição dos Guias e na queda dos seres imortais. Para que você veja claramente, jovem Kurt, lhe direi que aqui, na Terra, existia um ser humano primitivo que "evoluía" seguindo as leis das "cadeias planetárias" e dos "reinos da natureza".

Esta evolução era lentíssima e perseguia a adaptação final a um arquétipo racial absolutamente animal, dotado de uma mente racional, estruturada logicamente pelas funções cerebrais e possuidor de uma "alma" conformada por energia de outros planos

materiais mais sutis. Este "homem" é o que encontraram, ainda em uma etapa primitiva de seu desenvolvimento, Os Guias Traidores ao chegar à Terra há milhões de anos. Então, mediante um engenhoso sistema chamado Chang Shambala que você terá a oportunidade de estudar em nossa Ordem, eles decidiram modificar a raça humana, aprisionando os espíritos imortais aos seres humanos ilusórios e materiais da Terra.

A partir desse momento existem três classes de homem, os animais-homens primitivos ou PASÚ, os semi-divinos ou VIRYAS a quem lhes endossou um Espírito e os Divinos Hiperbóreos ou Siddhas, que são todos aqueles que lograram RETORNAR À ORIGEM e escapar do Grande Engano. Também são conhecidos por Siddhas Leais uma parte dos Guias, aqueles que NÃO TRAÍRAM e que, encabeçados por Cristo-Lúcifer, intentam SALVAR aos viryas mediante a redenção hiperbórea do sangue puro, que consiste em despertar a memória primogênita da própria divindade perdida. Estes são os Senhores de Agartha... Mas nos afastamos um pouco de nosso tema principal que versava sobre Iahweh-Satanás, o inimigo contra o qual combatemos para ganhar o direito de regressas à Origem Dourada. Prontamente se fará clara esta questão, jovem Kurt, pois você lembra que o Uno delegava em certas "entidades conscientes" a excussão de Seu Plano, podendo agora agregar que o sistema solar tem sido construído por uma de tais "consciências" que chamamos de Logos Solar, secundada por Devas de menor hierarquia que OCUPAM determinados postos na mecânica do sistema. Na Terra, uma "entidade planetária" infundia vida ao planeta e impulsionava a "evolução" dos reinos da natureza de acordo ao Plano Solar, inserido no Plano Cósmico do Uno. Evidentemente, trata-se de emanações do Uno enlaçadas hierarquicamente: o Uno → Logos Galáctico → Logos Solar → anjo planetário → alma coletiva ou grupal, etc. – Quem é o Deus aqui? Segundo o nível de consciência e as pautas culturais e religiosas dos homens, podem ser qualquer uma de tais "entidades conscientes", mas sempre se trata do Uno. Se dissermos que Deus é o Sol ou se concebermos um Deus "criador" de todo o Universo, estamos falando do Uno. Igualmente se cremos que Deus é a "natureza" ou a "via Láctea" ou a Terra. As diferentes cosmologias gnosiológicas que se apresentam aos homens em suas distintas etapas de "evolução" para conceber o mundo, não invalidam o fato de que sempre se alude indiretamente ao Uno quando se fala de Deus.

Mas regressemos à Terra. Quando os Guias Traidores chegam à Terra se instalam em um "centro" ao qual denominam Shambala, ou Dejung, e fundam o que se denomina Grande Fraternidade Branca ou Hierarquia Oculta da Terra. Não é um lugar localizável fisicamente sobre a superfície terrestre, questão sobre a qual você deverá aprender mais adiante, senão que se ache situado em uma dobra topológica do espaço. Mas o que interessa aqui é destacar que o chefe dos Guias Traidores se auto-intitula Rei do Mundo, passando a ocupar o lugar de um dos doze Kumaras do sistema solar. O que é um Kumara? Um anjo planetário, uma dessas "entidades conscientes" aprisionadas pelo Uno que conformam a "idéia de um planeta". É aqui que se deve localizar a chave do nome Iahweh e de sua "raça eleita". Porque o espírito planetário se chamava Kumat Sanat, quem logo da constituição de Shambala e da vinda do Rei do Mundo, decide atuar como REGENTE do Uno na execução de seu Plano, agora modificado. Para isso se encarna, em nome do Uno, em uma "raça eleita" para reinar sobre os espíritos

hiperbóreos escravizados Essa é a raça hebréia. A saber, por um lado temos a Hierarquia Oculta de Chang Shambala, com seus demônios: os Guias Traidores e seu chefe, o Rei do Mundo, quem levam adiante agora a "evolução" do planeta às raças por meio de uma sinistra organização chamada Sinarquia. E por outra parte, temos a raça hebréia que não é senão a manifestação de Sanat Kumara na Terra para ocupar o máximo escalão da Sinarquia, em nome do Uno. Os mesmos hebreus em sua Cabala estudam que "Israel é um dos 10 sefirot", o sephirah Malkut, ou seja, uma das emanações do Uno.

Finalmente, Iahweh é o nome cabalístico do Uno que Sanat Kumara representa na Terra e é, como disse no início dessa agradável conversa, o ÚLTIMO NOME HISTÓRICO que conhecemos dEle. Por isso nós, OS ANTIGOS SERES HIPERBÓREOS que ainda permanecemos aprisionados neste mundo demoníaco, devemos ter bem claro que o inimigo é Iahweh-Satanás, o Demiurgo deste mundo". (Ver um resumo desta concepção na figura seguinte, fora do texto).

O Führer continuava entusiasmado seu largo monólogo ainda que já se passasse uma hora e chovia sobre nós os olhares curiosos de muita gente eu desejava sentar-se à mesa, ninguém na Alemanha teria sido capaz de interrompê-lo por um motivo tão prosaico como um jantar. Eu, por minha parte, desejava continuar ouvindo as incríveis revelações do Führer e por isso, quando me perguntou se o havia compreendido, não vacilei em apresentá-lo minhas dúvidas:

- Tem algo que agora me preocupa, disse imediatamente – Tudo quanto disse meu Führer, sobre o Demiurgo ou Uno compreendo perfeitamente e o aceito, mas não posso deixar de perguntar-me: Quem é então Deus, o VERDADEIRO DEUS? Ou...?

- "Essa é uma pergunta que você não deve se fazer, - afirmou categoricamente o Führer – Não enquanto sua mente está sujeita à lógica racional, pois somente conseguirá chegar a paradoxos irredutíveis. Mas é evidente que a dúvida já está germinada em você e que seguirá meditando nisso. Darei então uma resposta provisória: Deus é incognoscível para todo aquele que não tenha conquistado o Vril. Tenha sempre em mente esta verdade, jovem Kurt: da miserável condição de escravo de Iahweh-Satanás não é possível CONHECER a Deus, pois Ele é absolutamente transcendente. É necessário percorrer um largo caminho de purificação sanguínea para saber algo sobre Deus, sobre o "verdadeiro Deus", como você bem o disse. A maioria das grandes religiões ao falar de Deus, se refere ao Demiurgo o Uno. Isto porque as raças que povoam o mundo atualmente, têm sido "trabalhadas" pelos Demônios de Shambala, implantando-lhes idéias sinárquicas na MEMÓRIA GENÉTICA de seus membros, para poder dirigi-las até o grande arquétipo coletivo que se chama Manú. Assim, percebendo a realidade por trás de um véu de engano, se chega a essas concepções panteístas, monistas ou trinitárias, que somente são aparências do Uno, o Demiurgo, ordenador da matéria.

Veja o que ocorre com o conceito de Deus que possuem os distintos povos integrantes da antiga família de línguas indo-germânicas: quase todos os nomes derivam das mesmas palavras e é seguro que estas designam num passado remoto a um Deus

"criador de tudo existente", ou seja, ao Demiurgo, o Uno. Em sânscrito teremos a palavra "Dyans pitar" que nos Vedas se utilizam para nomear ao "pai que está nos céus". Dyans é a raiz que em grego produz Zeus e Theos, com sentido similar ao sânscrito, e que passa a ser em latim Júpiter, Deus pater ou jovis. Os antigos germanos se referiam igualmente a Zin – tyr ou a Tiwas como ao Deus "criador" do existente, palavras que também provém do sânscrito Dyans pitar.

Igual etimologia possui palavras que designam a Deus nas famílias de línguas turcas ou semitas. Nesta última família, de importante relação com o hebreu, encontramos "O" como uma antiga denominação do Demiurgo em sua representação planetária "O forte".

Na Babilônia, Fenícia e Palestina, adorava-se a Él, Il, Enlil, nomes que os árabes transformaram em IL ah ou Alah, etc. Não estranhe, jovem Kurt, esta unidade etimológica, pois o alarmante é a "unidade de conceito" que se descobre por trás das palavras mencionadas, já que em todas as religiões e filosofias sempre se chega a duas das três idéias de Deus aparentemente irredutíveis, mas que na realidade se referem a distintos aspectos do Demiurgo. "Tal a preferência por um "Deus panteísta e imanente": o Uno, ou "transcendente", mas "criador dos céus e da terra", Iahweh-Satanás, Júpiter, Zeus, Brahma, etc.".

O Führer me olhava agora com os olhos brilhantes e eu adivinhei que suas próximas palavras teriam conteúdo realmente importante:

- "Houve uma guerra, jovem Kurt. Uma guerra espantosa da qual o Mahabarata guarda talvez uma recordação distorcida. Tal guerra envolveu VÁRIOS CÉUS em seu teatro de operações e produziu como sua expressão mais externa, o que se costuma chamar "o desaparecimento da Atlântida". Mas ninguém conhece a fundo a que se refere quando se fala de "Atlântida", já que não se trata somente de "um continente afundado". Tal guerra leva já mais de um milhão de anos neste plano físico, durante os quais têm sido várias as Atlântidas físicas, continentais, que se tem desaparecido. E agora, no nosso século XX, podemos dizer que novamente se prestarão a "afundar a Atlântida". Mas deixemos este mistério por hora, pois terá que voltar sobre isso durante seus estudos. Para concluir esta conversa, lhe direi uma última coisa, jovem Kurt. Saiba você que nesta guerra cósmica, na qual se combate pela libertação dos espíritos cativos, pela mutação coletiva da raça, contra a Sinarquia e contra Iahweh-Satanás, o Terceiro Reich tem comprometido todo seu potencial espiritual, biológico e material".

Com essas terríveis palavras o Führer pareceu dar por terminada sua explicação. Olhei ao meu redor e comprovei que meu pai, Rosenberg e Hess ainda continuavam a meu lado.

Um jovem elegante indicou ao Führer que quando disposto poderia passar ao saguão interior para o jantar. Eram onze da noite. O Führer e Rosenberg se despediram de nós e foram reunir-se com Goering e com o Dr. Goebbles na cabeceira da mesa. Rudolph Hess convidou meu pai e a mim a tomarmos nossos lugares para a ceia, mas não havia

me sentido bem com esta longa explicação do Führer e receando ser ofensivo, decidi falar francamente com ambos..."

Capítulo XII

É tão difícil reunir vocês dois – disse – A última vez que estivemos juntos foi há quatro anos, ao ingressar em ***NAPOLA***. Talvez amanhã ou depois partiremos ao Egito e não sei quando haverá outra oportunidade de compartilharmos uma conversa. Não poderíamos nos retirar por um momento?

Meu pai começou a protestar, mas Rudolph o interrompeu.

- Tem toda razão Kurt. Venham por aqui – apontou uma porta – que eu também tenho de falar-lhes.

Um momento depois estávamos instalados no escritório de Rudolph Hess quem, atrás de uma imensa escrivaninha ministerial de carvalho entalhado, se esticava numa poltrona fofa. Apressei-me em iniciar a conversa.

Antes de tudo – disse – desejo que um de vocês me esclareça uma questão na que todos parecem estar de acordo, inclusive o Führer, como pode me comprovar hoje, mas do qual só tenho obscuras referências. Refiro-me a uma espécie de qualidade espiritual que eu teria, desconhecida para a maioria das pessoas, mas que algumas são capazes de distinguir. Pode ser o misterioso Signo que mencionavam os árabes Ofitas que me raptaram quando era criança no Egito ou a "grande capacidade espiritual" da qual falou ante o Führer. Não sei o que é, mas alguns parecem sabê-lo... e não agrada, por exemplo, ao Professor Ernest Schaeffer – Rudolph Hess arqueou as sobrancelhas ao ouvir o nome do homem da ***Abwehr***... Depois relatarei a amarga experiência vivida dias atrás.

Percebi um brilho de ira nos olhos de meu padrinho.

- A ***Abwehr*** só tem produzido traidores! Isto é algo que deverá ter consciente de agora em diante, Kurt. Te direi um segredo que somente conhecem quatro pessoas no Terceiro Reich, incluindo o Führer e eu, um segredo que se refere a você e ao que me acaba de contar: não há necessidade do Professor Schaeffer para desconfiar de você, de certo, que ele não poderia estar seguro de concretizar a ***altwestenoperation*** se você fosse incluído nela! Mas você está vinculado inevitavelmente nessa expedição, querendo Schaeffer ou não, e intuitivamente ele captou e você falou com ele num mau momento. Não posso revelar agora os motivos de tal vínculo, mas talvez outra pessoa te explique que em breve você conhecerá um dos participantes do segredo. Com segurança, você será no futuro um representante pessoal do ***Reichführer*** Himmler, a quarta pessoa no segredo, frente a Ernest Schaeffer. E ele não poderá fazer nada para evitá-lo. Eram nossos planos, mas, sugestivamente, você os adiantou a nós. Nada que não possa ser arranjado!

Deve estar se perguntando como o Führer ou o ***Reichführer*** sabiam de você. Ainda que não tenha notado, todos estes anos tem sido objeto de intensa vigilância por minha parte e de outras pessoas que não conhece, pois o Terceiro Reich tem preparado um caminho para você, apropriado a suas possibilidades, que te permitirá servir à pátria como ninguém o fez, uma vez que você desenvolverá suas habilidades espirituais. Breve, muito em breve você saberá de tudo e nos compreenderá!

Ainda não havia recebido resposta às interrogações, mas estava comovido e entusiasmado com o promissor futuro de êxitos que me anunciava Rudolph Hess. Isso sim, uma coisa me intrigava inconscientemente: a que se devia o curioso nome da expedição de Ernest Schaeffer, ***"Altwestenoperation"***, ou seja, ***Operação Velho***

Oeste? A lembrança dessa pergunta e sua incrível resposta, teria lugar após dois anos, no coração do Tibet.

- Deseja respostas e tem todo o direito de elas – prosseguiu falando Rudolph – mas não é este o momento nem o lugar apropriado para tratar de Mistérios espirituais. Nesses anos deve ter estranhado minha ausência, mas era melhor para você que eu não interviesse diretamente na sua vida, para que o desenvolvimento psicológico se produzisse normalmente, inclusive convínhamos nisso, eu e seu pai – meu pai assentiu com a cabeça – Agora será diferente, terá seu posto e estará perto de mim. Mas primeiro deve conhecer ***nossa Filosofia***. Não me refiro à doutrina Nacional Socialista tal como aparece no livro do Führer, "Mein Kampf"[23][23] ou no de Alfred Rosenberg "O mito do século XX", mas a uma ***"Filosofía Oculta"*** a que nos – um pequeno grupo – aderimos como você sem dúvidas também o fará. Deve compreender que não se trata aqui de um conhecimento estéril que pode reduzir-se a um "código de princípio" ou um "manual operacional" mediante o qual reger nossos atos; trata-se, pelo contrário, de adquirir um conhecimento que atua dinamicamente sobre o Espírito, transformando-nos inteiramente, dotando-nos de uma Sabedoria milenar que nos faz transcender o plano meramente humano da existência.

Você está especialmente dotado para aceder a esse estado semi-divino – prosseguiu Hess, respondendo em parte a primeira pergunta sobre o Signo – pois tem algo interior que poucos homens possuem: "***a possibilidade de Ser***". Isto você entenderá melhor ao conhecer os segredos da Ordem, mas posso antecipar que, tal como disse num determinado momento o Führer, nem todos os homens são iguais; nem todos existem, nem todos podem "ser". Pelo contrário, para quem dispõe da ***possibilidade de Ser***, a luta e o esforço devem pôr em transcender este mundo de imagens ilusórias e perpetuar-se na eternidade, em outro plano de existência ao que somente poderemos chegar se despertarmos do sonho demoníaco no qual estamos envolvidos. A maioria dos homens que você vê no mundo, não existem realmente, ou si preferir, vivem uma "existência relativa", ilusória, que é um sopro para a eternidade. Sua consciência se dilui com a morte, ainda que muitos creiam o contrário, e nada sobrevive a eles. A eternidade, querido Kurt, é para uns poucos, para uma Aristocracia do Espírito, fundamentada em Heróis semi-divinos, em Super Homens que, a custa de um duro combate com o Príncipe deste Mundo Jehová-Satanás – como justamente o denominou –transmutam sua natureza inferior e ganham seu lugar no ***Valhalla***[24][24].

Tudo lhe será revelado, Kurt, porque você é um Herói semi-divino, um virya, isto é provado pela marca de Lúcifer que tanto te preocupa e que somente indica a pureza de sua linhagem espiritual.

Mas, Lúcifer... não é o Diabo? – perguntei com cautela.

Esta pergunta deveria ter sido feita ao Führer, mas não tive oportunidade.

- Lúcifer, o portador da Luz Não Criada? – se indignou Rudolph Hess – Essa é a blasfema calúnia que vem lançando Iahweh-Satanás por meio de seus discípulos, os

---

[23][23] Mein Kampf: Minha Luta

[24][24] ***Valhala*** ou ***Valholl***: Morada de ***Wothan*** ou ***Odin*** nos ***Edda***. Lugar a que vão os guerreiros mortos em batalha. Paraíso celeste dos heróis. Para a Sabedoria Hiperbórea o Valhalla é um centro habitado pelos Deuses Libertadore ou, como dizia o Führer, pleos "Sidas Hiperbóreos".

judeus e alguns cristãos imbecis e muçulmanos não esclarecidos, Lúcifer é Kristos. O Kristos da Atlântida.

Hess respirou profundamente antes de recomeçar.

- Deixemos por hora esses Mistérios e falemos de você, Kurt, - disse Rudolph, mudando de assunto – Você cumpriu satisfatoriamente uma dura etapa de estudos e se abre para você outro ciclo de esforços. É nossa vontade – olhou meu pai que devolveu assentindo com a cabeça – que ingresse nas ***Waffen*** ϟϟ, para seu aperfeiçoamento militar e político. Mas isso é, digamos, um adestramento exotérico, ou seja, externo, pelo menos até que chegue ao Círculo Restrito de ***Werwelsburg***[25[25]]. Há outra via paralela que deverá tomar e que também exige esforços e sacrifícios. Em uma via oculta, esotérica, que te permitirá superar-se espiritualmente e resolverá suas dúvidas mais secretas. Já ouviu falar da ***Thulegesellschaft***[26[26]] ?

Pensei por um momento, mais por compromisso que por outra coisa, pois tinha certeza que jamais ouvira mencionar esse nome.

- Não – respondi.

- è um grupo secreto de homens Sábios – disse Rudolph Hess em tom respeitoso – Facilitarei seu ingresso à Ordem e eles te ajudarão a progredir, mas deve entender desde o início o seguinte: as Ordens Hiperbóreas como a Thulegesellschft seguem uma disposição circular. Nas organizações mundanas do tipo da franco-maçonaria – ou se quer simplificar como qualquer burocrata administrativo – se avança verticalmente, degrau por degrau, desde a base de um triângulo até o topo, que ocupa a máxima Hierarquia. Em uma Ordem Hiperbórea pelo contrário, se avança superando círculos concêntricos. Você, por exemplo, ao ingressar à Ordem será um circulo amplo, talvez o círculo externo. Não digo que se forme parte de um círculo ou que ocupe um lugar num círculo, mas que "você é o circulo". Como você, há outros membros que são círculos de maior ou menor diâmetro, organizados concentricamente em torno de um centro de Poder, ocupado pelo máximo nível de Sabedoria. Por isso digo que se avança "superando círculos" e não "atravessando círculos" de distinto nível, pois a Sabedoria Hiperbórea consiste em estreitar o círculo próprio até o centro; em "restringir o círculo" até onde o permita nossa capacidade. Entende ***patekind***?

- Creio que sim – disse sem muita convicção – Mas tudo isso tão gentilmente explicado, me traz tranqüilidade e sossego. Tem a segurança que farei o possível em não decepcionar sua confiança e a fé de meu pai.

- Bem, então não há mais nada a dizer. Lembra de Papp, o oficial ϟϟ que você conheceu em Berchtesgaden? Agora é ϟϟ. ***Oberführer*** [27[27]]. A ele se dirigirá quando voltar do Egito para saber os passos a seguir.

Rudolph Hess apertou um botão, obtendo como resposta a chegada imediata de um oficial de guarda. Ordenou a este que trouxesse champanhe ao escritório. Eu não bebia, mas era diferente, pois devíamos brindar a minha formatura e o futuro da Alemanha. Depois, Hess travou um conversa descontraída com meu pai, recordando acontecimentos comuns de seus dias de estudantes e do Egito.

25[25] ***Werwelsburg:*** era um ***Ordensburg*** ou Castelo de entretenimento das ϟϟ, segundo se verá mais adiante.

26[26] ***Thulegesellschaft:*** Orden de Thule. Sociedade Secreta esotérica, cuja filiação se tratará em outra parte da obra.

27[27] [d] ***Oberführer:*** *Grau da ϟϟ equivalente a Coronel.*

Assim conclui a etapa de estudante na minha vida, neffe. Ao voltar do Egito as coisas tomaram outro rumo e, enquanto cumpria as distintas etapas de treinamento nas Waffen ϟϟ para chegar em 1939 ao castelo de ***Werwelsburg***, também passava por distintos círculos da ***Thulegesellschaft***. Como os fatos que realmente te surpreenderão, já que conhece com sua própria experiência, ocorrem de imediato, a partir de 1937, tratarei de resumi-los com algum detalhe. Em 1939, ao regressar de uma missão terrível, infernal, que foi a Operação ***Altwesten***, recebi a instrução que em parte me permitiu compreender tudo. Os anos seguintes, especialmente a partir de 1941, passei cumprindo missões na Ásia, missões semelhantes à que havia feito na Operação ***Altwesten*** e análogas, também, a ***missão esotérica*** realizada por Rudolph Hess com seu histórico vôo à Inglaterra em 1941, missões da mesma característica estratégica que a cumprida por Belicena Villca e seu filho Noyo, ou seja, missões de diversão tática para confundir e despistar o Inimigo, mas missões que requerem para sua execução a prévia Iniciação Hiperbórea de seus agentes.

Mas parte do relato deixaremos para depois. São 12h30m, e a boa Juana já deve ter feito o almoço.

Capítulo XIII

Efetivamente, um instante depois entrou a velha trazendo em uma bandeja um apetitoso "puchero"..

O último relato de tio Kurt me encheu de expectativas e curiosidade. Enquanto untava os milhos com a amarelada manteiga caseira não deixava de pensar nas particulares experiências vividas por tio Kurt no Terceiro Reich, e em especial sua predestinada relação com Rudolph Hess, célebre substituto de Adolf Hitler. Esse período da História recente, que vai de 1933 a 1945, a mim como para a maioria dos que nascemos logo depois da guerra, se me escapa em sua dinâmica vital. Os aliados, vencedores em uma guerra que é, sem exagero, a maior que recorda a História Universal, nos apresenta uma imagem pueril das nações perdedoras e da época anterior à guerra. Os folhetins da aliança vencedora, impossibilitados moral e intelectualmente de rebater com argumentos tão sequer críveis às Grandes Ideologias Nacionalistas do pré-guerra, recorrem ao irracional sistema de utilizar a mentira, a calúnia, a desinformação, etc. Com a avessa intenção de confundir e desvalorizar o significado das palavras se denomina, por exemplo, "Fascista" a qualquer tiranozinho sul-americano, mais próximo de um capo mafioso que de um estadista genial como o "Duce". O Fascismo, o Nacional Socialismo, o Tradicionalismo japonês. Sistemas completos de Filosofia Política, aparecem nas canetas dos Publicitários da Revanche, desprovidos de seu conteúdo místico, espiritual e intelectual, reduzidos a grosseiros esquemas totalitários, e os líderes destes movimentos são apresentados como casos patológicos.

Por estas razões o relato de tio Kurt tinha a dupla vantagem de iluminar-me sobre um período obscuro da Historia recente, que ele viveu intensamente e de me permitir verificar o que eu suspeitava desde que comecei a duvidar das "virtudes espirituais" de umas "potências aliadas" que haviam afundado o mundo no materialismo e na decadência. Isto é o que os Grandes Sistemas Nacionalistas mencionados, especialmente o Nacional Socialismo, ocultavam uma corrente espiritual poderosa e secreta por trás da fachada de suas respectivas organizações políticas. Em um fundo esotérico, veladamente oculto pelos ferozes vencedores, existia uma luz espiritual, um fim não revelado que agora se transluzia no relato de tio Kurt. Que pretendiam fazer o Führer e demais líderes do Terceiro Reich? Que intentava realizar Rudolph Hess quando voou à Inglaterra em Maio de 1941? Muitas perguntas como estas dançaram em meu cérebro durante todo o almoço e me estremecia de alegria ao considerar a possibilidade de que tio Kurt tivesse as respostas.

Por outra parte um pudico sentimento de humildade me assaltava cada vez que recordava como havia chegado até ali, persuadido de estar embarcado em una aventura única, de ser protagonista privilegiado num drama cósmico. Pois o que me havia ocorrido, sem subestimar o perigo real que implicava, era jogo de moleque à luz da experiência vivida por meu tio ϟϟ. E ao pensar assim, sentia que novas forças acudiam em meu auxílio para cumprir o pedido de Belicena Villca.

Desde uns dias atrás vinha desejando abandonar o leito, pois já me sentia bastante refeito. Porém, algo inconsciente me bloqueava a vontade quando decidia vestir-me e descer ao andar de baixo da casa. Em princípio não sabia que era o que me impedia de

fazê-lo, mas logo fui descobrindo com estupor que simplesmente me aterrava a idéia de encarar os cachorros que passeavam livremente pelo pátio circundante da casa. Em mais de uma ocasião os havia observado pela janela e, frente a seu descomunal tamanho e ferocidade estampada, não pareceram ser realmente agressivos. Deveria aceitar sem reservas a explicação de tio Kurt de que atacaram induzidos por ele, mas uma coisa é falar e outra é enfrentar-se com esses animais, de tão desagradável experiência prévia.

Mas desta vez estava firmemente decidido a abandonar o leito. Depois de vestir-me, pela primeira vez em quinze dias, com roupa da minha mala, desci lentamente a bela escadaria de ônix que dava a ampla sala de visitas, desconhecida até este momento por mim. Não encontrei ninguém a vista e, sem muitos desejos de explorar a casa por minha conta, me acomodei no sofá – o mesmo onde jazi desmaiado na primeira noite – em frente às amplas janelas que davam para o pátio.

Supunha que tio Kurt estivesse almoçando, mas logo percebi estar errado ao vê-lo chegar do exterior da casa. Surpreendeu-se e alegrou-se ao mesmo tempo de me ver em pé.

- Bem, bem! – disse – vejo que se sente melhor!

- Sim, tio Kurt, creio que já é hora de levar uma vida normal – uma palmada no braço engessado – pelo menos enquanto espero que me tirem o gesso.

Sorria, com expressão de aprovação.

- Sim, realmente você se sentirá melhor aqui. Ficaremos conversando toda a tarde e depois jantaremos na sala de jantar.

Assenti com a cabeça. Estava feliz, esperando um novo relato do meu tio e pensando que as coisas tendiam, finalmente, a começarem a andar.

Tio Kurt sentou-se frente a mim numa poltrona e falou sobre um tema irrelevante para dar tempo à velha Juana nos servir duas fumegantes xícaras de café.

Finalmente disse:

- Em Agosto de 1937 regressei do Egito e tomei contato telefônico em Berlim com o ϟϟ. ***Oberführer*** Papp a quem sentia, depois de quatro anos de agradável trato, particular afeto.

- Ola Edwin – saudei – Tem algo para mim?

- Sim Kurt. Você deve vir à Chancelaria para receber instruções. Onde está?

- Na Estação Central de Trens. Dentro de trinta minutos estarei aí.

- Bem, dirija-se ao Escritório de Segurança e identifique-se com o ϟϟ. ***Oberschrarführer***[28[28]] Kruger. Ele te conduzirá até mim.

Pus a bagagem num cofre da estação e parti ao encontro do ϟϟ. ***Oberführer*** Papp. Não me hospedei em nenhum hotel, pois queria saber se não teria de continuar viagem a alguma repartição militar (como efetivamente aconteceu).

O ϟϟ. ***Oberschrarführer*** Kruger me levou através de uma confusão de corredores até o escritório onde se decidia tudo concernente à segurança do Führer no âmbito da Chancelaria.

Era um pequeno mundo aparte que ocupava uma ala traseira do Palácio da Chancelaria, passando um pátio interior, e que reunia sob o mando do ϟϟ. ***Oberführer***

28[28] [d] ***Oberschrarführer***: Sargento da ϟϟ.

Papp, vários setores cujas atividades específicas tão diferentes, convergiam no objetivo comum da Segurança. Funcionavam ali uma esquadra da Gestapo, uma equipe de Comunicações e Radiogoniometria, um pequeno grupo do Serviço Secreto da ϟ., um laboratório químico, uma enfermaria com médico de plantão permanente 24 horas por dia. Tudo montado, equipado e atendido pelas ϟ. com pessoal da ***1ª ϟ.Panzer Divisão Leibstandarte Adolf Hitler***.

- Ola Kurt! Que bom te ver, rapaz. Sinceramente – disse o ϟ. ***Oberführer*** Papp - Sente-se, por favor.

Sentei-me numa cadeira de frente à escrivaninha ocupada por Papp. O escritório era uma construção recente de concreto armado pelo que o teto baixo contrastava com a grande altura dos corredores atravessados para se chegar até ali. O ϟ. ***Oberführer*** Papp me observava com visível simpatia, sentado em uma cadeira giratória. Sobre sua cabeça um quadro mostrava o Führer olhando o horizonte; de ambos os lados respectivamente dois arquivos metálicos flanqueavam a sala.

- Também eu me alegro em revê-lo – respondi – Estou tremendamente feliz de estar em Berlim.

- Mas não será por muito tempo – disse Papp sorrindo – Creio que você parte em seguida para o ***Ordensburg Crossinsee***. Por aqui tenho as ordens para você. São dois envelopes... – se pos a procurar no arquivo.

- Crossinsee fica na Prússia Oriental, não? – perguntei.

- Sim, na Pomerânia. Aqui estão suas ordens!

Entregou-me dois envelopes de papel manilha. Um maior, no qual se lia em letras grandes ***"Crossinsee"*** continha todos os papeis de incorporação ao ***Ordensburg*** da ϟ. No outro, uma inscrição manual, em delicados caracteres góticos, ordenava que o envelope devesse ser aberto na presença do ϟ. ***Oberführer*** Papp. Procedi a romper o selo e extraí do interior do envelope uma carta de punho e letra de Rudolph Hess. Dizia assim:

Berlin - Agosto de 1937
Sr. Kurt Von Subermann
Querido ***patekind***:

Dispõe do necessário para que ingresse na ***Ordensburg de Crossinsee*** e depois, ao receber a instrução mínima seja transferido aos outros ***Ordensburg***. Deve partir de imediato a Pomerânia e incorporar-se e adaptar-se à nova vida. Assim que tenha cumprido esta parte, - deixe passar um mês pelo menos – se colocará em comunicação com a ***Thulegesellschaft***.

Seu contato em Berlin se chama Konrad Tarstein; o encontrará na ***Gregorstrasse 239***. Ele já está ciente do ingresso à Ordem, somente deve se apresentar dando seu nome; Em princípio se unirá à ***Thulegesellschaft*** de Berlin pelo que deverá viajar da Pomerânia a Berlin no final de semana, mas se você for a algum outro momento, pode se dirigir ao ϟ. ***Oberführer*** Papp para que administre a permissão correspondente.

Sorte ***patekind***; recorda meu conselho: "avança em círculos, restringindo o círculo".

Rudolph Hess.

Nota:

Memoriza o nome e endereço de seu contato e entrega esta carta ao ϟϟ. ***Oberführer*** Papp, que tem a ordem de destruí-la. Nada deve haver escrito que possa comprometer-nos ou comprometer a ***Thulegesellschaft***.

Heil Hitler.

Li duas vezes a carta e depois a entreguei ao ϟϟ. ***Oberführer*** Papp que a destruiu ante meus olhos pondo-lhe fogo com um isqueiro.

- Rudolph Hess está em Berlin? –perguntei.

- Não. Encontra-se em Berchtesgaden com o Führer.

Imediatamente lembrei que nesta mesma data, quatro anos atrás, estivemos com meu pai e Rudolph Hess em Berchtesgaden. Não havia, pois, nada mais por fazer em Berlim e, depois de despedir-me do ϟϟ. ***Oberführer*** Papp, parti para a estação de trem para empreender a viagem à Prússia Oriental o mais rápido possível.

Capítulo XIV

Uma hora depois, da janelinha do trem via passar os últimos bairros de Berlin. Ia ensimesmado, pensando na carta de Rudolph Hess e lamentando-me não haver podido vê-lo para fazer umas perguntas que requeriam urgente resposta. Algo extraordinário estava me acontecendo desde algum tempo atrás e, salvo Hess, não me atrevia a confiar isso a ninguém.

Desde a noite da formatura, quando fui apresentado ao Führer, comecei a experimentar um curioso fenômeno psicológico. Nessa ocasião respondi "***YHVH***-Satanás" às perguntas do Führer, quem é o Inimigo da Alemanha? Contra quem combatemos? E creio reconhecer que tal resposta não havia sido dada por mim, mas "captada" ou algo assim, como "escutada" com um ouvido interno.

Não restava dúvida que a "voz" ouvida era alheia, ou seja, vinha de fora da minha consciência. Mas também compreendia a impossibilidade de transmitir esta experiência a outra pessoa sem correr o risco de inspirar desconfiança sobre minha conduta. Durante a viagem ao Egito meditei nisso e cheguei à conclusão de que a presença do Führer havia desencadeado um fenômeno de descarga inconsciente sendo a Voz ouvida simplesmente uma intuição formal. Ou seja, que de alguma forma eu "sabia" a resposta e, num momento em que estava psicologicamente bloqueado pela avassaladora personalidade do Führer, a "adivinhei" ou acreditei ter adivinhado, tomando uma intuição por uma percepção extra sensorial. Era uma conclusão cética, mas eu tinha a segurança de que tal fenômeno seria puramente circunstancial, que não voltaria a acontecer. Aferrava-me a esta certeza com o oculto temor de que sua repetição implicasse uma perda do equilíbrio racional.

É compreensível em uma sociedade que considera "normal" o que é comum a todos, ou seja, coletivo, e reprime com a alienação ao que se aparta do "normal", sentir-se distinto pode ser perigoso em muitos sentidos. Principalmente porque a falta de "padrões" ou "modelos" – eliminados sistematicamente ou auto-eliminados – para comparar nossa "anormalidade" nos induz a temer uma perda da razão. Este temor em possuir dons ou virtudes que nos façam diferentes dos demais é considerado uma "santa prudência" em um mundo que glorifica a mediocridade do homem mediano e desconfia do individuo.

De modo que, temeroso das implicações que teriam considerar essa experiência como um fenômeno real, eu atribuía a Voz escutada a uma projeção do inconsciente sobre a consciência.

Porém o fenômeno se voltou a repetir e não uma, mas várias vezes, mas com o conseguinte alarme da minha parte que temia padecer alguma espécie de esquizofrenia.

Mas aos poucos descartava as duvidas e meditava serenamente, e não podia deixar de reconhecer que este fenômeno distava de ser perigoso e diria inclusive, que era simpático. A razão de tal conclusão estava na "segurança" que sentia agora de que a Voz ouvida era totalmente alheia a meu próprio ser. Logo, se poderá argumentar que a "segurança" que pode ter um homem na percepção de fenômenos pertencentes a sua própria esfera de consciência é totalmente subjetiva. E é certo, pois no geral, a "segurança" não garante de nenhum modo a verdade de sua informação.

Por exemplo, quando o caçador se sente "seguro" de acertar sua presa e erra o tiro ou quando o estudante "seguro" de haver dado a resposta certa comprova que o Professor lhe dá um zero, pode-se dizer que sua segurança "falhou". De que depende, então, o êxito se quando estou "seguro" de obtê-lo, posso falhar?

Para responder deve-se distinguir antes entre "segurança subjetiva" y "segurança objetiva". A primeira está mais próxima da imaginação e a segunda da realidade. A segurança subjetiva se apóia na fé, a segurança objetiva se apóia na realidade. O que crê tomar uma maçã com a mão e o que realmente toma é uma maçã, indubitavelmente dispõe de segurança objetiva. Se em troca crê tomar uma maçã e na realidade toma outra coisa, sua segurança é subjetiva. Há, pois, uma brecha entre a segurança objetiva e a subjetiva que, segundo os indivíduos, pode chegar a ser um abismo.

Mas é desejável que a segurança experimentada em que se faça ou pense seja a mais objetiva possível. Então, como se deve fazer para fechar a brecha que separa a segurança subjetiva da segurança objetiva? Salvo o caso de uma predisposição natural para a realidade objetiva, a resposta seria que a "experiência" prévia assegura maiores probabilidades de que a "segurança" na concretização de um ato se realize objetivamente.

Para compreender melhor o tema deve-se distinguir também entre a segurança do amador e do especialista. Ante uma mesma prova ambos se sentem "seguros", mas com maior probabilidade, somente o especialista alcança o êxito enquanto o amador fracassa. A "segurança" do especialista se baseia na experiência prévia, a do amador na fé em si mesmo, mas como todo especialista em algum momento inicial deve ter sido um amador, é possível que se persevere, chegue a ser um especialista.

De modo que a segurança é tão mais objetiva quanto mais acompanhada da experiência. Mas se a segurança subjetiva é traída pela realidade objetiva, se fracassa, sobrevém a decepção da derrota. Deve-se concluir então, que a capacidade de sobrepor-se aos fracassos é um fator condicionante para capitalizar a experiência em favor de uma segurança objetiva.

A segurança, por outra parte, é uma atitude psicológica fundamental para encarar as provas da vida. O que se enfrenta ao desafio de uma prova deve contar por antecipado com o êxito, deve estar "seguro" de ganhar e um fracasso não o desanimará em tentar novamente. Nos casos anteriores, nem o caçador deixa de caçar porque falha um tiro, nem o estudante deixa de estudar porque o reprovam num exame; ambos se sobrepõem e capitalizam a experiência aumentando sua segurança objetiva, sendo mais "espertos".

Considerando estes conceitos pode agora compreender minha atitude diante o fenômeno da Voz: concluía que, "estando preparado psiquicamente durante vários anos em um rigoroso treinamento intelectual, a segurança que dispunha na certeza dos juízos era bastante objetiva". Ou seja, intelectualmente, quando estava "seguro" de um conceito era "seguramente" correto. E com essa segurança tão objetiva nos juízos, me dizia que a Voz que ouvia não vinha de meu inconsciente, não formava parte de mim, era alheio a meu Espírito ou era, talvez, outro Espírito.

Devo destacar que a segurança que tinha de estar certo ia acompanhada de uma profunda análise no que considerava, entre outras coisas, o fato de que a Voz era capaz de emitir conceitos que eu de nenhum modo conhecia. Isto pode ter uma explicação

mais ou menos psicológica, mas alguns conceitos eram muito específicos e, portanto, a Voz os utilizava e estruturava com grande precisão. A Voz era "Sábia" e isto não tem explicação rebuscada, salvo que se aceite o que realmente é: a Voz pertencia a uma entidade psíquica alheia a mim.

Outro elemento do fenômeno que tomava em conta para a analise era o fato de que não havia sido espiritualmente "invadido" por outra entidade como ocorre na possessão diabólica ou no espiritismo, mas que a minha consciência chegava somente a Voz, nítida e enérgica, sem conseqüências psicossomáticas de nenhuma espécie.

A saber, que ao produzir-se o fenômeno, eu não "via", nem "sentia", nem "degustava", nem "cheirava" nada estranho, somente ouvia a voa e era como se me houvesse "aberto" meu ouvido interior.

As primeiras vezes que escutei a Voz fui surpreendido pela inesperada mensagem que surgia, enérgica e velozmente, disparada ritmicamente como um raio. Não aparecia sempre, senão quando meditava em alguma questão que requeria certa concentração. Para que se entenda melhor a qualidade do fenômeno que me acontecia, darei alguns exemplos. Você é médico psiquiatra, sobrinho, e não desejo, dentro do razoável. Que duvide de minha conduta, pois o que ocorria deve interpretar-se como uma ampliação da capacidade de perceber, antes que como uma "enfermidade".

(Fiz um sinal de assentimento e confiança a tio Kurt, pois ninguém como eu sabia quantas arbitrariedades se cometem em torno às autenticas virtudes psíquicas do homem, aquelas que se desenvolvem "sozinhas" ou auto-desenvolvem e o enaltecem sem afetar-lhe em nada seu equilíbrio racional, pois se integram "naturalmente" à personalidade. Virtudes psíquicas que se obtém espontaneamente, sem recorrer a absurdos "métodos ocultos" ou "ginásticas de meditação transcendental" que terminam por quebrar a delicada ordem mental e acabam por conduzir ao discípulo à loucura e à morte).

- Lembro de um dia – prosseguiu tio Kurt – em que me encontrava lendo o ***Bhagavad-Ghita*** [29][29], escrito védico pertencente à grande epopéia do ***Mahabarata***, guerra mítica que envolveu na luta a homens, Anjos e Deuses e de cuja recordação os antigos ários da Índia escreveram e recopilaram.

O Ghita trata sobre a batalha que deve livrar o herói ***Arjuna*** para recuperar o trono, usurpado por seu primo. Arjuna é um membro da casta guerreira, ou seja, um ***Kshatriya*** e junto a ele se encontra ***Sri Krishna***, encarnação do Deus ***Vishnu***.

Na primeira parte chamada "O pesar de Arjuna", Arjuna se desloca com seu carro frente ao exército inimigo, comprovando que junto com seu primo se encontram alinhados grande parte de seus parentes e amigos.

26. – Então, Arjuna viu ali aos seus tios, tias-avós, instrutores, tios maternos, sobrinhos, sobrinhos-netos, sogros, amigos e Camaradas.

27. – Vendo aos parentes e amigos reunidos ali Arjuna sentiu grande compaixão e muito pesar, disse o seguinte:

28. - 30. – Disse Arjuna:

---

[29][29] ***Bhagavad-Ghita***: "Canto do Senhor" em sánscrito. Livro sagrado da India.

Oh Krishna, vendo a esses parentes desejosos de pelejar, me falham os membros do corpo, minha boca está seca, estou tremendo, o corpo se me estremece, minha pele arde, não posso sustentar o arco. Não posso estar em pé, minha mente está em um turbilhão. Oh, Krishna! Vejo sinais de mau agouro.

31. - 34. – Não vejo que bem posso lograr matando a meus parentes na guerra. Oh, Krishna, eu não desejo a vitória, nem a soberania, nem os prazeres. Oh, Govinda! De que nos serviriam a soberania, os prazeres, ainda a vida mesma, quando meus instrutores, tios, filhos, tios-avós, tios maternos, sogros, netos, cunhados e demais parentes para quem desejamos essas felicidades, estão reunidos aqui para lutar, havendo renunciado a seus bens e ainda a suas vidas?

35. – Oh, ***Madhusudana!*** (Krishna) Ainda que eles me matem, não quero matá-los, nem para reinar neste mundo, nem para a soberania dos Três Mundos.

36. - 37. – Oh, ***Yanardana*** ! (Krishna) Que prazer teríamos matando aos ***Dharta-Rashtras?*** Seria um ato pecaminoso matar a esses agressores. Por isso, não devemos destruir a nossos parentes, os ***Dharta-Rashtras***. Oh, ***Madhaya***! (Krishna) Como poderemos ser felizes, matando a nossos próprios parentes?

38. - 39. – Ainda que eles, com a mente dominada pela cobiça, não vêem nenhum mal em destruir aos parentes, nem pecado em serem hostis aos amigos, por que, Oh, Yanardana, nós que vemos o grande mal que nasce da destruição dos parentes, não desistimos de cometer este pecado?

- -

47. – Dizendo isto, Arjuna tirou ser arco e flechas e, com o coração muito dolorido, caiu sentado em seu carro.

Na segunda parte do Ghita, chamada "O Caminho do Discernimento", Sri Krishna responde às inquietantes e angustiantes perguntas de Arjuna.

1. – A ele (Arjuna) que estava assim abatido pelo pesar e pela compaixão, com os olhos cheios de lágrimas e com a mente confusa, ***Madhusudana*** (Krishna) disse o seguinte:

2. – Disse o ***Bendito Senhor***.

Neste momento crítico, oh, Arjuna, ***de onde te vem essa indigna debilidade não ária, abjeta e contrária à vitória da vida celestial***?

3. - ***Não te portes como um eunuco,*** Oh, Partha! Isso é indigno de ti; ***lance fora essa debilidade de coração e erga-te***, Oh, exterminador dos inimigos!

Na continuação, Sri Krishna aconselha Arjuna a seguir o "Caminho da Ação" (ou Karma yoga) e cumprir com seu Dharma, ou seja, com o destino do Kshatriya que é apresentar batalha e combater pela justiça sem preocupar-se (a priori) pelo resultado da batalha, nem pela sorte do inimigo (ainda que sejam parentes e amigos).

31. - Considerando teu dever, tampouco deverias vacilar, porque para um Kshatriya não há melhor sorte que lutar por uma causa justa.

32. - Oh, Partha! (Arjuna), são realmente afortunados aqueles Kshatriyas a quem se lhes apresenta a oportunidade de lutar em uma guerra semelhante, que lhes abre as portas do Céu.

33. – Mas, se tu não pelejas nesta guerra justa, não responderás a tua reputação, faltarás a teu dever e cometerás um pecado.

Isto deve ser assim, disse Sri Krishna, porque a realidade é Maya, ilusão, e o "confronto" é circunstancial, só perceptível para o que se sente "confrontado". Num plano superior, espiritual, as oposições estão resolutas, os confrontos são pura ilusão. ***O Espírito não pode matar nem morrer***, por isso disse Sri Krishna:

19. – Aquele que pensa que este Ser (espírito) mata e aquele que pensa que este Ser morre, os dois são ignorantes. O Ser não mata nem morre.

20. – ***O Ser não nasce, nem morre. Nem se reencarna, não tem princípio; é Eterno, imutável, o primeiro de todos, e não morre quando matam o corpo***.

21. – Aquele que sabe que o ser é imperecível, Eterno, sem nascimento e imutável, como pode matar ou ser morto?

22. – Como um deixa suas vestes gastas ou se põe outras novas, assim o Ser corpóreo deixa seu corpo desgastado e entra em outros novos.

23. – As armas não o cortam, o fogo não o queima, a água não o molha e o vento não o seca.

24. - A este Ser não se pode cortar, nem queimar, nem molhar, nem secar; é Eterno, onipresente, estável e imutável; sabendo que é assim não deves lamentá-lo.

26. - 27. – Mas, oh, tu, de braços poderosos! Se pensas que este Ser sempre nasce e morre, ainda assim não deves afligir-se por ele; porque o que nasce, morre e o que morre renasce com segurança. ***Portanto, não deves sofrer pelo inevitável.***

Krishna e Arjuna

Somente conta então, enfrentar o conflito seguindo o "Caminho da Ação", confrontando o oponente e cumprindo com o Dharma. "***Não temas matar***, - disse Sri Krishna -, ***eles já estão mortos em mim***.".

Estava eu meditando sobre o precedente parágrafo do Ghita, nas extraordinárias implicações morais que surge deste antiqüíssimo texto indo-ariano, quando "escutei" novamente a Voz.

- Não deves enganar-te pelo significado superficial dos conceitos, Oh, Kurt, homem de sangue puro. A mensagem de Krishna está dirigida às duas naturezas de Arjuna, a anímica e a espiritual. A sua parte anímica, a sai natureza de animal-homem, Krishna aconselha continuar com o argumento dramático no qual está envolucrada a razão de seu Karma: Arjuna é humano, está encarnado e vive circunstâncias kármicas; deve cumprir o Dharma e resolver o conflito dos Arquétipos opostos, desse modo realizará a condenação imposta a priori, pelos Senhores do Karma de Chang Shambala. A condenação incompreensível da guerra familiar que pesa sobre o coração de Arjuna. Mas a sua parte espiritual, a sua natureza ária-hiperbórea, o Siddha Krishna sugere transcender os opostos, não por meio de sua síntese, qual poderia ser a guerra, mas situando-se na instância absoluta do Espírito Eterno. O Espírito, "o Ser", em efeito, é Eterno ou Não Criado, ***alheio*** a todos os opostos Criados, que não são mais que Maya, Ilusão. ***Para o Espírito não há vida nem morte Criada, senão Ilusão e, portanto, não há pecado nem culpa, nem há dívidas a saldar nem Karma: se a decisão procede do Espírito, a ação não produzirá efeito posterior sobre Si Mesmo, porque a Ilusão carece de capacidade para atuar sobre a Realidade do Ser. Isto é, qualquer que seja a ação realizada, inclusiva matar aos parentes e amigos.*** Porém, Kshatrya deve cumprir uma condição essencial para que sua natureza espiritual predomine sobre a parte anímica ou animal: ***deve endurecer seu coração, deve "lançar fora essa debilidade não ária", vale dizer, deve despojar-se de todo sentimento compassivo para quem não são atores de um argumento kármico, pura Ilusão; eles não existem realmente, não vivem, ou como disse Krishna, "já estão mortos em mim"***. *Esta é a Sabedoria dos Senhores de Vênus de Agartha:* ***Somente é um verdadeiro Kshatriya quem possui um coração duro como a Pedra e frio como o Gelo; e somente um Kshatriya tal pode realizar qualquer ação, inclusive matar, sem que o Karma o toque.*** Este é o Poder, Oh, Kurt, homem de Sangue Puro, do Kshatriya-Iniciado Hiperbóreo, o homem semi-divino que tem seu Espírito aprisionado à Alma Criada!

Aquelas palavras irromperam como um relâmpago em minha consciência, enchendo-me de perplexidade por várias razões. Primeiro, porque me acometia a segurança – como já disse – que a Voz era externa a meu ser. Segundo, pelo tom da Voz firme e enérgica, era uma Voz confiável e amistosa. Eu sentia em sua presença que não me era possível desconfiar nem duvidar de suas palavras, pois esta Voz era emitida por Alguém superior a mim mesmo. Alguém que se "acercava" para ajudar-me e guiar-me. E terceiro, porque o "conteúdo" dessas palavras, os "conceitos" colocados em minha consciência nem sempre eram claros e compreensíveis.

Este último deve entender-se não no sentido que fossem obscuros ou velados, mas que tais conceitos aludiam a coisas e situações desconhecidas ou esquecidas por mim. Digo "esquecida" porque nesse sentimento de veracidade que me induzia a escutar as palavras da Voz, coexistia como uma reminiscência de um Saber perdido, de uma Verdade esquecida.

Shambala, Agartha, Senhores de Vênus, conceitos brevemente familiares que alguma vez formaram parte de algum conhecimento mais vasto, mas que, inexplicavelmente, havia esquecido sem poder precisar onde nem quando, com segurança não nesta vida e talvez não em "outra vida", mas em um "estado de Espírito" fora de toda vida e manifestação.

De uma coisa estava seguro: a Verdade estava no passado, um remoto passado que, sem duvida, quase podia tocar com a ponta dos dedos.

Capítulo XV

Quando raciocinava, depois de receber uma dessas "mensagens", meu primeiro impulso era "perguntar" algo mais à Voz, interrogar sobre a "interpretação" da mensagem, ou sobre a mesma Voz.

Mas era inútil, pois a Voz desaparecia tão misteriosamente como havia aparecido e só obtinha o Silêncio por resposta. Porém, quando não pensava nisso, e me encontrava meditando sobre alguma questão do âmbito da História, a Filosofia ou a Religião, aparecia o Comentário Fugaz, a Palavra Sábia e fulgurante, como uma Faísca de Sabedoria. .

Essa dificuldade para "comunicar-me" com a Voz, longe de decepcionar-me, estimulava a minha curiosidade e me embarcou numa breve busca de informação sobre tão estranho fenômeno.

O ouvido interior havia-se aberto quando fui apresentado ao Führer devido ao poderoso influxo de sua presença, e depois parti com meu pai ao Egito para passar as férias, como já disse. Foi durante esses dias que tentei desvendar o mistério das aparições furtivas da voz. Para isso comecei a ler tudo quanto se referia a casos similares ao meu, comprovando com horror que até poucos anos atrás qualquer pessoa que experimentava a audição de vozes fazia-se suspeita de bruxaria ou demonologia. A imagem de Joana d'Arc, a "Donzela de Orleans", ardendo na fogueira por seguir o que ditava uma Voz interior, não era um estímulo muito grato para aprofundar no assunto.

Mas me consolava pensar que estávamos em outro século, em uma época aberta à investigação e ao conhecimento. Apesar de que comprovava a cada passo que no terreno da experiência psíquica abundava a superstição ou o ceticismo.

Lendo as obras de Allan Kardec, o fundador do Espiritismo moderno, comprovei que entre as múltiplas formas de ***Mediunidade*** descritas como "comuns a muitas pessoas dotadas", figurava uma ***Mediunidade Auditiva***, a qual acreditei que poderia equiparar-se com o fenômeno que vinha experimentando.

Segundo Allan Kardec um ***Médium*** é uma pessoa que pode pôr em contato com o "Mundo dos Espíritos". "O que é um Médium? É o ser, o indivíduo, que serve de enlace aos Espíritos para que estes possam comunicar-se com os homens. Sem Médium não há comunicação possível, seja esta tangível, mental, escrita, física ou de qualquer outra classe". E também disse: "um Espírito é um homem sem corpo físico".

A Mediunidade como faculdade humana apresenta-se em "relação aos sentidos", sendo uma extensão destes tais que permite abarcar parte do "Outro Mundo". Há, assim, uma Mediunidade Auditiva, uma Mediunidade Escrevente, etc. Sem por isso aceitar a Cosmogonia Espírita que afirma, como o faz a Gnose, a Alquimia, etc., uma tríplice composição do homem: corpo, Alma (ou perisipírito) e Espírito, pode deter-se a analisar os fenômenos que mencionam os espíritas, quase sempre reais.

Foi isso que fiz inutilmente nesses dias no Egito, percorrendo diversos Centros Espíritas e consultando-me com diversos Médiuns.

A desilusão não poderia ser maior, pois na maioria dos casos, o Médium era uma pessoa de baixa capacidade intelectual, incapaz de explicar claramente a natureza dos prodígios por ele protagonizados, ou pelo contrário, o Médium era um pícaro,

demasiado esperto para dar explicações e prazeroso de rodear-se de uma aura de "mistério".

A conclusão que tirava dessas explorações resumia-se em que quando o sujeito era protagonista real de um fenômeno Mediúnico, não podia exercer nenhum controle sobre si mesmo, sendo em geral, casos de "mentecaptos". O Médium Escrevente não era consciente do que escrevia, situação abjeta que, entretanto, enchia de alegria as testemunhas presentes, que afirmavam que isso constituía a "prova" da veracidade do prodígio. O mesmo poderia dizer-se sobre as outras qualidades de Mediunidade.

O Médium Falante, totalmente "possuído" pelo Espírito ou "entidade desencarnada" – segundo o jargão espírita – falava, ria, berrava, ou se contorcia ante o êxtase contemplativo dos acólitos, tão ignorantes quanto insensatos. E o Médium Ouvinte, que despertava meu particular interesse, ouvia, mas não uma, senão um concerto de vozes. E estas o invadiam a todo momento, ordenando, solicitando ou suplicando determinadas ações, muitas vezes desonrosas ou grosseiras. Algo deprimente que nada tinha em comum com minha superior experiência.

Convencido de que por esse caminho somente encontraria enfermos ou fanáticos, fiz o mais lógico que se pode fazer nesses casos: atirei-me a buscar uma solução ao meu problema, valendo-me de mim mesmo, de minha própria análise e experiência.

Desse modo, repassando rigorosamente os processos psíquicos que culminavam com a aparição da Voz, comprovei que a chave não estava na ***interrogação*** mental, em "perguntar" à Voz isto ou aquilo. Em minha confusão, que contribuiu não pouco no contato e na observação dos espíritas, eu acreditava que a Voz respondia a interrogações feitas em minha consciência durante a meditação. Tomando arbitrariamente esta crença por uma verdade, concluía que seria possível interrogar conscientemente a Voz, ou seja, que eu perguntaria e a Voz responderia. Crasso erro... como verá em seguida.

A meditação de tudo isto me permitiu compreender que a "interrogação" é uma atitude intrinsecamente racional; ou seja, que somente é possível interrogar a partir dessa ordenação que chamamos razão. De todas as criaturas existentes, somente o homem interroga e o faz para saber, para obter conhecimento. Expressão se sua miserável inaptidão e do drama de sua ignorância, a interrogação, a partir da razão, de sua lógica, lhe permite emitir inferências, proposições, e estabelecer juízos. Mas o conhecimento obtido exclusivamente da razão, pela interrogação à realidade do mundo, revela uma violência e uma rebeldia. A interrogação leva implícita a possibilidade da resposta e nesta implicação há algo de soberbo e arrogante. Interroga o que orgulhosamente "sabe" que será saciado em seu saber. Esta rebeldia, este orgulho, esta arrogância, enfim, esta violência que subjaze na interrogação é, por conseguinte, totalmente inútil, uma vez que ***não facilita a libertação do homem de seu aprisionamento às formas ilusórias da matéria***.

O erro moral da interrogação como "meio para conhecer" evidencia-se em toda sua absurda contradição quando o homem afirma o "direito" a perguntar, ou seja, quando estabelece que seja jurídica e moralmente lícito obter o conhecimento pela interrogação. Porque se é lícito e até aconselhável praticar a interrogação, sem limites nem cercas morais sobre a coisa questionada (sem tabus), não tardaremos em ver ao homem ferozmente exposto cara a cara com Deus interrogando-o, possibilidade absurda que conduz inevitavelmente à negação de Deus (ateísmo), a confessar a impossibilidade

desta pergunto (agnosticismo) ou as mais perturbadoras hipóteses que são somente isso, respostas prováveis, mas não verdadeiras respostas.

A Gnose, corrente filosófica a que se referiu bastante belicena Villca, afirmava a possibilidade de "salvar-se" por meio do conhecimento (gnose), mas este "conhecimento" não devia ser obtido de maneira racional. Como dizia Serge Hutin: "A gnose, posse dos Iniciados, se opõe à vulgar ***pistis*** (crença) dos simples fiéis. É mais um 'conhecimento' que uma revelação secreta e misteriosa". "...A gnose constitui uma vez que já alcançada, um conhecimento total, imediato, que o indivíduo possui internamente ou do qual carece em absoluto; é o 'conhecimento' em si, absoluto, que abarca ao Homem, ao Cosmo e à Divindade. E é somente através deste ***conhecimento*** – e não por meio da fé ou das obras – que o indivíduo pode ser ***salvo***". Existe então, outra via para "conhecer" e, ainda que uma conspiração obscurantista tenha apagado da História Oficial à Gnose e sua Sabedoria Iniciática, foi à maneira "gnóstica" que encontrei a solução para comunicar-me com a Voz.

É que efetivamente há uma forma de obter conhecimento "além" da razão, sem cair na mecânica de pergunta e resposta, da comparação e da conclusão, da análise e síntese, enfim, da dialética. E é sumamente simples. Consiste em **dispor o Espírito para recordar**, em forma análoga à atitude assumida pela consciência quando "busca" uma recordação na memória.

Neste caso não se trata de adotar uma postura contemplativa, de "mente em branco", senão de uma ação dinâmica, que "busca" sem "perguntar".

A sabedoria de compreender isto apoia-se em aceitar o fato de que a consciência é "orientável", "direcionável" às zonas de mente.

Quando desejamos **recordar** algo, a razão pode interrogar ou não, mas a memória **vem** inexoravelmente. Por exemplo, que gravata usei na festa de Juan Perez? E a resposta vem automaticamente – a gravata verde -. Mas sejamos francos: é uma verdadeira "resposta" a obtida? Ou quando quisemos saber qual gravata usamos dispomos a mente a "buscar" a recordação da festa e esta recordação **aparecerá** na consciência como uma imagem que foi prontamente traduzida pela razão em forma de proporção: a gravata verde. Porque se no lugar de perguntar, simplesmente evocamos a recordação da gravata usada, esta "aparecerá" sem ser necessariamente a resposta a uma pergunta, tampouco uma proporção.

Quando comprovei isto e verifiquei fidedignamente que ao "recordar" a consciência se "dirige" à recordação, dispus analogamente meu Espírito para dirigir-se à Voz.

Em princípio não tive êxito, principalmente porque a razão interferia com dúvidas e ceticismo, mas quando me concentrei bem e pude recriar na mente os momentos fugazes em que a Voz irrompeu, então comecei a progredir. A Voz havia aparecido e desaparecido num instante, com uma velocidade maior que o mais veloz de meus pensamentos, ao ponto de, às vezes, não distinguir claramente suas palavras.

Por isso é que devia concentrar-me muito e evocar a recordação, só evocar, não interrogar, dispor a consciência para que sobrevenha a recordação e permanecer em total imobilidade espiritual. O que entende compreenderá que não se trata de uma atitude contemplativa, mas de uma atitude enérgica (de energia), similar à do guerreiro um instante antes de soltar o braço com a espada, pleno de força potencial. Na contemplação há paz (quietude), na evocação há energia expectante.

O procedimento, empregado com êxito, posso explicar assim: recriava em meu Espírito o momento em que apareceu a Voz. Tratava que essa recordação fosse a mais "exata" possível, ou seja, que me transportasse psicologicamente ao clímax vivido durante a experiência. Então se apresentava a Voz, tão velozmente como "recordava" que havia aparecido. Mas então, utilizando o recém descoberto poder "orientador" da consciência, "dirigi" esta "até" a Voz (repito: como quem recorda) e conseguia assim "ampliar" imperceptivelmente o Tempo de manifestação da Voz. Surgia a voz na recordação e eu tratava de cercar a recordação em torno dela, recortando o acessório, concentrando-me somente nela, tratando de converter a fugacidade em permanência, sem que isto perdesse algo de sua dinâmica vocal. Assim ia conseguindo, cada vez mais, "seguir" a mensagem da Voz desde sua aparição até sua extinção.

A aparição (de inicio) não me preocupava, mas a desaparição, pois ia ampliando cada vez mais o último momento da Voz, até que cheguei a "ouvir" com total nitidez o tom final, o limite preciso entre a Voz e o silêncio. Chegando a este ponto sentia na consciência – de tão dirigia à Voz – como se houvesse uma **proeminência cônica e aguda**, como um funil visto do lado em que se entorna o líquido.

A Voz tinha penetrado em minha mente por um ponto – o ouvido interior – e até ali apontava o vértice do cone psíquico em que se convertia a consciência ao perseguir tenazmente o instante da extinção final da "mensagem".

Fui praticando esta sorte de evocação seletiva quando, ao "examinar" (de algum modo devo dizê-lo) o cone psíquico, logo me vi precipitado num túnel ligeiramente espiralado e vaporoso, como um vórtice de energia brilhante e leitosa que logo terminou com uma imagem perfeitamente definida e nítida. **Podia vê-la e ouvi-la simultaneamente**, pois dela era quem brotava a Voz. .

Seguindo a Voz em sua extinção, como um eco, havia subido a sua fonte de origem e esta era deslumbrante e cegante. Visto que agora não somente de um ouvido interior, mas também de uma visão interior, participava absorto de uma excelsa imagem ígnea. Porque aquele maravilhoso e sábio Verbo não era emitido por nenhuma garganta, nem vinha de uma entidade humana sequer antropomorfa.

Simplesmente brotava de uma língua de fogo que sibilava ritmicamente acompanhando o devir do Verbo.

- Oh, fogo gelado e rutilante, Deus é testemunha de que em ti reconheci a Divindade do Espírito Hiperbóreo!

De frente a essa Presença Divina, feita de Fogo, Voz e Sabedoria, não cometi a bobagem de interrogar, nem tive surpresa, nem desejo de saber ou compreender.

Uma selvagem alegria, um gozo primordial foi-me invadindo enquanto o logos ígneo resplandecia sobre o olhar interior. E esse júbilo inefável obedecia a uma certeza: havia recobrado algo perdido há muito tempo, não sabia dizer quando nem onde. Mas com certeza disso se tratava, pois a presença flamígera não me era desconhecida, ainda que de algum modo misterioso eu a esquecesse até este momento. E a alegria do reencontro enchia meu Espírito de um prazer indescritível.

Ignoro quanto durou aquele primeiro êxtase, mas lembro claramente o conhecimento que "ficou" em minha consciência como um extrato sedimentar ao fim da experiência. Digo "conhecimento" porque ao conectar-me telepaticamente com a misteriosa voz, ascendi a uma torrente de Sabedoria – não saberia chama-lo de outro modo - que ao penetrar no Espírito dissolvia toda a dúvida, tornava inútil qualquer

pergunta e reunia e sintetizava os opostos. Isso acontecia porque a Voz - autêntico Logos – cuja substância era o Fogo e o Verbo, transmitia sua palavra somente pelo fato de entrar em contato com Ela.

O que dizia a Voz naquela ocasião? Seria uma torpe pretensão tentar descrever com palavras semelhante experiência transcendente, mas correrei o risco e breve e imperfeitamente resumirei as partes essenciais da mensagem:

- "Eu sou um Ser pertencente à Antiga raça que chegou à Terra com Lúcifer há milhões de anos. Chamaram-me Anjo, porém é uma denominação ambígua. Tenho sido um dos Grandes Guias Hiperbóreos e como tal tu me conheceste num passado remoto que, sem dúvida, é sempre presente no Mistério do Sangue Puro. Por meu nome hiperbóreo deves chamar-me Kiev, pois assim me "conhecerá" novamente a Humanidade ao fim da Idade Obscura ou Kaly Yuga. Está unido a mim, como outros inumeráveis Espíritos aprisionados pelo Símbolo da Origem, o laço que vincula o criado com o Não Criado: tu, e qualquer um deles, podeis chegar a mim e à Origem da raça do Espírito, resolvendo o mistério do labirinto, atravessando a Ilusão das formas Criadas, remontando o caminho do Sangue Puro, como fizeste agora sem compreendê-lo. Ali, na Origem, existem outros Seres como eu, pertencentes à Raça do Espírito, a quem também tem chamado de Anjos. Mas, em verdade, todos procedemos de Vênus, da **Porta de Vênus**.

- Podes comunicar-te comigo a hora que quiserdes, agora que sabes regressar à Origem seguindo o Caminho do Sangue Puro, **mas não deves fazê-lo** enquanto não tenhais conseguido compreender o Mistério do Labirinto e seja dono do Espaço e do tempo. Caso contrário minha presença atuará como uma droga que adormecerá tua incipiente consciência espiritual. Eras vítima do Grande Engano, crês ser e quase não existe além do capricho de Jehová-Satanás. Enquanto não regressares **conscientemente** à Origem, ali onde agora está sem babe-lo, não deves vir a mim, pois poderias extraviar o caminho. Primeiro deves retornar ao Princípio de onde nunca partistes, recuperar o Paraíso que jamais perdeste. Quando resolverdes este Mistério, marcando pelo Labirinto e chegando à **saída**, então poderá dizer Eu Sou. Mas não temas, não estarás abandonado, serás guiado carismaticamente até o final. Segue os Círculos Fechados da Ordem de Thule, mas não te detenhas em nenhum, avança sempre, até chegar ao Penúltimo Círculo; ali nos voltaremos a ver. E finalmente, trateis de interpretar com sabedoria este meu conselho e guia: na ordem planetária: primeiro o Führer, **na ordem individual primeiro Rudolph Hess**. Portanto segue a Rudolph Hess, inspira-te em Rudolph Hess".

Havia conseguido resolver o Mistério da Voz, chegando até sua fonte oculta, o Divino Kiev, mas imediatamente de conseguir esta maravilhosa façanha psíquica, foi-me proibido restabelecer o contato, ocasionando-me uma rara sensação de tristeza. Respeitosamente auto impedido de contemplar a cintilante efígie de Kiev por causa – o aceitava tacitamente – de minha imperfeição, só desejava salvar os obstáculos que me separavam do Penúltimo Círculo da Thulegesellschaft, onde seria autorizado a restabelecer o vínculo telepático com a Origem.

Em tudo isto pensava enquanto o trem me levava velozmente à Pomerânia, lamentando não haver encontrado Rudolph Hess em Berlim para confiar-lhe este acontecimento sobre o Divino Hiperbóreo Kiev.

Capítulo XVI

Tio Kurt, o que tem me contado é maravilhoso! O senhor sozinho, internamente, vale dizer, sem ajuda de ninguém chegou até um dos Deuses Libertadores! – exclamei, impressionado pela similitude de sua experiência com minha percepção daquele instante infinito, a noite do terremoto, durante o qual eu contemplei a Divina imagem da Virgem de Agartha.

- Diga-me, tio – acrescentei, parecendo omisso aos gestos de protesto do Tio Kurt, que pretendia continuar linearmente com seu relato – o senhor pode conservar a faculdade de comunicar-se com o Capitão Kiev? Quero dizer, conseguiu escuta-lo mais adiante? Escuta ainda hoje?

- Sim, neffe – afirmou com resignação – Ainda passaram vários anos até que eu me atrevi a dirigir-me diretamente a Ele, Sua Voz me guiou em todo momento, salvando-me a vida pouco tempo depois, na Ásia, como verá se me deixar prosseguir o relato. Mas te adianto uma resposta afirmativa para tua última pergunta: ainda o escuto, ainda me guia. Ele me ordenou vir a Santa Maria e permanecer aqui. E se bem cumpri com sua ordem, o fiz a contragosto, e todos estes anos, estes trinta e três anos, os passei em franca rebeldia contra os Supremos Desconhecidos. Sim, neffe. Ele me falou muitas vezes, e ainda me fala, como o fez antes de você chegar, quando vibrou o zumbido das abelhas, o som do Dorje dos Druidas, e me advertiu que seria atacado, mas eu não respondi suas mensagens. Nunca o fiz desde 1945.

- Deus meu! Por que, tio Kurt? Como pode ficar em silêncio, permanecer indiferente frente à Voz dos Deuses? – não compreendia sua atitude e o fiz saber quase gritando. Perseguido pelos Druidas, pela Fraternidade Branca, por toda uma Hierarquia de seres infernais, como podia dispensar a única ajuda possível, o auxílio dos deuses Libertadores? Oh, mein Gott, que difícil me era então entender tio Kurt.

- Sei que não pode compreender, Arturo. Mas é que teria de colocar-se em meu lugar, estar na minha pele em 1945, vendo a Alemanha destruída pela Sinarquia dos Aliados e comprovando que os homens mais Sábios, os Iniciados da Ordem Negra, desapareciam sem deixar rastros nos Oásis Antárticos ou através das Portas Expandidas. E enquanto eles se iam, até a Batalha Final ou quem sabe até quando, eu recebia a ordem de ficar no Inferno, sozinho, a cumprir uma missão da qual não sabia nada em absoluto e na que não acreditava. Sim, neffe, pode chamar de falta de fé ou como queira, mas eu não acreditava que minha permanência aqui fosse realmente importante: senti-me abandonado, traído pelos Deuses, livre à própria sorte. O que podia eu fazer frente à Grande Conspiração triunfante? E, no entanto estava equivocado. Agora sei, e espero que não seja tarde para corrigir minha estúpida postura. A carta de Belicena Villca me mostrou uma parte insuspeitável da História, uma parte que outorga sentido final à minha vida. Porque, naturalmente, somente me resta morrer com honra para lavar a mancha destes anos de quietude nada nobre.

Tio Kurt se torturava inutilmente e, mais uma vez, era eu a causa de sua dor. Maldisse ter perguntado e quis que a terra me engolisse ali mesmo. Eu não sabia como deter sua subjetiva autocrítica.

- Eu sou um ϟϟ, Arturo! Um Iniciado da Ordem Negra ϟϟ! – disse com desespero – E me mantive em uma cômoda situação, oculto todos estes anos, mas seguro! Maldito

seja eu e todos os oficiais ϟϟ que tenham agido da mesma forma! Devíamos ter lutado, formado consciências jovens, revelado a Sabedoria Hiperbórea! Mas preferimos calar, assumir uma atitude covarde que pretendia ser prudente. Imagine, Arturo, se nem aos Deuses fui capaz de responder, quanto mais tinha vontade para esclarecer os outros! E sabe por quê? Porque no fundo não acreditávamos nas novas gerações, nem no Triunfo do Führer, nem na Batalha Final. Talvez, e digo apenas "talvez", sejamos em parte desculpados porque em nossa convicção há de ter interferido a mão do Inimigo, o Poder da Ilusão da Fraternidade Branca. Fomos incrédulos e egoístas, e não devemos esperar perdão dos Deuses, pois Eles não são juízes. Na verdade, estamos obrigados por nós mesmos, por nossa honra...

Até hoje, neffe, vivi adotando o papel de vítima, afirmando com intransigência que nada se podia fazer contra a Sinarquia, salvo aguardar a Batalha Final, o Fim do Mundo, o Apocalipse, uma intervenção Divina. E isto o dizia com ironia, sem crer que a Parusia fosse ocorrer, que eu chegaria a vê-la. E no meu desdém, e na indiferença de tantos outros que quiçá fizeram como eu, concordamos com a ignorância daqueles que seguramente deverão participar na Guerra Essencial, na Batalha Final da Guerra Essencial. Oh, Deuses, que néscios temos sido! Não o compreendia até hoje, até que você viesse e me expusesse sua vida predestinada, até que me revelasse os anos de busca e me mostrasse a impossibilidade de encontrar a Verdade em alguma parte: quantos caminhos às cegas poderia ter te poupado se me houvesse conhecido antes! A mim, a Oscar ou a qualquer de nós que conhecíamos a Verdade! Oh, Arturo, o que fizemos? Salvamos nossas miseráveis vidas, mas a custa de perder a honra, de abandonar aos jovens à revelia, de permitir que fossem corrompidos e destruídos pelo Inimigo.

- Mas tio Kurt – disse tratando de acalma-lo - o senhor recebeu uma ordem do Capitão Kiev: devia permanecer escondido por motivos estratégicos, talvez aguardando a carta de Belicena Villca. Pode ser que outros ϟϟ tenham atuado egoistamente, como diz, mas eu acho muito significativa sua história, a minha, a de Belicena Villca. Vejo tudo interligado, muito coincidente, e me ocorre que os Deuses tenham cuidado disso de antemão. Assim, pois, não deve se amargurar em vão; as coisas farão sentido, seus trinta e três anos em Santa Maria fará sentido, se cumprirmos com o pedido de Belicena Villca e encontrarmos seu filho e a Espada Sábia, se mostrarmos sua carta a Nimrod de Rosário e nos incorporarmos à sua Ordem de Construtores Sábios.

- Talvez tenha razão. Mas comprovei meu erro e nada me impedirá de pagar a dívida de honra que devo aos que vinham depois de mim. A dívida é com você, Arturo, eu sei! E por isso estou disposto a morrer se preciso; a morrer com honra, como morre um oficial ϟϟ. Sim, Arturo, considere como um juramento: te protegerei dos Druidas, porei a sua disposição todas as faculdades e poderes que desenvolvi na Ordem Negra, e morrerei por você se necessário, para que você cumpra a missão que te encomendara Belicena Villca!

Foi inútil tentar persuadir tio Kurt que a situação não era tão grave, que ninguém iria morrer, Somente consegui convence-lo de minha ingenuidade. De todo modo, uma coisa era clara: incrivelmente, possuía a faculdade de comunicar-se telepaticamente com o Capitão Kiev, um dos Senhores de Vênus que Belicena Villca mencionara reiteradamente sem sua carta.

Capítulo XVII

Prometi a mim mesmo não interromper mais tio Kurt. Seu relato prosseguiu assim:

- De acordo aos papéis firmados e selados que foram entregues pelo ϟ. ***Oberführer*** Papp já era membro da Schutzstaffeln (Escalões da Guarda ou ϟ.) e marchava para receber treinamento em ***Ordensburg*** de ***Crossinsee*** incorporado com o grau de ϟ. ***Obersturmführer*** [30][30]. À [d] se ingressava normalmente, para a carreira de oficial, com o grau ϟ. ***Untersturmführer***[31][31] mas os graduados de ***NAPOLA***, por sua preparação militar prévia, eram incorporados com um grau a mais. Por esta razão eu estava como ϟ. ***Obersturmführer*** da legendária ***1ª Panzer División Leibstandarte Adolf Hitler*** porque os ***Ostenführer*** do Corpo Seletivo de Estudos Orientais de ***NAPOLA*** tinham seu lugar natural no ***Leibstandarte***.

Os oficiais ϟ recebiam instruções em centros especialmente preparados, em distintos lugares da Alemanha. Eram os ***Ordensburg***, castelos-monastérios rodeados de bosques e parques, auto-suficientes com relação ao fim pedagógico para o que haviam sido dispostos. Três Ordensburg dependiam do ***N.S.D.A.P.*** e um, o castelo de ***Werwelsburg***, pertencia exclusivamente à ***Waffen*** ϟ..

Crossinsee na Prússia Oriental se ocupava do treinamento físico e mental e de completar a instrução puramente militar. ***Vogelsang*** em Renania ministrava ensinamentos políticos e místicos e, por último, ***Sonthofen*** na Baviera, se ocupava da formação superior dos oficiais ϟ. em Política, Diplomacia ou Artes Militares. A estes três burgos, ***Crossinsee***, ***Vogelsang*** e***Sonthofen***, se concorria nessa ordem, podendo permanecer um ou mais anos em cada um deles de acordo à particular carreira pretendida. Mas a ***Werwelsburg*** somente ingressava uma autêntica Elite, extraordinariamente selecionada, que aspirava receber a Iniciação ao Conhecimento Mais Oculto da Ordem Negra, cujo Grão Mestre era o ***Reichführer*** Heinrich Himmler.

Em meu caso particular, existiam ordens expressas, de Rudolph Hess, de acelerar a estadia em ***Crossinsee*** e ***Vogelsang*** pelo que somente freqüentei três meses no primeiro burgo e três meses no segundo. Em ***Sonthofen*** estive seis meses e depois passei três meses em ***Bernau***, perto de Berlim, um centro secreto da ***S.D.***[32][32] onde se ministrava ensinamentos técnicos de contra espionagem. No total, quinze longos e duros meses de estudo que culminaram no final de 1938 quando, com o grau de ϟ. ***Hauptsturmführer*** [33][33] abandonei definitivamente as aulas e bibliotecas oficiais na qualidade de aluno.

Desde minha chegada na Alemanha, em 1933, havia se passado seis anos durante os quais recebi uma educação de Elite, tão específica e bem concebida para o que se desejava obter de mim, que é difícil imaginar como poderia ter sido feito melhor.

Nessa data – continuou tio Kurt – A Alemanha e seus aliados iam entrar na Guerra Total contra as Potências da Matéria, guerra que foi mais terrível que a do Mahabarata e, ao esgotarem-se os tempos, tive oportunidade de atuar para o bem de

---

30[30] [d] ***Obersturmführer***: grado de Teniente en la ϟ..
31[31] [d] ***Untersturmführer***: grado de Alferez en la ϟ..
32[32] ***Sicherheitsdienst***: Servicio de Seguridad de la ϟ..
33[33] [d] ***Hauptsturmführer***: grado de Capitán en la ϟ.

minha pátria e da Humanidade. Em efeito, neffe, antes que se estourasse o conflito recebi minha primeira missão, uma empresa tão estranha que custaria enquadrá-la dentro das operações militares, especialmente na atualidade, quando os exércitos "profissionais" são máquinas bem aceitas e os soldados simples robôs. Mas é que a Waffen ϟϟ não era uma organização meramente militar, senão uma expressão externa da Ordem Negra, uma Ordem de Iniciados Hiperbóreos: existiam, pois, junto às operações classicamente militares, missões de nítido caráter esotérico. Uma delas era a Operação Altwesten que havia empreendido em 1937 o Professor Schaeffer, financiada e dirigida pelas ϟϟ. Como o havia antecipado Rudolph Hess, meu Destino estava ligado àquela expedição ao Tibet e ninguém, nem o traidor Schaeffer, poderiam impedir que participasse dela. Contudo, em 1937 o grupo já havia partido e somente um ano depois me incorporei a eles no Tibet.

As circunstâncias prévias não foram menos estranhas, mas te narrarei depois de jantarmos – disse inesperadamente tio Kurt. Olhou seu relógio e levou a mão na testa com assombro – Sou um desconsiderado! Faz cinco horas que te entretenho sem lembrar que esta é a primeira vez que você deixa a cama em quinze dias. Realmente está bem? Diga-me a verdade, pois talvez seja melhor que se deite e te leve o jantar no quarto.

- Estou muito bem, tio Kurt – disse – e se quer saber a verdade, o que sinto agora é fome. Assim, vamos jantar!

Ria com gosto tio Kurt enquanto nos dirigíamos à sala de jantar. Uma hora mais tarde voltamos a sentar nas poltronas depois de um jantar frio e leve, a base de frios e salada, durante o qual falávamos de diversos temas desvinculados completamente da narração interrompida.

Por fim, enquanto tomávamos um café, decidiu tio Kurt continuar o relato.

- É uma linda noite de verão – disse – Céu estrelado, temperatura agradável, silencio e fragrâncias do campo. Proponho nos sentarmos debaixo das árvores, neffe! Verá que desfruta o frescor na noite enquanto avançamos com o relato. .

- Oh, não – respondi – Será melhor que voltemos para a sala. Ali estaremos mais confortáveis.

Lamentava ofuscar o entusiasmo de tio Kurt, mas não desejava enfrentar os cães. Sabia que cedo ou tarde teria que fazer-lo, mas procuraria que fosse de dia. Os cachorros novamente de noite? A idéia me enchia de apreensão, mas tio Kurt não deve ter notado, pois encolhendo os ombros se dirigiu para a sala, seguido por mim. .

- Três ou quatro semanas depois de chegar a Crossinsee retornei a Berlim – continuou narrando tio Kurt – para entrevistar Konrad Tarstein, meu contato na Thulegesellschaft.

A Gregorstrasse 239 correspondia a um vasto casarão de dois andares que devia contar com mais de dois séculos de malograda existência e seu único habitante, Konrad Tarstein, era um típico berlinês pequeno burguês, calvo, de baixa estatura, dotado de grossa barriga, que combinava perfeitamente com a decrepitude do lugar.

É provável que tal lugar e sujeito – pensei – tivessem por objetivo despistar possíveis espiões ou decepcionar inquietos aspirantes. Eu sofri o segundo efeito ao

golpear uma bolorenta argola que girava dentro de um punho de bronze duvidosamente fixado à desgrenhada porta.

- Sim – perguntou uma voz estridente que emergia de algum lugar indefinido.

- Sou Kurt Von Subermann - disse, dirigindo-me ao diminuto postigo que finalmente descobrira num dos painéis da porta, de onde um par de olhos pequenos me observava impaciente. – Fui enviado por Herr Rudolph Hess. .

A porta se abriu e uma figura rechonchuda e pequena apareceu, com a mão cortesmente estendida para saudar.

- Sou Konrad Tarstein – disse – Entre, estava o aguardando.

O interior não melhorava em nada a impressão inicial. Mobiliado com manifesto mau gosto, em sua descuidada mescla de formas e estilos, uns minutos na casa bastavam a qualquer um para desalentar-se de que ali houvesse ou pudesse tratar-se algo importante. E, contudo, eu esperava muito da Thulegesellschaft na qual, segundo Rudolph Hess, acharia resposta a toda minhas interrogações.

Sentado em uma ridícula cadeira Luis XV, que parecia não ter nada a ver ali, frente a uma mesa redonda normanda e umas cadeiras artesanais, observava com surpresa que Konrad Tarstein se prestava a preencher uma ficha. Era o mais distante de uma atitude espiritual que eu podia imaginar e por isso titubeei ao dar meus dados pessoais, atitude que Tarstein interpretou erroneamente como produto de temor.

- Não tema – disse Tarstein – os livros da Ordem nunca poderiam ser encontrados. Posso assegurar, Herr Von Subermann, que jamais ocorreu uma infiltração importante sobre detalhes do Culto ou a identidade de nossos membros. Temos sofrido deserções e alguma traição menor, mas sempre nos níveis superficiais da Ordem, e por pessoas que não possuíam um conhecimento muito preciso da organização interna.

- Recebe muitos aspirantes, Herr Tarstein? – perguntei.

Konrad Tarstein levantou os olhos da ficha e me observou por largos minutos com curiosidade. Finalmente, como se desse conta de um esquecido ou omissão, levou a mão à testa enquanto seu rosto se iluminava com um sorriso.

- A parcimônia de Rudolph Hess! – disse como se pensasse em voz alta – Sua eterna e tímida parcimônia. Devia supor que você não estaria avisado de que esta entrevista não é parte de nenhuma prática regular na Thulegesellschaft. Diga-me Kurt Von Subermann: que informação recebeu de Rudolph Hess para chegar até aqui?

Respondi-lhe de forma completa sobre o quanto sabia acerca da Thulegesesllschaft o que havia dito Rudolph Hess em nossa conversa na Chancelaria, na noite de graduação, e a referência a um "contato" em Berlim, Konrad Tarstein, exposta em sua carta que chegou às minhas mãos por meio do ϟϟ ***Oberführer*** Papp.

Enquanto falava me assaltava a dúvida de que se houvesse produzido um inesperado mal entendido por causa de algum erro cometido por mim na interpretação das instruções. Mas por mais que refletisse não encontrava nenhum motivo que pudesse haver provocado a surpresa de Tarstein ante minha pergunta sobre a recepção de outros aspirantes à Thulegesellschaft. Ou, efetivamente, não vinham jamais outros aspirantes à Gregorstrasse 239? Isto me confirmou, finalmente, Konrad Tarstein poucos minutos depois. Aprovou com um gesto de cabeça tudo quanto disse e, depois de guardar a ficha em uma maleta de couro, me convidou a passar a um ambiente interior do enorme casarão.

A sala onde estávamos se conectava com a porta da rua por meio de um corredor desde o pequeno hall. À direita se via uma escada de fina madeira lustrada e atapetada que, imediatamente numa curva de noventa graus, conduzia ao andar superior e continuava na varanda, a qual se estendia lateralmente ao largo de um corredor, perfeitamente visível do andar de baixo. Até a frente da casa de abriam duas portas de grandes folhas de madeira talhada. Tomando pela porta da direita subimos, com Tarstein, a um pátio aberto, rodeado de galerias com pequenas colunas sob arcos normandos, em cada uma das quais se abriam umas portas. Seguindo a galeria da esquerda, percorremos a distância de um lado do pátio ladrilhado e continuamos através de uma porta que nos conduziu a outro pátio, este fechado com uma redoma de vidro, enquanto a galeria se estendia ao longo do pátio para morrer na parede do fundo.

Antes de chegar ali, entramos na última das incontáveis portas que davam às galerias transpostas. O lugar ao que havíamos chegado, depois de tão labiríntica excursão, era na verdade surpreendente. Ao fechar a porta que dava para a galeria, dir-se-ia que entrávamos num moderno apartamento, mais próprio de estar num arranha-céu da Bernaverstrasse que ali, no coração de uma decadente mansão do século XVIII.

- Surpreso, Sr. Kurt? – perguntou sorrindo Konrad Tarstein – Remodelei uma ala desta antiga casa para viver com certa comodidade. Nas do outro mundo, mas bem simples, porém cômodo para quem já tem percorrido grande parte do caminho final.

Veja, Kurt, esta é a cozinha, moderna e bem instalada, esta, a sala de jantar, a de estar. Por aqui, por favor. Veja, estes são os quartos, são dois pois às vezes recebo velhos amigos como hóspedes. Por aqui, Kurt, veja, este é o principal ambiente, onde passo grande parte do dia e da noite.

Encontrávamo-nos num quarto de grandes dimensões, com as quatro paredes cobertas de estantes com livros. No centro, sob uma lâmpada quadrada e de altura regular que pendia do teto, uma mesa tampada por livros, alguns abertos, outros empilhados, e vários manuscritos, deixava adivinhar o lugar de trabalho ou estudo de Konrad Tarstein.

Algo abrumado pelo particular espetáculo que estava presenciando e contendo o desejo de ir de imediato examinar os tomos dos livros, que evidentemente eram muito antigos, segurei minha ansiedade e perguntei:

- Por que aqui? ¿Por que construir uma casa dentro de outra casa? Não era mais fácil adquirir outra propriedade mais cômoda num bairro mais respeitável?

- Calma, calma, Kurt, - disse Tarstein - isto foi feito assim por uma importante razão. Não podemos abandonar esta casa que é muito querida para nós. Nela se passaram coisas muito importantes para a Alemanha e para a Humanidade, Por isso, ainda que poucos sejam os que a visitam, nós a mantemos intacta, sem mudar nada de seu antigo e desconcertante mobiliário. Há trinta anos, em 1908, funcionava aqui um agrupamento secreto cujos membros fundaram em 1912 a Germanenorden que logo daria lugar à Thulegesellschaft e ao ***N.S.D.A.P.*** Entende agora por que devemos conservar esta casa?

- Porque aqui começou tudo, - disse com admiração.

- Exato, aqui começou a escrever-se a história do próximo milênio. Aqui, somente aqui, vieram um dia os Superiores Desconhecidos a selar a fundação do Terceiro Reich! Antes cairá Berlim de seus cimentos que possa tocar-se um alfinete desta casa sagrada.

Quando Konrad Tarstein falava dessa forma, sua esganiçada voz adquiria tons proféticos e se tornava magnética e atraente, fazendo esquecer por um momento o estapafúrdio aspecto de quem a emitia.

- Vamos tomar uma xícara de chá – propôs Tarstein – e lhe contarei algumas coisas que deve saber da Thulegesellschaft e do acordo que fechamos com Rudolph Hess sobre seu ingresso.

Acompanhei-o lamentando deixar a fascinante biblioteca, ata a cozinha nova. Abandonamos a biblioteca por outra porta, adjacente da que havíamos entrado, e fomos dar novamente na galeria e no pátio. Compreendi, assim, que a casa de Konrad Tarstein se estendia em toda essa ala da antiga mansão, frente ao segundo piso.

- De quantos quartos conta a casa? - perguntei enquanto adoçava o aromático Chá de Shangai.

- Contando ambos os pisos, uns... trinta ou trinta e dois ambientes - respondeu enigmaticamente -. Quem poderia saber?

Olhou-me por um longo instante, como duvidando se deveria parar por ali ou completar a resposta. Por fim algo nele pareceu relaxar-se, e optou pela segunda alternativa.

- Veja, eu não sei se estará já preparado para aceitar certos fatos que escapam à normal compreensão do homem corrente. De todo jeito, posto que pretendemos fazer de você um Iniciado Hiperbóreo, cedo ou tarde tais fatos não lhe serão nada surpreendentes. É só questão de tempo para que os compreenda. Assim, lhe darei uma informação que para qualquer mente racional seria logicamente incrível, mas não o será para nós, pois corresponde a mais rigorosa verdade, perfeitamente comprovado por todo Iniciado: **nesta casa, hoje pode haver 32 ambientes, mas amanhã, talvez haja 35 40 ou mais; ou talvez menos, 20, 25, 30; quem poderá saber**?

Naturalmente, neffe, aquela revelação me produziu a incompreensão que preverá Tarstein. Não esqueça que só tinha 19 anos e que ainda me encontrava comovido pela recém adquirida faculdade de ouvir a Voz de Kiev, o Senhor de Vênus. Porém, não me sobressaltei e tomei suas palavras com tranqüilidade. Konrad Tarstein prosseguiu, aparentemente satisfeito pelo efeito nulo que causaram seus dados.

- Esta não é uma casa comum, Kurt. Não senhor, você se encontra dentro do que nós chamamos uma ***praça liberada***, um ***oppidum***, quer dizer, um espaço ***conquistado*** ao Inimigo. Ainda que você veja somente paredes rodeando o edifício, elas somente encobrem um ***cerco estratégico*** denominado ***Arquêmona*** ou ***vallo obsesso***, que separa e isola a praça do ***Valplads*** ou território inimigo, quer dizer, do ***campus belli***. Você não percebe a Arquêmona porque ainda não está Iniciado e sua Alma lhe bloqueia a visão espiritual: somente seu Espírito Não Criado é apto para captar o **cerco carismático** da Arquêmona. Mas já o verá, Kurt, já o verá. E então compreenderá que é real o que parece impossível, e que a casa **não é geometricamente estável** porque sua estrutura não participa exclusivamente dos Arquétipos Criados, como toda casa, senão que nela intervém um elemento não criado, **o Infinito Atual**!

Depois desse anúncio Tarstein suspirou e disse:

- Aqui, Kurt, o Tempo transcorre de outro modo, dessincronizado do Tempo exterior, do tempo do Mundo. Por isso, neste espaço liberado da praça, e com este tempo próprio, a construção **não pode ser estável** e não só seus setores variam, mas o fazem em sincronia com o **Tempo interior. Séculos e milênios de distância se**

poderia salvar ao atravessar uma destas portas. Por uma de tais aberturas do tempo e do espaço, chegaram alguma vez mais meus Antepassados, os Senhores de Tharsis do ramo germano, que pertenciam a uma Ordem Medieval conhecida historicamente como **Einherjar**: você deve saber que meu sobrenome Tarstein significa "**pedra de Tharsis**", em memória de uma Casa lendária que remonta suas origens raciais aos Atlantes Brancos, os sobreviventes brancos da Atlântida. Sei que isto parecerá fantástico, mas eu descendo de uma Estirpe que permaneceu oculta durante séculos devido à tenaz perseguição, perseguição mortal, a que a submeteram as Potências da Matéria, ou seja, essa Hierarquia Oculta dirigida por tenebrosos seres extraterrestres radicados em Chang Shambala.

Serei claro: minha família, do lado germano dos Senhores de Tharsis, era oriunda da Suábia, país onde havia se assentado com o maior segredo no século XIII, fugindo de um legendário ataque dos Demônios que quase extermina toda nossa Estirpe. Ali se mantiveram durante quatro séculos, conservando a Sabedoria Hiperbórea que havia sido confiada em tempos remotos à nossa Casa. No século XVI, um Pontífice Hiperbóreo procedente da Inglaterra, fundou na corte do Imperador Rodolfo II, em Praga, a Ordem Einherjar, que tinha por objetivo desenvolver e aplicar em todo momento da História um método exato para localizar o advento do Senhor da Vontade Absoluta, o Enviado do Senhor da Guerra, ou seja, o Führer da Raça Branca. Naquele momento, o Pontífice decidiu que a melhor Estratégia para a sustentação e durabilidade da Ordem exigia que seus membros pertencessem sempre a oito linhagens escolhidas entre as Estirpes do Sangue Mais Puro da Europa. O caso foi que um dos Príncipes convocados pelo Pontífice pertencia a minha família, enquanto que outro vinha da Casa de Branderburgo, de uma linhagem colateral dos Hohenzollern. A Ordem trabalhou em segredo durante os séculos seguintes, formando Iniciados Hiperbóreos e aguardando os tempos da chegada do Grande Chefe da raça Branca. Sua base de ação mais importante era constituída pelo ***margraviato*** de Branderburgo, que desde o século XII era um principado hereditário enfeudado com o Imperador. E justamente, a presença da Ordem não é alheia à posterior ascensão da Casa de Branderburgo sobre os restantes principados da Europa, até a obtenção da investidura do Rei alcançada por Frederico Guilherme III em 1791. Nasce então, a Prússia, o Estado onde o princípio de direção nacional era a Honra, onde a família se organizava em torno da figura autoritária e exemplar do pai, onde a ordem imperava em todas as classes sociais, nobreza, burguesia e campesinato, porque se afirmava nas noções fortemente enraizadas do cumprimento do dever, da economia, da incondicional obediência dos subalternos, na inteira subordinação dos funcionários, e na mais rígida disciplina militar.

Mas, sobretudo, a Prússia foi desde o começo um Estado militar: dois terços de seu pressuposto se dedicava em sustentar o poderoso exército nacional que infringiu derrotas à França, Áustria, Rússia, etc., e impôs respeito e admiração pelo austero e senhorial "modo de vida" prussiano. E junto com a arte da guerra, se cultivava aqui a filosofia, literatura, música. Mas nada desta revolução acontecia por acaso: a Ordem estava ensaiando, em uma sociedade de Sangue Puro, a Nova Ordem que o Führer, em sua próxima vinda, aplicaria à Alemanha inteira e ao Mundo. É por isso que o Führer jamais ocultou sua dívida para com a Prússia e tem tornado pública sua simpatia por Frederico II da Prússia, o Chanceler de Ferro.

Pois bem, Kurt, a antiga Ordem Einherjar estava tão fortalecida no século XIX, que um de seus Iniciados chegou a ser coroado Rei da Prússia em 1840. Refiro-me a Frederico Guilherme IV, chamado cortesmente "Damião de Branderburgo" por seu amor à Eloqüência e em memória do famoso retórico de Éfeso. Foi o mesmo Rei que fez reconstruir Marienburg, o castelo que servira de residência na Idade Média, aos Grandes Mestres da Ordem Teutônica, esta obra de restauração, como você saberá, é prosseguida na atualidade pela divisão especial das ᛋᛋ, cumprindo ordens diretas do Reichführer Himmler. E foi esse mesmo Rei quem, considerando que o antigo perigo havia cedido, e que os Demônios não poderia impedir, já que a Nova Ordem se impusesse no Mundo, autorizou a criação do sobrenome Tharstein ou Tarstein, contração de Tharsisstein, acompanhado do título de nobreza de Conde e o direito a exibir no Castelo da Casa o escudo de armas familiar. O Castelo de Tarstein encontra-se muito próximo daqui, Kurt, a uns 100 km de Berli, mas eu não o freqüento desde muitos anos, pois me encontro totalmente entregue a trabalhar para a Thulegesesllschaft e para a Ordem Negra ᛋᛋ.

Venha Kurt; mostrarei algo muito secreto, e relacionado com este tema.

Na continuação, me conduziu pelo corredor exterior até um quarto próximo, hermeticamente fechado com dupla fechadura. Uma vez dentro, revelou-se diante de minha vista outra nutrida biblioteca: em duas paredes deviam estar depositados uns quatro mil livros, muitos deles de evidente antiguidade, em outra parede, uma estante repleta de documentos e rolos. - Todo este material tem uma característica comum – explicou – refere-se aos "Druidas" e ao "druidismo". Vários desses documentos são muito secretos e foram obtidos a alto preço: procedem de toda Europa e correspondem a todas as Épocas, até hoje. É, com segurança, a mais completa coleção que alguém tenha reunido sobre os Druidas.

- Mas, - exclamei surpreso – os Druidas não foram personagens históricas já desaparecidas? Você fala como se ainda existissem!

- Há um momento mencionei o fato de que minha família, a Casa de Tharsis, se viu obrigada a fugir a sete séculos por causa de "um ataque dos Demônios"; pois bem, esses "Demônios" eram Druidas, ou "Golen", como os denominavam meus antepassados. E a partir de então, que eu saiba, nunca decresceu seu poder. Pelo contrário, poder-se-ia afirmar que hoje é mais forte que nunca. Mas tenha presente isto, Kurt: se a Estratégia do Führer triunfa, e algum dia o Terceiro Reich acaba reinando sobre a Humanidade, uma de nossas grandes batalhas esotéricas deveremos travar contra os Golen, que na Europa se constituem no pilar da Sinarquia.

- Mas quem são? Onde estão? – perguntei atônito.

- Na Idade Média seu centro de ação era a Igreja Católica – respondeu pensativamente – onde, ao que parece, foram combatidos encarniçadamente por membros da minha família. Depois do século XIX, mais concretamente depois da destruição da Ordem do Templo que obedecia a sua inspiração, difundiram-se e fortaleceram em diversos estamentos da sociedade européia. Hoje em dia apenas não existem organizações onde não estejam infiltrados os Golen.

Sei que esta resposta não esclarece muito. Mas mais adiante lhe descreverei a completa estrutura da Sinarquia e então poderá compreender funcionalmente na atualidade e poderá identificá-los com facilidade. Se lhe mostrei agora esta biblioteca e

lhe mencionei os Golen, não é para responder à natural curiosidade que isso lhe despertaria, senão para fazê-lo uma séria advertência. Ouviu falar da **caça por espécie**?

- Creio que sim. Não é a qual consiste em que cada caçador deve cobrar uma peça de uma espécie determinada? Como um jogo, no qual um caçador deve cobrar, por exemplo, uma lebre, outro um coelho, um terceiro um faisão, o quarto um pavão, etc.?

-Exatamente, Kurt - confirmou Tarstein -. Escute isso, então, e grave bem no cérebro: igualmente à caça por espécies, **dentre os caçadores da Sinarquia, os Druidas estão encarregados de cobrar as peças de sua espécie**.

Fiquei olhando-o sem compreender, ou sem querer compreender. Ele repetiu:

- ***... de sua espécie, Kurt Von Subermann.***

Não saberia dizer o que me causava mais assombro, se a história que havia narrado Tarstein, sem dúvida verdadeira, ou o saber que estava frente a um Conde, um nobre de linhagem antiqüíssima. Por sua aparência cidadã, por seu trato humilde e cavalheiresco, por sua indumentária de duvidosa qualidade, dificilmente o suspeitaria. Eu também herdava um título de nobreza, porém algo interno, uma intuição inexplicável, me dizia que seu Sangue era mais Puro, que sua Estirpe era mais antiga, que sua nobreza era superior à minha. De sua advertência, sobre o perigo dos Druidas, por suposto, não fiz o menor caso.

Antes de sair tomou umas folhas datilografadas da estante de documentos e as entregou a mim. "São – me disse – a transcrição do artigo "Druidismo" da Enciclopédia Britânica: leia-o; lhe refrescará a memória". Fechou à chave a biblioteca druídica e regressamos à cozinha.

Bebia outra xícara de chá, ainda confuso pelas revelações de tarstein, quando este, que havia saído um momento antes, regressou.

- Fui ao meu escritório para buscar este manuscrito – esticou-me um livro, habilmente encadernado, e escrito a mão, com estranhos caracteres góticos – Seu título: "História Secreta da Thulegesesllschaft". O escrevi empregando conhecimentos que são de todos secretos e que na Alemanha somente uns poucos Iniciados conhecem em parte, Você o poderá ler, depois, mas não o deverá tirar desta casa, pois é o único exemplar que existe e os segredos ali contidos poderiam mudar a organização política do Planeta se cair em poder do Inimigo. Aqui se explica, por exemplo, como fizeram os Iniciados da Ordem Einherjar para determinar que Adolf Hitler fosse o Führer da raça Branca e como o guiaram ao Poder, e as Ordens intermediárias que tiveram que fundar, como a Germanenorden y a Thulegesellschaft, até a Ordem possuidora da Sabedoria Hiperbórea no Mais Alto Grau, ou seja, a Ordem Negra ϟ. .

É de imaginar a avidez com que observei aquele manuscrito, desejando ter a possibilidade de lê-lo ali mesmo. As palavras soavam misteriosas na boca de Tarstein, e esta impressão se acentuava devido à irrealidade do lugar, onde se atravessavam os séculos com somente percorrer uns metros que corredor.

- Para seu taufpate Hess - continuou Tarstein, mudando de tema – o conheço desde que apareceu em Munich em 1919. Era um jovem estudante de geopolítica quando ingressou, neste ano, à Thulegesellschaft. Porém, **reconhecemos** nele a um dos grandes Espíritos da Alemanha, a quem viria a ser ***o Escudeiro do Rei Artur***. Um

Parsifal cuja missão não seria desta vez, a busca do Gral, senão o ***sacrifício*** de sentar-se em ***lugar perigoso*** durante a ***crise do Reino***, este posto número treze na távola redonda, que somente pode ocupar um ***Louco Puro***, um Cavaleiro capaz de fazer uma ***Loucura de Amor*** para salvar o Reino. Por isso Rudolph tem estado sempre perto do Führer, aguardando sua hora, como o fiel Cavaleiro.

E todos devemos desejar que nunca chegue sua oportunidade, pois quando Parsifal empreende sua missão isso quererá dizer que o Rei Artur está ferido, e que o Reino é ***terra gasta***.

Assenti com um gesto ante o olhar inquisidor de Tarstein, mas esta muda resposta não o impressionou nem um pouco.

- Não entende completamente o que lhe digo, não? Assim deve ser, pois: ¿quem será capaz de compreender o louco puro? Sua missão não é terrena; a vitória, se triunfa, só se pode festejar em outros Céus. Poucos serão, sim, os que aplaudam ao herói anônimo que há em Rudolph Hess. E, contudo, dele depende em grande medida o triunfo do Führer.

Quanto significado teriam estas palavras, que tarstein me dizia naquela primeira visita a Gregorstrasse 239, quatro anos depois, quando em 1941 Rudolph se prestava a enfrentar valentemente aos ***elementalwesen*** ! Mas aquele sábado de 1937 a guerra, e todo o horror que viria, ainda estavam distantes, num futuro que eu não podia imaginar..

Por outra parte, os comentários de Tarstein me cansavam certo orgulho, na qualidade de afilhado do ponderado Rudolph Hess, e com uma sensação prazerosa sorria tontamente, sem aprofundar o sentido oculto que havia por trás da simbologia da lenda arturiana.

Não me estenderei sobre esta primeira visita, pois não foi muito mais o que falamos. Ao cabo de uma hora, segundo recordo, parti dali sumido em um mar de dúvidas, mas com o firme propósito de continuar até o final.

Rudolph Hess havia interposto sua influência para fazer-me chegar até Konrad Tarstein, quem quer que este fosse, e não estava disposto a defraudá-lo.

Uma hora depois, no trem, lia o artigo da Enciclopédia Britânica: não era muito que diziam os ingleses sobre os Druidas.

"Druidismo era a fé dos habitantes Celtas da Gália na época da romanização de seu país e da população Celta da Ilhas Britânicas até a romanização da Grã Bretanha, ou bem em partes alheias da influência romana até o período da introdução do Cristianismo".

"Desde o ponto de vista das fontes disponíveis, o tema apresenta dois pontos marcados para a investigação, o primeiro deles Pré-Romanos e Galo-Romano, e o segundo Pré-Cristão e cristianismo primitivo Irlandês e de Pictland. De acordo às condições atuais de conhecimento é difícil a inter-relação do paganismo druídico".

"Gália (Gaul): a primeira menção acerca dos Druidas a fez Diógenes Laercio (Vitae, intro., I y 5) e foi encontrada num trabalho perdido de um autor grego,

Sotión de Alejandría, escrito por volta do ano 200 a.C., época em que a maior parte da Gália foi Celta por mais de 200 anos, e em que as colônias gregas haviam ocupado durante um tempo ainda maior a costa do Sul".

"Os Druidas galos, que posteriormente foram descritos por César, constituíam uma Ordem antiga de oficiais religiosos, pois quando Sotión escrevia, eles já possuíam sua reputação de filósofos no mundo exterior. De toda maneira, o relato de César é a fonte principal da presente informação e é um documento especialmente valioso, já que o amigo e conselheiro de César, o nobre Audeano [34][34], era Druida. A descrição que faz César dos Druidas (Commentarii de bello Gallico, VI) enfatiza suas funções judiciais e políticas".

"A pesar de que oficiavam em Sacrifícios e ensinavam a Filosofia de sua Religião, eram mais que Sacerdotes: na Assembléia anual da Ordem, que tinha lugar perto de Chartes, não era para render Sacrifícios que as pessoas iam desde lugares remotos, mas para apresentar suas disputas em um juízo justo. Seu poder era maior ainda: não só decidiam nas questões de menor importância, pois sua função incluía a investigação das acusações criminais mais graves, assim como também as disputas entre tribos".

- Himmel! Exclamei, enquanto suspendia um momento à leitura: será que me encontro tão sugestionado pela Doutrina do Führer, que vejo judeus por toda parte? Pois não há como negar, aqueles Sacerdotes-Juizes, com seu branco efod, me lembram Levitas da pura raça hebréia – Não está equivocado! – afirmou em minha mente a Voz de Kiev – Os Druidas **são** hebreus! Algum dia conhecereis a Verdade!

Segui lendo.

"Isto, e o fato de que reconheciam um Arquidruida investido do poder supremo, nos demonstra que seu sistema concebia uma base nacional e que ademais estavam habitualmente longe dos receios entre as tribos; e se a esta vantagem política lhe agregamos sua influência sobre a opinião pública, à qual formavam em sua qualidade de principais instrutores dos jovens, e, finalmente, a formidável sanção religiosa por detrás de seus decretos, é evidente que ante o choque com Roma, os Druidas devem ter controlado totalmente a administração civil da Gália".

Este poder unindo, tanto na paz como na guerra, esta intermediação entre Céu e Terra, esta capacidade de "formar ao povo" em todos seus estratos, esta potestade de legislar e julgar, não era semelhante à de um Aarão, um Josué, um Samuel, uns Levitas, ou seja, aquela tribo de Israel a quem Jehová encarregou à missão de ***oficiar o Culto e a Lei***? Perguntas sem respostas por hora, mas perguntas que davam passo a muitas sugestivas intuições. Assim seguia o artigo:

"Do druidismo em si é pouco o que se diz, exceto que os Druidas ensinavam à imortalidade da alma humana, sustentavam que esta passava a outros corpos depois da morte. Esta crença foi identificada por outros autores posteriores, tais como Diodorus Siculus, com a Doutrina de Pitágoras, mas provavelmente isso seja incorreto, já que não existe evidência de que o sistema religioso druídico incluísse a noção de uma cadeia de vidas sucessivas como forma de purificação ética, ou de que estava formada por uma doutrina de retribuição moral, sendo a

[34][34] Divitiacus es el mismo Druida "Viviciano" que mencionara el profesor Ramirez en el Libro Tercero, Capítulo III.

libertação da alma a última esperança, e isto parece reduzir o credo druídico ao nível de uma especulação religiosa comum".

Muito contraditório, pensava eu no trem. É pouco provável que uns povos bárbaros como eram os celtas, se submetessem por milhões à condução religiosa, moral e judicial de Sacerdotes-Juizes, retirados nos bosques, que somente sustentavam uma "mera especulação religiosa comum". Algo patente devia exibir os Druidas, algo superior a uma mera especulação racional, algo que para os celtas era a Verdade.

"Da Teologia do druidismo, César nos conta que os Galos, de acordo ao ensinamento druídico, diziam descender de um Deus que correspondia a Dis no panteão latino, e é possível que o considerasse como o Ser Supremo; também nos diz que eles adoravam a Mercúrio, Apolo, Marte e Minerva, e que quanto a estas deidades tinham as mesmas crenças que o resto do mundo. Em resumo, os comentários de César implicam que apesar da doutrina da imortalidade da alma, não havia nada no credo druídico que fizesse de sua fé algo extraordinário, portanto podemos deduzir que o druidismo professava todos os dogmas conhecidos da antiga religião Celta e que os Deuses dos Druidas eram as deidades múltiplas do panteão Celta".

Aqui o autor inglês do artigo passava dos limites. Em nenhuma parte, antes deste último parágrafo, havia dito ou sugerido que os Druidas fossem algo diferente dos celtas, salvo "que formavam uma Ordem oficial de Sacerdotes". Mas agora, claramente, dava a entender que na verdade ignorava as crenças dos Druidas e **supunha** que eram as mesmas que sustentavam os antigos celtas. Então, quem eram os Druidas, se não eram celtas? E por que os celtas haviam mudado sua Religião depois, agora muito provável, chegada dos Druidas? Perguntas sem respostas. Perguntas para Konrad Tarstein.

"A Filosofia do druidismo não parece ter sobrevivido à prova de seu contato cultural com as crenças romanas e era, sem dúvida, uma mescla de Astrologia e Cosmogonia mítica. Cícero (De Divin., i, xli, 90) disse que Divitiacus se jactava de possuir um grande conhecimento de fisiologia, mas Plínio decidiu eventualmente (Natural History, xxx, 13) que o saber dos Druidas não era mais que um monte de superstições. Enquanto aos Ritos religiosos, Plínio (N.H., xvi, 249) fez um impressionante relato da cerimônia de recolher os visgos, e Diodorus Siculus (Hist., v, 31, 2-5) descreve suas adivinhações por meio do sacrifício de uma vítima humana. César já havia mencionado que muitos homens eram queimados vivos em jaulas de vime. É possível que estas vítimas tenham sido malfeitores e também que tais sacrifícios fossem expiações em massa ocasionais, mais que a prática comum dos Druidas".

Equivocava-me ou a Enciclopédia tratava com um argumento subjetivo, de atenuar aos assassinos Druidas? Porque uma coisa é ser verdugo, tarefa desagradável, mas socialmente necessária, e outra muito distinta é ser Sacerdote sacrificador de vítimas humanas: aos verdugos se pode justificar o homem, pois o justiçado é culpável de faltar à lei, matar ao que falta à lei comum é comumente compreensível: simplesmente elimina-se aquele que é incapaz de conviver em comunidade. Mas os sacerdotes matam para aplacar a um Deus do qual eles são seus representantes, e propiciam um sacrifício humano que é comumente incompreensível, somente eles o apresentam como necessário e somente o Deus os pode justificar. Dava-me conta, então, que se tratava de

um grande favor o que lhe faziam os ingleses ao apresentar os crimes de tão sinistros Sacerdotes como atos de justiça.

"O advento dos Romanos levou rapidamente à queda da Ordem druídica. A rebelião de Vercingetorix deve haver terminado com sua organização entre as tribos, pois ainda que algumas delas se mantivessem apartadas do conflito, muitas se ousaram do lado dos Romanos. Porém, mais adiante, no começo da Era Cristã, suas práticas cruéis foram a causa de um conflito direto com Roma, que levou finalmente à supressão do Druidismo".

E seguem as contradições. Um povo juridicista como o romano, como não compreendia que os assassinatos rituais dos Druidas eram positivos atos de justiça, segundo a convicção que o articulista expressava no tópico mais atrás? Ou talvez o redator, conhecedor da História, ***lutava entre seu dever de expor os fatos verdadeiros e uma ordem dos Diretores da Enciclopédia, ou de outras pessoas de singular influência, pela qual se obrigava a exaltar o bom do druidismo, muito pouco por certo, e a ocultar o mal, que era demasiado, ou a desculpar o indesculpável***? Como verá, neffe, esta era a teoria de Konrad Tarstein.

"Ao final do século I d.C., seu status decaiu até convertê-los em simples Magos, e no século II já não se faz referências a eles. Um poema de Ausonius mostra que no século IV todavia, havia pessoas na Gália que alardeava sua descendência druídica".

"Ilhas Britânicas: na Grã Bretanha há uma só menção dos Druidas como contemporâneos do clero Gálico e é a referência que faz Tacitus (Annals, xv, 30), de onde se conhece que havia antepassados desse nome em Anglesey em 61 a.C., mas não há menção alguma dos Druidas em toda a História da Inglaterra Romana, e se poderia perguntar se alguma vez houve Druidas nas províncias do Leste que tenham sido submetidas à influência Germana, antes da invasão Romana".

"Por outro lado, seguramente havia Druidas na Irlanda e Escócia, e não há razão para duvidar que a Ordem pudesse pelo menos remontar-se ao século I ou II a.C.; a palavra drai (Druida) se encontra unicamente nos glossários irlandeses do século VIII d.C., mas existe uma tradição firme na História Irlandesa atual de que os Druidas e sua Crença (druidecht) eram de origem aborígine ou Picto. Com respeito a Gales, à parte dos Druidas em Anglesey, é pouco o que se pode dizer exceto que os primeiros vates (os Cynfeirdd) muito poucas vezes se faziam chamar derwyddon".

"O Druida Irlandês era uma pessoa muito notável, e figura nas primeiras sagas como profeta, mestre e mago; não possuía, portanto, os poderes judiciais atribuídos por César aos Druidas Galos e tampouco parecia pertencer a uma colegiatura nacional com um Arquidruida à frente".

"Além disso, em nenhum texto se menciona que os Druidas Irlandeses presidiram sacrifícios, apesar de que se diz que eles levavam a cabo adorações idólatras, celebravam funerais e ritos batismais. São mais bem descritos como adivinhos, que em sua maioria eram sicofantes (sic) dos príncipes".

"Origem: pode-se evitar uma confusão se estabelecer uma distância entre a origem dos Fruídas e a origem do druidismo; quanto aos oficiais, é possível que sua Ordem fora puramente Celta, e que se originasse na Gália, talvez como

resultado do contato da sociedade desenvolvida da Grécia. Mas o druidismo, por outro lado, são provavelmente em seus termos mais simples a fé pré-Celta e aborígines da Gália e Ilhas Britânicas que foi adotada com poucas modificações pelos emigrantes celtas. É fácil entender que esta fé pode adquirir a especial distinção de antiguidade nos distritos remotos, tais como Grã Bretanha, e este ponto de vista explicaria a crença expressa por César de que a disciplina do Druidismo seja de origem insular".

"A etimologia da palavra Druida é duvidosa, mas a velha opinião ortodoxa que toma dru como prefixo tonificante e vid com o significado de saber há de deixar-se de lado em favor de uma derivação da palavra carvalho. Outra derivação, de Plínio, que faz proceder Druida do grego (δευς) é, de todo modo, muito improvável".

"Nos séculos XVIII e XIX teve lugar um grande ressurgimento do interesse pelos Druidas, motivado em sua maior parte pelas teorias arqueológicas de Aubrey e Stukeley, e no geral pelo Romantismo; Um dos resultados deste interesse foi a invenção do "neo-druidismo", uma extravagante mescla de teologia helio-arcaica e bardimos Galês, e outro tem sido mais de uma sociedade clamando hereditariedade da fé e do conhecimento tradicional dos primeiros Druidas. A Antiga ordem de Druidas Unidos, portanto, uma sociedade amistosa, fundada no século XVIII, não faz propaganda a respeito".[1]

---

[1] Transcrição literal do artigo da Enciclopédia Britânica:

DRUIDISM: was the faith of the Celtic inhabitants of Gaul until the time of the Romanization of their country, and of the Celtic population of the British Isles either up to the time of the Romanization of Britain, or, in parts remote from Roman influence, up to the period of the introduction of Christianity.

From the standpoint of the available sources the subject presents two distinct fields for inquiry, the first being pre-Roman and Roman Gaul, and the second pre-Christian and early Christian Ireland and Pictland. In the present state of knowledge it is difficult to assess the interrelation of druidic paganism.

Gaul.- The earliest mention of druids is reported by Diogenes Laertius (*Vitae*, intro., I and 5) and was found in a lost work by a Greek, Sotion of Alexandria, written about 200 B.C., a date when the greater part of Gaul had been Celtic for more than two centuries and the Greek colonies had been even longer established on the south coast.

The Gallic druids which were subsequently described by Caesar were an ancient order of religious officials, for when Sotion wrote they already possessed a reputation as philosophers in the outside world. Caesar's account, however, is the mainspring of present information, and it is an especially valuable document as Caesar's confidante and friend, the Aeduan noble Divitiacus, was himself a druid. Caesar's description of the druids (*Comentarii de bello Gallico*, vi) emphasizes their political and judicial functions.

Although they officiated at sacrifices and taught the philosophy of their religion, they were more than priests; thus at the annual assembly of the order near Chartres, it was not to worship nor to sacrifice that the people came from afar, but to present their disputes for lawful trial. Moreover, it was not only minor quarrels that the druids decided, for their functions included the investigation of the gravest criminal charges and even intertribal disputes.

This, together with the fact thay they acknowledged the authority of an archdruid invested with supreme power, shows that their system was conceived on a national basis

and was independent of ordinary intertribal jealousy; and if to this political advantage is added their influence over educated public opinion as the chief instructors of the young, and, finally, the formidable religious sanction behind their decrees, it is evident that before the clash with Rome the druids must very largely have controlled the civil administration of Gaul.

Of druidism itself, little is said except that the druids taught the immortality of the human soul, maintaining that it passed into other bodies after death.This belief was identified by later the writers, such as Diodorus Siculus, with the Pythagorean doctrine, but probably incorrectly, for there is no evidence that the druidic belief included the notion of a chain of successive lives as a means of ethical purification, or that it was governed by a doctrine of moral retribution having the liberation of the soul as the ultimate hope, and this seems to reduce the druidic creed to the level of ordinary religious speculation.

Of the theology of druidism, Caesar tells us that the Gauls, following the druidic teaching, claimed descent from a god corresponding with Dis in the Latin pantheon, and it is possible that they regarded him as a Supreme Being; he also adds tath they worshipped Mercury, Apollo, Mars, Jupiter and Minerva, and had much the same notion about these deities as the rest of the world. In short, Caesar's remarks imply that there was nothing in the druidic creed, apart from the doctriny of immortality, that made their faith extraordinary, so that it may be assumed that druidism professed all the known tenets of ancient Celtic religion and that the gods of the druids were the familiar and multifariours deities of the Celtic pantheon.

The philosophy of druidism does not seem to have survived the test of Roman acquaintance, and was doubtless a mixture of astrology and mythical cosmogony. Cicero (*De Divin.*, i, xli, 90) says that Divitiacus boasted a knowledge of *physiologia*, but Pliny decided eventually (*Natural History*, xxx, 13) that the lore of the druids was little else than a bundle of superstitions. Of the religious rites themselves. Pliny (*N.H.*, xvi, 249) has given and impressive account of the ceremony of culling the mistletoe, and Diodorus Siculus (*Hist*., v, 31, 2-5) describes their divinations by means of the slaughter of a human victim. Caesar having already mentioned the burning alive of men in wicker cages. It is likely that these victims were malefactors, and it is accordingly possible that such sacrifices were rather occasional national purgings than the common practice of the druids.

The advent of the Romans quickly led to the downfall of the druidic order. The rebelion of Vercingetorix must have ended their intertribal organization, since some of the trives held aloof from the conflict or took the Roman side; furthermore, at the beginning of the Christian era their cruel practices brougth the druids into direct conflict with Rome, and led, finally, to their official suppression.

At the end of the 1st century their status had sunk to that of mere magicians, and in the 2nd century there is no reference to them. A poem of Ausonius, however, shows that in the 4th century there were still people in Gaul who boasted of druidic descent.

British Isles - There is one mention of druids in Great Britain as contemporaries of the Gallic clergy, and that is the reference to them by Tacitus (*Annals*, xiv, 30) from which it is learned that there were elders of that name in Anglesey in A.D. 61; but there is no mention of the druids in the whole of the history of Roman England, and it may be questions whether there ever were any druids in the eastern provinces that had been subjected, before the Roman invasion, to German influence.

On the other hand, there were certainly druids in Ireland and Scotland, and there is no reason to doubt that the order reaches back in antiquity at least to the ist or 2nd century B.C.; the word *drai* (druid) can only be traced to the 8th-century Irish glosses, but there is a strong tradition current in Irish literature that the druids and their lore (*druidecht*) were either of an aboriginal or Pictsih origin. As to Wales, apart from the existence of druids in Anglesey there is little to be said except that the earliest of the bards (the Cynfeirdd) very occasionally called themselves *derwyddon*.

The Irish druid was a notable person, figuring in the earliest sagas as prophet teacher and magician; he did not possess, nevertheless, the judicial powers ascribed by Caesar to the Gallic druids, nor does he seem to have been a member of a national college an archdruid at its head.

Further, there is no mention in any of the texts of the Irish druids presiding at sacrifices, though they are said to have conducted idolatrous worship and to have celebrated funeral and baptismal rites. They are best described as seers who were, for the most part, sycophants of princes.

Origin - Some confusion is avoided if a distinction is made between the origin of the druids and the origin of druidism. Of the officials themselves, it seems most likely that their order was purely Celtic, and that it originated in Gaul, perhaps as a result of contact with the developed society of Greece; but driudism, on the other hand, is probably in its simplest terms the pre-Celtic and aboriginal faith of gaul and the brithish Isles that was aposted with little midificacion by the migrating Celts. It is easy to understand that this faith might acquire the special distinction of antiquity in remote districts, such as Britain, and this view would explain the belief expressed to Caesar that the *disciplina* of druidism was of insular origin.

The etymology of the word druid is still doubtful, but the old orthodox view taking *dru* as a strengthening prefix and *uid* as meaning "knowing", whereby the druid was a very learned man, has been abandoned in favour of a derivation from an oak word. Pliny's derivation from Greek δευς is, however, improbable.

A great revival of interest in the druids, largely promulgated by the archaeological theroies of Aubrey and Stukeley and by romanticism generally, took place in the 18th and 19th centuries. One outcome of this interest was the invention of neodruidism, an extravagant mixture of helio-arkite theology and Welsh bardilore, and another result is that more than one society has professed itself as inheriting the traditional knowledge and faith of the early druids. The United Ancient Order of Druids, however, a friendly society founded in the 18th century, makes no such claim).

Tio Kurt me havia alcançado um artigo da Enciclopédia Britânica, idêntico ao que Tarstein lhe fizera ler na Alemanha, em 1937. Considerando o que havia aprendido ultimamente sobre os Druidas, desde que estes assassinaram a Belicena Villca, e depois de ler sua carta e receber as explicações magistrais do Professor Ramirez, é natural que compartilhasse o critério de Konrad Tarstein, no sentido de que aquele artigo era sumamente resumido e ambíguo para justificar sua inclusão numa obra tão prestigiada: a primeira edição da Enciclopédia Britânica datava de 1771, pelo que havia de se esperar que em 1930 houvessem reunido materiais suficientes sobre os Druidas para compor um artigo mais extenso e completo. Mas era óbvio que os ingleses não desejavam aprofundar sobre a história de uns antigos e esquecidos Sacerdotes, que podiam matar hoje mesmo com renovada eficácia.

- Na segunda visita que fiz a Konrad Tarstein – recordou tio Kurt – aprovou meus raciocínios e me assegurou que o ocorrido no artigo era o fato mais comum, e que desejava alertar-me sobre isso; por isso o havia dado a mim par por-me de sobreaviso de que uma incrível conspiração européia negava a informação ou a distorção, com a finalidade de evitar que olhares indesejados pudessem cair sobre um tema que as mais poderosas forças sinárquicas estavam interessadas em ocultar. E voltou a alertar-me sobre, até então incompreensível, a circunstância de que ***eu constituía a presa que eles se proporiam a caçar***.

Enfim,neffe, em relação à informação era fácil comprovar que Tarstein estava certo e que não admitia uma explicação simples da ocultação druídica que se efetuava na Inglaterra. Isto saltará aos olhos se realizar uma comparação esclarecedora. Por exemplo, ler o artigo "Druida" do Dicionário Enciclopédico de Montaner e Simon, o qual está editado em Barcelona nos finais do século XIX, e não te restarão dúvidas de que a publicação inglesa está afetada por um estranho raquitismo, ainda que no ensaio espanhol se adverte o mesmo propósito de deixar bem estimados aos Druidas.

Ato seguido, tio Kurt pôs em minhas mãos o Tomo VII do Dicionário Enciclopédico, obra em 25 tomos que indubitavelmente tinha menor envergadura que a Enciclopédia Britânica. Busquei o artigo aludido e li:

DRUIDA (del lat. *druida*; dol címrico *druiz* ou *deruiz*, de *dervo*, encina): m. Sacerdote dos antigos galos e britânicos.

– **Druida**: *Hist.* Muito se discute sobre a etimologia da palavra *druida*. Os etimólogos têm recorrido até aos dicionários hebreus para ver se neles encontram algo que lhes dê alguma idéia sobre ela. O nome de druida é um apelativo como a maior parte dos substantivos radicais de todas as línguas. Em língua gala *draoi* ou *druidas* significa adivinho, auguro, mago, e *druidhearch* adivinhação e magia. Se tem dito também que esta palavra se deriva da voz grega δρυς que significa asneira, porque habitavam e ensinavam suas doutrinas nos bosques, e porque, como disse Plínio, o Velho, não faziam seus sacrifícios senão ao pé de uma asneira; mas esta etimologia, ainda que tenha em seu favor a razão da antiguidade, posto que seja do tempo de Plínio, nem por isso deixa de parecer puramente caprichosa, pois não é muito natural que os druidas fossem tomar seu nome de uma voz estrangeira. Outros sustentam que a palavra *druida* se deriva do britânico ***dru*** ou ***drew***, que também significa asneira, e que desta se deriva o grego δρυς. Das muitas etimologias orientais que se tem apresentado parece a mais aceitável a forma sânscrita *druwidh*, que significa *pobre indigente*, porque os druidas, como os sacerdotes de todas as nações, deviam fazer voto de pobreza. Os argumentos em favor da origem oriental dos druidas são dignos de serem atendidos, já que não por outras razões, porque tem sido aceito por muitos escritores da antiguidade. Diógenes Laércio e Aristóteles colocam os druidas e os caldeus ao lado dos magos persas e dos índios, opinião que com eles compartilham grande número de escritores. A divindade dos brahmanes tem uma grande semelhança com a divindade druídica. A importância que os druidas concediam aos bueyes é outra coincidência singular; os mistérios druídicos têm grande semelhança com os mistérios da Índia. Na vara mágica dos druidas se vê o bastão sagrado dos brahmanes. Uns e outros tinham os mesmos objetos consagrados: usavam tiaras de tela, e o círculo simbólico de Brahma, como a meia lua, símbolo de Shiva, eram ornamentos druídicos. Grandes eram também as analogias entra as idéias que tinham os druidas de um Ser Supremo e a que se encontra nas obras sagradas da Índia. Assim, não parece muito afortunado supor grandes relações entre druidas e sacerdotes indianos e persas.

Houve druidas não somente na Bretanha habitada por povos galos, mas também na Gália cisalpina e no vale meridional do Danúbio, habitado também por povos galos; mas não houve nenhum na Germânia e é sem fundamento quem pretende dizer que os germanos são os irmãos dos galos e os denominam com o apelativo imaginário de celtas; o mais claro e terminante, os sacerdotes dos germanos não levavam o nome de druidas.

Segundo César, em sua obra *De Bello Gallico*, cujo livro VI se ocupa dos usos e costumes dos galos e germanos, a ciência druídica foi inventada na Bretanha e dali passou à Gália. Ainda que seja evidente que as Gálias estiveram habitadas antes que a

Bretanha e Irlanda, é, em rigor, possível que a organização hierárquica do corpo dos druidas e o sistema de sua doutrina fora inventado na Bretanha. Contudo, é mais crível que houvesse várias escolas de druidas no Continente e nas ilhas, e que uma ou algumas da Bretanha gozaram de maior celebridade por ser mais completa a instrução que nela ou nelas se dava. Em efeito, César não disse que todos os que queriam entrar na classe de druidas estavam obrigados a ir estudar na Bretanha, mas que iam ali os que desejavam receber uma instrução mais completa. Uma nova prova de que a Bretanha não era o centro principal da organização dos druidas, é que suas assembléias gerais as celebravam num bosque consagrado, no país dos carnutos, que era considerado como o centro da Gália. Tem-se acreditado que este bosque estava nos arredores de Dreux, e que esta cidade tomava seu nome dos druidas. Mas isto não passa de ser uma suposição, posto que o nome de Dreux (*Duro-Cath* ou *Caz*) significa *um forte perto de um rio*.

Na obra já citada *De Bello Gallico*, diz César que todos os homens que pertenciam às classes elevadas na Gália, figuravam, ou entre os nobres ou entre os druidas. Estes eram os encarregados da direção do povo, assim como também os principais intérpretes e guardiões da lei. Tinham os druidas o poder para impor os mais severos castigos àqueles que se negavam a submeter-se às suas decisões.

Dentre as penas que podiam impor a mais temida era a expulsão da sociedade. Os druidas não formavam uma casta hereditária, estavam no campo e do pagamento de tributos. E por estas exceções e privilégios todos os jovens da Gália aspiravam a ser admitidos na Ordem. As provas a que um noviço devia sujeitar-se duravam às vezes vinte anos. Toda a instrução ou ciência druídica se comunicava oralmente, mas para certas proporções tinham uma linguagem escrita, na qual usavam os caracteres gregos. O presidente da Ordem, cujo cargo era eletivo e vitalício, exercia sobre todos os indivíduos que a formavam uma autoridade suprema. Ensinavam os druidas que a alma era imortal. A Astrologia, Geografia, Teologia e Ciências físicas eram seus estudos favoritos. Os galos não faziam sacrifícios senão em casos muito raros, e neles se sacrificava grandes criminosos. Tudo o que se sabe sobre as doutrinas religiosas ensinadas pelos druidas se reduz a alguns fragmentos que se encontra em várias obras de escritores da antiguidade, e particularmente em César, Diodoro da Sicília, Valério Máximo, Lucano, Cícero, etc. Destes fragmentos resulta que acreditavam, como já foi dito, na imortalidade da alma e sua existência em outro mundo, não sendo a morte mais que o ponto ou momento de separação de duas existências. Desta crença é natural que se deriva a o prêmio e castigo em outra vida, crença que explica naturalmente o valor indomável dos galos e seu desprestígio à morte. Ensinavam à posição e o movimento dos astros e a magnitude do Céu e da terra, ou seja, que se dedicavam ao estudo da Astronomia, e sem dúvida alguma, ao da Astrologia. Cícero diz que se consagravam também ao estudo dos segredos da natureza e ao da Fisiologia. Disto nasceu sua pretensão de possuir a ciência da Adivinhação e da Magia. Seu estudo mais importante foi o estudo teológico, mas sobre ele não se possui dados certos, sendo muito pouco conhecido seu sistema teológico, porque os escritores gregos e latinos, ao falar do nome e funções e atributos da divindade druídica, os referiam a sua própria teogonia. Assim, somente se podem fazer conjecturas as quais o estudo etimológico pode dar algumas probabilidades. César diz que sua divindade principal erra Mercúrio, que presidia as Artes, as viagens e o Comércio. Seguiam depois, por ordem de importância, Apolo, Marte, Júpiter e Minerva. Lucano e outros escritores colocam à cabeça dos deuses a Teutates, e depois dele a Hesos, Belenos, Taranos e a Hércules Ogmios. Acrescenta César que os druidas pretendiam descender de *Dis*, nome que traduzia como significado Plutão, e que a esta origem se devia que contassem por noites e não por dias. Esta opinião é evidentemente errônea, e o erro nasceu de que *Dis* ou Dia era entre os galos um dos nomes do Ser Supremo, ao qual chamavam também Esar ou o Eterno e Abais ou Aiboll, o infinito. Belenos ou Beal ou

Beas, era um dos nomes do Sol, ao qual chamaram também Ablis ou Atheithin o caloroso, e Granius ou Grianu o luminoso. Teutates ou Tuitheas era o deus do fogo, da morte e da destruição.

Ao tratar das crenças religiosas da Gália é preciso citar a opinião do escritor Thirrey. Segundo ele, as crenças religiosas dos galos se referiam a dois corpos de símbolos e de superstições, a duas religiões completamente distintas: uma muito antiga, fundada sobre um politeísmo derivado da adoração dos fenômenos naturais, e a outra o druidismo, introduzido ultimamente pelos imigrantes da raça cimrica, fundada sobre um panteísmo material metafísico e misterioso. As principais divindades dos povos celtas eram as já citadas e Ogmo Ognius, deus da ciência e da eloqüência, representado sob a figura de um velho armado de maça e arco, seguido de cativos sujeitos pelas orelhas com correntes de ouro e âmbar que saia da boca do deus. Além das divindades principais tinham os druidas outras divindades similares a Marte, como Camul Camulus, *Segomon*, *Belaturcadus* e *Catuix*, ou a Apolo, como *Mogounus* e *Granus*, e também outras divindades que eram a deificação dos fenômenos naturais, como *Tarann*, *Tarannis*, o trono; *Kerk Circius*, vento impetuoso do Nordeste, ou deificação de montanhas, bosques, cidades, como *Pennin*, deus dos Alpes; *Vosege*, *Vosegins*, deus dos Vosgos, *Ardaena*, *Arduinna*, assimiladas a Diana, deusa do bosque dos Ardennes; *Nemansus*, *Vesontis*, *Luxovia*, *Nennerius*, *Bornonia*, *Damona*, divindades locais de Nimes, de Besancón, de Luxeui, de Neris, de Borbón, Lancy. *Epona* era a deusa protetora dos cavalariços e dos domadores de cavalos.

Os druidas eram muito venerados pelo povo; levavam uma vida austera e distante do consorcio com os demais homens; vestiam de um modo singular; comumente usavam uma túnica que lhes chegava até abaixo dos joelhos. Dotados do poder supremo impunham penas, declaração de guerra e faziam a paz; podiam depor aos magistrados e ainda ao rei, quando suas ações fossem contrárias às leis do Estado; tinham o privilégio de nomear os magistrados que anualmente governavam as cidades, e não se elegia a reis sem sua aprovação. César diz que unicamente os nobres podiam entrar na ordem druídica, enquanto que Porfírio sustenta que bastava gozar do direito de cidadania. É, entretanto, difícil crer que um corpo tão poderoso como o druídico admitisse em seu seio a indivíduos que não pertencessem a uma casta determinada. Formava os druidas a primeira ordem da nação; eram os juízes na maior parte das questões públicas e privadas; conheciam de todos os delitos, do assassinato, das questões hereditárias, das questões sobre a propriedade, e seus sentenciados a esta pena estava considerados como infames e ímpio. Viam-se abandonados de todos, até de seus parentes, todo mundo fugia deles, afim de não ver-se manchados com seu contato, e perdiam todos seus direitos civis e a proteção das leis dos Tribunais. A veneração que se dava aos druidas era tão grande, que caso se apresentava entre dois exércitos combatentes, cessava o combate imediatamente, e os combatentes se submetiam ao seu arbítrio.

Como dito antes, segundo opinião dos escritores da antiguidade, a doutrina druídica não era escrita, transmitia-se oralmente, e os noviços eram obrigados a estudar durante vinte anos para possuir a ciência. Parece, todavia, que isto é errôneo, e que o erro provém do cuidado com que os druidas ocultavam sua ciência aos profanos, Com a idade se debilita a memória inevitavelmente, e se nada houvesse escrito teria de resultar, forçosamente, que os chefes, ou seja, os mais velhos, se encontrariam inferiores aos mais jovens nos detalhes de sua doutrina. Os druidas tinham uma escrita sagrada que, segundo a tradição se chamou Ogham. É, pois, provável que tivesse livros escritos com aqueles caracteres, que talvez fossem, como se indicou acima, caracteres gregos, mas isto não quer dizer, como crêem alguns, que escrevessem em grego. Desgraçadamente não chegou nada à época presente, nenhum daqueles livros. Os que escaparam aos editos dos imperadores romanos na Gália e Bretanha foram destruídos pelos primeiros propagandistas cristãos, por São Patrício na Irlanda e São Colombo na Escócia.

O corpo dos druidas se dividia em várias classes: os *druidas* propriamente ditos, os *adivinhos*, os *sacerdotes*, os *semnoteos*, os *siloduros* e os *bardos*. Em relação a estes últimos opinam alguns autores que não devem figurar entre os druidas, e outros afirmam que os *bardos* foram uma corporação de ministros dedicados ao culto religioso, que precedeu a ordem ou corporação dos druidas. Os bardos, o mesmo que os *escaldos* dos germanos, não eram senão poetas agregados aos chefes, e que estavam encarregados de cantar os grandes feitos dos heróis, de improvisar louvores e elogios, orações fúnebres e cantos de guerra. Celebravam também os mistérios de sua religião como fizeram os escaldos? Esta pergunta que não é possível contestar, porque entre os cantos dos bardos que se tem conservado não há nenhum que contenha nada relativo aos dogmas, nem as cerimônias de religião alguma. A adivinhação era o atributo comum dos druidas, todos eram adivinhos, e não há razão para dividi-los em classes, sob este aspecto, a não ser pelo exercício das diferentes funções que desempenhavam. Os semnoteos, palavra derivada de sainch (êxtase) eram os extáticos ou contempladores; os siloduros eram os instrutores, e tomavam seu nome da palavra realadh, que significa ensinamento, e por último os saronidos não deviam formar uma classe especial, senão que devia chamar-se assim aos chefes, pois o nome saronido se deriva se sar-navidh ou sar-nidh, que significa muito venerável; é, pois, de se acreditar que saronido fora um título e não uma classe nova na ordem druídica.

Houve também *druidesas*, ora fossem as mulheres ou filhas dos druidas, ora simplesmente agregadas à corporação, pois não é possível admitir que os druidas permitissem o exercício da magia, adivinhação e sacerdócio a mulheres que não pertencessem ao corpo druídico e estivessem submissas à sua disciplina. E é indubitável que as houve, pois a História fala de vestais galas da Ilha de Sem, adivinhas e magas. As que predisseram a Aurélio e a Diocleciano que seriam imperadores, e a Alexandre Severo seu funesto destino, eram druidesas. Uma inscrição achada em Metz dá o nome druidesa à sacerdotisa *Avete* (*Druis antistisa*).

Segundo Thierry o druidismo estava já em decadência antes da época de César. Havia algum tempo, os nobres por uma parte e o povo por outra, ciumentos do grande poder dos druidas, conseguiram ir reduzindo paulatinamente sua influência política.

Reynaud, um dos escritores que melhor tem estudado o druidismo, sustenta que os antigos druidas foram os que ensinaram com grande clareza a doutrina da imortalidade da alma, e que tinham uma concepção tão perfeita da verdadeira natureza de Deus, como os próprios judeus. Se depois transgrediram com o culto a outras divindades, foi com o objetivo de conciliar o druidismo com as idéias professadas pelas classes incultas mais dispostas a crerem em semideuses e divindades que a conceber um Deus único. Segundo o próprio Reynaud, declinou e desapareceu por fim o druidismo, porque lhe faltava um elemento vital necessário em toda religião: o amor e a caridade. O cristianismo deu esse elemento e desapareceu o druidismo. Mas desapareceu depois de ter cumprido uma missão importante: a conservação de uma parte da Europa da idéia da unidade de Deus. Se esta teoria, apoiada em dados muito incompletos, ou em raciocínios mais ou menos acertados para provar entre os galos de certas idéias sobre a verdadeira natureza de Deus e sua relação com o homem, que degeneraram depois em grosseiras superstições, é ou não certa, questão é que não deve ser discutida aqui.

Capítulo XVIII

Como pode imaginar, neffe, agora, depois de ler a carta de belicena Villca, consegui compreender aquela referência feita por Konrad Tarstein a que sua família consistia ao "ramo germano" da casa de Tharsis. Evidentemente, ele era um dos descendentes de Vrunalda de Tharsis e, segundo suas confidências posteriores, que eram muito parcas em relação a este tema, era também o último rebento de sua Casa, mas não saberia dizer se com isso queria dizer "o último Iniciado" ou realmente aludia a que representava o último membro de sua linhagem. Mas uma coisa é certa: que a profecia do capitão Kiev, que Belicena Villca transcreve no dia 50 de sua carta, se havia cumprido estritamente, dado que a Ordem Einherjar, não só administrou ao Führer a Iniciação Hiperbórea, mas que alguém pertencente ao "ramo vrunaldino da Casa de Tharsis", "***Que Honra a sua***!", estaria "***junto ao Grande Chefe Branco quando ele declarasse a Guerra Total às Potências da Matéria. Porque a Sabedoria Hiperbórea dessa Estirpe, desse Sangue de Tharsis, causará a Primeira Vinda do Enviado do Senhor da Guerra***!". .

Sim, Arturo, a profecia de Kiev se cumpriu matematicamente, e não há por que duvidar que a segunda predição, a que se refere aos descendentes de Valentina de Tharsis, não se vá cumprir também. Vale dizer que a missão de belicena Villca e seu filho Noyo deve ter êxito para que propicie a Segunda Vinda do Führer: "***essa Estirpe de Tharsis, que Glória a sua! Participará ativamente na Batalha Final! Porque a Sabedoria Hiperbórea dessa Estirpe, desse Sangue de Tharsis, causará a Segunda Vinda do Enviado do Senhor da Guerra!***".

Belicena Villca, a última Iniciada descendente de Valentina de Tharsis morreu assassinada pelos Druidas. Mas seu filho Noyo, segundo todos os indícios, conseguiu levar a cabo sua missão. Se assim for, Arturo, estamos perto da Batalha Final! Quão próxima está a Segunda Vinda do Führer! A Guerra Essencial se fará mais uma vez sobre a Terra e os Deuses Libertadores regressarão para guiar os homens despertos à Origem Infinita de seu Espírito Eterno. Oh, Arturo, tua presença, e a mensagem da qual é portador, tem fechado um círculo em minha vida, aberto há mais de quarenta anos atrás, e me devolve a fé nos ideais da Ordem Negra! Por isso, nunca deixarei de te agradecer!

- Calma, tio Kurt, calma – supliquei -. Não é a mim a quem deve agradecer, mas aos Deuses, a esses misteriosos irmãos da raça que nos tem guiado à tríplice coincidência entre Belicena Villca, o senhor e eu. É claro que todos nós participamos de uma mesma história, desempenhamos papéis num mesmo libreto, somos personagens de um mesmo argumento. Termina de contar-me a sua vida para tentar, depois, planejar a forma atual de nossos movimentos, para ajustarmos a Grande Estratégia dos Deuses, que sem dúvida esperam algo de nós e por isso nos reuniu, enfim, para não cometer erros irreparáveis.

- Tem razão, neffe. Mas prosseguiremos amanhã, pois o tempo passou sem notar e já são 2 horas da manhã. Somente acrescentarei algo sobre a estranha referência que fizera Tarstein da "loucura" mística de Rudolph Hess. Adianto-te que, em efeito, quando meu taufpate decide realizar seu histórico vôo e lançar-se de pára-quedas na Inglaterra, seu ato não pode mais que qualificar-se de "loucura". Isto do ponto de vista político, e

ainda estratégico militar. Mas diferente será a opinião de quem observe os fatos com perspectiva esotérica e iniciática. Porque a "loucura" de Rudolph é semelhante à loucura de Belicena Villca quando decide desenvolver uma tática de distração para possibilitar os movimentos de seu filho Noyo: ela sabia perfeitamente que seu ato era arriscadíssimo, que atrairia a perseguição dos Golen e estes acabariam por capturá-la e executa-la. Sabia e, portanto, não vacilou em atuar, em sacrificar sua vida para que triunfasse a Estratégia dos Deuses Leais. Do mesmo modo, Rudolph se entrega aos Golen Druidas da Ordem Golden Dawn, ou seja, a seu representante, o Golen Duque de Hamilton, pois se propõe a distrair o Inimigo para favorecer os movimentos do Führer. Que ganharia o Führer depois da "loucura" de Rudolph Hess? Pois, ***um objetivo humanamente invalorável: depois da "captura" de Rudolph Hess, os Druidas não poderiam mais "abrir" uma Porta para Shambala na Inglaterra, cairiam isolados das Moradas dos Deuses traidores e da Fraternidade Branca, e somente na Ásia poderiam restabelecer este contato***.

- Você se perguntará o que produziu tal efeito, em virtude de qual Poder conseguiu Rudolph esse milagre, e te anteciparei que isso ocorreu ***por somente sua presença***, graças os Signo de Origem que ele, igual a você e eu, ostentava sem saber. Assim foi, neffe, e mais adiante narrarei com detalhes a verdadeira operação esotérica que significou a viagem de Rudolph à Inglaterra, fato que se tem estupidamente interpretado depois da guerra. Mas muito antes, amanhã talvez, conhecerá a Doutrina que sustentava a Ordem Negra sobre o Poder do Signo da Origem.

Retiramo-nos a nossos quartos no maior silêncio, cada um imerso em seus pensamentos. Eu, claro, não saia do assombro ao comprovar de que forma perfeita se encaixavam as histórias de Belicena Villca e tio Kurt. E não deixava de me perguntar como terminaria aquela aventura, agora que indubitavelmente contaria com o apoio de tio Kurt para buscar o filho de Belicena Villca.

Capítulo XIX

Eram 9 horas da manhã e lá fora caia uma tênue chuvinha. Ambos havíamos dormido pouco e o sabíamos. Mas ambos, também, pressentíamos que nos acabava o tempo, que essa tranqüilidade que desfrutávamos não duraria muito.

Tio Kurt sorveu o último gole de seu café e seguiu com o relato:

- No nórdico ***Ordensburg*** de ***Crossinsee***, como já disse, permaneci três meses. No primeiro mês que estava ali visitei pela primeira vez Konrad tarstein e nos dois meses seguintes fui a Gregorstraße 239 todos os sábados, pois o ***ϟϟ. Oberführer*** Papp havia conseguido para mim uma autorização permanente em Berlin nos finais de semana. Não era difícil assim a viagem da Prússia a Berlim, mas temia, nesses dias, não poder fazer com a mesma facilidade de Ordensburg ***Vogelsang*** bem mais longe, no Ocidente extremo. Naqueles dois meses, à medida que Tarstein ia me instruindo nos segredos da Thulegesellschaft, eu experimentava um afeto e uma admiração cada vez maior. Logo ficou totalmente sepultada a pobre impressão inicial ante sua fascinante personalidade, e devo dizer que não vacilaria em golpear a qualquer insolente que ousasse expressar em voz alta algo do que eu mesmo, no primeiro dia, havia pensado sobre tarstein. Assim, irreflexiva, é a juventude!

O "acordo" que Rudolph Hesse Konrad tarstein haviam feito sobre mim consistia em que devia ir à Gregorstraße 239 durante certo tempo com o fim de ser instruído na ***Sabedoria Hiperbórea***, que era a "Filosofia Oculta" da ***verdadeira*** Thulegesellschaft. Esta preparação, que me capacitaria para receber a ***Iniciação Hiperbórea***, seria aplicada pelo próprio Tarstein, uma rara honra segundo me fez notar muitas vezes, que jamais se concedia a ninguém. É que Tarstein era, segundo fui compreendendo com o tempo, um dos homens mais importantes da Alemanha por sua hierarquia secreta na Thulegesellschaft.

Segundo Konrad Tarstein para receber a Iniciação Hiperbórea devia purificar-me previamente. Com esse fim fui introduzindo-me nesse maravilhoso conhecimento que é a Sabedoria Hiperbórea. Mas, devo esclarecer, este ensinamento não constitui um mero saber, uma informação suspendida na memória para ser utilizada nos juízos racionais. Pelo contrário, Tarstein recomendava não memorizar sequer o mínimo e, se possível, esquecer o conversado, pois o objetivo da instrução apontava a ***despertar a Memória de Sangue***, fenômeno que somente poderia conseguir se o conhecimento adquirido atuava gnosticamente sobre a linhagem hiperbórea primordial que constitui a ***Divindade do virya***.

E assim fui testemunha assombrada – assombrada em todos os graus do assombro, até o espanto - de relatos e explicações que superavam o imaginável, pelo menos o que eu podia imaginar, nessa fantástica Cosmogonia Hiperbórea da Thulegesellschaft. Se houvesse uma escala heresiológica para medir aquelas idéias que se desviam profundamente da "Cultura Ocidental" em sua concepção judaico-cristã, poderia afirmar que muitas das exposições de Tarstein ocupariam um lugar destacado em tal escala de heresias. Porque se uma heresia é o que contradiz a ***um*** Dogma (por isso há heresias católicas, budistas, islâmicas, etc.) que dizer de uma filosofia que questiona a ***totalidade*** da existência humana com todos seus Dogmas, Filosofias, Religiões e Ciências, que tenta mudar o rumo histórico, que afirma a possibilidade da

transmutação do homem semi-divino ou virya em Siddha imortal, que, enfim, declara a guerra às potências materiais de Jehová-Satanás, donas do Mundo, da História e da maioria dos homens? Convenhamos em que na Heresiologia tais idéias ocupariam um lugar distinto.

Isto te digo porque ao abraçar conceitos que se apartam ou opõem à "Cultura Ocidental" deve ser consciente do grau de "afastamento" ou "oposição" em que se situa com respeito a ela para conduzir-se prudentemente e evitar futuros males.

E eu era consciente de que as coisas que ouvia e o efeito que causavam em mim pré-anunciavam mudanças de conduta irreversíveis. Porém, isso não me preocupava porque tinha uma meta que eclipsava toda prevenção pessoal e fazia como puro egoísmo qualquer intenção de retroceder. Essa meta, esse objetivo para o qual voltava todos meus anseios, era a pátria alemã: ***Ein Reich, Ein Volk, Ein Führer***[35][35].

Compreenderá agora, neffe, que vivia e atuava ***dentro*** de uma ***Mística Hiperbórea*** e que o ***vínculo carismático*** com o Führer era cada vez maior, na medida em que aprofundava o Mistério da Thulegesellschaft.

Em minhas primeiras visitas à Gregorstraße 239 me senti tão confiante em Konrad, que uma tarde não vacilei em referir-lhe minha experiência com a Voz do Hiperbóreo Kiev. Esta confidência não pareceu impressioná-lo, pois me observou por um tempo em silêncio e logo me disse:

- Diga-me Kurt, falou a alguém mais dessa percepção?

- Não – respondi – Pensava em falar disso ao Taufpate Hess, mas ainda não pude vê-lo desde que voltei do Egito.

- Então faremos um trato – afirmou Tarstein – a ninguém revelará que possui este carisma fora do seu próprio Círculo na Thulegesellschaft.

- Prometo – disse de pronto – mas, quem compõe meu Círculo?

- Ai, jovem Kurt, deveria saber que um Círculo da Thulegesellschaft não se determina em ***número*** de pessoas, como nas organizações exotéricas que fomenta a Sinarquia, senão uma ***relação qualitativa*** denominada ***vínculo carismático***. A vinculação carismática é independente do número e, como todo Círculo fechado da Thulegesellschaft existe como tal à mercê da vinculação carismática, são integrantes do Círculo aqueles que ***experimentam*** essa relação.

- Mas como se reconhecem realmente os membros de um Círculo? – perguntei um pouco desconcertado ante semelhante tumulto.

- O reconhecimento é interior, Simplesmente ***se sabe*** que tal ou qual virya pertence a seu próprio Círculo. Por suposto que em Círculos externos, constituídos por membros ***não Iniciados***, se praticam algumas formas tradicionais das Sociedades Secretas para a reunião e reconhecimento, ou seja, "o Santuário" e "o santo e senha"; mas isto se faz provisoriamente, atendendo a urgência que requerem certas investigações. O verdadeiro Espírito da Thulegesellschaft não está nos Círculos externos, que serão prontamente eliminados depois da Guerra Total, mas nos Círculos internos, os que são rigorosamente Hiperbóreos. Neles, repito, o reconhecimento é interior, ***se sabe com o sangue***.

- De modo que eu não poderia ***reconhecer*** os membros do meu Círculo...

35[35] ***Ein Reich, Ein Volk, Ein Führer***: Lema Nacional-socialista. Literalmente "Uma Nação, um Povo, um Chefe".

- ... enquanto não receba a Iniciação Hiperbórea – completou Tarstein.

- ... eu como prometi não falar sobre ***meu carisma***...

- ... não o fará - continuou novamente Tarstein - enquanto não receba a Iniciação.

- Pois me sinto algo enganado – disse sorrindo.

- Não leve a mal Kurt, mas isto é assunto da ***mais alta reserva***. Você deve agradecer a confiança que nos inspira por não nos dispormos de ***sua imediata separação e internação*** enquanto dura a instrução que lhe oferecemos. Se o Inimigo, ou seja, a Sinarquia, suspeitasse simplesmente de seu carisma seria executado sem esperar confirmação. E isso é algo que nem na Thulegesellschaft nem nas ϟϟ não podem permitir. Isso é importante Kurt.

- É tão importante? – perguntei impressionado pela ameaça velada que adivinhava por trás das amáveis palavras de Tarstein.

- Muito importante Kurt. Veja desta maneira: você tem o Signo de Lúcifer, possui notáveis qualidades psíquicas e é um ***Ostenführer*** das ϟϟ. Não lhe parece demasiado para ser casual? Pois isso não é casual!

Observou-me por um tempo como duvidando sobre se deveria continuar. Por fim disse:

- Você é a pessoa que esperávamos há vinte anos para encabeçar uma missão especial. Tão importante, Kurt, tão importante que talvez o destino do Terceiro Reich e, por que não, da Raça Ariana dependam dela.

Estava atordoado por esta revelação e, na minha confusão, pensei ser vítima de uma piada. Mas por mais que escrutasse o impassível rosto de Konrad Tarstein não encontrava nada que confirmasse essa suposição.

- Eu... – balbuciei – jamais sonhei tomar parte de uma missão de tal natureza. E não creio que a mereça.

- ***Fazer parte?*** - interrompeu Tarstein excitado – fazer parte, você disse? ***Há, há, há*** – ria freneticamente – Você ***não fará parte***, Kurt. ***Você levará a missão à frente***.

Quem mais poderia ser? – perguntou como para si mesmo.

Já saberá de tudo, Kurt – continuou agora me olhando nos olhos – Mas tenha presente que aqui não se trata de eleger. Nem você, nem eu, nem ninguém pode eleger, ***pois a eleição já foi feita***, em outra esfera de consciência, em outro Mundo. Não nos resta mais que afrontar nosso Destino, que é também o destino da humanidade, e agradecer por termos sido assinaladas para tão augusta tarefa. Nosso Deus, Kristos Lúcifer, é o Mais Belo Senhor, mas também o Mais Intrépido, Pai do Valor, não devemos nem sonhar em defraudá-lo.

- Nem quero. Eu quero servir a pátria e a humanidade – disse atordoadamente – mas me surpreendeu tudo o que você me disse. Não compreendo como posso ser uma peça tão importante neste jogo e me constrange a responsabilidade.. Como viver sabendo que em minhas mãos está o obter algo que é precioso para o terceiro Reich e para a Raça Ariana? Eu, como todo Camarada, ainda mais sendo Oficial ϟϟ, estou disposto a morrer por nossas divisas quando assim seja disposto mas, à partir de agora, não desejaria viver com a angústia de falhar antes do tempo, de não chegar a cumprir. Compreende, Tarstein? Me aterra o tempo que falta para o desenlace. Se há algo tão importante para fazer quero realizá-lo o quanto antes.

- Pois deveria ter paciência! – afirmou tarstein, quase gritando – Ainda que falte um minuto ou um século. Você não deve demonstrar nenhuma alteração nem conduta imprópria do ***Kshatriya***.

Lembre-se, você é Cavaleiro, um ***Monge Guerreiro***, deve comportar-se em conseqüência. Logo será Iniciado e logo cumprirá seu Destino.

Assenti conturbado pela merecida reprimenda que recebi de Tarstein. Mas nesse dia não falamos mais do assunto.

Capítulo XX

Bom, neffe – disse tio Kurt depois do almoço, com os olhos estranhamente brilhantes – estamos nos aproximando da parte mais importante da minha vida, ao momento em que recebi a Iniciação e me foi confiada àquela insólita missão, essa operação que tanto valorizava tarstein e que ainda me é incompreensível.

- Naquele tempo, com Tarstein de instrutor, aprendi muito. Eu parecia saber de tudo e eu me sentia envergonhado, pois, apesar de tantos anos em NAPOLA, só era capaz de segui-lo atentamente em suas explicações, mas me sentia incompetente para completar por minha conta nada do que ele dizia. Contudo, Tarstein acudia a me consolar, a sua maneira paradoxa: - Não se preocupe Kurt, é só ***confusão***, impureza sanguínea. Mas vai mais depressa que imagina. Logo saberá tudo, ***despertará*** e, então, se desejar, poderá dominar tanto a Ciência como o maior Sábio. Claro que nossa Ciência Hiperbórea é uma Ciência maldita para este mundo satânico. Mas isso não deve preocupá-lo, pois o Siddha é realmente ***um*** e não tem necessidade de nada além que de Si Mesmo. Para a Sabedoria Hiperbórea existem três classes de homens. O ***pasu***, que concebido pelo Demiurgo ordenador da matéria, Jehová-Satanás, e que só sob certas reservas pode ser considerado "homem", sendo mais acertado chama-lo animal-homem. Também está o ***virya***, que é basicamente um pasu de ***linhagem hiperbórea***, ou seja, um pasu ***que miscigenou seu sangue*** com um Siddha imortal, Mistério este que compreenderá no transcorrer de sua instrução. Os viryas estão em maior ou menor medida ***extraviados ou perdidos*** pela ***confusão de Sangue*** e somente a ***recordação contida no Sangue*** poderia purificá-los. A isso aponta a ***Estratégia*** do Führer, a isso e a ***dar fim ao Kaly Yuga*** ou Idade Obscura.

Tenha presente que um pasu jamais poderá ser virya semi-divino, mas que um virya pode ***descer completamente*** ao nível de pasu por uma definitiva confusão sanguínea. Y finalmente estão os Siddhas Leais, aqueles que vieram com Kristos Lúcifer a Terra há milhões de anos e pertencem a uma Raça "Hiperbórea", outro Mistério que mais adiante compreenderá com nitidez, pois os termos "hiperbóreo" e "Thule" quase nada tem a ver com as lendas da Antigüidade.

Assim são os Siddhas, virya e pasu, no sentido hiperbóreo que lhe dei e não como vulgarmente se entendem estes termos no Tibet; as três "categorias" de homens com as que deverá acostumar-se a raciocinar daqui por diante. A isto acrescentarei um importante conceito: "a Sinarquia orgânica e planificada para os pasu e viryas perdidos. A Sabedoria Hiperbórea ensina como deve purificar-se o virya para recuperar o Vril e transmutar-se de semi-divino mortal em Divino Hiperbóreo Imortal".

Hei de dizer-lhe algo, Kurt, que deve enchê-lo de legítimo orgulho. Sua análise para-psíquica de "ouvir a Voz de Kiev", ainda quando não tenha seguido as pautas da Sabedoria Hiperbórea para conquistar tal carisma lhe conduziu à conclusão correta. Refiro-me a sua afirmação de que é necessário "***dispor o Espírito para recordar***", como a melhor atitude ante o perigo de racionalizar o fenômeno psíquico formulando um interrogatório equivalente, coincide estritamente com nossa filosofia. É "dispondo o Espírito para recordar" que se alcança a Memória de Sangue. E este passo prévio, inevitável para obter a Iniciação Hiperbórea, você o deu sozinho, façanha que deve, como já disse, orgulha-lo.

Por estas últimas palavras se podia pensar que Tarstein, versado em temas de Ocultismo, era uma pessoa sonhadora e indigna de crédito em questões rigorosas, como acontece geralmente. E nada seria mais errôneo que tal apreciação, pois se bem não tenho conhecido ninguém que entenda como ele de Ocultismo, Filosofia Hermética ou Religiões, isso era somente uma parte de seu imenso saber. Naqueles anos 30, a Alemanha, em pleno desenvolvimento industrial, era um gigante da Ciência. E Konrad Tarstein sabia de tudo. Era um erudito do saber germânico em todos seus matizes: dominava as matemáticas superiores em seu mais alto nível, a química, a física, a biologia, as múltiplas tecnologias, etc. Para não dizer do campo humanístico onde seu domínio das Filosofias antigas e modernas, a Lógica, a Filologia, etc., era enorme. Como definir um homem assim? E o mais difícil: como transmitir seu pensamento sem deformá-lo? Efetivamente, neffe, eu não sou capaz de expor a você sequer a Sabedoria Hiperbórea, e se agora posso falar com você dela é graças a esses extraordinários Iniciados, Belicena Villca e Nimrod de Rosário. Lembre que Oskar Feil afirmava que somente a de Tarstein podia comparar-se a Sabedoria Hiperbórea de Nimrod de Rosário: estou seguro que o mesmo teria dito Belicena Villca. Graças a eles, neffe, poderei confiar a você esta parte de minha vida, que será incompreensível para qualquer interlocutor que desconhecesse os fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Serei breve, dado que entende perfeitamente a que me refiro. Konrad Tarstein me instruiu profundamente sobre a Sabedoria Hiperbórea e um dia, em uma sala subterrânea do Castelo de Werwelsburg, recebi a Iniciação Hiperbórea. Na Câmara Hiperbórea especialmente construída para tais cerimônias, um Alto Iniciado da Ordem Negra, suponho que um Pontífice, efetuou o ritual frente a um público de somente oito Iniciados. E ali me confrontei com a Morte, com a Morte Kâlibur de Pyrena, como diria Belicena Villca. Vale dizer, com o Arquétipo da Morte, a Morte que mata a Vida Tíbia, e depois com a Morte Fria Kâlibur, a Verdade Desnuda de Si Mesmo que se encontra por trás do Fim da Vida Tíbia. E ao regressar à Vida Morna, depois de fundir-me na negrura infinita de Si Mesmo, comprovei que a angústia da Morte havia fugido de mim para sempre. O temor animal de morrer, o instinto de conservação estava definitivamente superado pela Sabedoria da Vida Eterna. Uma vontade de aço se apossou definitivamente da minha natureza animal e soube que nada poderia me deter, ou seja, nada que implicasse a Morte, a ameaça da Morte. Era pura Vontade Resoluta: avançaria até onde me ordenassem e, repito, nada poderia me deter.

Foi então quando se me revelou o objetivo da misteriosa missão para a que me haviam preparado durante tantos anos. E uma vez mais, o encarregado da revelação foi Konrad Tarstein.

- Não será difícil que compreenda em que consiste a missão – me disse Tarstein – quando o puser a par de certos fatos que estão ocorrendo. Diga-me, Kurt, sabe de onde procedem as forças que sustentam a Sinarquia, a Conspiração Judia Mundial? Refiro-me às forças psíquicas, naturalmente, posto que as forças econômicas ou políticas sejam somente expressões exteriores daquelas.

- Bom, segundo ouvi afirmar o Führer, e tal como você mesmo me explicou, tais forças provém de um Centro Oculto chamado Chang Shambala, onde mora uma Hierarquia de Seres Infernais dedicados a impor à Terra o Plano de Jehová-Satanás. Na Ordem Negra existem provas a respeito. Por exemplo, está provada com documentos a participação da Hierarquia na fundação da Maçonaria, da Ordem Rosacruz, da Sociedade

Teosófica, etc. Sem ir muito longe, temos cópias da carta que o Supremo Sacerdote de Chang Shambala. Rigden Jyepo, lhe enviou a Lênin através de Nicolas Roerich, felicitando-o pelo êxito da Revolução bolchevique. Por trás de Lênin e os conspiradores de Outubro, atuava a Loja Transhimalaya, fundada pela Fraternidade Branca. Sim, Camarada Tarstein, por trás da Sinarquia se encontra Chang Shambala, os Mestres e Sacerdotes da Hierarquia Oculta ou Fraternidade Branca de Chang Shambala.

- Correto, Kurt. E agora complete o conceito, por favor: o que é Chang Shambala? Um lugar físico na Terra, ou uma Construção extraterrestre?

- Como você sabe, Shambala é uma Construção extraterrestre, estendida entre a Terra e o Sol, sobre dimensões do Espaço que a tornam invisível para o homem comum – respondi um tanto assombrado por tão óbvias perguntas – Seus Construtores foram os Deuses Traidores, os fundadores da Fraternidade Branca, e os Iniciados da Hierarquia aprenderam uma ciência chamada "Kâlachakra" que lhes permite abrir as Portas de Shambala. Portas que se encontrar em toda parte.

- Perfeita resposta, Kurt! Agora compreenderá qual é sua missão. Você, Kurt, ***é a chave que pode fechar essas Portas***.

De certo que compreendia menos que nunca. Mas Tarstein se dispunha a esclarecer o enigma.

- Em rigor da verdade, Kurt, a chave que fecha essas Portas Malditas é o Signo da Origem, o Signo que tem o Poder de recordar aos Deuses traidores sua Traição Primordial, o Signo que pode comunicar-lhes o Símbolo da origem e confronta-los à Verdade Absoluta do Espírito, o Símbolo da origem que pode dissolver a Mentira absoluta da criação Material que eles sustentam. Por esse Poder de revelar a Verdade Absoluta, quem sustenta a Mentira Absoluta, resulta não enfrentar-se jamais com o Signo da Origem, ou seja, enquanto dure a mentira do Universo material. E por isso o Signo de Origem é Chave das Portas de Shambala, uma Chave que fecha com seu selo inviolável a Rota dos Demônios. E você, Kurt, manifesta como ninguém o Signo da Origem, ainda que não seja capaz de saber por si mesmo, mas isso não afeta estrategicamente sua missão: ***somente sua presença basta para fechar as Portas Malditas; os Demônios não estão dispostos a contemplar o Signo que você é capaz de projetar***. Logo, o matariam ao aproximar-se da Porta, ***se não fosse porque agora você está além da Morte***. Compreende, Kurt? ***Se você se situa de frente a uma Porta de Shambala, e se mantém fora do alcance dos Demônios praticando a Via da Oposição Estratégica que o torna independente do Tempo e do Espaço, a Porta deverá ser inexoravelmente enclausurada***!

Agora sim entendia algo: com minha presença, eu causaria o fechamento daquelas Portas que conduziam à Cidade Maldita, morada dos Demônios da Fraternidade branca. Mas ainda não compreendia o objetivo da missão; a que porta se referia Konrad tarstein? Um instante depois, a explicação de tarstein me encheria de estupor.

- Agora que já falei de sua faculdade, de ser Signo Chave, irei diretamente aos detalhes da missão, ao que a Ordem Negra, o Terceiro Reich e o Führer esperam de você. Lembra o Professor Ernest Schaeffer? - perguntou com ironia, mas não me deu tempo de responder – Sim, creio que não o esquecera. Não depois do incidente que protagonizou o ano passado ao oferecer-se como voluntário para a Operação ***Altwesten*** e da qual estou a par de todos os detalhes. Você não podia saber então, mas sua participação nessa operação é a última coisa no mundo que aceitaria Ernest Schaeffer.

Isso se comprova pela faculdade que dispões, de fechar as Portas de Shambala, e possuir a resposta a esta perguntar: sabe em que consiste a Operação ***Altwesten***?

- Camarada Tarstein, Ernest Schaeffer já partiu há um ano ao Tibet. Suponho que você saberá que na expedição ia um bom amigo meu, Oskar Feil, que me deu toda a informação que possuo – disse advertido no ato de que não me convinha mentir ao bem informado Tarstein – Sinto se faltei a alguma regra, pois sei que a operação é ultra-secreta, mas não hei de negar que minha desconfiança por Schaeffer não pode ser maior, inclusive meu Taufpate Rudolph Hess confirmou que sobre ele pesavam certas suspeitas e me sugeriu que, apesar de tudo, eu tomaria parte da expedição. Mas lamentavelmente isso não ocorreu, ignoro se para o bem ou se para o mal, e já não tem importância devido ao tempo em que estão na Ásia. De todo modo, desejaria assumir toda a responsabilidade por qualquer falta que pudesse ter cometido Oskar Feil ao mencionar-me a Operação ***Altwesten***, pois minha curiosidade e as dúvidas que tenho sobre a conduta de Schaeffer são culpadas de suas confidências.

- Tranqüilize-se, Kurt, que ninguém o está acusando de espionagem. Responda-me, o que sabe da Operação ***Altwesten?***

- Quase nada, Camarada Tarstein. Só estou a par do caminho percorrido pela expedição até agora, pelas cartas secretas que Oskar consegue enviar-me de distintos pontos da Ásia. A última foi despachada a três meses em Lhasa, no Tibet, com um mensageiro que a fez chegar à Alemanha através de um de nossos consulados na Índia. Nela me informava que se apresentavam a partir do Noroeste, guiado por dois misteriosos "lamas do Gorro Kurkuma", e que levavam salvo-condutos do Dalai Lama. É tudo que sei. O destino final não consegui averiguar, pois nem Oskar o sabe, mas é evidente que não se trata de uma exploração ao Oeste, como indica seu nome, senão para um lugar que fica diretamente na direção oposta. Parece que Schaeffer não confia plenamente nele e inclusive o isolou do resto dos Oficiais.

- É o que queria escutar, Kurt. Lhe direi para onde se dirige Schaeffer: ***até a Porta de Shambala. Vai solicitar ao Rei do Mundo, em nome de umas pretensas "Forças sãs da Alemanha", sua intervenção para por fim ao Terceiro Reich***.

- Traição! – gritei.

- Há, há – riu com nervosismo ante minha exclamação – Se surpreenderia se soubesse a magnitude, a multiplicidade e os alcances das traições que corroem o terceiro Reich e conspiram contra a condução do Führer. Mas é natural que assim ocorra, posto que o confronto que o Nacional Socialismo expõe às Potências da Matéria é Total: todo homem está submetido à tensão essencial entre o Espírito e a Matéria; e muitos serão os que vão ceder ante a Ilusão da matéria, frente à ***forma judaica*** da Ilusão da Matéria, ou seja, o dinheiro, a paz, a democracia, a liberdade, a lei, etc. Somente os homens espirituais serão capazes de superar esta Ilusão. A superarão com apenas a força de sua Vontade Graciosa, com o ato de sua Honra, com o valor de seu Sangue Puro.

A de Ernst Schaeffer é mais uma de tais traições. Só que a nós nos afeta particularmente por tratar-se de um fato esotérico, de uma circunstancia que podemos compreender de maneira eminente. Sim, Kurt, a de Schaeffer é uma traição enorme, mas não é a maior das traições que deve afrontar ao Führer. Contudo, faz bem em levá-la a sério, porque ***de você depende que seus Planos desleais triunfem ou fracassem***.

- Como poderia eu intervir, e influenciar nos planos de Schaeffer, de Berlim? – perguntei aturdido.

- Pois não será de Berlim de onde atuará, Kurt, mas da Ásia. Você partirá de imediato para a Índia! Amanhã se apresentará e receberá ordens do [d] ***Oberführer*** Papp: ele te mostrará como é possível alcançar a expedição de Schaeffer antes que chegue à Cordilheira Kuen Lun! Mas agora lhe anteciparei algo que, não duvido, o motivará profundamente. Antes de tudo, lhe direi que a Ordem Negra tem, desde o princípio, excelentes espiões no grupo de Schaeffer: é por suas informações que temos sabido do "incidente" com o professor e de sua amizade com Oskar Feil. Bem, é sobre este último que desejava lhe falar.

Tome-o com calma, Kurt, mas a verdade é que Oskar Feil corre perigo mortal. Certamente, Schaeffer não confia nele, e se o permitiu ingressar na operação é porque planeja elimina-lo na Ásia. Somente você, se chegar a tempo, talvez possa salva-lo!

- Mas porque leva-lo à Ásia? Se desconfiava de Oskar, porque não se desfez dele na Alemanha? – gritei desesperado.

- Ai, Kurt. Lamento ter que lhe dar essas notícias. Mantenha-se forte, pois o que vai ouvir é impressionante: ***seu Camarada foi escolhido para ser sacrificado***. Sim, não me olhe desse modo, está confirmado! Ainda que seja possível evita-lo. O caso é que, em seu trajeto até o Lago Kyaring, além do Rio Azul, Schaeffer terá de cruzar o Portal de Shambala, o último pórtico antes de chegar à Porta de Chang Shambala. E tal pórtico se encontra vigiado há milênios por uma tribo de cruéis guardiões, que estão dirigidos por malignos lamas Jafranpa ou "lamas do Gorro Kurkuma", membros da fraternidade Branca. No Tibet, a verdadeira autoridade religiosa não a exerce o Dalai Lama, mas seu instrutor de máxima hierarquia na seita ***Gelugpa***: um ***Rimpoche***, ou seja, um lama "***precioso***". Aos Gelugpa, ou "lamas do Gorro Amarelo", estão submetidas todas as demais agrupações lamaistas, inclusive a Jafranpa. Somente os Bodhisattvas, os Mahatmas, os Imortais estão acima deles. Os Gelugpa protegem aos lamas do Gorro Kurkuma e por isso Schaeffer dispõe de salvo-condutos do Dalai Lama. Porém, tais passes têm um valor relativo, pois se bem o poder religioso do Dalai Lama abarca todo o Tibet, seu poder político está limitado pelas fronteiras chinesas***. E o Portal de Shambala encontra-se, atualmente em território da China***.

Aos lamas do gorro Kurkuma são especialistas na Ciência da Kâlachakra, ou "Roda do Tempo", a Sabedoria que permite compreender e dominar as conexões cósmicas, ***rten abel***, e sincronizar a Roda da Vida, Bhavachakra ou ***Sridpai Khorlo***, com o ritmo dos Planos da Fraternidade Branca. São, então, fervorosos adoradores dos Senhores do karma e de seu chefe, Rigden Jyepo, o Senhor de Shambala, o Rei do Mundo, Jehová-Satanás. Eles exigem a todo lama peregrino que solicite autorização para franquear o Portal de Shambala, o ***Yajnavirya***, ou seja, um ***sacrifício humano***. Como compreenderá, Ernst Schaeffer não de nenhum motivo para que se o excetuara de tal obrigação.

Em síntese, Kurt: ***Oskar Feil foi selecionado por Ernst Schaeffer para ser entregue aos Lamas do Gorro Kurkuma. Eles oferecerão sua vida a Rigden Jyepo mediante o degolamento ritual Yah-Sa.***

Horas depois desta conversa com Konrad tarstein, enquanto viajava a Renania para retirar meus pertences de Werwelsburg, me olhei num espelho do trem e ainda tinha os olhos injetados em sangue. Durante a reunião, quando Tarstein me revelou a

morte que esperava Oskar, tivesse eu destroçado Ernest Schaeffer com minhas mãos, quando o tive em minhas mãos.

Konrad Tarstein advertiu-me que essa não era a conduta que a Ordem Negra solicitava de mim. Pelo contrário, minhas ordens consistiam em localizar a expedição de Schaeffer o quanto antes e incorporar-me nela sem violência. Para isso iria munido das correspondentes autorizações oficiais: um decreto secreto do Führer e um passe do ***Reichführer*** Himmler. Ademais me acompanhariam dois agentes secretos das ϟϟ.. Tratava-se de dois ϟϟ. ***Haupsturmführer*** que associavam as paradoxais virtudes de possuir, ambos, um doutorado em leis, e terem desempenhado por cinco anos na Gestapo, onde se converteram em assassinos experientes.

Segundo Tarstein, a melhor Estratégia exigia que eu me juntasse à expedição e ***manifestasse*** ali o Signo da Origem. Tal demonstração seria suficiente para fazer fracassar a Operação ***Altwesten. E isso se conseguiria sem nenhuma manobra esotérica, sem empregar nenhuma técnica mágica: bastaria somente o ato de minha presença para que os Demônios cerrassem a Porta de Shambala.***

Capítulo XXI

O *Oberführer* Papp, antigo conhecido, me deu os detalhes da missão. A partida seria em quatro dias, pois já tinham tudo pronto: víveres, equipamentos, armas, documentação falsa, etc. Na verdade, vi com clareza, aquela operação há muito tempo atrás e, ao que parece, somente dependia de mim para por-se em execução. Vale dizer, que todos os que participavam dela, ou de seu segredo, o Führer inclusive, estavam aguardando minha Iniciação, esperando o momento em que eu adquirisse consciência espiritual da Chave do Signo e me pudessem expor a missão na Ásia. Creio que jamais senti tanta vergonha como então. Eu, o estúpido e arrogante aprendiz de Iniciado, havia perdido meses preciosos, tratando de aprofundar racionalmente na Sabedoria Hiperbórea da Ordem Negra, compreendendo finalmente que transitava por um beco sem saída, que era presa de uma armadilha da lógica, busquei em meu Espírito a Verdade última que a razão, e o conhecimento racional, me negavam, ***e propiciei assim o Kairos Iniciático***, de acordo à confirmação que dele fizeram os Iniciados da Ordem Negra; depois fui Iniciado e Konrad Tarstein me explicou o caráter da missão "***Chave Primeira***", tal sua denominação codificada, e descreveu a faculdade que eu deveria empregar para "fechar a Porta de Shambala", porta que Ernest Schaeffer se propunha a abrir e que talvez estivesse abrindo nesse momento.

Esses pensamentos e essa possibilidade, me angustiavam demais, e diria a verdade se afirmasse que ainda aqueles quatro dias para partir me figuraram interminavelmente longos.

A primeira etapa era no avião. Voaríamos de Berlim até a Tanzânia, na costa oriental da África, fazendo escala em diversos países africanos ou colônias aliadas da Alemanha, tais como Espanha e Itália. Na Tanzânia, na região que fora até a Primeira Guerra Mundial o Estado de Zanzibar, nos arrojaríamos de pára-quedas sobre a granja de uma antiga família de colonos alemães que trabalhavam agora para o Serviço Secreto. Devia seguir-se tal rota porque a missão estava qualificada como "operação ultra-secreta da Waffen ϟϟ", e porque se efetuava o vôo em um avião militar especialmente adaptado para o caso: tratava-se de um Dornier, ou "***lápis voador***", ao que se havia colocado sua clássica carga de bombas por tanques suplementares de combustível.

Na Tanzânia descemos sem problemas, tanto nós como a carga de armas e equipamentos. Os colonos nos esperavam há tempos e haviam adquirido para nós um carregamento de fardos de algodão, onde se apressaram a esconder os objetos comprometedores. Um dia depois, e trajando uma roupa de indubitável confecção barata, muito apropriada para o papel de comerciantes egípcios que deveríamos representar, os colonos nos conduziram à ilha de Zanzibar numa lancha de regulares dimensões. No porto estava ancorado o barco italiano Trento, que participava secretamente da operação e nos transportaria até Dacca, no nordeste da Índia.

Em Zanzibar mudamos completamente nossa identidade. Tanto eu como os dois [d] ***Haupsturmführer***, seríamos a partir dali "comerciantes egípcios". Era uma jogada arriscada, já que os egípcios estavam em poder dos ingleses, mas nossos passaportes e histórias figuradas teriam poucas falas e parecia difícil que despertássemos suspeitas a

ponto de iniciar uma investigação. Eu mesmo era verdadeiramente egípcio e falava tão bem o inglês como o árabe, idioma que também dominavam meus Camaradas, ainda que não assim o inglês, ao que imprimiam forte sotaque alemão. Porém, se fosse o caso, bastariam que se expressassem corretamente em árabe, posto que no Egito ninguém fosse obrigado a saber inglês.

O Trento cruzou o Oceano Índico, com uma só escala em Ceilão, e depois entrou no Golfo de Bengala rumo a Calcutá e Dacca. Finalmente subiu pelo rio Dalasseri, que é um braço do Brahmaputra, e se fundiu frente à orla esquerda, no porto de Dacca, importante cidade do que foi a Presidência de Bengala Próprio, depois Província de Bengala, depois o Estado islâmico do Paquistão oriental, e hoje Bangladesh. O carregamento de algodão africano, com seu precioso contrabando, pode ser desembarcado sem inconvenientes e armazenado em um depósito que alugamos para tal.

Não planejávamos permanecer muito tempo em Dacca: o suficiente para vender ou trocar os fardos pelas ricas sedas e musselinas bengalesas, comprarmos víveres e contratar carregadores. Nossa meta seguinte era a cidade de Punakha, capital de Inverno do País de Butão. Ali nos aguardava o ϟϟ. *Standartenführer* Karl Von Grossen e seu ajudante, o ϟϟ. ***Obersturmführer*** Heinz Schmidt, ambos da Divisão III da ***R.S.H.A.***[36][36], chamada "Serviço Estrangeiro de Informação" ou "S.D. exterior". Von Grossen era chefe da "Operação Chave Primeira" e, ainda que tivesse como superiores imediatos a Schellemberg e Heydrich, para esta missão foi posto sob comando direto do ***Reichführer*** Himmler. Havia se adiantado há muitos meses e mantinha, de algum modo estranho, sob permanente observação a caravana de Schaeffer. Tinha fama de homem inteligente e rude. Também havia sido polícia, como meus assistentes Kloster e Hans, revistando vários anos na Gestapo da Baviera. Mas logo solicitou o passe ao S.D. exterior para fazer valer seu doutorado em História. Era especialista em História e Geografia da Ásia, além de expert em táticas de deslocamento rápido, conhecimentos que explicam porque o ***Reichführer*** Himmler o elegera para comandar a Operação Chave Primeira.

Três dias depois saímos de Dacca rumo ao Norte, tomando por um caminho que margeia a orla esquerda do Brahmaputra até Bonarpara e depois desvia em direção a Rangpur, a residência do Rajá de Assam. Encontravamo-nos no Outono de 1938 e o clima agonizante dessas regiões pantanosas, sulcadas por incontáveis rios e somente aptas para o cultivo de arroz, nos faziam desejar a subida às zonas altas e frias do Butão. Os dois ϟϟ. ***Haupsturmführer***, Hans Lechfeld e Kloster Hagen, marchavam à frente, precedidos por quinze carregadores arianos puros, da Raça holita, com todo o carregamento, eu fechava a coluna. Exibíamos somente três fuzis Mauser da Primeira Guerra Mundial, armas apropriadas com nossa suposta profissão de comerciantes, enquanto ocultávamos entre as roupas as pistolas Luger de serviço e nas mochilas as temíveis metralhadoras Schmeisser.

Acampamos um dia nos montes Garro e cruzamos o Assam sem nos determos mais que o indispensável. Logo nos encontramos há mais de 2000 m. de altura, alegrando-nos de deixar para trás as regiões tropicais, infestadas de animais selvagens e

---

36[36] ***R.S.H.A.: Direção Geral de Segurança do Reich (S.S.).***

por não menos selvagens bandidos das tribos angka, michi, dafla, abors, etc. Uma senda que serpenteava pela ladeira oriental do Himalaia nos conduzia lentamente ao Butão.

Na aldeia de Taga Dzong nos receberam com grande alvoroço como se fossemos embaixadores de alguma potência ocidental, o que nos causou contrariedade, pois não desejávamos chamar a atenção dos ingleses nem de nenhum verdadeiro diplomata da nação que fosse. Porém, o mistério logo se esclareceu ao comprovar que dois enviados de Von Grossen esperavam nossa chegada há meses para guiar-nos à Punakha: eram dois lopas, funcionários do Déb Rajá do Butão.

Acompanhados por dois delgados, mas vigorosos lopas, também de Raça ária, atravessamos numerosos vales pequenos, encravados entre cordilheiras de enorme altitude. Depois de cada escala de ladeira do Himalaia, subíamos centenas de metros, não sendo incomum os passos, ou dvaras, de 4 ou 5 mil metros. Os lopas falavam bodskad, a língua tibetana que eu, como ***Ostenführer***, compreendia perfeitamente. No dialeto de Jam nos explicaram que não iríamos diretamente a Punakha, pois ali, junto ao Déb Rajá, encontra-se uma guarnição inglesa. Karl Von Grossen estava num monastério próximo, sob a proteção do chefe espiritual do País, o Dharma Rajá.

Por fim, subimos ao monastério taoísta, construído sobre um monte coberto por neves eternas e do qual partia uma escabrosa subida, somente apta para peatones, que atravessava o Himalaia e conduzia ao Tibet. Von Grossen e seu ajudante saíram a nosso encontro.

- Heil Hitler! Temia que não chegassem a tempo - nos disse como saudação.

- Heil Hitler! – respondi - O ***ϟ.Haupsturmführer Doktor*** Kloster Hagen e o ***ϟ. Haupsturmführer Doktor*** Hans Lechfeld, - apresentei a meus acompanhantes - e eu, ***ϟ. Sturmbannführer*** Kurt Von Subermann. Sieg Heil, mein ***Standartenführer***!

Von Grossen me observou atentamente, com curiosidade científica.

- Então você é o misterioso Iniciado de quem pode depender o Destino do Terceiro Reich? - se perguntou com assombro – Eu o imaginava de outra forma!

- Como? - exclamei, perturbado pela indiscreta franqueza do ***Standartenführer***.

- Não leve a mal - disse sorrindo pela primeira vez – mas é que aqui se fala muito de você, talvez mais que na Alemanha. Você sabe, esta gente tem faculdades psíquicas muito desenvolvidas e durante várias semanas lhe tem captado enquanto se aproximava. Não exageraria se o afirmasse que em todo Tibet espiritual conhece neste momento sua chegada ao Butão! Pois bem, Von Subermann: você tem sido observado psiquicamente e descrito de muitas formas, ***daí minha dúvida***. Há que sustenta que você é um Grande Sábio, e outros, pelo contrário, diz que você é um terrível Guerreiro. – Novamente, a interrogação se havia pintado em seu rosto – Mas nós ***sabemos*** que você é o último, não?

Existia um tom de dúvida na voz de Von Grossen que me molestou por demais.

- Com efeito, Kamerad Von Grossen! Segundo a Regra da Ordem Negra ***eu sou*** um Guerreiro, um ***Guerreiro Sábio***. Ignoro que aparência supunha que eu devia ter, mas não lhe fiquem dúvidas que ***sou capaz de matar da maneira mais terrível. E que matarei desse modo ao que tente frustrar minha missão***.

- Bravo! -exclamou Von Grossen com evidente sinceridade – Repito: você deve desculpar minha surpresa, depois de tantos meses de espera, e ouvindo as histórias mais

disparatadas da boca dos lamas, já não sabia a que classe de homem esperava. Me alegro que seja você um completo oficial ϟϟ., Von Subermann!

Karl Von Grossen e Heinz Schmidt, que não disseram uma palavra nem a diria mais adiantem pois eram por demais parcos, nos haviam alcançado cinco km antes do Monastério. Nesse momento chegamos e fomos convidados a passar a uma confortável sala, onde ardia lenha num lugar de pedra; lá fora reinava uma temperatura de dez graus abaixo de zero.

Na realidade não estávamos num simples monastério de lamas, como supunha, mas numa pequena cidadela rodeada de dissuasivas muralhas: atrás dos muros existiam três edifícios de diferente arquitetura. O mais imponente era o Palácio do Dharma Rajá, onde residia no Inverno o Chefe espiritual do Butão. O segundo em imponência tratava-se de um antiguíssimo Pagode, talvez a construção mais velha do conjunto. – É um ***Templo*** talhado magnificamente numa única e colossal peça de pedra – explicou- nos Von Grossen quando atravessamos o pátio exterior – Datados tempos em que esta região era dominada pelos ***Sacerdotes Budistas*** de Manipur: o templo se dedicava ao Culto de Manú Vaivasvata, quem rege o presente mânvântâra ou ***Manuantara***, ou seja, ***o ciclo de existência de uma Humanidade de animais-homens***. Posteriormente o País foi conquistado por uma tribo lopa ao mando de Iniciados taoístas, que eram profundamente iconoclastas e odiavam ***a todos*** os Sacerdotes, sem distinção de Culto. Eles, naturalmente, enclausuraram o templo depois de passar a faca a seus últimos moradores. Por não ter sido assim, agora se veneraria aqui a Maitreya, a próxima reencarnação do Manú, que não seria outro senão o Meshiah que esperam os judeus. Mas as Ordens de Sacerdotes budistas não esqueceram este lugar e permanentemente a cercam, buscando a oportunidade de reconquistá-lo.

A terceira construção, onde nos achávamos, era o Monastério propriamente dito e consistia em um labiríntico edifício onde habitavam por igual numerosa comunidade de monges e monjas tibetanas. Aquela composição de Iniciados mistos me surpreendeu e assim o fiz saber a Von Grossen.

- É que os atuais ocupantes constituem uma Sociedade Secreta que não é nem hinduísta, nem budista, nem taoista, mas que se acha "além" de tais sistemas religiosos. E "além" não significa "acima" ou "sobre", senão ***fora***. Ou seja, que a Sabedoria que eles possuem se encontra ***fora*** dos sistemas religiosos. Não sustentam, pois, um mero sincretismo mas uma Sabedoria espiritual verdadeira, possivelmente o mesmo que vocês na Ordem Negra, e nós no Instituto Ahnenerbe, denominamos ***Sabedoria Hiperbórea***. De fato, eles aderiram totalmente ao Nacional Socialismo, ainda que não lhes interessa tanto a política como a Filosofia das ϟϟ, e a presença terrestre do Führer, a quem chamam "O Senhor da Vontade".

Os cinco oficiais ϟϟ ocupávamos cadeiras em torno ao extremo de uma mesa de notável longitude: um grupo minúsculo em um lugar onde cabiam mais de cinqüenta comensais. Von Grossen estava sentado no centro, de costas à crepitante lareira. Os carregadores holitas descansavam numa quadra próxima, A conversa se interrompeu ao fazer sua entrada três monges ataviados com negras túnicas de lã de yake. Levavam a cabeça coberta com um capuchinho cosido à mesma túnica, o que lhes ensombrecia o rosto, ainda que se pudesse apreciar que os três tinham cabelos compridos e eram de Raça tibetana, possivelmente lopas. Dois aparentavam ser muito jovens e fortes, e eram

de distinto sexo: um yogui e uma yoguini, Iniciados em Artes Marciais, que se moviam com graça felina. O terceiro, um ancião de idade indefinida, dirigiu umas palavras a Von Grossen em bodskad de Jam.

O ϟϟ. ***Standartenführer*** se apressou a apresentá-lo:

- ***Kameraden:*** frente a vocês o ***Guru Visaraga***, chefe deste Monastério, junto a seus dois principais ***sadhakas***.

Saudaram com uma inclinação de cabeça, a qual respondemos absurdamente mediante a vênia nazi.

- Apesar de serem os anfitriões – esclareceu Von Grossen – solicitam permissão para permanecer a nosso lado. Tenho-lhes contestado afirmativamente, pois são pessoas de absoluta confiança. Prossigamos, então, tratando de nossos negócios.

Os monges tomaram assento e Von Grossen continuou tranquilamente falando em alemão. E durante o tempo que durou a conversa, pude comprovar com desagrado que não me tiravam os olhos de cima, como se algo em meu aspecto atraísse irresistivelmente sua atenção e os houvesse hipnotizado.

- Como dizia – explicou Von Grossen – estes monges constituem uma Sociedade Secreta conhecida como "Círculo Kâula". Sus Sabedoria é o Kula, o tantrismo "da mão esquerda", um sistema de yoga que permite transmutar e aproveitar a energia sexual, mas que requer a participação física da mulher. Daí a população mista que a você foi surpresa, Von Subermann. Os kâulikas são temidos no Tibet, pois se lhes considera "Magos Negros", mas a meu modo de ver o único negro que tem é a túnica. Piadas à parte, é evidente que tal qualificação procede de seus mais ferrenhos inimigos, os membros da Fraternidade Branca, uma misteriosa organização que está por trás do Budismo e de outras religiões, e que é muito poderosa nestas regiões. É por essa oposição e contraste à "***branca***" Fraternidade que os kâulikas são chamados "negros", já que eles são ascetas de elevada moral. Todos os homens e mulheres que você tem visto aqui são sadhakas ***vamacharis***[37][37].

Os Iniciados e Iniciadas no Caminho de Kula realizam periodicamente um Ritual denominado de "os Cinco Desafios", no qual pratica, "cinco atos proibidos aos Mestres da Kâlachakra", o que explica por que são odiados pelos Gurus de Shambala. Vulgarmente, o Ritual secreto é conhecido também como ***"Pankamakâra"*** ou "das cinco M", porque com tal letra começam os cinco nomes das "coisas proibidas": ***madya***, vinho; ***mâmsa***, carne; ***matsya***, pescado; ***mudrâ***, cereais; ***maithuna***, ato sexual. Segundo seus inimigos budistas, por praticar este Ritual os kâulikas se situam no ***vâmo mârga***, ou "Caminho da Esquerda", o caminho dos Kshatriyas, que conduz à Guerra e não à Paz, a Agartha e não a Shambala, à unificação absoluta de Si Mesmo e não à aniquilação nirvânica do eu identificado com o Uno Parabrahman. O certo é que por meio de técnicas secretas de seu Tantra sexual, os kâulikas desenvolvem incrível poder sobre a natureza animal do corpo humano e, inclusive, conseguem obter a libertação espiritual.

Resumindo, Von Subermann, os kâulikas são yoguis perfeitos, Iniciados capazes de alcançar no êxtase do ato sexual o Infinito e a Eternidade do Espírito, e de situar seu núcleo de consciência além do Mâyâ, a Ilusão das formas materiais.

37[37] ***Vamacharis:*** Mago kâulika ou Iniciado da Mão Esquerda.

Do taoísmo primitivo pouco restou, ainda que formalmente, a fim de evitar perseguições, os monges se definem a si mesmos como "taoistas", Religião mais potável para os Príncipes budistas e hinduístas dos países vizinhos. Mas nos shastras de Lao Tse que se conservam nesse Monastério ***a palavra "Tao" tem sido substituída por "Vruna"***, vale dizer, por ***Shakti***, o Espírito Eterno e Infinito do homem. Não esqueça, Von Subermann, que aqui estamos frente a uma Sabedoria que provém de uma fonte distinta de Chang Shambala, e por isso a Shakti significa "Espírito Puro", um conceito semelhante à "Graça" da teologia ocidental.

Vruna é uma antiga palavra indo-ariana que significa "Espírito Eterno, Infinito e Não Criado": dela derivam os signos que representam tais sentidos, ou seja, as ***Runas***, reveladas aos ários por Wothan, também o Deus Varuno registra a mesma raiz. Porém, e de acordo às mais remotas tradições da Raça Branca, a mesma "Vruna" procede por sua vez da palavra atlante ***Vril***, que teria idêntico significado. Veja, Von Subermann, que este "Vril" proposto na Alemanha como ideal espiritual dos Cavaleiros Iniciados ϟϟ, é um estado representado aqui por Vruna, o poder tântrico além de Kula e Akula, e como o autêntico Tão espiritual está além de Yin e Yang. ***Para o homem espiritual, o Vril como Vruna reveste sempre a forma de uma Deusa Antiga, uma Shakti Divina, que não é outra senão a imagem esquecida da Parelha de Origem***. Os kâulikas crêem que uma vez alcançada a Vruna, o que somente se consegue depois de passar pela morte ritual, o Espírito livre se encontra frente à Verdade da Origem, se reencontra com sua parelha original, e se consumam as Bodas do Espírito, depois das quais se recupera a Eternidade. O kâulika, vivo ou morto, experimenta deste então um Amor gelado que não é deste Universo e fica reintegrado a uma Raça de Deuses Vrúnicos, Senhores do Vril.

Resumindo, ***aqui os kâulikas seguem o Caminho Kula, que começa na mulher de carne e termina na Parelha Original, no profundo de Si Mesmo: ao final deste perigoso caminho, o kâulika, confrontado definitivamente com a Verdade, percorridos os veios de todos os Mistérios, é Shiva, o Destruidor da Ilusão, o Guerreiro por excelência. Para nós, Von Subermann, Shiva é Lúcifer, é Caim, é Hermes, é Mercúrio, é Wothan: para nós, Shiva é o protótipo do Cavaleiro*** [d]***.***

O Guru Visaraga e seus sadhakas continuavam observando-me com satisfação. A extraordinária informação dada por Karl Von Grossen acabava de me revelar por que havia sido eleito para presidir aquela operação: a seus dotes e conhecimentos militares, o ***Standartenführer*** somava uma grande compreensão dos costumes e crenças religiosas da Ásia. Decidi fazer-lhe uma pergunta concreta, sobre o objetivo principal da missão.

- Muito lhe agradeço seus valiosos dados – disse – mas há algo que me preocupa desde que chegamos. Então você disse: "acreditei que não chegariam a tempo". De que tempo dispomos, Herr Von Grossen?

- Pouco, muito pouco, Von Subermann. Mas será suficiente, se partirmos o quanto antes e redobrarmos a marcha, para alcançar Schaeffer antes do lago Kyaring. Você está inteirado que ali será entregue a uma seita de fanáticos assassinos um dos integrantes da expedição, o oficial Oskar Feil?

- Sim – respondi – Fui informado em Berlim. O que me intriga é como você sabe, de que meios se vale para conhecer em todo momento a localização da expedição de Schaeffer.

- Não é nenhum segredo, nem se trata de nenhum procedimento misterioso ou sobrenatural: é espionagem pura e simples; o caso mais clássico de espionagem que se estuda no Curso de Segurança. Como você já sabe, a Operação ***Altwesten*** se formou na Alemanha, foi infiltrada pelo S.D. Temos ali dois homens do Serviço Secreto que não despertam suspeita alguma no desconfiado Schaeffer. Contudo, eles nada poderiam fazer senão contássemos a nosso favor com o apoio do Círculo Kâula, cujos tentáculos se estendem por todo Tibet. São os fiéis kâulikas quem transportam as mensagens de nossos espiões através do Himalaia e nos facilitam permanentemente a localização da expedição. Já lhe disse, Von Subermann, que nestes países os kâulikas são muito temidos, e sua fama favorece a colaboração dos supersticiosos do povo. Fama que, neste sentido, eles não desmerecem em absoluto, pois mais que ascetas são monges guerreiros e os traidores podem estar seguros de que cedo ou tarde morrerão em suas mãos. Assim, pois, uma vasta rede de espionagem se tem estendido em torno do nosso objetivo.

Convém que saiba, Von Subermann, que o Dharma Rajá, o Chefe espiritual de todo país do Butão, é secreto partidário do Círculo Kâula e por isso destinou o Palácio contíguo como residência de Inverno. Odeia intensamente aos ingleses, aos que considera "representantes dos Demônios", e ordenou que se nos preste a maior ajuda possível enquanto permanecermos em seu País. O segundo homem importante é o Déb Rajá, a quem se tem encarregado da Administração e dos assuntos de Estado, pelo que deve permanecer em Punakha e suportar aos ingleses, aos que odeia tanto como o Dharma Rajá. De todo modo, nós contamos com salvo-condutos oficiais que nos permitirão chegar ao Tibet e ainda nos movermos nesse país, apresentando-nos como funcionários e comerciantes ao serviço do Rajá.

- Conforme o dito - prosseguiu Von Grossen – dispomos de muito pouco tempo. Deveríamos partir amanhã mesmo se fosse possível. Ernest Schaeffer saiu de Lhasa há três semanas, seguindo a rota para Chamdo, mas sua marcha é lenta, pois não deseja que algum mal entendido malogre sua visita a Chang Shambala: sabe que seus movimentos são permanentemente vigiados, desde a Torre Kampala. Sua cautela se torna mais compreensível, também, considerando que teve de permanecer um ano em Lhasa, no Palácio do Dalai Lama, até que recebeu a autorização para se aproximar de Chang Shambala. Deve, todavia, atravessar o Portal e persuadir seus Guardiões de que, em efeito, contam com o aval dos Mestres. Compreende-se, então, que trate de evitar erros e se aproxime lentamente a seu infernal destino.

Por nossa parte, devemos partir o quanto antes, pois se aproxima o Inverno e logo dois pontos do Himalaia se converterão em glaciais. Contudo, uma vez no Tibet, nos separaremos da rota comercial tomada por Schaeffer e adiantaremos jornadas até alcançá-los.

Capítulo XXII

Karl Von Grossen tinha tudo preparado para sair assim que nós chegássemos. Não obstante, frente os esforços, não se poderia iniciar a marcha até dois dias depois. O dia seguinte a nossa chegada passei entretido em percorrer o Monastério e examinar a maravilhosa obra de escultura do Pagode. Ali me ocorreu um simpático fato que, assombrosamente, tem afetado a você, neffe Arturo, mais de quarenta anos depois.

Ao penetrar na nave da ciclópea rocha talhada, me vi rodeado de improviso por um grupo de monges kâulikas. Até esse momento haviam estado entoando um mantra frente a uma gigantesca estátua de Shiva dançando sobre o Dragão Yah: ao notar minha presença foram silenciando pouco a pouco suas bijas e depois, igual aos árabes que me seqüestraram no Cairo, se precipitaram como enfeitiçados junto a mim. Mas então eu estava prevendo, pois longos anos haviam passado nos Ordensburg e na Ordem Negra sob a instrução de Konrad tarstein para ignorar o que lhes sucedia àqueles Iniciados. Era o Signo da Origem, o Signo invisível para mim que nos kâulikas causava o efeito carismático de elevá-los espiritualmente até a Origem de Si Mesmo. Por isso eles desejavam situar-se próximos a mim, contemplar-me, sustentar a percepção do Não Criado. Nada mais que isso queriam e por isso eu permaneci imutável no lugar, enquanto aqueles Iniciados se ausentavam da irrealidade do Mundo e ascendiam à Realidade do Espírito.

Assim permanecemos por um momento, em absoluto silêncio: uma nova corte de estátuas para aquele gélido panteão. Eu compreendia sua língua e havia tentado falar-lhes, mas foi inútil; em seu estado místico consideravam quase um sacrilégio dirigir-me a palavra.Depois de um tempo prudente comecei a pensar numa forma de liberar-me deles, quando vi que se acercava, inusitadamente sorridente, o Guru Visaraga. Todos os monges se apartaram a seu passo e ele, tomando-me pelo braço esquerdo, me tirou de tão difícil situação. Lentamente me conduziu ao pátio, seguido a regular distância pelos alucinados monges.

No pátio o aguardavam os dadhakas que vimos na noite anterior, segurando cada um a corrente de um enorme mastim. Levavam a correia ao pescoço, sem coleira, de onde se sujeitava a mencionada corrente, e no entanto não proferiam nem um latido: mudos, silenciosos como os monges que me rodeavam, aqueles terríveis cães me observavam sem pestanejar. Então o Guru Visaraga falou. E suas palavras ainda ressoam em meus ouvidos com estranha nitidez.

–Oh, Djowo: Vós sois para nós um ***Shivatulku***, a saber, uma manifestação de Shiva. Estes cães que aqui vês, são um obséquio de nossa comunidade para quem exibe tão claramente o Signo de Bhairava: a fêmea se chama "Kula", e o macho "Akula".

Era o último regalo que teria esperado receber dos kâulikas. Ia protestar mas o Guru não admitia réplica: - Vielen dank! Disse somente.

- Vosso companheiro Von Grossen, que compartilhou de nossa mesa, nos confiou que os Iniciados das ϟϟ são capazes de deter a um mastim enfurecido por meio de um grito.

Assenti com um gesto.

- Em efeito – disse – todo Iniciado ϟϟ deve demonstrar que é capaz de impor o Senhorio do Espírito sobre todas as criaturas animais da terra, por mais selvagens que sejam.

- Ah – suspirou o Guru – Nos é difícil imaginar vosso mundo assim como a vós se torna quase impossível representar o nosso. Mais que as raças, nos separa um Universo de Símbolos, um Muro de Ilusão plantado pelo Grande Enganador. Vós a miúdo os conformais com palavras vazias, vale dizer, vos contentais com palavras que representam idéias que tem pouco peso na realidade, idéias que são tão ilusórias como as restantes formas de Maya. O Signo que vós portais o faz distinto ao resto dos mortais. Porém, nem vós, nem vossos Gurus sabeis como demonstrar essa supremacia. Pois bem, com esta simples parelha de cachorros, oh, Bhattaraka, vós fareis o que ninguém, salvo que porte também o Símbolo de Shiva, é capaz de fazer neste Mundo: ***Os revelaremos um Kilkor***[38][38] ***que vos permitirá comandar mentalmente a ambos os mastins de uma vez***.

Dirigir a um cachorro com a mente seria efetivamente incrível para qualquer mentalidade racionalista, mas eu o considerava possível e o tomava com naturalidade; o que me parecia incompreensível era aquilo de controlar a "***ambos os mastins de uma vez***". O Guru Visaraga, que continuava explicando as características do sinistro regalo, não tardou em esclarecer minhas dúvidas.

- Não vos deixeis enganar por seu aspecto feroz – afirmou com veemência – Não são animais comuns, mas um casal especialíssimo de cães ***daivas***[39][39], ***balanceados*** em nosso Monastério graças a fórmulas antiqüíssimas que possui o Círculo Kâula: os cães daivas são manifestações da parelha arquetípica de cachorros, cada um é o exato reflexo do outro, e ambos emanam perfeitamente do Cão do Céu; inclusive seus corpos etéreos pertencem à mesma Alma Grupal. São como ***pares de princípios opostos manifestados*** e, normalmente, um neutraliza ao outro sem remédio. Durante uma guerra muito antiga, talvez anterior à que narra o Mahabarata, os Gurus treinavam aos cães daivas como arma, para que atacassem em par e não pudessem ser detidos pelos inimigos de varna inferior***. Somente os Kshatriyas, os Heróis espirituais, os que por seu Sangue Puro se encontravam "além" dos princípios opostos de Kula e Akula, conseguiam deter os cães daiva***. É o que vós, que ostentas o Signo de Shiva podereis fazer hoje com Kula e Akula!

Vês – concluiu o Guru – que ainda que vosso poder de deter a um mastim enfurecido mediante vozes de comando vos possa parecer uma façanha inimitável, e talvez o seja no Ocidente, nada poderíeis fazer contra uma parelha de cães daivas. Logo, falo dos Iniciados ϟϟ em geral, porque vós, ***Doce*** Peregrino, sois distinto a todos, possuis o antigo Tão, a quietude ativa de Shiva meditando: ***Vós podeis dominar aos cães daivas com a mente porque Vosso Espírito está além de Kula e Akula***!

Imagine, neffe Arturo, oito varas com uma ***trisula*** ou tridente em cada extremo, ou seja, oito varas e dezesseis tridentes, dispostas paralelamente uma junto à outra e

---

[38][38] ***Yantra*** o ***Mandala*** (em tibetano: ***Kilkor***). Figura geométrica para uso ritual ou mágico. Significa ***"cerco"***. O termo ***"kor"*** da a idea de "encerrar" ou "aprisionar". Com mais amplitude, um kilkor pode ser uma muralha ou fortificação, sentido que también alcanza al "mandala" sánscrito.

[39][39] Cães ***daivas:*** cães "divinos", cães dos Deuses.

separadas por pequenas distâncias. Imagine depois outro conjunto igual, mas com as varas ordenadas perpendicularmente às anteriores. Aplica finalmente um conjunto sobre outro para formar uma grade e obterás a forma básica do Yantra que me ensinou o Guru Visaraga: uma grade quadrangular com oito tridentes de lado e quarenta e nove quadrados interiores.

Depois da explicação referida, o Guru, sempre acompanhado pela parelha de sadhakas e dos ferozes cães, me conduziu a uma estância iluminada por centenas de velas e cujo piso não estava pavimentado de modo nenhum. De uma das múltiplas repisas cobertas de velas, tomou umas bolsas cheias de uma fina areia de várias cores e, com singular maestria, as foi derramando no solo até formar o Kilkor descrito.

Perguntou-me se seria capaz de recordá-lo. Assenti com um gesto e então disse:

- Filho de Shiva: não vos surpreendeis porque conhecemos vossos segredos, porque tiramos de vós mais do que vós mesmo apreendeis. Vós procedeis de um país distante, muitíssimo mais distante que o Assam Kâmapura que a nós nos parece muito longe, mas tens bastante em comum com os kâulikas; sois da nossa mesma Raça e varna, sois um Kshatriya, lutais em nosso mesmo bando contra idêntico Inimigo. Estais Iniciado na mesma antiga Sabedoria de Shiva, o Senhor da Guerra e da Destruição do Maya, a Sabedoria que fundamenta o Tantra Kâula. E, para nós, que somos Iniciados em Tantra Kâula, vós sois um ***Tulku*** de Shiva, como vos chameis há um momento atrás. Sabeis o que é um Tulku?

- Creio que sim – respondi sem demasiada convicção – a reencarnação de um Deus.

- Não! – negou com firmeza o Guru Visaraga, ainda que sorrisse compassivamente – Deveis dizer, em todo caso: uma das reencarnações ***simultâneas*** de um Deus. De acordo à Doutrina tântrica, quando um deus, em determinada época, decide revelar-se aos homens, pode fazê-lo, e geralmente o faz, em uma multiplicidade de manifestações físicas: o Deus possui, então, uma pluralidade de corpos, existe como homem simultaneamente em distintos lugares e circunstâncias. Esses homens, ***como vós***, expressam os sinais do Deus, mas às vezes ignoram que são ***Tulkus***.

Há, pois, vários Tulkus ao mesmo tempo. Nosso Tibet, sempre foi rico em Tulkus devido à espiritualidade elevada dos ários e de outras raças que dominavam igualmente a antiga Sabedoria; nós somos quiçá os únicos Iniciados no Mundo que sabemos ler os sinais dos Tulkus. Mas agora, ao final da Era de Kaly, os Deuses se tenham transladado aos países da região que vós pertenceis e a outros que se encontrem além dos oceanos tenebrosos. Vossa pátria, Alemanha, onde se tem reunido hoje em dia os descendentes mais fortes do tronco racial comum, é um dos últimos cenários terrestres em que os Tulkus representariam o Drama da Guerra dos Céus. Vós sois um Tulku de Shiva! Não é à toa que estejais cumprindo esta missão, nem que nós o ajudemos: ***são os outros Tulkus, que convivem convosco em vossa Nação, quem com grande Sabedoria os tem enviado para bloquear a passagem dos Asuras de Shambala***.

E porque o reconhecemos como Tulku é que vos vamos dar a dîkshâ nol Kilkor svadi[40[40]].

40[40] Dar a ***dîkshâ:*** Iniciação no Kilkor ***svadi***, ou "Kilkor do cão".

Pode supor, neffe, as dúvidas que me causavam as crenças dos kâulikas: eu, um Tulku? A verdade era que eu me sentia a manifestação de ***um único Espírito***, mas de nenhum modo podia afirmar ou negar que fosse também sua ***única manifestação***. Jamais se havia ocorrido pensar em tão inquietante possibilidade mas, de fato, nesse momento não acreditava nela. Ainda que não houvesse desaprovado, por exemplo, participar como Tulku da essência do Führer e compartilhar dessa forma seu Destino de Glória.

O Guru me ofereceu uma taça construída com crânio humano, artisticamente revestida em seu interior com lâminas de prata e cravado de esmeraldas, que se achava cheio de uma desagradável bebida. Continha ***nang tcheud***, a versão tântrica do ***soma***, ***amrita*** ou ***Hidromel***, ou seja, o elixir dos Rituais de Iniciação, a bebida dos Deuses (Siddhas) ou semi-deuses (viryas). O nang tcheud se emprega principalmente, no Ritual dos Cinco Desafios, pois se acha elaborado com as cinco "coisas proibidas": cinco classes de carne, inclusive humana; cinco peixes; cinco cereais; cinco vinhos; y cinco substâncias vinculadas ao sexo, tais como urina, sêmen, sangue, fezes, y medula.

Bebi com evidente desconfiança e o Guru Visaraga, talvez para tranqüilizar-me, se estendeu um pouco mais em sua explicação:

- Existem muitas classes de Kilkor: de Morte, de Libertação, de Encantamento, de Poder, etc. E todos requerem a maestria no Mantram Yoga e a perfeição na pronúncia das fórmulas mágicas que ***os vivificam***. Por isso há três graus ou formas de afirmar as palavras de poder ou ***bijas:*** a ***japa vâchika***, que consiste em ***gritar*** os ***bijas***, como ***ordens acústicas***, ao modo de vossas "vozes de comando" militares; esta é a mais baixa das japas e é a que utiliza as ϟϟ. para dominar aos mastins; a ***japa***[41[41]] ***upâmshu***, que exige ***expressar*** os bijas sem gritar nem falar, como ordens astrais; e por último, a mais elevada das japas é a ***manasâ***, cujo efeito não é causal mas sincronístico, quer dizer, que faz ***coincidir carismaticamente*** os bijas com o feito que se queira afetar, como ***ordens não criadas***. Como os palos do I-Ching ***formam*** um significado não criado que revela ou descobre os desígnios dos Deuses, um significado ***não querido*** pelos Deuses, um significado que ***não estava*** no destino, um significado que emerge por coincidência acausal entre o Superior Desconhecido e o Inferior Conhecido, um significado arrancado por uma força de Homens Magos aos Deuses Traidores, do mesmo modo a japa manasâ atua somente pela determinação dos Iniciados, daqueles que estão além de Kula y Akula.

Deveis saber, oh, Shivatulku, que somente os grandes Iniciados são capazes de adquirir maestria na japa upâmshu, a de segundo nível. Eles são os que possuem o poder de ***tulpa***, ou ***mudratulpa***, a capacidade de conceder realidade às idéias ordenadas e faze-las surgir no Mundo: com o Kilkor adequado e a correta japa upâmshu, é possível fazer aparecer toda classe de objetos materiais ou de produzir infinidade de fenômenos. Aqui mesmo, estes cães daivas que vês, são somente ***tulpas*** criados por nós para demonstrar vosso poder de Tulku.

- Em efeito, não vos assombreis; temos criado mentalmente os cachorros para que vós ponhais em prática a japa superior, a japa manasâ, que é virtude particular somente dos Siddhas ou viryas e que os Tulku possuem naturalmente. Os cães daivas

41[41] ***Japa:*** recitação de bijas, sons, ou palavras mágicas.

produto do tulpamudra são efetivamente reais, mas somente vós, oh, Shivatulku, os podeis governar com as japas do Kilkor svadi. Os kâulikas requerem uma perigosa dîkshâ e somente alcançam a expressar a japa upâmshu, mas vós, que sois virya, somente necessitais que ***vos transmitamos o Poder viryayojanâ que permite "dar vida" às projeções mentais tulpa, o angkur da japa manasâ***. Vós não sois um kâulika, mas sois um tântrika; e já tendes a potestade da japa manasâ.

Na continuação, ***procedeu a ministrar-me a chave dos 49 bijas que iam nos correspondentes setores do Kilkor***.

O procedimento "mágico" de controle era o seguinte: Eu devia imaginar a rede do Kilkor e situar em cada quadrado um bija ou ***palavra de poder***, e cada bija ***era uma ordem*** que os cães obedeceriam automaticamente: um bija significava silencio!, outro avançar!, outro parar!, outro atacar!, etc., etc., até completar quarenta e nove.

Apesar do meu ceticismo inicial, e para a alegria dos monges, pude comprovar que o sistema era certamente infalível: uma vez que tivesse memorizado o Yantra, os cães se converteriam numa extensão de minha própria mente e bastava a mais leve insinuação dos bijas para que obedecessem sem piar, ou melhor, sem ladrar.

Como aquele efeito era logicamente surpreendente, não pude evitar interrogar ao Guru sobre o modo em que o controle mental se fazia efetivo.

- Para nós é muito simples – esclareceu – Temos plasmado um Kilkor semelhante a este no corpo sutil de cada cão e estabelecido uma correspondência análoga entre cada bija e certas funções vitais ou motrizes de ambos os animais. Se isto se fizer com um só animal, de qualquer espécie, o Guru ou Iniciado kâulika poderia dominá-lo sem obstáculos. Mas, como vos disse antes, a parelha de cães daivas é diferente: eles participam de um único Arquétipo cão e ambos estão normalmente equilibrados; ***se a ordem mental se emite "por debaixo" do Plano arquetípico, um neutraliza ao outro e carece de efeito: somente quem é capaz de pensar "por cima" do Plano arquetípico, além do Arquétipo Criado pelos deuses da matéria, sobre a dualidade relativa do manifestado e da unidade absoluta do não manifestado, pode fazer prevalecer sua vontade na ação dos cães daivas.*** Não vos esqueçais nunca: nem um Mestre da Hierarquia nem ninguém cujo pensamente se componha de princípios opostos, poderá deter aos cães daivas!

Kula y Akula, neffe Arturo, eram os tataravôs de Yin e Yang, os cães que te atacaram quando entrou de maneira tão furtiva na fazenda e eu te tomei por inimigo. Igual a seus antepassados, estes obedecem às ordens mentais do Yantra ***e se movem ambos de uma vez***, perfeitamente sincronizados.

Capítulo XXIII

Essa manhã o Dr. Palacios me tirou a tala. O braço estava curado mas ainda subsistia uma horrível sensação de debilidade que me lembrou da eficácia dos cães tibetanos. Os últimos relatos de tio Kurt iam esclarecendo tudo... Ao mesmo tempo em que me envolviam num Mistério maior. Sua Iniciação, a missão no Tibet, o Poder do Signo da Origem, o incrível parentesco de seu Instrutor Konrad tarstein com Belicena Villca, e o assunto dos cães. Sim, tudo ia se esclarecendo, mas ao mesmo tempo crescia o Mistério de minha própria existência. A cada instante se ia incorporando novos elementos ao contexto de minha vida: parentes desconhecidos, países remotos, Doutrinas ignotas, inimigos implacáveis. Mas o que era eu? De uma coisa estava seguro agora: jamais havia tido a mínima chance de escapar da história, jamais teria sido livre de escolher meu Destino, jamais dispus de uma peça do jogo. Tudo foi ilusão, tudo uma farsa. Sentia-me jogado, como um tabuleiro de xadrez, por seres desumanos que certamente conheciam as regras do jogo e a posição das peças: o tabuleiro era o Mistério, que apenas vislumbrava, mas que não podia abarcar por estar inserido nele.

Compreendia que tinha de tirar essas idéias pessimistas da cabeça para não enlouquecer. E, paradoxalmente, quando tio Kurt não me fazia partícipe de sua narração, me entretinha observando aos cães daivas, aos que já não temia: aguardava, isso sim, que tio Kurt cumprisse sua promessa de revelar-me os bijas do Yantra. Segundo ele, eu também poderia controlá-los com a mente.

Capítulo XXIV

- Nisso – prosseguiu tio Kurt nessa tarde – se haviam passado três dias e um gelado amanhecer nos viu sair do Monastério rumo ao Tibet. A caravana se compunha agora pelos cinco oficiais ϟϟ, cinco dos carregadores holitas de Dacca, que aceitaram o trabalho até o Tibet, e dez lopas kâulikas, especialistas em Artes Marciais e Magia tântrica. A travessia do Himalaia se fez por um caminho somente conhecido pelos monges, que evitava todo povoado até ter entrado no vale de Gangri, mas que subia mais de 5000 metros e passava junto à ladeira de Kula Gangri, majestoso pico de 76000 metros.

Já no Tibet, no país de ***Pey-Yul***, devíamos marchar em direção ao Norte, o plano de Von Grossen parecia descabido em princípio, ainda que bem visto não fosse. E de fato produziu os resultados esperados. Consistia em alcançar as orlas do Brahmaputra, que no vale do Gangri corre paralelo ao Himalaia, de Oeste a Leste, e embarcamos numa balsa para navegar em sua furiosa corrente: o ponto indicado para descer (se é que não naufragaríamos antes) seria em 30º de latitude Norte e 95º de longitude Leste, onde o rio "Filho de Brahma" torce violentamente seu curso rumo ao Sul e se dirige aos vales de Bengala. Com semelhante procedimento tático, recuperaríamos parte do tempo que nos avantajava a expedição de Ernst Schaeffer.

Segundo a informação que dispunha Von Grossen, Schaeffer e seus homens circulavam pelo caminho YungLam, o qual terminava seu percurso de 2000 km. Na China, e só se permitia seu uso aos correios e funcionários oficiais do Tibet; os comerciantes, em compensação, utilizavam o caminho Chang-Lam. Mas a operação de Schaeffer, validade pelo Dalai Lama, era quase uma missão oficial. Contudo, o trânsito por aquela senda não seria fácil pois, antes de chegar ao lago Kyaring, assento do Portal de Shambala, devia-se vencer dezenas de obstáculos. Para que tenha uma idéia, neffe Arturo, de tão acidentadas que eram aquelas vias de comunicação, direi que somente em 600 km de seu trajeto, de Lhasa a Chamdo, o caminho Chang-Lam franqueava mais de quarenta cordilheiras, por passos que se elevam entre 3000 e 3500 metros; e isso sem contar as inúmeras torrentes e rios, geralmente carente de pontes, que corriam orgulhosamente pelos vales intermediários.

Em Chamdo, a caravana de Schaeffer se apartaria do caminho oficial e tomaria uma senda de lamas peregrinos, aberta paralelamente à margem direita do rio Mekong, que transportaria os viajantes diretamente ao lago Kyaring. Uma vez ali se dirigiriam ao Monastério, ou ***Gompa***, dos lamas do Gorro Kurkuma, da tribo duskha, Guardiões do Portal de Shambala. Esse Monastério, conhecido desde a Antiguidade como "Ashrm Jafran" e que nós incendiamos, se encontrava atrás da muralha da cidade dos duskhas, um povo de Raça tibetana famoso pela variedade de açafrão , ou kurkuma, que cultivavam, do qual extraiam uma droga narcótica de uso Ritual, e uma tintura coma que tingiam os gorros de seus lamas. Se tudo saísse bem, ou seja,, depois que estes houvessem aceitado a Vítima Necessária e ***aberto o Portal***, a expedição prosseguiria viagem até as imediações do lago Kuku-Noor, onde existe um dos extremos meridionais da Grande Muralha da China e também, ***ou justamente por isso***, uma das Portas de Chang Shambala. Nossa estratégia, por suposto, exigia que alcançássemos a Ernest Schaeffer antes de sua subida ao Ashram Jafran pois, do contrário, haveríamos perdido irremediavelmente a Oskar Feil.

De todo modo, a operação que realizaríamos havia sido estudada minuciosamente por Von Grossen e Schmidt e, mesmo que a ansiedade por socorrer a Oskar me enchesse de impaciência, não tinha outra alternativa além de confiar de que eles estivessem certos. Assim, enquanto a expedição de Schaeffer se encaminhava aos relevos escalonados do Tibet, cruzados por dezenas de cordilheiras que se estendiam de Norte a Sul e outros tantos vales, nós avançávamos em velocidade máxima pela lanhura do vale de Gangri rumo ao Norte, procurando chegar o quanto antes ao rio Yaru-Zang-Bo ou Alto Brahmaputra. Por esse rio somente navegaríamos quatrocentos km mas, de acordo à apreciação de Von Grossen, em quatro ou cinco dias percorreríamos uma distância que, pelo caminho Yung-Lam, exigia um tempo cinco vezes maior.

Num ponto pré-fixado da costa nos aguardavam duas balsas de firme construção, aptas a transportar cada uma a 10 pessoas e uma tonelada de carga, mais que suficiente para cobrir nossas necessidades. Os kâulikas se haviam encarregado de contratá-las e o preço foi alto, pois tive de pagar-lhes a viagem até Sadiga e o custo dos rebocadores que as trariam de volta ao Alto Brahmaputra.

Os hábeis barqueiros estimulados pela promessa de uma remuneração extra, ou atemorizados pela periculosidade dos monges kâulikas, conduziam destramente as balsas pelo centro do canal, aproveitando ao máximo a velocidade do rio. E enquanto a caudalosa corrente me aproximava do objetivo de minha missão, eu contemplava admirado uma das paisagens mais extraordinária da terra, somente comparável, numa medida menor, ao Tiahuanaco na América. Porque aquele rio "Filho de Brahma", que sulcava longitudinalmente um frio vale situado a 4000 metros de altura, tinha suas margens crivadas por cordilheiras tão célebres pela elevação de suas montanhas, como pelos conceitos que merecia as Religiões mais antigas da Humanidade: à direita se estendia o Himalaia, em cujo sistema afirmava a tradição asiática que se encontra o Monte Meru, o Olimpo dos indos; e à esquerda se alçavam os montes Gangri, cordilheira que culminava ao Oeste com o monte Kailas, a Morada de Shiva.

Uma semana depois nos encaminhávamos a Yushu, no Noroeste, tratando de acelerar as jornadas mediante a aquisição de yaks, pois existia um itinerário de caminhos que permitia avançar com tais animais. Depois de percorrer uma série ininterrupta de pequenos vales, atravessar numerosas cadeias montanhosas, cruzar o caudaloso rio Saluen e muitas outras correntes menores, chegamos um dia à orla do Mekong, a uns 80 km de Chamdo. A essa altura os kâulikas já tinham averiguado que a expedição de Schaeffer nos precedia em somente quinze dias: pouco tempo para aquelas latitudes onde a duração das viagens se media em meses; muito, tratando-se de salvar a vida de Oskar Feil.

Felizmente o bom tempo nos acompanhou em todo trajeto e se manteria assim até o final. Passamos à margem direita do Mekong e tomamos o Caminho dos Lamas, com a esperança de cortar a distância que nos separava de Schaeffer, marchando mais rápido que sua coluna e detendo-nos o indispensável para descansar; De toda maneira, o progresso foi lento até a exasperação, pois o famoso "Caminho" consistia em uma estreita e elevada trilha que apenas deixava passar os yaks, aos que frequentemente tínhamos de descarregar. Em algum lugar dessa senda, há mais de 4000 metros de altura, cruzamos a fronteira chinesa. Por fim chegamos a Yushu, comprovando que o outro grupo de ocidentais havia abandonado a cidade dez dias antes. A notícia, ao invés de nos

alegrar pelo tempo ganho, nos desesperou, devido a que aquela cidade era um ponto incluído no caminho Chang-Lam, pelo qual se canalizava a maior parte do comércio do Tibet com a China e por onde se podia transitar com bastante rapidez.

Desde o ano interior, Julho de 1937, a China padecia a invasão dos japoneses, que já dominavam a Coréia e Formosa desde a guerra com a Rússia de 1905. Nesses dias de fim de 1938, o Japão havia conquistado a Manchúria e toda costa meridional, ameaçando estender-se ao interior: Cantão, Nanking, Shangai, Pequim, etc., haviam caído em seu poder, com um formidável movimento de pinças procuravam agora ocupar a enorme franja entre os rios Yang Tse Kiang e Hoang-Ho, ou seja, os rios Azul e Amarelo. No país reinava a decomposição social e, nas regiões que os japoneses ainda não controlavam, havia estalado com singular violência a guerra civil.

Yushu, situada na fronteira ocidental, estava longe dos japoneses, mas não da guerra civil. Na cidade existia bastante agitação e de nenhum modo convinha fazer-nos ver demasiado, pelo que permanecemos ocultos na casa de uma família kâulika. Eles foram quem nos proporcionaram a informação sobre os dez dias de dianteira que nos levava a expedição alemã.

Seria impossível alcança-los viajando em caravana como até então. Segundo Von Grossen, somente nos restava uma alternativa: separarmos das cargas e adiantarmos à cavalo; o avanço realizaríamos os cinco alemães e oito monges, enquanto os dois lopas ficariam para guardar os cinco holitas, os cães daivas, os yaks com sua carga e aos recém incorporados ***zhos***, que são machos híbridos do cruzamento do yak com vaca. Seguindo esta variante do plano, os kâulikas adquiriram os exemplares melhores que conseguiram dos pequenos cavalos tibetanos, e cada um tomou os mínimos víveres para dez dias, posto que naquele caminho de comerciantes se alternavam com freqüência as aldeias e postos de descanso e provisionamento. O maior peso que devíamos transportar correspondia às armas, para as quais destinamos dois cavalos.

Nesse mesmo dia saímos de Yushu, tendo dormido por turnos umas poucas horas. No dia seguinte ladeamos o Yang Tse Kiang ou Rio Azul e demos com a melhor vantagem depois de quarenta dias de viagem, imprimindo aos cavalos, a partir desse momento, considerável velocidade.

Suponho que a um oficial experimentado como Karl Von Grossen não lhe havia escapado em Yushu que jamais alcançaríamos a Schaeffer antes do lago Kyaring se este nos levava dez dias de vantagem. Indubitavelmente procurou satisfazer da melhor maneira possível meu desejo de resgatar com vida a Oskar Feil, talvez confiando secretamente na probabilidade de que, por algum motivo imponderável nossos perseguidos se detivessem além da conta em algum ponto da rota. Mas tal fato não ocorreu e eles conservaram a dianteira o tempo suficiente para subir ao Ashram Jafran, entregar Oskar Feil, e partir novamente rumo ao lago Kuku Noor.

Quando o caminho Chang-Lam cruza o Hoang-Ho, ou Rio Amarelo, que forma sucessivamente os lagos Kyaring e Ngoring, dista só uns 20 km. Da orla Oeste do primeiro. Junto a essa ponte encontramos um homem que chamou imediatamente a atenção dos monges kâulikas: tratava-se de um dos espiões que o Círculo Kâula havia

infiltrado na expedição de Schaeffer e que acabara de fugir de uma morte segura nas mãos dos duskhas. Por ele nos inteiramos que os alemães foram ao Ashram três dias antes, guiados pelo Mestre Djual Khul, membro hierárquico da Fraternidade Branca, quem os conduziria até a Porta de Shambala de Kuku Noor.

De acordo ao relato do valente tibetano, Ernest Schaeffer enviou antes a Oskar Feil, a fim de que explorasse a região do Ashram Jafran. Nem bem saiu, foi capturado pelos duskhas, que o confinaram num Templo dedicado ao culto de Rigden Jyepo, onde seria sacrificado depois de quatro dias, quando a lua fizesse sua transição ao quarto minguante. Oskar ainda se encontrava com vida! De forma inesperada dispúnhamos agora de um precioso tempo para estudar o resgate.

Naturalmente que tudo havia sido planejado por Schaeffer em combinação com os duskhas para evitar o compromisso de entregar abertamente a Oskar, o fez cair numa infame armadilha, de tal modo que este ignorava, até o momento, que fosse traído por seu Chefe. Mas não seria a Oskar quem pretendia enganar Ernest Schaeffer, já que morreria de todo modo, senão a alguns oficiais alemães que evidentemente desconheciam seus planos. O canalha se assegurava assim de uma brilhante cartada, já que os mesmos informariam a seu regresso à Alemanha que "o Kamerad Oskar Feil havia desaparecido em ação", no curso da Operação ***Altwesten***!

Isto foi o que encurtou a estadia da expedição em Ashram, pois Schaeffer não queria correr o risco de que os enganados fossem descobrir por acaso que Oskar era prisioneiro dos duskhas. Precisamente, com a cumplicidade dos duskhas, que se prestaram hipocritamente à farsa, dezoito de seus Camaradas bateram palmo a palmo toda a zona durante dois dias, tentando encontra-lo. Ao que parece, somente quatro oficiais compartilham dos objetivos secretos de Schaeffer.

A eficácia daquele kâulika para espiar a Schaeffer procedia de que não era um mero carregador tibetano, ainda que se desempenhasse como tal por ordem de seus Gurus, mas um sul-africano de origem nepalês que compreendia perfeitamente o inglês, o alemão, e o holandês. Sua família, de Raça gurka, ou seja, indo-ariana, desertou durante a guerra dos bôeres e se refugiou em territórios alemães, fugindo finalmente ao Butão depois de 1918, quando a Alemanha foi despojada de suas colônias. Tanto ele, cujo nome era Bangi, como seu irmão Gangi, foram confiados de meninos aos cuidados dos monges kâulikas, que os Iniciaram no Tantra e finalmente os destacaram em Lhasa, como agentes secretos a serviço do Dharma Rajá de Butão. Ali conseguiram ser contratados por Schaeffer, que os tomou por sherpas, sem reparar na diferença de Raça. Mas eles não eram sherpas senão dois guerreiros gurkas que professavam um ódio medular pelos ingleses e que aguardavam pacientemente alguma nova guerra britânica para alistar-se no bando contrário.

Os espiões conseguiram escutar as exigências que o traidor expunha aos Lamas do Gorro Kurkuma e ouviram como o Mestre Djual Khul intercedia a seu favor, sendo conveniente em atravessar o quanto antes o Portal de Shambala. Também souberam da existência de uma "oferenda a Rigden Jyepo" propiciada por Ernst Schaeffer e compreenderam que Oskar feil havia sido enganado mediante um estratagema. Em vista que seus companheiros kâulikas não chegavam a tempo para impedir o sacrifício, tratariam de averiguar onde estava o prisioneiro a fim de prestar-lhe ajuda, coisa extremamente difícil naquela aldeia habitada por 2000 duskhas e 200 Lamas.

Ambas as irmãs se entregaram a observar os arredores do Monastério com a maior cautela, presumindo com acerto que o prisioneiro havia sido encarcerado em distinto local do que ocupavam os expedicionários. Com efeito, comprovaram que um dos Templos exteriores, situado sobre uma ilhota do lago Kyaring, estava fechado e guardado por homens armados.

Comunicaram as novas aos espiões alemães do S.D., solicitando-lhes apoio para descobrir a manobra e libertar Oskar Feil. A resposta de um deles, resposta típica de um agente secreto ocidental, deixou sem alento os gurkas:

- "Nós informamos a Alemanha com meses de antecipação os planos de Schaeffer para Oskar Feil, e as ordens que recebemos foram claras e terminantes, como vocês bem o sabem: 'aguardar reforços especiais que impedirão a Ernst Schaeffer concretizar a Operação ***Altwesten***. Firmado: Heydrich, Himmler, Hitler'. Ou seja, que nada nos indicaram com respeito a Oskar Feil. Apreciamos a nosso Camarada e muito sentimos sua sorte, mas em casos semelhantes o regulamento do Serviço Secreto impede por iniciativa própria, pois tem sido estabelecido com absoluta precisão que a prioridade de nossa missão é a Operação ***Altwesten***. O resgate de Oskar Feil conspira contra a discrição que devemos manter até o fim da Operação ***Altwesten***, além de contradizer ordens expressas e constituir uma ação suicida, atrás da qual o mais provável é que sejam três em lugar de uma as vítimas sacrificadas por estes selvagens. Nós, em resumo, nada faremos e lhes solicitamos que procedam da mesma maneira, pois ainda falta muito caminho por percorrer e necessitamos a ajuda de vocês para enviar a informação através do Tibet".

Os gurkas asseguraram a satisfação dos ϟϟ que não interfeririam, mas ao discutir o caso entre eles concluíram que as ordens dos alemães não os alcançavam da mesma maneira que os votos feitos a Shiva de combater a traição e a covardia. O que significava a traição a um frio regulamento burocrático frente à ira de Shiva, que castigava aos maus guerreiros impedindo-lhes o acesso a Shakti Suprema? E acaso não haviam jurado combater a morte aos membros da Fraternidade Branca? Seus deveres de espiões do Dharma Raja, autorizados pelo Círculo Kâula, os dispensavam de muitas obrigações religiosas, mas permitir que se sacrificasse uma vítima humana em holocausto ao chefe da Fraternidade Branca, extrapolava todas as medidas. Nenhum Siddha poderia justificar esse pecado e seguramente seriam castigados no Bardo. Não, se para os alemães a prioridade era chegar à Porta de Shambala, a morada dos Demônios, para eles a prioridade era o Kula, a manifestação da Shakti Divina. E o Kula se perderia se não atuassem como autênticos guerreiros Akula. Jogar-se-iam, pois, para auxiliar Oskar Feil.

A segunda e última noite que o grupo de Schaeffer passaria no Ashram Jafran, os gurkas decidiram atuar. Sem vacilar mergulharam nas geladas águas do Lago Kyaring e nadando silenciosamente rodearam a ilhota para emergir na parte traseira do templo. As sentinelas nada haviam notado. Rapidamente, treparam até uma clarabóia em forma de estrela de seis pontas que, por mirar ao Leste, de dia permitia que os raios do Sol iluminassem a enorme estátua de Rigden Jyepo, mas que no dia exato do solstício de verão, dirigia a luz solar diretamente ao Coração do Rei do Mundo. Afortunadamente aquela horrível abertura admitia a entrada de um homem, o que foi aproveitado por Gangi para descer jogando uma corda no interior; seu irmão permaneceria de guarda na parte exterior.

Uma vez dentro, comprovou que o templo estava iluminado por tochas e quem atado fortemente com cordas de cânhamo, Oskar feil dormia sobre a pedra sacrificial. Frente a ele, o Chefe dos Senhores do Karma gozava antecipadamente o ***Yajnavirya*** de sua dor, segundo pensou o intruso com um estremecimento, ao observar o riso e o olhar diabólico da sinistra escultura. Mas viu algo mais: no interior também havia uma guarda. Constava de quatro duskhas, ainda que se achassem a bastante distância, junto à única porta do Templo. Dois dormiam sobre uma esteira, enquanto os outros dois conversavam animadamente. O gurka começou a arrastar-se sigilosamente, tratando de que a pedra sacrificial interceptara a visão dos durkhas e levando na boca um afiado punhal para cortar as ligaduras.

Momentaneamente oculto atrás do altar de pedra, o gurka kâulika se incorporou suavemente e viu por cima do corpo de Oskar o comportamento dos duskhas: continuavam completamente distraídos, entretidos agora em jogar dados. Deslizou uma mão sobre o rosto de Oskar e a apertou fortemente contra sua boca, com o propósito de evitar que falasse ou emitisse algum som desnecessário ao despertar. Contudo, apesar de sacudido com singular violência, o prisioneiro não voltava a si. Finalmente abriu os olhos, mas Gangi os viu brancos, com as pupilas desorbitadas para cima, e compreendeu que o alemão padecia dos efeitos de um narcótico.

Nada se podia fazer, salvo retroceder e abandonar o Templo. Shiva saberia perdoar a quem pelo menos havia arriscado sua vida para resgatar a vítima dos Demônios. Mas estava visto que os Deuses dispuseram outro Destino para o gurka; ao tirar a mão da boca de Oskar, crendo-o completamente desvanecido, ocorreu o impensável: lançou um agudo lamento e se convulsionou durante um instante, para cair em seguida no desmaio anterior.

O corpo voltou a ficar inerte, mas já era tarde : as sentinelas corriam ao altar proferindo exclamações. O gurka saltou sobre o primeiro e o apunhalou, mas teve de render-se gente a ameaça de dois dissuasivos fuzis. Outro guarda abriu a porta do templo e logo houve uma multidão exasperada de duskhas rodeando o intruso. Se Gangi houvesse contado com as armas dos guerreiros kâulikas haveria apresentado melhor batalha, mas dado o papel de carregador que representava na expedição o máximo que pôde levar era aquele punhal escondido entra suas roupas. Nesse terrível momento, o único que desejou foi que seu irmão conseguisse fugir.

E seu desejo se cumpriu, pois o outro gurka descer com rapidez e mergulhou no lago, ganhando a margem sem ser visto. Escondido atrás de um muro que seguia o contorno da praia, observou como minutos depois chegava Ernest Schaeffer acompanhado pelos dois de seus mais fiéis colaboradores e seis lamas do Gorro Kurkuma. A sorte de seu irmão estava selada.

Para o caso de serem capturados, ambos concordaram em declarar que a incursão ao Templo obedecia ao único propósito de roubo: - "supunham que no Templo – diriam – havia objetos de valor que poderiam ser subtraídos dos duskhas para comercializar na China ou na Índia, proporcionando uma mudança favorável na vida de dois pobres sherpas". Seriam executados, claro, pelo sacrilégio cometido e, especialmente, porque Schaeffer não podia deixar testemunhas da presença de Oskar Feil no Templo. Mas a versão do roubo tiraria as suspeitas e não poria em perigo a tarefa dos espiões alemães.

Agora um dos gurkas, bangi, estava livre mas não cabia alentar esperanças sobre a sorte que ocorreria com seu irmão: seria assassinado para evitar que falasse e apresentar assim seu corpo ao resto da expedição, afirmando que foi morto ao ser surpreendido ***em flagrante*** efetuando um roubo em um Templo, não o de Rigden Jyepo, mas outro ao que seria transportado o cadáver.

Não se equivocou, pois ao cabo de uns instantes saíram dois guardas carregando o corpo sem vida de Gamgi, seguidos dos alemães e dos lamas: à luz da Lua, pôde ver seu percurso seccionado de orelha a orelha, tendo de cerrar os dentes para evitar um grito de dor. Consolou-se pensando que seu irmão possuía o Kula e que logo dançaria junto a Shiva o bailado da imortalidade.

- "Kaly! Oh, Kaly! – invocou mentalmente – comunica-me teu Poder de Morte, converta-me em ***Shindje shed***, o Senhor da Morte, em ***Dordji Vigdje***, o Senhor do Terror, em Shiva Bhairava; conceda-me, oh, Parvati, a Honra de vingar o sangue de meu irmão, teu fiel servidor, ajuda-me a recuperar a dignidade de Kshatriya; transforma-me em Kâlybala, a Força que destrói aos Inimigos de teu Sendeiro Kula, põe em minhas mãos a Trisula, o Tridente de Shiva, a Vajra, o Raio de Indra, e a Gandiva, o Arco de Arjuna, com Isudhi, seus dois cajados de flechas que jamais erram o alvo!"

Enquanto orava desse modo à Deusa Negra, o gurka nadava febrilmente para deixar o maldito Ashram Jafran, consciente de que seria prontamente buscado como cúmplice de seu irmão e condenado a idêntica execução.

Já fora das muralhas, subiu um monte próximo de onde contemplou na manhã seguinte a apressada partida da expedição.

- "Os alemães – pensou Bangi – integravam agora um cortejo de Demônios" – Junto a Schaeffer, em efeito, iam o Mestre Djual Khul e o ***Skushok*** do Gompa, uma espécie de Abade tibetano, além de quatro lamas do Gorro Kurkuma.

Nesse momento, compreendeu que tinha duas alternativas: ou seguir à distância a caravana, arriscando-se a morrer de fome e frio em poucos dias, ou regressar o caminho Chang-Lam e aguardar os anunciados reforços, arriscando-se então a perder o rastro da expedição, já que o Portal de Shambala significava a entrada de um caminho secreto, que cruzava talvez dimensões desconhecidas do Espaço ou se prolongava em outros Mundos. Não obstante, optou por esta última variante, tendo transcorrido somente três dias desde que se achava junto a ponte do Hoang-Ho.

Capítulo XXV

Tal foi, mais ou menos, a história que nos contou o gurka. Creio que a Von Grossen, igual que seus espiões na expedição, lhe preocupava mais a Operação ***Altwesten*** que a vida de Oskar Feil. De acordo a suas ordens, ordens que estavam subscritas pelas mais altas autoridades do Terceiro Reich mas que eu não ignorava, provinhas dos "cérebros cinzentos" do regime, entre eles se contava Konrad Tarstein, era prioridade absoluta "fazer contato com a expedição de Schaeffer", "conseguir que Kurt Von Subermann se incorporasse a ela". Ou seja, que se tivesse sido por Von Grossen deveríamos ter abandonado Oskar Feil a sua sorte e concentrarmos em seguir as pistas de Schaeffer: essa era a melhor Estratégia para cumprir as ordens. Mas a mim importava a vida de Oskar Feil que as benditas ordens e não me moveria dali até conseguir sua libertação.

Paradoxalmente, a "chave" da Operação Chave Primeira era eu, minha colaboração ***voluntária*** para desviar a Operação ***Altwesten*** de seus objetivos ocultos. E minha colaboração exigia, agora, a libertação prévia de Oskar Feil. Portanto, fazendo gala de grande pragmático, Von Grossen aceitou os fatos sem discutir e se dispôs a planejar o resgate.

Os cindo alemães, os oito monges lopas, e o monge gurka acampamos em uma encosta íngreme, longe do caminho principal, mas situada a escassos cinco Kim do Ashram Jafran. Ali Von Grossen interrogou durante horas ao gurka sobre os detalhes da praça inimiga, elaborando finalmente um plano de operações em que estivemos todos de acordo. Basicamente, a Estratégia seria a seguinte: ***o resgate se efetuaria em meio a um ataque surpresa***.

De acordo às tradições locais, o primeiro que adorou o homem nesse lugar foi a ilhota onde mais tarde se levantou o Templo consagrado a Rigden Jyepo. Uma lenda popular assegurava que em remotíssimas Épocas, ***Jagannath***, o Rei do Mundo, o Hogmin Dordji Chang, havia saído de Shambala a percorrer o Mundo sob Seu Aspecto de Ave. A regressar, escolheu aquele penhasco semi-afundado no lago Kyarins para descansar antes de empreender a última etapa de sua viagem a Chang Shambala. Conta o mito que na praia, que se unia à ilha por um delgado caminho de pedras, se encontrava um Santo lama chamado Dusk[42 [42]] que, compadecido da exausta ave, se aproximou para alimentá-la com o que tinha em mãos: um saco de flores de kurkuma. Agradecido, o Bendito Senhor decidiu premiar a Dusk tornando-o pai de um povo de adoradores do rei do Mundo e concedendo-lhes, a todos Iniciados que surgissem de sua Estirpe, a custódia do Portal de Shambala, ***o qual começava justamente naquela ilha sagrada***.

Outra versão da lenda, sem dúvida mais antiga, afirmava que a Ave Divina havia amado ao lama Dusk e desejava dar-lhe descendência antes de partir. O problema era em que a Ave era um exemplar macho, do mesmo sexo do lama, pelo que não haveria fertilização possível. Então a Ave de Shambala, que nesta história fora alimentada pelo sangue do lama, recordou que somente o contato com uma serpente macho naga é capaz de conseguir o milagre da procriação entre membros do mesmo sexo. Sempre na ilhota

---

42[42] ***Dusk*** significa ***Dor***. Os Duskhas constituíam "a familia de Dusk", ou seja, os Filos da Dor.

do lago Kuaring, a Ave ativou mentalmente seu Dorje de Poder, que se encontrava no trono do Rei do Mundo, em Chang Shambala, e transformou ao lama numa serpente macho naga. Depois se acoplaram com ardor ficando a Ave Rigden Jyepo prenha da serpente naga. Depois daquele ato homossexual, antes de partir, a Ave Divina pôs dois ovos de cor açafrão.

Incubados posteriormente pelo lama Dusk, sob o Aspecto de Serpente Naga, ambos os ovos deram origem a um par de gêmeos híbridos – um terço Ave, um terço humano e um terço serpente – que seriam os Grandes Antepassados dos duskhas.

Não deve estranhar que com semelhante crença, estes reividincassem seu parentesco com o rei do Mundo, e se convertessem em seus mais fanáticos adoradores, exigindo a todo aquele que tenciona chegar ao Portal de Shambala a oferenda de dor de uma vítima humana, grato regalo para quem ostenta os títulos de "Pai da Dor Humana", "Senhor dos Senhores do Karma", e "Supremo Mestre da Kâlachakra".

Desde então, os duskhas, povo descendente do mítico Dusk, cuidaram zelosamente da região e edificaram o templo a Rigden Jyepo sobre a "Ilha Branca", denominada assim em memória de Chang Swetadvipa, a "Ilha Branca do Norte", invisível aos olhos humanos e assento da Porta de Chang Shambala, a Mansão dos Bodhisatvas. Com o correr dos séculos, o povo dos duskhas cresceu, assim como o número de sua comunidade de lamas, vendo-se obrigados a levantar o enorme Gompa Ashram Jafran, ao que rodearam de belos Pagodes, dedicadas ao culto de diversas Deidades da Fraternidade Branca. A ilha com seu Templo, se encontrava muito próxima da margem Oeste do lago. Em frente a ela, se erigia em terra firme o Monastério com seu anel de Pagodes; e mais atrás, formando um amplo semicírculo que tapava e protegia o conjunto de edifícios religiosos, estava a aldeia dos duskas.

O Hoang Ho, ou Rio Amarelo, sempre tem constituído nessa região uma tríplice fronteira entre os Reinos do Tibet, da Mongólia e da China. Durante milhares de anos os exércitos invasores, procedentes de tal ou qual Reino, passaram frente a Ashram Jafran, respeitando frequentemente seu status de comunidade religiosa, mas em algumas ocasiões tentando ocupar a aldeia ou submetendo-a ao saque. Essa realidade forçou os duskhas a fortificar a praça, construindo uma elevada muralha de pedra em forma de "U", que ia de orla a orla do lago Kyaring: na abertura do "U", frente ao espaço aberto no lago entre os extremos da muralha, estava a Ilha Branca com o Templo e o prisioneiro que procurávamos libertar.

E na base do "U", que era em frente da cidade amuralhada, se encontrava uma enorme porta de madeira, guarnecida por duas torres elevadas que faziam as vezes de atalaia, ocupadas permanentemente por vigias armados. Nos dois ângulos do "U" existiam também sendas torres com seus respectivos sentinelas.

Vale esclarecer que tais medidas de segurança haviam surgido pela força das circunstâncias, ou seja, pela necessidade de proteger os Templo e o Ashram ante possíveis invasores, pois os duskhas careciam em absoluto, apesar de sua ferocidade para o Sacrifício Ritual, de vocação guerreira. Conformavam, isso sim, um povo de Sacerdotes natos, cujos membros ingressavam desde tenra idade na prática do Culto e viviam sempre asceticamente, fazendo pose de um rigor ultramontano. Não só não eram guerreiros, senão que a guerra lhes causava um horror essencial, e a imaginavam como um efeito do erro humano, da cegueira do homem, que não via, como eles, a Bondade dos Deuses Criadores do Universo.

Suas armas de fogo se reduziam a uma escassa centena de fuzis Martini-Henry do século XIX e seis pequenas peças de artilharia fixa, montadas nas torres da muralha. Careciam por completo de armas de punho. Em compensação as armas brancas eram abundantes e variadas e a manejavam com regular destreza.

A estas deficiências de material, somava-se a escassa visão estratégica daqueles infelizes, que havia aquartelado a totalidade de sua guarnição, uns cem efetivos, em duas barracas situadas a ambos os lados do portão principal. Evidentemente, todo o peso de sua defesa se baseava mais em fatores psicológicos que reais, ou seja, que confiavam na dissuasão de suas muralhas, e o escasso armamento que havia atrás delas, para desalentar aos possíveis atacantes. As mesmas peças de artilharia representavam antes um objeto dissuasivo que um perigo real para os sitiadores, posto que dificilmente funcionariam e isso caso se dessem as condições ideais de que houvesse pólvora seca, munições e se colocassem esses elementos na forma correta.

Em síntese, como a região estava tranqüila no momento, e não tinham motivos para suspeitar de nenhum ataque, a guarda estava reduzida a sua mínima expressão: um homem em cada torre, ou seja, seis vigias; dois na porta principal e um atrás de cada uma das outras quatro portas laterais, ou seja, seis guardas a mais; outros seis guardas no Templo da Ilha Branca , dois fora e quatro dentro e quarenta efetivos dormindo em cada uma das barracas, mas prontos a sair ante o mínimo alarme.

Essa noite Kaly faria realidade as orações do gurka. Não seriam os golpes do Tridente de Shiva, nem o Fogo do Raio de Indra, nem a certeza das flechas de Arjuna, mas a vingança de Bangi se instrumentaria por meio de outros poderes semelhantes: os golpes das balas de nossos fuzis, o fogo das granadas, e a certeza das flechas dos lopas.

Pelo número de efetivos que contava, a formação que comandava Von Grossen era apenas uma esquadra; mas, pela moral combativa e a consciência da própria força, devia se qualificada de falange ou legião. Uma legião, dir-se-ia, por sua grande mobilidade para o blitzkrieg. De entrada, atacaríamos divididos: Von Grossen conduziria o grosso da esquadra, enquanto que uma quadrilha dirigida por mim operaria no Templo. Numa segunda fase do plano, a esquadra se bifurcaria em dois pelotões, para depois nos reunirmos num ponto pré-estabelecido e executar a retirada.

Somente nós alemães iríamos ao assalto munidos de armas de fogo: uma pistola Luger e uma metralhadora Schmeisser por cabeça, além de dois dos obsoletos fuzis Mauser 1914, que já se verá para que iam servir. Nesses dias, as Schmeisser de 9 mm eram armas secretas, e somente a um corpo de Elite como o nosso era permitido leva-las fora da Alemanha. Contávamos com cinqüenta carregadores com trinta balas cada um, mas eu somente levaria dois, ficando os restantes para meus Camaradas que eram o grupo de ataque. Naturalmente, todos portávamos a adaga de Cavaleiro ᛋᛋ, com a legenda "Blut und Ehre" lavrada na lâmina.

Os guerreiros kâulikas, por sua parte, usavam três classes de armas: arco e flecha, cimitarra e punhal. Como disse antes, aqueles monges eram experts em artes marciais, e sua habilidade para a arqueria não tinha rivais no Tibet, onde ninguém duvidava em atribuir um poder mágico às suas flechas e se afirmava que, tanto podiam acertar o alvo de dia como de noite, com os olhos abertos ou vendados, etc. Todos carregavam cinqüenta flechas, nem mais nem menos, em um alforje que deixavam suspenso na

perna direita. Cada flecha correspondia a um dos crânios do colar de KALY e por isso tinha gravada em sua vara uma das letras do alfabeto sagrado dos arianos. A cimitarra era uma espada curta, de uns 80 cm com lâmina de um só fio, curva, truncada de forma convexa, truncada de forma convexa e a contraponto, e enganchada nesse extremo; o arriaz protegia o punho com duas saliências que imitavam a unha de uma águia. E a empunhadura, de marfim negro, tinha um pomo esquisitamente cinzelado, que representava o Rosto de Kaly como Mrtyu, a Morte. A cimitarra, envenenada, pendia de um tahalí sobre as costas, à esquerda. E finalmente, numa pequena bainha travada pela faixa, ia o punhal de folha flamejada e empunhadura de marfim, de tamanho semelhante ao ***Panzerbreher*** medieval ou a seu contemporâneo ***"Misericórdia"***.

Os integrantes do Círculo Kâula denominavam em seu Tantra, ***"Rudra"*** a Shiva, palavra que surgia da contração e aglutinação de ***Ru*** e ***Duskha,*** e que significava ***"O que destrói a Dor"***. Shiva era assim o Inimigo da Dor, o Inimigo de Dusk e seus discípulos, por extensão, seriam os Inimigos dos duskas. Isto o esclareço, neffe, porque não poderia deixar de considerar, no balanço do armamento próprio, ao profundo ódio que os kâulikas sentiam pelos duskhas, como um importante elemento tático a favor. Os kâulikas tinham ais duskhas pouco menos como vampiros que viviam da dor humana, e estavam psicologicamente predispostos a atuar com o máximo rigor contra "a família de Dusk". Shiva Rudra aprovaria e premiaria a demonstração de valor de seus Kshatriyas kâulikas.

O Sol se escondeu atrás da formidável Cordilheira Bayan Kara e a noite, impenetrável devido á escassa luz lunar do quarto minguante, desceu sobre o lago Kyaring. Às zero horas deixamos os cavalos bem há um km antes do Ashram Jafran e começamos a avançar a pé, carregando o material necessário para o ataque. Este se havia fixado para a uma em ponto, hora em que os dois grupos deviam estar em seus postos.

O gurka, conhecedor do trajeto até o Templo, um dos lopas e eu, nos encarregaríamos de resgatar a Oskar no momento exato em que Von Grossen com os demais iniciariam o ataque frontal. A surpresa era o fator determinante do êxito de nossa Estratégia e por isso nos movíamos com extrema cautela.

Às quinze para uma, e a uns trezentos metros da torre de vigilância, entramos no lago. Os três éramos Iniciados e sabíamos como liberar o calor da energia ígnea Kundalini para evitar o congelamentos, mas sem dúvida nenhuma nesse meio aquático de alta montanha os kâulikas me avantajavam: as práticas de Hata yoga das ϟϟ se concentravam principalmente em resistir com o corpo desnudo às baixas temperaturas e secas temperaturas dos Alpes bávaros. Assim, eu tiritava ainda de frio, quando subimos à Ilha Branca minutos mais tarde, sem que os duskhas nos ouvissem.

Na parte posterior do Templo, os três invasores trepamos até a abertura estrelada pela qual ingressara quatro dias antes o infortunado Gangi. Era quase uma da madrugada. A partir de então devíamos atuar com precisão matemática, pois cabia a possibilidade dos guardas interiores matassem a Oskar ao recuperar-se da surpresa do ataque.

À uma hora e cinco segundos, com exatidão germânica, uma poderosa explosão exterior fez vibrar o Templo e deixou paralisados de terror aos guardiões. Nesse instante, enquanto lá fora se desatava o Inferno, eu saltei pela janela, rolei pelo piso em direção ao altar, parei bruscamente, e com uma só rajada de Schmeisser acabei com os

quatro guardas. Os quatro receberam as balas pelas costas e morreram sem saber o que se passava, arremessados contra a porta do Templo para a qual estavam voltados. Uma oferenda mais que justa que Oskar Feil era a que agora recebia o horrível ídolo, atrás do qual me havia refugiado em prevenção de que se abrisse a porta e ingressassem outros guardas.

Os kâulikas, que chegaram minutos depois junto ao altar, se ocuparam de cortar as amarras e tirar a mordaça que impedia Oskar de falar, a quem já passara o efeito do narcótico.

- Kurt! Kurt Von Subermann! - gritou aturdido – É realmente você ou estou sonhando?

- Sou eu, sou eu! - afirmei com impaciência – Prepare-se, pois temos que fugi o quanto antes daqui. Logo te explicarei tudo.

O pobre Oskar não podia para em pé.

Durante sete dias o mantiveram no altar e somente o alimentaram o indispensável para que chegasse vivo no dia de sua execução. O lopa e eu pusemos cada um o ombro embaixo de seus braços e retrocedemos ao fundo do Templo alcançando-o depressa. Enquanto o gurka colava seu ouvido à porta e, não advertindo perigo nenhum, se assegurava com o punhal de que os guardas estivessem bem mortos.

Na verdade não podíamos sair pela porta do Templo, já que os guardas exteriores correram para a aldeia ao ouvirem as explosões; mas então não sabíamos e não queríamos arriscar-nos a sustentar um combate desigual. O que fizemos, em compensação, foi sair os quatro pela janela: primeiro escalou o lopa, depois Oskar, amparado pelos meus ombros, recebeu ajuda e passou para o exterior e, finalmente, subimos eu e Bangi.

Rodeamos o Templo e comprovamos que a frente estava desguarnecida. Atravessamos, pois o corredor que unia a Ilha Branca com a praia e nos escondemos atrás do muro para observar, cinqüenta metros adiante, o que sucedia no Monastério. Nos minutos seguintes nos reencontramos com nossos Camaradas!

Capítulo XXVI

Em torno da muralha era de rochas pela qual tiveram de arrastar-se cinqüenta metros. Faltando cinco minutos para uma Von Grossen, os três oficiais das ϟϟ e os três lopas se encontravam pregados ao chão a vinte metros da porta principal. Os quatro monges estavam encarregados de eliminar os vigias, localizados em posições adequadas para tal fim.

Sua ação foi muito veloz e os vigias "nada viram" quando os lopas surgiram da terra com a velocidade da cobra, se fizeram em uma roda e lançaram quatro flechas. Quatro flechadas na noite, quatro alvos certeiros. Dir-se-ia que aquelas setas sagradas buscaram o coração dos adoradores do Senhor de Shambala.

Von Grossen e seu grupo correram então em direção à porta, unindo-se a dois dos arqueiros; os outros dois marchavam, separadamente, a liquidar as sentinelas das torres extremas da muralha, essas que estavam sobre as águas do lago. Todos se apertaram no muro, enquanto Kloster e Hans preparavam os quatro petardos de demolição. A entrada principal da aldeia estava guardada por um pesado e enorme portão de folha única, construído com tábuas e coberto de ferragens que tampavam totalmente as fendas. Era certamente uma forte peça, que resistiria a mais de um ataque de aríete, mas sem dúvida ineficaz na guerra moderna, frente a artilharia ou às bombas como a que nós colocáramos. Kloster viu a hora: dois minutos para uma, então deu ignição ao detonador atrasado de dois minutos e se apertou contra o muro, ao lado de Von Grossen.

Psicologicamente, dois minutos podem durar um instante ou uma eternidade, especialmente se há a possibilidade de que um morra ao cabo deles. Os alemães, para evitar pensar em tudo aquilo que não fosse o combate, se entregaram a verificar se as metralhadoras estavam destravadas e seguras; a controlar pela enésima vez que os carregadores estivessem facilmente a mão, das cartucheiras de lona; e a assegurar-se que as granadas deslizariam sem problemas do cinturão e da boca das botas. Assim, para os alemães, os dois minutos estiveram mais próximos do instante que da eternidade. O kâulikas, em compensação, permaneceram absolutamente imóveis, com a mente concentrada na unidade infinita do Kula. Para eles, que se haviam despojado da consciência de duração, os dois minutos foram semelhantes a Eternidade.

Mas todos correram igualmente quando as bombas explodiram. E, literalmente falando, ***se cansaram de matar***.

As cargas, distribuídas com singular perícia, arrancaram completamente o portão e o destroçaram, espalhando os pedaços a dezenas de metros em volta. Ainda não se havia dissipado a fumaça da entrada e já Von Grossen e Heinz estavam plantados frente as duas únicas portas das barracas.

Dentro reinava a confusão, e somente uns poucos atinaram a tomar sua arma e tentar sair, mas tal reação sobreveio muito tarde para salvar-lhes a vida. Kloster e Heinz corriam desde um minuto antes ao redor das barracas lançando granadas pelas entradas: na quinta granada, simultaneamente, ambos os tugúrios começaram a desmoronar-se. Desesperados, os que saíram milagrosamente ilesos, tentavam ganhar as portas e sair, para caírem abatidos sobre os cadáveres de seus predecessores, fulminados pelas inclementes rajadas de Schmeisser. Nenhum só escapou daquela armadilha mortal.

Não aparecendo mais guardas pelas portas, Von Grossen deu uma ordem aos kâulikas que entraram nas ruínas e se dedicaram a arrematar feridos e sobreviventes com certeiras punhaladas. O ***Standartenführer*** consultou seu relógio de agulhas fosforescentes: uma e oito. Em somente oito minutos, e sem dar-lhes tempo de disparar um tiro, os três oficiais ϟϟ exterminaram a guarnição duskha!

Desde a entrada principal, e ata a ampla praça onde se erigia o Monastério, corria uma ampla avenida de 300 metros de largura pela qual Von Grossen havia planejado o seguinte avanço. Salvo os dois lopas que ficaram fora, e cuja missão consistia em subir as torres, aos kâulikas se lhes encomendou "limpar" o caminho dos alemães. Com esse propósito, apenas no portão, três deles se dirigiram diretamente até ali brandindo suas cimitarras e, com notável maestria, degolaram a todos os duskhas que cruzaram seu caminho. Haviam se separado em trajeto e cada um ia e vinha cem metros prodigando manobras a torto e à direita. Os primeiros a morrer foram, claro, os habitantes das casas com frente para a avenida, e que cometeram o irreparável erro de sair às ruas ao ouvir as explosões: anciãos, homens, mulheres, crianças, a ninguém perdoava a cimitarra kâulika. Depois da uma e dez, ao somarem-se os dois lopas que voltavam de arrematar os feridos da guarnição, os corpos de dezenas de famílias completas jaziam sem vida na entrada de suas moradas.

Mas a essa altura dos acontecimentos, atrás da explosão das bombas, das granadas e das metralhadas, o caos era senhor da aldeia duskha. Em meio de uma infernal gritaria de pessoas desconcertadas convergia sobre esta calçada, alguns com a finalidade de chegar até as muralhas, e outros para encaminhar-se até o Monastério. E ainda que muitos viessem armados com punhais e sabres, e oferecessem fugaz resistência aos monges kâulikas, estes tiravam inexoravelmente suas miseráveis vidas.

Quando os quatro oficiais ϟϟ marcharam em carreira rumo ao Monastério, a avenida se achava convertida num rio de sangue. Mas o caminho estava eficazmente "limpo". Somente dispararam algumas rajadas ao passar, sobre as poucas pessoas que afluíam pelas ruelas laterais. Atrás deles avançaram também os kâulikas, cumprindo admiravelmente sua função de assegurar a mobilidade dos alemães.

A uma e dez, entretanto, os alemães marchavam pela avenida e dois arqueiros regressavam do exterior e subiram por uma escadaria de pedra até as torres que guardavam o destruído portão de entrada. Ali se separaram: um tomaria pelo corredor da esquerda e o outro pelo da direita, corredores que conectavam todas as torres entre si e que consistiam em estreitas plataformas levadiças, distribuídas perifericamente pelo lado interior do muro. Em cada torre existia um primitivo fogão, que agora era inútil aquecer os definitivamente gelados corpos dos guardas. Os kâulikas, das primeiras torres, observavam o aglomerado de casas que se estendia compacto numa franja de trezentos metros de largura, paralela à muralha. Utilizando as distintas torres era possível dominar cada detalhe, viela, rua, casa ou Templo da aldeia duskha.

O dia anterior haviam passado fabricando flechas incendiárias. Não foi difícil: bastou enrolar nas pontas comuns um fio de lã impregnada numa mescla de azeite combustível e açúcar. Tinham cem flechas daquelas pois, segundo Von Grossen, não seriam necessárias mais que isso; o importante, explicou o ***Standartenführer***, não era a quantidade de flechas, mas a qualidade dos alvos selecionados e o grau de precisão nos

tiros. Conforme tal tática, os kâulikas escolheram os cem alvos um a um, procurando apontar nos materiais inflamáveis tais como madeira e telhas.

As portas, janelas, toldos, sacos de alimentos, as forragens e os telhados armados sob largos corredores, começaram pouco a pouco a tomar diferentes categorias de combustão. Em alguns lugares, as chamas logo ultrapassaram a altura das casas e as fagulhas invadiram as imediações; o fogo se propagou inexoravelmente e o incêndio se fez geral.

Ao chegar ambos kâulikas às torres finais, a uma e vinte, a aldeia se havia transformado em uma gigantesca fogueira. As turbas incontroladas tratavam em sua maioria de escapar do calor sufocante e chegar ao lago ou sair para fora das muralhas. As sentinelas das portas laterais, encurralados entre as chamas e a multidão, abriram e não puderam impedir a passagem de centenas de aldeões aterrorizados. A essa hora, os dois monges kâulikas assumiram diferentes atitudes. O que se encontrava na torre direita, escorregou por uma corda para fora da muralha e se dirigiu resolutamente até o lugar onde estavam escondidos os cavalos, derrubando sem contemplações, com golpes mortais de cimitarra, aos duskhas que cruzavam seu caminho. O da torre esquerda, preparou a corda para descer ao exterior, mas depois desceu pela escada de pedra até o interior e, convertido num torvelinho de mortíferas estocadas, limpou as imediações de inimigos: aguardava a chegada da esquadra de Von Grossen, que já teria de encontrar-se ali.

Uma e quinze. O numeroso numero de duskhas, reunidos ante a entrada do Monastério, reclamava com fortes vozes a presença dos lamas do Gorro Kurkuma. Ignorando o clamor de seus irmãos, os monges se haviam entrincheirado e estavam, provavelmente, rezando a Rigden Jyepo e aos Deuses da Fraternidade Branca.

Era improvável que no interior do Gompa, sede física do Ashram Jafran, houvesse alguma arma de fogo; e era mais improvável ainda que algum lama estivesse disposto a defender com armas seu refúgio.

A aparição de Von Grossen e dos oficiais ϟϟ foi surpresa e causou o pânico dos aldeões. Duas granadas caíram entre eles e completaram aquele quadro de terror sem nome. Os estalidos, em meio a multidão, mutilaram os corpos mais próximos e projetaram dezenas de fragmentos em toda direção, dentes de metal ávidos por morder e ferir a carne, feras cegar e aladas que matavam ao acaso. Von Grossen somente teve que disparar duas vezes com a metralhadora, para que a chuva de balas dispersasse ao povaréu enlouquecido.

Todo o grupo se resguardou preventivamente sob a galeria de um formoso Pagode budista de estilo tibetano, com o fim de preparar a ação seguinte. Kloster e Heinz, no centro do círculo de cimitarras kâulikas, baixaram suas mochilas e tiraram as quarenta granadas de fuzil Tomaram depois duas Mauser 1914 e inseriram em duas delas o adaptador de canhões.

As granadas de fuzil tinham carga de fósforo que estalava com o impacto, e constituíam uma eficientíssima bomba incendiária tática. Disparadas com um fuzil semelhante ao Mauser, era possível acertar alvos precisos a 300 metros. Seus alvos, as janelas do Monastério, os convidavam a lançar os projéteis somente a 25 metros de distância.

Assentado sobre uma base quadrada de setenta metros de lado, o Gompa mostrava três filas de janelas no nível superior à porta de entrada, fachada principal que víamos de frente. Albergava, como disse, uns 500 lamas do Gorro Kurkuma, muitos dos quais se somavam e comandavam os duskhas, ora suplicando, ora mandando resistir ao inimigo, a reorganizar a defesa, a não fugir, etc. Talvez a mais paradoxal de tais dramáticas intimações fosse a que assegurava, em Nome do Bendito Senhor, que os intrusos não eram Demônios mas meros mortais.

Existia também uma grande porta traseira, que dava à Ilha Branca, e duas pequenas portas em ambos os lados do edifício, todas as quais permaneciam trancadas por dentro. Os tetos, cobertos de telhas marrons, se inclinavam em suave pendente hiperbólica, e havia um pátio central rodeado de galerias e finas colunas.

Nesse momento, os lamas perceberam o incêndio que consumia a aldeia e exortavam ao povo a combatê-lo usando água dos tanques e canais interiores, os que se podiam inundar em questão de minutos abrindo umas exclusas que continham a pressão do lago. Há que se admitir que alguns duskhas conservaram a calma nesses trágicos instantes e correram a cumprir as ordens, que os lamas não se atreveram a realizar por si mesmos, e outros tiveram de tentar em vão opor-se à voracidade do fogo. Mas uma coisa é deter um incêndio ocasional, surgido pelo acidente em tal ou qual lugar; e outra muito diferente é enfrentar-se com centenas de focos deliberadamente incendiados.

O incêndio se tornou invencível em certos bairros e seus moradores fugiram apavorados, alguns rumo ao exterior, outros em direção ao Lamastério. Sem reparar nos cadáveres empilhados sobre a praça, turbas procedentes de várias direções convergiam a cada instante para solicitar socorro Divino de seus Deuses, enquanto os lamas os comunicavam a lutar de imediato contra o fogo e contra os invisíveis mas letais inimigos.

Porém, ainda que fosse ensurdecedor o lamento e os alaridos dos desesperados, sobre o ruído de fundo que produzia o crepitar das coisas ao queimarem, já não se escutava o som das armas de fogo. Alentados por tal silêncio, os lamas gritavam agora orações e mantras de quase todas as janelas.

Uma e dezesseis. A esquadra de Von Grossen surgiu de improviso das trevas do Pagode e marchou em ordem fechada de dois em dois durante uns metros. Um instante depois Kloster e Heinz disparavam as duas primeiras granadas incendiárias nas janelas do segundo andar: uma impactou no peito do lama que vociferava circunstancialmente seu discurso e o fez desaparecer sob uma luz cegante; outra penetrou limpamente pela abertura contígua e estalou no interior do Gompa. E através de ambas as janelas, depois de apagar-se o brilho da explosão, se viu como as chamas o abrasavam por inteiro.

Mas os ϟϟ. Não se detinham a avaliar o efeito de seu ataque. Depois das primeiras, continuaram enviando granadas contra as janelas na razão de dez por cada lado, até completar as quarenta. Kloster correu pela direita, seguindo Von Grossen e dois kâulikas, detendo-se a trechos para carregar a granada e disparar. Hans o fez pela esquerda, protegido por Heinz e três kâulikas, atirando de maneira semelhante.

Ninguém havia contado com a possibilidade de que o Monastério tivesse seu próprio corpo de guarda, a que passou despercebido ao observador gurka. Contudo, essa era insignificante em número, ainda que seus membros possuíam bom adestramento no manejo do sabre. Ali sofreram a primeira e única baixa, quando uma facada inesperada tirou a vida de um lopa do grupo de Von Grossen. Os guardas, dois ou três por porta,

permaneciam de fora, e trataram, fazendo ares de certo valor, de impedir que fosse atacado o Monastério. Por suposto, não tinham nem a destreza nem o conhecimento necessário para rivalizar com os kâulikas e, quando não foram eliminados por suas cimitarras, caíram perfurados pelas implacáveis balas germanas.

Em contados segundos o Lamastério foi igualmente pasto das chamas. Como hóspedes involuntários de um forno infernal, como se o Raio de Indra houvesse efetivamente caído sobre o pacífico Ashram Jafran, a maior parte dos hipócritas Santos lamas encontrou horrível morte nesses primeiros minutos de ataque. Uma morte que ia acompanhada por um estremecedor concerto de uivos de dor.

Aos dois minutos, ambos os pelotões se reuniram na porta posterior do Monastério, a que apontava para a Ilha Branca e ao Templo de Rigden Jyepo. Os relógios mostravam a uma e dezoito, e pela praia se aproximava a passo lento um terceiro grupo: era a quadrilha composta pelo gurka, o lopa , Oskar Feil e eu!

Logo se abriu a porta e alguns lamas pretenderam sair. Tossiam e choravam pela fumaça, e seus simples rostos asiáticos representavam a imagem do espanto. Von Grossen os metralhou sem piedade e bramou:

- Às outras portas!

Em efeito, as restantes portas se abriram também mas foram muito poucos os sobreviventes que tivemos de suprimir: o intenso calor e o desmoronamento do piso superior, acabou com a maior parte antes que pudessem chegar às saídas. Como os vigias, como a guarnição, a totalidade dos lamas do Gorro Kurkuma terminaram aniquilados por causa de nossa superioridade na arte da guerra.

Capítulo XXVII

Uma hora e vinte e um minutos. Karl Von Grossen, Heinz, Kloster, Hans, Oskar e eu, o conjunto de cinco lopas, e o gurka, salvamos os trezentos metros que nos separavam da torre esquerda. Tivemos que abrir caminho sangrentamente entre o escasso povo que ainda corria caoticamente sem saber o que fazer, mas essa via de escape planejada por Von Grossen demonstrou, senão a única possível, umas das poucas que restavam. Outro curso de evasão, por exemplo, poderia haver considerado o meio aquático do lago, o que não seria fatível fazer era regressar por onde viemos, ou seja, pela avenida, já que a mesma se assemelhava agora a um nível de alta temperatura pelo efeito do incêndio geral, efeito antecipado pelo previsor Von Grossen.

No centro de um impressionante círculo de cadáveres, ao pé da escadaria, demos com o monge kâulika. Antecedidos por este, fomos subindo em coluna até a torre e baixando rapidamente com a corda ao exterior da muralha.

Sem obstáculos dignos de menção, empreendemos a retirada em direção ao Norte. Quinhentos metros mais adiante achamos o monge kâulika com os cavalos e completamos a retirada, deixando velozmente a destruída aldeia duskha. O caminho ascendia pela lateral e eu não pude evitar voltar-me um instante para contemplar pela última vez a conseqüência de nosso ataque. A imagem que percebi, como corolário da operação, foi dantesca: com o marco tenebroso da noite cerrada, se distinguia nitidamente o quadrado do interior da muralha, iluminado pelas resplandecentes rajadas do incêndio que todavia, conservava sua vitalidade destrutiva. O fogo, como uma besta famélica, havia decidido devorar a tudo, e ainda se alimentava do sinistro Monastério; o edifico, que fora o mais alto da aldeia, ardia livremente e suas chamas projetavam um espetáculo multicor sobre o espelho imutável do lago Kyaring; sob essa luz, até me foi possível reconhecer o maldito Templo de Rigden Jyepo, que estava construído integralmente com pedras brancas.

O êxito do ataque havia sido total de haver podido seguir o curso de uma variante planejada por Von Grossen, que contemplava a dinamitagem daquele Templo satânico. Mas não se dispôs de tempo material para ele, ou seja, o tempo se incumbiu em cobrir as portas do Gompa a fim de evitar que escapassem os lamas: ao realista Von Grossen lhe pareceu mais prático matar a todos os lamas, inimigos vivos, que empregar a violência em um símbolo "inerte" tal como o Templo. Mas eu discrepava com semelhante critério, pois considerava que tinha mais peso real, como adversário, o Lamastério que os lamas: a Fraternidade Branca lhe seria muito mais fácil recolocar os lamas que reconstruir o milenar Templo! Entretanto, nada lhe reprovaria a Von Grossen já que, graças a seu indubitável profissionalismo, agora galopava a meu lado Oskar Feil.

Umas potentes exclamações me subtraíram bruscamente de tais pensamentos. Tardei em compreender que todos fizeram o mesmo que eu e se voltaram um segundo para levar a visão final da aldeia duskha. E agora, ao descer ao outro lado da loma, lançavam incontíveis e alvoroçados gritos de júbilo. Naturalmente, me referi aos alemães, pois os asiáticos permaneciam tão indiferentes como sempre. Von Grossen teve que usar da autoridade de seu grau militar para evitar que se entoasse em alta voz a canção Baldur Von Schirach, "Canto às Bandeiras das Juventudes Hitleristas". Eu

também a queria cantar nesse momento. E, recordando minha meninice no Cairo, a repetia mentalmente, como sem dúvida faziam meus Camaradas:

...Alemanha, um dia te elevarás radiante
Ainda que Nós tenhamos que morrer!
Nossos Estandartes ondulam frente a Nós,
Nossos Estandartes são de um Tempo Melhor,
Nossos Estandartes nos conduzem a Eternidade,
Sim, nossos Estandartes são superiores à Morte!

Sim, nossos estandartes eram superiores à Morte mesma; e desencadeavam a Morte sobre os inimigos, como acabavam de comprovar os lamas do Gorro Kurkuma. Os alemães desatavam a Morte porque a História nos convocava para isso; o Inimigo de nossos estandartes se arrependeriam para sempre de haver cravado suas garras vis na pátria. Recordei então a "Canção do Rebate para os alemães" de Dietrich Eckart, aquele membro fundador da Thulegesellschaft de quem Konrad Tarstein me achava incansavelmente, pois havia sido também um dos Iniciados de Adolf Hitler.

Convocação, Chamamento, Alarme, Rebato!
Só está a Serpente!
O Dragão dos Infernos!
A Estupidez e a Mentira romperam suas cadeias;
A Avidez pelo Ouro repousa no horrível assento!
Vermelho, como o Sangue, está ardendo o Céu;
Com estrépito pavoroso
Derrubam-se as Muralhas.
Golpe atrás de golpe também aos Sagrados Altares!
Os reduz a escombros o Dragão.
Tocai a Rebato agora ou nunca!
Alemanha, desperta!

Convocação, Chamamento, Alarme, Rebato!
Soai os sinos em todas as torres!
Tocai para que os jovens,
Os homens, os anciãos,
Os que dormem, abandonem seus quartos.
Tocai para que as mães deixem os pés dos berços,
Para que as meninas desçam as escadas.
Que o ar retumbe ressoe estridente,
Que brame! Que brame no Trono da Vingança!
Tocai para que os mortos
Saiam de suas fossas.
Alemanha, desperta!

Convocação, Chamamento, Alarme, Rebato!
Soai os sinos em todas as torres!

Tocai até que as chispas brotem.
Judas vem para conquistar o Reich.
Tocai até que as vestes se tinjam de vermelho.
Tudo em torno é Fogo ardente
E Dor e Morte.
Que a terra se levante
Sob o Trono da Vingança Salvadora.
Ai do povo que todavia dorme!
Alemanha, desperta!

A Historia convocava aos mais aptos a lutar contra o Mal. E os mais aptos éramos nós! Em um momento único da História havíamos alçado os Estandartes Eternos, como pedia Baldur Von Schirach. E por isso o Führer tocava a Rebato, como solicitara Dietrich Eckart. Ai dos povos adormecidos, ou entregues ao Mal, como os duskhas! Ai dos que não ouvissem o Toque do Espírito Eterno! Sofreriam a ira dos Filhos Despertos da Alemanha! O ocorrido no Tibet constituía um exemplo: como cinco oficiais ϟϟ e oito Iniciados kâulikas, lamentando uma só baixa, exterminaram a mais de um milhar de ferozes inimigos. Um por mil: justa proporção pela vida do Iniciado caído e a de Oskar Feil, que se propunham tomar.

Nossos inimigos, melhor dizendo, o Inimigo de nossos Estandartes, deveria compreender definitivamente que ***Nós*** não ameaçávamos em vão!

Capítulo XXVIII

Quero advertir ao leitor que eu não dispus de sorte parecida a sua, pois a narração de tio Kurt, referente à operação de resgate de seu Camarada Oskar feil, demandou vários dias. Sem fazer menção a essas interrupções, transcrevi as partes principais em forma correlata para não causar impaciência, uma impaciência parecia a que, como é de supor, me aconteceu nesses dias.

Somente acrescentarei que, como seguramente ocorrerá ao leitor, aquela façanha na qual participou tio Kurt, me traz de imediato à memória a "Façanha de Nimrod", relatada por Belicena Villca. Indubitavelmente, a aventura no Tibet tinha um cunho de ***heroísmo mágico***, um estilo de "intrepidez sem limites", qual a assemelhava à história do Rei Cassita. Além do mais, o Inimigo era o mesmo: o Inimigo do Espírito Eterno, o Inimigo da Sabedoria Hiperbórea, o Inimigo de "nossos Estandartes", como o denominava tio Kurt, ou seja, a Fraternidade Branca de Chang Shambala e seus agentes terrestres.

Do mesmo modo, relatarei nos capítulos seguintes os fatos mais interessantes de tio Kurt sem intervir. Naturalmente, empregarei tal critério até onde seja possível, ou seja, até o Epílogo. Epílogo? Que foi quando o relato de tio Kurt, e todo relato, teve de ser interrompido. Eu, por minha parte, já me havia recuperado da saúde a essa altura, e somente aguardava a culminação da história para cumprir a solicitude de Belicena Villca: cada dia que passava crescia minha determinação, pois a cada instante, as coisas se iam esclarecendo irreversivelmente em torno da Sabedoria Hiperbórea.

Segundo recordo, assim prosseguiu tio Kurt numa manhã:

Capítulo XXIX

Cavalgamos sem nos deter até cruzar o caminho Chang-Lam. Junto a ponte sobre o Rio Amarelo, no mesmo lugar onde o encontramos deixamos o gurka. Permaneceria escondido aguardando o resto da expedição, ou seja, aos monges kâulikas e aos cinco carregadores holitas. Nós, em troca, continuaríamos vários quilômetros para acampar nos montes do Nordeste.

Não convinha nos fazermos ver no momento, pois o ataque à aldeia duskha causaria o conseguinte alarme na região e ignorávamos a reação das autoridades oficiais do Tibet, que talvez suspeitassem de nossa intervenção.

Começava a amanhecer quando nos detivemos, sendo evidente que o bom tempo que nos acompanhara até então havia acabado. Densas nuvens sulcavam velozmente as alturas e uma brisa gelada, que nos calava até os ossos, anunciava sem equívocos possíveis a iminente tormenta. Tratava-se de uma tormenta de neve e o lugar mais protegido seria, paradoxalmente, o campo raso: de acampar contra as rochas de um barranco poderíamos terminar soterrados por uma avalanche. Demos ao fim com uma depressão elevada, um pequeno vale de 30 metros quadrados rodeado de suaves ladeiras, e nos empenhamos com rapidez em armar as barracas de alta montanha.

Ao meio dia foi impossível permanecer na intempérie, pois a brisa se havia convertido em franco vendaval, e tivemos de nos abrigar nas barracas. Somente os cavalos tibetanos, filhos de Zéfiro que eram, resistiam com naturalidade às inclemências do vento. Aquele retomo de monção do N.O., sacudia as tendas com violência e sibilava um lamento agudo e desolado, uma queixa que talvez surgia da alma de Rigden Jyepo ao chorar a sorte de seus adoradores.

Dentro de minha tenda outra tormenta ameaçava desatar. Mas a esta não causava o vento, mas a tempestuosa atitude de Von Grossen. Para o ***Standartenführer*** a operação contra os duskhas representava pura diversão, perda de tempo. Sua missão, alcançar a expedição de Schaeffer, não havia sido cumprida, e o tempo seguia transcorrendo inutilmente. De acordo a sua lógica, agora estávamos pior que antes: - em primeiro lugar – raciocinava – desconhecíamos o caminho secreto que unia o Portal de Shambala com a Porta de Shambala, perto do lago Kuku Noor; em segundo termo, parecia evidente que já não poderíamos segui-los como até então, ou seja, com a colaboração da rede kâulika, posto que os espiões gurkas ficaram de fora da expedição; e em terceiro lugar, cabia esperar que ao largo daquele caminho pouco ou nada freqüentado não houvessem povoados a quem indagar. Mas em quarto lugar, seria muito improvável que se os tivessem eles nos facilitassem a informação requeridas, depois que descobrissem nossa filiação contra a Fraternidade Branca, destruindo a comunidade de lamas do Gorro Kurkuma.

- Como, então, como haveríamos de alcançá-los, segundo rezavam as ordens da Divisão III da ***R.S.H.A.***?

Eu fingia ignorar estas perguntas e me contentava em explicar a Oskar Feil as verdadeiras causas de seu seqüestro pelos duskhas. Na verdade, havia caído em uma emboscada, a cilada era parte de um complô entre Ernest Schaeffer e os lamas do Gorro Kurkuma, cujo propósito tinha por finalidade prover uma vítima humana ao Culto de

Rigden Jyepo; portanto, tal conspiração tinha suas raízes na Alemanha, nos traidores que se intitulavam "as Forças Sanas da Alemanha", que planejaram aquela expedição e negociaram com a Fraternidade Branca o preço de seu apoio. E tal preço seria, sem dúvida, muito alto: somente para atravessar o Portal requeria-se um sacrifício, a execução de um símbolo da Nova Alemanha, a morte de um ϟϟ, o holocausto de um expoente da Aristocracia de Sangue do Terceiro Reich. Logo, em Shambala, Schaeffer conheceria o resto das condições. A Hierarquia Oculta apoiaria aos conspiradores com seus poderes mágicos e com suas efetivas organizações sinárquicas, em troca de destruir os alicerces espirituais do Terceiro Reich. Não somente o Führer e seu pessoal teriam de morrer, e o partido Nacional Socialista ser dissolvido, mas que se deveria extirpar o núcleo do tumor, isto é, haveria de desintegrar as ϟϟ e demolir a Ordem Negra ϟϟ, exterminando sem misericórdia seus Iniciados. Sim, o bisturi da Fraternidade Branca iria desta vez ao fundo da ferida, raspando se fosse necessário o osso da estrutura social alemã: somente assim, a posteriori da cirurgia maior, poderia edificar-se a ***Civilização do Amor*** sobre as cinzas da Civilização do Ódio Nazi.

- Mas até aqui, trataria-se somente de uma parte do preço: com o cumprimento destas pautas, os traidores não conseguiriam mais que demonstrar sua boa vontade para colaborar com o Plano da Fraternidade Branca – esclareci a Oskar – O apoio completo viria mais tarde, se os conspiradores triunfantes demonstrassem disposição em chegar até o final e encarassem uma transformação profunda da sociedade alemã que apagasse todas as nuances da Cultura Nazi e da Sabedoria Hiperbórea; uma sociedade alemã que se integrasse pacificamente na Sinarquia Universal da segunda metade do século XX exigiria, para que fosse aberta e confiável à Fraternidade Branca, uma forma de governo democrático e liberal, e uma Cultura Oficial na qual tivessem livre expressão o sionismo, a judaico-maçonaria e o judaico-cristianismo, ou as ideologias nascidas desses troncos sinárquicos. Então sim, se os traidores reinantes realizassem estas condições do pacto, a Alemanha se situaria no bando de Deus, do Bem, do Amor e da Justiça. E os alemães se veriam apartados para sempre de suas malignas Deidades ancestrais.

Assim é, Oskar – concluí - Ernst Schaeffer é mais um de um conjunto numeroso de traidores. Sua função na conspiração é firmar, em nome das "Forças Sanas da Alemanha", um Pacto Cultural sinárquico com os representantes da Fraternidade Branca. Não posso revelar em que consiste nossa missão, como vamos frustrar seus planos, mas te asseguro que já na Alemanha sua sorte estava decidida. Jamais passaria você pelo Portal de Shambala!

Oskar se sentiu ridículo quando supôs que Schaeffer o havia condenado desde o princípio a morrer no Tibet, que talvez somente com esse fim lhe permitiu participar da Operação ***Altwesten***, e que a espionagem que realizara para mim havia sido supervisionada por dois profissionais do S.D., participantes também da expedição. E para o cúmulo dos males teve de inteirar-se de que involuntariamente havia causado a morte de Gangi.

- Fui um tolo – afirmou envergonhado – E pensar que ***eu me atrevi a te aconselhar*** sobre a forma em que devia atuar e te sugeri consultar a Rudolph Hess. Todos devem ter burlado de mim!

- Não se torture, Oskar, que até então eu ignorava estes fatos. E até o último momento eu desconhecia a existência de outros espiões entre vocês. Agora só devemos

pensar em impedir que o infame traidor do Schaeffer leve a cabo sua infernal ação. ***Seus planos já estão falhando***: você está vivo e isso é o que conta. Virá conosco e conhecerá o final da história, comprovará o fracasso de seus vãos esforços por destruir a Nova Ordem – assegurei com convicção.

- Claros conceitos e mui admirável sua fé, Von Subermann – interveio Von Grossen – Mas não me disse ainda como vamos encontrar Schaeffer neste labirinto de montanhas, e com o Inverno quase em cima. Como o buscaremos? Crê por acaso que é possível rastrear ao acaso tal região?

Realmente, eu não tinha a menor idéia que respondesse a essas perguntas. Ante a pressão do ***Standartenführer***, só atinei a propor:

- Devemos inquirir aos kâulikas. Possivelmente eles sabem o modo de localizar a quem se desloca por territórios que lhes são sobradamente conhecidos.

Karl Von Grossen tomou a cabeça nas mãos ao compreender que suas suspeitas eram fundamentadas. Eu não possuía a solução ao problema de encontrar Schaeffer (Mein Gott: se falhasse nesse objetivo nem sonhar em regressas à Alemanha!). Aquela operação, Himmler e Heydrich o haviam deixado bem claro, ***podia constituir uma viagem sem volta***. O fracasso não era permitido. Se fracassasse, devia protagonizar uma sorte de harakiri ou seppuku, o honorável suicídio ritual dos samurais japoneses.

Mas Von Grossen, além de duro, era homem de proverbial sangue frio. Não obstante sua apreensão, disse:

- Boa idéia, Von Subermann, trataremos de levá-la imediatamente à prática.

Sem esperar resposta, desenganchou as telas da tenda e se precipitou para fora, efetuando vigorosos saltos de rã. Fora a ventania era forte. O segui perplexo e penetrei com ele numa das cabanas vizinhas dos lopas. Contrariamente a nós, que nos mantínhamos abrigados dentro dos sacos de dormir, os cinco tibetanos que tínhamos adiante, somente vestiam o uniforme de carregador inglês de alta montanha: paletó de calças verdes e borceguíes.

Contemplei com o olhar perdido como a neve de suas roupas se derretia e a água jorrava e corria pela lona do piso até a abertura, enquanto Von Grossen interrogava aos tibetanos em bodskad de Jam. Naturalmente, por dentro estava invocando aos Deuses, rezando para que se cumprisse o milagre e os kâulikas conhecessem as respostas que obcecavam ao ***Standartenführer***.

Logo, e posso assegurar que pela primeira vez nas semanas que levávamos juntos. Vi a todos os lopas sorrirem em uníssono. Sim, não cabiam dúvidas: nos olhavam e sorriam! E depois de trocarem entre si sugestivos gestos de cumplicidade, voltavam a observar-nos e riam mais forte ainda. Finalmente encheram a tenda com um coro de gargalhadas incontíveis.

O severo rosto do chefe ϟϟ demonstrava estupefação e o meu devia manifestar algo parecido. Porém, ambos aguardamos com paciência que os lopas dominassem a graça que lhes causara a pergunta de Von Grossen, tratando com esperança de vislumbrar uma resposta positiva na assombrosa reação.

- O que acha disso? - disse em alemão.

- Acho que se trata de você – disse enigmaticamente – Suponho que eles crêem que você conhece a forma de seguir a Schaeffer.

Assim era. Ao concluir o riso geral, Von Grossen repetiu a pergunta: existia algum modo de encontrar a expedição ocidental, agora que já haviam cruzado o Portal de

Shambala? Voltaram a entreolharem-se, tentados a rir, mas ao fim um dos monges kâulikas tomou a palavra:

Não burlamos de vocês, ainda que vossa pergunta bem pareça o que costumávamos chamar ***broma***. Pois não outra coisa que uma broma nos parece ao averiguar como se pode seguir a algo ou alguém no Universo, quando quem o pergunta vai acompanhado pelo amo dos cães daivas. Perguntem a si mesmos, com seriedade, quem poderia ocultar-se, e onde haveria um esconderijo tal, uma vez que os cães daivas obedeçam à ordem do Filho de Shiva e corram atrás de seus passos?

Von Grossen não soube o que responder e me olhou nos olhos com expressão hostil.

- Juro que não sabia! – me desculpei, escandalizado frente à possibilidade de que suspeitasse que eu não quisesse seguir Ernest Schaeffer.

- Diga-me o que devo fazer e cumprirei! – gritei indignado aos monges – Vosso Guru não me deu mais informação que um Yantra incompreensível somente 60 dias atrás não tinha a mais remota idéia de que existissem os cães daivas. Explica-me como devo proceder para conseguir que estas bestas localizem a expedição alemã.

Novamente se olharam entre si os lopas, mas seus rostos mostravam agora a habitual indiferença. O que havia falado, e ao qual chamavam ***Srivirya***, tomou a palavra:

- Sem dúvida vós também bromais, oh, Svami. Pois deveis saber melhor que ninguém, vós que vos encontrais além de Kula e Akula, como dirigir aos cães daivas. E se não o sabeis, o haveis esquecido, não vos custará muito sabe-lo ou recorda-lo empregando o ***Scrotra Krâm***, o Ouvido transcendente dos Tulkus, do qual estais dotado. Nosso Guru vos revelou o Kilkor, mediante o qual é possível formar ***qualquer palavra ou nome de coisas Criadas***, e vós conheceis o ***nome*** de vosso inimigo. Oh, Sahakaladai, Magia é Poder: e as palavras e nomes são os utensílios da Magia. Reproduzi o nome até o que querei dirigir aos cães daivas com a linguagem mágica do Kilkor svadi e eles obedecerão.

Seja porque realmente acreditei que se tratava de uma piada ou de uma espécie de prova, ou porque não desejava seguir falando sobre o tema, não tive modo de obter mais informação do lacônico Srivirya. Suas últimas palavras foram:

- Oh, Mahesvara, o que não discute jamais, não alcançamos a compreender o motivo que tens para confundir-nos com perguntas das quais somente vós podeis saber as resposta. O Círculo Kâula conhece a Magia que permite existir aos cães daivas, mas ninguém que não seja um Grande Guru ou um Tulku consegue domina-los com a mente, única via pela qual recebem ordens: eles escutam unicamente a Voz Interior dos Gurus e dos Deuses, os que estão além de Kula e Akula, os que são como Shiva; ***ou tenha seu Signo, como vós***. Eu nasci num Monastério do Círculo Kâula, e meu pai e meu avô foram Iniciados kâulikas; e nem eu, nem meu pai, nem meu avô, nunca vimos um Guru capaz de falar com os cães daivas, até que os Deuses vos enviaram conosco. Se é que quereis confirmá-lo, te-lo conhecido nos orgulha. Mas não nos envergonheis mais com perguntas que são próprias dos Deuses. Sabemos de nossa debilidade e confusão no Inferno de Maya e fazemos todo o possível para remedia-lo. Creia-nos, oh, Kshatriya: algum dia emergiremos da miséria humana em que se fundiu o Espírito e seremos como vós! Teremos, então, aberto o Scrotra Krâm, como vós, e poderemos saber de tudo. E os Deuses nos revelarão os segredos do Tantra, e os svadi daivas nos obedecerão como a vós!

Regressamos à barraca profundamente impressionados, ainda que por motivos diferentes. A Von Grossen lhe surpreendia que os temíveis kâulikas se abrandavam em minha presença e me tratassem quase como um Deus. A mim, justamente essa deferência me causava inocultável desagrado, talvez porque não acabava de compreender completamente o que ocorria ao meu redor. Desde que fora seqüestrado pelos ofitas, na infância, até então havia ocorrido o fenômeno de que certos homens particulares percebiam em mim, ou por mim, um significado espiritual que os arrancava do Mundo material e os elevava até as cúspides mais excelsas do Espírito Eterno, Infinito e Não Criado. E esse significado procedia de um Signo que se revelava em mim, ou por mim, um Signo que os ofitas chamavam "de Lúcifer", Konrad Tarstein, "da Origem", e os kâulikas, "de Shiva". Os homens particulares que o percebiam, segundo Tarstein, e coincidindo segundo vejo agora com Belicena Villca, compartilham comigo da Origem comum do Espírito e levavam em seu Sangue Puro, inconscientemente, o Símbolo da Origem. Por isso percebiam o Signo da Origem em mim, na verdade, não o ***conheciam***, mas o ***reconheciam***. Projetavam-no em mim e então se tornava consciente, descobrindo a Presença do Espírito em Si Mesmo, revelando o Mistério da Origem. Mas esse significado que eu manifestava, e que esses homens particulares compreendiam, ***era insignificante para mim***.

Em rigor, deveria dizer não-significante, pois o Signo me importava muito, apesar de não poder compreendê-lo, de não conseguir abarcar seu conteúdo com a mente consciente. E essa impotência intelectual era a causa da perturbação que ainda me causava comprovar que certos homens particulares o percebiam. Podia tolerá-lo, como no caso do Pagode Kâulika, mas sempre saia mal da experiência.

Desta vez, a perturbação de sentir-me transcendido pelo significado do Signo, somou-se ao efeito do incrível conhecimento que tinham os kâulikas sobre o Ouvido Interior. Como se inteiraram que eu possuía essa faculdade, produto do poder carismático do Führer, é algo que nunca soube. Mas a Von Grossen o tema o fascinava, dissipadas suas questões depois da insólita explicação de Srivirya, e o assunto do Ouvido Interior não se lhe havia escapado. Apenas nos acomodamos na barraca, e perguntou a queima roupa:

- Que Demônios é esse tal Scrotra Krâm, Von Subermann?

- Sinto, meu ***Standartenführer*** - disse no ato, e não sem rispidez – mas não posso te responder a essa pergunta. Direi-lhe sim, que farei o que puder para realizar a idéia dos monges kâulikas. Se for certo que os cães daivas são capazes de rastrear a Ernest Schaeffer, tenha a segurança de que o acharemos. Vou trabalhar desde já para encontrar a solução do problema, e empregarei o Scrotra Krâm, caso necessário. É tudo quanto posso dizer.

Os olhos de Von Grossen chispara mas, como de costume, mantive a serenidade e não me molestou mais. Indubitavelmente eu não podia falar com ele do Ouvido Interior, porque Konrad Tarstein havia tomado minha palavra de que somente faria com "membros de meu próprio círculo", e um sexto sentido me advertia a gritos que Von Grossen não o era.

Essa noite, quando todos estivessem dormindo, decidi "empregar o Scrotra Krâm", ou seja, comunicar-me com a Voz do Capitão Kiev. Como a primeira vez, como

sempre, não tardei em ver-me inundado de Sabedoria. Compreendi que os bijas do Yantra não somente permitiam emitir um conjunto de ordens fixas, segundo me revelara o Guru Visaraga, mas que constituíam um Alfabeto de Poder com o que se podia formar "qualquer nome de coisas criadas": os kâulikas, evidentemente, conheciam aquela propriedade, mas ignoravam a chave alfabética que ordenava os 49 bijas e possibilitava a codificação de qualquer palavra. Porém, não seria difícil para eles descobrir o Alfabeto de Poder efetuando uma análise criptográfica das "palavras de comando" para os cães daivas que figuravam em suas fórmulas mágicas.

Seja como for, o certo é que a mim havia sido revelada a totalidade do segredo. Conhecia agora um símbolo, semelhante a um plano de um labirinto, que aplicado sobre o Yantra dotava aos bijas de uma determinada ordem, a cujo arranjo se deviam ajustar as palavras formadas, Verifiquei várias vezes com as "palavras de comando" do Guru e, quando estive seguro de não cometer erros, me entreguei à tarefa de traduzir a sentença "***sigam a Ernst Schaeffer***" na língua do Yantra svadi.

Capítulo XXX

Pela noite se amainou o temporal e de manhã o céu se apresentava limpo, sem vestígios da tormenta passada. Até o vento havia cessado por completo e o vayu tattva se mostrava sereno. Um silêncio total reinava agora no diminuto vale. Os cálidos raios de Surya, o Sol, apenas alcançavam a derreter parte da neve acumulada. Porém, mais radiante que o Sol me achava eu, pois ainda não havia dormido durante toda a noite, estava seguro de ter a solução para dirigir aos cães daivas nos rastros de Ernest Schaeffer, e isso conseguiu me estimulai e me excitava.

Ao ver-me, Von Grossen não necessitou perguntar nada para saber que o problema estava resolvido. Ocupou-se, em troca, de enviar um lopa para encaminhar ao gurka até nosso acampamento; depois se concentrou em estudar os deficientes mapas do Tibet e do Oeste da China. Passei a manhã conversando com Oskar e os outros oficiais[d], e ao meio dia almoçamos uma sopa cozida pelos monges, formando todos juntos uma grande roda de comilões. A recente aventura nos havia aproximado do perigo e da morte, e deixado como saldo positivo uma sadia camaradagem que me recordava os dias da ***hitlerjugend***. Sim, poderia até te assegurar, neffe Arturo, que naqueles momentos nos embargava uma despreocupada alegria.

Já anoitecia quando chegaram o gurka, o lopa mandado por Von Grossen, os dois lopas que deixamos em Yushu, e os cinco carregadores holitas com os yaks, os zhos, e os terríveis cães. Creio que jamais em minha vida senti tamanho contentamento nessa ocasião, ao recobrar os cachorros daivas. A chegada foi muito festejada pelos oficiais das ϟϟ, além de víveres, nos yaks vinham outras cinqüenta cargas de Schmeisser e balas de Luger, justo para repor as munições gastas contra os duskhas. Os dois monges kâulikas traziam notícias frescas sobre o ataque, recolhidas no caminho Chang-Lam. Toda a região do Tibet estaria, pelo visto, comovida pelo sucesso. Pelo caminho, tropas de um intitulado "Príncipe de Kuku Noor" os havia interceptado, mas logo das explicações recebidas lhes permitiu partir sem problemas. Aquele incidente era conseqüência da guerra civil: em algum momento de sua História, o país do Tibet chegava até o lago Kuku Noor. Posteriormente, os chineses formaram a província desse nome e fizeram retroceder a fronteira do Tibet mais ao Sul do Rio Yang Tse Kiang, e ultimamente, depois da incorporação de outros pequenos estados, principados ou feudos tibetanos, construíram a grande província de Tsinghai.

Ao começar a guerra entre Japão e China, e pela ausência do poder central pela ocupação da capital do Celeste Império, os tibetanos viram a oportunidade de recuperar seus antigos senhorios e tornar-se independentes da China e unir-se novamente ao Tibet. Nesse caso particular, o ressurgido Príncipe de Kuku Noor era um fervoroso budista da tribo tibetana lubum, cujos membros formam parte da aristocracia lamaista. Sua devoção e respeito pelo Dalai Lama não tinham limites, e a agressão aos duskhas o havia afetado profundamente. Por tal razão enviou várias tropas de homens armados em busca dos atacantes.

- "Somos – disseram os lopas – servidores de um rico comerciante do Butão, e nos encaminhamos a Sining para negocias sua mercadoria".

Viajavam com o consentimento do Dharma Rajá, para quem deviam cumprir certos encargos. E mostraram aos soldados tibetanos uma carta do Dharma Rajá na qual constava a lista de objetos a adquirir.

Isso bastou. Os lopas obsequiaram uma garrafa de aguardente de ***solja*** butani e os soldados soltaram abundantes informações. "Deviam cuidar-se durante a viagem porque existia uma turma de bandoleiros fortemente armada que operava na região. Recentemente atacaram e destruíram uma aldeia de pacíficos e Santos lamas, pelo que se via bem claro que não se tratava de tibetanos, nem sequer de religiosos, mas de estrangeiros indesejáveis. A menos que fossem membros da clandestina seita Kâula, que odiavam os lamas budistas ou hinduístas em geral; mas eles nunca se atreveriam a tanto. Os sobreviventes duskhas afirmavam ter sido atacados pelos Asuras, mas os soldados não eram tão crédulos e suspeitavam que os "demônios" seriam na realidade ocidentais, secundados por matadores chineses. Se estavam certos, os malfeitores tentariam regressar à China pela indefinida fronteira do Leste, a que se propunham vigiar desde agora".

De maneira que nos buscavam e, como atinadamente predissera Von Grossen, não poderíamos nos fazer ver por bastante tempo. Os monges kâulikas tinham outras novidades.

Sues contatos com membros do Círculo Kâula lhes permitiram inteirar-se de que um profundo movimento subterrâneo de simpatia por nós estava se articulando em todo Tibet espiritual. A muitos admirava aquele grupo de Iniciados que matavam sem piedade aos discípulos do Senhor de Shambala. Seria muito difícil regressar ao Butão pelo mesmo caminho, mas nossos aliados tibetanos nos garantiam uma segura fuga através da China até as linhas japonesas. O Japão se encontrava então em excelentes relações com a Alemanha e no consulado alemão de Shangai funcionava ativamente uma delegação do Serviço Secreto da[d]. Se chegássemos até lá, poderíamos embarcar sem inconvenientes. A comunidade kâulika de Sining nos ajudaria nessa empresa.

Mas ainda era prematuro falar da saída do Tibet. Antes, deveríamos achar Schaeffer e neutralizar seus planos.

- Estamos em condições de partir ao amanhecer, Von Subermann? – perguntou cortesmente Von Grossen.

- Iawohk, mein ***Standartenführer***! - respondi com segurança.

Deixamos tudo pronto e, ao amanhecer, levantamos acampamento e nos dispusemos a partir. Von Grossen esperava que eu o indicasse claramente o rumo, mas o único que poderíamos fazer seria acompanhar aos cães daivas. O fiz entender e me situei adiante da coluna, tomando com as mãos as guias dos cachorros. Desde o Infinito do Espírito, além de Kula e Akula, dando a ordem "seguir a Ernest Schaeffer" na língua do Yantra svadi e penetrou no Universo da Formas Criadas, atravessou o âkâsha tattva e se implantou no corpo anímico dos cães daivas. E os incríveis animais, como se realmente estivessem farejando um rastro físico, se puseram rígidos e estiraram as cabeças para frente, e partiram como flechas em direção ao Norte.

Viajamos vários dias desse modo, sempre escoltando aos cães daivas e estes seguindo as invisíveis pistas da expedição alemã. No princípio Von Grossen não pos

objeção alguma, mas depois começou a inquietar-se, a desconfiar, e a insinuar abertamente a possibilidade de que os cães se tivesse extraviado. Em honra à verdade, devo dizer que não carecia de razões para duvidar, pois a errante marcha dos cachorros, que ora iam ao Norte, ora para o Leste, ora regressavam ao Sul, ora torciam ao Oeste, o havia desorientado por completo.

Sua bússola e seus mapas eram totalmente inúteis, me disse dramaticamente um dia: - Estamos perdidos no coração do Tibet, num lugar absolutamente desconhecido para a civilização! ***Talvez num lugar que não é deste Mundo!*** – Não é que o racional Von Grossen se tivesse tornado repentinamente supersticioso: ocorria que os cães daivas nos conduziram realmente por uma rota que não parecia deste Mundo. Nesse momento nos encontrávamos num enorme vale, ornado de regular vegetação e dotado de primaveril clima; tudo era tranqüilo e perfeito ali: ***só que este lugar não podia existir onde estava***. Observei um pequeno pássaro pousar numa árvore, vi um arbusto com flores amarelas, dei uma olhada perdida numa lebre veloz e compreendi que a circunstância não tinha explicação. Então me preocupei e dei razão às reclamações de Von Grossen.

"Onde diabos estamos?" pensei, enquanto detinha aos cães com uma ordem mental. Von Grossen me contemplava fatigado.

- Finalmente compreendeu o problema! Há tempos que lhe advirto que algo não anda bem, mas você não me escuta. Não escuta ninguém. Só presta atenção a seus malditos cães. Não nego que em tudo isso há fatos sobrenaturais, fatos que talvez eu não possa compreender. Aceito e não tento mudar as coisas. Sei que os cachorros nos guiarão por sendas estranhas, ilógicas, para alcançar a quem também transita por um caminho mágico. O sei e não busco compreender como o fazem. Para isso está você. Mas, ouça-me bem, Von Subermann: não pode acontecer que, neste ou em outro Mundo, os cães se desorientem, se extraviem, percam a pista de Schaeffer ou sigam um rastro falso? Não pode haver, por acaso, outros Magos, inimigos nossos, que interfiram em seu rumo?

- Absolutamente, não! - lhe disse, mas agora era ele quem não escutava.

- Há uma semana que marchamos, supostamente ao Lago Kuku Noor, ou seja, para o NE. Sabe em que região deveríamos estar?

- Sim – aceitei de má vontade - Em Tsinghai. Este vale...

- Não, Von Subermann: você sabe perfeitamente que um vale como este ***não existe em Tsinghai***! Você é um ***Ostenführer***, se bem me lembro, li em sua ficha. Vale dizer que conhece bastante a geografia da Ásia. ***Deveríamos*** estar em Tsinghai, e às vezes parecia que estávamos ali, mas definitivamente ***isto não é Tsinghai***! Não sabemos sequer se é o Tibet!

Karl Von Grossen riu histericamente e continuou. Decidi esperar que se acalmasse.

- Olhe a bússola. Para lá está o Leste, de onde viemos. Lembra o grande lago que vimos e que concordamos que não poderia ser outro senão u Kuku Noor? Pois bem, a orla Leste desse lago dá ao vale de Tsinghai, entre os Montes Nan Chan ao Norte e a Cordilheira Kuen Lun ao Sul. Conhece a distância entre o lago e os montes Kuen Lun? Se quiser, pode consultar o mapa.

- Considerando que a Cordilheira Kuen Lun se estende paralelamente de Leste a Oeste, creio que há uns 30 km. Entre o lago e seu extremo oriental, a cadeia Amne Ma-

Chin; - disse de memória – e entre a orla Lesta e o extremo ocidental de Kuen Lun, a cadeia Altyn Tagh por exemplo, tem uns 1000 km.

- Isso! – confirmou triunfante – Agora olhe para o Sul com o binóculo. Reconhece esses montes, a não mais de quinze km?

- São os Altyn Tagh! - exclamei estupefato – O extremo Oeste da Cordilheira Kuen Lun!

- E lhe parece, Von Subermann, que desde ontem para hoje pudéssemos percorrer 1000 km?

- Nein!

- Agora está sendo razoável – aprovou 0 Lhe direi quanto andamos, já que efetuei um cálculo preciso: ***somente vinte e cinco km***. Compreende? ***Unimos em somente 25 km dois lugares que normalmente estão separados por 1000 km***. O que ocorreu à distância normal? Encurtou-se? Tome consciência, Von Subermann: ***no planeta que nós nascemos e estudamos, o Lago Kuku Noor não se encontra a 25 senão a 1000 km dos montes Altyn Tagh. Este lugar é Tibet e China de uma vez***!

Ante aquela realidade tangível, de acharmos frente aos montes Altyn ***Tagh***, no Oeste da Cordilheira Kuen Lun, se esclarecia inesperadamente o significado do nome chave ***Altwestenoperation***, que entendíamos como Operação Velho Oeste: engenhosamente, haviam cortado a palavra chinesa ***Altyn*** para formar a voz alemã ***Alt***, velho. Mas então, quase ao final da aventura, se compreendia o sentido verdadeiro: a nefasta missão se chamava na verdade "Operação ***Altyn Tagh***". Pensei tontamente nisto, enquanto Von Grossen insistia em expor a necessidade de revisar a Estratégia da Operação Chave Primeira: ele, que uma semana atrás me obrigara a usar da faculdade do ***Scrotra Krâm*** e a lançar os cães daivas atrás de Schaeffer, afirmava agora a necessidade de revisar a Estratégia própria. ***Wahnsinn!***

Começamos a falar apartados do resto da caravana, mas os três oficiais ϟϟ se foram aproximando em silêncio e agora estávamos rodeados por eles. Von Grossen suspirou e me pôs paternalmente a mão no ombro.

-Atente aos tibetanos – indicou – Não lhe parece insólita sua expressão? - De fato, aqui Von Grossen não exagerava: a atitude dos monges kâulikas era indubitavelmente fora do comum. A natural e imperturbável tranqüilidade havia desaparecido e era notável que estavam nervosos e alarmados. Aqueles guerreiros, que não vacilam frente a um inimigo cem vezes superior, se revolviam incansavelmente para vigiar todas as direções, como se esperassem que o próprio Satanás fosse aparecer às suas costas!. Não reparei antes nisso porque os cães tiraram toda a minha atenção, como me reprovara Von Grossen.

Maldisse por dentro e somente comentei:

- É curioso...

- Curioso? É incrível. Você acabou de perceber, mas há um dia que se puseram assim. Eu tentei averiguar o que lhes passavas, mas me responderam com evasivas, mas a você, que respeitam, não negarão a responder.

- Quero saber o que se passa, Von Subermann! – prosseguiu - Antes de continuar esta viagem de louco, quero saber o que se passa: se estamos extraviados, ou em outro Mundo, ou o que há com os tibetanos, quero saber tudo. Não me oporei a retomar a marcha guiado pelos cães, ***mas creio ser necessário que você reflita e esteja atento ao que ocorre ao redor***.

Evidentemente, minha abstração dos últimos dias o havia afetado. Mas se equivocava Von Grossen. Queria-se achar Ernest Schaeffer, se pretendia que os cães daivas obedecessem a ordem correta, o pior erro que podia cometer, seria "estar atento ao que ocorria ao meu redor" e "refletir". Justamente, o segredo para controlar os cães consistia na capacidade de situar-se ***distante de tudo "ao redor"***, fora do Espaço e do Tempo, além de Kula e Akula, e sobretudo, se requereria não pensar, não perceber, não "***refletir***".

Sem perceber, o ***Standartenführer*** queria obrigar-me a cair no Maya, a Ilusão das formas materiais que enchiam nosso "redor", que compunham o contexto do Grande Engano. Mas ele era um homem cultíssimo, que falava com desenvoltura do Vril e demonstrava compreender os termos do Espírito: a Eternidade, o Infinito, a Liberdade Absoluta. Como explicar, então, o que eu sabia? Optei por calar. Não queria lastimá-lo, pois somente podia atribuir seu esquecimento dos princípios básicos da Sabedoria Hiperbórea a ***uma intensa sensação de terror***.

- Perguntarei ao gurka –propus – Me parece que é quem mais afinidade tem conosco.

Von Grossen concordou e o chamamos em seguida. Como ele supôs, Bangi não se negou a responder-me.

- Estamos – disse - no "Vale dos Demônios Imortais". Muito perto daqui há de se encontrar a Porta de Chang Shambala. Vós não haveis desenvolvido a visão psíquica e por isso não vêem o Santuário da Rainha Mãe do Oeste. Mas há um dia que nos aproximamos dele e nós kâulikas o percebemos a cada instante com maior nitidez.

O gurka apontava para os montes Kuen Lun. Ora falava em Bodskad, ora em inglês ou alemão, o que demonstrava sua perturbação.

- Sim, ali está o Santuário de Hsi Wang Mu, Inimiga de Kula! - afirmou tremendo. - Ela é quem outros chamam Dólmã, Tara, Kuan Yin, e também Binah, a Mãe dos Homens Mortais de barro. É tradição que a este Vale dos Imortais só entrem os que Ela ama e deseja preservar para que adorem a Brahma, o Criador, e sirvam ao Rei do Mundo, quer dizer, somente os que odeiam Kula, os que rechaçam a Boda Eterna com a Shakti Absoluta, os não-homens, os não-viris. Jamais um Kâulika pôs os pés neste caminho contrário ao **Tao, o Caminho e o Fim no Princípio**; nunca um Esposo de Kula trilhou caminho tão miserável, oposto à própria Vruna!

Vós e os cães daivas nos conduziram ao Inferno, para protagonizar no corpo físico o maior desafio desta vida. ***Ela nos converterá em animais, mas nós lutaremos aqui se preciso; por Shiva; e por vós, Filho de Shiva; e por vosso Führer, o Senhor da Vontade Absoluta. Mas sobretudo lutaremos porque sabemos que vós, que nos guiaste à Guerra contra os Asuras, não nos abandonareis no Inferno. Sois um Guerreiro do Céu e do Inferno, um Homem de Honra, e sabereis como nos tirar daqui!*** – Tal convicção, óbvio, me impressionou profundamente.

- Estamos no Inferno? Agora sim chegamos longe! - comentou Von Grossen com ironia - Então é possível que esse filho da puta do Schaeffer se encontre próximo, já que esse é o lugar mais apropriado pra ele.

Por suposto, ninguém imaginou que a piada de Von Grossen correspondia à mais estrita realidade: o traidor e a expedição alemã estavam perto, muito perto dali. No

entanto a viagem não se retomou até a manhã seguinte, por iniciativa minha. Queria que todos descansassem e busquei desculpas triviais para parar a viagem. Expliquei, ao já menos apressado ***Standartenführer***, que precisava "refletir" sobre o visto e ouvido, e revisar as ordens dos cães Daivas. E creio que pela primeira vez na viagem, desde Butão, todos agradeceram internamente ter de perder um dia no Umbral do Vale dos Demônios Imortais.

A camaradagem não é um ***vínculo*** quantificável, uma ***relação*** mensurável, uma ***razão*** entre companheiros. Não é um mero nexo afetivo, como a amizade, senão ***coincidência espiritual, identidade de ideais que se realizam simultaneamente***. A camaradagem é determinada por instantes absolutos: o tempo e o espaço do feito, mas carece de dimensão temporal extensiva, a saber, da camaradagem não admite categoria de duração, é inconcebível um Camarada permanente, como um amigo. A camaradagem produz Camaradas do ato, da circunstância coincidente, implica o encontro de dois ou vários, num mesmo instante, com um ideal comum que ***se concretiza***. A amizade, pelo contrário, é temporalmente extensa e espacialmente limitada e abarcante; consiste em um grosso nexo sentimental, quase mensurável, que une as pessoas com independência do fato em que participam. A amizade é independente de toda norma ética porque brota do coração, como toda relação afetiva. Na camaradagem, pelo contrário, sempre está presente a Honra. Exige-se não questionar a conduta moral de um amigo; é obrigação, em compensação, observar a atitude ética de um Camarada. ***Pode-se trair a pátria com a ajuda de um amigo. Mas somente é possível morrer pela pátria com a ajuda de um Camarada***.

Da oposição entre amizade, afetiva, e camaradagem, espiritual, surge com clareza por que o traidor consegue estender sua traição no tempo, "para sempre", analogamente à amizade, e por que o herói deve demonstrar seu valor no ato de um instante, instante que a Honra, e a ética da humildade, obrigam a esquecer posteriormente: esse instante do herói, que leva implícito todo valor no ato de sua ocorrência, é a instância absoluta dos Camaradas, a coincidência perfeita dos que vão lutar a favor do mesmo ideal. Porque, e o esclarecimento é evidente, o instante do herói é um tempo próprio de Kshatriyas, de Guerreiros; ou seja, de Camaradas.

Em uma trincheira estão refugiados um chefe e dez soldados. Logo cai dentro uma mortífera granada. Um soldado se joga sobre ela e amortece a explosão com seu corpo: morreu, mas salvou a todos os demais; é um ***herói***. Há que se advertir, nesse exemplo, que o herói, em sua instância absoluta, é o ***líder carismático*** do grupo. Observemos bem: trata-se de um exército profissional, existem hierarquias e graus militares, superiores e subordinados, chefes e soldados. Porém, essa organização exterior, essa ordem superficial, não conta frente a Morte imponderável; as forças internas da ordem humana são impotentes para se opor à potência dissolvente da Morte. Ao cair a granada na trincheira, somente são reais a Morte e os homens que vão morrer. Nesse instante de terror não há superiores e subordinados, chefes e soldados, mas homens que vão morrer. Mas alguém decide opor-lhe o corpo à Morte. Pensa num instante e decide deter a Morte, não a deixará passar além de si. Não é um suicídio: é um ato de entrega da própria vida em favor de um ideal. "Morro para que triunfem eles".

Primeiro ato: Cai a granada na trincheira e a granada é a Morte: frente a ela, um grupo de homens irá morrer.

Segundo ato: Um homem se levanta de sua própria humanidade e decide "morrer ele e salvar a eles", "para que triunfem eles". E quem assim obra não é nem chefe nem soldado, pois o valor não requer hierarquias, mas o heroísmo. Eis aqui um milagre: ***um soldado se apodera da instância absoluta e deixa de ser soldado para converter-se em herói. E já não há chefes nem soldados, nem sequer homens que vão morrer, senão o herói e seus Camaradas***.

Seus companheiros, chefe e soldados, são os Camaradas que coincidem junto a ele no ato da Morte. Mas, sobre todos os atos, está o objetivo da guerra, o ideal do guerreiro, a pátria ou talvez uma meta nacional. A realização do ideal necessita, pois, o feito da vida. A Morte, nesse caso, é o Inimigo. Daí que, frear a Morte, evitar que quite a vida dos que lutam pelo ideal, seja um ato de serviço ao ideal, fora de todo regulamento. Se não fosse assim, o ato do herói seria um mero suicídio e os sobreviventes salvariam uma vida sem sentido. Mas a vida resgatada da Morte tem um sentido: ***o triunfo do ideal***. O herói se lança sobre a granada, mas lhes diz claramente a todos: "morro ***para que vós triunfais***", ou seja, "morro assim para que triunfemos todos", "morro assim para que triunfe o ideal", "Triunfai!". Não os diz "Vos presenteio com a vida".

E como lhes disse? ***Carismaticamente***. Todos o escutam com o Sangue; por isso não sentem que devem a vida ao herói, mas que devem triunfar, derrotar o Inimigo, ***cumprir com sua missão***. Então há ordem? Sim, mas não a ordem artificial da organização militar, mas a formalidade da Mística no instante de arrojo, o herói é o ***líder carismático*** de seus Camaradas e seu último pensamento é uma ***ordem*** que todos acatam. Uma ordem dada fora da hierarquia militar, desenganchada da cadeia de comandos, mas de maior força que qualquer disposição exterior porque foi emitida dentro de cada um, simultaneamente com a explosão da Morte, Sob a forma Mística do ideal, os Camaradas receberam, num instante único, a ordem do líder carismático, que o é porque nessa instância absoluta os supera a todos com o valor heróico de seu ato.

Regressando à comparação anterior, agora se pode apreciar melhor a diferença entre a amizade e a camaradagem: ***os amigos podem dar-nos muito, inclusive tudo o que tem; talvez até a vida por nós. Mas somente Camaradas nos dão algo maior que suas vidas, inclusive maior que nossas próprias vidas, isto é, o ideal. Somente um herói, ou um Camarada crerá em nós como heróis ou Camaradas e nos ordenará seguir ao ideal, nos assinalará o ideal, nos revelará o ideal, nos aproximará do ideal***.

Ser amigo é estar ligado a um coração alheio. Ser Camarada é estar comprometido com um ideal; significa assumir, no momento oportuno, a instância absoluta do herói, se fosse necessário, liderar carismaticamente aos Camaradas, ordenar a marcha ao ideal, morrer pelo ideal. "***Alemanha, um dia te elevarás radiante / ainda que Nós tenhamos de morrer / ... / Sim, nossos Estandartes são superiores à Morte!***".

Mas nem sempre os heróis tem que morrer. Herói é também aquele que lidera seus Camaradas no instante absoluto e os conduz diretamente à vitória. E todos o seguem, persuadidos, arrebatados, ganhos, porque sabem carismaticamente, com o Sangue, que ele viu o ideal e se propões a realizá-lo. Cumpre-se assim um princípio universal da Sabedoria Hiperbórea; "***um conduz aos Camaradas e o ideal se realiza***".

Em nossa esquadra imperava a ordem militar. Existia uma escala de comandos que se iniciava em Von Grossen, continuava comigo, prosseguia com Hans e Kloster, e

culminava em Heinz, os guerreiros kâulikas também tinham sua hierarquia, e seus chefes recebiam diretivas nossas.

Contudo, por cima da organização militar, a todos nos unia o ideal comum do Espírito, do Nacional Nacionalismo, do Führer. Num dado instante, todos éramos Camaradas, e então podia ocorrer a instância absoluta do herói. Durante a viagem, e o ataque aos duskhas, a esquadra funcionou como um corpo militar e as hierarquias e graus se respeitaram. Entretanto, quando o objetivo buscado se tornou incorpóreo, e a Morte e a loucura começaram a nos rondar, e foi finalmente evidente que nem Von Grossen nem ninguém, salvo eu, poderia tirá-los daquele sinistro "Vale dos Demônios Imortais", a ordem hierárquica se descompôs e se produziu a coincidência carismática: Eu e os Camaradas. Todos acreditavam em mim, esperavam de mim, confiavam em mim.

A circunstância, é claro, requeria um herói e um líder. Era consciente disso e ***não estava disposto a deixar passar a oportunidade***. Por isso queria que descansassem antes de retomar a busca de Ernest Schaeffer: depois não haveria mais tempo. Porque, nesse instante absoluto, seguido sem titubear por meus Camaradas, e seguindo pela minha vez o Caminho de Kula e Akula, nos lançaríamos à garganta do Inimigo. Morreríamos ou triunfaríamos, mas seja qual fosse o caso, nossa morte ou triunfo significaria para os Camaradas da Alemanha a ordem de realizar o ideal, a vitória do Führer. – "Morreremos para que eles triunfem" – pensava, tremendo de resolução heróica. O ideal? Como diria Baldur Von Schirach, o ideal consistia em "nossos Estandartes".

Capítulo XXXI

A partir dali tudo aconteceu muito rápido e do mesmo modo o narrarei, neffe Arturo.

De manhã cedo estávamos preparados para reiniciar a perseguição. A totalidade dos guerreiros aprontou suas armas, como se fossemos a qualquer momento, lutar numa batalha: os tibetanos revisaram as flechas e o fio de suas facas, e aguardavam a voz de marchar com a mão apoiada no punho das cimitarras; os alemães se provizavam de cargas e granadas, e trocavam os fuzis Mauser pelas metralhadoras Schmeisser. Ainda que as ordens de Konrad Tarstein, idênticas às que recebera Von Grossen do S.D., me exigiam somar-me pacificamente à expedição de Ernest Schaeffer, eu duvidava que isso fosse possível agora. E tampouco considerava possível Von Grossen e os outros oficiais ϟϟ. Não depois de ter entrado naquele Vale dos Imortais, depois de ter visto essa região paradisíaca no meio das neves eternas, esse oásis nas alturas de Kuen Lun. Tal lugar não podia existir sem vigilância. E os guardiões não estariam dispostos a deixar0nos avançar nem retroceder. Guardiões que, pressentíamos, seriam terrivelmente mais perigosos que os duskhas.

Apenas havíamos ingressado no Umbral do Vale quando nos detivemos e acampamos. Se éramos vigiados, os guardiões do Umbral não tardariam em atuar, daí nossos preparativos, a certeza de que algo nos ameaçava e haveríamos de enfrentar. Buscávamos a Schaeffer, esse era o objetivo principal, mas então a realidade era que nos achávamos num Vale do Inferno.

- Nada nos indica que Schaeffer haja tomado este rumo, e muito menos que tenha passado aqui, mas creio que agora dá no mesmo avançar ou recuar – concedeu Von Grossen – A verdade é que este Vale não existe em nosso Mundo: de todo modo, dá no mesmo ir a uma direção ou outra!

Os carregadores holitas se negavam a continuar. Mas tampouco sabiam como voltar, e foi preciso separamo-nos novamente. Ficaram com eles os mesmos dois lopas, monges de idade avançada mas igualmente perigosos, os yaks, zhos e a totalidade dos cavalos. Apesar de não haver neve por nenhum lado, e o clima era primaveril, os cumes dos montes Kuen Lun se viam demasiado próximos para supor que os cavalos nos fossem úteis por muito tempo.

Dessa maneira partimos os cinco alemães, os sete lopas e o gurka, Camaradas do Espírito Eterno, treze heróis em sua instância absoluta. Dei a ordem mental aos cães daivas e estes saíram na mesma direção que seguiam no dia anterior.

- Não se pode negar que você é persistente – grunhiu Von Grossen ao comprovar o rumo tomado.

Mas eu não dispunha de tempo para atender a ele nem a ninguém. Kâla, o Tempo Devorador, era agora a Morte Mrtyu frente a nós, um instante definitivo no qual morreríamos ou triunfaríamos, sem meio termo. E nesse instante de heróis se requeria de um Herói entre os heróis, um líder que transmitisse a ordem carismática de lutar pelo ideal, "por nossos Estandartes", "ainda que nós tenhamos de morrer". Se o ideal se realizasse finalmente, morrer ou viver significavam uma honra ou um triunfo, qualquer

fosse o caso. A ninguém devia preocupar morrer ou viver, senão a realização do ideal, a imposição universal de nossos Estandartes, a vitória da Estratégia própria. Essa era a ordem carismática a meus Camaradas. Aos cães daivas lhes mandava "sigam a Ernest Schaeffer" em linguagem do Yantra svadi. E os cães Kula e Akula seguiam o rastro do traidor numa região que não estava nem na Terra nem no Céu. E eu seguia aos cães daivas, além de Kula e Akula. E meus doze Camaradas iam atrás de mim, sem importar-lhes mais nada do que os rodeava, sem contemplar a possibilidade de morrer ou viver, somente pensando no ideal, na realização do ideal, na Vitória Final de nossos Estandartes.

Desde que deixamos o lugar, a excitação dos cães foi aumentando, como se sua presa se encontrasse cada vez mais próxima. Com muita segurança nos guiaram por várias sendas descendentes, até dar com um tormentoso arroio cuja corrente provinha dos montes Kuen Lun, Durante uma hora, mais ou menos, marchamos paralelamente a sua margem direita, devendo os monges kâulikas, em várias ocasiões, picar com as cimitarras para abrir caminho entre o cerrado espinheiro.

Ao final, chegamos a uma magnífica cascata de 50 m. De queda e ali obtivemos a primeira prova de que não estávamos desencaminhados. Frente a nós erigia-se uma parede de um barranco de pedra de 50 a 60 m. De altura, por onde se derramava a água do arroio, e em cuja base existiam inequívocos sinais da presença do homem. Num pequeno clarão havia um ***minas***, um desses túmulos de pedra semelhantes às ***apachetas*** sul-americanas, que se vão formando nos "lugares sagrados" do Tibet pela adição que todos os lamas peregrinos fazem de uma pedra pintada com signos correspondentes a bijas da Kâlachakra. Num nicho escavado na parede de pedra, estava o motivo do minas: a escultura do Buda Vivente ***Maggogpa***, o Mestre Rei de Shambala, Rigden Jyepo. O haviam representado na posição de lótus, meditando, e em suas mãos, uma diminuta estatueta de Shakti Kâkini sustentava um Coração sangrento, em cujo centro estava a Estrela de Davi, indicador do Anâhata chakra. O conjunto correspondia ao Símbolo da Doutrina do Coração, o Yoga do Amor que devem praticar todos os adeptos que aspiram conhecer a Kâlachakra. Sua presença ali era francamente ameaçadora e intimadora: somente os que fossem adeptos Iniciados na Doutrina do Coração poderiam seguir viagem à Porta de Shambala. A aceitação de tal condição se demonstrava agregando uma pedra com o nome escrito com sangue, ao túmulo do minas. .

Detivemos-nos somente quinze minutos naquele lugar, já que os cães insistiam briosamente em continuar a busca e exigiam um esforço sobre-humano para conte-los. Durante este tempo, meus Camaradas exploraram o sítio e descobriram que várias sendas chegavam e partiam: os cães daivas, talvez para encurtar o caminho, nos conduziram por zonas de tudo intransitadas. Mas se via que aquela "Porta de Shambala" havia sido visitada com freqüência dado o volume do minas, ou ao menos há bastante anos.

- Von Grossen, Von Subermann, olhem isto! – gritou Heinz Schmidt, que estava entretido examinando as pedras do minas.

Tinha uma pedra na mãe e me estendeu. Observei que parecia escrita com sangue em duas de suas faces: uma era ilegível, pois seus signos eram desconhecidos para mim, mas a segunda inscrição me estremeceu o coração: dizia, em correto alemão: ***Ernst Schaeffer***.

Sem dizer palavra a dei a Von Grossen e chamei a Srivirya e a Bangi 0 Podem dizer-me que língua é esta? – indaguei.

- É ***Zenzar***, o idioma sagrado dos Bodhisattvas de Chang Shambala. O Arhat Djual Khul, que guia aos alemães, lhes deve ter revelado certas fórmulas da Kâlachakra para escrever nas pedras - explicou Srivirya.

E isso foi tudo quanto ocorreu ali. Momentos depois os cães daivas subiam de dois em dois os degraus de uma escadaria talhada na pedra que levava ao alto do barranco.

Finalizada a subida, se chegava a uma ampla terraça, em cujos limites a ladeira de um monte pertencente ao extremo oriental do sistema Altyn Tagh. O lugar se apresentava igualmente desolado, mas com evidentes sinais de atividade humana. Surpreendeu-nos a todos, em efeito, a presença de um imponente ***Chortens***, monumento sagrado tibetano de base quadrada e corpo estrangulado em forma de sino, habitualmente rebatado com um cone truncado, em cujo topo se assenta a imagem de uma deidade. Colocada sobre o cone superior do Chortens, se destacava a horrível estátua de uma Deusa incontavelmente multiplicada em si mesma e desdobrada em centenas de perfis semelhantes: inumeráveis rostos, pernas e braços a convertiam num turbilhão de Presenças, ou seja, significavam indubitavelmente Sua Onipresença. A Deusa expressava um só Aspecto repetido incansavelmente tal aspecto, isolado, a mostrava sorrindo-nos compassivamente enquanto dançava sobre um coração sangrento; brilhava o cabelo solto e tocado por uma coroa de Rainha, um olho no meio da fronte, e olhos nas palmas das mãos e nas plantas dos pés. A haviam pintado delicadamente, e as cores predominantes eram o branco e o azul: corpo branco, prendas azuis.

O Chortens media pelo menos 15 m. De altura, e a estátua da Deusa tinha o tamanho suficiente para permitir-nos apreciar todos seus detalhes. Os alemães a observávamos em silêncio, expressando com gestos eloqüentes o desagrado que nos causava: teuflisch!

Os tibetanos também a contemplavam em silêncio. Porém, num ato incomum, o gurka se dirigiu ao grupo de oficiais ϟϟ. :

- Vos impressiona a imagem de Kuan Yin, a Rainha Mãe do Oeste? A nós nos impressiona igualmente, mas muito mais nos afeta ***o contemplar a própria Deusa*** interessada pelos visitantes de seu milenar Santuário. Se o desejais, vos posso traduzir com palavras claras o que este humilde monge kâulika vê e sente ao perceber o Chortens da Deusa da Misericórdia no Vale dos Imortais.

Todos concordamos sem imaginar até que detalhes da trama oculta podia chegar a aguda visão do monge kâulika.

- Ontem disse a dois de Vós que se pudésseis ver o mundo sutil comprovariam que nos encaminhávamos para o Santuário de Hsi Wang Um – recordou Bangi 0 Hoje temos avançado um trecho e nos aproximamos mais a ***Ela, a Mãe da parte animal do homem***. Mas vós seguis sem vê-la, ***apesar de que sua presença está em todas as partes***. Impressiona-vos sua imagem? Pois, que seria de vós se conseguísseis levantar o véu de Mâyâ e contemplásseis a Kuan Yin em toda sua Inteligência e Majestade, em sua total Onipresença ***Misericordiosa***? Direi-vos: não poderíeis resistir ao Olhar da Deusa do Amor Animal, a Compassiva do Coração!

- E não poderíeis fazê-lo porque o seu olhar é um olhar de muitos olhos, de centenas de olhos, de milhares de olhos que observam o coração do homem, o jîva, aguardando que se aproxime e identifique com seu âtman, o Arquétipo Divino criado por Brahma a semelhança de Si Mesmo. E para isso a Shakti Kâkinî faz ouvir sua voz num som anâhata shabda, e diz "***om mani padme hum***", "Oh, tu, jóia que estais na lótus", "Oh, Mãe, que estais no chakra", "Oh, Devi, que estais no Anânhata chakra". E se o jîva escuta este mantra e o recita como anâhata japa, converte-se em jîvâtman, ***e também recebe a kâlagiya, o sinal para ingressas em Cham Shambala e integrar-se à Fraternidade Branca***.

Em cada ponto do Espaço real há um pequeno globo ou átomo arquetípico, que simboliza com exatidão a unidade de Brahma, o Criador. E no centro de cada um de tais átomos, há um olho com o qual o Uno contempla a Si Mesmo desde todas as coisas criadas. Cada olho do Pai Uno chama-se ***Yod***, mas cada pupila pertence à Mãe Kuan Yin. Quando o sangue do homem é estigmatizado pelos Senhores do Karma, e a dor penetra nos olhos do Uno como uma sinfonia prazenteira, as pupilas da Mãe Kuan Yin suavizam os corações sofredores com a Misericórdia de seu Coração. Por isso Ela é ***Avalokiteshvara***, um Bodhisattva de Coração. Sim, ***Kameraden*** ocidentais: esta imagem que vos impressiona é apenas um opaco reflexo de Kuan Yin por trás do Véu de Mâyâ. Aqui mesmo, neste momento, a Deusa dança o Baile da Vida e seus incontáveis olhos miram em vossos Corações buscando o calor do Amor! Kuan Yin quer sentir a Vossos Corações palpitar de Amor pelas coisas criadas! Quer sentir-vos estremecer de compaixão pela dor que açoita a vida do homem, a dor causada pelos que se apartam da harmonia do Universo, da Lei do Uno! E o que recolhem os olhos de Avalokiteshvara em Vossos Corações? Somente Frio e Ódio, no lugar do Calor e do Amor à Vida. E então, se retiram envoltos em prantos os olhos da Mãe, prometendo a si mesma ajudar-vos para que tornai-vos à condição animal, ao Coração cálido dos que amam a Vida tíbia. Ela é a Mãe dos animais-homens, dos pasus: Sua Misericórdia os alcançará e acalentará o Coração com seu Amor, desalojando o Frio e o Ódio, ao duro gelo! E o fará ainda que tenha de girar a Kâlachakra e converter-vos em símios primitivos!

Mas aqui, convosco, está Ganesha, o Filho de Shiva, a quem chamais Kurt. O que vê a Deusa Mãe do Oeste no Coração do Filho de Shiva? Também Frio e Ódio, mas formando o ninho para a máscara da Morte Fria, o refúgio de Kaly, a Negra. Sim, no Filho de Shiva está a abominação maior, porque hospedou a Morte em seu Coração, a Máscara da Morte que oculta a Verdade Desnuda da Negrura Infinita de Si Mesmo. No Coração de Ganesha, sobre o corpo morto do pasu, filho da Mar Kuan Yin, dança Kaly, a Negra, o Baile da Morte Fria, e no cadáver do pasu, que é carniça, está vivendo ainda o falo de Shiva, o lingam diamantino de vajra: frente ao símbolo da virilidade absoluta, Kaly se descobre e deixa manifestar a Pârvatî Frya, a Verdade por trás da Morte Negra; Pârvatî Frya realiza então, o yonimudrâ sobre o ligam de Shiva, e Bhairava ressuscita no Coração do Filho de Shiva. Nasce anormalmente um Menino de Vajra no Coração de Ganesha! Um menino engendrado pelo Espírito de Shiva com a Verdade por trás da Máscara da Morte; um menino gerado na matriz da Negrura Infinita de Si Mesmo; um menino nascido da vulva rota do Coração morto do pasu; um Menino de Vajra, um Menino de Diamante, um Menino de Pedra, um Menino de Raio, um Menino de Fogo Frio, um ***Menino Deus***! Um Menino que é a Vruna Não Criada e que está além de Kula

e Akula, além do Tempo e do Espaço, além da Vida e da Morte, além do Bem e do Mal, ***definitivamente, além do pasu assassinado pod Kaly no Coração do Filho de Shiva***!

Um mal muito grande viu os milhões de olhos de Avalokiteshvara no Coração do Filho de Shiva. Um mal para o qual não bastam suas lágrimas de Misericórdia, nem sua Compaixão, nem seu Amor. Um mal para o qual não há redenção possível, nem nesta nem em outra vida da Roda da Vida Sripai Khorlo.

O mal daquele que foge aos cuidados do Pai e da Mãe, que renega o Pai e a Mãe, que descobre que não tem Pai nem Mãe, que encontra a Verdade Desnuda de Si Mesmo e se empenha em Ser o que É e não o que deve ser de acordo à Lei. Oh, que ingratidão a de quem assim esfria o Coração para a Mãe e abriga ódio contra o Pai! A Verdade Desnuda se instalou no Coração do homem, sobre um leito de gelo, e este se converteu em um virya, em um Deus que compete com o Deus Uno. Mas Ela esfriou o Coração porque é a Inimiga do Amor e a Mãe kuan Yin não pode permiti-lo. A Inimiga do Amor causou muito dano: com a Máscara de Kaly assassinou ao pasu, seu filho primogênito, e com o Poder da Verdade Desnuda, procriou um ser abominável eu nasceu sobre o cadáver do pasu, um Menino de Pedra Diamante, um menino que não é e nem será jamais humano. Grande é o dano causado pela Inimiga, Terrível o mal que aninha no Coração do Filho de Shiva.

É dever da Mãe Huan Yin, que tudo vê e Sua Misericórdia alcança a todos, proteger a seus filhos animais-homens. Porque seus filhos, de Coração quente e mente fria, são como ovelhas na manada: dependem do Pastor e seu cajado. E porque os Meninos de Pedra, de Coração Gelado e mente quente, são lobos famintos: acercam a manada para assassinar aos cordeiros, e somente fogem frente ao cajado do Pastor.

- O que tem visto a Deusa Mãe do Oeste no Coração do Filho de Shiva? Um lobo, um assassino de cordeiros, um Menino de Pedra Filho de Si Mesmo e Esposo da Verdade Desnuda, uma Existência abominável Tao-t'ie adoradora da Criação. Mas, sobre todos os males, KuanYin tem visto a quem pode manifestar a Verdade Desnuda ao Mundo, descobrir a Beleza Proibida e Inebriante da Inimiga dos homens e propagar o mal da Sabedoria como uma epidemia. Aos olhos da Mãe Kuan Yin, o Filho de Shiva é o Demônio da Destruição do Homem. A verdade Desnuda que Ganesha pode exibir aos homens adormecidos causará neles uma nova queda no nada do Não Criado. Sobre as ruínas da Humanidade do Amor, Ganesha transformado em Shiva, dançará a dissolução do Criado, a decomposição de Mâyâ, a Morte Final da Ilusão. E no Pralaya do Amor e da Misericórdia de Kuan Yin, sobre a Morte da Humanidade, no Gottendemerung da Fraternidade, os ressuscitados Heróis, os vîryas semi-divinos, os Homens-Deuses, exaltarão a Verdade Desnuda de Si Mesma, a Inimiga do Amor, a Esposa da Origem. Oh, como choram os milhões de olhos de Avalokiteshvara ao compreender o mal que habita no Coração do Filho de Shiva!

Imagem de Avalokiteshvara esculpida em granito .Templo de Sokkuram, Coréia. Século VIII

Mas Kuan Yin sabe que o mal de Ganesha é demasiado grande para poder ser perdoado. Não, para Kurt Von Subermann não existe nenhuma possibilidade de trato, pois sua Presença é humilhante para a dignidade dos Bodhisattvas, sua Presença que expõe sem pudor a Verdade Desnuda da Origem! Ninguém que esteja no bando do Uno, de Brahma, o Criador, aceitará tal afronta! E será uma vez mais a Misericordiosa,

quem falará no Coração do Filho de Shiva, e lhe anunciará a decisão dos Deuses. Assim fala a Deusa Mãe Kuan Yin ao Coração de Shiva Kurt Von Subermann!:

Como lobo, meus novilhos matarás.
Como Menino de Pedra, T'ao-t'ie,
depois em lobos como tu os converterás.
Para ti compaixão não haverá!
Sereno meu amoroso Coração,
secos meus múltiplos olhos estão!
Monstro da Verdade Proibida
que transmuta a humana Paz:
a decisão tomada está!
Por donde vens te irás!
Fora do Sendeiro do Homem sairás!
Lobo feroz, a minhas ovelhas não acercarás!
Verdade Desnuda da Origem
aos homens adormecidos
teu Signo não revelarás!
Porque eras eterno,
Ainda que não o saibas, ulfhednar,
não morrerás;
mas se o Sendeiro do Homem
pretendes transitar,
ao Mundo do Homem
jamais regressarás!
A meu Santuário na Terra
não entrarás!
Eu sou a Mãe da Humanidade!
Sou a Pastora atenta
e a meu rebanho cuido
com zelo sem igual!
Quem aqui chega busca a Imortalidade!
É quem passou por todas as provas
e é um cordeiro em meu curral;
é ele que oferece um Coração terno
a Avalokiteshvara;
é ele que ama e sofre,
ele que segue seu Dharma,
ele que é um perfeito homem-animal;
ele que chega a meu Santuário
e ao Pai vai adorar!
A ele eu lhe concedo
a Imortalidade!
A ele eu o guio
Até a Fraternidade!
Mas tu, que eras lobo

com disfarce de cordeiro
o que vens buscar?
Portador da Morte Negra e Fria,
em teu Coração de |Gelo,
a Inimiga Oculta vai.
Os Deuses não podem castigar-te,
mas tampouco desejam ver-te mais.
Não ha lugares para lobos
nesta propriedade!
Por meu sûtrâtmâ de Misericórdia
O licantropo não transitará!
Aqui sou Kuan Yin, Chenrezigs,
a Deusa do Fundo do Mar!
Eu guardo o Sendeiro do Deva Yâna
para os Imortais da Fraternidade!
Teu pecado de Pedra Frya
ofende meus olhos de bondade,
e te cortei o caminho
à Fraternidade.
Por teu abominável mal
hoje cerrei
a Porta de Chang Shambala!
Eu sou Palden Dordji Lhamo!

Todos ficamos assombrados e surpresos pelas palavras do monge. Ele chamava a isso "traduzir suas impressões sobre o Chortens", quando parecia que a própria Deusa Kuan Yin nos havia falado! Sem dúvida, Bangi possuía uma faculdade superior que lhe permitia ver e ouvir os Bodhsattvas. Mas o mais alterado por aquela visão era eu, pois descobria nela aspectos que me tocavam de perto, significados que interessavam à Operação Chave Primeira, conceitos que cobravam sentidos no marco da Estratégia própria. O gurka, em efeito, me havia transmitido uma mensagem, ainda que não deixava transparecer se o fizera consciente ou inconscientemente.

Em síntese, o que dissera o gurka, e que ninguém podia compreender salvo eu, era que ***minha presença no Vale dos Imortais obrigava aos Demônios a fechar a Porta de Chang Shambala***, tal como esperava Konrad tarstein que sucedesse. Vale dizer, que se Ernest Schaeffer ainda não havia conseguido passar, sua Operação ***Altwesten*** ficaria definitivamente suspendida, pois a Deusa Kuan Yin "dizia em meu coração": "a decisão tomada está". "hoje cerrei a Porta de Chang Shambala".

Capítulo XXXII

Era pleno meio dia quando deixamos o Chortens. Os cães daivas exigiam escalar pela ladeira Oeste de um dos Altyn Tagh, mas depois descobrimos um caminho dissimulado que permitia subir uns mil metros. Quatro fatigantes horas depois chegamos ao cume do monte, constatando que pelo Norte, a montanha caia milhares de metros numa parede vertical: desde a base, estendia-se em todas as direções uma ampla lanhura desértica, salvo a N.O., onde se divisavam as azuis águas de um lago de enorme superfície.

- Teufel! - exclamou o eficaz Von Grossen - Temos a sorte de contemplar o país de uma privilegiada terraça de 4000 m. O que vemos, em toda sua extensão, é a província chinesa de Sinkiang, essa lanhura, não é outra que o deserto de Takla Makan, que se encontra conectado com o deserto mongol de Gobi em seu extremo oriental; e o lago, com toda precisão, trata-se do Lop Noor. Finalmente uma área geográfica que se ajusta à realidade dos mapas germanos!

Mas, se fora do Vale dos Imortais o Mundo seguia igual, em seu interior o Espaço e o Tempo estavam tão distorcidos como antes, os Deuses Traidores e os Sacerdotes da Fraternidade Branca nos cercavam para fechar-nos o caminho ou atacar-nos, e ainda devíamos localizar Ernest Schaeffer. Este último ocorreu antes do previsto. Efetivamente, enquanto observávamos maravilhados o Sinkiang, os monges kâulikas exploraram os cem metros quadrados do cume e em poucos minutos trouxeram pactantes notícias: ao pé da ladeira Sul havia um acampamento! Corremos até ali e verificamos com os binóculos. Não cabiam dúvidas: era o acampamento alemão!

A pequena elevação, que mais parecia um desfiladeiro, media uns 500 m. de largura e 50 m. de cumprimento, e no Inverno cumpria a função de transportar a neve de um gigantesco glacial, qual titânico canal de pedra. Estava orientado de Leste a Oeste, e em cada extremo, fundas gargantas permitiam entrar ou sair de dentro, pois se observar que a garganta Oeste estava flanqueada pelas esculturas de dois enormes bodshisattvas armados. Por alguma razão, a expedição não se atreveu a cruzar esse portal de pedra tão eloquentemente ornamentado, e decidiu acampar no extremo oposto da elevação, junto à garganta de entrada. Via-se que levavam já uns dias naquele lugar, e que talvez pensavam em permanecer mais tempo, pois haviam desempacotado todo equipamento e distribuído racionalmente, depois de uma rigorosa contagem: até dispunham de duas sentinelas, uma ao Leste e outra ao Oeste do campo.

Para o momento, largamente esperado, de toparmos com a expedição de Schaeffer, Von Grossen elaborou um plano de aproximação ao que só faltavam agregar detalhes táticos de acordo às circunstâncias. Dado o caso presente, comente teve que confirmar os postos e funções de cada um para que a esquadra estivesse disposta a executar o plano.

Conforme isso, descemos em silêncio até a entrada da elevação, sitio no qual desembocava o caminho do cume. Já ali, Von Grossen, Oskar Feil, o gurka e eu, com os cães daivas, permanecemos ocultos uns minutos, enquanto três oficiais ϟϟ e os oito monges lopas, se deslocavam ao redor do acampamento. Eles deviam manter-se em

resguardo e cobrir nosso próximo avanço, em precaução de um mal entendido ou que algo saísse mal.

Sem suspeitar de nada, a sentinela se achava fumando, distraído em seus próprios pensamentos, recordando talvez a pátria distante. Os três alemães surgimos de pronto frente a ele, que acreditou estar sonhando. Mas já era tarde para raciocinar, especialmente ao ver as negras bocas das Shmeisser: a Luger, o punhal e o fuzil MP40 passaram às mãos de Von Grossen.

- Somos oficiais do Terceiro Reich - explicou Von Grossen – mas não podemos correr riscos. Heil Hitler! Aproxime-se agora do acampamento, lentamente, e avise a nossa chegada.

- Heil Hitler! – respondeu a atribulada sentinela.

Com esquisita delicadeza, foi entrando em cada uma das seis barracas e comunicando o que ocorria a seus ocupantes. Muitos, possivelmente, suspeitaram que a sentinela delirasse.

Em segundos reuniram-se 20 ou mais homens, mas não se podia distinguir quem era oficial ou suboficial, pois todos estavam vestidos com trajes de paisanos. Um deles soltou uma exclamação e se aproximou vários passos.

- Eu o conheço! É o ***Standartenführer*** Karl Von Grossen! Que diabos faz aqui, no Tibet?

- E eu sei quem você é ***Standartenführer Reinhard Von Krupp*** – replicou maliciosamente o sempre bem informado Von Grossen, reforçando o grau e o nome do oficial. De seus anos na Gestapo, Von Grossen conservava o mau hábito de por certa ênfase sugestiva ao nomear as pessoas, dando a entender que possuía sobre elas informação confidencial ou comprometedora.

- Estamos aqui para... – ia prosseguir Von Grossen, quando foi interrompido pela aparição de Ernst Schaeffer.

É possível, e ainda mais provável, que Schaeffer tenha perdido irreversivelmente a razão ao encontrar-se ante aquele espetáculo inesperado. Para compreendê-lo há de figurar-se o que seria para ele ter chegado ao Vale dos Imortais, a um passo do Santuário da Rainha Mãe do Oeste e da Porta de Chang Shambala, e comprovar que no lugar dos Arhats aparecia um grupo de alemães, um deles seu inimigo jurado. E junto a este, inexplicavelmente, vinha a vítima propiciatória, Oskar feil, e o gurka desaparecido.

- Ahahahah...! – deu um alarido demente e clamou – disparem, matem a todos!

Os ϟϟ, oficiais e tropas, levantaram seus fuzis, mas aguardaram que seu ***Standartenführer*** confirmasse a ordem: Schaeffer era oficial da Abwer e não tinha comando direto sobre a Schutz Staffel. Essa indecisão evitou um confronto armado de imprevisíveis conseqüências.

- São alemães, homens das ϟϟ! – tratou de explicar Von Krupp, que estava atônito frente à alucinante atitude de Ernst Schaeffer.

Mas este já havia sacado sua Luger e me apontava, com a manifesta intenção de eliminar-me do mundo dos vivos.

Não chegou a disparar. Em veloz movimento, dois dos ϟϟ de sua expedição se lançaram sobre ele e o tomaram de refém: um lhe arrebatou a pistola e o sujeitou, enquanto o outro apoiava uma adaga sobre sua garganta. Eram os dois espiões da S.D.!

- O primeiro que se mover, degolamos este homem! – ameaçou um deles – Aproxime-se, meu ***Standartenführer***, e desarme estes quatro! – Disse, assinalando os sequazes de Schaeffer.

Von Grossen não se fez esperar e gritou várias ordens. Ante a surpresa geral, Hans e Kloster emergiram dentre as rochas e rapidamente despojaram de suas armas aos quatro, que não opuseram resistência. Seis figuras, vestidas com túnicas cor de açafrão e com o rosto e as mãos cobertos de cinza, tentaram fugir em carreira na direção da saída Oeste da elevação, mas caíram a poucos passos, crivados de flechas: eram o Skushok do Ashram Jafran e seus lamas. Aquilo culminou a medida. Von Krupp bramou por sua vez uma ordem e todos seus homens fizeram corpo em terra; e pouco faltou para que se chegasse novamente ao confronto.

A esquadra de Von Krupp nos duplicava em número. Contudo primou o sentido comum e o ***Standartenführer*** interrogou a Von Grossen iradamente:

- O que é isto, Von Grossen? Apresenta-se aqui, nos trata como se fôssemos inimigos e mata os guias tibetanos, que contavam com nossa proteção? Imagino que terá uma boa justificativa para este atropelo!

- Não temo nada contra você, mas contra esses traidores – vociferou Von Grossen – E se lhe parece suficiente justificação. Eis nossas ordens, aprovadas pelo Führer.

Deu-lhe um envelope lacrado que dizia: ***"Altwestenoperation"***. Reinhart Von Krupp o rasgou e tirou o documento. Era um decreto de breve texto. Moveu a cabeça afirmativamente e comentou com Schaeffer:

- Vieram da Alemanha participar da expedição! Daqui para frente a segurança e a logística estão sob responsabilidade do ***Standartenführer*** Karl Von Grossen.

O rosto de Schaeffer luzia mais branco que a neve dos Altyn Tagh. Von Krupp disse em tom suficientemente alto como para que todos lhe ouvissem:

- Da minha parte está bem, Aceito as ordens e me ponho a seu comando. Mas terá que explicar-me o que significa sua acusação de traição. E como é que Oskar Feil se encontra com vocês.

O ϟϟ afrouxou a pressão do gatilho. Os homens de Von Krupp pararam e baixaram os fuzis, enquanto Heinz e os oito monges kâulikas se aproximavam, estes últimos com as flechas ainda montadas em seus arcos.

- Traição! – gritou o traidor, fora de si – Traição! Malditos assassinos, não sabem o dano que causam à Alemanha e à Humanidade! Ahahahah...! Von Subermann, filho do Demônio, sabia que se proporia a impedir nossa missão! Veio nos destruir: devíamos te-lo matado na Alemanha! Por sua culpa serei castigado: os Mestres jamais me perdoarão sua presença condenada neste Vale Sagrado! Quando o Arhat Djual Khul se marchou devia ter imaginado que algo terrível estava acontecendo. Era você! Você e sua Mancha execrável que ofende aos Santos Seres!

Maldito, mil vezes maldito Von Subermann, engendro do Inferno, como fez para encontrar-me? – rugiu completamente encolerizado. Os dois espiões o mantinham sujeito pelos braços para evitar que se arrojasse sobre mim.

- Depreciável ***Herr Lehrer***, a última pessoa que queria encontrar em minha vida era você – afirmei com sinceridade – O mérito de chegar aqui é obra exclusiva destes nobres cães.

Ato seguido soltei um pouco as guias dos cães daivas, que ainda obedeciam a ordem "buscar Ernest Schaeffer", e os cães saltaram e lançaram duas ferozes dentadas a escassos centímetros de seu pescoço.

Com os olhos desorbitados de terror, o rosto descomposto pela ira, Schaeffer era a imagem da loucura.

- Logo se vê: ***somente um ser infernal poderia vir acompanhado pelos lobos de Wothan***! Não aceite esse decreto, Von Krupp, e mate=os a todos. Todavia, está em tempo de evitar um mal terrível à Alemanha e ao Mundo. Eu o asseguro que nada lhe ocorrerá se me ajudar. Melhor dizendo, lhe garanto que será condecorado como herói.

- Você está louco, Schaeffer. Na Alemanha ninguém é superior aos Führer! Se não cumpro estas ordens, a única condecoração que recebo será uma corda de cânhamo com nó corrediço – se desculpou Von Krupp.

- Não Camarada Von Krupp – esclareci - não se trata das palavras de um louco, mas de um traidor. Ele sim, crê que existem homens mais poderosos que o Führer: são os que planejam dissolver o Terceiro Reich e que o encomendou uma missão secreta que ajudará a consumar a traição. E quanto a você, ***Herr Lehrer***, de certo que Kula e Akula não são os lobos de Wothan, ainda que é verdade que venho de um Inferno e agora estou num Inferno maior, mas estes cães, como Cérbero, lhe impediram chegar ao pior dos Infernos, o que se encontra detrás desta Porta, ao fim da elevação, ou seja, sua amada Chang Shambala, a guarida dos Demônios Imortais.

- Blasfêmia! Blasfêmia! Mate-os, Von Krupp! Mate-os agora e salvará sua Alma! Mate-os antes que seja tarde e soltem a Lúcifer no Mundo! – implorava, perdendo já completamente o controle de suas palavras.

Von Grossen mandou que o encerrassem em sua barraca, sob custódia de Hans e Kloster. Já começava a anoitecer e os monges kâulikas se apressaram a levantar suas tendas, ante o olhar assombrado da esquadra de Von Krupp. Este se aproximou de nós e perguntou sem maior delicadeza:

- Alguém pode me explicar o que está se passando? Supunha que devia conduzir uma expedição científica que tinha por objetivo investigar os ancestrais orientais da Raça Ariana. Nada a ver com o que estou ouvindo: "Demônios", "Infernos", "traição ao Terceiro Reich". O que significa toda esta loucura? Como se pode trair ao Terceiro reich deste lugar? E o mais incrível, onde encontraram Oskar Feil? Como nos seguiram? O que é isso de lobos de Wothan?

Durante me ia hora, Karl Von Grossen esclareceu o melhor que pode todas as dúvidas de Von Krupp. Por fim, este lançou uma pergunta para a qual Von Grossen não tinha resposta:

- E agora, que faremos?

- Minhas ordens – revelou Von Grossen – especificam que ao tomar contato com a expedição devo trabalhar de acordo às instruções do ***Sturmbannführer*** Kurt Von Subermann. E como você deve obedecer a mim, me incumbirei em retransmiti-lhe as instruções para as conhecermos ao mesmo tempo – concluiu com lógica – E bem, Von Subermann, o que nos diz?

- Que temos de voltar imediatamente à Alemanha! – disse sem duvidar – Amanhã mesmo devemos empreender o regresso. A Ernest Schaeffer e seus quatro cúmplices os

conduziremos arrastados, mas se resistirem, os executaremos sob minha responsabilidade.

Karl Von Grossen aprovou sem reservas esta decisão, mas o mais aliviado era Von Krupp.

- Isto é tudo? Regressar à Alemanha? É a melhor notícia que tenho em mais de um ano. Temi que solicitaria continuar a expedição do Tibet. Estou totalmente aderido à proposta! Na verdade, já estava farto de Ernest Schaeffer e seus mistérios.

Pobre Von Krupp! Nem Von Grossen, nem eu, imaginamos então que jamais regressaria à Alemanha...

Capítulo XXXIII

Não poderia assegurar, neffe, se o primeiro que percebemos foi o som ou a luz, ou o odor doce e penetrante, inconfundível do incenso de sândalo, ou se captamos cada tattvas por vez.

Os homens de Von Krupp já estavam guarnecidos na barracas. Exceto as duas sentinelas. O gurka e os lopas terminavam de armar nossas tendas ajudados por Heinz. E os dois ***Standartenführer*** e eu ainda estávamos conversando. O Sol há tempos que se havia posto e o crepúsculo rapidamente cedia passagem à gélida noite dos cumes tibetanos. Contudo, num instante, a elevação começou a iluminar-se desde a saída do Oeste, como se assistíssemos ao amanhecer de um novo e deslumbrante Sol.

Perplexos, pasmos, hipnotizados, nós três ficamos olhando a bola de luz que atravessava a garganta e avançava pelo centro da elevação, a não mais de cem metros de altura. Ainda que o halo se estendesse centenas de metros ao redor do núcleo brilhante, era possível distinguir que o centro se compunha de quatro esferas incandescentes, intersectadas excentricamente entre si. Mas tal observação foi coisa de um segundo, porque o som que acompanhava a resplandecente aparição nos impediu em seguida toda outra percepção.

Ao menos para mim, que passe minha infância numa fazenda do Cairo onde se criavam abelhas melíferas, aquela vibração era claramente familiar: ***era o zumbido clássico de um enxame em movimento***. Havia começado como um débil rumor, assim como a luz foi no princípio um sua fulgor, mas logo se tornou insuportável. Creio que os três tapamos os ouvidos com as mãos, para comprovar desesperados que nada conseguia deter a penetração sonora. Com a cabeça entre as mãos, e o cérebro invadido por uma onda assassina, caí de joelhos completamente aturdido.

Senti que ia perder os sentidos e, num esforço supremo de vontade, mirei ao meu redor. Vi Von Grossen, ainda de pé, convulsionar-se e gritar, enquanto que a escassos centímetros meus jazia o corpo inerte de Reinhart Von Krupp. Automaticamente pus a mão em seu pescoço procurando pulso, mas compreendi que havia deixado de existir. Minha mente nublava, um intenso enjôo me causava a sensação de que tudo girava ao meu redor, a náusea, iniciada no estômago, me estremeceu numa violenta chacoalhada; e uma angústia crescente no coração, que já era uma declarada taquicardia, me produziu a impressão de que aquele órgão queria saltar e fugir de meu peito. Enfim, vítima de um ataque psicofísico, para o qual não conhecia defesa alguma, desmaiava sem remédio. Riso dos Demônios, Música dos Infernos, Harmonia do Deus Criador do Universo, frente a esta força desintegradora da Alma, o que ficaria do Herói, do líder carismático, do Iniciado que horas antes conduzia sua legião disposto a lutar contra inimigos da Terra e do Céu? Muito pouco, neffe, muito pouco. Apenas uma chispa de vontade.

De improviso fui acometido por um temor e tardei em tomar consciência de que Bangi me agarrava pelos ombros e me sacudia com firmeza. Entre brumas, o reconheci ante mim gritando; os oito lopas estavam também ali: dois arrastando Oskar Feil, outros dois sustentavam Von Grossen; um corria com os cães daivas, que estavam presos num extremo do acampamento; e os restantes traçavam febrilmente um círculo e signos no solo com suas cimitarras, enquanto entoavam mantras e adotavam mudras guerreiros. A

bola de luz encontrava-se já sobre nós e o zumbido de abelhas alcançou sua máxima intensidade. Seja pela sacudida de Bangi, ou pelo efeito dos yantras dos lopas, o certo que recuperei em parte a lucidez, o suficiente para compreender as dramáticas palavras do gurka.

- ***Shivatulku! Shivatulku!*** – chamava impacientemente, sem deixar de me sacudir, ato que culminou com duas impetuosas bofetadas. Com um movimento de cabeça lhe fiz entender que escutava.

- Oh Pawo[43][43]: saca-nos daqui! Logo o ***Vîmâna*** de Shambala nos destruirá!

- C... como? ¿Como farei, se não posso ficar de pé? - balbuciei desalentado.

- Os cães daivas. Oh. Dubtob[44][44]! Ordenai aos cães daivas que os conduzam ***voando*** a um destino fora daqui! Me compreendeis?

Assenti, apesar de que não compreendia totalmente a solicitude do gurka.

- O que devo fazer para que os cães daivas ***voem***? – me interroguei absurdamente a mim mesmo, mas em voz o suficientemente alta como para que Srivirya respondesse. O lopa, evidentemente estava atento às minhas reações.

- Nomeai-vos como se fossem idênticos a Kyungta, a ave Gáruda que transporta aos Deuses; ou como Lungta, o cavalo Pégaso que cumpre igual função! Diga-lhes ***Svadi-lung***; Kula e Akula ***Svadi-lung***; e eles ***voarão***!

Destino? Qual destino? A cabeça parecia que ia estalar. Talvez fosse o inconsciente, talvez o Scrotra Krâm, mas o certo foi que uma Voz Interior me disse:

-"Sining, deves ir a Sining" – pensei no Yantra, o imaginei como pude, e traduzi:: ***"Sining-to, Kula e Akula Svadi-lung"***.[45][45]

Algum dos lopas havia posto as correias dos cães em minhas mãos. Estavam enfurecidos pela presença do diabólico vîmâna e rosnavam como se efetivamente fossem os lobos de Wothan. Quando imaginei o Yantra se puseram rígidos e apontaram a cabeça para frente, preparados para partir no cumprimento da ordem. E quando ordenei "Sining-To, Kula e Akula svadi-lung", sucedeu o incrível prodígio de que os cães daivas saltaram a uma espécie de abismo que insolitamente se criava frente a eles.

Senti-me arrastado pelas correias, içado ao ar e transportado em direção a Leste, afundando numa negrura impenetrável que agora ocupava o lugar onde segundos antes estavam as montanhas Altyn Tagh. Ao ser levantado em vôo, um peso anormal nas pernas pôs meu corpo em tensão durante um instante. Voltei-me, surpreso, e percebi que uma cadeia humana pendia de minhas extremidades: os tibetanos haviam realizado uma série de ***tackles*** no momento do salto, agarrando-se entre eles e levado também a Karl Von Grossen e Oskar Feil. A visão se deslizou para baixo e contemplei estupidamente a elevação iluminada pelo veículo de Shambala e o acampamento convertido num sepulcro coletivo: Reinhart Von Krupp, morto, os dois guardas, mortos; e nas entradas das tendas estavam disseminados os cadáveres de quem conseguiu sair, mas não chegaram muito longe. O zumbido era ensurdecedor, aterrador, paralisante; o zumbido era o chamado da Morte! Heinz, Hans, Kloster! Recordei de meus Camaradas e creio que gritei de impotência, antes de submergir-me na negrura e perder o conhecimento.

43[43] Pawo: Herói em tibetano.

44[44] Dubtob: Mago.

45[45] ***"Vamos voando a Sining, Kula e Akula".***

Capítulo XXXIV

Segundos depois recobrei a consciência: nem sinal do ensurdecedor som ou da diabólica centelha. Todavia, subsistia a luz crepuscular pelo que pude comprovar, sem dúvida alguma, que nos encontrávamos num lugar completamente diferente da elevação onde acampara Schaeffer. De imediato veio à minha memória o ocorrido, o ataque do zumbido mortal e a fuga graças aos cães daivas. Ainda viva por milagre! Mas onde estava? Porque aquilo não era evidentemente Sining, mas a margem de um rio, uma breve praia ao pé da ladeira de um monte.

Encontrava-me sentado no chão, sustentando ainda em minhas mãos as agora inertes guias dos cães daivas. A centímetro de meus pés, o rio rumoso entoava a melodia da Natureza. Um resplendor contra a ladeira me mostrou aos lopas reunindo lenha e alimentando um improvisado fogão. Karl Von Grossen e Oskar Feil se haviam parado e contemplavam a cena em silêncio, como atordoados. Quando os olhos do ***Standartenführer*** se encontraram com os meus, reagiu:

- Von Subermann: Gott sei dank! Onde estamos? Que foi dos outros?

Aprumei-me e lhe respondi com crua franqueza:

- Não sei. Ignoro que lugar é este. Com segurança estamos bem longe do acampamento, mas pelo menos seguimos com vida. Porque se de algo estou convencido é de que quem não veio conosco deve ter morrido na elevação. Quem poderia sobreviver a esse ataque dos Demônios? Se até monges kâulikas, que são experientes em tal classe de Magia Negra temiam morrer inevitavelmente!

Nesse momento nós três lembramos dos monges e os buscamos com o olhar: estavam os oito junto ao fogo que haviam acendido ao abrigo de umas enormes rochas, e nos observavam por sua vez com tranqüilidade. Karl e Oskar se aproximaram deles. Eu quis fazer o mesmo, mas as guias me impediram. Com horror, descobri que um dos cães havia morrido; o outro, parado a seu lado, emitia periódicos gemidos de dor.

Se a alguém eu devia a vida neste mundo, exceto por meus pais, era àqueles cães; assim, senti-me compreensivelmente comovido pela perda de um deles. Deixei o sobrevivente continuar com seus lastimosos uivos, desconsolado pela parelha ausente, e me aproximei do grupo. Sem cortesia, interpelei a Srivirya:

- Como é que morreu um dos cães daivas? Não me havia assegurado o Guru Visaraga que ambos constituíam uma parelha arquetípica, a síntese manifestada de um par de princípios opostos, cuja existência devia ser ***necessariamente*** simultânea? Se isso era certo, não deviam morrer os dois? Ou melhor dizendo, porque não estão vivos os dois?

- Tende paciência, Filho de Shiva - aconselhou compassivamente o monge – e recordai que estes cães são tulpas, criações mentais dos Magos do Círculo Kâula. Portanto não estão sujeitos às leis naturais, senão à Vontade dos Gurus. Disse-vos há uns dias que, ainda que nossa Ordem conheça o segredo dos cães daivas, jamais se haviam projetado até agora porque não existia um Iniciado que fosse como vós, capaz de controlá-los além de Kula e Akula. Portanto, carecíamos de informação prática sobre o que sucederia ao ser realizado por um Shivatulku. Ou seja, não sabíamos como iriam se comportar nessa etapa do Kaly Yuga: a última vez que os cães daivas percorreram a Terra foi na Atlântida, há milhões de anos. Evidentemente, esta época de Ferro foi

debilitada de algum modo de seu Poder de Vôo e um deles foi afetado pela Força do Dordje. Mas se não sabíamos o quanto iriam viver, em compensação posso responder por que um deles continuou vivo depois do vôo lung-svadi: deve-se às leis particulares que regem sua reprodução.

Vós haveis raciocinado certo, mas não contemplastes as leis da reprodução. Ao ser uma parelha perfeita, arquetipicamente equilibrada, os dois cães, em efeito, deveriam morrer ao uníssono. ***Mas a lei da reprodução estabelecida pelos Gurus exige que antes da desintegração, a parelha emprenhe e dê à luz outro par de cães daivas***. O processo seria, pois, o seguinte: a morte de qualquer um deles significará a automática metamorfose do outro num exemplar andrógino, é como se um dos princípio arquetípicos, que se achava manifestado fora, se incorporasse dentro do sobrevivente, e o que vive levará em seu seio o gérmen de uma nova parelha de cães daivas o qual crescerá, amadurecerá e nascerá. Então, depois disso, o exemplar antigo se desintegrará fatalmente. Compreendeis agora porque vive um deles? Assenti, aliviado ao saber que em pouco tempo recuperaria a parelha de cães daivas.

- Pois bem – acrescentou Srivirya – então não esqueçais que nesse período, enquanto o cão andrógino se encarrega de gerar a nova parelha, deveis referir-vos a ele com o nome de "Vruna", posto que é a unidade de Kula e Akula.

Voltei a assentir, dado que aquilo era indubitavelmente lógico. Nisso rompeu Von Grossen.

- Por Deus, Von Subermann! Sempre os malditos cachorros! Preocupa-se pela morte de um cão? E nossos Camaradas? Comunicou-se suas suspeitas de que também morreram: pois devia afligir-se por eles! E tampouco sabe onde estamos. Isso tratava de averiguar com os tibetanos quando você me interrompeu para falar dos condenados mastins.

Decidi não responder à injustas acusações de Von Grossen.

- Nada sabemos nós sobre o lugar ao que nos trouxe o Shivatulku –intercedeu Srivirya – A ele cabe responder, pois somente ele conhece a ordem que deu aos cães daivas.

A Von Grossen se lhe descompôs a expressão do rosto ao verificar que o tema dos cães era indissolúvel. Eu não tive que refletir para expor uma questão que me intrigava desde que recobrar o conhecimento daquela praia.

- A Sining! Eu ordenei aos cães ir a Sining. Foi o primeiro lugar que me ocorreu, seguramente porque os dois monges que guiavam aos holitas afirmaram que dali nos ajudariam a chegar a Shangai. Não sei porque os cães daivas não nos conduziram a Sining.

–¡Oh, que estranha é a mente do Shivatulku! – exclamou Srivirya, que não podia conceber que meus atos fossem simplesmente estúpidos, como na verdade o eram – Se desejavas ir a Shangai, por que não mandar aos cães que conduzissem diretamente para lá, em lugar de solicitar Sining, situada 2000 km antes? Incompreensíveis são os Desígnios dos Deuses! Pois agora que os cães daivas estão em processo de reprodução não poderei empregá-los há mais um vôo lung-svipa: somente os futuros cachorros, algum dia, vos levarão através do Tempo e do Espaço. Claro que agora sabemos onde estamos. Qual Sining havei traduzido em vossa ordem?

- Como qual Sining? Não entendo a que se refere - declarei, temendo ouvir o que viria.

- Pois claro, Filho de Shiva – explicou docemente Srivirya – A ordem solicitava dirigir-se a Sining-Fu ou a Sining0Ho, ou seja, ***à cidade*** de Sining ou ***ao rio*** Sining?

Soltei um xingamento. Por que havia sido tão impreciso ao definir o destino imposto à viagem aérea dos cães daivas? A resposta era óbvia: porque a ordem foi formulada num momento crítico, no meio de uma tremenda desordem física que me impediu raciocinar o suficiente. Naquela terrível circunstância esqueci de tudo, não descrevi com precisão a meta, pois supus inconscientemente que os cães entenderiam, que interpretariam exatamente meus desejos. E a verdade era bem outra: os cães eram tulpas, máquinas mágicas projetadas pela vontade dos Magos e que requeriam o correto controle de suas funções.

- De certo que não especifiquei que se tratava de Sining-Fu ou de Sining-Ho - confessei contrariado. O monge kâulika meditou um segundo e disse sorridente:

- Então é muito provável que nos encontramos junto ao rio Sining. Ao receber a ordem, os cães daivas se depararam com a existência de dois destinos diferentes com o mesmo nome. Escolheram, por motivos que seria longo detalhar, o objetivo mais antigo que correspondia a esse nome, ao parecer, o rio. E essa indefinição explicaria também a morte de um dos cães: a causa seria o dilema ao que foram submetidos os princípios opostos, que obrou como si com uma cunha mágica, houvessem tentado partir a unidade absoluta do Arquétipo cão. Creio que o problema reside nos graus de realidade das coisas em jogo. Por uma parte, os cães daivas não constituíam uma parelha perfeita, não poderiam se-lo nesta etapa do Kaly Yuga, e exibiam certo grau de desequilíbrio. Por outra parte, o rio Sining resultar ser um pouco mais real, dentro da Ilusão de Mâyâ, que a cidade de Sining. Conseqüência: os cães daivas encontraram-se frente a uma disjuntiva e se viram forçados a escolher; por causa do suposto desequilíbrio, um deles ***tendia*** a Sining-Fu e o outro ***tendia*** a Sining-Ho. Como magicamente o destino real é o que corresponde ao nome mais real, somente um dos cães chega a Sining-Ho, onde estamos, enquanto o outro se desintegra para evitar a alteração impossível do Arquétipo. E como os cães daivas não podem existir senão em parelha, o presente andrógino se desintegrará igualmente depois da reprodução.

- De modo que os cães se dirigiram ao Yi Sining, ao qual corresponde à corrente que passa diante de nós! - admitiu Von Grossen, que finalmente começava a localizar-se geograficamente – Sendo assim, Kameraden, lhes exporei o quadro da situação. ***Elementos a favor de nossa Estratégia***: a) três alemães e oito tibetanos, membros da Operação Chave Primeira, ainda estamos com vida; b) é possível que a cidade de Sining encontre-se perto daqui e é provável que isso represente nossa definitiva salvação, se conseguirmos passar a noite nestas condições. ***Elementos contra nossa Estratégia***: a) experimentamos cinco baixas, três alemães e dois tibetanos, além dos cinco carregadores holitas e todo equipamento; b) se realmente este lugar se encontra ao Leste do lago Kuku Noor, isso implica uma distância de 1000 km de distância do Vale dos Demônios Imortais, o que torna impossível no momento regressar para inspecionar ou resgatar os corpos e materiais. ***Conclusão***: É quase seguro que os efetivos a cargo da Operação Altwesten tenha tido idêntica sorte que os da Operação Chave Primeira, ou seja, que estejam desaparecidos ou mortos. Esta conclusão põe termo à Operação Chave Primeira e nos impõe a delicada obrigação de explicar convincentemente a nossos superiores os fatos ocorridos no acampamento de Ernest Schaeffer.

Von Grossen me olhou significativamente, como dando a entender que o principal responsável das explicações seria eu. Suas últimas palavras foram:

- Considerando o diabólico ataque que sofremos naquele Vale do Inferno, à luz das ordens recebidas da Alemanha e da estrutura da Operação Chave Primeira, extraí certas conclusões que lhes comunicarei em caráter estritamente confidencial e pessoal. Creio, Cavalheiros, que nossos líderes da Alemanha tinham uma idéia bastante aproximada sobre o que passaria no Tibet se Kurt Von Subermann se integrasse à Operação Altwesten. Mais claramente, creio que eles, Hitler, Himmler e Heydrich, Rudoulph Hess e Deus sabe quem mais, sabiam que determinados inimigos reagiriam com extrema violência ao descobrir a Von Subermann: inimigos que são talvez seres extraterrestres, possuidores de armas terríveis, incomparáveis a nenhum arsenal terreno. Se sabiam o que poderia suceder, por que permitiram que o inimigo nos cercasse numa armadilha mortal? Esta é uma pergunta para a qual careço de resposta. Intuo que desejavam comprovar concretamente a eficiência de Von Subermann para causar as reações dos "Demônios" de Chang Shambala e que talvez subestimaram ao inimigo. Talvez pensaram que a Fraternidade Branca fecharia as malditas portas de suas guaridas, e descartaram a possibilidade de que os Demônios tratassem de nos matar a todos. Seja disso o que for, estou persuadido que Von Subermann jamais nos revelará o segredo que enfurece aos Demônios. Em resumo, dou por concluída neste momento a Operação Chave Primeira, a validade de seus resultados a farão à Alemanha o correspondente Estado Maior. E, como ϟϟ ***Standartenführer*** a cargo da execução da Operação Chave Primeira, disponho que se empreenda o imediato regresso a Alemanha. Estão de acordo, Kameraden, com o Quadro de Situação e as conclusões?

Que outra coisa poderíamos fazer Oskar feil e eu senão aceitar incondicionalmente as decisões de Von Grossen? Os monges tibetanos, por sua parte, nunca discutiram as ordens e, uma vez mais, se dispunham a apoiar nossos planos.

Partiríamos ao amanhecer. Porém, formamos um círculo ao redor do fogo e nos abraçamos para transferirmos calor, postura que adotou também o cão Vruna. Apesar do frio reinante na madrugada, todos conseguimos dormir, devido ao grande cansaço que acumuláramos durante os últimos dias. Não tínhamos nem uma manta ou capa, e por isso nos apertávamos uns contra os outros para evitar o congelamento, ainda que fosse evidente que naquele lugar não fazia tanto frio como nos cumes dos montes Kuen Lun. E quanto as armas, somente conservávamos as adagas e as Luger de Karl, Oskar e eu, e as duas metralhadoras Shmisser que levávamos cruzadas nas costas. Para esta terrível arma contávamos com apenas duas cargas cada um, assim como para a Luger. Insuficiente para transitar por um país em guerra civil, mas sempre melhor que nada.

Todos os kâulikas, pelo contrário, tinham seus punhais, cimitarras e alforges com as cinqüenta flechas. Além de tudo, nem comida, nem água, nem apetrechos de nenhuma classe, salvo o que levávamos no momento de fugir da nefasta elevação. Eram poucas coisas, muito poucas se estivéssemos muito mais perdidos no Tibet, resultaram suficientes para chegar a Sining-Fu.

Tremendo de frio, ao amanhecer marchamos paralelamente ao rio Sining-Ho. Von Grossen nos surpreendeu a todos tirando do interior de sua jaqueta um mapa da região Oeste da China. E de seus bolsos, qual inesgotável caixa de Pandora, surgiram a

inseparável bússola, uma régua dobrável, e um compasso, elementos inúteis salvo a bússola e o mapa.

Antes de partir, fiz um túmulo de pedras e sepultei o desafortunado cão daiva. Não tinha por costume rezar, mas nessa ocasião me concentrei uns minutos e elevei todo meu eu à esfera dos Deuses, empregando o Scrotra Krâm para conseguir que Eles me escutassem: então me dirigi a Wothan, a ele pessoalmente, e solicitei uma taça de Hidromel pela façanha de Heinz, Hans e Kloster. Sim, disse aos Deuses que talvez eles devessem brindar por esses três guerreiros da Alemanha Eterna, recebe-los como Heróis no Valhalla e, se possível, teriam que fazer-lhes lugar ao cão daiva, ao cão de Shiva que transportara os guerreiros voando como Vâyu, o Vento!

Originado nos sistemas mais meridionais de Nan Chan, o Sining-Ho desce ao Sul e deságua no Tatung-Ho, depois de passar bom a ponte da Grande Muralha e banhar os muros da cidade de Sining: o Tatung-Ho, por sua parte, continua ao Sudeste e tributa suas águas ao Hoang-Ho ou Rio Amarelo na confluência de Lan Cheu. Ao redor do meio dia, chegamos a uma pequena aldeia fortificada e rodeada de rudimentares cultivos: era Hwuang-yugn, uma das postas do caminho Chang-Lam!

Na aldeia havia um Templo budista, várias pousadas para peregrinos e comerciantes, e um mercado livre de respeitável dimensões. O cavalariço pertencia ao Círculo Kâula e a seus estabelecimentos nos dirigimos com presteza. Ali nos tranqüilizamos uma vez que tomamos a primeira refeição quente em 24 horas. Segundo sua informação, homens do Príncipe de Kuku Noor nos buscaram durante alguns dias, e por fim retornaram ao Tibet. Seria difícil voltarem, a menos que alguém os convocasse, coisa que não sucederia se agíssemos com prudência e não nos deixássemos ver. De todo modo, o poder dos tibetanos sublevados chegava somente até Hwang-yugn, povoado situado do lado Norte da Grande Muralha, numa região tradicionalmente disputada por mongóis e tibetanos. Poucos quilômetros adiante, detrás da Grande Muralha, estava a província chinesa de Kansu e a cidade de Sining, onde o poder do Círculo Kâula era considerável.

Claro que se em Sining-Fu não devíamos temer a perseguição dos tibetanos, em compensação teríamos que evitar ver-nos envolvidos nas contínuas revoltas das facções chinesas. Desta vez, a logística e a tática ficaram nas mãos dos kâulikas, melhores conhecedores do terreno e possuidores de uma poderosa infra-estrutura de apoio. Seu plano, além do mais, era extremamente simples: pernoitaríamos na cavalariça, que nos parecia um palácio depois da noite anterior, e de manhã o chinês e seu filho nos levariam até Sining-Ho ocultos em duas carroças de quatro bois cada.

Os monges kâulikas nos fizeram saber que planejavam regressar ao Tibet depois que estivéssemos fora de perigo rumo a Shangai. Não voltariam diretamente ao Butão, pois tratariam de achar seus dois companheiros que haviam ficado com os holitas no Umbral do Vale dos Demônios Imortais. Ainda que não dispusessem dos cães daivas, conheciam muito bem sobre magia dos Kilkor e sabiam positivamente que o Vale perdido se encontrava a Oeste, em terras da Rainha Mãe Kuen Yin: seja pelo Leste, como fizemos nós, seja pelo Oeste, eles encontrariam as maneira de entrar e resgatar a seus Camaradas ou, talvez, vinga-los. Depois, se regressassem, se retirariam ao

Monastério do Butão, ou a algum outro pertencente ao Círculo Kâula, para meditar sobre tudo o que ocorreu naquela aventura. Combateram ombro a ombro junto a Shivatulku, foram guiados ao Vale dos Imortais pelos cães daivas, e participaram de seu vôo lung-svipa: eram certamente afortunados, os Deuses lhes sorriam, e somente lhes restava retirar-se a meditar e agradecer.

Nada podia objetar frente a essa admirável decisão, mas Karl Von Grossen pensava diferente. Chamou a parte Srivirya e a Bangi e os qualificou de "desertores". "Sua missão, lhes disse, só concluiria quando ***os que sabem*** validassem os resultados da operação". E tais pessoas, por suposto, se encontravam na Alemanha: a ambos, pois, lhes correspondia acompanhar-nos até nossa pátria e dar seus valiosos testemunhos. Então ficariam livres para regressar e as ϟϟ poriam a sua disposição todos os meios necessário.

Como os monges vacilavam, Von Grossen os pressionou moralmente, assegurando que de qualquer modo nos teriam de acompanhar até Shangai para oficiar como intérprete dos chineses e, uma vez lá, "não lhes custaria muito" embarcarem até a Alemanha, "que ficava quase tão distante quanto o Butão". Mas isto não era certo.

Srivirya e o gurka, em efeito, falavam chinês, mas ninguém conhecia uma palavra de japonês, o idioma de quem ocupavam a metade da China. Pelo contrário, Oskar e eu cursamos chinês e japonês na carreira de ***Ostenführer*** da ***NAPOLA***; e dominávamos o mandarim e o japonês. Mas, de qualquer modo, sempre existia o recurso do inglês, língua desprestigiada na Ásia mas na qual se podia comunicar Von Grossen ou qualquer um de nós. O idioma universal da Ásia, segundo pretendiam os filhos da pérfida Albion, seria o inglês, mas na verdade somente os funcionários coloniais e os cipaios de sempre o falavam, entre os membros cultos dos povos asiáticos, seja a Índia, Nepal, Cachemira, Butão, China, Birmânia, etc., o inglês era resistido e permanecia habitualmente desconhecido para não dizer ocultado e odiado.

Ainda que desaprovássemos a atitude de Von Grossen, nem Oskar nem eu desmentimos seus argumentos. Observávamos risonhamente, em troca, como os dois extraordinários Iniciados iam pouco a pouco cedendo em suas posições. A verdade era que no fundo, todos queríamos que os dois monges viajassem conosco para a Alemanha. Quando, no dia seguinte, partíamos para Sining, já estavam quase convencidos pelo persuasivo ***Standartenführer***.

Capítulo XXXV

Que cidade, neffe! Naqueles dias contava com não menos de 130 mil habitantes e um perímetro de mais de 20 km. A suas altíssimas muralhas chegavam rotas de toda a Ásia: da Mongólia, da Rússia, do Turquistão, de Dsungaria, do Afeganistão, da Índia, etc, além do mencionado Chang-Lam procedente de Lhasa, pelo qual chegaram as carretas que nos transportavam. Nosso caminho, desde que os cães daiva nos depositaram aos pés da cordilheira Chan Nan, seguia um mesmo roteiro natural: contornar a cordilheira por um lado, que agora se prolongava nos montes Ma-Ha-Che, e o rio Sining por outro; sobre sua margem direita se achava Sining-Fu, a 2500m de altura.

A cidade de Sining era um gigantesco mercado, ao qual nem a guerra civil, nem a guerra nacional contra o Japão, tinham afetado seu ritmo febril. A única alteração eram as diferentes tropas que coexistiam receosamente e que de tanto em tanto protagonizavam algum incidente. Tais tropas pertenciam a outros tantos ignotos Senhores ou tríades e controlavam, cada uma, um setor da cidade: até existiam facções nacionalistas e comunistas, além das aristocráticas e nobres, tradicionalistas, religiosas e mafiosas. No entanto, Sining-Fu era então território livre, quer dizer, que não tinha caído sob controle dos japoneses. Ante um ataque exterior, paradoxalmente, cada tropa se ocupava em defender sua parte da muralha e se esqueciam das diferenças frente ao inimigo comum.

A comunidade kâulika de Sining-Fu era realmente importante. O comprovamos ao ingressar no bairro "dos caras pálidas", assim dito pela cor da pele de seus vizinhos, e admirar o enorme Santuário de Shiva que possuíam. Ofereceram-se a nos providenciar o necessário para uma nova expedição ao Tibet: especialmente os entusiasmava a idéia de que empreendêssemos a aniquilação dos Gompas como o dos duskhas. Ficaram desencantados quando lhes explicamos que devíamos voltar à Alemanha.

– Se nossa raça chega algum dia dominar o mundo, e se mantém fiel à Sabedoria Hiperbórea da ϟϟ., ***não haverá lugar sobre a Terra para os adoradores e servos das Potências da Matéria:*** a ϟϟ. Eterna os destruirá sem misericórdia e vocês, heróicos kâulikas, estarão conosco, luzindo talvez a insígnia ***Totenkopf***[46[46]] - lhes assegurei, sem suspeitar que esta última parte se faria realidade antes do que eu pensava.

Em vista de nossa decisão irrevogável, os kâulikas decidiram apoiar a viagem ao Leste. Brevemente nos expuseram a situação. As duas forças mais poderosas da China eram os "nacionalistas" de Chiang-Kai Shek e os comunistas de Mao Tse-Tung. Antes de 1937, os dois exércitos lutavam violentamente, mas agora enfrentavam juntos o inimigo japonês. Como é natural, para qualquer um que entenda a estrutura política da Sinarquia, os comunistas eram abastecidos pela União Soviética e os "nacionalistas" eram socorridos pela Inglaterra e pelos EUA, quer dizer, o imperialismo anglo-saxão. E fraternalmente unida, como estavam na sinarquia seus sócios estrangeiros, à direita e a esquerda se aliavam contra o "fascismo" japonês: ***em escala reduzida, estava ocorrendo na guerra Chinesa o que sucederia quatro anos depois na Segunda Guerra Mundial***.

46[46] ***Totenkopf***: insignia da ***caveira***.

Havia apenas uma diferença, que para o caso não tinha importância, pois o homem desperto se guia por fatos e não nomes: ***era o adjetivo de "nacionalistas" que adotavam para definir a si mesmos os membros do partido de Chiang Kai-Shek***. Curiosamente, aqueles "nacionalistas" não estavam apoiados por nós, os nacional socialistas, mas pelo liberalismo extremo dos anglo-saxões. E isto se explicará facilmente porque isto é o que eram Chiang e seus partidários: expoentes da mais reacionária direita liberal da China, quer dizer, mais cipaia Nisto de ser cipaio, partidário das potências colonialistas em prejuízo de seu próprio povo, deve-se admitir que Chiang Kai-Shek foi quase tão grandioso quanto Mahatma Ghandi, agente do Serviço Secreto inglês que entregou a Índia à exploração dos amos do ***commonwealth*** impedindo que ali se desenvolvesse uma verdadeira revolução nacionalista, ou seja, nacional-socialista.

Por isso, chamar Chiang de "nacionalista" seria apenas uma piada de mau gosto, se não fosse porque o papel que o fizeram representar os seus chefes da Sinarquia causara finalmente a queda da milenar cultura chinesa na mesquinha e estreita doutrina marxista-leninista. Não; Chiang não era um nacionalista, mas simplesmente um cipaio. E o que duvide disso observe o que ele fez com Formosa, moderna Taiwan, onde não existem as corporações populares características do nacionalismo, mas a ação perniciosa das companhias multinacionais e do Banco Mundial, a ilimitada exploração do povo chinês, completamente à margem do destino de sua "Nação", posto que este já fora desenhado pela Sinarquia.

Se um povo deseja ser imperialista, a História fornece dois modelos clássicos, que não pela falta de compreensão são menos utilizados em todos os tempos. Um é o modelo greco-romano, herdado do antiqüíssimo conceito de "Império Universal" dos indo-arianos: este modelo, e Roma nos deu um de seus últimos exemplos, só exige que o restante dos povos sejam submetidos militarmente, não culturalmente; assim, os povos de costumes diferentes podiam ser integrados no Império Romano conservando sua língua, Cultura e costumes e, se eram suficientemente fortes para resistir com orgulho à ***pax romana***, podiam obter concessões extraordinárias, como a cidadania dos gauleses e espanhóis, e o controle do exército, e do Império todo, conseguido pelos germanos; isso foi possível porque neste modelo de Império o valor se assentava paradoxalmente no valor, real, dos povos: era mais valioso o mais valente; este princípio tinha caráter indubitável e ninguém temia a ascensão imperial de um povo valente, pois era óbvio que tal povo era valioso para o Império.

Quer dizer, nesse primeiro momento não seria necessário praticar a doutrinação cultural dos vencidos, lavar seus cérebros, destruí-los moralmente, corrompê-los, mantê-los na barbárie ou de volta à selvageria: *isso não convinha a ninguém, ia contra a essência jurídica do Império Universal Ariano, quer dizer, ia contra a Honra*. E aqui está o cerne da questão: o suporte ético do princípio anterior, e de quantos constituem o Império Universal, é o Princípio dos Princípios, o Princípio Supremo que é a pedra fundamental da estrutura jurídico-social do Estado Nacional: *o princípio da Honra. A justiça com que o Império tratará um povo conquistado ou aliado, da que dependerá sua existência* ***e desenvolvimento, só requererá a garantia da Honra.*** Por exemplo, Alexandre, imperialista com Honra, não precisou desmembrar o Egito, nem impor a língua grega aos egípcios, nem aniquilá-los, nem destruir suas pirâmides, para aceitá-los sem preconceitos como federados do Império Macedônico. E os romanos, salvo as distâncias, quando ao fim submeteram os gauleses, que resistiram sangrentamente por séculos, procederam de forma igualmente

honorável: e a tal extremo lhes abriram as portas do Império que em pouco tempo já não se falou mais de gauleses, mas de galo-romanos.

O outro Modelo de Império é o cartaginês, ***tipicamente não-ário***, herdado pelos fenícios de seus antepassados semitas da Assíria, Babilônia e Suméria. Convém compreender este conceito porque ao modelo cartaginês aderiram os ingleses e norte-americanos, povos completamente judaizados pela sistemática e trabalho incansável da Fraternidade Branca.

Dos cartagineses Belicena Villca já falou em sua carta: povo de mercadores sem ética; hábeis somente para o comércio e a pirataria, famosos pelos sacrifícios humanos que ofereciam a seu Ídolo de Ferro incandescente. Cartagineses, ingleses, ianques: como seus predecessores do Império assírio-babilônico, pensam que o resto dos povos da Terra são um artigo de consumo para seus apetites sem fim! Eis aqui o princípio equivalente ao do valor para os povos do modelo greco-romano: para os cartagineses, ingleses e ianques os povos não têm valor em si, mas **na medida em que sejam úteis ao Império**. Assim, o povo conquistado ou dominado fica escravizado, humilhado, desumanizado, esvaziado de significado, **transformado em ferramenta, em utensílio: vale enquanto serve**. Princípio judaico do valor que não é incomum achar na cúspide do imperialismo anglo-saxão. Se um povo "colonial" serve, deve ser explorado sem limite; se pode servir, deve ser doutrinado para que brinde utilidade, o que representa uma inversão que terá de terá de proteger e recobrar com juros. Se algo se opõe à exploração, deve ser neutralizado: **se não se procede assim, se justificarão hipocritamente, não se estaria "ajudando" tal povo a recobrar seu valor, sua utilidade**. O homem tem um preço, como as mercadorias: **vale o que faz, e pode valer mais pelo que é capaz de fazer**. O Império cartaginês-anglo-saxão se comprometerá a extrair o máximo valor utilitário dos povos, conduzindo-lhes à possibilidade de valer muito produzindo muito. O que se oponha a esta magnânima concessão dos que detém o Poder do Mundo será destruído: pelo bem dos que estão submissos, mas podem mostrar valor; na defesa da possibilidade de ser útil aos imperialistas, possibilidade que denominam seriamente "liberdade democrática". E o que é que se opõe a que esse povo que nada vale, se valorize sendo útil ao Império, servindo, produzindo, permitindo que o Império se aproprie de suas riquezas, se as tem, ou impedindo de gastá-las em proveito próprio caso o Império a necessite agora ou amanhã?

Sua Cultura própria é o obstáculo? Pois será reculturalizado por todos os meios possíveis. É a consciência nacional o inimigo? Pois se atacará a essência do Ser nacional: se começará por desprestigiar o bem próprio e se exaltará o bem alheio; contrariamente, se diminuirá o mal alheio e se exaltará até o exagero o mal próprio; assim entrará em colapso a confiança no Destino nacional, e o povo crerá apático que a distância cultural entre a debilidade nacional própria e a força e grandeza alheias é insuperável. O segundo passo consistirá em atacar especificamente os suportes do Ser nacional: a territorialidade, os símbolos pátrios, as tradições, etc. Se deslocarão ou ameaçarão as fronteiras para criar a sensação de que a Nação "não está terminada", que há algo a construir, que não existe; serão criticados os pais da nação, que bem ou mal contribuíram para sua existência, para que o povo sinta vergonha de seu passado; em comparação se apresentarão os contemporâneos imperialistas daqueles, para que o povo repudie seus próprios e admire os gringos, e se lamente o que fizemos, enquanto eles construíam seus poderosos Impérios?

A unidade racial é o impedimento? Se tornará bastardo o povo favorecendo a imigração de Raças inferiores. É a unidade nacional? Esta será desintegrada subornando ou comprando dirigentes, enfrentando uns aos outros, e criando o caos, a evidência de que se trata de um povo no qual seus membros "não conseguem se por em acordo entre si".

Como vês, neffe, o modelo cartaginês demonstra todo um ***modus operandi*** na ação dos imperialistas. Enquanto no modelo greco-romano "o mais valioso era o mais valente", e os povos valorosos podiam crescer e se desenvolver sem problemas, segundo suas próprias pautas culturais, no modelo cartaginês-anglo-saxão deve-se aplicar permanentemente o princípio "vale enquanto serve", o que obriga a submissão dos povos vencidos mediante as práticas mais vis. E aqui chegamos também ao cerne da questão: o suporte jurídico do princípio anterior, e de quantos constituem o Império cartaginês-anglo-saxão, é o Princípio dos princípios sinárquicos, o Princípio Supremo que é a Pedra Fundamental da estrutura jurídico-social do Estado sinárquico: ***o Princípio da Divisão***.

Divisão do quê? De tudo, porque o Princípio da Divisão outorga ao Imperador ou Rei, cartaginês, inglês ou ianque, **o direito** a dividir a estrutura dos povos. Deve-se comparar de imediato, para que saltem as diferenças: o Princípio da Honra dos imperialistas greco-romanos era essencialmente **ético** e criava a **obrigação** de buscar o bem comum, de valorizar o valor do valoroso; pelo contrário, o Princípio da Divisão dos imperialistas cartagineses-anglo-saxões era fundamentalmente jurídico e gerava o **direito a dividir** para assegurar o valor dos que servem, para proteger a liberdade democrática de valer sendo útil, produzindo, servindo.

Aqui estão as diferenças fundamentais de ambos os modelos: o ético contra o jurídico e amoral; a obrigação moral de buscar o bem comum, contra o direito amoral de dividir o bem comum para extrair seu valor utilitário. O imperialismo greco-romano produzia "cidadãos do Império", honroso título que de nenhum modo menosprezava sua nacionalidade ou orgulho racial. O imperialismo cartaginês-anglo-saxão modela "cidadãos do Mundo", ambíguo e desonroso título que na maioria das vezes oculta a traição inconfessável. Aos cidadãos do Império já os conhecemos pela história. É interessante em troca saber como são os "cidadãos do Mundo", título análogo a "escravo da Sinarquia". Pois, se tratam de seres que foram conformados ao modelo cartaginês-anglo-saxão, quer dizer, seres que padeceram todos os modos do princípio da Divisão. São habitualmente ***internacionalistas*** porque sua nacionalidade foi ***dividida*** e desagregada: crêem que o ***internacional*** salva a diferença entre os povos. São ditos ***pacifistas*** porque sua estrutura psíquica foi ***dividida*** freudianamente e seu instinto guerreiro qualificado de "tendências agressivas primitivas que se originam no córtex, o cérebro animal, e surgem através do Inconsciente": para a Cultura psicanalítica, o instinto guerreiro é um impulso vergonhoso, quase animal, sumamente perigoso "porque pode encarnar-se no Mito do Herói" e se tornar dominante na consciência; quem está assim doutrinado, identifica guerra com selvageria, e crê que na paz deve ser conseguida a qualquer custo porque nesse estado social é possível demonstrar a ***utilidade*** servindo o imperialismo pacifista, Governo Mundial, Sinarquia, ou como quer que o sistema os explore. Estes exemplares são daltônicos a nacionalidade e se lhes bloqueou o instinto guerreiro; carecem, portanto de senso heróico, de capacidade patriótica de reação, são seres psicologicamente mutilados que crêem na união de vários

conceitos impossíveis de se unir sob um imperialismo cartaginês-anglo-saxão: paz, felicidade, criação, progresso, liberdade, civilização do amor, fraternidade universal, etc. Naturalmente, em nossa época, podem ser bons comunistas ou bons liberais, indistintamente.

Mas além de ***internacionalistas*** ou ***pacifistas*** podem ser colaboradores do sistema imperial cartaginês, trabalhando desde dentro de suas Nações, nas quais não crêem, para favorecer a contribuição do valor utilitário que os imperialistas assinalaram a seu povo ou país; ou podem ser agentes internacionais do imperialismo e consagrar-se a executar seus planos. De qualquer modo, sua tarefa consistirá, desde dentro ou fora, em dividir, quer dizer, aplicar o Princípio da Divisão ali onde exista algo unido que se oponha ao imperialismo cartaginês-anglo-saxão: a intriga, a corrupção, o maquiavelismo, o suborno, a insídia, a difamação, a publicidade, a desinformação, etc, todos os meios e crimes seriam válidos para ***dividir*** os todos e fortalecer as partes que sejam ***úteis*** e ***sirvam*** ao imperialismo estrangeiro. Na formação de lacaios dessa classe, o imperialismo cartaginês-anglo-saxão sempre foi eficiente: ***o tipo clássico é o "cipaio"***. Naturalmente, não me refiro ao cipaio hindu, homem concreto que muitas vezes com incrível valor tentou se livrar dos espoliadores ingleses, mas ao ***tipo*** do cipaio, a classe de homem ***"útil em serviço"*** que os ingleses queriam fabricar dividindo todos os seus princípios. Em Cartago existiam milhares de mercenários dessa classe. Na Ásia e na África os ingleses os fabricariam em centenas de milhares.

E chegamos assim em Chiang Kai-Shek, que era o clássico tipo de cipaio a serviço da potência colonial cartaginesa-anglo-saxã, e comprovamos que ao definir corretamente os termos uma personagem tal nada pode ter de "nacionalista" e sim muito de agente imperialista. Ele, como Gandhi na Índia, Marcos nas Filipinas, F. Duvalier no Haiti, Reza Pahlevi no Irã, Tito na Iugoslávia, Fidel Castro em Cuba, e tantos incontáveis tiraninhos da Ásia, África e América Latina, foram grandes cipaios que sistematicamente dividiram os verdadeiros movimentos nacionalistas de seus países e logo os esmagaram parte por parte; entenda-se: o nacionalismo é o pior inimigo do imperialismo cartaginês-anglo-saxão.

Agora bem, neffe: demonstrei que o Princípio Supremo do imperialismo cartaginês-anglo-saxão é o princípio da Divisão e o opus ao Princípio da Honra, que fundamenta o Império Universal Ário. Pois bem: cabe agregar que tal "Princípio da Divisão" ***é essencialmente não-Ário***.

Mas não se trata somente de uma presunção, do fato de que tanto cartagineses como fenícios, egípcios, assírios, babilônios, etc, o tenham empregado profundamente, porque nos Reinos Ários onde a hipocrisia sacerdotal tenha predominado durante algum período o Princípio da Divisão também foi usado, dado que as castas Sacerdotais e a Sinarquia registram ambas interesses comuns. A prova de sua origem não-Ária está, como não podia ser de outro modo, em sua procedência bíblica. Vale dizer, o princípio, que dá o ***Direito da Dividir***, ainda que antigo e não-ário, acha sua formulação jurídica no povo que adora um Deus de Justiça, um que põe as Tábuas da Lei; e esse povo é Israel, o Povo Eleito de Jehová-Satanás.

Para apresentar o Princípio da Divisão os Doutores da Lei o expressam mediante uma metáfora o Livro I dos Reis. A partir dessa figura se extrairá o Principio que será regulamentado legalmente, ***se o converterá em direito Divino de Reis e***

Imperadores; e, modernamente, no direito não-declarado próprio dos hierarcas do imperialismo cartaginês-anglo-saxão.

Logicamente, por tratar-se de um direito, sua sanção deve realizar-se no percurso de um julgamento. E um julgamento no qual o juiz seja inapelável, de maneira tal que o veredicto exercido se converta em Princípio Supremo, na Lei Primeira. Um juiz assim só pode ser o "homem mais sábio da Terra e da História"; e também deve ser Rei, porque o Princípio da Divisão outorgará o direito somente a Soberanos do modelo cartaginês.

O homem que reunia essas condições, por suposto, é o Salomão:

"Teu servo Salomão está no meio do Povo Eleito, que é tão numeroso que não se pode contar sua multidão. Concede, pois, a teu servo um coração prudente, para que saiba julgar e discernir entre o bom e o mau. Pois quem é capaz de julgar a este Povo teu tão considerável?"

"Agradou a Jehová que Salomão fizesse este pedido pelo que disse: ...Vou conceder o que pedes: darei-te um coração tão sábio e inteligente, como não houve antes de ti nem haverá depois de ti". (I Reis, 3,7)

Já está apresentada a personagem: sábio por disposição de Deus, seu juízo é inapelável; e é Rei. Deve, a seguir, exercer o ***Direito a Dividir***, para que se converta em Princípio Supremo, em Lei Primeira. A oportunidade será dada por duas prostitutas judias que disputam a maternidade de uma criança: uma delas trocou seu filho morto pelo da outra.

"Disse então o Rei: esta diz: Meu filho é o vivo, e teu filho está morto. Enquanto aquela replica: não é verdade; teu filho é o morto e o meu é o vivo. E acrescentou o Rei: traz-me uma espada, e ordenou: Parta em dois o menino vivo e dê uma metade a uma e a outra metade para outra." (I Reis, 3, 23)

Este é o famoso "juízo salomônico", que legaliza o direito do Rei a dividir ***se isso é útil***; neste caso a utilidade está em conhecer a verdade, que valorizará a mãe com sua criança restabelecendo sua tutela. Deve-se advertir que se deixou bem claro o caráter sacerdotal da Investidura: o Rei não porta a Espada: a solicita; é um Sacerdote. Recordemos que a Bíblia é um Livro Sagrado e até sua última vírgula tem significado. Escutamos diariamente os pregadores evangélicos qualificar a Bíblia "Palavra de Deus". Mas há quem acredite cegamente que isto é o certo: são os Rabinos Cabalistas, os mesmos que justamente manejam secretamente a Maçonaria e dezenas de Sociedades Secretas da Sinarquia, organizações nas que, casualmente, militam os "homens de Estado" que dirigem o imperialismo-cartaginês-anglo-saxão.

Portanto escuso é o Princípio que se desprende da metáfora bíblica. Que significam, em termos rabínicos, aquelas imagens? Que o Sacerdote-Rei tem o ***direito*** de solicitar a Espada e ***dividir: e que este direito é justo***. Não só justo, mas fonte da Justiça. A Justiça ao princípio do julgamento não está manifesta, não se sabe quem é na verdade a mãe: ***a Justiça se fez presente depois que o Sacerdote-Rei exerceu o direito de dividir***. Em resumo: ***o Sacerdote-Rei toma a Espada, "o Poder do Estado", e exerce o direito de dividir o corpo de um menino, "um povo pequeno", e isso é justo, produz a Justiça, o próprio fundamento do Sacerdote-Rei.*** Conclusão: ***o direito do Rei a dividir suas bases justifica a ruptura e fortalece o Trono***.

Com seu costumeiro realismo, os Doutores Rabinos interpretaram desta forma o juízo salomônico e o sintetizaram no Talmud, de onde certamente Maquiavel aprendeu***: "o Rei deve dividir para reinar"***.

Este princípio não-Ário, judaico e amoral, se constituiu no axioma versor dos imperialistas cartagineses-anglo-saxões. Eles dividem tudo, como demonstrei antes, e ainda no momento de se retirar, de uma colônia por exemplo, a deixam dividida em todas as ordens possíveis, desde a territorial até a política e econômica, contando para essa tarefa, desde cedo, com sua corte de cipaios.

Lembra, neffe, que a célebre ***"Divisão Internacional do Trabalho"*** é um conceito do liberalismo inglês do século XIX. Agora podeis ver que se inspira nos Princípios talmúdicos: ***"o Rei, se é Sábio, deve dividir suas bases para reinar"; "O Rei é o único todo, ao que não podem alcançar nenhuma de suas partes"; "as partes do Reino, valem enquanto servem".*** Naturalmente, este Reino é Malkhut, o décimo Sephiroth.

Capítulo XXXVI

Os comunistas e os nacionalistas de Kuomintang nos explicaram os kâulikas de Sining, se bem lutassem unidos contra os japoneses, sustentavam duros confrontos entre si nas regiões interiores da China. O Japão controlava toda a costa oriental, ao sul de Cantão, e ocupava cidades tão importantes como Shangai, Nankin, Hankou, Pekín, etc. Mas nunca foi fácil apoderar-se da China: inumeráveis cidades estavam dominadas pelas tropas de Chiang Kai-Shek enquanto que os comunistas eram notavelmente fortes na campanha, onde contavam com a simpatia incondicional do campesinato chinês; isto era o resultado de 20 anos de proselitismo no campo, contradizendo os postulados do marxismo-leninismo que afirmavam a primazia revolucionária do proletariado ou classe trabalhadora urbana: aquele acerto tático político foi obra de Mao Tse Tung, e assim um pequeno movimento de guerrilha, que começou nas províncias austrais de Kiangsi[47][47] e Fukien, e se estendeu à central Szechwan atrás da "larga marcha", agora era uma poderosa força militar irregular que tinha seu controle em três províncias mais, em torno de Yenan: Shensi, Ningshia, e Kansu, a província na que nos encontrávamos.

Isto significava que os comunistas imperavam no campo e vigiavam os caminhos daquela região. Por outra parte, as forças de Chiang Kai Shek, fortes nas cidades, também patrulhavam os caminhos, hostilizando-se às vezes com os comunistas. Esta situação supunha riscos certos para quem tentasse deslocar-se ao Leste sem estar envolvido num dos bandos em voga. O Shivaguru de Sining nos propôs uma forma de chegar a Shangai.

- Já que não considerais aos japoneses como inimigos vossos, vos sugiro a maneira de chegar até eles sem que antes vos matem os comunistas ou os nacionalistas. Uns meses atrás isto teria sido muito simples, tomando um dos caminhos do Noroeste e aproveitando os braços navegáveis do Rio Amarelo. Mas agora ocorreu uma terrível desgraça, que tornou intransitável esta região: o ***Tung Chih*** [48][48] Chiang Kai-Shek, que Kuan Yin se apiede de seu apaixonado coração, acaba de voar os diques do rio Hoang-Ho para deter o avanço dos japoneses, mas tal ação custou um terrível sacrifício de vidas chinesas inocentes.

Em efeito, neffe: em 1938, Chiang inundou o vale do Rio Amarelo e condenou a morrer afogada a quantia de 880.000 mil pessoas. Sim, quase um milhão de mortos por uma só ordem: e não é sabido que ninguém lhe promovera um tribunal ***por "crimes contra a humanidade", em 1945***. Se isto não tivesse acontecido, haverá de se admitir que foi absolvido de antemão, e que tal indulto foi-lhe concedido em reconhecimento a sua refinada qualidade de cipaio.

- Tal como estão as coisas – continuou o Shivaguru – vos aconselho viajar até Lan-Chen-Fu, cidade situada a 200 km ao Leste. Dali é possível dirigir-vos a Shangai ***de diferentes modos: já vos direi como***. As recordações que em tempos de paz era factível percorrer os 200 km que mediam a Shangai empregando o trem. Agora isso não se pode fazer, pois o a linha que levava a Lan-Chen-Fu está interrompida pela ponte

---

[47][47] Exemplo de nome chinês: ***Kiang:*** río; ***Si:*** oeste; Kiangsi : Rio do Oeste.
[48][48] ***Tung Chih:*** Camarada.

sobre o Rio Amarelo; e desde Lan-Chen-Fu, somente funciona um trecho que não passa além de Cheng Chou, na província de Honan[49][49]. Enfim, tereis de salvar a cavalo os 200 km, por um caminho infestado de guerrilheiros ou "nacionalistas" e, possivelmente, devereis matar a membros dos dois bandos; mas não vos preocupeis, matar é tarefa comum nestes dias!

- Vós sois onze: reforçar-vos-ei com 25 homens armados de fuzil, parte da tropa que protege nosso bairro. Falemos agora do que fareis em Lan-Chen-Fu. Haveis ouvido falar da ***Banda Verde?***

- Trata-se da confraria de bandidos? – perguntou Von Grossen, que evidentemente sabia algo do assunto. O Shivaguru sorriu com um gesto compassivo.

- Não sejais tão duros conosco. A Banda Verde é uma Sociedade Secreta. E as Sociedades Secretas são para a China o que as fragrâncias são para as flores. A Banda Verde é uma Sociedade de Iniciados que compartilham conosco o mesmo Tantra e coincidem em idêntico Tao: muitos de seus membros foram ou são monges kâulikas. Só que eles, por sua particular idiossincrasia, escolheram um caminho que se interna muito mais no Mundo dos homens adormecidos. Mas eles, claro está, não poderiam aceitar nem cumprir as leis desse Mundo sem acabar também letárgicos. E não o fazem! Eles trabalham a seu modo, segundo seu próprio código de Honra, e por isso são chamados "bandidos" por homens adormecidos. Mas não os subestimeis, pois se requer muito valor para ser Senhor de Si Mesmo em meio dos prazeres e tentações: somente que tenha provado das Cinco Coisas Proibidas, dispõe de vontade suficiente para atuar na Banda Verde.

Esse caminho não é para qualquer um, o repito. Eu, por exemplo, prefiro a tranqüilidade de nossos Monastérios, a serenidade dos ginásios de Artes Marciais, ***ao permanentemente perigoso caminho da Banda Verde***. Contudo, todos necessitam se temos de marchar lutando até a mesma meta. É assim que a Banda Verde ajuda ao Círculo Kâula com o que representa seu forte o domínio dos valores materiais. E o Círculo Kâula auxilia a Banda Verde com o que melhor sabe fazer: ***sha***[50][50]. Naturalmente, para nos, como para Krishna, o Filho de Indra, ***matar não significa nada, se o Espírito do assassino está além de Mâyâ, a Ilusão da Vida; se quando nossa cimitarra tira a vida miserável, o Espírito dança junto a Shiva o Baile da Destruição***.

- Sei que não devo explicar estas coisas a vós, que estais iluminado por Shiva e que haveis realizado maravilhosa proeza de dizimar os vampiros duskhas. Perguntei-vos pela Banda Verde não para conhecer vossa opinião, mas para informar que serão eles quem vos conduzirão até Shangai. Em Lan-Chen-Fu vos poremos em contato com a Banda Verde e a partir de então ficareis em suas mãos, que são de absoluta confiança. Se quiserdes, poderão tirar-vos da China por Hong Kong, mas se insistis em tratar com os japoneses podereis ir igualmente a Shangai.

Antes de sair, o Shivaguru de Sining nos fez uma notável reflexão:

49[49] ***Ho:*** rio; ***Nan:*** sul; Honan: Río do Sul.

50[50] ***Sha: matar.***

- Vós, os alemães, vos equivocais ao confiar nos japoneses; eles, cedo ou tarde vos trairão! Nós os conhecemos há milênios e por isso podemos falar com fundamento: ***eles no fundo são miseráveis budistas, ainda façam gala de sua tradição samurai***. Alguma vez foram valentes guerreiros, é certo, mas isso caiu apenas na recordação, e de recordação vivem os lesados e os anciãos. ***Eles têm sido trabalhados por sacerdotes budistas da Fraternidade Branca, têm sido "moralizados", ou seja, abrandados, debilitados, amansados, pacificados***. Hoje, sob a aparente ***austeridade*** palpita o Dragão da Envídia pelo luxo e pela Cultura ocidental, sob o disfarce da ***humildade*** palpita o burguês desejoso de todos os prazeres; sob a máscara do ***guerreiro*** consagrado às penúrias da luta, está o rosto pusilânime do que ama as comodidades da paz, sob a declamada ***honra*** se esconde a traição. Recordai minhas palavras, Shivatulku, e repeti-as a vosso Führer se puderes. ***Vosso aliado natural não é o Japão senão a China: por aqui passa o Tao***!

Ai, neffe Arturo, quanta razão tinha aquele monge kâulika em 1938! Tal como o Führer me explicara naquela noite da graduação, na Chancelaria, e tal como era de público conhecimento, ele foi o primeiro que desnudou a armadura interna da Sinarquia e expôs sua medula judaica. No centro estava o sionismo, sustentado esotericamente pelos Sábios de Sião do Grande Sanhedrin; para dominar o mundo a Sinarquia dispunha de duas alas táticas, uma direita ou judaico-liberal e outra esquerda, ou judaico-marxista. Na ala direita estava apoiada esotericamente pela maçonaria e centenas de seitas afins; o marxismo contava diretamente com o controle dos membros do Povo Eleito, assim que seu fundamento esotérico seria simplesmente rabínico. Segundo o Führer, o homem politicamente mais esclarecido da história, assim funcionava organicamente a Grande Conspiração Judia ou Sinarquia Universal. Mas, uma coisa é afirmá-lo e outra, demonstra-lo. Como conseguir que o inimigo, um inimigo suficientemente capaz de desenvolver uma Estratégia durante séculos e envolver nela os povos, países e nações se desmascare? Como conseguir que o Inimigo abandone toda cautela e deixe em descoberto sua tenebrosa aliança? Como provoca-lo para que se delate desse modo?

O Führer achou a solução. "se existe algo que jamais permitirão os Sábios de Sião, nem a Sinarquia, nem a Fraternidade Branca, nem o próprio Criador, Jehová-Satanás, ***será que pereça o comunismo",*** foi mais ou menos o genial raciocínio. Em efeito, o comunismo, a mais pura expressão política da mentalidade judia, não poderia perde-se: semelhante possibilidade, para a Sinarquia, era naturalmente inconcebível. E desde tal ponto de vista político "o comunismo", claro, ***era a União Soviética***. Em síntese, ***um golpe tático contra o comunismo soviético obrigaria todos os Estados partícipes da Sinarquia correr em auxílio de seu aliado***. Ataca a União Soviética era, assim, um objetivo estratégico de primeira ordem contra a Sinarquia Universal. O Führer o sabia e obrou conscientemente prevendo que a Guerra Total do Terceiro Reich contra a Sinarquia seria uma Guerra de Princípio Supremos: o Espírito Eterno contra as Potências da Matéria. Durante a guerra antecipou o que ia vir, com sua precisão habitual: "***Se garantimos a guerra, o poder judeu terá desaparecido para sempre; se perdermos, seu triunfo será de curta duração, pois sua organização ficará definitivamente exposta***".

E o que fizeram os "Camaradas" japoneses para favorecer a Estratégia do Führer? Recordemos. Alemanha invade a União Soviética em 22 de Junho de 1941. Qualquer um

pensaria que com um "aliado" como Japão ocupando a China desde 1937, a União Soviética se viria entre dois fogos. Pois quem tal pensara se equivocaria em muito, pois em 13 de Abril de 1941, "casualmente" dois meses antes da Operação Barbarossa, o Japão firmava o "***Pacto de neutralidade japonês-russo soviético***" que implicava a desmilitarização da Manchúria e Mongólia. É claro, neffe, que se o Japão houvesse participado realmente de nossa ***weltanschauung*** haveria atacado a União Soviética simultaneamente com os alemães. Com os exércitos alemães pelo Oeste e as hordas japonesas pelo Leste, o comunismo soviético se haveria asfixiado numa mortífera pinça nacional-socialista.

Logicamente, depois de 1945 refleti muito sobre as palavras do Shivaguru de Sining e me resultou difícil não dar-lhe razão, toda vez que os fatos as confirmam. Logo, frente à atitude desonesta do Japão, mais nos teria valido ter por aliados os chineses: eles nesses anos desejavam destruir o comunismo soviético quase tanto quanto tirar os japoneses de cima. Havia se equivocado o Führer ao confiar no Japão – erro que lhe custaria a Campanha da Rússia e o resultado da Guerra Mundial? Creio que não houve tal erro e que a Estratégia do Führer era tão genial que conseguiu o incrível efeito de descobrir a "mentalidade judaica" ali onde estivesse, ainda entre os mesmos "aliados" da Alemanha. Numa guerra de Princípios Supremos como a que decretara o Führer não interessava "ganhar" ou "perder" na Terra, no plano material, senão impor uma ***weltanschauung*** espiritual cujo valor estava de tudo fora do plano material: se a ***weltanschauung***, a concepção hiperbórea de Mundo, "nossos estandartes", eram compreendidos pelo homem de Honra, a guerra se ganharia, ainda que sofresse um traspié material; se a ***weltanschauung*** não se compreendesse, ou fosse esquecida, a guerra se perderia, ainda quando nos favorecesse a sorte das armas. Nessa guerra de Princípios Supremos, não interessaria uma vida sem Honra: seria o momento histórico no qual cada povo demonstraria seu verdadeiro ser e o que desejaria ser. Um homem extraordinário, talvez um Deus, um a que os kâulikas denominavam o Senhor da Vontade Absoluta, havia criado as circunstâncias que obrigariam cada povo manifestar sua essência, que poria a Sinarquia em descoberto, que maturaria o pus judaico e o faria brotar dali onde estivesse incubado seu cultivo corrupto. Sendo assim, equivocou-se o Führer ou acertou maravilhosamente ao conseguir que o Japão se desmascarasse ente o Mundo e a História e mostrasse sua face oculta, que hoje causa a admiração da Sinarquia?

Na história não existem surpresas. Os fatos históricos registram causas que às vezes se remontam séculos ou milênios anteriores. O Japão é hoje um gigantesco kibutz, a "mentalidade judaica" se impôs em todas as ordens, de maneira semelhante a o que ocorre na Inglaterra, e predomina um generalizado consenso para que o país permaneça alinhado na Sinarquia, pertença à Comissão Trilateral, à ONU, à OTAN, etc.; em todo mundo, ali, fala de yenes, de paz, de consumo, de turismo, de irmandade, liberdade, fraternidade, etc. Esta "mudança", aparentemente "surpresa" dada a vocação "guerreira" dos japoneses antes da Segunda Guerra Mundial é realmente uma mudança, devido ao aniquilamento de Hiroshima e Nagasaki, ou a exibição da verdadeira natureza dos japoneses, que talvez por uma espécie de trauma coletivo quisessem durante séculos serem o que não eram, isto é, Kshatriyas, Samurais, e haviam terminado simulando, representando o papel de guerreiros? Porque todos os fenômenos históricos, como esta suposta "mudança" dos japoneses, tem causas antigas que o justificam: ***ninguém se***

torna judeu da noite para o dia; para ser um bom filho de Israel são necessárias muitas "virtudes", como por exemplo, a usura e o amor ao lucro, que requerem bastante tempo para desenvolver. Mas em tão pouco tempo os japoneses demonstraram ser tão bons judeus como os israelitas e os ingleses, não significa isso que no Japão a mentalidade judaica se encontrava lavrada e que o calor de Hiroshima e Nagasaki somente produziu sua metamorfose, o nascimento da crisálida sinárquica que hoje em dia é uma bela mariposa a mais no enxame da Fraternidade Branca?

Querido neffe: você é um jovem idealista e conhece bem a História. Escuta este princípio, comprovado por um velho que já viveu demasiado, e que sintetiza quanto te fala sobre a atitude dos japoneses: ***nenhum povo, jamais, perde sua Honra de repente; não há exemplo algum na História que prove o contrário. Os povos, como tudo o que vive, seguem as leis da natureza e entre eles, como entre os habitantes da selva, há povos leões e povos cordeiros, povos condores e povos ratos; e, como entre os animais, nenhum leão se converte de repente em cordeiro, nenhum condor se transforma subitamente em rato: se tal "mudança" fosse verdadeiramente possível, requereria uma longa evolução, milenar.*** Claro que, como nas fábulas, os cordeiros podem alguma vez se disfarçar de leões, os ratos de vestirem de condores. Eis aqui o que eu creio: ***a Estratégia do Führer marcou uma hora histórica, análoga à hora marcada nos bailes de máscara quando todos devem tirar a máscara, na qual nos foi dado observar os cordeiros e os ratos, e uma infinidade de outros animais, sob os vistosos e enganosos trajes de leão, condor e outros predadores***.

Creio, neffe, que os japoneses já eram antes da Guerra Mundial o que hoje são, que não "mudaram" uma vírgula, que o Shivaguru tinha razão em seus temores, mas não compreendia totalmente a Estratégia do Führer, que efetivamente nos traíram, pois seus corações estavam com a Fraternidade Branca, ainda que seus lábios desmentissem os atos estratégicos opostos à nossa ***weltanschauung***; e que isso era previsível, especialmente para os chineses, que há milênios sabiam com a classe de bois que aravam. Mas a traição não consistiu somente no infame pacto, respeitado escrupulosamente, que deixava os soviéticos de mãos livres para se ocuparem unicamente da Alemanha. Lembremos também que o 7 de Dezembro de 1941, quando os alemães confrontavam o terrível inverno russo, enfrentando sem trégua os bolcheviques, os "Camaradas" japoneses atacavam os Estados Unidos em Pearl Harbor, concedendo deste modo a oportunidade a essa colossal e estúpida potência sinárquica para intervir diretamente na Guerra Mundial.

De acordo ao modelo clássico da Justiça judaica, o "pecado" de um povo contra Jehová é redimível mediante o Sacrifício Ritual de uma parte de seus membros e da submissão do resto a Lei. Se bem que os japoneses não participassem diretamente das bondades da cultura judaica, seu fanatismo ao budismo, e a toda forma de religião fundada na Kâlachakra de Chang Shambala, demonstrou que seu apartamento da Lei não era tão grande: o pecado maior consistia, sem duvidas, em sua recente aliança com o nazismo e o fascismo. Mas esse pecadinho somente requeria um purgatório, de Fogo, frente à condenação eterna que os Rabinos pretendiam aplicar ao nacional-socialismo alemão.

Como purgar a todo um povo de um pecado que ofende ao Criador? Mediante e lixívia, responderam os Rabinos; lavando o pecado de toda a Raça por meio da lixívia

humana obtida num Sacrifício Único, e reincorporando depois da purgação a toda a Raça ao paraíso da Sinarquia Universal. Não seria muito caro o preço a pagar: 250 a 300 mil homens bastariam para fabricar a cinza suficiente. Os Rabinos e os Sacerdotes japoneses da Fraternidade Branca arranjam o pacto, e é assim que em 6 de Agosto e 9 de Agosto de 1945 caem as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki. Cinza de milhares de homens, sal da Terra e do Céu, água do Céu e da Terra, lixívia humana que lava o pecado do homem contra Jehová Deus e contra a Lei de Deus.

Quem ordena o mini-Holocausto de Fogo dos japoneses é o presidente hebreu dos Estados Unidos, Harry ***Salomón*** Truman, cujo verdadeiro sobrenome é ***Shippe***. Maçom de grau 33 conta com a assessoria oculta do Grande Sahnedrín e judeus e maçons do naipe de Dean Acherson, do General Marshall, Snyder, Rosenman, etc., que estão apoiados pela banda judia de Baruch, Eleanor Roosvelt, Herbert Lehman, Haverell Harriman, Paul Hoffman, Walter Lipman, etc. Porque a verdadeira obra sinárquica dos Estados Unidos na Segunda Guerra não foi desenvolvida por Truman, quem subiu ao poder em 12 de Abril de 1945, depois da repentina morte do judeu Roosvelt: este foi o autêntico realizador dos planos judaicos. Descendente de Klaes Martensen Rosenwelt, hebreu de pura cepa que imigrou a Nova York em 1644, Franklin Delano Roosvelt registrava dupla paternidade judia: tanto seu pai, James Roosvelt, como sua mãe, Sarah Delano, pertenciam ao Povo Eleito. Também sua esposa, Eleanor, filha dos judeus Elliot e Anna Hall. A máfia judia que desatou a crise de 1929 o cataputou ao poder: alguns dos colaboradores dessa época foram judeus de extrema periculosidade e maldade sem nome, como Bernard Baruch, Herbert Lehman, Haverell Harriman, Sol Bloon, Samuel Rosenman, Henry Margenthan, Oscar Straus, Marios Davies, Truman, etc., todos de excepcional poder na Casa Branca.

Cumprido o Sacrifício, lavado o pecado japonês com lixívia humana em Hiroshima e Nagasaki, viria a recompensa que está à vista: o Plano de reconstrução do judeu Marshall, o fim do "militarismo" japonês, a integração ao sistema sinárquico internacional, a troca de samurais por yenes, a elevação de seu padrão de vida, enfim, a descoberta do verdadeiro rosto do Japão, como adiantara sabiamente o Shivaguru de Sining.

Por suposto, estas cargas contra o Japão não podem ser relativizadas nem atenuadas pelo fato de que durante a Guerra muitos japoneses combateram com heroísmo sem par, como por exemplo, os kamikazes. Há de chamar as coisas por seu nome e reconhecer exceções à regra. Assim como na Alemanha leal existiram incontáveis traidores, no Japão traidor se destacaram honrosamente muitíssimos valentes guerreiros leais.

Capítulo XXXVII

Se Sining-Fu me havia assombrado por suas imensas dimensões, o que dizer de Lan-Chen-Fu que era quatro vezes maior? Mas tratava-se de duas classes distintas de cidades: Sining-Fu representava a típica urbe fronteiriça, situada sobre um imponente caminho comercia, sua vida dependia mais que nada do tráfico de mercadorias e não se interessava particularmente na produção; por isso assemelhava, como dito, descomunal mercado. Lan-Chen-Fu, pelo contrário, consistia a clássica metrópole. Era a capital da província de Kansu e, se bem comerciava tanto ou mais que Sining, estava dotada de indústrias chave, tais como as têxteis e siderúrgicas, e acoplava grande variedade de produtos agrícolas. Assentada sobre a margem direita do Rio Amarelo, dava a impressão de tratar-se de uma cidade medieval européia por suas muralhas e torres, mas sua densidade demográfica era incomparável: cerca de 1.000.000 de habitantes. Apesar de existirem arribais fortificados de pobre aspecto, por trás da muralha se encontrava parte principal da cidade; umas 20.000 casas de madeira belamente decoradas, com todas suas ruas pavimentadas de mármore ou granito verde. Os "nacionalistas" havia se apressado em ocupá-la, acantonando um regimento de 10.000 efetivos. O motivo era controlar uma famosa fábrica de canhões pesados e outras de pólvora e fuzis.

Coisas da China. Ou do racionalismo de Confúcio. O curioso era que na muralha de Lan-Chen-Fu existia uma Shen Hei, ou "***porta negra***", que não recebia seu nome pela cor com que estava pintada, mas porque pertencia ao ***mercado negro***. Com exemplar sentido prático, o Tsung-Tu[51][51] negociou com os chefes do crime organizado o fechamento daquela porta. De acordo ao acordo, os mafiosos se encarregariam de manter uma guarda permanente, coordenada com a guarda nacionalista das restantes portas; poderiam, então, canalizar pela Shen Hei todo contrabando que quisessem, sem serem molestados pela polícia. A ganância que obtinha o Tsung-Tu com este original pacto, radicava na tranqüilidade de suas tropas, que poderiam se ocupar na guerra contra os japoneses ou no combate aos comunistas. As Sociedades Secretas criminosas eram tão velhas como a China e sempre se pode conviver com elas: representavam o mal menor. Em compensação, com os comunistas ou japoneses seria impossível coexistir em paz. Ao ceder-lhes soberania sobre a Porta Negra, legalizava de algum modo as atividades ilegais e consegui certa supervisão sobre o incontrolável tráfico do Mercado Negro. De trabalhar assim, e obrigar as Sociedades a operaram na clandestinidade, seria necessário vigiar 24 horas do dia as muralhas e teria que sustentar periódicos confrontos armados com os contrabandistas.

Os kâulikas de Sining se dirigiram diretamente à Shen Hei e ali deram uma contra senha a viva voz. De imediato nos cederam passagem. Mas, uma vez lá dentro, não nos conduziram frente a um tosco malfeitor, chefe de uma "confraria de bandidos", como a definição de Von Grossen permitia presumir. O chefe da Banda Verde era um ancião chinês de esquisitos modos, que pelo rubi encarnado que brilhava no gorro oficial declarava ser um mandarim de primeira categoria e primeira classe: tal sinal significava a mais alta hierarquia na aristocracia chinesa; também distinguimos uma imagem de um

---

51[51] ***Tsung-Tu:*** Governador da Provincia.

unicórnio bordado em seu traje, insígnia dos Kuan militares. Os Kuan civis levavam insígnias de aves.

Chamava-se Thien-ma, ou seja, Cavalo do Céu, e nos surpreendeu com seu conhecimento sobre todos nossos passos: sabia que éramos alemães, que procedíamos do Butão, que exploramos o Tibet ao mesmo tempo em que outra exploração alemã vinda da Índia, que destruímos a aldeia duskha, que aparecemos misteriosamente no vale Kan-cheu e chegamos a Sining, e que agora solicitávamos ajuda para viajar a Shangai. Falava em mandarim culto e deixou formar uma aura de intriga em torno de seus informes. .

Estávamos numa enorme e luxuosa casa que poderia passar por um palácio. Os serventes terminavam de por a mesa e o Kuan nos convidou a sentarmos.

- Dar-me-á muito gosto almoçar convosco. Tenho entendido que vós sois ***Doutores***, homens de estudo, alemães guerreiros. Eu também o sou: há anos alcancei o grau de Hamlin, que equivale ao que chamam ***professor***, o título mais elevado que outorga a Universidade de Pequim. Minhas especialidades são as Matemáticas e a Filosofia. Estudei a fundo o Taoísmo e o professo: a nossa poderia considerar-se uma Sociedade taoísta. É por essa filiação que somos aliados naturais do Círculo Kâula do Tibet; nós consideramos que eles conhecem a parte oculta do taoísmo. De todos os taos, o Tao, de todos os caminhos, o Caminho; a Senda estratégica que leva ao Espírito a libertar-se de suas ataduras materiais. Muitos dos integrantes da Banda Verde, ao retirarem-se, sonham em retirar-se nos Monastérios kâulikas.

Von Grossen e eu ao conhecer a Thien-ma, conviemos que se requeresse um novo estudo sobre as Sociedades criminosas chinesas. Evidentemente existia uma sugestiva confusão, talvez originada em que a fonte comum que dispúnhamos os europeus para conhecer a China, eram os copiosos informes ministrados pelos ingleses, os que conteriam informações maliciosas e falsas. Ao final das contas, para os ingleses as ϟϟ era também uma Sociedade Secreta criminosa! Porque do que menos se podia acusar a Thien-ma era de ser o típico criminoso, ainda que as ações de sua organização estivessem apartadas da lei. Ele, e todos os de sua "Banda", eram idealistas, tinham uma meta espiritual a alcançar, e se encontravam num mundo diabólico. Em tais circunstâncias gnósticas, a solução é sempre a mesma: o fim espiritual justifica qualquer meio empregado para abrir caminho em território inimigo.

Os 25 homens de Sining-Fu e os seis lopas almoçaram numa casa contígua. A Thien-ma o acompanhamos Von Grossen, Oskar Feil, Srivirya, Bangi e eu, que éramos os que prosseguiriam a viagem a Shangai; os primeiros regressariam a Sining nessa mesma tarde, junto aos lopas cujo destino era o Tibet. O chefe da Banda Verde falava muito bem o inglês, ainda que ele não se orgulhasse em absoluto e preferisse expressar-se em mandarim. Não foi até muito avançada a comida que supúnhamos, pois começou a comunicar-se nesse idioma com Von Grossen. Passamos assim, conversando com aquele ancião, dotado da curiosidade de um menino, toda a tarde quando se esgotou o tema filosófico e religioso, e caímos naturalmente em questões políticas, ou seja, na realidade. A partir dali seguiram várias horas a tratarmos de fazê-lo compreender o nacional-socialismo e sua essência hiperbórea. Ele tinha informação, evidentemente, mas nós o brindamos todos os detalhes que nos pediu.

Por fim, satisfeito de uma conferência totalmente rara naquelas regiões, - nos assegurou – se dispôs a revelar-nos como nos iria fazer chegar a Shangai. Mas antes nos fez uma reflexão sobre a situação em sua pátria.

- Oh, Tsing[52][52]: o que me contais sobre vosso Führer e seu governo apoiado em massas patrióticas, traz ao meu Espírito sombrios pensamentos sobre o futuro da China. O Führer pôs frente aos alemães sua heróica e gloriosa tradição, e eles a aceitaram com orgulho. Aqui, pelo contrário, Mao-Tsé-Tung doutrina aos camponeses com as teorias do judeu Marx, Engels e Lênin, e lhes ensina a admirar os russos, um povo que era selvagem quando já a China tinha uma civilização desenvolvida. E por outra parte, Chian Kai-Shek resultou ser uma "pedra branda" [53][53], pois tem convertido ao cristianismo renegando de nossas milenares tradições: talvez se ele houvesse posto, como vosso Führer, a Cultura chinesa frente aos chineses, eles o houvessem apoiado massivamente. Mas em troca lhes oferece as atraentes e enganosas imagens de uma Cultura estrangeira. Uma Cultura que pertence a quem até hoje nos exploram não mais como a escravos. Mão e Chiang, ambos chineses renegados, se encontram deslumbrados por Deuses estranhos, ambos apresentam ao povo seus ideais estrangeiros. A quem vos credes que escolherão os chineses? Aos que seguramente nos voltarão a oprimir, como já o fizeram, ou aos que prometem fazer algo pelo povo? Não quero responder, prematuramente, a essa transcendental pergunta, mas desde já vos informo que o povo apóia em maior medida a Mao que a Chiang, porque Mao crê nesse povo e sabe expressar essa crença, enquanto Chiang somente crê em Jesus, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Jesus! Eis aí outro judeu, alheio por completo da História e Tradição da China. Mas que maldição é esta que tem caído sobre o Reino do Meio[54][54]? É que não existia outra opção para a China que o judeu Jesus ou o judeu Marx? Nenhum de nós contestou a estas dramáticas perguntas, mas prometi a mim mesmo fazer-lhe chegar a edição inglesa do Mein Kampf, o livro do Führer.

- Não desejo angustiar meus hóspedes com lamentos de um velho – desculpo-se Thien-ma – mas se darão conta que, apesar de constituir uma "quadrilha criminosa" como nos qualificam os estrangeiros, nós Verdes amamos profundamente a China e nos preocupamos por seu futuro. Prevemos que certas forças estrangeiras, às que denominamos Pai-Lung-Yah[55][55], tratarão de matar o elefante adormecido chinês ***antes que desperte***.

Dir-vos-ei como chegar a Shangai. Deveis saber que existe uma Tao-Hei, ou ***rota negra***, pela qual circula em ambos sentidos o contrabando até o Mar Ocidental. Lá mesma é quase oficial, já que em todo seu trajeto há funcionários subornados, e atravessa as mesmas linhas japonesas, posto que tampouco os japoneses resistem em ganhar uns yenes extras. Dentro de dois dias parte daqui um trem que somente chega até Cheng Chow. Mas vós descereis antes, na cidade de Sian, província de Shensi[56][56]. Dali marcharão ao Sul, atravessando os montes Tsing-Ling[57][57] que separam os Rios Amarelo

---

52[52] ***Tsing***: Doutor.

53[53] ***Kai-Shek*** significa "pedra dura". A afirmação Thienma tinha sentido irónico.

54[54] ***Ch'in:*** Reino do Meio.

55[55] ***Pai-Lung-Yah***: *o Drãgão Branco* Jehová.

56[56] ***Shen***: passo, porta; ***Si***: oeste; Shensi: Pasdo do Oeste.

57[57] ***Tsing*** o ***Chin***: meio; ***Ling***: montes; Tsing-Ling: Montes do Meio.

e Azul[58[58]], até a aldeia de Han-Kiang, na orla direita do Rio Han-Kiang. Nessa aldeia fareis contato com nossos homens, que os embarcarão num transporte que habitualmente leva contrabando.

Navegareis pelas águas do Han-Kiang e, na confluência com o Yangtse-Kiang, tomareis por este até Shangai. Como vedes, trata-se de um plano muito simples.

- De fato, o parece –replicou o meticuloso Von Grossen – Mas permita-me que lhe faça umas perguntas.

Assentiu com um gesto chinês que consiste em inclinar a cabeça para frente.

- Você me fala de uns 500 km de trem. Não é possível que alguém suspeite e nos submeta a um interrogatório? O que faremos então? Porque carecemos de papéis oficiais alemães e, além disso, estamos clandestinamente na China.

- Ah, Tsing. Deveis cultivar a virtude da paciência! - condenou Thien-ma, com ingênua severidade – Vos disse que o trem parte dentro de dois dias: para essa data os três alemães possuirão papéis que afirmam que se trata de ingleses erradicados na China pela Sociedade das Nações, com a missão diplomática de observar a situação local e apresentar informações que servirão para uma futura mediação. Exibirão selos de entrada por Hong Kong e estarão escritos em inglês e mandarim: mas não temais: ninguém que vos possa inquirir daqui a Shangai conhece suficiente inglês para notar que sois alemães! Dar-vos-emos, também, salvo-condutos diplomáticos e um passe para os dois tibetanos, no qual configurará que os haveis contratado em Sining-Fu.

Também vos daremos dinheiro, bastante dinheiro chinês e japonês. Tudo falso, os papéis e o dinheiro. Tudo da melhor qualidade. Mas não prosseguireis sós: um Verde vos acompanhará até Shangai. Ele vos fará ingressar no trem por uma Shen-Hei e vos acomodará num vagão que está sob nosso controle. A única ocasião em que poderíeis ser interrogados seria ao descer em Sian, coisa muito improvável porque somente descereis se houver sinais de segurança. Ou se o trem fosse detido no caminho, algo possível e bastante freqüente, mas geralmente tudo se arranja com uma generosa dádiva. Sejam nacionalistas, sejam comunistas, na pobre China ninguém resiste ao suborno. Os bolcheviques tampouco nisto tem sido originais, pois se integraram à antiga instituição da propina mediante uma troca de nome que deixou a salvo sua dignidade: chamam-lhe "contribuição para a Revolução". Contudo, se de todo modo vos pedirem, fareis valer vossos papéis e vosso mais valioso talento. Estão de acordo? Caso contrário, vos darei mais detalhes, mas convém a vós confiardes na Banda Verde, que conhece a China como ninguém.

Von Grossen havia se esquecido de uma peça: o apoio logístico com que contávamos seria semelhante ao de um Serviço Secreto. Porém, não se contentou e voltou a perguntar:

- Suponho que o resto do trajeto estará igualmente coberto, não? Creia-me, confiamos em vocês, minhas perguntas obedecem a um fim mais... profissional. E isto é profissional! Sou um oficial de inteligência e não posso evitar as perguntas. Na verdade em quem confiamos completamente é no Círculo Kâula, e eles nos puseram em suas mãos. Assim que ***devemos*** ter confiança na Banda Verde.

- Fazeis bem em dar-nos crédito. Não vos trairemos. E eu asseguro que nosso homem vos levará sãos e salvos a Shangai: ele conhece o caminho pelos montes Tsing-

---

58[58] Os Rios Hoang-Ho e Yiangtse-Kiang.

Ling e as pessoas de Han-Kiang, assim como aos japoneses da guarda fronteiriça em Nankin. Mas, por via das dúvidas, antes de partir daqui vos darei uma contra senha para o contato em Han-Kiang e vos direi onde encontra-lo.

Pelo momento, Von Grossen se deu por satisfeito, e nós cinco fomos conduzidos a um amplo quarto de hóspedes, atendidos por solícitas e discretas damas chinesas. Nos dias seguintes já haveria oportunidade para que o ***Standartenführer*** arrancasse de Thien-ma todos os dados que lhe interessavam.

Capítulo XXXVIII

Posso dizer, sobrinho, que os Verdes nos colocaram sem inconvenientes nas portas do Consulado Alemão em Shanghai. O plano se realizou como previu Thien-ma. Seis dias depois encontrávamos navegando em um forte e maciço junco na lamacenta corrente do Yangtse-Kiang. Passamos tranquilamente frente a Nanking e, na altura da cidade de Chin-Kiang, demos com a confluência do rio Vu-Sang. Com grande habilidade o Capitão virou o timão e se introduziu na corrente descendente deste último rio, pois 500 km mais adiante, sobre sua margem esquerda, levanta-se a populosa Shangai.

Eram inimagináveis as mercadorias que transportava aquele junco. Claro que não seria tanto se o inspecionasse de perto a fileira de canhões a bombordo e estibordo, e as metralhadoras pesadas na proa e popa. Mas as precauções não eram demais, porque o barco contrabandeava armas, explosivos, telas finas, porcelanas, metais, minerais especiais, ópio, e até desertores de ambos os bandos chineses e vulgares delatores, além do clássico carregamento de prostitutas chinesas do qual nenhuma organização semelhante poderia prescindir. Junto a tão heterogêneos e perigosos artigos, nós resultávamos uma insignificante moléstia. Recém o compreendemos em Han-Kiang, ao abordar o junco e comprovar o forte volume de mercadoria que abordava a Banda Verde: como aquele, nos informou nosso guia, a sociedade possuía toda uma frota só em Yangtse-Kiang, sem contar os que flutuavam em outros rios e no mar, e que viajavam até Hong Kong, Cantão ou Macau.

Sobre o rio Vu-Sang passamos frente a numerosos e modestos povoados, dedicados a lavoura e ao cultivo, e ao lago Tai-Hu que enche com suas águas. Após deslizarmos 200 km chagamos a Shanghai e atracamos em um pequeno cais privado, provido de uma grande cabana que servia de depósito. Outros membros da Banda, que aguardavam disciplinadamente, se encarregavam da descarga e da estiva, e de conduzir as prostitutas e os fugitivos. Surpreendeu-nos a ausência de controle japonês, que tampouco vimos em Nanking ou em qualquer outra parte - É que os japoneses já foram ***untados*** - disse-nos o guia em seu chamativo ***pidgin***, certa mescla de português e inglês que se fala nas costas marítimas da China. Obviamente, chamar de ***untar*** ao suborno é uma ironia própria de Portugal e Espanha. Não os explicou o Senhor Thien-ma? Contestei na mesma língua que sim, mas que nos impressionava o poder que a ***grana*** da Banda Verde exercia sobre as pessoas ***untadas.*** Sorriu e nos comunicou que iríamos de imediato a Shanghai. Ao sair da zona portuária, tomando ruas que o guia parecia conhecer muito bem, chegamos a uma praça mercado de enormes dimensões, onde existia uma natural aglomeração de centenas de yin-kiricsas, esses veículos japoneses tracionados por um homem, que tem forma de carruagem individual e os ingleses denominam ***rickshaw***. Pareceu-nos o cúmulo da organização e disciplina verificar que seis se achavam separadas e esperando-nos, sem dúvidas advertidas pelos Verdes que haviam saído antes do porto. Olhei de relance a Von Grossen, mas o notou.

- Esses malandrinhos sim que sabem fazer as coisas - grunhiu - Deveríamos vir e aprender com eles.

Eu não atendi a este exagero, pois já rodávamos a boa velocidade e me absorvia completamente a vista da grande cidade: com 5.000.000 de habitantes em 1938, Shanghai para os ingleses, Changai para os franceses, Xangae para os portugueses e espanhóis era

uma cidade tremenda para qualquer par de olhos ocidentais. Agora nos dirigíamos para a "Colônia Modelo", ou ***bund***, a ilha que os ocidentais souberam levantar em meio a um pântano insalubre, que foi o único lugar cedido pelos chineses no Tratado de Nanking de 1842, rubricado a canhonaço limpo pelos ingleses que nesse ano ocuparam Shanghai apesar dos 250 canhões das baterias sobre o Vu-Sang: os piratas desembarcaram a infantaria, que neutralizou os canhões e marchou sobre a cidade, enquanto os barcos ingressavam pela porta do norte e os chineses fugiam pela porta do sul.

Sobre esses terrenos pantanosos levantou-se uma magnífica cidadela européia, amuralhada, com canalização empedrada de água, e ruas pavimentadas e iluminadas. Construíram-se edifícios gigantescos pertencentes às três potências ocupantes: EUA, Inglaterra e França; e pronto surgiram três bairros característicos destas nacionalidades, ademais da obrigatória ***Chinatown***, chamado Nantao pelos chineses. As três potências colonialistas obtiveram zonas extensas de porto privado para que suas Companhias de Comércio Exterior instalassem feitorias comerciais. Quando os alemães pretenderam ingressar neste negócio, o porto já estava completamente repartido e se viram obrigados a pagar franquias a seus competidores. De todos os modos, não era muito que a Alemanha comercializava com Shanghai, ainda que suficiente para exigir a presença de um Cônsul; a Embaixada se encontrava em Nanking. Naturalmente a presença japonesa em Shanghai, e suas desconfianças quanto às três potências imperialistas cartaginesas que haviam operado na região, abriam promissoras expectativas à Alemanha de obter uma maior divisão da pilhagem.

Os rickshaw atravessaram correndo a cerca gradeada, cruzaram um bem cuidado jardim e se detiveram frente a um portal de uma mansão estilo renano. Um Sargento da Kriegsmarine se aproximou enquanto descíamos.

- Heil Hitler - Saudou Von Grossen - Sou o ϟϟ ***Standartführer*** Karl Von Grossen em missão especial, Sargento. Temos que ver urgentemente ao Cônsul.

- Sim, Senhor - aceitou o Marine - faça-me o favor de entregar seus papéis e em seguida serão atendidos.

- Não temos papéis, Sargento. Aqui estão os nomes e a graduação dos Cavaleiros que me acompanham e o meu. Todos somos oficiais ϟϟ.

O precavido Von Grossen havia redigido uma nota para o Cônsul, antecipando-se a um possível bloqueio burocrático. Dizia assim:

Senhor Cônsul do Terceiro Reich,
Shanghai.

Apresentamo-nos ante a V. Exa. E solicitamos ser repatriados imediatamente à Alemanha, os ϟϟ Standartführer Karl Von Grossen, ϟϟ Sturmbannführer Kurt Von Sübermann, ϟϟ Hauptsturmführer Oskar Feil, e os homens procedentes de Butão, o gurka Bangi e o lopa Srivirya, todos integrantes da "Operação Clave Primeira", ***Ultraconfidencial***, código ***A I R.S.H.A.,*** autorizada: Hitler, Himmler, Heydrich.
Saudamos ao Senhor atentamente.

Firma: Karl Von Grossen

Comandante da Operação Clave Primeira

- Aguarde um momento, Senhor – solicitou o Marine, e adentrou com presteza o edifício. Afora ficava ainda outro guarda.
Parece que está tudo bem, disse o Verde. Já vou me retirar, todavia estarei um dia em Shanghai. Podeis buscar-me no porto se surgir algum problema e, se já houver partido, os deixarei o nome de um contato, ao que advertirei que vocês se encontram sob a proteção da Banda Verde. Lembre-se que nós sempre poderemos tirá-los da China.

Afortunadamente não foi necessário recorrer novamente da quadrilha chinesa. Enquanto aguardávamos ao Sargento, Von Grossen interrogou ao marinheiro. Este lhe informou que o Consulado se achava ao final do bairro francês, quase junto ao arroio Oang-Kin-Pan, rodeado pelas sucursais da poucas companhias alemãs que comercializavam com Shanghai. Também lhe disse que no porto estavam ancorados dois barcos alemães, com saídas previstas para três e sete dias depois.

O Sargento regressou acompanhado de um secretário diplomático.

- Passem Srs., por favor. – ordenou.

Os cinco ingressamos a uma cômoda sala de espera.

- Tomem assentos que em seguida serão atendidos – pediu e saiu por uma porta painel, não sem antes dar uma olhada desconfiada a Bangi, Srivirya e ao cão daiva. Uma hora tivemos que esperar, até que por fim regressou o secretário e nos conduziu à sala do Cônsul. Este era um diplomata de carreira oriundo de Colônia, enviado a Shanghai seguramente para aproveitar seu conhecimento natural de francês e inglês universitário. Impecavelmente vestido com traje negro, não representava mais de 40 anos de idade e aparentava estar tranqüilo.

- Desculpem a demora, mas tive que chamar a Nanking. Não imaginam de que maneira protestou o embaixador, Barão Heinrich Von Baden, pelo que considera uma intromissão da ***R.S.H.A.*** no Ministério do Exterior: não aceita desculpas por não ter sido informado sobre esta missão secreta "Clave Primeira".

- Mas é que a operação não devia acontecer na China, e sim no Tibet – interrompeu Von Grossen - Aqui chegamos fugindo.

- Não se preocupe, ***Standartenführer***. Von Baden sempre protesta – o acalmou o Cônsul sorrindo – Deixe-me terminar. Foi consultado o agregado militar que confirmou que seus nomes e patentes figuram na lista cifrada da ϟϟ. Do que não conheciam uma palavra, por suposto, era da Operação Clave Primeira. Para tanto, enviaram uma solicitação de informações à Alemanha e estão à espera de respostas. Ao chegar a comunicação a situação de vocês estará resolvida.

- E quanto isso pode demorar? – perguntei irracionalmente.

- E como sabê-lo? Se for certo que são quem dizem ser, compreenderão que Berlim pode responder em uma hora, um dia, ou não contestar e ***fazer algo***. Tratando da ***R.S.H.A.*** nada pode antecipar sua reação. E tenham presente que estou efetuando uma crítica, pois eu também sou da ϟϟ – emendou – ϟϟ ***Sturmbannführer Honorário***, obtive este grado em 1936, graças a atual gestão do Ministro de Exterior, Joachim Von Ribbentrop.

- Muito bom! – aprovou Von Grossen.

- Sim, sou da ϟϟ, e por isso lhes aconselharei o que farão desde agora. Se permanecerem aqui me verei obrigado a pô-los sob custódia, coisa que para vocês seria

muita moléstia. Em câmbio, os farei conduzir a um hotel que se encontra a quatrocentos metros, onde estarão cômodos até que cheguem notícias da Alemanha ou de Nanking. Ao Embaixador direi que não pude detê-los e que, de todos os modos, estão seguros ali. Não tem seus papéis verdadeiros, mas tem outros papéis? Dinheiro? Ocorre-me que devem estar providos disto, caso contrário não conseguiriam atravessar a China.

- Em efeito, ***Sturmbannführer Konsul***: dispomos de documentação falsa e dinheiro. Bom dinheiro nos disse, mas também é falso – confirmou Von Grossen com sarcasmo – Agradecemos seus conselhos, e os seguiremos ao pé da letra, pois parecem mui sensatos. Após passar meses explorando a Ásia não poderíamos resistir nem uma hora prisioneiros.

- É certo que me dizem que vem de Butão. Por Deus, que viagem! E de que fugiam através da China, se posso saber? Dos comunistas?

Creio, sobrinho, que os cinco pensamos nesse momento no Vale dos Demônios Imortais, na vimana de Shambalá, e caímos a rir em gargalhadas.

- Hahaha! Dos Comunistas? Não, ***Herr Konsul: fugimos de seus chefes*** - respondi com os olhos inundados de lágrimas - ***Mas não podemos revelar-te quem são: não acreditarias***.

Karl Von Grossen assentiu rindo, gesto que imitou Oskar Feil, Bangi e Srivirya. O surpreso Cônsul optou por não perguntar mais e nos fez acompanhar pelo secretário até o hotel próximo.

Tudo se solucionou nos seguintes dias. Chegaram ordens terminantes da Alemanha para que embarcássemos imediatamente e sem discussões. Sete dias depois saíamos em um barco cargueiro que faria em Macau a primeira de uma interminável série de escalas comerciais. Sem embargo, o capitão nos comunicou que "em algum lugar do Oceano Índico", cujas coordenadas seriam transmitidas por rádio, transbordaríamos a um barco de guerra. Assim ocorreu a poucas milhas de Sumatra: um desconcertado Almirante recolheu-nos em seu cruzeiro e pôs rumo direto à Alemanha. O barco se dirigia rumo à Argentina junto a outros dois, executando uma manobra largamente planejada. À altura da Cidade do Cabo, recebeu a ordem de desviar-se do Oceano Índico para alçar cinco passageiros. Sua nova missão estava qualificada de "Máxima Segurança" e, desde o momento que abordassem os cinco personagens, deviam transmitir em uma chave supersecreta e evitar contatos com outros barcos ou estações terrestres. Nada devia localizar o cruzeiro, pois do contrário existia a possibilidade que "entrassem em operações". - "Quem nos atacaria em tempos de paz?" - indagava o Almirante - "Deve tratar-se de outro jogo do Estado Maior, uma manobra secreta para testar a Kriegmarine".

O Almirante não imaginava que se as forças sinárquicas houvessem conhecido a localização de seu barco e a identidade de seus ocupantes, o teriam afundado ali mesmo.

Capítulo XXXIX

Vinte dias depois de partir de Shanghai desembarcamos em Hamburgo. Ali estavam nos esperando um oficial do S. D. exterior no comando de um pelotão. Suas ordens: conduzir a Karl Von Grossen, Oskar Feil, Srivirya e Bangi em dois carros até Berlim. Eu devia separar-me do grupo e tomar um terceiro carro até o aeroporto, onde um avião me transportaria igualmente a Berlim.

Íamos separar-nos pela primeira vez em vários meses e a experiência resultava dolorosa. Todos havíamos perdido camaradas e corridos juntos perigos mortais; as aventuras vividas nos tornaram irmãos. Antes de abandoná-los, Von Grossen quis falar-me a sós.

- Eu sabia! - disse em tom preocupado - Von Subermann: você era a chave primeira da Operação Chave Primeira! E a Thulegesellschaft só se ocupará de você. Nós ficaremos incomunicáveis, separados do resto da ᛋᛋ, para evitar que falemos. Sabemos muito, Kurt, talvez mais do que aos Iniciados da Ordem Negra os convenha que alguém saiba! Pressinto que talvez não voltemos a nos ver – concluiu lugubremente.

- Você delira meu **Standartenführer**! - exclamei horrorizado - Isso não pode ser. Regressamos de cumprir uma importante missão, creio que exitosamente, e não há motivo algum para que em lugar de receber a aprovação superior alguém seja castigado. Você está cansado, Von Grossen, te digo respeitosamente. Verá como pronto nos reuniremos em uma cervejaria da Friederichstrasse para festejar. É natural que primeiro devemos brindas os informes competentes às nossas respectivas unidades, mas logo depois desses lógicos trâmites disporemos de tempo para voltarmos a ver-nos.

Von Grossen sacudia a cabeça como que negando a admitir que meus argumentos penetrassem em seus ouvidos.

- Não, não, Von Subermann, uma vez mais não compreendes a situação. Escuta-me bem agora porque a possibilidade que nos separemos definitivamente é real. Se o digo, o faço mui consciente e embasando-me em toda a minha experiência prévia com operações secretas. Não estou tão cansado para não poder prever o que pode ocorrer: ***seremos eliminados***. Por dizer, se você não nos salvar, Kurt. Creia-me, viveremos sós se você assegurar aos seus chefes que não falaremos nada do que temos visto. Esta é a garantia que eles necessitam para deixar-nos em liberdade: tudo o contrário do que você supõe. Hahaha: um informe! Você me faz rir, Von Sübermann! A quem interessa que eu faça um informe sobre o que vi no Tibet e o que vi você fazer? Pensa que os Iniciados da Ordem Negra permitirão que exista um informe oficial sobre o vimana de Shambalá, sobre os cães daivas ou seu Scrotra Krâm? Não, Von Subermann, por você estamos condenados à morte. E só você pode nos salvar. Ao contrário do que ingenuamente sugeriu: assegure ao seu chefe que nem Oskar Feil nem eu faremos nenhum informe, e pode ser que assim conservemos a vida!

Tranqüilizei-o o melhor que pude, reafirmando-lhe minha lealdade: jamais permitiria que a eles acontecesse nada por minha causa. E partimos separadamente até Berlim.

No aeroporto de Berlim aguardava um Mercedes-Benz da Chancelaria com escolta de motos. Ao vê-lo, pensei que se encontrava a espera de um Ministro ou General, mas

minha surpresa foi grande ao reconhecer o ϟϟ ***Oberführer*** Papp parado ao lado da porta.

- Kurt Von Sübermann - chamou sorrindo carinhosamente - Não pude evitar recordar a primeira vez que o vi, na cabana de Rudolph Hess, em Obersalzberg, de Berchtesgaden. Ele também o recordou, porque digo, apenas me aproximei:

- Seis anos, Kurt, muito ou pouco? Seis anos e regressas de tua primeira missão. Tememos por ti, sabes? Foi um alívio para todos os que estavam a par da operação quando tivemos notícias tuas. Mas de Shanghai! Há! Ninguém podia acreditar! Já me contarás como fizeram para atravessar a China.

O carro cruzou o Spree pela Ponte do Castelo e começou a girar ao redor do ***Lustgarten***. Mirei a Edwin surpreendido, mas não tive tempo de dizer nada: Pensei que gostaria de dar uma volta prévia pela cidade, antes de chegar à Chancelaria; te reanimará, depois de tantos meses na Ásia.

Edwin Papp havia interpretado corretamente meus sentimentos. Era indescritível a felicidade que sentia então por achar-me novamente na Pátria, da que mais de uma vez nas últimas semanas me despedi, achando que não regressaria nunca. O Mercedes rumou até o oeste e dobrou frente à Porta de Brandenburgo, que estava coberta de bandeiras com a suástica e grinaldas das recentes festas. Agora ia rumo à leste pela Unter der Linden ou Avenida das Tílias: vi passar a Praça de Paris e a Estátua de Frederico, o Grande. Ao fim da Avenida demos a volta na Praça da Ópera, âmbito do Palácio do Imperador, da Biblioteca Real, da Ópera de Berlim, da Igreja Católica de Santa Edviges, da Universidade e de vários edifícios militares. Finalmente, desde as Tílias e a Praça da Ópera, o carro dirigiu-se ao bairro ***Fridrichstadt***, e começou a rodar pela ***Vilhelmstrasse***, que é seu limite leste. O passeio havia terminado.

- Imaginas que enviou-me a buscar-te no aeroporto, não? Teu padrinho sofreu muito quando acreditamos ter te perdido, e tem enorme impaciência por saudar-te e abraçar-te. Não quis que nada te desviasse e por isso mandou seu carro a receber-te e comissionou-me, sob rigorosas ordens – brincou – para que te custodiasse são e salvo ao seu lado.

Minutos depois chegamos ao 77 da ***Vilhelmstrasse***. Na ***Reichskanzlei***[59[59]], em efeito, nos esperava o ***Stellvertreter***[60[60]] do Führer.

Uma hora mais tarde, logo de despedir-me do **Oberführer** Edwin Papp, deixava a Chancelaria em companhia de Rudolf Hess. Havia se emocionado sobremaneira ao ver-me, e então compreendi o quanto me queria aquele antigo Camarada de Papai. Durante os seis anos que se ocupou de meu destino na Alemanha, não só foi como um pai, como também me professou idêntico afeto. Agora íamos rumo a Gregorstrasse, 239, a visitar Konrad Tarstein.

Era a primeira vez que íamos juntos e, como Rudolph Hess podia ser facilmente reconhecido pelo público e não queria chamar a atenção sobre o domicílio de Tarstein, havia insistido que eu manejasse o Mercedes enquanto ele se mantinha discretamente sentado no assento traseiro. Na verdade, não só com Rudolph Hess, senão com ninguém mais além de Tarstein estive na misteriosa mansão. Inclusive cheguei a

---

59[59] Cancelaría do Reich

59[60] Lugar tenente

suspeitar que os Iniciados da Ordem Negra se reunissem em outro lugar, pois jamais houve ninguém mais que nós dois durante os dois anos que freqüentei a casa. Mas dessa vez seria diferente. Como se fosse a repetição de um Ritual, golpeei a bolorenta argola que gorava dentro do punho de bronze e a estridente voz de Konrad Tarstein respondeu desde algum desconhecido lugar, atrás da desvencilhada porta.

- Sim?

- É Kurt Von Sübermann - apresentei-me falando em direção ao diminuto olho, onde os fugidios olhos do Grande iniciado verificavam minha identidade.

A porta se abriu e a figura pequena e rechonchuda de Konrad Tarstein apareceu, com a mão cortesmente estendida para saudar-me.

- Kurt, Rudolph, alegro-me em vê-los - disse rompendo o Ritual - Entrem, estávamos os esperando.

Corria o mês de janeiro de 1939. O Ano Novo passamos em alto mar, com Von Grossen e outros Camaradas. Pensei neles enquanto Tarstein me guiava até uma estância que nunca havia entrado, situada no andar superior. Pensei neles e recordei as notícias que trazia: a meu ver a expedição de Ernest Schaeffer havia fracassado em seu propósito de selar o pacto entre "as forças sãs da Alemanha" e a Fraternidade Branca de Chang Shambalá. Se não me equivocava, a Porta de Shambalá havia se fechado antes que chegassem a algum acordo e, por conseqüência, a destruição do Terceiro Reich e a instauração universal da Sinarquia não estava asseguradas para o Inimigo. Corria janeiro de 1939 e a Segunda Guerra Mundial começaria de setembro deste ano.

Ao redor de uma estranha mesa em forma de meia-lua sentavam-se 16 Iniciados da Ordem Negra ϟϟ. À parte de Tarstein e Rudolph Hess, só reconheci a quatro mais como altas personalidades do Terceiro Reich: os dez restantes eram até então completamente desconhecidos para mim. Todos vestiam trajes civis, mas supus que vários seriam militares, ainda que outros devessem ser indubitavelmente cidadãos, especialmente o asiático cuja presença me encheu de assombro.

Fui apresentado por Tarstein, e os Iniciados me saudaram amavelmente, ***mas não deram seus nomes em nenhum momento.*** Pelo contrário, se identificaram com pseudônimos tais como: ***Aquilae, Leo, Serpens, Draconis, Corvus, Parvus, Sycnus***, etc. O asiático disse chamar-se ***Ave Fênix***.

Convidaram-me a sentar-me frente a eles, em uma cadeira situada na parte convexa da meia-lua.

- E bem, ***Lupus***, o que ocorreu com a Operação Altwesten de Ernest Schaeffer e com os homens que perdeu na Operação Clave Primeira? – perguntou Tarstein, batizando-me deste modo.

- Todos mortos ou desaparecidos – afirmei- Tanto os integrantes da Operação Altwesten como os nossos. Mas permitam-me, Cavaleiros, que lhes relate passo a passo os feitos sucedidos desde que parti da Alemanha.

Ninguém se alterou quando adiantei a sorte ocorrida aos ausentes. Nem nas horas seguintes, empregadas na narrativa, em que me esmerei por brindar os principais detalhes e apresentar as informações o mais objetivamente possível. Tarstein amenizou a extensa velada com duas rodadas de café, a última acompanhada de esquisitas confeitarias. E quase não fui interrompido, salvo para solicitar algum

esclarecimento concreto. Como compreenderia logo, aqueles homens não necessitavam perguntar nada, pois eram extraordinários clarividentes; possuíam o que denominavam na Thulegesellschaft: ***Faculdade de Anamnese***, vale dizer, um poder próprio dos Iniciados Hiperbóreos que lhes permitia ***explorar os Registros Culturais Akashicos***. Dali, desde a Gregorstrasse 239, eles ***haviam visto*** enquanto eu lhes relatara nossas aventuras na Ásia.

- Não leve a mal, estimado Lupus – disse Tarstein ao fim – mas vamos rogar que aguarde abaixo. Devemos sustentar um Conselho.

Uma hora mais durou a deliberação, até que fui convocado novamente. Konrad Tarstein abriu o diálogo:

- Felicito-o, Lupus. Unanimemente coincidimos que a Operação Clave Primeira teve êxito. Apesar das perdas, que nada custam frente ao benefício espiritual de ter frustrado os planos dos Demônios. Os três caídos, Heinz, Hans e Kloster, serão condecorados, assim como também Von Krupp e seus homens, pois não participaram da conspiração de Schaeffer.

- Permita-me interrompe-lo, Kamerad Unicornis. Está muito bem isso de condecorar os mortos mas, que me conta dos vivos? O que vai acontecer com Karl Von Grossen, Oskar Feil e os dois tibetanos? Onde estão agora?

- Incomunicáveis, por suposto – confirmou fatalmente Tarstein – Olhe Lupus, somente poderemos deixá-los livres, e ainda promovê-los, se você se encarregar de que não falem fora de lugar.

- E como Eu faria para dar semelhante crédito?

- É simples, Lupus. Só teria que formar um corpo dirigido por ti. Por ex., Oskar Feil seria desde já teu assistente, e você se encarregaria de controlar-lhe a língua. Karl Von Grossen se encarregaria de treinar uma equipe de elite para apóia-lo em suas futuras missões, e estaria em permanente contato com você. Que lhe parece?

- Estou de acordo - afirmei aliviado - e mui grato, porque esses homens merecem o melhor trato: são valente e patriotas sem preço. Mas agora, senhores, logo de aclarar este assunto que me preocupava, posso fazer algumas perguntas?

- Desde já – aceitou Tarstein "Unicornius".

- Bom. O caso é que vocês parecem saber o que aconteceu naquele Vale do Tibet. Poderiam então esclarecer algumas dúvidas. Por exemplo, por que fomos atacados e por quem? E também tenho uma interrogação, talvez não tão "séria" quanto as anteriores, mas que não me envergonha fazê-la aqui: é sobre o futuro do cão daiva. Não posso negar, Senhores, que me causou grande contrariedade deixar Vruna enjaulado em Hamburgo, tendo em conta que se trata de um exemplar único na Terra e que está próximo de dar a luz.

- Tem toda a razão, Lupus - aceitou Tarstein - Amanhã cedo enviaremos o melhor oficial veterinário da ϟϟ e sua equipe com a missão de cuidar e transportar são e salvo a Berlim o cão daiva. Não tenha dúvidas que valorizamos esse animal na sua justa medida e o consideramos uma ***arma secreta*** do Terceiro Reich. E sobre o que perguntou primeiro – prosseguiu Tarstein – vocês foram atacados pelos Druidas!

- Pelos Druidas? – repeti incrédulo – mas estávamos no Tibet!

- Sim, pelos Druidas. Recorda do que o adverti da primeira vez que veio a esta casa? ***"dentre os caçadores da Sinarquia, os Druidas estão encarregados de cobrar***

as peças de tua espécie"... de sua espécie, Von Sübermann. Surpreende-se que eles tenham te emboscado no Tibet, mas deves ter em mente que você foi se meter na "Porta de Bera e Birsa", vale dizer, na sinistra abertura pela qual ingressam em Shambalá os Sacerdotes de Melquisedec. Nessa porta particular desejava chamar Ernest Schaeffer, porque dali proveio há milhões de anos os Arqui-Sacerdortes e Arqui-Druídas das Ordens Européias da Fraternidade branca.

- Bera e Birsa? - perguntei desconcertado.

- Efetivamente Bera e Birsa - replicou o asiático, o que chamávamos de Ave Fênix.

- Recorde Lupus, não viu você duas imagens majestosas, uma de cada lado da Porta?

- Suponho que se refere à figura dos Bodhisatvas alados, que estavam talhados nas paredes da garganta, ou dvara, ou shen, por dizer, na abertura das montanhas, ao final da canhada. Recordo perfeitamente: em ambas as paredes da garganta de saída, e com uma altura de 25 ou 30 metros, existiam dois baixos relevos que representavam a uns seres de natureza divina, uma espécie de "anjos" ou "bodhisatvas" armados.

Fiquei em silêncio uns segundo, invocando aquela inesquecível visão. Logo acrescentei:

- Tinham asas: os dois anjos exibiam asas de pomba. E vestiam túnicas brancas até os tornozelos. Sim, eram trajes de Druidas ou de efod levita! Inclusive ostentavam o trevo de quatro folhas no peito; e pequenas estrelas, sóis, meias luas nas guardas. E recordo também suas armas: cada um tinha suas mãos direitas fechadas sobre um cabo, de que sobressaía de ambos os lados dois globos. A cena era mui sugestiva e por isso a recordo com tamanha nitidez: Eu me achava parado na garganta de entrada, quando se havia aclarado as coisas com Von Krupp; então olhei para o oeste, ao final da canhada, e vi o vórtice da abertura, ou passagem, flanqueados por aquelas colossais esculturas. Ambos sinalizavam com o indicador de sua mão esquerda a saída, ***como que convidando a passar, gesto que assim mesmo acompanhavam com a expressão de seus diabólicos rostos***; entretanto, ***suas mãos direitas não cessavam de apontar com seus globos todo possível visitante***, por dizer, até o centro da canhada. Creio que Eu olhava justamente a garganta do oeste, e seus terríveis guardiões, quando surgiu desde ali a bola de luz que os tibetanos chamavam de os "Vimanas de Shambalá".

- Não cabe dúvidas, pois, que você esteve frente à Porta de Bera e Birsa - assegurou a Ave Fênix - Os misteriosos "anjos" que descreveu não são tais, nem tão pouco "bodhisatvas", senão demônios da pior espécie, ao que se denomina geralmente "Imortais": Bera e Birsa são dois Demônios Imortais que durante milhares de anos tem atuado na Europa e Ásia e cuja imagem você teve a sorte, ou a desgraça, depende do ponto de vista, de contemplar nesta canhada do Tibet. Seu amo, Melquisedec, os destinou há milênios para que trabalhassem em favor da Sinarquia Universal do Povo Eleito, ocupando-se especialmente de manter a conspiração no seio dos povos de linhagem indo-europeu, indo-ariano e indo-islâmico. No contexto Europeu, Eles tem sido os Arqui-Druidas-Supremos que dirigiam secretamente a Ordem Druídica, e por isso que Unicornis e outros Iniciados os qualificaram também de "Druidas" ou "Golens". Mas Eles são seres muito mais poderosos que os Druidas, a quem mandam.

Por exemplo, Eles têm sido distinguidos por Rigden Jyepo, o Rei do Mundo, com o Poder do Dordje, a arma mais terrível do Sistema Solar. "Dordjes": essas eram as

armas semelhantes a dois globos unidos por um cabo que você observou nos baixos relevos dos Imortais. Mas você, Lupus, não só percebeu os Dordjes talhados em pedra: ***você experimentou na própria carne seu mortífero poder***.

Olhei-o boquiaberto. E a Ave Fênix esclareceu ainda mais o que meus ouvidos se negavam a escutar.

- Concretamente, Lupus, o zumbido de abelhas que sentiu, e que causou a morte de seus Camaradas, não é outra coisa mais que a manifestação acústica do Poder do Dordje sobre seu coração. Em síntese, tenha por certo que esteve frente à Porta de Bera e Birsa, em um desfiladeiro do Tibet conhecido desde remotos tempos como ***"La Brea"***. Desde logo, a La Brea não é fácil chegar, por dizer, não é fácil alcançar sua garganta leste, mas curiosamente em muitos mapas antigos figura ali onde vocês a encontraram, junto aos montes Altyn Tagh.

- Não pode ser - neguei irracionalmente - Eu vi um veículo voador, uma nave extraterreste. Não sei o que era, mas com certeza o zumbido brotava dele.

- Pois assim é, apreciado Lupus. ***O fenômeno que você viu era o Demônio Bera em todo o seu poder. Não se tratava de uma nave voadora, nem de um vimana ou qualquer avião desconhecido, e sim de uma unidade absoluta de energia do Universo animada pela infernal "Inteligência" de Bera, que é a Sephirah Binah. Uma "unidade absoluta de energia", um "átomo arquetípico", adotado por Bera para apresentar-se e desencadear a Força dissolvente do Dordje. Isso é o que você presenciou, ainda que acredite ter visto outra coisa.***

- Não é possível - repeti atordoado, resistindo-me a aceitar que aquela Presença Mortal fosse na verdade um Demônio, "Imortal", e que esse monstro estivesse finalmente atrás de meus passos. Começava a compreender o que queria significar Tarstein ao advertir-me sobre ***"os caçadores da Sinarquia"***, que procurariam cobrar peças ***"de minha espécie"***. Imperturbável, Ave Fênix continuou explicando:

- O átomo arquetípico é a forma primordial por excelência, o Ovo de Brahma, a mônada feita à imagem e semelhança do Um: todos os átomos reais e todas as formas atômicas, todas as unidades, emanam dele e participam de sua existência exemplar. E sabe por que Bera adotou essa forma para manifestar-se perante vocês e empregar o Poder do Dordje? ***Porque é o único modo que resta a um demônio como ele, traidor do Espírito do Homem, para resistir ao Signo de Origem que você exibe, é encerrar-se na unidade absoluta da mônada criada.***

Mas já viu o resultado desta tática, Camarada Lupus: ***não pode com você, com o Signo de Origem que você possui, e as Portas de Shambalá se fecharam para nossos inimigos.***

- Oh, eu não seria tão otimista, Camarada Ave Fênix - sugeri ao tempo que me estremecia agitado por antigos e novos terrores - Trago-lhe presente que se conservo a vida não é precisamente pelo efeito do Signo senão graças a intervenção desses guerreiros incríveis que são os monges kâulikas, e a colaboração inestimável dos cães daivas que nos tiraram da canhada de Altyn Tagh.

- Ah, Camarada Lupus, temo que você não compreenda a situação. Ave Fênix fazia a mesma observação que Karl Von Grossen. Evidentemente Eu não compreendia nada, ou muito pouco, do que ocorria ao meu redor. Ou todos pretendiam compreender melhor que Eu o que se passava. Ou Eu estava me tornando extremamente obstinado ou estúpido. Mas, seja pó que for, havia algo que Eu compreendia, e no que não me

equivocava: a causa de todos os meus males, que até ontem considerava um maravilhoso privilégio, era o inapreensível Signo de Origem. Distinção dos Deuses ou Estigma? Frente a mim, os homens mais importantes do Terceiro Reich diziam contar comigo e com meu Signo, para levar adiante os planos do Führer. Mas, e isso sim estava compreendendo agora, as mais terríveis Forças do Inferno, Forças que Eu havia visto de perto no Tibet, ***consideravam-me a priori seu inimigo mortal e desenvolveriam contra mim um ataque inimaginável.***

Alegoricamente falando, tal situação, a única situação que talvez compreendesse, era a que o Terceiro Reich se preparava para marchar sobre o Mundo, como uma ciclópea falange, e que Eu desempenharia então a função de ***abandeirado***. Sim, seria o ***porta-estandarte*** do Terceiro Reich, e a bandeira que carregaria seria o Signo de Origem, o Signo de Lúcifer, o Signo de Wothan, o Signo de Shiva, ***Meu Signo***. E, como todo Exército em operações, o Inimigo trataria de conquistar as bandeiras, nossos estandartes, procurando abater ***sem prévio aviso*** o abandeirado, tratando de quitar-lhe a vida, tratando de quitar-lhe o estandarte, tratando de quitar-lhe ***minha vida***, tratando de quitar-lhe ***meu Signo***.

Não protestei pelo comentário de Ave Fênix, e este prosseguiu.

- Estimado Lupus: você não deve a ninguém sua salvação mais que a Si Mesmo. Esquece-se que se houve Operação Clave Primeira e cães daivas isto ocorreu ***porque previamente existia um Iniciado Kurt Von Sübermann, que portava o Signo de Origem***? Os cães daiva e você são a mesma coisa, porque sem você não haveria cães daivas, nem Signo de Origem, ou de Shiva, nem ninguém capaz de colocar seu Eu mais pra lá de Kula e Akula. O Demônio Bera o atacou com a fúria de um vimana e você crê que se salvou graças aos cães daivas: pois saiba que é sua própria insegurança, sua falta de fé em Si Mesmo, ***sua incompreensão da situação***, a causa de que alente tão errônea convicção. Porque se fosse você em realidade o Iniciado que deve ser, ***seguro de Si Mesmo frente a Morte, e mais pra lá da Morte, até a Origem***, saberia sem duvidar que seu Signo de Origem o tornasse invulnerável ao ataque de qualquer ser criado, ainda do Deus mais poderoso. Se você se encontrasse só, frente aos Demônios Bera e Birsa e outros semelhantes, e eles lhe aplicassem todo o poder do Dordje sobre o coração, você cairia facilmente fora de seu alcance situando-se mais pra lá de Kula e Akula, na Origem, ***ou criando com um tulpamudra seus próprios cães daivas, ou "cavalos daivas" lung-pa, ou qualquer ilusão pelo estilo!***

- Está bem, está bem! Eu me rendo! - propus sorrindo tristemente; e antes que os protestos dos Iniciados da Ordem Negra se voltassem incontestáveis. Esforçar-me-ei em compreender seus pontos de vista - prometi - Verdadeiramente crêem que esses malditos Imortais não só me atacaram mortalmente como fecharam a Porta de sua Guarita?

- Assim é, Lupus - intercedeu Tarstein - Te direi o que aconteceu, de acordo com a visão coincidente de todos os iniciados aqui presentes. Por princípio, e isto te surpreenderá, temos motivos para pensar que Ernest Schaeffer não morreu em La Brea. E se houvesse morrido durante o ataque, estamos seguros de que os Imortais o ressuscitariam. Para que? ***Para que regresse à Europa a buscar sua cabeça***. Jamais, entenda-o bem, Lupus, porque isso te vale a vida, jamais vão permitir que exista alguém como você em uma sociedade sinárquica; pelo contrário, estando você no meio não haverá pacto entre a Fraternidade Branca e as Sociedades Secretas Sinárquicas; e por

conseqüência não haverá constituição da Sinarquia. Sem dúvida alguma, Ernest Schaeffer ou outro mentecapto semelhante será delegado pelos Demônios para fazer ouvir suas condições no ocidente. ***E nessas novas condições se exigirá sua eliminação e de todos que como você são portadores do Signo de Origem que Eles não podem suportar.***

A Sinarquia Universal do Fim dos Tempos deve ver aos Deuses Traidores apoderarem-se do Mundo, como nos dias da Atlântida, lado a lado com os Grandes Rabinos do Povo Eleito: ***mas isso não poderão fazer enquanto houver no Mundo homens espirituais que levantem o Estandarte da Origem, que falem com as Runas de Wothan.*** Dali que podemos afirmar sem medo de equivocar-nos que a Operação Clave Primeira foi um êxito: levamos um Iniciado com o Signo de Origem a La Brea, frente à Porta de Bera e Birsa de Chang Shambalá, e o resgatamos para a Estratégia do Terceiro Reich. Em uma palavra, infringimos ao inimigo o maior desafio em seu próprio terreno: é impossível que agora queira outra coisa mais que vingança. E suas represálias já não serão de ordem diplomática ou política, já não propiciará pactos secretos para golpes de Estado ou intrigas palacianas: o Terceiro Reich deverá preparar-se para resistir a um formidável potencial militar.

E quanto a você, Lupus, desnecessário dizer-te o que representa para nós. Contar contigo significa dispor de uma ***vantagem estratégica*** para a Execução dos Planos da Ordem Negra. Baseado nisto devíamos tratar de preservá-lo de todo o perigo; seria o mais lógico. Sem embargo, faremos todo o contrário: não descuidaremos de sua segurança, mas tão pouco impediremos que você cumpra a sua missão, ***a missão que foi encomendada pelos Deuses quando o assinalaram com o Signo de Origem.*** Seguirá, pois, correndo riscos! Estudaremos cuidadosamente suas futuras operações e o enviaremos a fechar, com seu Signo Divino, as Portas do Inferno. Agora sabemos que você pode fazê-lo. Fará?

Os dezesseis pares de olhos me perfuravam o cérebro. Mirei a Rudolph Hess, quase um pai para mim, o que poderia negar a ele? E a Konrad Tarstein, meu Instrutor Hiperbóreo, o Sábio que me revelara tantos segredos, o que não daria Eu a ele, que nada necessitava nem pedia para Si? E os restantes dos Iniciados, os Arquitetos Secretos da Nova Alemanha, os chefes da Ordem Negra ϟϟ: negar-lhes algo era negar-se a servir a Pátria. Nesse momento, sobrinho Arturo, minha resposta só podia ser uma:

- Heil Hitler! - gritei e levantei o meu braço direito para assentir inequivocadamente. Minha resposta sobrinho, e isso compreenderam todos, era um juramento, um voto de Cavaleiro ϟϟ.

Quando todos se retiraram, meia hora depois, e só ficamos o anfitrião, Rudolph Hess e Eu, na Gregorstrasse 239, nos despedimos de Tarstein e partimos no Mercedes. Igual a antes, Eu manejava e Rudolph Hess permanecia no assento traseiro. Ansiava saudar a Ilse, e descartei que fossemos que fossemos a casa de Rudolph, mas esse me advertiu em seguida "ao Hotel Kaiserhof". Mirei-o pelo espelho retrovisor sem compreender.

- Não advinha quem nos espera ali? - perguntou enquanto sorria expressando burla. Tremi ao perguntar:

- Papai?

- Sim, Kurt, seu pai em pessoa. O Barão Von Sübermann viajou desde o Egito para entrevistar seu escorregadio filho.

- Oh, que alegria, que alegria! Não posso crer, todavia! Tu o avisaste, não é certo? Diz-me a verdade, padrinho!

- Pois sim, eu o notifiquei quando soubemos que estava em alto mar, que podia vir em vinte dias a Berlim. E foi isso que fez sem perder um instante. Que mal havia nisso? É bom que teu pai te veja ao menos uma vez por ano. Ou ao término de uma Operação na qual por pouco não perdes a vida. Aprova minha decisão, verdade?

- Oh, sim, padrinho! Brindou-me com o mais belo regalo que podia esperar.

Aquela foi uma das melhores noites de minha vida, com Papai, Rudolph Hess, Ilse e o pequeno Wolf Rüdiger[61][61] em Berlim, em janeiro de 1939, o Mundo parecia estar em nossas mãos. Ainda me recordo que durante a ceia papai anunciou que sua filha havia se casado com um Engenheiro Germano-Argentino e que em pouco tempo partiriam para radicar-se na Argentina, onde os Siegnagel eram proprietários de uma bodega. E que Rudolph anunciou que Eu seria promovido nos dias seguintes, na hierarquia da ϟϟ, com o grado de ***Standratenführer***, saltando assim o grado intermediário de ***Obersturmbannführer***. Seria, disse, um dos Standartenführer, ou Coronel, mais jovens da Waffen-ϟϟ.

[61][61] O filho de Rudolph Hess, de dois anos.

Capítulo XL

Querido neffe, assim concluo minha primeira missão para as ϟϟ. E o Terceiro Reich. Durante a mesma, ficou evidente o caráter misterioso aquele Signo da Origem que causava a devoção de uns e o terror de outros. Ao chegar a esta altura, muitas de suas dúvidas se terão dissipado. Você terá compreendido, espero, que a história de Belicena e a minha própria história se vertebram sobre a mesma armadura, sobre uma infra-estrutura chamada "Sabedoria Hiperbórea". E terá compreendido necessariamente, que ***ambas as histórias continuam em você, que a Sabedoria Hiperbórea passa por você, que os Deuses o assinalaram com o Signo da Origem***.

Tia história e a minha, neffe Arturo, são em parte paralelas: para começar, ambos somos membros do mesmo tronco familiar, ambos sofremos uma experiência comovente. Eu, pela entrevista com o Führer, você pela morte de Belicena Villca, e essas impressões nos levaram a ambos a buscar a verdade em nós mesmo, no fundo de Si Mesmo. Eu, durante as férias no Egito, em 1937, quando me despertou o Scrotra Krâm, e você agora, em 1980, nesse instante infinito do ***rapto*** espiritual pela Virgem de Agartha. Sim, neffe: creio que nesse ponto ambos nos ***auto-Iniciamos***. Sei que o Ritual da Iniciação Hiperbórea tem por finalidade por ao eleito em contato com as Vrunas de Navutan mas, como tais Signos já estavam em nós, pudemos realizar o milagre da auto-***revelação da Verdade Desnuda de Si Mesmo***.

Então, o paralelo dos fatos vividos por ambos, culmina na correlatividade da experiência iniciática: ambos estamos, de agora em diante, indissoluvelmente ligados a uma Fonte Espiritual, Eterna e Infinita, à Graça da Virgem de Agartha, à Sabedoria Hiperbórea dos Deuses. Por isso, ***como eu o alcei naquele momento, você deve levantar a partir de agora "nossos estandartes", que são as bandeiras do Espírito***. Você se perguntava em seu apartamento em Salta: a quem recorrer por ajuda espiritual, que são nesse mundo os representantes da Sabedoria Hiperbórea? Pois agora dispõe da mais clara resposta: ***O Führer tem dado a resposta: a resposta é a Ordem Negra. Recorda que o Führer voltará, neffe, até Belicena Villca o anuncia em sua carta:***

"O Grande Chefe Branco, o Senhor da Vontade e do Valor Absolutos, virá uma vez, duas vezes, três vezes a vosso Mundo. A primeira vez ficará a História, mas se irá e causará o insensato riso dos Demônios (segundo me parece, neffe, esta parte da profecia já se cumpriu)***; a segunda declarará a Batalha Final, mas se irá, em meio do Rugido de Terror dos Demônios*** (e suponho, Arturo, que isto sucederá muito em breve)***; a terceira guiará a Raça do Espírito à Origem, mas se irá para sempre, deixando atrás de si o Holocausto de Fogo em que se converterão os seguidores do Deus Uno, homens, Almas e Demônios. Mas os que seguem ao enviado do Senhor da Guerra serão Eternos!".*** (E aqui somente posso pedir ***"fiat, fiat",*** neffe Arturo).

São palavras do Capitão Kiev, que se cumprirão inexoravelmente. Você buscará a Ordem Tirodal e levará a seus Iniciados a Carta de Belicena Villca. Será muito oportuno porque eles buscam, também, ao Noyo e a Espada Sábia para iniciar a Batalha Final. Mas você os levará algo mais importante que a carta de Belicena Villca: o Signo da Origem,

que fecha as portas de Shambala e abre as Portas de Agartha, pela qual retornará o Führer e a ϟϟ Eterna para declarar a Batalha Final!

Esse é o verdadeiro motivo da grande manobra, neffe! Que você se aproxime dos que esperam, no momento justo, no kairos da Batalha Final! Esse é o significado espiritual de toda esta série de coincidências: ***aproximar o Signo da Origem ao kairos da batalha Final!***

E como a Casa de Tharsis, e como a mim, neffe, deve compreender que com maior razão a você tentaram tirar do meio. Os Druidas te perseguem! Talvez Bera e Birsa em pessoa!

Por causa disto quero te propor que partamos o quanto antes. De meus relatos, ainda que incompletos, você tirou bastantes conclusões. Mais adiante, se as circunstâncias permitirem, darei mais detalhes dos fatos seguintes até 1947, ano em que vim para a Argentina e desde quando permaneço escondido.

Em resumo, e bem por cima, isto foi o que aconteceu a partir de 1939.

A Bangi e Srivirya foi-lhes concedida a cidadania alemã e foram condecorados com a Cruz de Ferro de Primeira Classe. Além disso, foram incorporados à Waffen ϟϟ com o grau efetivo de ***Untersturmführer***. Permaneceram até o verão de 1939 em Berlim, onde partiram em treinamento em criptografia e tarefas afins com o Serviço Secreto, e finalmente partiram ao Tibet, e reunidos com os lopas que partiram de nossa expedição, se entregaram com afinco à missão que lhes haviam encomendado: preparar um corpo de Elite que atuaria como Legião Estrangeira dentro das Waffen ϟϟ. Dali sairia a famosa ***Legião Tibetana***, que dependia secretamente da ***Panzerdivisión Leibstandarte Adolf Hitler*** e um de cujos batalhões defenderia até a morte o bunker do Führer em Abril de 1945.

Karl Von Grossen regressaria também à Ásia. Da Índia e China se ocuparia de abastecer discretamente a Legião Tibetana, cujo assentamento natural era Assam, nos domínios do Príncipe kâulika, inimigo acirrado dos ingleses. Nesse pequeno Reino da fronteira com o Butão, instrutores ϟϟ especialmente vindos da Alemanha, complementaram o arsenal ofensivo dos monges kâulikas, composto de flechas, punhais e cimitarras, com armas modernas de propósito tático, tais como granadas, pistolas e fuzis de assalto. Porém, a máxima efetividade daqueles terríveis guerreiros, estaria sempre acompanhada do uso de suas armas tradicionais, para as quais não havia rivais no Tibet. De todo modo, vale a referência, aquele corpo jamais passou de centenas de efetivos.

Mas muito antes que a Legião Tibetana estivesse pronta, Vruna dava a luz em Berlim a dois formosos filhotes de cães daiva, morrendo no parto. Outra legião, esta de veterinários das ϟϟ, se encarregou, sob as mais severas ameaças, de que os gêmeos vivessem. Não obstante nossas reservas cresceram sem problemas e os batizei de ***Yum*** e ***Yab***. Responderam bem ao treinamento convencional e melhor ainda ao uso do Kilkor svadi, entendendo e obedecendo meus menores desejos.

Em setembro a Alemanha invade a Polônia e começa a Segunda Guerra Mundial. Em 14 de Junho do ano seguinte, 1940, as tropas do Terceiro Reich entram em Paris.

Nem a Legião Tibetana, nem eu, interferimos naquelas ações, pois nos repetia a Ordem Negra que "***a verdadeira e única frente ao Terceiro Reich encontrava-se no Leste***".

Contrariamente, pois, ao movimento de nossos exércitos, nós nos concentrávamos em planejar operações asiáticas, em tudo semelhante a Chave Primeira, na qual obtive meu batismo de fogo. Ao final, em agosto de 1940, recebi a ordem de executar a "Operação Chave Dois", que tinha por objetivo alcançar o monte Elbruz, onde segundo as tradições indo-arianas, os ***arianos nasciam duas vezes***. Mas não se tratava de ir diretamente ao Cáucaso, mas de ***aproximar-se estrategicamente com os cães daivas para chegar a uma Porta situada em outras dimensões***.

Dessa vez, viajei desde a Alemanha com Oskar Feil, um ***Hauptsturmführer*** chamado Caesar Von Lossow, e os cães Yum e Yab. Em Pamir, nas origens do rio Piandy, nos aguardava Karl Von Grossen com a ***Gebirsjäger***[62[62]] da Legião Tibetana, uns cinqüenta homens no total. Dali iniciamos um daqueles loucos percursos que seguiam os cães daivas para dirigirem-se a algum lugar. Ignoro quais atalhos tenham tomado, pois no lugar de atravessar Tadzhikistão, Afeganistão, Turcomenistão, Irã, Armênia e Geórgia, e percorrer 3.000 km., os cães acharam a Geórgia a 500 km de distância. Ainda que custe crer, a 500 km do Rio Piandy demos com Grozny, cidade ao pé do monte Elbruz; claro que as vicissitudes e peripécias passadas até então, e que não posso narrar agora, nos consumiram vários meses. .

Inversamente ao que havia em La Brea, ***no monte Elbruz existia um Caminho para Agartha, ou para Vênus, que é o mesmo*** . A missão encomendada por Tarstein, e os Iniciados da Ordem Negra, consistia em ***localizar a Porta caucasiana de Agartha e unir tal porta com a localidade de Rastenburg, na Prússia Oriental***. ¿Como? Com os cães daivas; ordenando aos cães no Cáucaso que alcancem Rastenburg, mediante um salto através do Tempo e Espaço. Desse modo, de acordo com a presunção de Tarstein, ficaria ***suprimida*** a distância ente Elbruz e Rastenburg ou, o que é o mesmo, a Porta de Agartha "ficaria" em Rastenburg.

¿Que importância tinha Rastenburg, para demandar tal operação? Então não sabíamos, pois só nos foi pedido que executássemos o plano antes de Maio de 1941, mas a partir de 22 de Junho, quando o Terceiro Reich inicia a invasão da União Soviética, o Quartel General do Führer se instalaria em Rastenburg.

O nome chave do Führer era ***Lobo***, ***Wolf***, e por isso seu centro de operações no Leste, o Trono desde onde se Oporia com o Poder do Espírito às mais tenebrosas Potências da Matéria, seria conhecido como ***Führerhauptquartier Wolfsschanze***, quer dizer, Quartel General Supremo Toca do Lobo. Achava-se na província prussiana de Königsberg, antigo local da Ordem Teutônica, em meio dos bosques que crescem às margens do Guber, e ali aterrissamos Karl Von Grossen, Oskar Feil, Bangi, Srivirya e eu, num dia de maio de 1941: o resto da legião estava acampado no monde Elbruz, a 2000 km de distância. Como seus pais no Tibet, Yun e Yab tinham respondido à ordem de ***voar*** e correram em um instante a distância estabelecida. Uma vez em Rastenburg, nos dedicamos a assinalar o lugar exato por onde desceram os cães daivas, pois até ali, estivesse onde estivesse, seria estendida uma via férrea para estacionar o vagão do Führer. Tínhamos ordens estritas de nos movermos até não sermos localizados por tropas da ϟϟ. que Himmler destacara e que patrulhavam a região. Um pelotão nos achou

62[62] Destacamento de Alta Montanha.

e de imediato todo um batalhão ocupou a zona na que, semanas mais tarde, se estacionaria o Wolfsschanze. Vale a pena lembrar que naquele mesmo sítio, em 20 de Julho de 1944, um grupo de Generais traidores, os mesmos que apoiavam Ernest Schaeffer, tentaram assassinar o Führer mediante a instalação de uma bomba de alto poder a escassos metros dele. Desde logo, quem não compreenda o que era a porta caucasiana de Rastenburg, ainda não entendem como o Führer saiu ileso do atentado.

Quando ao fim voltei a Berlim, em Agosto de 1941, era já muito tarde para me despedir de Rudolph Hess: em 10 de Maio meu voou para a Inglaterra tentando neutralizar a Estratégia Golen que dominara a Alta Cúpula britânica. Seu vôo foi acertado entre membros da Sociedade secreta Golden Dawn e Iniciados da Thulegesellschaft, mas mal aterrisou foi capturado pelos Druidas graças à traição do alemão Abrecht Haushofer e do britânico Duque de Hamilton, e confinado numa prisão militar. Para a Sinarquia teria sido uma catástrofe a paz entre a Inglaterra e a Alemanha, e sua aliança conta a União Soviética, projeto que Rudolph Hess estava autorizado a negociar. Por isso o deixou incomunicável durante os anos de guerra e se publicou uma suposta demência enquanto se tentava efetivamente destruir sua psique com drogas semelhantes às que menciona Belicena Villca. Analogamente ao caso de Belicena Villca, tratando-se de um Grande Iniciado como Rudolph, os Golen não conseguiram seu propósito.

Sim, neffe, em Agosto de 1941 chegara o momento de recordar as palavras que Tarstein me dissera quatro anos antes: ***"todos devemos desejar que nunca chegue sua oportunidade, pois quando Parsifal empreende sua missão isto significará que o Rei Artur está ferido... e que o Reino é terra gasta"***. Sim, Rudolph, o louco puro, como Parsifal, tinha partido para Albion, Inglaterra, a Ilha Branca que representava de alguma forma a Chang Shambala, a Morada dos Demônios: Tarstein o predisse porque ele sabia que seria possível, porque ele conhecia um significado esotérico que explicava o profundo simbolismo da viagem. Que o diplomata Albrecht Haushofer era um traidor, membro do grupo das "forças sãs da Alemanha", já o conhecíamos há anos pelos informes que Heydrich tinha elaborado no S.D.: Albrecht era filho do professor Karl Haushofer e de uma judia de nome Martha Mayer-Doss. E que a Sociedade Secreta Golden Dawn[63][63], que em algum momento no início do século esteve em algo relacionada com a Einherjar e a Thulegesellschaft, caíra em poder dos Druidas logo da missão do Sacerdote Aleister Crowley, também o sabíamos. Assim que Rudolph não poderia esperar outra coisa de sua missão, mas devia existir uma razão mais profunda e secreta que justificasse seu sacrifício.

Perguntei diretamente a Tarstein, mas desta vez evitou o esclarecimento direto e voltou a me falar em linguagem simbólica, sem dúvidas para não afetar o Mito, para que o Mito continuasse atuando.

–Veja Kurt: –apontou– o Rei Artur, o Führer, pode ser traído por Genebra-Alemanha e tal desonra deixar fraco o Reino frente o ataque dos seres elementais, as hordas de ***Elementalwessen*** procedentes do Leste. Para evitar que o Reino seja destruído, o Rei Artur precisa contar com a força do Gral. Mas o Gral não está presente no Mundo dos homens adormecidos há pelo menos 700 anos. Que fazer? Como em Wolfram Von Eschenbach, o Führer diz:

63[63] Alvorecer Dourado.

"Man mac mich dá in strîte sehen:
der muoz mînhalp von iu geschehen".[64[64]]

E Parsifal parte ao Castelo de Sigune, de onde surgem as forças que animam os seres infra-humanos que ameaçam o Reino.. E ali, como José de Arimatéia, o Rei Cruel captura e condena a 48 anos de prisão, tanto a ele como a seus Cavaleiros. Mas então, na prisão, José de Arimatéia entra em contato com o Gral e este o nutre espiritual-mente o tempo que dure seu confinamento: e as forças elementais se vêem, assim, até certo ponto freadas, porque o Cavaleiro do Gral, ainda que encerrado, possui forças espirituais suficientes para transmiti-las ao Rei Artur e sustentá-lo em sua Função Régia. Algum dia o Cavaleiro José de Arimatéia conseguirá sair de seu injusto confinamento e será livre com a Pedra do Gral, lendo nela o nome do Führer e restaurando sua soberania no Reino. Será nesse momento quando Frederico II, portador da Pedra de Gengis Khan, se encontre com o Senhor do Cão, o Preste João, o Senhor de Catay ou K'Taagr, quer dizer, o Senhor de Agartha. Então as forças elementais serão definitivamente derrotadas na Terra.

Nada mais que afirmações simbólicas desse tipo consegui arrancar de Tarstein, que não me ajudaram muito a entender o significado oculto de sua missão, ainda que intuísse muito. Mas não voltei a ver meu Taufpate desde 1940. Naturalmente, durante o Tribunal de Nuremberg de 1945/46, Rudolph foi interrogado pelos hipócritas juízes aliados e, desde logo, não disse uma palavra sobre o Gral ou o Rei Artur. Em troca falou bastante sobre a lavagem cerebral e os tratamentos com drogas a que os ingleses o submeteram:

"... Como é lógico, eu pensava continuamente que explicação poderia ter o monstruoso comportamento da gente que me rodeava. Exclui a possibilidade de que fossem criminosos, já que socialmente causavam boa impressão. E, por outra parte, seu passado contradizia essa imposição."..... .....
"Se me ocorreu logo a idéia de que aquelas pessoas tinham sido hipnotizadas, ainda que eu ignorasse então que existisse a possibilidade de produzir um hipnotismo tão intenso e duradouro. Manifestei com franqueza esta suspeita ao comandante F., que evidentemente tomou como piada. Eu disse que ele e todos os demais ao meu redor eram absolutamente normais e que, por desgraça, eu era vítima de auto-sugestão."..... .....
"Minha enxaqueca continuava sem parar. Eu insistia em fingir que perdera a memória. Aprendia de meus erros. Supunha que não devia reconhecer as pessoas que tivesse visto há mais de quatorze dias, ainda que se tratasse dos médicos que estavam há anos comigo. Pude deduzir disso que veneno tão terrível me davam, um veneno para o qual não tinha antídoto, ..."

64[64] Parecerá que sou eu quem combate, mas em verdade sereis Vós quem o faça em mim.

"Logo não cometi mais erros. Passei por provas tais como a súbita aparição de pessoas que já conhecera antes, e fingia não reconhecê-las, ainda que me encontrasse em estado de sono hipnótico. Tinha de estar alerta dia e noite. Final-mente cheguei a estar afiado para responder falsamente as perguntas, inclusive em sonhos, persistindo em fingir perda de
memória".....
.....
"Em 19 de Abril de 1945 veio de novo me ver o Brigadier General Doctor Rees. De novo tratou de me convencer de que tanto minhas conclusões como meu sofrimento eram mero resultado de manias. Interrompi-lhe afirmando de que nada serviam suas palavras ***porque eu sabia o que ocorria***. Entretanto tinha adquirido novas convicções que justificavam minhas suspeitas. As abomináveis atrocidades que, durante a guerra dos bôeres, perpetraram os ingleses em mulheres e crianças nos campos de concentração podiam ser atribuídas também ***à substância química secreta***."
"O Brigadier General Rees refletiu uns instantes com expressão sombria. Logo se pôs de pé num salto e saiu apressado, murmurando: «você é muito perspicaz. Boa sorte."
"Eu já estava quatro anos preso na companhia de lunáticos e à mercê de suas torturas, sem poder informar ninguém disso, e sem poder convencer ao enviado suíço da verdade do que ocorria, sem falar de minha incapacidade para instruir os lunáticos sobre seu estado. Era pior que estar em mãos de criminosos, pois estes ao menos têm algo de razão num recanto obscuro do cérebro, algum sentimento num recanto obscuro do coração, e um pouco de consciência. Com meus lunáticos, isso estava totalmente descartado. Mas piores eram os médicos, que usavam seus conhecimentos científicos para torturas mais refinadas. Na verdade eu não tive médico durante esses quatro anos, pois os que se davam esse nome não tinham outra missão que me ocasionar sofrimentos e, em todo caso, agravá-los. Igualmente, permaneci todo esse tempo sem remédios, porque o que me davam com esse nome não servia a mesma finalidade e, ademais, era veneno."
"Diante do meu jardim passeavam de um lado para o outro, loucos, ou drogados, com fuzis carregados, estava cercado de loucos na casa, quando saía para dar uma volta ia precedido e seguido de loucos, todos com uniforme do Exército britânico, e nos cruzávamos com colunas de internos de um manicômio próximo que eram levados para trabalhar. Meus acompanhantes manifestavam compaixão com eles ***e não advertiam que pertencem à mesma coluna***; que o doutor que dirigia o hospital e, ao mesmo tempo, dirigia o manicômio, deve ter sido seu próprio paciente por um longo tempo. Não se davam conta de que eles mesmos eram dignos de compaixão e não se davam conta porque estavam, todos, drogados e hipnotizados. Eu lhes compadecia sinceramente; pessoas honradas ali se convertiam em criminosos."
"No entanto, o que isso importava aos judeus? Importava-lhes tão pouco como o Rei da Inglaterra e o povo britânico. ***Porque os judeus estavam por trás de tudo aquilo.*** Se não bastasse para demonstrá-lo a simples probabilidade o teria demonstrado o que vou relatar. Tinham me entregado um livro escrito por um judeu sobre o trato que sofrera na Alemanha, assim como informes dos Consulados britânicos sobre o trato que dispensavam aos judeus na Alemanha segundo a descrição dos próprios judeus. O Doutor Dix disse que minhas manias obsessivas eram fruto de arrependimento pelo trato aos judeus, do que eu era responsável, ao que respondia que não fora minha

competência decidir o trato aplicado aos judeus. No entanto, sendo assim, ***teria feito todo o possível para proteger meu povo daqueles criminosos e não teria sentido remorso disso***. O Tenente A.C., dos Guardas Escoceses, que estava comigo para minha proteção em nome do Rei, me disse um dia: «você está sendo tratado como a Gestapo trata seus inimigos políticos». O Doutor Dix e o enfermeiro, sargento Everett, estavam presentes e assentiram com um sorriso. Como já tinham se apartado do papel que tinham assinalado, já que sempre se afirmava que meus sofrimentos eram imaginários, o médico e o oficial foram relevados pouco depois."

"Em minha nota de protesto de 5 de Setembro de 1941, mencionava a expressão no rosto de A.C., dos Guardas Escoceses, e acrescia que era típico de judeus afirmar que seus inimigos faziam o que faziam por si mesmos, sem que os judeus lhe dessem motivos, e acusar seus inimigos dos crimes que eles se acostumavam a cometer. O Bispo húngaro Prohaska o descobrira já logo da dominação bolchevique da Hungria de 1919. Informou que durante aquele período caminhões com corpos mutilados eram conduzidos em Budapeste nas pontes sobre o Danúbio e sua carga lançada ao rio; que os sacerdotes tinham as mitras pregadas na cabeça com pregos de aço, lhes arrancavam as unhas e esvaziavam os olhos, e a piada do momento era porque tinham de ir ao outro mundo com os olhos abertos. Todos os responsáveis, com Bela Kun na frente, eram judeus. A Imprensa mundial fora silenciada ou estava em mãos hebréias. No entanto, quando o governo bolchevique caiu, alguns dos culpados foram julgados, e a mesma Imprensa mundial alardeou o terror branco na Hungria. Sempre acontecia o mesmo, concluía Prohaska, quando um povo devia lutar contra os judeus."

"Eu não podia então prever que os judeus, para conseguir material de propaganda contra a Alemanha, chegariam mediante o uso da substância química secreta, ***a induzir os guardas dos campos alemães a tratar os internos como fazia a G.P.V.***[65[65]]: todo ato criminoso dessa natureza deve ser suspeito do uso de drogas secretas que os judeus empregam, inclusive dentro da Alemanha. Ao perguntar-me a razão dos crimes cometidos contra mim, suspeito o seguinte: primeiro, o Governo britânico fora hipnotizado para que me convertessem num lunático, e me apresentar como tal se necessário, se chegava a reprovar-lhes o não ter aceitado minha tentativa de um entendimento com o qual a Inglaterra poderia ter poupado muitos sacrifícios. Segundo, a inclinação geral dos judeus ou não judeus que me maltrataram e se vingaram em mim do fato de que a Alemanha nacional-socialista tenha se defendido dos judeus. Terceiro, vingança contra mim porque tinha tentado por fim demasiado rápido à guerra que com tanto esmero os judeus prepararam e iniciaram, com o que se veriam impedidos de alcançar seus objetivos bélicos. Quarto, devia-se impedir que se fizesse público o conteúdo desse informe."[66[66]]

.....
.....

Nestas declarações de Rudolph Hess pode estar a verdade secreta sobre o famoso "Holocausto de 6.000.000 de judeus". É notável, de fato, que os membros do Povo

65[65] Policía Secreta soviética, cujos chefes são invariavelmente judeus de crueldade sem par.
66[66] Fragmentos doInforme de Rudolph Hess, lido por este durante o juízo de Nuremberg, em1946.

Eleito tenham sido vítimas de um genocídio tipicamente judeu, um modo de extermínio que, tal como Belicena Villca demonstra em sua carta, é o que os Rabinos vêm requerendo há milênios que se aplique aos Gentios ou "Goim". Mas Rudolph Hess expôs acertadamente "que era típico dos judeus afirmar que seus inimigos faziam o que faziam por eles mesmos, sem que os judeus lhes dessem motivos, e culpar seus inimigos dos crimes que estavam acostumados a cometer". Essa atitude dos judeus é freqüente, está confirmada com centenas de provas históricas, e explica a acusação de que a ϟϟ. teria praticado sobre eles um mini-Holocausto de Fogo, projetando sobre os campos de concentração a imagem da Morte Final com que eles mesmos sonham destruir a Humanidade espiritual, quer dizer, não judia. Em síntese, neffe Arturo, só uma mentalidade tipicamente judaica podia ter concebido um modo de extermínio semelhante, que jamais passou pela mente de Heinrich Himmler nem, fique claro, do Führer, E quanto aos alemães que supostamente "confessaram" ter perpetrado esses crimes, ademais que existem muitas razões óbvias de porque alguém declararia contra si mesmo ou contra sua pátria, é claro que a real causa deve ser buscada nas drogas secretas que os Druidas conhecem, cuja principal guarida há milênios é justamente a Inglaterra. O próprio Rudolph Hess o expôs em 1945, como você viu, ao afirmar que não só as testemunhas teriam sido drogadas e hipnotizadas para declarar contra si mesmo, mas que caso algum crime tivesse sido cometido nos K.Z. alemães, isso se devia à introdução de drogas antes da queda do Terceiro Reich, com objetivo de perturbar os guardas e render posteriores créditos propagandísticos.

Enfim, se não voltei a ver Rudolph Hess nunca mais depois de meu regresso de Elbruz-Rastenburg, em troca tive notícia do maldito Ernest Schaeffer: voltara silenciosamente, como previra Tarstein, e estava na França ocupada. O protegia o Serviço Secreto do Almirante Canaris, a Abwehr, que estava fora da jurisdição da S.D exterior. Segundo os informes que dispunha Walter Schellenberg, era muito provável que o acompanhassem seus quatro sequazes, embora um deles ***"teria perdido a visão no Tibet"***, devido a que seus olhos se expuseram ***"a uma intensa e desconhecida fonte de Luz"***.

Como é natural, eu propus de imediato uma operação encoberta para executá-lo, tanto a ele como a seus cúmplices, mas fui dissuadido por Tarstein, quem sustentava que o traidor valia mais vivo que morto: "estando vivo poderá se comunicar com as forças sinárquicas que com o Terceiro Reich só possuem um caminho: a Guerra", nos explicava Tarstein. A Fraternidade Branca apoiará uma aliança contra a Alemanha, mas só se logo de sua total destruição se constitui em pouco tempo a Sinarquia Universal do Povo Eleito. Se esse objetivo se concretiza, a Alemanha sem dúvida será sacrificada, mas esse Governo Mundial significará o fim da História: a Alemanha renascerá mais uma vez, talvez não como Nação, mas sim seu Espírito, seu Führer, seu Deus Wothan, será apoiada pelos Deuses Leais ao Espírito do Homem, ***e a Batalha Final será travada sobre a Terra***.

Ernest Schaeffer voltou convertido num Mestre da Hierarquia Branca, quer dizer, espiritualmente morto. Sua Iniciação no Tibet lhe valeu o reconhecimento de numerosas Sociedades Secretas sinárquicas, como por exemplo, a Maçonaria inglesa, que lhe concedeu o grau 33 e o cargo de Presidente do Grão Oriente do Rito Escocês Antigo e Aceitado. A destruição da Operação Altwesten foi atribuída nos papéis a acidentes

comuns nesse tipo de exploração e Schaeffer viveu tranqüilo até depois da guerra: seus familiares ainda residem na Argentina.

Essa liberdade que desfrutou ao amparo dos grupos de resistência ao Führer, lhe permitiu, tal como calculamos na Ordem Negra, planejar e lançar múltiplos atentados contra minha pessoa. Ninguém sabe exatamente quantos atentados perpetraram contra o Führer, mas os que eu padeci nesses anos não foram poucos: envenenamentos, bombas, franco-atiradores, emboscadas, sabotagem no meu equipamento e ameaças permanentes: ou abandonava a ϟϟ., desertava, saía da Alemanha para sempre, me apartava definitivamente dos locais sagrados aos Sacerdotes, ***ou não haveria lugar na onde pudesse me ocultar da inevitável vingança rabínica***.

Claro, não cedi às ameaças e cumpri minhas ordens até o fim, neffe, ainda aquelas ordens que me desagradavam, como a que me obrigou a permanecer 35 anos em Santa Maria de Catamarca.

Capítulo XLI

Não falarei das operações intermediárias, pois esta será minha última referência aos intensos empreendimentos esotéricos desses anos. Só lembrarei que em 1945 nos achávamos trabalhando no Sul da Itália, na região de Apulia, onde se encontra o Castelo Octogonal do Imperador Frederico II Hohenstaufen, que governou de 1215 a 1244 e de quem Belicena Villca se ocupa bastante em sua carta. Nossa missão não tinha relação direta com a guerra, pois pouco era o que se podia fazer para reverter uma situação cada dia mais adversa. Nesses dias, a Alemanha retrocedia em todas as frentes; mas em todas as frentes, pela primeira vez na História, se podia assinalar o mesmo inimigo judeu: Capitalistas, Comunistas, Sionistas, todas as Nações aliadas, sem importar sua ideologia, mostravam os mesmos rostos hebreus, o verdadeiro perfil da Sinarquia.

E em meio deste colossal débacle, enquanto a Alemanha cedia ante forças mil vezes superiores, forças que se somavam unidas sob a máscara de Jehová-Satanás, nós não trabalhávamos já para a Alemanha***, mas para a ϟϟ, para o Futuro da ϟϟ***. Em que consistia nossa missão, no Sul da Itália? Em algo insólito: devíamos buscar ***a Pedra de Gengis Khan***.

Sim; não é um delírio. Konrad Tarstein dispunha de informação específica e antiga que assegurava que em 1221 Gengis Khan enviou a Frederico II, a sua corte da Sicília, uma Pedra proveniente de Agartha, na que se achava gravado um pacto trilateral para instaurar o Império Universal; as três partes seriam: Genghis Khan, Imperador da Ásia; Frederico II, Imperador do Ocidente; e os Deuses Leais de Agartha, pelas Forças Subterrâneas da Terra. Antes de morrer, em 1244, Frederico mandou construir aquele estranho castelo octogonal e ocultou para sempre a Pedra. Agora, Tarstein nos explicava que o Castelo, em sua construção, ocultava uma chave para localizar a Pedra, que não estava longe do local. Efetivamente, a 800m de distância, sob uma suave ladeira, os cães daivas rastrearam uma cripta de pedra que continha um cofre da Rainha Constança e a ansiada Pedra de Genghis Khan, gravada em caracteres Vigur e em Runas germânicas.

Não foi fácil achá-la, tivemos de realizar perfurações profundas e medições trigonométricas com teodolitos. As medições foram feitas a posteriori, para tentar descobrir a chave da construção por oposição estratégica que permitia ***proteger*** um objeto valioso, colocando-***o fora das muralhas***.

Não houve tempo de completar as medições, pois em 5 de Abril de 1945 começava a invasão aliada da Itália. Fomos retrocedendo, pois, para o Norte, mas a cada passo comprovávamos a magnitude do desastre. A guerra estava perdida para a Alemanha e não tardaria em terminar. Decidimos nos separar. Karl Von Grossen e Oskar Feil, sob protesto, ficariam ocultos em um mosteiro franciscano cujo prior era simpatizante da Alemanha e da causa árabe: ambos tiveram de trocar o uniforme negro da ϟϟ pelo traje pardo ***seráfico***. A seu cuidado ficaram igualmente os cães daivas.

Enquanto nossos Camaradas permaneciam no Mosteiro de Nápoles, a Legião Tibetana empreendeu viagem até Berlim. Íamos Bangi, Srivirya, cinqüenta comandos e eu. Depois de múltiplos confrontos com partisans comunistas que infestavam as estradas, conseguimos chegar a Verona, desde onde partiam vários caminhos para os Alpes. Tomamos o de Bolzano, que nos conduziu um dia depois diretamente a Berchtesgaden.

Em 25 de Abril o comandante ϟϟ. de Berchtesgaden recebeu um telegrama de Bormann no qual se ordenava deter o Marechal Göring. Quando chegamos nós, não havia ninguém para nos atender ou dar informação. Fomos então para Obersalzberg, mas antes de chegar, o Destino, esse trágico Destino que sempre me perseguia, decidiu representar sua melhor função: 318 bombardeiros Lancaster chegaram primeiro e começaram a descarregar toneladas de bombas sobre a pacífica aldeia alpina. Paralisado de dor, atravessado pela nostalgia cortante, creio que gritando de impotência, vi voar em mil pedaços a casa de Rudolph Hess e outras vizinhas. Aquela casa aonde 12 anos atrás chegáramos com meu pai para visitar o Stellvertreter do Führer e solicitar-lhe ajuda para encaminhar minha carreira! Ali Papai lhe havia confiado a medalha dos Ofitas - o que terá sido dela? Talvez as tivesse Ilse, a dela e a minha...

Quantas memórias!...

Malditos ingleses, malditos ianques, malditos russos, maldita Sinarquia judia! Que necessidade havia de destruir essa aldeia de Obersalzberg? Talvez suprimir um símbolo? Mas aos símbolos só é possível romper-lhes a forma, quebrar sua aparência, porque o conteúdo é metafísico, transcendente, e jamais poderá ser alcançado pela bomba de um Lancaster.

Enfim, sem poder conter as lágrimas, observei as ruínas fumegantes do Berghof, o Quartel General do Führer, vazio neste momento porque, como bem sabiam os aliados, o Führer se achava no bunker de Berlim, e os restos das casas de Bormann e Göring, e de muitos povoadores que nada tinham a ver com o nazismo e o Terceiro Reich. Voltamos a Berchtesgaden e conseguimos no dia seguinte transporte para Munich. Ali conversei com o General Koller quem me informou da situação desastrosa de Berlin: os russos tinham alcançado as margens do Elba e Eisenhower parou o exército americano perto de Torgau, com o confessado propósito de que Berlim fosse arrasada pelas hordas eslavas. "Isso era, se justificou o maldito judeu, o que se tinha combinado em Yalta".

Berlim se encontrava, assim, sitiada pelos russos, sendo quase impossível entrar ou sair por terra. Pois a legião tibetana entrará em Berlim! – afirmei com determinação.

–Não será necessário que corra semelhante risco, ***Brigadienführer*** Von Sübermann: acabam de chegar ordens para você, que mandam que se dirija a Plauen. O ***Reichführer*** Himmler deseja vê-lo pessoalmente ali. O General Koller, ante minha surpresa, me estendeu o telegrama de Himmler. Como soube o ***Reichführer*** que nos encontraríamos em Munich? Havia uma só resposta: o oficial S.D. de Berchestsgaden tinha informado nossa passagem. Maldisse interiormente e indaguei Koller.

–Há linha telefônica com o ***Reichführer?***

–Só em caso de extrema urgência.

–Pois esta é uma, General. Trata-se de uma emergência.

–Bem, ***Brigadienführer***. Passe pelo rádio que eu autorizo a chamada.

Suspirei aliviado: precisava confirmar minhas suspeitas antes de partir!

–Aqui é o ***Brigadienführer*** Kurt Von Sübermann meu ***Reichführer*** - saudei, através da linha inaudível.

–¡Von Sübermann! Que bom saber de você nessa hora! Parabéns por chegar até Munich. Bem em tempo! Não podia esperar menos de você. Bem, ***Brigadienführer*** Von Sübermann; escute bem: ***as coisas mudaram aqui na Alemanha, e agora eu estou encarregado da Operação Frederico II. Assim, pois, deve vir o quanto antes***

e me trazer a Relíquia do Rei. Venha de avião. Até logo. Passe para o General Koller para que lhe dê as instruções necessárias.

–Até pronto, meu ***Reichführer*** ! - me despedi, sumido na mais negra das apreensões.

Reuni-me com Bangi e Srivirya. Por sorte não havia aviões disponíveis nesse momento. O que faria? Era evidente que Himmler planejava apoderar-se da Pedra de Gengis Khan para utilizá-la para algum fim pessoal. Mas a Pedra de Agartha não lhe pertencia, mas à Ordem Negra ϟϟ, à Thule-Gesellschaft, à Alemanha. Para mim o ***Reichführer*** merecia o melhor dos conceitos, um Iniciado Hiperbóreo fiel ao Führer e leal a nossos estandartes: se a queda da Alemanha o transtornou, isso seria compreensível. Mas na Ordem Negra jamais me perdoariam se eu perdesse um objeto que Frederico II protegeu por 700 anos.

- Camaradas, estou com um problema -lhes confiei aos chefes da Legião Tibetana -. Com certeza me verei na necessidade de desobedecer a uma ordem do ***Reichführer*** e não quero que vocês se vejam envolvidos. Pensei em transferi-los ao Comandante local da ϟϟ., e seguir sozinho para Berlim. É meu dever entregar o cofre que encontramos em Apulia aos Iniciados da Ordem Negra, que também são membros da Thule-Gesellschaft, e para isso devo ir a Berlim; pelo contrário, o ***Reichführer*** pretende que lhe dê a ele somente a Relíquia, na cidade de Plauen.

- E como ireis a Berlim, Shivatulku?

–Pois, por terra, já que pelo ar é impossível chegar. Fingirei ir a Plauen, mas logo me desviarei para o norte e tratarei de algum modo atravessar o cerco russo.

–Então nós o seguiremos até Berlim. Pense bem: Seremos úteis para realizar a proeza que planejais. E por outra parte, que nos importa as acusações de desobediência, ainda se significam a morte? Já vivemos demais e a Morte não nos aterroriza em absoluto!

As palavras do gurka me trouxeram à realidade. Sem dúvidas aqueles dias assinalavam o fim do Terceiro Reich. E muito provavelmente representariam nosso próprio fim. Sim; tudo acabava, e talvez acabássemos nós. Agora ou mais tarde teríamos de lançar a vida contra uma horda de inimigos – russos, ingleses, ianques, franceses, quem, por Wothan, quem nos tiraria a vida? Deixar a Legião Tibetana em Munich só significava prolongar-lhes um ou dois dias de vida, essa era a realidade.

Decidi-me no ato. Devíamos atuar antes que o General Koller conseguisse o avião.

Reuni a todos num pátio isolado e lhes falei:

–Legião Tibetana! Em poucos minutos vamos entrar em operações. Nosso objetivo é alcançar Berlim, e precisamos preparar-nos agora. ***Mas não podemos solicitar oficialmente estes preparativos.*** Portanto, nos encarregaremos deles.

Antes de tudo, precisamos nos apoderar dos caminhões armados, com munição suficiente. Bangi e quinze homens se ocuparão disso, tratando de não causar baixas em nenhum dos bandos, que são o mesmo bando da Alemanha. Capturem e amordacem os que tiverem de roubar, e os mantenham ocultos nos caminhões, pois os liberaremos antes de partirmos. Têm dez minutos para executar a missão e aguardar no depósito da Intendência.

Srivirya e 20 homens assaltarão o depósito, tomando só o imprescindível para uma viagem de 600 km, e 50 efetivos: granadas, fuzis, munições e víveres mínimos.

Imobilizem todo mundo e, quando chegarem os caminhões, carreguem tudo e se reúnam conosco no edifício de dormitórios, junto ao cassino. Em quinze minutos devem estar ali! – ordenei.

Os quinze tibetanos e eu nos dedicamos a recolher nossos equipamentos e roupas, e empilhar tudo na porta do quartel. Quinze minutos depois saíamos do quartel de Munich. O primeiro grupo tinha feito quatro prisioneiros. O de maior grau era um ***Scharführer***. A ele lhe dei carta dirigida ao General Koller. Nela pedia desculpas pelo atropelo, e lhe informava que ***"Eu não podia obedecer a ordem do Reichführer Himmler, pois esta contradizia outra ordem anterior que me obrigava a ir para Berlim. O autor da primeira ordem era um Chefe do Serviço Secreto do qual eu só estava autorizado a mencionar seu nome chave: Unicornis".*** Rogava para comunicar esta mensagem textual ***Reichführer*** e me despedia amavelmente do General Koller. Não esperava que Koller me perdoasse por ter ridicularizado seus homens, mas tinha fé que Himmler deixaria tudo como estava, ao invés de se enfrentar com ***os cérebros ocultos do Terceiro Reich***. Soltamos, pois, os desconcertados soldados na entrada Norte de Munich, reiterando que transmitissem esta carta o quanto antes ao General Koller.

Meus cálculos foram corretos porque Himmler nada fez depois de receber a lacônica mensagem. Inclusive nos cruzamos com tropas ϟϟ. provenientes da frente russa às quais nenhuma advertência tinha sido feita a nosso respeito.

Agora bem: era 28 de Abril e creio que esse foi o último dia em que existiu uma mínima possibilidade de chegar a Berlim por comboio. Nossa rota era como marchar pelo fio dos dentes do Dragão sinárquico: todas eram vanguardas inimigas ao longo do caminho; primeiro entrepostos franceses e ianques que avançavam do Oeste, e logo posições russas procedentes do Leste, que chocavam com as colunas ianques nas margens do Elba. Munich cairia em poder dos franco-ianques em 30 de Abril, quer dizer, dois dias depois que saímos.

De todos os modos, e sustentando periódicos embates contra ianques e russos, chegamos a Potsdam ao anoitecer. Impossível atravessar as linhas russas em dois caminhões alemães e com uma legião ϟϟ. Duas horas mais levamos para localizar um acampamento russo apropriado para obter uma camuflagem imprescindível: uns 60 soldados da infantaria russa dormiam numa fileira, resguardados por quatro sentinelas. Todos morreram por arma branca, a maioria degolados, pois ninguém queria rasgar seu disfarce. No entanto, nenhum legionário queria tirar seu uniforme da ϟϟ e tivemos de por a roupa russa por coma, muitas vezes ajudando a entrar na roupa com generosos golpes de faca.

Assim vestidos, marchamos mais ou menos abertamente em direção ao Spree. Seguindo sua margem demos com a ponte Veindendammer, que estava coberta por meninos da Juventude Hitlerista de Arthur Axmann. Dez minutos me custou convencer um ***Obersturmführer*** de 12 anos que éramos uma formação das ϟϟ. e que devia deixar-nos passar. Finalmente cruzamos todos e todos tiraram ali a roupa russa, menos eu que ainda tinha de seguir bastante.

Por que nos separávamos, agora sim, definitivamente. A Legião Tibetana pertencia ao Leibstandarte Adolf Hitler, o Corpo ϟϟ. que tinha a seu cargo a guarda

pessoal do Führer, e o mais lógico seria que esse corpo se dirigisse ao bunker para contribuir com sua defesa. Berlim tinha um aspecto catastrófico: Berlim oferecia um aspecto catastrófico: círculos inteiros demolidos por bombardeios aéreos e da artilharia russa, as ruas cobertas de escombros, restos de distintos incêndios se somavam ao crepúsculo do amanhecer desse fatídico 29 de Abril de 1945. Marchamos em silêncio por várias quadras até chegar a Friedrichstraße, ou o que restava dela. A idéia era seguir aquela via até a altura da estação de trem subterrânea e logo descer e transitar sob a terra; na estação de Wilhelmsplatz subiríamos a poucos metros da Chancelaria. Não foi possível realizar este simples plano porque na Rua Frederico havia uma terrível batalha de tanques. Tratamos então de alcançar Wilhelmstraße quando a Fortuna, tão esquiva até então, veio em nossa ajuda.

Com efeito, pela rua transversal que tomamos, começou a dobrar em nossa direção uma coluna de tanques. No comando ia um ϟϟ. ***Oberführer*** de nome Otto Meyer, a quem conhecíamos porque Von Grossen conseguiu três anos antes que nos ditasse uma conferência sobre táticas de cavalaria blindada: era um jovem oficial de lendário valor e grande profissionalismo para a condução de tropas motorizadas. Tinha lutado na França e na Rússia, e sobrevivido, além de causar grandes perdas ao inimigo. Quando Rudolph, depois de minha primeira missão, fez alusão a que eu seria um dos ***Oberführer*** mais jovens do Exército alemão, incluía sem dúvidas Otto Meyer em seu conceito plural. Agora o tinham convocado para a Batalha de Berlim, a última, e seguramente morreria.

Parou seu panzer e saiu pela escotilha: - Kurt Von Subermann e a Legião Tibetana! Hahaha... Nunca esperava te achar aqui, ***agente secreto!*** Onde demônios acham que vão?

–¡Otto Meyer! –gritei comovido–. Nem eu imaginei voltar a te ver. Oh, Otto: esta é a guarda do Führer. Deve chegar à Chancelaria!

–São poucas quadras! Não se preocupe que chegarão. Diga-lhes para marchar atrás dos Panzer e os deixarei na porta. E você suba aqui, que quero conversar com alguém que não tenha ficado louco como todos nessa cidade.

Quinze minutos depois os cinco Panzer se detiveram frente à Chancelaria, que praticamente já não existia, salvo os bunkers subterrâneos; e a Legião Tibetana se formou no jardim. O assombro do ***Brigadienführer*** Mohnke, comandante ϟϟ. da Chancelaria, não tinha limites, ao contemplar essa tropa de rostos asiáticos.

–A Legião Tibetana, formação especial da 1. ϟϟ. Panzerabteilung Leibstandarte Adolf Hitler, se apresenta para tomar a guarda no führerbunker! ¡Heil Hitler, mein ***Brigadienführer***! –apresentei e gritei o mais alto possível.

Mohnke suspeitou daquele reforço, do qual não tinha notícia nenhuma, e pensou numa possível deserção do front, mas se tranqüilizou quando lhe provei que viemos da Itália, de onde logicamente tivemos de retirar-nos, e lhe comuniquei que Himmler estava informado de nossa marcha a Berlim.

–Agora, se possível, devo completar a missão encomendada pelo Serviço Secreto, - solicitei.

–Por mim, cumpra com seu dever, ***Brigadienführer.*** Aqui já não há nada mais o que fazer – afirmou com tom lúgubre.

Eram 10 da manhã. Ouvi quando diziam a Otto Meyer que o Führer se encontrava descansando, que não poderia recebê-lo. O heróico Meyer tinha tentado ver

Hitler antes de empreender uma recorrida da qual talvez não voltasse nunca. Fiz-lhe sinais para que me aguardasse um momento e me despedi para sempre de Bangi, Srivirya, e os cinqüenta guerreiros lopas da Legião Tibetana. Para que descrever o que foi aquela despedida? Basta agregar que ainda depois de 35 anos, os vejo nitidamente no jardim da Chancelaria em ruínas, levantando os braços para me saudar militarmente, e escuto a voz do gurka que diz "Adeus Shivatulku! Não sofra por nós, que logo nos acharemos em outra guerra, lutando junto aos Deuses!".

–A Gregorstraße? –repetiu Meyer, em tom de pergunta.–. Mas isso fica no Gipfelstadt[67][67]: deve atravessar a Porta de Brandenburgo e cruzar o Tiergarten[68][68]. Olha Kurt, desde uns dias os russos estão tratando de ocupar o Tiergarten mas não conseguiram romper nossa bateria antitanque. Por isso eles montaram suas próprias baterias. Conclusão: ninguém pode passar porque está um inferno de fogo cruzado. Mas não se iluda: tampouco poderia chegar a pé porque minamos todos os campos e caminhos do Zoológico.

O encarei desolado e ele começou a gargalhar.

–Calma, Kurt, calma, que nem tudo está perdido. Os Panzer não podem, mas não significa que ***nada possa*** passar. Ouviu falar dos Kamikazes? –perguntou, sempre em tom de piada.

–Sim, os pilotos suicidas japoneses.

–Pois bem, meu caro Camarada! Se você se atreve a ser um ***motociclista kamikaze***, é possível que cruzemos o Gipfelstadt!

Começava a entender.

–O plano é elementar; só precisa do kamikaze para levá-lo a cabo – disse sorrindo.

Assenti, dando-lhe a entender que faria o papel de piloto suicida.

– Então não há nada mais a ser dito. Pegue uma moto de escolta, que agora elas são totalmente inúteis, e corra pela grande avenida, cruze a Porta de Brandenburgo, e entre no Tiergarten; com sorte, em dez minutos estará na Gregorstraße. Agora, cruze o Tiergarten a grande velocidade mais de 100 km/h, para que os russos não possam acertar a pontaria. Enquanto isso os entreteremos com fogo abundante. De acordo?

–Absolutamente de acordo. O plano é suicida de verdade, mas o único que me dá alguma chance – aceitei.

–Fez bem em conservar esse traje russo: é de oficial. Pode ser útil mais para a frente, posto que para onde vai não tem alemães, mas russos. E você fala a língua dos infra-humanos, certo?

Assenti com um gesto. Já não queria falar, nem conversar; só ansiava pela aventura suicida. Entendia que estava apostando tudo e só queria partir.

Otto Meyer entendeu isso mas não parou de fazer piadas até o fim.

–Adeus Camarada –se despediu sorrindo – no próximo encontro você me leva pra passear de sidecar. Hahahaha.

–E você em um Panzer de carrossel. Hahahaha.

Ao final ríamos ambos e nos despedíamos, também, para sempre.

67[67] Bairro do Cume(¿).

68[68] Jardim Zoológico de Berlim.

Capítulo XLII

Cruzei a avenida principal do Tiergarten sobre uma moto que corria a mais de cem por hora, esquivando com reflexos instantâneos milhares de crateras do que parecia uma paisagem lunar. As baterias alemãs, alertadas por Otto Meyer, abriram fogo simulando tentar me acertar, o que desconcertou os russos e os levou a concentrar o fogo contra elas, permitindo que eu me afastasse.

Dez minutos depois entrava no Gipfelstadt e circulava com velocidade regular a Gregorstraße. Detive-me frente ao 239, tirei o capacete, e observei a ambos os lados da rua: nem uma alma. Mas o mais curioso era que, contrariamente às demais quadras, que tinham padecido o demolidor dos bombardeiros, a que continha a casa de Konrad Tarstein estava intacta, como se a guerra não tivesse passado por ali.

Novamente, como um Rito mil vezes repetido, golpeei a argola de bronze.

–Sim? –a voz de Tarstein se deixou ouvir por trás da antiga porta.

–Sou Kurt Von Sübermann; quer dizer, Lupus, sou Lupus, Camarada Unicornis.

A porta se abriu e Tarstein, no cúmulo da serenidade, repetiu mais uma vez.

–Entre, estava te esperando. São 16 h. Chegou justo na hora do chá, se é que te afeta adiantar uma hora do horário inglês –ironizou.

–Imagine, um chá seria ótimo. Não sabe o que eu tive de passar para chegar aqui: literalmente, um desfiladeiro de munição pesada. Nessas horas não sabia se chegaria aqui; e não sabia também se te encontraria aqui. Imaginará minha surpresa quando eu descubro que você não mudou seus costumes habituais.

–Meu estimado Lupus, não é bom para a saúde que um velho como eu fique mudando a essa altura seu modo de vida – explicou com renovada ironia. – Venha para a cozinha, vamos tomar o chá, e se esqueça por um tempo do que acontece lá fora. Deixe tudo sobre o sofá, menos o alforje com a Pedra de Gengis Khan. Porque vieste para isso, não? Arriscou a vida mil e uma vezes para cumprir seu dever com a Ordem Negra: é admirável, Kurt Von Sübermann, um Cavaleiro digno do Führer, um Iniciado digno dos Deuses.

Como tantas vezes antes, entrei na moderna cozinha e me sentei frente a uma mesinha coberta com um fino pano branco. Tarstein preparou a infusão num bule de porcelana de Shanghai e encheu de chá as xícaras de mesma procedência. Enquanto o saboreava, já mais tranqüilo, vi Tarstein examinar a Pedra de Gengis Khan. Parecia comovido, coisa insólita nele. Ao fim perguntou:

–Sabe o que é isso? A prova de que a Humanidade conta com uma oportunidade, o testemunho concreto de que os Deuses do Espírito vieram tratar com os Grandes Iniciados que tentavam fazer realidade o Império Universal. Se eles tivessem triunfado no século XIII, a História da Humanidade seria muito diferente e o Inimigo não teria a possibilidade de constituir a Sinarquia Universal no século XIV: por exemplo, não seria necessário que Felipe o Belo tivesse dissolvido os Templários entre 1307 e 1314 pois Frederico II os teria liquidado, e de bom grado, em 1227. E sabe por que isso não aconteceu? Porque esta Pedra que você trouxe se extraviou durante sete anos chave, de 1221 a 1228. Na verdade não se perdeu, mas a extraviaram para fazer fracassar os planos imperiais. Ai, Lupus: se esta Pedra tivesse chegado a tempo em mãos de Frederico II, talvez minha própria família, a Casa de Tharsis, não tivesse sido exterminada em 1268!

Eu, naturalmente, neffe, entendia muito pouco disso tudo. Somente agora, logo de ter lido a Carta de Belicena Villca, as palavras de Tarstein adquirem seu real e dramático significado. Naquele momento, Konrad Tarstein deve ter notado o desconcerto no meu rosto pois procurou esclarecer com outras palavras o sentido daquela incrível Relíquia.

–Lembra a história do Imperador Frederico II Hohenstaufen? –perguntou energicamente.

–Sim. Quer dizer, alguns fatos salientes –respondi vacilante.

–Pois bem. Esse fato é muito saliente. Lembra o que aconteceu com seu voto de Cruzado?

–Oh, sim! –afirmei, alegre de não ser totalmente ignorante–. Creio que Frederico II foi coroado em Aquisgran, 1214, e ali fez o voto fatal a Inocêncio III de empreender uma Cruzada à Terra Santa; por diversos motivos, não cumpriu esta promessa até 1228, o que lhe custou muitas complicações com os papas, que deram em excomunhões e guerras.

– As datas são corretas, Lupus. O que você não conhece com exatidão, porque ficou em segredo até agora e era domínio de algumas Sociedades Secretas, é o ***verdadeiro motivo*** pelo qual Frederico II atrasava sua viagem à Palestina. ***E esse motivo era a Pedra de Gengis Khan.*** Frederico II esperava desde 1221 a chegada de um Iniciado mongol que seria portador de um pacto escrito entre o Imperador do Oriente e o Imperador do Ocidente: tal Iniciado nunca chegou à Sicília e a razão foi que o assassinaram na Síria francesa por ordem dos Druidas católicos. Quando Frederico II se decidiu por fim viajar ao Oriente Médio, o fez com propósito de resgatar a Pedra de Gengis Khan, que estava em poder do Senhor de Beirute. Mas já era tarde para consumar o pacto metafísico, para submeter à Ordem do Mundo ao Império Universal: Gengis Khan tinha morrido em 1227 e seus sucessores, não Iniciados, caíram rapidamente nas mãos dos Sacerdotes da Fraternidade Branca.

Vale a pena conhecer a história com detalhes, porque agora, 700 anos depois, voltou a se apresentar uma chance de instaurar o Império Universal. E como então, a luta se dá no plano dos Grandes Iniciados e das Altas Doutrinas: o Império Universal contra a Sinarquia Universal; a Sabedoria Hiperbórea contra a Cultura judaica; o pacto do Führer com os Deuses Leais de Agartha contra o pacto de um punhado de homenzinhos, Churchill, Roosevelt, Stalin, DeGaulle, etc, com os Deuses Traidores de Chang-Shambala. As enormes matanças das massas combatentes impressionam, mas carecem de importância frente a confrontação de Iniciados e Deuses. Esta Pedra, que você achou no Castelo de Frederico II, era o pacto dos Imperadores com os Deuses de Agartha que iria possibilitar a realização do Império Universal no século XIII. Frederico II fez com que Iniciados Hiperbóreos a ocultassem, experts em Construção Lítica, com a consigna de que só fosse encontrada pelo futuro Imperador Universal. Esta pedra, como compreenderá, pertence ao Führer.

–Então tinha de entregar a ele, quando passei pelo bunker há algumas horas –refleti tontamente.

–¡Não, Lupus! Esta Pedra será entregue ao Führer no Oásis Antártico onde ele está agora. O Führer do bunker possivelmente morreu a esta hora.

–Não compreendo –confessei, ainda sabendo que minhas palavras irritariam Konrad Tarstein.

–Pois deveria compreender! –reclamou com previsível indignação – Afinal você também é um ***Tulku*** ! Os Tulkus, meu estimado Lupus, possuem vários corpos. E ninguém sabe quantos nem onde. Como lhe disseram com acerto no Tibet, no Terceiro Reich se produziu o estranho fenômeno de que existem muitos "Deuses reencarnados"; ***muitos Tulkus***, Kurt Von Sübermann. O Führer é um Tulku e não é estranho que ele morra em Berlim e, simultaneamente, viva na Antártida. A esse Führer, poderoso e forte como ele era aos vinte e cinco ou trinta anos, lhe faremos chegar a Pedra do Pacto de Sangue com Agartha.

Foi mais forte que eu e tive de perguntar:

–Mas o Führer era consciente de que dispunha dessa capacidade?

–Você, "Shivatulku", sabe onde estão ocorrendo suas outras, necessárias, existências?

–Claro que não.

–Pois aí está a resposta. Se você, logo você, é incapaz de responder, como quer que eu conheça o processo de um Tulku?

No entanto lhe darei uma idéia –concedeu–. É assim como eu imagino o processo dos Tulkus: um caso especial de ***metamorfose***. Façamos uma analogia entre os Tulkus e os insetos lepidópteros, e suponhamos que ***toda a vida de um exemplar Tulku, tal como o Führer, você, ou Rudolph Hess, é análoga a uma mariposa lepidóptera*** . Suponhamos também que existe um conjunto de larvas gêmeas que, por uma lei particular dos Tulkus, permanecem em vida latente enquanto a mariposa desenvolve sua vida ativa. E, por último, suponhamos que as leis especiais dos Tulkus determinam que ao morrer a mariposa, automaticamente uma das larvas retoma o processo de metamorfose e se transforma em crisálida, gerando uma nova vida ativa ***e uma nova realidade***. Claro, porque a vida larval é vida latente, e a vida ativa, das mariposas e os Tulkus, é ***vida real: a realidade da vida corresponde pois, às mariposas-Tulkus; as larvas-Tulkus vivem em um plano de existência não-real, mas possível: tal existência não é do mesmo grau da que demonstram as mariposas-Tulkus. Só se uma mariposa morre, ou se atua uma lei dos Tulkus que exija a existência de duas ou mais mariposas-Tulkus, uma larva-Tulku se transformará em real.*** Mas, meu estimado Lupus, quem conhece a lei dos Tulkus? Quem sabe quantos homens-Tulkus podem existir em estado larval? Um homem comum pode realizar apenas um ato em um espaço e tempo determinado: se as alternativas são duas deve dizer sem dúvidas "vou fazer isto" ou "vou fazer aquilo outro". O Tulku, ao contrário, ***pode optar por realizar ambas as possibilidades, ainda que para isso necessite, logicamente, dispor de duas realidades simultâneas.*** O Tulku pode por exemplo dizer ***"vou ficar em Berlim, e vou morrer ali se o Terceiro Reich perde a guerra"*** e dizer também ***"vou me retirar aos Oásis Antárticos, junto com a Elite da ϟϟ., para preparar a Batalha Final contra a Sinarquia Universal"***, ***e cumprir ambas as sentenças***. Para uma pessoa comum seria impossível realizar as duas sentenças, mas para um ***Führertulku*** isto é perfeitamente possível.

Naturalmente, Lupus, que as duas ou três realidades do Tulku ***só hão de coincidir no próprio Tulku, no contexto que lhe confere significado e no qual ele significa***. Fora do Tulku, as realidades dos Tulkus podem não coincidir, o Tempo contrair ou se expandir, as coisas se deslocarem, a Historia se contradizer. O que esteja na realidade de um Tulku vivente, quer dizer, de um Tulku real, exemplar, de uma

mariposa-Tulku, mais além ***do*** Tulku, ***pode não estar na realidade de outro Tulku real mas diferente do primeiro; ou, inversamente, pode estar sobradamente em seu contexto.*** Esclareço-lhe isto para lhe advertir que, desde agora, ***os partidários da Sabedoria Hiperbórea deverão definir a qual realidade se referem: se à realidade do Führer morto na Chancelaria-bunker de Berlim ou à realidade do Führer vivo, sempre jovem em seu Refúgio Mágico, onde aguarda os tempos históricos da Batalha Final.*** E lhe anticipo desde já que os que escolham viver na primeira realidade, serão considerados traidores, por mais que se proclamem "nacional-socialistas" ou "nazis".

Com os olhos brilhantes, Konrad Tarstein se deteve um segundo para pegar mais chá.

–Rudolph Hess... ?e por isso agora se encontra junto ao Führer, no Refúgio Secreto: está tal qual você o conhece; não mudou nada. E porque é um Tulku, pode estar com o Führer e, ***ademais, estar prisioneiro dos ingleses***.

Mas deixemos os Tulkus por ora e voltemos à Pedra de Gengis Khan. Dizia-lhe antes que vale a pena conhecer a História com detalhe. Você a encontrou e merece melhor que ninguém essa história, ainda que esta não seja a melhor ocasião para contá-la. De qualquer modo a resumirei; preste atenção:

Na Mongólia, no deserto de Gobi, existe um lugar que a Sabedoria Hiperbórea denomina ***"A Porta Tar"***, que comunica diretamente com o Reino de Agartha. Na época de Gengis Khan e Frederico II, os Siddhas Leais tinham aprovado um plano dos Iniciados Hiperbóreos, conhecido como ***Estratégia Tyr***, destinado a fundar o Império Universal na Terra: o Eleito no Oriente para isso era o Príncipe Temujin, quem recebera quando jovem a Iniciação Hiperbórea por parte de alguns Siddhas procedentes da Porta Tar. Relembre que o pai de Temujin, Yesügei, tinha morrido envenenado pelos tártaros quando o jovem Príncipe só tinha 9 anos e que, desde então até adulto, viveu miseravelmente com sua mãe e irmãos nas terras desertas do Alto Onon. Como todos os Grandes Eleitos da História, é durante este período que os Siddhas o instruem e Iniciam.

Segundo a tradição local os Grandes Antepassados dos Mongóis foram o Lobo cinza e a Corça leonada, o que significa que seus Antepassados não foram humanos, ou o que é o mesmo, foram Deuses. Na caverna sagrada de Erkene Qon, o Lobo cinza desposou a Corça. que procedia das imediações do lago Baikal. Posteriormente, a parelha original se mudou para a montanha sagrada Burgan Qaldun, a atual Kentei, antiga morada de ***Kök Kev,*** Deus do Infinito.

Se seus grandes Antepassados foram Deuses, seus parentes próximos não eram menos poderosos: seu avô foi Kabul Khan[69][69], o primeiro organizador das tribos mongóis e conquistador militar; e seu pai, Yesügei, era conhecido como Ba´atur, quer dizer, "o Valente". Sua mãe Hö'elün o trouxe ao mundo no "ano do porco" de 1167, ou seja, tinha 27 anos a mais que Frederico II, nascido em 1194.

Sua ***Pureza de Sangue*** era tão elevada que se fez credor de uma ***representação*** do Signo da Origem, a mais alta distinção Hiperbórea do século XIII depois do Gral, confiado aos Cátaros occitanos. Por isso quando uma Dieta de Chefes y Reis mongóis se reuniu em 1206 em Karakorum, e o elegeu "Khan", Temujin exibiu com orgulho o signo que lhe havia dado triunfo sobre seus inimigos e lhe permitiu concretizar a unidade de

69[69] ***Khan***, de la'an: ***imperador***.

sua Raça: este signo, que ostentava em seu anel e estandarte, não era outro que a ***swástika levógira***, o mesmo que setecentos anos mais tarde apareceria nas gestas mais gloriosas por outro povo hiperbóreo, mas desta vez de Raça Branca.

A Gengis Khan lhe foi encomendada uma missão histórica que ele soube cumprir em todos os aspectos, de modo que não é possível repreender-lhe em nada pelo fracasso da Estratégia Tyr. Pelo contrário, este fracasso se deve quase exclusivamente à excelente contra-ofensiva desatada no Ocidente pelas forças inimigas, que operavam infiltradas na Igreja Católica. Essa missão histórica consistia em fundar um Reino Mongol no Leste, que abarcasse completamente o Norte e Centro da Ásia, ***simultaneamente*** com o surgimento de um Grande Reino branco no Oeste.

Quando a fundação destes Reinos estivesse consumada, então chegaria o momento de selar com um pacto a criação de um Império Universal no qual os Mongóis estariam subordinados a um autêntico Rei do Mundo Branco e onde as massas amarelas se reservariam o direito de avançar para o Oeste e as Elites brancas, menos numerosas mas culturalmente mais capacitadas, marchariam para o Leste. Ali, na Mongólia, a Coroa da Terra, floresceria uma civilização hiperbórea nunca vista desde os dias da Atlântida. Estes eram, em poucos termos, os objetivos propostos pela Estratégia Tyr.

Mostrarei-lhe agora, Lupus, como Gengis Khan cumpre sua parte na Estratégia Tyr. Em 1206 une todas as tribos mongóis e inicia a conquista da China e, em 1215, com a tomada de Pequim, alcança o limite oriental da Ásia. A partir de então, só falta tomar contato com o "Rei do Oeste". Mas quem é esse rei? Como reconhecê-lo se, para o Oeste, longe de existir a unidade se adverte uma confusa organização feudal? Recordo-lhe, Lupus, que segundo a Sabedoria Hiperbórea ***os efeitos do Kâly Yuga não são da mesma intensidade em todos os pontos geográficos***; ao contrário, existe uma ***Rota do Kâly Yuga*** que recorre em espiral a superfície esférica da Terra e sobre a qual o Kâly Yuga é "mais intenso" ou mais atual. Tal zona é orientável, e na região que estamos considerando, orientável "de Leste para Oeste", quer dizer, que os efeitos do Kâly Yuga são mais intensos para o Oeste que para o Leste: ***indo para Leste aumenta a "espiritualidade" e indo para Oeste aumenta o "materialismo" próprio do Kâly Yuga*** . Atendendo a esses princípios é que a Porta Tar, no Deserto de Gobi, se denomina ademais "Centro de menor intensidade do Kâly Yuga".

Para se situar no dilema de Gengis Khan, deve-se considerar que o "Rei do Oeste" deveria ser "Grande" pelo poder do Espírito, como também o era Temujin, e refletir sobre as dificuldades que supõe ***olhar*** desde o Leste da Ásia até o Oeste da Europa. Gengis Khan, ***"para o Oeste"***, só ***"via"*** trevas espirituais... e Reinos. Muitos Reinos, mas nenhum "Grande Reino". O Reino dos persas, que pronto cairia, o Reino dos gregos bizantinos, que a duras penas resistia ao assédio árabe e turco: um Reino muito pequeno e fraco, com Reis sem iniciativa que gostavam de se fazer chamar "Imperadores". Os Reinos eslavos dos russos e polacos, não podiam nem sonhar em se pôr à frente dos povos do Oeste e, pelo contrário, seriam presa fácil para a Horda de Ouro. Por idêntico motivo se descartariam Armênia, Geórgia, Bulgária, Hungria, etc.

Ficavam os reinos germânicos da Europa, sem dúvidas os mais fortes, mas neles, de acordo com a visão de Gengis Khan, as trevas eram absolutas. Se ali estava o Grande Rei seria preciso distingui-lo por suas qualidades exteriores e para isso deveria contar com informação adequada. Com esse propósito fez conduzir a sua presença muitos viajantes, comerciantes ou religiosos, a quem interrogou duramente, com resultados

escassos. Mas de seus relatos soube que existiam dois grandes reinos cristãos, um franco e outro romano-germânico. O Reino franco era justamente o que, desde um século, levava adiante essa guerra absurda contra os árabes, durante a qual ocuparam Síria e Palestina.

Gengis Khan pensou então que deveria se dirigir ao Rei franco e ao Rei alemão, mas ficava ainda uma dúvida por descartar: ambos os Reis se diziam "cristãos" e servos de um Grande Sacerdote chamado "Papa" – não seria esse Papa o verdadeiro Rei do Mundo? Para formar uma opinião sobre o cristianismo e o Papa mandou buscar Sacerdotes nestorianos da Armênia e alguns ortodoxos gregos que estavam como escravos em Pequim; por eles soube da história de Jesus Cristo e soube que o Papa não era um guerreiro mas um pastor, que não matava mas mandava matar e que não cavalgava com seu povo durante as guerras mas permanecia toda a sua vida em seguros e longínquos conventos. E com um desgosto amargo Gengis Khan descartou o Papa como uma digna autoridade espiritual com a qual ele pudesse tratar.

Antes de 1220 Gengis Khan já sabia que dos dois reis, o franco e o alemão, convinha a seus planos se dirigir ao último deles. Tal convicção ele teve ao avaliar a informação religiosa que lhe brindara um de seus múltiplos confidentes esotéricos. Mas vale esclarecer: enquanto viveu Gengis Khan três foram as religiões que o rodearam e as que prestou especial atenção: o cristianismo nestoriano, o maniqueísmo persa, e fundamentalmente, o taoísmo[70][70]. Rechaçou a religião de Confúcio como reacionária e no Budismo reconheceu um sistema baseado na Kâlachakra de Chang Shambala contra o qual lhe advertiram mais cedo seus instrutores.

Foi um sacerdote maniqueu quem lhe informou um dia que "mais além do Reino dos Francos, no feudo do Rei de Aragón, que é vassalo do Rei alemão, há uma comunidade maniqueísta poderosa a quem os Anjos entregaram em custódia um Vaso de Pedra que não é deste Mundo". Essa notícia impressionou Gengis Khan, assim como a notícia de que as tropas do Rei dos francos, com a bênção do Papa, estavam se dedicando a exterminar aqueles maniqueus do Oeste chamados "Cátaros", quer dizer, "puros". Toda uma "rota maniqueísta" permitia que tais novidades chegassem à Ásia: do Languedoc à Itália, as comunidades cátaras e bogomilas de Milão; dali até a Bulgária, centro do maniqueísmo bogomil; e dos Bálcãs, missionários bogomilos e paulicianos levavam as notícias até a Armênia e o Irã.

Os Cátaros sustentavam que o mundo material tinha sido criado por Jehová-Satanás com a ajuda de uma corte de Demônios; criam num verdadeiro Deus que era Incognoscível desde o estado de impureza espiritual que supunha a encarnação; de todos os modos criam em Cristo Luz, a quem chamavam Lucibel, e no Paráclito ou Espírito Santo, um agente absolutamente transcendente à esfera material. Consequentemente, com essas crenças rechaçavam o Antigo Testamento da Bíblia por considerar que nele se narrava a história da criação do mundo por Jehová-Satanás, um Demiurgo maligno, e no qual o verdadeiro Deus não era mencionado; do novo testamento só aceitavam o Evangelho de João e o Apocalipse. Sobre a Igreja de Roma opinavam que era "a

---

70[70] O maniqueísmo, que se expandira até a China no séc. XIII, foi respeitado por Gengis mas não por seus sucessores que o combateram ferozmente até a extinção; da mesma forma se perseguiu o Taoísmo.

Sinagoga de Satanás", um refúgio para os Demônios e seus servos, onde não brilhava sequer um raio de luz espiritual.

Naturalmente, se os crentes em uma doutrina tão clara eram condenados a morrer pelo Papa, e reprimidos até o aniquilamento pelas tropas do Rei franco, não restavam dúvidas que estes últimos eram, por sua vez, partidários do Demiurgo Jehová-Satanás. Mas as coisas não eram "vistas" tão claramente desde a Mongólia; com efeito: era suspeito que o Rei franco Felipe Augusto não participasse pessoalmente da matança cátara e, o que era ainda mais chamativo, que toda a França tinha sido interditada entre 1200 3 1213, por Inocêncio III, devido ao concubinato que o Rei mantinha com uma amante. Qual dos reis, o alemão ou o franco, era afinal o aliado que mencionavam os Siddhas?

Vendo o Oeste pelas trevas do Kâly Yuga Gengis Khan decidiu enviar três embaixadores, a Inocêncio III, a Felipe Augusto, e a Frederico II, com a missão de iniciar relações diplomáticas e a quem instruiu para que realizassem sondagens discretas destinadas a concretizar uma aliança entre o Oeste e o Leste. Fez isso para ganhar tempo, enquanto outros enviados seus viajavam ao "centro de menor intensidade" para buscar as ansiadas respostas.

Até 1220, Gengis Khan já sabia que o Pacto se realizaria com o Rei alemão. Mas um pacto semelhante, que não seria político mas espiritual, e que se celebraria em vários mundos de uma vez, requeria maiores certezas que a mera intuição humana: em 1221 o sábio taoísta Chiu Chuchi regressou, logo de dois anos da expedição ao "centro de menor intensidade". No acampamento mongol, às margens do rio Oro, o sábio relatou a Gengis Khan sua incrível aventura: tinha sido autorizado pelos Siddhas a visitar o Reino de Agartha; guiado por uns misteriosos Iniciados mongóis entraram centenas de quilômetros no Deserto de Gobi até chegar a um local desolado e ermo aonde não parecia possível que existisse nenhum vestígio de vida vegetal ou animal; em tal sítio, aparentemente no meio do deserto, os monges decidiram acampar e, ainda que parecesse um suicídio, o sábio chinês não tentou contrariá-los: permaneceram ali vários dias, perdeu a conta do total, até que uma noite em que estava dormindo profundamente, tratando de repor as forças que o ardente sol do dia lhe arrancaria sem piedade, foi despertado bruscamente; sem sair de seu assombro foi convidado pelos monges, acompanhados por uns terríveis guerreiros surgidos não sabia de onde, a adentrar com eles o deserto numa direção determinada; mas não andaram muito pois muito próximo do acampamento, em um lugar que tinha olhado muitas vezes nesses dias e no ***não podia haver nada mais que areia***, se distinguia claramente um brilho esbranquiçado que brotava do chão; era uma noite clara, com uma lua que derramava torrentes de luz prateada sobre a sinuosa superfície do deserto; sem embargo, e isto o sábio de Shantung repetiu muitas vezes, ao chegar a poucos passos de distância ***a luz que brotava do solo era cem vezes mais intensa que a lua***, a tal ponto que seu resplendor cegante impedia distinguir quem ou o que o produzia; tateando, se deteve junto à fonte de luz e só uns segundos depois, quando seus olhos se acostumavam, pode confirmar que um perfeito contorno retangular se recortava no piso, onde uma pesada lousa de pedra se estendia; a luz provinha daquela abertura que conduzia diretamente a uma escadaria cujos degraus se perdiam rapidamente de vista nas profundezas da Terra.

Apesar do fantástico da historia Gengis Khan a aceitou sem duvidar porque o sábio Chiu Chuchi merecia sua total confiança e, principalmente, ***porque sua missão***

teve êxito : trazia consigo ***uma mensagem dos Siddhas*** lhe acompanhava, para interpretar tal mensagem ante o Khan dos mongóis, ***um habitante de Agartha***. Segundo Chiu Chuchi, logo de descer a profundidades incríveis por aquela armadilha do deserto, chegaram a um túnel horizontal perfeitamente iluminado, e ali subiram a "um carro que viajava velozmente sem rodas nem cavalos", o qual os conduziu em poucos minutos à "Cidade de Wo-Tang, o Senhor da Guerra", onde "apesar de estar sob a terra é possível ver o céu e as estrelas". Em Agartha "o Senhor da Guerra em pessoa" recebeu Chiu Chuchi a quem, disse, "estava esperando para entregar-lhe ***a fórmula mágica que dá poder sobre os povos***". Dita fórmula, explicou Wo-Tang, ***já era conhecida por Gengis Khan desde os dias de sua Iniciação Hiperbórea*** . A novidade era que a agora a fórmula ***"tinha sido dotada de uma luz mais nova, mais intensa, com o fim de que pudesse ser lida ainda que em meio das trevas mais impenetráveis".***

Em síntese: Wo-Tang entregou a Chiu Chuchi uma Pedra cor verde, semelhante ao jade, na que estavam talhadas duas colunas paralelas de treze signos pois, explicou Wo-Tang, tanto a língua Vigur, que falava Gengis Khan, como o idioma do Grande Rei do Oeste a quem estava destinada a Pedra, provinham de uma antiga língua sagrada chamada ***"H"***, quer dizer, ***eta*** . A pedra era o único ***"pactio verborum"***[71][71] já que mediante a simples leitura em voz alta por cada um dos Reis, o Mongol e o do Oeste, da fórmula escrita, ficaria selado um pacto metafísico que envolvia não o corpo nem os bens materiais mas o Espírito dos Povos e que comprometia na contenda o Senhor da Guerra e seu exército de Anjos. Um pacto tal era com certeza mil vezes mais poderoso e duradouro que as débeis e duvidosas alianças dos homens. Para custodiar a Pedra e se assegurar de que a fórmula seria pronunciada com o Ritual adequado, um daqueles estranhos habitantes de Agartha, de traços mongólicos mas de pele mais avermelhada, acompanharia Chiu Chichi até o acampamento de Gengis Khan.

Em 1221, quando Gengis Khan pronunciou as treze palavras na ordem e momento devidos, sua parte na Estratégia Tyr ficou definitivamente completa; a partir dali tudo dependeria das Raças brancas do Oeste: se eram suficientemente puras não duvidariam em seguir um Imperador Universal de sua linhagem ***uma vez que este pronunciasse as treze palavras***, que também eram treze Runas. Desde um ano atrás, na época em que Chiu Chuchi voltara do deserto de Gobi, alguns mensageiros do Khan partiram para a longínqua Sicília para adiantar ao Imperador alemão a futura chegada de um Iniciado, quem portaria uma mensagem "de outro Mundo". E durante os seguintes anos, entre 1222 e 1228, aquele enviado seria em vão aguardado no Ocidente, questão que atrasou mais de uma vez a Cruzada que o Imperador alemão empreenderia à Terra Santa e que motivou finalmente sua excomunhão.

O que acontecera com o mensageiro e a Pedra? Durante quatro anos Frederico II esperou em vão sua chegada mas o "tártaro" tinha sido tragado pela terra. Os excelentes clarividentes berberes que o Imperador mantinha em sua corte em Palermo lhe anunciaram muitas vezes que o enviado do Khan "tinha sido preso na Terra Santa", mas Frederico II se negava a acreditar em tais augúrios, atribuindo-nos mais à antipatia que os sarracenos tinham dos francos. No entanto, aproveitou sua recente viuvez e em 1225

71[71] Pactio verborum: fórmula combinada; termos do acordo.

desposou Isabel de Brienne, filha de João de Brienne, Rei franco de Jerusalém. Isabel aportava como dote o Reino de Jerusalém, mas a Frederico II essa coroa interessava menos do que saber onde estava a Pedra de Genghis Khan. Através de sua esposa pôde averiguar: seus tios, João e Felipe de Ibelin, incentivados pelo Legado Papal, tinham se apoderado do Mensageiro e sua Mensagem. Mas já era tarde para a Estratégia Tyr: Frederico II conheceu a verdade em 1227, ano da morte de Gengis Khan, e depois de ameaçar repudiar Isabel.

Disposto a achar a Pedra partiu para a Terra Santa, não antes sem ser excomungado pelo Papa Gregório IX. Nesse mesmo ano morreu de parto a infortunada Rainha Isabel, dando a luz ao futuro Rei Conrado IV, pai do infeliz Conradino. Inteirado que João de Ibelin estava em Chipre, tomou esta ilha por assalto com 800 cavaleiros teutônicos e se apoderou de seus filhos, Bailan e Balduíno de Ibelin. Chegado ao acampamento do Imperador para parlamentar, Frederico II solicitou a devolução da Pedra e do Mensageiro de Gengis Khan, ao que João de Ibelin respondeu que o mensageiro morrera há anos e que a Pedra a tinha em seu castelo de Beirute, na Palestina franca. Ante isso, Frederico colocou os jovens príncipes em aparelhos de tortura e ameaçou seu suplício se não lhe fosse devolvida a Pedra em um prazo mínimo, ao que o senhor de Beirute concedeu sem condições.

Uma vez obtida a Pedra, conheceu a raiz do complô. Este teve origem na Ordem do Templo: o Grão Mestre assegurava ao Papa, e a muitos piedosos cavaleiros francos, que Frederico II planejava uma aliança com os mongóis para submeter o Mundo à sua vontade; o passo seguinte seria a destruição da Igreja Católica. Essa informação, ainda que não totalmente falsa, era maliciosa e mal-intencionada, e conseguiu o efeito de impedir que tal pacto se concretizasse. Mas o complô tinha sido desenvolvido seis anos antes e já não tinha valor, logo da morte de Gengis Khan.

Assim pois, vencido no que constituía o objetivo espiritual de sua vida, desembarcou Frederico II na Terra Santa disposto a se vingar no quanto fosse possível. Paradoxalmente, aquele Imperador dos Reis cristãos afrontava uma sublevação geral dos Senhores francos, fomentada pelas Ordens Templária e Hospitalária, e em troca gozava da alta estima dos árabes. Durante anos, de fato, Frederico II manteve correspondência com o Sultão do Egito, Malik-al-Kamil, quem o considerava "o maior Príncipe da Cristandade" e "um Santo". Nessa ocasião não vacilou em lhe ceder as três cidades santas, Jerusalém, Belém e Nazareth, que estavam em seu poder; em 1229 se o tratado de Jaffa que confirmava tal cessão, ***sempre e quando a custódia estivesse em mãos e no encargo dos Cavaleiros Teutônicos.***

Mas Frederico II não se contentou em humilhar desta forma os francos: queria que toda a Síria passasse ao poder dos Cavaleiros Teutônicos e empregou todos os recursos que tinha para consegui-lo, entre eles a promessa feita aos Sultões de compartilhar com os maometanos os lugares santos; de fato, permitiu que em Jerusalém continuassem abertas as mesquitas, assim como nas demais cidades que recuperou. Em Jerusalém protagonizou o feito mais irritante ao tomar a Coroa de Rei, que estava sobre o Santo Sepulcro, e coroar-se por Si-Mesmo, colocando-a sobre a cabeça ante a presença do Grão Mestre da Ordem Teutônica Hermann Von Salza e centenas de Cavaleiros alemães e sicilianos.

Não conforme com isso, se dirigiu a São João do Acre, bastião dos Templários, e a ocupou com suas tropas. No palácio do Rei, que ocupou por ser Senhor de Jerusalém,

deu uma grande festa na qual convidou diversos líderes sarracenos, durante a qual exibiu dezenas de prostitutas cristãs resgatadas dos Templários. Esta iniciativa descobriu a hipocrisia dos Cavaleiros francos, que por um lado proclamavam a castidade, e até praticavam a sodomia, e por outro expunham essas mulheres batizadas a toda sorte de tentações e pecados. Tão crua realidade impressionou ainda mais aos demasiado virtuosos sarracenos, e o prestígio dos Templários atingiu seu ponto mais baixo.

O Imperador buscava com tais denúncias que os Templários perdessem a paciência e lhe desse uma razão para travar batalha. E sua tática funcionou porque estes tentaram assassiná-lo e aquele respondeu atacando a Casa do Templo e o Castelo "Chatel-Pélerin". E se não acabaram todos exterminados pela Ira de Frederico II, que previsivelmente chamaria pela ajuda dos árabes, foi porque recebeu a facada pelas costas de que seu sogro João de Brienne estava invadindo a Sicília por ordem do Papa Gregório IX e que seu filho Henrique II, Rei da Alemanha, o traía apoiando os güelfos. Aquelas notícias o obrigaram a voltar para a Sicília onde, com tropas muito superiores, venceu o papa e o obrigou a levantar a excomunhão, marchando para a Alemanha onde depôs Henrique e o substituiu pelo menino Conrado IV.

Nos anos seguintes instruiu os Iniciados Hiperbóreos para construir o Castelo do Rei do Mundo e soterrou a Pedra que você achou agora, Lupus.

Mas tenha presente que Frederico II foi também um Tulku, coisa que todos aceitavam em seu tempo posto que o povo jamais aceitasse sua morte e aguardou "seu retorno" por séculos. E onde supunham os gibelinos que estava o Imperador? Pois nada menos que o Reino do Preste João, quer dizer, o Reino de Gengis Khan, o Grande Imperador de Catay, K'Taagr ou Agartha" o mítico Reino de Catigara, que estava "na China".

Na época de Frederico II, o Grande Khan era também o Grande "Cão", quer dizer, o Senhor do Cão, o Guardião da Pedra do Céu, o Rei do Império Universal "do Leste", tal como eu lhe mencionara já há anos, como motivo do vôo de Rudolph Hess à Inglaterra. Quando Frederico II "partiu", depois de 1250, e especialmente durante o Interregnum, centenas de trovadores cantavam canções nas que se narrava a viagem do Imperador ao Reino do Preste João, e se vertiam lágrimas e lamentos porque ambos os Reis não se "encontraram" no fim, fato que teria engendrado a Nova Ordem do Império Universal: "não obstante, algum dia Frederico II, portando sua Pedra de Vênus, ***lapist exilis***, se reuniria com Gengis Khan para fundar o Império Universal".

Para terminar, quero lembrar que a mencionada aliança entre o Império romano-germânico e o Império Mongol era um segredo no século XIII, ainda que mais tarde o obscurantismo sinárquico tenha ocultado a verdade dos fatos. Mas basta remeter-se às provas para conhecer essa verdade: mal o Ocidente soube da morte de Gengis Khan, e a posição de seu sucessor Oegodeï, não se pensou em outra coisa senão gerir outra aliança, favorável desta vez aos planos sinárquicos. Detrás disto estava, por suposto, a Fraternidade Branca. Em 1245 o Papa Inocêncio IV, que se refugiara em Lyon, a Cidade dos Druidas, fugindo de Frederico II, proclamou um Concílio Geral com o objeto de excomungá-lo e despojá-lo da investidura imperial: foi o famoso Concílio do Lyon, espécie de "Congresso de Basiléia" da época, quer dizer, semelhante ao que em 1897 sustentaram os Rabinos e que mencionam os "Protocolos dos Sábios de Sião"; nela se discutiu a maneira mais rápida de acabar com a Casa da Suábia e implantar a Sinarquia Universal. Pois bem, ninguém associa o fato de que naquele Concílio, convocado

exclusivamente para tratar do tema Frederico II, o Papa Inocêncio IV propôs enviar uma embaixada ao Imperador mongol: do concílio de Lyon emanariam as diretivas seguidas pelo monge franciscano João de Plan-Carpín e os frades Bento da Polônia e Estevan da Hungria, quem em 1246 chegariam à Mongólia logo de atravessar a Rússia. E se a contra-aliança sinárquica não se concretizou foi porque Oegodeï morrera e Guyuk, seu sucessor, não foi convencido pelas cartas do Papa, contra quem o advertira seu avô Gengis Khan.

Mais adiante a Santa Sé envia o Frade Ascelin com idêntica missão de convencer os mongóis das bondades da Sinarquia e o próprio São Luís enviaria Cavaleiros à Mongólia, mas só para solicitar ajuda contra os árabes: foram representantes de São Luís, entre outros, Andrés de Longjumeau e o frade Guilherme de Rubrouck. Estes partiram em 1253 e chegaram a Karakorum pela Rota do Mar Negro, mas também fracassaram pois então reinava Mongka Khan a quem Sartac, bisneto de Gengis Khan e cristão nestoriano, tinha aconselhado contra o Papa de Roma.

O Papa Nicolau IV, pressionado pela Ordem de Predicadores, envia a Bagdá o dominicano Ricold de Monte-Croix, que estabelece um pacto frutífero com os mongóis e consegue fundar um Mosteiro em Marghah. Como produto dessa embaixada surge a viagem do bispo turco Raban Coma a Paris em representação do Rei mongol da Pérsia, Argun. Reinava então na França o neto de São Luís, Felipe o Belo, ferrenho gibelino e partidário do Império Universal, e por isso a aliança tem desta vez chances de prosperar. No entanto, apesar de manter uma conexão diplomática permanente com a Mongólia, Felipe o Belo não chega a concretizar o projeto devido à queda de São João do Acre em 1291, nas mãos dos mamelucos do Sultão Al-Achraf, que traria a Europa aos Templários. Felipe o Belo desejava ser Imperador Universal como Frederico II, mas isso só seria possível se antes terminasse com o poder dos Templários e Papas; os terríveis confrontos que teve contra Bonifácio VIII e a complexíssima tarefa de desmontar a infra-estrutura da Ordem do Templo o manteriam muito ocupado até sua morte. Talvez a oportunidade histórica de Frederico II ainda estava presente em tempos de Felipe o Belo, mas este careceu de tempo material para se consolidar na Europa e se unir às forças espirituais da Ásia.

Em síntese, Lupus, tudo isto prova que existia um grande movimento esotérico entre Europa e Mongólia-China muito antes da publicada e folhetinesca peripécia dos comerciantes venezianos Polo no século XIV: a deles foi uma lucrativa aventura materialista, carente de qualquer conteúdo transcendente, e sem dúvidas devido a isso é posta em primeiro lugar. Tratou-se, pelos habituais métodos obscurantistas, de ignorar o que não se deseja tratar como real, de negar ou não responder à inquietante questão do poderio militar dos mongóis: sua superioridade tática, ao arrasar invariavelmente as formações medievais, é inegável mas causou um trauma coletivo nos Europeus. De onde pode proceder a superioridade de uma Estratégia, senão do Espírito, de uma Inteligência lúcida e de um Valor sem limites? Se os Mongóis fossem os bárbaros que se pretende jamais teriam passado dos Urais. Mas de nós também se dirá que fomos bárbaros e comíamos carne humana; ou quem sabe que barbaridades mais. Não esqueça que atuamos de modo semelhante aos mongóis de Gengis Khan, e contra o mesmo Inimigo, e luzindo o mesmo Estandarte: se até nossa melhor tática, a ***blitzkrieg***, está inspirada no movimento veloz e certeiro da cavalaria mongol...

Aguarde um momento, Lupus, vou buscar algo que tinha preparado para você.

A aula magistral que Tarstein ditara tinha feito com que eu esquecesse a guerra, a iminente derrota militar do Terceiro Reich, e até a negra realidade de que não sabia o que faria dali em diante, se devia ir morrer no bunker, como decidiu heroicamente a Legião Tibetana, ou se teria de fugir a um incerto destino num Mundo sem o Terceiro Reich, quer dizer, num Mundo sinárquico. Não queria nem considerar a possibilidade anterior. Em troca abrigava a esperança secreta de que os Iniciados da Ordem Negra tivessem decidido me levar com eles ao Refúgio Antártico do Führer: não fiz méritos o suficiente para merecer essa distinção? Ademais, ali ***também*** estava Rudolph Hess, meu protetor – acaso ele desaprovaria minha presença? Eu não compreendia completamente o misterioso assunto dos Tulkus e sua faculdade de possuir diversos corpos. Já te disse, neffe, que eu me percebia um único indivíduo, percepção que não variou até hoje, e então não via que problema haveria que outro Tulku se somasse aos Tulkus que se preparavam para a Batalha Final.

Antes de continuar com o relato do ocorrido naquele dia, o último em que estive ali, na Gregortraße 239, quero que repare que a informação aportada por Tarstein sobre Frederico II esclarece muito as palavras de Belicena Villca escritas no dia 19 de sua Carta: ali dizia "as causas (da hostilidade de Frederico II com a Igreja Golen foram duas: a reação positiva de seu Sangue Puro ***graças à proximidade histórica do Gral***, conceito que explicarei; ***e a influência de certos Iniciados Hiperbóreos o próprio Frederico II trouxe à sua corte em Palermo de longínquos países da Ásia e cuja história não poderei relatar nessa carta".***

–Você trouxe hoje algo muito valioso para o Führer e a ϟϟ. –começou dizendo Tarstein ao voltar, enquanto me estendia um livro com capa dura de couro com ferragens de prata e chave – e eu o recompensarei com algo incomparavelmente menor, mas não menos valioso para mim. Tome, Lupus, Kurt, meu livro inédito "História Secreta da Thulegesellschaft": nele está narrada a história dos últimos 630 anos do ramo alemão da Casa de Tharsis, a prova de sua destacada intervenção na fundação da Ordem medieval Einherjar, que duraria vários séculos e daria lugar no século XX à Thulegesellschaft e logo à Ordem Negra ϟϟ.. Entrego-lhe isto porque consultei os Siddhas e eles me disseram que está predestinado a conhecer todos os segredos da minha Estirpe: talvez a você seja dado saber o que nem eu consegui, quer dizer, seguir a história milenar da Casa de Tharsis e descobrir a missão que lhe confiaram os Grandes Antepassados.

Entendia que para Tarstein aquele gesto era muito importante, mas entendia também que sutilmente estava se despedindo, e isso era o que eu temia. Sentia pela sensibilidade de Tarstein mas eu tinha de esclarecer as coisas. Tomei o livro e ignorei seu discurso.

–Fala como se não fôssemos nos ver mais, mas ao mesmo tempo como se eu fosse sobreviver muito para ler esse livro – disse com dureza.

Tarstein não se alterou e respondia com ironia minhas palavras, mas com similar dureza.

–Muito sagaz, Lupus! Mas é que efetivamente não voltaremos a nos ver nessa vida, apesar de que logo nos reuniremos na Batalha Final: assim ambíguo é o Destino

dos Tulkus! Era muito difícil lhe dizer isso, acredite, mas me alegra que tenha ido ao cerne da questão. Agora direi francamente a situação: ***Você ainda é um oficial ϟϟ e deve cumprir as ordens como todos***. E suas ordens são: ***fugir da Alemanha imediatamente e se ocultar na República Argentina, onde vive sua irmã***.

–Não! –gritei, interrompendo as diretivas–.

Vocês não podem me fazer isso. Cumpri com tudo quanto me ordenaram até agora, com toda a lealdade e valor que eu tive, mas essas ordens são excessivas. Prefiro mil vezes antes morrer a viver num Mundo dominado pelos judeus. Não é falta de valor, não é deslealdade, é asco, Camarada Tarstein, simples repugnância e horror a viver num mundo sem Honra, onde nosso Estandarte não esteja em nenhuma parte: desde a infância no Egito, quando me incorporei à Juventude Hitlerista, respirei sem cessar a Mística do Nacional-Socialismo; ninguém nos preparou para isso! Não, Camarada, não fomos feitos para ser derrotados pelas forças infernais e sobreviver sob seu Império. Há um momento, abrigava a esperança de que me permitisse ser evacuado ao Refúgio do Führer-Tulku, como você chama; mas agora me deixa apavorado com suas ordens de me ocultar na Argentina. Fui um oficial ϟϟ., fui Iniciado, desenvolvi faculdades assombrosas, mas agora vejo que fui somente um instrumento do Destino, um joguete dos Deuses. E sabe por que me sinto assim? Porque apesar de tudo o que fui e fiz, a verdade é que eu não entendo nada, do mesmo modo que não posso ver o Signo que sou Eu Mesmo e que tantos admiram. E menos ainda entendo essa condenação a sobreviver à destruição do Terceiro Reich. O suplico, Camarada Tarstein, se não é possível que parta com vocês junto ao Führer, peça-me a morte, me dê autorização para morrer com Honra, ou me faça matar!

–Veja Kurt, está sendo difícil e vou interromper a exposição de suas ordens para esclarecer alguns pontos. Primeiro, e principal, já lhe adverti que, desde agora, ***os partidários da Sabedoria Hiperbórea deverão definir a qual realidade se refere: se à realidade do Führer morto ou à realidade do Führer vivo***. E lhe antecipei que os que escolham viver na primeira realidade serão considerados traidores pela ***Ordem Negra***. Você, meu estimado Kurt, ao mencionar o caso de sobrevivência em um Mundo onde o Terceiro Reich foi derrotado, está participando da primeira realidade. Por suposto, não vou fazer disso um silogismo e concluir que você é um traidor porque sei que não é. Só que, com efeito, "não entende a situação", acusação que, segundo me disse, lhe fizeram outras pessoas. Pois lhe esclarecerei a situação de modo que não lhe restem dúvidas: você não vai ficar no Mundo que imagina como um condenado, ***mas vai atuar como agente secreto da Ordem Negra ϟϟ. num mundo efetivamente judaico; e vai atuar como representante do Führer vivo, como sua quinta-coluna, como um Iniciado ϟϟ. infiltrado em território inimigo, nada diferente às missões que cumpriu até agora. Faça-me um favor, Kurt, Lupus, não creia na queda do bunker e no suicídio do Führer! É a única maneira em que poderá cumprir suas ordens.***

Segundo, creia-me, nós o levaríamos de bom grado ao Refugio do Führer mas os Siddhas afirmam que você ***deve cumprir esta última missão***. Como lhe disse há anos, você não é só importante: é um suporte de primeiro grau para a Estratégia do Führer. E a Estratégia não pode permitir-se o prescindir de você onde deve estar só porque padeça de náusea e judaicofobia. O que lhe pedimos não é impossível para você e sei que

cumprirá: Eles precisam de você aqui. E os Deuses Leais são os que decidem quem vai e quem não vai ao Refúgio do Führer: tal seleção escapa totalmente à vontade dos Iniciados da Ordem Negra.

Terceiro, você presumiu erroneamente que eu também partirei ao Refúgio do Führer, mas devo repetir-lhe o que lhe disse já no começo: "não voltaremos a nos ver nessa vida". Isso não significa que eu esteja autorizado para sair daqui: como você, minhas ordens são ficar nesse Mundo, nesta casa da Berlim oriental que jamais será achada pelos russos, nem que rastreiem todas as casas do quarteirão. No entanto você não deve voltar a me ver, nem deve ver a ninguém mais da Waffen ϟϟ. salvo a seu Camarada Oskar Feil. Sobre Karl Von Grossen já lhe direi quais são as ordens. Isso é tudo. Entendeu, Kurt? Em caso afirmativo continuarei expondo as ordens.

–Suponhamos que passem os anos, e nada ocorra, e eu desobedeça e decida vir lhe ver – interrompi.

–Não compreende Kurt! ***¡Não achará jamais esta casa!*** Faça o teste quando sair, afaste-se umas quadras em qualquer direção, dê a volta no quarteirão e volte à Gregorstraße e ache o número 239: comprovará que não existe, encontrará outra casa, diferente, talvez bombardeada. Se pude chegar até aqui é porque eu o esperava, mas quando sua Presença não seja necessária à Estratégia jamais coincidirá comigo e esta casa: ***tal é o poder da locação absoluta que possuem os seres consagrados à Estratégia Hiperbórea; só coincidem no espaço e no tempo os seres cuja coincidência seja estrategicamente significativa; e essa é a realidade dos seres que existem; e os demais seres criados, ainda que relacionados entre si pelo tempo e espaço, se não são estrategicamente significativos não existem para o Espírito, são Maya, Ilusão.***. Você como Iniciado devia saber disso. Acaso se esqueceu que essa é a Guerra entre o Espírito e as Potências da Matéria?

Mas eu não raciocinava. Compreendia que um Pontífice Hiperbóreo como Tarstein tinha o poder de se situar em outras dimensões da ilusória realidade do Maya, incluindo a casa da Thulegesellschaft, e que eu jamais o encontraria se ele não quisesse. Mas insisti uma vez mais.

–E se eu uso os cães daivas? Se rastreio através das dimensões e me aproximo de você, ainda que não seja na Gregorstraße 239? Tarstein riu.

–Realmente é obstinado, Kurt. Usa-se os cães daivas sem dúvidas me encontrará. Igualmente, se os faz ***voar*** ao Refugio do Führer, com certeza o levarão até ali. Mas não quero exagerar como tomará qualquer um de nós uma atitude semelhante de sua parte. Aceite de uma vez por todas! Você é um militar e seguirá sendo em adiante, ninguém o isentará da ϟϟ.! E como militar deve obedecer a ordens, ordens que eu lhe transmitirei agora e que você cumprirá escrupulosamente! Ordens que se não cumpre serão causais de sumário ou Tribunal da Honra. Se você aparece do meu lado, ou se dirige ao Refúgio do Führer, se faria possível da pena de execução sumaríssima, mas, o que é pior que a morte para um Iniciado, ***seria expulso da Ordem Negra*** ϟϟ.

Sei que é duro o que digo, mas deve aceitar e se comportar como um militar, como um Guerreiro Sábio. Antes se queixava de que o Terceiro Reich não lhe instruiu para viver sob a Sinarquia Universal. Certo. Mas se o esclarecemos em algo é na diferença entre o Coração e a Mente egóica, quer dizer, entre as emoções ou sentimentos do Coração e a razão do Eu; entre as emoções ou sentimentos do Coração e as idéias puras do Eu espiritual. Na ética noológica da Sabedoria Hiperbórea lhe demonstramos a

superioridade espiritual do Eu por cima do coração, lhe ensinamos a dominar com o Eu o Coração, o despojamos de sentimentos e lhe forjamos um novo Coração de Aço.

Pusemos-lhe uma Pedra no Coração, Kurt! E em troca da razão do Coração, que é débil e encantadora, o fizemos aceder à Honra Absoluta do Espírito, fundamento da Camaradagem. Recordo-lhe esses princípios ético-noológicos porque, e me desculpe a franqueza, sua atitude me parece pusilânime, produto de uma miserável conexão afetiva, de um medo de prescindir às ilusórias relações entre Iniciados Hiperbóreos, de falta de fé em Si Mesmo. A verdade, a dura verdade, Kurt, é que ***nós não somos amigos nem nunca o seremos; isso sim, Camaradas, partidários dos ideais místicos da Estratégia do Führer. E se não somos amigos, e as ordens estratégicas exigem que não nos vejamos mais nessa vida, pode dizer que motivo espiritual você queria para se reunir comigo fora do Kairos?***

Fiquei mudo. Não responderia essa pergunta sem resposta porque me lembrava de minha atitude na Operação Chave Primeira, quando guiado pelos cães daivas me converti em Líder Carismático, em Herói, e conduzi os Camaradas ao Inferno do Vale dos Demônios Imortais. Que moral distinto, o daquele momento e o de agora. Claro que então não havia começado a guerra e o Terceiro Reich parecia militarmente invencível. Dava-me plena conta que seria difícil digerir, ainda quando compreendia os motivos estratégicos do Führer e os compartilhava, a destruição do Terceiro Reich e a provável constituição da Sinarquia Universal. Não ocorria que meu coração tivesse amolecido, mas que a guerra, e seu aparente resultado, tinham me confundido. E dessa confusão se formava a atitude niilista que apresentava ante as ordens de Tarstein. Então eu entendia, a Sabedoria de Tarstein me fez entender. Por isso sua pergunta ficaria sem resposta. Mas não por isso cessaria minha atitude negativa. Como te disse, neffe, a realidade de 1945 era muito difícil de digerir, apesar de que Tarstein me aconselhava não crer nela.

Visto que não lhe replicava, Konrad Tarstein prosseguiu com a exposição das ordens.

–Bem, Kurt: continuarei com suas ordens. O primeiro que fará ao sair daqui será voltar para a Itália, ao Mosteiro de nossos Camaradas franciscanos onde se ocultaram Von Grossen e Feil. Vocês três figuram numa lista secreta que uma organização da ϟϟ. conhecida pelo codinome "A Aranha" criou. Tal organização se formou para apoiar os membros da Waffen ϟϟ. que sejam objeto de perseguição judaica depois da guerra. Deve ter prudência ao tratar com eles porque são um grupo exotérico, que pouco ou nada sabem sobre a Ordem Negra, a não ser notícias de segunda mão. Para sua desventura confirmarei que os 775 ϟϟ. da Ordem Negra, e seus Instrutores, foram ou serão evacuados da Civilização Ocidental pois, ainda que nem todos sejam aceites no Refúgio do Führer, existem outros Refúgios apropriados para aguardar a Batalha Final: as 15000 crianças de Sangue Puro, produtos dos experimentos raciais de Darré e Rosenberg, estão nesses sítios. Você, ao contrário, é solicitado para permanecer neste Mundo e não sei de outro Iniciado que recebera semelhante ordem, ainda que não descarto que no futuro se enviem Iniciados para cumprir missões especiais: os Deuses saberão porque o determinaram assim e os reclamarão a Eles. Mas enquanto isso terá de ter cuidado, muito cuidado, porque os que fiquem em nome da ϟϟ. serão Camaradas sem instrução esotérica da Sabedoria Hiperbórea muitos não entenderam nem entenderão a Estratégia

do Führer. Veja que, ainda que o Führer tenha sugerido resistir até a última gota de sangue, e destruir a Alemanha até o chão antes de cair em mãos inimigas, deixaram à disposição dos aliados nosso mais valioso capital humano, quer dizer, os grandes cientistas. A ϟϟ. poderia ter executado todos e obstante os protegeu e serviu na bandeja para os aliados. Se perguntará o porquê? Porque todos receberam a ordem do Führer de se revelar ao Inimigo e estimular a construção em segredo das armas mais terríveis que a mente humana possa conceber. Desde os distintos países aonde sejam levados, eles fomentarão a competência dos armamentos sofisticados e desenvolverão armas nunca antes sonhadas, que porão uns contra os outros pela natural ignorância dos militares, e farão delicada a aliança universal sinarca. Com os planos que já levam do Terceiro Reich tem de sobra para iniciar tal tática. Tática que obedece ao propósito estratégico de gerar certo estado de tensão mundial quando se declare a Sinarquia Universal. Então intervirão os Deuses; as correntes espirituais subterrâneas da Humanidade. colocadas em tensão extrema pelo perigo permanente do fim da Civilização, reagiria ante o Terror judaico em que se afirmará a Sinarquia; e sobrevirá a Batalha Final, durante a qual voltarão o Führer e a ϟϟ. Eterna.

Você compreende esta simples e supersecreta tática que é uma cilada certeira para os aliados, mas quantos mais a entenderão? Já verá como muitos supostos nazis, e ainda ex-membros da ϟϟ., sustentarão que nossos cientistas são traidores. Mas é que eles são incapazes de entender a Estratégia do Führer, e por isso não entendem as ações dos que agem guiados por fins estratégicos. ***Menos ainda entenderiam você, se descobrem o que é, estimado Lupus.***

Deverá ser prudente e tolerante com esses Camaradas ***que optaram pela realidade do Führer morto***. Uma vez que o assentem, se desconectará deles e nunca retomará o contato. Será uma elementar forma de prevenir riscos desnecessários pois, inimigos você já os tem bastante, com a Fraternidade Branca, os Imortais Bera e Birsa, os Druidas e judeus que o buscarão para eliminá-lo. Como lhe dizia, aguardarão na Itália até que lhe entreguem os passaportes argentinos e as passagens. A Aranha depositará nos bancos de Buenos Aires uma soma de dinheiro que permitirá que se instalem sem problemas; devem retirar de imediato esses fundos para evitar possíveis investigações. Com respeito a você, os Siddhas dizem que deve buscar um local consagrado à Virgem de Agartha, não longe de sua família. Poderá encontrar-se com sua irmã, mas empregando todas as formas de cobertura do Manual do Ser-viço Secreto: é pelo bem de ambos; pense que se o Inimigo descobre sua irmã, podem tentar arrancar dela o seu paradeiro por meios violentos e ainda lhe pressionar, se você não é descoberto ainda assim podem vingar-se nela.

Iguais precauções adotará para encontrar-se com Oskar Feil, quem deve habitar longe da sua casa. Estão proibidos de realizar qualquer tipo de sociedade comercial, nem ainda por meio de terceiros, e intervir em atividades comuns nas que possam se relacionar fortuitamente. Só se reunirão como Camaradas, para compartilhar seus ideais espirituais. Com respeito a Von Grossen, deverá se despedir para sempre dele na Argentina. Oskar Feil poderá manter o contato mas é conveniente que também se afaste, pois o velho asno não ficará quieto e tratará de travar sua guerra privada contra a Sinarquia. Possivelmente será assessor em questões de Inteligência e Contra-espionagem, e se ponha ao serviço de regimes pseudo-fascistas os quais abundam na América do Sul. Nada que convenha a vocês.

Por último: conserve os cães daivas mas não os use a não ser em caso de extrema necessidade. O mesmo vale para suas habilidades Iniciáticas: mantenha-se alerta, bem treinado, mas não atue a não ser em caso extremo. Essas são suas ordens: ***esperar***. Sobreviver, proteger-se e ***esperar*** !

–Por todos os Deuses! –gritei fora de mim–. Esperar o quê?

–Não posso dar-lhe mais informação –respondeu Tarstein impassível–. Cumpra suas ordens e saberá!

Deu-me um aperto de mão, e como se tal saudação não bastasse, me abraçou.

–Até sempre, Kurt Von Sübermann. Vá tranqüilo, que seu aporte foi de utilidade incalculável para a causa da Ordem Negra ϟ.. O Terceiro Reich o condecorou com a Cruz de Ferro, mas a Ordem lhe concederá algum dia uma distinção ainda mais valiosa, que você ganhou merecidamente. Repito-lhe: pronto nos encontraremos novamente, durante a Batalha Final, ainda que não nos encontremos mais nesta vida.

Estávamos na porta. Eu tinha saído e tinha a inútil motocicleta, enquanto me escutava dizer a Konrad Tarstein quase as mesmas palavras do gurka Bangi. Queria chorar de impotência ante todo aquele absurdo: todos morriam ou iam embora. Somente eu, testemunha muda de uma realidade terrível e secreta, devia permanecer no Inferno. E sem saber por quê.

–Heil Hitler! –gritei saudando, enquanto a porta da Gregorstraße 239 se fechava atrás de mim para sempre.

Arranquei a moto e, esquivando dos escombros, dei a volta no quarteirão. Antes de completar a terceira quadra alguém atirou em mim desde um terraço. A bala seccionou limpamente o garfo e a roda dianteira se cruzou de golpe; apertei os freios e voei metros adiante. Sem deixar de rodar me ocultei atrás do chassis incinerado de um carro, perseguido por uma chuva de balas. "Esqueci que tinha uniforme russo e estava passeando por uma rua solitária de Berlim sem proteção alguma". Soltei vários xingamentos e corri para a esquina, me apegando às paredes. Achava-me novamente na Gregorstraße. Já estaria longe dali se não tivesse me proposto uma última visita à casa de Tarstein. Avancei os metros que me separavam dela olhando ambas as esquinas, alternativamente. Era noite escura mas não silenciosa; esse 30 de Abril amanheceria acompanhado dos mais encarniçados combates e o ruído de balas, obuses e bombas era ensurdecedor.

Pronto comprovei desolado que a advertência de Tarstein não era vã. De fato, o 239 não existia ***agora*** na Gregorstraße. Mas sim o local de onde eu partira; o evidenciavam as marcas recentes de pneu da motocicleta na rua. Mas a porta 239, frente a essas marcas, não estava lá. Em seu lugar estava a porta de um comércio bem conservado. Tirei com a mão a capa de pó que cobria a placa e li: ***"Buchhandlung Hyperbórea"*** [72][72]. Senti passos se aproximando; talvez os franco-atiradores que me dispararam minutos antes. Ali não havia nada a ser feito, assim que corri em disparada na direção contrária.

---

[72][72] ***Livraria Hiperbórea.***

Repito-te que o tempo premia, neffe, assim que deixarei para outra oportunidade o relato das aventuras corridas para chegar à Itália. Mencionarei somente que em Junho de 1945 me reuni com Karl von Grossen e Oskar Feil no mosteiro Franciscano do Sul da Itália e permaneci ali até fevereiro de 1947. Nessa data nosso contato com A Aranha nos apresentou a um oficial do Exército Argentino de nome Zapalla, quem nos deu passaportes e passagens e, não obstante, novas identidades: eu passei a me chamar Cerino Sanguedolce, como já sabes; Oskar se converteu em Domingo Pietratesta; e Karl Von Grossen, Carlo de Grandi. Os três aparentaríamos ser imigrantes italianos, dali a filiação lingüística dos nomes.

Já nesse país, tudo ocorreu como previra Tarstein: entregaram-nos o dinheiro em Buenos Aires, e cada um foi viver numa província distinta. Von Grossen ficou em Buenos Aires e, como dissera Tarstein, não tardaria em se dedicar a organizar um Serviço Secreto em companhia de outro antigo Camarada seu da Gestapo, o ϟϟ. ***Standartenführer*** Justiniano Von Grosmann. Oskar Feil escolheu Córdoba, e parece que os Deuses o guiaram pois anos mais tarde encontrou ali a Ordem de Cavaleiros Tirodal, que orientou seus últimos dias; e eu, sabendo que os Siegnagel residiam em Salta, decidi que "Santa Maria de la Candelária" era um bom título para a Virgem de Agartha, e adquiri esta fazenda onde habito desde então.

Escudos de Províncias Argentinas.

Mendoza

La Pampa

Neuquén

Río Negro

Chubut

Santa Cruz

A Guerra Mundial ficou para trás, e devendo me ater a "minhas ordens", retomei a tradicional profissão familiar de fabricação de doces e permaneci oculto até agora, meditando todos esses anos sobre o que ocorrera na primeira metade de minha vida. As únicas exceções foram as esporádicas visitas de seus pais, ou de Oskar, em sítios neutros combinados antecipadamente para ter curtos, curtíssimos, encontros. E os últimos acompanhantes que tive, fiéis demais, foram os cães Daiva: Ying e Yang são a terceira geração argentina, bisnetos de Yun e Yab.

E nunca, nunca desde que me radiquei na Argentina, salvo a falida tentativa de contatar Nimrod de Rosário em Córdoba seguindo pedido de Oskar, ninguém me convocou para cumprir a missão final da Sabedoria Hiperbórea até que você apareceu com a Carta de Belicena Villca. Não me envergonha confessar: já perdera todas as esperanças de que se cumprissem os anúncios de Konrad Tarstein. No entanto me mantinha em alerta, como ele me ordenara, e como você lamentavelmente comprovou. ***¡Meine Ehre heißt Treue!*** [73][73].

[73][73] Juramento da Orden Negra ϟ.[d], gravado também na Adaga do Cavaleiro: ***Minha Honra se chama Lealdade.***.

◊

EPILOGO

Do Fantástico livro
"O Mistério de Belicena Villca"
dedicado a eles.

... ou

PRÓLOGO

Do real mistério de Belicena Villca,
dedicado a nós,
que sentimos correr pelas veias

O Sangue de Tharsis.

Capítulo I

E isso foi tudo que tio Kurt narrou-me sobre a história de sua vida. E naquele momento tinha razão em sentir pressa, como os acontecimentos se encarregaram de demonstrar, mas deixava pendente a parte mais interessante: os detalhes de suas missões secretas durante a guerra e a misteriosa missão de seu padrinho Rudolph Hess.

Logicamente, ele esperava completar seus relatos numa próxima ocasião. Mas estava escrito que esta ocasião não se apresentaria jamais.

Contudo, nessa última noite em que conversamos sobre estes temas e me contou sobre sua chegada à Argentina, fiz-lhe duas perguntas que ainda me recordo nitidamente. Era tarde da noite, onze horas do dia 21 de março, exatos dois meses depois do rapto espiritual de 21 de janeiro, e resolvemos ir dormir depois de um longo dia de conversas. Foi então que fiz uma pergunta que me causava muita inquietação.

- Diga-me tio Kurt: se tinha recebido em 1945 o livro inédito de Konrad Tarstein "História Secreta da Thulegesellschaft", em que se narra a história alemã da casa de Tharsis, como é que permaneceu indiferente na primeira vez que falamos sobre a carta de Belicena Villca, dando a entender que ignorava sua importante participação histórica? Recordo muito bem que só se sobressaltou quando ouviu o nome "Tharsis", mas nada expressou sobre os Tharsis alemães. Não obstante, você deveria conhecer parte da história, talvez tão rica quanto a que eu conheci por Belicena Villca. E se guardou muito

bem de dizer algo a respeito, até agora. Não me parece correto seu comportamento, tio Kurt! - afirmei em tom de dolorosa reprovação.

- Mas é que eu não havia lido! - se desculpou.

- Como? Depois de trinta e cinco anos não havia lido o livro de Tarstein? - perguntei admirado.

- Já te disse, Neffe, que estava muito enojado pelas ordens que me transmitira Tarstein. Aqui, em Santa Maria, simplesmente guardei o livro para lê-lo no dia em que se cumprissem as palavras de Tarstein, ou seja, no dia em que de algum modo tivesse acesso ao resto da história de sua Estirpe. E esse dia chegou com a sua visita e a carta de Belicena Villca. Por isso o li, em efeito, nos dias em que estive trancado em meu quarto, depois de conhecer o conteúdo da carta: tudo coincidia, era realmente a parte que faltava na história de Belicena, a conexão entre o ramo Vrunaldino e a Thulegesellschaft! A história da busca do Führer, iniciada na Idade Média, e sua localização e iniciação no século XX. Mas se nada te disse depois sobre isso era porque esperava narrar minha própria vida e fazer você conhecer a existência desta obra, que conservo. É meu desejo que você mesmo a leia e logo a retenha como parte de sua herança. A quem, senão a você, ela corresponde com justiça? Deve uní-la a Carta de Belicena Villca e leva-la a Córdoba para que as conheçam os Cavaleiros Tirodal e, se possível, Noyo Villca.

Fiquei abobado pela incrível resposta de meu tio: trinta e cinco anos sem ler o livro de Tarstein! Há! Isso se chama **merecer** a qualificação de **obstinado**!

Tio Kurt foi a sua casa e regressou com o estojo de couro com detalhes em prata que guardava a preciosa obra. Entregou-me incondicionalmente e ali disparei a segunda pergunta:

- Restou-me uma grande curiosidade em saber o que houve com a Legião Tibetana. Se não se importar em perder um minuto, diga-me sucintamente o que ocorreu com eles.

- Direi. E não é muito longa para contar. A parte da Legião que permanecia em sua base de Assam, na fronteira com Butão, se dispersou sem fazer barulho ao concluir a guerra. Alguns regressaram aos Monastérios Kâulikas e outros se alistaram como mercenários nas guerras posteriores da Ásia: a de Shing Kai-Shek contra Mao e as da Coréia e Vietnam. Aqueles, em princípio, sobreviveram à Segunda Guerra Mundial.

Mas você, seguramente, me pergunta sobre a sorte de Bangi, Srivirya, e os cinqüenta legionários que ficaram em Berlim a guardar o bunkerführer: sobre eles, devo confessar com orgulho, que todos morreram combatendo os russos. Este é um episódio gracioso: segundo me informaram nestes dias, quando eu devia fugir da Alemanha, em 30 de abril os russos não conseguiram tomar o bunker senão ao custo terrível de dez pra um. Vale dizer que os tibetanos acabaram com um batalhão de infantaria de mais de quinhentos homens. E foi tão impressionante o impacto daquela carnificina que o próprio Stalin ordenou o retiro e ocultamento dos cadáveres tibetanos e negociou com os aliados a supressão oficial de toda notícia sobre a Legião Tibetana do bunker. Entretanto, muitos investigadores independentes têm mencionado a existência da Legião e sua valorosa determinação em defender o bunker até o fim. Claro que se consultar os "historiadores oficiais", que devem viver dos pressupostos acadêmicos ou periódicos, a versão será bem distinta: os russos haviam achado o bunker quase desguarnecido, e a Legião Tibetana nunca existiu.

Capítulo II

Despedimos-nos até o dia seguinte, com a idéia de partir em seguida até Tucuman. Ao fim e a cabo já se passavam quase três meses desde o assassinato de Belicena Villca e, todavia não havia tentado cumprir seu pedido. Os contei mentalmente: 74 dias. Setenta e quatro dias! Podia ser muito tempo: quiçá para Noyo Villca fora, e eu lamentava. Mais para mim foram os setenta e quatro dias mais frutíferos de minha vida. Causava-me riso e lástima recordar o que eu era até 6 de janeiro, naquele sinistro hospital neuropsiquiátrico: "o Doutor. Arturo Siegnagel, um de nossos melhores internos", me apresentavam as enfermeiras. No que me havia convertido o sistema! Antes de seis de janeiro eu tinha tudo, do ponto de vista material, mas carecia de ideais claros: haviam-me lavado o cérebro! Ao contrário, agora não tinha nada, comparado ao prestigioso Doutor que havia sido, **carecia de um futuro material, de um por vir previsível dentro das leis do sistema; mas tinha claro o ideal da Sabedoria Hiperbórea. E com esse ideal que tinha agora, não carecia possuir mais nada na vida, muito menos a determinação de um futuro medíocre!**

Introduzi-me na cama, jubilosamente diria. Como havia mudado tudo para o bem! A noite apresentava-se estrelada e um pouco fresca, talvez anunciando o começo do outono. A princípio pensei em ler o livro de Konrad Tarstein, mas logo me contive. Eu também estava cansado e não queria descontrolar-me por todo, não desejava que o gozo atual me dominasse completamente: se tio Kurt aguardou 35 anos para lê-lo, por que deveria impacientar-me? Não era, por acaso, capaz de aguardar uns dias mais? E então, logo de gerar tão néscios pensamentos, apaguei a luz e me dispus a dormir.

Oh, Deuses, que néscio! Nisso me havia convertido agora, a parte de "iluminado pela Sabedoria Hiperbórea", que por certo nada teve a ver com o que se sucedeu. Fui eu, meu orgulho engrandecido pelo efeito de tudo o que aprendera em tão curto tempo, e que me inflava a plumagem como um pavão real, o único culpado pela desgraça que se acercava e recaía aquela noite sobre nós. Por suposto, não descarto nem subestimo a assombrosa vigilância que o inimigo mantém sobre o mundo, ou sobre "muitos mundos", segundo os conceitos que o capitão Kiev empregava com Belicena Villca. Não, não vou subestimar a atenta tarefa de observação que os Demônios realizavam para encontrar tio Kurt, talvez essa guarda desses seus frutos algum dia e o encontrassem de alguma maneira. **Mas pelo ocorrido desta noite, eu fui o principal responsável. Cem vezes, mil vezes, havia sido preferido que houvesse lido o livro de Tarstein, como "normalmente" desejava, em lugar de fazer o que fiz!**

Como disse, apaguei a luz e me dispus a dormir. Vi o céu estrelado através dos cristais e fechei os olhos. Mas estando ainda bastante nervoso, além de cansado, decidi dormir mentalizando o **Kilkor svadi. E esse seria um erro fatal!** Tio Kurt me revelou a forma do Kilkor e fez demonstrações sobre o domínio mental que permitia exercer sobre os cães Daivas. Compreendi então que o "assobio" empregado para lançar os cães sobre mim, quando entrei furtivamente em seu sítio, não havia sido em verdade um som audível: foi minha inconsciente predisposição em captar os símbolos do Kilkor, desde "além de Kula e Akula", a causa da percepção da ordem de tio Kurt. Igualmente havia sucedido com os rosnados dos cães tibetanos que expressavam seus desejos contidos de

atacar: tudo foi mental, percepções extra-sensoriais, símbolos que a ignorância de minha razão traduzia como originados por sons, a ilusão dos sons. Logo que somente eu, ou alguém que como eu possuía o "Signo da Origem", poderia ouvi-los: qualquer pessoa "normal", por mais adestramento que possuísse seu sentido auditivo, só os notaria quando suas presas mortais se houvessem fechado sobre seus membros.

Por fim, tio Kurt havia cedido, como tantas outras coisas inconclusas haviam cedido, em permitir que eu os empregasse de acordo com suas indicações: mas a ocasião não se apresentou e não cheguei a efetuar nenhum tipo de prática sobre os cães. Naquela noite, faltando quinze ou vinte minutos para a meia-noite, me entretive um bom tempo fixando a imagem do Kilkor na mente e depois, sem refletir sobre ela, emiti uma ordem. Vale dizer que compus a palavra de uma ordem, sem imaginar que esta se cumpriria inexoravelmente. Foi uma diretiva simples, **"latir"** pensei que em modo algum permitia supor o que causaria.

Instantaneamente, os cães emitiram um uivo de lobo, escandaloso, e começaram a latir os dois, sem parar. Os rugidos que lançavam eram estremecedores e muito intensos, pelo que me afundei na cama, gelado de espanto e desesperado. "Despertarão tio Kurt", pensei tontamente, e me concentrei novamente no Yantra, tratando de formar uma palavra que detivesse o concerto canino. Imaginei que a palavra seria "silêncio", mas como dizer silêncio em tibetano ou em sânscrito, únicas línguas em que se podia traduzir o conceito com a chave do Kilkor Svadi? "Tio Kurt me havia dito", me assegurava a mim mesmo, enquanto procurava infrutiferamente recordar. E foi então que se produziu uma série de nefastos fenômenos que se produziriam nesta noite infernal.

Ocorreu como se minha consciência se houvesse expandido de pronto ilimitadamente, percebi **toda a habitação de um só golpe de vista**, mas sem olhar, como se uma vontade mais poderosa que a minha me obrigasse a fazê-lo. Logo vi o exterior da casa, o sítio, **tudo de uma vez**, e a cidade de Santa Maria, o caminha para Salta, e meu próprio sítio em Cerrillos. Vi Papai, Mamãe, Katalina, Enrique e Federico, meus sobrinhos, e até o cão Canuto. Como hipnotizado, eu via tudo e não podia deixar de ver. De improviso, do fundo de meu campo de visão, justamente à minha frente, e como surgindo detrás do cume de Obispo, um ponto começou a crescer à velocidade espantosa até ocupar toda a minha atenção. Jamais poderei esquecer! Tomando as palavras que a Princesa Isa dissera a Nimrod, afirmaria que se tratava de ***"o monstro mais abominável e espantoso que se possa imaginar em uma eternidade de loucura"***, um ***"que não pode ser descrito por nenhum mortal sem perder a sensatez"***. E o que me salvou dessa presença do inferno? Sem dúvida a Virgem de Agartha, a Semente de Pedra que ela depositou no dia 21 de janeiro num coração humano e mortal; a semente que, passado tudo, havia germinado e feito de mim o que era agora.

Porque o passado havia morrido ali mesmo, frente ao Demônio que me havia contemplado por um instante com um ódio que nunca acreditei ser possível que alguém pudesse experimentar. Porque agora tive forças suficientes para enfrentá-lo e apartá-lo de mim. Sim, desapareceu da vista e a visão se dissipou. De novo me encontrei na habitação de Santa Maria, sentado na cama e ouvindo como os cães ladravam sem parar. Compreendi num instante que minha mente, ao tentar silenciar os Cães Daivas, havia se descuidado e ofereceu uma abertura débil, e foi sintonizada, captada, por um demônio

da Fraternidade Branca, um representante das Potências da Matéria, quem sabe o imortal Bera, talvez Rigden Jyepo, talvez o próprio Enlil-Jehová-Satanás.

Evidentemente não me achava de todo desconcentrado, pois ouvi, ou acreditei ouvir, a voz de tio Kurt que dizia as palavras: ***"Nischala miravâta svadi"*** diretamente no interior de minha psique, com o que os cães cessaram imediatamente os latidos. O certo foi que um instante depois entrava tio Kurt verdadeiramente em meu quarto, gritando: "Arturo! Arturo!"

- "Arturo! Você está bem, graças aos Deuses!" - exclamou ao acender a luz e certirficar-se que eu estava vivo - O que fez, Arturo? O Demônio Bersa te localizou! Por um momento o senti como naquela vez em La Brea, no Tibet!

Referi o uso imprudente que fiz do Yantra.

- Oh, Arturo! Você foi muito forte ao livrar-se dele. Mas creio que isto não basta. Muito temo que os Druidas tenham descoberto esta casa. Temos que sair daqui o quanto antes.

Não sabia o que dizer. Irracionalmente, peguei o relógio de pulso da mesa de luz e olhei as horas: "00:10h" disse, virando a cabeça até tio Kurt que me observava com olhos exorbitados.

Não tardei em compreender o motivo de seu horror: ***era o zumbido, o inconfundível zumbido das abelhas melíferas.*** Na verdade, aquele eufônico som do Dordje só acontecia quando seus efeitos complementares já estavam se produzindo. No começo não o notei, mas logo, naturalmente depois do que percebera tio Kurt, o escutei claramente, deixando o ambiente com a sensação da chegada de um enxame inumerável. Mas a essa altura era impossível raciocinar, pois a pressão sobre o coração não admitia distrações. Deixei-me cair para trás, até que minha cabeça encontrasse a almofada, e relaxei o melhor que pude. Inconscientemente, tapei os ouvidos com as mãos, mas o som mortal penetrava igual, cada vez com mais intensidade. E o coração, completamente fora de controle, parecia querer sair do peito. E ainda não havia chegado o pior.

Experimentava uma paralisia crescente em todo o corpo e pensei, já no final da resistência psíquica, que a melhor tática mental para lutar com a poderosa Força de Vontade dos Demônios consistiria em concentrar o pensamento em uma idéia alheia à terrível realidade do Dordje. Pensar em outra coisa, mais em que? Oh, Deuses, quão pobre de idéias pode tornar-se uma imaginação fantasiosa como a minha em uma situação limite semelhante, quando está em jogo a vida animal. E quanto mais pobre há de tornar-se sim, como assegura a Sabedoria Hiperbórea, a Alma criada está pronta a nos trair, pois sua substância é parte do Criador, partícipe de seu arquétipo à imagem e semelhança! Ali o comprovei sem dúvidas: a Alma sempre trairia o Espírito, o "Eu", para favorecer a vontade dos Demônios, que pertencem à Hierarquia Branca, na qual se desdobra e encadeia o Criador-Uno. Porque subitamente me veio ao fim uma idéia salvadora: era uma recordação de meus dias de estudante universitário, quando assistia às aulas de Biologia. E eu me deixei levar pela recordação, e pareceu-me por um momento que me livrava da pressão do Dordje. Sim, a Alma, dona da memória e das recordações, finalmente havia obedecido à vontade do Eu e me tirava daquela mortífera realidade. Era uma aula de Biologia, recordava perfeitamente, estava rodeado por dezenas de companheiros. Sobre o que versava a aula? Ah, sim! Fisiologia dos insetos! Agora entrava o professor Jacobo Cañás na Aula Magistral e começava a desenvolver o ensino. Tema: "a abelha comum, classificada também com o nome ***Apis mellifica*** por Líneo;

Apis doméstica por Reaumur; ***Apis cerifera*** por Scopoli; ***Apis gregaria*** por Geoffroy, e muitos outros nomes com que os grandes naturalistas haviam designado o mesmo inseto".

Carecia de forças para sair da recordação. Alguém dentro de mim, o mesmo que tentou me arruinar no abismo na noite do abalo em Salta, me havia traído novamente. Ah, se houvesse pedido por auxílio à Virgem de Agartha, como então, se me houvesse deixado raptar por sua Graça Divina! Com certeza esse rapto da mulher absoluta era o que os kâulikas chamavam de Kula. O Kula me havia transformado em Akula, em Shiva vivente, e o Espírito havia se situado "além de Kula e Akula".

Com certeza, pois, esse era o verdadeiro caminho da salvação para sair fora do cerco dos Demônios, que eu não soube encontrar de começo por clara falta de fé em Mim Mesmo, pela desconfiança no feito que meu Espírito pudesse ser amado realmente pela Deusa da Liberdade Eterna.

Em troca, permanecia na aula do Prof. Jacobo Cañás: "os zumbidos dos ***himenópteros*** são geralmente uma combinação de três tons distintos, gerados em diferentes órgãos. O mais intenso é o das asas, ainda que seja o de menor freqüência: para um mesmo exemplar de ***Appis Melifica***, varia de estado entre em **Lá** de 440 ciclos por segundo e um **Mi** de mesma oitava de 330 ciclos por segundo; o primeiro tom corresponde à abelha descansada, no momento de sair da colméia; o último, à abelha cansada, ao finalizar sua jornada de trabalho". Percebia precisamente aqueles tons; ouvia claramente o som das asas ao baterem-se. Os ***himenópteros*** voavam até mim. "O segundo tom que compõe o zumbido característico é produzido pela vibração dos estigmas que conduzem o ar às traquéias pulmonares; se trata habitualmente de um **Si** de 594 ciclos por segundo, apreciavelmente mais agudo que o tom das asas, mas menos intenso". Escutava agora o zumbido de uma abelha; o zumbido de um enxame; o zumbido me saturava os sentidos, me paralisava o corpo, me invadia a mente. O zumbido se apoderava das batidas do meu coração e as sintonizava com sua freqüência! O zumbido estava me matando!

"O terceiro tom, muito fraco, procede dos movimentos dos músculos abdominais"... Não terminaria jamais de recordar a aula do Prof. Jacobo Cañás. Na máxima intensidade da crise cardíaca, sofri uma sensação de calor insuportável, como se meu corpo houvesse sido jogado de um golpe em um forno incandescente. Mas não, no instante que durou a convulsão térmica, notei que o fogo não estava fora, mas dentro de mim; que impregnava todo meu corpo como um líquido inflamado, que se decompunha em gases quentes. E aquele líquido que ardia era meu sangue.

Um instante durou o impulso calorífico, que me estremeceu ao ritmo do zumbido apícola, mas eu, naturalmente, acreditei morrer: com uma última visão de agonia contemplei o rosto de Mamãe, Katalina, meus sobrinhos e muitos outros parentes desconhecidos até então, mas cujo parentesco era visível. Mas todos os rostos se pareciam entre si, não em função de uma semelhança genética, mas sim por causa da expressão comum que manifestavam, provavelmente idêntica à minha neste instante: ***todos eram rostos agonizantes, rostos de seres humanos que morriam em meio a uma grande dor; suas expressões reproduziam a Expressão da Morte. E então terminou tudo.***

Capítulo III

Em outras palavras, quero dizer que então concluiu-se o fenômeno; ou seja, que cessou o zumbido e cortou-se a pressão sobre o coração. Pouco a pouco minha pulsação foi se normalizando e pude mover-me à vontade. Ainda atordoado, raciocinei e me lembrei de tio Kurt: temi pelo pior.

Mas ele também se recuperava neste momento; e comprovei que havia caído de joelhos, como também lhe ocorrera no Tibet há mais de 40 anos. Fiquei por uns minutos imóvel, ordenando as idéias, até que de pronto recordei o último instante do fenômeno, quando vivi minha própria agonia e a de meus familiares. ***E então compreendi. Então soube que aquilo era verdade, que algo irreparável havia acontecido à minha família.*** Decomposto de pânico, interroguei com o olhar tio Kurt: ***o horror que vi em seus olhos comprovou que eu estava certo.*** Ao fim, consegui articular as palavras e gritei:

- Mamãe, Katalina! Oh, tio Kurt, algo terrível aconteceu com a família! O que houve, tio Kurt? O que houve?

- Creio que uma coisa terrível, Arturo! Não quero te alarmar, mas me parece que o Demônio Bera não conseguiu averiguar seu paradeiro ou o meu, mas temo que o que viu em sua psique foi o suficiente para encontrar o sítio de Beatriz em Cerrillos. Se for assim, nossa família tem corrido grave perigo. Devemos ir imediatamente à Salta, Arturo! Pede uma ligação telefônica enquanto preparo o Jeep.

"À Salta, trinta minutos de demora", foi a resposta lacônica da operadora. Solicitei igualmente a ligação com caráter de urgência e roguei para que a conseguisse em dez minutos. Notificou-me então a hora em que se registrava meu pedido e quase não pude acreditar: era nada mais que 00:30h! Em quinze ou vinte minutos havia ocorrido tudo. Podia ser? Podiam os Demônios haver atuado em tão pouco tempo? Essa dúvida inconsciente me esperançou um pouco. Mas foi só até tio Kurt voltar da garagem e lhe comunicar minha inquietude.

Sacudiu a cabeça em um gesto negativo e desalentador e disse:

- Queria confirma sua esperança, mas não posso te enganar. Não devemos ser otimistas de modo algum: os imortais dominam o Tempo e o Espaço, são Mestres em mover-se nos incontáveis mundos da ilusão mágica. Não nos podem achar, como não podiam fazê-lo com Belicena e Noyo Villca, porque nossos Espíritos encontram-se separados do Tempo e do Espaço pelas Runas de Wothan; ou pela Vrunas de Navutan, se preferir. Eles não conhecem nossa realidade, o mundo que o Espírito afirma desde a Origem, e isso os desconcerta, os impede de nos encontrar; mas uma vez ***obtida a referência real de um Mundo determinado, a ele podem dirigir-se e chegar em qualquer Tempo e Espaço.***

Não sei pra que perguntava se eu sabia que era assim. Mas me iludi por um momento confiando que minha razão tivesse valor, aguardando de maneira vã que a razão prevalecesse sobre a irracionalidade que ia se apossando de minha vida. A campainha do telefone me tirou de tão amargas reflexões.

- "Sua chamada com Salta" - antecipou laconicamente a operadora.

Durante dez largos minutos ouvi tons de chamada através do telefone, sem que nada respondesse em Cerrillos. Aquilo sim que não era normal! Ainda sendo uma da

manhã alguém deveria atender em muito menos tempo: mil vezes havia feito chamadas semelhantes para Salta e sempre me atenderam em três ou quatro minutos!

"Não respondem em seu número" - interrompeu a operadora - "Repetimos a chamada mais tarde?" Não soube o que dizer. Olhei de relance a tio Kurt e observei que fazia um óbvio sinal com as chaves do Jeep.

- Não, senhorita, a cancelo agora. Não deve haver ninguém nessa casa - sugeri com amargura.

Capítulo IV

Quinze minutos depois me achava pela segunda vez em minha vida rodando pela rua Esquiú: íamos tio Kurt, eu e os Cães Daivas. "É preciso levá-los pela dúvida que talvez seja uma cilada", me explicou, "mas esses demônios são orgulhosos e supõe que jamais vão falhar em um golpe; é possível que já estejam em Chang Shambalá; ou cumprindo outra de suas missões macabras". Ficou por um momento pensativo e logo acrescentou em tom funesto:

- Céus, Arturo! Onde supõe que vão depois, se como tememos já passaram por Cerrillos?

- A Tucumán, ao Vale de Tafi, à chácara de Belicena Villca - respondi sem vacilar. Essa probabilidade, e o que podia ter se passado em Cerrillos, nos tiraram o desejo de falar durante o resto da viagem. Viagem cansativa, se levar em conta o horário noturno, a estrada larga, o fato de que estávamos um dia sem dormir e o recente esforço físico causado pelo ataque dos Demônios.

Os sinos da Igreja de Cerrillos chamavam para a missa das oito quando passamos frente a ela. E cem metros antes de chegarmos à porteira do sítio já sabíamos que algo terrível realmente havia acontecido: as luzes rotativas no teto das viaturas policiais confirmavam tragicamente nossas suspeitas e temores. Fazendo pouco caso dos policiais que custodiavam a entrada, tio Kurt virou o Jeep e tomou o caminho até a casa em grande velocidade. Evidentemente agora nada lhe importava: nem sua cobertura estratégica, nem as possíveis perseguições se fosse descoberto, nem que de acordo com sua nova identidade nada o vinculava com os Siegnagel - Von Subermann. Pobre tio Kurt! Em 35 anos jamais se atreveu a cruzar esta porteira para visitar sua única irmã, e agora deveria fazê-lo para o seu funeral!

Porque todos haviam morrido, inclusive minha mãe, por dizer sua irmã Beatriz. E da maneira mais horrenda.

Estacionados junto à fazenda, atrás de onde recebera das mãos de minha mãe a fatídica carta de Belicena Villca, se encontravam quatro carros - dois policiais e duas ambulâncias. Ao lado do salgueiro, meu favorito, cujo sob a sombra eu estudei minhas matérias da universidade e eu meditei sobre o mistério do homem e sua vida terrestre miserável, estava o corpo sem vida de Canuto, coberto com uns jornais ensangüentados. Como tinha mudado esse lugar em somente dois meses! A alegria e a felicidade da família se haviam convertido em morte e dor! Maldita carta de Belicena Villca! Se ao menos não a tivesse lido! Torturava-me inutilmente. Como disse no princípio: ***"na vida de certas pessoas há armadilhas cuidadosamente montadas: basta acionar sua mola para que se desencadeiem mecanismos irreversíveis".***

Ao sentir o motor do Jeep, várias pessoas saíram da casa. Uma era o Comissário de Polícia de Cerrillos, que me conhecia desde criança.

- Jesus! Arturo Siegnagel! Bem na hora! - disse sem pensar, pois logo se arrependeu, baixou os olhos, e colocando uma mão sobre meu ombro falou cuidadosamente, vale dizer, da maneira mais delicada que pode falar um policial enfrentando um alucinante múltiplo homicídio. Tio Kurt ficou ao meu lado.

- Desculpe-me Arturo. A verdade é que você ***não chegou a tempo***. Só o disse pensando na investigação, pois ignorávamos seu paradeiro. Não sei como dizer, deve entender que sou um policial, não psicólogo, mas deve saber que toda a sua família foi assassinada de modo estranho.

Ameacei dirigir-me ao interior da casa, visto que ainda não haviam embarcado nenhum corpo nas ambulâncias, mas o Comissário me deteve. "Aguarda um instante, Arturo, porque é meu dever te interrogar: Você sabia que algo havia ocorrido aqui? De onde você vem agora?".

- Oh, sim! - disse precipitadamente - Sabia que algo de ruim acontecia porque ninguém respondeu ao telefone na fazenda à uma da manhã. Foi por isso que saímos de imediato até aqui.

- Mas de onde fez a chamada? Onde se encontrava? - quis saber sem desculpas.

- Bom, na fazenda deste amigo aqui presente, Sr. Cerino Sanguedulce, que é fabricante de doces em Santa Maria de Catamarca e com quem estava ajustando um negócio para vender nossa produção excedente. Fazia uns dias que me encontrava ali.

- Está bem, Arturo, vou verificar - disse, enquanto guardava a caderneta na qual anotava todos os dados.

- Bom, podem passar. Você é médico, e suponho que tenha sangue frio, mas isto é diferente:, ou os assassinos, são sem dúvida ***psicopatas***, talvez foragidos do manicômio onde você trabalha. Cometeram os crimes com uma selvageria nunca vista por aqui. Melhor entrar preparado.

No interior a desordem era total, a começar pelos ignorantes policiais que executavam suas ainda mais ignorantes perícias. Na sala de jantar, haviam juntado duas mesas e sobre elas estavam depositados os cinco cadáveres. Lençóis prudentes cobriam a exposição dos corpos. Tio Kurt me apertou um braço com sua mão de ferro e descobriu ele mesmo o primeiro cadáver.

- Beatriz! - Gritou ele.

- Mamãe! Oh, Mamãe! O que te fizeram? - gritei eu desesperado, ao comprovar que o doce rosto de minha mãe, talhado agora por uma marca de horror indescritível, encontrava-se degolado de orelha a orelha.

- Vêem? - comentou inoportunamente o Comissário - Se trata do ato animal mais aberrante que já vi em minha vida, incompreensível, indubitavelmente produto de uma mente enferma.

Os seguintes corpos correspondiam à minha irmã Katalina e seus dois filhos. Estes não mostravam nenhum sinal de violência.

- Acreditamos que foram envenenados, e já íamos transportá-los ao IML local para praticar a autópsia quando vocês chegaram. Agora que já os viram darei a ordem para que os carreguem nas ambulâncias. Aos outros não há necessidade de levá-los, pois sua morte é obvia e já foi determinada pelo médico forense: sua mãe foi degolada, segundo você mesmo comprovou, e seu pai faleceu de traumatismo craniano, seguramente ao resistir ao ataque. Tem algo a contestar deste diagnóstico?

Balancei a cabeça negativamente e descobri o corpo de papai. O golpe ***veio de cima***, descarregado com um objeto contundente habilmente manejado, já que só afundou dois centímetros da caixa craniana, na altura do encéfalo.

Tio Kurt permaneceu como que distraído em frente ao corpo sem vida de sua irmã. As ambulâncias já tinham levado Katalina e as crianças dela e os policiais começaram a se retirar. Eu convidei o Comissário à copa e mostrei várias caixas de nosso melhor Sauvignón, indicando-lhe que as distribuísse aos homens dele, ato de cortesia proibido para os regulamentos policiais mas que seria levado como uma falta de hospitalidade se não fosse oferecido. Não demorou e o Comissário fez carregar as caixas de vinho e se encontrou comigo na cozinha. Foram consumidos o ***Chablis*** congelado e presunto cru em quantidade, enquanto soltou a língua do policial. Um instante depois se unia a nós tio Kurt.

- Quem deu a notícia? - perguntei.

- O pessoal que entra às cinco. - respondeu - Um crioulo chamado "Jorge Luna" parece que foi o primeiro à chegar. Surpreendeu-se ao notar que todas as luzes da casa estavam acesas, "como em noite de festa", segundo declarou; se aproximou então da cozinha, onde sempre estava seu pai tomando chá, sempre às 4: 30h, mas não viu nada. Assim, começou a rondar a casa achando que seu pai estava fora. O primeiro sinal que algo de mal havia acontecido teve ao tropeçar no corpo do cachorro, literalmente partido em dois, perto da varanda. Uns metros depois, estava o cadáver de Dom Siegnagel, com o crânio destroçado.

À primeira vista e especulando um pouco - prosseguiu o Comissário - te diria que atuaram no mínimo dois cúmplices, talvez três. Dois são imprescindíveis para reconstruir o feito com alguma lógica, pois é evidente que seu pai saiu da casa chamado por sua mãe, talvez respondendo à um grito aterrador dela, e foi surpreendido pelo golpe assassino junto à porta. Nem bem chegou, recebeu o golpe que, segundo o médico forense, produziu a morte no ato. Ali o encontrou Jorge Luna e correu de bicicleta até a Delegacia para buscar ajuda, enquanto avisava os operários que chegavam para não se aproximar da fazenda. Dona Beatriz, a encontramos junto ao tonel. Presumivelmente, dali chamou o seu pai, antes de ser assassinada, e cremos que foi através de enganos que a fizeram sair da casa: eram passadas das 0:00h quando se produziu o crime, hora imprópria para sair voluntariamente ao exterior da casa, gente acostumada a levantar às 5 da manhã. Claro que só se trata de conjecturas. Até que se reúnam mais elementos, e os resultados das perícias, não podemos avaliar precisamente os fatos - se esquivou, como faz todo policial profissional que não quer comprometer sua opinião.

Pedi ao Comissário que continuasse com a descrição do ocorrido, enquanto circulavam as fatias de presunto e os copos de Chablis.

- Deus me perdoe, você me pede e eu devo responder cruelmente, Arturo. O louco que se apossou de sua mãe a arrastou até o tonel, talvez amordaçada, para então permitir que ela gritasse para atrair Dom Siegnagel à armadilha que lhe fizera seu cúmplice. Uma vez morto seu pai, ambos se reuniram para assassinar Dona Beatriz. Você se perguntará como posso estar tão seguro. Porque, ***como deduziu o médico forense, para matar desta forma são necessárias quatro mãos, duas para segurar e duas para efetuar tão perfeito talho de orelha a orelha***. Não seriam necessárias quatro mãos se a vítima estivesse inconsciente, mas esse não era o caso, pois não se descobriram golpes na cabeça nem sinais de narcóticos - temos que esperar as análises para estar seguros de tudo - e o mais concreto, existem marcas dos pés que revelam uma resistência desesperada até exalar o último suspiro.

Senti-me tonto, que tudo dava voltas ao meu redor, que a náusea me ganhava o estômago, a garganta... Apoiei na cadeira, a ponto de vomitar.

- Bebe um copo, Arturo! Vamos, bebe! Você precisa! - incitava-me o Comissário, estendendo-me um copo de bom vinho branco.

Bebi em um único gole. E vi que nunca me caiu tão bem uma de nossas bebidas.

- Era previsível que perdesse a compostura, é demasiado espantoso e repugnante o que aconteceu esta noite em sua casa. Tem certeza que quer saber de tudo agora? Podia descansar umas horas e descobrir mais tarde, quando estiver mais calmo.

- Não, não! Por favor, Comissário! - supliquei - Foi só um mal passageiro. Diga-me tudo agora, quanto antes melhor.

Tio Kurt aprovou com um gesto esta solicitação.

E aqui vem o pior, Arturo. Dona Beatriz foi sujeitada de tal modo, que ao ser degolada, os assassinos conseguiram que o sangue caísse integralmente no tonel, até a última gota!

O Comissário nos mirava perplexo. Esperava surpreender-nos com este macabro fato, mas nós não nos alteramos, já que imaginávamos as manobras Rituais de Bera e Birsa e contávamos que seu propósito seria aproveitar o precioso Sangue Puro dos Von Subermann para tentar exterminar a estirpe inteira, como fizeram no Séc. XIII com a Casa de Tharsis.

- Por outro lado - disse o Comissário - gostaria que nos explicasse algo que nos intrigou a todos.

- O que você quiser saber, Comissário.

- Sobre o tonel, que capacidade tem?

- Uns 20.000 litros - respondi.

- E se pode saber ***para que demônios o encheram com alcatrão?***

Capítulo V

Encontrava-me sentado no sofá da sala, cochilando. Havia ingerido 3 mg de um tranqüilizante e tinha o sistema nervoso bastante sedado. Eram dez da noite e entre sonhos ouvia tio Kurt falar em árabe e alemão. Mas não se tratava de um sonho: os sons eram de tio Kurt solicitando uma chamada internacional e recém acabavam de efetuá-la. Minutos depois chegava até mim e me sacudia sem contemplações.

- Todos estão mortos, Arturo! Todos! Nós somos os únicos Von Subermann que sobraram com vida!

Olhei-o entre neblinas. Ele continuou:

- Meus tios e meus primos do Egito, inclusive alguns primos distantes que viviam e estudavam na Europa, todos morreram esta noite à 00:15 horas!

Tio Kurt não levantava a voz, mas seus gestos eram eloqüentes: estava fora de si. Tratei de acalmá-lo, de transmitir-lhe minha farmacológica tranqüilidade, mas só consegui ficar novamente nervoso: a fúria de tio Kurt era contagiosa!

A poucos passos de distância, na cozinha onde vira meus pais mortos, estavam dois caixões sobre pares de cavaletes; coroas, arranjos florais, candelabros com velas acesas e cruzes completavam os elementos cerimoniais do funeral católico. Meu pai era conhecido por este povo desde a infância e minha mãe desde 1938, de modo que o desfile de vizinhos e amigos que desejavam dar-lhes o último adeus era incessante. Muitos pertencentes à classe mais humilde, com quem sempre contamos para o rude trabalho do campo, chegariam à noite.

Alguém contratou umas carpideiras profissionais de La Merced, famosas pelo sentimento e fervor que impunham a seus lamentos, que se dedicavam neste momento a representar sua função.

Momento terrível aquele, de impotência, de comprovar a maneira que nossos inimigos nos atacavam e de não poder responder com a mesma medida. Coisa surpreendente, o duro tio Kurt havia se sentado, finalmente, em outro sofá, e soluçava com aflição. Eu devia receber os pêsames dos visitantes, de acordo com o costume tradicional, que antes de irem deixavam seus nomes anotados em uma folha, o que lhes assegurava receber mais adiante, em um prazo não maior que dez dias, o agradecimento postal. Costumes, hábitos em prática desde os tempos imemoriais, dos quais não podia safar-me sem causar um grande escândalo.

À meia-noite a casa estava cheia de gente. Umas vizinhas se encarregaram gentilmente de preparar o café e atender os conhecidos. Diversos grupos de amigos formaram grupos para comentar os horríveis crimes e os rumores mais insólitos circulavam de boca em boca do supersticioso vizinho índio e mestiço. Tio Kurt e eu tentávamos em vão que a polícia nos entregasse os corpos de Katalina e seus filhos, temendo que em poucas horas se corrompessem como os dos membros da Casa de Tharsis. Mas nossa tentativa foi inútil. A autópsia continuaria até o dia seguinte. E, ainda que a polícia não admitisse, sabíamos o porquê daquela demora: os médicos forenses não conseguiam estabelecer a ***causa mortis***.

Minha irmã e sobrinhos foram encontrados em seus quartos, na parte superior da casa, e presumivelmente faleceram sem interar-se dos espantosos assassinatos que aconteciam lá fora; haviam morrido, como os membros não Iniciados da Casa de

Tharsis, no momento em que o poder do Dordje de Bera transformava o sangue do tonel em alcatrão, por dizer, às 00:15h. E obviamente isto não sabia os médicos forenses.

Resignamo-nos, pois, a velar só meus pais, enquanto tratamos com a empresa de serviços fúnebres para que insistisse periodicamente no necrotério e reclamasse os corpos pendentes. Um carro parou e desceu uma pessoa conhecida, a quem nunca imaginaria ver ali: o oficial Maidana, o policial que trabalhou no caso de Belicena Villca! Ao ver-me, se aproximou pesaroso e me fez presente "seus mais sentidos pêsames", como eram de praxe. E logo explicou os motivos que o fizeram vir ao funeral, falando em seu particular estilo, simples e franco.

- Doutor. Siegnagel, este caso, como pode imaginar, comoveu a Província: todos desejamos prender os dementes assassinos de sua família. Mas este assunto está desta vez fora de minha jurisdição. Agora sou o Comissário do Departamento de Investigações, mas não o Chefe da Divisão. Com este esclarecimento quero te assegurar que não vim como policial, mas sim como amigo. Compreende, Doutor?

Assenti sem compreender onde queria chegar. Tio Kurt se encontrava junto a mim e olhava com curiosidade o Comissário Maidana.

- Então irei ao ponto: você está em apuros? Necessita de algum tipo de ajuda? Seja o que for, não vacile em confiar em mim. Tenho gente amiga, valente e leal, homens provados na luta anti-subversiva, que estariam dispostos a atuar, digamos, fora dos regulamentos, para ajustar contas com os judeus ou quem quer que esteja te perseguindo.

Tio Kurt franziu a testa e por um momento temi que lançasse uma de suas estrondosas gargalhadas; mas se encontrava demasiado dolorido para isso e em troca sorriu com clemência. Eu, por minha vez, estava irritado e espantado; irritado não pela oferta de Maidana, que agradecia, pois ainda que absurda, era sincera, mas por ter que viver toda aquela alucinante situação, incluindo o funeral, e espantado, pois não imaginava como o oficial havia chegado à conclusão que eu necessitava desse tipo de ajuda.

- Não me responde? - disse consternado - Ou não confia em mim? Mas eu sei que alguém te persegue, ainda que o negue. É minha profissão descobrir estas coisas. Sei desde antes, quando recebi do Departamento de Investigações o informe sobre o sucedido em Cerillos. Então recordei de você e do caso da enferma Belicena Villca.

Fazendo um parênteses, confesso agora que o senhor tinha razão quando afirmou que nesse caso tinha um ponto obscuro: este ponto nunca se esclareceu; mas também é certo que a ninguém interessava esclarecê-lo, e que a polícia tinha urgências mais importantes para atender com o dinheiro dos contribuintes. Eu sei! A você isto não importa, você quer ver triunfar a justiça. Interessa-lhe muito Belicena Villca porque o caso te tocou de perto. Mas nós temos que atender centenas de casos e este era apenas mais um, um que, repito, não interessava a ninguém. Conto isso porque te dou, de certo modo, a razão, doutor. Tome-o dessa maneira! Em verdade eu queria enterrar este caso porque carecia de importância. Mas agora sei que não é assim!

- O que quer dizer? - perguntei.

- Pois fechando o parênteses que abri para desculpar-me contigo, ocorre que nesta manhã tentei localiza-lo no Hospital Neuropsiquiátrico onde trabalhava e ali me informaram que o senhor pediu demissão há dois meses durante suas férias. Chamei então a Universidade e me interei que o senhor deu baixa nas matérias que cursava e

abandonou a residência médica. Todos os atos muito estranhos para proceder de alguém tão... normal?... como você. Foi então, no meio da manhã, que decidi tomar o dia livre e dedicar-me a realizar uma pequena investigação por minha conta. Averigüei, assim, que vendeu seu apartamento de Cerro del Bernardo sem comunicar a ninguém seu novo domicílio; e que seus amigos obtiveram de seus pais a notícia que você "investigava por sua conta um sítio arqueológico em Catamarca"; tudo muito vago, Doutor. Siegnagel.

Contas bancárias encerradas, mudança de domicílio, abandono do trabalho, dos estudos, das amizades: ***diria que são os atos de alguém que deseja apagar seus passos, de alguém que foge.*** Mas o senhor não era um delinqüente, não tinha motivos nem inimigos que o obrigassem a fugir por dois meses. Ou é que então surgiram os misteriosos inimigos? Sim, Doutor. Siegnagel, cedi um pouco em minha posição e conectei sua estranha conduta com o crime do Hospital Neuropsiquiátrico. "Pode ser que ali houve algo mais, algo que forçou o Doutor a fugir", disse a mim mesmo, e me entreguei a reler o expediente sobre o assassinato de Belicena Villca. E o que descubro? Pois não prestamos a menor atenção nas medalhas ***judias*** que tinha em suas extremidades a corda mortal. Quis saber o mais rápido possível o que diziam as inscrições e, sem respeitar a "siesta", fui à Universidade e indaguei, em uma labiríntica seção, creio que se chamava Departamento de Filologia, até que falei com um incrível personagem chamado "Doutor. Ramirez". E que me disse o Doutor. Ramirez? Pois o pobre homem saiu correndo ao saber que eu era policial e ver as fotos das medalhas. Tive de convencê-lo durante horas para que falasse. Resultou ao fim que ele conhecia muito bem o senhor. Que o senhor o havia consultado há três meses sobre as mesmas inscrições, mas sem mencionar-lhe o crime (fez bem, pois ao saber disso fechou imediatamente a boca). E atrás de tudo isso tem uma história assombrosa na qual estão, ***como o senhor dizia, Doutor. Siegnagel***, os malditos judeus. Sim, sim. Já sei o que pensa. Que eu não sei distinguir os Druidas dos judeus, nem sou capaz de compreender a estrutura universal da Sinarquia. O Senhor, como todo alemão, pensa que nós somos idiotas (Druida, eu disse? Creio que assim os chamou o Prof. Ramirez). Olha, é possível que eu não saiba o que é um Druida. Mas devo antecipar-lhe que recém venho de seis ou sete horas com o Prof. Ramirez nas quais este se empenhou em demonstrar-me que um Druida é o mesmo que um judeu, se é que não entendi mal sua síntese final. Assim que, para o caso dá na mesma; sutilezas intelectuais à parte. Eu tinha razão: os judeus liquidaram Belicena Villca, judeus especiais, mas judeus, por fim. E o senhor também tinha razão quando me dizia que a forma do assassinato, o ***modus operandi,*** era quase maçônico. Sim, o Senhor tinha razão e eu fiz pouco caso.

Mas agora não cometerei o mesmo erro, pois tenho pensado. Tenho refletido sobre o que ocorreu há três meses, sobre seus passos posteriores, e o que aconteceu aqui. E sabe a que conclusão cheguei?

- Não me atrevo a imaginá-lo! - disse com sinceridade.

- Pois que o assassinato de sua família ***constitui um crime Ritual.***

- Não posso negá-lo. - aceitei, pois o policial merecia a confirmação de suas conclusões.

- E da mesma classe do de Belicena Villca, talvez cometido pelos mesmos assassinos?

- Não posso prová-lo, mas estou seguro que a resposta é afirmativa - concedi.

- Assim está melhor, Doutor. Siegnagel. Já te disse que não estou aqui como policial, e sim como amigo. Entendo que por alguma razão o Sr. não pode denunciar a verdade, e por isso venho oferecer minha ajuda, a minha e a de meus Camaradas nacionalistas. Tenho um grupo de tarefas preparado para entrar em operação a qualquer momento - disse baixando até um nível inaudível o tom de voz.

Ainda que pareça incrível, eu prosseguia sem entender o que me propunha o Oficial Maidana.

- E o que é que quer fazer? - perguntei sem rodeios.

- E o Senhor me pergunta, Doutor? Ajudá-lo contra seus inimigos, que sem dúvida são os nossos, e são inimigos do país! Ofereço ajuda concreta, homens, armas, equipamentos. ***Só deve dar-nos os nomes dos assassinos, facilitar-nos uma pista, revelar-nos qual é sua organização.*** Não deseja vingar sua família? Nós faremos por você, ou junto a com você.

Contemplei a Maidana desalentado. Como poderia explicar-lhe a realidade de Bera e Birsa? Indubitavelmente na cabeça do policial nem cabia a possibilidade de que por trás dos assassinatos houvesse uma causa sobrenatural. Não reconhecia existência real ao mágico; e ao seu juízo, o esotérico seria apenas um método de inteligência, destinado a conseguir a "ação psicológica" e a "penetração cultural". Em resumo, o Oficial Maidana, como bom veterano do combate nacionalista, só concebia inimigos de carne e osso, corpos sólidos, judeus, marxistas, maçons, sionistas, o que fosse, mas inimigos permeáveis à artilharia de variado calibre.

- Agradeço sua oferta, Maidana. Se te agradeço profundamente é porque sei que é honesta e desinteressada. Mas vocês não podem ajudar-nos e eu não posso dar-lhes nenhuma informação. Creia-me que é melhor deixar as coisas assim. Agora não é uma mera interna do manicômio. Trata-se de minha família, Maidana; ***de toda a minha família***. Se você pudesse ajudar-me, como não aceitaria? Porém, agora sou eu quem deseja deixar as coisas como estão. Sei o que estou dizendo.

- Como que não podemos ajudá-lo? - protestou Maidana - Sabe o que penso? Que você tem medo! Não sei quem cometeu os crimes. Mas é evidente que você sabe e não quer compartilhar o segredo. E por que faria tal coisa? Pois, porque você supõe que o inimigo é demasiadamente "poderoso" para nós, os torpes sul-americanos. Compreendo; você é alemão e tem um preconceito contra o nacionalismo argentino; e talvez tenha razão; porque toda uma fauna de imbecis e traidores tem nos desprestigiado. Eu não posso responder por eles. E se equivoca se pensa que sempre será igual! Estamos em outra época, e há outros homens. ***A nossa geração, Doutor. Siegnagel, não poderão deter materialmente.*** - afirmou com firmeza - Somos muitos, temos ideais, e estamos fartos de corrupção e materialismo. Aproxima-se o dia em que propiciaremos às forças sinárquicas uma grande humilhação nacional. Confie em nós e não se arrependerá! Nenhum inimigo é demasiadamente forte em nossa pátria para que não lhe apliquemos um golpe inesquecível. Talvez não vençamos a guerra, mas podemos castigá-lo parcialmente, ferir seu orgulho, quebrar sua soberba, evitar que saboreie o triunfo de seus crimes. O que me diz, Doutor? É o Mossad? O MI5 inglês? A CIA?

O que responder ao comissário Maidana?

- Só lhe direi isto, e uma vez - disse - ***Se o inimigo fosse humano, estou seguro que sua ajuda seria efetiva.*** Sim, Maidana, se o inimigo fosse humano te asseguro que contaria com seu apoio. Isto deve te bastar.

- Mas o que está dizendo? - perguntou em tom de escárnio - Surpreende-me que você, uma pessoa que respeito por sua sinceridade, me demonstrar que recorre a um simples "escapismo" para fugir à ameaça dos assassinos. Você tem medo e não quer encarar o fato de que cedo ou tarde também será atacado por estes assassinos. ***Porque se não, se estivesse raciocinando claramente, compreenderia que os assassinos são bem humanos***.

- Como? - exclamei involuntariamente.

- Sim, Doutor, raciocine. - solicitou Maidana - Os assassinos são seres humanos. ***Se não fossem, por que utilizariam facas e cassetetes? -*** perguntou com irrefutável lógica policial.

É uma conclusão simples, absurda e elementarmente simples. Por isso não podia aceita-la, a negava entrada em minha razão. Por isso e por provir de Maidana, um mero policial saltenho.

- Não, não. - neguei enfaticamente - Você não compreende a natureza do inimigo, e por isso não pode ajudar-nos.

Havia me cerrado em uma lamentável atitude infantil quando a intervenção de tio Kurt surpreendeu a ambos.

- Sim, pode ajudar-nos! - assegurou.

Olhamo-lo boquiabertos.

- Talvez possa conseguir que nos devolvam os corpos de Katalina e seus filhos - sugeriu.

- Ah! - disse Maidana - Trata-se de um trâmite burocrático. É outra classe de ajuda que vim oferecer. Mas não creiam que vou me esquivar se me pedem um favor.

Observou seu relógio de pulso e acrescentou:

- São 02h15h. Meia hora para fazer isso. Tão logo chegue à delegacia local para saber o que aconteceu com estes corpos e regressarei. Não esqueça o que lhe disse, Doutor! Enquanto isso considere minha oferta.

Capítulo VI

O carro do comissário Maidana subiu a encosta do caminho de saída e duzentos metros depois entrou na rota principal. Duas mulheres gordas que aguardavam pacientemente se aproximaram e me abraçaram, ambas de uma vez: eram as "mães de leite" de Katalina e minha. Ali era muito importante isso de ser "mãe de leite", "filho de leite" ou "irmão de leite"; tudo começava quando a uma boa mãe "se lhe cortavam o leite" para seu bebê, ou não produzia uma quantidade suficiente: então se recorria ao recurso de uma outra mãe, uma mãe mais forte, que houvesse parido seu filho em data aproximada, e se pedia sua ajuda para amamentar ambos os bebês. A mãe de leite, se bem que era a mais forte, era com freqüência a mais pobre, geralmente tratava-se de uma crioula ou índia, talvez já mãe de muitos filhos, que prestava de bom grado sua colaboração. E, claro, era retribuída por tais serviços. Mas a retribuição era uma coisa, geralmente regalos para seus próprios filhos, roupas e alimentos, e outra muito diferente era o amor de mãe. Isso não se podia pagar com nada, e por isso criavam-se laços superiores aos de uma simples transação comercial: "o parentesco de leite". Em efeito, a mãe de leite se convertia naturalmente em comadre da mãe verdadeira e gozava de certa amizade ou preferência em relação às outras mulheres do Vale Calchaqui.

Costumes, costumes centenários, que vinham da época dos espanhóis ou talvez dos índios.

Essas duas mulheres que me abraçavam, uma foi minha "mãe de leite" e outra o foi de Katalina. "Nada tenho - me disse a primeira - nem me pareço com D. Beatriz, mas tudo o que é meu é seu, Arturo, todo o meu amor". Abracei com força aquela crioula que me viu nascer e a beijei em ambas as bochechas. "Obrigado, D. Isabel, muito obrigado". Disse-lhe comovido, enquanto as carpideiras de "La Merced" me faziam coro com seus dolorosos lamentos.

Deixei as comadres persignando-se junto aos ataúdes e retirei-me a um canto separado, em companhia de tio Kurt. Desde que partira o Comissário Maidana, uma sobre-excitação crescente foi se apoderando de mim. Tinha uma idéia, uma idéia surgida da racional conclusão do policial, que desejava comunicar sem demora a tio Kurt. Naturalmente, se eu não queria aceitar as propostas de Maidana, tio Kurt nem sequer as havia escutado. Assim que, as repeti:

- Tio Kurt! Tio Kurt! - sobressaltei - Reflita sobre as palavras do policial: são como um silogismo. Ele afirmou que "os assassinos são humanos; por quê?" "Porque utilizam facas e cassetetes, por dizer, armas materiais", deduziu. Nesse momento neguei de pronto tal possibilidade, mas agora considero pouco menos que uma genial dedução do Comissário Maidana.

- Está louco, Neffe, louco de Pedra! - me desqualificou para opinar tio Kurt. - São imortais! Bera e Birsa são imortais! Nada significa que tenham empregado um punhal: foi necessário para o Ritual de Sacrifício.

- Pelos Deuses, tio Kurt, não me trate como se fosse um imbecil. - defendi-me - Sei que são imortais: ***mas, como disse Belicena Villca na história de Nimrod, só os são enquanto não os matem, "enquanto não se emprega violência física sobre eles". "Estes imortais,*** também***, podem morrer".***

- Está louco! - repetiu mais convicto ainda - Não comprovou à noite o poder do demônio Bera? Nada podemos fazer contra eles. Fez muito bem em desalentar o policial.

- Oh, meu Deus! - jurei - Não, tio Kurt! Não estou louco! Você é quem peca pela obstinação! Mas vai me escutar! E vai me permitir expor a idéia. ***Die prüfen?***

- Sim, sim. - prometeu sem convicção.

- Então, preste atenção. Meu conceito é que existem dois planos irredutíveis, que agora por uma apreciação errônea e subjetiva da realidade, tem-se interferido ou mesclado. Tais planos são: o ***Plano da Realidade do Espírito***; e o ***Plano da Realidade Humana.*** Entre ambos os planos não pode haver relações ou conexões, senão ***sem-razões:*** todo o nexo ou razão é ilusório, não real. Mas existe assim mesmo uma lei, que é ***a razão da sem-razão***, que protege e afirma a absoluta realidade dos planos. E esta lei que sustenta a razão da sem-razão entre tais planos é a única referência para não perder a razão e enlouquecer. Esta lei de cordura exige: ***não transgredir os planos. Não passar ao Plano da Realidade do Espírito entes próprios do plano da realidade humana***; e reciprocamente ***não projetar no Plano da Realidade Humana idéias próprias da realidade do Espírito.*** Neste endemoninhado assunto de Bera e Birsa, meu querido tio Kurt, me parece que se confundiram os planos; que já não sabemos qual o plano ameaçado pelos Imortais. Mas eu te direi, tio Kurt. Direi tão claramente que já não poderá repetir que estou louco, e sim que deverá aceitar que estou demasiadamente certo. É isto: observemos primeiro o Plano da Realidade do Espírito: ali ***a verdade*** é a Origem, o Símbolo da Origem; por essa verdade, por não poder resistir ao peso dessa verdade, por negar ou não suportar a presença dessa verdade, os Imortais se vêem obrigados a manifestar uma forma ***monádica arquetípica,*** como a que você viu em La Brea. A forma de Mônada, a unidade de luz, permite-lhes existir poderosamente ***fora do Plano da Realidade Humana*** e evitar o confronto com a Verdade da Origem, com o Símbolo da Origem; e essa forma poderosa é, com certeza, a mais perigosa que alguém possa imaginar; estou de acordo que tal perigo é também real. Entretanto, vamos agora ao Plano da Realidade Humana: ali ***a verdade*** é o Eu, por dizer, a manifestação psíquica e volitiva do espírito encadeado à matéria. E a mentira, a ilusão do homem, mas também seu motor anímico é ***a dor.*** O Deus criador se nutre de uma força que se chama ***dor humana;*** e o homem produz dor e sofrimento para alimentar o Criador do Grande Engano. O homem comum produz pouca dor porque para padecer a ilusão da dor requer a nobreza ferida do Espírito. Daí que Grandes Homens, Grandes Espíritos encarnados, sejam capazes de gerar Grandes Dores, Grandes Sofrimentos, Grandes Aflições, Grandes Angústias: ***a fome de Deus, de Jehová-Deus, exige o aporte da dor de Grandes Homens: e esses homens capazes do maior sofrimento devem se capazes também de oferecer o maior sacrifício: sua dor deve ser sagrada para Deus, para Jehová-Deus. Para isto se requer os representantes de Jehová-Deus, os sacerdotes de Jehová-Deus, aqueles com poder de consagrar a grande dor, por exemplo, Bera e Birsa.***

Porque será sempre necessário que no Plano da Realidade Humana existam sacerdotes de Deus, que consagrem a Grande dor do Grande homem à unidade de Deus, à Jehová-Deus. Só assim será possível sacrificar o Grande Homem para que sua Grande dor consagrada nutra a unidade do Uno, do Deus Criador Jehová-Deus. Em síntese, tio Kurt, uma coisa são os Imortais enfrentados no Plano da Realidade do

Espírito, onde não tem outra alternativa que manifestar-se monadicamente, como unidade de luz, para evitar a verdade de Origem: tal como ocorreu a Bera contigo, não teve outra alternativa que ***vestir-se com a roupa do Uno***, por dizer, ***com sua mônada de luz.*** Fará objeção dizendo que tal manifestação também ocorreu no Plano da Realidade Humana, mas te replicarei que você é um caso atípico, e você sabe. ***Você é como um homem acidentado, ao que uma não usual ferida deixa exposto um de seus mais íntimos ossos; aqueles que o contemplam quedam profundamente impressionados por perceber uma realidade íntima, que habitualmente escapam de toda a consideração. De modo análogo, quem tem contemplado o Signo de Origem que você exibe involuntariamente, fica profundamente impressionado, pois tem pressentido a descoberta de outra realidade, íntima e alheia.*** Em suma, tio Kurt, sua experiência não tem valor geral, é própria de alguém capaz de exibir no Plano da Realidade do Homem signos de idéias geradas no Mundo do Espírito, própria de um Shivatulku, talvez.. Mas o plano dos seres humanos correntes, como os membros não-Iniciados da Casa de Tharsis, como Mamãe e Katalina e eu, essas coisas ocorrem de acordo com a lei antes citada: ***a dor deve ser consagrada e sacrificada a Jehová-Deus, e para isso fazem falta sacerdotes de carne e osso.*** Daí que em toda a sua carta Belicena Villca sempre descrevia os Imortais como ***Diabólicos Sacerdotes***. Compreendeu, tio Kurt? ***Para o sacrifício da dor tem que se oficiar o Ritual da Morte; e para se oficiar o Ritual da Morte são necessários Sacerdotes sacrificadores!***

- Onde quer chegar? Ou melhor: onde crê que seus argumentos me farão chegar? - perguntou tio Kurt, suspeitando que minhas intenções fossem de o fazer cair em uma armadilha dialética.

- Muito simples: ***minha conclusão é, e creio tê-la demonstrado, que para efetuar assassinatos rituais como os que executaram a pouco, os Imortais devem apresentar-se na forma sacerdotal humana.*** Em uma palavra, opino que o Comissário Maidana está certo: os assassinos de meus pais eram seres humanos, Sacerdotes do Crime que devem utilizar-se de facas e força física para dominar suas vítimas.

- Ainda que pareça loucura, devo admitir que não carece de sentido. Bem, Neffe, suponhamos que seja assim: o que ganharíamos com isso? Onde estaria a diferença nesta situação?

-Ah... - suspirei triunfante - Sua pergunta obedece a regra de que nem remotamente considera a possibilidade de atacar, não?

- ***Atacar???*** Creio que esteja louco! - prejulgou.

- Sim! Atacar aos Demônios! Que se passa, tio? Os trinta e cinco anos de férias forçadas te abrandaram? - burlei – Acaba de aceitar que os demônios, ao obrarem, se transformaram em seres humanos. Então o que nos impede de executá-los, cobrar com suas asquerosas vidas todo o dano que nos causaram?

- Mas como, Arturo, como faríamos isso, onde os acharíamos? - havia deixado tio Kurt visualmente desconsertado, sem saber que argumento opor à minha idéia descabelada - E ainda supondo que pudéssemos fazê-lo, de que serviria? De que serviria à estratégia dos Siddhas? Não concordamos, já, que o melhor seria seguir a pista de Noyo Villca, e atender ao pedido de Belicena Villca?

- Shhh! - solicitei, pondo o dedo indicador em minha boca em sinal de silêncio - ***Calma! Todas estas respostas você mesmo terá, quando conhecer o plano***.

- ***Q...ue plano?*** - interrogou com temo tio Kurt.

- Meu plano. O plano que tenho para atacar os Demônios. Mas não falarei dele até que se conclua o funeral. Logo te explicarei e o discutiremos.

Nada convencido, tio Kurt movia a cabeça com cômica preocupação. Por nos encontrarmos em circunstâncias tão trágicas, ri em bom tom de seus gestos, com os quais pretendia expressar que ele era uma pessoa séria que havia caído nas mãos de um demente.

Capítulo VII

Às 05h30h chegaram dois carros fúnebres que transportavam Katalina e seus filhos. Os três caixões foram imediatamente dispostos junto aos de meus pais, feito que inspirou as carpideiras a renovar com singular maneira patética suas súplicas a Deus. Quinze minutos depois aparecia o Comissário Maidana, autor daquela incrível proeza burocrática.

- Como conseguiu, Comissário? - indaguei.

- Pois não foi tão difícil, considerando que os informes forenses já estavam escritos, ainda que sem assinaturas: a ninguém agrada rubricar um informe desprovido de diagnóstico. Porque isso é o que eles tinham: ***nada.*** Por dizer, que ignoravam do que morreram sua irmã e sobrinhos. Meu único mérito foi convencer aos médicos, que recém chegaram às 05h00h, que tinha uma informação confidencial que o caso seria fechado por ordem superior. Ainda assim tive que despertar um respeitável Juiz para obter uma autorização verbal que permitisse ao Comissário entregar os corpos; estando escritos os informes forenses, não havia nenhum impedimento para terminar o trâmite e o Juiz cedeu recebe-los pela manhã e firmar a autorização. E aqui estão seus desgraçados familiares, Doutor; e sabe com que diagnóstico? ***Parada cardíaca.*** É ridículo, pois estamos todos de acordo que se trata de um múltiplo homicídio, mas estes médicos não conseguiram determinar a causa da morte. Eu, em seu lugar, solicitaria um profundo estudo na Universidade de Salta, mas já que está tão apurado para dar término ao funeral, as coisas devem terminar assim.

- Em efeito, Comissário Maidana, assim terminará para o bem de todos. - assegurei - De qualquer maneira, os assassinos pagarão pelo que fizeram aos meus pais.

- Disso queria falar-te, Siegnagel! - disse Maidana euforicamente, mudando totalmente de atitude.

- Desculpe-me se peco de otimista - escusou-se - mas encanta-me ganhar discussões ou apostas, especialmente quando o rival é uma pessoa respeitável como você: ***isso me enche de orgulho***. - confessou ingenuamente.

- E o que você ganhou? - perguntei perplexo.

- Talvez para o Senhor não seja importante, mas eu antes de ir-me te fiz uma oferta - recordou - E tenho presente, todavia suas insólitas palavras, sugerindo absurdamente que ***"os assassinos não seriam humanos"***. "Se fossem humanos, aceitaria minha ajuda". Você disse.

- Acalme-se Maidana, que não vou desdizê-lo. Em efeito, eu acreditei nisso, mas logo mudei de opinião e estou praticamente de acordo com você, que os assassinos seriam seres humanos, perversos e infames seres humanos.

- Bravo Doutor Siegnagel. Alegra-me que tenha mudado de opinião; agora será mais fácil admitir que eu estivesse certo. Têm surgido elementos novos neste caso, Doutor!

- Que elementos?

- ***Testemunhas, Doutor Siegnagel. Apresentaram-se duas testemunhas que viram perfeitamente os assassinos.*** - informou em tom profissional - Neste momento estão prestando declaração e ministrando a descrição que permitirá reconstruir os rostos dos assassinos. Uma vez confeccionado o retrato, serão distribuídos milhares deles pela

Província e por todo o país, e se iniciará um rastreamento operativo para detectar seus movimentos.

Tio Kurt havia ficado lívido. Eu, ao contrário, avaliava que aquela notícia beneficiava aos meus planos.

- Quem são as testemunhas? - quis saber.

- Só te direi com total reserva, pois o caso encontra-se sob um secreto sumário judicial. Foram os porteiros da Empresa Tabacaleira, que deviam entrar às 00:00h a 300m daqui, e passaram na frente da porteira de entrada quase há essa hora. Como são vizinhos, sempre cumprem o trajeto em companhia, cada um com sua bicicleta. E como todas as madrugadas, a de ontem parecia tranqüila: ***até que ao chegar aqui viram um automóvel.***

- Um automóvel! - gritamos os dois, tio Kurt e eu - Que automóvel?

- Ahaha! - ironizou Maidana - Está vendo como os assassinos são bem humanos? ***Tanto que circularam em um enorme carro importado.***

- Poderia dar-nos mais detalhes? - pedi freneticamente.

- Tenha paciência, Doutor, e te direi tudo o que sei, que não é muito. Às 11:59h, ou 00:00h, aproximadamente, os homens começaram a rodar com suas bicicletas frente a esta fazenda. Logo notaram que mais adiante circulava lentamente um enorme carro negro; ia devagar, como se estivessem buscando determinada casa, e os ciclistas se adiantaram por pura curiosidade. Assim, pois, seguiram em caravana, até que, ao chegar à porteira, o automóvel virou e saiu da rota, estacionando-se na entrada. Então puderam ver bem seus ocupantes: ***eram dois homens de "aspecto oriental",*** vestidos impecavelmente em trajes negros; inclusive um deles desceu para abrir a porteira e foi claramente observado por ambos. As testemunhas estão retidas desde ontem ao meio-dia, só que nada informaram a vocês sobre o andamento das investigações. O importante é que lhes foi passado pelo monitor de um computador um programa etnográfico, e que os porteiros identificaram o segundo personagem como uma espécie de "turco" ou pessoa oriunda do oriente médio. O que diz, Doutor? Não estava tão errado quando sugeri que os assassinos poderiam ser membros do Mossad.

Não, Bera e Birsa não eram membros do Mossad israelense, mas sem dúvida podiam ser os chefes desse sinistro "Serviço de Inteligência" ou "Esquadrão da Morte" judeu: estavam plenamente capacitados para isso. Eram, seguramente, oriundos do oriente médio, onde segundo Belicena foram reis em tempos remotos. Não havia, pois, dúvidas sobre a forma em que os Sacerdotes Supremos de Melquisedec haviam vindo à Cerrillos: como "seres humanos", vestindo indumentária moderna e conduzindo um luxuoso automóvel. Mas não conseguiram reconhecer a marca; nem notaram se tinha placa latente. Por suas declarações, conclui-se que se tratava de um carro muito grande, um Cadillac ou Lincoln, e que por não ser de tipo freqüente em nosso país dificultou a identificação.

Quando Maidana acabou de comunicar-me as informações policiais que obteve, voltou a carregar o seu: pretendia que eu lhe retribuísse com igual lealdade e contasse tudo o que sabia sobre os assassinatos e os misteriosos assassinos. Por suposto, não podia dizer-lha a verdade, verdade incrível por outra parte, e achava-me assim aprisionado em um dilema moral.

Às 07:05h chegou o Comissário de Cerrillos. Vinha saudar-me e cumprir com o pedido de Maidana, que o havia acordado às 03:00h da manhã.

- Oi Arturo! Bom dia Sr. Sanguedolce! Como está, Maidana? - saudou - ignorava que fosse amigo de Arturo. Trouxe o que me pediu, mas já que são amigos, recordem que ainda se mantém tudo em reserva. O juiz está tratando de achar explicação num assunto por demais estranho, e logo pela manhã emitirá ordens que nos permitam atuar. Até então o sumário é secreto.

Entregou um envelope a Maidana, que este se apressou em abrir. Continha os retratos-falados dos assassinos e vários desenhos que representavam as cenas vistas pelas testemunhas.

Os retratos mostravam dois rostos de indubitável aspecto oriental: redondos, bochechas marcadas, olhos rasgados, lábios grossos. Estavam caprichosamente barbeados e careciam, ao que parece, de cabelos. Este último não se podia dizer com certeza ***porque, insolitamente***, ***os criminosos usavam chapéus tipo "cogumelo", muito enfiado na cabeça.***

- Existem coisas que não vão, que não estão de acordo com os padrões gerais da criminologia - comentou o Comissário de Cerrillos com contrariedade - Buscamos dois assassinos ferozes, autores do massacre de uma inofensiva família. Duas testemunhas os vêem, na hora do crime, penetrar na casa. Até aí tudo certo, tudo "normal". Solicitamos então às testemunhas que nos descrevessem os pretensos malfeitores. Concordam; e aí termina a normalidade tipológica: o caso escapa a toda regra geral: nem a casuística criminal, nem os antecedentes, nem a experiência acumulada servem para compreender o fato. No princípio suspeitou-se das testemunhas, mas logo se verificou sua capacidade para testemunhar: são pessoas inatacáveis, que jamais bebem uma gota de álcool, dado que devem exercer um posto de vigilância, e para, o cúmulo, são ex-policiais, por dizer, policiais aposentados, treinados para observarem feitos e acostumados a brindar detalhes. Mas a sua história era por demais incrível. Olhem essa imagem, onde o acompanhante desceu para abrir a porteira e o condutor está sentado ao volante do grande carro negro. O que viram as testemunhas? Não dois criminosos "normais" que vieram furtivamente assassinar uma família, mas dois ***cavalheiros*** elegantemente vestidos, que entram como se estivessem de visita na fazenda dos Siegnagel. Por feito, o juiz os fez examinar por psiquiatra até tarde, mas o informe foi positivo: estão em perfeitas condições mentais. Inclusive se prestaram a um interrogatório sob hipnose, que também obteve resultados positivos: concretamente ***dizem a verdade***; seja o que for que tenham visto, eles crêem no que dizem.

Dei uma olhada de relance ao Comissário Maidana, pois de tudo aquilo se desprendia o mistério conhecido durante o assassinato de Belicena Villca. Mas este não se alterou: evidentemente tinha uma explicação racional para a curiosa acusação dos "agentes do Mossad".

- Olhem isso, Senhores - insistia o comissário de Cerrillos - Pode haver algo mais ridículo que uns assassinos vestidos com trajes negros de três peças, sapatos negros, chapéu "cogumelo" negro, gravata negra e camisa branca? Sim, sei que podem existir assassinos assim: em Honk Kong, em Istambul, em Londres, em Nova Iorque e em mil lugares mais do mundo. Mas aqui em Cerrilos? Tratando-se de outra classe de gente, poderia aceitar-se sua presença na zona: por exemplo, se fossem executivos de uma empresa multinacional que viessem por negócios, a saquear algumas de nossas matérias-

primas. A essa classe de criminosos é possível imaginar sem esforços. Mas no caso que nos ocupa, escapam facilmente do padrão geral dos assassinos de agricultores. O Comissário consultou o relógio e se despediu:

- Já devo ir-me. Até logo, Arturo. Sinto muito por tudo isto. O verei esta tarde no cemitério. Desculpe incomodá-lo, mas foi Maidana que mexeu no vespeiro. Eu não teria te molestado ***até depois do funeral.*** Naturalmente o juiz também deseja falar contigo e não tardará em lhe citar; depois que passe o trágico momento, ***naturalmente.***

As últimas palavras do Comissário de Cerrillos me causaram grande inquietude. O que pretendia a polícia? Assassinaram a minha família e o interrogado seria eu?

- Calma, Doutor, que não é nada, simples rotina. A polícia está sem pistas e quer conhecer sua opinião. O mesmo ocorre com o juiz; por isso se resistia a entregar os corpos. Eu poderia dar muitas hipóteses sobre o que o Comissário não disse e que provavelmente aconteceu: por exemplo, é quase certo que passaram a descrição do carro negro via rádio e não conseguiram averiguar seu paradeiro; nem sequer sabem se abandonou a Província. Isto os desconcerta: é um carro raro e supõe-se que alguém deveria tê-lo visto. ***Mas eles não avançam porque investigam profissionalmente. Você e eu sabemos que, contrariamente ao que afirmam o Comissário e o Juiz, este é em efeito um caso clássico: um caso clássico dentro da inteligência e contra-inteligência internacional.***

Maidana estava convencido de sua teoria e eu teria que dar-lhe uma resposta sem demora.

Capítulo VIII

Oito e meia da manhã encontrava-me na cozinha da fazenda de Cerrillos, tomando café da manhã com tio Kurt e o Comissário Maidana. Recordava com tristeza que naquele ambiente havia visto juntos pela última vez meus pais: imagem posterior de uma realidade que já não se repetiria; como produto da viagem que empreenderiam esta manhã, meus pais jaziam agora na sala ao lado, dentro de seus caixões. A recordação me doía, mas segundo tio Kurt isso era ***a debilidade***: os Iniciados Hiperbóreos, os Cavaleiros **SS**, disse-me em Santa Maria, ***não podiam ter família***; e muito menos amá-la. Isso seria convertê-la em alvo do inimigo, expô-la a uma segura destruição e, o que era pior, seria nosso ***ponto fraco***. Naquela ocasião subestimei suas advertências, mas agora compreendia fatalmente quanta verdade havia em suas palavras; por isso insistiu tanto: ele que conhecia o inimigo sabia, como agora eu sei, que nenhum conselho era suficiente para prevenir-se contra eles. Ele se havia privado durante 35 anos de ver assiduamente sua irmã para protegê-la e seria eu, o filho, a enviá-la aos carrascos. ***Era como para enlouquecer. Mas eu não podia enlouquecer. Sobre a morte de minha família eu tinha certa responsabilidade pela negligência cometida. Mas não devia esquecer que os assassinatos objetivos haviam sido executados pelo inimigo. Estávamos, pois, em uma Guerra. E na estratégia dessa guerra, eu tinha que cumprir minha missão.***

Depois do café da manhã Maidana passaria na Delegacia de Polícia de Salta e logo iria descansar. Havia prometido regressar às 18:00h para o enterro. Sem embargo apurava uma definição no ato de sua oferta de ajuda. Para ele não se podia perder tempo, pois cada minuto que transcorria era vantagem para os assassinos em sua tática de fuga. Agora, sugeriu, se eu não desejava pegar os assassinos materiais, mas desejava golpear os instigadores, então poderíamos falar em outra ocasião menos dramática, pois garantia que seu grupo nacionalista me apoiaria.

Não seria necessário esperar. Eu já havia tomado uma decisão.

- Comissário Maidana, seria tão amável de aguardar meia hora mais e não levar a mal que converse a sós com o Sr. Sanguedolce? - pedi.

- Não há inconvenientes - disse com confiança. Logo, enquanto tio Kurt se dirigia à escada, se aproximou de meu ouvido e acrescentou - Delibere tranqüilo, mas não pense que sou estúpido. Tenho observado atentamente e juro que ele não é italiano. Talvez seja alemão ou de algum país nórdico. Ou talvez seja parente seu ou um desses heróis nazis que os judeus buscam para liquidar. Ou melhor, talvez ele seja o objetivo oculto dos assassinos orientais: um contrato do Mossad, por que não?

Afastei-me sem escutar mais. Estava difícil lidar com Maidana: era inteligente, instruído, tinha intuição, mas insistia na errônea atitude de abraçar todos os feitos com um conceito político superficial. Não devia pensar mais nele, senão no discurso que diria a tio Kurt.

Reunimo-nos em meu quarto, lugar saturado de recordações dolorosas. Tio Kurt se recostou na cama, e eu ocupei uma cadeira. Antes que lograsse emitir a primeira palavra me fez conhecer sua oposição. Mas eu estava preparado para sua reação, pois fazia dias que entendera porque Tarstein o qualificava de ***obstinado.***

- Imagino o que vai me dizer, Neffe. Desde que apareceu o policial Maidana e de ter dado crédito à incrível idéia de "humanidade" de Bera e Birsa, venho temendo ouvir "seu plano". E sabe por quê? Porque o imagino. Mas não se preocupe, escutarei seu plano e o considerarei com minha maior boa vontade. Só quero deixar algo esclarecido de antemão, um princípio do qual não me moverei aconteça o que acontecer: ***os Imortais não podem morrer.***

É óbvio, "os Imortais não podem morrer", e tio Kurt parado obstinadamente sobre este princípio não coincidiria jamais com meu plano. Nem com sua melhor "boa vontade". Mas como antecipei, estava preparado para sua reação e já havia encontrado um modo de que o futuro não dependesse de sua "boa vontade": admirava tio Kurt, mas acreditava que ele fosse muito capaz de aguardar outros 35 anos antes de empreender uma ação. Soltei meu discurso:

- Meu querido tio Kurt: encontramo-nos frente a um dos pontos de vista; e para podermos nos mover, um deles deve prevalecer sobre o outro. Tão pouco nenhum de nós cederá em sua posição; ***e não é conveniente que o façamos***. Você porque, se bem que é obstinado por demais, possui poderes que ninguém tem, e um conhecimento Iniciático que tenho que respeitar. Eu porque, oh, tautologia, posso estar certo ou posso estar equivocado; ninguém sabe, nem você. Por algo fui convocado agora pelos Deuses, por algo recebi a carta de Belicena Villca, por algo sou um Von Subermann, por algo sofro esta dor e o ataque dos demônios contra minha família; por algo serão todas essas coisas, mas não são suficientes por si mesmas para dizer se estou certo ou errado. Você tende a crer que tudo o que me ocorre é por você, mas eu tenho uma idéia diferente de mim mesmo e penso que também existo; e que se existo é por algo: por este algo que não sabemos o que é, mas que talvez seja eu estar certo em meu plano, o que nos faria supor que ademais acertarei ao cumprir o pedido de Belicena Villca, que encontrarei ao seu filho, o Noyo da Espada Sábia. Como saber qual é a verdade? Como sabê-lo se, depois do que aconteceu com minha família e de comprovar que Bera e Birsa reencarnaram para atacar, eu nunca aceitarei que os passos futuros sejam decididos por sua "boa vontade" nem tão pouco decidirei por mim mesmo? Explicarei ***como saberemos***. E perdoa-me se tenho que ser duro contigo, tio Kurt. Você deixou claro seu princípio do qual não se apartará. Mas eu exporei o meu, do qual igualmente não me moverei: ***só aceitarei, e unicamente aceitarei, a vontade dos Deuses!*** Que eles decidam! Logicamente não proponho uma "Prova de Deus", uma Ordália, para averiguar a vontade dos Deuses. Porque se tem algo no qual estou disposto a confiar é sua Honra, a Honra de seu Espírito Eterno. ***E você pode falar com os Deuses por meio da faculdade Scrotra Krâm***. Ainda que esteja seguro que por determinação nunca mais a tenha usado desde que caiu o Terceiro Reich.

Pois bem, fala com os Deuses, com Capitão Kiev, e consulta sobre nosso futuro, pergunta concretamente quais são os passos que devemos dar. Seja qual for a resposta que Eles te ofereçam Eu a aceitarei. Eu a aceitarei de você: ***acreditarei no que você me disser.***

A realidade é que eu confiava que a Honra de tio Kurt o impediria de enganar-me. E se, mesmo assim, o fizesse, o Führer, que foi quem lhe passou o ***Scrotra Krâm,*** se encarregaria dele; mais do que persuadi-lo mediante a eloqüência, com meu discurso esperava meter tio Kurt em uma armadilha dialética que o obrigaria a optar entre levar a cabo o ataque aos Demônios ou trair a estratégia do Führer. Esse meu plano era correto.

Mas se não fosse, e se tio Kurt afirmasse que para o Capitão Kiev não era, ***nunca saberia.*** Logicamente, eu estava tão seguro de que meu plano era bom quanto de que a conversa com o Comissário Maidana me havia transtornado a razão.

No momento, tio Kurt emudeceu. Tirei-o de seu auto-exílio, pois necessitava contar com sua aprovação antes de explicar-lhe o plano. A fim de não falhar, recorri a um golpe de efeito dramático.

- Que diz, tio Kurt? Falará com o Capitão Kiev e receberá sua mensagem? Deseja que te rogue? Não me envergonho em rogar-te: faça-o por mim. Recorda que quando fui a Santa Maria, e por pouco você não me matou com os cães Daivas, você assegurou que se eu tivesse morrido você teria se suicidado. O que pode ser pior que aquilo? O que ocorreu depois, quando os demônios exterminaram nossa estirpe. Sim, tio Kurt, te rogo: ***por uma vez na vida afrouxa um pouco sua obstinação.***

- Aguarda um momento - interrompeu-me - que não é para tanto. Não precisa exagerar. Parece-me justa sua posição e a aceito de bom grado. Usarei novamente do ***Scrotra Krâm***, que certamente nunca me vali desde a Segunda Guerra, e procurarei indagar a Vontade dos Deuses. É só que me custa sequer compreender a utilidade do seu plano: ***os Imortais não podem morrer.*** Mas talvez tenha razão, por sobre tudo, que tenha que realizar sua ***demente*** idéia. Agora, poderia me confirmar os detalhes do que minha intuição já me fez ver, para que não surjam dúvidas sobre o que devo consultar?

Eu o havia convencido! O pássaro estava na gaiola! O cabrito havia caído no laço! Estremeci-me de alegria, mas não fiz um gesto que delatasse meu estado de ânimo, que era comparável ao de Cícero quando convenceu o Senado que Roma devia guerrear com Cartago. Se ele captava meus pensamentos era algo que não podia evitar, mas trataria de não fazer nada que pudesse ofendê-lo. Ainda que ele não perdesse a oportunidade de destacar que meu plano só poderia proceder de um demente.

- Estrategicamente, meu plano se baseia no princípio das realidades que te expliquei antes. Mais claramente afirmo que os Demônios, para atacar-nos, precisaram ***descer*** ao Plano Humano e que isso os tornou vulneráveis ***no dito Plano***. Não é muito, mas o que mais podemos pedir? A Sabedoria Hiperbórea ensina que a natureza do medo é essencialmente animal, vale dizer, anímica, humana, própria da Alma imortal; contrariamente, o Espírito Eterno é puro valor, ***não conhece o medo, que lhe é essencialmente alheio***. Agora bem, Bera e Birsa são duas Almas Imortais altamente evoluídas, ***mas a natureza do medo não lhes é alheia;*** pelo contrário, devem ser capazes de sentir medo e muito. Quando? Quando sejam superados ***pela força***! Isso é porque, com toda sua essência anímica, só entendem uma linguagem: ***a da força.*** Claro, eles são conscientes de sua própria força, e por isso não temem um inimigo que sabem inferior ***em força***, como os Espíritos aprisionados à matéria, como são os homens espirituais. Por isso tem razão em não temer aos homens, se Eles mesmos são super-homens; e está certo que representa loucura tentar atacar Bera e Birsa ***fora do Plano da Realidade Humana***. Mas agora o caso é diferente, porque eles se situaram no Plano da Realidade Humana convertendo-se momentaneamente em seres humanos, oferecendo um ponto débil em sua estratégia: ***agora podemos ataca-los em sua debilidade humana como eles nos atacaram.***

O que ganharíamos se, como você diz, os ***"Imortais não podem morrer"***? Vista a questão assim, como você a soluciona, é dizer ***desde os princípios***, no caso de quitar-

lhes suas vidas humanas só conseguiremos desencarnar suas Almas Imortais. Isto é: nada conseguiríamos. Mas creio que não é assim que devemos responder à questão, pois ao concentrar-nos neste princípio estamos deixando de lado outros princípios, tão importantes quanto este da Imortalidade da Alma, que se os consideramos ***podem brindar-nos com vantagem estratégica relativa***. Concretamente me refiro ao ***princípio do medo***, já exposto, ***e ao efeito avalanche, que dá lugar ao "fenômeno terrorista", por dizer, pânico:*** como profissional dos fenômenos psíquicos, sei muito bem que a sensação de medo cresce seguindo uma curva exponencial, que é inversa à curva volitiva. Em um ponto determinado, ambas as curvas se cruzam e então o medo domina a vontade, ou o que é igual, a vontade se debilita frente à força instintiva, e sobrevém o pânico, durante o qual o anímico cai fora do controle racional, se torna irracional. Minha teoria é a seguinte: normalmente não teríamos força suficiente para atacar as Almas Imortais Bera e Birsa e causar-lhes o medo que as ponha em fuga. Anormalmente, Eles se situaram no Plano da Realidade Humana, encarnaram em seres humanos, converteram-se em Sacerdotes. Sacerdotes diabólicos, mas seres humanos enfim, com sua visão limitada pela razão ***e pelo instinto do medo***. Contra seres humanos, por mais diabólicos que seja, temos armas com que lutar; ***e força suficiente para causar-lhes um grande medo; um medo tal que se transforme em terror; um terror tal que quebre seu orgulho satânico, sua segurança mágica de que não podem ser derrotados por seres humanos, e lhes infunda o pânico; um pânico tal que deixe as almas Bera e Birsa instantaneamente fora de controle: como em uma avalanche, uma pequena força inicial será amplificada em uma grande força final; como em um pânico cósmico, um pequeno medo inicial, humano, será amplificado em um grande terror mortal, ao nível das Almas Imortais.***

Sabe o que é o Tempo, tio Kurt: pura ilusão. A única realidade do Tempo é o Plano do Criador do Tempo, é o princípio e o final do Tempo, que são idênticos. E sabe o que é a segurança para o Mago: a fonte de poder. O Mago não pode duvidar nem uma vez porque se corta seu poder mágico; ***o Mago deve crer sempre que é poderoso, a cada instante mais poderoso: esse é o "orgulho satânico";*** um só instante de dúvida e cairá rasgada tal crença, "quebrado o orgulho satânico", perdida a evolução alcançada por causa da conseqüente queda metafísica. E segundo minha teoria, se conseguirmos infundir este instante de pânico a Bera e Birsa, ***ele equivalerá a sua própria destruição mágica e à sua automática remissão ao princípio do Tempo por causa da perda da evolução instantânea.*** Não sei se duas Almas Imortais como Bera e Birsa conseguem regressar desta situação de total involução. Mas, se temos que aceitar a Sabedoria Hiperbórea***,*** temos de recordar que ela ensina que tanto no Princípio do Tempo como no Final, se encontra o ***Mahapralaya,*** a Não-Manifestação ou Morte Final de todo o anímico. No Princípio do Tempo, Bera e Birsa teriam assim dois caminhos: um, ***não entrar no Tempo e fundir-se no Mahapralaya;*** e dois, ***entrar no Tempo, obrigados a recuperar sua evolução perdida "no" Tempo,*** ou seja, ***manifestando-se monadicamente nos Mundos Elementais e logo evoluindo até a Perfeição Final arquetípica durante eras, alcançando sucessivamente os reinos mineral, animal e humano, em rondas e cadeias planetárias, em manvantaras e kalpas.*** Conclusão de minha teoria: ***jamais poderão atacar-nos novamente!***

Levar à prática esta teoria é possível mediante meu plano, que te explicarei a seguir. É muito simples, e começarei por definir seu objetivo: ***matar os "assassinos***

orientais", por dizer Bera e Birsa, no curso de uma operação comando. Para alcançar este objetivo é preciso cumprir com quatro condições: as nomearei e logo direi como se podem lograr: primeira, dispor de armas contundentes de curto alcance; segunda, localizar os assassinos; terceira, aproximar-nos dEles o suficiente para assegurar-nos dos disparos; e quarta, contar com o fator surpresa. A primeira condição, creio poder cumpri-la com a ajuda do Comissário Maidana, a quem considero desde já, ainda que você não concorde, como um ***enviado dos Deuses***; desde logo, um enviado inconsciente de sua missão.A segunda não requer investigação alguma porque ambos estamos seguros que daqui saíram em direção à chácara de Belicena Villca: será lá onde nós atracaremos; e onde, de todos os modos, devemos ir. Só te peço para ***confirmar*** nossa presunção em sua consulta com o Capitão Kiev.A terceira depende de você, de sua habilidade para controlar e dirigir os cães Daivas. Conto com eles, com que o salto ***svadi-lung*** nos permita aproximar-nos à distância adequada para não errarmos os disparos contra os assassinos. A quarta, naturalmente, depende da terceira e também de você, de como você construir as ordens mentias com Kilkor Svadi que obedecerão aos cães Daivas. É lógico que, se nestas ordens você mencionar, só mencionar, a Bera e Birsa, estes te detectarão como a mim e se colocarão de sobreaviso. O fator surpresa exige, pois, não fazer referência aos cães sobre os nomes de Bera e Birsa. Como nos aproximarmos, então? Tem que descartar a possibilidade de dirigir os cães daivas diretamente à chácara de Belicena Villca, porque corremos o risco de não coincidir com o momento justo, por dizer, ***quando ambos estejam dentro da casa.*** Não devemos esquecer que tal momento ***já passou***, que os assassinos ***já estiveram dentro da chácara,*** e que os cães precisam saltar não só no Espaço mas também no Tempo, retrocedendo até o momento certo. Como faremos então para aproximar-nos com elemento surpresa? Referindo aos cães Daivas sobre ***o automóvel dos assassinos***, ao carro negro ***vazio e situado na chácara***. Isto se pode fazer em vários passos, o primeiro dos quais consiste em fazer com que os cães Daivas identifiquem ***aqui mesmo em Cerrillos*** o rastro do carro negro. Desse modo possuirão ***in abstratus*** a "idéia" ou "nome" do carro negro a priori da ordem final. E a ordem final será uma construção matemática precisa que implante a idéia, o nome codificado, do carro negro no contexto da chácara. Tem que pensar em solucionar o problema, tio Kurt! Mas estou seguro que não haverá dificuldades intransponíveis, pois o Yantra é por demais versátil para construir todo o tipo de ordem, ainda as mais complexas.

Capítulo IX

Tio Kurt solicitou ficar só em meu quarto. Consultaria o Capitão Kiev de imediato com sua Scrotra Krâm sobre a conveniência de realizar ou não meu ***demente*** plano. Eu o teria convencimento de que se minha teoria fosse correta meu plano seria aprovado pelos Deuses, mesmo que contrariasse a tio Kurt. Por outra parte o próprio tio Kurt parecia ter deposto em alguma medida sua atitude negativa. Quando concluí o discurso só sorriu pela primeira vez em dois dias e disse:

- Estava equivocado, Neffe. Você não só se parece comigo, como estimei em Santa Maria. Você se assemelha assim mesmo com Konrad Tarstein, e me recordei disto agora, proporcionando-me, como você está fazendo, uma de suas ***dementes*** missões. Então, à escuta-lo, como hoje a você, me assaltava a convicção que havia caído nas mãos de um louco. Mas depois tudo saía de acordo com os planos e eu tinha que render-me ante quem "tinha melhor visão estratégica do que Eu". Realmente, e porque você o merece, desejo que hoje ocorra o mesmo e que você esteja certo. ***Por mim, eu sempre perceberei que a estes planos falta algo, que estão incompletos, que não podem dar bons resultados.*** E se chegam a um final feliz, ***sempre me assaltará a impressão de que o êxito não dependia do plano, de sua maior ou menor perfeição, tanto como da intervenção Divina, do milagre que nos salvará no último momento.***

Enfim, este era meu tio Kurt, e nada poderia mudá-lo. Retirei-me ao quarto adjacente, ao da defunta Katalina, enquanto ele se comunicava com os Deuses Leais ao Espírito do Homem.

Havia transcorrido não mais de sete ou oito minutos mas eu estava dormindo profundamente quando entrou tio Kurt. Talvez porque acumulava muito cansaço, talvez para não pensar em Katalina, que horas antes ocupava aquela habitação com seus filhos até que sentiu que seu sangue transformava-se em fogo; o certo foi que apenas apoiei a cabeça em uma almofada e comecei a sonhar. Era um sonho simbólico, estranho, mas muito sugestivo: encontrava-me sem saber como, em um edifício de muitos andares, comunicados entre si por inúmeras escadas. Eu estava na busca de algo e subia e descia as escadas sem saber seu paradeiro; de pronto, ao subir por umas arquibancadas de Pedra verde, cheguei a uma plataforma quadrada sem saída; estava a empreender o regresso quando percebi um sutil movimento em uma das paredes que rodeavam a plataforma: virei-me e ao observar com atenção percebi que aquela parede era na verdade um espelho; no princípio o espelho refletiu a mim mesmo, meu aspecto exterior, e por isso o que ocorreu na seqüência me tomou completamente desprevenido: paralisado de terror descobri que uma enorme e espantosa aranha negra me observava com igual atenção; em seguida adivinhei que ***essa aranha era eu mesmo, ou algo de mim mesmo que se refletia afora***. Vencendo a apreensão que me embargava, estiquei timidamente uma mão até o espelho, no tempo que a aranha adiantava sua pata dianteira esquerda até essa direção; sobre a superfície espelhada, nos tocamos; então a aranha se eriçou, como que decidida a picar, e em meio de meu horror, saltou adiante, saiu do espelho e caiu sobre mim, dentro de mim, fundindo-se com o Fundo de Mim Mesmo; a terrível experiência me obrigou a fechar os olhos, mas logo os abri de novo, ainda paralisado, e vi novamente o espelho; mas já não refletia a aranha e sim uma maravilhosa

e bela Espada; neste instante a reconheci: tratava-se da Espada Sábia da Casa de Tharsis, inconfundível com seus dois galos no punho da espada, sua Pedra de Vênus, sua empunhadura de marfim espiralado de Barbo Unicórnio e a legenda "Honor et Mortis"; estava como que animada, provida de uma vida que se somava furtivamente detrás da forma simbólica; uma vez mais levei minha mão até o espelho, notando assombrado que agora podia atravessar a superfície; cheguei até a espada com a intenção de pegá-la, mas ao tocá-la, esta se transformou surpreendentemente e também saltou até mim, entrou em mim e se transladou ao profundo de mim mesmo; mas desta vez não foi uma aranha senão uma Dama, a mais bela que jamais tenha concebido, só comparada com a Pureza não criada da Virgem de Agartha, a que ***regressou em Mim Mesmo***, e a que só vi furtivamente, tal qual ela permitia que se percebesse Sua Vida Eterna sob a Vestimenta simbólica, Vrúnica, da Espada Sábia. Nesse instante nupcial, ao vê-la pela primeira e última vez na vida, gritei sem saber por quê: "te reencontrei"! E Ela me beijou ao passar, perdendo-se na Negrura Infinita de Mim Mesmo, e deixando-me sumido num êxtase indescritível, mais gelado que nunca, mais duro que nunca, mais completo que nunca: ***Pedra de Gelo, Homem de Pedra, Mulher Kâlibur, espada Sábia, Kali! Oh, Kali!*** Oh, Kali! Murmurava, ao entrar tio Kurt e transportar-me à amarga realidade do funeral de Cerrillos. Custou-me recobrar a lucidez, depois desse sonho tão vívido, e como entre sonhos, escutei ao tio Kurt repetir a mensagem do Capitão Kiev. Logo não o fez sem fazer ouvir seu protesto pessoal.

- Falei com o Capitão Kiev, Neffe! Como fazia a 35 ou 40 anos! E você tinha razão: ***é conveniente executar seu plano, estrategicamente conveniente!*** O que não significa necessariamente que o plano seja bom. Assim, não se alegre por demais, porque o Senhor de Vênus me fez uma advertência, ***ambígua, como todas as advertências dos Deuses.*** Mas antes de referir-me a ela, te direi que nada mudou depois de tantos anos, que para mim ***tudo permanece igual, por dizer, na neblina mais densa***; e estou farto desta vida na qual eu tenho o poder mas, ao não compreender meu poder, ao não abraçar o Símbolo da Origem que Sou, não consigo inserir-me racionalmente na Estratégia, na Grande Estratégia dos Siddhas Leais e do Führer. Outra vez se repetiu a história; ao comentar ao Capitão Kiev que Eu não tinha fé na efetividade desse plano, e menos ainda da advertência que me havia transmitido, ***me disse textualmente "que eu não compreendia a situação".*** Você se dá conta, Neffe? - perguntou com uma aflição que a mim resultou cômica - ***Os Deuses confirmaram o diagnóstico de Tarstein, Von Grossen, dos Kâulikas e tantos outros!*** Eu não compreendo a situação, ***nenhuma situação***, ao que parece! Isso eu sei e me enche de pesar; mas para eles parece não importar coisa alguma meu pesar. A Eles basta e sobra que os brinde com meu poder para realizar seus planos ***dementes,*** ainda que eu não os compreenda. E o Capitão Kiev participa desta atitude: ***minha função não é compreender e sim atuar, cumprir as ordens ao pé da letra***. Para compreender a Estratégia estão os homens como Tarstein e você, os êmulos de Nimrod, o Rei Cassita, os loucos que planejam e conseguem prosseguir a guerra no Céu, e tomar o Céu de assalto. Claro que com a nossa colaboração indispensável, os poderosos que ignoramos como aplicar o poder, porque "não compreendemos a situação", mas devemos empregar todo o nosso poder para salvar a pele dos Sábios.

E assim continuou protestando por um bom tempo, enquanto eu o atendia com paciência. Finalmente se referiu ao que nos interessava com urgência.

- Em resumo, Neffe, pela falta de maior compreensão, vou me ater ao princípio que para mim é mais claro: ***os imortais não podem morrer***. E aqui vai a advertência do Capitão Kiev. No geral, aprovou o que propomos fazer, mas me disse essas enigmáticas palavras: "***ao finalizar a operação logo verão o que não contemplaram no princípio, porque se o houvessem visto no princípio, os impediria de finalizar a operação".*** Diga-me você, em quem os Deuses confiam, o que quis dizer com tão ambígua advertência.

- Querido tio Kurt, tenho que ser tão sincero quanto você: não sei com certeza, mas presumo que está nos avisando sobre ***uma falha*** no plano; sobre algo, um detalhe importante, ***que tenha passado despercebido e que, se considera-lo, talvez me faça desistir de seguir adiante.*** Mas ainda assim nos aconselha a atuar e isso nós faremos. Mas não deixarei de voltar ao assunto. Meditarei mil e uma vezes sobre o plano para tratar de descobrir o que está oculto à minha visão estratégia: não gostaria de receber uma surpresa no final; e não me arriscaria por nada nesse mundo se não estivesse convencido que vamos ganhar. A surpresa, tio Kurt, a devem receber os assassinos! Nós temos que dominar todas as variáveis do ataque para evitar que sejamos surpreendidos! E juro que não deixarei de considerar nenhum elemento até que haja adquirido a máxima segurança na operação!

Quarenta e cinco minutos depois de haver subido, regressamos junto ao Comissário Maidana: achava-se placidamente dormindo no sofá onde o havíamos deixamos sentado. Tio Kurt me perguntou, ao descer as escadas, sobre a tática que adotaria para obter a ajuda particular que necessitávamos dele.

- Já pensou no que dirá? Não irá dar-lhe os detalhes da operação, dará? - saturou-me com suas dúvidas - Olhe, Neffe: Eu não confio nele, nem em nenhuma pessoa como ele. Padecem de grande confusão ideológica e não podem ser verdadeiros Camaradas: hoje estão contigo e amanhã não sabem a quem respondem.

- Calma, tio Kurt, calma! - tranqüilizei-o - Não deprecie assim quem representa nosso único apoio. Aqui, na Argentina, ele é o melhor que há. Já não estamos mais no Terceiro Reich. Já passou! O Führer ***não está mais a vista para despertar a lealdade sem limites que você sente***. Ao Führer só nós vemos, os Iniciados! Não podemos exigir deles que se comportem como Cavaleiros ***SS*** se estão obrigados a viver no mundo da pré-Sinarquia Universal: recorda que você mesmo preferia morrer que viver neste mundo. Seja, pois, um pouco tolerante; e não se preocupe, ***pois só direi o que ele deseja ouvir.*** Compreende, tio Kurt, que não devo mentir; mas tão pouco posso dizer-lhe ***toda a verdade***. Revelarei, portanto, ***parte da verdade; aquela que ele anseia conhecer e que a nós interessa que ele conheça***.

Despertei a Maidana, com uma xícara de café na mão. Desculpou-se por sua falta de controle e se recompôs num instante. Bebia o café como água e em questão de minutos consumiu três xícaras, enquanto escutava minha proposta.

- Falarei como Camarada Nacionalista, Comissário Maidana - esclareci - Coincidimos, eu e meu amigo, que efetivamente o senhor pode facilitar-nos o tipo de ajuda que necessitamos. Logicamente, para chegar a um acordo, terei que por algumas cartas sobre a mesa, assim, pois, começarei pelo assassinato de Belicena Villca. Antes de tudo, assinalarei o motivo do crime: ***seu filho Noyo Villca.*** Os assassinos procuravam

estabelecer o paradeiro de Noyo Villca. Por quê? Porque o jovem era um agente da Inteligência infiltrado nas organizações subversivas.

- Sabia que havia algo concreto nisto tudo - exclamou triunfante Maidana - Atrás de tanta loucura e difusão de pistas falsas, tinha que haver um motivo específico que se buscasse ocultar.

- Em efeito - confirmei - E sabe você pra quem trabalhava Noyo Villca? Pois nada menos que para o Exército Argentino. Mais ainda: ele era um oficial do Exército, um Capitão G2.

- Mãe de Deus! - invocou - E por que esses dados não vinculavam no expediente policial de Belicena Villca?

- Porque uma poderosa organização sinárquica, que funciona em todos os níveis do Exército, se ocupou de ocultar a informação. Não esqueça que foi o Exército que a internou no manicômio. À dita organização integrada ***não só por judeus***, pertencem os assassinos de Belicena Villca e da minha família. O que você deve conhecer, que te permitirá descobrir o nexo entre ambos os crimes, é que Noyo Villca encontra-se foragido devido a que a sinarquia deseja matá-lo para evitar que ***ponha em prática seu saber ultraconfidencial***. E que a mim, sua mãe antes de morrer, ministrou as chaves para achá-lo.

- Agora tudo se esclarece! - acreditou Maidana - O saúdo, Doutor Siegnagel! O senhor é um grande homem. Jogou-se só à causa nacional e os assassinos internacionais o fizeram pagar caro! Fez bem em confiar em mim. A partir deste momento poderemos trabalhar juntos contra esta organização e ajudar também a Noyo Villca.

- Não se adiante, Maidana, não é assim que eu vejo as coisas - detive-o - O favor que vamos pedir não consiste em seu apoio ou de seu grupo, sim em outra coisa. Neste sentido, e ***neste momento***, você ficará fora de nossa ação: essa será a base do trato, sem discussão. ***Aceita-o ou deixa-o***. Minha proposta é a seguinte: Noyo Villca pertencia a uma organização nacionalista ultra secreta do Exército. Eu conheço seu contato e estou disposto a revelá-lo, com o qual seu grupo e o deles poderão combinar para trabalharem juntos. Desse modo você não ficará fora do caso. Mas sim, e pelo momento, te repito, deverá deixar-nos trabalhar sozinhos contra os assassinos.

- O que quer dizer com ***"pelo momento"***? - quis saber Maidana, que não era tolo.

- Quero dizer que a restrição que te imponho é provisória, motivada pela presunção que teremos maior possibilidade de êxito se operarmos sozinhos. Mas que confiamos em você, demonstrarei com o contato que vou te passar. E ademais te darei ***minha palavra de honra que se nossa ação fracassar, e tivermos outra oportunidade, recorreremos sem vacilar a você***.

- Em princípio aceito - concedeu Maidana - Quem é o contato?

- Antes deve assegurar-me que cumprirá com o favor que solicitaremos - me preveni.

- Bom, pois me diga de uma vez de que se trata - exigiu irritado.

- Armas, comissário Maidana. Necessitamos ao menos duas armas o mais rápido possível.

- Que tipo de armas? Perguntou vacilando, e acrescentou - Não sei por que não deixa isso em mãos profissionais, Doutor. O senhor está atuando fora de sua especialidade; é como se eu me dedicasse agora a realizar curas psiquiátricas.

- Já te disse, Maidana, quais são os termos do trato: ***aceita-o ou deixa-o***.

- Não tenho alternativa, Siegnagel. Claro que posso arrumar armas. Temos todos os tipos de armas. Diga-me somente que maldito tipo de armas quer.

- Necessitamos de um tipo de arma que seja muito eficaz de perto, que destroce o corpo. Duas escopetas de repetição seriam o ideal - sugeri.

- Posso entregar duas Itakas essa mesma tarde. Que mais?

- Pois, munição para as escopetas e... é possível conseguir também armas de mão? - dava-me conta que carecia de treinamento militar como que para solicitar as coisas com clareza. Tio Kurt, que era especialista no tema, permanecia calado para não chamar atenção sobre seus conhecimentos.

- Armas de mão? Há centenas de armas de mão à sua disposição; mas, se me permite intervir com minha experiência nesse assunto, me parece melhor que me explique o que pensa fazer e deixe que eu me ocupe do equipamento.

Não podia, por suposto, explicar-lhe o plano. Mas sim mostrar-lhe alguns detalhes gerais.

- Trata-se de um comando operativo contra os assassinos.

- Que classe de operação?

- Uma emboscada - defini.

- Então não necessitam de qualquer arma de punho e sim de pistolas automáticas. E também devem levar granadas de fragmentação. Olhe, Siegnagel, te prepararei dois equipamentos SWAT, adequados para uma operação desse tipo. Onde vão operar, podem levar um colete de combate?

- Sim... creio que sim - com o canto do olho vi que tio Kurt assentia - Que importância tem?

- É que os coletes que vou te arrumar tem todos os bolsos, ganchos e argolas que são necessários - explicou - Levarão as pistolas automáticas, são muito pequenas apesar de disparar mil balas por minuto em um coldre auxilar, e recorrerão a elas só em caso de necessidade, posto que portarão as Itakas nas mãos. As Itakas podem ser usadas com correia para o ombro ou cartucheira de perna, mas para o caso sugiro a correia. Tem a capacidade para 8 cartuchos, o que lhes confere um poder de fogo infernal. Com uma só carga devem efetivar a emboscada, mas se devem manter um tiroteio, encontrarão mais cartuchos no colete. Igualmente nos outros bolsos estarão os carregadores de reposição para as pistolas automáticas e no cinto as dez granadas de fragmentação. Por via das dúvidas, como podem se ver obrigados a demolir algo, duas cargas explosivas com detonador eletrônico cada uma, que irão igualmente sujeitos no colete. O equipamento se completará com duas facas de caça, cuja bainha está costurada na parte interior da jaqueta.

De acordo, Doutor Siegnagel?

- Quando poderá entregar-me tal equipamento? - perguntei admirado.

- Nessa mesma tarde. Agora me dê o nome do contato.

- Capitão Diego Fernandes. Em 1978 estava em Tucumán. Ele não me conhece e seguramente não sabe o que houve com Belicena Villca há três meses. Não se negará a falar contigo quando souber que estamos tratando de proteger seu Camarada.

Capítulo X

Às 18:00h realizou-se o penoso enterro. Os Siegnagel possuíam um amplo mausoléu no cemitério e ali seriam depositados os cinco caixões. A cremação não seria bem vista pelos padres do povoado. Primeiro a caravana fúnebre passou pela igreja, segundo o costume, e ali se oficiou uma missa "pelo eterno descanso de suas almas", fórmula Golen, ainda de rigor. O velho padre, amigo de meus pais, tentou consolar-me pela imensa perda sofrida e insinuou veladamente que meu afastamento da Igreja poderia estar conectado com a desgraça atual. Prometi regressar às missas dominicais, como quando era menino, e confessar e comungar, até que o bom homem ficou satisfeito.

Uma grande multidão, entre curiosa e triste, reuniu-se no cemitério para despedir-se dos restos mortais. Ali estiveram, pontualmente, Maidana e o Comissário de Cerrillos. Este último me entregou a previsível citação.

- Lamento te molestar nestes momentos, Arturo, mas saberá compreender que temos um dever a cumprir. Amanhã pode vir prestar declaração na Delegacia. Será às 11:00h te estará esperando o juiz, que também deseja te interrogar.

Prometi cumprir com exatidão e o Comissário retirou-se satisfeito. Logo do final, o padre também se retirou e atrás se dispersou o povo, não sem antes repetir seus pêsames. Quando fechei o mausoléu, só sobramos tio Kurt, Maidana e Eu. Reencontramo-nos na fazenda. Com extrema cautela, Maidana trouxe quatro bolsas de nylon que continham o equipamento SWAT. Fez-nos mil recomendações sobre a prudência que deveríamos ter para manejar aquele material e alguns esclarecimentos de ordem prática. Estava todo o prometido e mais ainda: adicionou calças, camisas e boinas, enfim, toda a indumentária de comando, manchada com tons aptos para a camuflagem de morro.

- Cumpri minha parte do trato - afirmou - E desejo a vocês sorte na operação. Por ter me dedicado a conseguir isto em tão pouco tempo não pude descansar, assim já me vou, pois não me agüento em pé. Ah, investiguei sobre o oficial Diego Fernandes. Está em atividade. Agora é Major G2 e está no Batalhão de Inteligência 702 em Buenos Aires. Amanhã ou depois irei pessoalmente falar com ele.

- Bem, adeus camaradas! - despediu-se solenemente - Ah, outra coisa da qual já me esquecia! Quando voltar, Doutor Siegnagel, pode me esclarecer aqueles pontos obscuros do caso de Belicena Villca, esses feitos irracionais que travaram toda a investigação? Refiro-me ao assassinato dentro da cela hermeticamente fechada e à corda usada no estrangulamento. Sei que existem crimes Rituais, e que quem os pratica são justamente membros de organizações sinárquicas. Mas que importância tinha dar forma Ritual à morte de uma pobre alienada ou ao múltiplo assassinato de sua família? É o que ainda não entendi.

Olhei-o desalentado. Como explicar que os Rituais que os rituais só seriam efetivos se quem os realizasse fossem magos da qualidade de Bera e Birsa? Deve ter lido a decepção em meu semblante porque levantou os braços em expressão de ***"pare"*** e retrocedeu sorrindo até o carro.

- Agora não, agora não, Doutor. Você está tão cansado quanto eu e não convém continuar com as hipóteses sem dormir o quanto antes. ***Quando voltar***, te disse. Verá que então achará a maneira de me explicar.

Foi-se de imediato, e nunca mais voltei a vê-lo.

Essa noite um silêncio sepulcral desceu sobre a fazenda. Tio Kurt se entreteve durante uma hora em analisar as armas, enquanto eu utilizava esse tempo para enterrar Canuto. Meu fiel cão havia recebido uma espécie de raio no meio do corpo, talvez um golpe do Dordje e estava convertido em um farrapo: nunca mais me esperaria na porteira para brindar-me com seu afeto, durante esses duzentos metros até a casa que correspondiam só a ele. E nunca mais voltaria a ver meus pais, minha irmã e seus filhos, no final do caminho. Malditos demônios de Bera e Birsa! Malditos Sacerdotes do "Uno", Jehová-Satanás! Malditos Sacrificadores Sagrados! Cedo, muito cedo nos veríamos cara a cara novamente e seriam justiçados. Não "Bera e Birsa", pois como repetia tio Kurt, "os Imortais não podem morrer", mas sim os assassinos orientais de minha família, a manifestação humana de Bera e Birsa. Eles conheceriam minha fúria, a de tio Kurt, e a de todos os integrantes da Casa de Tharsis que eles assassinaram, atormentaram e perseguiram, e que agora pareciam vir em minha ajuda e alentar-me. Porque se havia tido força de vontade para impor-me a tio Kurt e forçá-lo a aceitar meu plano era certamente por isso: porque tinha certeza que eliminar os assassinos orientais era uma questão de Honra; por sobre todas as coisas; e sentia que nessa jornada me acompanhava espiritualmente a Casa de Tharsis. Via claramente à Belicena Villca, e escutava que me falava, que se referia às últimas palavras de sua carta e me dizia: "Sim, Doutor. Siegnagel, é uma questão de honra acabar com Bera e Birsa! Eles cometeram um erro e você deve aproveitar; a Casa de Tharsis o acompanha em sua decisão. Agora demonstrará que é um Kshatriya. E depois, muito breve, voltaremos a nos ver durante a Batalha Final, ou no Valhalla."

O Espírito de Belicena Villca nos guiava; estava seguro disso; talvez fosse Ela quem trouxera tão oportunamente o Comissário Maidana à Cerrillos. Terminei de sepultar Canuto ao pé de minha árvore favorita e voltei para casa.

Tio Kurt havia se retirado ao quarto superior levando consigo a totalidade do equipamento. Eu bebi o enésimo café do dia e fui apagando as luzes até chegar ao meu quarto, por dizer, ao quarto que pertencia a Katalina, e submergi rapidamente na reparadora indiferença do sono.

Capítulo XI

Em 6 de janeiro de 1980 foi assassinada Belicena Villca.

Em 21 de janeiro de 1980 experimentei o rapto espiritual da Virgem de Agartha.

Em 28 de janeiro de 1980 descobri que tinha um tio, Kurt Von Subermann, e parti para Santa Maria.

Em 21 de março de 1980 concluiu tio Kurt o relato de sua vida, e nesta noite fui detectado pelo Demônio Bera.

Em 22 de março de 1980, às 00:15h, os Demônios tentaram exterminar toda a Estirpe dos Von Subermann. Como resultado, morreram todos os membros de minha família, exceto tio Kurt e Eu.

Em 22 de março, às 08:00h, chegamos à Cerrillos e comprovamos um quíntuplo homicídio, segundo a versão policial.

Em 23 de março, veio trazer-me seus pêsames e proteção armada o Comissário Maidana.

Em 23 de março, às 05:45h, o Comissário Maidana informa-nos sobre a existência dos "assassinos orientais" e seu estranho veículo.

Em 23 de março, às 07:05h, o Comissário de Cerrillos mostrou-nos os retratos-falados dos assassinos orientais. Há essa hora já havia concebido meu plano até os últimos detalhes.

' Em 23 de março, às 08:45h, convenço tio Kurt que participe de meu plano ao Capitão Kiev.

Em 23 de março, às 13:30, fechamos o trato com o Comissário Maidana: nos prestará ajuda material a fim de permanecer no caso.

Em 23 de março, às 20h, o Comissário Maidana retira-se de Cerrillos, depois de nos entregar todos os equipamentos de comando. Não voltaria a vê-lo.

Em 23 de março às 23 h, parei para dormir pela primeira vez desde a nefasta noite do dia 21.

Em 24 de março, às 11:00h, apresentei-me na Delegacia de Cerrillos e efetuei minha declaração. Não era muito que eu sabia sobre os assassinatos, e disto eles não duvidavam, pois haviam verificado meu álibi: para isso enviaram dois policiais que fizeram o caminho inverso até Santa Maria, recolheram testemunhos sobre nossa viajem de 00:30h até 08:00h, indagaram à operadora telefônica, que conhecia minha voz por chamar frequentemente à Cerrillos, e interrogaram a José Tolaba e sua esposa, os caseiros de tio Kurt. Não, sobre minha ausência na cena do crime eles não duvidavam, nem tão pouco suspeitavam de tio Kurt; ***o que presumiam, tanto a polícia quanto o juiz, é que eu conhecia o motivo do crime, ao que haviam descartado como delito comum.*** Podia tratar-se de um erro? Havia um fim político desconhecido? O que eu fazia? Quais eram minhas idéias e atividades? Por que havia me separado da Igreja? Meus pais haviam recebido ameaças anteriormente? Houve extorsão?

Assim, crivando-me com perguntas semelhantes, detiveram-me até às 05:00h da tarde e prometeram voltar a citar-me.

Em 24 de março às 10:00h, enquanto preparava-me para ir à Delegacia, tio Kurt começou a trabalhar com Yin e Yang. Ao regressar, à tarde, os cães daivas já haviam conseguido separar o rastro do carro negro; tio Kurt o designou com uma palavra chave

e, afirmando-a mentalmente, demonstrou-me de eficaz maneira, como os cães daivas se dirigiam diretamente ao lugar onde estava estacionado.

Em 25 de março dedicou tio Kurt integralmente a construir a ordem com o Kilkor Svadi; toda a operação dependia da precisão dessa ordem e resultava compreensível sua meticulosidade. Só empregou umas horas a coordenar comigo os movimentos que faríamos frente aos nossos inimigos. Por exemplo, combinamos que ele dispararia primeiro e sempre ficaria na esquerda; portanto eu deveria cobrir a direita.

Em 25 de março dediquei-me integralmente a deixar preparado o funcionamento da fazenda.

Uns vizinhos, mediante participação no produto da colheita, concordaram com gosto a ocupar-se das vinha e das futuras vendas; não seria tarefa difícil, pois papai tinha os mecanismos produtivos devidamente ajustados e todo o trabalho se reduziria a administrar os campos e supervisionar os operários. Firmamos um contrato improvisado no que incluí uma cláusula completamente fora do comum: se comprometiam a fazer limpar o lugar ***e a injetar os 20.000 litros de alcatrão em um dos poços da fazenda, seco há anos e cuja boca estava ainda aberta com um depósito***. Fiz isso porque não podia correr riscos de que o breu fosse vendido ou aproveitado energeticamente; ***não esqueci nem por um instante que aquele lago de asfalto constituía uma síntese orgânica de nosso sangue, que representava o sangue da Estirpe Von Subermann.***

Em 25 de março às 18:00h, finalmente adquiri o único elemento que tio Kurt solicitou para completar o equipamento tático: uma garrafa de teflon, com rosca hermética, cheia com 5 litros de ácido sulfúrico.

Em 26 de março de 1980 estávamos preparados para iniciar a operação.

Capítulo XII

Poderíamos ter atuado esta mesma manhã, mais tio Kurt preferiu aguardar até o anoitecer e empregar o dia para repassar até o último detalhe da "Operação Bumerangue". A havíamos batizado desse modo, um pouco em burla e um pouco sério, considerando que, analogamente àquelas armas australianas, os golpes de Bera e Birsa retornariam contra quem os lançaram.

Às 19:00h o equipamento já estava carregado e nós estávamos prontos para partir. Às 19:30h saímos de casa, pois o anoitecer impedia que alguém se assombrasse ao ver-nos vestindo fardas militares. Deitados na varanda, os cães eram a imagem da tranqüilidade canina. Nós também conservávamos a calma. E já não pensávamos em nada. Conhecíamos todos os detalhes do que tínhamos que fazer e nossa única preocupação era atuar o quanto antes.

Tio Kurt tomou as guias dos cães daivas e os pôs em alerta. Ambos pararam bruscamente e, movendo-se com prodigiosa sincronia, retesaram seus músculos e moveram as cabeças acima, como que farejando no ar um rastro inconcebível.

Eu permanecia atrás de tio Kurt; levava na coluna, presa com cordas, a garrafa de ácido, e pendurada no ombro, pronta para disparar, a impecável Itaka.

Ao fim decidimos vestir-nos com o uniforme de comando por ser infinitamente melhor para a ação, ainda que logo representasse um problema se fôssemos vistos por outras pessoas. Mas o que importava esse risco frente à possibilidade de suprimir os assassinos orientais? Se a sorte das armas nos resultaria adversa, não havia retorno; e se triunfássemos, logo acharíamos um modo de obter outras roupas. Ao acaso os assassinos não iam também disfarçados, sem se importar nem um pouco com o que opinassem as testemunhas? Tinha, pois, as duas mãos livres, com o propósito de cumprir com as intenções de tio Kurt: - ***"Deve me tomar pela cintura apenas quando começar a elevar-me". "E quando estivermos no espaço, recorda que tem que por sua atenção o tempo todo em mim. Nem por um segundo pode se distrair, pois correrá o risco de separar-se de mim e perder-se em algum dos inumeráveis mundos da Ilusão que atravessaremos". "Uma vez saídos do contexto habitual de nossa vida, o único modo de que ambos continuemos juntos, coincidindo no Tempo e no Espaço, é manter entre nós um nexo volitivo: e isso é o que fará ao manter-me sob contato visual e tátil".***

Parecia que já partiríamos, e me preparei para pega-lo pela cintura ao seu menor movimento, mas se voltou novamente para fazer recomendações. A escopeta está na bandoleira? Apenas com os pés no chão da chácara deve soltar-me e pegar a arma!

- Sim, tio, sim.

- Neffe Arturo? - chamou-me em outro tom, extremamente afetivo.

- Sim, tio Kurt.

- Talvez seja a última vez que nos vejamos. Não quero ser pessimista, mas por vias das dúvidas, despedimo-nos aqui.

- Não, nãããooo! - exclamei horrorizado, tratando de expulsar os pensamentos negativos. Depois do que aconteceu à minha família, não podia pensar sem encher-me de temos na possibilidade de perder também o tio Kurt - Nada de mal nos acontecerá: o

triunfo é certo! Seremos como o bumerangue que volta às mãos de quem o jogou, devolve o golpe e se detém!

Mas de nada valeram meus argumentos. Tio Kurt se voltou completamente e abraçou-me efusivamente.

- Adeus, Neffe! - disse com nostalgia - A vida não nos deu oportunidade de nos conhecermos melhor. Não obstante, foi muito bom ter você em Santa Maria esses meses. Devolveu-me a fé na Sabedoria Hiperbórea ao trazer as respostas que aguardei por 35 anos. Agora arriscarei minhas últimas forças na mais ***demente*** missão que já me pagaram! E isso também é necessário para a Estratégia do Führer; como sempre, não compreendo porque, mas sei que é assim. Adeus, Neffe Arturo, nos veremos no final, ***ao final da Operação Bumerangue ou quando aconteça a Batalha Final.***
Fiquei com um nó na garganta. Não tive coragem para dizer-lhe adeus. Só o abracei com força.

Entretanto tio Kurt seguia sendo o mesmo cabeça-dura de sempre.

- Partamos, pois - propôs - Recorde somente que, aconteça o que acontecer, não me separarei do único princípio que compreendo.

- Sim, já sei, tio Kurt! Por Wothan, não me repita mais! ***"Os imortais não podem morrer".***

Seriam 19:45h do dia 26 de março de 1980 e já havia escurecido bastante em Cerrillos. Tio Kurt deu a primeira ordem a Yin e Yang e instantaneamente começou a produzir-se o fenômeno: levitaram-se lentamente para cima os cães daivas e tio Kurt, que parecia dispor de um efetivo ponto de apoio debaixo de seus pés. Tal ponto de apoio a mim não alcançava, e por isso me apressei em tomar sua cintura, ficando literalmente suspenso no espaço, sem base alguma, e comprovando que tio Kurt se encolhia comprovando meu peso morto.

A ascensão se prolongou uns segundos, até que perdi a noção da altura. Nesse ínterim, apreciei com o rabicho dos olhos as copas das árvores, os telhados da casa, e em uma praça, o povo de Cerrillos iluminados artificialmente pelas luzes amarelas. Não nos movíamos uniformemente, e sim que a velocidade acelerava na medida em que ganhávamos altura. Em um dado momento tio Kurt, além de Kula e Akula, plasmou mentalmente as ordens complexas e os cães daivas, sem deter seu movimento, realizaram um vôo svipa-Lung. A ordem procedente do Espírito Eterno teve o efeito de uma chicotada, e não só nos cães daivas: eu também o senti. E comprovei o poder, o terrível poder capaz de demonstrar um Iniciado Hiperbóreo, um Homem-Deus.

Se eu tivesse que referir-me ao tempo, diria que o vôo sobre o Tempo e o Espaço não durou mais que um segundo. Entretanto, aquele fundir-se na negrura mais impenetrável não transmitiu a sensação de temporalidade senão de eternidade, de estar fora da vida e da morte, e de todo transcorrer.

Depois desse instante sem tempo, no que sem dúvida nenhuma experimentei a sensação de um salto, começou uma descida desacelerada, durante a qual reconheci novamente os objetos habituais, céu, montanhas, casas, árvores, luzes. A viagem se compunha, pois, de três fases: uma, de subida acelerada, com percepção permanente do céu e das estrelas; a segunda, do salto svadi-Lung propriamente dito, a que carecia de toda visão contextual, salvo para tio Kurt; e a terceira, de descida desacelerada, na qual tranquilizadoramente reencontrei sobre mim o útero cósmico do céu estrelado.

Seriam as 22:00 ou 23:00h do dia 22 de março de 1980, quando meus pés tocaram o chão da chácara de Belicena Villca, em Tafi del Valle. Pisei em terra firme e não obstante, meus joelhos afrouxaram um pouco, até que aterrissou tio Kurt, cujos pés estiveram a todo o momento um metro acima dos meus. Repito que eu viajei "pendurado" em sua cintura. Mas nem bem recobrei a estabilidade, soltei de tio Kurt e empunhei a Itaka. Ainda nem acabara de orientar-me e obedeci a um gesto seu que me indicava para agachar. Rapidamente, tudo foi recobrando sentido para mim: estávamos agachados atrás de um enorme automóvel negro. O carro dos assassinos orientais!

Tio Kurt me comunicou com um dedo sobre a boca que fizesse silêncio, e logo sinalizou em direção à frente, depois do automóvel. Olhei sobre o capô e vi uma casa a não mais de trinta passos, derramando profusa luz até o breu exterior através de uma fileira de três janelas laterais. Ao que parece, o carro estava estacionado paralelamente ao vértice do ângulo da casa, o que nos permitia dominar, apesar das janelas laterais, a porta de entrada situada no outro. A porta, fechada, encontrava-se em um plano de 45° a esquerda; e até ali teríamos que chegar. Indubitavelmente contávamos com o fator surpresa. Os cães se haviam apertado contra o solo como serpentes, comandados mentalmente por tio Kurt e ali ficariam. Avançaríamos até a porta quando um grito humano, um estridente alarde de dor, alcançou-nos no sítio: lá dentro estavam torturando alguém! Então corremos até a porta o mais silenciosamente possível.

E à medida que nos aproximávamos, um odor penetrante e doce foi o que primeiro nos chamou a atenção. Era uma fragrância como incenso de sândalo, e resultava tão fora de lugar ali que nos olhamos perplexos. Ambos reconhecemos no ato aquele perfume por havê-lo sentido anteriormente em distintas e dramáticas circunstâncias: tio Kurt no vale tibetano de La Brea; e eu na cela de Belicena Villca, na noite de sua morte. Mas isso só durou um instante, pois o que vimos depois concentrou toda a nossa atenção.

Capítulo XIII

Mas como veríamos, aqueles não eram seres humanos comuns. Na metade do caminho, quando ainda não havíamos nos separado no plano da porta, e não éramos completamente visíveis através dela, esta se abriu de um golpe para dar passagem a dois homens de enorme estatura física. Um saltou para fora e outro permaneceu no umbral: contrastados pela luz interior, tínhamos à nossa frente os Cavaleiros Orientais, impecavelmente vestidos com seus trajes ingleses de fina confecção.

O primeiro que saiu foi Bera, empunhando um cabo com dois globos, o Dordje fatal. Instantaneamente mirou a arma para tio Kurt, ao tempo em que seu rosto se decompunha de terror. Compreendi que o Demônio humano não via tio Kurt, e sim ao Signo de Origem, a verdade absoluta do Espírito que dissolvia a Mentira Essencial de sua própria existência ilusória.

Assim mesmo ia disparar o raio mortal, mas tio Kurt foi mais rápido. Por reflexo, quase sem apontar, puxou uma vez o gatilho; e foi suficiente. O tiro acertou Bera no meio do peito, levantou-o a um metro de altura e o jogou vários metros atrás. Simultaneamente, eu que não era precisamente um operador profissional, detive-me, apontei e disparei duas vezes, acertando o estômago e o peito do Demônio Birsa. As dezoito esferas de aço do cartucho, sabiamente repartidas por aquela arma magnífica, arremessaram Birsa contra o batente da porta sem dar-lhe tempo para nada.

- Pronto! - gritou tio Kurt, ao ver que eu estava imóvel, resistindo-me a crer que tudo houvesse terminado - Prepara o ácido, Arturo! Apresse-se ***antes que se manifeste o Avalokiteshvara!***

- Avalokitesh...? - perguntei surpreso - Deuses, ***Avalokiteshvara,*** a misericórdia! ***Essa era a falha de meu plano, sobre o que nos advertiu veladamente o Capitão Kiev! Havia esquecido o Avalokiteshvara, agora o via claro, e esse esquecimento podia fazer fracassar meu plano, inclusive custar-nos a vida! A Grande Mãe jamais permitiria que dois de seus melhores filhos fossem destruídos; não se Ela pudesse impedi-lo; essa era justamente uma de suas funções cósmicas: proteger aos seus filhos animais-homens, acalmar o medo de suas almas! E se Ela conseguisse acalmar o medo de Bera e Birsa, ou sequer atenuá-lo, todo o meu plano cairia como um castelo de cartas! Inclusive poderíamos sofrer um ataque dos demônios, já recuperados, que então saberiam em que mundo nos encontramos!***

Analisar estas possibilidades me paralisava. Trabalhosamente soltei as cordas e peguei a garrafa de ácido das minhas costas. Tio Kurt fazendo uso de extraordinária habilidade, já havia extraído o coração de Bera, deixando em seu lugar um horrível buraco pelo qual saía abundante sangue, que formava uma poça em torno de seu cadáver. Pôs o coração úmido dentro do chapéu cogumelo, que boiava sobre o sangue como uma grotesca réplica do barco Caronte, e rapidamente se lançou sobre o corpo imóvel de Birsa. Com certos talhos da faca de caça, afiada como uma navalha, foi cortando o fino terno inglês e a não menos preciosa camisa de seda chinesa; ao chegar à carne praticou uma profunda incisão central, que logo aumentaria até expor o extremo das costelas e a cavidade torácica: dali seccionaria as artérias do coração, que nestes Demônios estava situado do lado esquerdo do corpo.

- Tio Kurt sabia! - descobri transtornado - E pensar que me atrevi a por a prova sua Honra; ele não só sabia que podíamos fracassar: também sabia por que podíamos fracassar. E não obstante soubesse, calou-se para seguir as ordens do Senhor de Vênus. Recordei a advertência do Capitão Kiev: "***ao finalizar a operação logo verão o que não contemplaram no princípio, porque se o houvessem visto no princípio, os impediria de finalizar a operação".*** Avalokiteshvara, Ela era o que eu não havia contemplado ao princípio, já que se houvesse suposto que sua piedade auxiliaria os demônios a superar o pânico, não haveria empreendido a Operação Bumerangue! E tio Kurt havia compreendido então, ele que se queixava de não compreender nada, mas havia se calado porque sabia o quanto eu queria atacar os Demônios. Por isso me fez comprar o ácido sulfúrico sem dar-me maiores explicações: ele também tinha uma teoria, conhecia um modo alquímico de neutralizar a proteção da Grande Mãe Binah; ou sabia como manter o pânico dos Demônios. Em seguida sabia qual era a resposta. Sobre o ácido sulfúrico, só havia me dito que "***fixa a matéria orgânica em Saturno":*** "ao introduzir o coração, assento da alma, no ácido sulfúrico, estamos constelando a alma em Saturno, situando-a no princípio do Universo e contribuindo à sua regressão involutiva". De acordo com o plano, a mim cabia introduzir os corações na garrafa de ácido. Mas agora presumia que aquela recomendação apontava a outro objetivo, além do declarado por tio Kurt.

Coloquei a garrafa no umbral da porta e a destapei; tomei o chapéu cogumelo, que acabara de receber o segundo coração, e o coloquei ao seu lado e, não sem certa repugnância, dispus-me a pegar os órgãos diabólicos. Foi então que me detive fascinado, e logo fiquei paralisado de espanto.

Está escrito: ***"os corações pertencem a Avalokiteshvara"***. O coração do animal-homem, do homem-de-barro, recebe a proteção da Grande Mãe Binah por meio da ***Inteligência*** de ***Yhvh***, e sua ***consciência*** crepuscular, recebe mais luz por meio da ***Sapiência*** do Grande Pai Hokhmah.

Capítulo XIV

Como disse, ia tomar os corações humanos de Bera e Birsa, quando me detive fascinado: a causa foram as ***scintilla luminis***, ou raios de lua, que começaram a brotar deles. Milhares de raios que saltavam em todas as direções, ora girando em círculos, ora em espiral, ou traçando curvas brilhantes de caprichosa forma, impediam-me de distinguir o fundo do chapéu, ou ainda o próprio chapéu. Fascinado pelo espetáculo, encantado, talvez hipnotizado, recordei sem querer a definição do alquimista Khunrath; que disse: ***"Scintillae Animae Mundi igneae, Luminis nimirum Naturae"***, ou seja, ***são raios ígneos da Alma do mundo, que se evidenciam na Natureza.*** Tais ***scintillae*** acompanham sempre as fases da Alquimia; e nesse momento estavam presentes todos os elementos do opus: no Gabinete da Natureza, achava-se a matéria-prima dos corações; a ***aqua permanens del Sulphur Philosophorum***; e encontrava-se presente Mercúrio, grande ***Artifex*** transmutador, por dizer, tio Kurt ***Shivatulku,*** representante de Wothan, que é Hermes, e que é Mercúrio.

Girando em um turbilhão hipnótico, as ***scintilla luminis*** foram cobrindo meu campo de visão. Raios dourados brotavam agora de todas as partes e percorriam o espaço até apagar-se, em espaço estranhamente carente de vento e de sons, como se a Natureza inteira estivesse entretida em manifestar sua ***lumen naturae***. Tirei a vista do chapéu cogumelo e da garrafa de ácido, invisíveis sob a vertente luminosa e, semi-anestesiado, passei a vista ao redor: do mundo inteiro pareciam surgir ***scintillae.*** Da casa, do chão, das árvores que antes não vi, mas que se erguiam a dez passos, de todas as coisas emergia uma aura dourada e cintilante, composta por miríades de ***scintilla luminis.*** O que aquela visão significava à súbita atividade de um sentido novo, que fazia possível perceber o Anima Mundi, uma ***Luminositas sensus naturae***?

Mas uma luminosidade maior atraiu minha atenção. Sobre os cadáveres dos assassinos orientais, em efeito, começavam a elevarem-se duas nuvens de vapor ectoplasmático, também cintilantes, devido à emissão e absorção de milhões de ***scintillae***; a um metro de altura, aquelas nuvens se mantinham girando em espiral, e nutrindo-se constantemente do vapor leitoso que emanava das poças de sangue. Como em um quadro da Escola Impressionista, como em uma obra de Enrique Matisse, Eu via a realidade decomposta em milhões de pontos de cores, raios de luz que giravam com forma de ***elementum primordiale*** e da ***massa confusa***, do ***chaos naturale.*** Com a visão saturada pela multidão de ***scintillae***, senti que interiormente e irracionalmente uma voz me falava, dizia: ***"Yod, Yod, cada scintillae é yod, um olho de Avalokiteshvara"***; ***"e entre todas as scintillae, há duas que são O Uno, são as scintillae unas, as mônadas de Bera e Birsa que não podem morrer".***

Já escaldado pelo acontecido em Santa Maria, foi só escutar essas vozes procedentes da Alma, da minha própria Alma influenciada pela Grande Mãe, e remeti-me à Virgem de Agartha. Sim, fechei como pude meus ouvidos, já que não podia prescindir a grandiosa ***luminositas***, e entreguei-ma ao rapto da Virgem do Menino de Pedra, cujo auxílio espiritual me permitiu manter-me naquele terrível momento. De acordo com o que ocorreu na seqüência, teria sem dúvidas perdido a razão se Ela não apoiasse meu Espírito desde a Origem. Porque neste momento, quando a quantidade e multiplicidade das ***scintilla*** haviam alcançado sua máxima exaltação, ***todas se abriram***

em uníssono e mostraram um olho inexpressivo, um olho que era o mesmo olho repetido dementemente em todos os pontos do espaço. Toda a Natureza, todas as coisas diferenciadas, tudo o que alcançava ver e perceber fervia agora de olhos inexpressivos, de olhos semelhantes que indubitavelmente nos olhavam; ***e aqueles milhões de olhos de peixes, de oculi piscium, eram os Olhos de Misericórdia que se abriam para contemplar as Almas de seus filhos amados, as Almas de Bera e Birsa que estavam desencarnado em meio a um grande terror.***

Analisando a cena: a forma geral dos entes em nada havia mudado, todos são distinguíveis e reconhecíveis, todos são nomeáveis como sempre; a árvore, o piso, a casa, o céu, a nuvem, os corpos, todos os objetos seguem sendo os mesmos; ***mas agora apresentam uma vida cheia de olhos divinos, de olhos que miram com Amor Natural***. Pensar na árvore, toda composta de olhos, e na casa, no céu, também compostos de olhos, e pensar que ***os milhões de olhares da árvore para a casa, da casa para a árvore, e as de ambas ao céu, são os laços que ligam e religam aos entes, e constituem a superestrutura da realidade:*** uma estrutura de objetos ligados entre si pela Vontade do Criador e pelo Amor natural da Grande Mãe.

Se já o havia imaginado, há de pensar que agora eu me encontrava nessa cena, espantado pelos onipresentes olhos de Avalokiteshrava, "que a tudo vê", e estremecido até a raiz de meus sentimentos, agitado em minha natureza emocional pelo intenso Amor da Grande Mãe, por sua Piedade ilimitada. Assim foi, pois, primeiro, a fascinação pelas ***scintillae,*** e logo o espanto pela ebulição ***pan-óptica;*** e o espanto maior foi comprovar que meu próprio corpo estava constituído por milhões de olhos compassivos. E este fenômeno terrível, demente, explica porque minhas mãos se detiveram antes de tomar os corações do chapéu cogumelo.

- Neffe! Arturo! - a voz de tio Kurt se fez ouvir de vários metros de distância - Sabia que isto ocorreria e sei o que está vendo: não tema que é tudo ilusão. Ainda podemos cumprir nosso objetivo. Pode ouvir-me?

- Sim tio Kurt! - respondi atordoado - Te escuto como se sua voz procedesse de longa distância, e me encontro muito sugestionado por essa profusão de olhos que se manifesta na Natureza, por esse monstro em que se converteu o Mundo.

- Escuta-me bem, Arturo! Fará exatamente o que eu te pedir e responderá as minhas perguntas. ***Irá me comunicar tudo o que verá. Pois aqui não há mais olhos que os seus; todos os olhos de Avalokiteshvara são ilusórios, são projeções de sua própria debilidade emocional.***

Fiz um esforço e voltei-me para a direção da qual vinha sua voz. Vi milhões de olhos brilhantes, vi que toda a realidade continuava integrada por olhos de peixe, mas onde estava tio Kurt, mas onde deviam estar seus olhos, só vi dois espaços vazios, duas crateras de negrura impenetrável, duas janelas abertas a Outro Mundo; soltei um grito de horror e retornei o olhar até adiante.

- Está comigo, Arturo? - perguntou insolitamente tio Kurt.

- Sim, tio Kurt! - respondi uma vez mais.

- Você realizará a obra. Eu só colocarei, no Princípio, o Signo de Origem sobre a Pedra de Fogo!

Recordei as palavras de Birsa na Carta de Belicena Villca: "os homens mortais, homens de barro, que evoluíram a partir do barro, desde a Pedra de Fogo do Princípio que refletia uma mônada semelhante ao Uno, chegariam ao final indivíduos idênticos à

Pedra de Fogo, como Metatron, o Homem Celeste, o arquétipo realizado, o Cordeiro Filho de Binah; seriam assim quando o tempo estivesse cumprido, e cada um ocupasse seu lugar na construção, de acordo com o símbolo do Messiah; seriam assim no dia em que o Reino de YHVH se concretizasse na Terra, e reinasse o Rei Messiah; ***e a Shekhinah se manifestasse***"... Tantos olhos! Sim, aquela manifestação de Avalokiteshrava, da Grande Mãe Binah, era também a Shekhinah, como a qualificaria Zacarias: ***"essas raízes óticas da árvore de YHVH representam a Israel Shekhinah"***! No princípio do tempo, o homem criado era como estrutura de barro; ao final seria como Pedra de Fogo. As tais Pedras, as ***plasmou irreversivelmente*** o Signo da Origem, transformando-as em Pedras Frias, em Pedras Não Criadas, segundo se escandalizavam os Demônios, marcando-as com o abominável sinal: "Eles ***gravaram o Sinal Abominável*** na Pedra de Fogo, na qual cada Alma dos homens de barro se assentava. E o Signo Abominável esfriou a Pedra de Fogo, ***Aben Esch,*** e a tirou do final. Então, Cohens, ***a Pedra que deve ser lavada com lixívia no Final, é a Pedra Fria que não tinha que estar onde está, porque não foi posta no Princípio pelo Uno, pelo Criador"***. "Pedra maldita, Pedra de escândalo, Semente de Pedra. Eles a plantaram depois do Princípio na Alma do homem de barro e agora se acha no Princípio".

- ***Transmutemini de lapidibus in vivos lapides philosophicos***![1] - escutei tio Kurt repetir as palavras do Magister Dorn - Olha na ***Matrix!***

- Vejo uma água dourada, uma *aqua aurens*, agitada por incontáveis raios de luz: é o ***ánima panoptes***!

- Ponha os corações na Matrix!

Sem pensar, busquei pelo tato o chapéu, extraí os órgãos viscosos, e os introduzi pela boca da garrafa. Nem bem se misturaram ao ácido sulfúrico, uma emanação de vapor tóxico me obrigou a retirar a cabeça: pela abertura do ***uterus philosophorum***, surgiu durante um momento um vapor ***rubro***, dando a impressão que o líquido havia entrado em combustão; porém, logo se acalmou, e um novo resplendor começou a brilhar do interior da garrafa, desta vez, negro. Nesse momento apenas pude adverti-lo porque tio Kurt queria que eu não tirasse os olhos do ácido e seu macabro conteúdo, mas foi evidente que diminuiu substancialmente a manifestação ***morfo-ótica*** geral.

- O que vê agora? - perguntou de seu posto.

- O firmamento estrelado!

Em efeito, o ácido havia mudado de cor e agora a garrafa continha um líquido negro, ***nigredo***, que apresentava uma superfície brilhante e iluminada por uma infinidade de ***scintillae*** fixas, raios de luz que eram as estrelas de um particular microcosmos.

- O que vê agora? - repetiu.

- O Zodíaco. Centenas, milhares de constelações, todos os Arquétipos do Universo estão neste céu.

- O que vê agora? - insistiu.

- Duas estrelas que se destacam. Duas estrelas mais brilhantes que todas as outras, avançam e se situam no lugar central, abaixo do pé da Virgem da Espiga, perto do Corvo.

- O que vê agora? - inquiriu.

- As constelações parecem mais vivas do que nunca, os Arquétipos vibram no Céu, animais de todas as classes se preparam para descer. Vejo-os e escuto seus sons. Em verdade os sons dos animais celestes haviam se tornado tão reais, que só ao deixar por um instante a vista da matrix, compreendi que certamente, alguns deles estavam presente ao meu redor: distingui com sobressalto três rugidos, e por isso dirigi essa fugaz mirada ao redor; eram ***o grunhido do porco, o latido do cachorro e o rugido do urso***. Com crescente espanto, comprovei então que as nuvens ectoplasmáticas que flutuavam sobre os cadáveres de Bera e Birsa, haviam adquirido a inconfundível forma de ***javali***: sobre os cadáveres dos assassinos orientais, materializavam-se enormes javalis brancos, que grunhiam ameaçadoramente e mostravam em seus corpos os mil olhos de Avalokiteshrava, os mil olhos do Anima Mundi, os mil olhos do Uno, os mil olhos de Purusha. Os cães daivas haviam se aproximado, sem dúvida chamados por tio Kurt, e pareciam vê-los sem problemas, porque latiam com ímpeto incontrolável.

Mas a maior impressão, tive ao observar tio Kurt. Como explicar o que vi? Só talvez dizendo ***que sua forma mudava;*** que por momentos era tio Kurt ***e por momentos um enorme urso irado, um ursus terrificus***. Mas tal explicação não seria de todo correta porque, certamente, tio Kurt havia se convertido em um ***Homem-Urso***: era a ***fúria*** de tio Kurt, a ***Fúria do Guerreiro Urso***, o ***berserkr gangr,*** a força que o transformava. Busquei a tio Kurt com os olhos e descobri um ***Berserkr,*** a um Guerreiro da Ordem Einherjar de Wothan, a um Iniciado Hiperbóreo nas Vrunas de Navutan. E a visão regressou espantada aos olhos, acompanhada por um violentíssimo rugido e o movimento compassado, quase Ritual, de suas garras poderosas. Mas quando falou, era novamente tio Kurt.

- O que vê agora? - exigiu.

- As duas estrelas mais brilhantes se transformaram em dois javalis gêmeos!

- O que vê agora?

- Os javalis fogem apavorados e buscam a proteção de sua Mãe, o Dragão do Universo!

- O que vê agora?

- Vejo os javalis abrigarem-se no regaço do Dragão! E vejo o Dragão: tem mil cabeças e mil olhos; e em cada cabeça uma estrela de Davi; e em cada cabeça aparece o rosto de Binah; e suas mil bocas cantam a Canção do Cordeiro. O Dragão acolhe em seus braços o Cordeiro e os Javalis, a destra e sinistra, grunhem sem cessar. E fazendo coro ao Dragão e aos Javalis, três terços das estrelas do Céu cantam assim:

Avalokiteshrava!
Grande Mãe Binah!
Já chega, já chega
O Holocausto Final!

- O que vê agora?

- O Dragão Binah sustenta com sua mão direita o Cordeiro, enquanto que com a esquerda toma uma taça transbordante de lixívia humana. Agora derrama o conteúdo da taça sobre a Terra.

- O que vê agora?

- As mesmas estrelas cantam:

Avalokiteshrava!
Grande Mãe Binah!
Sua Piedade, sua Piedade,
Lava a Terra com a lixívia de Jehová

- O que vê agora?
- A lixívia cai sobre a Terra. Dois javalis brancos correm no céu de leste a oeste anunciando a viva voz: ***"A peste, a peste!"*** Tudo o que a lixívia toca perece. ***A Terra se converte em um deserto de Pedras!*** Só sobrevivem cento e quarenta e quatro mil que pertencem à casa de Israel: mas estes fogem do deserto e se refugiam em um vale, que logo será inundado pela lixívia. O Dragão e os Javalis se enfurecem porque ainda sobram as Pedras do Deserto, porque a lixívia não as calcinou e dissolveu como o resto dos seres viventes!
- O que vê agora?
- O Dragão envia então ao Cordeiro, custodiado por seus irmãos, os Javalis brancos a pastar na Terra. Mas a Terra está estéril e o Cordeiro desfalece entre as Pedras sem poder alimentar-se.
- O que vê agora?
- O Dragão, dono de uma terrível ira, amaldiçoa as Pedras e ao Deserto de Pedras. E grita que buscará ao Cordeiro antes que o deserto cause sua morte!
- O que vê agora?
- A imunda lixívia caída do Céu, e a sujeira que conseguiu arrancar da Terra, escorreram até um vale, a Leste do Deserto de Pedras, e formaram um grande mar! Éden e Paraíso, são os nomes desse mar. E Tártaro e Tharsis, são os nomes do Deserto de Pedras.
- O que vê agora?
- O Deserto empurrou o cordeiro até sua borda, que é assim mesmo a borda do mar de lixívia! O Dragão, no Céu, voltou a gritar que auxiliará seu filho, que se acha entre o Éden e o Tártaro.
- O que vê agora?
- Os mil olhos do Dragão, brilhantes como Sóis, se concentram sobre o Deserto das Pedras e as Pedras padecem de mortal sufocação. A maioria das Pedras se abranda e derrete, e o Deserto se torna um enorme lago de lava fervente: só as Pedras mais duras permanecem em seu lugar, mantendo com tenacidade sua forma separada!
- O que vê agora?
- Um terrível clamor se eleva do Deserto e sobre além do Dragão: as Pedras reclamam ao Incognoscível ajuda contra o Cordeiro e contra a Mãe do Cordeiro, o Dragão Binah, que lhes jogou a lixívia de Jehová e os separou da Terra, e pretende calciná-los no Deserto ***por não servirem de alimento para o Cordeiro***.
- O que vê agora?
- Apareceu um sinal no Céu: ***uma Virgem, mais Negra que a Noite***, com a Lua debaixo de seus pés, e usando uma Coroa com Trezes Estrelas Não Criadas! É a Virgem de Agartha que veio socorrer as Pedras em Nome do Incognoscível.
- O que vê agora?

- A descida da Virgem produz como um manto de negrura refrescante sobre o Deserto, que havia se transformado em lago de lava ardente, e traz imediato alívio às Pedras. A presença da Virgem refresca e endurece novamente as Pedras, porque se interpõe com sua obscuridade ante os mil olhos cadentes do Dragão! E a Virgem porta uma espiga na mão; e vai deixando cair os grãos sobre o Deserto de Pedras; e as Pedras que recebem os grãos se tornam imunes ao Fogo do Céu, já não podem ser amolecidas, e ficam assinaladas com uma Marca, um Signo único que significa o Negro, o Duro e o Frio. E a Marca da Virgem se chama "Signo de Vril".

- O que vê agora?

- Agora o Cordeiro está perdido entre as Trevas, a Dureza e a Frieza das Pedras. E chama com desespero sua Mãe, o Dragão Binah, porque as Pedras ameaçam estrangular sua garganta ou ***submergi-lo*** no mar de lixívia.

- O que vê agora?

- A Virgem está grávida, e grita pelas dores e angústias do parto. E apareceu outro Sinal no Céu: um Dragão de um vermelho aceso, que tem mil cabeças e mil olhos e mil estrelas de Davi em suas cabeças; sua cauda varre a terça parte das Estrelas do Céu e as joga na Terra; e descem sobre o mar de lixívia, comandadas pela e estrela Thuban. E o Dragão também desce para cuidar do Cordeiro e atacar a Virgem.

- O que vê agora?

- O Dragão se deteve frente a Virgem que estava a ponto de parir, para devorar seu filho quando for dar a luz. ***E Ela dá a luz a um Menino de Pedra, que há de reger todas as Nações com um Tridente de Vraja. Führer é o nome do Menino de Pedra.*** Mas seu filho foi protegido do Dragão ao ser confundido com as Pedras do Deserto, e a Virgem se refugiou no Deserto, onde tem um lugar disposto pelo Incognoscível para residir durante dois mil, cento e oitenta e oito dias.

- O que vê agora?

- Há uma batalha no Céu! Kristos-Lúcifer, o Capitão Kiev e os Siddhas Leais, se levantaram a lutar contra o Dragão. O Dragão apresentou batalha, e também seus Anjos Imortais, seus Javalis e estrelas. Mas não prevaleceu nem houve lugar para eles no Céu. Foi ***precipitado*** o Grande Dragão, que se chama Jehová-Satanás, o que organiza o Universo inteiro; foi ***precipitado*** na Terra, e seus Anjos foram ***precipitados*** com Ele.

- O que vê agora?

- Ouço uma grande voz no Céu que diz:

Agora chegou a Libertação
E o Poder e o Reino do Incognoscível
E o Império de seu Kristos
Porque foi precipitado o aprisionador
De nossos Camaradas
O que dia e noite os marcava ante a
Vista do Incognoscível
Mas os Siddhas Leais o venceram.
Pelo Sangue Puro
E pelo testemunho de Valor que deram
Pois não amaram a Vida Quente
Tanto que retiraram a Morte

Por isso temei, Céus,
E os que moram neles
Ai da Terra e do Mar!
Porque baixou entre vós o Diabo,
Possuído de grande ira
Sabendo que lhe resta pouco tempo.

- O que vê agora?

- Quando o Dragão se viu ***precipitado*** na Terra, perseguiu a Virgem que havia dado a luz o Menino de Pedra. Mas a Virgem dispunha de duas asas do Grande Condor e podia voar ao Deserto, ao se lar, onde resistiria por ***um tempo, e por dois tempos, e metade de um tempo***, longe da presença do Dragão. O Dragão vomitou por suas bocas, atrás da Virgem, lixívia como um Rio, para fazer com que o Rio a arrastasse. Mas o Deserto ajudou a Virgem. E o Deserto abriu sua boca e tragou o novo Rio de Lixívia que o Dragão havia vomitado; e ele escorreu até o mar de lixívia, onde estavam o Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil. E o Dragão se enfureceu contra a Virgem e foi fazer guerra contra os demais descendentes dela, os que exibem Sua Marca e tem o Testemunho de Kristos Lúcifer. E se situou na margem do mar de lixívia.

- O que vê agora?

- Vejo subir do Deserto um homem com o Poder de uma Besta. É um ser metade homem, metade urso; ou metade homem, metade lobo; por momentos é como urso e por momentos é como lobo; quando deve enfrentar as Abelhas de Israel é como Urso; e quando há de lutar contra o Cordeiro é semelhante ao Lobo. É o Filho da Virgem de Agartha que cresceu como Pedra no Deserto; é o Führer que regressou para combater a guerra contra o Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil! Seu rugido estremece a Terra, e a seu passo se levantam as Pedras do Deserto, as que levam o Signo do Vril! E as Pedras Geladas pela Virgem de Agartha são também homens-lobo que uivam com fúria que não pode ser contida!

Não exagero em nada se asseguro que o rugido que surgiu neste momento do lugar onde estava tio Kurt perguntando monotonamente "que vê agora?" ***fez tremer a terra***. Eu descobri quando vi sobre a superfície do ***aqua vitae*** da garrafa, mas minhas palavras haviam adquirido uma formalidade profética que se conformava diretamente no inconsciente. Fazia tempo que eu não pensava no que dizia: simplesmente expressava o que chegava à minha mente, que a essa altura não podia explicar se realmente o via ou o imaginava. O que, claro está, não era produto da minha imaginação, era a transmutação de tio Kurt e seus bestiais rugidos e uivos; nem os javalis ectoplasmáticos que, cada vez mais nítidos e patentes, se materializavam sobre os cadáveres dos assassinos orientais.

Aos rugidos do homem-urso, os Javalis respondiam com o maldito zumbido apícola que também conhecia agora; mas quando o homem-lobo uivava, os Javalis se jogavam a tremer, vítimas do pânico, em pêlo ouriçado de terror e grunhindo em desespero. E eu, ao perceber o que ocorria ao meu redor, tratava de manter a vista hipnoticamente fixa na matriz com o ácido e os corações, contemplando umas visões que, por mais fantásticas que pudessem ser, eram menos terríveis que a Realidade da Chácara de Belicena Villca.

- O que vê agora? - perguntou claramente a voz de tio Kurt.

- Vi avançar um Exército enorme formado pelos que levam a Marca da Virgem e são como a Besta, os inimigos do Cordeiro. E vejo que vão conduzidos pelo Führer, que é como um lobo furioso, e acompanhados pela Virgem, que voa sobre eles levando o estandarte do Signo do Vril e da Espiga. E o Exército de lobos se aproxima do mar de lixívia. E o Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil membros do Povo Eleito, se estabelecem em uma Ilha Branca situada no meio do mar de lixívia, que havia se formado com o cume do Monte Sião. Jerusalém Celeste e Chang Shambala são os nomes dessa Ilha.

- O que vê agora?

- Ao Cordeiro, de pé sobre o Monte Sião, e os cento e quarenta e quatro mil que tem seu nome e o nome de seu pai escrito na fronte. E ouço vozes do Céu que sonham com a harmonia da Natureza múltipla. E cantam uma canção ***nova*** frente ao Trono de Jehová, frente aos dez Sephiroth, ante aos Anciãos de Israel e ante a Shekhinah. Ninguém pode aprender o Cântico da Criação, senão aqueles cento e quarenta e quatro mil que foram resgatados da Terra. Estes são os que não conhecem o amor da mulher porque são Sacerdotes sodomitas. Estes são os que seguem o Cordeiro onde quer que este vá. Estes são os que constituem a hierarquia das Almas, que vai desde o homem, até Jehová e o Cordeiro. Não conhecem a Verdade da Criação. São animais-homens perfeitos.

- O que vê agora?

- Observo agora uma Época anterior à queda do Dragão: se vêem sobre a Terra ***aos homens que já tinham o Sinal do Vril*** e a uns Anjos do Dragão que os ameaçava desde o Céu. Um deles, o que voa mais alto no Céu, leva o Evangelho do Cordeiro e anuncia o Holocausto de Fogo aos moradores da Terra, a toda Nação e Tribo, a toda língua e Povo, e diz com grande voz:

"Temei a Jehová e dai-lhe glória
Porque chegou a hora de seu juízo
Adora a quem ***criou o Céu, a Terra***
E o Mar e os mananciais de água!"
E outro anjo, o segundo, o seguiu dizendo:
"Caiu, caiu, Babilônia a Grande
A que deu de beber do vinho do
Império Universal a todas as Nações"
E outro Anjo, o terceiro, o seguiu dizendo com forte voz:
"Se alguém adora a Besta e sua Imagem
E recebe sua Marca na fronte ou na mão
Beberá ele também do
Vinho da fúria de Jehová
Vinho puro, concentrado, lixívia humana
Da taça de sua ira.
E será atormentado ***com Fogo e Enxofre***
Na presença dos Anjos Santos
E na presença do Cordeiro.
A fumaça de seu tormento sobe
Pelos séculos dos séculos

E não tem repouso ***nem de dia nem de noite***
Os que adoram a Besta e sua imagem
Os que recebem a Marca de seu nome"
"Aqui está a constância do Povo Eleito, os que guardam os mandamentos de Jehová e a fé no Messias!"

- O que vê agora?
- Outro Anjo Imortal. Aponta para a Cidade que está no Monte Sião, no meio do mar de lixívia, e diz: "eis ali a desposada, a esposa do Cordeiro"! Este Anjo fala para os que adoram ao Cordeiro, e lhes promete a salvação dos homens-lobo escondendo-se na cidade de Jehová. Assim lhes fala:

"Baixará uma cidade do Céu
Sobre o Monte Sião
Da parte de Jehová
Seu resplendor será semelhante a uma Pedra preciosíssima
Que emite beleza cristalina
Terá uma muralha grande e elevada
Na que haverá doze portas
E sobre as portas, doze Anjos
E os nomes escritos em cima que são
Os das doze tribos dos Filhos de Israel
Ao Oriente, três portas; ao Sul, três portas;
E ao Oriente, três portas.
A muralha da cidade terá doze bases
E sobre elas doze nomes,
Dos doze apóstolos do Cordeiro."

E o Anjo utiliza um bastão de ouro para medir a cidade, suas portas e sua muralha.

"A cidade estará assentada em forma quadrangular, e seu comprimento será igual a sua largura."

E mede a cidade com o bastão e tem doze mil estádios. Seu comprimento, largura e altura são iguais. E mede a muralha e tem cento e quarenta e quatro côvados, segundo a medida humana, que é a do Anjo. E o Anjo disse:
"O material da muralha será jaspe e a cidade de ouro puro semelhante ao cristal puro. As bases das muralhas da cidade estarão adornadas com toda a classe de pedras preciosas. A primeira base será jaspe; a segunda, safira; a terceira, calcedônia; a quarta, esmeralda; a quinta, calcedônia; a sexta, coralina; a sétima, crisólito; a oitava, berilo; a nona, topázio; a décima, ágata; a décima primeira, jacinto; e a décima segunda, ametista. As doze portas serão doze pérolas; cada uma das portas será uma só pérola, como cristal brilhante. Não haverá santuário nela, porque seu santuário será Elohim, Jeohvá Sebaoth, e o Cordeiro. E a cidade não necessitará ***de sol nem de lua para que a iluminem***; porque ***a Glória Sephirot de Jeohvá a iluminará*** e sua lâmpada será o Cordeiro. ***E***

caminharão as Nações à sua luz, e os Reis da Terra levarão à ela sua Glória. Suas portas jamais se fecharão de dia e ali nunca haverá noite. E levarão à ela a Glória e a honra das Nações. ***Não entrará nela coisa impura, não consagrada pelos sacerdotes de Israel,*** nem os que levam o Sinal Abominável, ***senão os inscritos no livro da vida*** do Cordeiro."

- O que vê agora?
- Um rio de água vivente, do que saem todas as coisas criadas, que surge do Tronco ***Kether*** de Jehová e do Cordeiro. O Anjo pronuncia as últimas palavras:

"No meio da praça, e de um lado e de outro deste Rio, haverá uma árvore da Vida que dará doces frutos, um a cada mês. E as folhas da Árvore servirão para curar as Nações dos pecados contra Jehová. E não haverá condenação para ninguém, e estará nela o Trono de Jehová e do Cordeiro, e seus servos lhe prestarão culto. Verão o Seu rosto, e levarão o nome dEle na fronte. E não haverá noite, e nem ***negrura infinita***, mas não necessitarão de lâmpada nem luz do Sol, porque Jeohvá Elohim os iluminará, ***e reinarão pelos séculos dos séculos."***

- O que vê agora?
- Vejo a Batalha Final. Vejo o Führer e seu Exército de Homens-Lobo tomar por assalto a Ilha de Sião, e surpreender a Jerusalém Celeste, que é Chang Shambala, e causar grande mortalidade entre seus moradores. Nem Thuban e a terça parte do Céu, postos de guarnição, conseguem deter a manada furiosa! O Cordeiro e os cento e quarenta e quatro mil sacerdotes se encontram encurralados na Cidade Maldita, ***construída com o corpo do Dragão***. E morrem aos milhares. Preferem morrer que ver o sinal do Vril dos Homens-Lobo. E a Cidade-Dragão palpita e se contorce, sem conseguir tirar de cima os Homens-Lobo. E os imortais olhos do Dragão derramam inúmeras lágrimas; lágrimas que escorrem até o quádruplo Muro das Lamentações; lágrimas de piedade pelos Filhos de Israel, no Cordeiro e no Dragão; e a Virgem de Agartha crava seu estandarte no Muro das Lamentações, o qual é como o Coração de Binah, a dona de todos os corações; sim, no coração de Avalokiteshvara foi plantado o Signo do Vril, a Marca que causa o Negro, o Duro e o Frio das Pedras, e pelo Muro das Lamentações correm suas lágrimas como surgidas de uma cascata milagrosa. E trevas duras e geladas se abatem sobre Sião: é a Morte Fria da Virgem; a Morte que arrebata o calor dos corações do Cordeiro e dos cento e quarenta e quatro mil Santos de Israel; a Morte que desata que vem nas Trevas, os Homens-Lobo de Pedra do Exército do Führer.

- O que vê agora?
- A Batalha Final continua na Terra, mas já não posso ver o que ali ocorre, ***pois vejo os javalis brancos que fogem vítimas do pânico a esconder-se no Céu; vão perseguidos por parte do Exército-manada de Homens-Lobo-de-Pedra! Mas no Céu só restam a quarta parte das Estrelas!***

- ***Chegou o momento! O Final é igual ao Princípio!*** - exclamou surpreendentemente tio Kurt.

[1] Transmutemo-nos de Pedras mortas em Pedras Filosofais Vivas.

Capítulo XV

Fui surpreendido por aquelas inesperadas palavras de tio Kurt. Contudo, perguntou na seqüência:

- O que vê agora?

- Os Javalis gêmeos subiram ao céu estrelado buscando o Dragão. Mas o Dragão não está no Céu e sim na Batalha Final. E os Javalis se converteram novamente em estrelas, e se situaram abaixo dos pés da Virgem, perto do corvo. E no céu faltam muitas constelações, como um livro de imagens do qual arrancaram muitas páginas.

- O que vê agora?

- As estrelas do Céu, ***todas as que sobraram***, abandonam seus postos e giram em torno das estrelas-Javalis. É o ***chaos primordialis***, a ***massa confusa***.

- ***Projetarei o Signo de Origem sobre a massa confusa***! - gritou tio Kurt. Ao que parece colocou-se muito próximo de mim, às minhas costas. Imaginava suas órbitas vazias e negras, profundas e infinitas, somando-se ao recipiente alquimista, cuja superfície brilhante alojaria sem remédio ***o que ele era: o Signo da Origem, o Signo do Vril, a Marca da Virgem, o Signo de Lúcifer, o Signo de Shiva***. O imaginava, pois não desejava olhar e ver, como antes, à Morte Fria, ao Homem-Urso e ao Homem-Lobo.

Na ***matrix***, a superfície ***Sulphur Philosophorum*** mostrava a imagem de um rodamoinho de ***lumen naturae*** que giravam ao redor das estrelas gêmeas, as ***mônadas de Bera e Birsa***. Quando a primeira Runa se refletiu sobre elas, perderam grande parte de seu brilho e começaram a ***solidificar-se***. E assim continuaram tornando-se opacos e solidificando-se à medida que se sucediam as seguintes Runas. E quando, ao fim, se plasmaram as Treze Runas, as duas estrelas experimentaram uma metamorfose e se transformaram em ***flores de Pedra***. Então, como se tio Kurt me houvesse feito a pergunta, descrevi em voz alta o que via:

- As estrelas são agora duas flores de Pedra. São dois ***padmas*** ou lótus: Esther é o nome dessas Pedras. E as Treze Runas se movem e se associam entre si de incompreensível maneira. E as Treze Runas formam um Signo que desintegra o redemoinho, ao ***chaos confusum***, e o posiciona pelas trevas mais impenetráveis; só as flores de Pedra caíram no ***Sulphur Philosoforum***: e agora se precipitam ao fundo da ***matrix***. ***Opus consumatum est***![2]

- Possue agora dois ***lapis philosophorum***! - disse tio Kurt - Você completou a Obra por intermédio da Virgem, ***porque você viu a Obra***! E você recebeu o ***descensus spiritus sancti creator***! Você é igual a Mim, e Eu sou igual a você! ***Naturalissimun et perfectissimun opus est generare tale quale ipsum est!***[3]. De improviso me dei conta que havia se calado os rugidos, grunhidos e latidos. Virei-me bruscamente e busquei a tio Kurt com os olhos: não o vi em parte alguma. Em troca, observei as manchas brancas que se afastavam até o Céu. Agucei a vista e acreditei ver os javalis que fugiam vítimas do pânico, com o pêlo ouriçado e grunhindo de terror. A Natureza havia se aquietado e as nuvens ectoplasmáticas já não estavam sobre os cadáveres dos assassinos orientais. Os Javalis eram as Almas de Bera e Birsa que fugiam até o Princípio do Tempo! Havia dado resultado o plano, finalmente, apesar da

intervenção de Avalokiteshrava? Como o havia feito tio Kurt, como conseguiu que a piedade da ***Dea Mater*** não acalmasse o pânico dos imortais Bera e Birsa? Sim, agora o recordava: ***com seus corações no Sulphur Philosophorum, com suas almas no vaso das projeções alquimistas, haviam levado a Bera e Birsa até o futuro, até a Batalha Final, quando o Dragão perderá seu poder; e ali haviam padecido de mais terror que na morte de seus corpos físicos por nossas escopetas.***

De todos os futuros possíveis, é dado esperar um que corresponda ao Mundo que ***"Wothan afirma desde a Origem"***, o Mundo que constitui ***"a Realidade do Sangue de Tharsis"***. A esse futuro, no qual o Espírito triunfará sobre as potências da Matéria, haviam sido levadas alquimicamente as Almas de Bera e Birsa: à Batalha de Chang Shambala, à Batalha Final; à Derrota de Chang Shambala, à Derrota de Sião; e ao Terror do Final de Chang Shambala, do Final de Sião, causaram o retorno de Bera e Birsa ao Princípio do Tempo, ao ponto onde se assentam todos os Futuros possíveis e onde Chang Shambala ou Sião não tem determinado seu Final antes do Final do Tempo. Porque o que vi na ***matrix*** é um futuro Não Criado, não previsto pelo Criador, só possível no Mundo do Sangue de Tharsis, no Mundo da Realidade do Führer: ***e tio Kurt havia demonstrado ter fé cega nesse Futuro Não Criado, no qual os homens espirituais se levantarão como Feras contra o Cordeiro e os "cento e quarenta e quatro mil" Sacerdotes de Israel***. Creio que o êxito da transformação alquimista, e o terror infundido aos Imortais Bera e Birsa, de deveram fundamentalmente a essa fé inquebrantável que tio Kurt professava pelo Führer e seu Futuro.

Ainda que ele afirmasse estranhamente que a obra fosse minha. Mas eu abrigava a certeza que foi ele quem marcou as Pedras Quentes, as Almas de Bera e Birsa, mônadas sobre o Caos Primordial, com o Signo da Origem, com o "Abominável Sinal" que temiam os Demônios. E suas Almas haviam precipitado à Pedra do Princípio, ou ***lapis ignis***, e ***agora deviam estar no Princípio***: a meta do Plano. Eu me esqueci da Piedade de Avalokiteshvara, mas ***graças*** a tio Kurt o objetivo havia sido alcançado.

Após tudo isso, onde estava tio Kurt? Começava a preocupar-me, quando escutei sua voz: ***vinha de cima***, e soava irônica e tranqüila.

- Eu tinha razão, Neffe: ***os Imortais não podem morrer***. E você tinha razão***: seu medo os faria fugir até o Princípio***. Trata-se de um empate, não é? Agora devo partir atrás deles, Urso contra Abelhas, Lobo contra Porcos, hei de persegui-los até o Princípio: ***só assim o Final será igual ao Princípio, a Potência se fará Ato, o Possível se tornará Real, a Obra estará presente entre o Final e o Princípio; e poderás cumprir sua missão***.

Soube o que ocorria: tio Kurt se havia elevado com os cães daivas até se pôr fora de meu alcance. Sua decisão era, pois, irrevogável. Senti-me morrer de tristeza e desolação. As pernas se afrouxaram. Um nó me travou a garganta. Não obstante gritei com impotência:

- Tio Kurt, não se vá! Não me deixe aqui ***sozinho***!

Escutei então aquela gargalhada escandalosa que meu tio emitia com inevitável espontaneidade: não era uma burla, mas sim uma expressão de seu estado de ânimo.

- E era você quem questionava minha ***teimosia***, quando resisti em ficar só neste inferno depois da Segunda Guerra? - perguntou rindo - Pois recorda que eu suportei 35 anos: você terá que agüentar muito menos. Anda, seja valente, Neffe Arturo! Ou terei que perguntar-lhe, como Belicena Villca, se é capaz de ser um Kshatriya? Mas sei que

compreende porque o faço: ***é parte da estratégia do Führer. A caça que agora inicio rapidamente será imitada por milhões de Homens-Lobo-de–Pedra. Terei a Honra de determinar o fim da Era do Javali e da Abelha, assim como a Espiga da Virgem destruirá a Era da Pomba***. Você é como Eu e Eu sou como Você. E se Eu Sou, Você É: ***essa era a grande Estratégia da Estirpe Von Subermann***, que não podíamos conhecer até agora, ***o segredo dos Tulkus***. Hoje o Signo da Origem está em você, ***no lóbulo das suas orelhas, e aquele que tem o Sangue Puro o verá***. Por isso o ***lapis philosophorum*** adotaram a forma das ***flores de Pedra***: porque ***tais lótus são os adornos dos brincos de Avalokiteshvara, os pingentes que a Misericordiosa coloca nas orelhas dos assinalados com o Signo de Origem para tapar o Signo de Origem***. Você os obteve na ***matrix*** das projeções porque seu próprio Signo de Origem ***ficou descoberto. Suas vendas caíram. E essa é a Grande Obra! Você é agora o Signo de Origem, e é na Origem do Espírito Eterno e Não Criado, igual a mim***. Eu nuca pude ver o Signo de Origem, lembra? Mas ***ambos o vimos hoje: você em mim e eu em você, na projeção sobre a Pedra Quente. Separados jamais o haveríamos visto. Por isso foi bom estar contigo, Neffe, porque juntos cumpriremos a missão de nossa Estirpe: o faremos por Honra, posto que vimos a Origem e temos a Origem, e podemos regressar quando quisermos à Origem***. Você já não precisa de mim. Não precisa de nada nem de ninguém. Adeus, Neffe! Voltaremos a nos ver durante a Batalha Final! Heil Hitler!

- Heil Hitler! - respondi mecanicamente, enquanto o rugido de uma fera indescritível ganhava o espaço e uma rajada de vento sobrenatural, gelado, golpeava-me como uma chicotada, agitava as árvores e levantava nuvens de poeira.

Dirigi a vista até a direção que havia ouvido os Javalis, isto é, até o sul, e juro que observei pela última vez tio Kurt. Ou pelo menos recebi esta impressão. Porque vi, ou acreditei ver, contrastada pelo firmamento estrelado, uma Fera que corria atrás de dois astros brilhantes que fugiam com pavor: ora parecia Urso, ora parecia Lobo. E seus rugidos e latidos foram se fazendo menos fortes até que se apagaram por completo. ***Senti-me são: era A Peste que se escondia***.

Pensativo, olhando ainda o Cruzeiro do Sul, recordei a Carta de Belicena Villca, a parte onde o Rabino Benjamin referia à Bera a parte da debilidade do Povo Eleito: "Advertiu Jehová ao Povo de Israel sobre as quatro classes de mal, frente aos quais seriam ***débeis***: cuidado com a Espada, porque Ela os pode matar; cuidado com os Cães, porque Eles os podem despedaçar; cuidado com as Aves do Céu, porque Elas os podem devorar; cuidado com as Feras da Terra, porque Elas os aniquilarão ***(Jer 15)***". Ali no solo da chácara, jaziam os corpos sem vida de Bera e Birsa: haviam sido ***débeis***, estrategicamente ***débeis***. E neste caso, os símbolos advertidos por Jehová haviam intervindo os quatro, um por vez:

Espada: a Espada Sábia da Casa de Tharsis.

Cães: os cães daivas.

Aves: a Virgem de Agartha e toda a Dama Kâlibur, cuja Negrura Infinita ***devore*** a luz das Almas.

Feras: os Berserkr ou os Ulfhednar, por dizer, os Homens-Urso e os Homens-Lobo de Pedra Fria.

E de nada lhes valeram nesta ocasião os "remédios" propostos por Bera: a Paz do Ouro; a Ilusão da Raiva; a Ilusão da Terra; e a Ilusão do Céu.

Havíamos ganhado a partida contra os Demônios, mas nunca, jamais, até hoje, voltei a ver tio Kurt.

[2] A Obra está realizada
[3] A Obra mais natural e perfeita consiste em criar algo igual a Si Mesmo.

Capítulo XVI

Na continuação ocorreu um fenômeno que decidi expor separado, devido a que, todavia, não encontrei explicação convincente para o mesmo. Como disse, me encontrava ainda mirando o Céu, ao Cruzeiro do Sul, e pensando nas coisas que mencionei, tratando de dominar a saudade pela partida de tio Kurt, tentando superar a depressão nervosa.

O golpe foi violento, contundente, no centro do crânio, uns centímetros mais acima do lugar onde tio Kurt me aplicou sua certeira coronhada. Caí fulminado no chão, vendo estrelas que não eram precisamente produtos de um processo alquímico, ***mas consciente que algo havia caído do céu sobre minha cabeça, algo de pequeno tamanho e considerável peso***. Incorporei-me, todavia aturdido, e comecei a procurar ao redor com ajuda da caneta-lanterna. Não demorei em achar o projétil, causador do impacto cujos efeitos dolorosos duraram vários dias e cuja cicatriz ainda conservo: como é fácil imaginar, se tratava de uma Pedra.

Mas aquela era uma Pedra artisticamente talhada e era evidente que pertencia a um conjunto maior, do qual fora tirada. ***Era a mão de um Menino de Pedra, mutilada na altura do pulso, que expressava a Bala [4] Mudra [5], a saudação interna da Casa de Tharsis; os dedos indicador e polegar estavam estirados formando um ângulo reto; e os dedos médio, anular e mínimo achavam-se flexionados sobre a palma da mão***.

Ao encontrar a mão de Pedra recordei instantaneamente o dia trigésimo terceiro da Carta de Belicena Villca e logo o comprovei relendo aquele parágrafo uma e outra vez: nesse dia Belicena narrava o extermínio de sua Estirpe realizado por Bera e Birsa, ao transformar os membros não Iniciados da Casa de Tharsis, como os da minha família, em ***betume da Judéia***. Foi então quando o Noyo, Noyo de Tharsis, chegou até a Igreja da Virgem da Gruta, em Turdes, para resgatar a Imagem do saque generalizado de Lugo de Braga. E foi ao cumprir este ato que comprovou que o Menino de Pedra tinha tido amputada a mão que expressava a Vruna Bala. ***Mas tal fato aconteceu no Século XIII, setecentos anos atrás: quando menos parecia aventurado, por não dizer absurdo, relacionar este feito com aquele***. E sem embargo, contra todos os argumentos lógicos, o acidente me parecia sugestivo. E não mudei de idéia: fiz dela um pingente numa corrente de prata, agreguei-lhe fecho, e o coloquei no pescoço. Como caiu sobre minha cabeça, e de onde? Não o sei; se é a mesma mão do Século XIII, também não o sei; e o que significa ter caído sobre minha cabeça nesse momento, é algo que pertence aos mais obscuros enigmas.

Mas a peça me agrada e a levarei comigo até o final.

[4] Força
[5] Expressão

Capítulo XVII

É muito pouco o que me resta para agregar a este Epílogo ou Prólogo.

Passado o choque que indubitavelmente me produziu a partida de tio Kurt, evidenciado a anormal serenidade com a qual me coloquei a refletir sobre os Símbolos da Espada, Cães, Aves e Feras, e superado o efeito doloroso do golpe na cabeça, comecei a tomar consciência da realidade e meu sistema nervoso entrou em crise. Por dentro sentia que desmoronava, e tratei de manter-me armado por fora, gritando mil insultos e juramentos contra todos os nossos inimigos, e de que no final não ficaram excluídos nossos Camaradas e aliados: Belicena Villca, seu filho Noyo, o Capitão Kiev, os Siddhas Leais, o Führer e até o Incognoscível, resultaram alvos de minhas irreproduzíveis blasfêmias. Não me justificarei, pois os sucessos conhecidos explicam esta reação irracional. Como não ia se quebrar minha vontade, se no prazo de quatro dias minha família foi atrozmente assassinada, toda a minha família, os parentes próximos e distantes, e o único sobrevivente além de mim, o tio Kurt, acabara de marchar para não regressar jamais?

Fiquei como um louco. Proferia insultos e agredia com impotência os cadáveres dos assassinos orientais. Com irracional agressividade, estava a ponto de esvaziar nestes cadáveres diabólicos as cargas da inútil pistola automática, quando uns gemidos procedentes do interior me trouxeram providencialmente à realidade. Não estava só. Recordei de imediato que durante o ataque havíamos escutado uns gritos de dor. Com o rosto ainda decomposto em fúria, algum brilho demente nos olhos e pistola em mãos, entrei decididamente na casa, causando o conseqüente alarme da pessoa que se encontrava de mãos atadas sobre a mesa da cozinha. Era Segundo, o índio descendente do Povo da Lua, que Belicena Villca mencionara em sua Carta, e a quem vira um par de vezes como visitante no Hospital Neuropsiquiátrico de Salta. Estava horrível, porque Bera e Birsa haviam arrancado as unhas de suas mãos e pés; porém, devia estar agradecido aos Deuses, e à Operação Bumerangue, porque os Demônios precisaram de tempo para cortar-lhe a língua e as orelhas, esvaziar-lhe os olhos, e finalmente esfolá-lo ou degolá-lo. Quando o soltei e perguntei se havia uma caixa de primeiros-socorros, o índio recuperou a fala.

- E os dois homens? - perguntou com cautela.

- Não eram homens - respondi de péssima maneira - e sim os Demônios Bera e Birsa. Ambos estão mortos, ali fora. Nós os matamos com os tiros que você escutou. E agora meu tio os está perseguindo até o Fundo do Abismo Central do Universo, até um lugar infernal do qual talvez não regresse jamais.

Agora compreendo que tal resposta era imprópria e absurda de ser oferecida a um índio desconhecido que possivelmente não tinha a menor idéia do que estava falando. Mas eu padecia dos efeitos do choque e da crise, e não me detinha a pensar no que dizia. Antes bem me maldizia permanentemente por todos os meus erros: pois se a causa que os Demônios descobriram o Mundo e o domicílio onde vivia minha família; porque no plano de ataque esqueci de considerar a ação compassiva de Avalokiteshvara; e por fazer pouco caso do mau pressentimento que me produziu a despedida de tio Kurt em Cerrillos, antes de levitar-se com os cães daivas: ***tio Kurt sabia o que ia acontecer, que íamos ser provados pela Paixão Maternal de Avalokiteshvara, quem defenderia***

piedosamente aos Imortais, e que com toda probabilidade deveria partir em perseguição aos Demônios para manter desperto seu medo; e por isso quis se despedir antes de começarmos a Operação! E eu fui o imbecil quem seguiu até o final com o plano sem reparar em nada, subestimando a capacidade de tio Kurt. Agora me encontrava só, mais só do que esteve tio Kurt em seu exílio, ainda que ele afirmasse o contrário para consolar-me e dar-me coragem!

Tais eram os pensamentos que ocupavam minha mente quando respondi ao índio da forma referida.

Afortunadamente não estava de todo só: o índio repetiu, com cautela ainda maior:

- Beraj e Birchaj?

É possível que neste momento me dei conta de que o índio era real.

- Beraj...? – repeti tratando de recordar onde havia escutado antes essa pronuncia. Então recordei da Carta de Belicena Villca e da história do Povo da Lua - Certo que você também os conhece! Esses Filhos da Puta exterminaram a sua família, igual que a Casa de Tharsis e a minha Estirpe! - exclamei com exagerada euforia.

- E você, como o sabe? - interrogou o índio com assombro - Não é do Exército?

- Hahaha! - ri com gana, ao descobrir a impressão que causava o uniforme de comando - Não homem, não. Não pertenço às Forças Armadas. Membro do Exército era Noyo Villca, como você bem sabe. Não se lembra de mim? Eu sou Arturo Siegnagel, o médico psiquiatra que atendia Belicena Villca no Hospital Psiquiátrico em Salta. Ela me contou tudo em uma extensa carta: por exemplo, sei que você descende do Povo da Lua que habitava a Ilha Koaty no Lago Titicaca, e que seus remotos antepassados residiam na Escandinávia, no País do Rei Kollman, da linhagem de Skiold.

- Ah, o médico! Sim, recordo. Estava a par que Dona Belicena escrevia uma carta com dados sobre a Casa de Tharsis, mas ignorava quem seria seu destinatário. E disse você - agregou - que esses torturadores são os mesmos Beraj e Birchaj que guiaram há mais de seiscentos anos aos milhões de índios diaguitas-hebreus, ao mando do Cacique Cari, na invasão da Ilha do Sol?

- Eram - corrigi - Em efeito eram os mesmos, ainda que talvez usassem outros corpos; isso não sei com exatidão. Mas o que é certo é que há três meses assassinaram Belicena Villca no Hospital, e a só quatro dias terminaram com toda a minha família; por estes malditos Demônios, só sobramos três sobreviventes de três Estirpes espirituais: Noyo Villca da Casa de Tharsis; Segundo, da Casa de Skiold; Arturo Siegnagel, da Casa Von Subermann. Belicena Villca me solicita em sua Carta que busque a Noyo Villca em Córdoba, e me assegura que você me ajudará. Além do mais, me recomenda ter muito cuidado com Bera e Birsa, que eram Demônios poderosos; mas veja: apesar dos golpes que nos deram, e graças a ajuda dos Deuses, pudemos acabar neste momento com Eles. Haverá outros Demônios que sem dúvida nos perseguirão, e mil perigos desconhecidos; mas é pouco provável que Bera e Birsa regressem ao Mundo do Sangue de Tharsis; ***em outros Mundos de Ilusão, entretanto, seguirão existindo; e ai daqueles homens espirituais que não encontrem rápido o Mundo da Casa de Tharsis***. O que te parece, Segundo? Vai me ajudar?

- Claro que sim! Entenda, Doutor. Siegnagel, que Ela era para os de nossa raça uma Rainha: seus desejos são ordens para mim. Ela me pediu que não fosse mais ao Hospital de Salta porque a vigiavam, e suspeitava que a fossem matar; e eu cumpri ao pé da letra suas ordens: não fui mais a Salta nem respondi as correspondências do Hospital,

do Juiz, da Polícia, etc. ***E ninguém veio aqui porque esta casa é muito difícil de encontrar***. Mui grandes devem ser seus poderes para haver chegado assim, de surpresa, e conseguir ***abater*** aos Demônios. Salvou-me a vida, e seguramente evitou um terrível sofrimento prévio! Mas não sei até que ponto agradece-lo, posto que, como compreenderá, já estou farto de viver.

Compreendia-o perfeitamente pois eu também estava farto de viver; e se seguia adiante, com aquele índio germânico, seria exclusivamente por Honra, porque era uma Honra cair cumprindo a missão que me haviam designado os Deuses que dirigiam a Guerra Essencial e porque depois da Batalha Final, uma vez ajustadas as contas com as Potências da Matéria, regressaríamos definitivamente à Origem do Espírito Não Criado. Vi a cara de Segundo mortificado de dor e corri a um galpão adjacente para buscar o estojo de pronto-socorro que estava no porta-luvas de uma caminhonete. Com paciência, desinfetei a todos os vinte dedos e fui vedando um por um. Trazia comigo drágeas anestésicas, e o fiz tomar duas: quatro miligramas que o fariam dormir até o meio-dia. Antes de concluir a cura já caía de sono, então o levei até sua casa, fazendo-o pisar com os calcanhares, e o deixei deitado em sua humilde cama de algarobo.

Passei um café, e o bebi já mais calmo sentado em uma cadeira da cozinha. O encontro com Segundo havia me acalmado bastante e agora meditava sobre os próximos passos a seguir. Sobre a mesa depositei a garrafa de ácido, transformado em um líquido muito negro, porém de pouca densidade. Para recuperar as rosas de Pedra, os brincos de Avalokiteshvara, derramaria aquela substância inútil no tanque e neutralizaria a acidez residual com um poderoso detergente concentrado que achei em um armário. Um minuto depois, os brincos de Esther achavam-se em meu bolso, já vazio de armas. Certamente exageramos na artilharia, e agora descansavam sobre a mesa a Itaka, cinqüenta cartuchos, a pistola automática com seu incômodo coldre auxiliar, seus carregadores, as dez granadas de fragmentação, as bombas de trotil e a faca de caça. Com o corpo mais leve, certifiquei-me com descrição do sono profundo de Segundo, e decidi ocupar-me de eliminar os restos dos assassinos orientais. Provido de uma poderosa lanterna de doze lâmpadas, explorei os arredores da chácara. Comprovei então que, em efeito, a edificação da casa seguia o traçado da antiga púcara de Tharsy, e que a fortaleza perimetral foi reduzida a um tapume baixo, de não mais de um metro, para dissimular sua função de guarnecer uma praça liberada. Em seu interior ainda existia o antiqüíssimo Cromlech, cujas Pedras formavam um círculo enorme, em cuja área cabia de sobra a planta da chácara. Mas me intrigava a sorte do Menir de Tharsy, que os Atlantes Brancos plantaram para estabelecer o Pacto de Sangue com a Estirpe de Tharsis e determinar sua missão familiar. Tomando os diâmetros do Cromlech, busquei sua interseção ao centro e comprovei com intriga que aquele lugar central daria no interior da chácara. Por fim não me cabiam dúvidas que o sítio central se encontrava dentro de um enorme barraco hermeticamente fechado. Cortei as correntes e cadeados com um alicate adequado e abri as portas do barraco: incrivelmente, após séculos e milênios, ainda se encontrava em seu lugar de origem o menir de Tharsy. Ele era de Pedra verde e mostrava em sua base milenar montes de Pedras para invocar a proteção dos Deuses de Vultan: ***purihuaca voltan guanancha unanchan huañuy.*** Sobre este monte esteve durante quatrocentos e quarenta e três anos a espada Sábia da Casa de Tharsis, custodiada como em Huelva por incontáveis Noyos e Vrayas descendentes de Lito de

Tharsis. Frente a essa atitude de respeito e confiança nos Deuses Leais, assumida em milênios de paciente guarda, o que significavam minhas ansiedades atuais, minhas egoístas angústias? O imponente menir, e seu rústico altar de Pedras, tiveram a virtude de me fazer ter vergonha de mim mesmo, de minhas debilidades humanas, e de fortalecer minha vontade de seguir até o Final.

Contando com todos os vãos e cruéis esforços realizados no passado pelos Demônios Bera e Birsa, não é de estranhar o ódio que lhes despertava aquela chácara, na qual viveram fora de seu alcance os membros da Casa de Tharsis conservando fora de seu alcance a Pedra de Vênus da Espada Sábia. Mas eles chegaram tarde, sempre chegaram tarde à América: não conseguiram exterminar a linhagem de Skiold com os diaguitas-hebreus, nem com os espanhóis de Diego de Almagro, de Diego Rojas, e tantos outros; nem o assassinato de Belicena Villca lhes serviu para nada porque ela os despistou sabiamente; nem o extermínio dos Von Subermann lhes permitiu acabar com tio Kurt. A América lhes foi fatal! Não sabiam onde estava Noyo Villca com a Espada Sábia e quiseram tomar vingança contra o índio Segundo, sacrifica-lo por meio de um horrível suplício antes de partir do imprevisível Mundo da Casa de Tharsis. Haviam sido atacados e mortos quando menos esperavam. Como um Bumerangue, seus próprios golpes regressaram contra eles; como um golpe de Jiu-jitsu, seus inimigos aproveitaram os movimentos próprios e voltaram suas forças contra eles.

No galpão que guardava a caminhonete havia toda a classe de ferramentas. Fui até ali, peguei uma pá grande, e comecei a buscar um lugar adequado para cavar as sepulturas. Há cinqüenta metros da cassa crescia um denso canavial que me pareceu ser o lugar ideal: custaria a penetrar a capa de raízes, mas após alguns dias ninguém poderia descobrir o menos rastro de remoção. Regressei duas vezes até a casa e carreguei os malditos cadáveres em um carrinho de mão para facilitar o transporte; na última viagem levei também um facão para abrir a picada. Olhei o relógio da casa e comprovei que marcava três horas do dia 23 de abril. O meu, em troca, exibia 01:30h do dia 26 de abril. Logicamente, sincronizei meu relógio com o quadrante local. Assim, pois, as 06:00h, três horas depois, terminei a macabra tarefa de sepultar os cadáveres destroçados dos assassinos orientais. Já amanhecia e me sentia exausto, psíquica e fisicamente esgotado. E, todavia faltavam várias coisas a fazer, assuntos inadiáveis que não admitiam demora. Um deles era consumar a destruição do carro negro dos assassinos, a fim de evitar o rastreamento policial: mas para isso, necessitava contar com a ajuda de Segundo.

Bebi uma nova xícara de café e logo me dediquei a jogar baldes de água com sabão no pátio, para eliminar as manchas de sangue, precaução que mais que evitar as investigações policias, apontava a frustrar a ação mais terrível das moscas tucumanas. Com a luz do dia, descobri junto a uma árvore a quinze passos de distância da casa o colete e todas as armas de tio Kurt: evidentemente, as havia abandonado antes de partir, quando chamou silenciosamente aos cães daivas. Nesse momento, pensei que minha vontade se quebraria novamente. Mas me superei e uni aqueles objetos com o resto de meu equipamento.

Já não podia continuar vestido de comando, especialmente se precisasse sair fora da chácara, assim me entreguei a realizar uma prolixa inspeção no interior da casa. Descartei a roupa do índio, por seu tamanho apreciavelmente menor que o meu, e confiei que Noyo Villca tivesse mais estatura e conservasse sua roupa. Ao fim cheguei ao

seu quarto, depois de passar pelo da defunta Belicena, e achei, com efeito, um guarda-roupa sortido: encontrei uma calça de vaqueiro, mais ou menos da minha medida, e uma camisa semelhante. Decidi ficar com as botinas de Maidana e fiz dois grandes pacotes com as armas e roupas de combate: só deixei sem envolver as quatro bombas de trotil.

Em uma caixa de sapatos, do mais vil papelão, depositei o nefasto Dordje, o Cetro do Poder que Ridgen Jyepo entregou aos demônios Bera e Birsa, conjuntamente com os padmas de Pedra, os brincos Esther de Avalokiteshvara.

E então, quando concluí esses trabalhos menores, me dirigi até o carro negro para acalmar a compreensível curiosidade que o mesmo me despertou desde o momento que conheci sua existência.

Visto de longe, não havia dúvidas que se tratava de uma clássica limusine norte-americana. Entretanto, ao inspecioná-lo de perto, surgia a confusão por não poder estabelecer nenhuma marca ou modelo como afirmavam os policiais de Salta; porque marca tinha, e bem visível: ***"Aviant"***. Mas quem conhecia essa marca? A que país pertencia? De imediato me saltou a suspeita que o automóvel não era deste Mundo, que provinha de uma Realidade paralela à nossa, onde os "Cavalheiros" como Bera e Birsa se deslocavam em carros ***"Aviant"***. De todo modo, era realmente um automóvel? Sim, era. Um autêntico e excelente carro de luxo, ao que parece recém saído da fábrica. Levantei o capô e observei um poderoso motor de oito cilindros em ***"V"***. As chaves estavam postas. Dei a partida e funcionou sem problemas. E foi inútil revisar o interior porque os Demônios não levavam nada consigo, nem papéis, nem equipamentos: nada de nada, o que indicava que não estava em seus planos a possibilidade de serem detidos ou interrogados no caminho; ***ou que não circulavam de nenhuma maneira pelos caminhos e rotas da civilização humana***.

Às 08:30h me recostei em uma poltrona da copa e dormi sem interrupções até 13:30h. Preparei mais café, tostei pães e despertei a Segundo para o tardio desjejum. Impressionou-se ao saber que trabalhei a noite toda e já não restavam provas da morte dos assassinos. Enquanto tomava café, chequei suas feridas; especialmente me interessavam seus pés: estavam muito inchados.

- Você acha que pode conduzir a caminhonete? - perguntei.

- Farei o que for necessário - disse com valentia - Não importa a dor.

- Será ao anoitecer - expliquei - terá que fazê-lo por uns vinte ou trinta quilômetros para nos desfazermos do carro dos assassinos. Mas antes te trarei remédios e calmantes. Só me diga onde fica a farmácia mais próxima.

Ficava em Tafi del Valle, a cinco quilômetros de distância. Às 15:00h, depois de assar um frango e comê-lo entre ambos, fui à farmácia com a caminhonete e comprei seringas, injeção anti-tetânica, anti-inflamatórios e calmantes.

Às 19:00h saímos da chácara. Segundo ia à frente com a caminhonete e eu o seguia no ***Aviant***. Andaríamos por caminhos secundários, normalmente intransitados, pois o êxito de nossa manobra dependia que ninguém visse o automóvel negro, ninguém que pudesse denunciá-lo à polícia; e menos ainda a polícia que já tinha sua descrição.

Mas tudo saiu bem. Segundo, com os dedos enfaixados e descalço, pois não podia calçar sapatos, levava com destreza a caminhonete em direção à Serra de Aconquija. Cruzamos o Rio Tafi del Valle, ou Rio Branco, e entramos em um caminho quase intransitável que subia até o topo da colina La Ovejeria. Tive que fazer proezas com a

limusine para dobrar as agudas curvas do caminho da encosta. Finalmente, poucos quilômetros antes do topo, achamos o lugar ideal: a borda de um abismo de mil metros ou mais de profundidade. Ali estacionei o carro negro enquanto Segundo voltava com a caminhonete vários metros atrás. O caminho era tão estreito que tivemos que voltar centenas de metros atrás até um lugar que nos permitisse manobrar.

O regresso de Segundo era necessária para prevenir um possível desmoronamento do caminho, que deixasse a caminhonete separada e impossibilitada de cair da colina. Porque eu planejava explodir o ***Aviant*** e era bem provável que isso ocorresse, como realmente ocorreu.

Derramei o conteúdo de um galão de dez litros de gasolina dentro do carro; programei os detonadores eletrônicos com um tempo de cinco minutos; e coloquei uma bomba sobre o motor, outra na cabine, outra no porta-malas e outra sob o chassis. Ato contínuo, fechei as portas, o capô e o porta-malas e corri até a caminhonete, que me esperava cem metros atrás.

A explosão de quatro quilogramas de trotil foi impressionante naquelas montanhas geradoras de ecos prolongados. O automóvel jamais seria encontrado, pois só sobraram dele restos disseminados em centenas de metros de inacessível precipício.

Quando cessou a explosão nos aproximamos um pouco e nos asseguramos que assim se sucederia, pois onde estacionamos o carro havia desaparecido o caminho, uma avalanche de pedras havia arrastado os restos maiores até o fundo da garganta, sepultando-os para sempre.

Permaneci dez dias na chácara de Belicena Villca, nos quais conversei muito com Segundo e nos pusemos de acordo sobre os passos futuros. Falei sobre as últimas partes da Carta de Belicena Villca e lhe expliquei que tinha indícios certos sobre a possível localização de Noyo Villca: tudo consistia em encontrar a misteriosa Ordem dos Cavaleiros Tirodal e seu Pontífice, Nimrod do Rosário. Posto que um capítulo houvesse se encerrado em minha vida e não havia volta atrás, só me restava prosseguir na aventura e iniciar a busca da Ordem na Província de Córdoba. Segundo se manifestou decidido a acompanhar-me nessa missão. Além de ser também um Iniciado Hiperbóreo, discípulo de Belicena Villca, e possuir um lógico interesse espiritual no assunto, o índio, que contava com cinqüenta anos de idade, conhecia a Noyo Villca desde menino e faria o possível para voltar a vê-lo ou prestar-lhe sua ajuda.

Desenhamos, assim, um simples plano destinado a solucionar os últimos problemas que restavam para viajarmos finalmente a Córdoba. Na chácara havia uma fortuna em ouro inca, a que mencionara Belicena Villca em sua Carta. Segundo me ensinou o esconderijo secreto, perto do Menir, onde subsistiam 250kg de ouro em lingotes: originalmente, me explicou o índio, o ouro constituía o dote da Princesa Quilla, pois os incas não atribuíam valor monetário ao dito metal; já em Tucuman, e para evitar problemas surpresas, os descendentes de Lito de Tharsis fundiram todos os utensílios no Século XVII e ocultaram os lingotes onde agora se encontravam. Nunca a família teve necessidades dessa reserva, mas nós podíamos tomar o que quiséssemos, pois tal era a vontade de Belicena Villca.

Mas, aquela riqueza, a meu ver, pertencia a Noyo de Tharsis, e não convinha tocá-la naquele momento. Com tudo o que me deixara tio Kurt, tínhamos mais que o suficiente para começar. Resultava primordial, pois, assegurar o cuidado da chácara, ainda que nós nos ausentássemos por muito tempo. Disso se ocupou Segundo, trazendo

de Tafi del Valle uma nutrida parentela que em outras ocasiões já haviam co-habitado o lugar: viveriam na casa de serviço e vigiariam o lugar.

Feito isso, partimos em 14 de maio até Santa Maria na caminhonete de Segundo. A Salta não pensava regressar jamais. Mas os negócios de tio Kurt, os tinham que cancelar invariavelmente. Além de que no sítio de tio Kurt me sobravam as duas coisas mais queridas que me restasse na vida: os manuscritos de Belicena Villca, reproduzidos neste livro, e os manuscritos de Konrad Tarstein, de seu livro inédito: "A História Secreta da Thulegesellschaft", que espero publicar no futuro.

O Sítio de Santa Maria era impossível de vender, pois tio Kurt não estava morto, senão "desaparecido", e seu testamento a meu favor carecia de valor neste caso. Mas sim podia arrendá-lo e isto foi o que fiz, fazendo um trato com os Tolaba, que por tantos anos acompanharam a meu tio Kurt: eles se encarregariam da pequena fábrica de doces e de guardar os pertences de meu tio. Só pagariam uma moderada renda anual. Claro que no futuro, se precisasse transformar essa propriedade em dinheiro, apelaria ao conhecido expediente de falsificar o atestado de óbito de "Cerino Sanguedulce" e faria valer o testamento. Mas o futuro está ainda nas mãos dos Deuses.

O que podia vender era a fazenda de Cerrillos, a que não desejava conservar por nem um minuto mais. Escrevi, assim, a meus advogados de Salta para que a colocasse de imediato a venda e a liquidasse o quanto antes. Seis meses depois, em Córdoba, firmei os documentos definitivos da transação e recebi uma apreciável quantidade de dinheiro. E no último dia que estive em Santa Maria enviei por encomenda os dois vultos a Maidana comunicando-lhe em uma breve nota que a Operação Comando resultou em êxito e que seria inútil que alguém buscasse os "assassinos orientais"; e que, não refeito pela dor da morte de minha família, empreenderia uma viagem de descanso e que, quando voltasse, me reuniria com ele. Uma mentira piedosa é claro, mas que outra coisa podia dizer a Maidana? Talvez no futuro, talvez se os Deuses o decidam no futuro.

Capítulo XVIII

Córdoba

Buenos Aires

Santa Fé

San Luis

E cá estamos em Córdoba, tratando de achar a bendita Ordem. Hoje é trinta de maio de 1981. Faz, pois, mais de um ano que comprei o apartamento no centro, onde convivo com Segundo. Acabo de terminar este livro, no capítulo XVII do Epílogo, ou Prólogo, e muitos se perguntam como e porque o escrevi. A resposta é simples: este livro é produto de uma reflexão, de uma recapitulação, escrita sobre minha extraordinária experiência com a Sabedoria Hiperbórea. E devido ao fracasso de todos os intentos de encontrar a Ordem dos Cavaleiros Tirodal. Meses atrás, antes dos resultados inúteis da busca, perguntei a Mim Mesmo se não seria eu o causador da não coincidência com a Ordem, se não me faltaria chegar a uma conclusão ***prévia***. E decidi por as coisas em claro para Mim Mesmo. E me disse: "O que melhor que pô-las por escrito?". Assim, pois, comecei a relatar minhas recordações a partir do assassinato de Belicena Villca, que foi quando tudo começou.

E agora, ao terminar, compreendo que a intuição era certeira, ***que me faltara assumir grande parte de tudo o que assimilara em tão breve tempo, e que mantinha meu espírito, todavia, comovido***: não seria possível que com tal estado mental achasse a Ordem. Mas escrever este livro me ajudou, e por isso o decidi dar-lo a conhecer... ***para que outros, como Eu agora, encontrem o Mundo do Sangue de Tharsis***.

◊

HIPEREPILOGO

Córdoba, 7 de junho de 1981

Ao leitor deste livro:

Verdadeiramente, era minha intenção dar por concluído "O Mistério da Sabedoria Hiperbórea" na página anterior. Nesse momento não tinha mais o que dizer. Mas agora, uma semana depois, sucedeu algo que pôs nova luz sobre o problema que me ocupava, isto é, a localização da Ordem dos Cavaleiros Tirodal: ***creio haver obtido, ao fim, uma pista segura***. E creio que é meu dever de Honra compartilhá-la com o leitor, brindar-lhe a mesma oportunidade que disponho agora.

Mas antes de oferecer tal informação, exporei de maneira sucinta o que me ocorreu no dia de ontem.

Buscava uma iluminação interior, já que a busca exterior não me levava a nenhuma parte. Por isso escrevi o presente livro. E foi ao terminá-lo que, já muito mais sereno, decidi provar por uma via que ainda não havia tentado. Ontem a tarde, sem dar aviso algum, dirigi-me a casa de Oskar Feil, o defunto amigo de tio Kurt, e quem havia encontrado primeiro a Ordem dos Cavaleiros Tirodal. Como supus, sua esposa, uma amável e simpática mulher de nacionalidade italiana, ignorava tudo o relacionado ao encontro da Ordem Tirodal. Assegurou-me que Oskar morrera de morte natural, mas muito feliz pelas satisfações espirituais que recebeu nos últimos anos. Sabia sobre a existência da Ordem, e bastante sobre a história de tio Kurt, e se estranhou de que ele não a houvesse mencionado. Expliquei-lhe que não tivemos tempo suficiente para conversar, e que ele havia deixado pendentes muitos temas aos que jamais me daria resposta:

- Mas, o que aconteceu com Kurt? - perguntou ela - Morreu? Se for assim te direi tudo o que sei, que não é bastante, e muito menos do que busca. Olha, eu sei de você: sei que é um Neffe de Salta, filho de sua irmã e de um alemão argentino. E sabe como o sei? Não por Kurt, que jamais me diria nada, e sim pelo bom Oskar, que o amava como a um irmão e compartilhou comigo toda a sua história. Por isso te direi o que ele não te disse: eu sou italiana, isso é óbvio; o que não é tão óbvio é que eu sou uma noviça do Monastério onde Von Grossen e Oskar Feil refugiaram-se durante dois anos após 1945, com a companhia posterior de seu tio Kurt. Bem, Oskar e eu nos enamoramos, e quando veio à Argentina não tardei em segui-lo e casar-me com ele neste país, onde fomos muito felizes: tivemos um casal de filhos que já vão à Universidade. Por isso me estranha que não me mencionara, pois seu tio me conhecia quase tanto quanto Oskar. E o que ocorreu a ele? Conte-me com confiança. Teve que fugir destes terríveis inimigos que segundo Oscar não cessaria de buscá-lo até a morte?

- Não senhora - esclareci - Afortunadamente tio Kurt não morreu, não obstante ser certo o que você supõe: aqueles "terríveis inimigos" ao fim o encontraram, e exterminaram toda a sua família, que também era a minha. Por dizer toda a minha família, meus pais, minha irmã, meus sobrinhos e parentes distantes, foram assassinados faz um ano; mas os assassinos não conseguiram acabar conosco. E por esse motivo tio Kurt partiu a mais de um ano, assegurando que jamais regressaria. Só eu sobrei, com a missão de encontrar os Cavaleiros Tirodal.

- Lamento muito o sucedido, pois sabia o quanto ele gostava de sua irmã Beatriz. Justamente evitava encontrar-se com ela por temor de comprometê-la e causar-lhe danos involuntariamente.

Mordi os lábios ao ouvir essa verdade: tio Kurt a protegeu durante 35 anos e eu a entreguei em um instante nas mãos de seus carrascos. As notícias da senhora Feil não eram, por outra parte, muito alentadoras com relação à Ordem:

- Temo que nada possa fazer por você, pois foi muito pouco o que me revelou Oskar sobre a Ordem dos Cavaleiros Tirodal. Desde logo, não me deu nenhum dado sobre seus membros ou lugares de reunião.

Mirei-a sem poder dissimular a decepção. Minha expressão lhe resultou cômica, porque sorriu e me alentou a ter esperanças: existia uma possibilidade.

- Algo faremos, Doutor. Siegnagel; é o único que está em minhas mãos; e rogue a seus Deuses para que dê resultado. Oskar tinha um cofre em seu escritório onde guardava as coisas da Ordem. Várias vezes ele recomendou que se algo lhe acontecesse, e se alguém da Ordem se apresentasse a reclamar seus pertences, devia devolver-lhes sem discussão o conteúdo deste cofre. Mas até o presente ninguém, salvo você, solicitou-me informes sobre a Ordem, pelo que eu jamais abri seu cofre. O que faremos, então, será examinar o conteúdo da caixa e tratar de encontrar alguma pista.

Fomos em seguida ao escritório do finado Oskar e, com ansiedade crescente, aguardei que a senhora Feil digitasse a combinação da fechadura. Ao fim se abriu e caíram à vista os objetos reservados. A magra herança esotérica de Oskar Feil consistia em dois objetos: um livro e uma revista vulgar.

Será difícil que alguém consiga representar minha perplexidade neste momento. O livro era um exemplar de "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea", por Nimrod de Rosário, exatamente igual ao que tio Kurt me dera para ler em Santa Maria, e que agora tinha em meu poder. E a revista se tratava de um número de ***Spot's***, com três anos de idade.

A senhora Feil terminou compartilhando de minha preocupação e, não sabendo de algum modo de conformar-me, ou desejando que a entrevista se concluísse o quanto antes, entregou-me as duas publicações. Estava convencida, disse, que Oskar Feil aprovaria seu proceder, pois eu era sobrinho de seu mais estimado Camarada, a quem nada podia negar.

Desnecessário é esclarecer que revisei o livro folha por folha, linha por linha, buscando algum indício secreto, alguma mensagem criptográfica, alguma indicação oculta, alguma chave só destinada a ser interpretada pelos Iniciados Hiperbóreos. Mui pronto tive que descartar que o livro oferecesse tal possibilidade.

E inútil é explicar que li e reli todos os artigos da revista, buscando ali uma pista sobre a Ordem dos Cavaleiros Tirodal. Logo cheguei aos mesmos resultados que com o

livro: nada, nem um indício. Tarefa desagradável esta última, pois ***Spot's*** era uma revista do mais baixo nível intelectual ou moral.

Cruamente tendenciosa em sua linha política geral, carece de critério editorial definido, pois seus artigos se redigem com o evidente propósito de causar o golpe baixo ou o escândalo, efeitos que, naturalmente, agradam a seus 2.000.000 de leitores. Os limites éticos do desenrolar dos temas, como era de supor, estão determinados unicamente pela proteção jurídica com que suas vítimas tentam defender-se se são atacadas pela soma das propinas pagas pelos "amigos" da publicidade barata.

Logicamente uma revista assim não pode pertencer a qualquer um: seu editor-proprietário é um celebérrimo jornalista amarelo, não por oriental precisamente, Samuel Isaacson, expoente da mais rançosa linhagem hebréia, e sionista declarado. Pelo exemplar que chegou a minhas mãos, interei-me dos pormenores de oito separações de não muito unidos casais de atores e atrizes; conheci os reclamos do Movimento de Liberação dos Homossexuais; li dois artigos distintos sobre OVNIS, nos que, sendo professores em Parapsicologia, asseguravam que seus tripulantes vão salvar a humanidade; interiorizei-me dos detalhes de cinco assassinatos, três violações e um estupro; acedi aos crimes do Nazismo, graças a uma biografia de Anne Frank, e um relato abreviado de seu "diário" apócrifo; vi cinco notas críticas que na verdade continham publicidade solapada sobre filmes com temática esquerdista, e outras cinco notas sobre ecologia e pacifismo; etc; etc. Na verdade não existia matéria na qual a revista não incursionava com sua habitual e repugnante vulgaridade.

Mein Gott! Que esgoto era aquela publicação! Por que Demônios havia conservado Oskar Feil esse exemplar? Alguma razão devia existir. E essa possibilidade era minha única esperança.

Mas qual razão? Eu já havia lido várias vezes: setenta ou mais artigos e notas com o tom sinárquico assinalado. E isso que não mencionei a incrível e variada série de artigos publicitários sobre objetos de pornô-shops e feitiçaria afro-brasileira; e a lista interminável de pais, mestres, gurus, magos, quiromantes, tarólogos, etc, que ofereciam toda a classe de "ajuda espiritual", desde "solução de problemas de casais" ou "impotência" até "desbloqueios" psicológicos completos. Claro que a estes avisos não prestei a mesma atenção que aos artigos jornalísticos: havia tantos, centenas deles!

E ali estava a solução do enigma! Tão a vista que parecia uma brincadeira de mau gosto: uma brincadeira de mau gosto pesada de Nimrod de Rosário!

De improviso, onde menos esperava, em uma folha cheia de cartazes ofertando os "serviços" de diversas escolas esotéricas e mestres, em uma folha sobre a qual havia passado muitas vezes a vista sem ver nada, se realçou a frase "Sabedoria Hiperbórea". Quando inspecionei devidamente o aviso, li com surpresa o seguinte:

NÃO DESTRUA UMA PARTE SE PODE DESTRUIR O TODO!!

Em efeito:

Se seu ódio pelo Mundo é tão intenso que você tem pensado seriamente em suicidar-se ou converter-se num assassino em série; ou se planeja destruir bens culturais ou naturais, ou somar-se a grupos niilistas que praticam o terrorismo de qualquer espécie...

NÃO O FAÇA!!

... pois desperdiçaria seu esforço, gastando pólvora em chimangos !

É muito possível que você esteja preparado espiritualmente para conhecer a Sabedoria Hiperbórea. Esta Ciência milenar lhe revelará quem é seu verdadeiro Inimigo e lhe demonstrará o modo de trabalhar positivamente para conseguir a destruição TOTAL do Universo criado. A realização de tão magnífico objetivo significará a libertação absoluta e definitiva de seu Espírito de todo laço material, a Eternidade do Espírito fora do maligno Universo material que você odeia. Reflita e venha a nós! Inclusive se tem sofrido algum tipo de lavagem cerebral que tenha debilitado momentaneamente sua agressividade: o ajudaremos a recuperar seu ódio!

Tenha presente que não resta muito tempo, que o dia da Batalha Final está próximo: então será destruido o todo e não meras partes. E nesse momento, esperamos ter Você destruindo junto a nós e dançando como Shiva sobre as Ruinas do Cosmo reduzido ao Caos.

❖ **Detenha o dedo no gatilho!** ❖

❖ **Guarde o punhal!** ❖

❖ **Não beba a estricnina nem a dê a seus parentes e amigos!** ❖

❖ **Não jogue o fósforo na gasolina!** ❖

❖ **Não lance seu coquetel molotov!** ❖

❖ **Pare o timer da sua excelente bomba caseira tipo "cano"!** ❖

Somente dirija-se à Agência de Correios... Se sua espiritualide for verdadeira, e sua repulsa pela Cultura atual, pelo Mundo atual, ou pelo Universo atual for autêntica, Você terá a oportunidade de ingressar a uma Ordem de Guerreiros Sábios, e ser Você também um Guerreiro Sábio, e participar do mais grandioso esforço protagonizado pelo homem de todas as épocas, para destruir totalmente a Obra do Deus Criador do Universo Material.

C.C.C.

Você não está só! Outros compartilham sua mesma aspiração e sabem como faze-lo!

Parecia ou não uma brincadeira de mau gosto? A resposta só pode ser afirmativa, e mais se se toma em conta a classe de pasquim na que estava publicado. Porém, nada do que afirmava ou propunha o anúncio era estranho à Sabedoria Hiperbórea. Quem quer que tenha lido este livro estará de acordo comigo. O que tornava absurdo e incrível aquele texto era sua leitura fora da Sabedoria Hiperbórea. Ou no contexto do jornalismo sinárquico das características de ***Spot´s*** e outros pasquins semelhantes. Mas não se me escapava que tal efeito seria buscado deliberadamente pelos Cavaleiros Tirodal. Com que fim? Ignorava-o, e não me aventurava a imaginá-lo: talvez o aviso fosse uma contra-senha; talvez, efetivamente, estivesse destinado a pessoas espirituais dotadas de intuição de alto grau.

Seja a verdade qual for, o caso era que eu não tinha mais remédio a não ser escrever à misteriosa caixa de correio. Já o fiz, antes de redigir este Hiper-epílogo. E agora esperarei a resposta, que sem dúvida esclarecerá todas as coisas. Mas, como disse no começo, não quero dar por encerrado este livro sem brindar ao leitor com a mesma possibilidade que eu possuo. É uma forma também de compensá-los pela fatigosa tarefa de assimilar os elementos da Sabedoria Hiperbórea aqui exposta; para que, quem queira e se atreva, possa prolongar estes conhecimentos na Realidade, que não obstante é tão ilusória quanto a ficção deste livro.

Resumindo, a mim a intuição diz que a caixa pertence aos Cavaleiros Tirodal ou comunica-se com Eles. Cada qual poderá comprová-lo por si mesmo, de modo igual ao que Eu farei. E com esta descoberta, que constitui a única e última pista que descobri sobre a "Ordem dos Cavaleiros Tirodal", dou por encerrado "O Mistério de Belicena Villca" e me despeço de todos os leitores com o desejo que tenham a ***coragem*** de escrever e a ***espiritualidade*** necessária para merecer a resposta da Ordem.

Doutor. Arturo Siegnagel
Post Scriptum

Córdoba, 4 de setembro de 1987.